Ao erudito scientista Dr J. C. Branner.
tem a honra de offerecer como homenagem e tributo de admiração

Rio 7 de Julho de 1911

O autor

DICCIONARIO

CHOROGRAPHICO, HISTORICO E ESTATISTICO

DE

PERNAMBUCO

Ao erudito scientista Dr. J. C. Branner
tem a honra de offerecer como home-
nagem o tributo de admiração

Rio 7 de
Junho de 1911

O autor

DICCIONARIO

CHOROGRAPHICO, HISTORICO E ESTATISTICO

DE

PERNAMBUCO

Sebastião de Vasconcellos Galvão

DICCIONARIO

CHOROGRAPHICO, HISTORICO E ESTATISTICO

DE

PERNAMBUCO

CONTENDO DO ESTADO

A historia e fundação de cada logar; donde lhe vem a denominação; noticia de sua vida evolutiva; filhos illustres, e o papel que representa na historia patria. Significação dos termos indigenas. Posição astronomica das cidades, villas e povoações, e das mesmas a altura sobre o nivel do mar. Dimensões do territorio do municipio e da freguezia. Clima e salubridade. Limites—com determinação da linha divisoria das diversas circumscripções do Estado. Divisão administrativa, judicial, eleitoral e ecclesiastica. População — total do municipio e parcial das outras subdivisões do territorio. Aspecto e natureza do sólo. Topographia de cada localidade. Orographia. Hydrographia. Producções. Curiosidades naturaes. Reinos da natureza. Industria, commercio e agricultura. Vias de communicação com a Capital e com outros pontos. Instrucção e adiantamento moral. E a historia especial da administração dos donatarios, dos capitães generaes governadores, dos presidentes da provincia no Imperio, governadores do Estado na Republica, e a historia da Diocese Olindense pela biographia de seus prelados e respectivas administrações. E' tambem illustrada com muitos retratos e vistas diversas

POR

Sebastião de Vasconcellos Galvão

Natural da cidade de Limoeiro em Pernambuco, formado em direito na Faculdade do Recife,
socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, effectivo do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, dos Institutos Historico e Geographico da Bahia, do Rio Grande do Norte e de outros congeneres; membro fundador da Academia Pernambucana de Lettras;
socio honorario do Lycêo de Artes e Officios do Recife, Director Geral de Intrucção Publica (aposentado) em Pernambuco, Agente Auxiliar do Archivo Publico Nacional naquelle Estado, etc.

Nada por mim, por minha patria tudo.

D. J. Gonçalves de Magalhães

A — O

RIO DE JANEIRO

IMPRENSA NACIONAL

1908

5575 — 906

Ao

SEU MUITO VENERANDO AMIGO

O Exm. Sr. D. Luiz Raymundo da Silva Britto

Dignissimo e querido Bispo da Diocese de Olinda, uma das mais fulgentes glorias da Egreja Brasileira

EM SIGNAL DE PARTICULAR ESTIMA E GRATIDÃO

O. D. E C.

O AUTOR

(Vide volume I, pag. 446)

A' MINHA DILECTISSIMA ESPOSA

D. Francisca Villarim de Vasconcellos Galvão

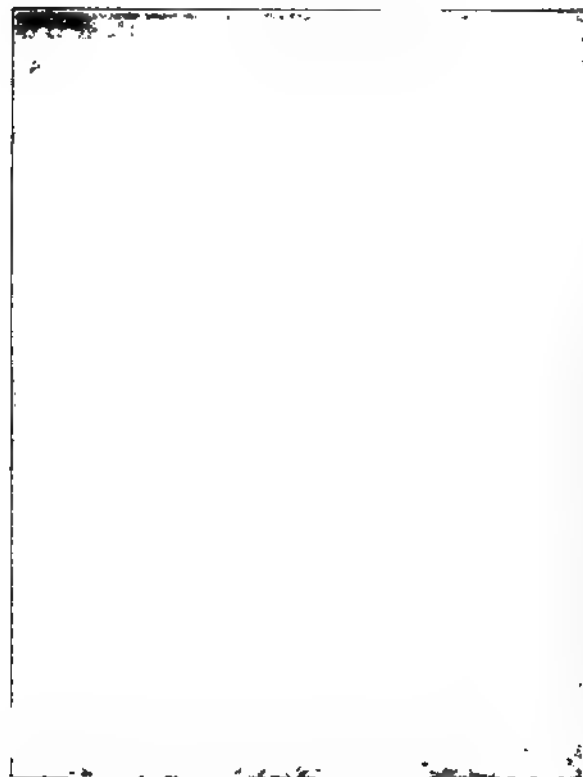
E

AOS MEUS MUITO EXTREMECIDOS FILHOS

MARIO VILLARIM DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascido em 31 de Janeiro de 1889;— SEBASTIÃO DE VASCONCELLOS GALVÃO JUNIOR, nascido em 20 de Fevereiro de 1890;—RODERICK VILLARIM DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascido em 25 de Julho de 1891;— CLARIBALTE VILLARIM DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascido em 20 de Outubro de 1892;— VELLÉDA DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 29 de Janeiro de 1894;— GRAZIELLA DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 9 de Maio de 1896;— PERICLES VILLARIM DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascido em 25 de Agosto de 1899;— CELIA DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 7 de Novembro de 1900;— DIVA DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 11 de Dezembro de 1901;— DULCE DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 27 Maio de 1903;— MILTON VILLARIM DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascido em 19 de Junho de 1904; e MARIA DOLORES DE VASCONCELLOS GALVÃO, nascida em 20 de Novembro de 1905

Como penhor de acrisolado affecto da familia, aqui deixo esta pagina que symbolisa, na trajectoria de minha existencia, uma indelevel e carinhosa lembrança.

S. de V. G.

A' SEU VELHO AMIGO E DISTINCTO COLLEGA

Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira

Presta nesta pagina uma homenagem a seu talento, illustração e nobres estimulos, em testemunho de gratidão e lembrança, pelo muito que fez em favor da publicação deste livro

S. de V. Galvão

CARTA AO AUTOR

RIO, 14 DE FEVEREIRO DE 1899.

Illm. Sr. Dr. Sebastião de Vasconcellos Galvão

Muito amigo de tudo quanto se refere ao estudo de nosso caro Brasil, logo que vi a noticia da publicação de seu *Diccionario Chorographico, Historico e Estatistico de* Pernambuco, tratei de adquiril-o para lel-o.

Com muita attenção, interesse e prazer o li, eu que, como deve saber, tenho razões para bem julgar trabalhos da ordem daquelle, porque *exerci o mesmo officio*, quero dizer, escrevi e publiquei o *Diccionario Historico e Geographico do Maranhão* e o do *Espirito Santo*. Meu juizo, pois, é seguro, assenta no conhecimento experimental do assumpto. Sem mais preambulos, digo-lhe:— E' extraordinariamente curioso e rico de informações minuciosas o livro que escreveu sobre seu glorioso Estado. Dou-lhe, portanto, meus sinceros parabens por ter feito uma bella e utillissima obra, por sua estréa tão auspiciosa, tão meritoria á patria e essencialmente a esse pedaço do torrão brasileiro, onde está comprehendida a maior porção da historia nacional, e sobretudo porque alli houve feitos tão notaveis, e heróes tão grandes que podem se comparar com outros extraordinarios da historia dos tempos heroicos.

Em seu livro ha methodo, ha clareza, ha riqueza de esclarecimentos, ha muita subdivisão dos assumptos os levando á extrema minuciosidade e patente desenvolvimento, além de que elle é uma verdadeira encyclopedia em que distinctamente dá noticia de tudo.

Quem escrever depois do senhor, encontrará um caminho muito aplainado, desbravado, mais facil, porque além daquillo que é propriamente seu, dos outros alli armazenou muito, fez muitas indicações e coordenou bastante de quanto andava esparso, e que em pouco tempo se perderia absolutamente. Tem realmente grande valor e incomparavel merecimento o livro com que se apresenta despretencioso no mundo litterario.

Que cada um dos Estados brasileiros, tenha quem, com bastante coragem, patriotismo e clara intuição, que revelou, escreva em suas minucias a historia e a geographia local, e o monumento da historia nacional será erguido com maior segurança, mais valor, menores difficuldades, mais criterio, mais grandioso, mais interessante e curioso; o mesmo succedendo com a geographia de todo territorio, porque os enganos do estudo fragmentado resaltarão evidentes, a correcção facil se fará, e sómente assim a verdade será encontrada.

Termine, pois, quanto antes, essa obra de civismo e amor patrio, que encetou, na qual os defeitos que tiver serão insignificantes em comparação do immenso serviço que presta á Pernambuco em particular, e ao Brasil em geral.

Sua linguagem alli é muito desegual; acharão os estylistas, mas aquelles que já escreveram ou estudaram similhante assumpto bem sabem o que aquillo é. E' o temor que se tem de tocar no que vem de outrem sem prejudicar a fidelidade da narração. E penso assim, que fez melhor *conservar* em tal hypothese do que *amodernisar*. O essencial é a exactidão da informação, o resto é secundario e faz-se quando é possivel. No genero, ao que me conste, no presente, ninguem em Pernambuco nem mesmo no Brasil foi além.

O que é preciso é terminar logo seu livro, afim de que alguma circumstancia superveniente não o deixe em caminho, como tem acontecido muitas vezes com outros bons trabalhos, como por exemplo, as curiosissimas *Datas Celebres* do Sr. José de Vasconcellos.

Não o conheço pessoalmente ainda, mas brevemente espero fazel-o, porque preparo uma viagem ao Amazonas; e, de passagem pelo Recife, abraçal-o-hei, prevenindo-o para nosso encontro. Esse desejo é o resultado da sympathia que me inspirou seu *Diccionario Chorographico*. Não deve admirar isso, que naturalmente vem da affinidade de predilecções de estudos, que nos ligam.

Em minha volta do norte tenho vontade de iniciar outra edição de meu *Diccionario* do *Maranhão*.

E concluindo, rogo-lhe que me permitta indicar seu nome ao Instituto Historico Brasileiro, entre seus socios. Em tempo não muito distante confio ter a satisfação de communicar sua eleição naquelle illustre gremio.

Com o maior prazer assigno-me.

Attento P. criado e admirador
DR. CESAR AUGUSTO MARQUES.

PREFACIO

Como se fêz este livro e elle o que é.

Em 1889, quando ainda estudante do 5° anno de Direito, lembrei-me de escrever um DICCIONARIO CHOROGRAPHICO, HISTORICO E ESTATISTICO DE PERNAMBUCO.

E, procurando traduzir semelhante idéa em facto, no dia 7 de Junho daquelle anno, comecei a coordenar os elementos do que era o objecto de meus desejos. Além de haver dirigido questionarios especiaes ás pessoas capazes de respondel-os em todo o territorio do Estado, desde logo iniciei tambem visitas a quantos logares me foi possivel ir, passei a ser assiduo em todos os archivos e bibliothecas que me podessem ser uteis, e emfim, não descansei mais, investigando, estudando, comparando e meditando sobre os documentos compulsados, que eram a luz de meu trabalho, e que seriam a orientação de meu espirito, buscando o reconhecimento da verdade em meio das immensas e abundantes contradicções em que me encontrei sempre.

Assim cheguei a 1896, no fim do governo do Exm. Sr. Dr. Alexandre José Barboza Lima, havendo então reunido material já sufficiente para uma obra que deveria dar dous volumes de 230 paginas, mais ou menos, cada um. Dirigi-me áquelle governador que, lastimando tel-o procurado sómente nos ultimos dias de sua administração, comtudo subscreveu para o Estado 100 exemplares, á razão de 20$000 cada um, ou dous contos de réis.

Deixando elle, porém, a administração, seu successor o conselheiro Dr. Joaquim Corrêa de Araujo, entre seus primeiros actos de economias, considerou de nenhum effeito aquella subscripção.

Recorri ao meio de assignaturas, afim de levar a effeito a publicação do livro.

Bem depressa, entretanto, vi a indifferença com que foi recebida essa tentativa.

Pensei na assemblea estadoal para conceder-me um auxilio; mas, depois de dous annos de vilmente enganado por deputados e senadores, outr'ora meus collegas e amigos, que tudo me promettiam, resolvi ligar-lhes a importancia que mereciam, e procurar unicamente o Exm. Sr. Dr. José Marcelino da Rosa e Silva, então presidente da Camara dos Deputados, com quem mantinha felizmente, como ainda hoje, as melhores relações. Elle, sciente do que se passava, fez sem demora ser approvada no Congresso uma lei de auxilio, da importancia de 5:000$000, a qual, sanccionada em 1898 pelo mesmo governador, comtudo elle declarou não poder pagal-a, attentas as más condições financeiras do Estado.

No anno anterior, com esforço e economias proprias eu tinha conseguido publicar o 1° volume do projectado *Diccionario Chorographico e Historico*, das letras A a F, contendo 224 paginas; e devendo seguir-se a esse o 2°, que iria de G a Z. Apezar de tudo, não pude proseguir na publicação.

Ao governo seguinte do Exm. Sr. conselheiro Gonçalves Ferreira nada solicitei, porque era realmente bem difficil a situação que as finanças estadoaes atravessavam.

Não tenho desfallecimentos quando me sinto compenetrado de idéas que se me afiguram o cumprimento de um dever. Um dia tinha eu pensado em contribuir com um modesto quinhão de meus esforços, escrevendo em detalhes e minudencias a parte historica e geographica desse fragmento do immenso territorio brasileiro, chamado Pernambuco, para o fim de, quando mais tarde, o architecto de todo o futuro monumento da historia nacional tivesse de erguel-o, encontrasse menos difficuldades, mais abundancia de material e recursos no quanto se referisse á Pernambuco.

Essa idéa, dentro em mim gerada, alimentada, crescida, revigorada, tomou fórma, e, como uma obcessão continua, não mais deixou meu espirito, tornando-se uma convicção que era meu dever dar alguma cousa á terra de meu berço.

Realmente aquella circumstancia não quedou-me, nem me entibiou o designio. E emquanto, nem eu possuia ainda elementos, nem orientação para proseguir na realização de meus intentos, passei a rever successivamente todos os artigos escriptos de meu livro, já os corrigindo onde julgava necessario, já desdobrando a materia existente, com augmento de assumpto e de novas informações. Assim cheguei ao resultado de que o primitivo trabalho, cuja somma total de paginas attingiria a umas 500, tinha crescido tanto que, cada volume agora, aliás de formato mais augmentado, era por si só maior do que a obra

inteira de outr'ora, sendo que, em vez de dous volumes, accrescia mais um terceiro.

E então lembrei-me que, embora o objecto de meu Diccionario fosse local, e portanto, interessando directamente o governo regional, que preferentemente deveria açolhel-o e auxilial-o, comtudo o trabalho continha em si importante proveito de, sendo particula do Brasil, contribuir immenso para illuminar bastante a obra do grande todo. Era por conseguinte, apezar de tudo, conjunctamente tambem uma obra nacional, e assim muito legitimo e cabivel que eu pedisse ao Congresso Nacional uma subvenção para publical-a.

E ao dirigir-me áquella corporação, nem sei se minha petição foi lida alli, e se teve mesmo qualquer curso, pois no expediente da Camara nunca a vi figurar, tendo aliás escripto á toda deputação pernambucana no sentido de interessar-se em favor da mesma pretenção, que era incontestavelmente patriotica. Sei apenas que o Dr. Celso Florentino Henriques de Souza teve a gentileza de communicar-me em carta que, independentemente de qualquer outra resolução do Congresso Nacional, apresentara uma emenda á identicas resoluções da Camara (já eu pelo telegrapho tinha conhecimento do facto), autorizando a publicação de meu Diccionario Chorographico na Imprensa Nacional.

E, como similhante emenda chegou a ser lei, devo áquelle cavalheiro tamanho obsequio, pelo que com esta publica declaração, elle receba o testemunho de meu agradecimento.

Autorizada como estava a impressão, minha vinda a esta Capital era imprescindivel, afim de acompanhar a revisão; principalmente porque a natureza muito complexa do livro, os manuscriptos bastante emendados e que ainda ao certo se haviam de emendar, não permittiam que outro a fizesse, sem que o mesmo ficasse eivado de graves erros que lhe sacrificariam a utilidade e valor. Apezar disso eu não podia gozar do beneficio da protectora lei, por não me ser possivel vir aqui.

Entretanto, um fervoroso enthusiasta desta publicação, um meu amigo e conterraneo, o litterato pernambucano Gaspar do Nascimento Regueira Costa, digno inspector escolar na capital do Estado, veio um dia procurar-me com a insistencia de que eu devia requerer o pagamento da subvenção, que lei especial autorizava auxiliar-me, ao desembargador Segismundo Gonçalves, cuja administração se iniciava sob as mais promettedoras esperanças.

Cedendo áquella suggestão inspirada por elevados intuitos, dirigi-me ao governador do Estado que, depois de algumas objecções que foram vencidas, despachou minha petição, mandando entregar-me a importancia.

Vim logo após para esta cidade, em Agosto de 1906, e comecei a encontrar no Ministerio do Interior, por onde corria a autorização, as maiores difficuldades. Então um antigo amigo de infancia, collega de escola, dos estudos preparatorios, e de anno a anno na Faculdade de Direito do Recife, o Dr. Esmeraldino Olympio de Torres Bandeira, veio a meu encontro bondosamente, e, offerecendo-me todos os seus serviços, tive nelle os elementos necessarios para resolver os obices successivos que na Secretaria respectiva me creavam.

E desde ahi elle não mais deixou esse zelo, tendo continuado em tudo a ajudar-me com dedicação e empenho.

Por isso para mim é muito grato lembrar seu nome neste historico, como tambem julguei um dever meu dedicar-lhe uma pagina de honra com seu retrato, na frente desta obra, em que collaborou.

Em Outubro, pois, entreguei meu trabalho á Imprensa Nacional, começando a impressão, sómente em Janeiro.

Esta continuou morosa, e, no fim de Maio, tendo sido insufficientes os recursos por mim trazidos, para tão longo serviço, vi-me na contingencia, para não deixar á revelia a revisão de meu livro, de, em carta particular, expondo tudo circumstanciadamente ao desembargador Segismundo Gonçalves, pedir-lhe a continuação do auxilio estadoal, lembrando e justificando mesmo que se tratava alli, mais de um proveito real e de um interesse directo do Estado, do que do autor, pois a estes, apenas cabem, ás vezes, a gloria de haverem realizado um ideial sonhado, ainda que lhes custe doloroso calvario ;—de terem um nome accidentalmente ligado a um objecto, como o do artifice ao artefacto, embora que o tempo, como em regra acontece, confunda depressa com outros nomes, e por fim apague com o esquecimento.

Aquella carta mereceu do governador a indifferença e o abandono que se votam ás cousas inuteis.

Assim com uma tal solução voltei ao Recife.

E quando eu ia julgar que a impressão do *Diccionario* se interromperia, um dedicadissimo amigo meu, o Dr. Galdino Lorêto, um espirito culto que pensa muito em servir á patria e que a idolatra com um coração cheio de nobres desejos por sua prosperidade e renome ; elle, que com a maxima sympathia procurava se inteirar dia a dia e se identificava com a sorte daquella publicação, veio dizer-me que lhe ficaria entregue a revisão, até quando me fosse possivel volver para retomar meu posto.

De facto, desde a lettra G até O, elle tomou a si o penoso encargo, com tanto desvelo como se tratasse de causa propria, não obstante sua muito

precaria saude e deveres de politico, que o reclamavam no Estado do Espirito Santo.

Depois, em principio do corrente anno, indo ao Recife passar uns dias em companhia de sua dignissima familia, alli expontaneamente procurou seus amigos Drs. Estacio Coimbra, deputado federal, que é tambem presidente da Camara dos Deputados estadoal, e Archimedes de Oliveira, actual prefeito da Capital, e falou-lhes de tal modo sobre o proveito deste livro, necessidade e dever do Estado continuar a auxiliar-lhe a impressão, que de ambos conseguiu o compromisso de ser satisfeita sua vontade.

Effectivamente os dous dignos pernambucanos, junto ao Exm. Sr. Dr. Herculano Bandeira de Mello, actual governador, fazendo quanto dependia de seus esforços e valimento, conseguiram uma lei do auxilio de 3:000$, afim de que eu aqui voltasse a levar a termo esta obrigação a que me comprometti um dia, sem medir a grandeza do objecto, nem imaginar que era extraordinariamente acima de minhas forças.

* * *

Ao presente volume seguir-se-ha um segundo, um pouco mais augmentado de paginas, comprehendendo unicamente os nomes da lettra P, — havendo no artigo *Pernambuco* — um desenvolvido esbôço da historia pernambucana ; — noticias biographicas de seus filhos notaveis (unicamente mortos) nas lettras, artes, sciencias e virtudes acompanhando grande numero de retratos ; a historia especial da administração dos donatarios, dos capitães-generaes-governadores, dos presidentes da provincia e dos governadores do Estado ; estudos de geologia e de mineralogia do Estado coordenado e extrahido de fontes valiosas ; o de botanica local (a *phytographia*), em fórma alphabetica, applicada á medicina popular ; estudo de toda a costa de Pernambuco com as minuciosidades necessarias e indicações uteis á navegação, tudo de accôrdo com os trabalhos mais detalhados e competentes ; uma carta chorographica do Estado na escala de 1:500.000, divididos os municipios por côres diversas ; e outros preciosos dados.

Depois, ultima toda a obra um 3° volume, que vae da lettra Q a Z, no qual, além do mais, o artigo RECIFE é objecto de um alentado estudo local, particularisando a sua historia civil, politica, ecclesiastica e litteraria, referindo-se tambem á archeologia, ao jornalismo, ás tradições, aos monumentos, á biographia dos heróes (embora já incidentemente alludidos em outro artigo) acompanhando aquelle estudo ainda —uma planta topographica da cidade do Recife e suburbios,

e terminando o volume com um appendice bibliographico, onde é dada em breve traço a noticia dos diversos pernambucanos que teem produzido trabalhos litterarios.

* * *

Em plena mocidade, no albor primaveril de minha existencia, pensei e tracei o plano desta obra; e sómente dezenove annos depois, quando o sol de minha vida começa a inclinar-se para a tarde, tenho a ventura suprema de chegar ao termo da romagem.

E ainda cheguei, dou graças a Deus. Felizes os que chegam á terra da promissão de seus desejos, embora demorados! Na extensa jornada o caminheiro por vezes quasi é assaltado pelo desalento; venceu-o, entretanto, e chegou alfim.

Está, pois, concluida a empreza que tomei sobre meus hombros.

Bem sei que este trabalho está bem longe de satisfazer a exigencia e amplitude do objecto. Mas os defeitos provêm, certamente, da exiguidade de competencia do autor, a quem ao menos sirva-lhe de attenuante as mil difficuldades que sempre teve diante de si, os embaraços de toda a especie, e sacrificios que não mediu, comtanto que realizasse seu unico proposito — o de testemunhar á sua terra a dedicação e amor que lhe consagra.

O edificio está construido; falta-lhe grandeza e vastas proporções. Outro de coragem e mais valor erga o monumento que comprehenda Pernambuco, sob todos os aspectos.

Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1908.

S. DE V. G.

DICCIONARIO

CHOROGRAPHICO, HISTORICO E ESTATISTICO

DE

PERNAMBUCO

A

Aba da Serra — *Serrola* — Situada no municipio do Bonito, nella se encontra minas de gesso alvissimo e fino, e excellente argilla plastica que póde ser utilisada em varios misteres.

Aboboras — Logar na freguezia de Villa-Bella, que assignala a linha divisoria desta com a de Triumpho, e bem assim os limites de ambos os municipios.

Aboboras — *Riacho* — Nasce na freguezia e municipio de Triumpho, e dahi, correndo na direcção de norte para sudoeste, dirige-se para o de Villa-Bella, onde desagua, no Pajehú, depois de ter recebido o Medéa.

Abreo — Ponta da Ilha Fernando de Noronha.

Abreo — Engenho da freg. de Tracunhãem, tem uma capella dedicada a S. Bernardo.

Abreo de Una — *Povoação* — Situada na costa, junto á barra do rio Una, á 8° 50' de lat. S. e a 8° 1' e 15" de long. Or. do Rio de Janeiro; possue uma capella sob a invocação de S. João Baptista, uma população provavel de 1.200 habitantes, inclusive a da *Varzea do Una*, comprehendida em 400 fogos, occupando-se os habitantes deste logar na vida maritima, na cultura de coqueiros e ainda em tudo aquillo a que se prestam os terrenos da beira do mar. Pertence ao municipio de Barreiros, de cuja séde fica á léste a 8 1/2 kilometros.

Abrigo — *Engenho* — No mun. Nazareth.

Aburá — *Serra* — Fica situada na freg. de S. Vicente, do mun. de Timbaúba, formando um cordão de varias serras, entre as quaes estão as de Paquevira, Pá-Secca e Macapá. *Aburá*, voc. ind., significa — tomar folego, segundo Montoya — composta de *abu*, respiração e *ra* v. tomar, colher.

Abysmo — *Engenho* — No mun. de Agua Preta.

Acahu — *Riacho* — Tem pequeno curso e corre na freg. de Nossa Senhora do O' do mun. de Goyanna. Voc. ind. significa *cabeça negra*, de *aca*, cabeça e *hú*, negra. (Padre Montoya).

Acahu — Engenho do mun. de Goyanna.

Acahu Novo — *Engenho* — No mun. de Goyanna.

Acahy — *Serra* — Situada no mun. de Cimbres, na parte septentrional, districto do Poção, cujo povoado fica na sua

chapada; dista da cidade de Pesqueira uns 40 kilometros, e dos limites deste Estado com o da Parahyba, uns tres kilometros, pelos caminhos mais curtos.

A' ella, formando cordilheira de léste para oeste, seguem-se as serras das *Moças*, *Porteiras* e outras; e de oeste para leste as de *Pendurão*, *Espirito Santo*, *Jacarará*, de *Taquaretinga* e outras menos notaveis. *Acary*, voc. ind., significa *cabeça de rio*, de *aca*, cabeça e *hy*, agua ou rio.

Acauã — *Riacho* — Nasce, corre e desagua na freg. do Salgueiro, sendo affluente do riacho Trahyras. Nome tupy dado a conhecida ave que o gentio tinha por agoureira.

Acerto — *Engenho* — Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth.

Achatada — Fazenda de criar no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Açude— *Riacho* — Nasce na freg. e mun. de Cimbres, tem pequeno curso e lança-se no rio Ipojuca, pela margem esq., pouco abaixo das vertentes desse rio.

Açude Grande — *Logarejo* — Situado no mun. de Itambé.

Açude Grande — *Engenho* — No mun. da Victoria, a 12 kiloms. ao norte da séde.

Açude do Meio — Engenho no de Nazareth.

Açude Novo — *Engenho* — Na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, a tres kiloms. ao norte da séde parochial.

Açudinho — *Serra*—Situada no mun. do Limoeiro.

Açudinho — *Riacho* — Nasce na freg. e mun. de Taquaretinga, ahi corre com pequena extensão, despejando no riacho Topada, affluente da margem esq. do Capiaeribe.

Affirmativo — *Logarejo* — Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth.

Afflictos — Arrabalde da capital, na freg. da Graça, com uma capella de N. S. dos Afflictos, reconstruida ha pouco tempo, e servido pela linha ferrea urbana denominada do Caxangá, a qual expede trens, de hora em hora, havendo ahi uma estação entre as de Espinheiro e Rosarinho. Passa como local muito saudavel, tem excellentes sitios fructiferos e boa edificação que se melhora dia a dia. A estação da via-ferrea está a 3.325 metros da inicial da rua do Sol.

Afogados— *Villa* —Séde do municipio de Ingazeira (Vide INGAZEIRA).

HISTORIA— A actual villa de Afogados de Ingazeira teve origem em uma antiga fazenda de criar, que tinha igual nome, pertencente a Manoel Francisco da Silva, que fez construir uma capella, em 1836, sob a invocação do Senhor Bom Jesus dos Remedios, a qual posteriormente augmentada, é hoje a matriz da localidade. O desenvolvimento desta, data de 1860, época em que tomou incremento a edificação, facto devido á situação nas proximidades de serras uberrimas como a da Colonia, encravada em territorio do mun. de Flores, a pouco mais de duas leguas, e as da Conceição e Carapuça, no mun. e á margem das duas estradas que communicam a capital do Estado com o interior, e com o vizinho Estado da Parahyba do Norte. Esse logar é a parte mais commercial do mun. e, si não fosse o flagello de repetidas seccas, a muito desenvolvimento teria attingido. A primitiva séde do mun. foi a povoação de Ingazeira, donde, pela lei n. 1403, de 12 de maio de 1879, foi transferida para a de Afogados e dahi voltou, pela lei n. 1761, de 5 de julho de 1883, para Ingazeira; revogada aquella lei pela de n. 1827, de 28 de junho de 1884, ficou, finalmente, a séde da freg e do mun. em Afogados. Como origem da denominação *Afogados*, affirmam estar ligada ao facto de, ahi, em tempos idos, um cavalleiro e uma dama, viajantes, tentando atravessar o Pajehú na occasião de uma de suas enchentes, quando o rio descia caudaloso, terem sido arrebatados pela corrente, desapparecendo ambos, sendo sómente encontrados,

dias depois, os dois cadaveres muito abaixo do sitio do accidente. Por algum tempo foi conhecido o local por *Passagem dos Afogados*, e depois, só pelo ultimo dos nomes era designado. Assim, por vaga tradicção, explicam a origem dessa denominação.

LIMITES DA FREGUEZIA— São os mesmos do mun. (Vide INGAZEIRA).

SITUAÇÃO ASTRONOMICA — A villa de Afogados de Ingazeira fica a 7° 46' de lat. austral e a 5° 11' de long. orient. do Rio de Janeiro.

TOPOGRAPHIA — Está situada á margem esq. do rio Pajehú a 557 metros de altitude, e fórma a povoação uma grande praça, de 80 metros de largura e 150 metros de comprimento, approximadamente, onde se reune a feira semanal, e ficam collocadas as principaes casas commerciaes. Conta umas 200 casas, comprehendendo cinco ruas e travessas, não havendo edificios notaveis nem gosto architectonico na edificação, e uma população provavel, no perimetro da villa, de 1.600 habitantes. O paço municipal, bem como a cadeia, são predios particulares e ambos os edificios acanhados; e a egreja matriz é tambem um templo de má construcção e pequeno, edificado por Manoel Ferreira. Possue dous cemiterios, um ao lado da igreja, interdicto aos enterramentos por suas más condições, e outro á léste e a uns 100 metros da villa, de ambito acanhado, mas em bom estado de conservação. Tem mais um açude publico, uma agencia de correio, collectoria, cartorios de tabellião e registro civil, escolas, fabrica de descaroçar algodão, etc. O clima é salubre, a agua potavel e abundante. Dista 390 kiloms. da estação de Garanhuns, 432 da do Limoeiro, 60 da villa de Flores, 96 de Alagôa de Baixo, e a 216 kiloms. da estação de Pesqueira.

Afogados —Povoação ao sul da freg. de S. José, da cidade do Recife, é séde da parochia de seu nome e se comprehende no mun. da capital.

HISTORIA — O lado meridional da ilha, cujo territorio actualmente contém as duas freguezias de Santo Antonio e S. José, hoje pertencente á ultima destas, e occupado pela rua que lhe chamamos Oitenta e Nove, e d'antes Imperial, e primeiro—Aterro dos Afogados, foi um grande tremedal, coberto de mangues que, na occasião das enchentes das marés, difficultava inteiramente a passagem dos que vinham do interior ou dos que para elle iam, acontecendo por isso perecerem muitas pessoas que tentavam vencer o obstaculo e não queriam esperar que a maré vasasse. Dahi adveio o nome dos — *Afogados* — ao local, e ao territorio em que se vê a povoação, presentemente ainda assim denominada.

Em 1737 a 1746, o capitão-general Henrique Luiz Vieira Freire, governador de Pernambuco, para facilitar a communicação, mandou fazer um aterro que, começando do ponto em que se tinha erguido a fortaleza de Frederico Henriques, conhecida hoje por Cinco-Pontas, ia até onde se vê a ponte dos Afogados, que liga o bairro de S. José á povoação daquelle nome, e fez construir no sitio em que está a referida ponte, uma de madeira, para a ligação do aterro, obviando deste modo a difficuldade existente. Pero Lopes de Souza, em seu diario de navegação, refere que, em 17 de fevereiro de 1531, sete homens da náo *Capitania* afogaram-se na barra do Recife, por isso, o Visconde de Porto Seguro diz que, talvez, tal denominação viesse assignalar a altura da paragem em que o acontecimento se déra. Em 1633 os hollandezes commandados pelo coronel Lourenço Reibach atacam e tomam de assalto o posto do passo dos Afogados, situação importante que os nossos tinham descuidado de fortificar convenientemente. Apezar do reforço que do Arraial mandou Mathias de Albuquerque, o investe o inimigo com tão grande força e impeto que consegue occupal-o. Foi de

pessima consequencia para os nossos essa perda. O inimigo construiu um forte abaluartado, de quatro faces, artilhado com 12 peças e a que deu depois o nome de *Principe Guilherme*, ficando desde logo o Arraial exposto a ser flanqueado e privado dos recursos que lhe vinham dos moradores da Varzea. Em 1646, a 22 de janeiro, tentam de novo os hollandezes erguer um reducto nos Afogados, havendo, entretanto, já sido rechassados pelos nossos na primeira tentativa que fizeram para se apoderar do Recife. Levariam, porém, desta vez a melhor, apezar de acudir, com a força que commandava, o valente cabo dos homens pretos, Henrique Dias, si no fim de uma renhida peleja de quatro horas não corresse em soccorro João Fernandes Vieira; com este reforço avançam os pernambucanos com tal denodo sobre os invasores que estes desanimam e desistem da empreza. A freguezia de Afogados, sob a invocação de Nossa Senhora da Paz, foi creada pela lei n. 38, de 6 de maio de 1837, na presidencia de Vicente Thomaz Pires de Figueiredo Camargo, pela suppressão da da Varzea, da qual era capella filial, e foi restaurada pela lei n. 173, de 20 de novembro de 1846. A freguezia de Afogadas teve como seu primeiro vigario o padre Christovão de Hollanda Cavalcanti. A lei provincial n. 1532, de 28 de abril de 1881 creou a freguezia da Magdalena, dando-lhe como séde a capella de Nossa Senhora do Rosario da Torre, a qual até hoje não foi provida canonicamente, continuando, portanto, todo o territorio sob a jurisdicção do parocho de Afogados.

Extensão—Tem seu territorio de leste a oeste, cerca de sete kilometros; e de norte a sul de oito a nove.

Limites — Ao norte com a freg. de S. José, pela ponte de Afogados e com a da Boa Vista ainda pelo rio Capibaribe; ao oeste com as fregs. da Boa Vista, Graça e Poço, pelo Capibaribe, desde a ponte da Magdalena até defronte da Passagem do Cordeiro, e com a da Varzea, a partir da margem do Capibaribe, pelo oitão da casa que foi de Gabriel Antonio (a qual pertence á freg. da Varzea), ao encontro da estrada municipal com a estrada velha que se dirige á povoação de Afogados, e dalli, em linha recta, á porteira do engenho *Curado*, que separa as terras deste das do engenho *S. Paulo* (que pertence a Afogados); segue a mesma direcção até á estrada do Taquary, e, atravessando a estrada do Totó para a mesma povoação, encontra o sitio *Sanches* (em terras do engenho do Meio), incluindo o outeiro *Gargantão*, e deste ao Cumbe; ao sudoeste com Jaboatão pelo rio Tigipió; ao sul com Muribeca pelos rios Jordão e Gamelleira; e á léste com o oceano. A divisão ecclesiastica na parte sudoeste diverge da civil, pois aquella tem como limite a separação das aguas que correm para os rios Tigipió e Jaboatão, e assim lhe pertencem os povoados *Sicupira Torta* e *Tigipió*.

Divisões — Está dividida em tres districtos policiaes, tres fiscaes, fórma o segundo administrativo do municipio e, na divisão judiciaria, faz parte do quinto criminal.

População — Póde ser calculada em 25.000 almas a população de toda a freguezia, contendo a séde uns 10.000 habitantes. Possue 2.447 fogos, sem incluir a edificação de palha que é em numero avultadissimo.

Topographia—A 4 1/2 kilometros do centro da cidade do Recife, contados do Arco de Santo Antonio, no extremo sul do bairro de S. José, com que se liga pela ponte dos Afogados, está situada a povoação deste nome, sobre terreno plano, entre os rios Capibaribe e Tigipió, cortada pelas vias ferreas Central de Pernambuco e a Ingleza do S. Francisco; com uma estação ahi, aberta ao serviço publico em 8 de dezembro de 1857, no kil. 2,768m. das Cinco Pontas, é servida tambem por uma linha de *bond* entregue ao trafego em 14 de ja-

neiro de 1872, que de 12 em 12 minutos, no maximo tempo, expede carros de conducção para passageiros. E' bastante crescida, illuminada a gaz carbonico, tem varios estabelecimentos, boa e elegante casaria, que se melhora constantemente, agua potavel fornecida pela Companhia do Beberibe; e, póde dizer-se, é a porta de entrada e sahida da cidade do Recife, pelo sul e occidente.

Fórma a povoação em seu começo, logo depois de transposta a ponte dos Afogados, uma vasta praça triangular, no fundo da qual ostenta-se singela, mas garbosa, a matriz de Nossa Senhora da Paz, fundada como simples e insignificante capellinha em 1745, tendo sido augmentada em 1787 quando foi creada a irmandade da mesma invocação, cujo compromisso, approvado em 24 de janeiro de 1797, foi cumprido por despacho do diocesano D. Diogo de Jesus Jardim e do Dr. Provedor de capellas, Antonio de Souza Corrêa, e sendo ainda a dita matriz reconstruida em 1857, com auxilio dos cofres publicos. Na parede lateral, do nascente, dentro da sacristia da egreja, vê-se um jazigo, com a seguinte inscripção (vide *Imbiribeira*):

JAZIGO PERPETUO

DOS

FUZILADOS DA IMBIRIBEIRA

Guardião	Ex-Sargento
MANOEL PACHECO JOÃO BAPTISTA DE OLIVEIRA EUSEBIO ATHANASIO AMERICO VIRGILIO IGNACIO ANTONIO QUATY (16 annos) Pernambucano	SILVINO DE MACEDO Pernambucano 14 *de janeiro de* 1894 — « DIREITO AO CORAÇÃO » —

Exhumados do campo da Imbiribeira por autorisação do ministro da guerra

11 — 1 — 1901

TERMO QUE FOI LAVRADO

« Este jazigo foi feito com o producto de uma subscripção aberta pela redacção d'*A Provincia*, jornal da cidade do Recife, subscripção que montou em 265$, tendo importado os trabalhos em 279$. O local do jazigo foi cedido gratuitamente pelo major Olympio Chacon, em nome da irmandade do SS. Sacramento, de Afogados, precedendo licença do Exmo. Monsenhor governador do bispado Marcolino Pacheco do Amaral, e benzido pelos sacerdotes presentes, foi dada por finda a cerimonia e entregue o tumulo ou jazigo á irmandade que delle tomou posse lavrando-se o presente termo em duplicata, destinado um, á irmandade do SS. Sacramento de Afogados, e outro para ser remettido ao Exmo. Ministro da Guerra, o qual vai por todos assignado. — Vigario *Francisco de Barros Cavalcante Lins.* — Vigario *Francisco Joaquim da Silva.* — Dr. *Vicente Ferrer de Barros Wanderley e Araujo.* — *Olympio de Hollanda Chaco*:. — Padre *Hermeto Pinheiro.* »

Em frente á egreja matriz divisa-se um bello Cruzeiro de pedra marmore, trasladado pelo povo do local, sob a direcção de Fr. Fidelis Maria de Fognano, em 25 de novembro de 1868, do Giquiá para o sitio em que está. Ha, além da matriz, a capella de S. Miguel, que dá o nome á extensa rua parallela á estrada de rodagem da Victoria, e a do Rosario, sob a direcção da irmandade dos Pretos, situada na mesma rua; houve, e ainda se veem as ruinas della, a egreja do Paraiso que, segundo a tradição, foi fundada primitivamente votada ao Divino Espirito Santo.

Povoados — Existem os seguintes: Giquiá, Areias, Barro, Peres e Tegipió (sómente na parte ecclesiastica) quasi ligados entre si; Imbiribeira, Boa Viagem, Remedios, Magdalena, Torre e Estrada Nova. No povoado do Barro existe a capella de Nossa Senhora da Conceição; no de Tegipió a de Nossa Senhora do Rosario; no dos Remedios, a de Nossa Senhora dos Remedios; no da Torre, a de Nossa Senhora do Rosario, e no da Boa Viagem a capella de Nossa Senhora da Boa Viagem. Entre os edificios publicos e particulares pódem-se notar: o Lazareto da ilha do Pina, a casa de polvora do Forte da Barreta, as fabricas de sabão e de tecidos de algodão, e na Magdalena ricos palacetes e as mais importantes chacaras.

Hydrographia — O mar banha a freguezia pelo lado oriental, e seu territorio é regado pelos seguintes rios e riachos: o Capibaribe, o Tegipió, o ribeiro Pacheco, os riachos Giquiá, Vermelho e Jordão.

Nosographia—Pertencem á freguezia as ilhas do Pina, Nogueira, ligadas hoje, Maroim, Joanna Bezerra e Retiro.

Vias de communicação — Dão communicação com a cidade do Recife e com o interior do Estado: a via-ferrea de S. Francisco, a qual tem no povoado uma estação na alt. $4^{m},23$ e no kilom. $2,768^{m}$ de Cinco Pontas, e outra na Boa Viagem, kilom. $8,724^{m}$; a Central, que tem uma estação ahi, outra no lugar Areias e outra em Tigipió; duas linhas de bonds, uma para a séde da parochia, terminando no pateo da Paz,e outra que vai até a Magdalena e d'alli á povoação da Torre; tres estradas de rodagem, uma que, começando do largo João Alfredo, na Magdalena, termina na povoação Lagôa do Carro, com um ramal para a cidade de Nazareth; uma para a Victoria, indo até ao sopé da serra das Russas; outra para a cidade de S. Agostinho do Cabo; uma pequena que vai da povoação de Afogados á Magdalena, tocando nos Remedios, e ainda outra da estação da Bôa Viagem ao povoado do mesmo nome.

Instrucção publica — A Municipalidade mantém nesta freguezia 12 cadeiras para ambos os sexos.

Agricultura — Possue a freguezia os engenhos: Ypiranga, Peres, S. Paulo, Uchôa, Ibura, Bom Jesus e a engenhoca Bongy. Além da canna, tambem é cultivada, principalmente na parte sul e occidental da freguezia, a mandioca, o milho, o feijão, a batata e outros cereaes e legumes.

Agissé ou Hagissé — Engenho na freguezia de Nossa Senhora do O' de Goyanna. *Hagissé*, voc. indig., significa — braço de ferro.

Agonia— *Riacho* —Corre no municipio de Gravatá, no districto de Chã Grande, proximo aos engenhos Minhocas e Boca da Matta, que são do municipio da Victoria.

Agreste— *Monte* —Ao sul do municipio de Garanhuns e na cordilheira denominada do Cavaco, que se estende pelos municipios da Pedra e S. Bento.

Agua— *Serra d'* —Situada na freguezia da Varzea do Municipio do Recife.

Agua Azul — Engenho na freguezia de Cruangy, municipio de Timbaúba, a 24 kilometros desta cidade e 78 da de Goyanna.

Agua Azul—*Serra* —Situada na freg. de Cruangy, do municipio de Tim-

baúba, junto ao engenho do mesmo nome. Ahi o rio Cruangy tem suas vertentes. Fica este logar a 24 kilometros da cidade de Timbaúba e a 78 de Goyanna.

Agua Branca—*Povoação*—Situada no municipio de Quipapá, á margem meridional da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, a qual ahi, no kil. 84,923^m de Palmares, tem uma estação, aberta ao serviço publico em 20 de outubro de 1885, na altitude 563^m,433; é pequena essa povoação que poderá conter umas vinte casas de boa edificação. Seu inicio é contemporaneo á inauguração da estação da via-ferrea. Existe alli um predio para escola, doada pelos engenheiros da construcção da referida estrada de ferro Sul de Pernambuco.

Agua Branca—*Engenho*—No mun. de Nazareth, freg. de Lagôa Secca.

Agua Branca — Engenho no mun. de Goyanna.

Agua Branca—*Riacho*—Nasce ao sul da freguezia de Flôres e, depois de atravessar a extrema occidental do mun. de Villa Bella, vai desaguar no logar Poço da Cruz, da mesma freg. de Flôres, no rio Pajehú, recebendo em seu curso varios tributarios.

Agua Branca—*Riacho*—Corre no municipio da Victoria e despeja no riacho Tapacurá.

Agua Comprida — *Logarejo* — No mun. de Bezerros.

Agua Comprida — *Riacho* — Affl. do Capibaribe, pouco além do Caxangá, sobre o qual ha uma bomba na estrada de rodagem.

Agua Comprida — *Riacho* — Affluente do rio Ipojuca, corre no municipio de Bezerros.

Agua Comprida — *Riacho* — Derrama no rio Serinhãem pela m. esquerda, no mun. de Gamelleira.

Agua Comprida — Engenho no mun. da Victoria, ao N. e 10 kilometros da séde.

Agua da Materia— *Riacho* — Nasce de uns morros, ao oeste do povoado Caxangá, em terras do engenho Timby, e dahi correndo para o norte, atravessa a estrada de rodagem, no logar Barreiras do Caxangá, onde sobre elle existe na mesma estrada, uma bomba, indo despejar, depois de uns 8 kilometros de curso, no riacho Camaragibe, affluente do rio Capibaribe. Este riacho serve de linha divisoria entre a freg. da Varzea, do mun. do Recife, e o mun. de S. Lourenço.

Agua do Bicho — *Riacho* — Corre no municipio de Goyanna e despeja na freg. de Nossa Senhora do O', no rio Capibaribe Mirim.

Agua Fria—*Povoação*—Situada no municipio de Cimbres, a 36 kilometros ao nascente de Pesqueira, á margem esquerda do rio Ipojuca, em terreno plano, possue uma capellinha votada ao Senhor Bom Jesus dos Pobres Afflictos, e umas trinta casas de má construcção, havendo nas immediações outras dispersas. Foi fundada em 1840 por João Alves Leite. E' logar decadente e sua população póde ser avaliada em 150 habitantes. Para o poente, a 6 kils., fica a fazenda Barra do Liberal, que pertenceu ao fundador do povoado, e nesse logar o riacho Liberal despeja no Ipojuca, pela margem direita.

Agua Fria—Logar no municipio de Olinda, onde, no kil. 5,172^m, do Recife, a via ferrea urbana daquelle nome, no ramal do Beberibe, tem uma estação entre as do Fundão e Estrada Nova. E' reputado como saudavel e assim muitas pessoas empregadas no Recife o teem procurado como moradia. Perto passa o rio Beberibe. Em 1630, nesse local, os hollandezes que tinham emprehendido o ataque do Arraial do Bom Jesus, com oitocentos homens, foram destroçados por Mathias de Albuquerque que, avisado a tempo, mandou contra elles algumas companhias de atiradores, as quaes, emboscando-se na estrada, derrotaram completamente

aquelles, morrendo quasi cem homens. A Agua Fria chamou-se, no periodo hollandez, Estancia de Leonardo Fróes, porque este, filho de Diogo Gonçalves, auditor de guerra, e casado com Isabel Fróes afilhada e protegida da rainha Dona Catharina de Portugal, alli residia. A capella de Agua Fria foi construida por Francisco do Rego Barros, pai de João do Rego Barros, provedor da fazenda e juiz da Alfandega. Ahi existiu uma ermida fundada pelos padres congregados do Oratorio de S. Filippe Nery e um convento, encontrando-se ainda os vestigios.

Agua Fria— Engenho no municipio de S. Lourenço da Matta, a 15 kilometros NO. da séde, entre os denominados Santa Rita, Mussurepe, Pindobinha, Rodizio e Massiapc.

Agua Fria— Engenho no municipio de Ipojuca, a 4 kilometros a SO. da séde, no qual existe uma capellinha dedicada a Nossa Senhora da Conceição.

Agua Fria— Engenho do municipio de Serinhãem com uma capella de Nossa Senhora dos Prazeres e distante da séde 2 kilometros.

Agua Fria— Engenho no municipio de Quipapá.

Agua Fria — Engenho no municipio de Canhotinho.

Agua Fria— Engenhoca no municipio de Aguas Bellas.

Agua Fria — Fazenda de criar no districto do Mandasaia, municipio do Brejo.

Agua Fria — *Riacho* — Nasce e corre no municipio de Timbauba e derrama no Capibaribe-Mirim.

Agua Fria— *Riacho* —Nasce na freguezia do Poço da Panella, no logar Brejo e, d'ahi correndo a suéste, depois para léste, pelo logar Bartholomêo, até á Estrada Nova de Beberibe, ponte desta a desaguar no rio Beberibe, abaixo do logar Peixinho, divide os municipios do Recife e Olinda. Sobre elle existe uma ponte de madeira na Estrada de Beberibe, com 7^m, 80.

Agua Nova— Engenho no municipio de Goyanna.

Agua Podre— *Riacho* — Corre no municipio de Petrolina.

Agua Preta— *Cidade* —Séde do municipio e freguezia do mesmo nome, da qual é orago S. José d'Agonia.

Historico — O terreno, que hoje constitue o municipio de Agua Preta, no começo deste seculo, fez parte da freguezia de Serinhãem. Foi creada parochia por desmembramento da de Una e em virtude da Resolução de Consulta, de 10 de Novembro de 1809, sendo seu primeiro vigario o Padre Sebastião Peixoto Guimarães. Erecta villa pela Lei n. 156 de 31 de março de 1846, a de n. 314 de 13 de maio de 1853 extinguiu-a para incorporal-a ao termo de Barreiros, restabelecendo-a depois a lei n. 460 de 2 de maio de 1859. Havendo sido ligada á Comarca do Rio Formoso a lei n. 520 de 13 de maio de 1862 desligou-a para, junto com a freguezia de S. José de Barreiros, constituirem uma nova comarca com a denominação de Palmares. Pela Lei n. 1093 de 24 de maio de 1873 foi transferida a séde do municipio e comarca para a povoação dos Montes, que foi elevada á categoria de villa com a denominação de Palmares. Restaurados seus fóros de villa pela Lei n. 1405 de 12 de maio de 1879, installou-se a respectiva Camara Municipal em 28 de outubro do mesmo anno. Elevada a comarca, com a denominação de Agua Preta, pela Lei n. 1805 de 13 de junho de 1884, sómente em 11 de janeiro de 1890 foi installada, sendo então seu primeiro Juiz de Direito, o Dr. José Brandão da Rocha. De accordo com a consituição do Estado e a Lei n. 52 de 3 de agosto de 1892 constituiu-se municipio autonomo em 21 de março de 1893, sendo eleitos para o 1° governo administrativo do municipio: Prefeito, Dr. Francisco Cornelio da Fonseca Lima; Sub-Prefeito, Coronel M. Verissimo do Rego Barros. — Conselho Municipal:

membros Coroneis Manuel Machado Teixeira Cavalcante, Antiogenes Affonso Ferreira, João Corrêa Accioli Lins, L. Bezerra Cavalcante Maciel e o Capitão Manuel Hermino de Azevedo e Silva. A Lei Estadual, n. 130, de 3 de janho de 1895 elevou-a á cidade. Na historia patria Agua Preta figura como um dos pontos por onde passou a revolução praieira de 1848. Os revoltosos, que tinham pernoitado no engenho Araticum, do municipio de Barreiros, chegando ao Cachoeira, em 26 de outubro de 1848, bateram uma força, encontrada ahi, de paisanos governistas. A força de Coral, commandada pelo Coronel Paulo de Amorim Salgado, seguiu pelo norte do Rio Una tiroteando aqui e alli, nos logares mais estreitos do rio em que se descobria os revoltosos, que seguiam de estrada acima. Chegando elles ao engenho Barra, Sebastião Alves da Silva passou o rio com um piquete e fez retroceder a tropa governista, que contava seu chefe em o numero dos feridos. A's oito horas da noite desse mesmo dia, os revoltosos entraram em Agua Preta. Em 23 de dezembro teve logar o ataque de Almécega. Entre os filhos illustres de Agua Preta se póde nomear: o Capitão Hermino Peregrino David Madeira, um dos bravos da guerra do Paraguay, fallecido em 6 de outubro de 1866, e o alferes Marcelino Franco da Silveira Lessa, que alli tambem morreu em defesa da patria. Em janeiro de 1902 recebeu a freguezia d'Agua Preta a visita pastoral do bispo D. Luiz Raymundo da S. Britto.

Origem da denominação — O nome primitivo não era Agua Preta e sim Rio Preto, porque o primeiro povoado se fez a 500 metros do actual e junto daquelle rio, que deve sua denominação ao facto de, em muitos pontos, conservar as aguas bastante escuras: do qne veio a transformação do nome do povoado de *Rio Preto* para Agua Preta.

Posição astronomica — Fica a 8° 42' e 15" de lat. austral, e a 7°, 46' e 50" de long. oriental do meridiano do Rio de Janeiro.

Aspecto e natureza do solo — O mun. é ligeiramente accidentado, e o terreno, regado de rios perennes, é coberto em muitos pontos de mattas densas, muito fresco e fertil.

Clima e salubridade — O clima é frio e carregado de humidade no inverno; ameno e agradavel no verão — de setembro a março. Frequentes casos de febres palustres apparecem pelos mezes de maio a julho, principalmente nos logares marginaes dos rios Una e Pirangysinho. Sem se conhecer ainda a causa dos repetidos casos de loucura, manifestados na localidade, raro é o anno em que não ha a contar dous a quatro loucos.

Divisão — O mun. consta de uma só parochia e contém dous districtos.

População — E' calculada a população em 25,000 habitantes.

Limites — Confina: a léste com o mun. de Barreiros pelo rio Una. desde o engenho Limeira até á foz do rio Jacuipe, e por este acima até á foz do riacho João Mulato, no engenho Santa Cruz, e com o mun. do Rio Formoso, pelos engenhos Limeira, Paraná, Mauricéa, Canôa Grande, Sant'Anna, José da Costa, Limoeiro e Pereirinha, sendo esses engenhos do mun. de Agua Preta; ao norte com Gamelleira pelos limites das terras dos engenhos Varzea Grande, Páo Sangue, João Gomes, Brejo e Cachoeira Grande, que pertencem á Gamelleira; ao nordoeste com o mun. do Bonito, pelo rio Serinhäem; ao oeste com o mun. de Palmares das terras da propriedade Furada, na margem direita do rio Serinhãem, ás terras dos engenhos S. José do Espalhado, Esperança, Liberal. Magestoso, Poço d'Antas, Brazileiro, Cuyabá, Gravatá, Solidão, Venus, Cachoeira d'Antas, Santo Antonio, Reflexão, Monte Pio, Milão Trempe, Recurso, e terras do patrimonio do Conselho Municipal; e

ao sul, com o Estado de Alagôas pelo rio Jacuipe.

Extensão—A extensão do municipio de Agua Preta é, aproximadamente, de 80 kilom. de comprido sobre 30 de largura.

Topographia — A cidade de Agua Preta, séde do municipio, está situada sobre uma bella planicie, do lado da margem esquerda do rio Una, que passa-lhe a um kilom. de distancia; tem 452 casas de regular edificação, comprehendendo uma população provavel de uns 3.000 habitantes: nella existe uma bella egreja, que serve de matriz, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosario, na torre da qual, em 1891, por offerta do francez Armando Pedro Luiz Mossy, foi collocado um relogio grande, que annuncia as horas por meio de sino; possue tambem um bom cemiterio, construido por Frei Sebastião de Messina e aberto em 12 de janeiro de 1854, com uma capella de Nossa Senhora da Penha; cadeia em boas condições, edificio regular do Paço municipal, agencia do correio com serviço diario para a capital, escolas publicas e varios estabelecimentos commerciaes. Consta a cidade das ruas seguintes: Paulino Camara, David Madeira e Silveira Lessa, denominadas outr'ora da Feira, Barra da Lama e Giquiá. Fica a 14 kilom. da cidade de Palmares e 125 do Recife, distando da costa 60 kilometros, e de Barreiros 54.

Povoados—*Campos-Frios* a 20 kiloms. a SO. *Sertãozinho*, a 35 kiloms. a SO, *Aurora* (outr'ora Chechéo), á margem da estrada que vai para a Colonia Soccorro e a 18 kilometros da cidade; *Cuyambuca* ao NE. e a 10 kiloms. da séde á margem da linha ferrea; e *Prato Grande* a SO. a nove kilom. e á margem do Jacuipe. (Vide cada um delles.)

Capellas—As invocações das capellas existentes no municipio são: no pov. *Aurora*, S. José d'Agonia (em construcção); no pov. *Sertãozinho*, S. Francisco de Assis, no alto; *Campos Frios*, Nossa Senhora da Conceição; as dos engenhos S. João, invocação do mesmo nome; Pirangy, invocação Sant'Anna; Sacramento, invocação a mesma; e, finalmente, ainda, a igreja de S. José d'Agonia, na cidade, que é a matriz.

Orographia— No municipio não existem serras dignas de menção, nem com denominação especial; entretanto, torna-se notavel a montanha designada com o nome de *Cajual*, a principal e sulfurosa, a qual, devido a certos phenomenos, que parecem indicar possibilidade para alguma erupção vulcanica, tem sido objecto de uma infinidade de lendas, creadas pelo vulgo, para explicar aquelles mesmos phenomenos.

Hydrographia — Os principaes rios que correm no mun., são: o Una, o Rio Preto, o Pirangysinho, o Serinhãem, os riachos do Padre, das Pedras, Marayal e Carito. Sobre o rio Preto existe uma ponte.

Commercio e agricultura—O commercio consta de armazens de assucar, varios estabelecimentos de fazendas, molhados, ferragens e outros semelhantes, e de uma feira animada que se reune uma vez por semana. A agricultura consiste no plantio de varios cereaes e da canna de assucar, possuindo os seguintes engenhos: Alegrete, Almécega, Alto, Amoroso, Apody, Altinho, Aracajú, Amor da Patria, Aguas Claras, Araruna, Arranco, Abysmo, Beija-Flor, Bomfim, Bella Feição, Bella Flôr, Bom Conselho, Bello Prado, Bom Jesus, Bom Sucesso, Belleza, Boa Sorte, Barra do Norte, Boa Fé, Bom Mirá, Bode Queimado, Barro Branco, Batateira, Boas Novas, Brazileiro, Barra do Douro, Camarão, Cruz de Malta, Camelião do Norte, Caracuipe, Camorinzinho Conselho, Cuyambuca, Cachoeira d'Anta, Cuyabá, Cumbe, Curupaity, Corrientes, Camorim Grande, Constituinte, Canôa Rachada, Camelião do Sul, Capricho, Caiçara, Cavaco, Conquista, Cadix, Conservador, Confinante, Cruzeiro do

Sul, Campina Nova, Dona, Divisão, Dous Braços, Espirito Santo, Espinho, Florescente, Flor de Maria, Frescundim, Florente, Freixeiras, Flôr do Matto, Gravatá, Gabinete, Guarany, Ilha Grande, José da Costa, Jatobá, Lage de Una, Liberal, Lopes, Limão, Larangeiras, Limeira, Limoeiro, Lusitano ou Carito, Mangueira, Maurity, Magestoso, Milão, Monte-pio, Macaco, Mauricéa, Nova Esperança, Prato Grande, Pereirinha, Potosi, Prata Fina, Pasto Grande, Pastinho, Pernambuco, Pedra de Fogo, Pedra Iman, Poço d'Antas, Preferencia, Primoroso, Presidio, Pindobal. Privilegio, Parol, Poço Fundo, Piragibe, Primavera, Pirajá, Pirangy, Parnaso, Paraná, Pirajú, Pereira Grande, Riacho do Padre, Riacho das Pedras, Souza, Santo Antonio, Sant'Anna, S. Miguel, Sitio do Meio, Solidão, Sacramento, S. João, S. José do Espalhado, Santa Thereza, Tamateão, Tanque. Universo, Venturoso, Vida Nova, Virtude, Volta, Veneza, Villa Rica, Varzea Nova, Venus e Veloz. Ha tambem, sita em terras do engenho Cuyambuca, uma das fabricas centraes da antiga companhia *The Sugar Factories of Brasil*.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Tem communicação com a capital pela via-ferrea do S. Francisco, por intermedio da estação denominada Agua Preta, no povoado Preguiças, do qual dista 12 kilometros de bom caminho, e com a cidade de Palmares, pela mesma via-ferrea ou á cavallo, por máos caminhos.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Não é bastante desenvolvida, havendo no municipio seis cadeiras de primeiras lettras.

Agua-Preta — Estação da via-ferrea do S. Francisco, no kilometro 113,610^{m} do Recife, entre as de Cuyambuca e Una, aberta ao serviço em 3 de novembro de 1862. Fica junta ao povoado *Preguiças* e deve seu nome de — Agua-Preta — por ter sido situada defronte á estrada que vai áquelle logar, sendo a existencia do povoado Preguiças posterior á abertura da estação (Vid. Preguiças).

Agua-Preta — *Riacho* — Nasce nas terras do engenho Monjope, municipio de Iguarassú, e depois de receber ahi o riacho Monjope, com uns 6 kilometros de curso, vai derramar no rio Iguarassú pela margem esquerda.

Agua-Preta — *Riacho* — Nasce nas fronteiras do Piauhy com este Estado, no mun. de Ouricory, e, correndo de oéste para o sul, depois de 72 kilom. de extensão, vai despejar no rio da Garça, no mesmo municipio.

Aguas-Bellas — *Cidade* — E' séde da freguezia e municipio do mesmo nome.

HISTORIA E FUNDAÇÃO — Segundo a tradição local existente, o sitio, occupado actualmente com a cidade de Aguas-Bellas, era habitado pela tribu indigena denominada *Tupinikins*. Outra tribu, denominada *Carijós*, depois de forte e porfiada luta com aquella, conseguiu, afinal, expulsal-a do aldeiamento, conhecido então por *Lagôa*, nome devido a uma grande lagôa que alli havia. Em 1700, mais ou menos, appareceu naquellas paragens um homem branco, valoroso, chamado João Rodrigues Cardoso, que, mettendo-se no aldeiamento, sob o perigo de ser victima dos indios bravios, procurou fazer a catechese dos mesmos. Principiaram desde logo os fundamentos da povoação, que foi crescendo, progressivamente, com os parentes de Rodrigues e mais outras pessoas, que para alli foram morar. Entretanto, Rodrigues conhece a necessidade de terem os indios, que se tornavam rebeldes, uma direcção por parte do Governo; e, representando a este, foi nomeado director do aldeiamento Lourenço Bezerra Cavalcante, que, por sua vez e devido á sua energia, obrigou os indios a uma certa obediencia, a ponto de tranquillisar os habitantes inteiramente. Foi este cidadão que, mudando o nome local de aldeia da Lagôa, deu-lhe o de — *Povoação de Ypanema* —

nome proveniente do rio Ypanema, que passa dalli a 5 kims. de distancia. A denominação de *Aguas-Bellas* se origina do facto de que o Ouvidor Jacobina, andando em correição, e com o estomago já muito cançado de beber aguas pesadas e acres, durante a viagem, ao chegar a este logar, encontrou a mais potavel e fina a desejar, pelo que dizia aos que o iam visitar: «*Aguas-bellas as desta povoação que chamam* Ypanema, *quando lhe deviam chamar antes* Aguas-Bellas. *Por que não lhe chamam assim?* Aguas-Bellas! *—lhe ponham este nome.*» E foi adoptada a nova denominação, insinuada pelo Ouvidor, a qual se conservou até agora. Foi creada parochia por Alvará de 26 de janeiro de 1766, sendo seu primeiro vigario o Padre José Lopes da Cunha. Incorporada ao termo de Buique pela Lei provincial n. 337 de 12 de maio de 1854, foi pela Lei n. 997 de 13 de junho de 1871 elevada á categoria de villa, sendo installada em 15 de junho de 1872. Unida á comarca de Bom Conselho pela Lei n. 1057 de 7 de junho de 1872, foi creada comarca pela Lei n. 1899 de 12 de maio de 1863, sendo classificada de 1ª entrancia pelo Decreto n. 8192, de 9 de junho de 1881 e nomeado seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Carolino de Lima Santos. O Governo do extincto Imperio contractou em 19 de junho de 1876, o prolongamento da estrada de ferro de S. Francisco, a qual ahi deverá tocar, segundo os estudos e traçados da referida estrada (actualmente em Garanhuns e a 111 kilometros de distancia) feitos pelo Dr. João Martins da Silva Coutinho. Constituiu-se municipio autonomo em 16 de janeiro de 1893, sendo seu 1º governo administrativo composto: do Prefeito tenente coronel Benigno Rodrigues Lins de Albuquerque, e do Conselho Municipal, cujos membros eleitos foram: os capitães Manuel S. Albuquerque Preoco, José Antonio dos Santos, Antonio Valentim Barros e tenente Nicoláo Bezerra da Silva. Foi elevada á cidade pela Lei Estadoal n. 535 de maio de 1906.

Posição geographica—Está a cidade a 9º 6' 54" de lat. S. e 39º 3' 20" de long. occ. do merid. de Greenwich.

Aspecto e natureza do solo — O solo é desigual e carrasquenho no geral; mas, na região occupada pela cidade e adjacencias é plano.

Clima e salubridade — O clima é secco, quente durante o dia e frio pela noite, porém muito sadio. A temperatura média de Aguas Bellas é de 26º, a maxima 33º e a minima 18º.

Limites — Confina: ao norte com os municipios de Buique, pelos logares São Gonçalo, Baião, Anastacio e S. João, com o municipio da Pedra pelo riacho Cachoeirinha, e com Garanhuns no logar Lagens; a léste com Bom Conselho, pelo Poço do Cosme, Lagôa da Pindoba e Trapiá (fazenda); e ao sul e oeste com o Estado de Alagôas, pelas freguezias de Sant'Anna de Ypanema e Matta Grande, e de Paulo Affonso, nos logares Barra da Tapéra e Cacimba dos Negros.

Divisão — A ecclesiastica consta de uma só freguezia, cujo orago é N. S. da Conceição de Aguas-Bellas; e a administrativa se compõe de dous districtos, comprehendendo o 1º a cidade e a povoação denominada *Mucambo*, e o 2º o povoado *Pau-Ferro*, que é a séde delle.

População — A população do municipio é calculada em 12.000 habitantes, sendo 8.000 no 1º districto e 4.000 no segundo.

Topographia — A cidade de Aguas-Bellas, séde do municipio e da freguezia, está assentada á margem esquerda do rio Ypanema, em uma vasta planicie, proxima da serra do Communaty que lhe fica ao norte, a 426 metros de altitude, comprehendendo em sua área 15 ruas e cerca de 400 casas, e uma população provavel de uns 3.000 habitantes. Seus edificios mais importantes são: a

igreja matriz, cuja primeira construcção data de 1740, sendo reedificada pelo vigario padre José Lopes da Cunha, em 1780; é um templo espaçoso e em boas condições e o cemiterio, inaugurado em 1878, o qual tem uma capellinha.

Povoados — *Pau-Ferro* a 60 kilometros ao nordoeste, com uma capella de N. S. da Conceição; *Mucambo* na mesma distancia, com uma capella dedicada a S. Paulo; e *Manoel Alves* ao norte de Pau Ferro, com uma capella, povoado muito decadente.

Orologia — As serras mais notaveis são: a do Communaty com a altura de 726 metros; a dos Meninos com 700 metros de altura sobre o nivel do mar e 300 sobre o da planicie; a de Santa Maria, com altura de 700 metros; e a dos Cavallos, cuja altitude no pico denominado *Cabeço do Jacú*, e de 825 metros.

Hydrographia — Os principaes rios e riachos, que regam-lhe o solo, são: o rio Ypanema e os riachos Tapéra, Garanhunsinho, Gravatasinho, Ribeiro do Alto, Cascatasinho e os dos Cabaços. Existem as lagôas do Mandacarú, das Piabas, a Secca e a do Peró.

Producções — O terreno do municipio é fertil e produz, com abundancia, cereaes e algodão. São a agricultura e a criação suas principaes fontes de riqueza; sendo na parte do sul do municipio, onde a criação de toda especie de gado produz vantajosamente, e na zona meridional, especialmente agricola, cultivando-se nella a canna, café, milho, feijão, mandioca, fumo, etc. Possue perto de 70 fazendas de gado, um engenho para a fabricação do assucar, denominado *Antas*, e trinta e tantas engenhocas de rapadura e aguardente, nomeando-se entre ellas as seguintes: Cabo do Campo Pau Ferro, Brejinho, Genipapo, Agua Fria, Boqueirão, Santa Maria, Salobro, Retiro, Fazenda, Boi Branco, Lage, Varzinhas, Poço da Onça, Riacho Fundo, S. Fidelis, S. João e a do Martins.

Reinos da natureza — Encontra-se, com abundancia, e especialmente no logar Ribeira de Baixo, a pedra calcarea constituindo uma industria, pois toda a cal consumida no municipio é fabricada nelle, sendo exportada ainda para outros, e remettida em grande escala para a villa de Sant'Anna de Ypanema, do visinho Estado de Alagoas. O ferro tambem existe alli; e, ultimamente, um ferreiro da localidade, com alguns pedaços, separando as materias terrosas que o acompanhavam, submetteu ao fogo e aos processos necessarios, conseguindo isolar o ferro. O *nitrato de potassa* ou salitre, para o lado das confinações com o Buique, encontra-se, e tem sido aproveitado pelos fogueteiros. No logar *Cabo do Campo* asseveram haver uma jazida abundante de carvão de pedra. No reino vegetal, não muito rico como sóe acontecer nas zonas sertanejas, se póde mencionar a existencia em grande quantidade — do cedro, do balsamo, da copahiba, do velame, do pega-pinto, da ipecacuanha, da cabeça de negro, da parreira, da batata de purga, do jucá, do joá, do gitó, catingueira e outros. No reino animal—onças, quandús, veados, raposas, gatos do matto, macacos, saguins, tamanduás, preguiças, papa-méis, tatús, kágados, guaxinins, preás, mocós e outros.

Curiosidade — Nas terras da fazenda *Cacimba Cercada*, logar denominado *Pedra Pintada*, 60 kilometros distante da cidade, existem em rochedos elevados e em massiços de gneiss de decomposição, inscripções feitas com instrumentos desconhecidos parecendo, entretanto, de pedra, coloridas de vermelho-escuro nuns pontos e em outros de pardo. Acredita-se no local, que taes inscripções são indicativas de um thesouro occulto nas cercanias, e essa crença já levou um antigo proprietario dalli, a realizar, infructiferamente, trabalhosas pesquizas para descobril-o. O Dr. João Carlos Branner, douto professor da Universidade Indiana, segundo refere a Revista do Instituto Archeologico e Geo-

graphico Pernambucano, teve occasião de verificar aquella curiosidade, mas deduz elle, ser possivel que taes *desenhos se refiram ao supprimento d'agua, tão incerta nessas regiões de grandes seccas*, ou que servisse de registro nas estações, ou indicasse um voto ou supplica aos poderes distribuidores da chuva, pois aquellas inscripções se acham sempre em paragens proximas d'agua ou de algum logar onde é provavel que ella se encontre, quando não é muito rigoroso o verão; e que, finalmente, a agua esteja nesses logares, por ser ahi que vivam naturalmente os primitivos habitantes do paiz.

Industria e commercio — A cidade conta 6 magnificos cortumes, geralmente bem reputados, pela excellencia dos productos. Os indios fabricam balaios, esteiras, cordas, chapéos e outros objectos da palha do catolé e das fibras do caroá. Possue um commercio regular, officinas de calçado, de sellins, de ferreiro, serrarias e olarias.

Instrucção publica — Acha-se bastantemente atrazada, existindo na cidade uma cadeira de primeiras lettras, para cada sexo.

Distancias e vias de communicação— Dista da capital 364 kilometros ao sudoeste, sendo a viagem feita pela estrada de ferro Sul de Pernambuco, a partir da estação de Garanhuns, que lhe demora 101 kilometros. Fica a 200 kilometros do littoral.

Aguas-Bellas — Eng. no mun. de Palmares. Outro na freguezia da Vicencia, mun. de Nazareth.

Aguas-Claras — *Riacho*—Nasce na serra das Russas e, correndo no municipio de Gravatá, vai despejar no rio Ipojuca.

Aguas-Claras— *Riacho*— Corre no municipio de Gamelleira, em terras do engenho que tem seu nome e depois de pequeno curso vai derramar no Amaragy.

Aguas-Claras — Eng. no mun. d'Agua Preta.

Aguas-Claras — Eng. no mun. de Gamelleira a oeste e a 18 kilometros da cidade.

Aguas-Claras —*Engenho*— No mun. da Escada a 6 kilometros da séde.

Aguas-Finas— Eng. no mun. de Palmares.

Aguas-Sumidas — Vide Braço do Meio.

Agua Torta— *Riacho* — Nasce na freguezia de Itambé, no açude do Cotia, e, depois de receber o riacho Itambé, lança-se no Capibaribe-Mirim, com 40 kilometros de curso, no logar Gamelleira.

Agua Vermelha — Estação da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, no ramal de Glicerio á União, entre as de Glicerio e Serra Grande, foi aberta ao serviço publico em 16 de maio de 1894; está a $412^{m},454$ de altura sobre o nivel do mar e fica situada no kilometro $6,770^{m}$ da estação de Glicerio ou Paquevira.

Agua Vermelha—Engenho no mun. de Canhotinho.

Agua Vermelha— *Serra*— Situada de norte a sul, no mun. do Bonito, na distancia de 12 kiloms. dessa cidade.

Agua Vermelha —*Riacho* — Nasce na serra do Canivete do mun. de Canhotinho, nas divisas de Pernambuco com Alagôas e, correndo de oeste para léste, atravessa o ramal da via-ferrea de Glicerio á União, no kilom. 7, indo desaguar no rio Canhôto.

Agudinho — Eng. do mun. de Bom Jardim, a léste da cidade.

Aguiar — Eng. do mun. de Iguarassú. Tem uma capella.

Agulhão—*Riacho*—Nasce na garganta de Paquevira, do mun. de Canhotinho, recebe, em seu percurso, alguns corregos de pouca importancia e vae desaguar no rio Canhôto, na altura do kilom. 5 do ramal da Estrada de Ferro de Pernambuco ás Alagôas.

Agulhão — Engenhoca no mun. de Canhotinho.

Ahy — Vid. *Ay*.

Ajuda (N. S.)—Assim chamou-se

o primeiro engenho fundado em Pernambuco e no mun. de Olinda, para a fabricação do assucar, o qual denominou-se depois *Forno da Cal*. (Vide.)

Ajudante — Eng. no mun. de Amaragy e a 9 kiloms. de distancia da séde.

Ajudante — Eng. no mun. de Nazareth, a 19 kiloms. de distancia da via-ferrea do ramal de Timbaúba.

Ajudante — *Riacho* — Nasce no mun. de Amaragy e depois de 7 kiloms. de curso, despeja no rio Amaragy pela margem esquerda.

Alagado — Logarejo na freg. de S. Caetano da Raposa.

Alagôa— *Engenho*— Ao norte da povoação Vicencia e entre as divisas da freg. com a de Lagôa Secca.

Alagôa Cercada—*Logarejo*— No mun. da Victoria, 12 kiloms. a léste da cidade.

Alagôa Comprida —Fazenda de criar no distr. de Jatobá, mun. do Brejo da Madre de Deus.

Alagôa d'Anta—Eng. no mun. de Nazareth, a 3 kiloms. distante da linha ferrea de Limoeiro, possue uma capella votada a S. Raphael.

Alagôa de Baixo — *Villa* — Séde do mun. e freg. do mesmo nome.

HISTORICO — Primitivamente a actual villa de Alagôa de Baixo, foi uma fazenda de criação, pertencente a Anto-Alves de Souza, que a houve por compra de um terreno de sesmaria, em 1782. Nessa fazenda, junto de sua residencia (cujo edificio hoje serve de Paço Municipal), elle erigiu uma capella, sob a invocação de N. S. da Conceicão, em 1810, á qual, depois de concluida, o edificador concedeu uma legua quadrada de terreno para patrimonio. Pouco a pouco, pessoas da familia de Antão e, mais tarde outras, vindas de logares differentes, iniciaram o povoamento do local. Foi erecta freg. pela lei provincial n. 93, de 4 de maio de 1842; incorporada ao termo de Cimbres e comarca do Brejo, pela de n. 111, de 2 de março de 1843; transferida sua séde para a capella filial de Geritacó, pela de n. 444, de 2 de junho de 1858, sendo restaurada pela de n. 639, de 3 de junho de 1865; elevada á villa pela lei n. 1093, de 24 de maio de 1873, foi installada a 29 de abril de 1878. Em 1881 teve fôro civil. Por acto do Governador do Estado, de 10 de junho de 1890, foi separada da comarca de Cimbres e classificada comarca de 1ª entrancia, sendo provida por decreto n. 578, de 18 de junho de 1890 e tendo, como seu 1º juiz de direito, que a installou, o Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti. Em virtude do art. 87 da Constituição do Estado e lei n. 52, de 3 de agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo em 23 de junho de 1893. Em 1902 recebeu a freg. d'Alagôa de Baixo a visita pastoral do diocesano D. Luiz R. da Silva Britto.

ORIGEM DE SUA DENOMINAÇÃO — Outr'ora existiu, junto á villa, uma lagôa, e a um kilom. acima desta, outra que ainda existe, ambas formadas pelo rio Moxotó, e a margem dir. do mesmo, as quaes, por sua situação, se conheciam por *Lagôa de Baixo* e *de Cima* ou, usando da prótese *alagoa* de baixo, etc., modo de dizer muito commum na voz popular. Neste facto assentava o nome da fazenda que constituiu, mais tarde, um nucleo de população.

POSIÇÃO ASTRONOMICA— Fica situada a 7° 35' de lat. austral e a 6° 4' de long. orient. do Rio.

DIMENSÕES DO TERRITORIO — De nascente a poente 84 kiloms. e de norte a sul 72 kilometros.

ASPECTO E NATUREZA DO SOLO—O solo é formado pela desaggregação de rochas (saibro), bastante pedregoso e cheio, aqui e alli, de blócos de granito; é ondulado de diversas elevações e mais erguido na parte septentrional do municipio.

CLIMA E SALUBRIDADE— Clima ameno, secco, temperatura branda, cuja média observada tem sido 25°, sendo raro

ver-se, na época mais quente, o thermometro accusar 34°. E' geralmente salubre o municipio.

LIMITES — Ao norte: com o mun. de Afogados de Ingazeira, pela serra do Jabitacá e o logar Queimadas, e com o de Flores pela serra do Prateado; ao oeste — com o ultimo mun., pelas serras da Torre das Lettras, Sitio e Brejinho; ao sul — com o mun. de Tacaratú, pela separação das aguas que correm para o rio Moxotó, e com o do Buique, desde o logar Poço da Cruz á foz do riacho do Mel, no rio Moxotó, e por elle acima até a fazenda Itapicurú, e com o de Cimbres pela separação das aguas dos rios Ypanema e Moxotó; a léste — com o mun. de Cimbres pelo sitio Cacimbinha; e ao nordeste — pelas serras de Itapicurú e do Páo d'Arco, e com o Estado da Parahyba, pela separação das aguas dos rios Moxotó e Parahyba do Norte, daquelle Estado.

DIVISÕES — O territorio contém sómente uma freguezia, cujo orago é Nossa Senhora da Conceição de Alagôa de Baixo; e 2 districtos administrativos, o da villa e o de Quitembú,

POPULAÇÃO — A população total é estimada em 9.000 habitantes.

TOPOGRAPHIA — A villa de Alagôa de Baixo, situada a 580 m. de altura sobre o nivel do mar, á marg. esq. do rio Moxotó, sobre uma elevação, compõe-se de uma só rua, na direcção nordeste a oeste, larga, contendo 90 casas, construidas de tijolos e cobertas de telhas, e abrigando uma população de 500 habitantes, pouco mais ou menos. Além da séde, existem no municipio, as povoações de *Quitimbú*, *Cupety*, *Sanambaia* e *Geritacó*, as quaes com excepção da segunda, que fica a sudoeste, todas as outras são ao poente. (Vid. cada uma.)

OROGRAPHIA — As principaes serras do mun. são: as de Jabitacá, que se ramifica pelo mun. de Ingazeira, com o nome de Carapuça, e outras; do Prateado, da Torre, das Lettras, do Brejinho, nas confinações com o mun. de Flores, do Itapicurú e do Páo d'Arco, nas divisas do mun. de Cimbres; da Velha-Chica e outras menos importantes.

HYDROGRAPHIA — O principal rio do mun. é o Moxotó, que nasce na serra do Jabitacá; são, porém, de pouca importancia os demais, que tem como affluentes: o do Mel, o Pinta, o da Custodia e o Barriguda.

PRODUCÇÕES — O terreno produz, em tempos regulares: os cereaes, mandioca, algodão, fumo, milho, feijão, etc. E' optimo para a criação do gado, e possue mais de 150 fazendas de criar. Exporta grande quantidade de bois, cavallos, burros, cabras, carneiros, etc.

CURIOSIDADES — Em algumas serras do mun., entre as quaes a de Jabitacá e a da *Velha-Chica*, existem hieroglyphos, inscripções e caracteres cuneiformes, gravados e pintados, com tinta indelevel, cuja origem é inteiramente desconhecida.

REINOS DA NATUREZA — No animal, entre outros, se podem notar: as onças pintada, vermelha e sussuarana, o veado, o tamanduá, caitetús, tatús, preás, mocós, macacos, cobras cascavél, salamandra, a rainha, a de veado e outras, a raposa, o gato do mato, etc. No reino vegetal, o imbuzeiro, a quixabeira, o joazeiro, a pitombeira, a jaboticabeira, a aroeira, a barauna, o angico, o pau d'arco, o cedro, a emburana, etc. No reino mineral encontra-se: o crystal de rocha, o ferro, sal gemma, giz de varias cores e o nitro ou salitre, podendo-se assignalar, entre os logares que teem sido observados, o sitio Selelê e o riacho do Barrigudo. Tambem, não longe das margens do Moxotó e affluentes deste, encontra-se rochedos negros e trigueiro-escuros. As partes destes, expostas ao ar, alteram-se muito. Achado um destes blocos, muito duros, ainda que desorganizados, tem-se uma amostra de oxydo de ferro magnetico, muito curiosa. Taes pedras attrahem o aço e os fragmentos de ferro, tanto como o iman. Este facto, além de referido por pessoas da localidade, o

engenheiro Dombre, em seu trabalho — *Viagens ao interior de Pernambuco* — do mesmo dá tambem o testemunho.

De Pesqueira á Alagôa de Baixo o rumo é 589° e de Alagôa de Baixo á Villa Bella o rumo é 284° 15'.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — A villa de Alagôa de Baixo fica a 67 kilms. da cidade de Pesqueira, a 208 kilms. ao sud-oeste do Brejo da Madre de Deus, e a 486 kilms. ao oeste do Recife, para onde a viagem é feita pela via-ferrea Central de Pernambuco, estação de Pesqueira.

ADIANTAMENTO MORAL — A instrucção no mun. é quasi nulla e muito longe está, do que se póde desejar, seu adiantamento moral.

Alagôa de João Carlos — *Logarejo* — No mun. de Taquaretinga.

Alagoôa da Pedra — *Logarejo*—Logar no mun. de Bom Conselho.

Alagôa de S. Pedro — *Logarejo* — No mun. de Ingazeira.

Alagôa das Pedras — *Logarejo* — No mun. de Granito.

Alagôa do Almeida — *Logarejo* — No mun. de Tracunhãem.

Alagôa do Curral—Fazenda no mun. do Buique.

Alagôa dos Cavallos— *Logarejo* — No mun. da Gloria do Goitá, a 12 kilms. da séde, á marg. da estrada de Limoeiro á Victoria e Gloria do Goitá. Ahi existe uma lagôa perenne e que dá a denominação ao logar.

Alagôa dos Cavallos — *Povoado* — No mun. do Exú, a 79 kilms. distante da villa, possue uma capellinha dedicada á Nossa Senhora da Conceição, e umas 50 casas.

Alagôa Grande — *Povoado* — Situado no mun. da Gloria de Goitá, á leste da séde, tem uma capellinha dedicada a N. S. do Rosario. Na igreja ha uma irmandade cujo compromisso foi approvado pelo bispo D. João Perdigão, em 25 de abril de 1859.

Alagôa Grande — *Logarejo*— No mun. de Leopoldina que se compõe de quatro fazendas de criação.

Alagôa Nova — *Logarejo* — No mun. de Bom Jardim.

Alagôa Secca — Vid. *Lagôa Secca*.

Alagoinha ou Lagoinha— *Logarejo* —No mun. do Buique, ao sul da séde, proximo da serra de D. Josepha e dos limites com o Estado de Alagôas.

Alagoinhas — *Povoação* — No mun. de Cimbres e ao sudoeste da cidade de Pesqueira, da qual está a 20 kilms.

HISTORIA — Foi fundada em 1805 por Gonçalo Antunes Bezerra. Seu nome provém de grande numero de pequenas lagôas que a cercam. Seu desenvolvimento tem sido mui lento, e, de certa época para cá, quasi estacionario. A lei n. 1048, de 12 de maio de 1879, creou-a freguezia, não tendo chegado a ser provida, nem installada canonicamente. A lei n. 1656, de 6 de junho de 1882, supprimiu essa freguezia, declarando que seu territorio continuaria a pertencer a Pesqueira.

ASPECTO E CLIMA — Está situada a povoação numa planicie encravada entre dous grandes lagedos e dous pequenos rochedos. O clima é frio e saudavel.

TOPOGRAPHIA — Compõe-se de 110 casas, soffrivelmente construidas e dispostas em duas ruas, comprehendendo, em seu ambito, uns 500 habitantes. Possue uma capellinha cujo orago é N. S. da Conceição, construida em 1863. Tem uma feira, que se reune nos dias de segunda-feira, na qual apparecem os generos de primeira necessidade, para o consumo da população; agencia do correio, escolas, etc. O logar tem boa agua, perfeitamente potavel, extrahida de grandes cisternas naturaes, que offerecem excellentes reservatorios de aguas destinadas ao consumo.

DIVISÃO—Alagoinhas se comprehende no 2° districto administrativo de Cimbres, formado pelo quarteirão de seu nome e o do Macaco, contendo uns 3.000 habitantes.

SERRAS—No territorio de seu districto estão as serras do Azevum e a do Bocú, ao sul do povoado; a do Gavião e Pitó, ao norte; a do Magé, ao nascente; e as do Socó, da Barra da Onça e da Pingadeira.

HYDROGRAPHIA—O rio Ypanema banha-lhe parte do territorio, de norte a sul; os riachos dos Bois do Cumbe, do Gavião e o do Salgado, ao norte; o do Magé, ao nascente, os quaes todos são affluentes do Ypanema. *Lagôas*, existem as seguintes: a de S. Francisco, a de Baixo, a de Cima, a do Perpery, a de S. Pedro e a do Cabello Amarrado. *Caldeirões*: o do Brejo e o do Lili.

AGRICULTURA E COMMERCIO—A agricultura naquella parte do mun. de Cimbres, é algum tanto animada, principalmente a do algodão; o commercio, porém, é pequeno.

CURIOSIDADES NATURAES—No logar Cacimbas, a 15 klms. de Alagoinhas, em um dos contrafortes da serra do Bocú, existe uma enorme pedra, á que os naturaes denominam—*Pedra Furada*, pelo furo consideravel que ella apresenta numa altura de 3,100 pés sobre a planicie, formando assim um tunnel de 3.500 p. de diametro, e 1.750 p. de raio, medindo toda a circumferencia 10.500 pés de comprimento. A área de circumferencia de tal pedra tunnel, dizem, alojaria um numero extraordinariamente grande de pessoas. Nas fachadas lateraes desta gigantesca pedra se encontram diversos animaes desenhados, como sejam elefantes, kágados, etc. tão bem talhados que bem demonstram cinzel de excellente artista. Diversos hieroglyphos de épocas incalculaveis, tambem se vêem, que bem dão indicios de um povo civilisado, que habitou o Brazil em tempos muito anteriores a seu descobrimento. A formação do tunnel combina certamente com a época da da pedra. Ainda ha de curioso, nesse povoado, seus grandes lagedos, que offerecem vistas imponentes.

Alagoinhas—*Logarejo*—No mun. da Gloria do Goitá.

Alagôa da Vacca—V. Lagôa da Vacca.

Alagôa Rasa—*Logarejo*—No mun. de Taquaretinga.

Alazão—*Riacho*—Corre na freg. do Salgueiro com pequena extensão de curso, sendo affluente do riacho Salgueiro.

Albuquerque—Eng. no mun. de Serinhãem.

Albuquerque—Eng. na freg. de Sant'Anna da Vicencia, mun. annexo ao de Nazareth.

Alcaparra—Eng. do mun. de Nazareth, o qual fica perto da linha ferrea do Limoeiro, ramal de Timbaúba.

Alcaparrinha—Eng. na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Aldeia—Eng. no mun. do Rio Formoso, com uma capella dedicada a S. José.

Aldeia—*Engenho*—Na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth, com uma capella dedicada a S. Miguel.

Aldeia—*Engenho*—No mun. de Páo d'Alho, ao norte, fundado em 1660 por Bartholomeu de Hollanda Cavalcanti, neto de Arnáu de Hollanda.

Aldeias de Indios—Segundo encontramos no livro manuscripto denominado *Descripção de Pernambuco*, de 1746 a 1758, mandado organisar pelo governador D. Marcos de Noronha, eram nesse tempo as aldeias de Pernambuco na região que comprehende o actual Estado, as seguintes:

Aldeia de N. S. da Escada, sita na freguezia de Ipojuca, de Caboclos da lingua geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de S. Felippe Nery.

Aldeia do Limoeiro, sita na freguezia de Santo Antonio de Tracunhãem, de Caboclos da lingua geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de São Felippe Nery.

Aldeia de Aratagui, sita na freguezia de Taquara, junto ao rio chamado Po-

poca, invocação de Nossa Senhora de Assumpção, de Caboclos da lingua geral, e o seu Missionario Religioso da Congregação de S. Felippe Nery.

Aldeia de S. Francisco, sita na ilha de Aracapá, dirigida por um missionario italiano; indios da tribu Carirís.

Aldeia de N. S. dos Remedios, sita na ilha do Pontal (Rio S. Francisco), dirigida por um missionario italiano religioso, franciscano; tribu Tapuya, Tamaguecios.

Aldeia do Siri, sita ao pé do rio do mesmo nome, na freg. de S. Lourenço de Tejucopapo, da invocação de S. Miguel, dirigida a missão por um religioso Carmelita da observancia. Nesta aldeia nasceu em 1601 D. Antonio Felippe Camarão.

Aldeia de S. Miguel de Una, sita na freg. deste nome, missionada por um religioso Carmelita da observancia; indios da lingua geral.

Aldeia da Alagôa, da serra de Communaty, da invocação de N. S. da Conceição, sob a missão de um missionario, sacerdote do habito de S. Pedro; — tribu Carijós.

Aldeia do Ararobá, o missionario um Religioso de S. Felippe Nery; tinha uma nação de Tapuyos Chucurús, com seiscentas e quarenta pessoas.

Aldeia dos Carijós, sita na Ribeira de Panema, logar da Lagôa, o seu missionario era sacerdote do habito de S. Pedro; indios Tapuias.

Aldeia do Macaco, foi missionario um sacerdote do habito de S. Pedro; indios Tapuyos Parapicós.

Aldeia do Bispo — Nome que teve, por algum tempo, a actual cidade da Boa Vista, depois da visita, em 1825, do bispo D. Thomaz de Noronha.

Aldeia Velha — *Povoado* — No mun. do Brejo, a 20 kiloms da séde.

Aldeia Velha — *Serra*—Situada ao poente da cidade de Pesqueira, e encravada no districto de Cimbres, mun. do mesmo nome, fica proxima do povoado *Olho d'Agua dos Bredos*, o qual está collocado entre ella e um serrote de pedras, bastante alto.

Aldeia Velha—*Riacho*—Nasce na serra de seu nome, tem pequeno curso e corre para o rio Ipojuca.

Aldeia Velha—*Riacho*—Nasce na freg. do Brejo da Madre de Deus e, depois de pequena extensão, derrama no rio Capibaribe pela marg. direita.

Aldeista — *Logarejo* — No mun. de Villa Bella.

Alecrim — Logar no mun. de Aguas-Bellas.

Alecrim — Engenhoca no mun. de Bezerros.

Alegre — *Logarejo* — No mun. de Bezerros.

Alegre — Pequeno logar no mun. de Petrolina, ao norte da séde e á margem do rio S. Francisco, distante cerca de 8 klms.

Alegre — Logarejo ao sul da freg. de Ouricory.

Alegrete — Logar no mun. de Bom-Jardim.

Alegrete—E' um pequeno logar do mun. de Agua-Preta.

Alegrete—*Logarejo* — No mun. de Ipojuca, ao sul da séde e a uns 15 kilms.

Alegria—*Engenho*—No mun. da Escada a 6 kilms. da séde.

Alegria — Vid. *Chá d'Alegria*.

Alegria—Eng. do mun. de Bom-Jardim.

Alegria — Logarejo no mun. de Barreiros.

Alegria — Eng. no mun. de Páo d'Alho.

Alegria — Engenho no mun. de Correntes.

Alexandria — Eng. no mun. de Bezerros.

Alexandria — Eng. no mun. de Palmares.

Algodão — *Povoação* — Foi antiga fazenda de criação, hoje forma, com algumas casas, um pequeno povoado á margem da estrada que conduz

á povoação de Vertentes e atravessa buscando o Estado da Parahyba. Fica entre aquella povoação e o logar Chéos, do mun. de Bom-Jardim, distando 5 klms. acima do riacho do Manso, que é a linha divisoria entre Taquaretinga e Bom-Jardim. Existe naquella parte, ás segundas-feiras, uma pequena feira que se reune com crescido numero de pessoas. Pertence ao mun. e freg. de Taquaretinga.

Algodão — Log. a 20 klms. a SO de Surubim.

Algodão — *Serrote* — Situado no mun. de Cabrobó, pouco acima da cidade deste nome.

Algodoaes — *Riacho* — Corre no mun. do Cabo e despeja no rio Suape. Tem as vertentes em terras do eng. Pitimbú.

Algodoaes — Eng. no mun. do Cabo, fundado por Miguel Paes, antes da invasão hollandeza, fica ao S da séde e tem uma capella dedicada a S. Francisco.

Algodões — Logarejo no mun. de Leopoldina, que se compõe de tres fazendas de criação.

Alliados — *Engenho* — No mun. de Nazareth.

Alliança — *Povoação* — Situada no mun. de Nazareth, ao norte da cidade deste nome, está a 15 klms. de Lagôa Secca ao nordeste, a cuja freg. pertence; fica no sopé d'um monte e á margem esquerda do rio Sirigy. E' um logar crescido, tem feira, commercio soffrivel, tendo em 1905 dez tavernas, quatro lojas e uma pharmacia, agencia do correio com mala diaria da capital, estação telegraphica, e a uns 3 klms. distante do povoado. Possue uma capellinha votada a Nossa Senhora das Dores e outra a Nossa Senhora do Rosario. A pequena distancia (3 klms.), a via-ferrea do Limoeiro, no ramal de Timbaúba, k. 97,244^{m} da estação do Brum, tem uma com o nome de Alliança, aberta ao trafego em 1887, a qual está a 68^{m} de altitude.

Almas — *Logarejo* — Consta de uma fazenda de gado e seis casas, pertencendo ao mun. de Leopoldina. Passam ahi os riachos Sanguesuga e Cacimba Nova, fazendo aquelle, nesse logar, barra no segundo riacho.

Almas — Pequena povoação a 10 klms. a léste da villa de Flores, a cujo mun. pertence. Possue uma capella dedicada a Santo Antonio.

Almas — *Riacho* — Nasce na freg. do Salgueiro e, correndo de léste para sudoeste, despeja na margem esquerda do rio Terra Nova.

Almécega — Eng. no mun. de Agua Preta. Ahi, em 23 de dezembro de 1848, os revoltosos praieiros combateram com as forças legaes, sendo o resultado favoravel ás armas destas.

Almeida — *Lagôa* — Situada ao oeste da cidade de Triumpho, em cujo municipio fica comprehendida.

Almirante — Eng. do mun. de Palmares situado a 18 klms. ao noroeste. Existe outro de igual nome na freg. da Vicencia.

Altinho — *Villa* — Séde do mun. e freg. do mesmo nome.

HISTORIA—Vivia em 1770 José Vieira de Mello, proprietario da fazenda Altinho, situada á margem do rio Una, o qual além de cidadão abastado tambem era homem assás religioso. Então deliberando fundar alli uma capella para ter mais perto de sua familia e do povo das cercanias o culto de sua religião, de facto, com a licença da autoridade ecclesiastica respectiva, por essa época erigiu uma capella sob a invocação de Nossa Senhora do O', dando-lhe como patrimonio 20 novilhos e um touro e meia legua de terra demarcada, como consta de escriptura publica. Mas esse patrimonio constituido, foi em duas terças partes usurpado e vendido pelos subsequentes administradores. Por algum tempo foi chamado o povoado que desde logo se formou no sitio, *povoação* da *Capella*, perdendo depois esta denominação pela primitiva *Altinho*

que era, como se disse, a da fazenda, e deriva o nome da situação sobre uma collina de elevação suave e de vista encantadora no alto da mesma. Foi creada parochia pela Lei Provincial n. 45 de 12 de junho de 1837, que desmembrou uma porção do territorio de Garanhuns para formal-a. Foi seu primeiro vigario o padre Agostinho Godoy e Vasconcellos. A Lei n. 139 de 6 de maio de 1845, restituiu ao termo de Garanhuns o terreno tomado, e a de n. 149 de 28 de maio de 1846 deixou em pleno vigor o disposto na anterior de n. 45. A Lei n. 277 de maio de 1851 uniu-a ao municipio de Caruarú. A de n. 508 de 29 de maio de 1861, desmembrou a povoação de Panellas, pelos limites do districto, para ser encorporada á Quipapá, de que posteriormente, pela lei n. 701 de 2 de junho de 1866, foi desannexada, para formar a freg. de Panellas. A Lei Provincial n. 1560, de 30 de maio de 1881, elevou á categoria de villa, e a Lei n. 1829 de 28 de junho de 1884, dividiu seu territorio em mais outra freguezia — de Santo Antonio de Bebedouro — a qual até hoje não foi provida canonicamente nem installada. A 23 de novembro de 1887 inaugurou-se o fôro deste mun. De accordo com a Constituição do Estado e a Lei n. 52 (da organisação dos Municipios) constituiu-se mun. autonomo em 1 de março de 1893, e em 1894 teve organização judiciaria independente da do mun. de Caruarú. Ahi em 1839, nasceu o Dr. Antonio Epaminondas de Barros Corrêa, Barão de Contendas, homem politico que teve em Pernambuco posição saliente, havendo sido 1° vice-presidente da Provincia, no governo monarchico, e vice-governador do Estado, na Republica, tendo sido apeiado do poder na deposição e morticinio do norite de 18 de dezembro de 1891; falleceu no eng. Amaragy em 13 de abril de 1905.

No fim do anno de 1901 appareceu nessa localidade o primeiro jornal, impresso em typographia propria, e denominando-se — *O Contemporaneo*, sob a direcção do P.e Zacharias de Lyra.

Situação astronomica — Está situada a 7° 5' 50" de lat. merid., e a 8° 28' de long. orient. do Rio de Janeiro.

Extensão — De norte a sul contém 30 klms. de extensão, e de nascente a poente 32 klms.

Aspecto e natureza do solo — O solo do municipio do Altinho mostra, ao norte e sul, ligeiras ondulações. Seus terrenos apresentam-se collocados entre duas zonas, a agricola e a da criação; esta, na parte que vai extremar com o mun. de Caruarú, e aquella do lado do Bonito, sendo região excellente a do Altinho, para a agricultura.

Clima e salubridade — O clima é frio e secco; até então, equiparado ao do mun. de S. Bento, para a cura das molestias das vias respiratorias, hoje é reputado como superior, por factos de experiencia. A salubridade local é geralmente bôa, não se conhecendo molestias endemicas.

Limites — Divide: ao norte com as freguezias de Caruarú, desde o Pico do Jardim, Serra dos Laços até á Ponta da mesma; e com S. Caetano, pelo logar Varzea Grande, Boa Vista, Pilé, Cavalcante, Boqueirão, Jussara, até Brejo do Buraco; ao sul com o mun. de Panellas, pelo riacho da Chata, e com parte do mun. do Bonito, pela barra do mesmo riacho, no rio Una, e pelo riacho Mentiroso; ao nascente, com o mun. de Bezerros, da Serra do Mendes á da Camaratuba, pelo alto da mesma; e ao poente com o mun. de S. Bento no povoado *Cachoeirinha*, que pertence a S. Bento.

Divisões — O mun. contém uma só freguezia, e, na divisão administrativa, possue dous districtos: o do Altinho e o de Bebedouro.

População — A população total do mun. reputa-se n'uns 16.000 habitantes.

Topographia — A villa do Altinho, séde do mun., está situada numa pequena elevação de terreno, á margem direita do rio Una, tendo um bello aspe-

cto, principalmente notado de longe, donde mais se lhe augmenta a graça e o bonito effeito produzido pela sua casaria, distribuida por uma grande praça, pela rua principal e outras de menos importancia. No centro da villa ergue-se a egreja parochial, dedicada a N. S. do O', templo vasto, espaçoso e de boa construcção, mas não concluido ainda, do qual, interiormente bem decorado, guarnecem a frente duas garbosas palmeiras que occupam o atrio. A pouca distancia, para o occidente, está a capellinha de N. S. do Rosario que, primitivamente foi a matriz da freguezia. N'uma extremidade do povoado fica o cemiterio, convenientemente murado, e com uma área capaz de receber, em sepulturas do subsolo, uns 500 cadaveres. A 2 klms., para menos, da villa, feito sobre o riacho Taquara, está o açude, de excellente agua potavel canalisada para a localidade. De 10 para 12 klms., longe d'ahi começam os brejos, terrenos excellentes para a cultura do café, do trigo, do linho e dos diversos fructos do Estado. Possue a villa, actualmente, 162 casas regulares; e, no perimetro que a compõe, contém approximadamente 1.300 habitantes. O Altinho está a 350^{m} de altitude.

Povoados — *Bebedouro*, a 18 klms. ao nordeste da séde; *Barra do Chata* a 24 kilometros a léste; *Cachoeira Grande*, capella de N. S. da Conceição, a 18 klms. ao poente; *Gamelleira*, ao poente e a 30 klms. distante; *Chata*, a 40 klms. ao poente tambem; e ao norte a 12 klms. fica o povoado *Cabelleira*. (Vid. esses povoados.)

Serras — As principaes do mun. são: a do Cabelleira, ao norte; da Mandioca, ao poente; da Japaranduba, ao sul; do Pico do Jardim, ao norte; dos Laços, do Saquinho e a Verde, tambem ao norte; da Camaratuba e do Mendes a léste; e, finalmente, as dos Quandús, Uruçú e Maxito, no districto de Bebedouro, ao norte do municipio.

Hydrographia — O rio Una é o mais notavel dos que banham a freguezia e municipio do Altinho, e faz elle seu curso alli na direcção — de poente a norte e de nascente a sul; tem as aguas salobras e corta a corrente pelo verão. Os riachos — Taquara, Chata, Cabelleira, Mentiroso, Prata e alguns outros são seus affluentes naquella região. *Lagôas*: a do Capim e a da Lage.

Producções — O algodão, a canna de assucar, utilisada por sete engenhocas de fazer rapaduras e de distillar aguardente; a mandioca, o milho, o feijão, o café (em pequena escala); o trigo e o linho, cujos ensaios de plantação têm dado os melhores resultados, são as principaes producções do municipio.

Industria, commercio e agricultura —A industria principal é a criação de gados— vaccum, cavallar, muar, ovelhum e cabrum, depois a agricultura, que é pouco desenvolvida, não obstante o solo fornecer-lhe elementos de prosperidade. Entre os officios, a que se entregam os habitantes, sobresahem: o de preparo de couros e seus artefactos, a fabricação da cal, a de rêdes e outros pannos grossos de algodão. O commercio consta das feiras dos povoados, e do da séde, e de varios estabelecimentos, que nelles existem, de molhados, fazendas, ferragens e miudezas.

Mineraes — A pedra calcarea existe abundantemente; de outros, porém, até aqui, não ha conhecimento, embora a probabilidade da existencia.

Vias de communicação— A communicação da villa por uma linha ferrea para Caruarú, que fica a 42 kloms., ao norte, ou para o Bonito que lhe demora 60 klms., ao sul, faria, de certo, do Altinho um dos bons municipios do Estado, pela sua situação entre a zona *agricola* (a do Bonito) e a da criação (Caruarú), sendo que, incontestavelmente, o futuro do Altinho assenta na construcção de um ramal que o ligue a

um daquelles dous pontos. Dista da capital 103 kloms., ao sudoeste, tendo communicação facil e frequente, embora por máos caminhos, com as cidades e villas de S. Bento, Panellas, Bom Conselho, Canhotinho, Bezerros, Brejo, Pesqueira e Garanhuns.

Altinho — Engenho no mun. de Agua-Preta.

Alto—Eng. no mun. de Agua-Preta ao NE da séde, á marg. da via ferrea, entre as estações Gamelleira e Cuyambuca, no kilom. 100.

Alto Alegre — *Engenho* — No mun. do Bonito, a 10 kiloms.

Alto da Balança— Logar nas divisas dos municipios do Brejo e Cimbres.

Alto da Boa Vista — *Logarejo* — no mun. de Bom Conselho, á pequena distancia da séde.

Alto do Araçá —*Serra*—Situada ao sul da povoação de Cimbres, antiga séde do mun. do mesmo nome.

Alto do Dionisio —*Logarejo*— No mun. de Bom-Jardim.

Alto Grande — Engenhoca no mun. de Bom-Conselho.

Alto Limpo — Fazenda na freg. de Bello Jardim á pouca distancia da séde parochial e ao sul.

Amanco — *Riacho* — Corre de occidente para oriente, no municipio e freguezia da Escada, despejando suas aguas no rio Ipojuca.

Amaragy— *Villa*—Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de S. José da Boa-Esperança.

Historia — Teve principio sua fundação em 1868, dando origem a mesma, principalmente, á creação de uma pequena feira alli, para commodidade dos lavradores dos engenhos proximos, de alguns senhores de engenhos, e mesmo de outras pessoas das circumvisinhanças. Nisto, augmentando o movimento da feira, surgiram alguns estabelecimentos commerciaes e após elles, pouco a pouco, outras habitações. Formou-se depressa um nucleo, fez-se a povoação, cresceu, e continuou a desenvolver-se sempre com prosperidade. E, chamada ao principio *Cambão Torto*, com a edificação de uma capella, votada a S. José da Boa-Esperança, os proprios habitantes do logar accordaram em denominal-o S. *José da Boa Esperança.* A Lei Provincial n. 1831, de 28 de junho de 1884, desmembrando terrenos da freguezia da Escada, creou nelles uma parochia, com a denominação da capella, dando-lhe como séde essa povoação; mas eclesiasticamente não teve logo sancção tal creação e continuou, como dantes, a ser considerada freguezia de N. S. da Apresentação da Escada, com a direcção do vigario desta. Em 1889, a Lei Provincial n. 2137, de 9 de novembro, deu-lhe a categoria de villa, ainda com a denominação adoptada, sendo aquella lei executada por força do Decreto do Gov. do Estado de 24 de setembro de 1890, o qual mudou o nome para *Amaragy*, designação proveniente de ser a povoação á margem do rio do mesmo nome. Posteriormente o Decreto de 22 de novembro do mesmo anno considerou os povoados *Cortez* e *Pedra Branca* pertencentes ao mun. de Amaragy, os quaes eram, o 1° do mun. do Bonito e o ultimo, do mun. da Victoria. Em 11 de outubro de 1890 realisou-se a inauguração do mun., que era termo reunido ao da Escada. Em 30 de setembro de 1892 foi feita a eleição que escolheu seus primeiros representantes, os quaes foram: Prefeito — Francisco da Rocha Pontual, Sub-Prefeito — José Barbosa da Silva Nunes. Concelho Municipal, membros — Etelmino de Almeida Bastos, Dr. Davino Pontual, Arthur de Siqueira Cavalcante, Commendador José Pereira d'Araujo e Manoel Brayner. De accôrdo com a Lei n. 52 de 3 de agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo, em 1 de janeiro de 1893. Teve provimento canonico, por acto do diocesano D. Luiz Raymundo da Silva

Britto, ficando desligada da freguezia da Escada, em maio de 1904.

Posição astronomica — Está a 8º e 26' de Lat. S e a 7º e 47' de Long. or. do Rio de Janeiro.

Dimensões do territorio—Sua extensão territorial é de 48 klms. quadrados.

Aspecto — O terreno é geralmente accidentado, cheio de mattas densas, de regatos e riachos perennes, que correm para o rio Ipojuca, para o Amaragy e para o Serinhãem.

Clima e salubridade — O clima é ameno e sadio, e a temperatura agradavel, principalmente nos mezes de agosto a dezembro. No inverno, porém, ás vezes, apparecem casos de febres intermittentes, sendo, ordinariamente, os acommettidos aquelles que se banham com imprudencia e sem o menor cuidado, nos rios do mun., cujas aguas são muito frias, em geral.

Limites — Confina: ao norte com os muns. da Victoria e Gravatá; ao nascente com o da Escada; ao sul com o de Gamelleira e ao poente com o do Bonito. A linha divisoria, que assignala os limites com os muns. acima, é a seguinte: com o do Bonito, no povoado Cortez, á marg. esq. do rio Serinhãem; com o de Gamelleira, pela demarcação do eng. Cortez, pelo rio Serinhãem, subindo por elle á barra do riacho Sangue e dahi, em linha recta, á serra dos Côcos, á casa de José Mumbuca; do mun. de Gravatá dirige-se a Pedra Redonda, na estrada de Amora, acima da casa de Joaquim Alves e desse ponto, na mesma direcção, até a beira do rio Amaragy, no marco das terras de Frexeiras; desse logar segue em linha recta ao engenho Bom-Conselho, á marg. dir. do rio Ipojuca (mun. da Victoria) e por elle desce até a Usina Cabeça de Negro (linha divisoria com o mun. da Escada), donde sempre respeitando os terrenos de Frexeiras, vai até á marg. dir. da linha ferrea do S. Francisco, subindo a chegar em Aripibú (cujos terrenos fazem a divisão com o mun. de Gamelleira), servindo sempre de limites com o mesmo mun. os engenhos Repouso, Caheté, Bamburral, Raiz de Fora, Raiz de Dentro, Raiz Nova, Refrigerio e a propriedade Laranjeiras a encontrar o engenho Cortêz, donde começou a divisão.

Divisões — O mun. divide-se em tres districtos: 1º Amaragy; 2º Primavera; e o 3º Cortêz.

População — A população total do municipio é calculada em 15.000 habitantes.

Topographia — A villa de Amaragy está situada á margem do rio que lhe empresta o nome, ao sul da cidade da Escada e a sudoeste da capital. Tem uma boa edificação, é logar prospero e commercial, possue uma excellente feira e tudo nelle, centro de muitos engenhos, induz a crer que, embora a via-ferrea do S. Francisco lhe passe a 15 klms. distante, será em breve um dos grandes nucleos de população, do Estado. Ha na localidade sómente a egreja de S. José da Boa-Esperança, que é a matriz, desde maio de 1904; existe um cemiterio publico, a cadeia, edificio particular e em más condições; tem uma agencia do correio, um gabinete de leitura, sociedades recreativas, e, em seus muros que podem comprehender umas 300 casas, uma população provavel de 2.000 habitantes.

Povoados — Existem quatro além do da villa: Primavera, ao norte, a marg. dir. do rio Ipojuca, com uma capella de Santo Antonio, distando 18 klms. da villa e com estrada de ferro. Aripibú, á léste, a 15 klms. e á marg. da linha ferrea do S. Francisco. Cortêz, em terreno elevado, ao sul, 24 klms. distante e á marg. do rio Serinhãem e da via-ferrea de Ribeirão ao Bonito. (Vid. esses povoados.)

Capellas—No territorio de Amaragy ha as seguintes capellas: Santo Antonio, no pov. Primavera; de N. S. do Rosario, na usina Cabeça de Negro; de S. Se-

bastião, no eng. Visgueiro; e de Santo Antonio, no eng. Amaragy.

PONTES — A de Primavera, sobre o rio Ipojuca, construida de madeira e com pilares de pedra, á custa e por iniciativa do Capitão Antonio de Lima Ribeiro; a de Bamburral, sobre o rio Amaragy; a de Cabeça de Negro, a de Frexeiras e a da via-ferrea que liga o povoado Primavera á estação de Frexeiras, na linha do S. Francisco.

OROGRAPHIA — As principaes serras são: a dos Amaragys, do Guloso, do Prata, da Amora, dos Côcos, da Batateira, do Cumbe e da Pixanana.

HYDROGRAPHIA — E' atravessado o municipio pelo rio Amaragy, cujas vertentes são na parte septentrional do mesmo municipio, no logar Macacos, tendo como affluentes, pela margem direita, os riachos: Entre-Montes, Floresta, Riachão do Norte, Papagaio, Guarany, Riachão, Raiz e Caxias; e pela margem esquerda: Cumbe, Amorinha, Pedras, Palmares, Garra, Tapuya, Beija-Flor, Ajudante e Riqueza; e pelo rio Ipojuca, que entra pelo norte, com a direcção sul, e depois segue, deste rumo, buscando o nordeste e correndo para o municipio da Escada, tendo banhado antes os povoados — Pedra Branca e Primavera. Ainda lhe regam o solo os riachos Mundo Novo, Caracituba, Batateira, Tapuyo, João Fernandes, Maria Clara, Aripibú, Uruçú-Mirim, Riachão, Rêde e Cabeça de Negro.

PRODUCÇÕES — A principal e abundante é a da canna de assucar; depois os cereaes, tendo o terreno a uberdade capaz de produzir tudo o mais quanto ha nas outras zonas do Estado.

COMMERCIO E AGRICULTURA — O commercio é bastante animado e desenvolvido, contando o municipio grande numero de casas commerciaes, das quaes se destacam algumas importantes. A agricultura é a principal fonte da riqueza local, e conta as usinas — Bosque, Bamburral e Cabeça de Negro, e os engenhos — Amaragy, Animoso, Amora, Amorinha, Aurora, Ajudante, Bom-Descanço, Conselho, Beija-Flôr, Batateira, Bondade, Caracituba, Contendas, Cahetê, Capivara, Cortez, Diogo, Entre-Montes, Extremoso, Floresta, Gyra-sol, Guloso, Guarany, Garra, Jaguarama, Maravilha, Mariquita, Monte-Pio, Nabuco, Ninho das Aguias, Não pensei, Opinioso, Pilões, Pedra Fina, Preferencia, Palmares, Republicano, Roseira, Rhinoceronte, Riqueza, Repouso, Raiz de Fóra, Raiz Nova, Raiz de Dentro, Riacho das Pedras, Riachão do Norte, Risco, Riachão, Refrigerio, Refrigerante, Santa Cruz, Sangue, Saudade, Sete Ranchos, Timorante, Tolerante, Teimoso, Tranquillidade, Tapuya, Villa Accioly e Visgueiro.

REINOS DA NATUREZA — Si existem mineraes no municipio, até aqui se tem ignorado. O reino vegetal é riquissimo e de pomposa vegetação alli, onde se encontra densas mattas, cheias de corpulentas e robustas arvores, e de pequenos e debeis arbustos, uteis umas e outros ao commercio, á medicina e ás artes. No reino animal são abundantes de caças as suas florestas.

VIAÇÃO — Communica-se com a capital pela estrada de ferro do S. Francisco, cuja estação mais proxima é a de Aripibú, e com esta pela Via-ferrea da Usina Santa Philonilla. Está a 112 klms. do Recife, a 60 do littoral, 35 da cidade da Escada e a 33 da cidade de Gamelleira.

ADIANTAMENTO MORAL — O municipio contém seis escolas publicas e tres particulares para o ensino primario e uma destinada ao ensino secundario.

CURIOSIDADES—A pedra da *Pixanana*, as cachoeiras do *Urubú* e da *Mariquita*, e ainda a colossal pedra, denominada do *Guloso*, em terras do engenho do mesmo nome, que realmente é uma admiravel curiosidade.

Amaragy — *Serra* — Corre no

mun. do mesmo nome, e, ramificando-se com outras, estende-se até o mun. da Escada, formando uma cordilheira com diversos nomes, como sejam—Matapiruma, Cachoeira Tapada, Uruçú, Manassú, etc.

Amaragy — Eng. do mun. do mesmo nome, a 6 klms. da séde.

Amaragy — Eng. no mun. de Gamelleira, ao norte e a 6 klms. da séde do mesmo municipio.

Amaragy—*Rio*—Nasce ao norte da villa a que dá nome, no logar Macacos, e, depois de banhal-a, com a direcção norte a sul, passa no povoado S. José da Demarcação, tendo banhado tambem os engs. Ajudante, Visgueiro, Maravilha, Caheté, Lages, Caxangá, Bom Despacho, Bastião, Amaragy de Agua, Amaragy a Vapor, Boa Vista e Duas Barras e vai ter sua foz no rio Serinhãem, no logar denominado Duas Barras, que pertence ao mun. de Gamelleira. São seus affluentes pela marg. direita os riachos: Entre-Montes, Floresta, Riachão do Norte, Papagaio, Guarany, Riachão, Raiz e Caxias; pela marg. esq.: Cumbe, Amorinha, Pedras, Palmares, Garra, Tapuya, Beija-Flor e Ajudante, todos esses no mun. de seu nome. No municipio de Gamelleira recebe os riachos— S. Gregorio, Aguas Claras, Ribeirão, Morto e outros menos importantes. A extensão do curso do rio Amaragy é de uns 60 klms. approximadamente. *Amaragy* é vocabulo tupy, significando—abundancia d'agua do céo —composta de *ama* — agua do céo ou chuva, e *raci* ou *ragy*—abundante.

Amaragy d'Agua—Eng. ao norte e a 6 klms. da cidade de Gamelleira, a cujo municipio pertence. Fica á marg. da linha ferrea do Recife á Palmares, entre as estações Ribeirão e Gamelleira, no klm. 90 e perto da usina Estrelliana.

Amarella— Logarejo— no mun. do Brejo, distr. de Jatobá, onde existem cinco fazendas de criar.

Amargoso — Logarejo no mun. do Bom-Conselho.

Amaro — Logarejo no mun. de Buique, de cuja cidade dista 27 klms., fica á margem do rio Ypanema, e tem uma feira.

Amaro — *Serra* — Situada no municipio do Brejo da Madre de Deus, junto á cidade d'este nome, forma com outras um cordão de serras, entre as quaes se nota a do Prata e das Tabocas. Sua altitude é de 1.223 metros.

Amazonas — Eng. no mun. de Ipojuca, a 11 klms. ao noroeste da séde, em linha recta.

Ambar (outros chamam *Ambre)* — *Rio* — Na ilha de Itamacará, entre os logares S. Paulo e Santa Cruz; dá-se aquelle nome tambem a uma das partes da ilha, para o sul da povoação do *Pilar*, onde aquella offerece uma bella vista, de arvores sempre virentes, e com um coqueiral extenso que se alonga pela praia povoada de habitações desalinhadas.

Ambolê — *Povoadinho*, na freg. da Varzea, onde a via ferrea Urbana do Caxangá, entre este povoado e o da Varzea, tem uma estação, no kil. 10,800^{m} da do Recife. Logar de edificação esparsa, mas boa, é dado, entre outros, como um dos arrabaldes saudaveis da capital. Ahi existe uma fonte d'agua ferrea.

Ambrosio —*Serra*— Fica situada no mun. de Floresta.

Ambrosio — *Riacho* — Nasce na serra de seu nome, no mun. de Floresta, e d'ahi corre para o rio Pajehú.

Ambrosio Machado — Antigo engenho do mun. do Recife, muitas vezes nomeado na historia do dominio hollandez. Era precisamente no logar, actualmente chamado Cordeiro, no sitio, porém, em que está a bomba grande da estrada de rodagem e pela qual passa a levada que vem do engenho do Meio, sob o nome de riacho *Cavouco*, indo este despejar no rio Capibaribe. J. de Vasconcellos, em suas *Datas Celebres*, se-

guindo F. da Gama, diz — que o engenho de Ambrosio Machado era no local em que está o povoado da Torre, quando ahi ficava, é certo, o engenho da Torre ou de Marcos André, segundo Laet, historiador hollandez; igualmente isso confirma a *Nobiliarchia Pernambucana* de A. V. B. da Fonseca, e tambem teve occasião de verificar em suas investigações, o finado Major José Domingues Codeceira, já em face de escripturas publicas, já de outros documentos de valor.

Amelia — Antigo forte ou reducto levantado pelos hollandezes a umas 200 braças, mais ou menos, da fortaleza das Cinco Pontas (Recife), no sitio presentemente que corresponde ao logar *Cabanga*.

Amelia — *Colonia* — (Vide Cova da Onça.)

Amisade — Eng. no mun. da Escada, a tres kilm. ao S. da séde.

Amolar — Eng. do mun. de Correntes.

Amolar — Eng. do mun. de Quipapá.

Amora — Serra situada no municipio de Amaragy.

Amora — *Riacho* — Nasce na serra do mesmo nome e regando os muns. de Amaragy e Gravatá vai despejar no rio Ipojuca.

Amora — Engenho situado no mun. de Amaragy, ao norte e a 18 kilms. da séde.

Amor da Patria — Eng. do mun. de Agua-Preta.

Amorim — Logarejo no mun. de Bom Conselho.

Amorinha — Logarejo no mun. de Amaragy.

Amorinha — *Riacho* — Nasce na serra da Amora, mun. de Amaragy, e, depois de 7 kilms. de curso, vai despejar, pela marg. esq., no rio Amaragy.

Amorinha — Eng. do mun. de Agua-Preta.

Amoroso — Eng. que existe, denominado assim, no mun. de Agua-Preta.

Amparo — Eng. na freg. de Itamaracá, com uma capella de invocação á Nossa Senhora.

Amparo — Eng. do mun. da Victoria, a 15 kilms. ao sul da séde.

Amparo — Na freg. e mun. de Itambé ha um engenho assim denominado.

Amparo — Eng proximo do povoado S. Vicente, do municipio de Timbaúba.

Amparo — *Riacho* — Nasce em terras do eng. Amparo, no mun. da Victoria e corre para o riacho Tapacurá, affluente do Capibaribe.

Andorinha — *Serra* — Fica no mun. do Buique, é bastante alta, forma um pico isolado, existindo nella abundantemente o sal de cozinha, salitre e o carvão de pedra, tudo inexplorado. Está a 24 klms., ao norte da cidade do Buique e é formada de *g. ez.*

Angelicas — *Povoação* — Na freguezia de Vicencia que é municipio annexo ao de Nazareth. Fica ao sudoeste daquella, donde dista 9 klms, por máos caminhos, no inverno; possue uma capella, dedicada á Nossa Senhora do Rosario, com 60 braças de frente e 300 de fundos, antiga e mal construida, com um patrimonio de 100 braças de terra, e um cemiterio erigido pela munificencia popular. Tem uma feira semanal, pequeno commercio que, em 1904, se compunha de quatro lojas de fazendas, 10 tavernas e uma botica. Ha na localidade ainda uma agencia de correio, e se communica com a capital pela via-ferrea do Limoeiro, a partir da estação da cidade de Nazareth.

Angelim — *Povoação* — Pertence ao municipio de Garanhuns, de cuja séde está a 28 klms. a léste. Ahi existe uma estação da via-ferrea Sul de Pernambuco, aberta ao serviço publico em 19 de julho de 1885, entre as de S. João e Canhotinho, no lado meri-

dional da linha, e distante da inicial de Palmares 118 klms. 060. Tem o local a altitude de 647^{m},300^{m}. E' uma povoação nascente e prospera, sobre um plano inclinado, podendo conter umas 60 casas edificadas todas depois do estabelecimento da estrada de ferro. Actualmente tem sido muito recommendada como um ponto bastante saudavel e capaz de curar os doentes de varias affecções, entre ellas, das vias respiratorias, dos rins, do figado e de febres. O clima alli é frio e secco, e a agua potavel é magnificamente boa.

Angelim — *Riacho* — Corre no mun. de Bezerros, onde desagua no rio Ipojuca pela margem esquerda.

Angelim — Eng. do mun. do Rio Formoso.

Angico — Logar do municipio de Villa Bella.

Angico —Eng. que tem esse nome no mun. do Rio Formoso.

Angico Torto — *Riacho* — No municipio de Flores, corre para o rio Pajehú.

Angú — *Riacho* — Corre no mun. de Tacaratú e desagua no rio S. Francisco, proximo do povoado S. Pedro da Varzea Redonda.

Angú — *Lagôa* —No municipio do Brejo, proxima á serra do Jacarará, lado occidental desta. Dahi nasce o rio Canhoto, um dos primeiros affluentes do Capibaribe, o qual, dividindo o municipio de Cimbres do do Brejo, na fazenda do Canhoto, encontra com o Capibaribe, que vem, com igual extensão, mais de cima, da lagôa da Estaca.

Angustias — Eng. situado ao oeste da freg. da Vicencia, que é municipio reunido ao de Nazareth. Possue uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Angustias.

Anhumas — Eng. do mun. de Gamelleira, a 9 kilms. a oeste da cidade deste nome, a qual é a séde do municipio.

Aninga — Engenho na freg. de Cruangy, mun. de Timbaúba, a 7 klms. a léste.

Aningas — *Lagôa* — Em terras do eng. Pedregulho, mun. de Itambé.

Animoso — *Logarejo* — No mun. de Amaragy.

Anjo — Eng. situado no mun. de Serinhãem, a 6 kims. da séde, com uma capella dedicada a S. Gonçalo de Amarantho. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Sebastião Vaz Fernandes, sob a invocação de Todos os Santos. A'quelle, por morte, succedeu Francisco Fernandes Anjo, do sobrenome do qual tomou a denominação *Anjo*.

Anna Bezerra — *Ilha* — Vide JOANNA BEZERRA. Erradamente tem figurado com aquella denominação, nas cartas topographicas da cidade do Recife.

Anna Vaz — *Engenho* — No mun. da Victoria, a 10 klms. ao norte da séde.

Antão — *Monte* — No mun. do rio Formoso. Neste lugar encontra-se grande quantidade de crystal de rocha.

Antas — Eng. no mun. de Gamelleira, situado ao oeste e a 12 kims. distante da séde, com uma capella dedicada a Sant'Anna.

Antas — Eng. no mun. da Gloria de Goitá.

Antas — *Serra* — Proxima á cidade de Garanhuns e ao sul desta.

Antonico — *Riacho* — Nasce na serra da Colonia e depois de 24 kims. de curso, no mun. de Flores, despeja no rio Pajehú.

Antonico — *Logarejo* — No distr. de Sitios Novos, mun. de Ouricory.

Antonio Gonçalves—*Serrota* —Fica situada no mun. do Altinho.

Antonio Olyntho—Estação da E. F. C. de Pernambuco, inaugurada em 25 de dezembro de 1895. Está situada no klm. 180,565 m. de altitude, distando da villa de Bello Jardim 15 klms., 41 de Caruarú e 19 de S. Caetano da Raposa. E' ao presente um povoado nascente.

Antonio Vaz — *Ilha* — Antiga

denominação do bairro insular da cidade do Recife, hoje sob os nomes de bairros de Santo Antonio e S. José, era em 1630 occupada apenas pelo convento ainda existente de S. Francisco e algumas casas alinhadas na praia. Todo o resto não passava de um vasto pantano coberto pelas marés e do qual emergiam algumas ilhotas. A mais importante destas ultimas estava comprehendida entre a fortaleza das Cinco Pontas, o convento do Carmo e o jardim do largo do palacio do Governo; era cortada em duas por uma cambôa que entrava do lado do Lyceu de Artes e Officios, passava pelo pateo de S. Pedro e penetrava até a igreja de Santa Rita, a pequena distancia da praia. Uma outra pequena ilhota, de 1^{m},10 de altura, apparecia ao sul da fortaleza das Cinco Pontas. Quando os hollandezes se apoderaram da ilha de Antonio Vaz levantaram o forte Ernestus em volta do convento e o forte Frederik-Hendrik no local da actual fortaleza das Cinco Pontas; estabeleceram ainda alguns reductos do lado do continente e hornavecques contra a mencionada cambôa ao sul do forte Ernestus. Pouco tempo depois da chegada de Mauricio de Nassau foram construidas numerosas habitações ao abrigo deste ultimo forte; em breve ellas se estenderam até o forte Frederick-Hendrick e constituiram uma cidade populosa e commercial chamada *Mauritsstad* ou *Mauricéa* do nome do seu fundador. A parte mais antiga desta cidade tinha como centro a praça do mercado, hoje praça da Independencia; o seu desenvolvimento se fez em direcção ao sul e em pouco tempo ruas bem alinhadas cortaram os terrenos pantanosos, que separavam os fortes Ernestus e Frederick-Hendrick, cujos lotes eram vendidos aos interessados, por elevados preços, pela Companhia das Indias Occidentaes. Afim de assegurar á Mauritsstad condições normaes de existencia, os hollandezes, recordando o exemplo da mãe patria, sanearam o solo, abrindo differentes canaes; o mais importante, com cerca de 30 metros de largura na bocca, foi cavado entre o forte Frederick-Hendrick e a actual igreja do Rosario, seguindo um alinhamento recto, passando pelo lado occidental das ruas Domingos Theotonio, da Assumpção, da Penha e do Livramento; communicava com o rio Capibaribe por um outro canal que se lhe entroncava atraz da igreja do Livramento e terminava proximo á extremidade actual da ponte da Bôa Vista, limite dos terrenos baixos da ilha de Antonio Vaz; emfim um terceiro canal, que desembocava no local que foi Arsenal de Guerra o ligava ao porto. Estes canaes, além da vantagem de drenar a cidade, forneciam o aterro para elevar o solo e eram provavelmente tambem destinados a servir de vias navegaveis no genero das que se encontram em tão grande abundancia em todos os portos hollandezes. Uma trincheira, com fossos e estacadas, fechava a cidade do lado do continente e seguia um alinhamento quebrado, partindo da fortaleza das Cinco Pontas, passando pela igreja do Terço, rua das Trincheiras, matriz de Santo Antonio e terminando no convento de S. Francisco ou forte Ernestus; os tres bastiões deste entrincheiramento estavam situados, o primeiro entre a igreja do Terço e rua Visconde de Suassuna, o segundo na entrada do ultimo becco do lado norte da mesma rua Visconde de Suassuna, e o terceiro ao lado da matriz de Santo Antonio. As ruas antigas correspondem bem ás actuaes que têm por centro a praça da Independencia; mas, o mesmo não succede com as ruas situadas mais ao sul. A explicação desta apparente anomalia parece facil. Com effeito é quasi certo que as divisões da cidade desenhadas nas antigas plantas não representam construcções realmente feitas, mas sómente os projectos de alinhamentos do architecto Post, projectos que, como tantos outros, ainda nos nossos dias, foram modificados no decurso da

execução. A direcção de algumas das velhas ruas ainda existentes, como as de São José e do Nogueira, corrobora esta hypothese. Outrosim é sabido que os hollandezes, quando bloqueados pelos portuguezes, foram obrigados, pela exigencia de sua defesa, a demolir elles proprios uma grande parte da cidade, que haviam edificado. Não é, pois, de admirar que, ao ser ulteriormente reconstruida a cidade, não se tenha observado em rigor a planta primitiva. Fóra do recinto da cidade e do lado do Norte, um pouco atraz do local do actual palacio do Governo, se elevava o palacio construido por Mauricio de Nassau e denominado *Vrijburch*. Era um bello edificio com duas grandes torres, uma das ques servia de pharol e era avistada de 5 a 6 milhas, no mar (Nieuhof, p. 18); cercavam-no jardins e dependencias que se acham representadas em grande escala numa das estampas da obra de Barlaeus; considerações estrategicas determinaram a sua demolição por occasião do assedio da cidade em 1645 (Nieuhof, p. 139). Os terrenos pantanosos que se estendiam ao lado do palacio de Vrijburch, foram encorporados ao dominio do Governador e transformados em pomares por meio dum dique que passava approximadamente pelo meio da actual ponte de Santa Izabel. Foi para ali que o Conde Mauricio de Nassau, conforme a narração do seu panegyrista Barlaeus (p. 114), transplantou 700 coqueiros que fizera trazer de tres ou quatro leguas de distancia; tinham já de 70 a 80 annos de idade e a altura dos seus troncos variava de 10 a 15 metros; este detalhe é tanto mais curioso quanto, desde o primeiro anno, o producto da venda dos côcos se elevou a nada menos de 8 reichsthalers por pé, tão habilmente fôra feita a transplantação. Do lado Oeste de Mauritsstad, entre a actual Casa de Detenção e os edificios visinhos, achava-se o palacio da Bôa Vista, propriedade de Mauricio de Nassau; dava-lhe accesso um pequeno dique que terminava nas fortificações da cidade, perto do Pateo do Carmo. Para o Sul, um dique de mais de dous kilometros de comprimento, com fôsso do lado do continente, ligava o forte Frederick-Hendrick ao bairro de Afogados; a rua Oitenta e Nove assenta sobre este aterro. Atraz do forte Frederick-Hendrick, a praia se estendia, muito mais longe do que hoje em direcção ao recife de pedra. Para garantir o forte contra qualquer surpreza do inimigo, prolongaram-no até dentro dagua por meio de dous grandes hornavecques e do reducto Amelia ou Aemilia. (Extr. V. Fournier.)

Aparo — *Riacho* — Nasce no logar Tahó, e, correndo no mun. de Limoeiro, vai despejar no rio Capibaribe junto do logarejo denominado Picada.

Apipucos — *Povoação* — Situada no mun. do capital, freg. de N. S. da Saude do Poço da Panella, ao oeste e a 8k,777m. da cidade do Recife, donde demora 50m. de viagem pela estrada de ferro urbana denominada do Caxangá. E' banhada pelo rio Capibaribe, assentada em terreno desegual, e tem uma capella, dedicada a N. S. das Dores. E' um aprazivel arrabalde do Recife, com excellente casaria, clima ameno e agradavel e procurado bastante, principalmente, na estação calmosa e pelas festas do Natal, como moradia de recreio e passatempo. O nome de Apipucos procede do engenho que alli existiu.

Historia — Diz o Dr. Pereira da Costa: « Em sua origem as terras de Apipucos faziam parte do engenho S. Pantaleão, que depois tomou o nome de Monteiro, e em 1577 constituiam um partido de plantação de cannas pertencente ao colono André Gonçalves, — com todos os seus cannaviaes e mattas, — como se vê de uma escriptura de venda do referido engenho lavrada em 5 de dezembro do mencionado anno. Vê-se, pois, que em 1577 já eram povoadas e cultivadas as terras de Apipucos, fazendo a moagem de suas plantações

de cannas no engenho do Monteiro. Posteriormente foram as suas terras desmembradas daquella propriedade e fundou-se um engenho que tomou o nome da localidade, o qual já existia em 1593 e pertencia a Leonardo Pereira, como consta dos autos de um pleito judiciario que houve entre este e o proprietario do engenho Monteiro, sobre os limites extremos das duas propriedades. Depois passou o engenho de Apipucos a pertencer a D. Jeronyma de Almeida, e em 1630 era seu proprietario o conhecido colono Gaspar de Mendonça; e referindo o nosso chronista Manoel Calado um facto que se deu com elle em Olinda, naquelle anno, chama-o: — *um homem honrado, senhor do engenho dos Apipucos, e sua povoação.* Em 1645 já existia a capella do engenho, sob a invocação de N. S. da Madre de Deus, a qual ainda campêa no proprio local, si bem que, com uma feição toda moderna. Muito soffreu a localidade com a invasão dos hollandezes. Em 1645 saquearam a capella e quebraram as suas imagens. Ainda no mesmo anno, em 15 de agosto, cahiram de novo sobre a povoação, saquearam-na completamente, e conduziram todo o gado do engenho, e os escravos e cavallos dos moradores para a Casa Forte onde estavam acampados. Durante o periodo da guerra da Restauração, que rompeu naquelle anno, ficou o engenho completamente abandonado; mas terminada a campanha, foi a fabrica reparada, recomeçaram os trabalhos da agricultura, desenvolveu-se a povoação, a capella tornou ao seu antigo esplendor, e em 1666 já era bem prospero o estado da fazenda, graças ás diligencias do seu proprietario Christovão Paes de Mendonça, filho do velho Gaspar de Mendonça. Em 1687 pertencia o engenho a Luiz de Mendonça Cabral, que por escriptura de 3 de fevereiro vinculou 200$000 da renda da fabrica, applicando os seus juros em favor da capella de Sant'Anna do Collegio do Jesuitas, de Olinda. De fins do seculo XVIII por diante, datando, talvez, do tempo do seu proprietario o capitão-mór João do Rego Barros, foi o engenho decahindo, ao passo que a localidade se desenvolvia em população e edificações, até que foi de todo abandonado; e apezar de decorridos tão dilatados annos, restam ainda alguns vestigios do engenho, que era situado á margem esquerda do rio Capibaribe, que banha a povoação, a senzala, e principalmente a capella, que é hoje do dominio publico.» Em 30 de novembro de 1849 houve, nesse logar, um tiroteio entre as forças legaes e os revoltosos praieiros, morrendo destes 20, e sendo feridos 115, e da parte das forças do governo houve 15 mortos e 35 feridos. *Apipucos* é um vocabulo guarany que significa, — segundo o padre Ruiz Montoya: — cabeça larga — de *api* — cabeça — *pucu* — larga. Diz Theodoro Sampaio, em seu trabalho o *Tupy na Geographia Nacional* — *Apipucos* — caminho ou vereda longa de — *ape* — caminho — e *pucu* longo; ou corruptela de apé — puc — o caminho que se divide ou se parte, encruzilhado.

Apique — *Serra* — Situada no mun. do Limoeiro a uns 18 klms. ao oeste da cidade deste nome.

Apody — Eng. no mun. d'Agua-Preta.

Apolinaria — *Lagôa* — Fica no mun. de Cimbres, na parte septentrional.

Apolinario — Fazenda de criar no mun. do Brejo, distr. da cidade.

Apuá — *Riacho* — Nasce, corre e desagua no Capibaribe. em terras do engenho do mesmo nome, no mun. de Páo d'Alho.

Apuá — Eng. no mun. de Páo d'Alho. Tem uma capella dedicada á N. S. do Bom Successo, erigida em 1739, pelo capitão-mór Christovam de Hollanda Cavalcante, descendente de Arnáu de Hollanda. Dista da séde

24 kils. a oeste, e está situado á margem esquerda do rio Capibaribe.

Ar — *Serra* — Situada no mun. de Bezerros, ao sul. E' tambem denominada do Sapato.

Arabary — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho. Tem como affluentes os riachos: Chiqueiro, Taquary e Cassiano. Arabary — vocabulo tupy, significa — baratinha, peixinho, corruptela *alambary*, é pois *Arabary* — rio das baratas. (Theodoro Sampaio.)

Aracajú — Engenho situado no mun. de Agua Preta. Vocab. indig. significa — logar abundante de cajús.

Aracapá — *Ilha* — No rio São Francisco, entre este Estado e o da Bahia, na altura do mun. de Cabrobó, e proxima das altissimas cachoeiras de Emburana e Desataca Calção. Fica situada em frente ao riacho da Brigida. « Primitivamente foi uma aldeia de indios Cariris, da qual se encontram noticias positivas da sua existencia já em 1674, como se vê de uma patente passada pelo Visconde de Barbacena, governador geral do Brazil, em 29 de agosto daquelle anno, conferindo ao indio Thomé de Urará o posto de *Capitão dos Cariris da Ilha de Aracapá*. Em 1724 era esta aldeia dirigida por missionarios capuchinhos, como consta de uma carta do vice-rei do Brazil, Vasco Fernandes Cezar de Menezes, dirigida em 14 de novembro daquelle anno ao *Padre Frei Apolinario, capuchinho missionario da Aldeia de Aracapá*, sobre negocios da mesma aldeia, conforme se vê do competente registro. Em meiados do seculo XVIII ainda existia a — Aldeia de Aracapá, de indios da nação Cariris, e pertencia ao termo do sertão de Cabrobó, — em Pernambuco, como refere D. Domingos de Loreto Couto na sua obra — *Desaggravos do Brazil e glorias de Pernambuco.* » (P. C.)

Araçá — *Logarejo* — No mun. de Timbaúba.

Araçá — *Serra* — Situada ao nordéste da villa do Bello Jardim; pertence á freg. deste nome, mun. do Brejo.

Araçá — *Serra* — Situada ao sul da povoação de Cimbres, antiga séde do municipio d'este nome.

Araçá — *Serra* — Situada na parte meridional do mun. da Victoria.

Araguaba — Eng. do mun. de Barreiros. Tem uma capella dedicada á Sant'Anna.

Araguary — Eng. que existe no mun. de Barreiros com esta denominação. E' vocabulo indigena. *Araguary*, rio do valle dos Papagaios (T. Sampaio).

Arandú — *Riacho* — Tem suas vertentes em terras do engenho Arandú de Cima e, correndo de norte para o sul, no mun. da Victoria, desagua no rio Pirapama, terras do engenho Cachoeira.

Arandú — Eng. do mun. da Victoria, onde existe uma Capella de N. S. da Conceição.

Arandú — *Engenho* — No mun. da Escada a 10 klms. da séde.

Arandú de Baixo — Engenho — No mun. da Victoria a 15 klms. ao sul da séde.

Arandú de Cima — Outro engenho assim denominado no mun. da Victoria.

Arapuá — *Serra* — Situada no mun. de Floresta. E' voc. tupy e segundo Th. Sampaio, significa, mel redondo ou ninho de abelhas—corr. de *ira apua*.

Arapuá — *Logarejo* — Ao sul no mun. Brejo.

Araquara — *Engenho* — No mun. de Serinhãem, fundado antes da invasão hollandeza por Vicente Campello que foi preso e remettido para Hollanda, sendo confiscada sua propriedade.

Araquara — *Riacho* — Tem suas vertentes nas mattas do engenho Jerusalém do mun. de Serinhãem, e, seguindo a direcção sul pelas extremas do de Gamelleira, vae despejar no rio Serinhãem. Voc. indigena, significa *couto de aves*. de *ará*—ave e *coara*—buraco, asylo.

Arara—*Logarejo* —No mun. do Limoeiro.

Arara—Eng. no mun. do Pau d'Alho.

Arara—*Logarejo*— No mun. do Brejo.

Arara—Fazenda de gado, no mun. de Cimbres, a 10 kilms. ao norte do povoado *Olho d'Agua dos Brêdos*, é digna de menção pela curiosidade que alli existe,—um grande lagedo contendo tres caldeirões, banhado o mesmo por tres lagôas e tendo no lado occidental uma inscripção. No mun. do Brejo existem tres fasendas de iguaes nomes.

Arara — *Lagôa* — Collocada no mun. de Cimbres.

Arara—*Riacho*—Nasce na fazenda de seu nome, mun. do Limoeiro e derrama no Capibaribe.

Arara—*Riacho*—Nasce no mun. de Ingazeira e derrama no Rio Pajehú.

Araras — Cordilheira de serras, com esta denominação, e de pouca elevação, as quaes correm no mun. de Granito.

Arariba—*Riacho* — Nasce, corre com pequeno curso, no territorio do mun. do Cabo, e desagua no rio Pirapama. *Arariba*, vocabulo tupy, formado de arará, formiga alada, tambem chamada irará e iba ou yta, arvore; portanto—*formiga de arvore*.

Arariba de Baixo—Eng. do mun. do Cabo, possue uma capella com a invocação de Jesus, Maria e José.

Arariba de Cima—Eng. do mun. do Cabo, situado ao oeste.

Arariba de Pedra—Engenho assim denominado, no mun. do Cabo. Foi no periodo da invasão hollandeza de Nuno Camello de Sá, um dos troncos dos Sás de Ipojuca, e um dos primeiros proprietarios desse engenho, segundo affirma a nobiliarchia pernambucana de A. V. Borges da Fonseca.

Araripe—*Povoação*—Distante 42 klms. da villa do Exú, a cujo mun. pertence, tem uma capellinha dedicada a S. João Baptista.

Araripe—*Grande Serra*—Parece ser um ramo da cordilheira circular de Ibiapaba, e faz a linha divisoria de separação natural entre este Estado, o do Ceará e parte do do Piauhy, por uma extensão approximada de 240 klms. Attinge aos municipios de Ouricory, onde occupa a amplitude de 60 klms., do Exú, de Granito e de Salgueiro, por um terreno alto, especie de *plateau*, com declives mais ou menos ligeiros, que por vezes suspendem sua continuidade, tomando aqui e alli diversos nomes entre os quaes de S. Gonçalo, de Serra Branca, de Santo Antonio, etc. N'essa região aquelles municipios concentram toda sua força agricola, avultando a plantação da mandioca, o cultivo da canna e, em pequena escala, o do café. Sobre esta gigantesca serra encontra-se não menos de 700 fabricas de farinha e, em suas fraldas, grande numero de engenhocas. A sua altitude na parte comprehendida no mun. de Ouricory, é de 1,020 m., sendo mais elevada em outros pontos. A serra do Araripe, pelo lado occidental, encadeia-se com o systema que corre parallelo ao São Francisco; a oesnoroeste com a montanha de Ibiapaba (no Ceará); e á léste no Baixio das Bestas (a 60 klms. da cidade do Jardim, no Estado do Ceará) e vai encontrar a Borburema que se prende á cadeia que costêa o mar. Na eminencia d'essa serra existe, digna de menção, uma pedra curiosa, com a fórma pyramidal perto da qual fica uma pedreira, cuja vista desperta na imaginação o aspecto de um grande edificio vetusto e em ruinas, á qual chama o povo *Sobradinho*. E' deserto, sem uma habitação o cimo da serra, e este facto, tão extraordinario n'uma chapada de uns 48 klms., explicam os naturaes das regiões circumvisinhas ser devido á falta d'agua alli, porque esta, se infiltrando no terreno permeavel, vai formar nos baixios fontes perennes que fertilisam todos os logares adjacentes. N'aquellas paragens, das alturas,

do Araripe, é surprehendente o quadro que se desenrola aos olhos do observador; e, para elle, no horisonte vastissimo que parece-lhe intérmino e cheio de todos os matizes, as scenas da natureza teem uma perspectiva tão bella que não se descreve. Disposto em pequenas e grandes camadas, o calcareo existe abundantemente n'aquella serra e ainda, nos terrenos proximos, se encontram ossadas de mamiferos, cujas familias já desappareceram, e depositos de peixes fosseis. Tambem a base do Araripe contém muitas estratificações calcareas, grandes lages que apparecem nas escavações produzidas pelas aguas torrenciaes confundidas com diversas formações de *greda*, de *tauá*, de *tabatinga*, jazidas de *antracita*, de madeira. *Araripe*—diz Theodoro Sampaio, —em seu livro O *Tupy* na *Geographia Nacional*—corruptela de *ara*-r-y-pe; ara-ar, nascer, surgir, y-agua, rio; pe posposição equivalente a *ema* ou *no*, portanto ao nascer dos rios o mesmo que serra das *nascentes* ou das *cabeceiras*.

Araripe de Baixo—*Engenho*—No mun. de Iguarassú.

Araripe de Cima—*Engenho*—No mun. de Iguarassú, possue uma capella sob a invocação do E. Santo; foi fundado antes da invasão hollandesa, por Gonçalo Novo de Lyra.

Araripe do Meio — *Engenho* situado em territorio do mun. de Iguarassú, tem uma capella sob a invocação do Senhor Bom Jesus, erigida em 1705.

Ararobá—Antiga freguezia e povoação de Santo Antonio. A maior parte do terreno desta freguezia foi doada pelo governo desta capitania Fernão de Souza Coitinho, por carta de sesmaria passada na villa de Olinda aos 23 de dezembro de 1671, a favor de Bernardo Vieira, Antonio Pinto e Manoel Vieira de Lemos, cuja doação constava de vinte leguas de terra na parte comprehendida entre as serras do Opi, ou Japy, junto ao riacho Lima correndo para o sul até a serra do Bucú, e da barra do mesmo riacho Lima correndo pelo rio Ipojuca acima de uma banda e da outra até a serra do Tacaeté; comprehendendo, actualmente, este terreno, parte do territorio das comarcas Garanhuns, Brejo da Madre de Deus e Bonito.

Esta freguezia já foi mui importante, e em 1760 ainda tinha um commandante, vigario, tabellião do publico de notas, e outras autoridades, e neste mesmo anno de 1760 foram os seus dizimos arrematados por 600$000, impulso esse devido ás grandes povoações e estradas que fazia o então proprietario, capitão Antonio Vieira de Mello.

Ararobá — *Serra* — No mun. de Cimbres, mais conhecida pelo nome de *Ororobá* (Vide), o qual, indigena, significa, — *dia no olho das arvores*, e, segundo outros —, *renovo das arvores*.

Araruna — *Engenho* — No mun. de Agua Preta. Vocab. tupy sign. *Ave negra*.

Arassú — Eng. no mun. de Barreiros, a 48 klms. da séde, tem uma capellinha.

Arassuagy—Eng. do mun. do Cabo.

Arataca — *Logarejo* — No mun. de Goyanna á margem da estrada de rodagem, dista dous klms. da séde. *Arataca* é nome *tupy*; significa armadilha para as aves — vem de arara — tac — colher batendo com rumor, apanhar desabando sobre.

Arataca — *Riacho* — Nasce das mattas do engenho Bu, e, correndo pela freg. de Tejucupapo, mun. de Goyanna, atravessa a estrada de rodagem do norte, que vai a Itambé, tendo alli uma ponte de madeira. Derrama no rio Itapirema.

Aratangil — *Riacho* que corre no mun. de Serinhãem e despeja no rio desse nome.

Aratangil — Eng. do mun. de Serinhãem, situado ao norte da séde.

Foi fundado antes da invasão hol-

landeza, sob a invocação de Nossa Senhora da Escada, por Miguel Ferreira de Sá.

Aratangy—Eng. no mun. de São Lourenço da Matta, freg. da Luz, situado ao norte da povoação d'este nome.

Aratangy — *Riacho* — Nasce na freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, ao norte da povoação da Luz, e correndo de sul para norte, passa nas divisas desta freguezia com a da Gloria de Goitá, indo depois despejar no riacho Goitá, affluente do rio Capibaribe.

Araticum—*Logarejo*—do mun. de Floresta.

Araticum— *Serra*— Situada no mun. do Bonito, á léste da cidade deste nome, tem a altura sobre o nivel do solo, de uns 500 metros, pouco mais ou menos, e, em sua falda occidental, existe em meio de fendas de grandes pedras accumuladas, um reservatorio abundante d'agua perenne, e potavel, a qual, proveniente das chuvas, é recebida numa cavidade que forma uma como bacia no cimo da serra e d'ahi, se infiltrando, vai cahir no referido reservatorio.

Araticum — Eng. no mun. de Palmares.

Araticum — Eng. situado no mun. de *Barreiros* e a oeste d'esta cidade.

Araticum— *Engenho*— Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth.

Aratinga—Eng. no mun. de Palmares, situado a 19 klms. ao NO. da séde. Voc. ind. significa — ave branca — de *ara* — ave e *tinga* — branca.

Araúna — Eng. que pertence ao mun. de Agua-Preta. Voc. ind. significa *ave preta*, de *ara* — ave e *una* — preta.

Araujo—Eng. na freg. da Luz do mun. de S. Lourenço da Matta.

Arco—*Engenho*—No mun. do Bonito, á marg. do riacho Urupema, affl. do rio Serinhaem, e da estrada de ferro do Ribeirão á Bonito e a 12 klms. dessa cidade.

Arcos—Logar á pequena distancia e ao poente da cidade de Olinda, conhecido pela denominação de Sitios dos Arcos.

Areia—*Riacho*—Corre no mun. de Garanhuns.

Areia Branca— *Engenho*— No mun. de Nazareth.

Arêa Grande — *Logarejo* — No mun. da Victoria.

Areal — *Logarejo* — No 1° distr. de Bezerros.

Arear — Eng. no mun. do Rio Formoso.

Arêas — *Povoação* — Situada na freg. de N. S. do O', mun. de Goyanna, ao oeste, possue uma capellinha votada ao martyr S. Sebastião, e fica nos limites desse mun. com o de Nazareth.

Arêas —*Povoação* — Na freg de N. S. da Paz de Afogados, tem uma estação da via ferrea Central, entre as estações — Afogados e Tigipió, no klom. 7.

Arêas — Eng. no mun. de Bezerros.

Arêas — Eng. no mun. de Bom Jardim.

Arêas — Eng. no mun. de Correntes.

Arêas — *Riacho* — Corre no mun. de Quipapá, indo despejar no Pirangy.

Areinhas — Eng. no mun. de Palmares, distr. de Catende.

Arendépe — Eng. no mun. de Ipojuca, no qual existe uma capella dedicada a Sant'Anna. Fica a 11 klms. ao NO. da séde (linha recta).

Aricory — Primitivo nome de Ouricory.

Arimbu' — Eng do mun. de Ipojuca, a 17 klms. ao SO. da séde (linha recta), onde existe uma capella sob a invocação de Sant'Anna

Arimunan—*Engenho*—No mun. da Escada, a 12 klms. da séde.

Aripibu' — *Povoação*— Edificada á margem oriental da via-ferrea do S. Francisco e em terrenos do engenho do mesmo nome, pertence ao mun. de Escada e dista da séde 18

klms. á léste. Ahi, da mesma via-ferrea, no klm. 78,271^{m} das Cinco Pontas, e altitude 119^{m},70; existe uma estação, aberta ao serviço em 25 de março de 1862, a qual fica entre as de Frexeiras e Ribeirão. Possue uma agencia do correio com serviço postal diario para o Recife e outros pontos da linha. *Aripibú* — voc. tupy, significa *grito de aves*.

Aripuá — *Serra* — Fica situada no mun. de Floresta. *Aripuá*—vocabulo *tupy* completa de *ira* — *apua mel* redondo, ou ninho de abelhas redondo. (Theodoro Sampaio).

Ariquinda — *Camboa* na marg. esq. do rio Formoso e a uma milha de sua foz. Tem de extensão pouco mais de 4 milhas, na direcção SO, indo terminar no porto do Tijolo, 3 klms. ao occidente de Tamandaré. Em principio tem a largura de 110 a 120 metros, com uma profundidade de 4m,0 aproximadamente; para dentro, porém, estreita e sécca muito.

Armazem — Aldeióla entre os muns. de S. Bento e de Cimbres.

Aroca — *Lagôa* — Existe com este nome uma no territorio do municipio de Flores.

Aroeira — *Logarejo* no mun. de Bom-Jardim, povoado de casas dispersas.

Aroeira — *Riacho* — Corre no municipio de Ingazeira para o rio Pajehú.

Arraial ou **Arrayal** — Assim denominam no mun. do Recife, freguezia do Pôço, toda a extensão percorrida pelo ramal dos Afflictos da linha ferrea do Caxangá, desde a Tamarineira, exclusive, ao Monteiro, comprehendendo a Mangabeira de Baixo, de Cima e Casa Amarella, bordada toda a estrada por magnificos sitios de arvores fructiferas, com excellentes casas de morada, jardins, etc. E' reputado como um dos arrabaldes mais saudaveis, e por isso, a conselho medico, muitos doentes de varias affecções têm procurado esse logar, como remedio, para sanal-as, e com vantagem. E' sobretudo alli assignalada, como o melhor ponto de salubridade, a área que fica entre as estações da Mangabeira de Cima, Casa Amarella até encontrar a linha ferrea do Limoeiro. Tem o Arraial a elevação média, sobre o nivel do mar, de 16 metros. Deve a denominação ao *Arraial Velho*, fortaleza erguida, no principio da lucta hollandeza.

O general Mathias, vendo que os hollandezes estavam senhores de Olinda e do Recife, e não lhe restava outro recurso senão o de impedir que esses inimigos se estendessem para o interior do Paiz, ainda desconhecido para elles, teve a idéa de dividir a pouca gente que possuia, em pequenas guerrilhas de emboscadas, e, para quartel general, julgou conveniente escolher uma paragem, que servisse de centro de communicação a todos os pontos que lhe interessava. A situação preferida foi a casa de Antonio d'Abreu, collocada n'uma *pequena eminencia, a uma legua de Olinda e igual distancia da povoação do Recife, perto do rio Capibaribe e, mais ainda, do riacho Parnameirim*, e áquem do engenho *Monteiro*. Póde-se, ao certo, affirmar que o local alludido é o mesmo em que, presentemente, se acha a estação da *Mangabeira de Cima*, do ramal do Arraial, na linha ferrea da Varzea e Dous Irmãos, terreno ligeiramente levantado e comprehendido no sitio, que agora é de propriedade do Dr. Manoel da Trindade Peretti, sendo o *morro Baganolo* (actualmente *Morro da Conceição*) o que fica á cavalleiro das officinas da estrada de ferro do Limoeiro: não só em face das pacientes pesquizas archeologicas, para o descobrimento, feitas pelo finado major José Domingues Codeceira, e visiveis vestigios e patentes indicações por elle encontradas, como ainda pelo que verificou em 1873 (e ainda póde sel-o

ARRAIAL DO BOM JESUS

feito, por quem o deseje), a commissão do Instituto, composta do referido major Codeceira, Drs. José Hygino Duarte Pereira e Ceciliano Mamede, o engenheiro Gervasio Campello e o fallecido agrimensôr Francisco Sette, corroborando tambem, posteriormente, guiados por taes informações, os engenheiros Emile Beringer e Victor Fournier, sendo que o ultimo até dá a indicação, na carta topographica, que fez acompanhar seu trabalho publicado em 1874, sob o titulo de *Memoria sobre o Porto do Recife*.

Escolhido o sitio se votou Albuquerque a fortifical-o com tanto esforço que, começando no dia 4, o tenente-coronel Vander Erst, intentando um ataque no dia 14 contra o mesmo, já encontrou-o em estado de apresentar resistencia, até acudirem com as tropas de suas estancias, Luiz Barbalho e Lourenço Cavalcanti, deixando o inimigo na retirada muitos mortos no campo, e sendo nosso prejuizo, ao todo, entre mortos e feridos, sómente de dezeseis. A' essa fortificação deu o general Mathias o nome de — *Forte Real do Bom Jesus*, e ao acampamento, que em pouco tempo se formou, sob o abrigo della, o de — *Arraial*, nome que ainda hoje se conserva. Em vista daquelle triumpho o capitão Antonio Ribeiro de Lacerda, auxiliado por Luiz Barbalho e Rabello da Franca, emprehendeu, na madrugada de 24 de maio, com as tropas de suas estancias o ataque dos entrincheiramentos, que o inimigo proseguia na ilha de Santo Antonio; e, conseguindo ao principio grandes vantagens, como o descavalgamento das peças e haverem ferido quasi todos os officiaes inimigos, incluindo o tenente-coronel Vander Erst, e o principal engenheiro Commersteyn, depois, tendo sido mortalmente ferido por uma bala de artilheria o chefe Ribeiro de Lacerda, de cujo ferimento veio a succumbir, começaram todos a se retirar, deixando dentro das trincheiras dezenove mortos. Weerdenburgh, em officio, não poude deixar de declarar: « que combatia com um povo valoroso e agil ». Não foi essa a unica investida levada a effeito pelos nossos; e assim a 18 de julho, por ordem d'Albuquerque, o denodado Luiz Barbalho, com a sua gente, assaltou, pela madrugada, o forte do Brum, já levantado e guarnecido de artilheria, pelos hollandezes, e tal heroismo demonstrou que o chefe destes assim se expressou, em officio de 27 do mesmo mez: « Acho este um povo de soldados vivos e impetuosos, aos quaes nada mais falta que bôa direcção: e que não são de nenhum modo como cordeiros... e posso affirmar porque, por vezes o tenho experimentado. »

Arraial — Estação da linha ferrea do Limoeiro, aberta em 26 de outubro de 1881, situada entre as da Encruzilhada e de Macacos, no klm. 6,550 m. da inicial do Brum. Neste logar estão as officinas da companhia emprezaria da estrada.

Arranoa — Eng. situado no municipio d'Agua Preta.

Arrancação — Fazenda de criar na freguezia de Bello-Jardim ao NO da séde e marg. dir. do rio Ipojuca.

Arregalado — *Riacho* — Affluente do rio Iguarassú, corre no mun. deste nome.

Arrojado — *Riacho* — Affluente do rio Correntes, corre no mun. do mesmo nome.

Arrombados — *Povoação* — Fica a poucos passos da cidade de Olinda, da qual é um suburbio, e hoje se denomina — *Duarte Coelho* — em honra do fundador da antiga capitania de Pernambuco. Tem uma estação da via-ferrea do *Recife a Olinda e Beberibe*, no klm. 6,998 m. E' um povoado crescido e tem uma capella dedicada a N. S. das Necessidades, erecta em 1842. Em 1645 tinha este

logar a denominação de *Mazombos*. (Vide Duarte Coelho.)

Arroz—Eng. no mun. de Taquaretinga.

Arroz—*Riacho*—Nasce na serra de Taquaretinga e vai despejar no Capibaribe pela marg esq., perto do povoado *Torres*.

Arruda—Assim é conhecida a estação da Agua Fria na povoação deste nome, da linha ferrea do Recife a Olinda e ramal de Beberibe, pelo facto de se ter feito a estação no local em que o portuguez Manoel Ignacio de Arruda teve uma mercearia, e continuado mesmo depois disto numa casa fronteira ao edificio da mesma estação.

Assumpção—*Ilha*—Situada no rio S. Francisco e pertencente ao mun. de Cabrobó. A respeito desta ilha escreveu o Dr. Pereira da Costa o seguinte: Desta ilha, uma das mais importantes do rio S. Francisco, trata particularmente da sua situação, extensão, accidentes geographicos e constituição geologica, o engenheiro Fernando Halfeld, no seu relatorio sobre o rio S. Francisco.

Simples aldeia de indios, originariamente, situada na extremidade occidental da ilha, prosperou tanto, que teve o predicamento de parochia em 1761; e em virtude de faculdade régia conferida ao Dr. Manoel de Gouveia Alvares, ouvidor da nossa emancipada comarca das Alagôas, para constituir em villa as povoações de indios que tivessem mais de cem fogos, teve essa categoria no referido anno, celebrando aquelle ouvidor o acto da sua installação no dia 23 de setembro.

Creado para o serviço da camara do senado, cujo presidente, cumulativamente exercia o cargo de juiz ordinario, com umas certas prerogativas judiciaes, o logar de escrivão do conselho, reunindo as funcções de tabellião e escrivão de orphãos; bem como outros cargos, entre os quaes o de capitão-mór da villa, attendeu ainda o ouvidor á creação de uma escola de instrucção primaria, lavrando em 27 de setembro a nomeação de professor em favor de José Rodrigues Baracho, —«*para ensinar a ler, escrever e a doutrina christã, e a pura lingua portugueza aos meninos indios desta nova villa da Ilha da Assumpção.*»

Tinha então a povoação 270 casas, reunidamente, das aldeias existentes do Pambú, Sorobabé, Axará e outras.

A parochia, porém, só foi provida e installada no anno seguinte, e ao que parece, teve a primitiva invocação de S. Gonçalo, porquanto, da Provisão do bispo diocesano D. Francisco Xavier Aranha, lavrada em 7 de abril de 1762, se vê, que foi nomeado—Vigario interino da freguezia de S. Gonçalo da Real Villa de Assumpção, o Padre Gonçalo Coelho de Lemos, sendo o territorio desmembrado da parochia de Cabrobó.

Villa de indios, tomavam elles tambem parte no desempenho dos *cargos da governança*, como se dizia em linguagem colonial, e Antonio Joaquim de Mello refere na *Biographia de José da Natividade Saldanha*, que viu em Cabrobó, em fins de 1818, o juiz ordinario das villas de Santa Maria ou Assumpção, indigena *(caboclo)*, que servia alternando com outro juiz branco; e, si bem se recordava,—a camara municipal era tambem composta metade de indigenas e metade de homens brancos.

Até 1828, em virtude de ordem dos governadores, os habitantes de Cabrobó, do Riacho da Brigida para Léste, até o Riacho Pageú, eram obrigados a servirem no municipio da ilha e villa de Assumpção; e, segundo um documento daquelle anno, existente no livro de *Ouvidores de comarcas*, do archivo da Secretaria do Governo, se vê, que existia então uma Fazenda Nacional situada na ilha, e que a villa, graças ao seu antigo titulo de *real*,

tinha nessa época o de *Imperial Villa da Assumpção*.

Bem curtos, porém, foram os dias de prosperidade desta villa de indios. Em 1789 a sua população constava apenas de 400 pessoas, e uma grande enchente, que occorreu em 1792, derrubou e arruinou todas as casas da villa, invadida pelas aguas, deixando sem o menor vestigio, entre outras, a da camara municipal. Como contraste, porém, veiu depois uma secca devastadora, que inutilisou todas as fontes de producções agricolas e dizimou todas as fazendas de criação de gado. Diante de taes calamidades recorreu a camara ao governador da capitania, e depois ao soberano, pedindo um auxilio para remediar tamanhos prejuizos e infortunios, mas, só obteve uma pequena quantia para as obras de reparos da igreja matriz.

No termo da visita, que fez á freguezia em 1809 o Padre Francisco Xavier de Gouveia, visitador episcopal, diz, que — visitando a freguezia de S. Gonçalo da Real Villa da Assumpção, encontrou-a em tal indigencia, que na realidade se devia unir á de N. S. da Conceição de Cabrobó, d'onde fôra desmembrada; — em 1817, como refere Ayres de Casal na sua *Corographia*, constava a villa apenas de uns 154 visinhos, todos indigenas, que tiravam a subsistencia da caça e pesca, e da cultura da mandioca, milho, melancias, hortaliças e algodão; e assim caminhando, sempre em decadencia, foi supprimida pelo art. 3° da Lei Provincial n. 58, de 19 de abril de 1858.

Si até então apenas accentuava-se a decadencia da villa, daquella época por diante veio a sua completa destruição. Do pouco que resta, vê-se ainda, as ruinas da igreja matriz, e as de suas antigas habitações disseminadamente dispostas; e perseguidos os indios pela expoliação das suas terras e lavouras, e até mesmo do proprio gado, sob o pretexto de pertencer tudo ao patrimonio da extincta aldeia, nada mais resta da tradicional Villa Real de N. S. da Assumpção !...

Assumpção — Engenho situado no mun. de Gamelleira a 9 klms. á léste, distante da séde.

Assumpção — Eng. no mun. de Goyanna.

Assurema—Denominação de um dos districtos municipaes de Aguas-Bellas.

Atalaia — *Serra* — Fica situada no mun. de Ipojuca, proxima do engenho d'este nome.

Atalaia — Eng. no mun. de Ipojuca, ao SO. de N. S. do O', e a 15 klms. distante, em linha directa.

Atalaia — *Riacho* — Procede do eng. do seu nome e vae desaguar no riacho Tapirussú.

Atalaia Grande — Praia na ilha de Fernando.

Atalainha — Logar na ilha de Fernando de Noronha, á beira-mar. Sua praia é defendida de rochedos quasi inaccessiveis.

Atalho — *Povoação* — Conhecida tambem com o nome de *Varzea Redonda*, é um pequeno logar do mun. de Tacaratú, que consta de casas dispersas á margem do rio S. Francisco, o qual começando no ponto onde os pequenos barcos da navegação do alto rio aportam de ordinario, por isso lhe dão o nome de Atalho; vai terminar abaixo e na distancia de um kilometro. Possue uma capellinha, dedicada a S. Pedro, cujo fundador foi um tal Pedro Dias. Defronte d'esse logar fica a cachoeira *Pedro Dias*. Dista 12 klms. de Jatobá, cabeça do mun. Está a 8° 59' 24" lat. sul, e a 38° 19' e 31" de long. or. do meridiano de Greenwich.

Atapuz — *Pontal* — Situado no mun. de Goyanna, separa o rio Tejucupapo do canal da Ilha de Itamaracá. Voc. indig. significa *barulho de pedras*.

Aterro — Riachinho do mun. de Bom Conselho que desagua no Balsamo, affluente do Parahyba do Sul.

Atoladeira — *Lagôa*—No mun. de Panellas, perto do logar denominado Serra, fica cerca de2 klms. distante da séde.

Atravessada — *Serra* — Está collocada ao occidente da cidade de Bom Conselho, na distancia de 11 klms. Na encosta d'ella teem sido encontrados *malachites* brilhantes e alguns veios de coridons crystallisados e opacos. Contorneando-se a mesma serra vê-se uma planicie immensa, nivelada pelas alluviões contemporaneas recentes, formada de areia silicosa e de argilla plastica. De longe em longe apparecem fragmentos isolados de granitos e porphyros, em grãos finos, attestando seu peso serem de formações recentes. D'ahi até Aguas-Bellas se acham granitos de todas as contexturas; no geral, porém, de um typo particular avermelhado, muito talcôso e carregado de grandes crystallisações de feldspatho, da variedade *orthose*. Tal confirma o engenheiro Dombre em suas *Viagens ao Interior de Pernambuco* em 1874 e 1875 e pergunta, — si não seria isto um deposito sedimentario crystallisado após a sedimentação? E concluindo diz: « que certas agglomerações e direcções dos elementos são uma prova do asserto.

Atravessado — *Logarejo* — No districto da cidade de Bom Jardim.

Atravessado — *Serra* — Fica situada nos limites orientaes do mun. de Salgueiro com o de Villa-Bella.

Aurora ou **Chechéo** — *Povoação* — Situada no mun. de Agua-Preta possue uma capella dedicada a S. José de Agonia (não acabada), e fica a 18 klms. ao sudoeste da cabeça do mun., á margem da estrada que vae para a colonia *Socorro*.

Aurora — Eng. do mun. de Amaragy, a 15 kilometros distante da séde.

Aurora — Eng. 18 klms. á léste da cidade de Gamelleira, a cujo mun. pertence.

Aurora — Eng. do mun. de Bom Jardim.

Aurora — Eng. do mun. de Páo d'Alho.

Avenca — *Logarejo* — No mun. do Brejo.

Avenca — *Logarejo* — No mun. de Limoeiro, ao sul.

Ay — Assim foi chamado o rio Iguarassú em sua foz, vocabulo *tupy* — sig. rio da Preguiça (Theodoro Sampaio).

Ayres — *Serra* — No mun. de Bezerros, ao sul da séde.

Azevem — Fazenda de criar em Bebedouro, mun. de Altinho.

Azevum — *Serra* — Situada no mun. de Cimbres, em territorio do districto de Alagoinhas.

Azevem — *Riacho* — Corre no municipio de Caruarú e despeja no rio Ipojuca.

Azul — *Serra* — Situado ao sul do mun. de Bezerro.

B

Babylonia — Eng. do mun. de Nazareth, a 24 klms. da linha ferrea de Timbaúba.

Bacurão — Engenho do mun. de Itambé.

Badabuan — Cordilheira de diversas serras que, no mun. de Granito, correm com este nome.

Badabuan — *Pequeno rio*—Desagua no Jacú, affluente do riacho da Brigida e este do rio S. Francisco. Tem suas vertentes e corre no mun. de Granito.

Badrecy — *Serra*—No mun. de Ouricory.

Bagé — *Riacho* — Nasce e corre

na parte occidental do mun. de Triumpho, e é confluente do Aboboras, que é affluente do Medéa.

Bagnuolo—*Morro*—Situado junto ás officinas da E. F. do Limoeiro, hoje é chamado Morro da Conceição, devido ao monumento da Virgem que alli se vê.

Baithé — *Engenho* — Na freg. de Una, mun. do Rio Formoso, tem uma capella de S. José, e fica a 6 klms. da povoação de S. Gonçalo de Una. (Ver Batel.)

Baixa da Lama — Riacho que une-se ao riacho Secco e juntos banham o mun. de Garanhuns. Desagua no Papacacinha.

Baixa do Estribo — Riacho que banha o mun. de Bom Conselho.

Baixa do Mulungú—Logarejo no mun. da Victoria.

Baixa do Urubú — Riacho affluente do Parahyba e banha o municipio do Bom Conselho.

Baixa Grande—*Arraial*— No mun. de Bom Conselho, onde existe uma escola municipal e contém varias casas.

Baixa Grande — Arraial no mun. de Bom Conselho.

Baixa Grande — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Frecheiras, affluente do rio Parahyba, no logar Barra. Recebe o Cafundó, Ladeira Cavada e Macuca.

Baixa Verde — *Engenho* — Na freg. de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Baixa Verde—*Logarejo*—Na Capunga, freg. da Graça, mun. do Recife.

Baixa Verde — *Serra*— Situada ao nordoeste do Estado, no mun. de Triumpho, tem uma base de 35 klms., approximadamente, em circumferencia, e altura de 1.060 metros sobre o nivel do mar. Deve o nome a uma grande baixa que tem, fertilissima, e no centro da qual fica assentada a cidade de Triumpho.

Baixinha — *Logarejo*—No mun. de Itambé.

Baixio — *Povoação* — Situada no municipio de Granito, a 40 klms., ao sul da séde.

Baixio — *Riacho* —Nasce na serra do Ucanam e, correndo entre os muns. de Floresta e Cabrobó, vai despejar no rio S. Francisco.

Balança—Nome muito commummente dado á diversas serras do sertão do Estado quando, servindo para determinar os limites entre freguezias, municipios, ou na linha divisoria do mesmo Estado, dá-se, nessas divisas, o *divortium aquarum.*

Balança —*Serra* — No municipio de S. José do Egypto, nas divisas de Pernambuco com o da Parahyba, é uma das secções da Borborema que naquella região toma esse nome. D'ahi nasce o rio Pajehú.

Balança — *Serra* — No mun. de Cimbres, á léste da cidade de Pesqueira, e nas divisas com o mun. do Brejo da Madre de Deus.

Balança — *Serra* — No mun. de Villa Bella, d'ella nasce o rio da Pitombeira, affluente do Terra Nova e este do rio S. Francisco.

Balança — *Serra*— Na freg. de Bello Jardim, mun. do Brejo, fica situada ao NE. da séde parochial.

Balanças — *Serra* — Situada na parte oriental do municipio de Leopoldina.

Balanço—*Serra* — Na freguezia de S. Vicente, do mun. de Timbauba, entre as dos Kagados e Meirim, pela divisão das aguas, marca um dos pontos dos limites septentrionaes de Pernambuco com a Parahyba.

Balanço — Engenho na freguezia de S. Vicente, do mun. de Timbauba, a 30 klms. d'esta cidade e a 102 de Goyanna.

Balanço Estreito — *Logarejo* — Situado no mun. de Timbaúba.

Balsamo — *Riacho* — Corre no mun. do Bom Conselho para o rio Parahyba do Sul. Tem como affluentes os riachos Arabary e Britos.

Balsamo — Eng. do municipio de Palmares, districto de Catende.

Balsamo de Baixo — Engenho situado no mun. de Palmares, districto de Catende.

Balsamo de Cima — *Engenho* — Está comprehendido no mun. de Palmares.

Balthasar — Logar no mun. de Tacaratú.

Bamburral—Usina do mun. de Amaragy, fundada pelo Commendador José Pereira de Araujo.

Banana—*Riacho*—Nasce na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, onde depois de pequeno curso vai desaguar no Capibaribe-meirim.

Bananal—*Lagôa*— Fica comprehendido no distr. de Mutuns, mun. de Palmares, em terras do Eng. Almirante.

Bananeira — Eng. do mun. de Canhotinho.

Bananeira — Eng. no mun. do Bonito.

Bananeiras — Serra do mun. do Bonito.

Bananeiras—*Riacho*—Affluente do rio S. Francisco, no mun. de Tacaratu.

Bandeira — Usina no mun. de Ipojuca, hoje com este nome e anteriormente engenho *Conceição Velha*.

Bandeira — *Riacho* — Corre ao norte do mun. de Bezerros.

Bandeiras — *Serra*—Fica situada no limite meridional do mun. de Salgueiro com o de Cabrobó.

Baptista — *Riacho* — Corre nos limites da freguezia da Conceição da Pedra com a de S. Felix do Buique, e derrama no rio Ypanema.

Barão de Lucena — Extincto nucleo colonial no municipio de Jaboatão (Vid. *Colonia Barão de Lucena*).

Barauna — Estação da linha ferrea do Limoeiro, ramal de Timbauba, e no mun. de Nazareth; fica situada no klm. $91^k,344^m$ da estação inicial do Recife, e a 81^m de altitude. Foi aberta ao trafego em 1887.

Barauna— Eng. do municipio de Nazareth, freg. de Lagôa Secca.

Barauna — Logarejo no mun. de Cabrobó.

Barauna — Logarejo ao nordeste da cidade de Petrolina, a cujo municipio pertence. *Barauna*—Nome indigena — corruptela de *ibirauna*, que alterou-se para *barauna* — significa madeira escura. (T. S.)

Barbado — *Monte* — Situado ao sudeste do mun. da Pedra, com uns 200^m sobre o nivel da planicie, e 2.000 m, pouco mais ou menos, de extensão, tem, em meio de sua elevação, uma consideravel abertura, em fórma circular, atravessando-a, de lado a lado, na direcção L. á O. A base ou linha horisontal d'essa curiosidade assenta sobre pedras e terra vermelha, com 110 m. de comprimento sobre largura menor. Tem 40 metros de altura, a contar da base á abobada, que é formada por uma grande pedra, a qual, partindo da porção inferior da grande fenda ou abertura, estende-se, em linha vertical, até o fastigio do monte, constituindo-lhe o ponto culminante, alongando-se e prendendo-se ahi á terra firme, na direcção sul á norte, em ambas as extremidades. Nessa grande cavidade achamse inscriptas em rocha, com tinta vermelha e indelevel, palavras indecifraveis, manuscriptos de typo maiusculo, e bem assim desenhados, uma viola e um tamanduá. *(Informação do Vigario do Buique João Ignacio d'Albuquerque, remettida á Secretaria do Governo do Estado, em 1890.)*

Barbalho—Logarejo na freg. da Varzea, ao norte de Iputinga e perto do povoado Monteiro, porém, na margem opposta do Capibaribe. Pertenceu á D. Ignez Barbalho, viuva de Antonio Borges Uchôa, filho de Marcos André, fundador do eng. da Torre.

Barbalho — *Engenho* — Situado no mun. do Cabo. Suas terras chegam até junto á cidade de Santo Agostinho do Cabo, séde do municipio. Foi fundado

por Braz Barbalho, casado com N. Guardez, irmã de D. Ignez Guardez d'Andrade, mulher do morgado do Cabo e filha de Francisco de Carvalho e sua mulher Maria Tavares Guardez (Nobiliarchia Pernamb.)

Barbalho—*Serra*—Ao sul e a 20 klms. da cidade do Bonito, occupa uma área de 1.200 metros e tem a altitude de 800 m. Esta serra possue a curiosa fórma de uma cabeça humana. E' coberta por uma grande e densa floresta, em meio da qual borbulha uma crystallina fonte d'agua potavel.

Barboza—*Riacho*—Banha o mun. de Bom Conselho e derrama no rio Traipú.

Barlenga—*Logarêjo*—No mun. de Iguarassú, ao sul e á 12 klms. da séde, proximo dos engs. Jaguaribe e S. Bento, e á marg. da estrada da Usina Timbó.

Barra—Estabelecimento industrial á marg. da linha ferrea de S. Francisco, no klm. 37 e proximo da estação de Ipojuca, destinado á distillação do alcool.

Barra—*Povoação*—A' margem da estrada de ferro Sul de Pernambuco. (V. *Barra de Jangadas*.)

Barra—Estação da estrada de ferro Sul de Pernambuco, no klm. 49.985 m. de Palmares, entre Marayal e S. Benedicto, aberta ao serviço em 7 de agosto de 1884, e fica a 296m,0 de altitude e distante da estação de Marayal 10 k. 901 m. Está situada junto ao povoado *Barra de Jangadas*, de que separa-se pelo rio Pirangy, sobre o qual existe, para communicação, uma ponte de madeira.

Barra—Logarêjo no mun. de Tacaratú, á margem do rio S. Francisco.

Barra—Logarêjo na confluencia dos rios Correntes e Mandahu.

Barra—Engenhoca do municipio de Bom Conselho. Existe outra no mun. do Brejo, distr. da cidade.

Barra—*Riacho*—Corre em terreno da freguezia da Escada e, depois de pequeno curso, lança-se no rio Ipojuca, pela marg. esquerda.

Barra—Usina de restillar no municipio do Cabo, no kil. 37 e perto da estação de Ipojuca.

Barra—Engenhos nos municipios de Itambé e Victoria; o ultimo a 3 klms. ao N. da cidade do segundo nome.

Barra—*Engenho*—No municipio da Escada, a 6 klms. da séde.

Barra Azul—*Engenho*—No municipio do Bonito, a 20 klms. da cidade do mesmo nome e á léste.

Barra da Cruz—Ao sul da ponta do Gravatá, denominam assim o logar onde o riacho da Cruz desagua no oceano.

Barra da Onça—*Serra*—No districto de Alagoinhas, municipio de Cimbres, fica situada a 6 klms. ao poente daquella povoação.

Barra da Pedra — Eng. comprehendido no mun. do Bonito.

Barra da Serra — *Riacho*— Corre no mun. de Alagôa de Baixo e derrama no riacho Pinta, affluente do rio Moxotó.

Barra das Frexeiras—Engenhoca no mun. de Bom Conselho.

Barra das Jangadas—Fica situada sobre a margem oriental da Cambôa de Santo Antonio, e consta de algumas casas e de uma pequena egreja. E' neste logar a foz commum dos rios Jaboatão, que vem de ONO, e Pirapama, de SO. Não tem mais de 44 m. de largura e com uma grande corôa semicircular, por fóra, na qual não se encontra mais de 4 a 6 palmos d'agua. Como sempre se vê, em todas as barras de areia, o canal desta barrêta é movediço e sujeito á influencia dos ventos. O mar nesse logar rebenta furioso por não existir fóra recife algum que a defenda. Depois da barra, para dentro, ha um espaço com um comprimento de 750 m., e na maior largura com 440 m., no qual o canal tem 26 a 20 palmos, comprehendendo o mais, sêccos e corôas de areia. Desta bacia por diante partem os rios, ficando, antes de principiar, a cambôa de *Santo Antonio*

que dá communicação com a das *Curcuranas*. Pertence á freguezia de Muribeca e sua denominação provém, dada pelos portuguezes, de terem estes encontrado alli as jangadas que usavam os indios para navegarem. Está na parte da costa comprehendida entre o Cabo de Santo Agostinho e o porto do Recife.

Barra das Cabeças—Logar no mun. de Villa Bella.

Barra do Gamella—Entre a Barra de Serinhãem e a do rio Formoso, é uma praia de coqueiros, povoada de casas cobertas de palha e de telhas, e proxima da ilha de Santo Aleixo. Deu-lhe a denominação uma grande gamelleira isolada, que existiu no pontal de seu nome, o qual fica a 8° 38' 47" lat. S. e 8° 3' 44" long. E. e a 3 klms. por 15° SO. da ponta do *Manguinho*. Do alto mar vê-se a egreja de N. S. do Guadalupe, em cima do oiteiro deste nome, enfiando os coqueiros do *Pontal do Gamella*.

Barra de Jangada—*Povoação*—Pertence ao mun. de Quipapá donde dista 22 klms. ao nordeste, dependendo na parte ecclesiastica da freguezia do Bonito, da qual fica ao sul, 84 klms. Está situada á marg. dir. do rio Pirangy, em solo elevado, a 269 m. acima do nivel do mar, constando de umas 150 casas arruadas e algumas esparsas, e possue uma capella, erguida em 1815, dedicada a Santo Antonio. Existe, semanalmente, nesse logar, uma feira soffrivel, que abastece a população do povoado e das cercanias. Seus terrenos são vantajosos para a agricultura. A estrada de ferro Sul de Pernambuco, no klm. 49,985 m. 24, do lado esquerdo da linha, tem uma estação, denominada simplesmente *Barra*, a qual se liga ao povoado por uma pequena ponte de madeira sobre o *Pirangy*. A estação da E. de F. Sul de Pernambuco, desse logar, foi aberta ao serviço em 7 de setembro de 1884.

Barra de Lama — Engenho do mun. de Canhotinho.

Barra de Natuba — Engenho do mun. da Victoria.

Barra de Pedra — *Riacho* — Tendo pequeno curso banha o municipio da Escada, indo juntar suas aguas ás do rio Ipojuca.

Barra de Sant'Anna — Engenho do mun. da Victoria, a 2 klms. ao N. da cidade desse nome.

Barra de S. Pedro — *Povoação* — Situada a 35 klms. ao occidente da cidade de Ouricory, possue 20 casas, um cemiterio, uma capella dedicada á N. S. da Conceição, com patrimonio, e uma feira aos domingos.

Barra de Serinhãem ou simplesmente **Barra** — *Povoação* — Situada na marg. merid. e na foz do rio de seu nome, possue uma egreja da invocação de Sant'Anna, erguida no alto de um outeiro. Existem, nesse povoado, umas 300 casas, inclusive as de palha, em meio do grande coqueiral que alli se estende embellecendo a costa, que é baixa, naquella parte, e mais elevada proxima do littoral. Fica cerca de 3 milhas ao extremo sul da ilha de Santo Aleixo, e pertence ao municipio de Serinhãem.

Barra de Timbi — Eng. do mun. de Timbaúba.

Barra do Bonito — *Logarejo* — Situado no mun. da Villa Bella.

Barra do Brejo — Arraial no municipio de Bom Conselho, ahi existe uma capella sob a invocação de Santa Quiteria. Fica á marg. dir. do rio Parahyba, a uns 18 klms. ao nascente da cidade. Tem umas 20 casas.

Barra do Caborge — Eng. do mun. de Bom Conselho.

Barra do Cafundó — Engenhoca do mun. de Bom Conselho.

Barra do Chata — *Povoação* — No mun. do Altinho, a 24 klms. da villa deste nome, tem uma capellinha dedicada á N. S. da Conceição, está situada á marg. da estrada, e parece fadada a grande commercio. Fabrica-se

alli, em grande escala, redes de dormir e artigos para cavallos.

Barra do Dia — Engenho do municipio de Palmares, districto de Preguiças, a 20 klms. distante da séde. Confina com o Eng. Estrella do Norte e Chambari.

Barra do Douro — Engenho no territorio municipio de Agua Preta.

Barra do Fuba—Eng. compredido no municipio do Bonito.

Barra do Giqui — Logarejo no municipio de Cabrobó, sobre o riacho da Brigida.

Barra do Liberal — *Serra* — Situada no mun. de Cimbres, a 30 klms. ao nascente da cidade de Pesqueira.

Barra do Norte — Engenho, pertence ao mun. de Agua Preta.

Barra do Pajehú — Logarejo situado no mun. de Floresta.

Barra do Perypery — Eng. que faz parte do mun. do Bonito.

Barra do Rio Formoso ou **Praia dos Carneiros** — *Povoação* — Situada na marg. merid. do rio Formoso, tem um aspecto lindo, apparecendo a crescida povoação, por entre denso coqueiral. Na marg. opposta ergue-se, sobre um oiteiro, uma singela mas formosa capellinha, votada á N. S. de Guadalupe. A cambôa do *Arinquindá* separa aquella povoação do logar *Reducto*, celebre na historia pernambucana, pelo forte construido em 1632, do qual seu commandante, intimado na madrugada de 7 de fevereiro de 1633, pelos hollandezes em numero de quinhentos, dirigidos pelo major Schkoppe, para se render, respondeu que se defenderia até morrer. De vinte homens, que compunham a guarnição, quatro vezes assaltada, e que outras tantas corajosamente rebateu o inimigo, dezenove jaziam estendidos no chão, quando os hollandezes, tendo perdido oitenta homens, resolveram se apoderar, pela quinta vez do reducto, que elles observavam, já nenhuma resistencia oppôr. « Os vencedores, ao entrarem no forte, encontraram, ao lado de dezenove bravos, o commandante Pedro de Albuquerque, agonisante, com duas feridas feitas por um mosquetaço e uma chuçada, tendo-se salvado a nado, com tres feridas, o vigesimo d'elles, Jeronymo de Albuquerque. Os hollandezes então, pasmos de tamanho heroismo, retiraram, d'entre os mortos, Pedro de Albuquerque quasi exanime, e prestando-lhe a tempo o soccorro necessario, salvaram-lhe a vida. O Visconde de Porto Seguro compara este facto á historia do *Passo das Thermopylas.*»

Barra de S. João — *Logarejo* — No distr. de Alagôa dos Gatos, mun. de Panellas.

Barra dos Gatos — *Logarejo* — No dist. de Lagôa de Gatos, mun. de Panellas.

Barra Grande — *Logarejo* — Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth.

Barra Grande — Entrada N. do ante-porto do Poço na costa do Recife. Ahi encontra-se 7^{m},0 d'agua.

Barrancos — Logar do mun. de Bom-Jardim, onde ha uma machina para descaroçar algodão.

Barra Nova — Engenho do municipio do Bonito.

Barra Nova — Engenho do municipio de Gamelleira, situado a 18 klms. a léste da séde.

Barra Nova — Engenho do municipio de Palmares, districto de Catende.

Barra Nova — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e despeja no Balsamo, affluente do Parahyba do Sul.

Barra Velha — Eng. no mun. de Barreiros, a 12 klms. e a O, á marg. do rio Una.

Barra Verde — *Logarejo* no mun. do Buique, onde existe uma pequena capella particular.

Barreiras — Logarejo situado no mun. de Bom Conselho.

Barreiras — Logar na freg. da Varzea, perto do pov. Caxangá.

Barreiras Grandes — Logar do mun. de Goyanna, de terreno alteroso, na margem septentrional do rio Goyanna, e do mesmo lado da cambôa do Macóta que fica pouco antes, e a uns 3 klms. de extensão chega até o eng. deste nome.

Barreiros — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freguezia sob a invocação de S. Miguel de Barreiros.

Historico—Por uma concessão régia de Portugal, no principio do seculo 18° existiu, no local em que hoje está situado o engenho Bemfica, então do Morgado do Cabo, concessionario de uma sesmaria de cinco leguas de terras, uma aldeia de indios, cujo chefe se dizia descendente do grande Camarão. Tal sesmaria partia da *Pedra do Conde*, na praia de Tamandaré, e tomava, para o sul, grande parte dos terrenos actuaes do Municipio, onde foram erguidos os primeiros engenhos — *Carassú* e *Buenos-Ayres*. Ficava a aldeia entre esses dous engenhos e os indios faziam grandes estragos nas lavouras suas. Então, como uma providencia proveitosa, o morgado procurou conseguir do Governo a troca de taes terrenos por outros mais proximos do rio Una, onde os indios pudessem viver da pesca e da caça. Situados os indios no cimo dos montes, foi levantada uma capella, sob a invocação de S. Miguel, a qual acha-se hoje em ruinas. No começo do seculo passado Diogo Paes Barreto instituiu um patrimonio a Santo Antonio, de meia legua d'esses terrenos, debaixo da condição de se erigir, ao referido Santo, uma capella; o que, ratificado por seus herdeiros, foi levada á effeito a construcção da capella desejada pelo doador. D'ahi data o inicio do povoamento de *Barreiros*, cujo nome tomou de cavidades e depressões feitas na terra, por *caititús* (porcos monteses), para seus espojeiros, sendo estes em grande numero. Chamavam os indios ao sitio os—*Barreiros*—, e esse nome, communicado á aldeia e transmittido ao nucleo de população formado, fez a distincção,—chamando-se *Barreiros Velhos* ao antigo aldeiamento, e simplesmente *Barreiros* ao local da actual cidade. Em 1786, havendo no local já uma crescida povoação, por acto da Mesa da Consciencia e Ordens foi creada a freg. de S. Miguel de Barreiros, desmembrando-se seu territorio da de Serinhãem, e sendo nomeado seu 1° vigario o P^e^. Ignacio Xavier da Costa que a installou em 1787; segue depois como 2°, o P^e^. Manuel Alves de Carvalho até 1823; 3°, João Rodrigues do Espirito Santo até 1834; 4°, o P^e^. José Felicio de Meira Lima até 1838; 5°, P^e^. Antonio da Rocha Rego até 1842; 6°, P^e^. João Baptista Soares até 1883; 7° P^e^. Augusto Adolpho Soares Kurswetter, etc.

A Lei provincial n. 139 de 6 de maio de 1845 uniu a esta freguezia toda a parte da de Una, ao sul do rio d'este nome; mas a Lei n. 151 de 30 de maio de 1846 revogou a disposição supra, restituindo á mesma freguezia de Una. Tendo sido supprimida, pela Lei n. 175 de 1 de dezembro de 1846, foi restaurada pela de n. 238 de 26 de maio de 1849, dando-lhe os mesmos limites que tinha d'antes, pela Lei n. 314 de 13 de maio de 1853 foi desligada do termo do Rio Formoso para fazer, com a freguezia de Agua Preta, um termo, sendo a séde Barreiros que — foi elevada á villa, ficando extincta a de Agua Preta; perdeu o territorio de Agua Preta que foi restaurada villa, pela Lei n. 460 de 2 de maio de 1859; desmembrada da comarca do Rio Formoso, foi incorporada á de Palmares, creada pela Lei n. 520 de 13 de maio de 1862; foi creada comarca pela Lei provincial n. 1057 de 7 de junho de 1872 e classificada de 2^a^ entrancia pelos Decrs. ns. 5004 de 10 de junho de 1872 e 5139 de 13 de novembro d'esse anno. Na historia dos acontecimentos de Pernambuco não é Barreiros um ponto obscuro. — A 10 de janeiro de 1849 os revoltosos, commandados por Antonio Feitosa de Mello, pelo deputado Dr. Felix Peixoto

de Brito e Mello e pelo tenente-coronel Feliciano Joaquim dos Santos, em numero de quinhentos, atacaram aquelle logar que era um ponto bem guarnecido, havendo ali tropa de linha e de paisanos, dentro de muitas trincheiras de madeira, dirigidas pelo valente official do 6º de caçadores Manuel Cavalcante Lins Walcacer, o qual, só depois de muitas horas de tenaz resistencia, cedeu o campo aos revoltosos. Neste combate tomaram parte contra o governo, além de outros, Antonio Feitosa, o indio B. José Duarte, Antonio Jacinto, Manuel de Barros e Albuquerque, Luiz Cesario do Rego, Miguel Alves de Lima e Sebastião Alves da Silva. Tem tido alguns filhos illustres, podendo-se mencionar os seguintes: Conego João Baptista de Albuquerque, Padre Manuel Amancio das Dores Chaves, Dr. Antonio da Rocha Hollanda Cavalcante, Dr. Luiz da Rocha Hollanda Cavalcante (engenheiro civil), Majores Manuel Honorato de Barros e Francisco Ferrão Castello Branco, professor José Belisario Marinho Falcão e o indio Agostinho Pessoa do Penasco, todos os quaes já dobraram a fronte para o tumulo. Teve Barreiros como seu primeiro Juiz de Direito o Dr. João Francisco da Silva Braga; 1º Juiz Municipal o Dr. Antonio Borges Leal; e 1º promotor o Dr. Mendo de Sá Barreto Sampaio. Em virtude da Lei n. 52 de 3 de agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo, em 23 de fevereiro de 1893, tendo sido eleitos — Prefeito o Dr. José Nicoláo Pereira dos Santos, Sub-Prefeito André Alves Cavalcante Camboim, sendo tambem eleitos para o Conselho Municipal—Major João Paulino Moreira Temporal, Dr. João Carlos de Albuquerque Bello, Capitão Manuel Machado de Albuquerque Camboim, José Austriclinio de Souza, José Lins de Barros, Tenente Manoel Leoncio de Mello, Alferes Olympio Theodoro da Silva e Amaro Gomes de Oliveira. A villa de Barreiros foi elevada á cathegoria de cidade pela Lei estadoal n. 38 de 1 de junho de 1892.

POSIÇÃO ASTRONOMICA — A cidade de Barreiros fica situada a 8º 49' de lat. austral e a 7º 57' 48" de long. orient. do Rio de Janeiro.

LIMITES — Confina: ao norte com a freg. de Una, do mun. do Rio Formoso, pelo rio Una; ao oeste, com Agua Preta, pelo rio Una, desde o engenho Limeira (que pertence á Agua Preta), até á confluencia do Jacuipe, e por este acima até á foz do riacho João Mulato, no engenho Santa Cruz (do mun. de Barreiros); ao sul, com a freg. de S. Bento, mun. de Maragogy, do Estado de Alagôas, pelo rio Persinunga, em toda sua extensão, o qual nasce no engenho Bemfica, seguindo os limites dahi, por uma linha tirada á nascença do riacho João Mulato e continuando por éste até sua foz no rio Jacuipe; e á léste, com o oceano.

DIMENSÕES — O mun. de Barreiros tem cerca de 18 a 19 klms. de costa, entre as barras dos rios Una e Persinunga, conservando, mais ou menos, esta dimensão até o fim, na barra do Jacuipe no rio Una, a qual dista da foz deste cerca de 40 kilometros.

ASPECTO DO SOLO — O terreno do mun. é plano nuns logares e montanhoso em outros; seus valles são, na maior parte, de maçapê e os montes de barro amarello.

CLIMA E SALUBRIDADE — O clima é temperado e pouco salubre na estação invernosa.

DIVISÕES — O mun. só contém uma parochia e divide-se em tres districtos administrativos.

POPULAÇÃO — A população do mun. póde ser calculada em 16.000 habitantes, deste modo: a cidade de Barreiros, 6.000; S. José da Corôa Grande, 2.000; a dos povoados Abrêo de Una e Varzea do Una, 1.200; e distribuida por todos os engenhos e outras habitações ruraes, 6.000.

TOPOGRAPHIA — A cidade de Barreiros está situada em terreno accidentado, á margem dos rios Una e Cariman, e

occupa ainda toda a ilha denominada do Jardim, formada por estes dous rios e por um canal artificial, que unia os referidos rios, no eng. Tibiry, onde actualmente está a barragem que, custando ao Estado 10:000$, votados pela antiga Assembléa Provincial, e mais 2:700$ com que, para sua conclusão, concorreu o Dr. Felisbino de Mendonça Vasconcellos, foi construida pelo cidadão João Baptista Cabral. Tem uma população de uns 6.000 habitantes, uma boa casa de mercado (não concluida), o paço do Conselho Municipal, edificio proprio, a matriz, bom e elegante templo de duas torres e edificado em 1849 pelo vigario João Baptista Soares, uma casa para escola; não tendo uma cadeia em boas condições, pois, para esse fim, serve uma casa alugada e em máo estado. Até essa cidade chega a navegação pelo rio Una, por onde, em canôas, lanchas e barcaças, se exportam os productos agricolas, e é feito o commercio com a praça do Recife. Em 1904 tinha essa cidade 37 lojas de fazendas, 91 estabelecimentos de seccos e molhados, 4 padarias, 4 trapiches, 10 armazens de diversos generos, 8 proprietarios de barcaças, 3 cabelleireiros, 4 alfaiates, 6 marceneiros, 3 funileiros, 3 ourives, 5 sapateiros, 3 ferreiros e 3 fogueteiros. Na matriz existe uma irmandade cujo compromisso foi approvado, em 1867, pelo governador do bispado Rev. Joaquim Francisco dos Santos.

Povoações —*S. José da Corôa Grande*, a 9 klms. ao sul e na costa, proximo á foz do Persinunga. *Abreo de Una*, a 8 1/2 klms. a léste da séde, na barra do rio Una. *Varzea do Una*, a 4 klms. distante do povoado de Abreo, á margem do rio Una. *Gravatá*, ao sul de Abreo e da séde e á beira do mar.

Capellas — Existem a de S. João Baptista, em Abreo de Una; a de S. Sebastião da Varzea do Una; a de S. José em S. José da Corôa Grande; a de N. S. do Lorêto, no engenho Tibiry, a 2 klms. da matriz; a de N. S. da Conceição, no engenho Tentugal; a de Santo Antonio, no engenho Passagem Velha; a de N. S. da Conceição, a 4 klms., no engenho Linda Flôr; a de Sant'Anna do engenho Araguaba; e ainda as dos engenhos Manguinho—de Santo Antonio, a 12 klms.; Arassú, de N. S. da Conceição; Murim, Muitas Cabras, inv. S. João (a 24 klms.), e a de Pracinha.

Orographia — Não ha no mun. serras dignas de menção.

Hydrographia — O mun. é banhado á léste pelo oceano atlantico. Os rios que lhe regam o solo são: o *Una*, que corre de oeste para léste no mun., dividindo este da freg. de Una e vae desaguar no mar, junto ao povoado Abreo; navegavel por lanchas, canôas e barcaças até a cidade de Barreiros; dahi para cima não póde sel-o, apezar de seu volume d'agua, por causa das cachoeiras. O *Jacuipe*, affluente do Una, fazendo a confluencia no ponto dos limites com Agua Preta; o *João Mulato*, affluente do Jacuipe; o *Persinunga*, o *Gindahy*, affluente deste, no engenho Buenos Ayres; o *Carassú* que, do engenho Tibiry por diante, toma o nome de Cariman e desagua no rio Una, dentro da cidade, formando a denominada — *Ilha do Jardim* — e recebe em seu curso os riachos Bella Vista, das Pedras, da Jussára, Nambú, Paccas, Jaguaraba, Camarão, Calembe, Camutengue, Santo Estevão, Tapirassá e Roncador; o Tentugal, que desagua no mar, na Barra da Cruz, e outros mais de minima importancia.

Pontes — Sobre o rio Cariman, em terras do engenho Bombardo.

Producções — Produz os cereaes como o milho, o feijão, a mandioca, a batata e outros; mas a principal cultura é a da canna de assucar e a de coqueiros, nos terrenos da costa do mar.

Commercio e agricultura — O commercio de Barreiros é florescente e promettedor de incremento. E' formado por uma feira animada, semanal, onde

são vendidos os productos locaes, e pela troca dos diversos generos importados, existentes em grande numero de estabelecimentos commerciaes da cidade. Esta mantém com a capital activa correspondencia dos generos que compra e de productos que vende. A agricultura, mais exclusivamente do plantio da canna de assucar, tem os engenhos: Araguaba, Araguary, Arassú, Araticum, Barra Velha, Bemfica, Boa Sorte, Boa Esperança, Bocca da Matta, Bombardo, Bom Dia, Bom Futuro, Bom Jardim, Bom Tom, Bragança, Buenos Ayres, Cachoeira Alta, Cachoeira Linda, Campina Grande, Campo Verde, Camocim Camutengue, Carassú, Duas Barras, Gindahy, Herval, Jussára, Linda Flor, Muitas Cabras, Manguinho, Murim, Nova Aurora, Outeiro Alto, Pracinha, Páo Amarello, Páo Ferro, Passagem, Queimadas, Regalia, Rebouças, Roncador, Roncadorzinho, Saboroso, Santa Cruz, Santo Antonio, S. Domingos, S. Pedro, Soledade, Tanque, Tentugal, Tibiry e Victoria. Possue tambem a usina *Carassú*, fundada a esforços do fallecido coronel João Carlos de Mendonça e Vasconcellos. Esta usina acha-se sufficientemente montada para o fabrico de assucar e alcool; tem bastante fornecimento de cannas para produzir 25.000 saccos de assucar, uma bem construida linha ferrea, desde o porto da cidade de Barreiros, para onde remette seus productos, até ao ponto Estacio Coimbra, ultimo de seus fornecedores, com um ramal pelo valle do riacho Camarão, tudo na extensão de 22 klms. Já presta esta linha serviços ao publico, transportando, até o engenho Bom Jardim, as ferragens dos engenhos que lhe ficam acima; e, dahi para o porto da cidade, os productos de alguns dos mesmos engenhos.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO—Barreiros se communica com a capital, ou pelo mar, fazendo viagem fluvial, pelo rio Una até sua foz, ou por terra, indo pela E. F. de Cocahú á Barreiros, até a estação de Ribeirão, na via-ferrea do S. Francisco; e dalli, pela mesma via-ferrea, até o Recife. Para os outros pontos circumvizinhos a viagem é a cavallo, sendo os caminhos soffriveis no verão e intoleraveis na estação invernosa.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Possue sómente seis escolas municipaes. Ha na séde do mun. a bibliotheca do *Club Litterario Barreirense*, cuja leitura é franca ao publico. Afóra a da cidade, a população é, no geral, inculta.

FINANÇAS — O Conselho Municipal orçou a receita para 1904 em 27:000$ e a despeza em 25:564$000.

REINOS DA NATUREZA — O reino animal é abundante de caças nas mattas e nos campos, e os rios são piscosos, preferindo a população o peixe do mar. A flora contém os mesmos vegetaes de outros logares da zona. Os mineraes conhecidos são unicamente a pedra de construcção e a argilla talcosa.

DISTANCIAS — A cidade de Barreiros fica a 130 klms. do Recife, a 54 de Agua Preta, a 48 de Gamelleira, a 8 da povoação de Una e a 38 do Rio Formoso.

LINHA TELEGRAPHICA — Goza dessa vantagem desde 12 de abril de 1873, quando foi inaugurada.

Barreta —Entrada meridional do ante-porto do Poço, no Recife; é uma passagem muito estreita de fundo de 3m,3 nas marés vasias. E' tambem denominada *Barra do Picão.*

Barrica — *Serra* — Situada na freg. e mun. do Limoeiro, junto á cidade deste nome, e em prolongamento da serra da Raposa e da do Urubú. Tem a altura approximadamente de uns 500 metros, acima do nivel do sólo. Fica quasi despida de folhagem, ás vezes mesmo, inteiramente núa, na época do verão; mas, em voltando o inverno, transforma-se, as arvores revestem-se de folhas e, entre aquellas esparsas e tão escassas mesmo, surgem, em profusão, arbustos que, enchendo a face da serra, dão-lhe, de longe, o aspecto das

que são coroadas de mattas. Em seu cimo, de uma pedra que alli existe, o observador, espraiando a vista ao longo do horizonte que se descortina em frente de seu olhar, encanta-se na contemplação de ridente quadro, do esplendido panorama, que é a compensação do cansaço e fadiga com que chegou a transpor-lhe o fastigio. Asseveram existir nessa serra, como na sua vizinha (a da Raposa), bastante ferro e crystal de rocha, havendo se encontrado na base

dos muns. de Boa Vista e Cabrobó; della nasce o riacho Carahybas.

Barro Vermelho — Povoado na freguezia de Afogados, municipio do Recife, á margem da estrada que conduz á cidade da Victoria, possue uma capella, cujo orago é a Virgem da Conceição. E' conhecido (preferentemente, com o nome de *Barro* (vid. *Barro*). Em 1839, habitantes desse logar, então um simples quarteirão do 1° districto da parochia dos Afogados, edificaram

MONTE DE SANTA CRUZ

da mesma, constantemente, o ultimo desses metaes. O nome de *Barrica* lhe vem do facto de ter o engenheiro das obras publicas L. L. Vothier, em 1843, sentado alli uma barrica, quando fazia estudos geographicos da antiga provincia. Actualmente chamam-na serra da *Santa Cruz*, porque em 1901, no cimo, foi erigido um cruzeiro, que deu depois origem á capellinha que acolá se vê, da invocação do Senhor da Redempção.

Barroso — *Serrota* — Nas divisas

uma pequena casa de taipa com 20 p. em quadro, sem apparencia de templo, collocando nella a imagem de N. S. da Conceição, em um altar ligeiramente feito, no qual, em 25 de dezembro do referido anno, o Padre José Antonio da Silva, convidado para isso, celebrou a primeira missa da noite de Natal. Em 1851, o cidadão Antonio Corrêa Maia e outros, auxiliados pelo finado Manoel Joaquim do Rego Albuquerque, que doou o patrimonio, iniciaram a reconstrucção, de tijolo, da capella actual,

sendo tambem os mesmos, em 1853, os instituidores da irmandade da Conceição, administradora hoje dos negocios da capella. Em 1869, finalmente, Fr. Fidelis Maria de Fognano ainda fez-lhe grandes concertos e tambem a sacristia, que não tinha.

Barro Vermelho—*Povoação*— No municipio de Villa Bella, possue uma capella dedicada a S. João.

Bartholomêo—*Riacho*—Nasce de uns montes ao norte da Casa Amarella, freguezia do Poço da Panella, corre na direcção léste até á altura do logar Cruz de Almas, e dahi, mudando a direcção para o norte, vae despejar no riacho Agua Fria, affl. do rio Beberibe.

Bartholomêo — *Logarejo* — Na freg. de Muribeca, mun. de Jaboatão, ao SO da séde.

Basilio — Logarejo que demora a 12 klms. da cidade de S. Bento.

Barricudo —*Riacho*—Corre no mun. de Alagôa de Baixo e derrama no Moxotó.

Barriguda—*Serra*—Situada no municipio de Alagôa de Baixo, na qual se encontram inscripções e hyerogliphos.

Barriguda —*Riacho*— Corre no mun. de Alagôa de Baixo, para o Moxotó, procedente da serra de seu nome.

Barril — Engenho situado no mun. de Goyanna.

Barris — Logarejo que pertence ao mun. de Goyanna.

Barro — *Povoação* — Situada na freg. de Afogados, ao sul da séde e a 5 klms. distante della, á marg. da estrada de rodagem que se dirige para a cidade da Victoria. Tem uma capella votada a N. S. da Conceição, construida de taipa em 1839, reconstruida de tijolo em 1851, tendo sido, ainda em 1869, concertada pelo capuchinho Fr. Fidelis M. de Fognano, que fez a sacristia.

Barro—*Riacho*—Banha o municipio de Bom Conselho e desagua no rio Parahyba do Sul.

Barro Alto —Logarejo á marg. do S. Francisco, no mun. de Boa-Vista.

Barro Branco—Assim se denomina uma das praias da ilha de Fernando de Noronha.

Barro Branco —Sitio no municipio da Pedra, onde se encontram pedra de amolar e calcareas.

Barro Branco — Logarejo da freguezia de Ingazeira, a menos de 18 klms. da séde (Afogados).

Barro Branco — Engenhos que existem nos municipios do Bonito, de Agua Preta e no districto de Catende, do mun. de Palmares.

Barro Branco—*Engenho*—No mun. da Escada, a 6 klms. da séde.

Barro Branco—*Riacho*— Affluente da marg. esq. do rio Una, corre no mun. do Bonito.

Barróca — *Lagôa* — Existe no mun. de Granito.

Barróca — *Engenho* — No mun. de Pau d'Alho.

Bastião — *Logarejo* — No mun. de Aguas Bellas.

Bastiões — Eng. do mun. de Gamelleira a 9 klms. ao norte dessa cidade.

Bastiões—*Serra*—Denominação de um dos ramos da Serra do Prata, que, seguindo a direcção léste, e com a extensão de 48 klms., mais ou menos, vae terminar proxima á de Garanhuns, recebendo em sua trajectoria tambem os nomes—Catimbáo, Jussara e Fójos.

Bastiões — *Riacho* — Nasce na serra do seu nome, rega o mun. de Bom Conselho, derramando suas aguas no Lages, affluente do Garanhunzinho.

Batalha—*Logarejo*—Situado na parochia de Muribeca, é um logar sem importancia, e deve seu nome á proximidade dos montes Guararapes onde se deram em memoravel batalha, dous renhidos combates, — o de 19 de abril de 1648 e — o de 18 de Fevereiro de 1649.

Bataria—Eng. do mun. da Victoria a 4 klms. ao NE. da cidade desse nome.

Bataria—*Riacho*—Corre no mu-

nicipio da Victoria, para o Tapacurá, affluente do Capibaribe.

Batatan — *Riacho* — Nasce no logar Pedras Miudas, mun. do Limoeiro, e derrama no Capibaribe, no sitio denominado Ribeiro do Mel, do mesmo municipio, pela marg. meridional.

Batatan—Engenho do mun. de Goyanna, freg de N. S. do Rosario.

Batatas — *Povoado* — Situado no mun. de S. José do Egypto, ao oeste da séde, é tambem conhecido por *Santo Antonio do Egypto*; tem uma capellinha dedicada a esse santo, e uma feira.

Batateira—*Povoado*—Na freg. do Bonito, á marg. do rio Una, cuja fundação deve ao capitão José Leandro Gomes dos Santos. Tem uma capella sob a invocação de S. Sebastião.

Batateira — Povoado nascente na freguezia e mun. de Amaragy.

Batateira — *Serra* — Situada no mun. de Amaragy.

Batateira — Engenhos dos municipios do Bonito e d'Agua Preta.

Batateira — *Riacho* — Corre no mun. do Bonito para o rio Una.

Batel — *Logarejo* — No mun. do Rio Formoso.

Bateria — No municipio de Taquaretinga, um pouco acima e a oeste do povoado *Couro d'Anta*, é um logar historico onde, por sua situação apertada, parece uma trincheira, sendo para o lado do rio Capibaribe uma barreira precipitada, de mais de 4 metros de altura, formada de pedras mal dispostas, e em distancia superior a 20 metros; e para a parte da estrada, uma serrota ingreme, quasi inaccessivel em que, correndo-lhe em frente um riacho, fórma uma especie de praça. Ahi, em 1824, os revoltosos, sob o commando de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca, que iam em demanda do interior da Parahyba, se fortificaram, fazendo fogo sobre a tropa do governo. Nesse terrivel logar, onde mal se accommodavam dous soldados no leito da estrada, fizeram estrepito tal, que os soldados attonitos e perturbados, precipitaram-se, uns para a barreira e outros cahiram feridos no caminho, dando assim tempo aos revoltosos de ganharem terreno; e, quando a força sahiu do estado de torpôr em que ficara, e se poz em ordem, já não havia mais ninguem alli, senão ella mesma. Então o commandante, com o desapontamento produzido pelo facto, mandou abocar as peças para as casas avistadas d'aquelle ponto, chegando até a derrubar ainda algumas.

Baticuba — *Serra* — Situada na freg. e mun. de Bezerros.

Batinga — *Logarejo* — No mun. de Triumpho. *Batinga* ou Ybatinga, vocabulo tupy, significa arvore branca de yba, arvore e tinga, branca.

Batinga—*Arraial*—Fica situado no mun. do Buique.

Batingas—*Serra*—No mun. do Brejo, freg. de Bello Jardim, fica ao SO. da séde parochial.

Batingas—*Serra*—E' uma ramificação da serra do Prata, fica situada no mun. de Bom Conselho.

Batingas — *Riacho* — Nasce na serra do mesmo nome, e, correndo no mun. de Bom Conselho, desagua no Genipapo, affluente do Traipú.

Baxio—*Povoado*—Situado ao oeste da Villa de Granito, pertence a este municipio e é logar de pequena importancia.

Bebado — *Riacho* — Affluente do riacho Goytá, corre no mun. da Gloria de Goytá.

Bebedor—*Povoadinho* no municipio de Petrolina; fica ao oeste do morro que lhe empresta o nome.

Bebedor—*Riacho*—Nasce, corre e desagua, na freg. e mun. de Petrolina, no Rio S. Francisco.

Bebedouro — *Povoação* — Foi fundada por João Guilherme Pontes, fica situada a 18 klms. ao nordeste da villa do Altinho, a cujo municipio pertence, está assentada á margem do riacho Mentiroso, e tem uma capella dedicada

a Santo Antonio; é logar florescente e possue, ás sextas-feiras, uma feira para o abastecimento da população da localidade. A agua, porém, que se bebe alli é de má qualidade, e o clima não é bastante salubre. A lei n. 1828 de 29 de junho de 1881 tinha creado de Bebedouro uma freguezia, mas ficou essa creação sem effeito, pela falta do provimento canonico. Bebedouro comprehende um dos districtos do Altinho —o segundo. Em seu territorio ficam as serras: dos Laços, do Saquinho, do Urucú, da Camaratuba, e a do Mendes; os rios: Una, Prata e o riacho Mentiroso; e as lagôas—do Pé da Serra, do Capim, do Lage e de Dentro.

Bebedouro — Engenhoca do municipio de Bom Conselho.

Bebedouro — *Logarejo* — Na freg. da Varzea, mun. do Recife, junto á Iputinga.

Beberibe — *Povoação* — Situada á meia hora de caminho, pela estrada de ferro suburbana do Recife a Olinda e Beberibe, a 7.840 metros do Recife, no ramal da mesma linha ferrea, é um logar gentil, rodeado de magnificas mattas e banhado pelo rio que lhe dá o nome, cujas aguas são assaz apreciadas. A edificação se acha espalhada em fórma de sitios, e sómente na povoação, que é pequena, arruada regularmente. Tem uma capellinha dedicada a Nossa Senhora da Conceição, a qual primitivamente foi do antigo engenho Beberibe, reedificada em 1850 por Frei Caetano de Messina. Pertence ao municipio de Olinda, donde dista 6 klms. ao oéste. O nome Beberibe é de origem indigena e significa - *logar onde cresce a canna*, de viba, *canna* e pype—*logar onde*. (Revista do Inst. do Ceará. Dicc. do Dez. Paulino Nogueira.) O Padre A. Ruiz de Montoya diz exprimir — *voar em bando*—composto de—*bebé*—voar, pairar e—*ribe*—em companhia, em bando, junto com. Esta ultima traducção nos parece mais acceitavel, porque refere-se á palavra tal qual é, emquanto que a outra—*vibapipe*—é preciso ainda admittir-se sua corruptela. Demais, achamos na ultima significação alguma analogia com o facto expresso. Nas margens de alguns rios nossos, bordados de arvores que os enchem de sombrio, como acontece com o mesmo rio *Beberibe*, as aves reunem-se em bandos nas ramagens e, ao menor ruido, voam assim. Não terá isto relação com o nome do rio que o empresta á povoação? Parece. O Dr. Alfredo de Carvalho no seu trabalho *O Tupy na Chorographia Pernambucana* diz: «corruptela de *Iabebir-y*, rio das raias ou peixes chatos. No mappa *Præfectura Paranambuca pars Borealis*, da obra de Barlœus, este rio é duas vezes designado pelo nome *Jababiri*, motivo por que preferi esta etymologia.» A lei prov. n. 1383 de 2 de Maio de 1879 elevou este logar á categoria de freguezia, desmembrando-o da Sé de Olinda; não teve, porém, provimento canonico e por isso continúa a fazer parte da parochia da Sé.

Nesse logar, depois do combate de 3 de outubro de 1821, entre as tropas do general Luiz do Rego Barreto e os liberaes pernambucanos, foi assignada a capitulação que o mesmo general propôz e foi acceita, em 8 daquelle mez, a qual é conhecida com o nome de *Convenção do Beberibe*. — Em 21 de novembro de 1848 foi atacada a povoação de Beberibe, pelos *rebeldes praeiros*.

O Dr. Pereira da Costa, a respeito de Beberibe, publicou em 1905 as seguintes curiosas informações: —«Em meiados do seculo XVI já florescia, animadamente, a cultura da canna, e avultava a exportação do assucar fabricado nos engenhos, espalhados a certas distancias da capital—Olinda, de Iguarassú, etc., — Beberibe, Casa Forte e Varzea. As terras de Beberibe, conjunctamente com as da Casa Forte, e uma parte das da Varzea, formando uma só e extensa data, foram doadas pelo primeiro donatario de Per-

nambuco, Duarte Coelho, á Diogo Gonçalves, auditor da gente de guerra da capitania, casado com D. Isabel Fróes, senhora de illustre origem, que viera de Portugal em 1535, em companhia do mesmo donatario, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Refere o autor da *Nobiliarchia Pernambucana*, que D. Isabel Fróes era afilhada da rainha D. Catharina, mulher de Dom João III, e que viera com recommendações da mesma rainha á D. Brites, de amparal-a e protegel-a, o que cumpriu a mesma, casando-a com o referido Diogo Gonçalves, homem de certa importancia na colonia pelo cargo que exercia, e por cujo enlace recebera do donatario vasta e riquissima data de terra. Celebrado o casamento, e de posse das suas terras, cuidou logo Diogo Gonçalves do levantamento de um engenho de assucar, situando-o na paragem mais proxima de Olinda, á margem direita do rio Beberibe, e no proprio logar em que hoje campêa a povoação do mesmo nome. A casa de vivenda ficava junto ao rio, á direita da ponte actual, e á pequena distancia; um pouco para o norte, na entrada da praça, foi situado o edificio da fabrica, ficando de permeio a capella, porém mais afastada para oeste, de fórma que, traçando-se uma linha de união sobre essas tres construcções, teremos um perfeito triangulo. Levantado o engenho e fundados os cannaviaes, começaram logo a affluir diversos moradores, que obtiveram a concessão de lotes de terras para o cultivo da canna, dentre os quaes temos noticia de um Francisco Barbosa e sua mulher Maria de Oliveira, *dos primeiros casaes que trouxe o donatario*. — ENGENHO DE BEBERIBE — Esta fabrica, como vimos, foi a primeira que fundou o auditor Diogo Gonçalves na extensa data de terra que lhe doara o donatario Duarte Coelho, em começos da colonisação de Pernambuco, cuja propriedade pertencia em 1609 a Leonardo Fróes, filho do referido auditor e de sua mulher D. Isabel Fróes; mas, em 1637, pertencia já ao colono Antonio de Sá, quando foi confiscada pelos hollandezes e vendida a Duarte Saraiva por dez mil florins, tendo então a denominação de *Engenho Eenkalchoven*. Anteriormente, porém, era conhecido por *Engenho Velho de Beberibe*, talvez por ser o primeiro que levantara o auditor Diogo Gonçalves, nas terras de sua propriedade. Com o correr dos annos foi a propriedade cahindo em abandono, de sorte que, em fins do seculo XVII já o engenho não safrejava mais, porquanto, descrevendo o seu proprietario José de Sá e Albuquerque, em seu testamento celebrado em 1708, os bens que possuia, não falla mais em engenho, e sim na *Fazenda de Beberibe, em uma legua de terra*, de que talvez tirasse melhores vantagens na exploração de suas mattas do que na trabalhosa industria do fabrico do assucar. Tempos depois voltou a propriedade aos herdeiros originarios do seu primitivo proprietario, de sorte que, em 1739, pertencia ao coronel Jacintho de Freitas da Silva, fidalgo da casa real, nascido em 1680, filho do tenente general Antonio de Freitas da Silva, que militara com muita distincção na guerra hollandeza, e de sua mulher D. Jeronyma Paes Daltro, filha de Jeronymo Paes Daltro e sua mulher D. Isabel Gonçalves Fróes, filha do auditor Diogo Gonçalves e D. Isabel Fróes. A primitiva capella do engenho, sob a invocação de N. S. da Conceição, que ainda existia pelos annos de 1637, desappareceu, tambem, da mesma fórma que o engenho; e que ella existia naquella época, não ha a menor duvida, porquanto figura em um dos quadros da galeria pernambucana do principe de Nassau offerecida ao rei de França Luiz XIV, em cuja descripção se lê o seguinte, referente a um dos paineis: — *La revière se nome Bibaribe; delà c'est un moulin à sucre avec la demeure du seigneur, et plus haut la chapelle*. Em 1739, porém, já

não existia a capella do velho engenho do Beberibe ; e para remediar a sua falta nessa época, quando a localidade offerecia já o aspecto de um povoado prospero, si bem que nascente, abriu mão o coronel Jacintho de Freitas da Silva, proprietario de suas terras, de um terreno proporcionado não sómente á construcção do templo, como tambem para a constituição do seu patrimonio, como tudo consta da competente escriptura publica lavrada em 19 de abril do indicado anno de 1739. A esse tempo instituiu-se uma irmandade composta de pessoas da localidade, a qual se incumbiu das obras de construcção da capella, e tomando posse das terras patrimoniaes, em 29 de setembro de 1743, como se vê de um termo lavrado em reunião da corporação, celebrada em 21 de janeiro de 1787, e constante do competente livro, deu logo começo á edificação do templo, porém tiveram taes interrupções os seus trabalhos, que sómente em 1767, ao que parece, foi installado o culto publico. Vem, portanto, de 1743 a época de construcção da capella de Nossa Senhora da Conceição de Beberibe, onde descançam os restos mortaes dos seus bemfeitores, os ultimos proprietarios das terras do extincto engenho, encerrando sua serie, D. Josepha Francisca de Freitas e Silva, fallecida em 1856.

Beberibe—*Rio* — Nasce no logar Cabeça de Cavallo, de um pequeno olho d'agua, situado no corgo denominado das *Pacas* entre os muns. de S. Lourenço e Olinda, nas mattas dos engenhos Timbó e Massiape; d'ahi se fórma o pequeno riacho que tomou aquelle nome, e vem recebendo outros muitos riachinhos e vertentes, seguindo um curso muito tortuoso em zig-zag, na direcção geral, pouco mais ou menos de LO, coberto inteiramente por mattas virgens, até o logar onde recebe o riacho denominado *Secca*, em distancia de 15 kilometros abaixo da sua nascença, e 1 1/2 klm. acima do porto chamado do *Ferraz*. Nesta extensão acha-se o rio em alguns logares cortado por grandes bancos de areia, que atravessando-o de uma margem a outra, cortam o seu curso; porém observa-se, que as aguas infiltrando-se nesses bancos de areia, atravessam e surgem na parte inferior da continuação do leito do rio, em fórma de vertentes. Tambem se nota que a maior parte das vertentes e riachos, que se encontram naquella extensão do rio acima do porto *Ferraz*, seccam pelo verão, e por esse motivo o rio Beberibe é de nenhuma importancia na referida extensão. Do porto do *Ferraz* até á povoação de Beberibe tem o rio a extensão de 4 1/2 kilometros seguindo o proprio leito, que é sempre muito tortuoso, porém mais abundante de agua, em consequencia dos muitos riachos affluentes que recebe nesta extensão ; de maneira que conserva a largura regular de 5 a 6 metros, e a profundidade variavel de o ,44 a 0^m,66, e com a correnteza de 2 a 3 milhas, em alguns logares de 4 a 5, onde têm sido cortadas as voltas. Os principaes affluentes dessa parte do rio são o riacho denominado Pimenta, e o riacho do Brejo, vulgarmente chamado rio Quente, alguns o chamam Morno, e outros Beberibe-mirim. Ambos estes riachos são perennes, ainda que o volume das aguas do primeiro diminua muito no verão. O riacho Pimenta tem sua nascença ao pé do monte denominado Chã dos Allemães, e seu curso é de 4 klms. pouco mais ou menos, e vae desaguar no Beberibe, 2 kilometros abaixo do porto do *Ferraz*. O riacho do Brejo ou rio Quente tem sua nascença no córgo do Genipapo, do lado opposto ao do riacho Pimenta, passa pelo logar chamado Brejo, e por muitos terrenos alagados, donde, achando-se completamente descoberto e exposto aos raios solares, resulta ficarem as suas aguas mais quentes, que as do Beberibe, que é todo coberto de arvoredos, dahi vindo chamar-se rio Quente a esse riacho, que desagua no

Beberibe junto á povoação. Daquella povoação até á cidade de Olinda, continúa o rio Beberibe o seu curso da mesma fórma muito tortuoso, com a extensão de 4 k. 840^{m}, passando por terrenos muito baixos e pantanosos. Em toda a extensão do seu curso tem aquelle rio a declividade média de 1 por 1.000; as suas margens não se elevam mais de 4 á 6 palmos acima do nivel das aguas no verão, donde resulta serem inundados os terrenos lateraes logo que apparece qualquer cheia. O valle deste rio, desde a sua nascença até a povoação do mesmo nome, é muito estreito, porém da povoação para baixo alarga-se bastante, de maneira que, á pouca distancia, entra na grande varzea denominada pantano de Olinda. Os terrenos lateraes ao rio são de barro ferruginoso e massapê, e nos logares mais baixos ariscos; segundo dizem, não são de grande producção; mas, é de presumir não seja isso exacto, porque ahi se encontram muitas plantações, taes como mandioca, macaxeira (aipim), que produzem em grande abundancia, e em alguns logares tambem se encontram a canna de assucar, o feijão, o arroz, e até mesmo o ananaz, abacaxi, cujas plantações alcançam grandes proporções, e produzem abundantemente sem auxilio de estrume. O unico commercio que existe desde a povoação de Beberibe até o porto do *Ferraz* é apenas de conducção de madeiras que descem pelo rio em balsas até á cidade de Olinda; porque o carvão que se faz nas mattas daquella visinhança, e que constitue ahi o unico objecto de commercio, é todo conduzido em cargas para a cidade do Recife. Nas margens desse rio, abaixo da povoação, e até á cidade de Olinda, existem muitos sitios, com diversas plantações, sendo o capim de planta o principal producto, e para o qual parece mais apropriada a maior parte desses sitios. Descripto como ficou todo o curso do rio Beberibe, repetimos, resumindo, em melhor ordem e com outros esclarecimentos: banha o rio Beberibe (na freg. do Poço), mun. do Recife, as propriedades Ferraz, Pimenteiras (margem dir.), Passarinho (pelo centro), Beringué, Quibuca (margem esq.), Coelhas (á dir.), Cafezeiros (á dir. e fronteiro de Coelhas), Passagem das Môças (á dir.) e depois seguindo pelo mun. de Olinda banha o Cumbe, as povoações de Beberibe, do Porto da Madeira e do Coqueiro, sitio dos Craveiros, do Fundão, do Salgueiro e do Peixinho, até á cidade de Olinda, donde volvendo á direcção N. a S. torna ao mun. do Recife, seguindo ao longo do isthmo de Olinda e entre os bairros de Santo Amaro das Salinas e de S. Frei Pedro Gonçalves ou Recife, ao encontro do Capibaribe, na extrema meridional da ilha de S. Antonio, para juntos entrarem no oceano, passando sob as pontes Buarque de Macedo e Sete de Setembro. Os affluentes recebidos em todo o percurso são os seguintes: o Pimenteiras, o Secca, o Marmajudo, o Dous Unidos, o Agua Fria, o Assador de Varas ou Chã de Piabas, o Beringué ou Roncador, o Quibuca, o Tapa d'Agua ou Coelhas, o Lava-Tripas e o Beberibe-mirim ou Morno.

Beija Flor — *Riacho* — Nasce no mun. de Amaragy e, depois de uns 7 klms. de curso, vae despejar, pela marg. esq., no rio Amaragy.

Beija Flor — Engenhos nos municipios de Agua Preta, Victoria e Amaragy, este a 9 klms. da séde.

Belém — *Cidade* — Séde do mun. de Cabrobó, mas não da freguezia, que continúa a ser a cidade de Cabrobó, a 66 klms. distante.

Historico e topographia — Situada á marg. esq. do rio S. Francisco e quasi na foz do riacho do Baixio. Possue uma egreja cujo orago é N. S. da Conceição, que a lei prov. n. 1835 de 12 de março de 1885 creou freg., mas, até a presente data não teve provimento canonico. Os limites que lhe haviam assignalado foram os seguintes: Da fazenda Malhada

seguirá rumo direito ao N. até a fazenda Cacimba Nova, junto á serra da Raposa, comprehendendo o territorio das fazendas — Furna da Onça, Poção, Páu Ferro, Jardim e Mouca. Da referida fazenda Cacimba Nova, subirá a linha divisoria á serra da Raposa pela divisão das aguas até Malhada Grande; seguirá a mesma linha pela margem do rio S. Francisco abaixo, até onde extrema a freguezia do Cabrobó com a da Fazenda Grande (Floresta), no logar Carapuça, e d'ahi, pela mesma direcção até ao logar Tucuruba, ponto da extrema da dita freguezia Fazenda Grande ás ilhas fronteiras, da Tucuruba seguirá rumo direito para o serrote dos Campos, pelo riacho tambem chamado Tucuruba, e deste ultimo ponto, e no mesmo rumo, seguirá a linha pela fazenda Volta, abrangendo o territorio das fazendas Emburana e Boa Sorte, proseguindo pelo riacho Capim Grosso acima, até extremar com a freguezia da Serra Talhada (Villa Bella), ficando a pertencer á nova freguezia esse riacho. A lei estadoal n. 587 de 7 de maio de 1903 elevou a povoação á categoria de cidade e para ella passou a séde do mun. de Cabrobó, sendo inaugurada em 23 de maio do mesmo anno. (V. CABROBÓ).

Belém — *Povoação* — Situada na freguezia da Graça, municipio do Recife, é cortada pela via-ferrea urbana do Recife á Olinda, ficando sua estação distante da central da rua Aurora, 3k. 196 m. E' mais conhecida hoje pelo nome de Encruzilhada. Existe no logar uma capellinha, dedicada a N. S. da Conceição, fundada em 1764 por Ignacio Ribeiro de Mello. No chão e sobre o ladrilho do corredor dessa capella, em 2 de fevereiro de 1849, até o dia 3, quando foi conduzido para o Recife, em uma rêde, esteve 24 horas depositado o cadaver do legendario Desembargador Joaquim Nunes Machado, a alma da revolução praieira e victima, cahindo atravessado por uma bala, no combate da Soledade, do mesmo dia 2 de fevereiro. Em 1874, no dia anniversario de sua morte, para assignalar o sitio em que jazeu seu corpo inanimado, foi collocada uma lapide commemorativa, com a seguinte inscripção, que alli ainda se lê:

JOAQUIM NUNES MACHADO

No chão que defronta com esta lapida
Foi depositado
Aos 2 de Fevereiro de 1849
O cadaver do grande pernambucano
Que não poude ter sepultura
por mão amiga
E no dia seguinte, violentadas as portas
d'esta capella,
Foi conduzido como trophéo de victoria
para a cidade do Recife,
e, depois de ostentosa victoria,
entregue aos religiosos franciscanos.
Admiradores do grande cidadão
Collocaram esta lapida
aos 2 de Fevereiro de 1874.
Honra ao heroico Pernambucano.

Belém — Engenhos dos municipios de Bezerros, e Rio Formoso.

Belém — *Engenho* — No mun. de Páu d'Alho.

Belém — *Engenho* — No mun. de Ipojuca, fica proximo ao rio desse nome, á 13 kil. ao oeste da séde, em linha directa, e a uns 2 da estação de Timbo-assú, via-ferrea S. Francisco.

Belém de Maria — *Povoação* — Conhecida tambem com o nome de Capoeiras, denominação esta que data de sua fundação e cuja razão de ser em si mesma está explicada, pertence ao mun. do Bonito, distando desta cidade cerca de 36 klms. ao oéste. E' banhada pelos riachos dos Gatos e Sueiras, e possue uma capellinha votada á N. S. das Dores. E' um dos povoados mais antigos do mun., fica collocado entre serras, a 500 m. de altitude e, tendo sido muito florescente entre os annos 1862 a 1868, é hoje algum tanto decadente. E' sua população de uns 400 habitantes, e fica a 22 klms. da estação de Catende, na estrada de ferro Sul de Pernambuco, a qual é a mais proxima.

Belém de Maria — Engenho do municipio do Bonito.

Bella Auroru — *Engenho* — Junto á povoação Catende, mun. de Palmares.

Bella Feição — Eng. do mun. de Agua Preta.

Bella Flor — Eng. do mun. de Agua Preta.

Bella Flor — *Logarejo* — No mun. da Victoria.

Bella Rosa — Engenhos nos districtos de Preguiças e Catende, municipio de Palmares.

Bella Rosa — *Engenho* — Na freg. da Luz, mun. de S. Lourenço, á 12 klms. ao sudoéste da villa de S. Lourenço, situado á marg. dir. do riacho Tapacurá.

Bella Vida — *Logarejo* — No mun. de Correntes.

Bella Vida — *Fazenda* — No distr. de Mandasaia, mun. do Brejo.

Bella Vista—*Engenhos* no mun. de Bezerros e Palmares, e na freg. da Vicencia. mun. de Nazareth. *Bella Vis-.a*, de Palmares, está a 14 klms. ao sudoéste da séde.

Bella Vista — *Engenho* — No mun. da Escada, a 3 klms. da séde.

Bella Vista—Logar no mun. de Granito.

Bella Vista—Engenhos nos municipios de Jaboatão, de Itambé, de Barreiros e de Correntes.

Bella Vista—*Riacho*—Banha o municipio de Barreiros e despeja no Carassú. .

Belleza — Engenhos nos municipios de Agua Preta e Goyana.

Bello Jardim—*Villa*—Pertence ao mun. do Brejo e é séde da freguezia que tem a inv. de N. S. da Conceição de Bello Jardim.

Historico—Em 1853 não passava de uma fazenda de criar, propriedade do cidadão Joaquim Francisco Cordeiro Wanderley, sendo então um simples districto da pov. Jurema, logar tambem do mesmo mun. do Brejo. Em 1854 installou-se no local uma feira e com esse facto foram no sitio construidas algumas casas, chamando-se então ao povoado *Capim*. Continuou a crescer e então nasceu nos habitantes o justo desejo de alli terem uma egreja. Ao principio tiveram um simples oratorio, em que aos domingos um padre celebrava missas com licença do vigario do Brejo; mais tarde, entre 1872 a 1873, edificaram uma capella no bairro chamado *Tambor*, consagrada á N. S. do Bom Conselho, e seguidamente outra no sitio chamado hoje Bello Jardim, propriamente dito, sob a inv. de N. S. da Conceição, e que é a actual matriz. O nome *Bello Jardim* foi, em 1881, dado em substituição ao de *Capim* pelo missionario capuchinho Fr. Cassiano de Camachio, o qual em occasião de uma predica declarara ao povo que d'alli por deante não se chamaria Capim e sim Bello Jardim. Por esforços e influencia, sobretudo, do capitão Gaudencio Rodrigues d'Araujo foi conseguido que a povoação, já tão crescida e prospera, por Lei Provincial n. 1830 de 28 de junho de 1884, fosse elevada á freguezia, sendo provida canonicamente por D. José Pereira da Silva Barros, que, em provisão de 10 de junho de 1888 nomeou o primeiro vigario, Padre João Antonio Rodrigues. Por Lei Estadoal n. 260 de 3 de julho de 1897 teve a categoria de villa.

Situação geographica — Fica Bello Jardim a 8° 17' de lat. S. e 36° 29' 30" de long. occ. de Greenwich.

Limites—Ao nascente confina com a freg. de S. Caetano, nos logares Poço da Cruz, fazenda Pitombeira e ainda pelo rio Ipojuca; ao sul com a de São Bento pelo rio Ipojuca; ao poente com a de Pesqueira, pelo riacho Salgado, serras do Brejinho, das Cabeçadas, dos Patos, Queimadas, comprehendendo todas as aguas; ao norte com a de S. José do Brejo pelo sitio Monte Velho, serra das Flores, riacho Macapá, riacho Tabocas e Cachoeira de Fazenda Nova. Esta é a divisão civil; a ecclesiastica, porém, confina a L. com a freg. de S. Caetano, pela propriedade Poço da

Cruz (que é toda da freguezia de Bello Jardim), pelo riacho Tacaimbó, alto das serras Tacahimbó e Cafundó; ao S. com a de S. Bento pelo cimo das serras Ouvidor e Tapera, e pela fazenda da Arrancação, cujas aguas lhe pertencem, inclusive o rio Ipojuca; ao O com a de Pesqueira pelo riacho *Maniçoba*, que fica além do riacho Salgado; ao N. com o do Brejo, pelas nascenças do riacho Bithury, serrote dos Cabôclos, logar Ponte, no riacho Tabocas, e por este abaixo até o encontro da estrada do Jordão, que vai terminar na fazenda Pitombeira.

Clima e salubridade — A freg. de Bello Jardim goza geralmente de bom clima e magnifica salubridade; na propria séde mesmo, cercada de serras, onde, nas proximidades, veem-se algumas lagôas, apezar disso, é saudavel a localidade, como a observação quotidiana demonstra.

Topographia — A villa de Bello Jardim a 610 metros de altitude, verificada na soleira da igreja matriz, está situada em terreno desigual e é banhada pelo riacho Bithury, que a divide em dous bairros, ligados entre si por uma ponte. Possue umas 300 casas e uns 2.000 habitantes. Existe em cada bairro uma igreja, das quaes uma é a matriz — a de N.S. da Conceição, collocada em uma praça em que estão as melhores casas da localidade, e seus melhores estabelecimentos commerciaes, funcciona a feira, tendo por essa parte começado a fundação do povoado. No segundo bairro acha-se a capella de N. S. do Bom Conselho.

Povoados — *Raiz*, com uma capella de N. S. da Conceição, á 3 kilms. da villa e ao nascente; *Tacaité* tem uma capella sob a invocação do S. Pedro, a 5 kilms. ao sul, é um logarejo sem importancia; *Agua Fria* possue uma capella sob a protecção do Senhor Bom Jesus, fica a 6 kilms. a SO; *Santa Quiteria* onde ha uma capella da mesma invocação de que lhe proveio a denominação, e demora 12 kilms. ao poente.

Serras — *Batingas* ao SO, *Cabeçadas* que ficam ao NO, *Queimadas*, *Flores* e *Caboclos*, ao norte; a do *Jordão*, do *Jacintho*; do *Araçá*, a das *Inhumas*, do *Olho d'Agua*, da *Balança* e a da *Lavra de Cima*, que estão situadas ao NE; e a serra do *Padre*, cuja posição é ao norte.

Hydrographia — Correm na freg. de Bello Jardim o rio *Ipojuca*, que vem do mun. de Cimbres; o *Bithury*, que nasce na serra das Flores e tem seu curso na direcção SE, banha a villa do Bello Jardim e vai desaguar no rio Ipojuca, com a extensão de 30 kilms.; e o *Taboquinha*, que nasce na serra de seu nome e é affluente da margem direita do Bitury no logar Cassunguê, depois de 12 kilms. de curso. As principaes lagôas que existem no territorio da freguezia são: A Lagôa d'Agua, ao O, a do Capim a SO, a de Inhumas, e a da Porta ao L, sendo a terceira a mais notavel.

Pontes — Existe sobre o riacho Bithury uma de madeira, ligando os dous bairros da povoação.

Producções — Algodão, café e pelles de bode e de carneiro, feijão, milho, farinha e rapaduras, generos esses que a localidade exporta para muitos pontos.

Commercio e agricultura — Além do commercio dos productos locaes, tem, funccionando ás segundas feiras, na parte do povoado denominada *quadro*, uma feira muito abundante de todos os generos principaes, considerada entre as mais concorridas do interior do Estado. A zona do norte da freguezia, que é a dos terrenos de plantação, possue avultada cultura de café, notando-se sitios onde existem de dez a dezeseis mil caféeiros, todos safrejando, havendo numero consideravel de lavradores e proprietarios de agricultura mais modesta. Ha tambem grande cultivo da mandioca, de milho e de feijão, sendo a região entre oéste, sul e léste, a que melhor se adapta á plantação do algodão, uma das fontes da riqueza local. Na parte do norte da freguezia planta-se

ainda a canna de assucar, existindo, alli, varias engenhocas de ferro e madeira, para o fabrico desse producto.

INDUSTRIA — A industria pastoril é regularmente desenvolvida, na parte léste a sudoéste da freguezia. Outras ainda são exercidas na freguezia, como a do fabrico de cordas de caroá, a de rêdes, de queijos, trabalhos de palha e vime, taes como esteiras, chapéos, balaios, etc.

MINERAES — Na povoação de S. Quiteria existe abundantemente a pedra calcarea que, desde 1895, é explorada.

FAZENDAS PRINCIPAES — Existem as seguintes fazendas de criar: *Cachoeiro* a O e além do pov. de S. Quiteria; *Ingá* a NO é a marg. esq. do rio Ipojuca; *Arrancação*, á margem direita do mesmo rio; *Alto Limpo* ao S e á pequena distancia da villa de Bello Jardim; *Inhumas* a L; *Genipapo* (Poço da Cruz) tambem a L; e *Pitombeiras* a NE.

DISTANCIAS — Bello Jardim está a 195 kilms. da cidade do Recife, a 42 de Pesqueira, a 18 de Antonio Olintho, a 42 da cidade do Brejo da Madre de Deus, a 72 de Caruarú e de S. Caetano 42.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Com a séde do mun. se communica por maus caminhos; e com a Capital e outros pontos da linha ferrea, desde o dia 2 de fevereiro de 1906, quando foi inaugurada a estação de Bello Jardim, na E. F. Central. Ahi tambem existe uma linha telegraphica que foi aberta ao serviço em 12 de maio de 1893.

Bello Monte — *Engenho* — No mun. da Escada, e a 15 kilms. da séde.

Bello Prado — Fazenda do municipio de Canhotinho, na altura do klm. 101 da estrada de ferro Sul de Pernambuco, onde, segundo affirma o Dr. J. M. Silva Coutinho, existe o protoxido e sesquioxido de ferro, na superficie e á pequena profundidade, o que faz suppôr a existencia de veeiros.

Bello Prado — Engenhos que existem no mun. de Agua Preta, e no districto de Paquevira, mun. de Canhotinho.

Belmonte — *Villa* — Séde da freg. de S. José de Belmonte, pertence ao mun. de Villa Bella.

HISTORICO — Denominou-se primitivamente *Maniçoba*, e era uma fazenda de criar pertencente a José Pires Ribeiro, originando-se aquelle nome da arvore leitosa assim chamada, muito abundante nos sertões do Norte do Estado, e por que uma dessas existia alli. De 1857 data a fundação de Belmonte. Apparecendo o *cholera-morbus* em 1856, naquellas regiões, aquelle fazendeiro, de tal terror se apoderou, com a noticia e descripção que lhe fizeram do pavoroso mal que, sem demora, prometteu fervorosamente a S. José, santo de sua particular devoção, de erigir-lhe uma capella, com a doação de patrimonio para seu mantimento, si aquelle logar não fosse invadido pela referida molestia De facto, passou incolume, e nem um unico caso houve na fazenda da *Maniçoba*. E, como tudo succedeu conforme seu desejo, no seguinte anno começou a dar cumprimento ao voto seu. Frei Casimiro de Mitello, em missão ao local, foi quem ergueu a capella de S. José, a qual teve como patrimonio varias casas. O nome de *Maniçoba* foi então mudado para *Belmonte*, pelo missionario, que o originou da situação do proprio logar, em uma elevação, com um aspecto assaz pittoresco e de bello golpe de vista. Data, dessa época, o inicio do povoamento. Foi creada parochia pela lei n. 1085 de 24 de abril de 1873, sendo seu primeiro vigario o Padre Manoel Thomaz Pereira de Lima. Foi creada comarca, por acto do Governador provisorio do Estado, de 10 de julho de 1890, e classificada de 1ª entrancia, pelo Decr. n. 577 de 17 do mesmo mez, installando-a, em 7 de agosto do referido anno, o juiz de direito nomeado, Dr. Augusto Abel Peixoto de Miranda Henriques. Foi rebaixada da categoria

de comarca, por acto do Governo do Estado, de 10 de outubro de 1890, ficando considerada um municipio annexo ao de Villa Bella. Constituiu-se municipio, de accordo com a lei n. 52 de 3 de agosto de 1892, em 26 de junho de 1893, sendo eleito seu primeiro governo administrativo o seguinte: Prefeito — Antonio Cassiano Pereira da Silva; Conselho Municipal — Isidoro Pereira da Silva, João Pereira da Silva, Manoel Terto Alves Brasil, Antonio Franklin Guimarães, Pedro José dos Santos, Alexandre Pereira de Valois e Antonio Ferreira da Cunha.

Posição astronomica—Está a 8° 2' de lat. S e a 4° 16' e 20" de long. oriental.

Limites—Confina: ao norte com o Estado do Ceará, pelo Brejo dos Santos; á léste com a com.do Piancó, do Estado da Parahyba; ao sul com os muns.de Villa Bella e Floresta; e ao oéste com o mun. do Salgueiro, neste Estado, e com o do Jardim, do Estado do Ceará. Creada por desannexação de terrenos da freguezia de N. S. da Penha de Villa Bella, comprehende todas as aguas do riacho Boqueirão,da fazenda Carnahuba para cima; e, partindo desta para o sul pela estrada da Gamelleira,estende-se até aos limites da freguezia da Fazenda Grande ou Floresta, abrangendo as fazendas Gamelleira, S. Gonçalo, Duradeira, Varzea, Santa Clara, Sitio do Brejo e Entre-serra.

Divisão — O municipio comprehende dous districtos cada um com seu respectivo juiz, e na divisão eleitoral do Estado se comprehende no 5° districto.

Extensão do territorio — Seu maior comprimento é 120 klms. de S a N e 70 de L a O.

Aspecto physico—Em geral o terreno é arenoso, plano e coberto de palmeiraes de Catolé.

Clima e salubridade — O clima é secco e dos mais salubres.

Topographia—Fica situado Belmonte a 800 m. de altitude, numa elevação calçada de pedras miudas, com deliciosa vista,tendo proporções sufficientes para a fundação de uma grande cidade. Compõe se de seis pequenas ruas, sendo as duas principaes, na direcção nascente a poente, e as demais em posição inversa. Possue umas cem casas, quasi todas de tijolo, bem construidas, e população de uns 800 habs.; igreja matriz, cemiterio, agencia do Correio, etc.

Povoações—*Santa Maria*, ao sul e a 72 klms. de Belmonte, tem uma capella, cuja padroeira é a da invocação do povoado.

Serras—A do Catolé, que é a mais importante, toma varias denominações, conforme os logares onde toca, e aos mesmos correspondem suas depressões. Tem extensão de 30 klms. de comprimento e 250 m. de altura, approximadamente, sobre o nivel do sólo. Esta serra é celebre pelo acontecimento, ahi dado, de 1836 a 1838, com o nome de Pedra Bonita ou Reino Encantado, sobre cujo facto existe publicado um pamphleto de que é autor o Sr. Attico Leite, dando o Dr. F. A. Pereira da Costa, em seu livro *Mosaico Pernambucano*, identica noticia. A parte dessa serra, onde se deu o memoravel caso de fanatismo, nos annos acima indicados, consta de duas enormes pedras pyramidaes batidas pelo sol e pelos ventos, e coberto o sitio de cópia enorme de catolezeiros. O facto a que nos referimos é o seguinte: João Antonio dos Santos, residente em Villa Bella, possuindo duas pedrinhas muito luzentes, com mysterio começou mostral-as ao povo da localidade, dizendo serem dous brilhantes finissimos encontrados numa mina encantada que lhe fôra revelada por El-Rei D. Sebastião de Portugal, que o levava todos os dias a um sitio secreto onde havia uma lagôa encantada e um templo de duas torres que d'ella emergia. Com imposturas taes conseguiu attrahir um concurso numeroso de pessoas fanatisadas, que o acompanharam para desencantar o reino

d'El-Rei, onde affirmava o mentiroso existir o grande thesouro que se desencantaria, e juntamente D. Sebastião com todo o seu exercito, sumido na batalha de Alcacer-kibir, si fossem praticadas certas ceremonias. Em um subterraneo existente no local, formado por uma cavidade de uma immensa pedra, augmentada aquella por uma profunda excavação que accommodaria duzentas pessoas, se reuniam os sebastianistas, em sessões presididas pelo falso sacerdote, que, occupando uma especie de solio real, prégava ser preciso, para o desencantamento, as pedras e os campos vizinhos serem regados com muito sangue de crianças, moços, velhos e animaes, apparecendo, depois disso, D. Sebastião com o exercito inteiro, e os immolados, mais bellos, mais fortes, rejuvenescendo os velhos. Isto produziu nos pobres crentes o effeito desejado e, durante os dias 14, 15 e 16 de maio de 1838, foram as victimas de tão terrivel fanatismo 17 crianças, muitos moços e velhos que, nessas indescriptiveis scenas cruentas, tinham de *quebrar o encantamento para reviverem mais felizes*. O embusteiro, que dizia denominar-se rei pontificio, foi preso por uma força e assassinado no dia 17, por seus conductores, que tambem receiaram ser victimas de algum ardil seu. O ajuntamento foi destruido, morrendo alguns na lucta que a barbaria do fanatismo não deixou evitar.

— Existe ainda a serra *da Balança* ao nordoeste de Belmonte.

HYDROGRAPHIA — E' banhado o mun. pelo riacho Boqueirão, pelo do Christovão, que tem 102 klms. de curso e é affluente do rio Pajehú, 12 klms. acima da povoação de S. Francisco; e pelo Terra Nova, affl. do riacho do Christovão, 6 klms. acima da foz deste. *Lagôas* — Existem algumas sem nomes determinados e que só contêm agua na epocha das chuvas.

PRODUCÇÕES — As producções agricolas limitam-se aos cereaes, embora, para as diversas plantações, seja grande a fertilidade da encosta da serra do Catolé e a ribeira do riacho Terra Nova. Os habitantes entregam-se de preferencia á criação do gado de diversas especies, havendo cento e vinte e cinco fazendas de gado vaccum.

INDUSTRIA E COMMERCIO — A industria local consiste no fabrico de queijos, de arreios para cavallos, de objectos de palha, e de tecidos grosseiros de algodão, como rêdes, etc. O commercio é limitadissimo e fraco, constando da exportação de couros, de queijos, de gados, da pequena feira da localidade, aos sabbados, e da venda, nos poucos estabelecimentos commerciaes, dos productos importados, taes como generos de mercearia, fazendas, ferragens e miudezas.

REINOS DA NATUREZA — No reino mineral encontra-se em abundancia a pedra calcarea, bastante salitre e giz. No reino animal é riquissimo de caças e de aves, como papagaios, periquitos, tetéos, anuns, emas, seriemas e outros semelhantes. E no vegetal é copioso da palmeira catolé, de fructos silvestres como o imbú, o gravatá; possue, entre as madeiras, a baraúna, a aroeira, a emburana, o marmeleiro, a catinga de porco, etc.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Não possue estradas especiaes para ponto algum, mas se communica, pela estrada geral do sertão, com a villa do Salgueiro, com Villa Bella e por ahi com os demais pontos do Estado.

DISTANCIAS — Fica a 60 klms. de Villa Bella e a 670 da cidade do Recife, 110 de Floresta, 60 de Salgueiro, 90 do Jardim (Ceará), 60 de Brejo dos Santos (Ceará) e da Conceição (Parahyba) 70.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Possue unicamente duas escolas, na villa de Belmonte, uma para cada sexo.

Bemfica — Assim se denomina, na freguezia de Afogados, 2° districto e

mun. de Recife, uma parte do bairro da Magdalena.

Bemfica — Engenho do mun. de Barreiros em cujas terras nasce o rio Persinunga, que serve de linha divisoria, entre Pernambuco e Alagôas, na costa.

Bemfica — Eng. do mun. de Ipojuca, com uma capella dedicada á N. S. da Guia, fica situado a oéste de N. S. do O', séde do mun. e a 8 klms. distante, linha directa.

Bem-queria — *Engenho* no mun. do Brejo, distr. da Serra do Vento.

Bem-te-vi — *Logarêjo*—No mun. de Cimbres.

Bem-te-vi — *Povoação* — Situada na freg. e mun. de Bonito, ao oéste desta cidade, della dista 18 klms., e fica collocada á marg. do rio Ca-me-vou. Ha na povoação uma capella, sob a invocação de S. Sebastião, uma feira regular, uma escola publica para o sexo masculino, agencia de correio, e é centro de muitos engenhos, regularmente montados, possuindo terras uberrimas para a agricultura.

Bem-te-vi — Engenho do mun. de Canhotinho, no districto de Paquevira.

Bendó — *Serra* — Fica situada no mun. de Cabrobó.

Bengalas — *Povoação* — Pertence ao mun. do Limoeiro, de cuja cidade dista 26 klms. ao sudoéste, e está situada á margem do riacho Cotunguba (affl. do Capibaribe), em fórma angular, possuindo umas 60 casas. Tem uma capella, votada á Senhora Sant' Anna, a qual occupa quasi o centro do angulo. Na área do povoado o terreno é plano, mas nas adjacencias, lado do nascente e poente, bastante levantado. Pelo centro da povoação passa a estrada que vai de Pedra Tapada á cidade da Victoria. A agua da localidade é de gosto salôbro. Aos domingos ha no local uma feira.

Bengalas — *Serra* — No mun. do Limoeiro, ao sudoéste da séde, está situada nas proximidades do povoado do mesmo nome.

Bengalas — *Riacho* — Corre no mun. do Brejo da Madre de Deus para o rio Capibaribe.

Bento Magalhães — Estação do ramal de *Beberibe*, no logar Fundão, linha ferrea do *Recife* a *Olinda*, creada pelo gerente Bento José da Silva Magalhães, pelo que gratos habitantes do *Fundão* deram á mesma aquelle nome.

Bento Velho — Eng. do mun. da Victoria, 3 kilms. á léste d'aquella cidade, tem uma capella da invocação de N. S. da Conceição, edificada num alto.

Bento Velho — *Riacho* — Nasce na serra do mesmo nome, corre, atravessando as terras d'esse engenho, para o norte, e depois de 4 kilms. de extensão, derrama no riacho Tapacurá (affl. do Capibaribe), no logar Carreira.

Bepicú — *Ribeiro* — Banha a freg. de Tejucopapo e, depois de 6 kilms. de curso, despeja no rio Tejucopapo, 12 klms. antes da povoação deste nome.

Berlim — Engenho do municipio de Palmares, no districto de Preguiças.

Bernarda — Serra do mun. do Triumpho.

Bertioga — Logar no mun. de Olinda, á beira-mar, na parte septentrional, é habitado por pescadores.

Bertioga — Engenho do municipio de Ipojuca, ao oéste e 9 1/2 kilms. de N. S. do O', séde do mun. (em linha recta), fica situado á marg. dir. do rio Ipojuca, entre os engenhos Crauassú, Mirador, Conceição Velha, e Bemfica. Foi fundado, segundo parece, pelo sargento-mór João Baptista Jorge, casado com D. Fernandina Rosa Lourenço Tenorio, antes da invasão hollandeza.

Besoró — Eng. do mun. do Limoeiro.

Besta ou **Correinha** — *Riacho* — Nasce na serra do Urubú e, correndo no mun. do Limoeiro, com a extensão de uns 3 klms., despeja no Capibaribe, pouco abaixo do bairro de S. Sebastião da cidade do Limoeiro.

Bestas — *Serra* — Encravada no

mun. de Bom Conselho, a 30 klms. ao oéste da cidade.

Bethury — *Riacho* — Nasce na serra das Flores, mun. do Brejo, e, correndo de norte para o sul, divide o povoado de Bello Jardim em dois bairros, e vai derramar no rio Ipojuca pela marg. septentrional. Voz. ind. signif. —*vir raspado* — procede de *bituri*, — de *bi* — raspado, liso, e *tury* — vir, chegar. E' preferivel a orthographia Bithury.

Bezerro — *Riacho* — Corre no mun. de Cimbres e derrama no rio Ipojuca.

Bezerro Queimado — *Riacho* — Nasce, corre e desagua no mun. de Cimbres, pela marg. direita do rio Ipojuca.

Bezerros — *Cidade* — Séde do municipio e freguezia do mesmo nome.

Historia — Diz a tradição local que Terciano Torres e Zenobio Torres, irmãos, foram seus primeiros habitantes, tendo cada um uma fazenda de gado. Succederam a estes como proprietarios das referidas fazendas, José Bezerra e Francisco Bezerra, tambem irmãos, edificando ambos uma capella sob a invocação de S. José, a qual mais tarde reedificaram seus descendentes, sendo tal facto do fim do seculo 17. A respeito da origem da denominação — *Bezerros* — affirmam ser a procedencia do cognome Bezerra, appellido de familia, o qual transformou-se na voz popular, querendo significar similhante terminação masculina — os donos, os proprietarios Bezerras, e tambem o sitio da fazenda d'elles. E, ou porque a homonymia *Bezerras*, em relação aos animaes bezerras, associasse, tratando-se principalmente de uma fazenda, a uma fórma masculina d'aquelle nome commum, ou porque tal palavra fazia uma referencia a um facto em sua natureza masculino, o que é facto é ter nessas cousas, que parecem descuidadas, o povo seu ente de razão; ou porque, emfim, realmente, como sustentam outros, fosse o local, primitivamente, uma queimada de Bezerros, a verdade é que o povoado, ao fundar-se, no principio do seculo passado, já era conhecido por *Bezerros*. A erecção da capellinha de S. José foi o meio que concorreu para muito attrahir um nucleo de população para aquelle ponto; e assim, pelo incremento a que havia chegado, foi elevada a curato em 1768, desmembrando-se de Santo Antão, e em virtude do acto da Mesa de consciencia e ordens de 22 de novembro de 1805 que creou a freguezia de Bezerros, teve seu primeiro vigario o Padre Antonio Jacome Bezerra. Foi incorporada ao termo de Santo Antão, hoje Victoria, pelo alvará de 27 de julho de 1811; ao mun. e com. de Caruarú, pela lei provincial de 16 de agosto de 1848, e ao do Bonito pela lei n. 277 de 6 de maio de 1851. Teve a categoria de villa pelas leis provinciaes ns. 616 de 9 de maio de 1865 e 919 de 18 de maio de 1873. Foi comarca de 1ª entrancia, creada pela lei provincial n. 1093, de 24 de maio de 1873 que desmembrou-a da do Bonito, tendo sido creado o fôro civil em 18 de agosto desse anno, e sendo classificada pelo decreto n. 5635 de 16 de maio de 1874. Seu primeiro juiz de direito foi o Dr. João Vieira de Araujo. A lei n. 1560 de 30 de maio de 1881 deu-lhe a categoria de cidade. Constituiu-se mun. autonomo, de accordo com a lei n. 52 de 3 de agosto de 1892, em 23 de abril de 1893, sendo seu primeiro governo administrativo: Prefeito — tenente Joaquim José Bezerra da Silva; sub-prefeito — Joaquim José Bezerra de Vasconcellos; Concelho Municipal — tenente-coronel Francisco Gomes dos Santos, Apolonio Eduardo Bezerra da Silva, tenente José Marinho de Hollanda Falcão, José Guilherme de Azevedo, tenente Salviano Simões da Costa Machado, Manoel Laurentino da Silva, Francisco de Assis Oliveira, Manoel Francisco e Juventino Adalberto Pereira Brayner.

Posição astronomica — Está a 8° 11' e 30" de lat. S e a 7° 21' e 50" de

long. orient. do merid. do Rio de Janeiro.

EXTENSÃO DO TERRITORIO — De N. á S.—65 klms. e de O. a L. 50 kloms.

ASPECTO PHYSICO — O terreno de Bezerros é composto de argilla e de areia, mais ou menos ligadas, as quaes formam aos poucos rochas duras. Começa em Bezerros, seguindo para o oeste, o terreno granitico, propriamente dito, na parte Léste. Na direcção de Gravatá é geralmente plano o solo, sendo onduladas de montanhas as outas direcções.

CLIMA E SALUBRIDADE — O clima do mun. de Bezerros é temperado, sendo observada, em varias épocas, a seguinte temperatura: — maxima 34°, média 25° e minima 16°. A salubridade, com excepção da séde, onde, no verão ás vezes, apparecem casos de febres malignas, é excellente em todos demais logares do territorio.

POPULAÇÃO — A população total do mun. é avaliada em 16.000 almas, comprehendendo a da cidade de Bezerros, uns 5 000 habitantes.

LIMITES — Confina: ao norte, com o mun. do Limoeiro, pelo logar Poços, Lagôa da Extrema, Varzea Escondida ou Cumarú, até ao pé da serra dos Côcos; ao oeste, com o de Caruarú, pela Baixa da Emburana e o logar Poção; ao sudoeste, com o Altinho, pelo Alto da Serra da Camaratuba ao da Serra do Mendes; ao sul, com o Bonito, pelos logares — Estreito, Rajada, Tanque das Piabas e serra da Camaratuba; e ao nascente, com o de Gravatá, pelo logar denominado Buraco até Caipora, donde partem os limites que vão pela Barra, inclusive todo o terreno que comprehende o engenho Brejão.

DIVISÃO — O mun. contém uma só parochia, e dous districtos administrativos, — o da cidade e o de Camocim. Na divisão eleitoral faz parte do 3° districto.

TOPOGRAPHIA — A cidade de Bezerros é a séde do mun., e fica situada, na margem meridional do rio Ipojuca, em terreno elevado, a 468 metros de altitude, correndo-lle a pequena distancia, e do lado do norte, a serra Negra. Possue um vistoso templo da invocação de S. José, com duas torres, concluido em 1857, pelo missionario capuchinho Frei Sebastião de Messina; uma capella de N. S. do Rosario; um cemiterio, construido, tambem, em 1857, pelo mesmo missionario, com duzentos palmos quadrados de extensão, paredes de pedra e cal, e um bello cruzeiro; uma casa de caridade, erguida pelo Padre Dr. José Antonio Maria Ibiapina, em 1868, com uma capella dedicada á N. S. da Soledade; estação telegraphica, cujo serviço inaugurou-se em agosto de 1894; agencia do correio, com serviço diario para a capital, etc. A cidade demora a pequena distancia da estação da linha ferrea, do outro lado do rio, sobre o qual existe uma ponte de madeira, que dá facil accesso da estação á cidade.

POVOADOS — *Camocim* — capella de S. Felix de Cantalice; *Mimoso*, ao oeste; *Poção* — tambem a oeste e a 18 kloms. distante, tem uma capella de S. Sebastião; e *Sitio*, — cap. N. S. dos Remedios.

SERRAS — O mun. contém grande numero de serras, entre as quaes avultam: a Negra ao norte; a da Camaratuba, nas divisas com o Altinho e ao sul; a Grande, ao norte; a do Sapato ou do Ar, ao sul; a da Jurubeba, a do Boqueirão, a da Maravilha, a do Veado Magro, a da Jaboticaba, a do Mondé, a do Retiro, a do Buraco, nas divisas com o mun. de Gravatá, e outras.

HYDROGRAPHIA — O principal rio do mun. é o Ipojuca, que corre de O á L recebendo os tributarios: Agua Comprida, Jaboticaba, Angelim e Poção. O rio Serinhãem tem suas vertentes nesse municipio, e corre do N. aS. *Lagôas* — a Nova, a do Retiro, e outras menos importantes.

Producções — O solo do municipio produz a canna de assucar, o algodão, feijão e mandioca, etc. Na zona occidental, de preferencia cria-se, havendo trinta e tantas fazendas de gado.

Reinos da natureza — Alli já não se encontra nenhuma matta, o machado cruel dos habitantes daquelles logares, aos poucos, derrubou-as, sem necessidade, esterilisando assim os campos, deixando os terrenos descobertos e expostos aos raios solares. E não é desse modo que ha muito se procede entre nós, e se continúa a fazer? Rios e riachos, outr'ora bordadas as margens de frondosas e sombrias arvores, hoje completamente arreiados dessas bellezas, que eram mais do que isso; pois eram o meio conservador da perennidade dos mesmos, agora seccos, porque as aguas evaporaram-se pelo calor. Sómente capoeiras, ou arvores isoladas no campo, como a barauna, a emburana, o imbuzeiro e outras grandes, são vistas. As plantas medicinaes são, porém, abundantes, havendo entre ellas: o angelim, a arruda a barbatimão, o cabacinho, o camará, a canna-fistula, o cardo-santo, a contraherva, o fedegoso, o gitó, a goiabeira, as hervas— babosa, cidreira, moura, de pasasarinho, e de Santa Maria, — imbé, ipecacuanhas preta e branca, jalapa, jaracatiá, jatobá, junsa, jurema, joazeiro, laranjeira, macella, malva, malme-quer, mamoeiro, mamona, mata-pasto mentrasto, mulungú, páo ferro, salva, sipó de chumbo, velame do campo, e outras. *Reino animal*—Abunda em gados vaccum, cavallar e ovelhum, em antas caitetús, cotias, gatos do matto, guaxinins, macacos, mocós, pacas, preguiças, preás, quatis, rapozas, saguins, tamanduás, tatús e veados, havendo, além destes animaes, varias especies de cobras como a cascavel, caninana, coral, rainha, jararaca, papa-ôvo, surucucú, de veado, etc.; encontram-se muitas aves como o papagaio, periquito, a pomba de aza branca, as rôlas *fôgo-pagou* e cabocla, patativa, sabiá, chechéo, canario, etc.; acham-se muitas abelhas cujos nomes conhecidos são: a uruçú, jaty tubiba e aripuá, etc. *Reino mineral* —Na *serra Negra* existem veeiros contendo o ferro, conforme affirmou o engenheiro Dombre, em suas *Viagens ao interior da provincia de Pernambuco, em 1874 a 1875*; em differentes pontos, ainda, do municipio, tambem existem os micachistos, os gneiss, o ferro oligisto, e o silex misturado na massa granitica.

Industria — Consiste no fabrico da aguardente, na preparação do fumo, de rapaduras, da farinha de mandioca, na grande criação de gados e na feitura de obras de olaria. Havia em 1905 na cidade de Bezerros 3 alfaiatarias, 2 barbearias, 3 sapateiros, 2 ferreiros, 4 marceneiros, 4 pedreiros, 1 selleiro, 1 ourives, 1 funileiro e 1 fabrica de fogos artificiaes.

Commercio — E' feito pela exportação e venda, nas feiras, dos productos locaes, e com a importação dos generos de consumo, comprados na capital, para serem revendidos, havendo na cidade — 8 lojas de fazendas, 17 estabelecimentos de molhados, 3 padarias e 1 pharmacia; e ainda pela venda dos effeitos produzidos no municipio.

Agricultura — Plantam-se todos os cereaes, o algodoeiro, o cafeeiro e a canna, possuindo os engenhos denominados: Alexandria, Boa Vista, Coelhos, Estica, Penon, Reorico e Vertentes, e as engenhocas de rapadura — Alecrim, Agua Comprida, Belém, Bella Vista, Boa Vista, Brejão, Brejo Novo, Boa Esperança, Cedro, Cachoeira, Frexeiras, Jardim, Limeira, Palmeiras, Paccas, Pelladas, Quilombo, Sapucaia, Sitio do Meio, Serra Grande, S. José e Santa Rosa.

Vias de communicação — Com a capital se communica pela ferro-via Central que, junto á cidade e na marg. opposta do rio Ipojuca, tem uma estação aberta ao serviço, em 3 de dezembro de 1895; com o Bonito, Limoeiro, Altinho e outros pontos, por máos caminhos,

principalmente no inverno. sendo a conducção á cavallo.

DISTANCIAS—Demora a 107 klms. do Recife, 60 do Bonito, 74 do Limoeiro, 54 da cidade da Victoria, 24 da de Gravatá e de Caruarú 26.

INSTRUCÇÃO PUBLICA – Muito pouco desenvolvida, tem na cidade de Bezerros uma cadeira para cada sexo, uma mixta no povoado de Camocim, e outra no de Poção.

Bezouro—*Logarejo*—No municipio de S. Lourenço da Matta em suas mattas nasce o riacho Camaragybe.

Bezouro — *Serra*— Fica a 5 kilometros a oeste da cidade do Bonito, occupando uma área de 400 metros, pouco mais ou menos e tendo 800 metros de altura sobre o nivel do mar.

Bica — *Serra* — Situada no municipio de Panellas, á léste d'esta villa, prolonga-se ao sul com o nome de Boa-Vista, e á léste com o de Sacco das Cobras.

Bica — Engenho no mun. de Taquaretinga.

Bico-peba — *Riacho* — Corre no mun. de S. Lourenço da Matta, ao poente da séde,e derrama no rio Capibaribe. Existe uma ponte sobre o mesmo.

Bione—*Serra*— No mun. do Limoeiro, junto á povoação Pedra Tapada. Tem a altura provavel de uns 400 metros sobre o nivel do solo.

Bithury—*Riacho*—Nasce na serra das Flores,no mun. do Brejo da Madre de Deus, e correndo na direcção de sudeste, banha a villa de Bello Jardim, séde da freg. d'este nome, indo desaguar no rio Ipojuca, depois de um curso de 30 kilms. E' o mesmo riacho que já foi descripto atraz com a orthographia Bethury.

Bizarra — *Povoação* — Situada ao nordeste da cidade do Limoeiro, e ao sudoeste da de Bom Jardim, dista egualmente 24 klms. para cada um desses logares, e pertence, na parte civil, ao mun. do Bom Jardim, e ecclesiasticamente á freguezia de N. S. da Apresentação do Limoeiro. E' logar de desenvolvimento, mas pequeno; povoado possue uma animada feira aos domingos, e diversas casas de negocio; tem, em construcção, uma capellinha dedicada a S. José, e uma escola para o sexo feminino.

Bizarra— Engenho no mun. de Bom Jardim, junto ao povoado a que deu o nome.

Boacica — *Engenho* — no mun. de Ipojuca á marg. desse rio, fica a nordoeste de N. S. do O', séde do mun., e 6 kmls. distante, entre os engenhos Dourado, Trapiche e Guerra. Nos antigos escriptos encontra-se *Embossica*. *Boacica*, segundo Baptista Caetano é voc. ind. e significa—para cortar cobras, de—*boi*— cobra, e — *acica* — gerundio, cortando ou para cortar.

Boa Esperança — Vide *Amaragy*.

Boa Esperança — Logar do mun. de Leopoldina, perto do qual passa o riacho Macaco e fica a serra da Vassoura.

Boa Esperança — Engenhos dos muns. de Bom Jardim, de Bonito, de Barreiros, de Bezerros, de Ipojuca, da Gloria de Goitá e de Palmares, districto de Catende.

Boa Esperança — Engenho do mun. de Timbaúba, a 12 klms. desta cidade, e a 54 da de Goyanna.

Boa Esperança — *Riacho* — Nasce na freg. e mun. de Petrolina, onde corre, e vai derramar no rio Pontal.

Boa Fé — Engenhos dos muns. de Agua Preta, do Bonito, de Gloria de Goitá e de Nazareth.

Boa Reforma — Eng. situado no mun. do Bonito.

Boas Novas — Eng. do mun. de Agua Preta.

Boa Sorte — Estação da Estrada de Ferro Sul de Pernambuco, no mun. de Palmares, klm. 9,00^{m} desta, com a altitude de 140^{m}, e entre as de Palmares e Pirangy. Foi aberta ao

serviço publico em 2 de Dezembro de 1882. Tem agencia do Correio com serviço diario para a capital, e demais pontos da linha.

Boa Sorte — Eng. no districto de Catende, mun. de Palmares, proximo á estação da E. F. Sul de Pernambuco, que tem o mesmo nome.

Boa Sorte — Engenhos dos municipios de Agua Preta, de Barreiros, de Bom Jardim e da Victoria, estando este a 7 klms. ao S. da séde.

Boa Sorte — Eng. do mun. de Nazareth, proximo á linha ferrea de Timbaúba, e na freg. de Lagôa Secca.

e a 8° 11' e 36" de long. occ. do Rio de Janeiro. Contém umas 50 casas, de construcção regular, mas desalinhadas, e uma capella que, tendo sido primitivamente um presepe, dedicado a Jesus, Maria e José, pertencente a Balthazar da Costa Passos e sua mulher D. Anna de Araujo da Costa, por estes, em 6 de junho de 1707 foi doado, e mais cem braças de terra, ao Padre Leonardo Camêllo, com a condição do mesmo erigir nesse sitio uma egreja da invocação de N. S. da Boa Viagem, sendo cumprida desde logo a vontade

IGREJA DA BOA VIAGEM

Boa Sorte—*Logarejo*—No municipio de Páo d'Alho.

Boa Ventura — *Serra* — No mun. de Correntes e na parte septentrional.

Boa Viagem — *Povoação* — A' beira mar, em terreno baixo e arenoso fica situada esta povoação, da freguezia de N. S. da Paz dos Afogados do Recife a 11 klms. ao sul desta cidade na lat. S. 8° 12' e 48",

dos doadores. Em 29 de fevereiro de 1760 o Padre Luiz Marques Teixeira tambem doou a N. S. da Boa Viagem, para seu patrimonio, um sitio de coqueiros, que foi de Antonio Pereira, em terras do sargento-mór Manoel de Sá Machado, confinante ao sul com as terras do sargento-mór Antonio Vaz de Miranda. A povoação só tem vida, dos mezes de setembro a março, quando muitas pessoas vão nella passar a estação

dos banhos salgados, que são, naquella parte, sem nenhum perigo, pela bondade da praia, que é baixa e rasa, e por não ser o mar tão bravio como em outros logares da costa.

Dahi parte, na extensão de 1.402 m. com 4 m. de largura, calçada de pedras irregulares, uma estrada de rodagem, que vae até a estação da via-ferrea ingleza do S. Francisco situada no klm. 8.724 da estação de Cinco Pontas e aberta esta ao serviço publico, desde 9 de fevereiro de 1858, havendo diariamente tres trens de ida, e o mesmo numero de volta. Proximo lhe fica o *pontal da Bôa Viagem*. Tem uma linha de bond, que trabalha,sómente durante a estação balnearia, desde 1899.

Boa Vista — *Villa* — E' séde da freguezia de Santa Maria, e do mun. da Boa Vista.

Historia—A povoação da Boa Vista, anteriormente da *Egreja Nova*, foi, primitivamente,uma fazenda de criar onde, devido á fundação de uma capella, formou-se aos poucos um nucleo de população. O acto da Mesa de Consciencia e Ordens de 30 de janeiro de 1762 creou-a parochia, installando-a em 14 de agosto de 1763 seu primeiro vigario o Padre Ezequiel Gameiro. Em virtude da lei prov. n. 58 de 19 de abril de 1838 foi elevada á categoria de villa, sendo a séde da com. do mesmo nome, creada pela mesma lei que constituiu o termo, com a porção do terreno do Estado, cujas aguas entram no rio S. Francisco, acima da barra do Pajehú, exclusive, ficando comprehendidas no referido termo as ilhas de Assumpção e Santa Maria. O Decr. n. 687 de 26 de julho de 1850 lhe deu a classificação de 1ª entrancia. Foi seu primeiro Juiz de Direito, o Dr. Alexandre Bernardino Reis e Silva.

A lei n. 260, de 10 de junho de 1850, transferiu a séde desta comarca para a villa de Ouricory; a de n. 520, de 13 de maio de 1862, desligou da com. da Boa Vista os termos de Cabrobó e Exú, para delles formar uma outra, com o nome de Cabrobó; a de n. 530, de 7 de junho do mesmo anno, desannexou da freguezia da Boa Vista a povoação de Petrolina, que elevou a freguezia e villa, transferindo para esta, a séde da comarca. A mesma lei desmembrou da freg. de Ouricory, e uniu a esta o terreno banhado pelo riacho Periquito, contendo as fazendas Cacimbas, João Nunes, Araujo, Mundão, Caroá, na extensão do riacho Graça, desde sua foz até Queimadas, á fazenda João Felippe, comprehendidas as do Cavallête, Varzinha, Alagôa de Dentro e Mandasaia; sendo tambem desmembrado, da freg. de Cabrobó, para fazer parte desta, todo o territorio que comprehende as fazendas Brejo Bom Jesus, Bom Successo, Poço do Icó, S. Miguel, S. José, Ponta da Serra e Algodoaes. A lei n. 550, de 20 de abril de 1863, deu-lhe todo o terreno banhado pelo riacho Carahybas e seus confluentes, que ficaram desligados da parochia de Cabrobó. A lei n. 601 de 13 de maio de 1864 restaurou como villa a povoação de Santa Maria da Boa Vista, mas, a de n. 921 de 18 de maio de 1870, transferiu outra vez a séde para Petrolina. Em 1872 passou de novo a gosar das regalias de séde, installando-se em 30 de maio de 1873, tendo-a classificado de 1ª entrancia o Decr. n. 5.139 de 13 de novembro de 1872. E, finalmente, em virtude da lei organica dos municipios (lei Estad. n. 52 de 3 de agosto de 1892), constituiu-se mun. autonomo em 16 de janeiro de 1893, fazendo parte de seu primeiro governo os seguintes cidadãos: Prefeito—Coronel Manoel Jacome Corrêa de Carvalho, Sub-prefeito —Capitão José Cypriano de Amorim; Conselho Municipal—João Felix Pessôa de Azevedo, Methodio Coelho da Cruz, Moysés da Silva Lima e Emygdio Antonio Pinto. A origem de denominar-se *Bôa Vista* vem da posição elevada em que está assentada, e donde se descortina, na amplidão do horizonte,

um bellissimo e encantador panorama.

Posição astronomica — Fica a 8° 48' e 23" de lat. S., e 3° 19' e 10" de long. or. do Rio de Janeiro, ou 39° 51' e 3" de long. occ. do merid. de Greenwich.

Dimensões — Comprehende todo o mun. uma zona de 102 klms. quadrados, pouco mais ou menos.

Aspecto e natureza do solo — Em geral é plano e arenoso o terreno desse municipio, havendo ligeiras elevações na parte septentrional.

Clima e salubridade — A temperatura observada na villa da Boa Vista, no mez de janeiro, tem sido a maxima 29°, 3 e a média 28,35. Entretanto no inverno, de abril a outubro, o clima é bastante frio, não se tendo feito, porém, desse tempo observações thermometricas, afim de se poder fazer um estudo comparativo. Com excepção dos logares da marg. do S. Francisco, onde as febres intermittentes são endemicas, dos mezes de março a junho, o mun. em sua totalidade é saudavel.

Divisões — Consta o mun. de uma só freg. e contém 4 districtos administrativos: 1° a villa; 2° Carahybas; 3° do Pontal; e 4° Jatobá.

População — Segundo as notas do recenseamento feito em 31 de dezembro de 1889, todo o mun. continha 3.807 habs., e a villa da Boa Vista 939. (Inf. do major Antonio Joaquim dos Santos Mangabeira). Entretanto póde calcular-se hoje o mun. com um 8.000 habs. tendo a séde 1,500 habitantes.

Limites — Confina ao norte com o mun. de Ouricory, nas fazendas Recreio, Caroá, Cacimba, Jatobá, Mandasaia, Varzinha, Estreito e S. Gonçalo; a leste com Cabrobó, no riacho Gequi; ao sul com a freg. do Capim Grosso do Estado da Bahia, separada pelo rio S. Francisco; e ao oeste com Petrolina, pelo riacho do Pontal

Topographia — A villa da Boa Vista está collocada sobre terreno elevado, a 393m de altura sobre o nivel do mar, á marg. esquerda do gigantesco rio São Francisco, apresentando-se aos olhos do viajante, de um aspecto assás alegre, e offerecendo ao observador, que d'ahi derrama a vista pelo horisonte infindo desdobrado em vasta extensão, um quadro magnifico de suprema belleza. Consta de tres ruas, 136 casas cobertas de telha e umas 50 de palha; egreja matriz, cemiterio, agencia do Correio, etc.

Povoados — *Carahybas* na barra do riacho do mesmo nome, á 30 kiloms., ao norte da villa; *Jotobá* á 90, ao oeste; *Estreito* á 102 ao norte; e *Barro Alto* ao sul, na marg. do S. Francisco

Serras — Ha pequenos montes sem importanhia notavel, entre os quaes estão: o Morro da Bôa Vista ou Dous Irmãos; os serrotes do Sacco Forte, da Panella, das Cabras e o Dourado.

Hydrographia — O rio *S. Francisco* banha o mun. de oeste á leste, na parte sul, que limita o Estado com o daBahia, recebendo os seguintes affls.: o rio *Pontal*, que nasce na serra dos Dous Irmãos, nas divisas com o Piauhy, e despeja, ao sul da villa da Bôa Vista, 72 kiloms; o *Jacaré*, que vem do mun. de Ouricory, corta este mun. de noroeste a sueste e despeja, ao norte da villa, 24 kiloms., e o riacho *Carahybas* que, nascendo no serróte do Barrôso, entre Cabrobó e Bôa Vista, faz barra junto á povoação do mesmo nome, 30 kiloms. ao sul.—*Lagôas*—Das Marrécas, e de S. Rita.

Industria e Commercio — A industria principal é a pastoril, existindo mais de 50 fazendas de gado, notando-se sobretudo as seguintes: Cacimbas, Zacarias, Nunes, João Nunes, Cavallête, Varzinha, Alagôa de Dentro, Mandasaia, Estreito, Varzea Grande, Recreio, Caroá Cachoeirinha, Pedra Branca, Nova, da Malhada, etc., Tem pequena importancia seu commercio.

Agricultura—O sólo mostra-se fertil nos diversos pontos do mun.; mas é muito pouco cultivado, havendo ligeiras

plantações da canna de assucar, utilisada na pequena industria do fabrico de rapaduras, e a cultura dos principaes cereaes, como o milho, a mandioca, o feijão, a batata, etc.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Os meios da viação com as capitaes da Bahia e a Pernambuco donde se suppre de generos estrangeiros,como fazendas e molhados, são feitos com difficuldade; com o Recife, pela Estrada de ferro Paulo Affonso (estação de Jatobá em Tacaratú) e com a Bahia,—ou pela estação do Joazeiro á 34 kils. distante, ou pela da Villa Nova (Bahia). Tambem se viaja em canôas, — rio abaixo até Jatobá, e rio acima até Januaria, para onde ha vapores fluviaes.

DISTANCIAS — A villa da Bôa Vista dista da Capital 900 kiloms., 276 de Jatobá, de Tacaratú 130, de Petrolina e de Cabrobó 80

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Sómente quatro escolas, existem no mun., duas na séde para cada sexo uma, uma mixta no povoado *Carahybas*, e outra em Barro Alto.

ILHAS — Pertencem ao mun., de Bôa Vista as ilhas: do Pontal, da Assumpção, onde, primitivamente, foi a séde da freguezia ; de Santa Maria, Bassú e Cajucá

CACHOEIRAS — Existem no S. Francisco e na parte comprehendida nesse mun. as seguintes : a do Fusil, da Panella Dourada, das Missões, do Genipapo e do Velho Vieira.

Boa Vista — *Parochia* da cidade do Recife, no mun. da capital, forma o terceiro bairro, se comprehende toda no perimetro urbano e está situada em terreno continental.

HISTORICO — Em 1643, o principe Mauricio de Nássau, conde d'Orange e governador hollandez, fez construir uma ponte, ligando a ilha S. Antonio ao continente, começando no sitio correspondente á parte de detraz do actual convento do Carmo, e indo terminar na entrada da rua da Ponte Velha, freg. da Boa Vista. Tinha a forma de um angulo obtuso com o vertice para cima, no logar mais ou menos em que se acha a Casa de Detenção. Junto a essa ponte levantou na ilha uma casa de campo, a que deu o nome de *Bôa Vista*, situada á direita do encontro da mesma ponte, com a frente para o continente, donde o observador tinha uma perspectiva de verdadeira belleza. Deste facto se originou o nome de *Bôa Vista*, que ainda conserva o bairro de que estamos dando noticia. A casa da *Bôa Vista* foi destruida pelos hollandezes, quando o supremo conselho deliberou o arrasamento da cidade Mauricia, em 1645. Nesse tempo, o terreno que actualmente se conhece por freguezia da Bôa Vista formava, em grande extensão, um paul, tendo apenas, e mandado construir pelo mesmo Principe Mauricio, um pequeno caes que attingia á reg'ão em que elle havia determinado fazer a ponte, —local ainda hoje nomeado *Ponte Velha*,—e era onde tambem começava a estrada que ia para o interior do Estado. A parte que comprehende presentemente á rua da Conceição, era um sitio, com 400 pés de coqueiros e um sobrado, de propríedade do Capitão Felippe Santiago d'Oliveira e sua mulher D. Lourença Maciel d'Andrade, vendido por aquelles proprietarios, pela quantia de 497$, a Christovão de Barros Rego, em 21 de Agosto de 1663. D'este facto se originava chamar-se *Conceição dos Coqueiros* á pequena capellinha dessa invocação, que ha poucos annos existiu no local em que se ergue outra da mesma inv., e agora é da irmandade de S. Cicilia, que a reconstruiu. No tempo do Governador Henrique Luiz Pereira Freire foi feito, na região occupada pela rua, presentemente, Dr. Rosa e Silva e anteriormente rua da Imperatriz, um grande atêrro, tomando o nome de *Atêrro da Bôa Vista*. Recebendo nova forma a ponte então existente, ordenou aquelle governador a construcção de uma outra na parte da actual, inutilisando-se, conse-

guintemente, a levantada no tempo dos hollandezes. O espaço que hoje comprehende as ruas do Visconde do *Rio Branco* (Aurora), *da Saudade*, *7 de Setembro* (antigo becco dos Ferreiros), da *União*, e do *Conde da Bôa Vista* (a parte simplesmente da outr'ora rua Formosa), era chamado o *Casimiro*, e toda aquella área formava um lamaçal intransitavel. Nas mesmas condições estava o bairro de S. Amaro ou *cidade Nova*, que é o 2º districto policial, fiscal, administrativo e eleitoral da freguezia; e se denominava *Salinas de Francisco do Rego*. A partir de 1681, quando foi construida a capella de S. Amaro, chamou-se ao principio *S. Amarinho*, e depois sómente S. Amaro. A Bôa Vista foi desmembrada da Sé d'Olinda, de que era curato, por provisão do Governador do Bispado, o penitenciario da Sé, Manoel Vieira de Lemos Sampaio, datada de Janeiro de 1805, a qual creou-a freguezia, confirmando esse acto a Carta Régia de 21 de Maio do mesmo anno. Teve como seu primeiro parocho o Padre Gabriel Soares Bittencourt. Na historia patria essa freguezia contém as seguintes referencias:—Em 23 de Abril de 1817, o governo republicano passou os cofres, as munições e a secretaria para o palacio da Soledade. Em 26, nesse palacio, houve uma reunião em que o Conselheiro do governo republicano, Dr. Manoel José Pereira Caldas, fez as pessoas presentes jurarem defender a patria. Em 21 de Julho de 1821, João de Souto Maior disparou um tiro no governador Luiz do Rego Barreto, quando este, á noite, passava pela ponte da Bôa Vista, entre dous amigos, com suas ordenanças, e indo para sua residencia no Mondêgo. Em 16 de Setembro de 1824 foi esse bairro atacado pelos revolucionarios, havendo ahi um combate que se estendeu pela *Soledade*, rua da *Gloria* (Visconde de Albuquerque hoje), *Corredor do Bispo* (Deão Faria) até o *Pateo de Santa Cruz*. Em 16 de Setembro de 1831, alguns cidadãos reunidos a um pequeno numero de tropas milicianas, accommetteram neste bairro (e no do Recife), aos soldados rebellados de toda a tropa do Recife, que se tinha amotinado, na manhã de 15, arrombando a golpes de machado as portas das lojas e armazens de generos, e roubando o encontrado. Taes cidadãos mataram 300 d'esses soldados, prendendo 800, que foram mandados para Fernando de Noronha. Em 1849, na revolução *Praeira*, no dia 2 de Fevereiro, os rebeldes, atacando o Recife, são derrotados; e na Soledade, depois de muitas horas de mortifero combate, « quando entraram as linhas da cidade, cahe, e foi o primeiro signal de derrota, atravessado por uma bala, *vendo fugir-lhe a vida e com ella a imagem da patria*, o desembargador deputado Joaquim Nunes Machado, alma d'essa revolução, *cabeça* e o *verbo* d'ella, assim como Pedro Ivo, o heróe que o poeta brasileiro Alvares d'Azevedo celebrou em patrioticas estrophes, que era o braço e a espada d'aquella tremenda lucta. o qual viu-se obrigado a refugiar-se nas mattas d'Agua Preta, de onde, diz o Dr. Aprigio Guimarães, « só o arranca, mais tarde, o respeito de filho; illudiram o o velho pai do batalhador liberal, e a piedade filial alcançou de Pedro Ivo a entrega da espada, que á força nunca lhe teriam tomado. »— Nasceram n'essa freguezia, os seguintes illustres pernambucanos: — o Dr. Antonio d'Andrade Luna, virtuoso sacerdote, talento superior, preclaro cidadão e distincto cultor das bellas lettras, da litteratura e da poesia, bem como grande jurisprudente. O padre João Baptista da Fonsêca, nascido em 1790 e fallecido em 1831, um dos martyres da revolução de 1817, orador fogoso que animava as massas, poeta de merecimento e um publicista de valor. E o conde de Irajá, D. Manoel do Monte Rodrigues d'Araujo, virtuosissimo bis-

po do Rio de Janeiro, autor de varias obras, nascido em 1798 e fallecido em sua diocese a 11 de Junho em 1863.

LIMITES — Confina ao N. com o mun. de Olinda e com a freg. da Graça; a L. com as fregs. da Graça e Afogados; ao S. com a de Afogados; ao SE. com a de S. José; e a L com as de S. Antonio e S. Frei Pedro Gonçalves. A linha d'essa divisão é a seguinte: principia na ponte de Tacaruna, e por esta segue, pela Cambôa do mesmo nome, até á ponte do Maduro; continuando d'ahi pelo riacho que passa sob essa ponte, vai por elle acima ao encontro da bomba da Estrada de João de Barros, onde, tomando a direcção sul, por essa estrada, busca o becco do Olho do Boi, e o do padre Inglez e por este, o logar Caminho Novo; proseguindo chega á estrada do Manguinho, e na direcção nordoeste a sudoeste, passa na estrada da Estancia, até a entrada d'este logar: d'ahi pelo Chora Menino, Paysandú, encontra a ponte de Magdalena, sobre o rio Capibaribe (terminam ahi os limites com a Graça e começam os de Afogados); por esse rio segue a divisão até a ilha do Suassuna (que pertence á Afogados), donde, continuando pelo braço esquerdo do rio, contornêa a referida ilha e chega ao logar Coelhos (limites com S. José), prosegue pelo Capibaribe (pelas divisas de S. Antonio) e, encontrando o esteiro d'esse rio e do Beberibe (limites da freg. de S. Frei Pedro Gon. çalves com o bairro S. Amaro), termina a linha, na entrada da Cambôa de Tacaruna, onde começou.

EXTENSÃO — De L. á O. tem esta freguezia 3 kiloms. (da ponte da Bôa Vista á ponte da Magdalena), e de S. a N. (do logar Coelhos á ponte de Tacaruna), uns 3 kiloms., tambem, approximadamente.

DIVISÃO — A freguezia está dividida em dous districtos policiaes, dous fiscaes, comprehendendo, na divisão administrativa, o 2° districto municipal, na judiciaria pertence ao 4°, e na eleitoral do Estado está no 1° districto.

ASPECTO — A perspectiva d'essa freguezia, que contém os bairros de S. Amaro e Bôa Vista propriamente dito, é muito diversa da de S. Frei Pedro Gonçalves, de S. Antonio e S. José; offerece mais encanto em tudo, por suas casas mais desafogadas, e melhor architectadas, pelo alargamento e traçado regular de suas ruas, pela ventilação mais livre e clima mais saudavel.

POPULAÇÃO — Em 31 de Dezembro de 1904 continha essa freguezia, sujeitos ao imposto da decima urbana, 3852 predios, sendo 3509 terreos, 252 sobrados de um andar, 72 de 2.° andar e 19 de 3 andares, isto é, um equivalente de 4105 casas, unicamente terreas, não contando o numero avultadissimo, de 10.000 seguramente habitações de palha de *páo á pique* (vulgo de *tapokas*) e de taboas, disseminadas, principalmente no bairro de S. Amaro, em varios pontos. Pelo que se póde presumir em 80.000 habs. a população da Bôa Vista, á razão de 6 pessôas por fogo, não havendo exaggero, porque ha a considerar á população dos collegios, dos hospitaes e asylos, dos conventos, e a tropa dos quarteis.

TOPOGRAPHIA — Segundo sua posição geographica, póde ser chamada a quarta freguezia da cidade do Recife, situada em terreno todo plano e firme, banhada pelo Capibaribe ao oeste, sul e léste, sobre o qual, dando-lhe communicação com outras fregs., existem as pontes da Magdalena, da Bôa Vista, da via-ferrea do Caxangá e a de Santa Isabel. Em Dezembro de 1904 tinha esta freguezia 54 ruas, 49 travessas e 7 praças ou largos. Menos commercial que as freguezias de S. Antonio e Recife tem todavia muitos estabelecimentos notaveis e com certo luxo, principalmente na rua da Imperatriz. Possue

ruas verdadeiramente bellas, asseiadas, de aspecto alegre e plantadas de arvores, como a do Visconde do Rio Branco (antiga da Aurora), que é bastante extensa, bem arejada, de bons edificios particulares e á borda do rio Capibaribe, onde em todo comprimento existe um longo caes. E' atravessada por quatro linhas de bonds — as da Magdalena, Fernandes Vieira e a dos Coêlhos S. Amaro, sem ter incluido as circulares que fazem um trajecto continuo e circular, entre as pontes de Santa Izabel e da Bôa Vista; e pelas E. F. urbanas de Olinda e da Varzea. Na freg. da Bôa Vista avultam os edificios da:

Camara dos Deputados — Este edificio tem de altura 16m.20 e é, exteriormente, ornado com 36 pilastras de ordem dorica romana e rematado por um entablamento geral; seu todo tem a forma de uma cruz, e compõe-se de cinco corpos, a saber: o portico, dous corpos lateraes, o corpo posterior e o central, divididos os quatro primeiros em dous, e o ultimo em um só pavimento. O portico com os dous corpos lateraes, que são symetricos, formam a fachada principal do edificio, a qual é tambem symetrica á fachada posterior. O corpo que constitue o portico é ornamentado por quatro pilastras e um frontão, contendo o vestibulo no andar terreo, com uma escada de duas voltas, dando ingresso para a galeria das senhoras, no pavimento superior: este corpo tem no pavimento terreo tres portas com archivoltas na frente e duas lateraes, e outras tantas janellas de verga recta e com sacada no pavimento superior. Cada corpo lateral encerra duas galerias, tendo cada uma 120 assentos para homens, com um pequeno vestibulo, e mais duas salas destinadas ao serviço da Camara. O corpo posterior tem no pavimento terreo o salão de honra e um pequeno vestibulo, no pavimento superior—a sala das commissões e a Secretaria. A sala de honra tem 9m,60 de larg. sobre 12m,60 de comprim. O corpo central tem a fórma circular e mede 6m,50 de raio, e é destinado para a sala das sessões da respectiva Camara. Tem de altura 37m., distribuidos da maneira seguinte: o pé direito tem 26m,70, o zimborio 7m., e a claraboia 3m,30. No alto desse corpo 12 janellas servem para a transmissão de luz e ar, atravez da abobada e do ornamento interior da sala das sessões. A parte culminante do zimborio é rematada por uma claraboia de fórma cylindrica, com proporções para tambem transmittir luz e ventilação. Quatro grandes arcos, tendo 7m,40 de pé direito, sobre 5 de largura, são abertos no corpo central, e dão communicação aos corpos que a elles se irradiam, sendo dous diametralmente oppostos ás galerias destinadas aos homens, uma á galeria das senhoras, opposto a este a sala de honra. Na sala das sessões, os intervallos comprehendidos entre os quatro grandes arcos são decorados por oito columnatas de ordem corynthia; o entablamento é geral e uma balaustrada de fórma circular serve de acroterio a esse entablamento. Nos intervallos das columnas estão collocados quatro nichos com as estatuas da — *Justiça, da Sabedoria, da Eloquencia e da Jurisprudencia,* — e na parte superior a esses nichos quatro tribunas reservadas. Na distancia de um metro acima do entablamento nasce a abobada interior, ricamente estucada, tendo doze grandes vãos que correspondem ás janellas do zimborio com uma abertura no alto correspondente á claraboia. A frente de cada galeria e das tribunas reservadas é ornada com um gradil de ferro. Nos dous recantos formados pelos corpos central e posterior estão collocadas duas escadas em espiral, pondo em communicação o pavimento terreo com o superior. Uma escadaria de pedra de Lisbôa orna toda a frente do edificio, com seis ordens de degráos, tendo na frente do portão dous pequenos pedestaes com figuras de leões. Na frente da fachada posterior

uma escadaria de forma semi-circular dá ingresso para a sala de honra, e duas outras da mesma fórma, dão ingresso para as salas reservadas dos corpos lateraes Um passeio contornêa todo o edificio, e um pequeno muro com elegante gradil de ferro o cerca. Tres grandes portões, um na frente do edificio e dous outros na parte opposta dão ingresso ao quintal, dentro do qual campeia o elegante palacete da Camara dos Deputados.

metros quadrados, destinado, no tempo em que havia o internato, para pomar, jardim botanico, escola de natação, exercicios de gymnastica e recreio. O edificio tem 1.° andar e terreo, com corredor geral circumscripto ao pateo interior, que se communicam por quatro escadas collocadas ao norte e sul. Todas as salas e quartos têm janellas para o exterior, donde recebem a luz, e communicação com o corredor geral, havendo sómente quatro salas em cada andar,

CAMARA DOS DEPUTADOS E GYMNASIO

Gymnasio Pernambucano—O edificio do Gymnasio compõe-se de quatro partes de fórma rectangular, tendo as de nascente a poente 66 metros de comp., as de norte a sul 37m,40, e collocadas de maneira a formar no interior um pateo de 34m,43 de comp. e 17m,70 de largura, e, exteriormente, ao sul e ao norte — dous, tendo cada um 34m,43 sobre 14m,30. Em seguimento e sem separação destes pateos ha, de cada lado, um terreno murado com 3.100

nas extremidades das alas do nascente e poente. A porta principal é ao nascente, na rua da Aurora, e a entrada tem 3m,70 sobre 7m,23, terminando no corredor com porta em seguimento para o pateo interior. A' direita e á esquerda da entrada funcciona, d'um lado a sala da secretaria e do outro a do porteiro, que mede cada uma 4m,70 sobre 7m,23. Em seguimento para o norte ha duas salas de 7m,55 sobre 13m,66, e a outra 7m,23 sobre 11m,7. Na parte corres-

pondente ao sul ha tambem duas salas eguaes. Na ala do sul existe uma entrada no meio, com 3m,65 sobre 7m,23 por onde communica o pateo externo com o interior e corredor geral. A ala do poente tem na extremidade sul uma sala com 7m,55, sobre 13m,63. A ala do norte tem, como a do sul, duas escadas e uma entrada e está dividida da seguinte fórma : — Uma sala com 7m,23 sobre 13m,35 ao nascente, e contigua a outra de 7m,23 sobre 8 metros. A' direita da entrada ha uma sala de 7m,23 sobre 8m,34, e em seguimento outra de 4m,70 sobre 7m,23. O 1.º andar é dividido pela fórma seguinte, a começar pela extremidade norte : tres salas com 7m,23 de larg. e comp., — a 1ª e a 3ª; e a segunda 13m,85. Depois da 3ª sala está outra de 6m,75 sobre 6m,75 com dous quartos cada um de 3m,70 sobre 6m,75. Na ala do sul ha dous salões cada um com 7m,23 sobre 15m,60. Na ala do poente ha um grande salão de 7m,23 sobre 37m,10. Na extremidade norte ha uma sala de 7,55 sobre 13m,63. Na ala do norte, entre as duas escadas que dão communicação do andar terreo para o superior, a partir da extremidade do nascente existe uma sala com 7m,23 sobre 7m,80, mais outra de 5m,40 sobre 7m,23, e uma 3ª de 7m,23 sobre 22.

O pavimento terreo é ladrilhado de tijolos de alvenaria batida. Custou esse edificio á ex-Provincia — 310:000$000.

Tendo servido desde sua inauguração para o internato e externato do Gymnasio Pernambucano, na administração do Governador Dr. Alexandre José Barbosa Lima, extincto o internato, passou tambem a funccionar alli, na parte oeste (lado da rua da União) a Escola Normal.

O Quartel do 14º Batalhão de Infanteria — A' rua do Hospicio, onde em 1735 fundou-se o hospicio de São João Baptista, dos frades leigos de São Francisco, em beneficio dos logares Santos de Jerusalem, do que proveio o nome áquella rua ; é grande e de vistosa fachada, reconstruido nas administrações dos presidentes da provincia — Desembargador José Manuel de Freitas á do Dr. Pedro Vicente d'Azevedo, de 1883 a 1887.

QUARTEL DO 14º BATALHÃO DE INFANTERIA

Sociedade Propagadora da Instrucção Publica — Destinada a preparar alumnas mestras para o magisterio primario, foi installada em 7 de Setembro de 1879, gozando, em virtude de Lei, os diplomas conferidos por ella, dos mesmos privilegios e vantagens dos da Escola Normal official.

Edificio Escolar Domingos Theotonio em S. Amaro, rua Souto Maior — Assentou-se a 1ª pedra em 15 de Setembro de 1895, e inaugurou-se em 1897.

Estação da Via Ferrea de Olinda — Fronteira á ponte de Santa Isabel, foi aberta definitivamente ao serviço, em 1873.

PALACIO DA SOLEDADE

Palacio da Soledade — O edificio do Paço Episcopal, situado no bairro da Boa Vista, foi fundado pelo bispo D. Frei Luiz de Santa Thereza, durante seu governo, de 1739 á 1754, sendo continuadas as obras pelo seu successor D. Francisco Xavier Aranha, que as concluiu em 1754.

D. Frei Luiz pensando em edificar o palacio da Soledade teve como fim possuir uma casa em que pudesse estar, durante o tempo em que funccionasse a Junta das Missões, da qual era presidente, bem como para outros deveres de sua missão, em que era precisa sua permanencia ou demora no Recife.

Retirando-se de Pernambuco, D. Fr. Luiz, em 1754, deixou as obras do palacio em tal estado de adiantamento que permittiam habitar a parte concluida; e, julgando-o, talvez, de sua propriedade particular, o alugou ao dr. Thomaz da Silva, por 25$000 annuaes, porém abrindo mão dessa renda em beneficio da igreja de Nossa Senhora da Soledade.

Entretanto, construido o edificio com dinheiro da mitra, no que despendeu para mais de trinta mil cruzados (12:000$000), procurou o bispo D. Francisco Xavier Aranha, que o succedeu no bispado, nullificar aquelle acto, o que effectivamente conseguiu; e por sentença final, lavrada em 1757 pelo desembargador ouvidor geral de Pernambuco, o dr. João Bernardo Gon-

zaga, ficou convenientemente liquidado o direito de propriedade da mitra sobre o palacio.

Refere Pizarro e Araujo que a residencia episcopal da Soledade foi construida com magnificencia, pois era uma casa sumptuosa e nella empregaram os bispos notavel somma de contos de réis.

O Palacio da Soledade não foi sempre habitado pelos bispos diocesanos, e o primeiro, segundo consta, que o escolhera para a sua residencia habitual, foi o bispo D. Frei José Maria de Araujo, que ahi, prematuramente, falleceu em 1808, tendo apenas nove mezes de governo.

O seu successor, D. frei Antonio de S. José Bastos, preferiu residir no palacio de Olinda, e, para não deixar o da Soledade fechado e abandonado, arrendou-o a um commerciante por 200$000 annuaes.

Em 1817 já estava desoccupado, porquanto serviu por alguns dias de séde do governo provisorio republicano, onde teve lugar uma sessão plenaria, em 26 de abril, na qual tomaram parte os capitalistas e pessoas notaveis da capital, para resolver-se sobre os meios de acção necessarios á salvação da republica.

Permanecendo o bispado em *séde vacante*, de 1815 a 1825, permaneceu tambem o palacio deshabitado por todo aquelle tempo, e ainda mais, durante o episcopado de D. Thomaz de Noronha, até 1829.

Posteriormente a 1831, porém, quando o bispo D. João da Purificação Marques Perdigão deliberou fixar a sua residencia episcopal na cidade do Recife, emprehendeu uma obra de reconstrucção geral do Palacio da Soledade, mas deixou-o, como ainda hoje se acha, apenas com a execução da fachada principal, de elegante disposição architectonica, ficando intactas as dependencias do fundo, do primitivo palacio, e pelas quaes se póde ajuizar das suas dimensões, disposições e gosto artistico.

Refere Peixoto de Alencar no seu *Roteiro dos Bispos do Brazil*, tratando do episcopado de D. João da Purificação, o seguinte:

Não se sabe por que causa o bispo antipathisou com a residencia de Olinda, e tratou de reparar o antigo palacio de recreio da Soledade, que estava em desuso e de todo abandonado pelos bispos, desde o principio do seculo; e que, tendo servido de quartel militar, achava-se grandemente estragado e sem mais visos d'aquillo que havia sido em outro tempo. Para reparal-o, o bispo gastou muitos contos de réis, sem auxilio algum do governo imperial que, pelo contrario, dando ouvidos a enredos e intrigas, ordenou por um Aviso que o bispo estabelecesse, como os seus predecessores, sua residencia em Olinda, e nunca na Soledade. Isto, porém, não teve effeito, porque o bispo insistiu e o governo cedeu.

Os reparos deste palacio não podem deixar de ser considerados como uma obra de muito merito, tanto em relação ao respeito que se deve consagrar aos monumentos antigos como á piedade e dedicação de tantos varões illustres que o haviam habitado.

O paço episcopal da Soledade é um dos bellos edificios da capital. Flanqueado por dous torreões, consta de um só andar na parte central, e de dous na parte que comprehende os torreões. Sua architectura é de estylo simples e, vasto edificio que elle é, tem na frente 24 janellas, e sobre o frontão do corpo central, ostenta-se em relevo um escudo com as armas episcopaes de D. João da Purificação Marques Perdigão.

Com excepção da fachada principal que é toda moderna, o mais que resta relativo á dependencias e accessorios é de construcção primitiva, visivelmente distincta pelas suas disposições e architectura, e restos do antigo paço construido no seculo 17 pelo bispo D. Fr. Luiz de Santa Thereza.

Todo o palacio é ornado com decencia e elegancia, mas sem luxo; a capella, porém, é decorada com gosto e apresenta mesmo muitos objectos de valor artistico. (Extr. do Dr. F. A. P. C.)

Ainda a respeito desse palacio juntemos as seguintes uteis informações que encontrámos num velho documento original com que nos presentearam, e passámos ás mãos do actual Bispo o Sr. Dom Luiz de Britto, como mais proprio e de direito: « A 12 de dezembro de 1742 Antonio Gonçalves Reis e sua esposa D. Bernarda Thereza Henrique Souto Maior venderam seu sobrado da Soledade ao bispo de Olinda D. Frei Luiz de Santa Thereza pela quantia de 2:700$. Foi encarregado dessa transacção o procurador dos mencionados proprietarios, Padre Dr. João Soares Barboza, chantre da Cathedral e provisor do bispado».

Aos 4 de maio de 1757, perante mim Manuel Gomes da Fonseca, tabellião publico desta cidade de Olinda, e em virtude do requerimento do vigario do Recife Padre Dr. Felix Machado Freire compareceram os abaixo assignados Padre Antonio Soares Barboza, vigario da Parahyba, Padre Manuel Pires de Carvalho vigario geral e conego magistral, Padre José de Moraes Varella, escrivão do auditorio ecclesiastico, Padre Manuel Rodrigues Machado Portella, Padre Antonio da Cunha Reis, Padre José de Faria Franco, Padre Ignacio Rodrigues de Oliveira, Capellão, Padre Antonio Freire Borba, conego prebendado, Padre Alexandre da Fonseca, conego prebendado, D. Fr. Domingos de Loreto Couto, e Padre José Affonso Barroso e declararam que davam o testemunho de terem ouvido do Exm. Sr. bispo D. Fr. Luiz de Santa Thereza muitas vezes em conversa com varias pessoas notaveis. muitas das quaes membros da Igreja, que elle bispo destinava ao seu bispado e aos seus illustres successores o palacio da Boa Vista em construcção, accrescentando que o mesmo sr. bispo, alem de ser bastante commodo para si e para seus successores, seria muito proveitosa aos Reverendissimos vigarios quando tivessem de tratar no Recife com os Generaes e Ministros sobre serviço, em cujo palacio poderiam permanecer durante o tempo que demorassem no mesmo Recife, e nada mais foi dito, pelo que eu, Manuel Gomes da Fonseca, tomei por termo a dita declaração sobre o palacio do bispado, que vai assignado por mim, pelo dito vigario do Recife requerente e pelos referidos declarantes. (Assignados) Manuel Gomes da Fonseca, tabellião publico, Padre Dr. Felix Machado Freire, Padre Dr. Antonio Soares Barboza, vigario da Parahyba, Padre Manuel Rodrigues M. Portella, Padre Manuel Pires de Carvalho, vigario geral e conego magistral d'Olinda, Padre José de Moraes Varella, escrivão do auditorio ecclesiastico Antonio da Cunha Reis, Padre José de Faria Franco, Padre Ignacio Rodrigues d'Oliveira, capellão, Antonio Freire de Borba, conego prebendado, Padre Alexandre da Fonseca, conego prebendado, D. Domingos de Loreto Couto, Padre José Affonso Barroso.

Collegio de S. José — Dirigido pelas irmães de Santa Dorothéa, foi instituido em 1867, pelo Bispo D. Manoel de Medeiros; fica junto á egreja de N. S. da Soledade e é um estabelecimento de magnifica apparencia.

Hospital Militar — Collocado entre as ruas Gervasio Pires, Riachuelo e a linha ferrea de Olinda, foi inaugurado em 25 de março de 1855.

Hospital Pedro II — Assentado no lado meridional da freguezia, no logar denominado Coêlhos, á margem do Capibaribe, e fronteiro á freguezia de S. José. Foi primitivamente estabelecido, com a denominação de HOSPITAL PARA OS POBRES DA RIBEIRA, por Francisco de Souza Rego, entre os annos de 1802 a 1804, na rua Nova, predios reunidos sob os ns. 96 e 97 (hoje Barão da Victoria n. 57), se evidenciando isto das escripturas passadas, em 20 de novembro de 1802, pelo tabellião Francisco Gomes da Fonseca, e em 31 de março de 1804, pelo tabellião José Bernardino Lima Gondim (Rel. da S. Casa de Miz. de 1879, pag. 118). Da data de sua fundação até 1820 foi administrado por seu instituidor; e d'ahi, até 5 d'Abril de 1827, por João do Rego Falcão. Do 1.º de Outubro de 1828, já com a denominação de *S. Pedro d'Alcantara* e reunido com o Hospital dos Lazaros, formando uma só administração, até 7 de Julho de 1832, teve por administradores: — primeiramente — Joaquim José Mendes, e depois — Vicente Ferreira dos Guimarães Peixôto. Em 8 d'esse mez e anno, passou a ser administrado pela commissão nomeada pelo governo, em virtude da Lei de 13 de Outubro de 1831, e foi transferido para o hospital do Paraizo, e alli fundidos ambos num só, permaneceu até o 1.º de Julho de 1833, quando foi removido para o hos-

pital militar extincto, no convento do Carmo, que o governo cedêra para tal fim, á pedido da administração. Pela Lei de 29 d'Abril de 1837, foi o governo autorisado a transferir o hospital para outro local, restituindo o edificio do convento aos religiosos; e, em 14 de Março de 1846, teve effeito essa transferencia, para um predio do logar Coêlhos, que foi arrendado, e aonde se conservou até 9 de Março de 1861. De 1831 á Agosto de 1859 teve os seguintes regentes: Padres Manoel da Fonseca e Silva (1832), Francisco Xavier de Lima Freire (1838), Antonio de Faria Neves (1840), Joaquim José Barrêto (1841), Bernardo José Gonçalves (1843), Camillo de Mendonça Furtado (1845), Antonio Francisco Dias Nogueira (1846), e Albino de Carvalho Lessa (1846), Tenente-coronel Antonio Germano Cavalcanti de Albuquerque (1851), Padre Joaquim Mauricio Wanderley (1854), Luiz do Rego Barros (de 1855 a Agosto de 1859), quando passou a ser adminis-

HOSPITAL PEDRO II

trado por irmães de caridade. Em 25 de Março de 1847, foram lançados os fundamentos do actual edificio, que se denominou — *Hospital Pedro II*, na presidencia do Conselheiro Desembargador Antonio Pinto Chichôrro da Gama, e, d'entre muitos outros que estiveram presentes á ceremonia, notam-se os seguintes cidadãos, cujos nomes hoje pertencem á historia do Paiz, e principalmente a d'este Estado: Desembargador Joaquim Nunes Machado, Drs. Felix Peixôto de Brito e Mello, Joaquim Villela de Castro Tavares e Antonio Vicente do Nascimento Feitosa. — Em 16 de Março de 1861, começou a funccionar o hospital no novo edificio, já em parte construido, ficando na antiga casa sómente os loucos. O terreno em que foi fundado pertenceu parte, á Elias Coêlho Cintra, á quem o governo comprou, em 13 de Agosto de 1824, e parte a João José dos Anjos Pereira, a quem tambem foi comprado. Está o edificio a 1 m,25 acima do nivel do sólo. Para bem ser definida sua

fórma complexa, convém tomar por ponto de partida o grande pateo central rectangular, que méde 30m,0 de largura e 45m,50 de fundo. A área desse pateo é formada por uma galeria de 2m,85 de vão ventilada e illuminada por arcadas romanas no pavimento terreo, e por vidraças em cada um dos dous pavimentos superiores de que é composto o edificio.

Anteposta á galeria alludida está, pelo lado do nascente, a fachada principal, que méde exteriormente 46m,30 de extensão, no centro da qual destaca-se o portico de 2m,20 de largura, que é ornamentado com duas columnas, supportando um entablamento e seu frontão, em cujo tympano se vê a figura da *Caridade*, tudo de cantaria fina de Lisbôa. Ha mais, nesta fachada, seis janellas lateraes ao portico, e sete em cada um dos pavimentos superiores, correspondendo as do centro ao mesmo portico. Nas extremidades dessa fachada, como seu prolongamento, em sentido opposto, e 1m,00 fóra do alinhamento della, desenvolvem-se dous pavilhões, com 34m,50, tendo cada um 24 janellas, divididas symetricamente entre tres pavimentos. Parallelo e posterior á um destes pavilhões, o do sul, ha mais dous equidistantes: o primeiro em tudo egual ao anterior, e o segundo de um só pavimento, tendo ambos as abas septentrionaes encostadas á referida galeria e aos passadiços terreos, resultando, das disposições locaes destas, differentes construcções, áreas de 39m,00 de largura sobre 45m,50 de extensão, destinadas para jardins. O projecto geral do edificio determina mais dous pavilhões do lado do sul da galeria, e por consequencia mais quatro ao lado do norte, parallelos ao anterior já existente. A capella e mais dependencias, tudo por construir, terão, segundo o referido projecto, de constituir no futuro o fundo deste grandioso hospital. Os pavilhões construidos offerecem, em seus differentes pavimentos nove espaçosas enfermarias, sendo seis para homens e tres para mulheres, em cada uma das quaes ha imagens — do Senhor Crucificado e da Senhora da Graça. No pavimento terreo, entrando-se no vestibulo, vê-se ao lado direito uma sala, onde funcciona a aula de obstectricia, e outra que é o escriptorio da irmã superiora; e ao lado esquerdo fica a sala do porteiro. Acham-se neste pavimento as enfermarias — S. João, S. Francisco e Santa Martha. A pharmacia, o laboratorio chimico, a sala de trabalho, e o refeitorio das irmães estão tambem nesse mesmo andar. No 1° existem as enfermarias — S. José, S. Vicente, S. Paulo, Santa Rosa e Santo Antonio; no 2° estão as — Santo Anselmo, S. Thomaz de Aquino e Santa Maria: são estas as enfermarias de cirurgia. Ahi estão a sala das operações, com um soffrivel arsenal cirurgico, a sala para guardar as roupas com que os enfermos para alli entram, e a sala de visitas, o dormitorio das irmães, a rouparia, onde funcciona uma aula de primeiras lettras e de costuras, para as crianças do sexo feminino, que no hospital perderam seus pais, as quaes dormem e tem seu refeitorio numa sala, sob a invocação de Santa Clara. Nesse mesmo andar está provisoriamente a capella, muito decentemente preparada, sob a invocação de S. Pedro de Alcantara, padroeiro do hospital, na qual se vê um pequeno harmonium, cadeiras e banco para assistencia dos doentes aos officios divinos. No grande pateo do hospital ha um pequeno jardim, a cozinha, banheiros, despensa, uma lavanderia, sala para autopsias e o necroterio, em que existe a imagem do Crucificado. (*Rel. do Provedor da Santa Casa de Miz.*, *1879*.)

Hospital de Santa Agueda — Collocado na travessa de João de Barros, no sitio que foi dos herdeiros do Brigadeiro Joaquim Bernardo de Figuerêdo, foi sua creação autorisada pela Lei provincial n. 1.390 de 2 de Maio de

1879, e inaugurado em 23 de Novembro de 1884. Destina-se ao tratamento da variola e outras molestias agúdas contagiosas. Teve como seu primeiro regente, o Major Miguel Bernardo Quinteiro, capellão Frei Lourenço da Immaculado Conceição, e medico Dr. José de Miranda Curio. E' mantido pela Santa Casa de Misericordia.

Hospital Portuguez de Beneficencia — Situado no logar denominado Cajueiro, proximo á Magdalena, foi installado em 16 de Setembro de 1855. Tem como padroeiro S. João de Deus.

HOSPITAL PORTUGUEZ

Hospital dos Lazaros — Em Santo Amaro das Salinas, fundado nos annos de 1713 a 1715, pelo padre Antonio Manuel, escrivão do visitador Padre mestre-escola João Maximo de Oliveira. Trouxe aquelle padre, da povoação de N. S. do O', alguns pobres lazaros que, vagando á esmo pelo campo, como brutos, os encontrára, recolhendo-os occultamente, ao principio, em sua habitação, e depois em uma casa que lhe deram nessa freguezia, na qual com esmolas e muito esforço os localisou publicamente, erigindo ao pé deste asylo um oratorio com a imagem, em painel, de N. S. da Soledade. O doador do terreno, acima referido, foi o capitão do regimento de linha do Recife, Eusebio de Oliveira Monteiro, e o local da casa o mesmo em que hoje está o collegio de S. José das irmãs de Santa Dorothéa, communicando-se aquella com a egreja da Soledade por uma janella, de onde os enfermos assistiam a todos os actos religiosos, e pela qual o sacerdote lhes ministrava o Sacramento da Communhão. Depois, o bispo D. Fr. Luiz de Santa Thereza, emprehendendo a fundação do convento das freiras Ursulinas, tratou de obter o hospital, para realisar seu desejo, obrigando-se a construir outro mais com-

modo e apropriado. Começou o bispo as obras do recolhimento, e, não tratando da construcção promettida do hospital, o governador Capitão General Luiz Diogo Lobo da Silva representou ao governo da metropole, para que não consentisse proseguir tal construcção, sem ser levada a effeito a do hospital, terminando essa questão, segundo dizem, pela doação feita de uma casa para os enfermos, pelo mestre de Campo Bento Corrêa de Sá. Em fins de janeiro, de 1761, o hospital deixou de ser no edificio da Soledade, pela installação das *Ursulinas* alli, crendo-se que a mudança fôra para o sitio em que está presentemente. Nesse anno tendo passado o hospital a ser administrado por seculares, em consequencia de disputado litigio, cahiu em decadencia pela falta de zelo e dedicação com que anteriormente fora dirigido. Era então Governador, D. Thomaz José de Mello, e desse aniquilamento em que jazia tão pia instituição, resolveu restabelecel-a. E reergueu-a, mandando concluir, em 1789, o edificio existente, dando-lhe certas multas creadas por elle, e nomeando thesoureiro, para a arrecadação das rendas e applicação das despezas, a Domingos Affonso Ferreira. O retrato desse Governador existe no hospital, como homenagem aos serviços que prestou, de reparador e bemfeitor. O hospital dos Lazaros, ao lado do poente da estrada de Luiz do Rego, na proximidade da ponte de Tacaruna limita — pelo sul, com o sitio do Asylo de Mendicidade. A frente, que fica retirada 70^{m},00 da dita estrada, méde 35^{m},20 de extensão e 5^{m},72 de elevação, sendo 4^{m},40 da fachada propriamente dita, 1^{m},32 da sapata sobre a qual repousa todo o edificio, que é de um só pavimento. A fachada é de estylo portuguez, e tem, em todo seu desenvolvimento, dez janellas, no centro das quaes figura um modesto mas elegante portico, servido por uma escadaria com seis degráos de pedra. O raio do edificio, revestido pela referida fachada, tem no centro um pequeno vestibulo, e, aos lados destes, uma sala de recepção, e mais accommodações para a regencia, a cozinha e outras dependencias.

Perpendiculares ás extremidades desta primeira secção, partem, posteriormente, em direcção leste á oeste, dous raios que vão encontrar no do fundo, no centro do qual se eleva a capella, de simples e agradavel architectura. As enfermarias occupam os dous raios longitudinaes, acima alludidos, e mais os dous terços do raio posterior, lateraes á capella, cujos oitões são interrompidos por duas grandes aberturas, guarnecidas com gelosias, de modo que dentro das proprias enfermarias, e sem ficarem em convivencia com o demais pessoal, podem os enfermos assistir á missa e a quaesquer outros actos religiosos. O terreno em que o estabelecimento está assentado se divide em oito partes bem distinctas, sendo a 1ª de 35^{m},20 de largo sobre 55^{m},0 de fundo, occupada pelo estabelecimento propriamente dito; a 2ª e 3ª por dous quintaes annexos, lateralmente situados no correr da frente do edificio; a 4ª e 5ª dispostas parallelamente á direcção das duas enfermarias; a 6ª e 7ª collocadas na parte posterior, uma das quaes serviu outr'ora de cemiterio, e a outra é o logar de recreio dos enfermos; e a 8ª finalmente, que constitue uma grande praça na frente do hospital. Foram administradores e regentes desta instituição: Padre Antonio José Bezerra, Alexandre José de Araujo, Francisco Nunes Corrêa, Manuel Gomes d'Oliveira, Ignacio da Cunha Miranda, Antonio Rodrigues Fernandes de Azevedo, Antonio Rodrigues de Almeida, Joaquim José Mendes, Vicente Ferreira dos Guimarães Peixoto, Francisco José de Oliveira Barboza, Frederico da Costa Rios, Manuel Nivardo Caldas, Tristão Francisco Torres, Francisco Joaquim d'Oliveira e Souza, João Francisco d'Oliveira, Manuel Cavalcante de Albuquerque Mello, Diniz Ignacio Prazeres dos Santos, Paulino José d'Oli-

veira e Silva, José Paulino da Silva, Joaquim Floriano Corrêa de Brito e José Isidoro Pereira dos Reis. (Rel. cit.)

Asylo de Mendicidade — Fica situado á margem septentrional da Estrada de Luiz do Rego, em Santo Amaro das Salinas, e junto ao Hospital dos Lazaros. Destinado a receber os mendigos que vagavam pelas ruas, praças e mercados da cidade, foi installado, primitivamente, numa das enfermarias do Hospital Pedro II, por occasião da primeira visita que a Pernambuco fizeram os finados Imperador do Brasil, D. Pedro d'Alcantara e a Imperatriz, D. Thereza Christina, com a assistencia de ambos, no dia 23 de dezembro de 1859. Em favor deste estabelecimento, em 1868, a lei provincial de 17 de julho creou o imposto de 3 % addicional a toda a renda da ex-provincia *que não tivesse applicação especial, para a manutenção de um Asylo de Mendicidade*.

A lei n. 832 de 22 de maio do mesmo anno determinou que o producto desse imposto fosse applicado á edificação ou preparo de um edificio em que se installasse o asylo, e assim o vice-presidente, em exercicio, Dr. Manuel do Nascimento Machado Portella, em 22 de outubro de 1869, comprou ao commendador Antonio Gomes Netto um sitio de terras com casa de vivenda, em Santo Amaro das Salinas, pela quantia de 25:000$, para onde foi transferido o Asylo de Mendicidade, em 25 de março de 1870. Augmentando o numero de mendigos, que alli eram abrigados, e se arruinando bastante, dia a dia, a casa do estabelecimento, foi reconhecida a necessidade da construcção de outro edificio, e lançada a primeira pedra em 25 de dezembro de 1872, na presidencia do Desembargador Henrique Pereira de Lucena. Sua construcção repousa sobre uma sapata de 1m,30 de altura acima do nivel do terreno, e sua forma é rectangular, medindo 73m,20 de largura sobre 86m,50 de fundo, sendo a largura dos raios, do nascente e do poente, de 7m,10, e a dos do sul e norte de 9m,00, inclusive, em todas estas dimensões, a espes-

AZYLO MENDICIDADE

sura das paredes. Na parte posterior de cada um dos raios e aos mesmos encostada, corre uma galeria com 2m,60 de vão, tendo a respectiva coberta sustentada por columnas, que se ligam, entre si, por varanda de ferro. Essa galeria contém 68 columnas com 243m,00 de desenvolvimento, proporcionando um pateo de 49m,20 de largura sobre 66m,30. Na área desse pateo está construida a capella do estabelecimento, sob a invocação de Santo Antonio, concluida em 28 de julho de 1893, e benta pelo Arcebispo do Rio de Janeiro, D. João Esberard, com a assistencia do da Bahia, D. Jeronymo Thomé da Silva. Todo o edificio é de um só pavimento e este terreo, á excepção da parte central do raio da frente, que eleva se a dous andares, destinando-se o superior para a residencia da direcção. A fachada principal deste raio é dividida em tres secções distinctas, uma que corresponde aos dous pavimentos, medindo 35m,20 de extensão, e duas correspondentes aos dous terços terreos, alongando-se 19m,00 em sentido opposto, tendo cada um destes quatro janellas lateraes e uma porta central, para a qual dá accesso uma pequena escadaria de seis degráos. A parte central desta fachada é, por sua vez, subdividida em tres partes, sendo a do centro occupada por outras tantas partes em cada pavimento, abrindo as do superior para uma varanda corrida, e as do inferior para uma larga e grande escadaria com o mesmo numero de degráos das escadarias pequenas. Toda a escadaria, as soleiras, as ombreiras e arcadas das portas inferiores, e finalmente a sacada da varanda são de cantaria de Lisbôa. O estylo da construcção é o moderno, com caracteristicos do romano. As accommodações do pavimento superior, do raio de léste, compõem-se: de uma sala de visita, outra de jantar, uma saleta, dous gabinetes, oito quartos, despensa e cozinha. No pavimento terreo d'este raio está o vestibulo, tres salões, duas salêtas e quatro quartos. O raio do sul é occupado por dous extensos dormitorios e pelo refeitorio, havendo ainda n'elle uma salêta e dous quartos.

A rouparia, despensa, cozinha, lavanderia, banheiros e mais dependencias, occupam o raio do oéste. Ha ainda duas enfermarias para os dous sexos, no quadrado formado pelas diversas álas do edificio, communicando com os raios do sul e oeste, por galerias cobertas; cada uma destas enfermarias comportam 50 leitos. O estabelecimento é cercado ao sul e a oeste por um muro de 614m,0 de extensão e 2m,70 de altura, com portão de ferro, dando sahida para o porto de desembarque na parte posterior do edificio. Existe na parte norte do sitio um pôço de 5m,50 de diametro com uma bomba de repucho movida pelo vento.

Foram directores do Asylo de Mendicidade: 1°, Joaquim Pedro Barreto de Mello Rego (11 de Março de 1870); 2°, Dr. Joaquim José d'Oliveira Fonseca (23 de Julho de 1870); 3°, Dr. José Maria Moscôso da Veiga Pessôa (5 de Outubro de 1870); 4°, Coronel Agostinho Bezerra da Silva Cavalcanti (10 de Janeiro de 1871); 5°, Tenente Justino José de Souza Campos (10 de setembro de 1880); e 6°, Dr. José Honorio Bezerra de Menezes (1888 a 1892). Actualmente é dirigido por irmães de caridade. Este estabelecimento teve como seu capellão, desde Agosto de 1879 ao anno de 1889, o Revm. Dr. Jeronymo Thomé da Silva, actual arcebispo da Bahia, que deixou o cargo ao ser nomeado Bispo do Pará.

Repartição Central da Policia — Situada á rua Visconde do Rio Branco (antiga Aurora). Funcciona desde Maio de 1906, em excellente edificio, de dous andares superiores e um terreo, sendo no ultimo pavimento as delegacias; no 1° andar, secretaria e expediente do Chefe de Policia, e no 2° andar a residencia da mesma autoridade.

Mercado da Bôa Vista — Situado á rua da S. Cruz. Foi reaberto em Abril

de 1901, existindo desde 1822, sob o nome de Ribeira da Bôa Vista.

JARDIM DA PRAÇA MACIEL PINHEIRO (antigo Conde d'Eu) — Construida por iniciativa particular, foi sentada a primeira pedra em 12 d'Abril de 1872 e entregue ao publico em 7 de Setembro de 1876.

O jardim é todo fechado por um gradil de ferro, sobre uma sapata geral de cantaria de Lisboa; tem dous portões de entrada, e no centro da área se eleva uma bonita fonte de marmore branco da Italia.

Ainda que bem disposto pelos seus canteiros de relvas e flôres, pelos seus arbustos bonitos, postes de illuminação á gaz, e elegante corêto para musica, sobre uma base circular, e ao gosto dos chalets suissos, o que, porém, mais notavel se observa é a fonte central, de fino marmore e de um bello trabalho artistico.

A fonte mede da base, disposta em fórma de cruz latina, e de granito, até ao cimo de uma estatua representando o Brasil, uma india selvagem, com os adornos festivos, do remate do monumento, 7m,85. Sobre cada uma das extremidades da cruz basica se ostenta um leão curvado sobre as patas, e sustentando uma grande bacia de 3m,18 de diametro.

Sobre essa bacia figuram quatro nymphas de pé, com 1m,60 de altura, symetricamente dispostas, e em attitude de se banharem, as quaes recebem as aguas que desbordam da segunda bacia, e jorram das fontes que ficam sobre a terceira.

Essas tres bacias, de gradual diminuição em sua circumferencia, são unidas por columnas que se interpõem á primeira e á segunda, de um delicado trabalho artistico.

Na execução, porém, da estatua que corôa o monumento, concentrou o esculptor, cujo nome sentimos ignorar, todo o seu cuidado e dotes artisticos; — a expressão physionomica, verdadeira,

JARDIM DA PRAÇA MACIEL PINHEIRO

o porte altivo, resaltando o typo da raça primitiva. O cocar e sendal de pennas, o collar de buzios que adorna o peito, só não illudem, á falta de colorido, que a pedra exclue.

E' portanto um monumento de gosto e arte, a fonte que campeia no centro do jardim. (P. da C.).

CEMITERIO PUBLICO DE SANTO AMARO — No bairro desta denominação, a uns dous kils., approximadamente, do coração da cidade, fica situado este Cemiterio, o mais bello do Brasil pelo traçado regular de suas ruas, pelo effeito de seu plano e por sua perspectiva; embora não seja o primeiro quanto á riqueza de monumentos funerarios, existem, entretanto, alguns custosos e tão elegantes que em nada os melhores lhe são superiores.

Em virtude da Lei n. 91, de Maio de 1841, que autorisou sua construcção, em 1 de Março de 1851, depois de convenientemente murado, foi aberto ao serviço publico, tendo recebido como seu primeiro enterramento, no dia da inauguração, o cadaver de Francisco, filho de Luiz da Silva Lisbôa, côr preta, pernambucano, dous dias de edade, e fallecido de espasmo, sendo que foi tambem o unico n'esse dia.

A área occupada pelo Cemiterio tem a extensão de 351m,35 de fundo e 320m,00 de largura. O terreno do Cemiterio, que é absolutamente plano, é disposto em fórma de jardim sepulchral, e cercado, como foi dito, por um muro. No centro está construida uma interessante e magestosa capella, feita ao estylo gothico, sob a fórma de cruz grega, com quatro portas em quatro oitavas e igual numero de janellas, nas outras quatro, de modo que de qualquer parte desta capella a vista facilmente domina a necrópole. No interior do templo, que contém tres altares, dous volantes e lateraes, e um fixo e central, ergue-se, sublime de magestade, uma bellissima imagem do Crucificado, com a invocação do Senhor Bom Jesus da Redempção, de cor livida, trabalho perfeitamente acabado e em que o artista deu

CEMITERIO PUBLICO DE SANTO AMARO

os verdadeiros tons que a vida extincta imprime no cadaver. Em volta de todo o Cemiterio e unidas ao muro de circuito, acham-se construidas as catacumbas, em duas ordens superpostas e, em frente á estas, em linha parallela, tambem outras duas com duas faces, existindo uma terceira linha em construcção. Uma rua de 13^m,20 de largura, circula todo o Cemiterio, interiormente ao muro, e duas em fórma de cruz, orladas de renques de mausoléos, entremeados de casuarinas, tendo no centro duas extensas alas de palmeiras, e mais dous vastos tapetes de relva, dividem todo o terreno em quatro secções iguaes que, para boa ordem, são designadas (aqui), pelos ns. 1, 2, 3 e 4. Cada uma dessas secções está dividida em quatro quarteirões de fórma triangular por duas ruas de 5^m,50 no sentido das diagonaes. Além disso, ruas de 4^m,40 de largura, parallelas ás ruas principaes de 13^m20, subdividem cada um dos quarteirões em dous outros; e uma rua de 4^m,40 perpendicular ás ruas de 13^m20 ainda subdividem cada um dos quarteirões em dous; de maneira que cada uma das secções consta de doze quarteirões, os quaes são designados por determinados numeros. O terreno contido pelos quarteirões das secções 1 a 4, é destinado ás sepulturas communs ou do sub-sólo, e o marginal das diversas ruas, que cortam o Cemiterio, votado á construcção de mausoléos e monumentos perpetuos. Ha em volta da capella uma praça circular de raios de 21^m.90, embellecida por um jardim que contornêa a referida capella, por palmeiras que com seus leques airosos, parecem ahi estar, por suave contraste, para amenisar a feral tristeza que as casuarinas e os tumulos que circumdam a praça, espalham em torno. Na entrada do Cemiterio, que tem logar por vistoso portão de ferro, em cujos pedestaes se veem dous anjos genuflexos e em attitudes supplices, e nos quaes de um lado está a mitra do pastor, e do outro a corôa do rei, gravados em alto relevo, tambem existe uma praça semi-circular de raio de 11,^{m}o, que se inicia por um jardim de escolhidas e odorantes flores, interrompendo-o, ligeiramente, para continuar em seguida, os dous edificios destinados aos empregados da administração e ao archivo do Cemiterio.

Na parte central d'essa praça, d'um só golpe de vista, se descortina: em frente, extensa e formosa rua que vai até á capella; de um lado e de outro da mesma, duas alamêdas, em posição transversal, com seus tapêtes esmeraldinos, que as seguem em toda a extensão e onde, de distancia em distancia, por entre as arvores, surgem tumulos bordando-lhes as extremidades; e, finalmente, á direita e á esquerda, duas ruas de catacumbas, parallelas, que, na solidão da morte, nos desperta a lembrança da casaria da cidade dos vivos. Raros cyprestes ahi existem, pois debalde tem se feito as tentativas para conserval-os; quando crescem, o vento lança-os por terra, e algum mesmo que consegue escapar é com o auxilio de escoras. Possue o cemiterio actualmente 253 mausoléos que pertencem a particulares e 3.244 catacumbas distribuidas assim: da Municipalídade 400; da irmandade do Espirito Santo 178; da do S. S. da Boa Vista 168; da confraria de N. S. do Carmo 160; da de S. Francisco 154; da irmandade do S. S. da Matriz de S. Antonio 134; da do Terço 136; da confraria da SS. Trindade 122; da irmandade de Sant'Anna de S. Cruz 120; da de S. José d'Agonia 104; da confraria de S. Rita 98; da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Afflictos 82; das irmandade e confraria do S. S. da matriz de S. José e Soledade, 80 cada uma; da confraria de S. Benedicto 74; da Vía-Sacra 74; das irmandades de S. Anna 94; da Madre de Deus e Congregação 70, cada uma; da do S. S. da Matriz de S. Frei Pedro Conçalves 68; da dos Passos 60; da das Almas de S. Antonio 58; da da Con-

ceição dos Militares 58; de N. S. do Livramento 54; da das Almas do Recife e N. S. da Mãe dos Homens 50 cada uma; de S. Cecilia 46; de N. S. do Rosario de S. Antonio 44; de N. S. da Luz 42; de S. Pedro 40; das Almas da Boa Vista 38; do Senhor Bom Jesus das Portas 36; de N S. do Rosario do Corpo Santo 30; de S. Gonçalo 28; do Senhor Bom Jesus das Chagas 54; de SS. Chrispim e Chrispiniano 34; e de N. S do Bom Parto 60. Desde 1 de Março de 1851 (data da abertura) até 31 de Março de 1906 tinham sido alli sepultados 156.124 cadaveres. Teem sido seus administradores: 1.° Commendador Manuel Luiz Virães (1° de Março de 1851 a 1870); 2.° Antonio Augusto da Fonseca (1870 a 1872); 3.° Bellarmino Gonçalves de Oliveira (1872 a 1874); 4.° Augusto Xavier Carneiro da Cunha (1874 a 1875); 5.° João Baptista do Rego (1875 a 1883); 6.° Luiz Gonçalves Penna (de Julho a Outubro de 1883); 7.° Padre Francisco Adelino de Brito d'Antas (Outubro a Novembro de 1883); 8.° Padre Dr. José de Souza Oliveira (de Dezembro de 1883 a Março de 1884); 9.° Lourenço da Immaculada Conceição (de Março a Julho de 1884); 10.° João Baptista do Rego (de Julho de 1884 a 5 de Junho de 1885); 11.° Dr. José Maria d'Araujo (de 7 de Junho de 1885 a Agosto de 1890); 12.° Tenente Ascenço Minervino Meira de Vasconcellos (de 1890 á 1899) e 13.° Antonio Lins Caldas; (daquella data até hoje). Foi construido sob a direcção e plano do engenheiro José Mamede Alves Ferreira, e na presidencia do Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo. Existem alli ainda, encerrados em jazigos perpetuos, os restos mortaes dos seguintes illustres e benemeritos brazileiros: — Padre Miguel do Sacramento Lopes Gama, fallecido em 1852, publicista notavel e litterato eminente.—Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, philosopho profundo, jurisconsulto consummado, jornalista de grande merito e orador brilhante que, nascendo em 1816, falleceu em 29 de Março de 1868, jazendo os seus restos mortaes em jazigo privativo de familia. — O Dr. Antonio Peregrino Maciel Monteiro (2° Barão de Itamaracá), notabilissimo orador parlamentar, distincto poeta lyrico, jornalista, diplomata, estadista, medico, um pernambucano de grande merecimento nas lettras e sciencias, talento descommunal, um brasileiro, emfim, cujo nome era um verdadeiro fulgor em sua patria. Tendo nascido no Recife em 1804 falleceu em Lisboa, no cargo de ministro plenipotenciario, aos 5 de Janeiro de 1858. Embalsamado seu cadaver, foi transladado para sua patria em 1870, e em 1872, guardados seus restos em um bello monumento de marmore, mandado erigir nesse cemiterio pela Camara Municipal, sobre a qual se lê esta inscripção:

A' memoria
Do conselheiro
Antonio Peregrino Maciel Monteiro
2° Barão de Itamaracá
Mandou levantar este modesto
Monumento
A Camara Municipal do Recife
24 de Agosto
1872

—Monsenhor Francisco Muniz Tavares, autor da obra *Revolução* de 1817, fallecido em 1875.— Dr. Joaquim Villela de Castro Tavares, jurisconsulto e autor das *Instituições de Direito Ecclesiastico*, fallecido em 1858.—Capitão de Fragata Manoel Antonio Vital d'Oliveira, bravo da guerra do Paraguay, morto no combate de Curupaity, em 1867, e autor do '*Roteiro da Costa do Brasil*.— Victoriano José Marinho Palhares, mavioso poeta, contemporaneo de Castro Alves, de Tobias Barreto, de Varella e de tantos outros de sua época, foi autor de muitos livros de versos e do poemêto *As Noites da Virgem*, fallecendo em Abril de 1890.— Dr. Silvio Tarquinio Villas Bôas, notavel medico bahiano e verdadeiro apostolo da cari-

dade.— Dr. Luiz Ferreira Maciel Pinheiro, natural da Parahyba, poeta e jornalista eximio, um dos propagandistas da abolição dos escravos e das idéas republicanas, a quem Castro Alves, seu coévo e amigo, numas bellas estrophes, chamou, ao partir o mesmo para a guerra do Paraguay, de *peregrino audaz*.— Visconde de Goyanna, Bernardo José da Gama, litterato e pernambucano benemerito.— Conde da Bôa Vista, Francisco do Rego Barros, pernambucano muito distincto que, como presidente da antiga provincia, lhe prestou assignalados serviços e falleceu em 1870 (vide CABO, e PERNAMBUCO).— Visconde de Camaragibe, senador do Imperio e politico eminente.— Dr. Pedro Dornellas Pessôa, grande medico, natural da cidade do Recife, o qual apezar da circumstancia desfavoravel de sua côr prêta, preconceito em sua época muito mais sensivel, e de seus modos bruscos, que pareciam indicar rude educação, tornou-se bastante conhecido por seu talento.— Dr. João de Barros Falcão d'Albuquerque Maranhão, appellidado *Barros Vulcão*, poeta de merecimento, bello talento jornalistico, que no periodico — *Vulcão*, que lhe deu a alcunha com que era nomeado, tornou-se mais celebre; falleceu velho, em 1882, em extrema miseria, no Hospital Pedro II, tendo alguns annos antes de morrer as faculdades mentaes alteradas. A Camara Municipal, em attenção ao seu valor, sepultou-o em catacumba e, mais tarde, recolheu seus restos mortaes.— Além destes, ainda se destacam os de João Gregorio Junior, grande poeta humoristico, e um dos fundadores da *Academia Pernambucana de Lettras*. O tumulo, todo de marmore branco, é cercado por um gradil nikelado e occupa uma área de $0^m,86 \times 1^m,06$, tendo de altura $1^m,20$. Tem a forma quadrangular. Sobre elle está um livro aberto, encimado por uma corôa de louros guarnecida por duas estrellas e circumdando estas palavras — *Ad lucem*.

No livro se lê : á direita :

« Eu penso assim: a gente lavra um tento
Deixando de existir...»

João Gregorio Gonçalves Junior.

21 — 11 — 1858 12 — 2 — 1902

á esquerda :

Vós que passaes ! Agora ride ! O Poeta
Já se não ri de vós...
O genio tem no marmore uma alfombra,
A vingança da luz é fazer sombra...
Ride ! aqui 'stamos sós !
Tende, porém, cuidado ! O genio vôa :
"Não deixei de existir !
Lavrei meu tento e dei a minha nota...
. . . .
Burguez pacato, endomingado agiota,
Ainda estou a me rir ! "

G. J.

Em baixo do livro, em alto relevo, esta inscripção :

Homenagem de seus amigos
e da
Academia de Lettras Pernambucana

— De PAULO D'ARRUDA, delicioso vate pernambucano, cuja existencia foi ceifada na flor dos annos. O jazigo, bello trabalho artistico de marmore branco, representa sob o respectivo pedestal, uma columna partida. No pedestal da columna destaca-se em relevo um livro aberto com a seguinte significativa inscripção :

Alma de artista :

Eu fui Paulo de Arruda.
Como ao Israelita expulso do Egypto, guiaram-me atravez do deserto safaro da vida a columna de fogo do Sonho e a columna de nuvens da Angustia.
Esta rolou no barathro do mundo.
Aquella encaminha-me ainda os passos para a Gloria.

Alma de mulher :

Eu fui Paulo de Arruda.
Tombe de teus labios, sobre o que passou, cantando-te a Belleza ephemera e o mysterioso Genio, uma palavra ao menos de saudade.

Cidadão:

Eu fui Paulo de Arruda.
Os preconceitos? Acalcanhei-os.
As vans Grandezas? Renunciei-as.
A piedade? Foi meu phanal.
Fui altivo, fui bom e fui modesto.
Que mais desejarias para que eu fosse
digno de ti, cidadão?

— De Martins Junior (Dr. José Isidoro), poeta distinctissimo, orador fluente, jurisconsulto, jornalista, mentalidade possante, nascido no Recife, em 1860, falleceu no Rio de Janeiro, em 22 de agosto de 1904, sendo dalli, embalsamado o cadaver, e para o Recife trasladado em 5 de setembro seguinte, com um descommunal acompanhamento, nunca visto semelhante em Pernambuco, — justa homenagem que lhe rendiam seus conterraneos.

— E finalmente o tumulo do desembargador Joaquim Nunes Machado, o grande tribuno popular, e victima heroica do 2 de fevereiro de 1849. O Instituto Archeologico, por iniciativa do finado major José Domingues Codeceira, recolheu os preciosos restos, e alli, em 2 de fevereiro de 1898, os encerrou num mausoléo, que fez erigir.

Desde julho de 1885 ha para o Cemiterio Publico uma linha de bonds que expede carros, até junto ao portão, de hora em hora.

Cemiterio Britannico — Situado em Santo Amaro das Salinas, em terreno que pertenceu á capella, então vinculada, da mesma invocação, feita a devida desappropriação e demarcado, em 1814, o cemiterio, com a extensão 26m,40 de frente sobre 44m,00 de fundo, murado convenientemente, começou desde logo a prestar-se aos fins de sua creação. Com o apparecimento, em 1850, da febre amarella, que fez horrivel mortandade nos estrangeiros, inclusive nos inglezes, foi preciso ser augmentada a área do cemiterio, fazendo o Conde da Boa Vista, proprietario dos terrenos vizinhos, cessão gratuita da parte julgada necessaria para semelhante fim.

Com a acquisição desse terreno ficou o cemiterio com uma área duplamente maior do que a que tinha anteriormente; fez-se novo muro em vólta, e collocou-se um elegante portão de ferro na frente, em cujas pilastras se vê em relevo a data — *Anno MDCCCLII.* No centro do cemiterio se ergue uma capella octogonal para deposito dos cadaveres a sepultar-se, e em logares distinctos campeiam varios mausoléos, alguns importantes e de bella apparencia, além das catacumbas dispostas em arruamentos arborisados.

Em um desses mausoléos, acaso o mais importante do estabelecimento, descançam as venerandas cinzas do illustre pernambucano o general José Ignacio de Abreu e Lima, em cujo cadaver vingaram-se os seus inimigos, entre elles, monsenhor Pinto de Campos, conseguindo arrancar do bispo diocesano D. Francisco Cardoso Ayres uma ordem, que negava-lhe, considerando-o acatholico, um pedaço de terra no Cemiterio Publico do Recife, para o receber, facto esse que repercutiu, sob a mais desagradavel impressão, e deu logar a uma grande polemica pela imprensa, agitada não só em Pernambuco, como no Rio de Janeiro, S. Paulo e outras cidades. (P. C.)

Na face principal do monumento, que se acha logo á entrada do cemiterio, á esquerda da rua que vae do portão para a capella, se lê o seguinte epitaphio:

Aqui jaz
O cidadão brazileiro General
José Ignacio de Abreu e Lima
Propugnador esforçado da liberdade de
consciencia
Falleceu em 8 de Março de 1869
Foi-lhe negada sepultura no Cemiterio
Publico
pelo Bispo D. Francisco Cardoso Ayres.
Lembrança de seus parentes.

Os Drs. Franklin Tavora, Ernesto d'Aquino Fonseca e Eduardo de Barros Falcão de Lacerda convidaram pelos jornaes a população a fazer no setimo

dia da morte do illustre brasileiro, uma visita a esse cemiterio, acudindo a tal appello numeroso concurso de pessoas gradas e do povo, que foi prestar-lhe uma publica e solemne homenagem. Os Drs. Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond, lente da Faculdade de Direito, e Franklin Tavora, pronunciaram discursos, merecendo o deste ser mencionado pelo presidente da provincia, Barão de Baependy, em sua communicação official ao governo, sobre aquelle acontecimento, e o daquelle tirado em avulso.

Necroterio — Começado em 1895, concluido em 1896, mas sómente inaugurado em 1 de janeiro de 1899. Está situado no largo do Cemiterio de S. Amaro.

Igrejas — A freguezia da Boa Vista contém os seguintes templos:

A *Matriz* — Collocada entre a rua da Imperatriz, praça Maciel Pinheiro e em frente á entrada para a rua do Hospicio, é um sumptuoso templo, com bella fachada de cantaria, e foi concluido e solemnemente entregue ao culto religioso, em 4 de maio de 1784. Nesta igreja, ao lado esquerdo da capella-mór, jaz sepultado o 15° Bispo da Diocese, D. Thomaz de Noronha e Brito, fallecido em 9 de junho de 1847. Tambem descansam neste templo, num jazigo, os restos mortaes de Felippe Nery Ferreira, um dos patriotas revolucionarios de 1817; os do Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães, proeminente vulto das lettras, fallecido em 3 de setembro de 1880, e os do Dr. Tobias Barreto de Menezes, nascido em Sergipe, em 1839 e fallecido no Recife, em 26 de junho de 1889, brilhante talento brasileiro que foi a um tempo poeta, polemista, critico, philosopho e jurisconsulto, mas tudo com extraordinario merito. Funccionam nesta matriz as irmandades do S. S. da Boa Vista e a das Almas.

Santa Cruz — No largo do mesmo nome foi erecta em 1711, tendo exercicio nella a confraria do Senhor Bom Jesus da Via-Sacra, instituida pelo Breve Pontificio de Clemente XII, em 1732, e a irmandade de Sant'Anna.

S. Gonçalo — A' rua do seu nome, foi construida em 1712, pelo Padre Antonio Pedro d'Alcantara, que doou-a á irmandade de Senhor Bom Jesus das Dôres, sendo por esta feita a reconstrucção actual.

Gloria — Templo e recolhimento de freiras, sob essa mesma invocação, situado no centro da rua Visconde d'Albuquerque. Foi sagrado em 1791, pelo Deão Manoel d'Araujo Carvalho Gondim. Havendo sido esbulhadas do sitio Paraizo, nos Afogados, grande numero de religiosas, que alli viviam em communidade, o Padre Antonio da Cunha Pereira, em seu sitio, denominado da *Gloria*, lhes deu abrigo, sendo o respectivo Alvará de transmutação concedido, em 12 de maio de 1758, pelo Diocesano D. Francisco Xavier Aranha. Mas assim protegidas das intemperies, essas almas devotadas ao culto de Deus não ficaram livres das garras da fome; e luctavam, debatiam-se nas vascas d'esse horror, quando um homem caridoso, que disto soube, o Deão Manoel de Araujo, sacerdote de preclaras virtudes, do patrimonio que herdara de seus progenitores, fez-lhes doação, para que se intituissem em formal recolhimento. Elle mesmo iniciou a fundação, auxiliando-o nesse emprehendimento seu irmão o Padre Francisco de Araujo Gondim. Por morte do Deão, o que deu-se em 7 de dezembro de 1799, tendo sido, sob sua protecção e iniciativa que construiu-se a igreja, todos os bens delle ficaram, por testamento, para tão pia instituição, que conservou-se debaixo da direcção e regimen de seus fundadores até o anno de 1798, quando recebeu os estatutos dados pelo Bispo D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho. Os restos mortaes do Deão Manoel d'Araujo jazem inhumados na capella-mór da egreja, onde ao lado da

epistola se encontra a seguinte inscripção:

Jazigo Perpetuo
Do Reverendissimo Doutor
Francisco d'Araujo de Carvalho Gondim
Teve parte na fundação
Deste Recolhimento da Gloria
P. N. A. M.
1862

Ao lado do evangelho encontra-se esta outra:

Jazigo Perpetuo
Do Fundador d'este Recolhimento
Da Gloria
O Rev.mo Dr. Deão da Sé de Olinda
Manuel d'Araujo de Carvalho Gondim
Fallecido a 7 de Setembro de 1795
P. A. A. M.
1892

Soledade — Situada no largo que tem igual denominação, foi iniciada pelo virtuoso e venerando sacerdote, Antonio Manoel Felix, que, obtendo por escriptura publica, lavrada a 4 de maio de 1714, a doação de um sitio, que lhe fizeram o capitão do regimento de linha do Recife, Euzebio d'Oliveira Monteiro e sua mulher D. Maria da Cunha Fonseca, para a fundação de uma capella e hospital de pobres *lazarinos*, com a declaração de ficar invalida a escriptura de doação, si não fossem cumpridos seus desejos, deu começo a seu intento, com o auxilio de donativos de materiaes e de dinheiro, e com licença do cabido, que então governava a Diocese, na ausencia do Prelado D. Manoel Alvares da Costa. A primeira pedra, para a construcção da igreja, foi lançada, em 28 de setembro de 1716, proseguindo as obras vagarosamente até 1718, quando a morte colheu o zeloso fundador, que já cuidava de, logo após a conclusão do templo, edificar o hospital. Succedendo-lhe os padres Manoel Maximo, seu amigo e por elle criado, e João Moreira, foram terminadas as obras da igreja e de suas dependencias, para pousada dos padres administradores da mesma. Collocou-se no altar-mór a imagem da Virgem da Soledade, que deixara o padre Antonio Manoel, e começaram os trabalhos da creação do hospital, que consistia numa casa terrea, communicando esta com a igreja por uma janella, da qual os enfermos assistiam aos diversos actos religiosos, e por onde tambem o sacerdote lhes dava o Sacramento da Communhão. Em 1845, e depois em 1871, foi reconstruida; e, actualmente, administradora da egreja, ali existe a confraria de N. S. da Soledade. Conforme a condição estatuida na escriptura de doação, os doadores do terreno estão sepultados na capella-mór do templo, e uma lapide, com inscripção seguinte, assignala o local (Vide HOSPITAL DOS LAZAROS):

Sepvlra De Evsebi
o De Olivra Montei-
ro E. De Todos os Sev
s Ptes Erdeiros
Doador Do Terreno Em
Que está
Edificada Esta Igreja

Conceição dos Coqueiros — Foi primitivamente edificada pelo morgado de Caiará, Christovão do Rego Barros. Em ruinas, a irmandade de S. Cecilia fez a acquisição da igreja, demoliu e a reconstruiu totalmente, sendo reaberta ao culto em 30 de abril de 1899.

Egreja do Coração Eucharistico—Assentada a pedra fundamental em março de 1905, e sagrada pelo Bispo D. Luiz de Brito, em 1906, foi fundada por D. Maria Campello, na Soledade.

Rosario — Situada em frente á rua a que dá o nome e em meio das casas da rua da Conceição. A irmandade de N. S. do Rosario já existia em 1772, funccionando na egreja de Santa Cruz. Deve-se, porém, a fundação aos devotos Ignacio Antonio da Silva e Maria Eugenia do Rosario, que foram os iniciadores da idéa. Foi assentada a 1ª pedra e benta pelo Deão Manoel de Araujo Carvalho Gondim, em 26 de julho de 1788; e, capaz de funccionar, foi sagrada pelo conego Dr. João Rodrigues Mariz, em 14 de dezembro de 1797. Ahi estão os despojos mortaes do patriota de 1817, Ger-

vasio Pires Ferreira, pernambucano legendario, e numa lapide que guarda suas reliquias lê-se a seguinte inscripção :

Aqui jazem
Gervasio Pires Ferreira
Filho de
Domingos Pires Ferreira
E D. Joanna Maria de Deus,
Bom marido e pai
Nascido aos 26 de Junho de 1765
Deixando para sua memoria
Dez filhos e vinte e um netos;
E sua neta
Emilia Carolina Gonçalves da Silva,
Nascida aos 15 de Outubro de 1834
E ambos fallecidos aos 9 de maio
de
1836

S. Amaro das Salinas — Foi erguida em 1681, pelo morgado de Santo Amaro, Francisco do Rego Barros, e, reconstruida por seus descendentes, em 1842. Instituindo-se a irmandade do mesmo patrocinio da capella, esta lhe passou a pertencer, em virtude de transmissão feita pelos herdeiros do mesmo morgado, o finado Conde da Boa Vista (Francisco do Rego Barros), e José Joaquim do Rego Barros, em agosto de 1870.

Piedade — Fundada por José Gonçalves Ferreira Costa, assentou-se á 1ª pedra em 28 de janeiro de 1869, suspendendo a construcção em 1871, quando realisou-se a coberta do templo e fez-se o frontespicio, onde se vê essa ultima tima data. Morto o fundador, seus herdeiros, em setembro de 1903, deliberaram entregar a mesma capella com o respectivo patrimonio, constituido de umas casinhas, ao bispo diocesano D. Luiz Raymundo da Silva Brito, que, desde logo, pensou em destinal-a á futura matriz da freg. de N. S. da Piedade de S. Amaro, cuja creação, affirma S. Ex. será em breve. Terminada a construcção, por meio de esmolas e donativos adquiridos por uma commissão de senhoras, que disto se incumbiram, foi em 1904 sagrada pelo mesmo Exmo. Sr. Bispo de Olinda, e aberta ao culto. Está situada á rua do Lima, e apezar de pequena, é, internamente, sem nenhuma duvida, uma das mais bellas capellas da cidade do Recife.

Capella do Asylo de Mendicidade — Começada em 1880 e sagrada em 28 de julho de 1893, por D. João Esberard, Arcebispo do Rio de Janeiro, sendo presente tambem á festa da inauguração o da Bahia D. Jeronymo Thomé da Silva, é da invocação de S. Antonio.

Capella do Cemiterio de Santo Amaro — Dedicada ao Senhor Bom Jesus da Redempção, está localisada bem no centro do estabelecimento, é de gosto gothico, e, iniciada em 1852, sob a direcção do engenheiro José M. Alves Ferreira, na presidencia do Conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, foi concluida e sagrada em 1855.

Igreja dos Inglezes — Antes da construcção de uma igreja que servisse de templo aos subditos britannicos, as praticas protestantes eram celebradas num predio particular, á rua do Hospicio, precisamente o que tem hoje o numero 47, sob a capellania do padre G. Tuckins, que foi o primeiro ministro da igreja anglicana em Pernambuco.

Depois, sob resolução dos commerciantes inglezes, ficou resolvida a construcção de um edificio proprio, que é o actual templo protestante vulgarmente conhecido pelo nome de igreja dos inglezes, que foi solemnemente installada pelo ministro protestante padre Charles A. Austin.

A igreja dos inglezes é situada á rua da Aurora, á esquina da rua Formosa, hoje Conde da Boa Vista, *inter-muros*, isoladamente, cercada nas faces daquellas duas ruas por um elegante gradil de ferro, sobre uma base de alvenaria e pedra, com dous portões de entrada em frente ao edificio.

E' de proporções regulares e mede internamente 12 metros de largura sobre 17 de extensão, independente do santuario, que se abre ao fundo, tendo dos lados duas sacristias.

No santuario, de uma bella pintura e ladrilho de mosaico, fica ao fundo um

altar, sobre o qual se ostentam umas allegorias de boa pintura, representando o *Agnus Dei* e os quatro Evangelistas; e aos lados, inscriptos em inglez e caracteres gothicos, o Decalogo e a Oração Dominical, sobre laminas metallicas, como são tambem aquellas allegorias, e no alto abre-se uma alterosa janella, de vidraça colorida, formando no seu todo, um bello conjuncto ornamental pelos seus caprichosos lavores e sobre cuja archivolta se lê a seguinte legenda, como escudo das armas reaes da Grã-Bretanha, dourado e em relevo, figurando no laço em que se inscreve a legenda — *Dieu et mon droit* — a data de 1838, allusiva á construcção do templo; e em baixo do côro, e junto a uma das escadas de ascensão, está a pia baptismal, de marmore branco com primorosos lavores em relevo.

A um lado do sanctuario ergue-se o pulpito, isoladamente, de fórma octogonal, deixando ver, em cada uma das

TEMPLO ANGLICANO

que de consagração do templo: *Praise God in his sanctuary. Praise him in the firmament of his power*.

A sala da oração, com o ladrilho de marmore branco, é bastante clara pela luz que recebe de oito grandes janellas, que são de um bello effeito pela sua vidraça colorida, e nas quaes se estampam, destacando-se das suas ornamentações, os Passos do Senhor e alguns paineis de factos notaveis na sua vida. No côro, com a varanda volteada, de balaustres de madeira envernizada, ostenta-se ao centro, sobre um cornijamento geral, que serve de base á mesma varanda, um esfaces, lindas ornamentações de talha, e na propria côr da madeira de que é feita toda a peça. Foi construido em Pernambuco, e inaugurado em 1897, como se vê de uma inscripção em latim sobre uma placa de metal collocada na base da mesma peça.

No centro da entrada do sanctuario, e voltada para a sala de oração, ergue-se uma alterosa estante de latão polido, e de um primorosissimo trabalho de modelação e cinzel. Uma grande aguia, de azas distendidas e com as garras apoiadas sobre a parte superior da columna, é propriamente dita a estante, sobre a

qual se vê uma Biblia *in-folio*, de primorosa edição ingleza e luxuosa encadernação.

Nas paredes da sala de oração, e em altura superior, figuram varias placas de marmore branco, com inscripções abertas, e algumas com brazões d'armas, em relevo, consagradas á memoria de pessoas notaveis da colonia ingleza, fallecidas em Pernambuco, quer particularmente, como bemfeitores da igreja, quer por outra ordem de serviços e distincções.

Destacamos, para figurar em primeiro logar, a placa consagrada ao cavalheiro Eduardo Watts, consul da Inglaterra, em Pernambuco, fallecido em 24 de dezembro de 1840, cujo nome se acha intimamente ligado á historia da fundação do templo, porquanto lhe coube, na sua gerencia, lançar os fundamentos, em Janeiro de 1838, dirigir as obras de sua construcção, e solemnemente realizar sua inauguração no anno seguinte; e em segundo logar o nome do Dr. London, porque sua memoria é tambem digna de veneração entre os pernambucanos, não sómente pelos serviços que prestou, zelosa e desinteressadamente nos misteres de sua profissão de medico distinctissimo, como tambem em sua qualidade de homem de sciencia, porquanto a elle se devem as primeiras observações meteorologicas, feitas no Recife (1842, e Janeiro e Fevereiro de 1843).

O templo é de um só pavimento e externamente de uma architectura simples, mas bem disposto e construido: e, em seu conjuncto geral, de bello aspecto, principalmente observado ao longe, destacando-se da arborisação e jardins que o contornam.

Dá entrada ao edificio um elegante portão que assenta sobre degráos de pedra em suas tres faces, formadas por arcadas sobre pilastras, coroando a da frente um frontão triangular. Este portico é de construcção recente e em substituição do primitivo, cujo frontão assentava rectilineamente, sobre duas columnas de pedra.

O serviço religioso do templo é dirigido por um capellão, unica autoridade protestante em Pernambuco (Dr. F. A. P. da Costa).

Mr. Rubens Jane, desde 1838 até 6 de Dezembro de 1905, quando falleceu com 90 annos de edade em pleno uso das faculdades, foi, sem interrupção, o administrador do mesmo templo.

EGREJA EVANGELICA — Situada á rua Formosa, inaugurou-se em 21 de Abril de 1903, por esforços de D. Grata Entzminzer, mulher do pastor evangelista Entzminzer.

TEMPLO MAÇONICO — Sentou, em 1905, a 1ª pedra de seu templo maçonico, á rua Formosa, — *A Loja Capitular Conciliação*, e em 1906 inaugurou-o, sendo o iniciador e propulsor principal da ideia o irmão benemerito do quadro, Dr. Zeferino Gonçalves Agra.

HYDROGRAPHIA — E' banhada a freg. pelo rio Capibaribe, que corre entre as de S. Antonio, S. José e Afogados; e pelo rio Beberibe, entre ella e a de S. Frei Pedro Gonçalves. Ao norte, e nos limites com Olinda, fica a cambôa da Tacaruna.

Pontes — Existem: a da Boa Vista, entre as ruas da Imperatriz e do Barão da Victoria, foi começada a construcção em 1873, e entregue ao serviço em 2 de Dezembro de 1876; a de S. Isabel, entre a rua da Aurora e a praça da Republica, foi aberta em 1863; a da via-ferrea do Caxangá, com passeios lateraes dando transito a peões, ficando as mesmas entre os bairros de Boa Vista e S. Antonio; a da Magdalena, na extrema occidental da freguezia, liga esta á de Afogados; a da Tacaruna na estrada de Olinda, e nos limites d'esse mun. com o do Recife; as do Hospicio, do Star, do Maduro, da estrada do Cemiterio, em S. Amaro, e a de Paysandú, na estrada da Magdalena.

PASSEIOS PUBLICOS — Existem: o

Jardim da praça Maciel Pinheiro, a que anteriormente nos referimos ; e o *Treze de Maio*, cuja pedra inaugural foi lançada em 13 de Maio de 1889, estando as obras ainda longe de seu término. Achando-se, entretanto, já cercado em sua immensa extensão, por grades de ferro, estão já tambem collocados os respectivos portões.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Além de um consideravel numero de collegios e de escolas particulares, existem na freguezia 26 escolas municipaes e 2 estadoaes.

ESTRADAS DE FERRO — Ha : — a do *Recife* á *Varzea* e *Dous Irmãos*, inaugurada em 5 de Janeiro de 1866, e com a extensão de 25 kilms. e 820 m., pertencente a uma companhia ingleza, tendo na freguezia as seguintes estações: — Rua Formosa, Officinas Soledade e Caminho Novo;—e a do *Recife* á *Olinda* e *Beberibe*, com a extensão total de 12 kilms. 864 m., a qual, inaugurada em 24 de Julho de 1809, tem sua estação inicial á rua da Aurora.

Boa Vista — *Povoação* — Situada no mun. de Serinhãem, tem uma capella dedicada á N. S. dos Prazeres.

Boa Vista — Eng. no mun. de Nazareth, possue uma capella da inv. de N. S. do Rosario.

Boa Vista—Engenho do mun. do Cabo, onde ha uma capella sob a inv. de S. Anna, á leste e ao lado da via ferrea do S. Francisco, na altura do kilm. 28, limitando-se com os engs. Velho, Cedro, Trapiche e S. Ignacio. Existem outros do mesmo nome nos muns. da Escada, de Itambé, de Bom Jardim, de Bezerros, de Limoeiro e de Palmares, districto de Catende.

Boa Vista — Eng. na freg. de Nossa Senhora do Rosario, do mun. de Goyanna.

Boa Vista — Eng. do mun. da Victoria, no qual existe uma capella, fica a 16 kilms. ao sul da séde.

Boa Vista — Eng. do mun. de Serinhãem, tem uma capella votada á N. S. dos Prazeres.

Boa Vista — Eng. na freg. de Tracunhãem do mun. de Nazareth.

Boa Vista — Eng. do mun. de Timbaúba, freg. de N. S. das Dores, fica distante da linha ferrea 3 kilms.

Boa Vista — *Serra* — Junto á cidade de Garanhuns e pela qual passa a estrada de Brejão.

Boa Vista — *Serra* — Situada no mun. de Panellas, ao sul e em prolongamento á Serra da Bica.

Boa Vista — *Serra* — No mun. do Bonito a 5 kilms. ao norte da cidade, tem uma elevação de 880 ms. e a extensão de 2,400 ms., de área occupada.

Boa Vista — *Serra* — Fica encravada no mun. de Gravatá.

Boa Vista — *Serra* — Com este nome existe uma no mun. de Quipapá.

Boa Vista — *Serra* — Fica collocada no mun. de S Lourenço outra que assim é nomeada.

Boa Vista — *Riacho* — Nasce na serra dos Dous Irmãos, mun. de Petrolina e, regando o de seu nome, desagua no S. Francisco.

Boa Vista — *Riacho* — Corre no mun. de Salgueiro e derrama no Terra Nova.

Boa Vista — *Morro* — Na freg. do Poço, logar Arrayal, junto ás officinas da E. F. de Limoeiro, foi outr'ora chamado *Monte Bagnuolo*, por ter sido occupado durante a invasão hollandesa por aquelle general. Em 8 de dezembro de 1904 foi ahi erguido um monumento em commemoração do 50° anniversario da proclamação do dogma da Immaculada Conceição de Maria Santissima, por iniciativa do Bispo D. Luiz de Brito. D'ahi por diante ficou tendo o nome de morro da Conceição. (Vide CONCEIÇÃO.)

Boa Vista — *Engenho* — No mun. da Escada, a 3 kilms. da séde.

Bôa Vista — Fazenda de criar na freg. de Bello Jardim, mun. do Brejo da Madre de Deus. Existem outras de iguaes nomes nos districtos de Serra do Vento, de Mandasaia e Jatobá.

Bobó — Barrêta ao sul da ponta de Tamandaré.

Bocca da Matta —*Engenho* — No mun. de Serinhãem, ahi encontra-se um minerio de sulfureto de zinco.

Bocca da Matta—Eng. do mun. de Barreiros.

Bocca da Matta — Eng. da freg. de Una do mun. do Rio Formoso.

Bocca da Matta — Eng. do mun. da Victoria, a 15 kilms. ao sul, distante da séde.

Boeú ou **Bucú** — *Serra* — Situada entre os limites dos muns. de Cimbres e Conceição da Pedra, ao sul aquella. Tem 18 kilms. de extensão. No contraforte dessa serra ha uma curiosidade digna de ver-se. (V. *Alagoinhas.*) *Bucu*, voc. tupy, sign. *longa.*— E' uma das ramificações da serra de Ararobá.

Bóde — *Serróte* — Ao norte do povoado de Cimbres, primitiva séde do mun. deste nome.

Bóde — *Riacho* — Corre no mun. de Floresta para o rio Pajehú.

Bóde Queimado — Eng. do mun. de Agua Prêta.

Bodocó —*Riacho* —Tem suas vertentes no mun. do Exú e por elle corre para o da Brigida.

Boeiras—*Riacho*—Nasce na serra das Russas e,correndo do occidente para leste, busca o mun. da Victoria, atravessando a estrada de rodagem na parte comprehendida entre aquella cidade e o povoado S. João dos Pombos.

Boeiras — Eng. do mun. da Victoria. Fica ao norte e a 15 kilms. da cidade desse nome.

Boi — *Serra* — Situada ao norte da cidade de Canhotinho, em cujo mun. está, dista 23 kilms. de Garanhuns. Segundo affirma o Dr. J. M. Silva Coutitinho, engenheiro, n'esta serra encontrase, n'uma superficie de 9 kilms. quadrados, o protoxido e sesquioxido de ferro, quasi na face da terra e a pequena profundidade.

Boi — *Riacho* — Nasce no logar Sitio dos Côcos, mun. de Limoeiro, e correndo para o norte, desagua pela marg. dir. no rio Capibaribe, na parte denominada Cassatuba.

Boi — *Riacho* — Nasce na serra de seu nome, banha o mun. de Quipapá e derrama no rio Pirangy.

Boi Queimado — *Logarêjo* — No mun. de Agua Prêta.

Bois—*Serra*—Situada a 25 kilms ao norte da cidade de Taquaretinga, em cujo mun. se comprehende, tem uma elevação de 400 ms. acima do nivel do sólo.

Bois — *Serra* — No mun. de Garanhuns, atravessando o de Canhotinho na direcção N. S., começa no logar Lima e termina no rio Canhôto.

Bois — *Serróta* — Com este nome existe uma no mun. de Bezerros.

Bois — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres, á leste de Alogoinhas, na fazenda Lagoa de Dentro, banha o mun. da Pedra e derrama no rio Ypanema, no logar Araçás, depois de um curso de 64 kilms.

Boi Sêcco — *Riacho* — No mun. do Limoeiro, nasce das aguas de umas serrótas, á 9 kiloms. ao norte de sua embocadura no Capibaribe, onde derrama pela marg. esq., no logar de seu nome. A linha ferrea do Limoeiro atravessa-o, e tem sobre elle uma bomba, entre as estações de Limoeiro e Campo Grande.

Boissó — *Riacho* — Nasce na freguezia e mun. de Ipojuca, e, correndo entre as d'este nome e de Serinhãem, vai desaguar nesta, no rio Serinhãem.

Bolandeira — *Logarejo* — No mun. de Canhotinho.

Bolão — *Serra* — Um ramo da dos *Pilões*, corre no mun. de Quipapá, de N a S, entre os rios Taquara e Canhoto, seguindo pelo Estado das Alagoas, onde encontra a de S. João, no mun. de S. José da Lage.

Boldré — Logar na ilha de Fernando em que existe uma fortificação com o mesmo nome. Está muito arrui-

nada e, em 1864, foi reconstruida e artilhada.

Bomba — Eng. do mun. de Nasareth, perto da linha ferrea.

Bombarda — Eng. do mun. de Barreiros.

Bom Conselho — *Cidade*. Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de Papacaça.

HISTORIA — O terreno da Cidade de Bom Conselho está comprehendido na sesmaria, concedida á Jeronymo de Burgos de Souza e Eça, e vendido por este, em 23 de Julho de 1712, a Manuel da Cruz Villela. Até 1824 o local da villa, pouco habitado, era uma fazenda de criar pertencente a Antonio Anselmo da Costa Villela. Este com Joaquim Antonio da Costa foram os iniciadores do povoamento regular de Bom Conselho. A primitiva capella teve como fundador o capitão Mathias da Costa Villela, que consagrou-a á Jesus Maria e José, subsistindo como matriz até a inauguração da actual. Com o nome de *Papacaça* e a invocação de Jesus Maria e José foi elevada á freguezia pela Lei n. 45 de 12 de Junho de 1837, sendo seu primeiro vigario o Padre João Clemente da Rocha. Pela Lei Prov. n 204 de 25 de Junho de 1848 foi o territorio d'essa freg. annexado ao de Correntes, creado freguezia e villa pela citada lei, a qual foi derogada pela de n. 239 de 30 de Maio de 1849, que de novo transferiu a freg. para sua primitiva séde. De simples parochia foi Papacaça elevada á cathegoria de villa, pela Lei Prov. n. 476 de 30 d'Abril de 1860, com a denominação de Bom Conselho, sendo inaugurada a villa em 6 de Fevereiro de 1861. A Lei Prov. n. 1057 de 7 de Junho de 1872 creou-a comarca, e os Decrs. n. 5004 de 10 de Julho e n. 5139 de 13 de Novembro do mesmo anno consideraram-n'a de 1ª entrancia, sendo o Dr. João Vieira de Araujo nomeado seu primeiro Juiz de Direito. Em virtude da Lei n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo, em 28 de Dezembro desse mesmo anno, tendo sido seu primeiro governo municipal o seguinte: Prefeito — Coronel Augusto Martiniano Soares Villela, Sub Prefeito Francisco Teixeira de Macedo; — Conselho Municipal, membros — Tenente Candido Carlos da Costa Villela, Antonio Ildefonso da Silva Amaral, Capitão Tude Pinto Crespo, Joaquim Vieira de Souza e Tenente João Tenorio Mascarenhas. Em 19 de Dezembro de 1875 Bom Conselho foi invadido pelos *Quebra Kilos*. Pela lei n. 309 de 7 de Junho de 1898 foi elevada á categoria de cidade.

ORIGEM DA DENOMINAÇÃO — Era costume entre os primitivos papacaceiros castrar os veados e caitetús (porco montêz), que apanhavam vivos, dando-lhes depois a liberdade, na certeza de que mais tarde lhes viriam de novo ás mãos; e então, depois de mortos, lá iam para uma grelha ou *muquem* que lhes servia de tumba, e dahi para os estomagos dos caçadores. Deste uso diriva-se o nome de *Capa-caça*, pelo qual foi conhecido em principio o povoado, corrompendo-se em *Papa-caça*, que ainda conserva na denominação da freguezia. O nome *Bom Conselho* é devido ao recolhimento, e foi mudado por Frei Caetano de Missina, dando-lhe mais tarde o cunho official a citada Lei n. 476.

POSIÇÃO ASTRONOMICA — Está a 9° 10' e 15" de lat. S. e a 6° 42' e 35" long. or. do Rio ou a 36° 28" long. occ. de Greenwich.

ASPECTO E NATUREZA DO SÓLO — O terreno do mun. é bastante montanhoso ao S., mais elevado a L., e plano ao N. O terreno do sul pela humidade relativa dos numerosos riachos e pelas espessas mattas, que ainda contém, presta-se exhuberantemente á cultura da canna, do cafeeiro e de toda a especie de cereaes e arvores fructiferas.

CLIMA E SALUBRIDADE — A' excepção do local da cidade, onde (ao que parece) a vizinhança da serra do Taboleiro e as

emanações pútridas dos riachos Lava-pés e Papacacinha, influem pelas mudanças de estação no apparecimento de febres de máo caracter, fazendo algumas victimas, o clima de mun. é geralmente sadio, principalmente na parte norte e oeste. Ahi mesmo o colera-morbus, nas suas duas fataes visitas de 1856 e 1863 nos sitios,— Brejo, Ladeira Vermelha, Baixa Grande e a parte sul, registrou insignificante numero de casos. O engenheiro Dombre, em suas *Viagens ao Interior* de Pernambuco, em 1874 e 1875, —no mez de Janeiro observou a maxima pressão barométrica de 0^m709, e a minima de 0^m704, sendo verificada pelo thermometro, ás 3 horas da tarde, a temperatura de 30° (á sombra), e de 22° 50 ás 5 horas da manhã. Em Maio observou como média do peso atmospherico, 0^m770, accusando o thermometro, desde 10 h. da noite ás 6 horas da manhã, a temperatura de 20° a 17° 70 e de 7 h. da manhã ás 4 da tarde, 18° a 29°.

LIMITES — Confina o mun. do Bom Conselho: ao norte — com o de Garanhuns, no Riacho Sêcco; á leste com o de Correntes, no Riacho Sêcco das Cacimbas (á 30 kilms. da séde); ao sul com o Estado das Alagôas pelos muns. de Quebrangulo, na Cruz de S. Miguel, onde o rio Parahyba atravessa a estrada, e de Palmeira dos Indios na serra do Carangueijo; ao oeste com o mun. de Aguas Bellas (deste Estado) pelos logares Poço do Cosme, Lagôa da Pindoba e fazenda Trapiá. Em 1862 D. João da Purificação M. Perdigão, Bispo da Diocese, deu como limites das fregs. de Palmeira e Papacaça os logares serra do Carangueijo (6 leguas ao sul de Papacaça), pertencendo lhes os sitios Encantado, Monte Alegre, Pajehú, Pachêco, Côcos, Caldeirões de Cima, Gitó de Baixo e Gravatá-Assú.

DIVISÃO — Consta de uma só freguezia, de dous districtos municipaes, de uma delegacia e 4 subdelegaeias.

DIMENSÃO DO TERRITORIO — De N. a S. tem o mun. 42 kilms., e de L. á O. 78 kilms.

POPULAÇÃO — Calcula-se em 30.000 habs. a população total do mun., e em 5,000 almas a da cidade.

TOPOGRAPHIA — Fica situada a cidade de Bom Conselho, em terreno plano, a 639^m de altitude, na encosta da serra do Taboleiro, e á marg. dir. do riacho Lava-pés, que a divide em dous bairros, denominados, o occidental—do Bom Conselho, e o oriental da matriz. No primeiro está a rua da Bôa Vista, o recolhimento ou collegio de educação de meninas, sob a protecção de N. S. do Bom Conselho, erecto, em 1853, por Frei Caetano de Messina, o qual tem um bello templo dedicado tambem á Padroeira do estabelecimento, com 150 p. de comprimento e 144 de largura, erguendo-se, em frente d'aquelle, um formoso cruzeiro; o Cemiterio de S. Martha, que o mesmo zeloso missionario construiu; e existem umas 150 casas. No segundo bairro ficam—umas 350 casas, e a matriz sob a invocação de Jesus, Maria e José, da qual, iniciadas as obras da construcção pelos incansaveis missionarios Frei Caetano e Frei Sebastião, duraram 25 annos, inaugurando-se a egreja em 1883. Contém a cidade 8 ruas, 2 praças e 9 sobrados. Possue a cadeia publica um edificio escolar, edificados ambos em 1897, por ordem do governador Dr. Alexandre José Barbosa Lima; aos sabbados ha uma excellente feira, onde apparecem os generos de toda a qualidade; boa agua, agencia do correio, etc. Das *Notas historicas dos capuchinhos em Pernambuco* extrahimos a respeito do Collegio do Bom Conselho o seguinte:

«Em 1853, fr. Caetano di Messina, tio do actual Prefeito da Penha, fazendo a catechése e distribuindo sementes do christianismo pelo interior do Estado, em Papacaça, a 60 leguas desta capital, encontra costumes pervertidos e a moral ultrajada. Grande numero de meninas orphãs, desvalidas, sem arrimo e, para

bem dizer, soltas no campo, faz o Missionario condoer-se da sorte ingrata de tantas creanças, e fundar um asylo para as menores abandonadas. Entre idealisar e realisar, mediou o espaço preciso para convencer o povo sobre as vantagens a colher nas gerações novas, melhoradas pelo ensino, e pela instrucção. Reunidos os habitantes do logar, explicada a idéa e demonstradas as consequencias da vida sahida de uma escola, o povo acceita a proposta e os

«De 50 leguas de distancia chegam recursos; os sertanejos presenteiam, offerecem dadivas de todas as especies, doam bovinos, o que começa uma fazenda com 300 cabeças de gado, destinadas á manutenção do futuro recolhimento.

«Em pouco tempo surgem da floresta virgem, miraculosamente, das balsas que marginavam o riacho Papacacinha, o edificio, digno do fim a que chegou, e em que se conserva.

COLLEGIO DE BOM CONSELHO

auxilios apparecem e offerecem-se á vontade santa do benemerito.

«Convictos, uns marcham para as mattas buscar madeira, outros preparam tijolos, alguns cavam o sólo para alicerces, muitos se entregam á canalisação das aguas de uma montanha, e fazem o chafariz para as necessidades da cidade e do nascente Collegio.

«E' preciso soccorrer o povo que voluntariamente trabalha; o missionario pede esmolas, os corações fidalgos se abrem e se entregam á disposição do levita.

«Da Igreja, com 60^{m} de fundo e 9^{m},80^{cm} de largo, sahem dos lados, dois raios com 36^{m} de extensão, 20 de fundo e 7 1/2 de alto, salientados 7^{m} para o poente.

«Amplos salões para a enfermaria, pharmacia, fabricas, escolas, refeitorio, dormitorio, salas de recepções, sala das professoras fazem o corpo do collegio, com capacidade para 200 alumnas internas, que aprendem primeiras lettras, historia, geographia, arithmetica, catecismo, musica, trabalhos domesticos, de agulha, de fuso, bordados, etc.

«Na Igreja, além do altar-mór, onde está erigida a Padroeira, existem mais cinco capellas, e entre ellas uma, representando a gruta de N. S. de Lourdes, imaginação e execução do religioso fr. Paschoal di Bologna, restaurador glorioso d'esse Collegio.

«Nos solios dos nichos, descançam S. José, N. S. da Penha, Sagrado Coração, S. Francisco, S. Veronica, S. Antonio, N. S. das Dôres, S. Luzia, S. Roque.

«A architectura do collegio e a Igreja

— «Pontificámos na Igreja de Bom Conselho e tivemos ensejo de conhecer e louvar o recolhimento das orphãs que ahi são educadas, sob os cuidados das terceiras franciscanas e direcção criteriosa dos rvmos. Capuchinhos, sendo seu fundador o inolvidavel fr. Caetano di Messina. Fazemos votos para que os poderes publicos se compenetrem da conveniencia de auxiliar um instituto tão util aos habitantes de Papacaça, e façam d'elle o objecto de sua caridade. *Luiz*, bispo.»

HOSPICIO DE S. FIDELIS

são de apurado gosto artistico, decorados pelo pincel do mencionado Missionario fr. Paschoal.

« Em 1886 apresenta-se em Papacaça ou Bom Conselho o diocesano D. José Pereira da Silva Barros (conde de São Agostinho), e admira-se encontrar n'aquellas alturas um edificio tão bem edificado e administrado. Em excursão diocesana o prelado actual, D. Luiz de Brito, em 1904, vai a Bom Conselho e deixa a visita pastoral assignalada nestas palavras:

O Collegio de Bom Conselho, pelos seus beneficios, recebe uma subvenção do Estado, o que é o reconhecimento do seu nobre destino.

Em frente ao raio do Sul do Collegio de Bom Conselho está o hospicio de S. Fidelis, cuja construcção é devida a fr. Caetano de Messina. Attendendo á circumstancia do clima e difficil acclimação dos capuchinhos vindos da Europa, para a capital do Estado, fr. Caetano projectou erigir no interior, em um ponto sadio e apto, para attenuar os

rigores da canícula, o cenobio que se prestasse a tal fim, recebendo os novos missionarios.»

POVOADOS E CAPELLAS — *Prata* capella de S. Cruz; *Barra do Brejo* cap. de S. Quiteria, á 18 kilms. ao nascente da cidade; *Cruz de S. Miguel*, á leste e a 12 kilms., cap. S. Miguel; *Caldeirão do Guedes*, cap. N. S. do Carmo; *Fazenda Logrador*, cap. de S. José; *Lagôa da Domingas*, cap. S. José; *Taquary*, cap. N. S. da Conceição e S. Antonio; *Gigante*, cap. Senhor Bom Jesus do Bom Fim.

OROGRAPHIA — As principaes serras são: a do Prata, que ramificando-se toma diversas denominações; a do Catimbáo; da Atravessada; a do Taboleiro; do Gigante ao norte e com 981^m de altitude; Serro Frio, montes Caborge e Calumby; a serra Grande ao SO; a do Leão, e outras.

HYDROGRAPHIA — *Rios* e *Riachos* — Parahyba do Sul, Traipú, Garanhunsinho, Balsamo, Genípapo, Barro, Frexeiras, Papacacinha, Cafundó, Mocós, Baixa Grande, Lava-pés, Cafundó do Pinangé, Caiçara, Riachão (affl. do Caiçara), Caldeirão, Prata, Camaratuba (affl. do Prata) e Carnijó, Campos (affs. do Traipú), Arabary, Capim Grosso, Chiqueíro, Peripery ou S. Romão (affls. do Parahyba) Coruja e Boqueirão (affls. do Peripery) e Buracão, que é affl. do Genipapo: — *Lagoas* — a de Dous Braços, dos Brejos, da Domingas, do Capim, do Caetano, do Bulandy, da Duradeíra e a Comprida.

PONTES — Na cidade existem duas que ligam os bairros em que é dividida.

PRODUCÇÕES — A canna d'assucar, a mandioca, o fumo, algodão, milho e feijão. O café vai-se propagando, aos poucos, havendo já muitas plantações.

MINERAES — Nas varzeas da serra do Prata se tem encontrado fragmentos de carvão de pedra; e, no cimo da serra do Frio, existem grupos de pequenas pedras com a forma e a transparencia do crystal. Ha ainda presumpções da existencia do cobre em alguns pontos do mun.; e nas serras do Prata, do Catimbáo e ramos d'essa cordilheira existem veios ferriferos. No alto *Bonito* suppõe-se a existencia de ouro.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA —A industria fabril consiste em assucar, rapadura, aguardente, farinha de mandioca, queijo, obras de olaria, rêdes artefactos de algodão, de couro, chapéos de palha, esteiras, balaios, azeite de mamona, e cordas. O commercio consiste na venda dos productos apparecidos nas feiras, dos de agricultura exportados, e nas transacções feitas pelos seguintes estabelecimentos: na cidade 13 lojas de fazendas, 8 casas de molhados, 4 lojas de miudezas, 2 pharmacias, 2 padarias, 2 casas de barbeiro, 5 açougues, 3 funilarias, 3 sapatarias, 2 fabricas de cigarros, 1 alfaiataria, 2 casas de ourives, 2 de pintores, 2 de fogueteiros, 5 curtidouros de couros, 4 marcenerias, 4 tendas de ferreiro, 9 pedreiros e 3 fabricas de descaroçar algodão; no povoado *Taquary* — 2 lojas de fazendas e 4 estabelecimentos de molhados; e no pov. *Barra do Brejo*— 2 estabelecimentos de molhados. A agricultura produz os cereaes, a mandioca, algodão, fumo, milho e a canna de assucar, havendo: os engenhos — Queimadas, S. Isabel, e as engenhocas — Alto Grande, Baixa Grande, Barra, Barra das Frexeiras, Barra do Cabórge, Barra do Cafundó, Bebedouro, Boa Esperança, Brejos, Brites, Caborge, Canto, Cachoeira, Chiqueiro, Coruja, Farias, Folha Larga, Freixeiras, Gamelleira, Giquiry, Ingazeira, Macuca, Mãe Luzia, Matta Verde, Muquem, Olho d'Agua, Olho d'Agua Novo, Paccas, Páo Grande, Páo Grande de Cima, Pirauhá, Guandú, Riacho, Rosilho. Sabiá, Sabiá de Baixo, S. Romão, Tamanduá, Taquary, Trez Voltas, Urucú e Varzea do Páo Grande.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Communica-se com a capital pela estação de Garanhuns, donde está a 60 kilms., e

com outros pontos, como Aguas Bellas, Buique, Pedra, Correntes, Pão d'Assucar, Palmeira dos Indios e Quebrangulo, por caminhos soffriveis no verão, e pessimos no inverno.

DISTANCIAS — Bom Conselho demora do Recife 444 kilms., do Buique 144, de Aguas Bellas 84, de Correntes 72, de S. Miguel 168, do Pão de Assucar (Estado das Alagôas) 180 kilms., do Pilar 168, de Palmeira dos Indios 43, e de Quebrangulo 36.

INSTRUCÇÃO PUBLICA E ADIANTAMENTO MORAL — Existem 7 cadeiras de instrucção primaria no municipio. O adiantamento moral dos *papacaceiros* não é o que se desejaria que fosse; entretanto, comparado com o de outras localidades do interior, ha superioridade de condições ás mesmas, pois alli, apezar de não passar o povo da educação rudimentar da escola, raro é o analphabeto que se encontra.

FINANÇAS MUNICIPAES — As rendas municipaes em 1906 foram orçadas em 13:000$ e a despeza feita foi de 12:000$000.

Bom Conselho —Eng. do mun. de Agua Preta, a 11 kilms. ao SO da séde, e á marg. dir. do rio Pirangysinho.

Bom Descanso — Eng. do municipio de Amaragy.

Bom Despacho — Engenho do municipio de Gamelleira, 12 kilms. ao norte da cidade, fica situado á marg. da estrada de ferro em construcção —de Ribeirão á Bonito.

Bom Destino — Engs. dos municipios de Bom Jardim, de Palmares e de Gamelleira, á 18 kilms. ao norte dessa cidade. O engenho Bom Destino de Palmares fica a 3 kilms. a oeste; hoje está convertido na Usina TREZE DE MAIO e limita-se com os engenhos Catuama, Montes e Japaranduba.

Bom Dia Engs. dos muns. de Barreiros e Jaboatão.

Bom Dia — *Riacho* — Nasce nas terras do eng. de igual nome, no mun. de Jaboatão, e, correndo entre as estações dessa denominação e a de Morenos, é atravessado pela E. de F. Central, e derrama no rio Jaboatão.

Bom Fim — Engs. dos muns. do Bonito, de Bom Jardim e de Agua Preta.

Bom Fim — Eng. situado no mun. de Ipojuca, onde existe uma capella sob a inv. de N. S. da Piedade, está a 18 kilms. ao nordoeste da séde, em linha directa.

Bom Fim — *Usina* — Situada no mun. da Escada, a 12 kilms. da séde.

Bom Futuro — Eng. em territorio do mun. de Barreiros.

Bom Gosto — Logar do mun. de Palmares, á marg. da via ferrea ingleza, entre os kilms. 115 e 120, lado septentrional, onde, com aquelle nome, existe um engenho Central. Fica entre as estações de Una e Agua Preta, e suas terras limitam-se com os engenhos Pumaty, Gravatá, Santa Fé e Saudade.

Bom Gosto — *Logarejo* — No mun. da Escada.

Bom Jardim — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freguezia de Sant'Anna de Bom Jardim.

HISTORICO — No principio do seculo 18° o sitio occupado pela actual cidade era uma propriedade cujo dono, bastante religioso, mandou na mesma erguer uma capellinha da invocação de Sant'Anna, no local precisamente em que se vê a actual matriz. Então, como tivesse recursos, contractou um capellão para dizer missas e realizar outros actos que se houvesse de fazer na alludida capella. Por esse motivo diversas casas começaram a ser construidas naquelle ponto, e um nucleo de população formou-se, desde logo, contido em habitações disseminadas pelos differentes logares das cercanias da egreja. Depressa e, á pedido desse povo, que foi attendido justamente, um curato alli foi

creado. O cura habitava no alto da localidade, segundo affirmam, junto á capella; e, entre seus habitos, tinha o de dar, pela manhã antes do sol nascer, e á tarde quando elle estava desapparecendo, um passeio. No verão o páo d'arco amarello, — que em muitos logares chamam *arvore de ouro*, e naquellas paragens era abundante (como hoje ainda é), em meio das arvores que perdiam as folhas ou as apresentavam adustas, — ostentava, em grande cópia, suas frondes redondas, e unicamente cheia de flores de um lindissimo amarello em que esbatendo ligeiramente os raios do sol nascente ou poente, dava-lhes a apparencia de *arvores de ouro*, bem justificando-lhe o nome dado por muitos. O sacerdote, que contemplava constantemente esse quadro deslumbrante, que a natureza lhe offerecia do alto dos montes, quando nossa vista se espraia pelas varzeas e por todo o horisonte encantador que os olhos divisam, talvez, pobre de phrases para expressar o que lhe arrebatava a alma nessas occasiões, um dia, contentou-se unicamente em dizer: — *Bom jardim, sim é um bom jardim este sitio e tem até arvores de ouro que os outros não possuem. Será este logar de hoje por diante chamado — Curato de Bom Jardim*. E a propriedade *Sant'Anna*, como primitivamente se chamava, e depois *Curato de Sant'Anna*, passou a ser denominada *Bom Jardim* d'ahi por diante. Deste modo falla a tradicção. Não ha conhecido documento algum acerca da fundação da localidade, como não se encontra da maior parte de muitos outros logares do Estado. E' a tradicção quem está sempre a contar-nos suas lendas, que são recolhidas, em falta de melhor subsidio, mesmo porque até a lenda é uma parte integrante da historia, principalmente local. Foi creada freguezia no anno de 1757 por acto da Meza de Consciencia e Ordens, sendo nomeado seu primeiro vigario o Padre José Ignacio Teixeira, que installou-a em 24 de Dezembro do mesmo anno. Foi elevada a villa pela Lei Prov. n. 922 de 19 de Maio de 1870, que incorporou-a á Comarca do Limoeiro, installando-se em 19 de Julho de 1871. Creou-a comarca a Lei n. 1093 de 24 de Maio de 1873, e o Decr. n. 5,001, de 17 de Dezembro do mesmo anno, classificou-a de 1ª entrancia, sendo nomeado seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Agostinho de Carvalho Dias Lima. Em virtude da Lei n. 52, de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo, em 10 de Julho de 1893, sendo eleitos para o 1° governo municipal os seguintes cidadãos: — Prefeito Dr. Justino da Motta Silveira, e Sub-prefeito — José Eloy Pereira Lima — Conselho Municipal, composto dos membros — Abilio Aprigio de Souza Barbosa, Manuel Joaquim Pereira Lima, José Rosa Lima de Aguiar, Manoel Gomes Pessoa dos Santos, José Epaminondas da Cunha Azevedo, Marcolino Liberato Queiroz de Aquino, Carlos Ferreira da Silva, José Jovino de Faria Leite e João Francisco de Mello. Neste municipio nasceu, no logar Orobó, o revolucionario de 1848, coronel Henrique Pereira de Lucena, preso no dia 2 de Fevereiro pelas tropas legaes, e elogiado por sua bravura pelo Conselho Directorio do Exercito Liberal, na ordem do dia n. 3 de 4 de Fevereiro de 1849.

POSIÇÃO ASTRONOMICA — Fica a 7° 45' 11" de lat. merid., e a 7° 34' 8" de long. or. do Rio de Janeiro.

DIMENSÕES — O mun. tem 42 kilms. de extensão de N. a S. e 54 de L. a O.

ASPECTO PHYSICO — Ao norte e á leste é montanhoso e coberto de mattas e grossos capoeirões; a oeste é geralmente plano; e ao sul possue mattas em terrenos ondulados.

CLIMA E SALUBRIDADE — No inverno o clima é frio e de temperatura como o dos nossos sertões. A salubridade é boa em todo o decurso do anno, e no

municipio não são conhecidas molestias endemicas.

Limites — Confina ao norte com o Estado da Parahyba, na freguezia de Natuba, pelas aguas pendentes da cordilheira que separa Pernambuco daquelle Estado, nos seguintes logares — Alto da Natuba, Serra Verde, Jupy, Matinada, Serra dos Orondongos (onde está a pov. de Umbuzeiro), Matta Virgem, Oratorio, serra da Cachoeira até encontrar os limites de Taquaretinga; ao oeste com o mun. de Taquaretinga, pelos logares Lagôa da Vacca, Manso do Algodão até a Capivara; ao sul com o mun. do Limoeiro, pelo rio Capibaribe até encontrar o povoado S. Vicente de Pedra Tapada, donde segue pela estrada do Imbé, Genipapo, Lagôa Torta, Parary a sahir em Passasunga, e ahi pelas terra desse engenho, pelo Carro da Telha, continúa até á estrada que vai á Bizarra, e desse logar á Lagôa Vermelha, terminando esse limite em Tamataupesinho; á este com o mun. de Nazareth (fregs da Vicencia e Tracunhãem), desde o logar Guia até á serra da Caucira, e com o mun. de Timbaúba, na freg. de S. Vicente, pelas serras Mascarenhas e Meirim. A divisão ecclesiastica das fregs. de Bom Jardim e Limoeiro não é a mesma civil. Do povoado S. Vicente de Pedra Tapada continuam os lims. pela marg. septentrional do riacho Ribeiro do Mel; d'ahi sóbe a linha a encontrar o logar Genipapo, donde seguindo pela estrada, que passa por Alagôa Torta, sahe em Passasunga; continuando pelo Carro da Telha chega á estrada que vae á Bizarra e desse logar á Lagôa Vermelha, terminando o limite em Tamataupesinho.

Divisões — Consta de duas freguezias: — a de Sant'Anna do Bom Jardim, e a de S. José do Surubim, que, nestes ultimos tempos, não tem sido provida de parocho, tendo estado sob a administração do vigario da primeira. Contém tres districtos administrativos — 1.° A Cidade, 2.° Surubim, e 3.° Queimadas. Está comprehendido no 2° districto eleitoral do Estado.

População — A população total póde ser avaliada em 30.000 habs., distribuida assim — 18.000 no 1° districto, 7.000 no 2° e 5.000 no 3°.

Topographia — A cidade de Bom Jardim, séde do mun., está situada em terreno elevado, á marg. dir. do rio Tracunhãem, a 399,0^{m} acima do nivel do mar, possuindo umas 400 casas, muitas das quaes de gosto moderno e bem construidas, alguns sobrados, comprehendendo em seu perimetro de cidade uns 4.000 habs. Tem uma só, mas bôa egreja que é a matriz, templo de architectura de ordem toscana, que, sendo reconstrucção do primitivo, começou a ser erguido em 1874 e inaugurou-se em 1877, abrangendo elle uma extensão de 30^{m} de comp., 18 de larg. e 21 de altura; existem nessa egreja dous sinos: um com a inscripção *S. José* e data de 1783, e outro com o nome de *Sant'Anna* e a éra 1796. Possue um cemiterio com capella, erecto em 1874; estabelecimentos commerciaes de fazendas, miudezas, ferragens, molhados, pharmacias e padarias, agencia do correio, feira abundante e concorrida, etc.

Povoados e capellas — *Surubim* ao oeste e a 32 kils., com egreja matriz da inv. de S. José; *Queimadas* ao poente e á 10 kilms., tem uma capella sob a inv. de N. S. da Conceição, *Munganga* ao nordeste, tem uma capellinha (em alicerces ainda); *Salgadinho* a 30 kilms ao sul, tem uma capella de N. S. das Dores; *Bizarra*, a 24 kilms. ao sud'este, com uma capellinha (não acabada), sob a protecção de S. José; *Umbuzeiro* ou *Pio Novo*, cap. de N. S. do Rosario; *Matta Virgem* e *Oratorio*, ambos com capella, mas todos tres ao norte, e pertencem á Parahyba e á Pernambuco; *Serra Verde*, ao norte, tem cap. da inv. de S. João, a 23 kilms.; *Freitas* ao sul, a 3 kilms.; *Fonseca*, cap. de N. S. da Conceição, reconstruida em 1881, pelo vigario José Francisco Borges; *Fi-*

gueira, antigo engenho, a 15 kilms., foi reconstruida em 1868, tem cap. de Santo Antonio; *Patos*, cap. de N. S. dos Remedios, em terras do eng. do mesmo nome, a 35 kilms.; *Taboquinhas*, cap. de S. José, a 38 kilms. e em terras do eng. de seu nome; *Palma*, a 20 kilms., cap. de N. S. do Bom Successo, ao norte e em terras do eng. da mesma denominação; *S. Vicente* (no civil é de Limoeiro), cap. de identica invocação, a 50 kilms., defronte de Pedra Tapada; *Cannafistula*, ao sul, tem uma capella em ruinas; *Ribeiro Grande*, a 18 kilms. ao poente, cap. de N. S. da Conceição; E *Alagôa da Vacca*, cap. de S. José, a 38 kilms. ao sul, está encravada em uma propriedade.

Orographia — As principaes serras do mun. são: *João Congo* ao sud'este; a *Verde*, dos *Orondongos* ou *Dorondongos*, ao norte; a do *Mascarenhas* e *Caueira* á leste, nos limites de Timbaúba e de Nazareth; do *Jupy*, do *Perigo* na estrada de Queimadas; do *Pirauá*, ao sul, junto do engenho do mesmo nome, e perto do pov. *S. Vicente* de Pedra Tapada; e ainda a da *Cachoeira*, ao norte.

Hydrographia — No mun. correm: o rio Tracunhãem, que nasce em seu territorio ao N. E. da séde, no logar Dorondongos, donde, buscando a direcção da cidade de Bom Jardim, banha esta e segue se inclinando para o sul até encontrar os muns. de Limeiro e Nasareth; e os riachos — Orobó, Muquem (affls. do Tracunhãem), Caiahi, Salgadinho, Manso, Taiépe, Marcella, Freitas, Chéos e Canguengo (affls. do Capibaribe), além de outros.

Producções — Algodão, milho, feijão, canna, fumo, mandioca, café, arrôz e criação de gado.

Commercio e agricultura — Na cidade, em 1905, existiam 24 estabelecimentos commerciaes, de diversos generos; em Queimadas 16; em Surubim 11; em Serra Verde 5; no Freitas 5; no Salgadinho 11; na Bizarra 5; no logar Barrancos; no Catolé, Estivas e Umbuzeiro 2; e finalmente nos logares Bôa Vista, Chéos. Tôrto, Montado, Pesqueira, Figueiras, Machados, Jucá, Olho d'Agua das Pedras, Passasunga, Orobó, Chatinha, Tomoatá, e Casinhas, 1 estabelecimento commercial, em cada.

A agricultura, que consiste no plantio da canna e do algodão, possue 70 fabricas á vapôr e bolandeiras de descaroçar algodão, e os seguintes engenhos: Açudes, Açudinho, Agua Branca, Alegria, Amparo, Aurora, Areias, Bom Fim, Bôa Esperança, Bôa Sorte, Bizarra, Bôa Vista, Borba, Bom Destino, California, Condado, Caraúbas, Catolé, Diamante, Desengano, Espadas, Figueiras, Guarassiabas, Horisonte, Humaitá, Inveja, Independencia, Jucá, Japaranduba, Jundiahy, Limeiral, Liberdade, Maxicunaba, Maravilha, Melancia, Mundo Novo, Mufumbo, Mirador, Nova Cruz, Oiteiro, Passasunga, Palma, Panorama, Patos, Pirauá, Paciencia, Santa Cruz, Serra Verde, Tanques, Trez Lagôas, Triumpho, Taboquinha, Trez Foguêtes, Vamos Ver, Vertente e Umary.

Mineraes — O talco existe em varios pontos do mun., dizendo-se haver na serra dos Dorondongos indicios de um veio ferrifero, tudo, porém, inexplorado até hoje.

Viação — Communica-se com a capital por meio da estação da cidade do Limoeiro, ou da do Campo Grande, ambas da via-ferrea daquelle nome, donde demora, por caminhos soffriveis, 36 klms. egualmente para uma ou para outra. Tem ainda estradas regulares no tempo do verão; não são bôas, porém, no inverno, dando accesso para a cidade de Taquaratinga e passando por Surubim: outras para Natuba e Campina Grande, no Estado da Parahyba, para Nasareth pelos povoados Munganga, Angelicas, Vicencia e Tenda á chegar naquella cidade; e ainda para S. Vicente de Timbauba, e deste para a cidade daquelle nome.

Distancias — Fica a 103 kilms. da ci-

dade do Recife, a 33 da de Limoeiro, a 50 da de Nasareth e a 72 da de Taquaretinga.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — E' bem pouco diffundida no mun.; entretanto, na cidade de Bom Jardim existe uma sociedade litteraria com pequena bibliotheca, e ha 4 escolas primarias; no pov. Queimadas 2, no Freitas 1, em Bizarra 1, no Salgadinho 1, no Surubim 2, e no Oratorio 1.

VIA FERREA E TELEGRAPHO — Está estudada a construcção do prolongamento da E. F. do Limoeiro até ahi. Tem uma estação telegraphica da linha nacional, aberta em janeiro de 1895.

Bom Jardim—*Povoação*—Pertence ao mun. do Exú, de cuja villa está a 60 kilms., e possue uma capella votada á N. S. da Conceição, que foi construida com recursos da munificencia popular.

Bom Jardim — *Engenho* — No mun. da Escada, a 18 kilms. da séde.

Bom Jejum — *Arraial* — No mun. do Limoeiro a 9 kilms. da séde.

Bom Jesus — *Usina*— No mun. do Cabo, banhada pelo riacho Inhumas. O eng. Bom Jesus do Cabo foi edificado antes da invasão hollandeza, por Pedro Lopes de Vera. Fica ao norte da séde, á marg. esq. do riacho Gurjaú. (affl. do Pirapama) e entre os engs. S. João e Guerra.

Bom Jesus — *Serra* — Fica no mun. de Flores, com regular elevação. E' notavel por conter em seu seio varios mineraes. Nella se encontra uma jazída de giz de varias côres.

Bom Jesus — Logar, todo povoado, na praia e na parte sul da ilha de Itamaracá, onde existe uma egreja da invoc. do Menino Jesus. De longe offerece ao observador uma bella vista, de arvoredos sempre verdes, enchendo toda a extensão da costa immenso coqueral. Essa povoação é grande, mas desalinhada e toma, conforme a situação, diversos outros nomes, como — *S. Paulo do Ambre* e *Santa Cruz*. Tambem denominam-n'o *Bom Jesus da Praia*.

Bom Jesus — *Arraial Novo* — Logar historico no mun. do Recife e freguesia da Varzea, á uma legua distante daquella cidade, no sitio chamado *Retiro*, que é um terreno desmembrado do antigo engenho *Torre*, encravado em terras do engenho do *Meio*. E' geralmente conhecido por—*Sitio do Forte*, e fica á meia milha, pouco mais ou menos, á esquerda da estrada nova que se dirige a Caxangá. Ahi, em 1646, foi erguida uma fortaleza que serviu de principal baluarte da insurreição pernambucana, contra o dominio hollandez, da qual se conservam inda de pé tres bastiões, duas escarpas bem pronunciadas, a do sul e a de leste, e o largo fosso que a circumdava. Se observa tambem o antigo leito do Capibaribe, com as aguas do qual se enchiam os fossos; juntamente mal tapada, bem no centro da quadra, a funda cacimba d'agua potavel; e finalmente, ao longe, uma crescida orla de matto, por onde era o fosso exterior, que guardava e abrigava a povoação á sombra da fortaleza. Para marcar a topographia e a localidade onde existiu a fortaleza do *Novo Arraial do Bom Jesus*, o patriotico *Instituto Archeologico*, em 1867, precedendo a nomeação de uma commissão que estudasse com segurança o local onde foi situado aquelle arraial, mandou erigir alli uma columna de tijolo com a seguinte inscripção. — *Aqui se levantou, em 1864, a fortaleza do Novo Arraial do Bom Jesus, Em 1867, o Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano verificou o logar, com toda authenticidade e mandou levantar esta memoria. O presente honra e glorifica aos benemeritos do passado* — Desta fórma se chegou á evidencia que o autor das *Memorias Historicas de Pernambuco*, J. B. Fernandes Gama, enganou-se quando localisou o arraial e a fortaleza do Bom Jesus a 2 1/2 leguas do Recife, em Tigipó, no logar Gar-

gantão, dependencia do sitio Cavalheiro; entretanto que o autor do *Castrioto Lusitano*, Frei Raphael de Jesus, escriptor contemporaneo de factos muitos antigos, cuja obra foi publicada em 1679, isto é, 33 annos depois, assignala o ponto na planicie da Varzea, a uma legua do Recife, sendo a indicação deste escriptor accorde com o que achou a commissão (Vid. Rev. Inst. Arch. n. 14. Pags. 91 a 101, e artigo RECIFE).

Bom Jesus — Engs. dos muns. d'Agua Preta, do Cabo e da Gloria de Goitá.

Bom Jesus — Arco que existiu na entrada da actual rua do Bom Jesus, precisamente no sitio em que se acha o edificio do Correio, e que foi mandado demolir em 1850, em virtude de determinação municipal. Continha uma capella que fôra erguida em 1661, e cujas imagens por occasião de se fazer a demolição foram recolhidas á igreja de N. S. da Madre Deus. O Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, para assignalar a existencia de semelhante edificio, que representava uma das portas da antiga cidade, mandou collocar no local a seguinte inscripção:

LAPIDA COMMEMORATIVA
DO ARCO
QUE FOI ANTIGA PORTA DA CIDADE
E DA
CAPELLA
DO SENHOR BOM-JESUS DAS PORTAS LEVANTADA SOBRE
O MESMO ARCO.
A' FRENTE DESTA LAPIDA,
E OCCUPANDO TODA A LARGURA DA RUA,
ESTAVÃO OS SOBREDITOS MONUMENTOS DEMOLIDOS
EM 1850.
O INSTITUTO ARCHEOLOGICO E GEOGRAPHICO
PERNAMBUCANO
A MANDOU COLLOCAR EM 1866.

Bom Logar — *Logarejo* — No districto de Preguiças, mun. de Palmares.

Bom Mirá — Eng. do mun. de Agua Preta.

Bom Nome — Eng. do mun. de Gamelleira ao norte da séde.

Bom Nome — *Riacho* — Nasce e corre em territorio do mun. de Cimbres, desaguando no rio Ipojuca.

Bom Recreio — Eng. do mun. de Nazareth e freguezia de Tracunhãem.

Bom Retiro — Eng. do mun. do Rio Formoso.

Bom Successo — Logar do mun. do Limoeiro, ao norte da cidade e a 5 kilms. distante.

Bom Successo — *Logarejo* — A' leste de Villa Bella nas divisas desse mun. com o de Flores.

Bom Successo — *Serra* — Situada ao norte, e á 6 kilms. da cidade do Limoeiro, em cujo municipio se acha encravada, tem a elevação média, acima do nivel da planicie, de uns 500 m. A' mesma segue-se a serra do Parary.

Bom Successo — Eng. do mun. de Gamelleira, a 2 kilms. ao sul da séde, tem uma capella de inv. de N. S. do Bom Successo.

Bom Successo — Engs. que existem com este nome, nos muns. de Agua Preta e Iguarassú, sendo o primeiro á margem do rio Jacuipe ao sudeste e a 24 kilms. distante.

Bom Successo — *Engenho* — No mun. da Escada a 3 kilms. da séde.

Bom Successo — *Engenho* — No mun. de Páo d'Alho.

Bom Successo — *Riacho* — Corre no mun. de Flores e derrama no rio Pajehú, depois de receber o riacho Canna Brava, que vem da serra da Barra Verde no mun. de Triumpho.

Bom Successo — *Riacho* — Banha o mun. de Bôa Vista e derrama no rio S. Francisco, ao sul da Villa.

Bom Successo — *Riacho* — Corre no mun. de Gamelleira, pelas terras do eng. de seu nome e, com pequeno curso, vai derramar no rio Serinhãem.

Bom Tom—Nos muns. do Cabo e Barreiras, em cada um existe um engenho assim chamado.

Bom-Viver—*Logarejo*—Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth.

Bondade — Eng. do mun. de Amaragy.

Bongy — Logar na freguezia de Afogados, distr. da Magdalena, proximo ao sitio em que está fundado o estabelecimento hippico denominado *Prado Pernambucano*.

Bonina — *Lagôa* — No mun. de Granito ha uma lagôa assim conhecida.

Bonita — *Serra*—Situada ao norte da freg. e mun. de Taquaretinga.

Bonita — *Serra* — Fica collocada no mun de Flores uma com esse nome.

Bonitinho — Eng. do mun. do Bonito, a uma milha da cidade do Bonito e a sete da estação do Una.

Bonitinho—*Monte*—No mun. do Bonito, affirmam que nelle existe uma mina de carvão de pedra. Ahi têm sido encontradas umas pedras, semelhantes na fórma á pedra *pomes*, das quaes, tendo sido remettidas algumas amostras para o Museu Nacional do Rio de Janeiro, seu ex-director, o naturalista Dr. Ladisláo Netto, julgou-as de natureza vulcanica. Existe tambem nesse logar o *kaolim*, proprio para o fabrico da porcellana. A' flor da terra encontra-se em abundancia o ferro, o talco, terra segillada, argilla marmosa, óca amarella e carvão de pedra. Em 12 de junho de 1838, o Min. da Agricultura ordenou que se fizessem estudos alli, para conhecimento dos mineraes. Mas, como tudo o mais, até hoje não foram feitos. Nesse monte ha ainda, como curiosidade natural, uma cachoeira formada pelo ribeiro Bonitinho, cujas aguas se precipitando sobre uma grande pedra, em plano inclinado, tem a extensão de 88m,0, pouco mais ou menos.

Bonitinho — *Riacho* — Nasce no monte que tem seu nome e, correndo no mun. do Bonito, desagua no rio Serinhãem, pela marg. direita

Bonito — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freguezia de N. S. da Conceição do Bonito.

Historia e fundação — O territorio do actual mun. de Bonito era, até o fim do seculo 18, coberto de immensas florestas; e, antes desse tempo, se comprehendia na área abrangida pelo celebre quilombo dos palmares, de que falla a historia patria. A tradicção conta que o motivo de chamar-se Bonito provém do seguinte facto:— Alguns habitantes da marg. do Ipojuca, e principalmente do povoado S. José de Bezerros, vinham caçar na direcção da serra desse mun., denominada — dos Macacos, — nome originario da abundancia de taes animaes na mesma; e um dia, descendo os caçadores a serra pelo lado oriental, ao chegarem em sua encosta, descobriram um ribeiro de agua muito crystallina, que sob um sombrio formado por grandes arvores, tornava o sitio muito grato e bastante pittoresco. Então um dos caçadores, talvez a quem mais encantou o quadro poetico do regato limpido que se deslisava alli, na sombra e em meio do frescor, do perfume e das bellezas, emanadas da propria região, e nascidas do seio da propria natureza, exclamou: *que rio bonito*!! E, fatigados das excursões venatorias, todos descansaram, e moqueando a caça, comeram alguma, beberam sequiosos da agua, e depois retiraram-se. Decorrido algum tempo depois disso, em nova caçada, um dos da comitiva perguntou qual a direcção que tomariam naquelle dia: para o *rio bonito* — respondeu outro companheiro E as caçadas, que se succediam, para esses homens eram o mais bello passatempo, e sempre preferidas para o — *Bonito*, pois que, desde logo, a abreviatura, no modo de fallar, supprimiu o nome *rio*. Então a immensa cópia de caças de que eram fartas taes florestas, a agua bôa, pura, abundante que alli jorrava á fios, terras feraces, capazes de todas as producções agricolas, tudo foi

o attractivo que chamou para alli muitos d'esses caçadores, que ergueram no logar habitações para residencia, e elles proprios, tambem, fazendo o povoamento, iam seduzindo parentes e conhecidos, mostrando-lhes grandes vantagens da residencia em tal parte. E data de 1796 a 1798 a fundação do Bonito. Em 1816 já havia uma grande povoação, tendo talvez muito contribuido para esse desenvolvimento uma capellinha de N. S. da Conceição (mais tarde a matriz), quatro annos antes levantada pelos povoadores. Eis o que está no espirito dos habitantes do Bonito e como elles contam a historia de seu inicio e de sua denominação. Foi creada comarca pela Resolução da Presidencia, em Conselho de 20 de Maio de 1833, sendo então nomeado seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Antonio Baptista Gitirana; foi supprimida pela Lei Prov. n. 58 de 19 de Abril de 1838, que incorporou seu termo á comarca de S. Antão; a Lei Prov. n. 65 de 12 de Abril de 1839 creou-a villa e parochia, sendo então seu primeiro vigario o padre Manuel de Mello Falcão Menezes; a Lei Prov. n. 86 de Maio de 1840 restaurou-a Comarca; foi supprimida ainda pela Lei Prov. n. 212 de 16 de Agosto de 1848, que transferiu a séde para a com. de Caruarú, ficando o Bonito séde de um dos dous muns. em que foi dividida a com.; foi restaurada pela Lei Prov. n. 277 de 6 de Maio de 1851, tornando-se séde da com. pela de n. 720 de 20 de Maio de 1867. Foi classificada com. de 1ª entrancia pelos Decrs. ns. 687 de 1850 e 1539 de 13 de Novembro de 1872. Foi elevada a cidade pela Lei Estad. n. 130 de 3 de Junho de 1895. De accordo com a Lei n. 52 (Organ. dos muns.) constituiu-se mun. autonomo, em 16 de Janeiro de 1893, sendo eleito seu primeiro governo da administração municipal o seguinte: Prefeito — Major Francisco Tiburcio Paulino de Mello, e Sub-prefeito — Joaquim de Barros e Silva; Conselho Municipal composto dos seguintes membros — Marianno Fonseca Lêdo, Capitães José Antonio de Mello, Manoel Roiz da Silva Nery, Antonio José Alves da Silva e Antonio da Cunha Brayner. Em 19 de Dezembro de 1874 os revoltosos denominados *Quebra-Kilos* invadiram o Bonito. Ainda é digno de mencionar-se nesse mun. o horroroso acontecimento do governo de Luiz do Rego, da grande matança dos habitantes da serra do Rodeador, crueldades taes, que até Pedro I, em seu manifesto aos brasileiros, assim se exprimiu: — *Pernambucanos, lembrai-vos das fogueiras do Bonito.* A respeito daquelles factos, e para tornal-os mais sabidos, transcreveremos aqui o trabalho, sobre esse assumpto, do Commendador Francisco Benicio das Chagas, a quem, em parte, são devidas as informações, objecto deste artigo: — « Os tristes e lamentaveis acontecimentos dados na Pedra do Rodeador, pelos fins de 1819, mediando entre a revolução de 1817, que fôra suffocada pelo poder absoluto, e a de 1821, que vingou na invicta villa de Goyanna, foram como que o prenuncio de nossa independencia, que se proclamou no memoravel dia 7 de Setembro de 1822, e mostram bem claramente que a reunião dos povos, na Pedra do Rodeador, nesses tempos calamitosos, tinha fins verdadeiramente politicos e que o chefe de tal movimento, Silvestre, alcunhado — *Mestre Quiou*, que quer dizer *maioral* na linguagem dos naturaes, não era um simples aventureiro, um impostor e salteador, como se propalou então, durante o governo despotico e violento do General Luiz do Rego Barreto. Silvestre não era um impostor, quando ensinava aos reunidos que uma santa ia fallar para mostrar-lhes o que convinha adoptar para melhorar a sorte de um povo soffredor; foi isso explicado depois da independencia pelos patriotas bonitenses, que estiveram em maior contacto com o mesmo Silvestre. — E qual era

essa santa que ia fallar apontando muitas cousas uteis que um povo soffredor devia adoptar. Era certamente a santa *Liberdade*, era a independencia do Brazil, independencia que, por esse tempo, toda a America disputava, e no Brazil Pernambuco deu os primeiros passos, á custa de muitos sacrificios.— A reunião de gente na Pedra do Rodeador deu-se da seguinte maneira: Pelo meio do anno até o fim de 1819, quando toda a provincia de Pernambuco principiava de novo a agitar-se, resentida das violencias e arbitrariedades, praticadas pelo governador Luiz do Rego, appareceu n'este logar, então simples povoação, com um destacamento de soldados portuguezes, um mysterioso dizendo ser seu nome Silvestre, cuja missão era escolher um sitio para empregar-se na agricultura. Dias depois, no povoado soube-se que esse Silvestre escolhêra um rochedo, conhecido por *Pedra do Rodeador*, e ahi estava reunindo gente para que em tempo opportuno ouvisse a uma santa que ia fallar indicando o bom caminho que o povo devia seguir. Dentro de 20 dias o numero dos reunidos augmentou consideravelmente; pelo que diversos negociantes do povoado do Bonito, e com especialidade os portuguezes, temendo algum assalto por parte daquelle ajuntamento, solicitaram do commandante do destacamento que tomasse algumas medidas. Sobre o facto providenciando elle (era portuguez e tinha o posto de tenente), ordenou, por um officio dirigido ao chefe Silvestre, que fizesse, dispersar aquella gente, sem perda de tempo, pois que, si não o fizesse, por elle commandante seria tomada a providencia necessaria afim de ser desmanchada aquella illicita reunião, etc. Nenhum effeito produziu no animo de Silvestre a intimativa do official portuguez, ao contrario, e o numero de povo crescia de mais a mais, a ponto tal de formar um arraial de casas cobertas de palhas. Silvestre, não dispondo de recursos para sustentar algumas pessoas pobres que o acompanhavam, mandou intimar aos proprietarios, e, especialmente, portuguezes, que lhe mandassem gado, farinha, milho, feijão, etc, sob pena de, á força d'armas, serem satisfeitas suas requisições, conseguindo assim ser attendido e, muitas vezes, generosamente. Este facto chegou ao conhecimento do governador Luiz do Rego, certamente com exagero, pois o mesmo governador mandou, tendo como chefe da diligencia o tenente-coronel Madureira, portuguez insolente e dado á embriaguez, uma força para dar um assalto á *Pedra Redonda*. Madureira, sahindo do Recife, á frente de um corpo de linha, chegou á S. Antão (actual cidade da Victoria), e ahi recebeu outro de milicianos, declarando elle que seu destino era á Pajehú de Flores. Ao approximar-se do Bonito fez uma negaça, munido de bons guias, internou-se pelas mattas em direcção ao Rodeador, onde chegou ás 3 horas e meia da manhã, dividindo a gente em dous corpos, um de linha sob sua direcção, e o outro dos milicianos de S. Antão, sem fardamento militar, e sob o commando de um capitão. Um destes corpos entrou pelo lado oriental do rochedo, e o outro pelo lado occidental, nas quebradas do qual havia o arraial composto de choças O chefe miliciano, primeiro que Madureira, chegou ao arraial, não se sabendo ao certo de que lado partiram os primeiros tiros, si dos sitiados, ou si dos sitiantes; a verdade é que houve grande tiroteio, ao qual, acudindo Madureira, a passo de *marche marche*, com a escuridão da noite e intervindo no conflicto, houve grande carnificina entre as forças legaes. A grande população, que alli se agglomerava, pouco teria soffrido, si os soldados de Madureira não tivessem incendiado as habitações do arraial, fazendo victimas das chammas muitos homens, mulheres e crianças, aprisionando e conduzindo para o Recife as mulheres e os meninos

que escaparam, sendo soltos depois, porque se reconheceu não haver nelles criminalidade alguma. O chefe Silvestre com alguns companheiros fugiu, sendo que Silvestre foi depois visto em Goyanna, fazendo parte do exercito dos independentes, que tinham seus clubs na cidade do Recife, e em outros pontos. Silvestre era de côr morena, estatura ordinaria, representando 38 a 40 annos de idade, sabia ler e escrever, era activo, perspicaz e severo em suas deliberações; nunca disse a alguem onde nascera, que profissão tinha, nem de que vivia.»

Posição astronomica — Está a 8° 30' e 25" de lat. merid., e a 8° 25" de long. or. do Rio de Janeiro, ou a 39° e 5' de long. occ. de Greenwich.

Extensão do territorio—De L á O tem 45 kilms., e de N á S 40 kilms.

Clima e salubridade — O clima é frio e carregado de humidade no inverno, secco e bastante agradavel no verão. A salubridade é geralmente boa em todo o mun., não se conhecendo molestias endemicas, notando-se entretanto que em 1856 o cholera-morbus fez algum estrago na população.

Aspecto geral — Do Lado L e do S o mun. é geralmente montanhoso; uma parte está coberta de mattas frondosas, e outra aberta e cultivada, contendo diversos engenhos de fabricar assucar, fazendas de café e sitios de plantações de mandioca, onde tambem se plantam, no tempo proprio, milho, feijão, batatas e as diversas especies de legumes. Do lado O e NO veem-se immensas planicies, tendo apenas ligeiras ondulações e pequenos morros que, ordinariamente, são isolados; — o local em que está collocada a povoação da séde, póde dizer-se, é o ponto do mun. onde se dá a separação dos terrenos de mattas com os acantigados que alguns chamão *asertanejados*. Nesta zona então cria-se os gados vaccuns, cavallares, cabruns e ovelhuns, plantando-se tambem a mandioca, legumes, e ainda o fumo.

População—E' de 40.000 habitantes a população total do mun., distribuida assim: districto da cidade — 22.000 habs.; no de Capoeiras 7.000; no de Lage-Grande 5.000; e no de Cabelleira 6.000 habitantes.

Limites — Confina ao norte com os muns. de Gravatá, Bezerros, Caruarú e Altinho, partindo da serra dos Côcos á Urucú Meirim (Gravatá), Alexandria, Estreito, Rajada, Tanque das Piabas á serra da Camaratuba (Bezerros); da barra do riacho Pau Sangue, no rio Ipojuca até as nascentes do mesmo riacho (Caruarú), e pela barra do riacho Chata, no rio Una, e pelo riacho Mentiroso (Altinho); ao oeste, com os muns. de Panellas e Quipapá, pelos logares Taboleiro, Serrote Liso, rio Fervedouro, Barra de Jangadas, á marg. do Pirangy, descendo o curso, deste rio até a propriedade Espelho, engenho Conceição, Burity, Bicho Homem, serra do Prata á barra do rio Camevou, e no engenho Camevou Grande, á margem do rio Una; ao sul, com o mun. de Palmares, pela margem direita do rio Camevou ao engenho Bom Logar, propriedades Risada e Sobriadinho; ao sudueste com o mun. de Agua Prêta pelo rio Serinhãem; á leste com os muns. de Gamelleira e Amaragy pelas terras dos engenhos Pedra Firme, Tigre, Flor da Ilha, Ilha das Flores, Usina Pedrosa (Gamelleira), e no pov. Cortêz (que pertence á Amaragy) á margem do rio Serinhãem. A divisão ecclesiastica é differente nas fregs. de Quipapá, Palmares, Gamelleira, Amaragy e Gravatá.

Divisão — O mun. do Bonito se divide em quatro districtos administrativos, contém uma só freg., e na divisão eleitoral se comprehende no 3° districto.

Topographia — A cidade do Bonito, séde do mun. e freg., banhada pelo riacho Macaco, está situada em terreno accidentado e ao SO do Recife, a 450 m. de altitude e na encosta da serra Macaco

que se estende num cordão circular, do qual a povoação occupa o centro, tomando aquelle os nomes de Arattcim, Macaco, Rodeador, Boa-Vista, Bananeira, etc.; fica ella ainda entre os rios Una, que corre-lhe a SO, e Serinhãem a L. Consta de poucas ruas, onde, em 1903, se comprehendiam 461 casas, em sua maior parte mal edificadas, havendo, entretanto, algumas de boa construcção. Em seu ambito de cidade poderá conter uns 4.000 habitantes. Possue dous templos — a matriz de N. S. da Conceição (não acabada ainda), que foi iniciada em 1812; e outro devotado a S Sebastião, decorado regularmente e cuja fundação data de 1840. Obras publicas existem — um cemiterio com a extensão de 446 metros, ao oéste da cidade e construido, em 1877, pela antiga Camara Municipal; o edificio da Municipalidade, erguido em 1852; o mercado publico começado em 1877, porém não terminado ainda; dous predios, edificados em 1859, destinados para açougues, e que estão mal conservados; uma casa assobradada offerecida ao Governo, em 1881, pelo commendador Francisco Benicio das Chagas para estação telegraphica, funccionando nella a escola publica do sexo masculino; um açude em máo estado de conservação, com uma pequena ponte sobre o varadouro do riacho Macaco, construida em 1855; a cadeia em edificio alugado e sem accommodações; um pequeno theatro particular, etc. Tem diversos estabelecimentos commerciaes, bibliotheca, agencia do correio, etc. Ainda vê-se na cidade o monumento commemorativo do seculo XX, que consiste numa columna de ordem dorica, da altura de 20 metros, ostentando na extremidade a imagem de Jesus Redemptor.

Povoados — *Bem-te-vi* — ao oéste da séde á 18 kilometros, banhado pelo rio Camevou, possue uma capella dedicada a S. Sebastião. — *Capoeiras* — a 36 kilometros ao O, com uma capella da Virgem das Dores, é regada pelo rio dos Gatos e pelo riacho Sueiras. — *Lage Grande* — a SO e a 24 kilometros, á margem direita do rio Una, possue uma capella, cujo orago é S. Vicente. — *Cabelleira* — a léste, á margem direita do rio Serinhãem, tem uma feira e uma capella votada a S Sebastião. Existem ainda, pertencendo-lhe sómente na jurisdicção ecclesiastica, os povoados: *Barra de Jangadas* — a 48 kilometros á léste, e com uma capella de Santo Antonio (civilmente é do municipio de Quipapá), e *Cortêz* — a SE e a 36 kilometros do Bonito (civilmente pertence ao municipio de Amaragy), sobre a margem do rio Serinhãem.

Orographia — A orographia do municipio do Bonito faz parte da cordilheira das Russas, que, ramificando-se em diversas direcções, comprehende tambem os municipios circumvizinhos de Gravatá, onde tem origem. As serras principaes são: *Bezouro*, a seis kilometros ao oéste da cidade, tem uma área de 400 metros, pouco mais ou menos, e altitude de 600 metros; a da *Boa-Vista* a sete kilometros ao norte da da séde, com uma base de 1.000 metros, approximadamente, e uns 700 metros de altitude; a do *Rodeador*, celebre pelo acontecimento de 1821, já narrado em outra parte deste artigo (historia), a qual fica a 19 kiloms. ao S do Bonito, e proxima do engenho Pedra Redonda, tendo uma área de 4.800 metros e a altitude de 700 metros; a da *Mulatinha*, ao SE e a 66 kilometros da cidade, tem uma extensão de 2.400 metros, sendo sua altitude de uns 700 metros; a do *Prata*, a 22 kilometros ao sul, e com a altitude de 900^{m}; a do *Barbalho*, a 24 kiloms. ao sul, occupa uma extensão de 1.200^{m}. e tem a altitude de 980^{m}; a do *Carangueijo* ou dos *Cocos*, a 66 kilms., á leste; a da *Queimada* ou *Defuncta* a 88 kiloms.; o monte *Bonitinho*; a cordilheira que circula a cidade, sob os nomes de *Macacos*, *Araticum*, *Bananeiras* e serra *Azul*, perto do engenho

deste nome, e ainda outras de menos importancia.

Hydrographia — Correm no mun. os seguintes rios: o *Serinhãem*, que vem do mun. de Bezerros, na direcção N a S, e segue, tocando no de Amaragy para o de Gamelleira; o *Una*, que, vindo do mun. de Altinho entra no de Bonito pelo pov. Lage Grande, seguindo para o de Palmares; o *Camevou* que nasce no sitio Urá, banha o pov. Bem-te-vi, e desagua no rio Una. São aflls. do Una, no mun, os riachos Prata, Verde, Capivara e outros menos importantes; do rio Serinhãem o Bonito Grande, o Onça, o Camevousinho e outros. *Lagoas*: — Araticum, que é a mais notavel, situada no cimo do monte do mesmo nome.

Producções — O mun. do Bonito é um dos mais ferteis do Estado. Cultiva-se nelle a canna de assucar, possuindo para o fabrico desse producto grande numero de engenhos; animadamente o café, sendo que, em 1896, contava 530.000 cafeeiros, sem incluir as plantações de diversos logares; e ainda o cacáo, o algodão, batatas, cereaes, legumes, etc.

Reinos da Natureza— Encontra-se mineraes em diversas localidades do mun.; no monte *Bonitinho* existe muito ferro, e o *kaolim*, proprio para o fabrico da porcellana; em *Lage Grande*, a pedra calcarea; no engenho *Barra* (a 35 kilms. do Bonito) tambem ha o *kaolim*; no monte chamado *Aba da Serra* existe muito gesso e argilla plastica, que póde ser utilisada em varios misteres, e finalmente em diversos outros logares, ainda ha o marmore de differentes côres, porphyros, granitos, quartzos, pedras de amolar, crystaes de rocha, grêz, ocres de muitas côres, mica, barro para louça, telhas e tijolos. No monte Bonitinho são notaveis umas pedras que alli se veem, simelhantes á pedra pomes, porosas, de côr cinzenta e asperas, cuja amostra, remettida para o Muséo Nacional, o finado naturalista brasileiro, Dr. Ladisláo Netto, então director daquelle Instituto, classificou como producto vulcanico. *Reino vegetal* — Ha diversas especies de madeiras: o angico, jacarandá, cundurú, gonçalo-alves, vinhatico, pitiá corado e o marfim, tatajuba, coração de negro, limãosinho, genipapo, buranhãem, quiry, amarello, louro, cedro, jurema, páo-ferro, oiticica, massaranduba, sapucaia, sapucarana, marmeleiro, peroba, pereiro, amargoso, cocão, páo d'oleo, sucupira, angelim, cumarú, baraúna, almécega, páo-sangue, embiriba, sipahuba e outras; e ainda arvores que produzem fructos, como — o araticum, araçá, goiabeira, cajú, jaboticaba, massaranduba, oiticoró, sapucaia, pitomba, imbú, grumixama, macahiba, catolé baboso, sicury, maracujá, genipapo, ameixa da matta, amora, guabiroba, mamão, gravatá, etc. *Reino animal*. — Possue a anta, a onça, o veado, caitetús, tatús, pacas, macacos, preguiças, guaribas, saguins, cotias, mocós, preás, tamanduás-assú e meirim, rapôsas, quandús, furões, papa-meis, ticacas, gambás, coêlhos, punarés, quatís, kagados da matta e da lagôa, teju-assú, etc., e na especie ornithologica—mutuns, jacús, aracuães, macucos, nambús, araras, papagaios, periquitos, pararys, rôlas aza branca, cascavel e cabôcla, socós, marrecas, corujas, bacuráos, sabiás, chechéos, sanhassús, canarios, curiós, patativas, gallos de campina, papas-capim, sericóias, rouxinóes, bem-te-vis, arapongas, etc.

Curiosidades naturaes—Proxima ao engenho *Pedra Redonda*, á 18 kilms. do Bonito, existe uma cachoeira, formada pela quéda das aguas do riacho Verde, do Bonitinho e outros, produzindo as mesmas grande ruido, da altura de 40 metros, em que se despenham sobre grandes rochedos. Ao L da séde e no cimo do monte *Araticum* fórma-se uma cavidade que conservando as aguas pluviaes, é uma lagôa perenne, indo ainda essas mesmas aguas, por infiltração, apparecer na fralda occidental do refe-

rido monte, por entre fendas de grandes pedras accumuladas, formando o excellente manancial d'agua potavel denominado— fonte do Araticum.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA —A industria fabril consiste em assucar, aguardente, fumo em folhas e em corda, obras de olaria, como louças de barro, telhas e tijolos, farinha de mandioca, gomma, queijos de coalha e de manteiga, rapaduras, doces de goiaba e de banana, couros cortidos, rêdes de dormir e para pescar, tecidos de algodão, vassouras, esteiras, chapéos de palha, abanos, cassuás, balaios e outras obras de vime. O commercio de exportação é feito com os productos da industria local, e ainda com os effeitos agricolas, e o de importação realizado na cidade e povoados do mun., na venda de fazendas, miudezas, ferragens, objectos de pharmacia, carne de xarque, bacalháo, farinha de trigo, sabão e outros. E a agricultura, que comprehende a lavoura de exportação—canna de assucar, algodão, café, tabaco, cacáo, trigo (pequena cultura de ensaio), e a do consumo local —como mandioca, milho, feijão, arroz, batatas de diversas especies, gerimuns, —possue os seguintes engenhos: Alegria de Dentro, Alliança, Amolar, Aratinga, Arco, Açucena, Bananeira, Batateira, Barra Nova, Barra de Pedra, Barra do Pery-pery, Barra do Fúbá, Barro Branco, Belém de Maria, Bôa Fé, Bôa Esperança, Bôa Reforma, Bonitinho, Bom Fim, Canaan, Camevousinho, Cangalha, Canna Verde, Capivara, Coelho, Conceição (2), Democrata, Diogo, Espelho, Estiva, Estiva do Sapé, Ferrador. Flor da Matta, Floresta, Flor da Ilha, Fortaleza, Tulia, Galliléa, Gruta, Tenda, Gulandy, Gurjaú Gurjausinho, Humaitá, Ilha das Flores, Jardim, Jatobá, Lage Bonita, Levas, Liberal, Liberdade, Limão, Limeira, Magico, Meiarim, Monte, Moscow, Muricé, Palestina, Passagem, Pedra Firme, Pedra Redonda (2), Pedrezinho, Permanente, Pindoba, Guandú, Guandú de Fóra, Resgate, Riachão, Santa Rita, Sapé (2), S. João (2), S. Sebastião, Serra Azul, Sitio do Meio, Socego, Sueira, Tigre, Tiquara, Travessia, Timbó, União (2), Usina, Pedrosa, Uruçú, Verde, Venturoso, e Vida Nova.

INSTRUCÇÃO PUBLICA E ADIANTAMENTO MORAL—Há no mun. oito escolas, sendo quatro para cada sexo, e na cidade do Bonito existe uma bibliotheca, dirigida pela sociedade *Atheneu Bonitense*. Entretanto, póde-se dizer ainda, que é bastante atrazada a instrucção publica do mun. do Bonito, e quasi nullo seu adiantamento moral.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO E DISTANCIAS — A cidade do Bonito dista da capital 138 kilometros; do littoral (cujo logar mais proximo é o pov. *Abreo de Una*) 90 kilometros; da cidade de Palmares, para onde é bom o caminho, 54 kilometros; da cidade de Caruarú, ao NO, 60 kilometros; da cidade de Bezerros 48 kilometros; da villa de Panellas ao SO, 72 kilometros; e para a cidade da Gamelleira 48 kilometros ao SE.

Bonito — Eng. do mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem, possue uma capella, cujo padroeiro é São Francisco Xavier.

Bonito — Eng. do mun. de Goyanna, tem uma capellinha votada á Santa Rita de Cassia.

Bonito — Eng. da freg. de São Vicente de Timbaúba, mun. deste nome, fica a 6 kilometros distante da pov. daquelle nome, e a 95 da de Goyanna.

Bonito Grande — *Riacho* — Banha o mun. do Bonito e derrama no rio Serinhãem pela marg. esq., em terras do eng. Guabiroba (marg. esq.), regando o eng. Varzea Alegre.

Bons Homens — Logar situado á marg. dir. do rio Iguarassú, onde encontra-se pedra calcarea abundante, a qual é grandemente utilisada nesse mister,

Boqueirão — *Arraial* — Situado no mun. de Cabrobó.

Boqueirão — Fazenda de criar gados á O de Villa Bella, entre os limites desse mun. e o de Belmonte.

Boqueirão — *Serra* — No mun. de Bezerros e proxima das da Maravilha, Joboticaba, Jurubeba e Mondé.

Boqueirão — *Serra* — Pertence ao mun. de Panellas, e fica junto á villa deste nome, e das serras da Saccada e Bica.

Boqueirão — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e derrama no Pery-pery; affl. do Papacacinha e este do rio Parahyba.

Boqueirão — Assim se denomina, no mun. de Muribeca, a uma faixa de terra firme, contendo 100 passos de largura, estreita na entrada, entre o tremedal de uma lagôa e o sopé de um dos montes Guararapes, que olha para o lado oriental. E' um local memoravel na lucta hollandeza, um ante-mural inexpugnavel, onde os aguerridos generaes do exercito libertador acamparam suas tropas, e ao qual Roberto Southey, em sua *Historia do Brasil*, comparou ao passo das *Thermorpylas*. O visconde de Porto Seguro, em sua *Historia Geral do Brasil*, Frei Raphael de Jesus, autor do *Castrioto Lusitano*, impresso em 1679, o Conde de Ericeira, na obra *Portugal Restaurado*, escripta em 1750, todos fallam no *Boqueirão* e o descrevem. Aquelle logar, em 1859, quando o velho ex-Imperador D. Pedro II nos visitou pela primeira vez, foi tambem honrado com a presença do monarcha, que era muito amante de conhecer, de perto e *de visu*, essas situações de reminiscencias historicas da patria. A respeito desta paragem ainda, existe publicada uma memoria, escripta pelo archeologo pernambucano, o Padre Lino do Monte Carmello Luna, na «Rev. do Inst. Arch. Pern.» n. 15, de 1867, comprehendendo a mesma as pags. 116 a 138.

Borarema — *Logarêjo*—Situado no mun. de Serinhãem.

Borba — *Logarêjo* — Está situado no mun. do Brejo

Borburema — *Grande cordilheira* que se estende pelo norte do Brasil, da qual a serra principal e mais alta é a do Araripe, que é uma porção sua, donde se avistam em distancia de mais de 30 leguas o rio S. Francisco e varios logares dos Estados de Alagôas, Ceará e Parahyba. E' o centro de que partem os principaes braços dessa cordilheira: o dos Cirirys, que dirige-se para o sul até ás margens do rio S. Francisco; o da Borburema que se estende para o N E., atravessando os Estados da Parahyba e Rio G. do Norte; e o da Ibiapaba, mais occidental, que separa o Piauhy do Ceará. Subdivide-se ainda em uma infinidade de ramificações de diversas elevações e nomes; assim, entre Pernambuco e o Piauhy, chamam-se serras — dos Dous Irmãos, Vermelha, do Ignacio e de S. Gonçalo; nos limites com o Estado do Ceará — dos Côcos, do Araripe e do Jardim; nos limites com o Estado da Parahyba—Furada, do Sipó, Vermelha, da Colonia, da Piedade, do Panaty, do Páo d'Arco, das Porteiras, das Môças, do Acahy, Espirito Santo, Pendurão, da Emburana, Cachemira, da Quebrada, dos Bois, Bonita, da Matta Virgem, da Natuba, Verde, do Jupy, da Matinada, dos Dorondongos, da Cachoeira, do Pirauá e do Balanço. Por diversos córtes ou gargantas, que se encontram nessa cordilheira, se faz o transito de uns para outros Estados. O Padre Ayres de Cazal, em sua *Chorographia Brasilica*, tratando della, diz que — « é a mais magestosa do Brasil, tendo principio perto do mar, na capitania do Rio Grande: e depois de ter atravessado de NO ao SO a da Parahyba, volta para o poente, separando a que descrevemos na parte occidental da precedente, e da do Ceará por largo espaço. Depois inclina-se para o septentrião, dividindo a ultima do Piauhy, variando sempre de altura e de

nome até findar com a de Ibiapaba, á vista da praia, entre os rios Camocim e Parnahyba. Em partes tem rochedos, em outras é escalvada; mas, pela maior parte, é coberta de formosos bosques, nutridos em terrenos fortes e fecundos. Em algumas paragens tem duas e tres leguas de chapada viçosa no cimo. Da montanha Araripe, que é uma sua porção, se avista o rio S. Francisco em distancia de mais de trinta leguas.» Nella têm suas vertentes os rios deste Estado, Ipojuca, Capibaribe e Tracunhãem, que tomam a direcção oriental, indo despejar no mar, e ainda o Moxotó, o Pajehú, o dos Navios, o da Terra Nova, da Brigida, o Carahybas, de S. Pedro, do Jacaré e do Pontal, que procuram o Sul e desaguam no rio S. Francisco. Em toda a extensão della respira-se uma atmosphera muito pura e saudavel, sendo, além disso, assás baixa sua temperatura. O nome Borburema é vocab. indig. e significa, — segundo Montoya, *ter fonte de agua vasando*— de *bor* ter—*bur* fonte de agua– *ema* (ger.) vasando, minando. *Martius* diz significar — *região deserta*; — do poro — *gente* e eyma — sem.

Bordão de Velho — Eng., pertence ao mun. de Limoeiro.

Borges—Eng. da freg. de N. S. do O' de Goyanna, tem uma capella votada á N. S. das Dores.

Borralho — *Engenho* — Denominação antiga, pertenceu ao coronel Francisco Jacintho Pereira, um dos bravos pernambucanos que na Setembrisada, em 1831, dominou essa insurreição da soldadesca desenfreada, tendo ainda muito se salientado, em 1848, em favor da ordem publica no Massacre Portuguez, da antiga rua da Praia (hoje Pedro Affonso), e tambem na rebellião de 1848. Fica situado na freg. da Varzea.

Bosque — Usina do mun. de Amaragy, á marg. da E. F. Recife a Palmares, no kilm. 73, entre as estações Freixeiras e Aripibú; a NE da séde.

Boticaba — *Logarejo* — Está situado no mun. do Bonito.

Boto — Logar comprehendido no mun. da Victoria.

Braço—Eng. situado no mun. da Victoria, a 15 kilms. ao sul da séde.

Braço—*Riacho*—Nasce no engenho desse nome banha o mun. da Victoria e derrama no Natuba e este no Tapacurá, affl. do rio Capibaribe.

Braço do Meio—*Engenho*—No mun. da Escada, a 18 kilms. da séde, tambem é conhecido pelo nome de Aguas Sumidas.

Bragança—Engenhos que com esta denominação existem nos municipios de Barreiros e Victoria.

Branca—*Serra*—Está situada no mun. de S. José do Egypto, a E do rio Moxotó, ao NE de Afogados de Ingazeira e com a direcção quasi geral NE a O. E' uma ramificação da grande cordilheira da Borburema, a qual, começando a formar-se 24 kilometros acima de Afogados, toma d'ahi os nomes de Colonia, S. João, Conceição, Olhos d'Agua, até ligar-se, mediante a travessia do rio Pajehú, com a serra que no sitio *Olho d'Agua do Silva* recebe a denominação de *Branca*, ligando a de Jabitacá, que é um pontal, ou antes uma bifurcação daquella.

Branca — *Serra* — No mun. de Ouricory, ao norte da cidade deste nome.

Branca — *Serra* — Está collocada, no mun. de Cabrobó, ao norte desta cidade, e ao sudoeste da serra de Ucanam, de que fica proxima.

Brasil—Eng.em territorio do mun. da Gloria do Goitá.

Brasileiro — Eng. do municipio d'Agua Preta ao NE da cidade e a dous kilometros. Possue uma capellinha, e fica entre os engs. Bella Rosa, Aguas Frias e Serra.

Bravo— *Serra* — Pertence ao territorio do mun. de Flores, é pedrosa, pouco alta, possue mattas agrestes.

Brejão — *Povoação* — No mun. de Garanhuns, fica situada ao sul desta cidade, donde dista 10 kiloms., e á

marg. da estrada que conduz á cidade do Bom Conselho, e tem feira. Ahi vê-se uma bella e verdejante vegetação, encontra-se agua potavel e crystallina e uma atmòsphera constantemente fresca,sendo deliciosas, nessa paragem, as noites do verão. Tem uma capella dedicada á *Santa Cruz*, reconstruida em 1882,pelo que geralmente ao povoado chamam *Brejão de Santa Cruz*.

Brejão— *Riacho* — Nasce na serra de seu nome, banha o mun. de Bom Conselho, e desagua no Riachão. São seus affl.: os riachos Olho d'Agua do Cachorro e Olho d'Agua do Felix.

Brejão — Eng. que pertence ao mun. de Barreiros.

Brejão— *Logarejo* — Situado no mun. de Bezerros.

Brejão de Santa Cruz — *Povoado*—Situado á marg. da estrada que vai de Garanhuns á Bom Conselho, e a 10 kiloms. da cidade de Garanhuns, a cujo mun. pertence, é um logar pequeno, sem vida, mas de clima muito ameno e saudavel. Tem uma capella da inv. de *Santa Cruz*. O local está assentado em meio dum sitio de vegetação virente que lhe dá um aspecto alegre, e possue boa agua potavel. E' tambem conhecido por *Brejão*, nome procedente da paragem onde está encravada, e é a mesma localidade de que, debaixo desta denominação, pouco antes tratámos.

Breginho — *Serra* —E' tambem chamada da Taboca e fica no mun. do Altinho, tendo a extensão N a S de 9 kilms., e a elevação de 900^{m}.

Breginho — *Serra* — Corre no mun. de Flores nos limites orientaes.

Breginho—*Serra*—No mun. da Pedra, faz parte da cordilheira que vem do de Cimbres, sob os nomes de Gamelleira, Guerra, Mocó e Jardim.

Breginho — *Serra* — Ao sul da pov. de Jatobá, séde do mun. de Tacaratú, é conhecida tambem por serra da *Juliana*, e corre formando uma cordilheira com a denominação de serras do Furado, do Porteirão, de Tacaratusinho do Tacaicó, do Bruno e do Cabembe, onde o rio Moxotó a interrompe, no logar Cruz, continuando depois pelo mun. de Paulo Affonso, que pertence ao visinho Estado de Alagôas.

Breginho — *Serra* — Situada no mun. de Cimbres.

Breginho — *Riacho* — Corre no mun. do Brejo da Madre de Deus, para o Tabocas, que é affl. do rio Capibaribe.

Breginho — *Riacho* — Nasce na serra da Baixa Verde, mun. de Triumpho, e dahi corre para o rio Pajehú.

Breginho — *Riacho* — Nasce na serra do mesmo nome em Tacaratú, e corre para o rio S. Francisco.

Breginho — Fazenda de criar no mun. do Brejo, distr. da cidade.

Breginho— *Logarêjo* — Situado no mun. de Triumpho.

Breginho—*Logarêjo*—Existe um com esse nome no mun. do Bonito.

Breginho da Serra — *Serra* — No mun. de Tacaratú proxima ao logar Breginho de Fóra.

Breginho de Fóra—Pequeno arraial no mun. de Tacaratú.

Brejo — *Cidade* — Séde do mun. e freguezia do mesmo nome, da qual o orago é S. José do Bom Conselho da Madre de Deus.

Historia e origem da denominação — A actual cidade do Brejo da Madre de Deus começou a povoar-se em 1752, quando foi erguida alli, pelos frades da Congregação de S. Felippe Nery, uma capella dedicada a S. José do Bom Conselho. Em 1760 esses frades doaram, para patrimonio da capella, uma legua de terra, a qual comprehendia a área occupada, presentemente, pela mesma cidade. Desenvolvendo-se a povoação, pela provisão do Bispo D. José Joaquim da

Cunha Azeredo Coutinho, de 3 de Agosto de 1799, em observancia da Carta Régia de 11 de Novembro de 1797, foi elevada á categoria de freguezia, sendo provida com a nomeação de seu primeiro vigario Padre Antonio da Costa Pinheiro, e installada em 1 de Novembro do referido anno de 1799. O nome de *Brejo* provém de sua situação em um valle, formado pelas serras do Prata, do Estrago e do Amaro; e o de *Madre de Deus*—do hospicio, sob essa invocação que, na margem do riacho que tomou aquelle nome, fundaram, em 1751 — os referidos padres congregados de S. Felippe Nery. Foi creada villa e comarca em 1833, pelo Conselho do Governo da antiga provincia, em observancia do Codigo do Processo Criminal, sendo installada, em 22 de Outubro do mesmo anno e tendo como seu primeiro Juiz de Direito o Dr. João José Teixeira da Costa. Foi classificada com. de 1.ª entrancia pelos Decrs. n. 687 de 1850 e de n. 5.139 de 13 de Novembro de 1872. Teve os fóros de cidade pela Lei Prov. n. 1.327 de 4 de Fevereiro de 1879. De accordo com a Lei n. 52 do Estado, constituiu-se mun. autonomo, em 20 de Junho de 1893, sendo eleitos para o primeiro governo administrativo municipal os seguintes cidadãos: Prefeito o Barão de Buique, e Sub-prefeito— Constantino Magalhães da Silva. O Brejo da Madre de Deus conta entre seus filhos illustres o capitão de Milicias José Caetano de Medeiros, um dos fervorosos adeptos da revolução de 1817, o qual prestou-lhe assignalados serviços, sendo preso e pronunciado pela Alçada, obtendo liberdade em virtude do perdão de 6 de Fevereiro de 1818; e o conego Francisco Rochael de Brito Medeiros, pernambucano distincto, que foi o primeiro director da Escola Normal deste Estado, e que muitas vezes exerceu o mandato de deputado provincial.

Posição astronomica — Está a 8° 11' 19" de lat. S, e a 6° 49' e 52" de long. orient. do merid. do Rio de Janeiro, sendo a differença de tempo do Rio de 27' 10".

Dimensões—O mun. do Brejo, de N a S tem 70 kilms., e de L á O a extensão de 130 kilms., pouco mais ou menos.

Aspecto physico—O lado do N e L é accidentado, sendo quasi plano e com ligeiras ondulações o terreno da parte S e O. Nas immediações da cidade do Brejo o sólo é muito montanhoso.

Clima e salubridade — O clima da séde do mun., durante o inverno é humido e frio, e pelo verão muito quente. Com excepção da cidade do Brejo, onde os rheumatismos e ataques asthmaticos são frequentes, nos outros pontos a salubridade é boa e o clima muito ameno.

Limites — O mun. do Brejo confina: ao norte com o mun. de Taquaretinga. pelo rio Capibaribe; a leste, com o mun. de Limoeiro, pelo riacho das Eguas, desde sua confluencia no Capibaribe, no logar Bataria, até encontrar os limites de Caruarú com aquelle mun.; ao sul com o mun. de Caruarú pelo riacho Onça e povoados Raiz e Tacaité, e com o mun., de S. Bento, pelo rio Ipojuca; e ao oeste e nordeste com o mun. de Cimbres, pela lagôa da Malhada, serras do Breginho, do Sapato e do Genipapo, sitio Balança, seguindo o rumo dos sitios Pintada, Canhôto e riacho do mesmo nome.

Divisões —O mun. comprehende 3 freguezias: S. José do Brejo da Madre de Deus, N. S. da Conceição do Bello Jardim e S. Antonio de Jacararà, que não tem sido provida de vigario, desde ha muito. Pertence ao 2° districto eleitoral.

POPULAÇÃO — A população total do mun. do Brejo póde ser calculada em 22.000 almas, sendo 13.000 no 1° districto (o da cidade) e 4.000 no 2° (Jacarará), e 5.000 no 3° (Bello Jardim).

TOPOGRAPHIA — A cidade do Brejo da Madre de Deus está situada a 636m de altura sobre o nivel do mar, em terreno parte ladeiroso e parte plano, formando um valle, cercado pelas serras do Amaro, do Estrago e da Prata. Possue a egreja matriz que, fundada primitivamente em 1752 e reconstruida em 1853, sendo ainda augmentada em 1858, foi uma capella filial da antiga freg. da Luz; o templo de N. S. da Conceição, cuja primeira pedra foi sentada em 1852, por Fr. Caetano de Messina; o cemiterio, mandado construir pela provincia, em 1855, e aberto em 1857, tendo a extensão de 55m,0 quadrados e ficando collocado ao norte da cidade 330m,0; a cadeia, bom e espaçoso edificio, construida em 1847; a casa da camara, escolas publicas, agencia do correio, etc. Consta de sete ruas regulares e de uma praça de 100 metros de largo sobre 70 de comprimento, onde tem logar a feira, que é bastante concorrida e abundante, estando ahi tambem collocados os estabelecimentos commerciaes. Em seu perimetro de cidade comprehende o o Brejo umas 250 casas e uns 2.500 habitantes.

POVOADOS — *Bello Jardim* — villa florescente á marg. do riacho Bethury, e a 36 kilms. da séde do mun. *Aldeia Velha* — a 20 kiloms. da séde *Serra do Vento*—á 18 kilms. ao sul. *Mandaçaia*— á 30 kilms. ao norte. *Jatobá* — collocada em terreno alto e secco, proprio para criação, fica á 38 kilms. *Riacho Doce*—a 50 kilms. ao norte. *Couro d'Anta* — á margem do Capibaribe e 95 kilms ao nascente. Em todos estes povoados, com exclusão de *Mandaçaia*, ha feiras.

CAPELLAS—Em *Bello Jardim*, séde de freguezia, ha duas egrejas, uma que serve de matriz, da invoc. de N. S. da Conceição, e outra de N. S. do Bom Conselho, construida em 1881, por Fr. Caetano de Camachio; em *Jacarará*, a de S. Antonio; em *Mandaçaia*, uma sob a protecção de S. Antonio, erigida em 1857; em *Riacho Doce* existe uma votada a N. S. da Conceição, erigida, em 1856; em *Couro d'Anta*, tambem outra, patrocinio da Virgem da Conceição, fundada em 1864; em *Serra do Vento* uma, cujo orago é S. Vicente Ferrer; e em *Jatobá*, finalmente, uma capella da qual é padroeiro S. Antonio, tendo sido edificada em 1869.

OROGRAPHIA— As principaes serras são: a do Estrago, de S. José, do Amaro e da Prata (junto á cidade); a do Vento, ao sul; do Cachorro, no districto de Mandaçaia; do Exú, a Verde, de Itacaimbó, Chambá, do Teixeira, da Navalha, da Ursula, da Costella; as do Ouvidor e da Tapéra, na freg. de Bello Jardim; e a do Jacarará, em cima da qual está assentado o pov. do mesmo nome.

HYDROGRAPHIA — Regam o territorio do mun. os rios Capibaribe, que corre na direcção NO. a E. e o Ipojuca á O. e Evindos, ambos do mun. de Cimbres; e os riachos — Tabocas, Salôbro, Poço, Larangeiras, Bengalas, Carapotós, Madre de Deus, Doce, o Duas Pedras, o Canhôto, o Bethury, o Mazenda e outros. *Lagôas*, —a do Angú, onde nasce o rio Canhoto; a dos Oitis á marg. do rio Ipojuca, a dos Cavallos e a do Cachimbo, no dist. de Bello Jardim.

CURIOSIDADES NATURAES—A chamada serra do *Cachorro* é uma verdadeira curiosidade, por apresentar-se isolada na planicie, despida inteiramente de vegetação, figurando dous hombros entre os quaes sobresae, com muitos metros de altura, um pico de forma ponteaguda. E' absolutamente inaccessivel o seu cume. Desde que se deixa S. Caetano da Raposa, na direcção de Bello Jardim, se avista esta serra, e ainda de muito mais longe. Em sua base existem duas vertentes, sendo uma na parte léste e outra do lado oéste.

COMMERCIO E AGRICULTURA — Tem o

mun., nos diversos povoados feiras, sendo, actualmente, a mais abundante de todas, a de Bello Jardim, concorrendo para cada uma dellas os generos de agricultura local, como milho, feijão, arroz, canna, cereaes e legumes, e os productos importados — fazendas, miudezas, ferragens. No mun. se cultiva ainda o fumo, algodão, etc.

INDUSTRIA — A principal industria é a pastoril, havendo mais de 150 fazendas de criação, entre as quaes figuram: S. Anna Coelhos, Cavallo Russo, Cajazeiras, Monte Serra, Tabocas, Estrago (2), Barra Bithury, Calugy, Socavão, Porfirio, Estivas Bemqueiria, Serra do Vento, Pinto, S. Manuel, S. Pedro, S. João, Guarany, Sempre Viva, Jacuipe, Flôres, S. Amaro e Urubú. Notase ainda a fiação de algodão, em grande numero de teares, a preparação do fumo, o fabrico de rapaduras, etc.

INSTRUCÇÃO PUBLICA E ADIANTAMENTO MORAL — Existem nove escolas publicas no mun. do Brejo; e o adiantamento moral da população é, como geralmente das demais localidades, muito longe do que devera ser.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — A cidade do Brejo se communica com a capital, ou pela Estrada de Ferro Central, por intermedio da estação de Bello Jardim, ou pela Estrada de Ferro do Limoeiro, na estação desse nome; e por caminhos sofriveis,tendo facil ligação,com Vertentes, Taquaretinga, Pesqueira, Caruarú e S. Bento.

DISTANCIAS — A séde do mun. está a 233 kilms. do Recife, 132 da cidade do Limoeiro, 64 de Caruarú, 80 de Pesqueira, 120 de S. Bento, 46 de Taquaretinga e cerca de 40 kilms. dos limites mais proximos da Parahyba.

Brejo — *Engenho* — Situado á marg. meridional da linha ferrea ingleza de S. Francisco, no kilm. 93, entre as estações de Gamelleira e Cuyambuca. Pertence ao mun. de Gamelleira, da séde do qual dista 3 kilms. á leste.

Brejo — Eng. do mun. do Rio Formoso, freg. de Una, com uma capella, cujo orago é S. Felix, fica a 10 kilms. do povoado de S. Gonçalo de Una.

Brejo — Engs. situados com esse nome nos muns. de Jaboatão e de Nazareth, freg. de Lagôa Secca.

Brejo — *Engenho* — Situado no territorio do mun. Gamelleira.

Brejo — *Serra* — Situada no mun. de Tacaratú, á marg. do rio S. Francisco, e perto das serras denominadas — Tacaratú, do Furado e do Brejinho ou da Juliana.

Brejo — *Riacho* — Corre na freg. de Una, mun. do Rio Formoso, e desagua no oceano na barra das Ilhêtas.

Brejo Caldeirão — No mun. de Cimbres, distr. de Alagoinhas, existe um logar assim chamado.

Brejo Cabelleira — *Serra* — Na freg. de N. S. do O' do Altinho, corre na direcção NS., tem seis kilms. de extensão e uns 600^m de altura sobre o nivel da planicie. Não tem mattas e sómente capoeiras, sendo de excellente producção para os diversos cereaes.

Brejo Cachoeira — *Serra* — Fica situada em territorio do mun. e freg. do Altinho, possue grandes pedreiras, algumas capoeiras, e nella cultivam a mandioca, o milho, feijão, etc. Sua direcção é de N. a S., com uns sete kilms. de comprimento, tendo, presumidamente, a altura de uns 500^m sobre o nivel da planicie.

Brejo da Palmeira — Logar ao sul da freg. de S. Caetano da Rapôsa.

Brejo das Flores — Junto á cidade de Garanhuns, na escarpa meridional do planalto, é uma varzea donde se formam, de numerosos olhos d'agua, as vertentes do rio Mandahú. Ahi existe uma fonte perenne e abundante, da qual, principalmente, se abastece toda a população de Garanhuns. Eis o que disse em 1874 o Dr. J. M. da Silva Coutinho: — «Estas fontes são perennes, abundantes e as mais puras que se encontram na

provincia, sendo entre todas afamada a dos Cajueiros, junto á villa de Garanhuns.» (Estud. da E. de F. de Una á Bôa Vista, pag. 14).

Brejo de Fóra—*Engenho*—Na freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, tem uma capella dedicada a S. José. E' tambem conhecido por S. José.

Brejo de João Alves—*Lagôa*—No mun. de Panellas proxima á nascença do rio Panellas.

Brejo de João Alves—Logar no mun. de Panellas ao sudoeste da séde.

Brejo de Santo Antonio—Logar, no mun. de Exú, é formado de fazendas de criar.

Brejo do Boqueirão—Logarejo no mun. de Caruarú.

Brejo do Buraco—*Serra*—Situada na freg. de S. Caetano da Raposa, mun. de Caruarú.

Brejo dos Macacos—*Povoado*—Na freg. do Pôço da Panella, mun. do Recife, dista desta cidade 13 kilms. Proximo desse logar fica a estação da via-ferrea do Limoeiro denominada *Macacos*, que está a 56^{m} de altitude.

Brejo dos Macacos—*Riacho*—Nasce a uns 2 kilms. ao occidente do riacho da Prata, no mun. de S. Lourenço da Matta e, depois de pequeno curso, despeja no rio Camaragybe, que é affl. do Capibaribe.

Brejo dos Padres—*Povoação*—Pertence ao mun. de Tacaratú e fica a 18 kilms. ao norte da villa de Jatobá (séde do mun.); possue uma capellinha, cujo padroeiro é S. Antonio de Lisbôa, e foi ahi a antiga aldeia de indios da tribu Pancurús, hoje extincta.

Brejo do Socavão—*Logarejo*—Situado no mun. de Altinho.

Brejo Grande—*Serra*—Com esta denominação existe uma no mun. de Gravatá.

Brejo Grande—*Riacho*—Banha o mun. de Bom Conselho e derrama no rio Parahyba.

Brejo Novo—Eng. do mun. de Bezerros.

Brejo Novo—Eng. que pertence ao mun. de Gamelleira, de cuja séde está a 12 kilms. á leste.

Brejos—*Lagôa*—Existe uma assim chamada no mun. de Bom Conselho.

Brejo Velho—*Serra*—Situada nos limites das fregs. de S. Caetano da Raposa e do Altinho.

Brejo Velho—*Riacho*—Tem pequeno curso e banha o mun. de Bom Conselho, desaguando no rio Lages, que é affl. do Garanhusinho.

Brigida—*Riacho*—Nasce na serra do Araripe, no mun. do Exú, e, correndo de norte para o sul, banha as villas do Exú, Granito e cidade de Leopoldina, e vai derramar no rio S. Francisco, em territorio do mun. de Cabrobó, entre os logares Tapéra e Orocó. São seus affl. os riachos — Carauzinho, Genipapo, Mundo Novo, Matta-Boi, Mororó, Periquito, Cóva da Pedra, Ingazeira (mun. de Granito), Bodocó, Tabocas, Maniçoba, Madeira (mun. de Exú), Gentio, Jacú, Lopes, Suassuna, Gravatá. Bezerro de Baixo e outros.

Brilhante—*Engenho*—Fica comprehendido no mun. da Escada a 5 kilms. da séde.

Brilhante—Engenho que pertence ao mun. do Cabo.

Brilhante—Eng. do mun. de Nazareth, freguezia de Tracunhãem, fica a 12 kilms. distante da E. F. do Limoeiro.

Brincão—Eng. da freg. de São Vicente do mun. de Timbaúba, á 30 kilms. desta cidade, e a 102 da de Goyanna.

Bringa—Eng. do mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem, a 12 kilms. distante da via-ferrea do Limoeiro

Britos—Logar do mun de Bom Conselho, onde existe uma engenhoca.

Britos—*Riacho*—Corre no mun. de Bom Conselho para o Balsamo, affl. do rio Parahyba.

Brocotó — *Riacho* — Nasce das aguas que correm da Serra da Baixa Verde, mun. de Triumpho e vai encontrar-se na estrada de Brocotó com o riacho da Grota, indo ambos juntos atravessar os sitios Timbaúba, Serrinha e Pará.

Brúm — *Fortaleza* — Está situada ao N. da cidade do Recife, no começo do isthmo de Olinda, em frente á barra grande, cuja entrada defende, bem como a do Mosqueiro e do Pôço, cruzando os seus fogos com o forte do Buraco. Consta de um grande quadrado, com uma longa cortina para o mar, com dous baluartes, e um fosso para o lado do rio Beberibe.

FORTALEZA DO BRUM

Em 1595 existia ahi um forte denominado do Bom Jesus, construido pelos donatarios, não só para defender a entrada do porto e da barra, como tambem a nascente povoação do Recife, emporio do commercio da colonia.

Em 1629 deu começo o governador Mathias de Albuquerque a uma fortificação regular, no mesmo local, sendo incumbido da sua construcção o engenheiro Diogo Paes, por cujo nome ficou conhecido o novo forte, que era todo construido de pedra e ficava a 300 passos geometricos do forte de S. Jorge, hoje substituido pela igreja do Pilar.

Como consta da planta desta fortificação, occupava ella toda a largura do isthmo, entrando mesmo no mar, de um lado, e pelo rio Beberibe do outro, tendo de extensão nesta parte 340 palmos correntes. A entrada, reentrante, com dous bastiões avançados, era pelo lado de Olinda. Além daquelles bastiões tinha mais outros tres, ao sul, em frente ao Recife, a léste, para o mar, e a oeste, sobre o rio Beberibe, dominando o continente e parte da ilha de Antonio Vaz, ou Santo Antonio, e mais quatro baterias, que se prendiam aos mencionados bastiões.

O Instituto Archeologico possue uma bella planta colorida desta fortificação, com todos os detalhes, cópia extrahida, do proprio original, encontrada nos archivos da Hollanda, em que se vê a assignatura do seu autor, o architecto Christovão Soares. Este importante documento tem por titulo: *Planta do Forte Real que manda fazer Mathias de Albuquerque. Para seguransa do porto D pernãobuco, em dezembro De seis centos e vinte nove annos.*

Ainda não estava concluida a fortificação, quando foi ella tomada pelos hollandezes em 1630, os quaes a concluiram depois, ampliando, porem, o plano do architecto Christovão Soares, e dando-lhe

a denominação de *Forte de Bruyne*, em honra a John de Bruyne, presidente do conselho politico de Olinda, nome este que injustamente adoptámos, no dizer de Varnhagem, bem que alterado no de Brum.

Depois de concluida a fortificação, addicionaram os hollandezes a obra que se estendia pelo lado de Olinda, a qual já estava concluida em 31 de março de 1631, segundo uma participação official do general Wandenburch.

Das construcções hollandezas, talvez nella hoje nada mais reste, pelas successivas obras que se tem feito.

Em 1677 já se trabalhava nas obras de reconstrucção desta fortaleza, como se vê de uma carta da Camara de Olinda dirigida ao rei em 23 de maio, correndo a despeza por conta da mesma Camara e povo da capitania, «*e se tinha feito um dispendio consideravel em 500 palmos que tem de frente o dito forte pela parte de leste, e pela do norte 230 palmos, e pela do sul 200 palmos, tendo de altura em todo 35 palmos e de grosso 15 para 16, tudo obra de cantaria lavrada que promette ser uma fortissima praça*. Mas as obras só se concluiram em 1690, no governo de Antonio Gonçalves da Camara Coutinho, como consta de uma pedra que existe sobre o portão, com esta inscripção: *Governo do Almotacel-mor do reino. Anno 1690.*

Foi mandado reparar pela C. R. de 24 de novembro de 1693; mas ao que parece nada se fez, porquanto encontramos que em 1702 « ficou concluida a reedificação da fortaleza do Brum », que em 1703 estava ella *em ultima perfeição*, e que foi reedificada pelo governador Sebastião de Castro e Caldas, por cujo serviço foi louvado pelo rei.

Em 1715 foi assentado todo o lagedo da esplanada.

Em 1654 montava 22 canhões, e 50 em 1745, sendo 36 de bronze, de calibre 3 a 30, e 14 de ferro, de calibre 24 a 48, e mais 3 pedreiras de bronze. Era então commandada por um capitão, que percebia de soldo 192$ annuaes, e mais tres quartas de farinha, por mez; e tinha de guarnição 10 soldados fuzileiros e 2 artilheiros, com um tenente que vencia de soldo 72$ annuaes, e mais 3 quartas de farinha por mez, e um sargento e um condestavel.

A fortaleza do Brum é a melhor e a unica que existe em boas condições de conservação no Estado. Tem todos os commodos necessarios e uma capella dedicada á S. João Baptista, donde vem a designação muito commum em documentos antigos — de fortaleza de S. João Baptista do Brum (P.C.).

Brum — Estação inicial da E. de F. do Recife á Limoeiro e Timbaúba, situada não longe da fortaleza, devendo seu nome á proximidade em que fica da fortaleza do Brum. Abriu-se ao serviço em 26 de outubro de 1881.

Brum — Eng. do mun. do Recife, freguezia da Varzea, entre esta povoação e a do Caxangá, na altura do logar Ambolê, no lado opposto, porém, do rio Capibaribe. Pertenceu antes da invasão hollandeza á Francisco Carneiro de Mariz, sogro de Pedro da Cunha de Andrade, um dos bravos que militaram na lucta hollandeza, e principal tronco da familia Carneiro da Cunha.

Brumzinho — Eng. do mun. do Recife e freg. da Varzea, ao oeste do povoado Caxangá, a NO. do eng. Brum, e do lado meridional da estrada de rodagem que busca o interior do Estado.

Brumzinho — *Riacho* — Nasce nas mattas do eng. do seu nome e, correndo na freg. da Varzea, mun. do Recife, desagua no Capibaribe, junto á ponte da povoação de Caxangá. Na estrada de rodagem do oeste vê-se uma pontesinha de 16 metros de comprimento, sobre o mesmo.

Bruno — *Serra* — No mun. de Tacaratú, ao sudoeste de Jatobá, corre essa serra formando uma cordilheira

com diversos nomes como — Cabembe, Juliana, Breginho, do Furado, Porteirão, Tacaratuzinho e Tacaicó até o logar Cruz, onde o rio Moxotó, que ahi passa, interrompe, continuando depois a cordilheira pelo Estado de Alagôas.

Bu — Eng. do mun. de Goyanna, freg. de Tejucopapo. Foi levantado antes da invasão hollandeza por Francisco de Lugo Brito. *Bu* ou *Obu* é voc. tupy e significa (segundo Martius) — *folha*.

Bu — *Riacho* — Corre no mun. de Goyanna, em terras do eng. do mesmo nome, onde recebe o Itapirema.

Buarque — Logarêjo — Situado no distr. da Barra de Jangada, mun. de Quipapá.

Buenos-Ayres ou Jacú — *Povoação* — Situada na freg. da Vicencia, ao sul do mun. de Nazareth, possue uma capella cujo orago é N. S. do Bom Conselho. Em 1904 ahi existiam 8 tavernas e 2 lojas de fazendas.

Buenos-Ayres — Eng. que pertence ao mun. de Barreiros.

Buique — *Cidade* — Séde do mun. deste nome e da freg. sob a inv. de S. Felix do Buique.

Historico — Em 1752 começou a ser povoada, e então era conhecido o local pelo nome de *Campos do Buique*. Felix Paes de Azevêdo foi seu fundador, edificando uma capella, sob a égide de S. Felix de Cantalice, para cuja egreja constituiu um patrimonio de 1.000 braças de terra. Do facto da erecção dessa capella, o logar, que era simplesmente uma fazenda de criar, foi-se tornando povoado e parece que este cresceu com prosperidade, pois uma provisão do Bispo D. Frei Diogo de Jesus Jardim, do anno de 1792, creou-a freguezia, sendo canonicamente installada em Janeiro de 1793 pelo seu 1° vigario Padre João Lourenço Paes Loulou, e confirmada tal creação pelo Alvará de 11 de Dezembro de 1795. O nome *Buique* é voc. tupy, e significa — *logar de cobras*, de *boy* cobra e *que*, aqui, neste logar (*Martius*). Os naturaes da localidade affirmam-lhe expressão differente; dizem ser uma voz onomatópica — porque os indios que habitaram essa região, servindo-se do osso do corpo humano, chamado *femur*, com este faziam um buzio ou trombêta, cujos sons produzidos, os échos repercutiam: *buique*, *buique*, etc. Foi elevada á categoria de villa pela Lei Prov. n. 337 de 12 de Maio de 1854, com a denominação de Villa Nova do Buique, sendo installada a Camara Municipal em 16 de Abril de 1855. O mun., além da parochia da villa, comprehendia mais a de N. S. da Conceição da Pedra, que a Lei Prov. n. 1.542 de 13 de Maio de 1881 elevou á categoria de mun. Foi com. de 1ª entrancia, creada pela Lei Prov. n. 955 de 12 de Julho de 1870 e classificada pelo Decr. n. 4,661 de 30 de Dezembro do mesmo anno, tendo organisação judiciaria pelo Decr. n. 5.139, e sendo installada, em 4 de Abril de 1871, pelo seu primeiro Juiz de Direito, Dr. João Hircano Alves Maciel. De accordo com a Lei Est. n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se mun. autonomo, em 1 de Abril de 1893, sendo seu primeiro governo municipal o seguinte: Prefeito — Padre João Ignacio de Albuquerque. — Sub-Prefeito Coronel Manoel Camêllo Pessôa Cavalcante. — Concelho Municipal: Capitães José Gomes dos Santos, Joaquim Epiphanio de Mello e Manoel Cursino Villa Nova, Major Antonio Marques de Albuquerque Cavalcante, Antonio Guilhermino Dias Lima, Antonio Pinto d'Amorim Ramos, Galdino Moreira Ramos, Joaquim da Rocha Sampaio, José de Souza Valle e Luiz Monteiro dos Santos. Em 19 de Dezembro de 1874 foi a cidade do Buique invadida pelos revoltosos denominados *Quebra-Kilos*. Foi elevada á categoria de cidade pela Lei n. 659 de 24 de Maio de 1898.

Posição astronomica — Fica a 8° 43'

de lat. aust., e a 6° 2' de long. orient., do Rio de Janeiro.

Extensão do territorio — Tem o mun. de L. á O., da fazenda Panellas, no rio Ypanema, á da Carnaúba, no rio Moxotó—144 klms.; de N. á S., da fazenda *Xilili*, no riacho do Mel, á do Poço, no rio Ypanema — 96 klms.; e de NE. a SO. da nascente do riacho do Baptista ao logar Pedra Pintada, na serra da Marianna—150 kilms.

Aspecto physico — O mun. é cortado por um cordão de serras, na direcção NE. á SO. De E. para O. atravessando-se a bacia do rio Ypanema, n'uma altitude média de uns 500^{m}, é quasi plano o sólo. Na bacia desse rio desenvolve-se a vegetação especial da *catinga*, caracterisada pela abundancia do mandacarú, do chique-chique, da corôa de frade, da favella e ainda pela arvore chamada *catinga*, muito venenosa para o gado, e que dá quasi sempre esse nome á região onde ella existe em grande porção. Ao NO. do Buique ergue-se um massiço montanhoso, em fórma de triangulo, limitado a NO. pelo riacho do Mel, e á L. e ao Sul por dous riachos tributarios, o que corre para o norte do riacho do Mel, e o outro que segue para léste do rio Moxotó. Nesse massiço notam-se as serras do Coqueiro, de S. José, do Catimbáo, do Quiry d'Alho e a parte superior do planalto de Buique.

Clima e salubridade — O clima do Buique é um pouco mais quente que o de Garanhuns. «Os ventos, mais frequentes de léste, estorvados pelo planalto de Garanhuns, chegam amortecidos á serra do Buique e produzem variações, menores de temperatura.» A temperatura observada no Buique tem sido: a maxima 25°. a média 23°, e a minima 21°». A salubridade é geralmente boa, em todos os pontos do mun.

População — Contém o mun. uma população provavel de 12.000 habs. sendo 7.000 no 1° districto e 5.000 no 2°.

Limites — Confina: ao léste com o mun. da Conceição da Pedra; ao nordéste com o de Cimbres; ao norte com o de Alagôa de Baixo; ao oeste com o de Tacaratú; ao sudoeste com o de Paulo Affonso (Estado das Alagôas); e ao sul com o de Aguas Bellas. De S. á N. o mun. divide com o da Conceição da Pedra, pelas aguas do rio Ypanema e riacho do Cordeiro, entre Poço e S. João até o Caboclo, onde encontra a antiga estrada de Garanhuns e Fazenda Panellas, passando pela Esperança (que pertence ao mun. da Conceição da Pedra); de Panellas segue pela estrada que vai á Cajazeiras passando por João da Cruz, na Fazenda Riachãosinho (do mun. da Conceição da Pedra); de Cajazeiras continúa a confinação pela estrada que segue para a Fazenda Barracas, e d'ahi, em linha recta, á serra do Catimbáo, pendentes as aguas para a Conceição da Pedra, até á serra do Pintadinha ou Serra, que dá as aguas para o Salôbro de José do Vaqueiro; desta, tomando a direcção L. chega ao riacho do Baptista, entre as fazendas Fundão e Pôço do Boi; d'ahi, por este riacho (limites com o mun. de Cimbres), segue até sua nascença, e deste ponto ao riacho do Mel, na fazenda Tamboril; pelo riacho do Mel (limites com Alagôa de Baixo) á sua embocadura no rio Moxotó (pertencendo, da fazenda Itapicurú até o rio Moxotó, as casas, de um e outro lado do riacho do Mel, á Alagôa de Baixo, ficando o territorio do Buique a 1 kilm., mais ou menos, distante do mesmo riacho do Mel; da confluencia deste riacho segue a divisão pelo rio Moxotó até o Pôço da Cruz (onde começam os limites com o mun. de Tacaratú); do Pôço da Cruz vai até o logar Caroá, em que o ribeirão Manary desagua no Moxotó (limites com o mun. de Paulo Affonso, Estado de Alagôas); de Caroá proseguem até á serra do Exú, passando pelas fazendas Salgado e Pedra Pintada, serra de D. Josepha, e pelo logar Serrinha, aguas pendentes até a serra do Exú, e da serra do Exú, finalmente

(divisão com o mun. d'Aguas Bellas), vai encontrar o mun. da Conceição da Pedra, ponto de partida, tocando pelos logares Olhos d'Agua de S. Gonçalo, Baião, Minadôr, Sanharó, Capoeiras, Riachão de S. João de Barros e Pôço, no rio Ypanema.

DIVISÃO — O mun. contém uma só parochia e dous districtos administrativos, —o da circumscripção da cidade, e o de Gamelleira.

TOPOGRAPHIA — A cidade do Buique, ao SO. da cidade do Recife, está edificada a 830m acima do nivel do mar, sobre um planalto de terreno arenoso, formado pela chapada da serra de seu nome, á margem da lagôa das Campas, e a oeste da serra do Macaco, correndo-lhe proximo e á léste o rio Ypanema. E' pequeno o povoado, que em seu ambito poderá conter uns 3.000 habs., tem regular edificação, uma feira, semanalmente, possue a egreja matriz, bom e elegante templo, cujo orago é S. Felix de Cantalice, erguido, primitivamente, em 1752, e reconstruido em 1853 por Frei Caetano de Messina; um cemiterio com capella de S. Sebastião, serviços ainda devidos a esse mesmo zeloso missionario; açude, escolas publicas, agencia do correio, etc.

POVOADOS — *Gamelleira* — ao SO. da séde, tem uma capella de N. S. da Conceição; *Santa Clara*— ao oeste, com uma cap. de egual invocação; *Carneiro* — cap. dedicada a N. S. da Penha; *Marianna* — ao sudoeste; *Amaro* a 27 kilms. e os arraiaes — *Mundo Novo*, *Batinga* e *Catimbáo*.

OROGRAPHIA — As principaes serras do mun. são: —a do *Buique*, onde está a cidade, formada por um levantamento granitico; a do *Macaco* a léste della; a dos *Coqueiros*, a de *S. José*, com 950m de altitude, a dos *Tres Irmãos*, a do *Catimbáo*, e a do *Quiry d'Alho*, que podem ser consideradas continuação da de S. José; a da *Andorinha*, notavel por seu pico isolado; a do *Chapêo*, a da *Pintadinha* (entre Buique e a Conçeição da Pedra); a de Exú e a da Marianna, a 125 kilms., e ambas ao sul.

HYDROGRAPHIA — Os principaes rios que lhe regam o sólo são: o *Ypanema*, que corta o mun. de N. á S. passando á leste da cidade do Buique, e o Moxotó ao oeste della; possue ainda os riachos—Mimoso, do Cigano, do Baptista, do Mel, do Cordeiro, que nasce na serra do Papagaio, do Mororó, do Manary (affl. do Moxotó, no logar Caroá), e o riachão de João de Barros. *Lagoas*—a do Puiú, que tem as aguas salôbras, a 40 kilms. ao oeste da cidade, formada pelas aguas das chuvas, que, cahindo na vertente sul da serra do Catimbáo e do Quiry d'Alho, se reunem no riacho que corre parallelo a essas serras; a das Campas, perto da cidade, e a do Teixeira ao sul, na parte dos limites com Aguas Bellas. Na povoação de Gamelleira ha uma fonte thermal.

PRODUCÇÕES — Cultiva-se o algodão, a mandioca, e, em menor escala, milho, feijão, fumo, canna, que se planta nos brejos, e outros generos. Cria-se muito bóde e o gado vaccum, em todo o municipio.

COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA — O commercio consiste na venda dos productos locaes, e na dos importados, expostos nas feiras do mun., e nos estabelecimentos commerciaes, existindo (em Dezembro de 1905) na cidade de Buique — 7 lojas de fazendas, e 4 mercearias, e na pov. de Gamelleira 2 lojas de fazendas e 4 mercearias. — A industria principal é a pastoril: outras, porém, são exercidas, como — a da fiação do algodão, a da fabricação de chapéos de couro, e de palha, a de esteiras e balaios, a de cordas feitas com a fibra do caroá, e ainda a da extracção do sal mineral, a que chamam os habitantes *sal da terra*, sendo elle tão abundante na lagôa do Puiú e outras jazidas, a ponto de não necessitar nenhuma importação desse genero. Essa ultima industria é digna do maior interesse, e desenvolver-se-hia, certamente, de um modo mais

proveitoso, si a zona do mun. do Buique tivesse meios faceis e baratos de transporte. — A agricultura é fraca e localisada, principalmente, na bacia do rio Ypanema e nos brejos, sendo a plantação mais importante—do algodão, cuja exportação se faz por Garanhuns, e depois a plantação do fumo.

Reinos da Natureza — O reino vegetal, como sóe acontecer com a flora sertaneja de nosso Estado, não é rico; entretanto, contém grande abundancia de plantas medicinaes, no tempo de inverno. — O reino animal é copioso de aves, de caças, de reptis e de insectos. — E o reino mineral, bastante rico, possue na serra da Andorinha, sal gemma, carvão de pedra e salitre; na lagôa do Puiú, na época do trasvasamento de suas aguas, muito sal gemma; no Sacco do Brejo uma mina de salitre, e ainda grande quantidade de *grez* impregnado de oxido de ferro vermelho, que esmagado um pedaço de rocha pelos dedos, estes ficam manchados de um bello rôxo, do qual, por meio de lavagens apropriadas, tira-se o *ocre* roxo; o feidspaltho e a mica branca tambem se acham nesse local. Na serra do Buique, formada de granito, este póde fornecer excellentes e bonitas pedras de construcção; e, finalmente, no SE. desta serra ha, em varios logares, jazidas de calcareo que têm sido exploradas para fazer cal.

Instrucção publica — Ha onze escolas no mun., para um e outro sexo, sendo cinco do Estado, e o restante particulares e municipaes, distribuidas pelos seguintes logares — cidade do Buique, Santa Clara, Marianna, Gamelleira, Carneiro, e arraiaes — Mundo Novo, Batinga e Catimbáo.

Vias de communicação e distancias — A cidade de Buique dista do Recife 319 kilms. ao oeste, sendo a viagem feita até á estação de Pesqueira, que fica a 60 kilms. á cavallo, por caminhos sofriveis, ou pela estação de Garanhus a 90 kilms. e da villa da Pedra 45 klmis. por caminho regular.

Bucú — *Serra* — Outros escrevem *Bocú* (vide ; vocab. *tupy*, significa — *longa*, *comprida*. Corre pelos muns. de Cimbres e Conceição da Pedra.

Bué — Logar na freg. de Afogados do mun. do Recife, á marg. da estrada da Victoria.

Bujary — Eng. do mun. de Gamelleira a 18 kilms. ao norte da séde. Voc. tupy, significa, segundo Montoya, —*logar de arvore de canôa, ou que boia.*

Bujary — Eng. do municipio de Goyanna, freg. de N. S. do Rosario, au sul da séde possue uma capella, cuja padroeira é S. Luzia. Foi erguida, primitivamente, antes da invasão hollandeza, por Jeronymo Cavalcante. Foi confiscado e vendido em 1637, pelos invasores Helmich, Fereres (Rev. Inst Archeo. n. 34).

Bujary — *Riacho* — Banha o mun. de Gamelleira, indo derramar suas aguas no rio Serinhãem.

Bulandy — *Lagôa* — Fica collocada no mun. de Bom Conselho.

Bulhões — Eng. que pertence ao mun. de Jaboatão, ao oeste e a 2 kilms. da séde. Gaspar Alves Pugas ficou com uma sorte de terras de 2.400 braças de extensão sobre 600 de largura, na qual tinha levantado um engenho com o nome de *S. João Baptista*, que safrejava em 1575, cuja propriedade vendeu a Pedro Dias da Fonseca, em 1584, e depois este a Bento Luiz de Figueirôa e sua mulher D. Maria Feyo, por escriptura publica, de 4 de Maio de 1593.

Casando-se uma filha de Bento Luiz, de nome D. Maria Feyo, com o fidalgo Antonio de Bulhões, receberam estes em dote o referido engenho S. João Baptista, o qual permanecendo por dilatados annos na posse da familia Bulhões, veio a tomar esta denominação, que ainda hoje conserva. Antonio de Bulhões era um fidalgo portuguez, natural da villa de Vizêu, cavalleiro da ordem de Christo, o que nessa epocha importava uma grande

distincção, e ainda vivia em 1648, porquanto, do primeiro livro de vereações da Camera do Senado de Olinda, como refere o autor da *Nobiliarchia Pernambucana*, constava que em Dezembro daquelle anno fôra elle um dos eleitores para o pelouro (eleição municipal), que se fez em 30 do referido mez. Sua mulher, porém, nascera em Olinda, e de cujo consorcio, entre outros filhos, tiveram a Zacharias de Bulhões, que casou-se com D. Jeronyma da Cunha, filha do coronel Pedro da Cunha de Andrade e sua segunda consorte D. Cosma Fróes, que succedeu a seus paes na propriedade do engenho S. João Baptista. Em meiados do seculo XVII já o engenho não pertencia mais á familia Bulhões, porquanto em 1774 era seu proprietario o capitão Luiz Pereira Vianna, casado com D. Anna Correia de Araujo, que houveram-no por arrematação em hasta publica, em virtude de uma acção promovida contra o capitão-mór Domingos Bezerra Cavalcanti.

Bento Luiz de Figueirôa, o terceiro proprietario do engenho Bulhões, sob o titulo primitivo de S. João Baptista, era natural da cidade do Porto, e sua mulher D. Maria Feyo, era pernambucana, nascida em Olinda; e fallecendo esta no seu engenho, em 12 de novembro de 1609, posteriormente a seu marido, foi sepultada na capella mór da igreja matriz de Santo Amaro de Jaboatão, para cuja construcção doaram elles o terreno preciso e constituiram o seu competente patrimonio canonico. (Dr. Pereira da Costa).

Buracão — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e vai despejar no Genipapo, affl. do Riachão. Derramam nelle os riachos — Paquevira e Batingas.

Buraco — *Serra* — Ao occidente da cidade de Gravatá, divide parte deste mun. com o de Bezerros.

Buraco — *Serra* — Uma das que formam a cordilheira da Borburema, fica entre este Estado e o da Parahyba, correspondendo, no nosso territorio, á região que pertence ao mun. de Bom Jardim.

Buraco — *Serra* — Situada ao norte da cidade de Garanhuns, é um ramo da cordilheira dos Garanhuns, que mais ao norte toma o nome de serra da Palmeira, segue variando de denominação pelo mun. da Pedra, pelo de Cimbres, etc.; e ao oeste — de Jussara, Fójos, Catimbáo, Gigante, etc., ao sul do Cavalheiro e outros.

Buraco — *Fortaleza* — Está situada no isthmo de Olinda, a 2 kilometros do Recife, em bôa posição, porquanto bate a entrada, da Barra Grande, cruzando alguns dos seus fogos com a fortaleza do Brum, que lhe fica proxima, e ao sul. E' de figura irregular, apresentando a fórma geral de um trapezio. O forte do Buraco foi fundado pelos hollandezes no dia 25 de junho de 1631, com o nome de *Madame Bruyn*, em honra da mulher do general Waerdemburgh, denominação esta que só é conhecida pelos documentos hollandezes, porquanto foi sempre nomeada pelo actual, por ficar fronteiro ao logar então chamado *Buraco do Santiago*, hoje Tacaruna. No seculo XVII dava-se-lhe tambem o nome de *Pereril* ou *Perrexil*, e o marquez de Bastos nas suas *Memorias*, menciona-o com o nome de *Forte Madame de Brum*, mas accrescenta, que os portuguezes o chamavam *Perreril*. No inventario do armamento deixado pelos hollandezes em 1654, figura com a denominação de *Forte do Buraco*. Em alguns documentos do seculo XVII encontra-se tambem mencionada com o nome de *Forte de Santo Antonio dos Coqueiros*, porque a este santo era dedicada a sua capella. A construcção actual da fortaleza é do seculo XVIII, como consta da portaria do governador, expedida ao provedor da fazenda real, em 17 de novembro de 1711, ordenando que mandasse pôr em praça a obra da reedificação do forte do Buraco; e ficou, se-

gundo um documento de 1746, com a figura de um quadrado constando de quatro meio baluartes, duas cortinas, e no logar em que se haviam formar as outras duas cortinas tem dous angulos salientes, que formam dous reductos.

Buraco do Gato — Propriedade, no mun. de Ipojuca a oéste e a 7 kilms. de N. S. do O., séde do mun., fica situada entre os engns. Santa Maria, Queluz, Doranguza e Cachoeira.

Buranhãem — Eng. do mun. de Serinhãem a 12 klms. distante da séde, tem uma capella da Virgem da Conceição.

Buranhãem — Eng. do mun. do Cabo com uma capella sob o patrocinio de S. José.

Buraquinho — *Praia* — na ilha de Fernando de Noronha, assim denominada.

Burgos — *Serra* — No mun. de Garanhuns, nella se encontra abundancia de crystaes de rocha e de pedras calcareas, existindo tambem o marmore.

Burity — *Riacho* — que corre no mun. do Brejo da Madre de Deus, indo despejar no rio Ipojuca pela margem esquerda.

Burity — *Logarejo* — No distr. de Catende, mun. de Palmares.

Buscahú — Eng. situado no mun. de Jaboatão.

Butrins — *Logarejo* — Pertence ao mun. de Olinda.

Buxodó — *Riacho* — Nasce na serra de Ororobá e despeja no Frexeiras, depois de pequeno curso.

Buxogodó — *Riacho* — Nasce no sitio Mascarenhas, mun. de Cimbres, e correndo ao sul da povoação deste nome, depois de receber o denominado — Riachinho — despeja no Frexeiras, affl. do rio Ypanema.

C

Cabaças — Fazenda de criar no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Cabaços — *Riacho* — Corre na freguezia de Aguas Bellas para o rio Ypanema.

Cabaços — *Ilha* — No rio de São Francisco com 7 kilms. de extensão, pertence a este Estado.

Cabaços — *Lagôa* — Situada no mun. da Victoria.

Cabanga — Logar do bairro e freg. de S. José, mun. da capital, ao lado oriental da E. F. de S. Francisco. Ahi está o matadouro municipal, em virtude do art. 2º da Lei Prov. n. 1142 de 8 de Junho de 1874. As edificações que lhe ficam nas adjacencias, são, em sua totalidade, de palha.

Cabeça d'Anta — Logar no districto de S. Benedicto, mun. de Quipapá.

Cabeçadas — *Serra* — No mun. do Brejo, freg. de Bello Jardim, fica ao NO. da villa desse nome.

Cabeça de Boi — Logar do mun. de Gravatá. cortado pela serra das Russas.

Cabeça de Cavallo — Logar do mun. de S. Lourenço da Matta, onde nasce o rio Beberibe.

Cabeça de Negro — *Usina* — no mun. de Amaragy. Ahi existe uma capella dedicada a N. S. do Rosario, a qual foi do antigo engenho que teve o nome da actual Usina.

Cabeça de Negro — *Riacho* — Rega os muns. da Escada e Amaragy e, depois de 18 kilms. de curso, desagua no rio Ipojuca.

Cabeça de Negro — *Lagôa* — No mun. de Itambé em terras do eng. Laços.

Cabelleira — *Povoado* —A' leste da cidade do Bonito, a cujo mun. pertence e a 24 kilms. distante, assenta á marg. dir. do rio Serinhãem, possuindo uma capella consagrada á S. Sebastião. Ha nesse logar uma feira, semanalmente, e seus terrenos das adjacencias são inteiramente agricolas.

Cabelleira — *Serra* — Situada no mun. do Altinho ao norte da villa deste nome.

Cabelleira — *Riacho* — Tem as vertentes na serra de seu nome no mun. do Altinho, onde corre e despeja, depois de uma extensão de 18 kilms.

Cabello Amarrado — *Lagoa* — No districto de Alagoinhas, do mun. de Cimbres.

Cabembe — *Serra* — Fica ao sul do mun. de Tacaratú, e com outras fórma um cordão, sob varios nomes, como sejam: da Julianna, Brejinho da Serra, Furado, Porteirão, Tacaratuzinho, Tacaicó, Bruno, etc., sendo interrompida a cordilheira no logar Cruz, pelo rio Moxotó, continuando depois pelo Estado das Alagôas.

Cabo — Municipio e freguezia, cujo orago é S. Antonio, tendo como séde um e outra, a cidade de S. Agostinho do Cabo.

Historia—O povoamento regular da séde do mun. vem de 1618. Antes d'esta epoca cumpunha-se de algumas casas esparsas, edificadas distantes umas das outras. Então, accordaram os habitantes d'essa paragem em ser erigida na mesma, uma capellinha consagrada á S. Antonio, o que levaram a effeito, no referido anno, situando-a no alto da collina, exactamente no sitio em que está a actual matriz, na qual, até ha pouco tempo, se lia aquella data. E, para ficarem perto da missa, que um capellão celebrava aos domingos, e bem assim, para gozarem de outros actos religiosos que necessitassem, muitas pessoas foram construindo casas n'aquelle ponto, alinhadamente, chegando, dentro em pouco, a ser um nucleo de população, bem crescido. Em 1621, por petição, dirigiram-se os moradores da povoação — de S. Antonio, n'esse tempo assim chamada, ao Bispo do Brazil D. Marcos Teixeira, solicitando a creação de uma parochia; e elle, por provisão de 9 de setembro de 1622, deferindo-lhes o requerimento, na mesma provisão nomeou o padre Matheus de Souza Uchôá (que era o capellão) como primeiro vigario da nova freguezia, sendo substituido depois pelo padre Belchior Manoel Garrido. D'aqui se infere não haver exactidão, na informação que a este respeito nos ministra o Rel. do Min. do Imperio, em 1872, dando o Alvará de 19 de setembro de 1777, como o acto da creação. Que antes d'aquelle tempo já o Cabo era freguezia, muitos documentos de fé nos attestam, e alguns nos levam mesmo á certeza de que, quando se deu a invasão hollandeza, já essa freg. existia. Taes documentos a que nós alludimos de preferencia são: — Provisões, Cartas Regias, Alvarás, cópias de certidões de baptismo, extrahidas dos livros da parochia, e manuscriptos originaes que existem recolhidos á Bibliotheca Publica do Estado e a do Instituto Archeologico, além das muitas referencias que a historia patria faz á *freguezia de S. Antonio do Cabo* antes de 1777. De 1636 e 1640 vimos assentos de baptismo que dão o padre Matheus de Souza Uchôa como *vigario da freg. de S. Antonio do Cabo*, e bem assim, de 1645, do mesmo modo attestando ser nesse tempo *vigario da freg. de S. Antonio do Cabo* o padre Belchior Manuel Garrido. Em 1671, em abaixo assignado, os moradores da freg. de S. Antonio do Cabo pedem reparos e que seja augmentada a *matriz de S. Antonio do Cabo*, No anno de 1744 uma provisão nomeia *vigario da freg. de S. Antonio do Cabo* ao padre Joaquim Mendes da Silva; em 1770 uma provisão tambem nomeia *vigario da freg. de S. Antonio do Cabo* ao padre Anto-

nio Arnau Henrique. Em vista de quanto fica dito, acceitamos como a verdadeira epocha da creação da parochia, a dos dados que nos chegaram ás mãos, e atraz já deixamos conhecidos, os quaes procedem do finado vigario do Cabo, padre Luiz José Pereira de Queiroz, encontrados por elle numa memoria em manuscripto, que fazia parte do archivo da irmandade do SS. da mesma matriz. Foi creada villa por alvará de 27 de Julho de 1811 e provisão regia de 15 de Fevereiro de 1812, sendo installada, pelo então ouvidor geral e corregedor da com. do Recife, desembargador da casa de Supplicação, Dr. Clemente Ferreira França, em data de 18 de Junho do mesmo anno. A Lei Prov. n. 86 de Maio, de 1840, erigiu esta villa em com., dando por séde a pov. do Cabo e sendo seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Firmino Pereira Monteiro. Transferida para a povoação de N. S. do O', pela Lei Prov. n. 152 de 30 de Março de 1849, voltou para a primitiva séde, pela de n. 236 de 22 de Maio de 1849. Teve a categoria de cidade pela Lei Prov. n. 1,269, de 9 de Julho de 1877, que mudou-lhe a denominação para *Santo Agostinho do Cabo*. Foi com. de 1.ª entrancia, classificada pelo Decr. n. 687 de 26 de Julho de 1850, e de 2.ª entrancia pelo de n. 5,136 de 13 de Novembro de 1872. Em virtude da Constituição Estadual e da Lei n. 52 de 3 d'Agosto de 1893 (organica dos muns.), constituiu-se mun. autonomo, em 8 de Fevereiro de 1893, tendo sido eleitos para o 1º governo municipal: Prefeito —Dr. Luiz Fernandes de Oliveira, Subprefeito—Capitão Joaquim Francisco de Souza Leão; e vereadores do Conselho Municipal — Tenente-coronel João Chrysostomo de Senna Tapióca, Capitão Guilhermino Joaquim do Rego Barrêtto, José de Moraes Gomes Ferreira, Tenente-coronel João Manuel Carneiro da Cunha e Manuel Fernandes Campos.

Entre os filhos illustres do mun. do Cabo contam-se os seguintes:—Dr. José Antonio de Figueirêdo, professor distincto que foi da Faculdade de Direito, jornalista e um talento brilhante. — Francisco Paes Barrêtto, marquez do Recife, cujo nome se acha ligado á revolução de 1824—Damião Alves, heróe de 6 de Março de 1817 e um dos martyres d'essa revolução.—Felippe Paes Barrêtto, martyr de 1710.—Francisco da Rocha Paes Barrêtto, Antonio do Monte Oliveira, ambos martyres de 1817 e Antonio Bezerra Cavalcante, de 1710.—O Padre Dr. Nicolau Pires Loureiro, formado em canones, que tendo sído Deão da Sé d'Olinda, Vigario Geral e visitador do Bispado, foi em 1710 na causa da nobreza contra os mascates, um dos mais fortes propugnadores da mesma, morrendo como carmelita, em 1 de Maio de 1734.—O Padre Dr. Luiz de Barros Rego, que foi um sacerdote de reconhecida illustração, tendo occupado o cargo de Provisor do Bispado. Os Padres Agostinho de Castro e Domingos Vieira, sacerdotes de grandes virtudes.—O Conde da Bôa Vista, Francisco do Rego Barros, nascido no eng. Trapiche, um pernambucano benemerito, a quem Pernambuco deve reaes serviços. (VID. PERNAMBUCO).—O Dr. Francisco do Rego Barros de Lacerda, que sobretudo se salientou como um agricultor adiantadissimo, prestando á agricultura de sua terra assignalados serviços (VID. S. JOÃO).—E o Dr. Sebastião de Rego Barros de Lacerda, que deixou tradição no Recife, no cargo de juiz do Commercio, pelo seu espirito recto, e inquebrantavel justiça.

POSIÇÃO ASTRONOMICA—Está á 8º 15' lat. merid., e a 8º 7' long. orient. do Rio de Janeiro.

ASPECTO PHYSICO — O terreno, com excepção da parte da costa e proximidades d'esta, é no geral ondulado, argillôso, de massapê, proprio para o cultivo da canna e ainda de grande fertilidade.

CLIMA E SALUBRIDADE—O clima é salutar, não havendo molestias endemicas.

EXTENSÃO DO TERRITORIO. O mun. do Cabo tem cerca de 30 kilms. de E á O, e de N a S uns 24 kilms.

Divisões — Consta de uma só freg. — S. Antonio do Cabo, de dous districtos municipaes, e se comprehende no 3º da divisão eleitoral.

População — A população total do mun. consta de 30.000 habs., comprehendendo a séde uns 6.000.

Limites — Ao N confina com o mun. de Muribeca, pela Barra das Jangadas, Ponte dos Carvalhos e rio Quionge; ao NO com o mun. de Jaboatão, pelas terras dos engenhos Contra-açude, Cajabuçuzinho, Gurjaú de Cima e Gurjaú de Baixo; ao O e S com o mun. da Escada, pelas terras dos engs Noruega, Arandú, Arimunan, S. Manuel e Manassú; ao S com o mun. de Ipojuca, pelo rio Tabatinga e barra de Suape; e a L. com o oceano.

Topographia — A cidade de S. Agostinho do Cabo, séde do mun. do Cabo e da freg. de S. Antonio, fica ao sul da cidade do Recife, á margem direita do rio Pirapama, a 15 m. de altitude em terreno elevado, e é atravessada pela E. de F. do Recife ao S. Francisco, estendendo-se a povoação pela encosta do morro que a contorneia, até o ponto culminante do mesmo. Possue a egreja matriz, primitivamente construida em 1618, augmentada em 1671 e reconstruida em 1876, collocada na parte alta da cidade, em bella posição; a egreja de S. Amaro, concluida em 1822 e em frente á matriz; a do Rosario, pequena capella; a egreja do Livramento, terminada em 1875, por um missionario capuchinho de N. S. da Penha; o cemiterio publico, ao poente e nas immediações da cidade, no alto de um oiteiro, murado, com 102ᵐ de frente e 48ᵐ de fundo, edificado e inaugurado em 1856; o paço municipal, proprio do Estado, reparado em 1854, mal construido e acanhado, funccionando no pavimento terreo a cadeia: estabelecimentos commerciaes e industriaes, escolas publicas de instrucção primaria, bibliotheca do Gremio Litterario, um theatrinho mantido pela sociedade particular — Recreio Dramatico Santo Agostinho — agencia do Correio, officinas e escriptorio da E. de F. do S. Francisco, etc. Continha em 1904, em seu perimetro de cidade, 695 fógos, e em 1905, 56 estabelecimentos commerciaes de varios generos e 1 pharmacia.

Povoados — *Ponte dos Carvalhos*, — a 10 kilms. ao norte distante da séde, situada numa planicie, entre os rios Jaboatão e Pirapama, é de má edificação. *Nazareth*, — á beira-mar e 15 kilms. ao sul, no cabeço do cabo de S. Agostinho, e em posição muito pittoresca; é muito preconisado seu clima pela salubridade. *Paiva*, — no littoral e a 15 kilms. ao S do cabo, é de edificação, no geral, de palha, havendo pequeno numero de casas cobertas de telhas. *Gaibú*, — tambem á borda do mar, a egual distancia da séde; possue melhor edificação, existindo ahi uma fortaleza. E *Suape* — ao S, conhecido por sua barra.

Capellas — A de *N. S. de Nazareth*, situada no cimo do Cabo, foi de um antigo mosteiro da ordem carmelitana, reconstruida em 1876. As de *S. José* e *S. Gonçalo* (arruinada), na povoação de Paiva. A de *N. S. do Bom Conselho*, na povoado Ponte dos Carvalhos, reedificada em 1883 por Fr. Caetano; e a de *Sant'Anna*, nas proximidades d'esse mesmo povoado. Nos engs. existem: a de Massangana — inv. S. Matheus; a de Cajabussú — S. Bento; a de Arariba — dedicada á Jesus Maria e José; a de Buranhãem — consagrada á S. José; a da Ilha — cujo orago tambem é S. José; a do Engenho Novo — padroeiro S. Miguel; a do Jardim — N. S. dos Prazeres; a de S. Ignacio — sob a protecção de S. Ignacio de Loyola; a de S. Braz, sob o patrocinio d'esse Santo; e a do Engenho Velho, da invoc. de S. Antonio, cuja imagem (diz Jaboatão no *Orbe Seraphico*, part. 2ª pag. 462 ediç. do Inst. H. G. Bras.) foi achada em um alto, ao poente do mesmo engenho, suppondo-se então que fôra de algum devoto que, temendo ser atacado pelo gentio,

a trouxe de casa afim de evitar o ataque, não tendo ido ver dita imagem até o instante em que foi encontrada. — Jurissaca — cap. de S. João Baptista, instituida primitivamente em 1626. Algodoaes — cap. S. Francisco. — Rosario, cap. da mesma inv. Utinga, cap. S. Francisco (em ruinas)—Pantorra, cap. N. S. da Paz (antiga)—Mattos, cap. de S. Antonio (antiga)—S. Braz cap. da mesma devoção—Petimbú, cap. de N. S. do Pilar, reedificada em 1880—Trapiche, cap. inv. S. Francisco (antiga). —Bom Jesus, cap. da mesma invocação—Matapagipe, cap. dedicada á N. S. da Boa Esperança—Boa Vista, cap. votada á S. Anna—Garapú, sob a protecção do Espirito Santo—E. o engenho Pimentel, cap. de N. S. da Conceição.

Orographia — O territorio do mun. é accidentado e cheio de morros em diversas direcções, não tendo os mesmos denominação conhecida. Entretanto, mencionaremos a serra do Pavão, na qual existe o tunnel da linha ferrea ingleza do S. Francisco, e a das Cabeçadas, ao poente.

Hydrographia — Os *rios* que banham o mun. são: o *Pirapama*, que corre na direcção SO á E, nascendo no mun. da Victoria e desaguando na Barra das Jangadas; o *Suape*, o *Tatuoca*, o *Merepe*, o *Giqui* e o *Jaboatão*. São affls. do Pirapama no mun. os riachos—Arariba, Cajabussú, Utinga e outros.

Commercio, industria e agricultura — Não ha genero especial de commercio; a principal, senão exclusiva industria, é a do fabrico de assucar, e a principal cultura é a da canna. Ha os seguintes engenhos ou fabricas de assucar, de maiores ou menores proporções: Algodoaes, Arariba de Baixo, Arariba de Cima, Arariba da Pedra, Arassuagy, Bôa Vista, Bom Jesus, Barbalho, Bom Jardim, Bom Tom, Brilhante, Buranhãem, Cedro, Castello, Cajabussú, Cajabussúzinho, Coimbra, Cidade de Pariz, Estivas, Guerra, Garapú, Ilha, Ilha das Cabras, Jurissaca, Jardim, Jussára, Massangana, Mulinóte, Mussuassuzinho, Matapagipe, Mattas, Matto Grosso, Monte, Mundo Novo, Mupam, Engenho Novo, Olinda, Pavão, Pirapama, Pitimbú, Pantorra, Páo Santo, Pimenta, Potosi, Pimentel, Providencia, Ronca, Retiro, Rochas Velhas, Rosario, Santa Fé, Sant'Anna, S. Rosa, S. Amelia, S. João, S. Ignacio, S. Pedro, S. Braz, S. Rita, Sicupema, Serra, Serraria, Setubal, Sacambú, Sebastopól, Siberia, Tabatinga, Tiriry, Trapiche, Tapugy de Baixo, Tapugy de Cima, Universo, Utinga de Cima, Engenho Velho, Villa Real, e as Usinas Maria das Mercês, S. Ignacio e a restillação Barra.

Producções — Além da canna de assucar, produz os cereaes, como o milho, o feijão, a mandioca e outros, sendo muito reduzida, por parte dos agricultores, a plantação daquelles, visto como a cultura especial da zona é a canna de assucar.

Vias de communicação — Os meios de viação no mun., afóra a parte de territorio servida pela estrada de ferro, e pela de rodagem, que vai sómente até ás immediações do eng. Penderama, são em geral os de transporte em animaes, por caminhos difficeis, ás vezes de tractos impossiveis durante a estação invernosa.

Instrucção publica — No mun. existem 9 escolas primarias, e uma sociedade, com bibliotheca, denominada *Gremio Litterario Santo Agostinho*.

Finanças municipaes — O Conselho Municipal orçou as despezas do anno de 1905, em 39:197$000, e a receita em 39:400$000.

Policia municipal — Compõe-se de um alferes commandante e dezeseis praças.

Mineraes — Não ha no mun. conhecida mina alguma; apenas suspeita-se a existencia, em Nazareth, de uma jazida de ferro; mas tanto alli como no engenho Ilha existem ricas pedrei-

ras, e dessas tem sahido as pedras de quasi todo o calçamento da cidade do Recife. Em Nazareth encontram-se fontes de agua mineral.

Curiosidades naturaes — Ao S do Cabo de S. Agostinho, quasi todo formado de terra calcarea, notam-se fendas e depressões no sólo, tão profundas que parecem provenientes de alguma erupção.

Distancias — A cidade de S. Agostinho do Cabo dista do Recife, pela estrada de rodagem, 30 kilms. e pela E. de Ferro 31; do littoral 15, da Escada 30 e de Ipojuca 13.

Cabo — Estação da E. de F. do Recife ao S. Francisco, entre as da Ilha e de Ipojuca, no kilm. 31,511 da estação das Cinco Pontas. Fica ao pé da cidade de S. Agostinho, na parte não ladeirosa, e a 15 metros de altura sobre o nivel do mar.

Caboatan — Logar situado no mun. de Olinda, em Paratibe.

Cabôclo — *Povoação* — Situada ao nordeste da cidade de Petrolina, sobre a cordilheira que separa Pernambuco do Piauhy, pertencente áquelle mun., dista 180 kilms. da séde, possue uma capellinha sob a invocação do Senhor Bom Jesus do Bom Fim, e uma escola mixta. Foi séde da parochia, em virtude da Lei Prov. n. 601 de 13 de Maio de 1864.

Cabôclo—*Serra* — No mun. de Ouricory ao sul da cidade e na direcção dos limites com o da Boa Vista.

Cabôclo — *Serra* — No dist. de S. Antonio do Tará, mun. da Pedra, fica a 5 kilms. ao NO daquella povoação.

Cabôclo—*Engenho*— comprehendido no 1° districto do Brejo.

Cabôclo — *Riacho* — Banha o mun. de Gamelleira e faz barra no rio Serinhãem.

Cabôclos — *Serrota*—Situada no mun. do Brejo e freg. de Bello Jardim, fica a norte da séde parochial.

Cabocó — Logar na freg. do Poço da Panella, mun. do Recife.

Cabo do Campo — Engenhoca da rapadura, no mun. de Aguas Bellas.

Cabo do Campo — Logar do mun. de Aguas Bellas, onde consta haver uma jazida de carvão de pedra.

Caborge — Eng. em territorio do mun. de Bom Conselho.

Caborge—*Monte* — De pouca altura, fica situado no mun. de Bom Conselho e ao pé d'elle está a cidade d'este nome, entre os do — Taboleiro e Calumby.

Caborge — *Riacho* — Nasce do monte de seu nome ao N. do Taboleiro, formado das vertentes — Grotas e Porteira, banha a cidade de Bom Conselho e derrama no rio Parahyba, depois de um curso de 9 kilms. Tem como aflls. — o Cafundó, de Manuel Caetano e o Rosilho. *Caborge* é vocab. ind. e significa (segundo o padre Ruiz Montoya) folhas ruins, inuteis, — corruptela de *caborey*.

Caboz — *Logarejo* — Situada no mun. de Bom Conselho.

Cabras Velhas ou Sapucaia—Eng. comprehendido no territorio do mun. de Jaboatão.

Cabrobó — *Cidade* — Séde da freguezia de N. S. d'Assumpção de Cabrobó, sendo a séde do mun. a cidade de Belém.

Historico — Data seu povoamento do principio do seculo passado, tendo começado por um aldeiamento de indios. Foi creada parochia por acto da meza de Consciencia e Ordens, em 1762, sendo nomeado o 1° vigario pelo bispo Francisco Xavier Aranha, por provisão de 7 de Abril de 1762, o Pe Gonçalo Coelho de Lemos Foi elevada á categoria de villa, pela Lei Prov. n. 345 de 13 de Maio de 1854, e installada em 8 de Novembro do mesmo anno. Foi com. de 1.a entrancia creada pela Lei Prov. n. 520 de 13 de Maio de 1852 e classificada pelos Decrs. ns. 2.966 de 3 de Setembro de 1862 e 5.139 de 13 de Novembro de 1872, tendo como primeiro Juiz de Direito, o dr. Leocadio de Andrade Pessoa. O municipio,

em virtude da Lei Estadual n. 52, constituiu-se autonomo, em 7 de Janeiro de 1893, sendo eleitos para o primeiro governo municipal os cidadãos seguintes: Prefeito, tenente-coronel Jeronymo de Carvalho Trapiá, e sub-prefeito, Antonio Augusto de Souza e Sá, e para o Conselho Municipal — Coronel Fortunato Francisco dos Santos, capitão Domiciano da Silva Souza Araquam, Antonio Gomes de Sá Rodrigues, Manoel Alves de Carvalho, Francisco Joaquim da Paixão. O nome *Cabrobó* é de origem indigena e, segundo *Martius*, significa — arvore ou matto de urubús — de *caa* — arvore ou matto — e *orobó*—urubú. Segundo Braz Rubim, parece antes vir de *capro* negro, escuro, e *boi* cobra, — logar de cobras negras — dando-se a corruptela de *Caproboi* para Cabrobó.

Posição astronomica — Está a 8° 1' e 25" de lat. S. e a 39° 20' e 18" long. occ. de Greenwich, ou a 3° 49' e 20" long. orient. do Rio de Janeiro.

Clima e salubridade — O clima na séde do mun. é quente, humido e pouco salubre pelo inverno, e no periodo das vasantes do rio S. Francisco. Nos outros pontos do mun. é, porém, sadio. A temperatura média observada em Cabrobó, no mez de Janeiro, tem sido de 28°,5.

Divisão — O mun. de Cabrobó, comprehende duas fregs., a—de N. S. d'Assumpção de Cabrobó, e a de N. S. de Belém, até hoje ainda não provida, embora sua creação date de 1885. Compõe-se tambem de dous districtos administrativos.

Aspecto physico — O sólo é quasi no geral plano, principalmente nas proximidades do rio S. Francisco; os terrenos são arenosos, pouco productivos e sujeitos a sêccas periodicas, escapando apenas d'essa calamidade a parte que fica descoberta pelas aguas do São Francisco, nas epocas de vasante, a qual, embora insignificante, dá boa cultura e producções.

População. — Consta a população do mun. de 10.000 habs., pouco mais ou menos, havendo na séde umas 2.500 almas.

Limites — Confina ao N. com o mun. de Villa Bella e com o de Salgueiro, pela serra das Bandeiras, e com o de Leopoldina, pelo riacho dos Cavallos; ao poente com o mun. de Boa Vista, pelo riacho Gequi; ao S. pelo rio São Francisco, que faz a separação de Pernambuco com a Bahia; e á L. com o mun. de Floresta, pelos logares Carapuça até Tucuruba.

Topographia—Belém, cidade em virtude da Lei estadual n. 587 de Maio de 1903, que lhe deu essa categoria e para ahi, da cidade de Cabrobó, transferiu a séde do mun.; está situada á marg. esq. do rio S. Francisco, e quasi na fóz do riacho do Baixio. Possue uma egreja, cuja orago é N. S. da Conceição, tendo sido pela lei provincial n. 1835 de 12 de Outubro de 1885 elevada á categoria de freg., desmembrando-se da de Cabrobó, mas não teve, como se disse, provimento canonico, pelo que continúa sob a jurisdicção da freg. de N. S. da Assumpção de Cabrobó. (Vide *Belém*). Fica a 60 kiloms. ao NE da cidade de Cabrobó

A cidade de *Cabrobó*, séde da freg., está situada á margem esq. do rio São Francisco, em uma bella explanada, fronteira á ilha d'Assumpção, a 357 metros de altitude, em terreno baixo e cercado de alagadiços formados pelas aguas do rio em suas enchentes, rodeando estes completamente a mesma cidade. Possue a egreja matriz, cemiterio, mercado, e açougue, e umas 300 casas mal construidas e antigas, distribuidas pelas suas poucas ruas irregulares.

Povoados — *S. Miguel*, á m. do S. Francisco junto á foz do riacho Terra Nova; —*Assumpção*, na ilha do mesmo nome;—*Ibó*, perto de S. Miguel e a NE da séde. E mais os logarejos —*Sacco*, *Brandões*, *Conceição dos Crioulos* e *Arraial do Boqueirão*.

Orographia — As principaes serras são : a do Algodão,do Maroá, do Orocó, da Extrema, da Raposa e da Ponta da Ilha.

Hydrographia — O mun. é regado por differentes rios, entre os quaes o S. Francisco, o da Brigida, o da Terra Nova e os riachos — Capim Grosso, Fundo,dos Mortos, Matta Cabra, Canna Brava, Quixaba, Pôço da Pedra, Egua Brava, Cigano e Bendó. — *Lagôas*— Mary,Catinga,Encalha Tudo,Peixe e Jurema.—*Cachoeiras*—Do Canta-Gallo,dos Bois Desataca Calção, Maria Preta, Custodio e Zatoque.

Industria, commercio, agricultura e producções — A principal industria do mun. é a criação do gado vaccum, cavallar, cabrum e ovelhum, e o cultivo do algodão, com que commercía com o Estado da Bahia e com a cidade do Recife, capital do Estado; pequena industria de obras de couro ; commercio de pouco movimento ; cultura do milho, arroz, feijão, mandioca, batatas e outros generos.

Nesographia — Pertence-lhe a ilha da Assumpção, situada no rio S. Francisco, e que fica proxima da cidade de Cabrobó.

Barras — As do Giqui, Estreito e Matheus.

Viação — Tem facil communicação fluvial até o porto de Piranhas, em Alagôas, e má, d'ahi até a cidade, não só por terra, como em canôas, pelo rio S. Francisco, devido aos embaraços que causam as diversas cachoeiras que lhe interrompem o curso. A estrada de ferro do Recife ao S. Francisco,segundo o traçado dos *Estudos*, trabalho do Dr. J. M. Silva Coutinho, passará em Cabrobó. A linha ferrea de Jatobá de Tacaratú á Piranhas, nas Alagôas, diminue bastante a demora das viagens.

Distancias — A cidade de Cabrobó dista da capital do Estado 788 kilms., de Salgueiro 63 e do littoral 520.

Cabrunema — Eng. do mun. da Escada, a 10 kilms da séde.

Cabú — Eng. do mun. de Iguarassú. E' vocab. ind e significa — *vespa negra*.

Cabuçú—Eng. situado no mun. do Rio Formoso.

Cabuçú — *Riacho* — Corre no mun. do Rio Formoso. Voc. tupy, sign. — abelha preta — de *cabucê* — abelha, e *u* — preta.

Cacaria — Logar onde o riacho Salgueiro tem sua barra no da Pitombeira.

Caçatuba — *Riacho* — Nasce na lagôa da Extrema, lims. dos muns. de Bezerros e Limoeiro, e correndo por este mun., na direcção SNE, desemboca, pela m. esq. do rio Capibaribe no logar *Barra*, acima de Pôço do Pau, a 6 kilms. do pov. Pedra Tapada, e a 18 da cidade do Limoeiro.

Cachaça — *Riacho* — Corre no mun. de S. Lourenço da Matta, ao norte da séde, para o rio Capibaribe, pela marg. esquerda.

Cachemira — *Serra* — Situada na freg. e mun. de Taquaretinga, a 18 kilms. ao norte da séde, suas aguas pendem, parte para Taquaretinga, e parte para o Estado da Parahyba. Tem a elevação de uns 400 metros acima do nivel do sólo.

Cachimbo — *Lagôa* — Na freg. de Bello Jardim, do mun. do Brejo, é formada pelas aguas do rio Ipojuca, em sua marg. esquerda.

Cachito — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Cachito — *Riacho* — No mun. de Jaboatão, entre as estações deste nome e a de Morenos, é atravessada pela E. de F. C. de Pernambuco (V. caxito).

Cachoeira—*Povoado* — No mun. da Gloria de Goytá.

Cachoeira — Engs. que existem assim denominados, nos muns. da Escada, da Victoria, de Bom Conselho, de Bezerros, de Itambé, de Nazareth, (na freg. da Vicencia), de Serinhãem, de Ipojuca ao oeste e 6 kilms. da séde (N. S. do O') ; e de Barreiros. No mun.

de Gamelleira, ao OE e á 6 kilms. da séde, existe outro eng. com esta denominação. No eng. Cachoeira do mun. de Barreiros, os liberaes revoltosos, em 26 de Novembro de 1849, batem uma força do governo que ahi encontraram. O eng. Cachoeira do mun da Victoria fica a 25 kilms. ao sul da séde.

Cachoeira—*Engenho*—No mun. de Agua Prêta, á marg. dir. do rio Pirangysinho, a uns 10 kilms. ao sudoeste.

Cachoeira— Fazenda de criar na freg. de Bello Jardim,mun. do Brejo, ao poente,e além do povoado S. Quiteria. Ha ainda uma engenhoca no 1° distr. do Brejo da Madre de Deus. No distr. da Serra do Vento ha tambem uma fazenda de criar com o mesmo nome, outra em Mandaçaia, e ainda outra em Jatobá.

Cachoeira— *Riacho*—Nasce no mun. de Cimbres, na serra Ororobá e despeja no Genipapinho, affl. do Ypanema, depois de receber o Maniçoba.

Cachoeira — *Riacho* — Nasce e corre no mun. do Brejo, e se lança no Tabocas, affl. do Capibaribe.

Cachoeira — *Serra* — No mun. de Bom Jardim, ao norte da séde, na linha divisoria deste Estado com o da Parahyba.

Cachoeira — *Serra* — Ao occidente de Petrolina, pertence a este mun.

Cachoeira Alta—Eng. situado no mun. de Barreiros.

Cachoeira Bella—Eng. situado no mun. de Gamelleira á L. e 18 kilms., distante da séde.

Cachoeira d'Anta —Eng. do mun. d'Agua Prêta.

Cachoeira d'Anta— Logarejo no territorio do mun. de Correntes.

Cachoeira da Onça — Logar que pertence ao mun. de Caruarú.

Cachoeira das Pedrinhas —Logarejo á marg. do S. Francisco, entre os denominados Baraúna e Pedrinhas, pertence ao mun. de Petrolina, e fica ao occidente desta cidade.

Cachoeira do Gato— *Logarejo* – Fica situado no territorio do mun. do Bonito.

Cachoeira do Mello— Eng. que pertence ao mun. de Gamelleira.

Cachoeira do Roberto—*Povoado*— No mun. de Petrolina, a 180 kilms. da séde e á marg. do riacho Pontal, tem uma capella cujo orago é N. S. das Dores. Foi séde da freg. do Senhor Bom Jesus da Egreja Nova, pela Lei n. 758 de 5 de julho de 1867, a qual deu-lh'a por matriz a cap. de N. S. das Dores. Depois a Lei n. 921 de 18 de maio de 1870 passou a séde da freg. para a pov. de Petrolina, com essa denominação.

Cachoeira do Sobradinho — Logarejo na freg. de Petrolina, á marg. do rio S. Francisco e ao OE da séde.

Cachoeira dos Patos — *Logarejo* — Pertence ao mun. de Ingazeira.

Cachoeira do Vieira — *Logarejo* — Está situado no mun. de Boa Vista.

Cachoeira Grande — *Povoação* – Com uma capellinha votada á N. S. da Conceição, fica a 18 kilms., ao poente da villa do Altinho, a cujo municipio pertence e a pequena distancia do rio Una.

Cachoeira Grande — *Riacho* — Nasce na cordilheira da Borburema, na parte onde se effectua a divisão das fregs. de Pajeú de Flores e de Piancó (Parahyba), e depois de um curso de 72 kilms., em direcção do N para SO, despeja no rio Pajehú.

Cachoeira Grande — *Cachoeira* – No rio Serinhãem, e no mun. de Gamelleira.

Cachoeira Linda — Eng. que faz parte do mun. de Barreiros.

Cachoeira Lisa—Usina situada no territorio do mun. de Gamelleira., no kil. 93 da linha ferrea do Recife á Palmares, á marg. do rio Amaragy e ao NE da séde.

Cachoeira Nova — No mun. de Serinhãem ha um engenho com essa denominação.

Cachoeira Preta—Fazenda de criar no dist. de Jotabá, mun. do Brejo.

Cachoeira Tapada — *Engenho* — No mun. da Escada a 15 kiloms. da séde.

Cachoeira Tapada — *Serra* Fica situada no mun. da Escada.

Cachoeira Tapada — Existe no mun. da Escada, formada pelo rio Pirapama, uma bella *queda*, á qual lhe dão aquelle nome.

Cachoeira Velha — Eng. do mun. de Serinhãem, hoje pertencente á companhia Agricola Mercantil, tem uma capella sob a protecção do Senhor Bom Jesus. « Em 17 de novembro de 1848 houve ahi um combate entre os revoltosos do partido praieiro e as forças do governo, havendo da parte deste— 2 officiaes feridos, 23 praças mortas e 64 feridas, sendo do lado dos da revolta — feridos 150 e 50 os mortos. (*Chron*. da Rev. Praieira por J. M. F. de Mello).

Cachoeirinha — *Povoação* — Fica á marg. do riacho Gama (que ahi derrama no rio Una), a 36 kilms., á léste da cidade de S. Bento, a cujo mun. pertence, e possue uma boa capella sob a invoc. de Santo Antonio, edificada pela iniciativa do capitão João Barbosa Maciel.

Cachoeirinha—Engs. dos municipios da Victoria a 15 kilms. ao sul da séde do Rio Formoso a NE e a 15 kilms. da séde.

Cachoeirinha — *Serra* — No mun. do Altinho e ao norte da villa.

Cachoeirinha— *Riacho*—Nasce na serra de S. José, no Buique, e corre para o mun. da Pedra, onde derrama no rio Ypanema.

Cachôrro — Povoadinho no municipio do Brejo, proximo á serra que lhe empresta o nome.

Cachôrro— *Serra* — Situada no mun. do Brejo da Madre de Deus, ao sul d'essa cidade, e no distr. de Mandaçaia, entre este povoado e S. Caetano da Raposa; é muito curiosa pela fórma, apresentando formidavel base composta de uma pedra que parece dous hombros, tendo, com muitos metros de elevação, um pico isolado e nú, de figura conica, o qual de muito longe se divisa. E' inaccessivel seu pinaculo. No lado oriental ella é quasi perpendicular, e no occidental o declive é menos levantado. Em sua encosta, lado do nascente e do poente, existem duas fontes.

Cachôrro — *Riacho* — Corre no mun. do Salgueiro para o Terra Nova.

Cachungó— *Riacho* — E' um dos aflls. do rio Ipojuca no mun. de Cimbres.

Caciculé — Eng. do mun. de Nazareth, a 2 kilms. da linha ferrea, possue uma cap. dedicada á Santo Antonio.

Cacimba— *Logarêjo* — No mun. de Ipojuca, a uns 18 kilms. de N. S. do O' (Séde), fica situada á borda do mar.

Cacimba — *Serra* — Situada no mun. de Flores, tem pequena elevação e diz-se haver na mesma bastante cobre.

Cacimba Cercada— *Logarêjo* — Nos limites das fregs. de S. Vicente de Timbaúba e da Barra de Natuba (no Estado da Parahyba a segunda).

Cacimba de Dentro — Logar do mun. de Bom Jardim, onde ha uma fabrica a vapôr para descaroçar algodão.

Cacimba de Pedro — Fazenda de criar no mun. do Brejo, distr. da cidade.

Cacimba de S. Gonçalo — Logar entre os muns. de Limoeiro e Caruarú.

Cacimba dos Negros — Logar do mun. de Aguas Bellas, nas divisas de Pernambuco com Alagôas.

Cacimba Nova—*Riacho*—Nasce no logar Minador, na serra do Ara-

ripe e corre para o mun. de Leopoldina.

Cacimbas — Pequeno povoado, no mun. de Flores, a 35 kilms. á leste da séde, tem uma capella dedicada a N. S. da Conceição.

Cacimbas—*Logarejo*—Fica comprehendido no mun. de Correntes.

Cacimbas — Logar situado no mun. de Bom Conselho.

Cacimbas — Eng. no mun. da Victoria, a 15 kilms. ao norte da séde. Foi um dos seus primeiros donos o Capitão Manoel Barbosa de Barros e sua mulher D. Maria Prudencia Cavalcanti, no principio do seculo XVI, como se vê da *Nobiliarchia Pernambucana* de A. V. B. da Fonseca.

Cacimbinha — Logar no territorio do mun. do Limoeiro.

Cacimbinhas—*Serra.* Fica collocada no mun. de Bezerros.

Caçote—*Logarejo*—Na freg. de Afogados a 4 kilms. distante da séde, e ao sul.

Cacúlo — Eng. comprehendido no mun. da Victoria.

Cadeado — E' uma engenhoca com esse nome no mun. de Canhotinho.

Cadix—Eng. do mun. de Agua-Prêta, cujas terras são banhadas pelo rio Pirangysinho, a 10 kilms. ao SE da séde.

Cáe-ahi—*Riacho*—Nasce no logar Páo Santo, freg. de Surubim e mun. de Bom Jardim, indo depois de 60 kilometros de curso, na direcção NS, desaguar no Capibaribe, pela margem esquerda, no local denominado Muruabeba. Recebe os riachos do Chôro, do Tanque e da Lage.

Caetano—*Lagôa*—No mun. de Bom Conselho.

Cafundó — Logar do mun. de Caruarú, á marg. do rio Ipojuca.

Cafundó—Eng. do distr. de Catende, mun. de Palmares.

Cafundó — *Riacho* — Affl. do rio Pirangy, que o é do Una; corre no mun. de Palmares, distr. de Catende.

Cafundó—*Ribeiro*—Rega o mun. de Bom Conselho e derrama no rio Parahyba do Sul.

Cafundó—*Riacho*—No mun. de Bom Conselho; é affl. do riacho Frexeiras, tribut. do rio Parahyba.

Cafundó — *Riacho* — Tambem banha o mun. de Bom Conselho, desaguando no Baixa Grande, affl. do Frexeiras.

Cafundó do Pinangé —*Riacho* — Affl. do Frexeiras, rega o mun. de Bom Conselho.

Cafúz — *Logarejo* — Situado na freg. de Afogados, mun. do Recife.

Caga-Fôgo — Eng. do mun. de Iguarassú. Ahi, em 23 de Janeiro de 1849, entre os revoltosos praieiros e a força do governo, houve um tiroteio, no qual morreu um official, da parte do governo. Hoje este engenho se denomina *Araripe de Baixo.*

Cahetê — Engs. dos muns. de Goyanna, de Amaragy e de Ipojuca, onde no ultimo ha uma capella da invoc. de N. S. da Conceição ficando a 7 kilms. ao sul de N. S. do O'. Existe ainda outro de igual nome no mun. de Iguarassú ao sul da séde e a 20 kilms., entre a usina *Timbó* e o eng. *Desterro.* E' voc. indig. significando, segundo Montoya — *monte verdadeiro de páos grossos*, e, conforme Saint Hilaire — *montanha coberta de grossas arvores.*

Caianna — Logarêjo do mun. de Bezerros.

Caiapé — Eng. do mun. de Iguarassú — Voc. indig. significa — Caminho queimado.

Caiará — Eng. do mun. de S. Lourenço da Matta, a 5 kilms. ao NO da séde e entre os engs. Quissanga e Roncador, perto da linha ferrea do Limoeiro, e a 3 kilms. da estação de Tiúma. *Caiará*, voc. indig., significa — queimado pela luz — de *cai* — queimar, e *ará* — luz, dia.

Caiará — *Riacho* — Nasce das terras do eng. do mesmo nome, corre no mun. de S. Lourenço da Matta para

o rio Capibaribe, e sobre elle na estrada de rodagem no kilm. 23k 630, ha uma pontesinha de 9 m. 10 de comprimento.

Caiçara — Arraial no territorio do mun. de Floresta.

Caiçara — *Povoação* — No mun. da Victoria ao NO da séde e a 3 kilms., possue umas 40 casas e uma população de umas 200 pessoas. Existe ahi uma capellinha dedicada á N. S. do Rosario. *Caiçara* é voc. indig. e significa — o que se faz de páo queimado — *de cai* queimado e a desinencia *ara* — que faz ou que tem anteposto c por euphonia (J. de Alencar — *Iracema*) *trincheira*, *arraial* (G. Dias, Dicc.)

Caiçara — *Povoado* — Fica no municipio de Granito ao N desta villa. E' pequeno e sem importancia.

Caiçara — Eng. situado no mun. da Agua Prêta.

Caiçara — *Riacho* — Banha o municipio de Bom Conselho e derrama no Riachão.

Caiçara — *Riacho* — Tem suas vertentes e curso no mun. de Panellas, desaguando no rio deste nome, affl. do Pirangy.

Caiçara — *Lagoa* — Banha o mun. da Victoria. Ahi existem tres pedras de configuração muito curiosa, onde veem-se inscripções indecifraveis, não se sabendo até hoje a quem attribuil-as.

Caiçara — *Serra* — No mun. de Petrolina, estende-se ao longo do riacho Pontal.

Caiçara dos Orphãos — *Povoadinho* — No mun. de Floresta, comprehendido no 2º districto administrativo e judicial.

Caiçarinha — Logar pertencente ao mun. de Villa Bella.

Caiongo — Logar situado na freg. de Muribeca, mun. de Jaboatão.

Caiongo — *Serrota* — Está comprehendida no mun. de Muribeca, mun. de Jaboatão.

Caïpe — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres, onde derrama no rio Ipojuca.

Caipora — Logarejo em territorio do mun. de Gravatá.

Caipora — Eng. do mun. da Escada, a seis kiloms. distante da séde.

Caipora — *Riacho* — Nasce perto de Queimadas, no mun. de Ouricory, e, depois de 60 kilms. de curso, despeja no rio da Graça.

Caixão do Una — Ancoradouro no mun. de Barreiros, na enseada formada pelas pontas do Gravatá e das Ilhetas; tem 3 a 4 metros d'agua.

Cajá — *Povoadinho* — Distante 1 kilm. da cidade da Victoria, pertence ao mun. deste nome.

Cajá — Eng. do mun. de Nazareth, freg. de Lagoa Secca.

Cajá — *Logarejo* — Pertence ao mun. de Taquaretinga. No do Brejo, distr. de Mandaçaia, ha tambem uma engenhoca deste nome.

Cajá — *Engenho* — Situado na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, a 10 kilms. ao norte da séde parochial.

Cajá — *Riacho* — Corre no mun. da Victoria para o riacho Tapacorá, affl. do Capibaribe.

Cajá — *Riacho* — Rega o mun. de Flores e desagua no rio Pajehú.

Cajabuzinho — *Engenho* — No mun. do Cabo.

Cajabussú — Eng. do mun. do Cabo, onde existe uma capella consagrada á S. Antonio.

Cajabussú — *Riacho* — Nasce no mun. do Cabo, onde corre, indo desaguar no rio Pirapama, pela marg. septentrional.

Cajazeira — Logarejo na freg. de S. Caetano da Raposa, do mun. de Caruarú.

Cajazeiras — Logar do mun. de Garanhuns, onde ha uma fazenda de café muito prospera, possuindo mais de 20 000 cafeeiros.

Cajazeiras — *Logarejo* — Pertence ao territorio do mun. de Páo d'Alho.

Cajazeiras — *Engenhoca* — Situada no 1° dist. do Brejo da Madre de Deus.

Cajú — Eng. que faz parte do mun. de Taquaretinga.

Cajual — *Serra* — No mun. de Agua Preta, ao NO desta cidade e a uma milha de distancia do engenho *Camorim*, é sulfurosa e torna-se notavel por certos phenomenos que parecem indicar possibilidade para alguma erupção vulcanica, sendo elles objectos de uma infinidade de lendas creadas pelo povo para dar explicação aos mesmos phenomenos. E' abundante de cajueiros e dahi se lhe origina o nome.

Cajueiro — *Povoação* — Marginal á estrada de rodagem do norte do Estado, entre Iguarassú e Goyanna, ao SE, e a seis kiloms. distante desta cidade, pertence ao mun. deste ultimo nome; não possue capella e sua edificação, na totalidade má, poderá comprehender umas 50 casas.

Cajueiro — Logar na freg. da Boa Vista, mun. da Capital, e ao lado meridional da estrada de Magdalena, divisas com as fregs. da Graça e Afogados. Fica ahi o Hospital Portuguez de Beneficencia, fundado em 1855, cujo padroeiro é S. João de Deus, festejado pela instituição, no dia 21 de setembro.

Cajueiro — Eng. do mun de Páo d'Alho, tem uma capella sob a invocação de N. S. das Dores.

Cajueiro — *Logarejo* — Situado na freg. da Luz, mun. de S. Lourenço.

Cajueiro — *Logarejo* — Pertence ao territorio do mun. de Altinho.

Cajueiro — *Riacho* — Nasce nas mattas do eng. Camilla, mun. de Páo d'Alho, e vae derramar no Capibaribe, pela margem direita.

Cajueiro Escuro — Engs. dos muns. de Páo d'Alho e de S. Lourenço da Matta, na parte da freg. de N. S. da Luz.

Cajueiro Vermelho—*Riacho* — Nasce de uns olhos d'agua no eng. Meirim, mun. de Itambé, e, depois de um curso de tres kilms., despeja em Dous Páos.

Calafate — *Riacho* — Corre no mun. da Escada e derrama no rio Ipojuca.

Calçado — *Povoação* — No mun. de Canhotinho ao N. da cidade deste nome, á marg. do riacho Chata, tem uma capella consagrada á N. S. da Conceição. Em 1905 tinha seis casas commerciaes, duas bolandeiras, e possue uma vez por semana uma feira. Na parte ecclesiastica pertence á freg. do Senhor Bom Jesus dos Afflictos de S. Bento, e dista deste logar 45 kilometros.

Caldeirão — Logarejo situado no mun. da Boa Vista.

Caldeirão—*Logarêjo*— No mun. de Floresta, a 5 kilms. do riacho Navio, alli, em uma pedra lisa e redonda, segundo affirmam, existe um lettreiro gravado, de traducção desconhecida, sendo ignorado tambem seu autor.

Caldeirão de Baixo—Logar em territorio do mun. de Bom Conselho.

Caldeirão dos Barros—*Logarêjo* — Fica situado no mun. de Triumpho.

Caldeirão Grande—*Serra*— No mun. da Villa Bella, fica a 18 kilometros ao sul da séde.

Caldeireiro — *Povoação* — Na freg. do Poço da Panella, mun. da Capital, é um arrabalde muito aprazivel, de bôa casaria e magnificos sitios, bastante crescido, logar ameno, saudavel e ligado á cidade do Recife pela E. F. do Recife a Dous Irmãos e Varzea, a qual expede trens de hora em hora, havendo alli uma estação no kilm. 7,085^{m}, da inicial da rua do Sol. O povoado estende-se sobre terreno plano, e fica entre os do Monteiro, Pôço e Casa Forte.

Caldeirões—*Riacho* — Corre no mun. do Bom Conselho, sendo affl. do Prata, que o é do Riachão.

Calháos—Assim se denominam duas pedras, d'entre outras dispersas, que limitam os baixos d'Olinda, pelo lado oriental, uma mais secca e bastante notavel, cerca de 530^{m} ao SE da barrêta do rio Tapado ; e outra, mais ao O, como aquella tambem perigosa, ficando no meio do canal entre a de fóra e os Tabayacús da terra.

California — Engs. dos muns. de Bom Jardim e Ipojuca. O eng. California de Ipojuca está a 7 kilms. ao NO de N. S. do O.

Caluanda — Eng. da freg. da Luz, mun. de S. Lourenço, á margem do riacho Tapacurá, e a 12 kilms. a Oeste da séde.

Calugy—Eng. situado no mun. de Goyanna.

Calugy — Eng. no 1° distr. do Brejo da Madre de Deus.

Calumby —*Logarêjo* — Fica situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Calumby— *Monte* — De pequena elevação e pouca extensão, junto do qual e o do Taboleiro fica situada a cidade do Bom Conselho.

Camaleões—Eng. do mun. de Nazareth. Em 1859 ahi foram encontrados diversos vasos e igaçabas indianas.

Camará — Eng. em territorio do mun. de Itambé.

Camarão — Engs. dos muns. d'Agua Preta e Jaboatão, e de Nazareth, freg. de Lagôa Secca.

Camaragybe — Eng. do mun. de S. Lourenço da Matta á marg. merid. da E F. do Limoeiro. *Camaragibe* é voc. indig., significa — *terra de Camarás*—de *Camará*, planta (*Lantana brasiliensis*) e *ybe*, terra. A 16 de Junho de 1645 João Fernandes Vieira, com 130 soldados, acampou nesse eng. mudando depois o arraial para a matta do Borralho.

Camaragybe — *Engenho*— No mun. de Serinhãem, foi fundado antes da invasão hollandeza e sob a invocação de S. Antonio, por Francisco Rodrigues Porto. Tem capella d'aquella inv. e fica a 12 kilms. distante da séde. Em 13 de janeiro de 1849 ahi são batidos os liberaes revoltosos.

Camaragybe — Estação da via ferrea do Recife á Limoeiro e Timbaúba, no kilm. 18,376^{m} da inicial do Brum, (Recife), foi aberta ao serviço em 26 de Outubro de 1881. Fica entre as de Macacos e S. Lourenço, e tem o local a altitude de 43,^{m}0.

Camaragybe — Villa operaria, fundada entre os annos de 1891 a 1895, pelo engenheiro Dr. Carlos Alberto de Menezes (fallecido em 1904) no mun. de S. Lourenço da Matta. Perto da estação de seu nome, na linha ferrea do Limoeiro, entre esta e a de Macacos, nella existe uma bem montada fabrica de tecidos, e a villa operaria, que tem capella, e poderá conter umas 50 casas, pouco mais ou menos. E' provavel que, de futuro não distante, a empreza da Great Western nesse logar, estabeleça uma estação. E' de muita prosperidade a fabrica, e a povoação, por isso mesmo vae crescendo.

Camaragybe — *Riacho*—Nasce na matta do Bezouro, terras do eng. de seu nome, no mun. de S. Lourenço, e, após um curso tortuoso de 15 kilms., lança-se no Capibaribe, pela marg. esq., entre o logar Zonguê e a povoação de Apipucos. Recebe em seu curso os riachos—Macacos, da Prata, Tabatinga, de Cima, do Meio e do S. Braz, ao norte ; e Tacabarú, das Pedras, Coronel, Una e Agua da Materia, ao sul.

Camaragybe—*Riacho* — Nasce em terras do eng. Aripibú. mun. de Amaragy, e, correndo para o sul banha as terras dos engs. Cocúla, Brejo, Pacas, Frexeiras. Quibeba e Camaragybe, onde despeja no rio Serinhãem, pela marg. esq., no mun. deste nome e 11 kilms. distante da cidade.

Camarasinho — Eng. em territorio do mun. de Goyanna.

Camaratuba — *Serra* — Ao NE da cidade do Bonito, em territorio deste

mun.., tem uma área de 2,400^{m} e a elevação de 800^{m} de altitude. *Camaratuba*, voc. indig., significa—abundante de *Camarás* — de *Camará*, planta e *tuba*, frequencia, abundancia.

Camaratuba — *Serra* — Nos limites de Bebedouro com o dist. do Altinho, mun. deste nome.

Camaratuba—*Serra*—No mun. de Correntes, limites com o de Garanhuns.

Camaratuba — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e desagua no Prata, affl. do Riachão.

Camarazal — Eng. no territorio do mun. da Gloria de Goitá.

Camarim — *Riacho* — Banha o mun. da Gloria de Goitá, onde corre para o riacho Goitá.

Camassary—Engs. nos muns. de Jaboatão, da Escada e do Rio Formôso. O eng. Camassary de Jaboatão foi fundado antes da invasão hollandeza; tem uma capella dedicada a Sant'Anna.

Cambão Tôrto — Vide — AMARAGY.

Cambôa — Pequeno povoado no mun. de Páo d'Alho, com uma capella de S. Pedro. Possue uma escola de instrucção primaria.

Cambôa—Logar da ilha de Itamaracá, assim denominado.

Cambôa — Assim é conhecido, no mun. de Ipojuca, um logarêjo n'um dos braços do rio Soape, a 6 kilms. ao NE do pontal do Cúpe. *Cambôa* — Segundo Ayres do Cazal é o logar á beira com porta por onde entra peixe com a maré enchente e fica em secco na vasante.

Cambôa do Ariquindá — A' margem meridional do rio Formôso e a uma milha de sua foz.

Cambôa do Passo — Fica na marg. septentrional do rio Formôso e a 3 kilms. da foz do mesmo.

Camboinha — Eng. situado no mun. de Serinhãem.

Camelião do Norte — Eng. pertencente ao mun. de Agua Prêta.

Cameliāo do Sul—Outro eng. no mesmo mun. de Agua Prêta.

Cameleões—*Engenho*—Na freg. de Lagôa Secca, mun. de Nazareth, possue uma capella sob a invocação de Santo Antonio.

Camélla—*Povoação*—Situada a 27 kilms. distante da villa de Ipojuca, nada tem de notavel. Possue uma capella dedicada á N. S. da Conceição.

Camêlla—Eng. do mun. de Ipojuca, em cujas terras fica o pavoadinho anteriormente mencionado. Foi fundado antes da invasão hollandeza, por Jeronymo Atayde, casado com D. Catharina Camêlla, que ficando viuva o engenho passou a ser conhecido pelo seu sobrenome.

Camevou— *Povoado* — No mun. do Bonito ao S. fica situado e á marg. do riacho do mesmo nome. Tem uma capella cujo orago é S. José.

Camevou — Eng. em territorio do mun. de Palmares.

Camevou — *Riacho* — Nasce no sitio do Urá, terras do eng. Moscow, mun. do Bonito, banha o povoado *Bem-te-vi*, terrenos dos engenhos Nettos, Levas, Liberdade, Camevousinho, Camevou, onde despeja no rio Una, sendo seu curso de 20 klms. approximadamente.

Camevousinho—Eng. que pertence ao mun. do Bonito.

Camevousinho — *Riacho*—Banha o mun. do Bonito e corre para o rio Serinhãem.

Camilla — Eng. situado no mun. de Pau d'Alho.

Camilla — *Riacho* — Nasce nas terras do eng. deste nome e com um curso de 4 a 6 klms. despeja no Capibaribe.

Caminho Novo — Designação de uma das estações da E. F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, pela situação da mesma, no logar de igual nome, freg. da Boa Vista. Fica a 1.745^{m} da estação inicial da rua do Sol, freg. de Santo Antonio do Recife.

Camocim — *Povoado* —No mun. de Bezerros, tem uma capella dedicada a S. Felix de Cantalice e um cemiterio. E' logar florescente, com uma feira, semanalmente, e, em 1905, possuia em seu ambito umas 100 casas, 6 estabelecimentos commerciaes. *Camocim* é voc. indig., derivado, segundo Martius, de *caa*, pau, e *mocine*, polir, significando — pau lavrado; segundo J. d'Alencar (*Iracema*, pag. 171), é corruptela de *co* buraco, *ambyra*, defuncto, e *anhotim*, enterrar; segundo B. Rodrigues, vem do nome *Camotim* pote, mudando o *t* em *c*, por euphonia.

Camocim—Eng. que está situado no mun. de Barreiros.

Camorim — Eng. do mun. de S. Lourenço da Matta, á margem da linha ferrea do Limoeiro, no klm. 93, distando 8 klms. ao NO da séde, entre as estações Tiuma e Santa Rita. Foi fundado em 1660, pouco mais ou menos, por João de Hollanda Cavalcante, casado com D. Bernarda de Albuquerque. Em 1726 o capitão-mór Francisco do Rego Barros fez ahi erguer uma capella de invocação de Santo Antonio. No mun. de Goyanna existe outro eng. com esse mesmo nome; e ha ainda outro no mun. de Agua Preta.

Camorim — *Riacho*. - Nasce nas mattas do eng. do seu nome e depois de pequeno curso derrama no Capibaribe, atravessando a linha ferrea do Limoeiro no mun. de S. Lourenço.

Camorim — *Riacho* — Banha o mun. de Goyanna e corre para o rio Tracunhãem.

Camorim Grande — Eng. do mun. de Agua Preta. Em 12 de Janeiro de 1849, os liberaes em numero de 400, ao mando de Caetano Alves, atacam esse engenho e se apoderam do mesmo.

Camorimsinho — Eng. situado no mesmo mun. de Agua Preta.

Campanha — Eng. do mun. de Gamelleira, a 21 klms., a L da séde.

Campas — *Lagôa* — Situada junto á cidade do Buique.

Campestre — Eng. do mun. da Escada. a 12 klms. dist. desta cidade.

Campina — Engs. dos muns. de Nazareth, Palmares e Iguarassú. O eng. Campina de Palmares fica a 15 klms. ao SO da séde.

Campina — Corrego affl. do rio Araripe, no mun. de Iguarassú.

Campina — *Logarejo* — No territorio do mun. da Gloria do Goytá.

Campina do Taborda — Logar historico onde foram assignados os artigos da capitulação hollandeza, em 26 de Janeiro de 1654, cuja situação, segundo as *Memorias* do Marquez de Bastos e outros historiadores, fôra no espaço actualmente comprehendido na freguezia de S. José da cidade do Recife, —pela rua Marcilio Dias, largo do Mercado, rua S. José de Riba-Mar e outras, que ficam em frente e ao norte da fortaleza das Cinco Pontas. Inteiramente sitiados e batidos no Recife os hollandezes, a 23 deliberaram capitular; e, pedindo suspensão de armas, afim de mandarem ao nosso campo um parlamentario tratar do assumpto, no dia seguinte começam as conferencias, na *Campina do Taborda*, entre os commissarios, — da nossa parte—o auditor Francisco Alvares Moreira, o capitão secretario do exercito Manoel Gonçalves Corrêa e o capitão reformado Affonso d'Albuquerque; e por parte dos hollandezes—o conselheiro Gilberto de With, o presidente dos Escabinos e director das barcas *pichelingues* do porto, Huybrecht Brest e o capitão Van Loo; reuniram-se a estes, para tratarem dos assumptos de milicia, pelo lado dos pernambucanos André Vidal, e pelo dos hollandezes Van de Wall. Reunidas as duas commissões, os hollandezes propuzeram que a capitulação fosse decidida pelos respectivos governos na Europa; e não concordando os nossos com a proposta, foi afinal a mesma assignada e ratificada, em a noite de 26, contendo 28 artigos, nos quaes se convencionava «o esquecimento do passado e a segu-

rança da propriedade aos vencidos, se lhes dando a faculdade de poderem demorar até tres mezes, para a liquidação de seus interesses, findos os quaes podiam dar a incumbencia a procuradores de vender o restante: além disso os vencedores ficavam obrigados a ceder aos vencidos todas as provisões de bocca existentes nos armazens, e a dar-lhes conducção para a Europa, cabendo, pelo lado dos vencidos, a entrega completa de todas as praças, artilheria e petrechos bellicos». A denominação Taborda tem origem de haver alli morado, ao tempo da invasão hollandeza, um pescador por nome Manoel Taborda, cuja habitação foi tomada pelos invasores em 1631, para ser levantada a fortaleza Frederico Henriques, que os pernambucanos chamavam *Cinco Pontas* porque continha cinco baluartes.

Campina Grande — Eng. do mun. de Agua Preta, a uns 20 klms. da séde pelos caminhos mais curtos e ao sul.

Campina Nova — Eng. situado no mun. de Agua Preta.

Campina Nova — *Logarêjo* — No mun. da Victoria.

Campinas — *Engenho* — No mun. de Iguarassú e situado ao O da séde, foi fundado, antes do dominio hollandez, por Francisco Quaresma d'Abrêo, que foi remettido de Pernambuco para a Hollanda. Naquelle tempo derribado e queimado o engenho, confiscaram-lhe seus bens os dominadores.

Campina Verde — *Logarêjo* — No mun. de Nazareth, freg. da Vicencia.

Campinhos — *Logarêjo* — No mun. de Tacaratú.

Campinhos — *Riacho* — No mun. de Tacaratú, desagua na marg. esq. do rio S. Francisco. Proximo lhe fica o serróte de seu nome.

Campo Alegre — *Povoação* — No mun. de Correntes, a 18 kilms. da villa, está edificada em terreno alto e possue uma capella de N. S. da Conceição. Origina-se a denominação da posição do povoado em campo vasto e de perspectiva risonha.

Campo Alegre — *Povoação* — Na freg. da Graça do mun. do Recife, perto da linha ferrea de Olinda, fica junto ao logar Campo Grande, em que ha uma estação daquella ferro-via, e possue mais de 100 casas, de construcção sem elegancia e de pouco custo, indicativo da pobreza da população, que o é na verdade.

Campo Alegre — Engs. dos muns. de Itambé e Victoria. O ultimo fica á 5 kilms. distante da cidade da Victoria, existindo outro a igual distancia com o nome de Campo Alegre do Sul.

Campo Alegre — *Logarêjo* — Situado no mun. de Bom Conselho.

Campo da Honra — Na freg. de S. Antonio, mun. da capital, assim denominou-se em 1817 a actual—Praça da Republica.

Campo das Princezas — E' a mesma *Praça da Republica*, de que pouco antes se tratou. Seu primitivo nome foi —Campo de Palacio Velho— referindo-se ao primeiro palacio alli edificado outr'ora, pelo celebre principe de Orange, Conde Mauricio de Nassau. Depois denominou-se — Campo do Erario — porque sobre as ruinas daquelle, no tempo do governador Manuel da Cunha Menezes (1774 a 1788), por este foi mandado construir o antigo erario. Campo da Honra, pelos patriotas de 1817, por terem para alli marchado Domingos Theotonio Jorge e Pedro da Silva Pedrôso, com a força de linha de que dispunham, afim de desalojar o marechal José Roberto que, nesse logar, estava com os milicianos, guardando o erario, sendo o intento conseguido sem derramamento algum de sangue. N'essa época ainda se chamou *Campo do Patriotismo*; e, posteriormente, emfim, d'ahi até hoje, teve ainda os nomes de Largo de Palacio, Campo das Princezas e hoje Praça da Republica. Nesse campo foram exe-

cutados os patriotas de 1817. O nome de *Campo da Honra*, diz o fallecido archeólogo pernambucano, major José Domingues Codeceira, em seu trabalho a *Idéa Republicana no Brazil*—não deveria, em tempo algum, ser substituido, desde a proclamação da independencia do Brazil, e a sel-o, unicamente pelo de —Campo dos Martyres da Liberdade.

Além do palacio do governo do Estado, reconstruido em 1841, pelo presidente Barão da Bôa Vista, Francisco do Rego Barros (mais tarde Conde), n'esta praça acham-se : — o theatro de Santa Isabel, primeiro do Brazil em elegancia, que, inaugurado, primitivamente em 18 de maio de 1850, incendiou-se em 19 de setembro de 1869, e, reconstruido, reabriu-se em 16 de dezembro de 1876; a Bibliotheca Publica, creada pela lei Provincial n. 293 de 5 de maio de 1852, em virtude do projecto de que foi autor o deputado Dr. Joaquim Pires Machado Portella; a Municipalidade, o Senado e o Thesouro do Estado, cujo edificio foi inaugurado em 6 de março de 1896.

O centro do largo é occupado por um jardim entregue ao publico em 19 de outubro de 1872. A estrada de ferro do Recife á Varzea e Dous Irmãos, tem ahi sua primeira estação, a 200 metros distante da da rua do Sol.

Campo do Erario — (Vide *Campo da Honra* e *Campo das Princezas*). Ahi, em 21 de março de 1817, depois de solemne *Te-Deum*, na matriz de S. Antonio, em acção de graças, pelo feliz exito da revolução e benção das novas bandeiras, fez-se, n'um pavilhão provisorio, tendo no centro um altar voltado para o oriente, a entrega das mesmas, formando toda a tropa, e pronunciando, n'essa occasião, um discurso eloquente, o Deão da Cathedral, Bernardo Luiz Ferreira Portugal. As côres d'esta bandeira eram azul e branco, tanto do laço como da bandeira. « Dividida horisontalmente em duas partes, pelas mencionadas côres, continha, no meio da parte branca, uma cruz vermelha indicando ser o Brazil consagrado áquelle precioso stygma da humana redempção, na outra parte apparecia recamado o sol em todo seu esplendor, como constantemente mostra-se na região equatorial e rodeado de estrellas, symbolo das provincias insurgidas. »

Nesse logar ainda, em 5 de Julho do mesmo anno, é enforcado Antonio Henriques Rabello, que — na presença da commissão militar que votava sua immolação, — « não mudou de côr, não defendeu-se, glorificou-se de seus feitos, confessou claramente seus principios e desafiou a morte, na presença daquelle tribunal. A sua intrepidez espantou os juizes, a sua constancia e serenidade no cadafalso enterneceu ao proprio algôz, prêto encanecido no ludibrioso officio; a calma não o abandonou, e, antes de estreitar a corda ao pescôço, perdoando a seus inimigos, abraçando amorosamente o carrasco e voltando-se para a multidão, penetrado de enthusiasmo, bradou pela ultima vez: — *Viva a Patria!* Sua cabeça mutilada foi exposta na ponte do Recife, onde foi consumida pelo tempo.

— Em 10 do referido mez, outras tres victimas foram conduzidas ao mesmo supplicio : o vigario de Itamaracá Pedro de Souza Tenorio, José de Barros Lima, mais conhecido por *Leão Coroado*, e Domingos Theotonio Jorge. Este sahindo da cadeia, vestido de alva, acompanhado do sacerdote exhortante e da irmandade da Misericordia (como soïa fazer-se então em semelhante ceremonia) chegando ao campo, subio impavido ao patibulo, pronunciando com accento doloroso estas palavras : *Meus patricios, a morte não me aterra, aterra-me o juizo da posteridade. Eu deixo um filho em tenra idade, elle é vosso*; *não o abandoneis, ensinae-lhe o caminho da virtude e da honra*. Ia continuar a fallar, quando o carrasco o suffocou. Depois de mortos, suas cabeças e mãos decepadas, foram distribuidas em varios logares, sus-

pensas em altos postes e patentes ao publico, até o estado de putrefacção.

— Em 21, são executados: — o tenente-coronel Francisco José da Silveira, o coronel Amaro Gomes Coutinho e o joven tenente José Peregrino Xavier de Carvalho. Todos elles se portaram como verdadeiros patriotas, em seus ultimos momentos; tiveram a cabeça e as mãos cortadas, sendo remettidas para a Parahyba, afim de alli serem erguidas em postes e consumidas pelo tempo, e os troncos, arrastados em cauda de cavallo, levados para o cemiterio da matriz de S. Antonio. O 1° era natural de Minas, o 2° e 3° da Parahyba. O ultimo dos padecentes contava apenas 20 annos; e sua juventude, o posto subalterno que exercitou na revolução, sua conducta moral irreprehensivel, moveriam aos membros de outro qualquer tribunal, ao menos recommendando-o á clemencia do soberano; mas, a mocidade virtuosa é que mais inquieta aos tyrannos. E, finalmente, — sentenças semelhantes ás primeiras, lavradas pelos côrvos da commissão militar, composta dos quatro membros: — Bernardo Teixeira Coutinho Alvares de Carvalho, presidente, João Osorio Castro de Souza Falcão, escrivão, José Gonçalves Marques, relator, e José Caetano de Paiva Ferreira, assessor, — fizeram ainda cessar de viver o padre Antonio Pereira d'Albuquerque e Ignacio Leopoldo d'Albuquerque Maranhão, membros do governo republicano de Parahyba.

A morte do padre Antonio Pereira teve circumstancias, que deixaram lastimados todos os espectadores: sua falla á multidão foi cheia de energia e desassombrada, sua despedida maviosa, enternecedôr o perdão que pediu para seu irmão, accusando-se a si mesmo de ter sido quem o desencaminhara, e, singularmente, quando disse: *Muitas csusas mais tinha para dizer... esta corda, porém, me vai suffocando...* O algôz começava a garrotal-o, e o povo debulhado em lagrimas gritou ao carrasco: *Suspende...* Mas, não sendo attendido, vingou-se, não respondendo, como costumava, nem repetindo o hymno canibál, que era cantado sempre, depois da execução de cada padecente, e cuja lettra era esta:

Vamos todos inspirados,
Pelo Marte tutelar,
Resgatar um povo afflicto
O melhor dos reis vingar.

Valorosos luzitanos,
A victoria por vós chama,
A trombêta já da fama
Vosso nome vai cantar.

Vamos todos, etc.

Nossas bellicas bandeiras,
Avistando o vil enxame,
Pelo atroz remorso infame
Já se sente aguilhoar.

Vamos todos, etc.

A nós deu-o João, o justo
Porque nosso valor preza,
Esta nobre e illustre empreza
Que ha de o throno sustentar.

Vamos todos, etc.

Lá no templo da memoria,
Juntareis mais estandartes,
Ao que, já em tantas partes,
Vosso zelo fez ganhar.

Vamos todos, etc.

Viva, viva, de Bragança
Viva o bom herdeiro augusto,
Que de um jugo torpe, injusto,
Vem seu povo libertar.

Vamos todos, etc.

A sentença executou-se em todas as suas partes, e seu cadaver foi despedaçado: — mãos e cabêça foram para os logares marcados, e o tronco foi arrastado á cauda de um cavallo, para o cemiterio

da egreja matriz de S. Antonio (*Martyres Pernambucanos* do Padre J. D. Martins e *Historia da Revolução de Pernambuco* em 1817, pelo Mons. F. M. Tavares).

Campo Grande — *Povoação*— Na freg. da Graça. mun. do Recife, tem uma crescida população comprehendendo-se, com esse nome toda a edificação marginal á linha ferrea, a qual começa proxima á estação do Feitosa, e vai até a de seu nome, onde as construcções obedecem mais ou menos á alinhamento, e ainda a parte chamada *Campo Grande*, propriamente dito, vizinha do logar *Campo Alegre* A estrada de ferro de Olinda á Beberibe, no kilm. 4.691^{m}, tem a estação do Campo Grande, entre as denominadas Feitosa e Salgadínho. O nome de Campo Grande lhe advém do local, em vasta planura, formando um immenso campo sem arvores. Perto lhe fica o estabelecimento hippico denominado *Hyppodromo do Campo Grande*, cuja entrada é fronteira á estação *Feitosa*, conhecida pelo nome de *Hyppodromo*.

Campo Grande — Estação da via-ferrea do Limoeiro, entre a da cidade deste nome e a da Lagôa do Carro, fica no kilm. 73,580^{m} da inicial do Brum, e a 150^{m} de altitude. No local não existe povoação alguma e apenas poucas casas dispersas. Está á beira da estrada que conduz á cidade de Bom Jardim, d'ahi distante 36 kiloms. Foi aberta ao serviço em 20 de fevereiro de 1882.

Campo Verde — Eng. situado no mun. de Barreiros.

Campos — Eng. no territorio do mun. de Quipapá.

Campos — *Serrota* — No mun. de Cabrobó, distr. de Belém.

Campos — *Riacho* — Banha o municipio de Bom Conselho e desagua no rio Traipú, affl. do S. Francisco.

Campos da Sapucaia—Log que pertence á freg. de Gravatá.

Campos dos Macacos—Outro logarêjo do municipio de Gravatá.

Campos Frios — *Povoação* — Pertence ao mun. d'Agua Prêta, fica á marg. do rio Jacuipe e á 30 kilms. ao SO. da séde; tem uma capella sob a protecção de N. S. da Conceição, um cemiterio com a extensão de 44 metros, construido em 1883, uma agencia do correio e feira. O projecto da E. de F. de Palmares á Jacuipe e Tamandaré, ahi, no kil. 77, assignala uma estação.

Camutanga—*Povoação*—Situada nos limites das fregs. de Itambé e Timbaúba, correndo perto da mesma o riacho de seu nome, possue umas 120 casas, das quaes, na jurisdicção ecclesiastica, 50 são de Itambé e o resto de Timbauba, sendo, entretanto, civilmente toda a população do municipio de Itambé. Existe alli uma capella, cuja padroeira é N. S. do Rosario, edificada por Frei Alberto de S. Augusto Cabral (fallecido em junho de 1901), sendo benta e inaugurada em 1877. Tem uma pequena feira e commercio de pouca importancia. Está a NO e a 15 kilms. da cidade de Itambé. *Camutanga* é voc. tupy e significa, segundo Martius — papagaio de varias côres. *Psittacus versicolor*.

Camutanga — *Riacho* — Nasce em terras do eng. Sete Cabeças, no mun de Itambé e despeja no Agua Torta, terras do eng. Perory.

Camutengue — Eng. situado no mun. de Barreiros.

Camuzengue — Logar em territorio do mun. de Páo d'Alho.

Canadá — Eng. do mun. de Gamelleira.

Canadas — Logar que pertence ao mun. de Quipapá.

Cananduba — Eng. do mun. de Jaboatão, a 9 kilms. d'esta estação da via-ferrea Central.

Canavieira — Eng. do mun. Timbaúba a 12 kilms. da séde. Com egual nome existe um no mun. de São Lourenço da Matta, freg. da Luz.

Canavieira — *Engenho* — No mun. da Gloria do Goytá, tem uma capella sob a invocação de N. S. da Guia.

Cancella — Eng. situado no mun. de Nazareth.

Candeaes — Logar em territorio do mun. de Limoeiro.

Candêas — Pequeno povoado, assente á borda do mar, no mun. de Muribeca, ao sul da cidade do Recife, a 4 milhas do povoado *Boa Viagem* e menos de milha do *Venda Grande*, possue uma capella, da qual é orago N. S. das Candêas, que, do alto mar, pela sua collocação, fica bem visivel. Ahi existe uma ligeira interrupção do recife, que borda a costa, e aquella fórma a barra, sendo a sahida d'este ancoradouro sempre ruim, com ventos do mar, porque não contém espaço para se bordejar. Só com o terral é franca, devendo-se então navegar de modo a apanhar o preamar da barra. O pontal, que n'este logar existe, está a 8° 12' 48" de lat. S, e a 8° 11' 42" de long. orient. do Rio. A ponta do *Simão Pinto* fica-lhe a pouco mais de milha. (Vital d'Oliveira, *Roteiro*).

Caneco — *Riacho* — Rega o mun. do Cabo e derrama no rio Gurjaú, affl. do Pirapama.

Caneira — *Serra* — Entre os limites de Bom Jardim e Timbaúba na freg. de S. Lourenço. Chamam-n'a tambem *Caueira* (Vide).

Canenga — *Riacho* — Nasce e corre no mun. de Ipojuca e, com pequena extensão do curso, vai derramar no rio desse nome.

Cangaçá — Eng. do mun. de S. Lourenço a 1 kilm. ao norte da séde.

Cangahu — Eng. do mun. de Nazareth, freg. de Lagôa Secca, proximo á linha ferrea do Limoeiro, ramal de Timbaúba. Possue uma capella dedicada á N. S. dos Remedios. Voc. indig. que significa — quebrar osso queimado — de *Canga* — quebra osso, e — *hu* — queimado, ennegrecido pelo fogo. (Montoya.)

Cangahusinho — *Engenho* — No mun. de Nazareth, freg. de Lagôa Secca.

Cangahusinho — Eng. do mun. de Nazareth, freg. da Vicencia. e proximo á via ferrea.

Cangalha — *Povoação* — Pertence ao mun. de S. José do Egypto, é de pequena importancia, insignificante e decadente.

Cangalha — Eng. situado no mun. do Bonito.

Cangocha — *Logarejo* — Nas extremas da freg. de S. Vicente de Timbaúba, e de Mogeiro do Estado da Parahyba.

Canguengo — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Jardim, indo despejar no rio Tracunhãem.

Canha — Eng. do mun. da Victoria, e 10 kilms. ao S. da séde.

Canha — *Riacho* — Procede do eng. de seu nome e vai derramar no Natuba, affl. do Tapucurá.

Canhotinho — *Cidade* — Séde do mun. e da freguezia do mesmo nome, cujo orago é N. S. da Conceição.

Historico — Começou a ser povoada em 1812. Na marg. esquerda do rio Canhôto, que então nenhum nome tinha (pelo menos que se saiba), habitavam dous irmãos,—um no local da actual cidade,—e outro, mais acima e ao norte da mesma, no logarejo que ainda hoje se chama *Canhôto*, para o lado do Lageiro e Serra dos Bois. Affirmam antigos moradores d'essas paragens que o irmão residente na parte superior do rio primeiro se estabelecera alli, e desde então fora conhecido, quando lhe faziam qualquer referencia pelo *Canhoto*, e esse nome depressa transmittiu-se tambem ao rio; e que o outro irmão, installado, posteriormente, no sitio onde está a cidade por ser de estatura mais baixa e habitar na marg. esquerda, foi alcunhado de *Canhotinho*, para differençal-os entre si. O irmão *canhotinho* era extremamente devotado a S. Sebastião, e por isso, desde logo, erigiu, com a invoc. d'esse santo, uma capella, proxima á sua habitação. Essa egreja do Santo Martyr, reconhecido

como o advogado da peste, foi um meio de attrahir alli grande numero de habitantes que, perto da egreja certamente, se julgavam mais ao abrigo das epidemias que reinassem. E assim, em breve, a simples casa do *canhotinho*, constituiu, com a edificação de outras, uma povoação, cujo nome foi o do fundador — *Canhotinho*. Assim narra a tradicção oral a fundação do povoado, e explica a origem da palavra *Canhotinho*. Foi creada parochia pela Lei Prov. n. 1.706 de 1 de julho de 1882, sendo provida em 16 de março de 1888, com a nomeação de seu primeiro vigario o padre Manuel C. d'Assis Bezerra de Menezes, que a installou em 15 de maio d'esse mesmo anno. O decr. do governador do Estado, de 28 de junho de 1890, elevou-a á categoria de villa e creou a Com. o Acto de 2 de outubro de 1890, classificando-a de 1.ª entrancia o decr. 873 de 17 do mesmo mez e anno. Foi installada Com. em 7 de novembro de 1890, pelo seu 1.º Juiz de Direito, Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcanti. Em virtude da Lei Estad. n. 52 de 3 de agosto de 1892 (Organica dos muns.), constituiu-se mun. autonomo em 23 de Janeiro de 1893, sendo os primeiros eleitos, para o governo municipal, os seguintes: Prefeito — Alferes Francisco Ignacio de Paiva; Sub-Prefeito, João Callado Borba. Concelho municipal—Tenentes João Ausperio Chaves e Pedro Luiz de Souza Fontes, Alfredo José Joaquim d'Andrade, João Pereira da Silva Vianna e Caetano Paz de Souza. Pela lei estadoal n. 607 de 14 de Maio de 1906 foi elevada a cidade com a denominação de S. Sebastião.

Posição astronomica—Fica a 8° 52' e 48" de lat. S., e a 36° 6' e 20" de long. occ. pelo mer. de Greenwich.

Dimensões — A extensão do mun., de N a S, é, approximadamente, de 45 kilms., e de L a O de 40 kilms.

Aspecto e natureza do sólo — E' do lado N mais elevado o terreno, e mais baixo na parte S, sendo, entretanto, no geral accidentado.

Clima e salubridade — O clima é frio e secco, em diversos pontos do mun., com excepção do local da séde, que é bastante humido no inverno e pouco salubre, apparecendo muitos casos de febres de mau caracter. Os povoados do mun. — Lagêdo, Jupy, Calçado e outros pontos são reputados como logares saudaveis.

Limites—O mun. confina: ao N com o de S. Bento; ao O com Garanhuns e Correntes; ao S com o Estado das Alagôas e á L com o mun. de Quipapá. O limite com o mun. de Garanhuns faz-se pelo riacho Angelim; com o de Correntes, no logar Capim Grosso, immediações do districto de Palmeira; com o Estado das Alagôas, pela serra do Canivete; com o mun. de Quipapá pelo districto de Paquevira, e com o de S. Bento, no sitio — Queimada Grande e povoados—Calçado e Lagêdo.

Divisões — Canhotinho consta de uma só freg., e de quatro districtos municipaes — 1.º Cidade, 2.º Palmeira, 3.º Paquevira e 4.º Jupy.

População — Todo o mun. poderá conter umas 15.000 almas, sendo 3.000 dentro do perimetro da cidade.

Topographia — A cidade de S. Sebastião de Canhotinho fica situada no kilm. 103 da E. F. Sul de Pernambuco, ao S da capital, á L de Garanhuns e ao SO de Quipapá, na marg. esq. do rio Canhôto, 530m de altitude, na concavidade de uma collina semicircular e em sólo mais ou menos inclinado, terminando nos barrancos do mesmo rio Canhôto, onde está a estação da linha ferrea. Tem umas 400 casas, em seus muros. Commercio animado; boa feira; escolas; agencia do correio, que expede diariamente, malas para o Recife; edificio escolar, cadeia (mau edificio), cemiterio e egreja matriz, edificada numa praça, dedicada á N. S. da Conceição, tendo sido inaugurada em 24 de Dezembro de 1893, reconstrucção da

capella de S. Sebastião, egreja antiga, que já serviu de matriz e estava arruinada.

POVOADOS — Existem: o de *Paquevira* onde está a estação de Glicerio, a 12 kilms. a L; o de *Jupy*, ao N com capella dedicada á N. S. do Rosario; o de *Palmeira*, a SO, com uma capella votada á N. S. da Conceição, o de *Lageiro*, ao N tem uma capella sob a égide de S. Antonio; e o de *Calçado*, com uma capella sob a inv. de N. S. da Conceição, e ao N da séde.

OROGRAPHIA—As serras mais notaveis do mun. são: a do *Jupy*, ao N; a da *Paquevira*, a L; a da *Palmeira*, ao S.; a do *Canivete*, tambem ao S. e nas divisas com o Estado das Alagôas; a Verde ao N, e outras menos importantes.

HYDROGRAPHIA — O principal rio do mun. é o *Canhôto*, que corre de N. a S, banhando a cidade e onde sobre o mesmo se fez um grande açude; o riacho *Inhumas*, que vem do districto de Palmeiras, e na direcção NO a SO, indo derramar no rio *Canhôto*; o *Agulhão*, que vem do lado de Paquevira; o das *Moças*, *Agua Vermelha*, e *Timbó*, todos affls. do rio Canhôto.

PRODUCÇÕES — O mun. produz com abundancia o milho, o feijão, o algodão, nos valles, e, especialmente, na parte meridional, a canna de assucar, o arroz, a mandioca e outras culturas; o sólo é uberrimo, mas isso nos annos de invernos regulares, soffrendo, porém, os rigores da secca quando ha escassez de chuvas.

CURIOSIDADES NATURAES — Até agora se desconhece si em seu territorio ha alguma curiosidade da Natureza.

REINOS DA NATUREZA—Nos reinos vegetal e animal, o territorio de Canhotinho nada adianta, comparado com os demais muns., principalmente com os circumvizinhos, pois é identico. A respeito, porém, do reino mineral, diz o Dr. J. M. da Silva Coutinho, em seu trabalho *Estudos Definitivos* da E.F. de Una á Boa Vista: «De Canhotinho á rampa do planalto de Garanhuns ainda se encontra o *gneiss*, porém já muito empobrecido pelo feldspatho e mica ferruginosa. D'ahi vem a abundancia de arêa no sólo vegetal, a mudança de vegetação e a falta d'aguas correntes no verão. E' o começo da zona agreste.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA —Na parte N do mun. a industria é a criação, e na parte L e S é a fabril, havendo, em 1905, sete bolandeiras para descaroçar algodão. O commercio, que consiste na venda e troca dos productos locaes pelos importados, feita na feira do mun., é regularmente desenvolvido. Em 1905 havia na cidade de S. Sebastião de Canhotinho 23 casas commerciaes de varios generos, em Palmeira 11, em Calçado 7, em Jupy 3 e em Lagedo 3. A agricultura, quasi nulla, antes do esbelecimento da linha ferrea, tem se desenvolvido bastante nesses ultimos annos, e hoje, além da cultura dos cereaes, planta-se, com vantagem promettedora, a canna de assucar, existindo: no districto de Canhotinho—5 engs.; no de Palmeira 2, e 13 engenhocas de rapaduras, e no de Paquevira 28 engenhocas de rapaduras.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO—Tem communicação com a capital, com as cidades de Garanhuns, Palmares, Escala e Cabo, villa de Quipapá e cidade Gamelleira, que são marginaes á estrada de ferro, a qual junto á cidade, na alt. 497m,239, tem uma estação no kilm. 17,984m, de Agua Branca, entre as estações de Paquevira e Angelim, tendo sido aberta ao serviço em 21 de novembro de 1895. Tem caminhos para S. Bento, Palmeiras e Correntes, soffriveis no verão e pessimos na estação invernosa.

DISTANCIAS—Está a 228 kilms. do Recife, a 70 de S. Bento, a 90 de Caruarú, a 43 de Garanhuns, a 30 de Quipapá e a 103 de Palmares.

INSTRUCÇÃO PUBLICA—Possue sete cadeiras de instrucção primaria municipal, sendo duas na cidade, uma em Jupy, duas em Palmeira, uma em Calçado e uma em Paquevira. O adiantamento

moral da população é quasi nenhum, principalmente fóra da séde do mun.

Canhôto—Logar á marg. esq. do rio de seu nome, entre os muns. de S. Bento e Garanhuns, e ao N. da cidade de Canhotinho.

Canhôto—*Fazenda de criar*—No distr. de Jatobá, mun. do Brejo da Madre de Deus.

Canhôto—*Rio*- Nasce na serra do Jupy, em territorio do mun. de Garanhuns e, correndo de N. para S. pelo mun. de Canhotinho, vai confluir no Mandahú, no mun. da União, do Estado das Alagôas, recebendo em Pernambuco, entre outros affls., os seguintes: Joaquim Pedro, Inhumas, Januario, Agulhão, das Môças, Agua Vermelha, Timbó e outros. Existem neste Estado, sobre o Canhôto, duas pontes, a do Sobrado e a da Gamelleira.

Canhôto—*Riacho*—Nasce na lagôa do Angú, na fralda meridional da serra de Jacarará, correndo de N a S, e limitando os muns. do Brejo e Cimbres, vai derramar no rio Capibaribe, do qual é um dos primeiros affls, tendo sido muitas vezes confundido com o proprio rio Capibaribe em suas vertentes.

Canivete—*Serra*—Situada nos limites meridionaes do mun. de Canhotinho, separando este Estado do de Alagôas, pelos muns. da União e S. José da Lage, do ultimo Estado. Pertence á Cordilheira do Casqueté, que se estende por Alagôas.

Canna Brava—Engs. do mun. da Goyanna, freg. de N. S. do O', e do de Itambé.

Canna Brava — *Engenho* — Na freg. de S. Vicente de Timbaúba, a quatro kilms. á leste da séde parochial.

Canna Brava— *Riacho*— Nasce na serra da Baixa Verde, mun. de Triumpho, e desagua no riacho do Bom Successo, affl. do rio Pajehú.

Canna Brava— *Riacho*—Nasce no logar Pedra do Ouro, corre no mun. de Timbaúba, tem pequeno curso e vai desaguar junto á povoação de Cruangy, no rio deste nome.

Canna Brava de Baixo — Eng. situado no mun. de Timbaúba.

Canna Brava de Cima — Outro eng. assim chamado no mun. de Timbaúba.

Cannafistula — Logarejo do mun. de Bom Jardim, a 24 kiloms., ao S da séde, tem uma capella de N. S. do Amparo.

Canna Verde — Eng. em territorio do mun. do Bonito.

Canavieira — *Logarêjo* — Na freg. da Vicencia, mun. de Nazareth; e outro no mun. da Gloria do Goytá.

Canôa — Eng. situado no mun. de Serinhãem.

Canôa Grande — Eng. existente no mun. do Rio Formoso.

Canôa Rachada — Eng. situado no territorio do mun. d'Agua Prêta.

Canôas — Fica comprehendido na circumscripção do mun. de Ipojuca um eng. com esse nome.

Canôas — *Engenho* — No mun. de Ipojuca á leste da séde (N. S. do O'), e a 1 1/2 kilm. distante (em linha directa).

Canôas — *Logarêjo* — Situado no mun. de Olinda.

Cantinho — *Serra* — No mun. de Cimbres, distr. de Salôbro, fica ao sul da cidade de Pesqueira.

Canto —Eng. em territorio do mun. do Bom Conselho.

Cantó — Logar assim chamado no mun. de Canhotinho.

Canto Alegre — Engs. situados nos muns. do Rio Formôso e Nazareth, freg. da Vicencia.

Canto Escuro — Nos muns. da Escada e de Serinhãem existem engs. com esse nome. O eng. Canto Escuro de Serinhãem tem uma capella sob a invocação de S. Anna; e Canto Escuro da Escada fica a 6 kilms. da séde.

Canto Escuro — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua

no Arabary Novo, affl. do Balsamo, que o é do Parahyba.

Canto Escuro — *Lagôa* — Existe no mun. do Limoeiro, no logar denominado Escuro.

Canudo — *Riacho* — Corre no municipio de Floresta e derrama no rio Pajehú.

Canzanza — Eng. em territorio do mun. de Jaboatão.

Canzanza — *Riacho* — Corre no mun. de Jaboatão, em terras do eng. do seu nome, e seguindo para o do Cabo, desagua no Gurjaú,affl. do rio Pirapama.

Canzil — Logar do mun. de Quipapá, distr. de S. Benedicto.

Canzil — *Serra* — Proxima ao povoado S. Benedicto do mun. de Quipapá.

Capado — *Povoação* — Situada entre os logares Torres e Topada, pertence ao mun. de Taquaretinga, sendo muito antiga e sem nenhum desenvolvimento, apezar de ficar á marg. da estrada da ribeira do Capibaribe, a qual é bastante frequentada. Póde-se dizer que aquelle local é a estancia dos viajantes que buscam o sertão e vêm d'alli. Tem resumida e má edificação.

Capellinha — Eng. situado no mun. de Muribeca.

Capema — *Riacho* — Corre no mun. do Bonito para o riacho Prata, affl. do Una.

Capibaribe — Eng. do mun. de S. Lourenço, dista 4 kilms. á leste da séde e fica á marg. da linha ferrea do Limoeiro, entre os kilms. 22 e 23.

Capibaribe — *Engenho* — Na freg. de S. Vicente de Timbaúba, a 1 kilm. á oeste da povoação S. Vicente.

Capibaribe — Fazenda de criar no distr. de Jatobá, á marg. do rio Capibaribe, do mun. do Brejo.

Capibaribe — *Rio* — Nasce na lagôa da Estaca, entre as serras do Acahy e do Jacarará, em territorio do mun. de Cimbres, tendo suas vertentes cercadas de carahybeiras, que continuam bordando-lhes as ribanceiras, desde alli, até muito além de seu encontro com o rio Canhôto, um de seus primeiros affls., conhecido por tal nome pelos moradores da ribeira, e cuja nascença é na lagôa do Angú, não tendo arvores nas margens, e formando, até esse ponto, um curso de igual extensão ao do rio de que é tributario. D'ahi corre em um leito de rochas, na direcção O para NE, formando grandes meandros e. com a extensão, approximadamente, de 490 kilms., banha, no mun. de Taquarétinga (marg. esq.) as povoações — de Poço Fundo, S. Cruz, Torres, Capado e Topada; no do Brejo (marg. dir.), a pov.—de Couro d'Anta; no de Bom Jardim (marg. esq.), o logarêjo—Chéos e Salgadinho; no do Limoeiro—os povoados de S. Vicente de Pedra Tapada (marg. esq.) Pedra Tapada (marg. direita) e a cidade de Limoeiro (marg. esquerda), no de Páo d'Alho, o logar Apuiá (marg. esq.), a pov. do Rosarinho e a cidade do Espirito Santo (marg. dir.); no de S. Lourenço, os logares — S. Rita, Tiúma (que são estações da via-ferrea do Limoeiro), e a villa de S. Lourenço da Matta (marg. esq.; e no do Recife, desde o eng. São Francisco, S. Cosme e Usina S. João, ponto escolhido para seu desvio, banha, as povoações — Varzea, Caxangá, Apipucos, Monteiro, Pôço, Casa Forte, Sant' Anna, Ponte d'Uchôa, Torre, Capunga o bairro da Magdalena, onde, pouco abaixo da ponte d'este nome, bifurca-se em dous braços: um—ao sul e á direita, que vai passar por baixo das pontes do pov. Afogados, as quaes servem á estrada geral do centro do Estado, e aos caminhos de ferro do S. Francisco e Central de Pernambuco; depois, confundindo sua foz com a do rio Tigipió, recurva-se para seguir a direcção do Recife e lançar suas aguas em um largo braço de mar, comprehendido entre as ilhas de S. Antonio e do Nogueira; e outro, — ou o braço dos Coêlhos, corre, banhando os muros do Hospital Pedro II, onde começa, ao O e á esq., o bairro da Bôa-Vista, e partindo d'ahi separa este da

ilha de S. Antonio, segue entre dous caes verticaes continuos, distantes um do outro uns 150 metros approximadamente, passa por baixo das pontes da Bôa-Vista, da E. F. da Varzea e Dous Irmãos, e da de S. Isabel, contornêa a ponta de S. Antonio, mistura suas aguas com as do Beberibe, que vem do N, separa depois o bairro do Recife do de S. Antonio, passa por baixo das pontes Buarque de Macêdo e Sete de Setembro e fórma, a partir desse logar, um porto destinado ao serviço da Alfandega. Depois, na ponta S do bairro do Recife, tem logar a juncção com o braço do mar, já descripto, que recebe as aguas do braço direito; começando então a parte principal do porto do Mosqueiro, comprehendido entre o recife natural e o caes do bairro do Recife, até o forte e barra do Picão. Após sua bifurcação divide o Capibaribe a cidade do Recife, em 3 bairros, formando algumas ilhas, d'entre ellas a de S. Antonio, principal, outr'ora cidade Mauricéa, a de Joanna Bezerra, etc. E' navegavel, no tempo de verão, até 12 kilms. acima de sua foz, por botes e canôas; no tempo de inverno, porém, as chuvas concorrem para augmentar-lhe o volume, tornando-se caudalôso e determinando grandes damnos por occasião de suas enchentes, tanto nas estradas publicas e pontes, como nas propriedades particulares. As cheias, que mais estragos têm causado e de que se tem conhecimento, são as dos annos de 1632, 1842, 1854, 1866, 1869 e 1894, sendo as duas ultimas que mais prejuizos deram. Em seu curso recebe muitos affls., enumerando-se como os mais notaveis os seguintes riachos: no mun. do Brejo — o Canhôto, Aldeia Velha, Larangeiras, Bengalas, Salôbro, Duas Pedras, Carapotós, Mandasaia, Tabócas, Eguas ou Bataria, Dôce, Salôbro, Madre de Deus; no de Taquaretinga (marg. esq.) — Arrôz, Topada, Acudinho, Macena, Queimadas, Cumbe, Gravatasinho, Melodença, Direito, Esquerdo, Contendas, Salgado, S. José, Pachêco; no de Bom Jardim — Cai-ahi, Freitas, Chéos, Salgadinho, Manso, Ribeiro Grande, Taiépe (marg. esq.)— no mun. de Limoeiro — Gangôrra, Mary, Carrapixo, Muruabeba, Figueira, Jatobá, Cassatuba, Boi, Batatan, Mandióca, Escuro, Pôço da Vacca, Fernandes, Ribeiro Fundo, Cotunguba (marg. dir.), Aparo, Espinho Prêto, Magro, Mel, Duas Pedras, Pirauhyra, Quebra-Bunda, da Lama, da Bêsta ou Correinha, Salôbro, Perúa-Chóca, Boi-Sêcco, Lagartixa (marg. esq.); no mun. de Páo d'Alho, Apuá, Vargem Grande, Cumbe, Petribú, Cursahy, Goitá, Mussurépe (divis. com S. Lourenço), Camilla, Cajueiro, Ipojuca; no mun. de S. Lourenço — Massiape, Massiapinho, Tapacurá, Tapesserica, Caiará, Cachacha, Bicopepa, Muribara, Japaranduba, Dindi, Agua Fria, Timbi, Camorim, Camaragybe, e no do Recife, finalmente,— Brumsinho, Cordeiro, e Parnameirim. Existem sobre este rio as pontes: — a do *Tahyba*, na cidade do Espirito Santo de Páo d'Alho, cuja superstructura é do systema *treilles*, o pavimento de madeira repousando sobre pilares de bases solidas, com a extensão de 113,^{m}0, foi orçada sua construcção em 138:555$000, sendo iniciada em 18 de Maio de 1872, e concluida e entregue ao transito em 1876; — a de *S. João*, na estrada de rodagem e proxima á bôcca da matta d'este nome, do mun. de S. Lourenço, foi aberta em 1864;— a da Usina S. João, construida pelo Dr. Francisco do Rego Barros Lacerda, em 1897;—a do *Caxangá*, que, sendo, primitivamente, de arame e pensil, construida na presidencia do Barão da Bôa Vista, Francisco do Rego Barros, a grande enchente do rio, em 1869, carregou-a, fazendo-se, então, em substituição, a actual, que é de ferro, com lastro de madeira, e entregue ao serviço publico em 1871, no governo do Dr. Manuel do N. Machado Portella, sendo dirigidos os trabalhos pelo engenheiro Pedro Uchôa; —a da *Magdalena* que, sentada primitivamente, no tempo

do governador Luiz do Rego Barrêto, em 1838 foi substituida por outra, na presidencia de Francisco do Rego Barros (mais tarde Conde da Bôa Vista), e, por se ter arruinado, foi ainda substituida pela actual, de ferro, contratada em 1870, por 89:247$350 e aberta ao transito, em 27 de Maio de 1872;—a do *Lasserre*, construida em 1884, pela companhia da E. F. da Varzea e Dous Irmãos; —a da *Bôa Vista*, entre as ruas Barão da Victoria e Rosa e Silva, dos bairros de S. Antonio e Bôa Vista na cidade do Recife, foi inaugurada em 2 de dezembro de 1876; —a da via-ferrea da Varzea e Dous Irmãos, sentada em 1884; —a de *S. Isabel* na parte septentrional dos mesmos bairros, começou a funccionar em 1863; — a *Buarque de Macêdo*, começada em 1881 e concluida em 1889; e, finalmente,-- a do *Recife* ou *Sete de Setembro* (ambas entre os bairros de S. Antonio e o de S. Frei Pedro Gonçalves, na confluencia d'este rio com o Beberibe), cuja primitiva construcção, de arcos e pilares foi devida ao principe Mauricio de Nassau, em 1643. Este, ao tel-a de franquear ao publico, annunciou *original* e *interessante* festa de um *boi voar*, o boi de Belchior Alves, peça que pregou o principe, mandando encher de um boi, igual áquelle na côr e grandeza, a pelle, aproveitada em todas suas partes, que secca, cosida e cheia de palha, representasse, com bastante semelhança, o boi de Belchior Alves, fazendo-se tal couro elevar por uma corda que sahia de uma camara onde o occultaram indo prender-se a um mastro distante, divertimento esse que rendeu mil e quinhentos florins, pagando, cada pessôa que passava, 2 placas. No tempo do 26.° governador Henrique Luiz Pereira Freire (1737 a 1746) foi reconstruida, mandando elle erguer pequenos armazens, que eram alugados aos mercadores de quinquilharias e miudezas, tornando-se assim o local um mercado de taes generos; e, finalmente, a actual, toda de ferro, larga e extensa, forte e elegante a um tempo, terminada e entregue ao publico, em 1865. O nome *Capibaribe* é voc. tupy, significando — logar de capivaras ou capibaras, de *capibara*, porco selvagem, e *yby* ou *ipe*, logar. Locus animalis Capivara, (Dr. Martius *Glossaria Linguarum brasiliensium*). — Vide Recife.

Capibaribe de Baixo— *Engenho*—Na freg. de S. Vicente, 1 kilom. á leste da povoação d'esse nome.

Capibaribe-Meirim —*Rio*— Nasce a 4 kilms. a oeste da povoação de S. Vicente de Timbaúba, no logar Balanço, limite de Pernambuco com Parahyba, e, correndo na direcção NE para SE, banha as povs. de S. Vicente, Macapá, a cidade de Timbaúba, passa nos lims. do mun. de Itambé com o de Goyana, indo reunir-se ao rio Tracunhãem, e formando o rio Goyanna, 30 kilms. distante de sua foz. Apenas barcaças e pequenos hiates de capacidade, no maximo, de cem toneladas, têm accêsso no canal, chegando os vapores da companhia Pernambucana sómente ao porto de Japomim. (Vide Goyana *rio*).Tem como affls.—o rio Cruangy, o riacho dos Kagados, Fundo da Matta, Meirim, Agua Fria, Sambaquim, o Préa, Angelim, Pindoba, Serigy (mun. de Timbaúba), Agua Torta, Mucambo, Ferreiros (mun. de Itambé) e outros. O curso do Capibaribe-meirim é approximadamente de 120 kilmetros.

Capim—Vide Bello Jardim.

Capim—Eng. do mun. de Palmares, a 10 kilms. á SO da séde.

Capim—*Serra*—No mun. de Quipapá e ao S da pov. Páo dos Ferros.

Capim—*Serra*—Serra situada no mun. de Tacaratú, junto ás do Nariz Furado, da Juliana ou Breginho, e da do Brejo.

Capim—*Lagôa*—No distr. de Bebedouro, mun. do Altinho.

Capim—*Lagôa*—Fica collocada no mun. de Bom Conselho.

Capim—*Lagôa*—No mun. de Granito existe uma assim chamada.

Capim-Assú — Eng. situado no mun. de Jaboatão.

Capindão — *Engenho*— No mun. a Escada, fica a 6 kilms. da séde.

Capim de Cheiro — Logar no distr. de Lagôa de Gatos, mun. de Panellas.

Capim Grosso—Logar do mun. de Correntes nos lims. da freg. com a de Canhotinho.

Capim Grosso—*Riacho*—Corre no mun. de Bom Conselho para o Taquary, que é affl. do Arabary, e este do Balsamo, que derrama no rio Parahyba.

Capim Grosso—*Riacho*—Rega o mun. de Cabrobó, no distr. de Belém, indo despejar no rio S. Francisco.

Capissurá ou Lages—*Riacho* —Nasce no eng. Lages e, depois de 12 kilms. de curso, despeja no logar de sua denominação. mun. de Itambé.

Capivara — Pov. na freg. de Surubim, mun. de Bom Jardim, a 25 kilms. ao SO da matriz, possue uma capella sob a invocação de N. S. da Conceição, e fica á marg. esq. do rio Capibaribe.

Capivara - *Povoado* — Do mun. de Taquaretinga, tem uma capella de N. S. da Conceição, erguida em 1881.

Capivara — Engs. comprehendidos nos territorios dos muns. de Amaragy, Bonito e Correntes.

Capivara — Estação da E. de F. de Ribeirão ao Bonito.

Capivara — *Riacho* — Banha o mun. do Bonito e desagua no rio Serinhãem pela marg. esq. 2 kilms. acima do eng. Montepio.

Capoeiras—*Povoação* — No municipio do Bonito e á O da cidade d'este nome, donde demora 36 kilms., é banhada pelo rio dos Gatos e riacho Sueiras. Possue uma cap., dedicada á N. S. das Dôres, erecta em 1872, com uma área de 26m,0 de comp. sobre 21m,0 de largo. E' um dos povoados mais antigos da freg. do Bonito, situado entre serras, com uma população de uns 300 habs., e, tendo florescido entre os annos de 1862 a 1868, acha-se hoje em decadencia. Dista da povoação de Catende, mun. de Palmares, 22 kilms.—*Capoeiras*, voc. ind., significa—o que foi matta, actualmente, matto miúdo fino e raso; de *Caa*—matto e *puéra*—que foi.

Capoeiras—V. CHÃ DE CAPOEIRAS.

Capoeiras—*Riacho* — Banha o mun. de Bonito e despeja no rio Una.

Capoeiras—*Riacho*—Nasce proximo á villa de Panellas e vai desaguar no mun. de Palmares, no rio Pirangy, affl. do Una

Caprichos—*Engenho*—No mun. da Escada, a 5 kilms. da séde.

Capricho ou Reflexão — Engenhos dos muns. de Agua Preta, Escada e Nazareth, freg. da Vicencia.

Capunga — Assim se chama parte da freg. de N. S. da Graça, mun. da Capital, á margem do Capibaribe, e comprehendida no perimetro urbano. Possue bôa casaria, lindos jardins e estabelecimentos com todos os generos de primeira necessidade. E' servida pela linha de bonds denominada—Fernandes Vieira— e pela E. F. do Recife á Varzea e Dois Irmãos que, em sua área, possue as estações —Manguinho, Entroncamento, S. José, Torre, Quatro Cantos e Porto Lasserre. Ahi existem as egrejas — matriz, fundada em 3 de Maio de 1858; a de N. S. das Fronteiras da Estancia, edificada por Henrique Dias, e a de S. José do Manguinho, cuja primitiva construcção data de 1711, sendo reedificada em 1845. (Vide GRAÇA).

Carabeiro do Espirito Santo—*Arraial* assim denominado no mun. de Tacaratú.

Caracituba — *Riacho* — Tendo pequeno curso, corre no mun. de Amaragy e desagua no rio Ipojuca. *Caracituba*, voc. ind., significa—muito cortado. (Montoya),

Carahu—Eng. do mun. de Iguarassú, tem uma capella da invocação de N. S. do Bom Successo, fundada em 1709 por Antonio da Costa Leitão.

Carahu—*Riacho*—Corre em terras do eng. de seu nome. no mun. de Iguarassú, e tem como affl. o riacho Vinagre. *Carahu*, voc. do guarany, significa, segundo Montoya, — o que tem casca ou escama negra. E' nome de peixe.

Carahuba — Engs. dos muns. de Bom Jardim e Barreiros.

Carahuba — Logar na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Carahuna — Eng. situado no mun. de Jaboatão.

Carahuna — *Riacho* — Nasce no eng. Gurjahú de Cima, mun. de Jaboatão, encontra-se com o riacho deste nome no eng. Gurjahú de Baixo e desagua no rio Jaboatão, no logar S. Braz. Sobre este riacho, na estrada que vai da cidade de Jaboatão á da Escada, existe uma ponte de madeira.

Carahusinho — *Riacho* — Corre na freg. de N. S. do O', mun. de Goyanna.

Carahybas — *Povoação* — A' margem do rio S. Francisco, na confluencia do riacho de seu nome, pertence ao mun. da Bôa Vista e fica a 30 kilms. ao norte da villa, séde do mesmo mun. *Carahybas*, voc. indig., significando — *Santo, feiticeiro*. Foi o nome tambem de uma tribu de indios que habitou as margens do ribeirão Carahybas.

Carahybas — *Ribeirão* — Nasce no serrote denominado Barrôso, nos limites das fregs. de Santa Maria da Boa Vista e Cabrobó, e, correndo para o sul, vai despejar no rio S. Francisco, 39 kilms. abaixo da villa da Bôa Vista, junto á pov. Carahybas.

Caramurú — Engenho do mun. de Agua Prêta. Diz Beaurepaire Rohan, em seu *Vocabulario Brasilico*, que Caramurú nunca significou nem podia significar *homem de fogo*, como Moraes affirma e outros lexicographos ignorantes da lingua tupy. Diz Theod. Sampaio, autor do *Tupy na Geographia Nacional*, que póde vir de *caray-murú*, que se traduz — o *homem branco molhado*, ou fig. — o naufrago, o branco que deu á costa.

Caranguêjo — *Serra* — Tambem chamada dos *Côcos*, fica a 66 kilms. á leste da cidade do Bonito, mun. a que pertence, tem uma área de 2300^{m} e uma altitude de uns 800^{m}. E' digna de nota, nessa serra, a exquisita fórma que apresenta, dando-lhe a semelhança da frontaria ou fachada de um palacio com janellas e varandas.

Caranguêjo — *Serra* — Fica situada no mun. de Bom Conselho, limites deste com o Estado das Alagôas.

Caranguêjo — *Riacho* — Nasce na serra do mesmo nome, mun. do Bonito e corre para o rio Serinhãem.

Carão — *Lagôa* — Marginal ao rio Ipojuca, no mun. do Brejo da Madre de Deus.

Carapotós — *Povoado* — Situado no mun. de Caruarú, ao N da séde, tem uma cap., cujo orago é N. S. da Conceição, e uma feira.

Carapotós—*Povoado* — Na freg. de Taquaretinga, tem uma capella da invocação de Sant'Anna e fica a 20 kilms. da séde parochial.

Carapotós — *Logarêjo* — No mun. do Brejo, possue uma capella votada á S. Joaquim.

Carapotós — *Serra* — Fica no mun. de Gravatá.

Carapotós — *Riacho* — Banha o mun. de Brejo e corre para o rio Capibaribe.

Carapuça — *Serra* — Corre ao S. de Afogados de Ingazeira, em territorio deste mun.; é um ramo da Jabitacá, cordilheira da Borburema.

Carassú — *Usina* — No mun. de Barreiros, fundada pelo finado Coronel João Carlos de Mendonça e Vasconcellos, pertence hoje á Companhia Agricola e Mercantil de Pernambuco. Esta usina, sufficientemente montada para o fabrico de assucar e alcool, tem completo fornecimento de cannas, para produzir

25.000 saccos de assucar, uma bem construida linha ferrea, desde o porto de Barreiros, para onde conduz seus productos, ao eng. Bom Jardim, um de seus fornecedores, com um ramal pelo valle do riacho Camarão, tudo na extensão de 22 kilms. Comprehende os engs. Carassú, Camarão, Bom Jardim, Camutengue, Araticum, Cachoeira Alta, Linda Flôr, Tibiry e Bom Futuro. *Carassú*, voc. ind., significa *peixe grande*.

Carassú — *Riacho* — Nasce no eng. Duas Barras, mun. de Barreiros, banha os engenhos Araguary, Muitas Cabras, Bom Futuro, Jussará, Camucé, Bom Jardim, Carassú, Araticum, Cachoeira Alta, Linda Flôr e Tibiry, e d'ahi, tomando o nome de Cariman, vai desaguar no rio Una, dentro da cidade de Barreiros, formando a denominada Ilha do Jardim. Recebe em seu curso as aguas dos riachos Bella Vista das Pedras, Jussára, Nambú, Pacas, Jaguaraba, Camarão, Calembe, Camutengue, S. Estevão, Tapirassá e Rebocador, sendo o seu percurso de 30 a 48 kilms. Servem as aguas desse riacho de motor a alguns desses engs., utilisando-se dos mesmos tambem a usina *Carassú*.

Carassuhype — *Engenho* — Situado no mun. de Agua Preta.

Caraúna — Vide CARAHUNA.

Carcunda — Logar do mun. de Correntes.

Caricé — *Povoação* — A 20 kilms. ao S da cidade de Itambé, a cujo mun. pertence, está collocada num alto, na estrada que segue para Goyanna, e possue umas 150 casas e população presumivel de uns 600 habs. Existe ahi uma capella, sob o patrocinio de N. S. do Rosario, fundada por André Vidal de Negreiros, na qual são feitas festas populares da Santa Cruz. Tem algum commercio, feira regular, aos domingos, alimentada e concorrida, principalmente, pelos trabalhadores dos engs. proximos. Não ha rio algum no local e é abastecida d'agua por fontes e olhos d'agua. Seu territorio faz parte dos engs. Páo Amarello e Merépes. Seu distr. limita-se com a freg. e mun. de Goyanna, pela ponte sobre o Capibaribe-meirim, no eng. Uruahé, donde está 3 kilms. distante. *Caricé* é voc. ind. e significa (segnndo Montoya) vontade de ter sêde; de *car* — desejo, vontade, impulso para alguma cousa, e *icè* — ter sêde. Está a 7° 31' e 38" lat. S, e a 8° 5' long. orient. do Rio de Janeiro. Segundo o traçado da projectada E. F. do Recife á Itambé, ahi deverá passar a mesma linha, tendo uma estação.

Caricé — Eng. do mun. da Victoria a 7 kilms. ao N. da séde; outros de Nazareth, freg. da Lagôa Secca, e de Timbaúba.

Carijó — Eng., situado no mun de Goyanna.

Cariman — *Riacho* — E' o mesmo *Carassú* que, nascendo no eng. Duas Barras, mun. de Barreiros, do eng. Tebiry por diante, toma aquelle nome, indo desaguar no rio Una, dentro da cidade de Barreiros e formando a ilha do Jardim.

Carirys Novos — *Serra* — E' um ramo ou continuação da montanha Araripe, que separa Pernambuco do Ceará. E' plana e arenosa em seu cimo. Tem uma extensão de 42 kilms., approximadamente, de largura. Não tem agua na chapada, como a parte chamada Araripe, por ser de terreno muito permeavel, onde as aguas se infiltram immediatamente. E' notavel, tanto por sua planura, como por sua configuração de escarpamento, que se assemelha a uma muralha de fortaleza. As aguas que correm para o lado de Pernambuco vão para o rio S. Francisco, e as do lado do Ceará formam o rio Salgado, affl. do Jaguaribe (Senador Pompêo). O nome *Carirys* procede da tribu de indios que habitavam a cordilheira da Borburema, divididos em Carirys novos e velhos, conforme o sitio da habitação e o tempo em que foram conhecidos pelos portuguezes, que chamaram *velhos* aos primeiros encontrados e *novos* aos que ap-

pareceram depois. *Cariry* segundo Th. Sampaio, significa silencioso, calado, e é o mesmo que *kiriry*.

Carirys Velhos — Assim se chama, na cordilheira da Borburema, a parte mais elevada que, com differentes nomes, se estende de O á L, entre as nascentes dos rios Moxotó, Capibaribe, Parahyba e Ipojuca, a encontrar a serra do Araripe.

Cariryśinho — Pequeno povoado, no mun. de Granito, a NE desta villa, e á marg. do riacho de seu nome, possue uma capellinha.

Cariryśinho — *Riacho* — Nasce da serra do Araripe e, banhando o pov. do mesmo nome, no mun. de Granito, depois de reunido ao Genipapo, vai despejar no Páo Grande, no logar Sitio.

Carito — *Riacho* — Affl. do Marayal. no mun. de Palmares.

Carmo — Estação terminal da E. de F. do Recife á Olinda, nesta cidade, á borda do mar e a 8.820m distante da Rua Aurora, na cidade do Recife.

Carnahyba — *Povoação* — No mun. de Flores, situada em terreno plano, á marg. dir. do rio Pajehú, a 2 kilms. á L da villa de Flores, possue umas 50 casas de construcção irregular, habitadas por 200 pessôas, mais ou menos, uma cap. votada a S. Antonio e uma feira, aos domingos, bastante concorrida. *Carnahyba* — é voc. tupy, significando — parente de peixe comprido; de *Cara* — peixe, *na* — parente, e *yba*, comprido, fino. (B. Roham).

Carnahyba — Fazenda comprehendida em territorio do mun. de Flores.

Carnahuba — Eng. situado no mun. de Itambé.

Carnahuba — *Ilha* — Muito cercada de cachôpos e situada no rio S. Francisco, pertence a este Estado.

Carnahuba — *Riacho* — Nasce no mun. de Flôres e, por elle correndo na extensão de 60 kilms., desagua no Pajehú, na pov. S. Francisco.

Carne de Vacca — *Povoação* — Na freg. de S. Lourenço de Tejucopapo, mun. de Goyanna, á L da séde, a 2 kilms. do rio Megahó, fica situada a beira-mar, entre basto coqueiral, havendo alli uma capellinha sobre o patrocinio de Sant'Anna.

Carneiro — *Povoação* — No mun. do Buique, possue uma cap., cuja inv. é N. S. da Penha e fica situada ao N d'aquella cidade, e a 802m de altitude.

Carneiros ou **Praia dos Carneiros** — *Povoação* — A' beira do mar em pittoresca situação entre denso coqueiral está sentada em uma planicie proxima á barra do rio Formoso, possuindo uma capellinha da inv. de S. Benedicto. Deve seu nome ao facto de pertencerem aquelles terrenos aos descendentes de José Henrique Carneiro de Almeida. Está na jurisdicção do mun. do Rio Formoso.

Carnijó — Eng. do mun. de Jaboatão.

Carnijó — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no rio Traipú, affl. do S. Francisco.

Carapotós — (Vide Carapotós).

Carpina — *Povoação* — Situada nos muns. de Nazareth e Pau d'Alho, servindo de linha divisoria a estrada de rodagem.

Historia — O conego Antonio Domingos de Vasconcellos Aragão, fallecido em 1899, e que foi durante muitos annos, coadjuctor e vigario pro-parocho de Pau d'Alho, deu-nos as seguintes notas a respeito da origem do nome *Carpina ou Chã do Carpina*, e no todo confirmou-n'as o nonagenario vigario de Tracunhãem, P.e Basilio Gonçalves da Luz, fallecido em 1906: — A' margem meridional da estrada de rodagem existia, até 1882 mais ou menos, um tanoeiro por nome Luiz José de Mello, homem já não moço, a quem os almocreves e viajantes chamavam o *carpina*, quando demandavam a chã ou planalto em que o mesmo tinha sua tenda e residia. Ahi, á margem norte do ca-

minho e um pouco mais abaixo, havia tambem uma casa de taipa, com uma sombria e grande jaqueira á porta, na qual, n'uma janella atravessada e cuja taboa cahida era o balcão, se vendia bellos cachos de bananas, jacas, aguardente e cachimbo (mel de abelhas misturado com aguardente). Os viajantes, em geral, nesse ponto paravam, na casa da velha Anninha, ou para beberem um pouco d'agua crystallina e fria que não tinham egual em outros logares, ou para *refrescarem* a goéla com aguardente, *adoçarem*-na com cachimbo, ou *irem* ás boas fructas. Mas a verdade é que os viajantes quer do sertão, quer do Limoeiro, de Bom Jardim, de Nazareth, ou os que voltavam do Recife, anteriormente já tinham o proposito, pelo menos, de beber agua na *Chã do Carpina* ou no *Carpina*, abreviadamente. Por esse facto aquelle pedaço de estrada era na boca dos transeuntes uma *propriedade* do pobre tanoeiro. Em 1882 abre-se ao trafego a lniha ferrea para a cidade do Limoeiro e consequentemente para a Chã do Carpina, que era uma estação intermediaria; e depois o ramal de Nazareth, sendo ahi o entroncamento. Começam as construcções das primeiras casas. Experimentado como clima, pela sua posição, provou bem a utilidade nos casos de febres rebeldes que não tinham sanado com outros remedios, nas doenças do figado, do baço, dos rins e ainda na tuberculose. Ashabitações se succederam umas ás outras, gchegou a tornar-se, como é hoje, um grande povoado. Entretanto, extravagante é a mudança feita do nome primitivo, que, embora não seja uma pagina de feitos gloriosos da historia nacional, comtudo é expressivo, rescende um pouco da poesia popular e rude, é a tradição .Poderia ser trocado por outro qualquer, que traduza um facto intelligente, uma idéa verdadeira, congenere ou superior; mas não por um nome vasio de sentido, que apezar de muito extenso é um disparate, nada significa :—*Floresta dos Leões*— Ha floresta em Carpina? ha leões? *Florestas*, apezar de serem as mesmas faceis em Pernambuco, alli não se vê senão um campo raso, despovoado de arvores, sem matta alguma, e nem se sabendo qual é a época em que as houve, porque deve ser remotissima. E *leões*? No continente americano não consta havel-os. Assim em *Carpina* não ha nem *floresta* nem *leões*, por conseguinte *Floresta dos Leões* é um... outros completem. Si fosse por exemplo parecer ridicula (o que não achamos) a expressão *Carpina* ou *Chã do Carpina*, substituida por — Campo Alegre, Campo Grande, Campo Bello, Campos, Campina Alegre, Campina, Campina Grande, Bella Vista, Bello Horisonte, Bellos Aires, ou Bons Aires ou qualquer outro similhante, e accommodado, — ou recordando quer um feito patrio ou gloriosa tradição, ninguem teria o direito de uma objecção. Digno de nota é que as Municipalidades de Páo d'Alho e Nazareth collaborassem na estulta chrisma, dando á povoação o nome com que alguem induziu o Governo Federal, que não tem obrigação de saber estas cousas, a mandar chrismar a estação que a via-ferrea ahi possue. O inglez foi o vehículo da proposta ao Ministro, porque lhe pediram, mas ignora o representante da companhia isso, e depois mesmo o sentimento que póde ligar a taes cousas é o da indifferença. Assim, sabido o que fica commentado, quer o congresso estadoal, quando tenha de dar á povoação a categoria de villa, ou o Exm. Sr. Bispo Diocesano, quando chegue a erigil-a em séde de freguezia, não acompanhem similhante designação tão parva, deem ao logar, ao menos, um nome cuja significação não seja o opposto á verdade.

Topographia— Situada á margem da estrada de rodagem a 190 m. de altitude, sobre extensa e bella planicie que comportaria uma cidade colossal, tem boa edificação composta de alguns sobrados, chalets, muitas casas commerciaes, possue duas feiras semanaes, dous

templos, um dedicado a S. José e sagrado em 1903 pelo Bispo D. Luiz de Brito, e outro em construcção ainda; collegio, escolas, hoteis, agencia do correio, etc.

DISTANCIAS—Está do Recife a 60 kiloms., a 12 de Páo d'Alho, a 14 de Nazareth, a 59 de Timbaúba, a 24 de Limoeiro, a 85 de Itabayana, a 193 de Lagoa Grande, a 156 da capital da Parahyba, a 192 da cidade da Independencia, a 242 de Nova Cruz (Rio Grande do Norte), e a 363 da capital do Rio Grande do Norte.

A estação de Carpina, hoje Floresta de Leões, foi aberta ao serviço em 20 de fevereiro de 1882, e communica com a do Recife por dous trens de ida, e dous de volta.

Carpina — Eng. do mun. de Páo d'Alho, a pequena distancia do povoado do mesmo nome.

Carrapateira — VIDE FERREIROS.

Carrapateira — Fazenda de criar no mun. do Brejo, distr. da Serra do Vento.

Carrapato—*Povoado*—No mun. de Taquaretinga com uma cap. dedicada á S. Maria.

Carrapato—*Engenho*—No mun. de Páo d'Alho, possue uma capella sob o patrocinio do Senhor Bom Jesus e N. S. do Rosario.

Carrapato — *Serra*—Situada no mun. e freg. de Taquaretinga a 25 klms. á L desta cidade. Tem uma elevação média sobre o nivel do sólo de uns 400 metros.

Carrapatos — Engs. dos muns. de Páo d'Alho e Rio Formoso.

Carrapicho — *Logarejo* — No mun. de Triumpho.

Carrapicho — Logar da freg. de S. Lourenço de Tejucupapo, mun. de Goyanna.

Carrapicho —*Morro*—No mun. de Goyanna, freg. de Tejucopapo, e proximo á praia de Catuama, é coberto de coqueiros.

Carrapicho — *Riacho* — Nasce no logar Olhos d'Agua do Figueira, mun. do Limoeiro, e, depois de 15 kilms. de curso, derrama no Capibaribe, pela marg. dir., junto á pov. de S. José de Pedra Tapada, onde existe, sobre esse riacho, uma pequena ponte de madeira.

Carreira de Mazombos — Assim foi chamado nos primitivos tempos o actual povoado dos Arrombados ou Duarte Coelho.

Carrilho — *Riacho* — Nasce na serra do Moleque mun. do Altinho, e, correndo na direcção S, desagua no rio Una no logar de seu nome, com 6 kilms. de curso.

Carro da Telha — Logar do mun. do Limoeiro.

Carro Quebrado — Logar do mun. de Nazareth.

Carauipe ou Carassuipe — *Engenho* — No mun. de Agua Preta.

Caruá — *Serra* — Fica situada no mun. de Gravatá.

Caruarú — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. das Dores de Caruarú.

HISTORIA — No principio do seculo 17, segundo conta a tradição local, era o sitio da actual cidade de Caruarú uma grande fazenda de gados. Então appareceu ahi uma molestia, cujos symptomas eram — diarrhéa abundante, fraqueza e paralysia das pernas e a morte, por fim, dos animaes vaccuns, acommettendo primeiramente aos bezerros e depois ao gado grande, dizimando aquelle mal, totalmente, a fazenda que, desde logo e por isso, foi abandonada por seu proprietario. Os habitantes das cercanias, indigenas em grande numero, assignalavam dahi por diante, aquelle sitio com a denominação de—*Caruarú*. Aquelle nome teria alguma relação com o facto acontecido? Sobre esse assumpto não temos fundamento seguro para uma asseveração, pois aqui se trata de uma narração que nos dá

a simples noticia oral, e nada mais. *Caruarú*, realmente, é voc. tupy, composto talvez de *caruara*, — quebranto causado pelo feitiço, especie de paralysia que ataca as pernas do gado vaccum, diarrhéa que mata outros animaes recem-nascidos, e *u* — verbo, significando — comer, devorar; o nome *Caruarú*, pois exprimirá — destruido pela díarrhéa — e com essa analogia, que em si contém relativa ao facto alludido, prender-se-ha á tradição?

Entretanto vacillamos em acceitar aquella significação, porque, 12 kilms. abaixo da cidade do Limoeiro, logar Gamelleiro, ha no rio Capibaribe um poço muito fundo, piscoso, com redemoinho e cheio de pedras, o qual os indios do aldeamento dalli chamavam *Caruarú*, nada existindo no mesmo da idéa de *caruara*; pelo que, segundo Baptista Caetano, suppomos antes vir de *Caru* —alimentar, comer, tomar alimento—e *aru* — revolto, damnoso, malefico, perigoso — isto é, significando a palavra — *Caruarú* — alimento revolto, comer perigoso. Agora procuremos encontrar nos dous logares a mesma analogia. O poço do *Caruarú* de Gamelleiro, devido á sua profundidade e redemoinho ou perão, constantemente faz victimas, que engulidas pelo sorvedouro afogam-se; e quando o rio baixa, o povo das cercanias não deixa de pescal-o pela abundancia de peixe que contém, podendo assim comprehender-se o dizer do indio: — alimento revolto, isto é, o redemoinho donde se extrahe o peixe. Na cidade de Caruarú o rio Ipojuca, devido ás pedras que se encontram dahi até o logar Jacaré, sobretudo, é revolto (marulhoso), não só por essa causa como pela grande inclinação do leito, sendo piscoso na cidade onde, havendo, outr'ora, grande poço, foi aproveitado para se fazer um açude e demorar-se mais as aguas do rio, que muito velozes na descida seccavam depressa. Com esta similhança preferimos a segunda etymologia, do que a primeira tradicional e unicamente local. Mas, nada impediu que, posteriormente, na mesma localidade da fazenda, se fundasse uma povoação; e em 1794, por documentos escriptos, que comprovam, se sabe que já existia, possuindo crescido numero de casas, conhecida com a mesma denominação actual. Fez parte primitivamente da freg. de S. Antão da Victoria; dividida esta em duas, e creada a de Bezerros, passou a pertencer-lhe; desmembrado, em virtude da Lei Prov. n. 65 de 12 de Maio de 1839, o territorio de Bezerros, que constituiu a freg do Bonito, ficou fazendo parte desta; creando a Lei Prov. n. 133 de 2 de Maio de 1844 a freg. de S. Caetano da Raposa, continuou a fazer parte da Com. do Bonito, mas desligada desta freguezia, para pertencer á de S. Caetano; e, finalmente, a Lei Prov. n. 212 de 16 de Agosto de 1848 transferiu a séde da freg. de S. Caetano para a pov. de Caruarú, dividindo a Com. do Bonito em dous muns., elevou-a á villa, sendo installada em 16 de Setembro de 1849 a primeira Camara Municipal, pelo presidente da do Bonito Francisco Xavier de Lima. Foi o primeiro vigario da freg. o padre Antonio Jorge Guerra, que a installou em 28 do mesmo mez. A Lei Prov. n. 416 de 18 de Maio de 1857 deu-lhe a categoria de cidade. Creada Com. pela Lei n. 720 de 20 de Maio de 1867 e classificada de 1ª entrancia pelos Decrs. 3.978 de 12 de Outubro do mesmo anno, e de 2ª entrancia pelo de n. 5.139 de 13 de Novembro de 1872. Installou-se Com. em 1867, sendo seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Antonio Buarque de Lima e primeiro promotor Dr. Antonio Epaminondas de Barros Corrêa. Em virtude da Lei Estad. n. 52 (organica dos muns.) constituiu-se mun. autonomo em 1 de Março de 1893, sendo os seus primeiros eleitos, para o governo municipal, os cidadãos seguintes:

Prefeito — Major João Salvador dos Santos, Sub-prefeito João Ferreira de Mello Lyra; Conselho Municipal, vereadores Manoel Rodrigues Porto, Major Aurelio Florencio da Silva Limeira, Capitães João da Costa Pinheiro, Venustiniano Corrêa da Silva e Estevão de Queiroz Lima, Tenente Florencio José do Nascimento e Professores Vicente da Silva Monteiro e José Francisco Florencio de Souza. Em Dezembro de 1848, no periodo revolucionario, o Tenente-coronel da Guarda Nacional Antonio Corrêa Pessôa de Mello, conhecido por *Mello de Vertentes*, á frente de 80 homens, invadiu Caruarú, não se dando, felizmente, nenhum tiro ahi, e partindo os mesmos desse logar para atacar a pov. de Bezerros. Durante a revolta *Quebra-Kilos* a cidade de Caruarú foi invadida, em 12 de Dezembro de 1874. — Ahi em 4 de Novembro de 1869 falleceu o poeta pernambucano Manoel de Carvalho Paes de Andrade, autor das *Flores Singellas e Flores Pallidas*, versos aproveitados em modinhas muito populares.

Posição astronomica — Está a 8° 12' e 15" de lat. S, e a 7° 7' e 25" de long. orient. do merid. do Rio de Janeiro ou 36° 2' 30" occ. de Greenwich.

Limites — Confina: ao N com o mun. do Brejo da Madre de Deus, nos logares Onça, Raiz e Tacaité; a L com o mun. do Limoeiro, desde a foz do riacho das Eguas, no logar Bataria, seguindo por elle acima até a fazenda do Vigario e desta ao pé da serra dos Côcos, com o mun. de Bezerros, no logar Poção, e com o do Bonito, desde a barra do riacho Páo Santo, no rio Ipojuca, até ás nascentes do mesmo riacho; ao S com o mun. do Altinho, pelo Brejo do Buraco, ponta da serra dos Laços, serra do mesmo nome, da Quiteria, até o pico da serra do Jardim; ao O com o mun. de S. Bento, nos logares Mulungú e Garróte.

Extensão — Tem de N a S uns 60 kilms. e de O a L uns 80 kilms.

Clima e salubridade — O clima do mun. de Caruarú é frio e sêcco e a salubridade é geralmente bôa, com excepção da cidade, onde, ás vezes, reinam febres de máo caracter, tendo sido attribuido o mal ao açude feito sobre o rio Ipojuca, pois no verão, quando o rio deixa de correr e as aguas ficam estagnadas, é justamente a epoca de taes manifestações de insalubridade.

Aspecto da natureza — O sólo do mun. é geralmente plano, insignificantes serras e ligeiras ondulações do terreno apenas se veem alli, de longe em longe. Naquella zona já não se encontram as mattas frondosas de outras regiões do Estado; é a vegetação aparada, baixa, descoberta e cortada, a que chamamos *capoeiras*, o que domina nessas paragens. Comtudo, no inverno, essa natureza é encantadora e deslumbrante, ao fitar-se-lhe as arvores revestidas de umafolhagem esmeraldina, e onde são mais escassas, bello mirar-se esses tapêtes de relva que chamam o *pasto*, contraste singular do verão, em que contrista fitar esse mesmo campo extenso e as arvores núas de folhas, tudo adusto, e, muitas vezes, semelhando ao vestigio da destruição por grande incendio. Rios e riachos correntes, numa estação, em outra ficam completamente seccos, em pura areia, e a agua só apparece cavando aquella. Tal é em geral o aspecto da natureza dos nossos sertões.

Divisão — O mun. de Caruarú contém duas parochias — N. S. das Dores de Caruarú, e S. Caetano da Raposa. Administrativamente contém 3 districtos: — 1° o da cidade, 2° o de S. Caetano e 3° o de Carapotós.

População — Consta a população do mun. de Caruarú de umas 20.000 almas sendo 14.000 na parochia de N. S. das Dores de Caruarú e 6.000 na de S. Caetano da Raposa. Em seu perimetro de cidade, a séde poderá comprehender em seus muros umas 6.000 almas.

Topographia — A cidade de Caruarú, séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. das Dores, está situada á marg. esq. do rio Ipojuca, a 557 m. de altura sobre o nivel do mar, em terreno quasi plano; tem uma perspectiva agradavel, boa edificação, e possue 24 ruas espaçosas, 3 feiras semanaes, inclusive uma de gado; cadeia construida de 1896 a 1901, escola estadoal, estação da via ferrea, capella do Bom Jesus do Monte erigida em 1901, ponte sobre o rio Ipojuca feita de 1901 a 1902, e dous cemiterios cada um com capella, dedicadas á S. Roque e S. Miguel; tres templos, — a matriz, edificada em 1846 pelo missionario Frei Euzebio de Salles, auxiliada a construcção pelo trabalho e esforço do povo, a egreja da Conceição, sendo esta e aquella collocadas em bellas praças; e a do Rosario ainda em construcção; possue ainda algumas associações, entre as quaes — o Club Litterario, Sociedade Dramatica, a banda Commercial *Euterpe*; tem ainda o predio da Municipalidade, o açougue publico, um pequeno deposito de polvora, um edificio em construcção destinado a servir de casa de caridade; fabrica de oleos denominada Boa Esperança, etc. Esta cidade contém, no perimetro em que se cobra a decima urbana, 600 casas approximadamente, sendo dentre ellas 15 de sobrado.

FEIRA DE CARUARU

Povoados — *S. Caetano da Raposa*, a 22 kilms. ao O. de Caruarú, á marg. do Ipojuca e em terreno desegual. *Carapotós*—com capella sob a inv. de N. S. da Conceição, tem uma feira. *Pitombeira* — tambem com uma feira. *Cedro* a 2 kilms. á L da cidade. *Sitio* — á O; e *Jacaré* á marg. do Ipojuca e a 15 kilms. a L.

Orographia — Junto á cidade, do lado O, existe, isolado na planicie, um serróte denominado do *Caruarú*. As principaes serras do mun. são: a do *Jacaré*, a das *Emburanas*, das *Torres*, curiosa pela configuração similhante a duas torres; a da *Malhada da Pedra*, formando uma cadeia com a direcção L a N; a de *S. Francisco*, *Terra Vermelha*, *Cavallos*, *Pellada* — formando outra cadeia no lado S; a da *Onça*, a de *Tacaité* ao O; e a da *Raposa*, junto á pov. de S. Caetano.

Hydrographia — O rio Ipojuca rega o mun., na direcção O a NE banhando

os logares — Taquara, Moura, Sitio, S. Caetano, Caruarú, Cedro, Jacaré e Emburana, conservando agua no inverno e seccando, inteiramente, no verão, excepto em Caruarú e em São Caetano, onde existem açudes publicos sobre seu leito. São affls. no mun. — os riachos Mocós, Salgado, Azevém, Jacaré, Pororóca e Páo Santo.

COMMERCIO E AGRICULTURA — O commercio de Caruarú entretém duas feiras, ás 4as e sabbados, abundantes em generos de todas as especies e outra de gado vaccum, na terça-feira, em transito para a cidade da Victoria. Em dezembro de 1905 existiam na cidade de Caruarú — 4 padarias, 1 loja de ferragens, 13 estabelecimentos de molhados e 11 de varios generos. Os principaes productos do commercio local são: o algodão, o milho, o feijão, a mandioca, caroços de algodão, fumo, bagos de mamona, queijos, solas e courinhos, que são exportados para a capital. Na zona brejosa do mun. ha muitas engenhocas de fabricar rapadura, alguns engs. de assucar e, ultimamente, se tem feito bastantes plantações de café, havendo já milhares de pés d'essa planta em estado de fructificação, e pretendendo, em vista dos esperançosos resultados obtidos, um intelligente agricultor d'alli, o Dr. Paulino Lopes da Cruz, montar uma grande fazenda de café, num extenso brejo de que fez acquisição.

MINERAES — Além do granito, nada se sabe da existencia até agora, a respeito de mineraes.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Existem no mun. varias escolas municipaes.

FINANÇAS — O Conselho Municipal orçou para 1904 a receita em 22:000$000 e em 21:000$000 a despeza.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO E DISTANCIA — Os meios de transporte no mun. são: para a capital, a via-ferrea, e para os demais pontos do Estado a conducção é feita a cavallo. Demora da capital 140 kilms., 60 do Bonito, 27 de Bezerros, 108 da cidade do Limoeiro, 88 da cidade da Victoria, de Palmares 120, de Canhotinho 108, de S. Bento 70, do Altinho 36 e do Brejo da Madre de Deus, 64.

Caruarú — Estação da E. de F. Central, junto á cidade de seu nome, e entre as de Gonçalves Ferreira e São Caetano, aberta ao serviço publico em 2 de Dezembro de 1895.

Caruarú — Logar no mun. do Limoeiro a 12 kilms. á L dessa cidade e junto do logar Gamelleira. Ahi o rio Capibaribe tem um poço que nos verões mais fortes não seccou ainda, sendo elle abundantissimo de peixe e muito perigoso, sobretudo nas enchentes do rio, pelos *perdos* que contém. Fica a uns 2 kilms. da estação do Campo Grande.

Caruarú — *Serrota* — Isolada na planice, fica situada no mun. de Caruarú, junto á essa cidade e do lado meridional.

Carvalho — *Povoação* — Situada na freg. de Alagôa de Baixo, tem uma cap. e dista da séde 10 kilms. e 21 da cidade de S. Agueda de Pesqueira.

Carvalhos — *Engenho* — No mun. de Ipojuca, a 3 kilms. ao SO de N. S. do O', em linha directa.

Casa Amarella — *Povoação* — Na freg. do Pôço da Panella, mun. da capital, no bairro denominado Arraial. E' dos arrabaldes do Recife um dos mais saudaveis e bastante povoado; tem bôa edificação, excellentes sitios de arvores fructiferas, está collocado a 17^{m} de altura sobre o nivel do mar e é servido pelo ramal da E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, denominado dos *Afflctos*, possuindo no local uma estação com o nome acima, no kilm. 6,480^{m}, da inicial da rua do Sol, entre a da Mangabeira de Cima e a da povoação Monteiro, havendo trens, regularmente, em todas as horas. O cemiterio municipal, destinado a servir as necessidades das inhumações dos fallecidos na freg., ahi fica situado, ao lado da estrada que conduz ao Brejo dos Macacos, mas em pessima posição, a mais inconveniente

possivel, de modo a poder causar damnos sensiveis á salubridade dos habitantes d'essa região. Urge, pois, que seja fechado e estabelecido em outro ponto conveniente. O nome *Casa Amarella*, segundo dizem, tem origem no facto da existencia de uma casa sempre pintada de amarello, que, ao tempo da inauguração do caminho de ferro, fronteira á estação, alli havia, dando isso motivo á companhia constructora denominar assim a estação, como egualmente tinha feito com as de Mangabeira e Tamarineira, conforme o objecto, que mais prendia a attenção, em cada um d'esses logares, então simples sitios. O desenvolvimento começou de tal epoca.

Casa de Pedra—*Riacho*—Affl. da marg. dir. do Brigida. E' conhecido tambem por *Cova de Pedra*.

Casa Forte—*Povoação*—Arrabalde da Capital, freg. do Pôço da Panella, entre os logares Sant'Anna e Caldeireiro, no kilm. 7,085^{m} da estação inicial da E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos (linha principal), é muito aprazivel por sua situação pittoresca, por suas condições de salubridade, que o tornam recommendado e escolhido dos medicos para sarar certos males, por sua casaria, que se melhora constantemente, pelos seus sitios bem arborisados e abundantes de fructos e outras vantagens que o fazem excellente. Ahi existe em obras, no largo que lhe chamam *Campina*, uma capella, reconstrucção da do engenho que ahi houve nos primitivos tempos.

Este logar é celebre pela memoravel victoria alcançada pelos pernambucanos sobre os hollandezes, aos 17 de agosto de 1645, na guerra da restauração. O combate da Casa Forte, assim chamado por terem-se os hollandezes fortificado na casa da vivenda do engenho, então de D. Anna Paes, o qual dahi em diante ficou sechamando Casa Forte, assim como o logar, e cuja casa ainda existe. Custou ao inimigo 600 mortos, 200 prisioneiros, 600 armas e muitos artigos bellicos. Os pernambucanos tinham á sua frente os generaes André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira; e os hollandezes o general Henrique Hus, que ficou prisioneiro.

A respeito desse extincto engenho o Dr. Pereira da Costa publicou o seguinte:

« Nas terras da Casa Forte levantou Diogo Gonçalves um outro engenho, movido por animaes, cuja propriedade passou depois a pertencer a sua filha Isabel Gonçalves Fróes, casada com Jeronymo Paes, os quaes já a possuiam entre fins do seculo XVI e principio do immediato; e cabendo depois, como dote nupcial, á D. Anna Paes, filha dos referidos proprietarios, é d'ahi que vêm as constantes referencias historicas sobre o engenho, ora com o nome de *Engenho de Jeronymo Paes*, ora com o de *D. Anna Paes*, até ficar com a denominação de *Casa Forte*, em virtude do brilhante feito d'armas alli ferido em 1645, no inicio da guerra contra a dominação batava.

Além das mencionadas denominações de *Engenho de Jeronymo Paes*, ou de *D. Anna Paes*, teve ainda mais duas, até chegar á de *Casa Forte*, que perdurou até a sua extincção e perdura ainda na bella povoação que campêa nas suas terras.

Casara-se D. Anna Paes, a bella pernambucana, na phrase de Varnhagen, filha de nobres paes, rica e moça, na de um chronista do tempo, com o fidalgo Pedro Correia da Silva, que tomando parte, como capitão do exercito, na defesa do forte de S. Jorge, recebeu tão graves ferimentos, que succumbiu logo depois.

Permanecendo D. Anna Paes, no seu engenho, não acompanhou a seus patricios quando emigraram para a Bahia, e passou depois a segundas nupcias com Carlos de Tourlon, capitão das guardas do principe de Nassau, o qual, de volta da mallograda tentativa de conquista da Bahia, em 1638, refor-

mou o engenho com os cabedaes e materiaes proprios que trouxe; e na qualidade de proprietario, varias vezes se menciona o nome de *Engenho Tourlon* dado á propriedade, assim como de *Engenho Nassau*, denominação que impozera elle em homenagem ao principe governador.

Cahindo Tourlon no desagrado do principe, por suspeitas de relações contra elle dirigidas para a Hollanda, foi deportado para aquelle paiz, e lá falleceu; e D. Anna Paes, que não acompanhara a seu marido, passou então a terceiras nupcias com Gilbert de Witt, membro do Conselho Politico hollandez.

Em 1645 era o engenho de D. Anna Paes uma das melhores propriedades agricolas de Pernambuco, bem montado, com espaçosa e bem construida casa de vivenda, sobre pilares de pedra, com varandas e escadarias, tenda ao lado, em frente ao espaçoso terreiro, a capella da fazenda, sob a invocação de N. S. das Necessidades. Já a esse tempo existiam varias casas de moradores, com seus sitios de plantações, disseminados no vasto tracto de terras do engenho

Em 17 de Agosto daquelle anno trava-se no logar uma heroica peleja entre as forças pernambucanas e as hollandezas, a qual teve por scenario, no rompimento da acção, a campina do engenho, e por fim a propria casa de vivenda, onde o inimigo se refugiara; e tornando-se conhecido esse feito d'armas, de que sahiu victoriosa a nossa gente, por *Batalha da Casa Forte*, vem d'ahi a nova e ultima denominação do engenho.

Abandonado pelo seu proprietario e moradores durante o periodo da guerra, e ficando consideravelmente damnificado pelo combate, sómente foi reparado e começou a trabalhar depois da restauração, em 1654; e assim permaneceu até a sua extincção a divisão das suas terras, facto esse que não attinge mesmo ao termo da primeira metade do seculo passado.»

Casa Nova — *Povoadinho* — Situado á marg. do riacho Jacaré, mun. da Bôa Vista.

Casa Nova — *Serra*—Fica collocada em territorio que pertence ao mun. de Gravatá.

Cascavel — Estação que, provisoriamente, inaugurou-se em 2 de Dezembro de 1886, na E. F. C. de Pernambuco, a 35 kilms. da cidade da Victoria, no kilm. 76,205 da inicial do Recife e a 366^{m} de altitude. Foi supprimida depois da abertura da denominada *Russinha*, um pouco antes daquella. É logar inteiramente despovoado e na encosta da serra das Russas.

Cascavel — *Serra* — No mun. de Gravatá, pouco além do pov. Russinha, faz parte da cordilheira denominada — das Russas.

Cascudo — Logar que pertence ao mun. de Quipapá.

Casinhas — *Arraial* — do mun. de Bom Jardim, freg. de Surubim, a 18 kilms. ao NO da matriz, tem uma feira florescente e capella de N. S. das Dôres.

Cassatuba — Logar do mun. do Limoeiro junto á barra do riacho de seu nome.

Cassatuba ou Caçatuba — *Riacho* — Nasce na lagôa da Extrema, lims. dos muns. de Bezerros e Limoeiro e, correndo por este ultimo mun., desemboca no logar Barra, acima do Poço do Páo, no rio Capibaribe.

Cassiano — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e derrama no Arabary, affl. do Balsamo, que é do Parahyba.

Cassuá—Eng. do mun. da Escada, a 6 kilms. da séde.

Cassupim—Eng. do mesmo mun. da Escada, a 6 kilms. da séde.

Castello — Eng. que está situado no mun. do Cabo.

Castello — *Engenho* — No mun. de Ipojuca, ao SO de N. S. do O' e a 12 kilms. distante (linha directa).

Castôr — Eng., fica no mun. de Gamelleira, a 9 kilms., a L da cidade desse nome.

Catende — *Povoação* — Situada em terreno desegual, á marg. dir. do Pirangy, no mun. de Palmares, de cuja cidade fica a 18 kilms. ao S, é um logar bastante crescido, com bôa casaria em numero de 300, approximadamente, bastante commercial, possue uma animada feira e uma capella dedicada á Santa Anna. Em 1905 continha em seu ambito — 1 hotel, 3 padarias e refinações, 4 açougues, 1 alfaiataria, 2 estabelecimentos de barbeiro, 8 de fazendas, miudezas e ferragens, 24 de molhados e 4 armazens para a compra de assucar. Fica comprehendida no 3° districto de Palmares e são ondulados e ferteis seus terrenos, cultivando-se nelles, especialmente, a canna de assucar, para a fabricação de cujo producto ha 63 engs. e as usinas Catende, Florestal e Colonia; planta-se ainda ahi a mandioca, o feijão, o fumo, etc. Póde-se computar numas 2.000 almas a população de Catende. As noites nesse logar são frescas e agradaveis no verão, e frias no inverno. Está a 153ᵐ de altitude, ficando ahi com o mesmo nome, no kilm. 17.702 da inicial de Palmares, uma estação da E. de F. S. de Pernambuco, entre as de Bôa Sorte e Jaqueira, aberta ao trafego aos 2 de dezembro de 1882; agencia do correio, escolas, etc. Tem uma ponte sobre o rio Pirangy, ligando-se ao eng. Catende,—*Catende*, voc. indigena, significa motto babôso, — de *caa* — matto — e *tendy* — babôso, salivar. (*Dr. Martius*).

Catende — Eng. no mun. de Jaboatão, á marg. da linha ferrea Central e proximo á estação — Morenos; tem uma vistosa cap. com a inv. de N. S. da Conceição. No mun. de Palmares tambem existe outro de igual nome.

Catende — *Usina* no mun. de Palmares. Anteriormente chamou-se Correia da Silva. Por decreto do Governo do Estado de 24 de março de 1891 e contracto de 3 de abril seguinte, lavrado no Thesouro, foi concedido aos agricultores Carlos Sinden e Felippe Paes de Oliveira o auxilio de 250:000$, em apolices de juros de 7 °/ₒ ao anno para fundação de uma usina, que se denominou «Correia da Silva» no engenho Catende de propriedade do segundo concessionario Felippe Paes de Oliveira e situado no Municipio de Palmares. Para o transporte da materia prima dispõe ainda a Usina de cerca de 16 kilms. de via-ferrea de 0ᵐ,60 de bitola, servida por tres locomotivas.

Catende—*Riacho*—Banha o mun. de Jaboatão e atravessa a linha ferrea Central, no ponto da situação do eng. do mesmo nome.

Catimbáo — *Arraial* — No mun. de Buique. *Catimbáo*, voc. tupy, significa, segundo Martius, — sarro de cachimbo.

Catimbáo — *Serra* — Situada no mun. do Buique ao NO da cidade deste nome, entre as serras Quiry d'Alho, do Coqueiro e S. José, da qual para O parece ser uma continuação. Tem 900ᵐ de altitude.

Catinga Vermelha — Logar do mun. de Gravatá. *Catinga*, voc. tupy, cuja significação parece provir de *caatinga* — matto secco — dada a contracção pela corruptela.

Catolé — Engs. dos muns. de Amarangy e Bom Jardim.

Catolé—*Serra*—Fica ao S da villa de Belmonte, em cujo mun. está encravada, tem uma área de 36 kilms. e altura de 200ᵐ. E' muito productiva. No cimo da mesma ha uma parte que lhe denominam *Pedra Bonita*, celebre por um caso de fanatismo, dado nos annos de 1836, 1837 e 1838, onde foram immoladas muitas crianças, homens, mulheres e velhos, seduzidos pela invenção de um perverso embusteiro que, se dizendo rei-pontificio, convidava os credulos habitantes do logar, para desencantarem uma mina de diamante, e a El-Rei D. Sebastião, alli, tambem encantado com todo seu exercito, dizendo elle

nada acontecer aos que se entregassem ao sacrificio, pois com el-rei todos resurgiriam mais bellos e felizes. Vide BELMONTE—*Orographia*.

Catolé—*Riacho*—Corre no mun. do Cabo.

Catu—Eng. do mun. de Goyanna. Voc. indig., commum á lingua *tupy*, onde sign.—bom, sadio (Dr. Martius), e á *guarany*, em que exprime—á gosto, á vontade, bastante. (Padre R. Montoya.)

Catuama – *Povoação* — No mun. de Goyanna, freg. de S. Lourenço de Tejucopapo, na barra do mesmo nome, a 24 kilms. ao SE d'aquella cidade, ao N e proxima da ilha de Itamaracá, está situada a pov. nas abas de um outeiro oblongo e extenso para o N. Possue as capellas de N. S. da Penha, na barra de Catuama, e na praia—a de S. Antonio. *Catuama* é voc. tupy e significa, segundo *Martius*, — *logar muito bom*. No guarany existe tambem a mesma palavra, e então quer dizer — logar de muita chuva, de *catu*—bastante, muito, e *ama* chuva. (P. MONTOYA). A respeito da barra de—Catuama, diz Vital de Oliveira, em seu *Roteiro* : « E' a interrupção que faz o recife no extremo N da ilha de Itamaracá. Esta abertura é larga e com fundo de 45 a 54 palmos, areia fina, de um a outro picão da pedra; mas logares ha em que se encontra sómente 36 palmos e fundo pedrejado. —Esta barra facilmente ainda se reconhece do largo, não só por ficar no extremo N da ilha de Itamaracá, como pelos tres morros Catuama, Funil e Selleiro. Demandando-se a mesma quer pelo N, quer pelo S, deve-se ter attenção já com os baixos da *Ponta* de *Pedras*, já com os que se prolongam ao mar da *Ilha*, e assim não convirá passar de seis milhas para terra, sem demorar o outeiro do *Funil* por ONO, e a povoação do *Pilar* (povoação saliente na ilha) por SO 40. Assim collocado, poder-se-ha então approximar á costa e procurar fazer com que a ponta de *Catuama* de *Fóra* corresponda á grande arvore que está no morro *Selleiro*; e ao mesmo tempo uns coqueiros altos do morro do *Carrapicho* a uns cômoros de areia no pontal do Atapuz, que separa o rio *Tejucopapo* do canal da ilha; cheias essas duas marcas se estará agua aberta com a barra, e se governará a O e O4NO; com esta navegação passará um pouco mais ao norte do meio da barra onde se notam os mesmos coqueiros do *Carrapicho* no meio dos outeiros do *Funil* e do *Selleiro*, e os de Itapessoca por cima da ponta do outeiro de *Catuama de Fóra*. Transpondo a barra convém encostar um pouco mais para o S, governando ao O4SO, porque o picão do N do recife espraia bastante e deita para dentro algumas lages; á sombra do picão do sul se poderá ancorar em 36 a 45 palmos de areia fina e lama. Querendo fundear na bacia ou enseada de Catuama, deve-se attender á formação das corôas, e estas mostram facilmente o caminho a seguir. Logo em meia maré começam a descobrir, e com a preamar arrebentam sempre; assim distinctamente mostram aquellas o canal, onde se encontra 27 palmos, 22 e 18 no logar mais secco, que é quando as pontas do *Pilar e de Pedras* correspondem ao NNE—SSO. No ancoradouro dentro se acha 54, 63 e até 64 palmos proximo ás pontas do *Selleiro* e do *Funil*, ou embocadura do rio Massaranduba, não convindo, porém, approximar muito d'ellas, por ser ahi o fundo máo. A correnteza n'esta barra, quando se dá a vasante, é bastante forte, maxime, nas grandes marés; assim, é prudente não investil-a com vasante. »

Catuama — Eng. do mun. de Palmares, a 9 kilms. a noroeste. Limita-se com os engs. Chicapão, Montes e Bom Destino, que hoje, é a Usina 13 de Maio.

Catuama de Dentro—*Povoado* — Depois de finalisarem os outeiros *Selleiros*, *Funil* e *Catuama*, na marg. orient. do rio Massaranduba, e sobre um areial, fica situada a povoação onde

existe uma capella dedicada á N. S. da Penha, concluida em 1887, por um missionario capuchinho italiano, d'aquella ordem. (Vide CATUAMA).

Catuama de Fóra — *Povoado* — Assim nomeiam a parte edificada da barra de Catuama; é conhecida ainda não só por *Praia de Catuama*, como pelo nome de — *Barra de Catuama*. Possue uma egreja sob a invoc. de S. Antonio. (Vide CATUAMA).

Catucá — Logar do mun. de Olinda, notavel na historia pernambucana, por um combate travado em suas mattas, em 10 de Dezembro de 1848, entre a força do governo e os revoltosos, sendo da parte d'aquelle os mortos — 15 soldados, e feridos 5, e do lado destes — 12 os mortos e 36 os feridos (*F. de Mello* CHRON. DA REB. PRAIEIRA).

Catucá — *Riacho* — Banha o mun. de Quipapá e nelle correndo vai desaguar no rio Pirangy.

Caueira — *Serra* — Corre nos limites dos muns. de Bom Jardim e Timbaúba, freg. de S. Vicente.

Cavaco — Eng. do mun. d'Agua Preta, á marg. dir. do rio Jacuhype, a 31 kilms. (em linha directa), a sudoeste da séde. No projecto da E. F. de Palmares á Jacuhype e Tamandaré fica no kilm. 84.

Cavaco — *Serrania* — que, com diversos nomes, se estende pelos muns. de Garanhuns, S. Bento e Conceição da Pedra.

Cavaco — *Riacho* — Nasce na freguezia da Varzea onde corre, indo despejar no rio Capibaribe, na altura do povoado Cordeiro.

Cavado — Engs. dos muns. de Correntes, Goyanna e Iguarassú.

Cavalcante — Eng. na freg. de Sant'Anna da Vicencia, mun. de Nazareth.

Cavalcante da Malta — Eng. situado no mun. de Páo d'Alho.

Cavalleiro — Logar do mun. de Correntes.

Cavalleiro — *Serra* — No mun. de Correntes, corre na direcção NSE, e é abundante de mattas virgens. Ahi, nasce o rio Correntes, que vai confluir com o rio Mandahú, e ainda, em posições diversas, os riachos — Cocal, da Palha, Palmeiras, Mandahú-Mirim, Caranguêjo, Cassambinha e Jundiá, que buscam o Estado das Alagôas. O Mons. Dr. Manuel da C. Honorato, em seu Dicc. Topographico, diz :— « Até o seculo passado conservou o nome de Mãe d'Agua, mas foi trocado este pelo de *Cavalleiro*, porque os habitantes d'este tempo diziam que nas noites de luar, viam um cavalleiro no cume da serra. Sobre esta serra ha umas trezentas braças quadradas sem um só arbusto. Nota-se ainda ahi um subterraneo com entrada franca, similhante a uma porta, cuja profundidade é um abysmo insondavel. Ainda se conserva quasi toda coberta de mattas virgens e madeiras de construcção.» Na *obra citada* pag. 6, diz ainda: —*André Martins*, pôço—onde se precipita com elegantissimo effeito a corrente da cachoeira das Escadas, formada pelas aguas que descem da serra do Cavalleiro. Este pôço chama-se André Martins por ter existido, n'este logar um homem deste nome, que viveu 75 annos apreciando-o todos os dias, segundo affirmam.» No artigo *Cachoeira das Escadas* diz tambem: « cachoeira formada pelo rio Mandahú que atravessa a serra do Cavalleiro e se precipita no pôço de André Martius, com um salto que se calcula em 300 pés inglezes de altura.»

Cava de Pedra — *Riacho* — Affl. da marg. esq. do Brigida que, depois de 30 kilms. do curso, no mun. de Granito, faz barra no logar Caiçara.

Cavalleiro — Eng. do mun. de Jaboatão, pertencendo, porém, ecclesiasticamente, á freg. de Afogados do Recife.

Cavallete — *Riacho* — Corre na freg. de Exú e vai derramar no rio Brigida.

Cavallo — *Lagôa* — Situada no mun. da Gloria de Goitá, ao lado da estrada que vai da cidade de Limoeiro á da séde d'aquelle mesmo mun., ficando uns 6 kilms. do pov. Duarte Dias.

Cavallo— *Serra*—Fica situada no mun. de Granito.

Cavallo Russo — *Engenho* — Situado no 1° distr. do Brejo da Madre de Deus.

Cavallo—Logarejo no mun. de Leopoldina onde existem 9 fazendas de criação e um grande açude.

Cavallos — *Serra* — Ao NON da cidade de Aguas Bellas, tem, em seu ponto culminante chamado *Cabeça do Jacú*, uma elevação de 825m.

Cavallos — *Serra* — Situada no mun. de Caruarú.

Cavallos — *Lagôa* — Com este nome existe uma no mun. do Brejo, distr. de Bello Jardim proximo á marg. do rio Ipojuca.

Cavallos — *Riacho* — Corre nos limites orientaes dos muns. de Leopoldina e Salgueiro, limitando ao S o mun. de Cabrobó com o de Leopoldina.

Cavas — *Riacho* — Banha o mun. de Quipapá e vai derramar no Pirangy, affl. do rio Una.

Cavouco — *Riacho* — Nasce e corre no mun. da Varzea, indo derramar no rio Capibaribe, pela marg. dir., proximo ao logar Cordeiro. Outros chamam-lhe Cavaco (*Carta da cidade do Recife e seus arrabaldes*, em 1874).

Cavouco — *Riacho* — Corre no mun. de Serinhãem em terras do eng. Anjo, havendo sobre o mesmo uma pontesinha, construida pela Repartição das Obras Publicas do Estado.

Caxangá — *Povoação* — Ao O e a 10,200m da cidade do Recife fica situada na freg. da Varzea, de cuja séde dista 2,200m.

NOTICIA HISTORICA — Segundo consta, foi fundada no fim do seculo passado pelo conego Francisco Pereira Lopes Caxangá, dono das terras em que se vê o povoado, o qual tendo construido ahi uma casa para a sua moradia, e uma capella do santo de seu nome — S. Francisco de Paula —, e tambem doado mais de duas casas para o patrimonio da egreja, desde então o local ficou sendo conhecido por *Caxangá*. Dizem ainda que aquelle sacerdote, convidando conhecidos e pessoas de suas relações, ás quaes exaltava as excellentes qualidades da situação, conseguira formar no local um nucleo de habitantes e assim foi o inicio da povoação Em 1830, tendo-se arruinado a capella, foi reedificada pelos esforços dos moradores do povoado.

Sabe-se ao certo que o fundador falleceu em 30 de Janeiro de 1833, e que tinha 78 annos, tendo sido sepultado na Sé d'Olinda.

TOPOGRAPHIA — Está situada á marg. do rio Capibaribe e á beira da estrada de rodagem que vai para Páo d'Alho e Nazareth, em terreno plano, e comprehende, approximadamente, umas 80 casas. E' dividida em dous bairros, ligados, entre si, por uma ponte de ferro, construida em 1870, em substituição á pensil de arame, carregada, em 1869, pela grande cheia do rio (Vide *Capibaribe*). No bairro da marg. dir. fica a estação da via-ferrea, a qual, ao inaugurar se a linha, fôra no lado opposto do rio ; tambem vê-se a egreja de S. Francisco de Paula, maior numero de habitações, melhor alinhadas e architectadas. Está no bairro da marg. esq. do rio, o edificio da antiga estação da via-ferrea, convertido hoje em theatro ; o grande hotel do *Caxangá*, e diversas outras casas, em menor numero e desalinhadas. A povoação do Caxangá passa como logar saudavel; é um aprazivel arrabalde da cidade do Recife, para cujo centro tem, em todas as horas, trens de ida e volta, possuindo excellentes banhos no rio Capibaribe.

RIACHOS — Correm ahi os riachos — Agua da Materia, affl. do Camaragibe, que tem uma bomba no logar Bar-

reiras; e Brumzinho, que deságua no Capibaribe, junto á ponte do Caxangá.

PONTE—Logo depois da cheia grande de 1869 foi construida a ponte de ferro que se vê sobre o Capibaribe e entregue ao serviço publico em maio de 1872. Tem 56 metros de comprimento e 5m,70 de largura. As grandes cheias do Capibaribe inundam toda estrada, desde a Magdalena até esse povoado.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Com o Recife communica-se pela E. de F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, e pela estrada de rodagem de Pau d'Alho, para onde tem ligação, com os diversos pontos do interior do Estado.

AGUAS MINERAES — Nessa povoação, ao lado occidental da estrada que vai para o Ambotê e Varzea, á marg. dir. Capibaribe, há uma fonte d'agua ferrea a respeito da qual o Dr. Simplicio Antonio Maxignez, em officio ao governo da provincia, de 27 de agosto de 1838, diz que são da melhor qualidade e empregada em medicina com proveito na chlorose, amenorrhéa, atonias e certos engorgitamentos das visceras abdominaes, etc. Em Pariz, feito o exame chimico das mesmas, verificou-se serem ferruginosas. (Vide artigo RECIFE, *fontes d'aguas mineraes*).

Caxangá — Estação da E. de F. do Ribeirão ao Bonito, no mun. de Gamelleira, á 12 kilms. ao N da pov. de Ribeirão.

Caxangá — Eng. a 18 kilms distante e ao N da cidade de Gamelleira, a cujo mun. pertence, situado á marg. dir. do rio Amaragy. Por decr. de 12 de dezembro de 1894 foi concedida autorisação para ser fundada uma usina dessa denominação, formada pelos engs. — Caxangá, Lage, Caheté e Tolerancia.

Caxias — Eng. do mun. de Gamelleira a 21 kilms. ao N da séde.

Caxias—*Riacho* — Nasce no mun. de Amaragy, e, depois de 7 kilms. de curso, despeja no rio do mesmo nome, pela marg. dir.

Caxito — Engs. dos muns. de Serinhãem e Jaboatão. O ultimo fica á O e á marg. da via-ferrea central.

Caxito — *Logarejo* — Situado no mun. de Gravatá.

Cayanna — *Logarejo*—Está comprehendido no mun. de Bom Jardim.

Cayanna — Fazenda de criar, no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Cedro — *Povoado* — Situado a 15 kilms. ao NE da cidade do Limoeiro, e no mun. deste nome, proximo ao rio Tracunhãem, é um logar florescente pela creação, em 1878, de uma feira ahi; possue umas 80 casas, mais ou menos, não tem egreja alguma e fica sentada em terreno plano.

Cedro — *Povoado* — No mun. de Caruarú a 2 kilms. á L desta cidade; fica situado á marg. esq. do rio Ipojuca em terreno plano, e possue um crescido numero de casas de má construcção. No logar não existe egreja alguma.

Cedro — *Engenho* — No mun. do Cabo entre os engenhos Trapiche e Velho.

Cedro — Antiga denominação que tinha o rio Capibaribe na parte do mun. do Recife que começa na Magdalena e segue aos Coelhos, pelos bairros de S. José, S. Antonio, Boa Vista, até sua entrada no mar; o braço que bifurca-se para Afogados tinha o nome dessa povoação. Da Magdalena para cima era Capibaribe.

Cedro — *Riacho* — Corre no mun. de Villa Bella para o rio Pajehú.

Cedro—*Riacho*—Affl. do Quixaba, no mun. de Leopoldina, o qual é da Brigida que vai derramar no S. Francisco.

Chacon — *Logarejo* — Na freg. do Poço da Panella, a pequena distancia da estação da Casa Forte, á marg. do rio Capibaribe. Pertencia o terreno ao antigo engenho Casa Forte, e foi uma parte que um dos possuidores hypothecou posteriormente a F. de Hollanda Chacon, donde veio o nome.

Chã da Aldeia—Logar no mun. da Victoria.

Chã da Alegria — *Povoação*— Situada no mun. e freg. da Gloria de Goitá, á L da cidade deste nome, numa bella chã ou planura—tendo um aspecto airoso, de cuja circumstancia toma a denominação; possue umas 160 casas de soffrivel edificação, pequena vida commercial, uma feira, e ha na localidade uma capellinha dedicada á Virgem Santissima do Rosario.

Chã da Guariba —Logar do mun. de Bom Jardim, onde existe uma fabrica de descaroçar algodão.

Chã d'Anna — *Riacho* — Nasce na Estrada da Linha, nas confinações dos muns. do Recife e Olinda, e depois de pequeno curso vai derramar no riacho das Piabas, affl. do Paratibe, no logar Garapiroga.

Chã da Onça — Logar da freg. do Espirito Santo de Páo d'Alho, marginal á estrada de rodagem que vem da capital.

Chã da Rocha—Logar do mun. do Bom Jardim onde existe uma fabrica de descaroçar algodão.

Chã de Capoeira— *Arraial* no mun. de Páo d'Alho, á marg. da estrada desta cidade á do Recife; compõe-se de mais de 200 casas de construcção de taipa, com sitios excellentes de arvores fructiferas, e distribuidas aquellas n'uma extensão de 10 kilms., desde o logar Ladeira Preta, á bocca da matta S. João. E' um planalto de um clima suave e extremamente saudavel, sendo lastimavel que o logar não offereça elementos por onde, ao menos, se veja sua futura prosperidade, pois até, depois do estabelecimento da via-ferrea do Limoeiro, de uma estrada muito concorrida que foi de viajantes, hoje é quasi deserta.

Chã do Carpina— *Povoação*— Sobre um planalto de 191^{m} de altitude, á marg. da estrada de rodagem de Páo d'Alho á Limoeiro, no kilm. 53,875^{m} da via-ferrea do Limoeiro e no entroncamento das linhas que sobem á esta cidade e á de Timbaúba. Pertence aos dous muns. de Nazareth e Páo d'Alho, servindo-lhe de linha divisoria a estrada de rodagem. E' tambem conhecida simplesmente pelo nome de *Carpina*, e este foi até bem pouco o da estação do caminho de ferro, collocada no centro da povoação. (VIDE CARPINA.)

Chã do Estevão — *Povoação*— No mun. de Iguarassú, fica da séde 32 kilms. ao NO, sobre uma bella planicie, e possue uma capella, cujo orago é N. S. do Monte. Está a 8° 4' e 10" de long. Or. do Rio e a 7° 4' e 5" de lat. Merid. Ahi passará, segundo o projecto, a futura estrada de ferro do Recife á Itambé, cujos estudos feitos dão uma estação nesse logar, entre as de Tres Ladeiras e Goyanna.

Chã dos Côcos—Logar do mun. de Limoeiro.

Chã Grande—*Povoação* — Pertence ao mun. de Gravatá e, no ecclesiastico, á freg. de S. Antão da Victoria. Fica situada á marg. do rio Ipojuca, em terreno plano, a 18 kilms. ao SE da cidade de Gravatá e a 40 kilms. ao S da da Victoria. Possue uma capella sob o patrocinio de S. José e um cemiterio, construidos ambos em 1880, em missão de um frade capuchinho da Ordem de N. S. da Penha.

Chã Grande—Eng. do mun. de Goyanna.

Chã Grande — *Logarêjo* —Nos muns. de Taquaretinga e Iguarassú.

Chambá — *Serra* — Situada no mun. de Brejo da Madre de Deus, distr. de Bello Jardim.

Chã dos Allemães —Pequeno monte na freg. do Poço ao pé do qual tem origem o riacho Pimenta, affl. do Beberibe. Ahi em 1831 houve uma colonia allemã officialmente denominada *Amelia*. (Vide COVA DA ONÇA.)

Chambari—*Engenho*— No mun. de Palmares, a 45 kilms. ao NE da séde. Confina com os engenhos Barra do Dia, Massaranduba e Pôço.

Channaan — Eng. situado no mun. do Bonito.

Changuá — Eng situado em territorio do municipio do Rio Formoso.

Chapéo —*Serra*—Ao N da cidade do Buique e no territorio deste mun.; tem esta serra, cujo aspecto é de um pico isolado, a altitude de 845m. E' formada de *grez*.

Chupéo de Penna — Eng. do mun. de Correntes.

Charêta — Pequeno monte no mun. de Palmares.

Chata — *Povoação* — Distante 12 kilms. da pov. Gamelleira e 36 da séde, pertence ao mun. do Altinho; fica á marg. do riacho de seu nome, e possue uma capellinha votada a S. Francisco.

Chata — *Riacho* —Nasce no logar Divisão, do mun. de Garanhuns, 12 kilms. acima do pov. Jupy, e, correndo pelo mun. de Canhotinho, passa na fazenda do seu nome, donde tira a denominação, e vai desaguar, pela marg. dir. no rio Una, territorio do mun. de Altinho, abaixo da villa deste nome.

Chatinha —Logar do mun. de Bom Jardim.

Chechéo—*Povoação* — Fica comprehendida no mun. d'Agua Prêta. Em 1890 o governador marechal José Simeão d'Oliveira mudou-lhe a denominação para *Aurora*. (Vide AURORA.)

Cheios — *Riacho* — Nasce em terras do eng. Bento Velho, mun. da Victoria, corre para o N e faz barra no sitio Bahiano, tendo 4 kilms. de curso, e se lança no Tapacurá, affl. do Capibaribe.

Chéos—Pequeno arraial, á marg. esq. do rio Capibaribe, pertence ao mun. de Bom Jardim, freg. de Surubim, de cuja matriz dista 20 kilms. ao sul. Não tem capella. Ahi, as estradas da ribeira daquelle rio, e a que vem da pov. de Vertentes de Taqueretinga, encontrando se, ambas formam uma encruzilhada; e, já então uma só, descendo desse ponto por diante pela marg. do rio, vai-se para as povs. — Salgadinho, Malhadinha, Pedra Tapada, cidade do Limoeiro, etc. Compõe-se de algumas casas esparsas, dentre as quaes (em 1905) 4 eram fabricas de descaroçar algodão. Deve a denominação ao riachó *Chéos*, affl. do Capibaribe, que ahi faz barra.

Chéos — *Riacho* — Nasce e corre no mun. de Bom Jardim, com a direcção N a S, indo desaguar, no logar de seu nome, no rio Capibaribe, pela marg. septentrional.

Chicapáo —*Engenho*—No mun. de Palmares ao norte da séde 5 kilms. distante, e é limitado pelos engs. Catuama, Coceiros, Rebingudos, Santa Fé e Montes.

Chichá ou Xixá — Eng. do mun. de Iguarassú.

Chique-Chique—*Serra* — Fica situado no mun. de Itambé.

Chiqueiro — Eng. em territorio do mun. de Bom Conselho.

Chiqueiro— *Riacho* — Nasce no mun. da Escada e, por elle correndo, depois de 15 kilms. de curso, vai desaguar no rio Ipojuca.

Chiqueiró — *Riacho* —No mun. de Bom Conselho corre para a Arabary, affl. do Balsamo, que o é do Parahyba do Sul.

Chora Menino — Logar nas divisas das fregs. da Bôa Vista e Graça, mun. da capital, na estrada que se dirige para a Passagem da Magdalena e por onde passa a linha de bonds, que tem esse nome. Existe ahi uma capellinha particular, da inv. da *Sacra Familia*, fundada em 1755 por Anna Maria dos Anjos, reconstruida em 1884 por José Antonio Marques, e sendo inaugurada em 1888. O nome *Chora Menino* é posterior ao tempo em que foi erguida a capella, pois então era conhecido o local por sitio do Mondêgo, onde morou o celebre governador Luiz do Rego. Uma

lenda similhante a outras muitas creadas pela imaginação popular, para explicar certos factos, anda ligada á denominação actual de *Chora Menino*. Donde realmente, porém, ella procede, ignoramos. A lenda diz: que depois do saque da tropa insubordinada que guarnecia o Recife, na revolta de 1831, conhecida por *Setembrisada*, em que os soldados e varios individuos máos, associados a aquelles, arrombavam e saqueavam, commettendo toda a sorte de atrocidades, e porque havia sido ahi sepultado grande numero de victimas fallecidas, os que transitavam alta noite por essa paragem ouviam sempre *choro de menino*. Este logar fica comprehendido no perimetro urbano da capital, hoje faz parte da rua Bemfica.

Chôro — *Riacho*— Nasce no mun. de Bom Jardim, corre e desagua nelle, no riacho *Cae-ahi*, affl. do rio Capibaribe.

Christovão—*Riacho*—Tem suas vertentes no mun. de Belmonte, 102 kilms. distante de sua barra no rio Pajehú, ficando esta 11 kilms. acima da pov. S. Francisco, onde recebe, 6 kilms. antes da confluencia, o riacho Terra Nova.

Chupador — Logar do mun. de Bom Jardim, onde ha uma fabrica á vapor de descaroçar algodão.

Cidade de Londres — Eng. da freg. de Afogados do Recife.

Cidade de Pariz—Eng. situado no mun. do Cabo.

Cigano—*Riacho*—Banha o mun. de Buique e corre para o rio Ypanema.

Cigano — *Serra* — No mun. de Villa Bella a 3 kilms. á oeste da séde.

Cimbres — Denominação do municipio que tem por séde a cidade de S. Agueda, mais conhecida, porém, pelo nome de *Pesqueira*.

Origem do nome — Deve ao facto de ter sido a primitiva séde, na povoação de Cimbres.

Historia — E' a antiga ouvidoria do sertão, que tinha como séde a villa de Cimbres, hoje decadente e onde residiam os ouvidores, tendo sido installada aos 3 d'Abril de 1762. Sendo, como se disse a villa de Cimbres a séde da ouvidoria, no anno de 1813, nomeado ouvidor o Dr. Antonio José Barroso de Miranda Leite, este abriu a primeira correição, não já na villa de Cimbres, mas na fazenda denominada Pesqueira. (Vide Pesqueira), succedendo isso aos 30 de Junho d'aquelle anno. A segunda correição foi aberta pelo mesmo ouvidor, em 1 de Dezembro de 1814, na povoação do Brejo da Madre de Deus, onde elle permaneceu durante o tempo de seu encargo, e assim os outros ouvidores que lhe succederam tambem fizeram a residencia alli, talvez por ficar mais perto do Recife. Apezar de varias representações do Senado (Camara Municipal depois, e actualmente Concelhos) aos governadores da Capitania, acerca da residencia dos ouvidores no Brejo da Madre de Deus, nada tendo valido isto, elles continuaram nesse logar, até 1832. Um alvará de 1810 confirmou a creação da villa. Em 1833 o Conselho do Governo da então Provincia, em observancia do art. 3° do Codigo do Proc. Crimin., dividindo Pernambuco em Comarcas, ficou Cimbres como termo annexo do Brejo da Madre de Deus, cuja pov. era a séde da Comarca. A Lei Prov. n. 20 de 13 de Maio de 1836 mudou a séde do termo da villa de Cimbres para a povoação de Pesqueira, que ficou elevada á categoria de villa. Em virtude da Lei de 3 de Dezembro de 1841 ficou o termo desligado do Brejo, mas a portaria da presidencia da Provincia, de 21 de Novembro de 1842, tornou annexal-o ao Brejo. A Camara Municipal d'esse tempo, em data de 18 de Maio de 1843, representou contra esta portaria, mas não foi attendida. Pelo Decr. 1,048 de 5 de Outubro de 1852 foi o termo de Cimbres desannexado do Brejo e creado

nelle o logar de Juiz Municipal e de Orphãos. Pela Lei Prov. n. 1057 de 7 de Junho de 1872 foi elevada á categoria de Com. e classificada pelos Decrs. n. 5,004 de 10 de Junho, e 5,139 de 13 de Novembro do mesmo anno, sendo nomeado seu primeiro juiz de Direito, que a installou, o Dr. Francisco Brandão Cavalcante. Em virtude da Lei n. 52 de Agosto de 1892 (organica dos municipios) constituiu-se municipio autonomo em 4 de Março de 1893, tendo sido seu primeiro Concelho administrativo o seguinte : Prefeito-Tenente-coronel André Bezerra do Rego Barros, Sub-Prefeito — Capitão José Cavalcante de Carvalho ; Concelheiros Municipaes — Tenente-coronel Honorio Tenorio de Carvalho Cavalcante, Capitães Ambrosino do Rego Barros, Augusto Rodrigues de Freitas Caraciolo, José Alexandre Correia de Mello, Francisco Cavalcante d'Albuquerque Santos e Antonio Rufino de M. e Silva, Francisco T. de Albuquerque, Manuel Galdino do Nascimento e Carlos André de Lemos. O mun. de Cimbres tem tido filhos que o ennobrecem, avultando entre elles : — O Conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto, nascido, na fazenda Patos, annexa á de Ipojuca, em 1821, o qual foi magistrado, presidente de algumas provincias, ministro de Estado, senador e politico eminente, tendo sido o fundador, na antiga provincia, do partido progressista; falleceu em 28 de março de 1864.—O Barão de Villa Bella (Dr. Domingos de Souza Leão), nascido em 1825 politico distincto, chefe do partido liberal na provincia, presidente de Pernambuco em 1864, e ministro de Estado do gabinete de 5 de Janeiro de 1878, o qual falleceu em 1879.—O Dr. Antonio Epaminondas de Mello, nascido em 1824 (filho do finado litterato pernambucano, e incansavel zelador das preciosidades patrias, o Commendador Antonio Joaquim de Mello), o qual foi um jurisconsulto abalisado, publicista, grande illustração e talento, orador, politico proeminente, tendo sido, no tempo do Imperio, por seu tino, chefe respeitavel do partido democrata, deputado provincial e geral, e, quatro vezes, seu nome votado para senador; morreu pobre, como sempre vivera, no Rio de Janeiro, em 5 de Abril de 1885, apezar de lhe ter sobrado recursos de ganhar bastante para possuir fortuna: teve mais ainda a benemerencia de haver sido um bom patriota, um cidadão honrado, capaz das maiores abnegações. — E o Coronel Leonardo Bezerra de Siqueira Cavalcante, homem respeitavel por seus variados conhecimentos, dotado de grande alma e de verdadeiras virtudes civicas, e que, não obstante tudo isso, por sua excessiva modestia, desappareceu da vida, pouco conhecido além do circulo de sua acção. — Durante a guerra que o Brazil sustentou com a republica do Paraguay, o mun. de Cimbres não foi indifferente; e tanto assim, que, para o campo da guerra, mandou um batalhão de voluntarios filhos seus.

No mun. de Cimbres em 1850 nasceu o actual Cardeal brasileiro, 1° escolhido na America do Sul, Arcebispo do Rio de Janeiro, D. Joaquim Arcoverde.

Extensão da territorio — O mun. tem 78 kilms. de N a S, e 108 de L a O.

Aspecto da natureza do solo — E' plano em alguns pontos e ondulado de serras e montes em outros, contando, actualmente, raras mattas. Secco o terreno no geral, na serra de Ororubá, principalmente, e nas do Acahy, das Moças, das Porteiras e outras, é muito fresco pelas diversas vertentes que ahi brotam, tornando por isso o local muito fertil e capaz de todas as culturas.

Posição astronomica — A séde do mun. está a 8° 22' e 25" de lat. S, e 6° 21' e 28" de long. orient. do Rio de Janeiro.

ALTITUDE — E' o mun. de Cimbres o mais alto de todos os do Estado, e os pontos seus mais elevados — serras do *Acahy*, das *Moças*, das *Porteiras* e do *Páo-d'Arco* — tem provavelmente de 1,700 a 1,800ᵐ de altura sobre o nivel do mar.

CLIMA E SALUBRIDADE — E' frio e secco e dos mais saudaveis, notadamente no cimo da serra de Ororubá e onde está a povoação de Cimbres; na cidade de Pesqueira séde do mun., entretanto, no verão, ás vezes, reinam febres.

LIMITES — Confina: ao N. com o Estado da Parahyba pelo mun. de Alagôa do Monteiro, servindo de divisas os cimos das serras do Acahy, das Moças, das Porteiras e do Páo d'Arco, onde encontra o mun. de Alagôa de Baixo; ao NO com o mun. de Alagôa de Baixo pela serra de Itapicurú; ao O. com o mesmo mun, pelo sitio Cacimbinha; ao SO, com o mun. de Conceição da Pedra, pela serra das Varas, sitio Jardim e serra do Bocu (distr. de Alagoinhas); ao S. com o mun. de S. Bento pela serra do Salôbro, sitios —Papagaio, Covas, Cacimbas de Páos e Sapo Queimado; ao SE., com o mesmo mun. pelos sitios — Armazem e Mulungú; a L. ainda com esse mun., pelo sitio — Barra do Liberal, rio Ipojuca e pov. Agua Fria, e com o mun. do Brejo da Madre de Deos, pela Lagôa da Malhada, serras — do Brejinho, do Sapato e do Genipapo, a encontrar o sitio Balança; e ao NE., com o mesmo mun., partindo do sitio Balança, em direcção do norte e seguindo o rumo dos sitios — Pintada, Canhôto e riacho do mesmo nome, até o ponto de partida, na serra do Acahy, onde a freg. de Taquaretinga extrema com a de Santa Agueda de Pesqueira.

POVOAÇÕES — A cidade de Pesqueira, séde do mun, situada na parte meridional deste, ao pé da serra de Ororubá, a 285 kilms. da capital e a 666ᵐ de altitude, em terreno entre plano e ladeiroso, sendo mais elevado para o nascente, é bastante commercial, possue cerca de 500 casas, dous templos o de N. S. Mãe dos Homens e a matriz de Santa Agueda, escolas, estação telegraphica e da via-ferrea, cemiterio, etc. (Vide PESQUEIRA e SANTA AGUEDA). — A pov. de *Cimbres* em uma explanada da serra de Ororubá e a 940ᵐ de altitude. (Vide CIMBRES *povoação*). — *Poção*, situada na chapada da serra do Acahy, a 40 kilms. ao N. da séde. — *Alagoinhas*, a 18 kilms., ao SO. de Pesqueira, encravada entre dous lagêdos. — *Olho d'Agua dos Bredos*, ao O. e a 85 kilms. da séde, junto á serra Aldeia Velha. — *Salôbro*, a 36 kilms. e ao S. de Pesqueira. — *Pão d'Assucar*, á marg. do rio Ipojuca e ao N. da séde, donde está a 11 kilms. — *Agua Fria*, a 36 kilms., a L. de Pesqueira e sobre uma planicie. — *Ipojuca*, á marg. do rio Ipojuca, ao N., em terreno plano, contendo umas 20 casas e feira aos sabbados. E *Sanharó* á L., é 18 kilms. da séde e á marg. do rio Ipojuca. (Vide cada um desses *povoados*.

IGREJAS E CAPELLAS — No mun. existem: na cidade de Pesqueira — a capella de N. S. Mãe dos Homens, fundada em 1800 pelo capitão-mór Manuel José de Siqueira, e a egreja de Santa Agueda, que é a matriz, assentada a primeira pedra em 1852; — na pov. de Cimbres, a egreja matriz de N. S. das Montanhas; — na pov. de Poção a cap. de N. S. das Dores; — na de Alagoinhas, a cap. de N. S. da Conceição, erecta em 1863; no pov. Olho d'Agua dos Bredos, a cap. de N. S. do Livramento, fundada por Leonardo Pacheco do Couto; — em Salôbro, a cap. de N. S. da Conceição, iniciada em 1877; — em Pão de Assucar, uma cap. sob a inv. de S. João Baptista; — e finalmente na pov. de Agua Fria, a cap. do Senhor Bom Jesus dos Pobres Afflictos.

OROGRAPHIA — As principaes serras do mun são: no territorio do 1° districto (Pesqueira) — a do *Curralinho*, a 18 kilms.; — a da *Massaranduba*, a

22 kilms. ao S; — a da *Barra do Liberal*, a L e a 30 kilms.; —a do *Sapato*, ao ENE e a 26 kilms. da cidade de Pesqueira; — no distr. de Cimbres — a de *Ororubá*, com 1020^{m} de altitude, na parte merid. do mun., e onde se acha situada a pov. de Cimbres;—a das *Môças* ao N e a 25 kilms. da mesma; — a do *Páo d'Arco*, a 30 kilms. ao O, a do *Dinheiro*, a do *Araçá* e a da *Talhada*, ao S, no distr. de *Poção*, — a do *Acahy* e a das *Porteiras*, ao N da séde do mun.; a do *Retiro* a 8 kilms. ao S do *Pão d'Assucar* no distr. de Alagoinhas; — a do *Bocú* ao S e a 18 kilms. distante desse pov.; — as do *Gavião*, *Azevém* e a do *Pitó* ao N; — a do *Magé* a L; — as do *Socó*, da *Barra da Onça* e da *Pingadeira* ao O e a 6 kilms. de Alagoinhas; e, finalmente, no districto de *Salôbro* — a serra do *Cantinho*.

Hydrographia — Regam o mun. diversos rios e riachos, podendo-se mencionar, entre esses, os seguintes: O rio *Ipojuca*, que nasce a 36 kilms. a O de Pesqueira, na lagôa de João Chrispim, serra do Páo d'Arco, depois de banhar o pov. de seu nome, correr pela falda septentrional da serra Ororubá, banhar ainda os povs:—Ipojuca, Pão d'Assucar, Sanharó e Agua Fria, do mun., toma a direcção do do Brejo, recebendo naquelle, pela marg. esq. os affls:—riachos do Periquito, Gangôrra, do Bom Nome, do Mulungú, do Imbé, do Tiogó, Duas Serras, Maniçoba, etc., e pela marg. dir:—o Manuel Gomes, da Perdição, do Serrote Redondo, do Miguel, de Sant'Anna, Bezerro Queimado, Gravatá, Saquinho, Fundão, Curral dos Bois, Mimoso, Liberal, Papagaio, Cahype e outros.—O rio *Ypanema* que—nascendo nos agrestes das serras da propriedade, antigamente Cruz (fralda oriental da serra Ororubá), e com seus affls. que manam da serra de Cimbres ou Ororubá, como sejam os riachos Mandioca e o Cachoeira, e mais outro que, correndo pelo sopé da mesma serra, recebe o Mandioca, cujas aguas despeja no Cachoeira e todos tres formam o riacho Genipapinho, e este com outras, o rio Ypanema, — corta o mun. na direcção N a S, seguindo para o da Conceição da Pedra. São seus affls. os riachos: —Isabel Dias, procedente do sitio Santa Catharina na (serra de Ororobá), o Frexeiras, o do Cumbe, cujas vertentes são na serra do Gavião, o do Salgado, o dos Bois, que nasce na fazenda Lagôa de Dentro, e o do Magé, todos quatro correndo no districto de Alagoinhas. O *Capibaribe*, — que nasce na parte septentrional do mun., na lagôa da Estaca, encosta da serra do Acahy, e tomando a posição NE sahe do municipio, na fazenda denominada Canhoto, onde recebe o riacho deste nome, um de seus primeiros affls., que vem da lagôa do Angú ou Jacarará, dirigindo-se então pelos muns. do Brejo e Taquaretinga.— Ainda se podem notar no meio de outros: o do *Mel*, que nasce ao poente de Cimbres, no logar Olho d'Aguasinha, banha a pov. Olho d'Agua dos Brêdos e corre para o rio Moxotó; o do *Buxogodo*, que nasce no sitio Mascarenhas e corre ao S da pov. de Cimbres, para o riacho Frexeiras, e o *Riachinho*, cujas nascentes são a L da mesma pov., no local denominado Altos Grandes, correndo para o N e indo desaguar no Buxogodó; e o da *Melancia*, que nasce na serra da Aldêa Velha e despeja no do Mel, logar fazenda Talhada. —*Lagôas*—Possue: a do Vinte e Cinco, a 12 kilms. de Pesqueira; a do Junco, a 15 e ambas ao S; a de Izabel Dias ao nascente e a 6 kilms. distante; no distr. de Cimbres—as do *Guarda*, do *Cincho*, a *Grande*, e a L a da *Arara* e a das *Minas*, a do *Garcia*, a do *Mamão* e a das *Intans*; e a do *João Chrispim*, a 36 kilms. ao O: no distr. de Alagoinhas—a de *S. Francisco*, a de *Baixo* e a de *Cima*, a do *Pery-pery*, a de *S. Pedro* e a do *Cabello Amarrado*: e no distr. de Poção—a da *Estaca* e a do *Tanque do Acahy*. — *Caldeirões* —

Existem: os chamados—Lage do Patriéca, os do Acahy, os do Brejo e do Lilí (no distr. de Alagoinhas), e os da Arara, a 10 kilms. do pov. Olho d'Agua dos Brêdos. Com a denominação de Caldeirões se conhece nessas paragens a umas cavidades naturaes encontradas em diversos lagêdos, nas quaes as aguas das chuvas, se depositando, formam verdadeiros reservatorios, á semelhança das cisternas artificiaes; havendo de mais curioso em taes tanques, construidos pela Natureza, que as texturas são grandes folhas de pedra, talhadas chatamente como taboas, obra caprichosa, que antes dir-se-hia o trabalho de um artista de cantaria. Elles prestam grande recurso aos habitantes das proximidades, que residem afastados de rios ou riachos.

PRODUCÇÕES — Suas principaes são: o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, o fumo, a canna d'assucar, batatas, abacaxis e ananazes, laranjas, cajús, goiabas, bananas, pinhas, etc., sendo que, geralmente fraca no mun., a agricultura, é futurosa na serra de Ororubá pela uberdade que offerece.

REINOS DA NATUREZA—*Reino animal* — No mun. cria-se em abundancia o gado vaccum, cavallar, ovelhum, muar e cabrum; entre os animaes silvestres se póde notar—veados, caitetús, onças, tigres e sussuaranas, rapôzas, maracajás, tatús, tamanduás, coelhos, mocós, preás, guarás, furões, maritacacas, tejús, jabotís; referindo-se á aves—o jacú e a siriema, nambús de diversas especies, urús, aracuans, papagaios, jandaias, periquitos, tetéos; e entre os reptís, se encontra — a giboia, a cascavel, a jararáca, a cobra de coral, a rainha, a surucucú, a caninana e outras muitas. *Reino vegetal* — entre outros póde-se mencionar — o cedro, a aroeira (muito experimentado o cozimento do entre casco nas feridas da garganta), a emburana (empregada nas tosses rebeldes), o angico (usado no cortume), o bom nome (como especifico das molestias das vias respiratorias), o jucá ou páo-ferro, o sassafraz, guaiaco, cabeça de negro, gitó, parreira brava, jápecanga (succedaneo da salsaparrilha), o ingazeiro, a jaboticabeira, o imbuzeiro, a catinga de pôrco (de cujas folhas fazem-se travesseiros, sobre os quaes se deitando o doente de dôres de cabeça e tonteiras, dizem, cessa o incommodo), o mulungú, o caldeiro (mandacarú), o marmeleiro, o velame, o barbatemão, etc. *Reino mineral* — Affirmam que no *Riachinho*, distr. de Cimbres, ha uma mina de prata, que fôra explorada pelos jesuitas no tempo da catechése dos indios Xucurús, sendo depois entulhada pelos mesmos, quando foram expulsos do Brazil por determinação do Marquez de Pombal. Julgam tambem da existencia de outra de ouro no riacho *Saquinho*. No local das ruinas da antiga cadeia de Cimbres encontra-se salitre.

CURIOSIDADES NATURAES — Na serra do Dinheiro, ao S do pov. de Cimbres, existe uma grande pedra quadrada, sentada sobre um lagêdo e calçada por pequenas pedras; tem muitos lettreiros e possue a curiosidade de, batendo-se sobre a mesma com qualquer instrumento rijo, como pedra ou ferro ouvir-se um som como o de sino. A serra da Talhada, durante o verão, estronda, sem se conhecer a causa; provavelmente, ha na mesma, disposição para alguma erupção vulcanica — Na lagôa de João Crispim, 36 kilms. a O de Pesqueira, encontrou-se, n'umas excavações feitas, ossadas de diversas especies, entre as quaes queixaes com peso superior a 1 kilogr., indicativas de serem de animaes pre-historicos e cujas raças, não conhecidas, eram extremamente grandes. — Ao N, no logar Pedra Pintada, achou-se ossadas de grandes dimensões de animaes desconhecidos. — No distr. de Alagoinhas, no contraforte da serra do Bucú, existe um grande tunel natural, capaz de accommodar muitas familias. (VIDE ALA-

GOINHAS)— No districto de Olho d'Agua dos Brêdos, na fazenda Arara, ha um grande lagêdo com tres caldeirões, sendo que tres lagôas banham esse lagêdo, havendo em sua parte occidental uma inscripção bastante saliente. Nas excavações procedidas em varios caldeirões do mun. têm sido encontrados varios instrumentos de trabalho, como machados, fouces, etc., mas tudo de proporções maiores que as conhecidas actualmente.— Tambem, ao NO de Poção, existem diversos tanques de pedra, obras da natureza. E, finalmente, ainda ha de curioso no distr. de Alagoinhas, grandes lagêdos que offerecem perspectivas imponentes.

AGRICULTURA, COMMERCIO E INDUSTRIA — No mun. planta-se o milho, o feijão, a mandioca, o algodão, fumo, batatas de diversas especies, inclusive a ingleza, e outros cereaes menos importantes, com que são abastecidas as feiras; tambem se cultiva a canna de assucar, possuindo os engs. S. Francisco, S. José, Pedra d'Agua, Minas, Zumby, S. Braz, Conceição, S. Rita, S. Catharina, S. Marcos, Affectos, Trincheira, Bem-te-vi, Couro d'Anta e Gerimum e algumas engenhocas de rapaduras. O terreno é muito productivo, principalmente na serra de Ororubá. O commercio consiste na compra e venda do algodão, na importação da capital, de diversos generos que são revendidos na séde do mun., e nas feiras de seus povs.; e ainda no mercado, semanal, de animaes cavallares. A industria local é a criação, a fabricação de redes e saccos de algodão, de esteiras, chapéos de palha e vassouras, de cachimbos de barro, feitos pelos indios habitantes da serra de Ororubá.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Communica-se com a capital, pela E. F. Central, directamente, desde 7 de Fevereiro de 1907, quando foi inaugurada a estação; com a villa Bello Jardim, d'onde fica pouco tempo de viagem pela mesma estrada; e para os demais pontos são as estradas publicas que se dirigem para Caruarú, para o interior deste Estado, para Garanhuns, para o Buique, Pedra, Alagôa de Baixo, Brejo, e para o Estado da Parahyba.

DISTANCIAS — Dista a séde do mun. 285 kilms. da Capital, 80 da cidade do Brejo da Madre de Deus, 115 de Caruarú, 110 da villa da Alagôa de Baixo, 43 de Bello Jardim, 60 de Garanhuns, 60 da villa da Conceição da Pedra e 105 do Buique.

INSTRUCÇÃO PUBLICA—No mun. existem 7 cadeiras do ensino municipal, distribuidas pela séde e pelos povs., e mais 3 cadeiras estadoaes. O adiantamento moral da população é negativo, isto é, o mesmo de outras regiões do Estado.

Cimbres — *Povoação* — Séde da freg. de N. S. das Montanhas de Cimbres, pertence ao mun. de seu nome. Foi a antiga e primitiva cabeça do mun. e da com., a qual a Lei Prov., n. 20 de 13 de Maio de 1836 transferiu para a povoação de Pesqueira. (Vide PESQUEIRA).

HISTORIA—E' inteiramente desconhecida a época de sua fundação. Sabe-se, entretanto, que foi creada freg. em 1692, pelo bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello. O *Relatorio do Ministro do Imperio*, em 1872, dá como acto da creação o Alvará de 27 de Abril de 1786. Infelizmente, similhante e deploravel engano não se dá alli unicamente a respeito de Cimbres; se reproduz ainda acerca de todas as antigas fregs. de Pernambuco, como — Cabo, Muribeca, S. Antão, Iguarassú, Itamaracá, Goyanna, Luz, Varzea, Serinhaem, Ipojuca, Tracunhaem, Olinda, Jaboatão, S. Lourenço da Matta e S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, as quaes umas são do seculo XVI e outras do principio do XVII: aquelle documento official ministra informações de que não nos servimos neste livro, porque muitos factos e papeis de fé nos convenceram do contrario. Em principio a localidade chamou-se a povoação. — dos *Ararobás*

(nome de uma tribu indigena que ahi habitou); depois passou a ser conhecida por *Monte Alegre*, pela excellente situação e aspecto agradavel do logar; e, finalmente, afim de não confundir-se com outra povoação, por aquelle modo designada, deram-lhe o nome de *Cimbres*, vocabulo indig. que, no dialecto da tribu dos — *Xucurús* que habitava, junto com a dos *Paratiós*, a serra Ororubá e suas vizinhanças, significando *logar do ensino*. Este sitio foi uma aldeia de indios, na qual os padres do Oratorio do Recife, no decurso do seculo XVII penetrando, doutrinaram seus habitantes e converteram grande parte dessas tribus, que se uniram aos portuguezes. — Foi erecta villa pelo Dr. Manuel de Gouveia Alvares, ouvidor que era da comarca das Alagôas, o qual foi installar a villa e dar posse a seus empregados, por commissão que lhe conferiu o officio do Governador de Pernambuco, de 29 de abril de 1761, dando-lhe instrucções para a creação das differentes villas da capitania de Pernambuco. Autorizado, para tal fim, fez o mesmo Dr. Manuel de G. Alvares publicar, em data de 26 de Março de 1762, um edital convocando os povos para assistirem ao acto da inauguração da villa e posse de seus empregados. A inauguração, installação e posse dos empregados realizou-se aos 3 de Abril de 1762, sendo nomeadas e eleitas, então, as seguintes autoridades: Sargento-mór João Mendes Branco, director que era dos indios; — Juiz ordinario, Francisco Alvares de Mendonça; Vereadores — Manuel Leite Ferreira, Gregorio Barboza e Manuel Leite da Silva. — Mandou o dito ouvidor que se observasse o regimento de 3 Maio de 1757, dado pelo governador do Pará, Frederico Xavier de Mendonça Furtado, o qual havia sido confirmado pelo Alvará de 17 de Agosto de 1758. Os limites que foram assignados ao termo da villa de Cimbres, e que constam da acta de installação, são os seguinter: «Pela parte do poente com as cabeceiras do rio Moxotó e riacho Cupety, e fazendo extrema com a ribeira do Pajehú e por esta fórma finda o termo desta nova villa com a do julgado de Cabrobó; e das ditas cabeceiras do Moxotó e riacho Cupety vem buscando o S até á fazenda da Cruz, que é extrema, tanto da freg. de Tacaratú, como do termo da villa de Penedo, e o julgado de Cabrobó, seguindo a estrada real, que é a divisão para o rio S. Francisco e para a villa de Cimbres, buscando a parte do S sobre o dito termo, pelo rio Panema abaixo, até a barra do riacho Mororó; e para o nascente limita com o riacho Taquara e julgado de Garanhuns, e ao N com o rio Capibaribe e fazenda S. Maria, e demarca com o termo de Iguarassú e o da cidade da Parahyba, servindo de divisa o rio Capibaribe; e para a parte do N demarca com o termo da cidade da Parahyba, na serra das Porteiras.» Pelo dito ouvidor foi concedido patrimonio á camara por um Alvará do teôr seguinte: *Outro sim se assignem logo duas leguas de terra em quadro, para se poder repartir entre os moradores que para o futuro venham aggregar-se aos desta villa*. Por um Alvará de 1810 foi confirmada a creação da villa. A villa de Cimbres, até o anno de 1828, foi a séde do termo, quando nesse anno o ouvidor Barroso mudou-a para a villa do Brejo da Madre de Deus. A Lei Provincial n. 20, de 13 de Maio de 1836, mudou a séde da pov. de Cimbres para a de Pesqueira. Ficou Cimbres como termo annexo, tendo juizes supplentes até 1842, em que, pela Lei Provincial, n. 171, de 15 de Maio, foi elevada á categoria de termo. Depois da fundação de Pesqueira, Cimbres começou a decahir, e desde a transferencia da villa para a ultima, morreu inteiramente.

Situação geographica — A povoação de Cimbres fica ao NO da cidade de Sant'Agueda de Pesqueira, por

máos caminhos, em uma zona pedregosa, e a 22 kilms. da actual séde do municipio.

Topographia — Fica situada entre dous riachos, em uma explanada da serra de Ororubá, um pouco para o lado occidental e rodeada de serras, montes e lagôas. E' agradavel seu aspecto e plano o terreno. Está a 940^m de altitude. Do lado S fica-lhe a serra do Dinheiro, o Alto da Araçá, a Pedra Talhada, e a Grande; ao L a lagôa das Minas; ao N os serrótes do Bode e o do Jacú; as lagôas do Garcia e do Mamão; e ao O a lagôa das Itans. Os riachos que a cercam são: o do Buxudogó e o Riachinho. Compõe-se a pov. de umas 50 casas, dispostas em quatro ruas e contendo uns 400 habits. Algumas de suas casas são bem construidas e commodas. Sua primeira egreja, que serviu de convento aos jesuitas, soppõe-se que fôra erguida pelos mesmos, a segunda ou a actual, sob a inv. de N. S. das Montanhas, foi construida pelo tenente-coronel Antonio Francisco Cordeiro de Carvalho. Ahi houve uma cadeia, edificada pelo coronel Leonardo Bezerra de Siqueira Cavalcante, a qual, hoje em ruinas, occupa uma parte do terreno que serviu de convento e egreja aos referidos jesuitas, expulsos em virtude da Lei de 3 de Setembro de 1759, assignada por D. José I, do ministro Marquez de Pombal. Nas ruinas d'aquelle edificio existe uma mina de salitre. O commercio de Cimbres é inteiramente nullo. Tem um cemiterio publico, uma agencia do correio e escolas publicas. Já possuiu uma feira, que desappareceu pela falta de concurrencia de pessoas que lá fossem vender e comprar, como em outras. E' séde da freg. de N. S. das Montanhas de Cimbres, e desde 1890 não tem sido provida canonicamente.

Povoados — Pertencem á freg. de Cimbres os povs.: — *Olho d'Agua dos Bredos* e *Ipojuca*.

Cinco Pontas—Estação inicial da E. de F. do Recife ao S. Francisco, na cidade do Recife, freg. de S. José, junto á fortaleza de seu nome. Dista da de Afogados $2,768^m$ e da de Una (cidade de Palmares) 124 kims. Foi aberta ao serviço em 8 de Dezembro de 1857.

Cinco Pontas — *Fortaleza*. Está situada no bairro de S. José do Recife, extremo sueste da ilha de Santo Antonio. Foi fundada pelos hollandezes, e a sua construcção foi começada no dia 14 de agosto de 1630, com o nome de Frederico Henrique; mas em virtude da sua fórma, composta de cinco bastiões, ficou logo conhecida pelo nome de *Cinco Pontas*. De um escripto hollandez de 1637 consta o seguinte, sobre esta fortificação: Está situada em uma ponta da ilha de Antonio Vaz, donde se descobrem totalmente os navios surtos no porto do Recife, e por isto serve este forte para defesa do mesmo porto. Acha-se edificada sobre um sólo alto, que é o unico caminho que poderia proporcionar ao inimigo o ensejo de approximar-se do grande quartel de Antonio Vaz, e protege tambem os poços, os unicos que podem fornecer agua ao Recife e Antonio Vaz, em occasião de necessidade e cerco. «A principio as muralhas deste forte não tinham mais de 13 pés de altura, e quando s. exc. e os seus Conselhos Supremos aqui chegaram, estavam tão arruinadas que um cavalleiro com todas as suas armas poderia galgal-as; a estacada e as palissadas se achavam de todo pôdres e derribadas, toda a obra mui aluida, os fossos bastante seccos pelo movimento das areias. Mandámos alargar e aprofundar os fossos, engrossar e levantar as muralhas até a altura do velho parapeito, e construir por cima dellas um novo parapeito; tambem mandámos cercar o lado exterior do fosso com uma contra-escarpa, e construir uma solida sapata sobre o lado do

mar, com o que este forte se acha agora fortalecido e defensavel. O que de novo se fez custara á Companhia uns 20.000 florins. Este forte tem mais, ao sul, um grande hornaveque, que se dirige para o lado do antigo forte Emilia, e em frente do mesmo hornaveque um outro pequeno, que segue a mesma direcção, e é daquelle dominado, o que tudo se acha ainda em soffrivel estado. « Em 1654, quando capitulou, montava 17 canhões de calibre 2 a 24. Arruinando-se depois as obras hollandezas, foi deliberada a reconstrucção da fortaleza pelo superintendente Jõao Fernandes Vieira, e em 1677 já estava arrematada e em principios de construcção, cujos trabalhos só se concluiram sete annos depois, como consta da communicação official do governador d. João de Souza, em carta de 20 de agosto de 1684, *dando conta a S. M. de se achar o forte de S. Thiago das Cinco Pontas perfeitamente de todo acabado*. O forte foi presidiado com 25 soldados do terço de infantaria do Recife, e foi nomeado governador da praça o coronel Agostinho Cesar de Andrade, com a patente e soldo de capitão de infanteria, pago pelo Senado da Camara de Olinda, como se offerecera, cuja nomeação teve approvação régia em virtde da resolução de 11 de março de 1685, em virtude de parecer do Conselho Ultramarino. Segundo uma descripção das fortificações em 1746, constava ella de um quadrado com quatro baluartes, com seus fossos e estrada coberta, e montava oito peças de bronze de calibre seis a 14, oito de ferro de calibre 30; e 6 pedreiras de bronze de calibres 1 e 2; era commandada por um capitão, que vencia 16$ de soldo por mez e mais tres quartas de farinha, e tinha um destacamento de fuzileiros e artilheiros, com um sargento e um condestavel. Tinha uma capella dedicada a S. Thiago Maior, cujo edificio ainda existe com a sua fórma exterior primitiva e uns subterraneos

para prisão — verdadeira sepultura dos vivos, carcere horroroso, os quaes foram demolidos em 1822 por ordem da junta do governo provisorio. Quanto á capella, porém, já não funccionava em 1823, porquanto por portaria da junta do governo de 5 de novembro, foi mandado entregar todas as alfaias e ornamentos pertencentes á mesma capella, para servirem na do Hospital Militar, visto não ter uso algum, por se haver extinguido a respectiva capellania. A fortaleza das Cinco Pontas já não se presta mais aos fins da sua construcção. Está desarmada, em bom estado de conservação, e serve, desde muitos annos, de aquartelamento de tropas.

Cinco pontas — *Praça* na cidade do Recife, freg. de S. José, celebre e digna de memoria, por ter sido nella que perderam a vida, victimas da revolução denominada *Confederação do Equador*, os seguintes martyres: —No 13 de janeiro de 1825 o grande patriota Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, atado a um poste de forca, por não haver carrasco que se prestasse a executal-o. No dia 10 foi lida a Frei Caneca a cruel sentença que o condemnava á morte. Elle a ouviu sem perder a côr, apezar de não esperar que fosse tão brutal a decisão da sanguinaria commissão, composta: do general Francisco de Lima e Silva, presidente, do coronel effectivo do corpo de engenheiros, Salvador José Maciel, vogal, do conde de Escragnole, coronel graduado e commandante do 1º batalhão de caçadores da Côrte, vogal e interrogante; do coronel graduado e commandante do 3º batalhão de caçadores da côrte, Manoel Antonio Leitão Bandeira, vogal; do tenente-coronel commandante do 2º batalhão de caçadores da côrte, Francisco Vicente de Souto Maior, vogal, e do desembargador Thomaz Xavier Garcia, juiz relator. Transcrevemos aqui a acta que diz respeito ao afamado Frei Caneca, não só

como um documento historico, mas como um specimen dos actos de tal natureza: « Aos 20 dias de Dezembro de 1824, primeira sessão desta commissão militar, achando-se reunidos todos os membros della, e havendo-se já em sessão preparatoria mandado avisar os réos que têm de ser processados, determinou o presidente della que viessem a perguntas, as quaes foram feitas pelo official interrogante, o coronel conde de Escragnole, sendo o 1º delles o réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, o qual foi interrogado da maneira que se segue: do que fiz este termo, eu, Thomaz Xavier Garcia de Almeida, juiz relator, o escrevi: *Interrogatorio do réo Frei Joaquim do Amor Divino Caneca* — « Foi perguntado como era seu nome, naturalidade, estado e edade. Respondeu que se chamava Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, natural desta cidade do Recife, estado religioso carmelita turonense, edade 45 annos e cinco mezes. Foi perguntado se sabia ou suspeitava a causa de sua prisão. Respondeu que fôra preso por se achar na divisão das tropas que aqui marcharam para o interior da provincia, na occasião em que entrara o exercito imperial. Foi perguntado si nunca propagara, ou publicara idéas ou escriptos subversivos da bôa ordem. Respondeu que fóra redactor do periodico *Typhis*, no qual se contêm as idéas que elle propagara, as quaes eram as mesmas que havia lido em outros periodicos mesmo na côrte; e que, não havendo nunca sido chamado a jurados, se regulava pela lei que então existia sobre casos de liberdade de imprensa, dirigindo-se sempre ao ministerio, todas as vezes que atacava os desmandos publicos. Foi perguntado, si nos ditos seus escriptos não havia disseminado idéas tendentes a promover a desunião das provincias, e atacar a integridade do imperio, quando taes principios se não achavam estampados em algum periodico da côrte. Respondeu que lhe parecia que nenhumas idéas desta natureza elle tinha manifestado em seus escriptos; e si alguma proposição existir donde isso se possa colligir, só a elle mesmo compete interpretal-a. Foi-lhe perguntado si não havia concorrido directa ou indirectamente para a eleição e conservação na presidencia da provincia de Manoel de Carvalho Paes d'Andrade, contra as expressas ordens de S. M. Imperial. Respondeu que não interviera para sua eleição, porquanto esta fôra feita pelos eleitores da parochia; e quanto á sua conservação, sendo chamado para um conselho, como membro do corpo litterario, ahi emittira seu voto, o qual córre impresso, e a elle se reporta, conforme nelle se contém. Foi perguntado si não havia cooperado de alguma sorte para o plano da *Confederação do Equador*, proclamada por Manoel de Carvalho, e que ia arrancar pelos fundamentos a integridade do imperio brazileiro. Respondeu que nunca tivera idéa nem nunca ouvira fallar de similhante Confederação, sinão quando chegara ao sertão, onde viu algumas proclamações de Filgueiras a este respeito: e tão sómente fallou em seu periodico da união de algumas provincias do norte para o fim de se oppôrem á invasão da expedição portugueza, que S. M. Imperial havia annunciado na occasião de mandar retirar o bloqueio, recommendando-nos que nos defendessemos della. Foi instado, si dizendo elle que não havia nada para o plano da Confederação do Equador, como é que havia publicado em os numeros... de seu *Typhis* algumas bases que pareciam ter applicação áquella fórma de governo republicano. Respondeu que sim: publicara essas bases, mas que além de ser um papel, que lhe foi dado pelo mesmo Manoel de Carvalho para o publicar, não o fez com alguma intenção determinada, mas sim como maximas geraes para qualquer governo, que se quizesse constituir. Foi perguntado si

havia contribuido para se não acceitar o projecto de constituição offerecido por S. M. Imperial aos povos desta provincia. Respondeu que sendo chamado pela Camara para dar seu parecer sobre esta materia, seu voto foi que se não acceitasse tal projecto; referindo-se em tudo mais ao dito seu voto, que consta de diversos livros da Camara ou que corre impresso. Foi perguntado si trabalhou de alguma sorte para que se atacasse e fizesse resistencia ao exercito cooperador da boa ordem. Respondeu que, quando ainda estavam em Barra Grande as tropas do morgado, sendo chamado a conselho para deliberar, si devia ou não atacar aquellas tropas, dera, elle réo, seu voto para que se atacasse, e isto pela razão de ter officiado o major Pitanga dizendo que o morgado fizera uma proclamação em que dava vivas á união da familia portugueza. Foi perguntado si havia dado algum passo para que se fizesse resistencia ás tropas de S. M. Imperial, com a chegada das quaes havia cessado o pretexto de se atacar a divisão de Barra Grande. Respondeu que nenhum facto praticou donde se pudesse isso deduzir. Foi perguntado si elle não se tinha incorporado com a força rebelde que se oppoz á entrada do exercito cooperador; e si não havia acompanhado, até o ponto de ser subjugado pela tropa expedicionaria, commandada pelo major Lamenha, e pelo qual fôra remettido preso. Respondeu que sim, havia acompanhado a dita tropa; mas, que os motivos que tivera para isto, os queria dar por escripto, pois que faziam objecto da sua defesa, que apresentaria em 24 horas. Foi perguntado, si não tinha elle praticado algum facto, pelo qual se possa colligir alguma intenção, de sua parte, de se oppôr á entrada da expedição da côrte, como é que andava, e de então para cá, sem habito, e vestido de jaqueta de guerrilha. Respondeu que não andou com jaqueta de guerrilha, mas sim com jaqueta de chita, que trazia por baixo do habito, o qual havia tirado na marcha do Cabo para o Recife, e se perdera por ir na garupa de um cavallo que desappareceu. Foi, finalmente, perguntado, si tinha alguma cousa mais que allegar e dizer em sua defesa. Respondeu que nada mais tinha que dizer, visto que lhe era permittido dar sua defesa por escripto; mas que, como se achava succumbido pela natureza do tribunal, e tambem pela qualidade dos juizes, que eram militares, talvez sem os necessarios conhecimentos das leis juridicas, requeria que lhe fosse facultado consultar com um lettrado, no formular de sua mesma defesa, que o coadjuvasse nella: e assim deu a commissão por acabadas as perguntas, as quaes, sendo lidas ao réo, achou estarem conformes ao que tinha respondido; pelo que assignou com o coronel interrogante e eu, Thomaz Xavier Garcia d'Almeida, juiz relator, o escrevi. — *Conde de Escragnolle*, coronel interrogante — *Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca.* »

De 26 de Dezembro por diante, depois de haver respondido á commissão, foi Fr. Caneca retirado da horrivel prisão dos cabeças, e mudado para um quarto de cima, na sala livre, onde ficou incommunicavel, até 10 de Janeiro subsequente, depois de meio dia, quando foi levado d'ahi para ouvir sua sentença, barbara, sanguinaria e horrendíssima, que cobriu de luto os bons pernambucanos, marcando nos annaes d'esta terra uma epocha sempre lamentavel. Elle ouviu sem a maior perturbação a fatal sentença arbitraria, que o destinava a soffrer a pena ultima; ouviu-a sem deixar, em meio da leitura da infame e execranda sentença, de fazer conhecer aos circumstantes a falsidade de algumas aleivosas razões, que nella se apontavam como causal daquelle barbaro e deshumano procedimento. Foi, immediatamente, mettido no oratorio, onde, sem jámais mostrar o minimo sobresalto, ao con-

trario, com o espirito mais animado e cheio de fortaleza e constancia, só proprias das almas estoicas, tornou-se incessante em fazer praticas sabias, demonstrativas do muito iniquo proceder dos tyrannos contra o decóro e dignidade das nações e povos livres, e especialmente contra os honrados cidadãos que buscavam illuminar e illustrar os povos nos deveres de redimir sua patria do jugo cruel da oppressão e do despotismo. Esses eloquentes discursos eram a constante conversa com que distrahia o official existente e as sentinellas, observando-lhes que elles, então apoio do despota, não tardariam mesmo a receber a frequente recompensa com que similhante ingrato soia tratar, desprezivelmente, aos mesmos que sustentavam seus vis caprichos. Tres dias esteve elle no oratorio, sempre mostrando na serenidade de seu semblante um ar alegre e intermediando essas patrioticas conversas com algumas historias engraçadas e producções poeticas, das quaes é bem conhecida a seguinte:

Entre Marilia e a patria
Colloquei meu coração:
A patria roubou me todo;
Marilia que chore em vão.

Quem passa a vida que eu passo,
Não deve a morte temer;
Com a morte não se assusta
Quem está sempre a morrer.

A medonha catadura
Da morte feia e cruel,
Do rosto só muda a côr
Da patria ao filho infiel.

Tem fim a vida daquelle
Que á patria não soube amar;
A vida do patriota
Não póde o tempo acabar.

O servil acaba inglorio
Da existencia a curta idade;
Mas não morre o liberal,
Vive toda a eternidade.

E, como lhe trouxessem religiosos franciscanos algum tanto estupidos, e outros que taes manigrepos e barbadinhos, para lhe fazerem a costumada assistencia religiosa, e o confortarem, devotos, elle com dignidade e prudencia os dispensou, lhes agradecendo o religioso obsequio; pois que não precisava ser instruido sobre o assumpto, que conhecia sufficientemente; e, acerca da obrigação que lhe ficava da confissão, esta lhe seria ministrada por seu irmão, amigo fiel, o provincial dos Carmelitas frei Carlos de S. José (depois bispo do Maranhão); e, de facto, confessado, recebeu o Sagrado Viatico na manhã de 12, não cessando nunca de discursar e conversar divertido, como dantes, até quando na manhã de 13, dormindo profundamente, foi acordado pelo provincial, por serem horas de seguir para o patibulo. No referido dia 12, o cabido, *séde vacante*, paramentado e de cruz alçada e acompanhado dos religiosos de diversas ordens existentes, então, entre nós, dirigiu-se á commissão militar para pedir-lhe que demorasse a execução de Fr. Caneca, até a resposta de uma supplica, que passavam a dirigir ao Imperador. Não foram admittidos á presença, e a commissão militar mandou despedir a todos na porta de fóra do palacio, por Salvador José Maciel, arguindo este asperamente ao cabido e religiosos, por se atreverem a obrar de similhante modo. O Imperador, a quem foi isto participado pelo aviso de 7 de Fevereiro de 1825, assignado pelo ministro Clemente Ferreira França, mandou declarar á mencionada commissão que approvava seu procedimento sobre a *louca* e *incurial* pretenção do cabido e clero do Recife, no retardamento da execução de Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca. Deu-se ainda, no sobredito dia 12, um acontecimento notavel na cadeia. Tendo sido sorteado o pardo Agostinho Vieira para servir de carrasco, elle resistiu, com a maior coragem, ao barbaro castigo que lhe infligiram, por não se querer prestar a tal serviço. O espanto e a consternação esmagavam os corações dos habitantes

da cidade do Recife. E' que não era possivel ser-se impedernido, diante de tanto horror e crueldade. Na manhã de 13 de Janeiro de 1825, dia de magoa, luto e pranto eterno, ultimo dia do grande heróe da patria, as embocaduras de certas ruas e avenidas da cidade foram occupadas por tropas, receiando-se algum tumulto ou sublevação do povo. Antes da execução teve logar a tristissima ceremonia da degradação de suas ordens sacras, á porta principal da egreja de Nossa Senhora do Terço: formando a tropa em um grande circulo, se mandou afastar do logar da scena o algoz, ajudante, meirinhos, ficando o padecente, ao qual o principal dos padres, o que presidia o acto, convidou a approximar-se do altar, um altar portatil, completamente paramentado, e alli de antemão erguido e ornado. Revestiram-no com todas as alfaias proprias para celebrar missa, e depois de assim ataviado, de pé, collocados dois padres, cada um com um missal no tôpo do altar, começou o acto solemne, estranho e admirado de todos que eram espectadores, um successo estranho, sim, espantoso, inaudito! O padre que ficava n'um dos topos, abriu o livro e leu, por pouco tempo, respondendo em leitura o outro, e parecendo uma especie de dialogo; e com certo signal, feito pelo primeiro, o outro sacerdote, que estava junto da victima, despiu-lhe a casúla sacerdotal, aspergindo-a antes. Depois de outra leitura e semelhante resposta e aspersão, tirou-se a estóla; desta houve oblação de incenso; em seguida e com igual formalidade, menos a oblação, o manipulo; em seguida o síngulo, após a alva, depois ainda, e por egual fórma, o amicto, pondo remate, finalmente, á operação o despimento do habito. Ficou o martyr, depois disso, de camisa e calça de ganga; estava feita a desautoração das ordens, para poder ser enforcado. Neste ponto do ceremonial, posto de pé os sacerdotes que liam, rodearam o padeçente e lhe applicaram com as mãos alguns signaes na corôa, acompanhados tambem de aspersão; e por ultimo o entregaram a um meirinho, que o vestíu de novo com a alva branca dos condemnados. Findo o acto, marchou o préstito até o largo destinado, subindo o heróe da patria intrepido os degráos da forca e descansando em meio della, á espera de seu fim, tendo querido dirigir antes uma ultima falla ao povo; mas, para attender ao seu lacrimoso provincial e particular amigo, que estava presente, desistiu do desejo. Dous homens pretos, que antes haviam sido na cadeia postos a ferros, para deste modo cederem em ser algozes do patriota condemnado, geralmente querido e admirado, sendo levados para junto da força e dahi tocados a couce de armas e espadeirados, mesmo assim recusaram-se a obedecer á intimação. Então a commissão militar, que havía ficado em sessão permanente em palacio, avisada deste embaraço, sem fazer alteração alguma na sentença escripta, ordenou verbalmente o fuzilamento do varão forte e justo. Elle mesmo teve a coragem de ensinar ao alcaide o melhor meio de atal-o á columna, em que ia ser o àlvo dos fuzis. O crioulo João da Costa Palma, sendo um dos soldados, da patrulha sacrificadora e que bem conhecia a victima, em meio do caminho foi derrubado por uma syncope. Marcharam os outros soldados e mataram a golpes de fuzis o denodado patriota, cidadão probo e virtuoso, a um herόe pelo qual Pernambuco eternamente verterá pungente e saudoso pranto e a quem, nem mesmo nesse supremo, angustioso e tremendo instante em que já via entreabertas as portas da eternidade incomprehensivel, faltou o animo para encarar o martyrio, nem fraquejou-lhe a coragem, uma vez siquer! Immediatamente que a victima cahiu e expirou, a tropa numerosa que cercava,

a forca, com o mais selvagem e provocante escarneo, acclamava : *Viva S. M. Imperial* ! *Viva a Constituição* ! *Viva a Independencia do Brazil* ! E em seguida se cantava, acompanhado da musica militar, o hymno brazileiro. Depois, o cadaver da victima, lançado ignominiosamente em desprezivel esquife, por quatro calcêtas, foi atirado junto á porta da egreja de seu convento, sendo recolhido e mandado sepultar em uma das catacumbas da Ordem, pelo commissario dos terceiros—Fr. Bernardo de N. S. do Carmo.—A certidão de sua execução, curioso documento historico, que existe no processo, é do theôr seguinte : « Certifico que o réo Fr. Joaquim do Amor Divino Caneca foi conduzido ao logar da forca das Cinco Pontas, e ahi, pelas 9 horas da manhã, padeceu morte *natural* em cumprimento da sentença da commissão militar, que o julgou, depois de ser desautorado das ordens (na egreja do Terço, na fórma dos Sagrados Canones ; sendo atado, a uma das columnas da referida forca, foi fuzilado, de ordem do Exm. Sr. General e mais membros da dita commissão, visto não poder ser enforcado, pela desobediencia dos carrascos ; o que tudo dou fé, sendo este presidido pelo vereador mais velho do senado desta cidade, o Dr. Antonio José Alves Ferreira, arvorado em juiz de fóra. Recife de Pernambuco, 13 de Janeiro de 1825.—O escrivão do crime da Relação, *Miguel Archanjo Posthumo do Nascimento*. » Nasceu Fr. Joaquim do Amor Divino Rabello (por antonomasia Caneca) em Julho de 1779, era natural da freg. de S. Fr. Pedro Gonçalves do Recife e filho de Domingos da Silva Rabello (conhecido por *Caneca*, por ser tanoeiro) e de Francisca Alexandrina de Siqueira. Seguiu-se a esta execução a do capitão de guerrilha Lazaro de Souza Fontes, a 20 do mesmo mez ; e, a 3 de Fevereiro seguinte, realizou-se a de Antonio Macario de Moraes. Estes dous foram enforcados. Em 21 de Março sobe á forca o major Agostinho Bezerra Cavalcanti e Souza, digno emulo do heróe Henrique Dias e, como elle, bravo e de côr preta, não desmentindo o valor de sua raça nos derradeiros instantes de sua existencia. Os negociantes da cidade do Recife solicitaram do Imperador Pedro I o perdão deste valoroso pernambucano; mas, surdo ao generoso impulso do commercio, o imperador não só negou o perdão, como mandou censurar a commissão militar por ter feito chegar á sua presença o pedido de perdão. Chegando ao pé da forca, subiu com intrepidez a fatal escada e, com voz segura e forte, fallou ao povo assim : —*Meus irmãos e camaradas. Não penseis que me horrorisa subir a este logar, pois que minha consciencia não me accusa. Nenhum crime commetti contra a Divindade. Como cidadão cumpri meus deveres, como catholico romano desempenhei os deveres de minha religião, e como soldado defendi minha patria : sacrifiquei-me por ella pretendendo libertal-a de um tyranno que, insensivelmente, a vai reduzindo á mais horrivel escravidão. Fazer bem a meus semelhantes era a minha gloria ; emquanto pude fazer bem nunca fiz o mal.* E concluindo, disse ainda : — *Peço tres Ave Marias—á Sagrada Paixão de Jesus Christo, para que receba minh'alma no paraizo ; outra pelos martyres da patria e a ultima pelos nossos inimigos.*—E, após essa tocante e patriotica allocução, atirou-se elle mesmo pela escada a baixo e asphyxiou-se. Morreu como os grandes cidadãos que têm consciencia de terem bem cumprido seus deveres. — No dia 12 de Abril foram ainda passados pelas armas ao pé da forca os tenentes Nicoláo Martins Pereira e Antonio do Monte, e o americano James Heide Rodgers. Martins Pereira, na occasião em que chegou ao logar do supplicio, voltou-se para a força encarregada da execução, dizendo-lhe : *Acabem com isto, que é bastante pequeno para symbolisar a liberdade pernambucana.* O official que commandava a escolta encarregada da ex-

ecução entendia que sobre os martyres deviam ser dadas tres descargas successivas, a primeira da cintura para baixo, a segunda no peito e a terceira na cabeça. Dada a primeira descarga, as victimas cahiram estrebuxando e revolvendo-se na terra, pedindo umas, a desesperados gritos, que as matassem logo! Os soldados se approximaram e dispararam as armas na cabeça e outras partes mortaes. E foi desta maneira, com uma barbaridade sem nome e uma feresa selvagem, que puzeram termo á existencia de tão illustres martyres!

E, finalmente, em 19 de Maio, teve logar a ultima execução do pernambucano —Francisco Antonio Fragoso, o qual, tendo tomado, na vespera do sinistro dia, uma dóse de veneno e ella não produzindo o effeito esperado, provocou-lhe vomitos horriveis, a ponto de enfraquecel-o extremamente e prostral-o tanto, que foi necessario auxilial-o a subir para o patibulo.

Foi esta a sorte dos patriotas de 1824, que tiveram a ousadia de proclamar em Pernambuco a *Confederação do Equador*. (Extr. dos trabalhos litterarios — *Noticia Biographica* de Fr. J. A. Divino Caneca, pelo commendador A. J. de Mello; — *Idéa Republicana* do major J. D. Codeceira; *Revolução de 1824* pelo Desembargador A. A. de Luna Freire, publ. em o n. 47 da Rev. do Inst. Arch. Pern. *Supplicio de Fr. Caneca*, manuscripto de Fernando J. Martins, offerecido ao Instituto A. G. Pern. e publicado no n. 41 da *Revista* de 1891, pag. 216).

Cincho — *Lagôa* — Está situada ao S da povoação de Cimbres e pertence ao territorio deste mun.

Cinza — Logar no mun. de Quipapá.

Cinza — *Riacho*—Banha o mun. de Quipapá, onde derrama no rio Pirangy, affl. do Una.

Cisterna — *Logarejo* —Do mun. de Caruarú, á marg. do rio Una e perto do seu affl. Taquara.

Cobra — *Riacho* — Nasce nas mattas do eng. Diligente, distr. de Marayal, mun. de Palmares, indo despejar no Pirangy, depois de pequeno curso.

Cocahú—Eng. do mun. de Serinhãem, a 32 kilms. distante da séde. Possue uma cap. dedicada a N. S. da Penha. Ahi existe uma usina que se liga á estação de Ribeirão, na linha ferrea do *Recife a Palmares*. Foi eng. fundado antes da invasão hollandeza, sob a invocação de N. S. da Penha de França, por Francisco de Moura.

Cocahú—*Serra*—Situada no mun. de Garanhuns, fazendo parte da cordilheira que atravessa aquelle territorio.

Cocahú—*Riacho*—Nasce no mun. de Gamelleira e se dirigindo para o de Serinhãem banha o eng. de seu nome e vai derramar depois no rio Serinhãem, a 22 kilms. distante da cidade deste nome.

Cocal—Engs. dos muns. de Quipapá e Rio Formoso. « Na revolução de 1848, o eng. *Cocal* do Rio Formoso foi uma das estancias da força local, sob o commando do coronel Paulo de Amorim Salgado, que, em 26 de Novembro daquelle anno, seguiu pelo N do rio Una, tiroteando aqui e alli, onde, nos logares mais estreitos do rio, descobria os revoltosos que seguiram pela estràda acima.»

Cocal — *Riacho* — Banha o mun. de Quipapá, onde despeja no rio Pirangy, affl. do Una.

Cocal —*Riacho* — Nasce na serra do Cavalheiro, mun. de Correntes, e corre para o rio Mandahú.

Cocalzinho — Engs. dos muns. de Quipapá e Rio Formoso.

Cocó — *Serra* — Situada junto á pov. de S. José de Pedra Tapada, mun. de Limoeiro.

Côco de Angola — Logar no mun. do Recife, freg. da Varzea.

Cocos — *Serra* — No mun. de Limoeiro junto da pov. de S. Vicente

de Pedra Tapada. Seu nome provém de grande numero da palmeira denominada catolé, que alli existe.

Cocos — *Serra* – Situada nas divisas dos muns. de Bonito e Amaragy e indo ligar-se á do Carangueijo. E' bastante elevada. Ao longe esta serra produz a illusão de optica de um grande palacio, com numerosas janellas e varandas, o que é curioso realmente.

Cocos — *Serra* — Ao S do mun. de Limoeiro e na parte das divisas com o mun. de Bezerros.

Cocos — *Serra* — Com este nome existe uma no mun. de Gravatá.

Cocos — *Serra* — Uma das da Cordilheira da Borburema, no mun. de Exú.

Cocúla — Eng. do mun. de Gamelleira, a 12 kilms. a L da séde.

Coelhas — *Riacho* — Affl. do rio Beberibe.

Coelho — *Serra* — Na freg. e mun. do Altinho, corre de N. a S. E' continuação da do Brejo Cabelleira.

Coelhos — Eng. do mun. de Serinhãem.

Coelhos — *Engenhoca* — Situada no 1° distr. do Brejo da Madre de Deus.

Coelhos — Logar na extrema meridional da freg. da Boa Vista, mun. da Capital. Foi antigamente chamado Cemiterio dos Judeus, porque ahi se effectuavam as inhumações de cadaveres das pessoas que não professavam a religião catholica; depois foi convertido em sitio de arvores de fructo, sendo propriedade de descendentes da familia Coelho Cintra; e d'então por diante conheceu-se por sitio dos Coelhos, nome que perdurou até hoje, tendo, aos 13 de agosto de 1824, os terrenos passado ao governo, por compra feita ao ultimo con. senhor Elias Coelho Cintra, afim de servir de matadouro de gado; e, finalmente, em 1846 foi deliberada a construcção alli do Hospital Pedro II, o que de facto foi levado a effeito.—Ahi, na praia, em 24 de Junho de 1821, appareceu o cadaver de João de Souto Maior, que havia dado no dia 21 um tiro no governador general Luiz do Rego, ao passar este na ponte da Boa-Vista, atirando-se em seguida da ponte em baixo, no intuito de evadir-se. Tirado d'agua, o cadaver é exposto em publico, promettendo-se premios a quem o reconhecesse. Mas tal era o odio que havia contra o governador, que, apezar da promessa de 1:000$, ninguem o quiz reconhecer, sendo, no entanto, o morto muito conhecido no Recife.

Coimbra—Eng. do mun. do Cabo, possue uma casa de oração.

Coité — *Riacho* — Affl. do riacho Goitá, corre no mun. da Gloria.

Coités — *Serra* — No mun. de Nazareth, na parte septentrional, pertence á serrania do Mascarenhas.

Collegio — Eng. da freg. de N. S. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta.

Collinas—Eng. do mun. da Victoria, situado, a 20 kilms. ao sul da séde.

Colombo — Eng. situado no districto de Preguiças, mun. de Palmares.

Colonia — *Logarejo* — Situado no mun. de Ingazeira.

Colonia—*Povoado*—a 50 kiloms. ao nordeste da Villa de Flores, tem uma capella sob a invocação de Santo Antonio, de propriedade particular.

Colonia — *Engenho* — No mun. da Escada, a 18 kilms. da séde.

Colonia — *Serra* — Nas divisas dos muns. de Flores. E' uma ramificação da grande cordilheira da Borburema.

Colonia — Estação da E. F. Sul de Pernambuco, no kilm. 33,568 de Palmares, a 189ᵐ de altitude, situada junto ao estabelecimento colonial — nomeado *Escola Industrial Frei Caneca*; mas, primitivamente, fundado com a denominação de — *Colonia Isabel*. Nas immediações ha uma povoação pequena, cuja existencia data do tempo da inauguração da estação, em 1884.

Colonia Allemã — (Vide Amelia).

Colonia Barão de Lucena —Extincto nucleo colonial, situado no mun. de Jaboatão e ligado á cidade do Recife pela E. F. Central, na distancia de 20 kilms. O local demora da cidade de Jaboatão 2 kilms., cuja viagem é feita por uma estrada de rodagem. Seu territorio é formado pelos antigos engenhos— *Suassuna*, *Soccorro*, *S. André*, *S. Antonio* e parte do *Engenho Velho*. Essa colonia, que foi creada pelo Governo Federal e que, por aviso do Ministro da Industria, Viação e Obras Publicas, n. 31, de 15 de Dezembro de 1894, passou para o Estado, continha elementos de prosperidade, não só porque suas terras prestam-se com vantagem á cultura de cereaes, fumo, café, cacáo, mandioca, etc., de modo a compensar o trabalho do colono, como por ter viação facil e mercados consumidores.

Por acto do Governo Estadoal, de 15 de Março de 1895, foi autorisada a venda, em hasta publica, de todos os bens pertencentes á colonia; e, de facto, foram vendidos, e retalhado todo terreno em lotes, sendo hoje propriedade de particulares. Em 1893 foram plantados ahi 47.500 pés de cacáo, e 41,000 de café. A colonia, dividida em 3 secções, na 1ª se construiram 90 casas confortaveis, a maior porção dellas de tijolo; outras de taipa, porém todas cobertas de telhas, caiadas e pintadas. Na 2ª secção foram construidas 18 casas todas de tijolos e tambem cobertas de telhas, caiadas e pintadas.

Colonia Isabel — Situada no mun. de Palmares de cuja séde dista 33 kiloms. ao SO, fica a 158 kilms. da cidade do Recife; é hoje denominada *Frei Caneca*. Está a 215 ms. de altitude, sobre um planalto limitado pelos rios Pirangy ao S e Fervedouro ao N, fazendo este barra no primeiro, ao nascente do mesmo planalto, na distancia de 500 metros, pouco mais ou menos. A elevação do planalto sobre o nivel dos dous rios é, mais ou menos, de 39 ms., e a distancia dos mesmos, nos pontos mais proximos, de 132 a 247 ms., medindo sua circumferencia a extensão de 2.000 ms. com pouca differença. Está collocada a 8° 44' 35" de lat. S e a 35° 28' 6" Long. Oriental do merid. de Greenwich. A estrada de ferro Sul de Pernambuco passa ao pé do alto em que fica collocado seu lindo e magestoso edificio, e tem ahi uma estação do lado meridional da linha, no povoado denominado *Colonia*. A colonia foi fundada na presidencia do Dr. Henrique Pereira de Lucena (depois Barão de Lucena), o qual, ventilada a idéa da fundação, mandou vir da Italia, e chegaram, em 29 de setembro de 1873, capuchinhos para realizarem a obra. De facto, Fr. Fidelis Maria de Fognano (fallecido em julho de 1894) foi o encarregado da obra, e Fr. Francisco de Vicencia o engenheiro incumbido de proceder ás explorações e necessarios estudos. Em 8 de Dezembro do referido anno collocou-se a primeira pedra do edificio e proseguiram os trabalhos com a maior regularidade. A 24 de janeiro de 1895 installou-se a colonia orphanologica Santa Isabel e os menores do extincto collegio de orphãos, em numero de 30, foram para ahi transferidos. A direcção e administração foram então confiadas aos cuidados dos capuchinhos, que prestaram seus serviços gratuitamente, até 21 de setembro de 1894, quando, em virtude do Decreto de 16 de Julho, que mudou-lhe a denominação para — *Escola Industrial Frei Caneca*, passou a ser dirigida por um director de nomeação do Governo. (Vide ESCOLA INDUSTRIAL FREI CANECA). Desde sua installação até setembro de 1894 foram matriculados 551 colonos; sahiram por terem completado a edade e por ordens do Governo 320; falleceram 33; existiam 164, não incluindo 34 que se evadiram, illudindo a vigilancia da direcção Destes 320 aprenderam a arte musical 210, sendo que 133 tocavam na

banda marcial e orchestra do instituto, que produziu ainda 4 guarda-livros, 3 professores de portuguez, 1 de desenho, e 3 praticos de pharmacia; muitos outros que foram educados na colonia, graças, talvez, á educação recebida, applicaram-se a profissões liberaes, encontrando-se uns gerindo casa commercial propria, outros, empregados como caixeiros, e ainda outros como funccionarios publicos, tendo até aqui um delles feito o curso da Faculdade de Direito e recebido o gráo de bacharel. Para a educação profissional de seus educandos possue essa colonia diversas officinas, que estão devidamente montadas, com todo o material, instrumentos e machinas necessarias. Tem uma usina, das melhores, montada com apparelhos os mais aperfeiçoados, offerecendo á praça assucares de optima qualidade. Ha na colonia tambem uma via-ferrea que faz o transporte dos productos da usina. Pertencem á colonia, como patrimonio seu,— diversas propriedades e fazendas de criação, nos muns. de S. Bento e Altinho, de gados das diversas especies. Segundo o plano da construcção do edificio (Relat. da Santa Casa de Mis., anno 1879 pag. 241), elle, quando terminado de todo, deve occupar uma área de 13,956^{m3} e será repartido em cinco quadros, dos quaes o primeiro formará, na frente do edificio e entre os raios lateraes do mesmo, uma praça de 4.756^{m2}. Os quatro ultimos quadros formarão outros tantos jardins no interior do mesmo edificio, dos quaes o primeiro será, de 636^{m} quadrados e o segundo e o terceiro de 371, o quarto, finalmente, de 1,176^{m}. Comprehenderá o edificio, depois de concluido, 40 salões de 14 a 28^{m} de comprido, sobre 5 a 7^{m},50 de larg. cada um, 13 quartos e 2 salas, afóra dous vastos salões destinados — um para salão de honra com 20^{m},2 de comp. sobre 7^{m},2 de larg., e outro para o refeitorio com 51^{m} de comp. e 5^{m},80 de larg. Existe na colonia uma capella dedicada a Santa Isabel, concluida em 1878, cuja architectura é de ordem toscana composta, a qual está situada no centro do raio da frente do edificio, sahindo fóra da linha deste 5^{m}, afim de receber a luz de quatro janellas lateraes que nella existem. O ornato da frente, que na sua natural simplicidade, não deixa de ter certa graça, consiste em quatro pilastras de 2^{m} de altura, que circulam todo o edificio. Estas pilastras sustentam por sua vez o entablamento com sua cornija; sobre esse entablamento eleva-se um tympano recostado a uma attica, que tem a altura de 2^{m},25; entre as pilastras e debaixo da imposta, abrem-se duas janellas e no centro uma porta que dá entrada. Sobre a porta existe a pedra commemorativa com a seguinte inscripção:

D. O M.
Ædificium hunc
Ad derelictœ orphanæque juventutis educationem á fundamentis, erectum
Excellentissimo ac Preclarissimo hujus
Provincia Preside
Henrico Pereira de Lucena
fundatore,
Ac. Fr. Francisco Maria a Vicentia, ordinis capuccinorum Architecto
Dirigentibus ejusdem ordinis fratibus
In hâe Pernambucana Provincia degentibus
Inceptum
Sexto idus Decembris MDCCCLXXIII
Et ad eamdem juventudem recepiendam apertum
Tercio Kalendas Martii MDCCCLXXVI
Defendat at protegat

Uma escada de sete degráos dá accesso á referida capella, que tem no interior a mesma architectura do exterior. A abobada é guarnecida de estuque e nella abrem-se cinco janellas de cada lado, tres no fundo da capella e duas na frente. A área interior do templo é de 220^{m2}. Num simicirculo assenta o altar da Padroeira—Santa Isabel, que está collocada em um bello nicho. Esta capella foi sagrada e inaugurada em 5 de maio de 1877.—Foi anteriormente uma colonia militar denominada de ***Pimenteiras***, creada pelo Dec. de 9 de novembro de 1850, e, antes ainda, uma aldeia de indios que, não se sujeitando aos hollandezes, marcharam contra estes; depois

viveram por muito tempo desconhecidos, e, augmentando consideravelmente sua população, domesticados, já elles não relutaram mais.

Colonia Soccorro — No mun. de Palmares, a 40 kilms. ao S, distante da cidade desse nome e ligado por uma estrada de rodagem, marginada em toda sua extensão, por propriedades ruraes, fica este abandonado nucleo colonial. «Occupa uma zona extensa que se limita: — ao N com o riacho de Dentro, ao S com o rio Jacuhype que separa este Estado do de Alagoas ; a L com o riacho Secco, e a O com a serrania Taquara. — e contém todos os elementos para a creação de um estabelecimento agricola de primeira ordem e dos melhores resultados. Regada por varios riachos perennes, e enriquecida de mattas densas, nas proximidades do sitio em que se ergueram os estabelecimentos da colonia, tem um clima grandemente salubre, e fórma toda a região um terreno immenso, proprio para todo o genero da cultura agricola. Existe alli, em bom estado, uma elegante capella, cemiterio, casas, alojamentos e outras obras aproveitaveis. A vantagem de um ramal da E. F. do S. Francisco, que vá de Palmares á colonia, é das maiores ; e, certamente, o lucro que delle advirá, pelos elementos de rendas da zona de transito, bem compensarão os juros garantidos sobre o capital da construcção. »

Columby — Logarejo na freg. de N. S. da Conceição das Flores.

Comarca de S. Francisco — Antigo territorio de Pernambuco, hoje provisoriamente incorporado ao Estado da Bahia.

Historia. A provincia de Pernambuco, cujos limites primitivos já conhecêmos em outro logar, continha em 1808 sómente as ouvidorias de Itamaracá, de Alagoas, da Parahyba do Norte, na parte em que pertencia á mesma Provincia de Pernambuco, a de Jacobina, que comprehendia parte da provincia da Bahia, e finalmente a de Pernambuco, propriamente dita.

A ouvidoria de Itamaracá foi creada desde o tempo em que fazia uma capitania separada de Pernambuco, e pertencia a um só donatario ; e deixou de existir em virtude do alvará de 1 de Agosto de 1808, que a mandou unir á ouvidoria de Goyanna, e creou em seu logar na mesma villa um juiz de fóra civel, crime e orphãos, com o ordenado, prós e precalços que tinha o juiz de fóra de Pernambuco. A ouvidoria de Pernambuco, propriamente dita, tambem foi creada desde o primeiro donatario, e teve regimento novo em 22 de Dezembro de 1688 : em 1700, por carta regia de 28 de Janeiro, se creou o logar de juiz de fóra de Olinda, para ajudar o ouvidor na administração da justiça, sendo o primeiro o doutor Roberto Cardoso Ribeiro. Por carta regia de 7 de Dezembro de 1709 foi creado o juizo da corôa, independente do governador, composto do ouvidor e dous adjuntos, o juiz de fóra, e um advogado formado em Coimbra. Por alvará de 18 de janeiro de 1765 se mandou crear juntas de justiça nos logares em que houvesse ouvidoria, afim de deferir os recursos interpostos dos juizes ecclesiasticos. A ouvidoria da Parahyba do Norte foi creada poucos annos antes de 1698, segundo se deprehende da memoria que acompanhou a carta regia de 6 de Março do mesmo anno, comprehendendo no seu districto os termos de Goyanna, e as capitanias da Parahyba e Rio Grande do Norte.

A ouvidoria das Alagoas foi creada pela carta regia de 9 de Outubro de 1706, sendo governador e capitão-general Francisco de Castro Moraes, em consequencia do seu officio de 9 de Janeiro do mesmo anno; e parece que a isso deu lugar a memoria de que acima fallámos. Ella comprehendia em sua jurisdicção todo o territorio que hoje forma a Provincia das Alagoas, e que então sómente continha as villas das Alagoas, Porto Calvo, Palmar ou

Atalaya, e rio de São Francisco ou Penedo. Foi o seu primeiro ouvidor o doutor José da Cunha Soares, por carta regia que obteve em 6 de Fevereiro de 1711. A ouvidoria de Jacobina foi creada por carta regia de 4 de Junho de 1725, e comprehendia em sua jurisdicção a parte da Provincia de Pernambuco que formou depois a comarca do rio de São Francisco, como adiante veremos.

Conhecendo, porém, o governador e capitão-general Caetano Pinto de Miranda Montenegro que os ouvidores de Pernambuco não podiam dar conta de metade do que estava a seu cargo, que em razão da grande distancia nunca corregiam todo o seu districto; que os julgados de Tacaratú, Cabrobó e Flores e as villas de Santa-Maria e Assumpção, cada qual com o seu juiz ordinario e escrivão, não sendo corregidos, recebiam a justiça ao sabor d'aquelles empregados; que da união de partes de provincias diversas resultavam inconvenientes ao serviço publico, em officio de 22 de Julho de 1805, e 11 de Novembro de 1809, propoz que se creassem algumas villas, e tambem uma nova comarca, dando-se-lhe por termo desde a ribeira de Moxotó para cima, até onde principia o termo Pilão-arcado. Annuindo a tão justas representações de tão illustrado administrador, o alvará de 15 de Janeiro de 1810 creou a nova comarca do Sertão de Pernambuco, e ordenou que comprehendesse : 1°, a villa de Cimbres, e os julgados de Garanhuns, Flores, Tacaratú, e Cabrobó ; 2°, a villa da Barra e as de Pilão Arcado, Campo Largo e Carinhanha, que eram desligados os primeiros da antiga comarca de Pernambuco, e os ultimos da comarca de Jacobina na Bahia.

Foi o 1° ouvidor d'esta nova comarca o Dr. Thomaz Antonio Maciel Monteiro.

Estavam, portanto, sujeitas á provincia de Pernambuco as comarcas das *Alagoas*, *de Pernambuco* e do *Sertão de Pernambuco*, não fallando da parte de Goyanna, que pertencendo á referida provincia era sujeita na correição da ouvidoria da Parahyba, em consequencia de arranjos dos tempos antigos, em que a capitania de Itamaracá era diversa da de Pernambuco. Como, porém, a ouvidoria de Pernambuco, apezar da ultima divisão, era ainda um logar de tanto trabalho que nenhum ministro, por mais diligente e entendido, poderia cabalmente desempenhar os deveres de muitos cargos que lhe andavam annexos, e de mais, comprehendia a cidade de Olinda, e as villas do Recife, Iguarassú, Serinhãem, Cabo, Santo Antão, Páu d'Alho e Limoeiro, propôz o mencionado governador Montenegro, em officios de 13 e 20 de Abril de 1814, como indispensavel, que se dividisse a ouvidoria de Pernambuco em duas comarcas, denominando se uma, de Olinda e outra do Recife, sendo a cabeça da 1ª aquella cidade, e da 2ª a villa do mesmo nome, e comprehendendo esta além do termo do Recife, os de Santo Antão, Cabo e Serinhãem ; e aquella, além do termo da cidade, as villas de Iguarassú, Páo d'Alho, Limoeiro e Goyanna, visto que a capitania da Parahyba já estava separada e independente, e a de Itamaracá já estava incluida em Pernambuco, e nenhuma razão podia haver para que Goyanna ficasse pertencendo á comarca de governo diverso, e tão extenso como já vimos. Em virtude dessa requisição, foi creada uma nova comarca de Olinda, pelo alvará de 30 de Maio de 1815, sendo o seu 1° ouvidor o doutor Antonio Carlos Ribeiro de Andrada Machado e Silva.

Depois desta divisão, foi desmembrada da comarca do Sertão de Pernambuco a comarca que se denominou do Rio de São Francisco, pelo alvará de 3 de Junho de 1820, comprehendendo a villa da Barra e as povoações de Campo-Largo e Carinhanha, com os seus respectivos termos, sendo aquella villa a cabeça da comarca, e elevando-se á

villa a povoação de Campo-Largo, tudo em consequencia de representação do governador e capitão-general Luiz do Rego Barreto. Esta comarca, porém, foi desligada de Pernambuco, e unida á provincia de Minas Geraes, continuando a ficar sujeita em seus recursos judiciaes á Relação da Bahia, pelo decreto de 7 de Junho de 1824, como um castigo que o governo imperial inflingia a Pernambuco, que contra elle se havia rebellado segunda vez, fazendo a revolução *Confederação do Equador*, como em 1817 tinha feito a republicana que para enfraquecel-o lhe tiraram a Comarca de Alagôas, que foi erigida em provincia. Sendo finalmente incorporada provisoriamente á mesma provincia da Bahia, até que se fizesse a organisação das provincias do Imperio, pela resolução de 13 de Outubro de 1827.

Com a separação desta comarca perdeu a provincia de Pernambuco um terreno pouco mais ou menos igual ao das provincias reunidas de Alagôas e Sergipe, attento o mappa geral do Brasil pelo coronel Conrado Jacob de Niemeyer.

A comarca das Alagôas passou a formar em 1817 a provincia do mesmo nome, e por isso, deixando de tratar da mesma, sómente dizemos que as ouvidorias de Pernambuco, e os juizes de fóra do Recife e de Goyanna continuaram taes quaes ficou descripto, até o anno de 1832, em que, por descuido das disposições do codigo do processo criminal, os presidentes em conselho foram autorisados a dividir as provincias em novas comarcas. Por deliberação do conselho de 20 de maio de 1833, eram ellas a principio sómente 9, a saber : — Recife, Goyanna, Nazareth, Limoeiro, Santo Antão, Rio Formoso, Bonito, Brejo e Flores; em 1836, porém, pela lei de 6 de Junho, creou-se mais a de Garanhuns; em 1838, pela lei de 19 de Abril, a da Bôa Vista, abolindo-se a do Bonito; e em 1840, pela lei de 5 de Maio, finalmente, restabeleceu-se esta ultima e formaram-se a de Páo d'Alho e a do Cabo; de modo que, actualmente, existem as comarcas que mencionamos no artigo Pernambuco. Sobre este assumpto existe uma memoria do Dr. F. A. Pereira da Costa, mandada imprimir em 1896, pelo Inst. Arch. Geog. Pernambucano. O Senador federal Dr. João Barbalho Uchôa Cavalcanti, em sessão do Senado d'aquelle mesmo anno, apresentou um projecto reintegrando á Pernambuco seu territorio, *provisoriamente* annexado á Bahia pelo governo de Pedro I, como castigo da revolução CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR, e afim de quebrar as forças ao Leão do Norte, tão indomavel, e que não se havia emendado com o desmembramento da comarca de Alagôas (hoje Estado), no tempo de D. João VI, como punição da revolução republicana de 1817. O alludido projecto, approvado em 1ª discussão, foi mandado á commissão competente para dar o parecer e lá ficou a dormir, e o desmembramento provisorio continúa.

Commissario — Eng. do mun. de Itambé.

Communaty — *Serra* — Situada ao N. da cidade d'Aguas Bellas, na distancia de 6 kilms., tendo a altitude de 726^m,0, e occupando um perimetro de 72 kilms., constitue pela sua frescura e uberdade, um oásis em meio do sertão. Alli as fontes são perennes e brotam em diversos pontos, a folhagem das arvores é sempre verde como sóe acontecer na zona da matta. Nella produz e fructifica com vantagem — o caféeiro, a canna d'assucar, a laranjeira, o tabaco, o milho, o feijão e outras plantações do paiz. *Communaty é* voc. tupy e significa (segundo *Martius*) — *alma de gato*.

Comportas — Eng. situado no mun. de Jaboatão, freg. de Muribeca.

Compridas—*Lagôa*—Situada no mun. de Bom Conselho. Nos muns.

de Granito e do Limoeiro encontra-se outras de egual nome.

Conceição—Engs. dos muns. da Escada, de Jaboatão, freg. de Muribeca, de Ipojuca, de Goyanna, de Canhotinho, de Pesqueira ou Cimbres, de Nazareth, de Serinhãem, de Palmares distr. de Catende, de Páo d'Alho, e do Rio For-

MONUMENTO DO MORRO DA CONCEIÇÃO

moso. No mun. do Bonito existem ainda 2 engs. com esta denominação, e no da Victoria ha tambem outros que o Decr. do Governador do Estado, de 16 de Março de 1895, concedeu um auxilio para se montar nelles uma usina, que comprehende tambem o Galiléa. O eng. Conceição da Escada está a 3 kilms. da séde; e o de Serinhãem tem uma capella da mesma invocação.

Conceição—*Engenho*—Situado a 18 kilms. ao norte de S. Vicente de Timbaúba, a cuja freg. pertence.

Conceição—*Morro*—No logar Arraial, proximo ás officinas da E. F. de Limoeiro, deve o seu nome ao monumento, em memoria da proclamação do dogma da Immaculada Conceição, que, em 8 de Dezembro de 1904, por iniciativa do bispo D. Luiz Raymundo da Silva Britto, foi alli erguido. Anteriormente era chamado *Bôa Vista* e em tempos mais antigos *Morro Bagnolo*. Por occasião de ser

inaugurado o monumento distribuiu-se a seguinte bellissima poesia:

STELLA MATUTINA

A MARIA IMMACULADA

Salve, Filha do Céo! Em teu olhar resplende
A meiga luz do Bem que a Humanidade aclara;
Desenha-se em teu Ser essa pureza rara
Que em nossos corações a Fé radiante accende.

E's o doce Santelmo! O astro bom que esplende
No tormentoso mar de nossa vida amara!
— Conforto, que do Céo á terra vil baixara,
— E'lo que á Divindade a creatura prende!

Tudo o que é grande e santo e puro e immaculado,
A lagrima do afflicto, a angustia do culpado,
Encontra no teu seio o balsamo fecundo;

E Deus, ao ver-te assim tão cheia de innocencia,
Quebrou as leis fataes da humana contingencia —
E, Virgem, te fez Mãe do Redemptor do mundo!

Gaspar Regueira.

O mesmo prelado olindense D. Luiz de Britto, alli está fazendo construir tambem uma egreja dedicada a N. S. da Conceição.

Conceição — Na ilha de Fernando de Noronha, ao NO, entre as fortificações do Pico e dos Remedios, foi um reducto fundado em 1737 a 1738, e reconstruido desde seus fundamentos, em 1848. Foi reparado e artilhado em 1864. Em 1829 montava 6 canhões, e, actualmente, sobre os restos d'essa fortificação, está construida a enfermaria do presidio.

Conceição — *Serra* — No mun. de Nazareth, proxima ao eng. do mesmo nome, é coberta de mattas, onde se encontram ainda bôas madeiras para construcções.

Conceição — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Conceição — *Serra* — Fica nos limites d'este Estado com o da Parahyba, correspondendo ao mun. de Afogados de Ingazeira.

Conceição — *Riacho* — Tem suas vertentes no mun. de Garanhuns e, correndo para o de Correntes, depois de um curso de uns 50 kilms., desemboca no rio Mandahú.

Conceição — *Riacho* — Corre no mun. de Páo d'Alho para o rio Capibaribe.

Conceição de Pedra — *Villa* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. da Conceição.

Historia — O local da villa foi, primitivamente, uma fazenda de gado, de propriedade do capitão-mór Manuel Leite da Silva, fallecido em 1801. Levado elle por sentimentos religiosos, erigiu na fazenda uma capella, sob a protecção da Virgem da Conceição, dando, como patrimonio, a essa egreja uma parte das terras da mesma fazenda, por meio de escriptura publica, lavrada em 22 de Julho de 1760. O attractivo da situação da localidade, as festas constantemente celebradas na capellinha por seu proprietario, e ainda mesmo o facto, aliás de grande importancia, que, sómente em si, tem sido origem de construcções de egrejas em varios logares, por constituir depressa centros de habitantes, taes foram os motivos que logo determinaram a formação de um povoado alli. Depois de mais de um seculo, em Julho de 1875, foi reedificada a capella pelo venerando capuchinho hungaro Frei Estevão Maria de Hungria, de saudosa memoria, fallecido na colonia Giquiriçára, do Estado da Bahia, em 1 de Maio de 1878, mediante a munificencia popular. Foi creada freg. em virtude da Lei Prov. n. 561 de 6 de Maio de 1863, sendo provida, canonicamente, por acto do Diocesano, de 18 de Março de 1867 e installada aos 14 de Julho do mesmo anno, pelo seu primeiro vigario Padre Nuno Theodoro da Costa. Foi elevada á categoria de villa pela Lei

Prov. n. 1542 de 13 de Maio de 1881, installando-se a Camara Municipal em 17 de Agosto de 1885. De accordo com a Lei Organica dos municipios constituiu-se autonomo, em 1 de Maio de 1893, elegendo seu primeiro governo administrativo composto dos seguintes cidadãos: Prefeito— Coronel Francisco Vaz Cavalcante; Sub-Prefeito — Capitão Antonio d'Albuquerque Cavalcante —Conselho Municipal— membros — Tenente-coronel André C. de Albuquerque Arco Verde, Jeronymo Campello de Albuquerque, Lourenço Diniz de Almeida, João Tenorio de Albuquerque, Silvestre Nunes Campello Maranhão. Por acto do Governador do Estado, de 3 de Abril de 1894, foi-lhe dada organização judiciaria independente da do mun. do Buique a que pertencia, sendo installado seu fôro civil, em 21 do mesmo mez e anno, e tendo como primeiro juiz de Direito o Dr. José Felippe Nery da Silva Filho, e promotor o Dr. Pedro Estellita Cavalcante Lins.

ORIGEM DA DENOMINAÇÃO — O nome de *Conceição da Pedra* deriva da inv. da egreja matriz e da colossal pedra situada ao S da povoação, a qual por si só constitue um monte, de cuja eminencia o observador contempla bellos panoramas da Natureza.

POSIÇÃO ASTRONOMICA— Fica a 8° e 32' de lat. S, e a 6° e 8° de long. orient. do Merid. do Rio de Janeiro.

EXTENSÃO DO TERRITORIO—A dimensão territorial do mun. é approximadamente de 90 kilms. de N a S e de 85 de L a O.

ASPECTO PHYSICO—Na parte S e O o mun. é geralmente plano, notando-se apenas pequenos montes isolados na planicie; pelos lados L e N observa-se a ramificação da cordilheira que vem do mun. de Cimbres, com o nome de Ororubá, tomando as denominações de— serras da *Gamelleira*, da *Cruz*, do *Jardim*, do *Paxinanam do Macaco* e *Lages*.

CLIMA E SALUBRIDADE—E' frio o clima na villa da Conceição da Pedra e quente nos demais pontos do mun. A salubridade é geralmente boa em todo o mun. apparecendo, entretanto, ás vezes, no verão, alguns casos de febres malignas.

LIMITES—O mun. confina ao N com o de Cimbres pelas aguas pendentes das serras do Jardim, Guerra, Gamelleira, Breginho e Mocó, até o riacho do Baptista, que fica a NO; ao O com o mun. do Buique, por uma recta, desde o riacho do Baptista até a fazenda Barracas e desta á fazenda Cajazeiras pela estrada que vai de uma a outra; ao S com o mesmo mun., ainda, pela estrada que vai de Cajazeiras ao sitio Cabôclo e d'ahi, pelas aguas que pendem para o riacho Cordeiro, até sua confluencia, e com o mun. de Aguas Bellas pelo riacho Cachoeirinha, até a serra de S. José; e ao L com os mun. de S. Bento e Garanhuns pela serra do Mijo da Onça e suas aguas, e ainda pelo mun. de Cimbres pela serra do Bucú.

DIVISÃO—A ecclesiastica comprehende uma só freg., e a civil dous districtos —o da villa e o do Tará.

POPULAÇÃO — Possue o mun. uns 7.000 habitantes.

TOPOGRAPHIA—A villa da Conceição da Pedra fica situada a 605 m. de altitude ao NE do Buique, e ao NO de Garanhuns, em terreno plano, offerecendo algum declive para o lado occidental, e tendo ao S, ao pé da qual está collocada, a enorme pedra que, como se disse, lhe dá a derivação. Suas ruas são largas e rectas, formando um bello quadro, do qual occupa a egreja matriz, unico templo que tem, a parte oriental. As casas são terreas, umas de tijolo e outras de taipa. Possue uma feira semanal, algum commercio e é logar de promettedora prosperidade, nascida nos ultimos annos, embora, antiga como é, devesse ter-se desenvolvido mais do que realmente se acha.

POVOAÇÕES.—*Santo Antonio do Tará* ao S e á margem dir. do riacho Cordeiro, a 481 m. de altitude, possue uma

cap. dedicada á S. Antonio, edificada em 1877, e a da Conceição. O mais são logarejos que não merecem o nome de povoados.

Orographia — Em seu territorio possue as seguintes serras : — do *Jardim*, do *Guerra*, da *Gamelleira*, do *Brejinho*, do *Mocó* e do *Sacco*, ao N ; a do *Mijo da Onça* e a do *Bucú*, ao L, e a do *S. José*, ao S, nos limites d'Aguas Bellas.

Hydrographia — Regam-lhe o sólo o rio *Ypanema*, que atravessa o mun. na direcção NE a SO, os riachos — dos *Bois*, do *Cordeiro*, do *Mororó*, do *Mel*, da *Cachoeirinha*, do *Baptista*, e alguns outros. Das aguas que procedem da serra do Mijo da Onça, distr. do Tará, nasce o rio *Una*, que busca a direcção do mun. de S. Bento.

Commercio — E' activo, promettedor de futuro e florescente o da localidade. Os principaes artigos de exportação são: pelles de animaes, gados e queijos.

Industria e agricultura — A industria consiste no fabrico de louças de barro, telhas e tijolos, na preparação da cal, no feitio de tecidos de algodão, no de objectos de palha, como chapéos, esteiras e cêstas, nos trabalhos de sapataria e marcineiria. A agricultura é nulla e apenas se limita á cultura dos cereaes e do algodoeiro.

Curiosidades naturaes — A pedra colossal, massiça, de fórma conica, contendo 3,822 metros de circumferencia, 600 de altura perpendicular, e 850 de distancia accessivel, const tue uma bella curiosidade natural. Essa admiravel massa granitica é, por si só, um monte (que aliás prende-se por um lado, em seu cume, á terra firme), offerecendo a sua eminencia, ao contemplador, um painel de encantar. Em sua superficie nota-se diversos reservatorios d'aguas pluviaes. Em sua raiz tambem é notavel uma fenda com um metro de comprido e cinco centimetros de largo, donde brota excellente agua potavel, que diminue durante a estação secca. Ao SE da villa, no sitio *Barbado*, ha um monte, com uns 200m,0 de alt. sobre o nivel da planicie, e 2.000 de extensão, mais ou menos, no qual, em meio do seu cimo, encontra-se uma consideravel abertura, de fórma circular, que atravessa de lado a lado, na direcção L a O. Assenta esse monte sobre terra vermelha e pedras, e tem 110 metros de comprido sobre largura menor. Tem 40 metros de altura, a contar da base á abobada, constituida de uma grande pedra que, partindo da parte inferior da grande fenda ou abertura, formada esta, estende-se em linha vertical até o cimo do monte, fazendo-lhe o ponto culminante, alongando-se e prendendo-se ahi á terra firme, na direcção de S a N, em ambas as extremidades. Nessa enorme cavidade acham-se inscriptas em rochas, com indelevel côr vermelha, palavras indecifraveis em caracter manuscripto, de typo maiusculo e ainda desenhado, similhantemente, um tamanduá e uma viola. (Vide Barbado.)

Mineraes — Em alguns logares do mun. acham-se o crystal de rocha e pedras pretas, similhantes a massas de ferro e, nomeadamente, isto nos sitios *Guariba*, *Barro Branco* e *Ingazeira*. Ainda, abundantemente, encontra-se a pedra calcarea e a chamada de amolar.

Producções — Cria-se os diversos gados e produz algodão, legumes e cereaes.

Força municipal—Em 1906 constava a força municipal de 8 praças e um alferes commandante.

Instrucção publica — Em 1905 o mun. continha sómente 3 escolas ; é muito atrazado o adiantamento moral e intellectual da população.

Viação—As estradas do mun. se dirigem especialmente para a villa de Buique, para a cidade de Pesqueira, para o pov. Alagoinhas de Pesqueira e para a cidade de Garanhuns.

Distancias — Demora de Garanhuns 120 kilms., do Buique 30, de Pesqueira

40 e da capital 284 kilms., sendo a viagem feita a cavallo até a estação de Garanhuns ou para a de Pesqueira, que fica mais proxima.

LINHA TELEGRAPHICA — A estação telegraphica dessa villa inaugurou-se em 25 de setembro de 1896.

Conceição — *Logar* — No mun. de Olinda, freg. de Maranguape, ao Norte, é banhado pelo rio Doce, que nasce dahi a pequena distancia.

Conceição Nova —*Engenho* — No mun. de Ipojuca, a oeste de N. S. do O' (séde) e a 10 kilms. distante Fica entre os engs. Utinga, Mirador e Conceição Velha.

Conceição Velha — Eng. do mun. de Ipojuca, ao oeste de N. S. do O' (séde) e a 10 kilms. em linha directa. Fica perto do rio Ipojuca e entre os engs. Conceição Nova e Amazonas.

Concordia — Eng. do mun. de Gamelleira e ao N da séde e distante 12 kilms. Na freg. de N. S. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, e na de Santo Antão da Victoria, com igual nome, ha um eng. em cada uma.

Condado — Engs. dos muns. de Bom Jardim e Goyanna.

Condado — *Engenho* — No mun. de Páo d'Alho, ao norte da séde e a 12 kilms., entre os engs. Pindobal, Ramos e Itaboray.

Confinante — Eng. situado no mun. de Agua Preta.

Congo — *Riacho* — Desagua no canal ou braço de mar que fica entre a ilha de Itamaracá e o continente. Tem cerca de 6 kilms Suas margens são baixas, cheias de mangue, e elle, com menos de legua de extensão, une-se, por uma estreita cambôa, ao rio Araripe. De sua foz acima, mais de 6 kilms., está a pov. de Itapissuma. Tambem é conhecido pelo nome de *Tomba as Aguas*.

Conquista — Eng. do mun. de Agua Preta.

Conselho — Engs. dos muns. de Agua Preta e Escada, a 24 kilms. da séde.

Conservador — Engs. dos muns. de Gamelleira, 6 kilms. ao N, e de Agua Preta.

Consôlo — *Serra* — No mun. do Limoeiro ao S e a 6 kilms. da cidade deste nome e do lado da marg. dir. do rio Capibaribe.

Constantino — Eng. do mun. de S. Lourenço, á marg. do rio Capibaribe, ao sul da séde, da qual se separa defrontando, pelo rio Capibaribe.

Constituinte — Engs. dos muns. d'Agua Preta e Escada, a 24 kilms. da séde.

Contador — Fazenda de criar no dist. de Jatobá, mun. do Brejo da Madre de Deus.

Contendas — Eng. do mun. de Amaragy, á marg. dir. da E. de F. do Recife a Palmares, no kilm. 72; fica a léste da séde e a 2 kilms. da estação de Frexeiras.

Contendas — *Riacho* — No mun. de Taquaretinga. E' affl. do Topada, que o é do Capibaribe.

Contra Açude — *Riacho* — Corre no mun. de Jaboatão, em terras do eng. Gurjaú de Cima e dahi desagua no riacho Gurjaú, affl. do rio Pirapama.

Convento — *Riacho* — Corre em terras do eng. Velho, á marg. do Jaboatão e derrama no rio deste nome.

Coqueiro — Engs. situados nos muns. da Victoria, a 7 kilms. ao sul da cidade desse nome, — de Nazareth e — do Rio Formoso.

Coqueiro — *Serra* — Fica situada no mun. do Buique ao NO da séde, terminando repentinamente a L, num paredão vertical de 220^m de altura e de mais de 30 kilms. de comprimento, em toda sua extensão. Sua altitude é de 920^m sobre o nivel do mar.

Coralina — *Serra* — Ao N da cidade de S. Bento.

Corcovado — *Logarejo* — Situado em territorio do mun. de Páo d'Alho.

Cordeiro — *Povoação* — No mun. da Pedra, á marg. do riacho do mesmo

nome, contém pequeno numero de habitantes, possuindo uma capellinha do patrocinio de S. Antonio, erecta e benta em 1877 por Frei Estevão Maria de Hungria.

Cordeiro — Estação da E. F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, na freg. da Varzea, entre as estações do Zumby e Iputinga, distante da inicial do Recife 5,500m. Marginal á estrada ahi existe um povoado onde ha duas escolas primarias, e em construcção uma capellinha do martyr S. Sebastião, cuja 1ª pedra foi assentada em 1900.

O logar *Cordeiro*, na estrada do Caxangá, foi o antigo engenho de Ambrosio Machado, a que tantas vezes se refere a historia patria, do qual se apossaram os hollandezes, quando aquelle se retirou para Portugal. Aquelle nome actual se origina de que, dando-se a restauração e estando na posse do mesmo o hollandez Guennez, foi requestada pela Fazenda e arrematado em hasta publica pelo senhor do engenho Monteiro. E como, por essa occasião, João Cordeiro de Mendanha, que tinha sido ajudante de ordens de João Fernandes Vieira, tivesse sido lavrador de uma parte deste engenho, então de fogo morto, Sotero de Castro adquirindo-o por compra aos herdeiros do mesmo senhor do engenho Monteiro, nesse sitio reergueu outro engenho, a que deu o nome de *Cordeiro*, para recordar o nome de João Cordeiro de Mendanha.

Cordeiro — Engs. localisados nos muns. de Itambé e Nazareth.

Cordeiro — *Riacho* — Nasce na serra do Papagaio e, correndo pelo mun. da Pedra na direcção NE a SO, banha o pov. de Santo Antonio do Tará, e vae desaguar no rio Ypanema, na fazenda Mandacarú, depois de ter recebido o da Lage e alguns outros.

Cordeiro — *Riacho* — Nasce a NE da serra do S. José, logar denominado Grotão, distr. de S. Antonio do Tará, mun. do Pedra, e tendo o curso de 50 kilms. no mesmo mun., banha a povoação séde do distr. (Tará), as fazendas Carahybas, S. Pedro e S. João, e depois seguindo para o mun. de Aguas Bellas, vae deitar suas aguas no rio Ypanema, na fazenda Mandacarú. São seus affl. os riachos Cachoeira, do Sacco, S. José, Caldeirão, Lage e outros.

Coriolano — *Riacho* — Affl. do rio Jacaré, que é do S. Francisco.

Côro — *Lagôa* — Existe com tal denominação uma no mun. de Limoeiro no logar chamado Lagôa do Côro, emprestando-lhe a denominação.

Corôa Grande — Vide S. José de Corôa Grande, pov. do mun. de Barreiros.

Croopotós—Vide Carapatós.

Correia —*Ribeiro*— que despeja no rio Cotunguba, que é affl. do rio Capibaribe, pela marg. esquerda.

Correinha ou da Besta— *Riacho*—Nasce na cordilheira da Raposa no mun. do Limoeiro, para os lados do logar *Lagôa do Couro* e, depois de uns 3 kilms. de curso, proximo á cidade daquelle nome, derrama no rio Capibaribe, pela marg. septentrional. Sobre este riacho a via-ferrea do Limoeiro tem a segunda bomba, por cima da qual passam seus trilhos, a contar da estação do Limoeiro para a do Campo Grande.

Correia da Silva—Usina no mun. de Palmares. Hoje chama-se Catende. Vide Catende.

Corrente—Eng. situado no mun. de Agua Preta.

Corrente do Meio—Eng. em territorio do mun. de Correntes.

Correntes — *Villa* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de Nossa Senhora da Conceição de Correntes.

Historia—Em 1826, o portuguez de 60 annos de edade, mais ou menos, Antonio Machado Dias, que ahi já residia ha muito tempo, e possuia uma fazenda de gado e mais de 100 escravos, lem-

brou-se de construir uma egreja dedicada ao Santo de seu nome, e escolher para capellão da mesma o Rev. Joaquim de Freitas. Este facto, gerador da creação de muitas povoações brasileiras, foi tambem o que dentro de pouco tempo reuniu, num só ponto, formando de um e outro lado da egreja uma povoação que em seu começo se chamou *Barra de Correntes*, e depois ficou unicamente se denominando *Correntes*. A invocação da egreja foi depois mudada para Nossa Senhora da Conceição. Lentamente foi crescendo sua população, até que a Lei Prov. n. 204 de 26 de julho de 1848 elevou-a á categoria de freguezia e villa, transferindo a séde da freg. de Papacaça e ligando todo o territorio desta para a nova villa. A Lei n. 239 de 30 de maio de 1849 revogou a lei supra e transferiu a freg. para sua primitiva séde, reduzindo assim a villa de Correntes a seu antigo estado. Restabelecida pela Lei 1,423 de 27 de maio de 1879, teve nesta então a denominação de villa de Correntes. De accordo com a Lei n. 52, que autorizava a organização autonoma dos muns. do Estado, constituiu-se em 12 de abril de 1893, dando a primeira eleição ao mun. o seguinte governo administrativo: Prefeito — Manuel de Sá Carneiro, subprefeito — Francisco Antonio Missano; — Conselho Municipal, vereadores — Capitão José Praxedes Leite de Veras, Alferes José Peregrino d'Azevedo Souza, Antonio Luiz dos Santos, Fausto Pinto Correia e Eduardo Gomes de Lima. Foi-lhe dada a organização judiciaria, independente do mun. de Garanhuns, a que pertencia, por acto do Governador do Estado, datado de 24 de outubro de 1893, sendo installado em 28 do mesmo mez pelo seu primeiro juiz de Direito, Dr. Luiz d'Oliveira Jardim. Sua denominação provém do rio Correntes, que conflue ahi no Mandahú.

POSIÇÃO ASTRONOMICA — Está a 9° 41' de lat. S e a 6° 57' de long. orient. do merid. do Rio de Janeiro.

EXTENSÃO DO TERRITORIO — Possue de L a O a dimensão de 39 kilms. e de N a S 45.

ASPECTO PHYSICO — Na parte septentrional o terreno é mais alto, e na parte do S mais baixo.

DIVISÃO — Contém uma só freg. e está dividido o mun. em 3 districtos administrativos — 1°, a villa; 2°, do Olho d'Agua do Góes; e 3°, de Campo Alegre.

CLIMA E SALUBRIDADE — Seu clima é agradavel, muito aprazivel e salubre.

LIMITES — Confina ao N com o mun. de Garanhuns no logar denominado — Bom Será; ao L com o de Canhotinho no logar — Capim Grosso — districto de Palmeira; ao S com o Estado das Alagôas, sendo no mun. da União, nos pontos conhecidos por Munguba e Marcello; no de Viçosa no logar chamado — Meirim, e no de Victoria nas localidades designadas sob os nomes — Cruz de S. Miguel, Rio Parahyba e Riacho Secco; e ao O com o mun. de Bom Conselho pelo Riacho Secco das Cacimbas.

POPULAÇÃO — O mun. em seu territorio comprehende uns 30.000 habs., e na séde uns 2.000.

TOPOGRAPHIA — A villa de Correntes está situada sobre terreno desegual, á margem esq. do rio Mandahú e na confluencia do rio Correntes com aquelle, a 350m de altura sobre o nivel do mar, e formando a povoação uma bella praça, em quadro, onde está a egreja matriz, dedicada a N. S. da Conceição, construida em 1880 por um capuchinho da Penha, que tambem ergueu um cemiterio. Tem uma feira semanal, é bastante commercial, e em 1904 possuia 31 casas de negocio. No centro da villa ha um edificio que é o mercado publico e no ambito da povoação poderá conter umas 300 habitações.

POVOAÇÕES — Existem no mun. os povoados: — *Olho d'Agua do Góes* a 18 kilms. distante da Villa, situado em sólo alto e com uma cap. sob a inv. de São Sebastião, derivando-lhe a denomina-

ção da existencia de uma fonte d'agua no terreno da povação, que foi propriedade de uma familia, cujo sobrenome era *Góes*.—*Campo Alegre*, situado á mesma distancia; tem como origem de seu nome a vista ampla do local, de onde descortina-se vasto e bello horizonte; é collocada em posição elevada e contém uma capella, cujo Orago é N. S. da Conceição.—*Lagôa do Emygdio*, demora 30 kilms. da villa, e possue uma capella, da qual é Padroeira N. S. Mãe dos Homens; deve seu qualificativo ao local da situação, onde, existindo uma lagôa, o proprietario do sólo que a comprehende chamava-se capitão Emygdio de Souza.—*Poço Comprido* ao NO, com uma cap. de N. S. da Conceição. —*Areias*, ao N, tem uma cap. de S. Sebastião e é um arraial.- *Páo Amarello*, com uma egreja tambem do patrocinio do mesmo Santo, é um logarejo. E—*São Francisco* que deve o titulo local á capellinha existente alli, da qual é o Patrono.

OROGRAPHIA — Entre outras serras podemos nomear:—a de *S.Pedro* ao N, a de *S. Boa Ventura* e a do *Cavalleiro*, ambas ao S, e ainda a da *Camaratuba*.

HYDROGRAPHIA — No mun. correm: o rio Mandahú, que vem de Garanhuns; o Correntes, que nasce no logar Cova Triste; os riachos: Paquevira, Páo Amarello, S. João, de Fogo, Conceição da Palha, os quaes todos derramam no primeiro. Lagôas—a do *Emygdio*, junto á povoação de seu nome, e a do Cavalleiro.

PRODUCÇÕES — O terreno do mun. é essencialmente agricola, para todas as producções vegetaes do Paiz, e nelle se cultiva bastante a canna e o algodão. O trigo, o cacáo, o linho e a batata ingleza se adaptam perfeitamente em seu sólo.

CURIOSIDADES NATURAES — A serra do Cavalleiro contém um subterraneo, com entrada franca, similhante a uma porta, sendo a profundidade d'aquelle um abysmo medonho. E' tambem uma bella curiosidade o chamado *Poço de André Martins* — onde a *Cachoeira das Escadas* (catadupa de 300 pés inglezes, pouco mais ou menos, de altura, e formada pelo rio Mandahú, ao atravessar por entre a serra do Cavalleiro) precipita seus jorros d'agua espumosos e crystallinos, sendo, como acontece sempre com as surprehendentes obras da natureza, uma das muitas maravilhas suas, a qual tem sido sempre prodiga em conceder a este Paiz, dignas de ver-se e mais uma vez, entre outras, contemplar-se, admirado, tal a belleza.

REINO DA NATUREZA — O mun. é rico de vegetaes e principalmente na parte do S, onde encontram-se mattas virgens ainda. Na parte mineralogica affirma-se haver o *kaolim* em diversas serras do lado NO do mun. e ainda existir em diversos logares minerios de ferro, sendo real encontrar-se seixos ferruginosos nos terrenos do O e NO do mesmo mun. As argillas coradas são muito frequentes alli. No reino animal póde-se mencionar a existencia da abundancia de diversas aves e ainda de todos os animaes de raça.

COMMERCIO, AGRICULTURA E INDUSTRIA — E' prospero e promettedor o commercio de Correntes e, em Dezembro de 1905, existia o seguinte numero de casas commerciaes: — na villa 29; no pov. *Olho d'Agua do Góes* 3; no pov. *Pôço Comprido* 2; e no *Lagôa do Emygdio* 2. O sólo presta-se para todas as producções vegetaes do Paiz, preferidamente para a canna e o algodão, havendo os engenhos — *S.* Boa Ventura, Novo Mundo, Santa Fé, Alegria, Bella Vida, Santa Cruz, Riacho Sêcco 2, Sapucaia, Recanto, Macuca e Areias; no sitio denominado *Amolar* 1 engenhoca, no *Capivara* 2, no *Corrente do meio* 1, no *Sapucaia* 2, no *Cova Triste* 1, no *Riacho de Fogo* 1, no *Serra Grande* 1, no *Riacho de Palha* 2, no *Pé da Serra* 1, *no Rodrigues* 2, no *Areias* 1, no *Cavaco* 1, no *Páo Amarello* 6, no *Riacho Secco* 1, no *Chapéo de Penna*

1 e no *Timbó* 1. Existiam nelle, na mesma época, 8 fabricas de descaroçar algodão, sendo 3 á vapor, 2 á agua e 3 á animaes. A industria pastoril tem grande desenvolvimento no municipio.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO E DISTANCIA — Não possue o mun. estrada alguma especialmente feita para transito; todas são a trilha aberta pelo pé dos viandantes que cruzam o sólo continuamente, nas viagens de um ponto a outro. Communica-se Correntes, mais frequentemente, com a cidade de Bom Conselho, donde fica a 63 kilms.; com a estação de Angelim da E. F. Sul de Pernambuco, que demora a 35 kilms.; com a cidade de Garanhuns a 50 kilms., e com a cidade de Canhotinho a 60 kilms.

INSTRUCÇÃO PUBLICA, ADIANTAMENTO MORAL — Continha o mun. em 31 de Dezembro de 1905 cinco escolas municipaes. A população do mun. é no geral de um desenvolvimento muito atrazado.

Correntes — *Rio* — Nasce na serra do Cavalleiro, logar chamado — Cova Triste, de tres vertentes ou correntes (donde lhe vem o nome) denominadas Corrente do Canto, Corrente de Fóra e Corrente do Meio, as quaes, depois de 15 kilms. de curso, juntas formam um rio, que vai fazer barra na villa de Correntes, no rio Mandahú. Todo seu curso consta de 36 kilms. e é cortado de cachoeiras, notando-se entre ellas a d'Antas. No ponto de sua confluencia com o Mandahú existe uma ponte de madeira, no sitio denominado *Barra*.

Corte Grande — Logar no mun. de Nazareth, marginal da ferro-via do Limoeiro, no ramal de Timbaúba, entre as estações de Tracunhãem e Nazareth.

Cortez — *Povoação* — Pertence ao mun. de Amaragy e á freg. de N. S. da Conceição do Bonito, donde está a SO a 36 kilms. e a 24 ao S da villa de Amaragy. Fica situada em terreno elevado, á margem do rio Serinhãem e da via ferrea de Ribeirão ao Bonito. Tem uma feira, e é agricola sua circumscripção, dedicando-se, especialmente, os moradores da zona ao cultivo da canna. Deriva o nome de ter sido fundada em terreno do engenho *Cortêz*.

Cortez — Estação da E. F. de Ribeirão á Bonito.

Cortêz — Eng. do mun. de Amaragy.

Cortez — *Riacho* — Corre em terras do eng. de seu nome e vai desaguar no rio Serinhãem

Cortume — Logarejo do mun. de Gravatá.

Cortume — *Riacho* — Tem suas vertentes parallelas ao rio Amaragy e, correndo para o mun. de Gravatá, vai derramar no rio Ipojuca.

Coruja — Eng. do mun. de Bom Conselho.

Coruja — *Engenho* — No mun. do Bonito. entre os engs. Verde, Serra Azul, e a 22 kims. á leste do Bonito.

Coruja — *Riacho*—Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Perypery ou S. Romão, que é o affl. do Papacacinha e este do Parahyba.

Cosmos — O autor da *Chorographia Brasilica*, o Padre Ayres de Cazal, diz que esse nome foi o da Ilha de Itamaracá, nos primeiros tempos.

Costella — *Serra* — No mun. do Brejo da Madre Deus, parte septentrional, distr. de Jacarará, della nasce o riacho Doce, affl. do rio Capibaribe.

Cotia — Logar no mun. de Limoeiro.

Cotigy — Eng. do mun. da Escada. *Cotigy* —Voc. tupy sign. — alim· par machado (Martius).

Cotigy — *Riacho*—Corre no mun. da Escada, atravessando terras do eng. de seu nome, fica a 6 kims. da séde.

Cotunguba—*Povoação*—Situada á margem do riacho de sua denomi-

nação, no mun. de Gravatá, possue uma cap., de que é Padroeira Sant'Anna, um cemiterio da mesma invoc. com 13^{m},0 de comp. e 13^{m},0 de largura., em má posição, foi construido em 1883 e inaugurado em 3 de Janeiro de 1884. Dista 18 kilms. da séde do mun., que é a cidade de Gravatá.

Cotunguba — Eng. do mun. de Nazareth, possue uma capella de N. S. da Piedade.

Cotunguba ou Cotuguba — *Riacho* — Nasce na serra das Russas e, correndo de S. para N. banha, no mun. de Gravatá, o pov. de seu nome, depois, no mun. do Limoeiro, o pov. de Bengalas, o logarejo Tres Lagôas e, dahi correndo pelo mun. da Gloria, vai desaguar no rio Capibaribe, pela marg. merid., no logar Ilhêtas, 15 kilms. abaixo da cidade do Limoeiro, e tres do logar Gamelleiro, a não grande distancia da estação — Campo Grande, dividindo em sua foz os muns. de Páo d'Alho e Limoeiro. *Cotunguba*, voc. indigena, significa, segundo o padre Montoya, — bater no fructo; de *cotug* — bater, malhar, sovar — e *uba* — fructo.

Cotungubinha — *Riacho* — Banha o mun. da Gloria de Goitá e derrama no riacho Goitá.

Couceiro — Eng. no mun. de Palmares, a 12 kilms. ao norte. Limita-se com os engs. Poço e Chicapão.

Couro d'Anta — *Povoação* — Situada no mun. do Brejo da Madre de Deus, á marg. dir. do rio Capibaribe, 108 kilms. á L da cidade do Brejo (séde do mun.), é um pov. pequeno e sem vida, apezar de muito antigo, pois já em 1824 existia, e Fr. J. do Amor Divino Caneca em seu *Itinerario*, a elle se refere. Tem uma capella da inv. de N. S. da Conceição erguida em 1864.

Couro d'Anta — Eng. no mun. de Cimbres.

Couto — Fazenda de criação de gado no distr. de Mandaçaia, mun. do Brejo.

Cova da Defunta — *Serra* — Na freg. Bonito.

Cova da Onça — Eng. do mun. de Jaboatão. Limita-se com a Varzea.

Cova da Onça — *Logarejo* — No mun. de Olinda, a 12 kilms. alli existiu, fundada em 1828 (dista 12 kilms. do Recife) uma colonia allemã denominada officialmente *Amelia*. Extincta depois, em 1831, pelo abandono dos colonos que, medrosos, a deixaram pelos roubos feitos por escravos foragidos sahidos do Catucá, buscaram o Rio Grande do Sul, depois do massacre de uma familia allemã — Christiani, — assassinada para ser roubada. Na « Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano », lê-se a historia que em seguida transcrevemos :

« Os allemães que constituiram a colonia da *Cova da Onça*, que foi situada a duas leguas mais ou menos desta capital em local por onde corre o rio *Paratibe*, alli estabeleceram-se em 1828. Não traziam destino a esta provincia e sim á de Santa Catharina. Embarcaram, com outras familias da mesma nacionalidade, em Amsterdam, em dous navios hollandezes. O primeiro destes navios seguiu para o sul, o segundo (e neste vinham os que aqui ficaram) deixou parte de seus passageiros em uma praia do Rio Grande do Norte, sob o pretexto de falta de viveres, nem ao menos deixando-lhes as bagagens. Os abandonados pelo capitão hollandez foram para o Natal. Dalli, sob a protecção do encarregado do consulado e com intervenção da autoridade brazileira, buscaram Pernambuco.

Chegados ao Recife, as mulheres dedicaram-se á lavagem de roupa ; e poucos dias depois foram os homens procurados por um major Pluim (Blumm), allemão, que talvez estivesse ao serviço do Brazil, o qual vinha de chegar da ilha de Fernando de Noronha. Este, com soccorros do Governo da Provincia, os conduziu para a Cova da Onça, onde fundaram uma colonia agricola, destinada ao cultivo do café, da

mandioca e legumes. Prosperou a colonia até setembro de 1831, tempo em que, chamados os allemães que a formavam, por autoridade superior afim de acudirem á ordem publica, alterada pela revolta da tropa, começou o infortunio.

Os colonos, sob o commando do mesmo Pluim (Blumm), brigaram com a soldadesca desenfreada, e depois foram guarnecer a fortaleza do Brum, onde se demoraram tres mezes.

A falta dos homens da colonia, augmentando as difficuldades de suas familias, fez com que estas, para acudirem mais promptamente ás urgencias da alimentação, começassem a fabricar carvão. Depois de restabelecida a ordem publica, vieram os proprietarios de Apipucos e de Timbó embaraçal-os em suas plantações, de modo a intimidal-os. Então alguns se foram transferindo para o *Ferraz*, porque alli ao menos pagariam direitos de propriedade sómente áquelles, e não aos outros. No Ferraz em geral abandonaram a lavoura e dedicaram-se exclusivamente ao carvão. Não estava, entretanto, extincta a colonia, porque em Cova da Onça existiam muitos allemães. As visinhanças dos escravos foragidos e o massacre da familia Christiani, assassinada para ser roubada, familia allemã de colonos, deu finalmente o signal de retirada aos que ainda no logar permaneciam. Vieram para o Recife, onde, segundo suas profissões, buscaram trabalho alguns, retirando-se a maior parte para Porto Alegre, donde buscaram S. Leopoldo, levando a actividade allemã para o sul.

A colonia contava approximadamente 200 pessoas. Nos primeiros tempos o Governo manteve nella um destacamento militar. Depois abandonou os allemães, entregando-lhes socego ás proprias forças.

A informante, de prodigiosa memoria e em tão avançada idade, affirma commovida que todos os allemães estiveram, até 1831, contentes com sua sorte, que o estado da colonia era prospero.»

Cova da Onça —*Riacho*—Nasce no logar de seu nome e com pequeno curso vae derramar no rio Beberibe, do qual é um dos primeiros affls.

Cova da Pedra—*Riacho* — Banha o mun. de Granito e desagua no Brigida.

Covas — Eng. da freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, possue uma capella de S. Gonçalo.

Covas—Eng. no mun. da Victoria, onde, em 24 de junho de 1645, João Fernandes Vieira fez alto, depois de ter acampado no eng. S. João (mun. de S. Lourenço), de Arnau de Hollanda, e de ter atravessado o rio Tapacurá.

Cova Triste — Engenhoca do mun. de Bom Conselho. Ahi nasce o rio Correntes.

Coxingó —*Serra* — Atravessa os muns. de Cimbres e da Conceição da Pedra.

Coxingó — *Riacho* — Banha o mun. de Cimbres e desagua no rio Ipojuca, pela marg. esq.

Crassiluba — Eng. do mun. de Amaragy.

Crassituba — *Riacho* — Banha os muns. de Amaragy e Escada e vai desaguar no rio Ipojuca.

Crauassú — Eng. do mun. de Ipojuca, a O de N. S. do O' (séde) e 9 1/2 kilometros distante, em linha directa e na confluencia do riacho Crauassú no Ipojuca. Foi fundado antes do dominio hollandez por Manoel Vaz Vizeu.

Crauassú — *Riacho* — Corre no mun. de Ipojuca e com pequeno curso vai desaguar no rio Ipojuca pela marg. esq.

Crautá ou Gravatá — *Riacho* — Nasce no logar Brejo de S. Antonio, mun. de Ouricory e, correndo de N para SE vai despejar no riacho da Brigida, depois de um curso de 180 kilms.

Craveiros — Sitio em territorio do mun. de Olinda, ao poente e á 4 kilms. distante á marg. do rio Beberibe.

Criméa — Engs. dos muns. da Escada e Nazareth.

Criminosa — Ponta e bahia na ilha de Fernando de Noronha.

Crocicó — Logarêjo no mun. de Leopoldina, formado de 3 fazendas de criar.

Cromatá — *Ilha* — Pertence a este Estado e fica situado no rio de S. Francisco, abaixo da villa da Bôa-Vista e proximo á ilha *Inhaman*.

Cruangy — *Povoação* — Séde da parochia de N. S. do Rosario, pertence ao mun. de Timbaúba.

Historico — Foi creada freg. pela Lei Prov. n. 155, de 31 de Março de 1846, sendo supprimida pela de n. 275, de 7 de Abril de 1854 e restaurada pela de n. 527, de 4 de Junho de 1862, que incorporou-a á com. de Goyanna. A Lei Prov. n. 581 de 30 de Abril de 1864 determinou que a séde da freg. fosse a pov. de S. Vicente e a matriz a capella dessa mesma inv., nesse povoado, pertencendo ao termo e com. de Nazareth. Reduzida a distr. foi Cruangy annexado á Timbaúba pela Lei Prov. n. 1.103, de 28 de Maio de 1873. Foi restaurada parochia pela Lei Prov. n. 1.454, de 9 de Junho de 1879. — Em 20 de Dezembro de 1848 as forças governistas vencem em Cruangy os liberaes, depois de um combate de mais de 8 horas. Em 28 de Novembro de 1874, os revoltosos chamados *Quebra-kilos* invadem esta povoação.

Posição geographica — Fica ao S. da cidade de Timbaúba, a O. de N. S. do O' de Goyanna, ao NO. de Nazareth, e a L. de Goyanna.

Clima e salubridade — E' secco o clima e a salubridade da freg. geralmente bôa.

Aspecto do solo — Na parte N. é accidentado e formam-se varios cordões de serra que se ligam á cordilheira do Mascarenhas; ao S., porém, o terreno é mais baixo, embora ligeiramente ondulado.

Limites — Confina: ao N. com as fregs. de N. S. das Dôres de Timbaúba, e com a de S. Vicente; ao O. com as de S. Vicente e Sant'Anna de Bom Jardim; ao S. com a de Sant'Anna de Vicencia, e a L. com as de N. S. do Bom Despacho de Lagôa Secca e com a de N. S. do O' de Goyanna.

Topographia — Está a povoação de Cruangy situada a 10 kilms. da cidade de Timbaúba, em um valle formado pela ramificação das serras da Caueira, ao S. e dos Mocós, ao N., banhada naquella direcção pelo riacho Canna-Brava, e nesta pelo rio Cruangy. Fórma o arruamento de suas casas uma praça quadrada de aspecto agradavel, possuindo o local dous templos — a matriz fundada em 1862, pelo capuchinho italiano Fr. Egydio, e o do Rosario, outr'ora matriz, reedificada em 1876 pelo Padre Alberto de S. Augusta Cabral. Contém 3 ruas sinuosas com umas 150 casas de má edificação, na generalidade; commercio insignificante pela proximidade do de Timbaúba; feira semanal, agua potavel da melhor qualidade, etc.

Hydrographia — O rio Cruangy, o Capibaribe-Meirim, e os riachos Canna Brava, Pindoba e outros insignificantes.

Serras — A principal é a do Mascarenhas, que toma varias denominações.

Producções e industrias — Cultiva-se a canna de assucar, para cujo fabrico tem varios engs.; planta-se o algodão, a mandioca, o milho, o feijão, o arroz e outros generos.

Distancias — Demora da capital 95 kilms., e a viagem é feita pela via-ferrea do Limoeiro e Timbaúba; de N. S. do O' 45 kilms.; de Nazareth 35; de Goyanna 40; de Itambé 30; de Vicencia 15 e de S. Vicente 25.

Mineraes — Junto ao pov. encontra-se em abundancia o talco escamoso ou giz dos alfaiates.

Cruangy — *Rio* — Nasce de uma serra do engenho Azul, banha a povoação que tem o seu nome,e vai, depois de um curso de 30 kilms., despejar no rio Capibaribe-Meirim, no logar Pureza. Recebe o riacho Canna-Brava junto á pov. de Cruangy. Este rio é perenne e são magnificas suas aguas que, conduzidas em ancorêtas para a cidade de Timbaúba, onde a agua é má, ahi são vendidas em cargas aos mais abastados da terra.

Crusahi ou Cursahy — Eng. situado no mun. de Páo d'Alho.

Crusahi — *Riacho* — Corre no mun. de Páo d'Alho e despeja no rio Capibaribe pela marg. meridional.

Cruz — Engenho da freg. de N. S. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta.

Cruz — Ilha pertencente á este Estado, no rio S. Francisco, entre Petrolina e Bôa Vista.

Cruz — *Serra* — Situada no mun. da Pedra, faz parte da cordilheira que, partindo de Cimbres com o nome de Ororubá, vai depois tomando as denominações de Gamelleira, Jardim, Paxinaman, Macacos, Lages, etc.

Cruz—*Lagoa*—No mun. de Granito existe uma com este nome.

Cruz—*Riacho*—Corre na freg. de Cruangy e despeja no Capibaribe-Meirim.

Cruz — *Riacho* — Tem pequeno curso e despeja no oceano, no mun. de Barreiros, ao S. da ponta do Gravatá. Vital d'Oliveira diz no seu *Roteiro* : « Tem a barrêta do rio Cruz de 18 a 20 braças de larg. com o fundo de 30 a 35 palmos, fundo que vae immediatamente diminuindo, para dentro, por uma corôa que existe, onde o mar logo em meia enchente, quebra com alguma força, sendo quasi todo o espaço secco com dous e tres palmos. »

Cruz das Almas — Logar na freg. da Graça, do mun. da capital, entre os denominados Tamarineira, Mangabeira de Baixo (linha do Arraial), e Jaqueira (linha principal), fica na linha de confinação com a freg. do Pôço da Panella, demarcada pela estrada que ahi passa na direcção L. á O. Compõe-se sua edificação na maior parte de chacaras. Passa por ser de uma situação muito saudavel. (Vide CRUZ DAS MOÇAS).

Cruz das Almas—*Logarêjo*—No mun. do Cabo existe um com este nome.

Cruz das Almas — *Riacho* — Nasce na serra do Buíque, mun. deste nome e derrama no rio Ypanema, depois de ter recebido o riacho do Queimado.

Cruz das Moças—Logar na freg. da Graça. Era costume no cruzamento das estradas se collocar uma cruz com uma caixa, afim de que os transeuntes depositassem esmolas para missas das almas : duas existiam naquella paragem — *Cruz das Almas das Moças*, a do sitio do Tasso, ao entrar na estrada que vae da Jaqueira á Tamarineira, chamada desse modo porque nelle residiam umas moças ; e — *Cruz das Almas dos Padres*, a que começa da Tamarineira a encontrar a estrada de Beberibe, conhecida assim porque o sitio em que hoje está o Hospicio dos alienados pertencia aos padres da Madre de Deus.

Cruz de Malta—Eng. do mun. de Agua Preta, ao sul da séde e a 15 kilms. distante.

Cruz de S. Miguel—*Povoado*—Situado no mun. de Bom Conselho ao S. da séde. Nelle existe uma capella dedicada a S. Miguel.

Cruz do Rebouças—*Logarêjo*—No territorio do mun. de Iguarassú.

Cruz do Valerio -- Logarejo situado no mun. de Petrolina.

Cruzeiro do Sul — Eng. do mun. de Agua Prêta e Victoria, a 20 kilms. ao sul da séde.

Cristovam— Fazenda no mun. de Belmonte.

Cuieiras — Eng. do mun. de Nazareth, a 12 kilms. distante da linha ferrea.

Cueirinha — Eng. situado no mun. de Nazareth ; e outro no da Victoria, 20 kilms. ao sul da cidade desse nome.

Cuépe — Eng. da freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, a 12 kilms. ao poente da séde.

Cumarú — Logar do mun. de Limoeiro. *Cumarú* voc. guarany que significa, segundo o Padre Montoya, — alimento indigesto — de *cuma* alimento — e *ru* — indigesto.

Cumarú — Logar no mun. de Bom Jardim, onde ha uma fabrica de descaroçar algodão.

Cumarú — Engs. dos muns. de Jaboatão e de Palmares, distr. de Preguiças.

Cumarú — *Serra* — Situada no mun. de Limoeiro no logar de egual nome.

Cumbe — Engs. do mun. do Limoeiro, a 12 kilms. ao S. d'essa cidade; e dos muns. d'Agua Preta e Nazareth.

Cumbe — Logarejo um pouco acima do pov. Beberibe, mun. de Olinda. *Cumbe*, vocab. guarany e significa — amordaçar, pôr freio, segundo *Montoya*.

Cumbe — Outeiro na freg. da Varzea, nos limites d'esta com a de Afogados.

Cumbe — *Serra* — Existe uma d'este nome no mun. de Amaragy.

Cumbe — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Cumbe — *Serrota* — No mun. do Buique, distr. de S. Antonio do Tará, fica a 3 kilms. a oeste da povoação da ultima denominação.

Cumbe — *Riacho* — Tem suas vertentes no mun. de Amaragy e depois de uns 8 kilms. de curso despeja no rio Amaragy pela marg. esquerda.

Cumbe — *Riacho* — Nasce na serra do Gavião ao N. da pov. Alagoinhas e d'ella distante 6 kilms. (mun. de Cimbres), e, depois de 24 kilms. de curso, despeja no rio Ypanema.

Cumbe — *Riacho* — Corre atravessando a estrada que vai da pov. de Itapissuma á Nazareth. Sobre elle existe uma ponte de madeira.

Cumbeba — Eng. situado no mun. de Goyanna.

Cumbe de Baixo — Engs. dos muns. de Iguarassú, Nazareth e Páo d'Alho.

Cumbe de Cima — Eng. do mun. de Iguarassú.

Cumbe de Baixo — Logar do mun. de Iguarassú, onde, segundo o projecto da E. de F. do Recife á Itambé, haverá uma estação entre as denominadas Piedade e Vinagre.

Cúpe — *Povoação* — No mun. de Ipojuca a 15 kilms. de S. Miguel de Ipojuca e a 16 da villa de N. S. do O', séde do mun., é pequena a pov. e está á borda do mar, a 6 milhas da extrema oriental do Cabo de S. Agostinho, tendo em sua frente baixos cómoros de areia e alguns coqueiros. Existe ahi um ligeiro pontal, a 8° 26' e 23" de lat. S., e 8° 8' e 26" de long. E. do merid. do Rio de Janeiro ; é bordado o mesmo de algumas pedras soltas e descobertas, porém muito proximas da praia.

Cupety — *Povoação* — Sentada á marg. do riacho de seu nome, possue uma capella e pertence ao mun. de Alagôa de Baixo. Demora d'esta villa 60 kilms. ao SO. e da cidade de Santa Agueda de Pesqueira 190 kilms.

Cupety — *Riacho* — Nasce na freg. e mun. de Alagôa de Baixo e corre ao poente para o riacho dos Navios, affl. do rio Pajehú.

Curado — Eng. da freg. da Varzea, mun. da Capital, ao NE. da séde e proximo de S. Paulo. Foi o antigo engenho S. Sebastião, pertenceu a Pedro da Cunha de Andrade, que, fallecendo passou á D. Cosma Fróes, e por morte desta foi arrematado em hasta publica por Antonio Curado Vidal, sobrinho de André Vidal de Negreiros, filho de Lopo Curado Garro, governador que foi da Parahyba. Morto elle, passou a seu filho

Salvador Curado Vidal, que instituiu o vinculo de S. Sebastião. Pelo fallecimento deste, sem successão, o então vigario da Varzea, padre João Gonçalves Florença, como primeiro testamenteiro, tomou conta, mas, em virtude de denuncia dada pelo padre Diogo Pereira de Castro ao governo, de que o referido bem era vago, e na posse estava indevidamente o vigario, por uma provisão régia, de 25 de Fevereiro de 1720, foi mandado incorporar aos bens da Fazenda. Foi concedido ao denunciante a faculdade de usufruil-o, durante sua vida. Mas, fallecendo o usufructurario, devia a Fazenda de novo ter entrado na posse, havendo em 1831 ou 1832 apparecido a lei da extincção dos morgados. (Isto consta do livro n. 11 fls. 189 do registro das provisões, que pertenceu ao archivo da Secretaria do Governo da antiga provincia, e hoje se encontra recolhido ao do Instituto Arch. Geog. Pern.)

Curcuranas — *Lago* — Proximo aos montes Guararapes, territorio do mun. de Jaboabão, freg de Muribeca.

Curral dos Bois — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres e depois de pequeno curso despeja no rio Ipojuca.

Curralinho — Logarejo no mun. do Brejo da Madre de Deus, entre os povs. Bello Jardim, d'onde dista 18 kilms., e S. Caetano da Raposa. Ahi passa a estrada Ç. de Pernambuco, a qual tem uma estação aberta ao serviço em 25 de Dezembro de 1896, sob o nome de Antonio Olintho.

Curralinho — *Serra* — Situada no mun. de Çimbres a 18 kilms. da cidade de S. Agueda de Pesqueira. Tem 6 kilms. de comp., na direcção N. a S., e está na altitude de 565 m. sobre o nivel da planicie.

Curralinho—*Riacho* — Derrama no Rio S. Francísco em frente da ilha de seu nome, e do pov. Belém do mun. de Cabrobó.

Curral Velho — *Logarêjo* — No mun. de Cimbres.

Cursahy — Eng. do mun. de Páo d'Alho. Voc. guarany, que significa, segundo o Padre Roiz Montoya, — consumido de chorar — de *cur* — consumir —e *sahy* lagrima, pranto. Vide CRUSAHY.

Curuja—*Riacho* — Corre no mun. do Bonito, existindo sobre elle um pontilhão na estrada que elle corta: Vide CORUJA.

Curupaity — Engs. dos muns. de Agua Preta, Serinhaem, Nazareth, freg. de Lagôa Secca, Palmares, no distr. de Catende, e freg. da Luz do mun. de S. Lourenço E' voc. indig. e significa — lagarto de palmeira — de *curu* lagarto e *paity* palmeiral.

Cururú — Eng do mun. de Gamelleira, a 3 kilms. a L. da séde.

Custodia — *Riacho* — Nasce no mun. de Alagoa de Baixo, e correndo de N. a S., despeja no rio Moxotó, junto á fazenda Poço Comprido.

Custodia — *Riacho* — Nasce no logar de seu nome, mun. do Recife, e depois de 1 kilm. de extensão derrama no rio Beberibe, abaixo do sitio Pimenteiras.

Cutegy ou Cotegy — *Riacho* — Corre no mun. da Escada para o rio Ipojuca.

Cuyabá — Eng. do mun. de Agua Preta, á marg. septentrional da linha ferrea ingleza, no kilm. 110, junto ao eng. PLANA. O Padre R. Montoya, em seu vocabulario da lingua guarany, diz significação: de — mulher varonil — de *cuy* — mulher ou india, e *abá*, — homem. O Padre José Manuel de Siqueira diz, porém, significar — gente cahida.

Cuyambuca — *Povoação* — Foi fundada ao tempo da abertura da E. F. do R. a S. Francisco, a qual deu-se em 2 de Dezembro de 1862. O logar é pequeno, em terreno desegual e tem uma feira aos domingos. Fica situada

junto á estação da via-ferrea, no kilometro 104,020^{m}, das Cinco Pontas e entre as de Gamelleira e Agua Preta. Comprehende-se na jurisdicção do mun. de Agua Preta. *Cuyambuca* voc. indig., significa: vaso de enterrar os mortos.

Cuyambuca — Usina situada nas terras do eng. do mesmo nome. Fica a 15 kilms. ao nordeste distante da séde de Agua Preta, a cujo mun. pertence. Tem uma capellinha.

Cuyambuca — *Riacho* — Corre no mun. d'Agua Preta, em terras da usina da mesma denominação e vai despejar no rio Serinhãem, pela marg. meridional.

D

Damasio — Fazenda de criar no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Dantas — *Lagôa* — No mun. de Panellas, quarteirão denominado Brejão, fica a 18 kilms. da villa daquelle nome, antiga séde do mesmo mun.

Darangunza — *Engenho* — No mun. de Ipojuca, ao oeste de N. S. do O' e a 7 kilms. distante.

De Baixo — *Lagôa* — Fica no mun. de Cimbres, ao S. de Agueda de Pesqueira, e no districto de Alagoinhas.

De Cima — *Lagôa* — Situada ao SE. da cidade de S. Agueda de Pesqueira, mun. de Cimbres e distr. de Alagoinhas.

Defunta—*Serra* — A' L. da cidade do Bonito, pertence a este mun., tem a altitude de 800^{m} e occupa uma área de 1.200^{m}. Affirmam existir nessa serra uma mina de carvão de pedra. E' denominada tambem — Serra da Queimada.

Defuntos — *Rio* — No mun. de Floresta entre os rios Pajehú e Mandantes, corre de N. para S. e desagua no S. Francisco.

Demarcação — *Povoação* — No mun. de Gamelleira, ao N. da séde, á marg. do rio Amaragy, situada em terreno desegual, e a 6 kilms. distante da estação de Aripibú, tem uma pequena capella dedicada á S. José, umas 80 casas distribuidas em duas ruas, e uma vez por semana uma feira de pequeno movimento.

Democrata—Eng. que pertence ao mun. do Bonito.

Dentro (de) — *Lagôa* — Situada no distr. de Bebedouro, mun. do Altinho.

Dentro (de) — *Riacho* — No mun. de Palmares em territorio da abandonada colonia *Soccorro*.

Dependencia — Eng. situado no mun. de Nazareth.

Derradeira— *Lagôa*— Está collocada no mun. de Bom Conselho.

Desengano — Eng. em territorio do mun. de Bom Jardim.

Deserto de S. João — Eng. que fica situado no mun. do Rio Formoso.

Desterro — Eng. do mun. de Iguarassú, a 9 kilms. ao sul da séde e á marg. da estrada de rodagem e do riacho de seu nome, affl. do Timbó.

Desterro — *Engenho* — Fica situado no mun. de Páo d'Alho.

Desterro— *Serra* — No mun. de Cimbres, ao S. da pov. d'este nome, antiga séde do mesmo mun.

Desterro — *Riacho* — Tem suas vertentes em terras do eng. de seu nome, e, depois de pequeno curso, desagua no rio Capibaribe.

Desterro — *Riacho* — Corre no mun. de Itambé e sobre o mesmo existe, na estrada geral, uma ponte de madeira, construida pela repartição das Obras Publicas.

Desterro — *Lagôa* — Com este nome existe uma no mun. de Ouricory.

Deus Dará—Eng. em territorio do mun. de Timbaúba.

Diamante—Engs. dos muns. de Bom Jardim, de Ipojuca, de Goyanna. O eng. Diamante de Goyanna foi levantado por Mathias Vidal de Negreiros; e o de Ipojuca está a 12 kilms. a SO de N. S. do O'., e proximo dos enges. Castello e Monte d' Ouro.

Diamante—*Engenho* — Na freg. de Tracunhãen, mun. de Nazareth, possue uma capella dedicada á N. S. da Conceição.

Diligencia — Eng. da freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba a 10 kilms. á leste.

Diligente — Eng. do mun. de Palmares, no 1° distr. (cidade), e no 3° (de Catende).

Dindi—Eng. do mun. de S. Lourenço da Matta, á marg. da E. F. do Limoeiro e entre as estações de Camaragybe e S. Lourenço.

Dindi — *Riacho* —Na freg. e mun. de S. Lourenço da Matta, corre atravessando a estrada de rodagem, onde sobre o mesmo existe uma boeira e vai despejar no rio Capibaribe pela marg. esq.

Dinheiro — *Serra* — Ao S. da pov. de Cimbres no mun. do mesmo nome, é, sobretudo, curiosa pelo facto de que, batendo-se com qualquer instrumento rijo n'uma pedra que na mesma ha, quadrada e grande, chamada do dinheiro, donde deriva a denominação da serra, produz aquella uma vibração similhante ao soar de um sino.

Diôgo—Eng. do mun. de Amaragy ao SO. da séde, á marg. do rio Serinhãem.

Diôgo Paes—*Forte* — (Vide noticia sobre o RECIFE).

Direito — *Riacho* — Nasce, corre e despeja, na freg. e mun. de Taquaretinga, no riacho Topada.

Ditôso — Eng. em territorio do mun. de Gamelleira.

Divisão—*Engenho* — No distr. de Catende, mun. de Palmares.

Divisão — Logarejo do mun. de Garanhuns ao N. da cidade deste nome e a 30 kilms. ao S. da cidade de S. Bento.

Divisão — Fazenda no mun. do Brejo, distr. de Bello Jardim.

Dó— *Riacho* — No mun. do Cabo, é affl. do Gurjaú e limita os engs. S. Braz e Jacobina.

Doce — *Pequeno rio* — Tem suas vertentes no mun. de Olinda, em terras do eng. Conceição do Meio, e lança-se ao mar, fazendo confluencia no rio Paratibe, 12 kilms. acima de sua foz no mar, junto á pov. do *Rio Doce*, á qual elle dá esta denominação. Sobre este rio, que atravessa a estrada de rodagem do norte do Estado, existe uma pequena ponte de madeira.

Dôce — *Riacho* — Nasce na serra da Costella, mun. do Brejo, e corre para o rio Capibaribe.

Doce — *Lagôa* — Banha o mun. de S. Bento e derrama no rio Una.

Domingas — *Lagôa* — Existe uma assim conhecida no mun. de Bom Conselho.

Dona — Eng. do mun. d'Agua Prêta.

Dona Josepha — *Serra* — Ao S. do mun. de Buique, e a SO. da cidade d'este nome, buscando as confinações d'este Estado com o de Alagôas.

Dores — *Lagôa* — No mun. de Triumpho, na parte occidental.

Dorondongos — Logar do mun. de Bom Jardim ao NO. da séde, onde, de um morro, procede o rio Tracunhãem.

Dorondongos — *Serra* — Nos limites do mun. de Bom Jardim com o Estado da Parahyba em sua chapada fica o pov. Imbuzeiro.

Dourado — Eng. do mun. de Ipojuca, a 3 kilms. ao O. de N S. do O' (séde), em linha directa.

Dourado (do) — *Serróta* — Fica situada no mun. da Bôa-Vista.

Dous Açudes — Eng. em territorio do mun de Nazareth.

Dous Braços — Engs. dos muns. d'Agua Preta e de Gamelleira, ficando este a 12 kilms. á L. da séde, possuindo uma capella sob a protecção de N. S. das Angustias, primitivamente erecta em 1804.

Dous Braços — *Lagôa* — Fica collocada no mun de Bom Conselho.

Dous Braços de Baixo — *Engenho* — No mun. da Escada, a 18 kilms. da séde.

Dous Braços de Cima — *Engenho* — No mun. da Escada, a 18 kilms. da séde.

Dous Giráos — *Serra* — Junto á cidade de Timbaúba, fórma com outras que lhe seguem uma cordilheira, assignalando a linha divisoria entre as fregs. de N. S. do Rosario de Cruangy e de N. S. das Dores de Timbaúba.

Dous Irmãos — *Povoado pequeno* — Na freg. do Poço da Panella, na mesma está a 104,400^m a estação terminal da linha principal ou do centro, da via ferrea — do *Recife à Varzea e Dous Irmãos*. A companhia do Beberibe, concessionaria do abastecimento d'agua á cidade do Recife, ahi tem seu estabelecimento principal. — Em 30 de Novembro de 1848, o 6° batalhão de caçadores, sob o commando do major João Guilherme Bruce repelliu, n'esse logar no eng. *Dous Irmãos*, uma força liberal. O nome Dous Irmãos provêm do eng. que pertenceu aos irmãos *Tonéo* Lins Caldas e *Coló* Lins Caldas.

Dous Irmãos — *Serra* — No mun. e freg. de Panellas, proximo á serra dos Patos.

Dous Irmãos — *Serra* — Uma das da cordilheira que separa o Estado do Piauhy do de Pernambuco, comprehendida nos limites occidentaes dos muns. de Petrolina e Ouricory. Presume-se que o nome de *Dous Irmãos*, com que conhecem aquella serra, é uma referencia aos dous irmãos — Domingos Affonso Manfresne e Julio Affonso Serra, portuguezes, fundadores do Piauhy, os quaes, conquistadores de dilatadissimo territorio, onde foram estabelecendo fazendas de criação, tantas chegaram a possuir que só Domingos Manfresne, por sua morte, legou 30 aos padres jesuitas, sob a condição de empregarem os rendimentos em dotar donzellas e soccorrer viuvas desvalidas. Ignora-se si os jesuitas com os rendimentos que lhe foram legados cumpriram a vontade do testador. — O autor da *Selecta Brasiliense* J. M. P. de Vasconcellos, na pag. 307 do vol. II, descreve, e para aqui trasladamos a descripção de uma interessante curiosidade existente no massiço da serra dos *Dous Irmãos*: — « Figure-se uma montanha de 300^m, sómente de altura, porém, cortada á pique por cima de uma corrente que muge estrepitosamente; depois, tudo ao redor, uma terrivel solidão, bosques, areias, massas de pedra calsinada, escalvada e ennegrecida pelo fôgo e vulcões extinctos. Trepa-se a esta montanha por uma senda natural, praticavel até para bestas cavallares, chegando-se á altura de 200^m; ahi pára-se, porque é uma plataforma, de largura sómente de uma dezena de pés, donde se descobre, mais de cem metros abaixo, a copa vicejante das arvores gigantescas de uma floresta virgem, em que se ouve ainda, como um ruido longinquo e confuso, o rugido da torrente. Naquella plataforma, á direita, ha uma abertura estreita, por onde se entra em vasta gruta, excavada na rocha viva tapetada de algumas trepadeiras, por entre as quaes se ouvem correr os lagartos. No fundo, isto é,

a 20 passos da primeira entrada, vê-se uma outra porta natural, dando accesso para uma immensa gruta, que tem 15 passos de largura média, e pelo menos 160 de uma extremidade á outra. As paredes, á direita e á esquerda, estão forradas de craneos humanos, canellas, cabeças de animaes, pelles de féras, flechas, plumas e massas. São indubitavelmente trophéos dos guerreiros indios, cujos tumulos alli estão alinhados nos dous lados, desde a entrada. Cousa singular são esses tumulos, porque constam simplesmente de grandes vasos de terra endurecida ao sol, sobre os quaes se assentam enormes e pesados tampos da mesma terra assim cozida, revestida de pelles cortidas. Ahi repousam os guerreiros indios acocorados com a cabeça encostada ás mãos, e os cotovellos descançados sobre os joelhos, e com as suas armas e joias postas ao lado. Contaram-se (em 1858) vinte e tres cadaveres, e a maior parte em perfeito estado de conservação. Tentou-se tirar de dentro d'aquelles vasos, mas desfizeram-se logo em pó, e só ficou nas mãos de curiosos visitantes uma pelle negra e dura, similhante a pergaminho ennegrecido ao fogo. Todos tinham bem conservados os dentes, e alvos como o mais brunido marfim; os cabellos, porém, tinham-se desprendido dos craneos, e encontravam-se mechas d'elles, ou pegadas ás costas das mumias, ou cahidas no fundo dos vasos. Na extremidade da galeria havia mais sete vasos, similhantes em tudo aos primeiros, mas com a tampa no chão, junto d'elles, esperavam de certo cada um, a longos annos, o seu cadaver, que nunca chegou. O gargalo desses vasos estava adornado com um collar de contas encarnadas, misturadas com outras pretas e brancas. De certo suppriria elle as inscripções, e tinha por fim perpetuar a memoria do defunto. A que data podem remontar esses tumulos? A que povo se deverá attribuil-os? »

Dous Irmãos — Forte na ilha Fernando de Noronha na parte occidental da mesma, tem a extensão de 612 metros quadrados, a altitude de 45 metros e a fórma de um trapezio. Essa fortificação é antiga, pois em 1758 já existia e com a invoc. de S. João Baptista. Affirmam que a denominação — Dous Irmãos — vem de dous penedos que lhe estão proximos, quasi juntos, os quaes têm bastante elevação e emergem ambos do oceano.

Dous Irmãos — Na enseada N. O. da ilha Fernando de Noronha estão duas ilhotas que assim se denominam.

Dous Irmãos — *Serrota* — No mun. da Boa Vista, tambem é conhecido por *Morro da Boa Vista*.

Dous Mundos — *Engenho* — No mun. de Ipojuca, a 12 kilms. da estação de Timbó-assú e a 16 kilms. ao oeste de N. S. do O' (séde do mun.).

Dous Páos — *Riacho*—Corre no mun. de Itambé e tem por affl. o riacho Cajueiro Vermelho.

Dous Riachos— *Arraial* —De poucas casas, no mun. de Afogados de Ingazeira, fica situado ao O. da villa d'aquelle nome, que é a séde actual.

Dous Rios — Engs. situados nos muns. de Goyanna e de Ipojuca.

Dous Unidos— *Riacho* — Nasce na Chã Oity Ferrado e com o curso de 300^m vai despejar no rio Beberibe no logar Cumbe.

Duarte Coelho — *Povoação* — E' um bairro da cidade de Olinda, situado em terreno plano, mais conhecido, porém, pelo nome de *Arrombados*; tem umas 150 casas, uma capellinha dedicada a N. S. das Necessidades, concluida em 1842, uma estação da via-ferrea do Recife a Olinda, no kilm. 7.811^m da rua da Aurora na cidade do Recife, ficando a estação de Duarte Coelho entre as do Salgadinho e Piza, a 813^m da do Varadouro e a 1.745^m da do Carmo, que é a ultima da linha ferrea. O rio Beberibe passa proximo e, tendo corrido até ahi na direcção O. á L. mais ou menos, muda o rumo para

N.á S. Em 1645 era conhecido esse logar por *Carreira de Mazombos*.

Duarte Dias — *Povoação* — A 18 kilms. ao N. da cidade da Gloria de Goitá, a cujo mun. pertence, está situada em terreno plano, contendo umas 80 casas, uns 500 habs., uma capella sob a protecção de S. Antonio dos Milagres, um cemiterio construido em 1876 e uma pequena feira aos domingos. Foi fundada por Antonio Duarte Dias, ha uns 60 e tantos annos (em 1845, pouco mais ou menos). Aquelle homem, voltando de Fernando de Noronha, onde tinha cumprido sentença, ahi se installou, estabelecendo, como meio de viver, uma taverna por lhe parecer o local, á beira da estrada, conveniente. E de facto deu-se bem e procurou ainda attrahir para o sitio parentes e conhecidos: disso resultou a actual povoação, onde, a esse tempo, o fundador erigiu, tomando por patrono o Santo de seu nome, a actual capella, sendo auxiliado no empenho pelos habitantes existentes e por esmolas angariadas por Duarte Dias de pessoas tambem extranhas ao logar.

Duas Barras — Eng. do mun. de Gamelleira com uma capella votada á N. S. da Piedade, fica a tres kiloms. ao N. da séde. Outro eng. do mun. de Barreiros, e tambem outro no do Rio Formoso.

Duas Barras — Logar do mun. de Gamelleira, entre Ribeirão e aquelle logar, onde se juntam os rios Serinhãem e Amaragy.

Duas Boccas — *Engenho*— Na freg. do Una, mun. do Rio Formoso, a 15 kilms. da povoação de Una, tem uma capella de N. S. da Conceição.

Duas Pedras — Arraial bastante povoado no mun. do Limoeiro a seis kiloms. desta cidade, situado á marg. esq. do rio Capibaribe e á beira da estrada que vai para o interior do Estado. Desde o logar Pirauhyra ao chamado Ribeiro do Mel, embora sem se ligarem umas ás outras, as habitações succedem-se sempre e attingem a numero nunca inferior a duzentas, distribuidas numa extensão de uns dous kilometros.

Duas Pedras— Eng. de pequena importancia no mun. do Limoeiro, á marg. dir. do Capibaribe e fronteiro ao Arraial de sua denominação.

Duas Pedras — *Serra* — No mun. do Limoeiro, junto ao eng. de seu nome, quasi no seu fastigio, ha duas grandes pedras que de longe são vistas, tornando bastantemente assignalada a mesma serra.

Duas Pedras — *Riacho*—Nasce no logar Lagôa do Pinto e correndo, no mun. do Limoeiro, depois de seis kilms. de curso, despeja no rio Capibaribe, pela marg. esq. e na parte occidental do arraial de seu nome.

Duas Pedras — *Riacho*—Nasce no mun. de Cimbres e correndo para o do Brejo despeja no rio Capibaribe, pela marg. esquerda.

Duas Serras — *Riacho*—Nasce, corre e desagua pela marg. esq. do rio Ipojuca, no mun. de Cimbres

Duas Unas — Eng. do mun. de Jaboatão.

Duas Unas— *Riacho*— Nasce no eng.. Tapirema, vai a Camassary, e desagua na cidade de Jaboatão no rio deste nome, com uns 15 kilms. de curso, depois de atravessar a estrada que vai para a pov. da Luz, onde ha sobre o mesmo, uma ponte de madeira.

Duradeira — Logarejo em territorio da freg. de Belmonte.

Duros — *Logarejo* situado na freg. de Muribeca, mun. de Jaboatão.

Duvido Que Móa — Eng. do mun. do Rio Formoso.

E

Egreja Nova — Assim anteriormente denominou-se a actual villa da Bôa Vista.

Egua — *Serra* — Fica situada no mun. de Gravatá.

Egua Braba —*Riacho* — E' affl. do rio S. Francisco, um pouco abaixo da cachoeira do Brandão.

Eguas — *Riacho* — Nasce na serra Negra, mun. de Bezerros, e correndo de S. para N. divide o mun. de Limoeiro do de Caruarú, indo despejar no rio Capibaribe pela marg. merid. no logar Bataria abaixo do pov. *Couro d'Anta*.

Eguas — *Riacho*— Corre no mun. em territorio de S. Bento e desagua no rio Una.

Eixinho — Eng. do mun. de Páo d'Alho.

Ema — Log. do mun. de Tacaratú.

Ema — *Riacho* — Corre de N. a S. no mun. de Tacaratú para o rio São Francisco.

Embira d'Agua — *Serra* — Fica collocada no mun. de Gravatá.

Emboassú — *Pontal* — Fica ao N. do Estado e proximo á ponta do Funil.

Emburana — *Serra* — Nas divisas deste Estado com o da Parahyba, é uma das que se comprehendem na cordilheira da Borburema, na parte relativa ao mun. de Taquaretinga.

Emburanas — Log. á marg. esq. do rio Ipojuca, no mun de Caruarú e á L da séde.

Emburanas — *Serra* — Fica no mun. de Caruarú.

Encalha Tudo —*Lagôa*— Com este nome existe uma no mun. do Cabrobó.

Encalha Tudo — *Riacho* — Pouco abaixo da Cachoeira de Maria Preta

Encanamento — *Povoação* — Na freg. do Pôço da Panella, mun. da capital, ao lado N. da estação de Parnameirim da E. F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos (linha central), donde está a poucos passos de distancia.

Encantados—*Riacho*—No mun. de Bom Conselho, corre para o Balsamo, affl. do rio Parahyba.

Encruzilhada — *Povoação* — Na freg. da Graça, contém duas estações, da E. de F. de Olinda e Beberibe, e a da E. F. do Recife ao Limoeiro. Esta fica a tres kilms. e 150^{m}. da estação inicial do Brum, e a 12^{m}. de altitude, e a estação da via-ferrea de Olinda dista da da rua da Aurora 3 kilms. 196^{m}. E' muito aprazivel e bastante povoado, e tem no logar *Belém* uma capellinha. (V. BELEM)

Encruzilhada — *Pequeno povoado* no mun de Itambé.

Encruzilhada de Belém — Vid. ENCRUZILHADA.

Engenho d'Agua — Propriedade rural no mun. de Iguarassú.

Engenho Novo — Engenho do mun. de Goyanna, á marg. do Capibaribe-Meirim e que primitivamente chamou-se Jaquecipitanga possuindo uma capella de invocação de N. S. do Rosario Foi fundado por Antonio de Hollanda, antes da invasão hollandeza; depois no dominio batavo o engenho foi arrasado e queimados os cannaviaes. Feita a restauração, foi reerguido pelo herdeiro do fundador, Francisco Vasconcellos d'Albuquerque, que o denominou então de Engenho Novo. Ahi-

em 3 de fevereiro de 1680, falleceu André Vidal de Negreiros, um dos grandes herões da guerra da restauração pernambucana do dominio hollandez.

Engenho Novo — *Engenho* — No mun. do Cabo, ao norte da séde e a pequena distancia, á margem do rio Pirapama, e no lado occidental da linha ferrea, foi fundado, antes da invasão hollandeza, por Christovam Paes Barreto, e durante aquella em 1637, o governo hollandez confiscou-o vendendo a Duarte Saraiva. Era dedicado a S. Miguel, e esta invocação é ainda a da capella existente.

Engenho Novo — *Engenho* — No mun. da Escada, á marg. merid. da linha ferrea, na altura do kilm. 55 e entre as estações do Timbó-Assú e Escada.

Engenho Novo — *Engenho* — No mun. de Serinhãem, possue uma capella de invocação de S Francisco.

Engenho Novo—*Engenho*—Na freg. de Muribeca, mun. de Jaboatão. Com relação á particularidades sobre essa antiga fabrica de assucar, consignemos os seguintes trechos do trabalho sob o titulo — *Noticia biographica do Dr. Antonio de Moraes Silva, autor do primeiro Diccionario da lingua portugueza*, — publicado no *Jornal do Recife*, em 1902: — Em 1796 regressou Moraes Silva da Bahia, e fixando-se em Pernambuco, donde nunca mais sahiu, foi habitar em uma excellente fazenda agricola e industrial, — o Engenho Novo de Muribeca — de recente propriedade do seu sogro o general José Roberto Pereira da Silva, situado a 20 kiloms. ao sudoeste do Recife, tão celebre nos annaes guerreiros das nossas lutas contra o invasor hollandez, no seculo XVII, e cuja fundação se prende ainda a tempos mais afastados, como um dos mais antigos engenhos levantados em Pernambuco, e em terras desmembradas do engenho Santo André, as quaes, reunidamente a outras, faziam parte da extensa sesmaria concedida ao fidalgo Arnáo de Hollanda, em 1575, pelo donatario Duarte Coelho de Albuquerque. Pouco tempo depois fez Moraes Silva acquisição da propriedade do Engenho Novo, por papel particular passado por seu sogro, em 19 de setembro de 1797, e cujas terras posteriormente augmentou com a compra das propriedades confinantes denominadas Mafumbo e Magalamba, por escriptura de 23 de janeiro de 1804. Estabelecendo-se na sua propriedade, e feito agricultor, Moraes Silva afastou-se dos moldes vetustos e rotineiros, seguidos na lavoura de Pernambuco, graças aos conhecimentos de que dispunha, e convenientemente estudando o que havia de mais aperfeiçoado sobre o amanho das terras, cultura da canna e fabrico do assucar, obteve grandes resultados e vantajosas compensações na applicação pratica de tudo isso, de par com a acquisição de tudo quanto havia de mais moderno e aperfeiçoado, referente ao machinismo da fabrica, e outros melhoramentos ainda então desconhecidos dos nossos agricultores. Considerando, além disso, que o seu caracter de proprietario e chefe de um grande estabelecimento agricola industrial, nos tempos classicos da escravidão, lhe impunha ainda outros deveres, estudou a medicina e a pharmacia, muniu-se de bons livros e de uma pharmacia bem provida e fez-se medico, não só de sua familia e de seus escravos, como ainda dos moradores circumvizinhos, e a todos tratava com o maior desvelo e solicitude possiveis O illustre lexicographo nasceu no Rio de Janeiro em 1 de agosto de 1764, e falleceu na cidade do Recife no dia 11 de abril de 1824. (*P. Costa.*)

Engenho Novo—Eng. no mun. de Iguarassú.

Engenho Novo —Logar á margem do rio Goyanna, milha e meia abaixo da cidade d'este nome.

Engenho Velho — *Engenho* no mun. do Cabo. — Destaca-se den-

tre todos os colonisadores das terras do Cabo, o fidalgo portuguez João Paes Barreto, de Vianna do Castello, filho do morgado de Bilheiras, Antonio Velho Barreto, o qual, vindo para Pernambuco, em 1557, ainda bem joven, casou-se depois com D. Ignez Guardez de Andrade, filha do abastado colono Francisco Carvalho de Andrade. De posse das doações de grandes lotes de terras, fundou elle um engenho, a que deu o nome de Madre de Deus, situado em uma legua de terra, — *á margem do rio Arassuagipe nos brejos do Cabo de Santo Agostinho*, — e successivamente os de Jurissaca, Algodoaes, Trapiche, Guerra, Ilha, e Santo Estevão, que passaram á herança de seus filhos. — Em 28 de outubro de 1580 instituiu João Paes Barreto um morgado, vinculando o engenho Madre de Deus, considerado como terça dos seus bens, e portanto de sua livre disposição, mas precedendo a essa instituição morganatica a competente permissão régia. Do instrumento publico de instituição do morgado, conhecido depois por *Morgado dos Paes*, ou *do Cabo*, consta que os bens vinculados foram o engenho Madre de Deus, chamado depois *Engenho Velho*, por ser o mais antigo em construcção, dos que levantara João Paes e cujo nome ainda conserva, bem como duas casas situadas na villa de Olinda, calculando-se as rendas de taes bens em mil cruzados annuaes, destinados aos encargos pios da capella. (*P. C.*)

Enseadinha — *Pontal* — A menos de milha do das Candêas e onde se vê o pequeno povoado Venda Grande; ao N. e com egual distancia fica o logar Focinho do Boi. Está a 8° 10' e 35" de lat. S. e 8° 11' e 35" de long. orient. do Rio de Janeiro.

Entre Montes — Eng. do mun. d'Amaragy.

Entre Montes — *Riacho* — Tem suas vertentes 7 kilms. distante de sua foz no rio Amaragy, pela marg. dir., e banha as terras do eng. de seu nome.

Entre Rios — Eng. situado no mun. de Jaboatão.

Entre Serras — *Riacho* — Corre no mun. de Floresta para o rio Pajehú.

Entroncamento — Logar na freg. da Graça, mun. da capital, — que, devido ao cruzamento das 3 linhas que constituem a E. F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos, — possue similhante denominação. E realmente d'ahi uma das linhas se dirige para a pov. da *Varzea*, passando pela do Caxangá; outra segue até o logar *Dous Irmãos*, e ainda lhe chamam linha principal, pelo facto de assim ter sido conhecida, quando esta era a mais extensa e pela mesma se chegava ao Caxangá, mas pelo lado opposto do rio Capibaribe; e a 3ª tem sua directriz pela estrada do Arraial, toda povoada, e terminando na povoação do Monteiro. Fórma uma praça triangular, da qual a estação occupa o centro. Este ponto está distante da estação inicial da Praça da Republica — 2,925 metros.

Equador — Eng. situado no mun. de Palmares.

Ernesto — Fortificação na ilha de S. Antonio (hoje freg. do mesmo nome), no logar da actual rua Quinze de Novembro. Ao convento de São Francisco se denominava Forte Ernesto nos tempos dos hollandezes, porque quando estes se apoderaram da ilha fizeram uma fortificação comprehendendo dentro a egreja do convento dos franciscanos, seguindo-se uma extensa muralha, em linha composta, até o forte de Frederico Henriques.

Escada — *Cidade* — séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. da Apresentação da Escada.

HISTORICO — Foi primitivamente uma aldeia de indios e entre esses sabe-se que existiam as tribus chamadas Petiguares, Tabujarés e Mariquitos. Dizem que a denominação de *Escada* provém do facto de ter-se lembrado o missionario, encarregado da catechese dos mes-

mos indios, de erigir, no alto do môrro onde se acha a actual matriz, um nicho para N. S. d'Apresentação, inv. preferida por elle, entre as demais que a Virgem tem, mandando fazer, para mais facil ascensão á summidade donde estava o nicho, uma escada, cujos degráos eram feitos sobre cavagem da gleba que constitue a collina. E então, porisso o chamavam de N. S. da *Escada*, e depois o aldeamento insensivelmente denominou-se *Escada*. Tal nicho foi substituido pela construcção de uma capella, que chegou a ser a matriz da freg., sendo demolida mais tarde para fazer-se a edificação da actual. Em 1757, por varios documentos escriptos, verifica-se que já era povoação e que fazia parte da freg. de Ipojuca. Extincto o aldeiamento em 1773 os indios foram mandados por ordem do Governo para a então colonia *Riacho de Mattos*. Por carta régia de 27 d'Abril de 1786 foi creada parochia, sendo seu primeiro vigario o Padre Francisco Cavalcante de Albuquerque Lacerda; foi elevada á categoria de villa pela Lei Prov. n. 326 de 19 de Abril de 1854, installando-se em 9 de Outubro do mesmo anno; a Lei Prov. n. 1093 de 24 de Maio de 1873 creou-a comarca de 2ª entrancia, considerando-a cidade; foi installada pelo seu primeiro Juiz de Direito, Dr. Pedro Camello Pessoa. De accordo com a Lei organica dos muns. (n. 52 de 3 de Agosto de 1892) constituiu-se antonoma em 4 de Abril de 1893, sendo eleitos para o primeiro governo municipal os cidadãos seguintes: — Prefeito, Manoel Antonio dos Santos Dias, Sub-prefeito Dr. Henrique de Barros Lins; e o Conselho Municipal — Barão de Utinga, Dr. José Alves de Oliveira, Capitão José Francisco de Arruda Falcão, Joaquim Luiz da Costa Ribeiro, Capitães João de Barros e Silva e Manoel Thomé de Oliveira, Leocadio Alves Pontual, Antonio Francisco A. da Costa e João Ramos Chaves.

POSIÇÃO ASTRONOMICA — Está a 8° 19' e 40" de lat. S, e a 8° e 1' de long. Or. do Rio de Janeiro.

DIMENSÕES DO TERRITORIO — Tem o mun. de L. a O. 50 kilms. de extensão e de N. a S. 36, pouco mais ou menos.

ASPECTO E NATUREZA DO SÓLO — O mun. é no geral montanhoso e accidentado o terreno nos differentes pontos, havendo, entretanto, algumas varzeas e pequenas planicies. Possue boas aguas e sólo uberrimo.

CLIMA E SALUBRIDADE — Tem um excellente clima, especialmente no verão, e as molestias endemicas alli não são conhecidas.

LIMITES — Confina: Ao N. com o mun. da Victoria pelos engs. Jundiá-Meirim, Matapiruma, Cachoeira Tapada e Aguas Claras; á L. com o mun. do Cabo, pelos engs. Noruega, Arandú, Arimuná, S. Manoel Manassú e com o mun. de Ipojuca, pelos engs. — Rua Nova, Prazeres, Amizade, Gerente, Tres Braços, Cachoeira e California; ao S. com o mun. de Serinhãem, pelo eng. Braço do Meio, Dromedario, California, Jussara, Cachoeira e Sibiró Grande, e com o mun. de Gamelleira — pelos engs. Vicente Campello, Aripibú, Constituinte, Praieiro e Simão; ao O. com o mun. de Amaragy pelos engs. Frexeiras, Boa Vista. Bom Fim e Bom Jardim.

DIVISÃO — O mun. contém uma só freg. e comprehende tambem tres districtos. Na divisão eleitoral está no 2° districto.

POPULAÇÃO — O mun. tem uma população de 16.000 habitantes, sendo 5.000 na cidade da Escada.

TOPOGRAPHIA — A cidade da Escada está sentada á marg. esq. do rio Ipojuca, a 93,^{m}0 de altitude (no local em que fica situada a estação da via-ferrea), e collocada sua edificação, que attinge, seguramente, a 600 casas, sobre terreno montanhoso. Na parte mais levantada fica a matriz, estendendo-se comtudo algumas

ruas em terreno plano,— as que ficam na direcção da estação,— situação esta em que, talvez, fosse mais feliz escolher para a fundação da localidade. Suas ruas são no geral irregulares; e, no entretanto, apresenta aos olhos do viajante que sahe ou se lhe approxima, agradavel e pittoresco aspecto. Tem um só templo—a egreja matriz, um dos melhores do interior do Estado, o qual, demolido por Frei Caetano Sobrinho, e por este reerguido, concluiu-se a construcção em 1874, sendo ainda feitos na mesma, nestes ultimos annos, alguns reparos de decoração, pelo actual vigario Francisco Raymundo da Cunha Pedrosa; o cemiterio publico, inaugurado em 8 de maio de 1904; a cadeia, máo edificio, e o mercado publico em que tambem funcciona o açougue. O relatorio do Commendador Dr. Henrique P. de Lucena, presidente da Provincia em 1875, diz o seguinte, tratando da reconstrucção da matriz da Escada: — « A superficie metrica d'esse templo, sem comprehender a capella-mór e duas sachristias que existiam anteriormente, é de metros $409^m,92$. A fachada, com duas torres, basêa-se em um atêrro, ladrilhado com $1^m,5$ de altitude apresentando no centro uma espaçosa escada de 5 degráos que fórma a base da parte central Além disto é enfeitada com quatro pilastras de $9^m,0$ de altura, firmadas em um pedestal e base mutilada de $3^m,10$ de altura Essas pilastras formam os 3 intercolumnios, sobre os quaes percorre o entablamento, isto é: a architrave, friso e cornija, acabando com um tympano triangular. No principal intercolumnio está a porta tambem principal da egreja com $4^m,50$ de altura sobre $2^m,10$ larg. Todas as portas têm as ombreiras, vergas e soleiras de pedras. Por cima da porta central está collocada uma pedra com a inscripção das pessoas que concorreram para a construcção d'esse templo. Acima d'essa pedra ha uma janella circular e nos intercolumnios inferiores estão as duas portas lateraes e sobre ellas duas janellas em fórma de arcada. As duas torres lateraes têm $24^m,0$ de comp., com bases de estylo rustico, medindo $3^m,20$ de larg. em cada face quadrangular até o logar dos sinos, e transformando-se ahi em figura octangular até a altitude de $3^m,0$ segue-se uma pyramide circular com $4^m,50$, sobre a qual está assente uma cruz. O corpo interior da egreja, de ordem toscana-composita, reparte-se em 3 naves por meio de duas fileiras de pilastras quadradas de $9^m,80$ de altura, comprehendidos os respectivos pedestal e capitel. As pilastras carregam 6 arcos de cada lado com $1^m,0$ e $0^m,25$ de raio. Sobre os arcos percorre em roda da egreja a cornija architravada, que vai juntar-se á da capella-mór, formando assim a imposta da mesma capella. Por cima da cornija levanta-se ainda um metro de muro direito, sobre o qual começa a rodear a volta abatida, que vem a ser a abobada do edificio. O espaço d'essa volta fica dividido em 6 velas a que correspondem outras tantas janellas arcadas com $1^m,70$ de altura sobre $1^m,20$ de larg. O comprimento da nave do meio é de $22^m,40$ sobre $8^m,30$; as duas naves lateraes têm $10^m,20$ sobre $3^m,70$ de larg , inclusive o diametro das pilastras com $7^m,40$ de altura. No ultimo intercolumnio levanta-se um arco de cada lado, internado na parede para collocar-se — numa parte — o baptisterio. e na outra — o confissionario.» Ha na cidade, em seu ponto principal, uma boa feira que se reune semanalmente, e possue um commercio bastante animado.

Povoações — *Frexeiras*, á marg. da E. F. de S. Francisco e a 20 kilms. da séde; *Timboassú* e *Limoeiro* logarêjos, em cada um dos quaes existe uma estação da linha ferrea.

Capellas — Existem as seguintes capellas: — de N. S. da Piedade no eng. Dous Braços; de S. José, na usina S. Philonilla; de S. João Nepomuceno no eng. Sibiró Grande; e de Ss. Francisco d'Assis e Benedicto, no eng. Limoeiro.

Orographia — Além de pequenas serras possue a cordilheira de Amaragy, que se estende pelo mun. da Escada e pelo de seu nome sob varias denominações tomadas dos logares em que vai passando.

Hydrographia — E' regado o mun. pelo rio Pirapama, que vem do mun. da Victoria, corre na parte N. e se dirige para o mun. do Cabo, recebendo como affls. o riacho Matapiruma, Massauassú, Jundiá-Meirim e outros; e pelo rio Ipojuca, na direcção O. a L., recebendo as aguas dos riachos — Amanca, Barra de Pedra, Jundiá de Caetateira, Sapucagy, Chiqueiro, Cutegy, Mussú e Inhamans, que vem do lado de Jaboatão. Ainda banhando-lhe o sólo ha os riachos Rua Nova, e o Caraúna sobre o qual extste uma ponte de madeira.

Producções — As terras do mun. são no geral fertilissimas, prestando-se com grande vantagem á cultura da canna, podendo-se mesmo affirmar que, sobre esse ponto de vista, o mun. da Escada é um dos mais ricos e apropriados á semelhante cultura. Produz ainda toda a lavoura propria das outras zonas do Estado, embora menos cultivada que a canna, preferida pelos agricultores, por lhes dar melhores vantagens; os diversos legumes, fructas de varias especies tambem o sólo dá abundantemente.

Curiosidades naturaes — Existe uma bella quéda d'agua, formada pelo rio Pirapama, a qual denominam — *Cachoeira Tapada* — em terras do eng. deste nome.

Reinos da Natureza — O mun. contém mattas frondosas e é abundante das melhores madeiras para construcções, e diversos outros empregos; egualmente é fertil em immensa quantidade de plantas medicinaes. No reino animal possue avultada cópia de caças, grande variedade de aves, e todos os rios e riachos seus, perennes no inverno e no verão, são muito piscosos. Do reino mineral nada se sabe, e nem estudo geologico algum se tem feito, para conhecer-lhe o interior do sólo Entretanto o *talco escamoso* em diversos pontos do mun. existe abundantemente.

Industria, commercio e agricultura — A principal industria do mun. é a fabril, do assucar da canna, e possue para tal fim as usinas — Firmeza, Limoeirinho, Mameluco, Mussú, Jundiá ou Santa Filonilla e Massauassú — e os engs. seguintes: Arandú, Arimunan, Alegria, Amizade, Animoso, Bôa Sorte, Barro Branco, Bom Successo, Bôa Vista, Bom Fim, Bom Jardim, Braço do Meio, Bello-Monte, Bella Vista, Brilhante, Cabrunema, Camaçary, Criméa, Caipora, Cassupim, Campestre, Canto Escuro, Cassuá, Constituinte, Conselho, Cotegy, Capindão, Capricho, Cachoeira Tapada, Dous Braços de Baixo, Dous Braços de Cima, Frixeiras, Florencio, Giquiá, Girento, Harmonia, Irmandade, Jundiá, Jundiá-Meirim, Jaguaribe, Leão, Liberdade, Limeira, Limoeiro, Limão, Mameluco, Maracujá, Mangueira, Mussú, Muricy, Noruega, Onça, Praieiro, Pirauhyra, Prazeres, Paraná, Rua Nova, Rôla, Recreio, Refresco, Regalia, S. Manoel, S. Matheus, S. José, S. Pedro, S. Vicente, Serra Nova, Sibiró, Sapucagy, Taquara, Tres Braços, Uruçu, Vilhêta e Vicente Campello. — O commercio do mun. é prospero e desenvolvido, e consiste na exportação e venda dos productos locaes, e na revenda dos importados da capital. A agricultura, como já se disse, é a plantação da canna de assucar, depois segue-se a dos cereaes, cujo cultivo é pequeno e não vai além do que é necessario para o consumo da localidade, pois que o agricultor absorve-se quasi todo no plantio da canna, que lhe deixa vantagens superiores.

Vias de communicação — Communica-se com a capital pela E. de F. do Recife ao S. Francisco (linha ingleza), á qual, junto á cidade e no kilm. 57^{m},671 tem uma estação entre

as denominadas Timboassú e Limoeiro, inaugurada ao serviço publico em 3 de dezembro de 1860; communica-se ainda com a cidade de Victoria, Gravatá, villa de Amaragy, cidades do Bonito, Serinhãem e outros pontos que não têm estradas de ferro directamente, pela via ferrea com as cidades do Cabo, Palmares e de Gamelleira e por meio de caminhos regulares no verão e máos, porém, no inverno.

INSTRUCÇÃO E ADIANTAMENTO MORAL — Em 1905 havia no mun. 5 cadeiras de instrucção elementar e 2 collegios particulares, na séde. Não obstante isto, póde-se dizer que é lamentavel a pouca diffusão da instrucção no mun., e a grande ignorancia do geral da população.

DISTANCIAS — Dista a cidade da Escada 58 kilms. do Recife, 35 da Victoria, 59 de Jaboatão, 36 de Gamelleira, 59 de Palmares, 38 de Serinhãem, 22 de Ipojuca, 85 do Bonito, e 18 de Amaragy.

Escadinha — Logarejo do mun. de Belmonte.

Escalvadinho — Eng. do mun. de Nazareth, freg. da Lagôa Secca.

Escalvados — *Serra* — Fica situado no mun. de Belmonte.

Escondida — *Lagôa* — Ao N. da povoação de Vertentes no mun. de Taquaretinga

Escuro — Eng. do mun. do Limoeiro ao S. da séde.

Escuro — *Riacho* — Nasce no logar Tamanduá, das aguas da serra das Duas Pedras e depois de um curso de seis kilms. desemboca no rio Capibaribe pela marg. dir.

Espadas — Eng. do mun. do Bom Jardim.

Espelho — Engs. situados nos muns. do Bonito e Palmares

Espelho — *Serra* — Fica situada ao O. da cidade de Palmares e ao S. da do Bonito, comprehendendo-se no territorio dos muns. d'esses nomes, entre as povoações de Jaqueira e de Capoeiras. E' bastante elevada e extensa, e de longe, em certas horas do dia, quando o sol illumina-lhe o dorso, tem reflexos extraordinarios, donde deriva o nome que lhe dão. Dentre outros pontos em que é vista, podemos lembrar a Colonia Frei Caneca, onde tal curiosidade se observa distinctamente.

Espelho — *Serra* — Junto á cidade do Brejo, é conhecida de preferencia por serra da *Prata*. (Vide.)

Espera — *Logarêjo* — Fica situado no mun. de Bom Jardim.

Esperança — Eng. do mun. de Palmares.

Esperança — *Engenho* — No mun. de Ipojuca.

Esperança — *Logarêjo* — No mun. de Nazareth, freg. de S. Vicente.

Espeto — Engenhoca do mun. de Canhotinho.

Espinheiro — Arrabalde da cidade do Recife, na freg. da Graça, reputado como muito saudavel entre os demais logares do municipio. E' servido pelas estradas ferreas urbanas denominadas — do Recife á Olinda, e do Recife á Varzea, ramal do Arraial. Na primeira dessas linhas a estação fica entre as do Entroncamento e dos Afflictos (kilm. 2,925m da estação inicial no Recife), e na segunda, entre as de João de Barros e Encruzilhada de Belém, no kilm. 2,608m. da estação da rua da Aurora, do Recife. Demora da cidade uns 15 minutos de viagem, em qualquer dos trens.

Espinho — Eng. em territorio do mun. de Agua Preta.

Espinho Prêto — Arraial na marg. esq. do rio Capibaribe, a 14 kilms. distante da cidade do Limoeiro, e na estrada que se dirige á pov. de Pedra Tapada. Pertence áquelle mun., mas ecclesiasticamente á freg. de Bom Jardim, donde demora 24 kilms. ao S.

Espinho Preto — *Riacho* — Nasce no mun. de Bom Jardim e derrama no mun. de Limoeiro, depois de 15

kilms. de curso, pela marg. esq. do rio Capibaribe.

Espirito Santo — *Cidade*—séde do mun. de Páo d'Alho e da freg. do mesmo nome, cuja inv. é o Divino Espirito Santo.

Historico — Diz a tradicção local que começou povoar-se em 1680 e que era habitada, anteriormente, pela tribu Tabajaras. Fazia parte da freg, de Iguarassú, da qual foi desmembrada em 1799 por ter sido creada pelo Bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, em virtude de uma carta de 31 de Agosto do mesmo anno, do visitador Joaquim Saldanha Marinho. Tem a denominação de Espirito Santo em virtude da Lei Prov. n. 1318 de 4 de fevereiro de 1879; mas essa denominação é simplesmente legal, pois sómente com o nome de Páo d'Alho, todos a conhecem; e, para muitos mesmo, será uma novidade ouvir asseverar que a séde do mun. e freg. de Páo d'Alho chama-se *Cidade do Espirito Santo* e não *Páo d'Alho*. Nessa cidade nasceu em 16 de junho de 1842 o Dr. Sizenando Barreto Nabuco d'Araujo, notavel e distincto advogado e irmão do orador brasileiro Dr. Joaquim Aurelio Nabuco d'Araujo, fallecendo no Rio de Janeiro em 11 de março de 1892. Ahi, em 1874, falleceu o operoso professor Joaquim Antonio de Castro Nunes, autor de varios livros didacticos.

Posição astronomica — Está a 7° e 52' de lat. S. e a 7° e 58' de long. Or. do Rio de Janeiro.

Clima e salubridade — A cidade do Espirito Santo de Páo d'Alho possue no inverno um clima frio e bastante humido e no verão muito quente; é pouco saudavel e talvez, mais do que tudo, para isso concorra o cemiterio, que se acha collocado a LSE. da povoação, occupando quasi o meio da mesma, não podendo deixar de ser um fóco de infecções miasmaticas, principalmente em tempos epidemicos. Seria conveniente, pois, desde logo, fechal-o e estabelecer outro em um ponto de bôa escolha.

Topographia — A cidade do Espirito Santo, a 64m. de altitude, está situada á marg. dir. do rio Capibaribe, numa baixa ou varzea cheia de irregularidades no sólo, parecendo áquelle que a contempla dos montes que a ladeiam a concavidade de uma grande bacia. Tem um formoso quadrilatero arborisado denominado — Praça do Commercio, onde, aos sabbados, se reune a feira semanal, abundantissima de cereaes, carne secca e do sertão, queijos, peixes, fumo, fructas, doces, verduras, côcos, varios artefactos, etc.; possue bonitas e alinhadas ruas de elegantes e bem construidos predios. Conta quatro templos — a matriz sob a inv. do Divino Espirito Santo, de bello aspecto, collocada com a frente para o O., mas em máo logar, porque fica em uma rua baixa e marginal ao rio que, por isso mesmo, em uma de suas grandes enchentes, destruiu as casas do lado direito;—o de N. S do Livramento, concluido, internamente, em 1872, por Fr. Fidelis Maria de Fognano, assentado em uma pequena ladeira da rua de sua denominação, tendo a mesma egreja 70 palmos de largura;—o do Rosario, na praça de seu nome; e o de S. Thereza, no bairro da parte opposta ao rio, por onde se estende ainda a cidade, junto á estação da via-ferrea: ambos foram restaurados em 1851 por Frei Caetano de Missina, sendo reparado o primeiro em 1870, fazendo-se então um corredor e uma torre, e o outro reedificado inteiramente, mas não acabado ainda, em 1904. Ha na cidade 16 ruas e travessas e 11 entradas por diversos pontos; uma boa casa para açougue, no bairro do Rosario; uma cadeia pequena, mas regular, no bairro da matriz, no pavimento superior da qual funccionam a municipalidade, o jury e audiencias judiciaes; um theatro, bom, espaçoso edificio, decorado e capaz de servir a representações dramaticas;

um edificio escolar, elegante, com desenvolvidas proporções, mandado erguer em 1895 pelo Governador do Estado Dr. Alexandre José Barbosa Lima, a bibliotheca municipal, o mercado publico, um hospital, e finalmente o cemiterio, acerca do qual já alludimos, de sua pessima situação que tem. A cidade é illuminada a acytilene e abastecida d'agua canalisada.

PONTE — A chamada do Pôço do Tabyba, entre os bairros da matriz, e de S. Thereza, tem 113m de extensão e foi contractada por 154:716$184.

ESTAÇÃO TELEGRAPHICA—Possue, além da linha telegraphica da via-ferrea, a Nacional, inaugurada em 2 de Maio de 1895.

VIA-FERREA — Ligada ao Recife pela E. F. da Great Western of Brazil Railway, Limited, tem uma estação, no bairro de S. Thereza, no kilm. 48,822m, da do Brum, a qual foi inaugurada em 26 de Outubro de 1891, entre as de S. Rita e Carpina.

AGUA MINERAL — Ao SO. da cidade existe uma fonte d'agua mineral, conhecida por *Olho d'Agua*. Scientificamente suas propriedades não foram ainda estudadas, mas o povo, em usando della, tem colhido bastante proveito, conseguindo a cura de algumas molestias, entre as quaes — a hydrocele, dartros, e outras.

IMPORTANCIA DA CIDADE — Considerada sob diversos aspectos, em 1905, possuia — um collegio de instrucção primaria e secundaria, duas cadeiras de ensino publico primario, uma sociedade musical, outra dramatica, uma agencia do correio, communicando-se diariamente com o Recife, 1 bilhar, 1 casa de polvora, 2 hoteis, 1 refinação, 2 caldeireiros, 4 marceneiros, 3 alfaiates, 2 ourives, 2 ferreiros, 4 funileiros, 3 sapateiros, 6 tanoarias, 3 barbeiros, 3 padarias, 6 lojas de fazendas e miudezas, 2 armazens de molhados e ferragens, 2 depositos de generos de estiva e 18 mercearias. O perimetro da cidade compõe-se de umas 500 casas e uma população provavel de 4,000 habs.

DISTANCIAS — A cidade do Espirito Santo demora — 25 kilms. de Nazareth, 35 de Limoeiro, 22 da Gloria de Goitá, 39 da Victoria, 43 de Iguarassú, 24 de S. Lourenço da Matta, 27 da freg. da Luz, 18 de Tracunhãem, 12 de Carpina, 62 da cidade de Goyanna, 83 de Itambé, 52 de Olinda e 69 de Timbaúba. (Vide PÃO D'ALHO).

Espirito-Santo — *Povoação* — No mun. de Tacaratú, assenta á marg. esq. do rio Moxotó, que é bordado ahi de carnahubeiras; possue uma cap., sob a protecção de Santo Antonio, e, uma vez na semana, uma pequena feira. Foi fundada pelo proprietario do terreno em que se acha situada—Cyrillo do Espirito Santo — de quem procede o nome com que é conhecida. Ahi passa a bem transitada estrada de Alagôa de Baixo e a do Alto Pajehú, a qual vai ter á Piranhas (no Estados das Alagôas). Fica ao pé do aldeiamento dos indios da serra Negra, que são ainda semi-selvagens e apparecem nessa povoação trajando e usando suas vestes e enfeites indianos. O clima nesse logar é ameno, a agua abundante e de boa qualidade. Está a 357m acima do nivel do mar, e a 8° 54' de lat. S., e a 37° 47' e 28" de long. occ. do merid. de Greenwich.

Espirito Santo — *Povoado* — A 3 kilms. ao N. de Afogados de Ingazeira, mun. a que pertence, foi fundado em 1884 por Gonçalo Gomes dos Santos que, com o concurso de outros, fez construir uma pequena casa de oração. Conta umas 60 casas, algumas das quaes de construcção moderna, e duas fabricas de descaroçar algodão. O sólo, em que está situado, é plano, e o conjuncto do povoado offerece uma bella perspectiva. E' florescente e possue um cemiterio.

Espirito Santo — Engs. dos muns. d'Agua Preta, Rio Formoso e de Victoria. Em Mandassaia, mun. do

Brejo, ha uma fazenda de criar com o mesmo nome.

Espirito Santo—*Serra*—Entre as do Pendurão e Jacarará. Fica situada no mun. de Taquaretinga.

Espirito Santo — *Lagôa* — Situada no mun. de Ouricory.

Espirito Santo — *Riacho* — Nasce, corre e despeja no mun. de Ingazeira, no rio Pajehú.

Espirito Santo — *Riacho* — De pequeno curso, corre no mun. de Gravatá para o rio Ipojuca.

Esporão de Gallo — Eng. do mun. de Canhotinho.

Esquecido — *Logarêjo* — Entre os limites das fregs. de Timbaúba, em Pernambuco, e de Barra de Natuba, na Parahyba.

Esquerdo — *Riacho* — Nasce na freg. de Taquaretinga e, depois de pequeno curso em seu territorio, vae despejar no Topada, affl. da marg. septentrional do Capibaribe.

Estaca — *Lagôa* — No mun. de Cimbres, e ao N fica perto á serra de Acahy. Della nasce o rio Capibaribe, que muitos julgavam vir da lagôa do Angú, donde se origina o Canhôto, confundido constantemente com o Capibaribe.

Estacio Coimbra — Estação da linha ferrea do Cucahú á Barreiros, á 16 kilms. de Cucahú, inaugurada em 1904. (Comp. Ger. Melhoram).

Estancia — Logar na freg. da Graça, mun. da capital, é constituido por magnifica casaria que dia a dia se renova, se augmenta e desenvolve-se. Ahi existe uma capellinha, sob a protecção de N. S. da Assumpção das fronteiras da Estancia, edificada pelo Bravo Henrique Dias, em acção de graças pela victoria de 15 de Agosto de 1648, sendo, por doação de D. João IV, por elle obtido aquelle terreno, onde os inimigos foram derrotados, esperando para depois de acabada a lucta, erguer, um monumento mais duradouro; a morte, porém, arrebatou-o em Julho de 1662, antes de realizar o objecto da sua aspiração. Tendo sido creados varios pontos de fortificações, nas sahidas e entradas mais importantes da então povoação do Recife, afim de collocar esta em um apertado cerco, um d'esses foi-lhe confiado. Chamava-se naquelle tempo ao local — sitio de João Velho Barreto, e recebeu o de Estancia em virtude de ser alli a *estancia* (como então denominavam a taes pontos) a região do alojamento de suas tropas. Sendo aquella egreja edificada de taipa, veio a arruinar-se com o tempo, e seu successor, Domingos Rodrigues Carneiro, mais officiaes e soldados de seu terço, á propría custa, e com esmolas e auxilio da Fazenda Real, reedificaram a que hoje existe, concluida mais tarde por outros successores. Possue a Estancia excellente edificação composta de chacaras e casas elegantes, o collegio das irmãs de caridade, denominado S. Vicente de Paulo, e ainda uma capella concluida e inaugurada em 1895. Fica nas divisas das fregs. da Bôa Vista e Graça. Escreve a respeito o Dr. Pereira da Costa: A «*Estancia de Henrique Dias*, segundo a consagração da historia, circumscreve-se presentemente a uma rua extensa, larga e de alinhamento recto, tendo ao fundo a tradicional capella de N. S. da Assumpção, isoladamente construida, correndo aos lados duas travessas que vão ter a um pontilhão que dá passagem para a praça do Derby. Essa rua fica já nos limites da parochia da Bôa-Vista com a da Graça. Em 1630 constituia a localidade com suas terras adjacentes um grande sitio com casas de vivenda, pertencente a João Velho Barrêto, abastado colono e de prosapia illustre; e dando-se naquelle anno a invasão hollandeza, foi o sitio occupado por uma força sob o commando do bravo capitão Antonio Ribeiro de Lacerda, com o fim de tomar ao inimigo as entradas e sahidas da praça do

Recife; já por elles occupada. Pouco depois desta occupação do sitio do Barrêto, foi Lacerda removido para outro ponto, sendo substituido por Luiz Barbalho Bezerra, com outros capitães e alguns indios. Quando, em 1645, rompeu a guerra contra o invasor hollandez, e no intuito de pôr-se em rigoroso assedio a praça do Recife, creou-se varias estancias ou pontos fortificados e de guarnição militar, sendo um desses pontos o sitio de João Velho Barrêto; foi confiada a sua defesa ao valoroso preto Henrique Dias, com toda a gente do seu commando, occupando elle umas casas que alli encontrou abandonadas, pertencentes a um flamengo de nome Gile Van Ufel, umas das quaes havia uma especie de torre a praça do Recife e as suas cercanias, sendo, portanto, esse presidio militar um magnifico ponto de estrategia e de observações. Não só por essa importante posição que occupava a *Estancia de Henrique Dias*, como desde então ficou-se chamando a esse posto militar, como ainda pelos damnos que causava ao inimigo a viva opposição que fazia ás suas communicações com o interior do paiz, e ao mesmo tempo interceptando a passagem de viveres para o abastecimento da praça, foi a sua posse muito disputada pelos hollandezes, mas sempre repellidos pela nossa gente, com muita vantagem de sua parte. Entretanto, para não descermos a minudencias sobre todos esses feitos, codificados já em nossa historia, destacamos dentre elles, apenas, o de 1648, não só por ser mais notavel, como porque a elle se prende a origem do modesto mas significativo monumento christão que campêa na localidade,—a tradicional capella de N. S. da Assumpção. Effectivamente, não confiando mais o general em chefe do exercito hollandez no valor de seus officiaes subalternos por um novo e decisivo ataque sobre tão importante e disputada situação, parte á frente de 2.000 soldados escolhidos e ataca com furor a Estancia de Henrique Dias. Prevenido, como sempre estava, empenha-se na defensiva com todo o ardor e intrepidez, e depois de uma lucta renhidissima, quando talvez as suas armas iam sómente conquistar as palmas da victoria, recebe um numeroso reforço das estancias vizinhas, e, tomando então a offensiva, atira-se intrepidamente sobre o inimigo, que, depois de uma viva refrega, foge em vergonhosa debandada, deixando 50 mortos, e mal podendo conduzir o grande numero de feridos na acção, como uma nota particular desse bello feito de armas, que tanto abateu o orgulho do general hollandez Sigismundo Van Scoppe, refere um chronista do tempo, que os pretos soldados de Henriques Dias, no calôr da sua alegria feroz, decapitavam os cadaveres dos inimigos mortos na batalha, e expunham as cabeças espetadas nas pontas das suas lanças, afim de aterrarem os hollandezes, e, algumas vezes, iam pelas portas dos moradores, com tão horrivel espectaculo, pedir-lhes o premio do serviço que lhes prestaram matando aquelles cujas cabeças apresentavam espetadas. Em acção de graças pelas victorias ganhas na sua Estancia, consagrou Henrique Dias á Nossa Senhora da Assumpção uma capellinha que fundara nas fronteiras da mesma Estancia e que se erguia no proprio sitio em que se travara aquelle tão memoravel combate. A metropole com a noticia da evacuação hollandeza, não sómente de Pernambuco, como tambem de todo o territorio a que se extendera a dominação batava no Brasil, baixou, entre outros actos conferidos, graças e recompensas aos seus heróes, o Decreto de 29 de abril de 1654 mandando—que se repartisse pelos soldados as terras, que de qualquer maneira lhes pudesse pertencer nas capitanias do norte, que occuparam os hollandezes. Em virtude deste acto regio

baixou o governador Francisco Barreto de Menezes uma provisão em 26 de abril de 1656, pela qual, *tendo respeito aos muitos merecimentos, que o governador Henrique Dias tinha grangeado em servir á corôa de Portugal nas guerras do Estado*, lhe fez doação em nome de S Magestade—das casas que foram do flamengo Van Ufel, bem como das olarias que foram de Gaspar Coque e todas as terras annexas a ellas junto ao rio Capibaribe, até a ilha de Santo Antonio, bem assim as terras que serviram de cemiterio dos judeus, — pouco mais ou menos no logar hoje denominado *Coêlhos*. Anteriormente a esta doação, e quando, talvez, o illustre chefe negro tinha de emprehender a obra de construcção da capellinha que levantara nas fronteiras de sua Estancia, solicitou e obteve de el-rei D. João IV a concessão de uma data de terra para a fundação do monumento, de cuja época e extensão nada se sabe. Levantada a capella, em 1646, para celebração dos exercicios religiosos, como se vê do livro de Calado, *O Valeroso Lucideno*, em pleno periodo da campanha, não foi possivel construir-se um edificio duravel, e assim, em pouco tempo de trabalhos, viu-se alvejar no meio do basto arvoredo da Estancia uma simples capellinha de taipa coberta de telhas, em cujo frontão campeava o lábaro redemptor. Essas telhas, como refere o mesmo Calado, foram tiradas e conduzidas com grandes riscos da casa de uma olaria que havia junto ao cemiterio dos judeus, que ficava na altura dos Coêlhos. Terminada a campanha, permaneceu a tropa do commando de Henrique Dias nos seus quarteis da Estancia, e tinha ella sob o seu zelo a modesta capellinha, em cujo recinto eram sepultados os seus mortos. O dia 15 de agosto, em que a igreja celebra a Assumpção de Nossa Senhora, padroeira da capella, era sempre celebrado com apparatosa festa; mas, arruinando-se o modesto santuario, e de modo a não prestar-se mais á celebração dos actos religiosos, resolveram os officiaes e praças do *Terço dos Henriques*, como se ficou chamando ao batalhão da gente preta, em homenagem á memoria do seu organizador e primeiro commandante o mestre de campo Henrique Dias, construir um monumento solido e duravel, que attestasse, não só a sua piedade christã, como ainda servisse de padrão das suas glorias militares na campanha da restauração de Pernambuco. Henrique Dias pouco sobreviveu á victoria, e morreu tão pobre, que as despezas do seu enterro e funeraes, na importancia de 48$720, foram pagas pela Fazenda Real por ordem do governador Brito Freire; e portanto, não teve tempo e recurso para emprehender a reconstrucção de um novo templo. O seu successor no commando dos *Henriques*, o mestre de campo Antonio Gonçalves Caldeira, nomeado em 1765, nada fez nesse particular; porém, passando o commando, por sua morte, á José Luiz Soares, tomou este ao seu empenho a erecção do monumento, e para este fim dirigiu uma supplica ao Rei, concluindo por pedir-lhe — uma esmola para a dita obra, — uma imagem de Nossa Senhora, e um ornamento para a egreja, — cuja petição veio a informar ao governador, por carta regia de 25 de fevereiro de 1688. Sem resultado algum similhante appello, dirigiram-se de novo ao soberano os officiaes e soldados, allegando, que—pela pobreza com que fôra a capella fabricada, estava no chão, por ser de terra e barro, e que nella estavam sepultados os corpos daquelles valorosos soldados, que com tanto zelo, valor e lealdade souberam dar as vidas e sangue pela corôa; e por não poderem festejar nella a sua padroeira, viviam muito desconsolados, porque além de não terem os ornamentos necessarios, tambem pela ruina em que estava a dita capella não tinham aonde ouvir missa, e, assim, pediam que se lhes mandasse

dar uma ajuda de custo, ou lhes mandasse fazer outra capella de pedra, bem como outra imagem e os ornamentos necessarios.—Esta petição veio a informar ao governador por carta regia de 14 de janeiro de 1694, porém nada conseguiram da munificencia regia os valorosos Henriques. Tomando conta do commando do regimento o mestre de campo Domingos Rodrigues Carneiro, dirigiu-se de novo ao Rei fazendo-lhe iguaes ponderações e iguaes pedidos, e mais feliz que os seus antecessores, teve em resposta a resolução communicada ao governador, por carta de 14 agosto de 1803, ordenando-lhe que, das sobras dos dizimos se fizesse a obra de reconstrucção da capella. Com similhante promessa, e havendo já algumas esmolas angariadas, deu-se logo começo á construcção da igreja, com dimensões superiores á primitiva: e, avançando um pouco mais do local em que fôra ella levantada, a isso se oppoz o governador, e escrevendo para a côrte justificou o seu acto ponderando que «o mestre de campo Rodrigues Carneiro pedia que lhe mandasse fazer maior obra da que no reino expoz que lhe era necessaria, pois pretendia que lhe fizesse uma igreja a que se tinha dado principio adiante da capella velha, cuja despeza importaria em mais de seis ou sete mil cruzados; e que esta obra se podia escusar, pois os soldados do terço da gente preta estavam addidos a outras parochias, e que na Estancia só assistiam seis ou sete officiaes do dito terço.»—Apezar disso, porém, respondeu-lhe el-rei por carta de 11 de agosto de 1704, determinando-lhe *que se cumprisse o que tinha ordenado sobre a reedificação da capella.* Não tendo execução aquellas ordens, recorrem de novo os Henriques ao rei e este baixa uma outra autorização por carta de 11 de outubro de 1707, mas determinando *que se reedificasse a igreja velha em execução da ordem de 18 de agosto de 1704.* A este novo embaraço oppoz-se o mestre de campo, do que resultou que nem se reconstruiu a igreja velha, e nem se proseguiu nas obras da nova, apenas começadas. Decorridos alguns annos nessa indecisão, resolveu o governador Sebastião de Castro e Caldas examinar, por si proprio, o estado da antiga capella, e as obras de construcção da nova igreja, fazendo-se acompanhar do capitão engenheiro da capitania e de alguns profissionaes, de cujo resultado deu contas ao governo da metropole, ponderando que, pelo estado de ruinas em que estava a capella velha era necessario fazer-se toda de novo, com o que se dispenderia a quantia de 600$000; e que mandando orçar as obras a fazer-se com as paredes de pedra e cal da igreja, começada pelos pretos, calculara-se a sua importancia em 2.000 cruzados, e que executadas essas obras por conta da fazenda real, os mesmos pretos tomariam á sua conta as de madeira, coberta e conclusão do templo. Ponderou, emfim, o governador, que de accôrdo com os referidos profissionaes lhe parecia — ser mais conveniente acabar-se a igreja nova do que reedificar-se a velha, assim pela pouca differença que ia de uma despeza a outra, como por ficar no mesmo sítio onde se achavam vivendo muitos dos ditos pretos, seus officiaes e grande numero de moradores no seu districto: — entretanto, por ficar a localidade muito unida á praça do Recife, suspendera a execução das referidas ordens reaes, até que s. magestade tomasse a resolução que fosse servido. Essa resolução não se fez esperar muito, e effectivamente, *attendendo el-rei a outras razões*, respondeu, por carta de 13 de maio de 1709 declarando que, sendo a igreja nova capaz de parochia, e assignando os officiaes e praças termo pelo qual se obrigassem a cumprir não só a sua proposta como tambem ao consentimento de servir a igreja de matriz se de futuro fosse a localidade erecta em freguezia, mandasse continuar as referidas obras de

paredes, correndo as demais por conta dos referidos pretos. Parecia a todos, que em observancia da citada ordem, e do competente termo lavrado na provedoria da Fazenda Real, em 16 de setembro de 1716, pelo qual se obrigaram os pretos ás clausulas impostas, que as obras da capella continuariam até a sua almejada conclusão. Entretanto decorreram ainda longos annos sem nada se fazer, de sorte que, ainda por cartas de 17 de maio e 17 de agosto de 1727 dirigidas ao governador, ordenava el-rei — que pelo rendimento da dizima da alfandega, mandasse reedificar a obra da capella que fez na sua Estancia o mestre de campo Henrique Dias, pondo-se em prégão pelo provedor da Fazenda Real a dita obra, e arrematando-se a quem a fizesse com maior segurança e mais commodos á mesma fazenda. Estas ordens nada adiantaram e nem resolveram a questão, uma vez que a *delenda Carthago* dos Henriques era a conclusão das obras da igreja nova, por elles começada e não a reconstrucção da antiga. Entretanto, parece-nos que conseguiram elles o seu intento, baixando ordens positivas a respeito, concluindo-se as obras de construcção da igreja no anno de 1748, depois de mais de meio seculo de supplicas á realeza e de encontradas resoluções sobre o assumpto, uma vez que em 27 de abril daquelle mesmo anno de 1748, firmaram elles um novo termo na Secretaria do Governo, igual ao que se lavrou em 16 de setembro de 1710, isto é, — obrigando-se a ceder a capella para servir de matriz, se porventura fosse creada uma parochia na localidade, como determinava a carta régia de 13 de maio de 1709. Uma coincidencia digna de nota: a *Capella de Nossa Senhora da Assumpção das fronteiras da Estancia de Henrique Dias*, como se denomina, ficou concluida, exactamente, um seculo depois do memoravel combate, travado na propria situação, no anno de 1648, como vimos, e de cuja victoria serve de monumento commemorativo, levantada como foi em sua origem, em acção de graças, por tão assignalado feito de armas contra o batavo invasor. Concluida a igreja, convenientemente decorada e installados os exercicios do culto divino, ficou a sua administração entregue ao commandante e officiaes do terço da gente preta, denominado dos Henriques, sob os quaes permaneceu até a extincção do mesmo terço, passando dahi por diante a individuos nomeados pelo juiz de capellas, mas sempre homens pretos. De accôrdo com esta praxe, foi talvez primeiro administrador da capella o tenente-coronel Duarte Gomes de Figueiredo, commandante do quarto batalhão de Henriques, succedendo-o no encargo em 1828 o sargento-mór Francisco de Mello, homem respeitavel e de quem faz as mais honrosas referencias pelo seu caracter e serviços o autor da obra *Os Martyres Pernambucanos*, tratando em artigo especial da sua attitude na revolução separatista de 1817. Em 1831 essa posse lhe foi disputada por José Izidoro da Silva, que chegou a conseguir do juiz de capellas uma Provisão para tomar conta da administração da igreja, porém recorrendo o major Mello para o Tribunal da Relação, triumphou a sua causa, mandando-se-lhe, por accôrdo de 23 de agosto, dar posse á dita administração. Perseguido o major Mello como implicado na revolução conhecida por *Guerra dos Cabanos*, e por isto deportado para o presidio de Fernando de Noronha, em 1834, lançou mão José Izidoro da referida Provisão, já revogada pelo accordão da Relação, e tomou conta da administração da capella. Mas, em 1836, de volta do seu desterro, reivindicou o major Mello a usurpada posse, não sem resistencias por parte de José Izidoro, encontrando então falta de diversas alfaias, imagens e moveis que elle havia retirado para a Igreja do Rosario da Bôa Vista, pelo que foi processado, si bem

que absolvido pela Relação. O major Francisco José de Mello conservou-se ainda por muitos annos na posse da administração da capella, até que por sua morte resolveram os poucos officiaes e praças que restavam do extincto regimento dos Henriques, reunidos com outros homens pretos, installar uma irmandade que se incumbisse do encargo da administração da egreja e da sustentação do culto, o que effectivamente realizaram. O seu primeiro compromisso approvado em mesa geral de 16 de abril de 1854 e depois pelas competentes autoridades, prescreve que a irmandade, composta de homens pretos, admittirá tambem a brancos, mas sem o direito de voto e de elegibilidade para os cargos da sua mesa administrativa. A festa da padroeira, desde muito celebrada no dia 2 de fevereiro, foi mantida pelo compromisso, prescrevendo porém a celebração de uma missa cantada no dia 15 de agosto—em acção de graças pela victoria que alcançou o fundador da capella, o mestre de campo Henrique Dias, na batalha ferida contra os hollandezes, no proprio local do templo, em 1648,—e um memento solemne no dia de finados por alma do Imperador D. Pedro I e pela do fundador da capella. Nos tempos do imperio gozou a capella do titulo honorifico de Imperial, e a irmandade conferiu ao imperador e ao principe herdeiro da corôa o titulo de juizes perpetuos e protectores, e tomou a obrigação de conservar sempre com o maior zelo os retratos da familia real de Bragança, existentes na capella mór,—em agradecimento á doação obtida, em 1734. Consta, porém, que a irmandade está decadente, que desappareceu o seu pequeno patrimonio, e a capella, bastante arruinada, não tardará muito em desapparecer, si mãos zelosas não tomarem a si o patriotico encargo de salvar esse respeitavel e tradicional monumento, attestado do valor e heroismo de um punhado de homens valentes e destemidos, cujos feitos tanto illustram as paginas dos nossos annaes consagradas ás lutas contra o batavo invasor, as quaes se desenrolam no glorioso periodo que vem de 1630 e termina em 1654.»

Estatua — Enseada na ilha Fernando de Noronha na parte merid. da mesma.

Estica — Eng. em territorio do mun. de Bezerros.

Estiva—Engs. dos muns. do Bonito e de Jabotão.

Estiva — *Engenho* — Na freg. de Una, mun. do Rio Formoso, tem uma capella de N. S. da Conceição. No mun. do Brejo, dist. da Serra do Vento, existe tambem uma engenhoca com esse nome.

Estiva— *Riacho*— Corre no mun. do Bonito para o rio Una.

Estiva do Sapé—Eng. que pertence ao mun. do Bonito.

Estivas — Eng. situado no mun. do Cabo.

Estivas—*Logarêjo*—No territorio do mun. de Olinda.

Estoque — *Lagôa* — Existe, assim chamada, uma no mun. de Granito.

Estourada—*Serra*—No mun. de Canhotínho.

Estrada Nova—Logar na freg. da Graça, mun. da capital, onde a viaferrea do Recife a Olinda e Beberibe (ramal deste nome) tem uma estação no kilm. 4,578ᵐ do Recife, entre as da Encruzilhada e Agua Fria.

Estrada Nova — Denominação que tem a estrada de rodagem do O, desde seu começo na Magdalena, até encontrar a povoação de Caxangá, sendo em toda essa trajectoria recta, bastante larga e povoada de ambos os lados de sua marg. Na extensão a que nos referimos tem 6,300ᵐ e contém os seguintes povoados, os quaes todos têm as seguintes estações da E. F. do Recife á Varzea e Dous Irmãos:—do Zumby, do Cordeiro, de Ipotinga e Caxangá. A parte correspondente—de Magdalena ao Cordeiro pertence á freg. de Afogados e é limitada pela bomba do riacho Cordeiro; e a outra á freg. da Varzea.

Estrago—*Logarêjo*— Situado no mun. do Brejo, distr. da cidade, no mesmo ha uma engenhoca.

Estrago—*Serra*—Está collocada no mun. do Brejo e corre na direcção N a S parallelamente á do Prata, e proxima á cidade, séde do mesmo mun. Dão-lhe a altitude de 1,223^m.

Estreito—*Povoado* — Situado no mun. da Bôa Vista a 102 kilms. da séde.

Estreito — *Logarêjo* — No territorio do mun. de Taquaretinga.

Estreito—*Riacho*—Nasce e corre no mun. de Taquaretinga, derramando no Queimadas, no logar Matheus Vieira.

Estreito da Serra—No espinhaço da serra das Russas, mun. de Gravatá. A 18 kilms. d'esta cidade existe um logar assim denominado, que, póde-se affirmar, é uma bella obra da natureza. Forma-o um paredão apertado que se eleva a mais de 120^m, acabando no alto com uma largura de 4^m. As aguas dos rios Ipojuca e Capibaribe são divididas por essa serra. Quasi junto ás suas encostas existe uma grande pedra lapidada, onde collocaram uma inscripção, a qual se acha em estado inintelligivel, devido ao perpassar devastador dos tempos, e ainda á antiguidade que demonstra ter; apenas observa-se uma ou outra lettra e alguns algarismos dispersos. Attribue-se, talvez com fundamento, aquella inscripção a algum explorador na época do Brazil colonial. Em baixo nos valles existem arvores gigantescas que, observadas do alto, têm a semelhança de insignificantes arbustos.

Estrella d'Alva—Eng. do mun. de Palmares, districto de Preguiças.

Estrella do Norte —Eng que pertence ao mun. de Páo d 'Alho.

Estrella do Norte— *Engenho* —No mun. de Palmares, Preguiças, a 10 kilms. ao NE.

Estrelliana—*Usina*. Situada no mun. de Gamelleira, á marg. da linha ferrea, e ao NE da séde, entre as estações Gamelleira e Ribeirão e no kilm. 90. A pequena distancia fica-lhe o eng. Amaragy d'Agua.

Eulalïa ou S. Eulalia — *Engenho* — No distr. de Catende, mun. de Palmares.

Extrema—*Povoação* — No mun. de Gamelleira, tem uma cap. dedicada á S. José, situada em terreno alto e dista 18 kilms. da séde.

Extrema—*Lagôa*—No mun. do Limoeiro ao S da séde. Fica nas confinações com o mnn. de Bezerros.

Extremôso—Eng. encravado no mun. d'Amaragy.

Exú—*Villa*—Séde do mun. do mesmo nome e da freg. do Senhor Bom Jesus dos Afflictos do Exú.

HISTORICO—Começou a povoar-se no principio do seculo XVIII, nas excursões que faziam os indios localizados alli, da tribu *Ançu* para a fazenda Torre, á marg. do rio S. Francisco, habitada por proprietarios bahianos. Então, os mesmos indios, familiarizados com os vaqueiros d'aquellas fazendas, os levaram um dia ás suas *tabas*, donde regressando á fazenda Torre declararam a seus amos que, na encosta da serra do Araripe, parte opposta ás mesmas fazendas e lado N, muitas fontes e vertentes diversas d'aguas excellentes existiam, e bem assim terrenos, os melhores para a criação e agricultura que tinham os referidos indios. Uma visita dos fazendeiros áquellas excellentes paragens os fez se transferirem para os indicados sitios. Não muito depois disso chegaram uns frades jesuitas, e installaram um hospicio, onde permaneceram muitos annos, apenas hoje restando do mesmo os vestigios, e ergueram uma capellinha ao Senhor Bom Jesus dos Afflictos. Desse concurso de factos em breve estava constituido um nucleo de população e em 1734, segundo consta dos livros da parochia, por provisão do Diocesano D. Frei José Fialho foi erecta em freg. A Lei Prov. n. 150 de 30 de Maio de 1846 elevou-a á categoria de villa; a

de n. 249 de 18 de Junho de 1849 transferiu a séde do termo para a pov. de Ouricory; a de n. 442 de 2 de Junho de 1858 restaurou-a na categoria de villa; a de n. 520 de 13 de Maio de 1862 annexou-a á com. de Cabrobó; a de n. 548 de 9 de Abril de 1863 transferiu a villa para a pov. de Granito; a de n. 608 de 3 de Abril de 1865 transferiu tambem a séde da freg. para Granito; a de n. 1,042 de 13 de Maio de 1872 tornou a consideral-a séde de freg. e a de n. 1,135 de 30 de Abril de 1874 restaurou-a na categoria de villa; a de n. 1.591 de 21 de Junho de 1881 elevou-a a com. e a de 1,725 de 23 de Abril de 1883 rebaixou-a d'esta ultima classificação. O mun. foi installado em 7 de Junho de 1875. Em virtude da Lei Organ. dos muns., n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se autonomo em 9 de Julho de 1893, sendo eleitos para o 1° governo do municipio: Prefeito Manoel da Silva Dias Parente e sub-prefeito Henrique Dias Parente; Conselho Municipal — Tenente Francisco Ayres de Alencar Araripe, Capitão Vicente Ulysses de Oliveira e Silva, João Carlos de Alencar Araripe, João Arnaldo de Castro Alencar, e Lourenço Geraldo de Carvalho.

Posição astronomica — Está a 7° 46' e 35" de latitude S, e a 3° 13' de long. Orient. do Rio de Janeiro.

Dimensões do territorio — O municipio de N a S tem 60 kiloms. e de L á O 65.

Aspecto e natureza do sólo — Na parte septentrional e occidental o sólo é montanhoso; no lado oriental tem ligeiras elevações, e ao S o terreno é mais baixo e possue grandes porções de planura.

Clima e salubridade — O clima é secco, de calor brando durante os dias, e as noites de temperatura suave, mas de uma atmosphera muito pura, que o torna sobremodo saudavel, quer na séde do mun., quer nos demais logares.

Limites — Confina: ao N com o Estado do Ceará, na freg. do Crato, pela serra do Araripe; a L com a da Barra do Jardim, pela serra do Araripe tambem; ao S com o mun. de Granito, começando de Santo Amaro do Carrancudo a seguir pela estrada de Ouricory, tocando nas fazendas Madeira, Caiçára, Belleza, Jacú, Carambolas e Bodocó até o riacho d'este nome, ficando para Granito as casas dessas fazendas situadas no lado meridional, e para o Exú as da parte septentrional, dividindo ainda com o mun. de Ouricory, pelo riacho Bodocó acima, até o Sacco de Santo Antonio, que pertence ao Exú; e a O com o mun. de Ouricory, pela serra do Araripe, e com a freg. do Brejo Grande, no Estado do Ceará, pela referida serra.

Divisão — Compõe-se de tres districtos municipaes, sendo a séde do 1° a villa do Exú, a do 2° o povoado Tabocas e a do 3° o pov. Bom Jardim. Fica na actual divisão eleitoral comprehendida no 3° districto; e ecclesiasticamente tem uma só freg.

População — O mun. possue uma população provavel de 8,000 habs.

Topographia — A villa do Exú fica situada numa planicie, no sopé da serra do Araripe, a 631m de altitude, perto das vertentes do riacho Brigida e quasi circumdada de serras. E' pequena a povoação e na mesma está a egreja matriz, tem um cemiterio, uma agencia do correio, escolas publicas, insignificante commercio, uma feira semanalmente, etc.

Povoados — *Alagôa de Cavallo*, a 18 kilms. da villa, possue uma cap., cuja inv. é N. S. da Conceição; *Araripe* na distancia de 42 kilms., com uma cap. votada a S. João Baptista; *Bom Jardim*, tambem com uma cap., sob a protecção da Virgem da Conceição, a qual foi erecta com o auxilio popular, demorando o pov. 60 kilms. da séde do mun.; e *Tabocas*, a 15 kilms. a O.

Orographia—As serras do mun. são: a do Araripe, ramo da cordilheira da Borburema, que divide o mun. com o Estado do Ceará; e depois pequenas outras como Ory, Jaboticaba, etc.

Hydrographia — Existe o riacho Brigida, que nasce na serra do Araripe e vae derramar no rio S. Francisco, depois de 140 kilms. de extensão; e ainda os riachos — Bodocó, Tabocas, Maniçoba, Madeira, Exú, Genipapinho e alguns outros.

Producções — São as seguintes: o algodão, o café, a canna, e optimas madeiras de construcção.

Curiosidades — No logar Brejo de Santo Antonio, um pouco adiante de uns olhos d'agua alli existentes, encontram-se lettreiros gravados em lages, por mãos ignoradas, até hoje, os quaes chamam a attenção de quem passa n'aquelle sitio – «Na Serra do Araripe, parte comprehendida no mun. do Exú, dizem haver uma corrente de ferro, pendente e pregada, por um espigão, á uma gamelleira, nascida á beira de um lagêdo, a qual se desvia para o mesmo; e, onde é a ponta da corrente, está um quadro de 44 cintimetros, feito na pedra, dentro do qual se vêm as seguintes letras: — X. N. J. B. — D'elle sahe um risco comprido até perto da extremidade da lage, e nesta extremidade apparece uma fórma cavada na pedra, á maneira de um braço, do cotovêllo para a mão, assentada de costas, e dedos esculpidos apontando para a parte da terra.»

Reinos da Natureza — O reino animal é abundante, especialmente de caças, de aves como papagaios, periquitos, tétéos, seriêmas e dos demais animaes que se encontram nos muns. limitrophes. O reino vegetal possue muitas plantas medicinaes, madeiras de diversas especies, etc. E o mineral affirmam conter grande quantidade de ferro na serra do Araripe.

Industria, commercio e agricultura — Nenhuma industria, commercio insignificante, pequena agricultura de generos, que são consumidos na propria localidade, sendo, porém, suas terras muito boas para a cultura do algodão; plantação de café nas fraldas da serra do Araripe, 18 engenhocas de rapadura e mais de 100 casas de fazer farinha.

Vias de communicação — Sua communicação directa é — com as villas de Ouricory, Granito e cidade do Crato no Ceará, por caminhos communs; o melhor meio de transporte é fazer a viagem em cavallo.

Instrucção e adiantamento moral — A instrucção publica n'esse municipio é distribuida sómente por tres escolas primarias; e, portanto, como bem se vê, ha muito atrazo intellectual e moral.

Distancias—Dista a villa do Exú da cidade do Recife 845 kilms., de Ouricory 60; de Granito 45; de Salgueiro 120; de Petrolina 370; da Bôa Vista 230; de Cabrobó 132; de Garanhuns 582; de Pesqueira 502; da Estação da E. F. Limoeiro 754, e de Taracatú, estação de Jatobá, 346.

Exú—*Logarêjo*—Ao sul da cidade do Buique, a cujo mun. pertence.

Exú—*Serra*—Ao S da cidade do Buique, ao NO da de Aguas Bellas, fica nos limites desses dous muns. Está a 632m acima do nivel do mar e é sedimentaria, como affirma o Dr. J. M. da S. Coutinho.

Exú — *Serra*—Situada no mun. do Brejo da Madre de Deus.

F

Facão—Eng. situado no mun. de Nazareth, freg. da Vicencia, a 10 kilms. á léste da séde.

Falcão—*Engenho*—No mun. de Nazareth, freg. de Lagôa Sêcca.

Fanal de Luz—Eng. no 1º districto de Palmares.

Fagundes — *Riacho* — Corre no mun. de Flôres.

Fantasia — *Riacho* — Corre no mun. da Gloria de Goitá para o rio deste nome.

Farias—*Riacho*—Banha o mun. de Bom Conselho e vai despejar no Arabary, Novo que é affl. do Balsamo e este do rio Parahyba.

Farinha — *Serra* — No mun. de Tacaratú, corre junto com as da Juliana, do Brejinho e do Brejo.

Fazenda Grande—Antiga denominação da actual villa de Floresta. Vide FLORESTA.

Fazenda Nova — No mun. do Brejo, distr. da Serra do Vento, existe uma fazenda com aquelle nome; no de Bello Jardim, tambem ha outra e no distr. de Mandassaia encontra-se mais uma.

Feijão—*Riacho*— Nasce, corre e desagua, pela marg. esq. do riacho Quipapasinho ou Panellas, no mun. deste nome.

Feijão—*Riacho*—Corre no mun. de Floresta para o rio Pajehú.

Feira Velha — *Povoação* — Situada no mun. de Itambé; é logar de pouca importancia.

Feitosa — Povoação da freg. da Graça, mun. da capital, marginal á linha ferrea de Olinda, entre as estações de Campo Grande e encruzilhada, onde perto existe a d'aquella estação denominada caminho de ferro, *Hypodromo*, e fica no kilm. 4.691m da inicial do Recife, a 730m da da Encruzilhada e 765m da de Campo Grande. O nome *Feitosa* deriva-se do facto de ter sido o finado Dr. Antonio Vicente do Nascimento Feitósa, pernambucano distincto e notavel advogado e orador, o proprietario do sitio, que hoje retalhado por innumeros donos, o terreno se acha totalmente povoado.

Feiticeiro — Logar do mun. de Limoeiro, á L da cidade deste nome, a 3 kilms. distante e á marg. da E. F. do Recife a Limoeiro, entre esta estação e a do Campo Grande. Houve ahi um eng., do qual apenas hoje restam os vestigios, fundado em 1845 pelo tenente-coronel Severino Alexandre Villarim.

Feiticeiro —*Riacho*— Nasce, na direcção N, de pequenas serras que ficam a uns seis kiloms. distante da sua foz, no rio Capibaribe, correndo o referido riacho em terras do extincto eng. de seu nome. A via ferrea sobre elle tem uma bomba.

Feliciano — *Serra* — A O da cidade de Limoeiro, a cujo mun. pertence, fica situada junto ao pov. Pedra Tapada.

Felicidade — Eng. situado no mun. de Nazareth.

Fernandes — Eng. do mun. de Ipojuca, ficando ao SE e a 11 1/2 kiloms. de N. S. do O' (séde), em linha recta; possue uma capella de N. S. da Conceição.

Fernandes Vieira — *Logarêjo* — Na freg. da Graça, extrema com a da Bôa Vista e proximo ao parque Amorim, no mesmo atravessa uma linha de *bond* que vai terminar na Capunga.

Fernandinho Logar na freg. de Afogados, do mun. do Recife, onde a E. F. Central passa, e fica a 1300 metros da estação do Recife.

Fernando de Noronha — *Ilha* — No meio do oceano, a 300 milhas ao NE da cidade do Recife e a 198 ao NE do cabo de S. Roque, que é o ponto mais proximo do continente, pertence a este Estado. Sobre essa ilha desçamos a detalhes, servindo-nos de varios trabalhos publicados, entre elles os do Dr. F. A. Pereira da Costa, de J. C. Branner, traduzido do inglez pelo Dr. João Baptista Regueira Costa, e os do general J. I de Abreu e Lima, sem, entretanto, afastar-nos do plano até aqui seguido.

HISTORIA — «A data do descobrimento da ilha de Fernando de Noronha é inteiramente desconhecida. A carta régia de sua adopção, firmada em 16 de Janeiro de 1503, em favor de Fernão de Noronha, que *novamente* a descobrira, indica não só que a ilha fôra descoberta entre os annos de 1500 a 1503, como ainda não ter sido seu primeiro descobridor o referido Fernão de Noronha. O Visconde de Porto Seguro conjectura, porém, que esse acontecimento tivesse logar pela festa de São João (24 de junho de 1503,) pelo que seu descobridor a denominara *Ilha de São João*. E' este um dos pontos da nossa historia de difficil elucidação, pela falta de documentos exactos e positivos. Um outro ponto ainda por elucidar é: si a ilha de que falla Americo Vespucio na carta que dirigiu ao Gonfaloneiro de Veneza, Petro Odorine, escripta em Lisboa em 4 de Setembro de 1504, é, effectivamente, a de Fernando de Noronha, embora a pluralidade de nossos escriptores opine pela affirmativa. Americo Vespucio, narrando sua terceira viagem ao Brazil, em 1503, diz o seguinte: «*E partindo d'aqui* (refere-se á serra Leôa), *pelo SO, quando teriamos andado bem 300 leguas pela immensidade deste mar, estando já além da linha equinoxial 3° para S, descobriu-se uma terra, de que então podiamos estar 22 leguas, o que nos serviu de maravilha; achando que era uma ilha no meio do mar, extremamente alta e notavel, por não ter mais de duas leguas e uma de largo, e nunca foi habitada por gente alguma. O capitão-mór me mandou* com a minha náo áquella ilha, *em procura de algum surgidouro, onde pudessemos ancorar todos os navios. E achei nella um bello porto, onde seguramente podiam ancorar todas as náos. Esta ilha é deshabitada, tem muitas aguas doces e correntes, infinitas arvores e innumeraveis aves maritimas e terrestres, tão simples que se deixaram apanhar á mão, e assim caçámos tantas, que carregámos um batel d'ellas; não vimos outro animal senão ratos muito grandes, lagartos com duas caudas e algumas serpentes.*» Effectivamente a ilha de que falla o navegante florentino, que ligou seu nome ao Novo Mundo, não póde ser outra sinão a de Fernando de Noronha. Por carta de 16 de Janeiro de 1504, El-Rei D. Manoel conferiu a Fernão de Noronha, fidalgo da casa real, a capitania da ilha de S. João, que *novamente a descobrira,* cujos direitos e jurisdicção lhe caberiam a todo tempo em que fosse povoada a dita ilha, mercê esta que, por seu fallecimento, passaria a um de seus filhos; e por carta de 24 do mesmo mez e anno, fez-se-lhe ainda a mercê da doação da mencionada ilha, mediante arrendamento—para nella lançar gado e a romper e aproveitar, segundo mais lhe aprouvesse—com a clausula, porém, de ficar reservado á corôa as especiarias—drogarias e productos de tinturaria, e o 4° dizimo de

tudo o mais, sem mais outra imposição. Em 20 de maio de 1559 El-Rei D. Sebastião confirmou, em favor de Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto do 1º donatario da mesma ilha, Fernão de Noronha, a doação que fôra feita por El-Rei D. Manoel, da ilha de S. João, outorgando-lhe El-Rei nova carta de doação, com todas as clausulas concedidas aos outros donatarios, incluindo as respectivas aos indios, apezar de não haver nenhum na dita ilha; e ainda por carta de 8 de Janeiro de 1693, ratificou D. Pedro II ás anteriores doações por successão, em favor de João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha, *donatario que foi da ilha de S. João*. E' este o ultimo documento que se encontra com referencia aos direitos dos donatarios sobre a ilha de S. João, hoje Fernando de Noronha, em virtude do nome de seu descobridor e primeiro donatario. Em 1630, já tinha a ilha o nome de Fernando de Noronha, e, do Diario de Navegação da Armada, commandada n'aquelle anno por Martim Affonso Soares, se verifica esse facto. O 1º donatario e seus successores, diz o Visconde de Porto Seguro, apenas se limitaram ao gozo de se chamarem donos da ilha, pois que nada fizeram, contentando-se de tirar a confirmação em cada novo reinado. Não consta que mandassem colonos, nem gastassem nella cabedaes; porquanto annos depois ainda estava deserta: d'ahi a um seculo alguns viajantes a encontram ainda despovoada, e tambem mais de dous seculos depois, em 1737, estava quasi abandonada. São estas as poucas noticias colhidas sobre essa ilha relativamente ao seculo XVI. Em 1602 sabe-se que havia na ilha, talvez por conta do donatario, apenas um feitor com 13 escravos. Dez annos depois, em 1612, já se encontram dados positivos sobre a mesma ilha, ministrados pelo missionario capuchinho Claudio de Abbeville, um dos expedicionarios francezes da conquista do Maranhão, o qual n'um livro publicado em 1614, descrevendo-a, diz — que na ilha habitava um portuguez, junto com 17 ou 18 indios, homens, mulheres e crianças, para ahi desterrados pelos moradores de Pernambuco, os quaes foram conduzidos pelos expedicionarios, depois da demora de 15 dias que alli tiveram, ficando então a ilha deserta. O acto official que constituiu a ilha de Fernando presidio ou degredo, não é possivel encontrar-se, e pelo proprio Abbeville parece entender-se que n'aquelle tempo já era destinada para tal fim. Em 1629, quando já era sabida em Pernambuco a proxima chegada de uma poderosa armada hollandeza, com o fim de se apossar da capitania, e o general Mathias d'Albuquerque trabalhava nos meios de sua fortificação e defesa, chega-lhe a noticia de que a ilha de Fernando estava occupada pelos hollandezes. Mathias d'Albuquerque, com o fim de desalojal-os, aprestou uma pequena frota composta de 7 caravellões que, partindo do Recife em 19 de Novembro d'aquelle anno, regressou de Fernando de Noronha em 14 de Janeiro de 1630, trazendo comsigo 7 prisioneiros hollandezes. Posteriormente a este revez que tiveram, e quando elles tinham firmado seu dominio em Pernambuco, foi de novo a ilha tomada pelo almirante hollandez Carmeliszoon Jol e occupada pelas tropas de Hollanda. Nada consta que os hollandezes fizessem de importante n'esse logar, pois quasi um seculo depois, quando o governo portuguez mandou expulsar os francezes, e povoal-a, não encontrou o menor vestigio de fortificação, nem de qualquer outra construcção, não obstante a occupação de 19 annos. Em 1654, quando se deu a Restauração, um destacamento militar que alli se achava rendeu-se ao mestre de Campo F. de Figueirôa, incumbido de tomar posse da praça. Em 1694 ou

1695, o governador de Pernambuco, Caetano de Mello Castro, aventou ao governo da metropole a idéa de povoal-a, e ser fortificada, com o fim de evitar as frequentes investidas de navios piratas, para se fornecerem do necessario. Por carta régia de 7 de Setembro de 1696 foi resolvida a questão e tomada a resolução de se mandar povoar a ilha, guarnecendo-a um destacamento de 20 a 30 praças, devendo essa tropa ser enviada de Pernambuco, emquanto não houvesse numero de habitantes sufficiente para se formar as ordenanças com o seu respectivo capitão-mór para tomar a si o serviço da guarnição; que fosse enviado um sacerdote para servir de parocho, comtanto que fosse missionario; que o governador accordasse com a Camara Municipal sobre os meios com que poderia ella concorrer para auxiliar nas despezas necessarias, ordenando antes de tudo ao sargento-mór engenheiro que fosse examinar a ilha para determinar o local mais apropriado á fortificação; e que, emfim, se mandasse ao menos um cirurgião e um sangrador. Essa resolução, porém, não teve execução, e a ilha continuou a ficar abandonada e á mercê dos piratas e aventureiros. Até então a ilha não pertencia positivamente a jurisdicção alguma dos governos do Brazil.

Em 24 de Setembro de 1700 baixou El-Rei D. Pedro II uma carta régia determinando que a ilha de Fernando de Noronha ficasse pertencente á capitania de Pernambuco, donde seguiria o destacamento, para sua guarnição, dous capellães, que alli deveria sempre haver. Um acontecimento grave ia ameaçando a perda irremissivel de tão importante ponto, si o governo não se resolvesse a tomar medidas energicas e promptas no sentido de assegurar á corôa portugueza sua posse. Abandonada a ilha, a Companhia Franceza das Indias Orientaes, vendo o governo occupado com as luctas que sustentava na extremidade meridional do Brazil, julgou azada a occasião para facilmente se apoderar d'ella, e realizou seu intento expedindo uma fragata com sufficiente guarnição. Só em 1736 o governo portuguez teve noticia de todo occorrido, quando os francezes tratavam já de assegurar sua posse, de povoar e de fazer as fortificações necessarias á defesa da ilha. Com o fim de colher informações que habilitassem o governo a providenciar a respeito, o vice-rei do Brazil, conde das Galveas, mandou um emissario á Fernando de Noronha, incumbindo-lhe de observar e informar-lhe quanto encontrasse. O enviado, que chegou á ilha em 28 de Setembro de 1736, regressando, deu conta minuciosa de sua missão ao vice-rei. Effectivamente elle encontrou a ilha occupada por 12 francezes com um cirurgião, que tinham erguido quatro barracas de elegante construcção, para habitação, com suas dependencias e ainda mais feito hortas, plantação de feijão, milho, inhames, tabaco, e de muitas outras plantas do Brazil e da Europa, havendo criação de porcos, de cabras, gallinhas, perús, patos, gansos e de outras aves; não existia obra alguma de fortificação, havendo, porém, alguns materiaes. Com essas e outras informações colhidas, escreveu não só o vice-rei, como tambem o governador de Pernambuco, Duarte Sodré Pereira, ao governo da metropole, inteirando-o, circumstanciadamente, de todo o occorrido. As providencias, porém, foram dadas sem demora e, por carta régia de 26 de Maio de 1737, dirigida ao governador nomeado, Henrique Luiz Pereira Freire, que então ainda se achava em Lisbôa, e lhe foi confiada a incumbencia de desalojar os francezes e de levantar algumas fortalezas para defesa da ilha, mantendo um destacamento capaz de resistir a alguma invasão, emquanto não se resolvia o modo por que devia a ilha ser povoada e fortificada mais regularmente. Essas ordens se deveriam executar sem a menor dilação. Para o bom resultado da em-

preza foram postos á disposição do governador todos os meios necessarios á sua execução, e enviados os petrechos e munições de guerra precisos. Então o governador Henrique Luiz deu as ordens necessarias, preparou uma expedição de 250 praças escolhidas, das da guarnição, fazendo seguir a expedição em 6 de Outubro de 1637, a qual, com poucos dias de viagem, chegou á Fernando de Noronha e effectuou todo o desembarque sem resistencia alguma por parte dos francezes. Lobo de Lacerda deu logo começo ás obras do alojamento para tropas, e immediatamente as de fortificação; de sorte que, no espaço de 8 mezes, tinha concluido a construcção dos fortes dos Remedios, S. Antonio e Conceição. Em 11 de Julho de 1738, Lobo de Lacerda regressou a Pernambuco Apezar de expellidos os francezes da ilha e da sua occupação pelos portuguezes, conjectura-se que a *Companhia Oriental* não abandonara inteiramente a idéa de apossar-se novamente de Fernando de Noronha. Foi n'essa época que teve começo a colonisação da ilha e a remessa regular de uma companhia de qualquer dos dous regimentos de que se compunha a guarnição de Pernambuco, com os respectivos officiaes, sendo o capitão da companhia destacada o mesmo commandante do presidio. Por Decr. de 26 de Agosto de 1755 foi determinado que o cofre do reino de Angola contribuisse com a quantia de 4:000$000 annuaes para as despezas do presidio. Nesse tempo contava a ilha 5 fortificações regulares com 54 canhões, 213 praças, das quaes 19 officiaes, inclusive o commandante. Em 1768 sua população era de 389 pessoas, constante de officiaes, praças, empregados e indios que se occupavam em trabalhos de agricultura. Em 1789 o governo portuguez pretendeu crear na ilha uma colonia agricola, com o fim de tornar menos pesada a manutenção do custeio d'ella, não o fazendo em virtude de ponderações do governador D. Thomaz José de Mello, que não achava conveniente. Em 1795 o governo portuguez, querendo prevenir suas possessões de qualquer ataque de alguns paizes da Europa, incumbiu o governo da ilha ao tenente-coronel Antonio José da Silva, dando-lhe as necessarias intrucções. Em 1817, em missão do governo provisorio da mallograda revolução de 6 de Março, o capitão José de Barros Falcão de Lacerda, ahi chegando, proclamou a revolução e, encontrando franca adhesão, desarmou todas as fortificações e regressou, em 28 de Abril, conduzindo 300 pessoas, entre officiaes, empregados, soldados e sentenciados, trazendo tambem onze canhões e todos os petrechos e munições bellicas, que poude recolher, assim como o archivo do presidio, ficando em Fernando sómente 2 soldados com todas as fortificações, e edificios grandemente damnificados. Restaurada em Pernambuco a autoridade real, pela carta régia de 13 de Agosto de 1817, dando uma nova organização ao estabelecimento, foi creado um nucleo colonial e um serviço regular de pesca. Em 1819 o governador Luiz do Rego Barretto, com o fim de desenvolver alli a agricultura, officiou aos directores das aldeias da Escada e Cimbres, dizendo-lhes que convidassem os indios môços e de boa conducta que quizessem seguir para a mesma ilha mediante a dadiva de *terras de propriedade exclusiva, que passaria a seus descendentes*, sem *ser considerada como propriedade commum*, sendo-lhes dadas e á familia passagem e ração durante um anno. Proclamada em 1822 a independencia do Brazil, a ilha de Fernando, mais de um anno depois, era como que um territorio pertencente á corôa portugueza, onde a bandeira tremulava, se impondo nas ameias de suas fortificações. Então o presidente da provincia, Manuel de Carvalho Paes d'Andrade, para corrigir similhante inconveniente, demittiu o commandante do presidio, nomeando para substituil-o o

coronel Luiz de Moura Accioly, a quem deu instrucções, datadas de 5 de Fevereiro de 1824. D'ahi por diante passou a ser dirigido o presidio pelo ministerio da guerra, sendo transferida, porém, para o da justiça, pela Lei n. 2.792, de 20 de Outubro de 1877, sua administração e custeio. Proclamada em 15 de novembro de 1889 a Republica dos Estados Unidos do Brazil, o Decreto n. 854, de 13 de Junho de 1890, do Governo Provisorio, creou em Fernando de Noronha um logar de Juiz de Direito e outro de promotor, extinctos na organização judiciaria do Estado, em 1892. O art. 2° do Decr. n. 1.371, de 14 de Fevereiro de 1891, declarou o seguinte: « As attribuições conferidas ao Ministerio da Justiça, em relação ao archipelago de Fernando de Noronha passarão a ser exercidas pelo governador do Estado de Pernambuco, desde que este se organizar e emquanto de outra fórma não determinar seu poder legislativo, guardadas as disposições da Constituição Federal e leis do Congresso Nacional. Desde o governo do Dr. Joaquim Corrêa d'Araujo (1895 a 1900) a ilha de Fernando começou a ser unicamente dirigida pelo Estado de Pernambuco. Tem tido a ilha os seguintes commandantes e directores: commandantes —Tenente-coronel João Lobo de Lacerda (1737), ajudante tenente Patricio da Nobrega (1739), coronel João Lobo de Lacerda (1740), capitão Francisco da Silva Soares (1741), capitão José d'Araujo e Aguiar (1770), capitão Feliciano de Torres da Ribeira (1772), sargento-mór Marcellino da Silva Maciel (1773), capitão Francisco Alves de Pugas Junior (1774), capitão José d'Araujo e Aguiar (1774), capitão Bernardo Manoel Guedes (1776), sargento-mór José do Rego Barros (1778), capitão José Barboza de Barros (1780), sargento-mór Alexandre Salgado de Castro (1782), capitão Antonio José Guimarães (1787), capitão José Vaz de Pinho (1789), capitão João Baptista de Souza Padilha (1790), capitão João Ribeiro Pessoa de Lacerda (1791), coronel Antonio José da Silva (1793), capitão Manuel de Mello e Albuquerque (1794), capitão José Vicente da Fonseca Callaça (1796), capitão José Ignacio Cavalcante (1797), capitão Sebastião Marques das Virgens (1798), capitão João Pita Porto Carreiro (1799), tenente-coronel Antonio José Guimarães (1801), capitão José Ferreira dos Santos (1802), capitão Sebastião M. das Virgens (1802), capitão José Joaquim Soares (1803), capitão Antonio J. Correia dos Santos (1805), sargento-mór João Pinto de Souza (1807), capitão Antonio V. Borges da Fonseca (1808), capitão Ignacio Antonio de Barros (1809), capitão José de Barros Falcão (1811), capitão Manuel Soares de Mello (1812), capitão José do Rego Barros (1813), capitão José Marcellino Machado Freire (1814), capitão José Bernardo Salgueiro (1816), coronel de cavallaria Manuel Ignacio de Moraes da Mesquita Pimentel (1817), major Diogo Thomaz de Ruxlebero (1819), major Domingos Alves Branco Muniz Barretto (1820), major Antonio José da Motta (1820), tenente-coronel Thomé Fernandes Madeira (1826), tenente-coronel de milicias Luiz de Moura Accioly (1822), major José Bernardo Salgueiro (1823), coronel de milicias Luiz de Moura Accioly (1824), tenente-coronel Manoel José Martins (1825), capitão de engenheiros João Bloem (1826), major Francisco Felix de Macedo (1829), tenente-coronel de milicias Joaquim da Annunciação de Siqueira Varejão (1830), major Francisco Joaquim Pereira de Carvalho (1832), major de milicias Francisco José de Menezes Amorim (1833), tenente-coronel Manoel José Martins (1834), capitão de artilharia Cesario Mariano d'Albuquerque Cavalcante (1834), coronel Aleixo José d'Oliveira (1836), tenente-coronel Francisco José Martins (1837), major Joaquim Caetano de Souza Couceiro (1840), tenente-coro-

nel Manuel José de Castro (1841), tenente-coronel Antonio Gomes Leal (1843), coronel Francisco José Martins (1845), brigadeiro Francisco Sergio Martins (1847), coronel Cypriano José de Almeida (1849), tenente-coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello (1850), tenente-coronel Francisco Felix de Macedo e Vasconcellos (1852), tenente-coronel José Antonio Pinto (1853), major Sebastião Antonio do Rego Barros (1859), coronel Trajano Cesar Burlamaqui (1861), major Sebastião José Basilio Pyrrho (1862), coronel Antonio Gomes Leal (1863), tenente-coronel Luiz José Monteiro (1864), tenente-coronel José Lucas Soares Raposo (1865), capitão Tiburcio Hilario da Silva Tavares (1867), tenente-coronel Sebastião Antonio do Rego Barros (1867), coronel Francisco Joaquim Pereira Lobo (15 de outubro de 1867), tenente-coronel Sebastião Antonio do Rego Barros (1869), capitão Joaquim Antonio de Moraes (1870), capitão Trajano Alipio de Carvalho Mendonça (1871), tenente-coronel Antonio de Campos Mello (1871), coronel Alexandre de Barros e Albuquerque (1873), tenente-coronel Sebastião José B. Pyrrho (1874), brigadeiro Hygino José Coelho (1875), tenente-coronel Sebastião Antonio do Rego Barros (1875), major José Bonifacio dos Santos Mergulhão (1876), coronel Antonio Eduardo Martins (1876), major José Bonifacio dos Santos Mergulhão (1876), coronel Alexandre de Barros e Albuquerque (1877), brigadeiro Francisco Joaquim P. Lobo (1881), tenente-coronel Manoel d'Azevedo Nascimento (1885), major Antonio Francisco da Costa (interino, 1885), capitão Manoel Gonçalves Pereira Lima (1885), tenente José Ignacio Ribeiro Roma (1885), capitão Joaquim Agripino Furtado de Mendonça (1886), tenente-coronel Luiz Paulino de Hollanda Valença (1889), major Justino Rodrigues da Silveira (1889), capitão Joaquim de Gusmão Coelho (1890), e major João Ignacio Ribeiro Roma, até hoje.

Pertence á freg. de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife, em virtude do acto do Conselho do Governo de 2 de Setembro de 1833.

Posição astronomica — A ilha de Fernando está situada a 3° 55' e 20" de lat. S., e a 10° 45' e 30" de long. Occidental do Rio de Janeiro e 33° e 25' de long. Oriental de Greenwich, ficando por conseguinte, a 9° e 30" ao S. do parallelo da capital do Estado do Ceará.

Dimensões do territorio — A ilha mede, em sua maior extensão de SE a NE, 6 kilms., sobre 3 em sua maior largura, comprehendendo assim uma superficie de 525,644^{m2},6.

Clima e salubridade.—O clima da ilha de Fernando é muito salubre. E' quente e não contém humidade, mas o calor é refrescado pela constante viração que sopra. Pelo verão, diz o Dr. Americo Guimarães,—o tempo algumas vezes obumbra-se, o elemento electrico chega a seu zenith, e então, em meio de crespas procellas que obscurecem o firmamento, as descargas electricas seguidas de tortuosas e extensas scentelhas luminosas que offuscam a vista, retumbam no espaço. Durante esta estação o thermometro de Fahrenheit oscilla entre 77 e 86 gráos, e o calor ás vezes, torna-se mais intenso. Não ha memoria de nenhuma epidemia na ilha. As duas estações do inverno e do verão são perfeitamente caracterisadas; esta revela-se pela falta de chuvas, pelo forte calor solar, pelos frequentes trovões e, emfim, pelo aspecto triste que offerece a vegetação, em grande parte desfolhada e crestada, comprehendendo um periodo que corre de setembro a fevereiro; e aquella, que vae de março a setembro, distingue-se pelas chuvas, pela frieza da atmosphera e pela ausencia de descargas electricas e, emfim, pela verdura, frescura e belleza do campo e das plantas. O *Diccionario de Medicina Popular* do Dr. P. L. N. Chernoviz (vol. I, pag. 319, 6ª edição) fallando desta ilha, diz: —«A ilha de Fernando de Noronha é

batida por todos os ventos que reinam nessas paragens. E' um logar saudavel; não se encontram ahi pantanos, nem lagos; as chuvas são tão raras, que ás vezes faltam por muitos mezes e anno a fio, comtudo ha abundancia d'agua potavel. E' toda formada de rochedos cobertos por uma camada de terra vegetal que, em alguns logares, é tão delgada que não se presta á cultura. Foram mandadas para ahi (em 1881) tres remessas de doentes affectados da epidemia (beriberi), a 1ª de 28, alguns gravemente enfermos; outra de 73, e a 3ª de 15, indo destes ultimos alguns que se consideravam apenas predispostos a adquirir o mal. De tão elevado numero de doentes, succumbiram apenas tres, que foram em gráo muito avançado de padecimentos, os outros restabeleceram-se.»

ASPECTO E NATUREZA DO SÓLO. — Em 1876, diz João C. Branner (trad. do Dr. J. B. Regueira Costa publ. na Rev. do Inst. Arch. Geog. Pern., n. 35): «Visitei Fernando na qualidade de membro da imperial commissão geologica brasileira, e as ligeiras notas que se seguem são as primeiras que se publicam sobre o resultado de minhas repetidas observações acerca de sua geologia. A configuração do fundo do oceano, em torno desta ilha é, porém, digna de nota, por mostrar as relações que prendem o grupo ás outras ilhas do continente brasileiro. Suppunha-se outr'ora que Fernando nada mais era do que a primitiva extremidade NO do continente Sul-Americano, separada hoje do cabo de S. Roque por um canal pouco profundo. As sondagens, porém, têm provado que o grupo de Fernando é isolado e que os canaes que os separam das Rocas, do rochedo de S. Paulo e da terra firme, são profundos.

O canal entre Fernando e o rochedo de S. Paulo tem uma profundidade superior a 14.000 pés, ao passo que entre Fernando e o continente a profundidade é de 13.000. Seis milhas ao NE da ilha as sondagens mostram a profundidade de 6.000 pés, ao passo que na distancia, a SE é ella de 3.150, e a 12 milhas é de 4.920. Este grupo de ilhas, portanto, ergue-se abruptamente do oceano. As correntes e a ressaca que a açoita do L não encontram escolhos nesta direcção, de sorte que ella recebe toda a força das vagas, e por isso está sendo destruida de modo rapido. A ilha é de origem vulcanica, não havendo sobre ella rochas sedimentares. O vulcão que antigamente ahi existiu, ha muito deixou de ser activo e a forte ressaca que constantemente bate sobre a ilha, tem concorrido desde então para fazer desapparecer o cone vulcanico e está agora solapando rapidamente o que restava da ilha primitiva. Além disto, os processos naturaes de desaggregação, apressados e augmentados por uma muito grande precipitação, sobre as rochas, aquecidas em alto gráo pela sua exposição a um sol tropical, têm coberto a ilha de camada profunda, misturada de fragmentos de rocha que obscurecem quaesquer detalhes geologicos sobre sua constructura. A primitiva elevação da parte central tem gradualmente cedido á influencia dessas desaggregações e só restam della o grande pico e outros pormenores para darem uma idéa da antiga elevação do grupo. Uma grande parte da ilha está agora cultivada e os blocos soltos, que aliás poderiam servir de muito para ao menos lembrar qual fôra a antiga distribuição das rochas, esses têm sido tirados dos campos para se fazerem paredões ou muros de pedra, ou utilisal-os no calçamento das estradas e na edificação das casas. As terras que se inclinavam para o mar, em pequeno angulo, têm sido invadidas, solapadas e arrastadas pelas correntes oceanicas; de sorte que a maior parte do interior da ilha se acha como que cercada de uma muralha de altos e alanctilados ro-

chedos; as antigas praias arenosas, que outr'ora bordavam o lado SE e que provavelmente eram guarnecidas de recifes de coral, têm desapparecido quasi completamente. A destruição mais rapida ao longo das praias e a acção mais lenta do tempo no interior, levam-nos a approximar dous typos topographicos: e de facto, basta olhar-se para ambos esses pontos para ver-se claramente que as mais bellas linhas da topographia antiga offerecem um forte contraste com os rochedos mais novos, mais alcantilados e mais angulares, e com as escarpas produzidas pela constante invasão do mar sobre a terra. As melhores e quasi que as unicas rochas que estão em boas condições se acham perto das praias; porém, muitas são de accesso difficil, se não impossivel, por não ser facil navegar-se nas vizinhanças da ilha e por causa da ressaca, que ahi é sempre violenta.

Na base occidental da Atalaia Grande e dos outeiros, apparece o *amphibolo-trachito*, chamado *tauá* por muitos dos habitantes; o *hyalotrachito*, que vê-se principalmente entre a foz da corrente que despeja na bahia de SO, e a antiga fortaleza dos Leões, sendo a rocha de côr branca quasi tão molle como greda e quebra-se em fragmentos irregulares, vendo-se aqui e alli por toda a massa pedaços côr de chumbo. Suppõem os habitantes da ilha ser kaolim e dizem que já foram remettidas amostras delle para a Europa, afim de se experimentar no fabrico da porcellana; e o *phonolito* que compõe a maior parte das proeminencias topographicas isoladas do lado oriental da ilha, com excepção do Morro do Francez, emquanto que as elevações menores o são de alguma variedade de basalto, apparecendo tambem, por vezes, fragmentos soltos de nephilina dolerite, pelos campos do plateau que se eleva acima d'aldeia, sendo essas proeminencias o Pico e a prolongação SO do outeiro de que elle se origina, a Pedra da Conceição, pequena peninsula a NE da aldeia, a Sella Ginêta, o cume e a face SO da Atalaia Grande até o mar, e a Atalaia Pequena e o morro de SE. O Pico é a mais notavel balisa que apresenta o atlantico meridional, tendo a altitude de 332^{m}, e a parte superior de tal fórma perpendicular ou imminente, que torna o cume quasi inaccessivel.

Desde o cimo até á base duas grandes juntas dividem o Pico em tres secções verticaes, e nessas juntas cahem pedaços de pedra que, aquecidos e dilatados durante o dia, pelos poderosos raios do sol, e esfriados e contrahidos pelos chuveiros, ou á noite, pela irradiação, abrem-se em fendas cada vez mais profundas, e assim deixam cahir fragmentos grandes e pequenos. Ha annos o fortim construido perto da base do pico, foi quasi inteirameute demolido por uma grande massa de rocha, que delle cahiu e rolou pelo declive abaixo; noutra occasião um sentenciado, que tinha um pequeno jardim, muito junto de um dos lados da base da rocha, achou-o em uma manhã enterrado sob um montão de pedras. De E ou NE, a parte mais elevada do Pico, apresenta o tosco aspecto humano. A pedra da Conceição nas altas marés é uma ilhota de rocha escalvada a O, exactamente da praia do Cachorro, local de desembarque e proximo á aldeia; seus flancos são alcantilados e escabrosos, e o cume semelhante ao elevado tecto de um edificio gothico. Rochas de typo basaltico formam a grande constructura de Fernando de Noronha; ellas encontram-se em todos os pontos da ilha e em massas de todas as fórmas e tamanhos, desde finos veios até largos lençóes; entretanto, posto que não fosse observado esse typo como phonolitho, em qualquer dos altos picos isolados, comtudo, encontrou-se basalto nephilino no cume do Morro do Francez e augetite nos tufos do lado E daquelle outeiro. Os *Dous Ir-*

mãos parecem feitos de basalto e egualmente o cabo Laja, entre Atalainha e Morro Branco. Os *tufos* manifestam-se pelos lados N e L do Morro do Francez; mas, são especialmente abundantes nas circumvizinhanças da extremidade O da ilha, onde algumas das camadas têm mais de 150 pés de espessura. Do lado L do Morro do Francez, perto da Pontinha, ha grossas camadas de tufo, frouxamente consolidado, as quaes consistem em uma mistura de fragmentos angulares de rochas de muitas especies, que variam em tamanho até o de uma pedra de moinho, e mais ainda; as camadas formam um declive para a praia immediata de rocha solida; este material solto é differente do tufo basaltico, é de um cinzento esverdeado e sem apparencia alguma de estratificação, ao passo que o da Sapata e Capim-Assú é mais ou menos estratificado e pardacento. Os rochedos em torno do Barro Vermelho, e que por uma certa distancia se estendem ao S. da ilha, desde a camada de bombas vulcanicas de Capim-Assú até o Portão ou suas proximidades, são de alguma fórma de tufo; a rocha é branda e avermelhada, e fórma, pela decomposição, uma profunda camada de terreno côr vermelha, que dá seu nome a esta parte da ilha — Barro Vermelho. O logar Sapata, ao O do Portão Grande, é um dos mais interessantes e que mais impressão causa em Fernando. As vagas têm destruido as camadas brandas de tufo basaltico, pardo escuro, que formam aqui a maior parte dos estractos da ilha, restando ahi apenas uma estreita linha de rochedos alcantilados e escabrosos, alguns dos quaes de 80 m. de altura, a cujos pés, cobertos de brechas, quebra se incessante e violenta ressaca. Em certo logar, uma abertura ou tunnel penetrou o isthmo: é este o — Portão Grande dos habitantes de Fernando. As camadas de tufo do Portão são mais homogeneas do que as de Capim-Assú. Cada fragmento, em que ellas se fracturam, pela desaggregação, raramente excede de duas pollegadas de diametro, e a sua superficie descoberta tem uma apparencia granulosa e grosseira; as camadas são regularmente estractificadas e de um material pardo escuro, raiado de listras, umas mais claras e outras mais escuras, superpostas ao tufo ha uma camada de rocha dura, que contém muitos crystaes rectangulares. Esses pedaços de rocha, duros e muito compactos, enchem a pequena depressão ou synclineo aberto no tufo e formam um tecto quasi horizontal para esse tunnel da natureza. O boqueirão triangular entre o tufo e a camada que lhe é superposta, é cheio de fragmentos, irregularmente estractificados. Os muros de rocha do Portão, de uma face a outra, têm, pouco menos, cem pés de espessura, o tecto está cerca de 40 pés acima d'agua nas marés médias e a abertura tem 40 pés de largura. Além das rochas de origem ignea, um grés calcareo occorre ao longo de algumas praias.» (*Geologia de Fernando de Noronha, por João C. Branner, trad. do Dr. João B. Regueira Costa.*)

População da ilha — Conforme o Relatorio de 1904 do Governador do Estado, Dr. Antonio Gonçalves Ferreira, a ilha tinha em fevereiro d'aquelle anno 1.213 almas, 518 das quaes sentenciados civis, 223 militares e 49 deportados.

Topographia — Tem a ilha uma povoação junto a uma pequena enseada, e conta um crescido numero de habitações, em ruas irregulares, havendo entre aquellas as destinadas aos empregados publicos, as quaes são de melhor gosto de construcção, ou as que são para o recolhimento das producções da ilha. Os edificios publicos são: — O *Arsenal*, que é onde funccionam as diversas officinas existentes no presidio, situado na praça do commando, de solida construcção, medindo 34^{m},70 de frente sobre 16^{m},30 de fundo; consta, na fachada principal apenas de um portão de ferro, de entrada, sobre uma escadaria

de mais de 15. A direcção da camada é de O a E. O calcareo, alvo como a neve, parece com o assucar branco crystallisado que ha na França. A existencia d'esse branco calcareo prova muitas cousas. Em primeiro logar que sua formação é posterior ao levantamento granitico de O á E, porque enche uniformemente um valle no meio de duas elevações parallelas; depois têm logar muitas elevações, muitos abaixamentos e transformações que alteram a direcção das montanhas e fazem desapparecer a camada sedimentar. O grão de metamorphismo mostra claramente sua antiguidade, mas eu não posso assegurar um facto assim com tanta certeza, da edade relativa dos terrenos sedimentarios encontrados.»

LIMITES — Confina: ao N com a freg. de Princeza, do Estado da Parahyba, pela immensa cordilheira, ramificação da Borburema, que separa aquelle Estado do de Pernambuco; a L com a freg. e mun. de Afogados de Ingazeira, e com a freg. e mun. de Alagôa de Baixo pelas serras do Prateado, Lettras, Torre, Sitio e Brejinho; ao S com a freg. de Floresta pelas aguas que dão nascença ao riacho do Navio (todo pertencente a Floresta) até á Malhada dos Bois e ao O com as fregs. de Villa Bella e Triumpho, — pela fazenda Bom Successo, exclusive, em rumo direito ao Taboleiro Alto, e deste em direcção ao S ao Boqueirão da Penha, cabeceiras do riacho S. Domingos, até fazer barra no rio Pajehú, e pela estrada que margina a serra da Baixa Verde.

DIVISÃO — O mun. contém uma só freg., a de N. S. da Conceição do Pajehú de Flores e 2 districtos municipaes.

POPULAÇÃO — A população total do mun. é de 12.000 almas, approximadamente.

TOPOGRAPHIA — A villa de Flores séde do mun., está situada á marg. dir. do rio Pajehú, em terreno desegual e pedregoso, a 478^{m}. de altitude. Consta de uma rua principal com algumas casas regulares, e de mais duas outras secundarias, e mesmo sem importancia, onde se podem comprehender, ao todo, 150 fogos e uma população provavel de 800 habs. Possue: a egreja matriz, elegante e bem decorado templo, que faz honra á piedade dos fieis da localidade, o qual foi reconstruido, em 1861, pelo missionario capuchinho Fr. Seraphim de Catania; a cadeia, que é um excellente edificio (actualmente a melhor do Estado, depois da da capital), de uma perspectiva vistosa, architectura moderna, limpo, arejado, sadio, e de um só andar, funccionando tambem no pavimento superior a Municipalidade e o Tribunal do Jury; presta-se perfeitamente aos fins a que foi destinado, comporta mais de 60 presos e, tendo sido contratada a construcção em 1872, por........ 47:916$000, foi aberta ao serviço em Setembro de 1883; o cemiterio; escolas, etc.

POVOADOS — *S. Seraphim*, outr'ora *Calumby*, mudado para aquelle nome como lembrança do missionario Fr. Seraphim de Catania, que ahi erguera, em 1866, a capella de N. S. da Conceição; fica á marg. do rio Pajehú, a 42 kilms. ao O, possue umas 30 casas e uns 100 habs. — *Carnahyba*, tambem á marg do mesmo rio e da estrada grande que se dirige para a capital; tem umas 40 casas de edificação irregular, uma casa de oração, dedicada a S. Antonio, e contém uma população de 200 pessoas, pouco mais ou menos. — *Almas*, logarejo 12 kilms. ao S, cap. de Sant'Anna. — *Cacimbas*, cap. de S. Sebastião, 18 kilms. ao NE.

OROGRAPHIA — Entre as serras que mais reparo merecem, podemos indicar: ao N — as do Sipó, Vermelha, da Colonia, e da Piedade, que são denominações dadas á parte da cordilheira que separa o mun., do Estado da

Parahyba; a L — as do Brejinho, Prateado, Torres, Sitio e Lettras; ao S — a do Tinguy, com grandes lagedos; e ainda muitas outras serras, como — a do Bom Jesus, da Cacimba, do Sacco dos Caldeirões, etc.

HYDROGRAPHIA — O sólo do mun. é regado pelo rio Pajehú, que vem do mun. de S. José do Egypto, e corta o de Flores, na direcção O, em sua maior extensão, sendo o manancial mais seguro desses logares, embora em todo seu leito não fiquem senão poços sem importancia, logo depois do fim do inverno; em qualquer parte, porém, de seu leito arreda-se a areia e obtém-se agua de boa qualidade, cumprindo notar que no logarejo denominado S. Rosa, ha um pôço assim chamado, que é uma maravilha no genero, para a localidade. Os riachos mais notaveis, pois que todos alli seccam á proporção que escassêa o inverno, são: o da Velha, vindo da Serra da Baixa Verde, com um curso de 24 kilms., até desaguar no Pajehú, perto da villa; o Riachão, que procede do logar Sitio, e vai despejar no Pajehú no logar Estreito, depois de 36 kilms. de curso; o do Prateado, do Antonico, originarios da Serra da Colonia, e affls. tambem do Pajehú, depois de 24 kilms.; e ainda os de S. João, do Ramalho, que nascem na serra do Brejinho, Fagundes, Sitio Nunes, Angico Torto, Salgado, Queimadas, Sacco dos Bois, Bom Successo, Oitis, Mombaça e Sacco dos Caldeirões e outros. — *Lagoas* — Ha as conhecidas pelos nomes de Tinguy, Jatobá, Grande, Arouca e Caroá.

REINOS DA NATUREZA— No reino animal a Natureza é abundante dos gados vaccum, cabrum, ovelhum e cavallar; de variada especie de caças, aves, como o papagaio, o periquito, o tetéo, a ema, a seriema, etc.; de animaes ferozes e bravios, como a onça, a rapoza, o gato do matto, o veado, a anta, a giritacaca (ou maritacaca, como tambem lhe chamam), e muitos outros que constituem esse reino. No vegetal ha pobreza de madeiras para construcções civis e obras de carpintaria e marcenaria, possuindo, entretanto, muitas plantas medicinaes, podendo-se, ligeiramente e de passagem, citar: a *catingueira de porco*, empregada nos incommodos do estomago e nas tonteiras, servindo o entrecasco e as folhas; o *velame*, usado como depurativo; o *marmeleiro*, como anti-asthmatico; a *aroeira* (schinus), util nos males da garganta e como adstringente; a *emburana*, como peitoral excellente; o *joazeiro*, grande remedio para as digestões difficeis e nas inflammações do figado; o *mulungú*, cujo entrecasco é usado como calmante do systema nervoso, e as sementes, semelhantes a um feijão encarnado, são terrivel veneno lethal, quebradas e pulverisadas, para destruir certos animaes damninhos; e outras muitas plantas. — No reino mineral: na serra do Bom Jesus—o giz de varias côres é abundantissimo; na dos Caldeirões encontra-se uma jazida de salitre; na fazenda Sitio do Nunes —argilla branca que se presta para diversas obras de ceramica e de caiação; nas serras do Bom Jesus, — Cacimba e Sacco dos Caldeirões achamse minerios de pedra calcarea, de cantaria, de giz de varias côres e de ferro não explorado; no logar Araras, ao SE da villa de Flores, existem crystaes de variadas cores e belleza, segundo affirma o Dr. Francisco Ignacio Ferreira em seu *Dicc. Geog. de Minas do Brasil*; e, finalmente, ainda neste mun. existe uma fonte de agua mineral, á qual se refere em seu *Dicc. de Medicina Popular* o Dr. P. L. N. Chernoviz.

PRODUCÇÕES, CULTURA E INDUSTRIA — Planta-se o algodão, milho, feijão, mandioca, arroz, fumo, canna e café, e em geral tudo quanto póde constituir o consumo da vida local. A criação do gado vaccum, cavallar, cabrum e suino é o principal genero de producção, com-

de pedra, tendo aos lados 4 fréstas ou aberturas semi-circulares, fechadas com bandeiras de ferro; as officinas acham-se dispostas em fórma de galeria, correspondentes a cada uma das faces do edificio, deitando todas para uma área central, descoberta e calçada, medindo 100^{m} quadrados, e sendo a área total do edificio de 565^{mq}.—*Aldeia*—chama-se onde pernoitam os sentenciados de máo comportamento, situado o edificio, que mede 30^{m} de frente sobre 45^{m},50 de fundo, na praça principal da povoação em frente á casa do commando, constando de dous salões lateraes, que deitam para um pateo central, ficando na frente do mesmo edificio 2 xadrezes, que ladeiam o vestibulo, e no lado opposto uma dependencia que serve de cozinha; nos salões acham-se dispostas de um e outro lado barras de madeira para a dormida dos sentenciados; a área de extensão é de 1,275^{mq} e, embora de construcção segura, pelas suas acanhadas proporções não se presta ao fim a que é destinada. —*O Quartel de Sant'Anna* situado sobre o antigo parque de Sant'Anna consta apenas de uma pequena casa para moradia, de uma galeria destinada a dormitorio, que poderá accommodar de 40 a 50 presos, ficando junto uma área descoberta cercada de muro que abrange uma área de 920^{mq}.—*A Enfermaria*—Na construida sobre as muralhas do reducto da Conceição, lê-se a seguinte inscripção, pintada sobre as portas do oratorio: *Este hospital foi principiado em 2 de Maio de 1871, no commando interino do Illm. Sr. Capitão Trajano Alipio de Carvalho Mendonça e concluido em 30 de Setembro do mesmo anno, no commando effectivo do Illm. Sr. Tenente-coronel Antonio de Campos Mello.* O edificio consiste em uma casa accommodada sobre as muralhas da antiga fortificação, sendo de construcção simples e coberta de zinco, com uma área ao lado, murada na extensão de 240^{mq}; e, além de todas as dependencias necessarias ao estabelecimento, tem duas enfermarias com capacidade para 60 leitos, occupando um espaço de 105^{mq}., e outra 100^{m} — *A capella de N. S. dos Remedios*, Padroeira do presidio, está situada em posição elevada, com a frente voltada para o mar, dando accesso para ella uma escadaria de pedra de dezoito degráos, seguindo-se um adro espaçoso e sobre este mais 3 degráos, que conduzem á porta principal; foi concluída em 1772. — *A Capella de N. S. do Rosario* fica collocada na rua do Pico e foi fundada pelos sentenciados em 1884. Cuidava-se da erecção de uma outra em melhor local, com maiores proporções, idéa que foi abandonada, por fim, talvez com a suppressão do lugar de capellão do presidio. Além das capellas mencionadas existiu outra dedicada a N. S. da Conceição, situada junto ao alojamento denominado Aldeia, e da qual não resta o menor vestigio, tendo sido construida por um sentenciado e demolida, pelo adiantado estado de ruinas, por ordem do commandante coronel Aleixo José de Oliveira.—*O Cemiterio* a SO, a pequena distancia do pov., situado no alto do morro denominado Floresta, e construido em 1843 pelo commandante coronel Antonio Gomes Leal, possue uma modesta cap. votada á N. S. da Conceição, e comprehende uma área de 300^{mq}. Além dos edificios mencionados existem mais os predios em que funccionam—a casa do commando, o almoxarifado, pharmacia, secretaria e casa do detalhe, escolas do sexo masculino e feminino, armazem de deposito dos generos de producção da ilha, armazem de recolher os que vão do Recife, o do mercado, casa de farinha, do fabrico de cal, olaria, casa para o fabrico de oleo de ricino, eira para debulhar o milho e curraes de gado.

FORTIFICAÇÕES—A 1ª fortificação que houve nessa ilha foi feita pelos hollandezes em 1646; era um reducto, cuja artilharia e munições de guerra seguiram do Recife naquelle mesmo anno no hiate *Tonyn*. A ilha é regularmente

fortificada e garantida por todos os logares, de mais ou menos facil desembarque, deixando-se, porém, aquelles que ficam na costa oriental, por se acharem defendidos pela propria natureza, porquanto todo esse lado é escarpado e de perigosa approximação pelos rochedos que o guarnecem. *A Fortaleza dos Remedios*, construida entre os annos de 1737 a 1738, pelo engenheiro militar Diogo da Silveira, está situada ao N da ilha sobre um rochedo que se eleva 45^m acima do nivel do mar, para o qual dá accesso uma estrada calçada, em direcção obliqua S a SO, com 51^m de comp. sobre $3^m,50$ de larg., unico ponto por onde póde ser demandada. — O *Forte de Santo Antonio*, fundado ao tempo da fortaleza dos Remedios, em 1864, foi reedificado e artilhado e está collocado ao NE da ilha, a 12^m sobre o nivel do mar, no extremo N da parte do littoral, que fórma uma pequena enseada, denominada *Porto de Santo Antonio*. O perimetro deste forte abrange uma área de $1,080^{mq}$ e a altura de suas muralhas de $1^m,20$ no interior, e $2^m,55$ na parte exterior, sendo regular seu estado de conservação, ainda que precise de alguns reparos. — *A Fortaleza de S. José*, situada em frente da enseada de S. Antonio, sobre um rochedo ilhado, a 29^m acima do nivel do mar, e o qual faz parte do systema orographico da ilha que com aquelle se communica por uma linha de recifes, que se estende de E a O, na extensão de 100^m, approximadamente, dando, apenas passagem nas marés baixas. Indicam as ruinas desta fortificação muita solidez, perfeição, belleza de fórma e grandes dimensões. E' pentágona e polygonal, representando um grande triangulo que abrange uma área de 2.400^{mq}. A data de sua construcção consta de uma inscripção que existia sobre o elegante portico, sob o modelo de arco, em duas pilastras, tudo de pedra lavrada e de muito bom trabalho. A lápide, que contém a mencionada inscripção e acha-se hoje recolhida ao Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, menciona as seguintes palavras:

Sendo Govern.^or e Capp.^m Gen.^al de Pern.^co Ill.^mo e Ex.^mo Snr. Lviz Diogo Lôbo da Silva mandou edificar esta Fortaleza no anno de 1758 acabou-se no de 1761 sendo comte. o Capp.^m de Enfantaria Fran.^co da Silva Soares.

As ruinas de tão importante fortificação datam de muito tempo, devido á incuria com que tem sido tratada. — o *Forte dos Dous Irmãos*, situado a O da ilha e a 46^m acima do nivel do mar, tem a fórma de um trapesio, medindo uma área de 612^{mq} e teve a inv. de S. João Baptista e já estava construida em 1758, parecendo sua denominação de *Dous Irmãos* derivar-se dos dois penedos que lhe ficam proximos, os quaes, quasi unidos, surgem do mar. O *Boldró* situado a O da ilha a 31^m acima do nivel do mar, tem uma área de 600^{m2}, a fórma de um trapesio, foi reconstruido e artilhado em 1864, mas actualmente se acha em adiantado estado de ruinas. — o *Reducto do Leão*, situado a O., a $28^m,50$, acima do nivel do mar, comprehende uma área de $1,084^{m2}$, e tem a fórma de um exagono irregular; foi concluido em 1778 e reparado em 1846, datando, portanto, de pouco tempo seu estado actual de ruinas. — o *Reducto de S. Joaquim*, situado ao SE da ilha, em 1758 já estava construido, tem a fórma de um quadrilatero, área de 637^{m2} e elevação sobre o nivel do mar de $26^m,50$. — o *Forte do Pico*, situado a OE a 2^m. sobre o nivel do mar, foi mandado construir em 1739, e em 1841 já estava em completo estado de ruinas; tinha a denominação de reducto de Santa Cruz do Pico. — A *Bateria de Sant'Anna* defendia o porto denominado do Cachorro, foi reparada em 1846, posteriormente desarmada e construido em seu local um pequeno quartel. — E o *Reducto da Conceição*, situado ao NO, entre as fortificações dos Remedios e do

Pico, formando angulo com estas, sobre um plano pouco inclinado, proximo á costa e a 4^{m} sobre o nivel do mar; fundado entre os annos de 1737 a 1738, reconstruido em 1846, foi reparado e artilhado em 1864, e sobre os restos dessa fortificação acha-se hoje construida a enfermaria do presidio.

Orographia — Os accidentes principaes que se notam no sólo da ilha de Fernando de Noronha, são: o *Morro do Francez* á L; *o Atalaia Grande*, *Atalaia Pequeno*, *Morro Branco*, o dos *Remedios*, *o Sueste*, *o Bôa Vista*, *Porteira*, *Curral*, *Boldró*, *Sancho*, *Alto das Cajazeiras*, *Sella Gineta*, *Morro de S. José*, *Picões*, *Morro do Frade*, *Chapéo*, *Leão*, *Dous Irmãos*, *Morro da Villa*, *da Biboca e o do Pico*, rochedo de fórma conica, inaccessivel, a 1,448 pés acima do nivel do mar, segundo a medida feita em 1830 pelo commandante da corveta ingleza *Chante Cler*, e situado ao N da ilha; além de outras elevações de menor importancia.

Hydrographia — Em Fernando de Noronha quasi que não existe a mais insignificante corrente na estação calmosa; no inverno, porém, apparecem algumas, em diversas direcções e correndo para o mar. A corrente que possue maior volume e que resiste o verão é a do Maceió, cuja nascente, procedendo da fralda occidental do morro da Biboca, vai lançar-se ao mar no porto da villa, junto do morro dos Remedios; as demais desapparecem inteiramente, e nos verões fortes a escassêz d'agua na ilha é demasiada. Póde-se mencionar ainda a existencia de diversos açudes em determinados sitios, como do Leão, com 1^{m},10 de profundidade 21^{m},12 de comp. e 18,^{m}48 de larg., além de outros reservatorios de aguas pluviaes, especialmente destinados a garantir a bebida ao gado da ilha. Os poços ou cacimbas conservam agua todo o anno, possuindo algumas importantes e de effeitos medicinaes, como por exemplo a de Mulungú, onde ha um banho publico, em casa apropriada, e sobre a qual o Dr. Eusebio Martins Costa, fazendo a analyse chimica, disse: — «Esta agua é de aspecto chrystallino, sem cheiro e de um gosto salino. Não tem acção alguma sobre o papel de tournesol. Em um litro d'esta agua submettida á analyse qualitativa e quantitativa, encontrei: — *Chloro*, no estado de chlororêto, 1 gr,855; — *Acido sulfurico* no estado de sulfato, 1 gr, 299; — *Sodio*, 0 gr, 322; — *Magnesia*, 1 gr, 875; — *Potassio*, 0 gr, 004; — *Ferro*, traços; — *Cal*, idem; — *Caliço*, idem. — O povo emprega esta agua nos casos de sezões hepaticas chronicas, e a razão do optimo resultado que tira, fica perfeitamente conhecida e justificada pela analyse que fiz e apresento ao publico. E' uma agua da classe das aguas salinas, nas quaes predominam os saes de magnesia e de sódio no estado de sulfatos e chlorurêtos, e que póde perfeitamente substituir as aguas de composição analoga que nos vêm do estrangeiro.» — Ainda possue as cacimbas da Conceição, Biboca, as da horta da villa, do quartel de Santa Anna, do Boldró, Xaréo, Pedra Alta, dos Remedios, do Mulungusinho, do Cachôrro, destinada ao banho dos sentenciados (com um reservatorio d'agua que vem de Floresta), e a do Fôrno da Cal, sobre a qual o General Abrêo e Lima observou — que, apezar da côr esbranquiçada que tem e do gosto alcalino algum tanto forte, em repouso 48 horas, perde aquella côr e torna-se perfeitamente potavel. Existe, finalmente, d'agua potavel, a chamada *Cacimba do Padre*, no logar Sambaquixaba, descoberta, em 1888, pelo Padre Francisco Adelino de Britto Dantas, então capellão do presidio, o qual mandou cavar para experimentar si era dôce, visto como no sitio encontrava (dizia elle) *signaes similhantes aos de logares do sertão do Rio Grande do Norte* (donde elle era natural), *e onde havia vertentes d'agua dôce, embora regada a região de riachos salgados com um sólo salitroso.*

Producções — O sólo da ilha é de uma fertilidade prodigiosa; produz bem as plantas das diversas regiões, as quaes têm sido acclimadas e cultivadas alli, especialmente na estação do inverno, quando a abundancia das plantações hortenses e dos differentes generos das *Cucurbitaceas* é admiravel. A agricultura foi sempre no logar um dos objectos que mais interesse inspirou, quer no tempo dos donatarios, quer depois que a ilha foi incorporada aos bens da corôa. Pela carta régia de 24 de Janeiro de 1504, reservou D. Manuel para a corôa todos os productos de especiaria e tinturaria que alli fossem encontrados, ficando os demais sujeitos, apenas ao dizimo, em beneficio da mesma corôa. Em 1612 menciona d'Abbevile que encontrára em Fernando melões, gerimuns, batatas, ervilhas verdes e outros fructos excellentes, assim como muito milho e algodão. Os hollandezes durante a sua estada na parte septentrional do Brazil ligaram muita importancia ao desenvolvimento agricola da ilha, e, de um documento de 1646, consta que recebiam della, entre outros productos de cultura, muito milho e algodão. No seculo passado, quando o governo portuguez mandou povoar a ilha, seus trabalhos agricolas constituiram constantes recommendações dos governadores aos respectivos commandantes; e de um documento official de 1739 consta a existencia de alguma lavoura, e ainda de um outro de 1797 que a agricultura prosperava, e havia uma plantação de 76,118 covas de mandioca.

Curiosidades naturaes—O morro do *Pico*, formado por uma grandissima pedra inteiriça que se assemelha ao Pão de Assucar do Rio de Janeiro, é inaccessivel; tem a altura de 1,448 pés, sobre o nivel do mar, visivel na distancia maritima de 30 milhas e transfigura-se á proporção que o observador vai mudando de posição. No rochedo *Ponta da Sapata*, parte occidental da ilha, cuja extremidade acha-se unida á ponta do Alto da Cajazeira, nota-se uma abertura em fórma de arcada, conhecida por *Portão Grande* passando ahi o mar livremente. Em alguns dos morros já mencionados e outras elevações existentes notam-se algumas grutas nas quaes muitas vezes se occultaram os sentenciados afim de fugirem aos castigos. Estas grutas chamam-se da Biboca, do Morro Francez, do Morro do Abreu, da Pontinha, da Pedra do Sal, das Cabeceiras do Leão, da Serra da Viração, das Pedras Pretas, do Capim-Assú, do Pontal, do Barro Vermelho de Dentro, do Alto do Cajueiro, do Portão Grande, da Janellinha, das Pedreiras, dos Dous Braços e do Pico.

Reinos da Natureza —No reino mineral nota-se abundancia de phosphato de cal, e mais que sufficiente para uma exploração proveitosa. A argilla é materia abundantissima e muito empregada na fabricação de louça, tijolos, telhas e no preparo de argamassa, havendo as especies branca, amarello-claro, amarello-escura e vermelho. Encontra-se alli tambem a *areia calcarea*, nas praias, muito empregada na feitura de argamassa de cal e barro; e a *areia preta* tambem existe em profusão em certas praias. *Carbonato de cal* ha em quantidade na ilha; de *ferro* encontra-se alguns oxydos; de *sal marinho*, formado pelas aguas que o mar deposita, vê-se, nos rochedos, em pequena porção; e *pedras de construcção*, finalmente, possue a ilha immensa cópia.—No reino animal póde-se mencionar: gatos domesticos e bravos, cães, ratos; *aves*—alcatruz preto e de peito encarnado, chique-chique, Maria-já-é-dia, mumbêbo pardo, de peito branco, mumbêbo branco de encontros pretos, patinhos, rabo de junco, rôla, viuva preta (de estrella branca na testa), viuva de pedra (cinzenta) e viuva preta (de peito branco); *reptis*—das especies conhecidas, de tartaruga, apenas se encontra a que chamam — Aruanã; *saurios* — existem duas especies sómente «a lagartixa e a

vibora», sendo para notar que esta não é venenosa; *peixes* — os mamiferos marinhos como o bôto e a baleia, e as especies mais conhecidas e apreciadas— agulha branca e preta, agulhão, agulhão de vela, alvacora, arraia de corôa, baiacú caixão e espinho, biquara, bicuda verdadeira, bonito, budião, cassão, cambumba, cangulo, carapitanga, caraúna, cavalla-aipim, cherne, dourado, fidalgo, gallo do alto, garajuba, gato, lixa mariquita, méro, moreia pintada, moreia verde, pargo caxuxo, pirá, pirambú, piraúna, saberê, sardinha cascuda, sirigado, sôlha, vermelho, voador, xaréo amarello, prêto e verdadeiro ; *crustaceos* — o aratú, o caranguеijo, o guaja, o graussá e a lagosta ; *moluscos* — mariscos, mexilhão, lula e pôlvo ; *insectos* — em suas diversas classes apenas encontram-se os bem conhecidos — baratas, borbolêtas, bicho dos pés, cigarra, cupim, formiga, gorgulho, maribondo, mosca, murissóca, pulga e traça ; *myriapodos* — neste genero sómente encontra-se o que vulgarmente chama-se piolho de cobra ; *aracnedos* — o lacrão e o meirinho ou papa-moscas ; e *zoophitos* — esponjas e ouriços. O gado vaccum, cavallar, cabrum, ovelhum e cerdum e algumas aves domesticas constituem os diversos generos de criação existentes no presidio, quer pertencentes ao governo, quer a particulares. A criação do gado vaccum já teve certo desenvolvimento no presidio, em outros tempos, mas hoje se acha em condições taes que nem mesmo dá para o consumo do hospital da ilha. No entretanto, consta de documentos officiaes que esta industria mereceu as attenções do governo, em tempos idos, progredindo e chegando mesmo, não só para satisfazer as necessidades do presidio, como ainda para a preparação do xarque. Além da gallinha commum que, constitue a maior criação de aves na ilha, cria-se tambem o capóte ou guiné *(Numida)*, o perú *(Meleagris)*, o pato *(Anas)*, e alguns pombos *(Columba)*. Todas essas aves dão-se perfeitamente na ilha e produzem vantajosamente. Em 1886 a criação pertencente ao governo era : gado vaccum 248 cabeças ; lanigero 147 ; cabrum 161 e cavallar 137.—No reino vegetal o sólo da ilha produz as seguintes madeiras : angelica brava (altura 2 m. a 2 m,50), bomnome, burra, feijão bravo (attinge de 2m a 2m,50 com uma espessura de 0m,10 a 0m,12, sendo empregada bastante em obras de torneiro), gamelleira, goiabinha, mulungú, peróba, quixaba. Tambem existem as seguintes plantas : anil, arrebenta buxo, batata de purga, beldroéga, bredo *(amarantus)*, cabacinho, cajazeiro, urtiga cansanção, carrapicho de agulha, carrapicho de boi, carrapicho de cigano, cipó de chumbo, coronacrix *(mimosa farnesiana)*. fedegôso, figueira do inferno *(stramonium)*, giriquití ou olho de pombo *(abrus precatorius)*, giló bravo, João molle, jurubeba, louco, mandacarú *(cactus)* mangirioba *(cassia occidentalis)*, matapasto *(cassia dormicus)* mangue, maniçoba, melão de S. Caetano, muçambê, mucunã, pegapinto, pinhão de purga, *(Jatropha curcas)*, salsa da praia, tamearana *(dalechampia brasiliensis)* velame *(croton campestris)*. Ainda encontram-se as arvores e plantas fructiferas que seguem : abacateiro, amendoeira, bananeira, castanheiro, coqueiro *(cocus mucifera)*. dendêzeiro, figueira, fructapão de massa, goiabeira, laranjeira da China, limeira da Persia, limão azedo *(citrus limonum vulgaris)*, macahiba, mamoeiro, mangueira, melancia, melão, pinheira, pitangueira, pitombeira, romeira, sapotizeiro, tamarineiro, videira, o algodoeiro *(gossipium)*, o tabaco ou fumo *(nicotina tabacum)*, a canna chamada de Cayenna e a outra especie conhecida por crioula, a carrapateira ou mamona. Ha, finalmente, as raizes alimenticias — mandioca, batata doce (em suas especies vulgares, amarella, roxa e rainha,

e d'esta dá producção abundantissima), a macaxeira e o inhame.

ESTRADAS — A ilha é cortada por estradas em todas as direcções, as quaes, bem construidas e calçadas, são as seguintes: do Alto da Floresta para SE; do Alto da Floresta para a casa da Farinha; de Santo Antonio para a villa; da Fortaleza dos Remedios; da Porteira do Timotheo á Sambaquixaba com 3940m de extensão sobre 4m de largura; e a do Cafundó com 169m de extensão sobre 2m,50 de largura.

TELEGRAPHO — Em 15 de agosto de 1893 inaugurou-se a estação telegraphica da ilha.

Fernão Fragoso—Nome que teve a actual ilha do Pina quando foi seu proprietario Fernão Fragoso d'Albuquerque, descendente das familias Lins, Accioly, Cavalcanti e Albuquerque, fallecido em 1753, aos 80 annos de idade, como se vê da *Nobiliarchia Pernambucana* de A. V. B. da Fonseca.

Ferragem — Pequeno povoado no mun. de Itambé.

Ferraz — Logar na freg. do Poço da Panella, mun. do Recife, ao norte da povoação do Monteiro, séde parochial. Constitue uma propriedade particular regada pelo rio Beberibe, ao centro.

Ferreira — *Lagôa* — Situada no mun. de Cimbres, distr. do Poção.

Ferreiros — *Povoação* — Antigamente chamou-se *Carrapateiras*, está situada a 15 kilms. ao O da cidade de Itambé, possue umas 30 casas e uns 200 habs. E' atravessada pela estrada que vai á pov. da Lapa e pertence, ecclesiasticamente, metade a Timbaúba. Banhada pelo riacho dos Ferreiros, tem uma capella sob a protecção de N. S. da Conceição, bom clima, commercio quasi nullo, e, em seus arredores, planta-se o algodão.

Ferreiros — *Riacho* — Conhecido tambem por Camutanga, nasce no logar Sete Cabeças (eng. do mun. de Itambé), e despeja, depois de 7 kilms. de curso, no Agua Torta em terras do eng. Perory.

Ferreiros — *Lagôa* — Situada no mun. do Brejo, á marg. do rio Ipojuca.

Fertilidade — Eng. no 2º distr. do mun. de Palmares (Preguiças).

Fervedor — *Riacho* — Nasce na serra do Espelho e, correndo no mun. de Palmares em terras da Colonia Frei Caneca (antiga Santa Isabel), vai derramar no rio Pirangy, junto á estação da Colonia, na E. F. S. de Pernambuco, abrindo ahi em dous braços que circulam o morro onde na eminencia vê-se o edificio colonial, fazendo a confluencia á pequena distancia um do outro.

Figueira — Logar no mun. do Bom Jardim a 15 kilm. ao N da séde, ao O da povoação Pedra Tapada, a 6 kilms. distante. Possue uma cap. da inv. de S. Antonio, reparada em 1878. Ahi existe uma grande lage sobre a qual se vêm gravados em relêvo, caracteres romanos dispostos em linha, como formando palavras, mas de significação até agora ignorada. E' uma verdadeira curiosidade o modo de gravar de similhantes lettras que fazem acreditar em tratar-se antes de uma obra da natureza do que de qualquer outra, pelo seguinte facto: Muitas pessoas, para poderem avaliar da profundidade da gravura, com instrumentos bastante duros, têm tirado grandes lascas dessa pedra, na parte correspondente ás lettras, e estas continuam a se reproduzir sempre pelo interior da massa rochosa, o que induz a acreditar que pessoa alguma, com o trabalho inutil e insano que deveria custar similhante obra, iria fazel-o daquelle modo.

Figueira — *Serrota* — Situada no mun. do Limoeiro, no logar que tem este nome, entre os povs. Malhadinha e Pedra Tapada.

Figueira — *Riacho* — Nasce no logar Olho d'Agua e, correndo de S para N, derrama no sitio que tem seu

nome, pela marg. dir. do rio Capibaribe, 6 kiloms. acima de Pedra Tapada.

Figueiraes—Logarejo do mun. de Bom Jardim.

Figueiredo — *Riacho* — Nasce em um sitio proximo á cidade de Itambé e, depois de 18 kilms. de curso, despeja no riacho Itambé.

Figueiredo — *Riacho* — Nasce no mun. de S. Bento, no logar Fazenda Nova e depois de um pequeno curso desagua no rio Una.

Firmeza — Engs. dos muns. do Limoeiro e de Nazareth, freg. da Vicencia.

Flôr da Ilha — Eng. do mun. da Gamelleira.

Flor de Limão — Eng. situado no mesmo mun. de Gamelleira.

Flor de Mariz — Eng. situado no mun. de Gamelleira.

Flor de Una — Eng. pertencente ao mun. de Palmares e encravado no 1° districto, a 14 kiloms ao SO da séde.

Flor do Dia — Eng. do mun. de Gamelleira e a 24 kilms. ao N. da séde, á marg. dir. da linha ferrea de Ribeirão á Bonito e entre os engs. Linda Flor e Progresso; e mais outro do mun. de Palmares situado no 1° districto.

Florencio — Eng. situado no mun. da Escada.

Florente — Engs. que pertencem ao territorio dos muns. de Agua Preta e Amaragy.

Flores — *Villa* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. da Conceição do Pajehú.

Historia — E' a antiga *Comarca do Alto Sertão* da ex-Provincia e hoje Estado de Pernambuco. Comprehendeu todo o territorio que actualmente compõe os muns. de Afogados de Ingazeira, de S. José do Egypto, de Triumpho, de Villa Bella, de Belmonte, de Floresta e de Tacaratú. Possuiu, portanto, muita extensão territorial, muita vida e importancia relativa, de que era o centro; mas, dando quanto tinha, acha-se então quasi que reduzida a seus muros, empobrecida e decadente. A circumstancia de ser *Arraial de Flores*, á marg. do rio Pajehú, o ponto mais central da parochia de Cabrobó, cuja séde na marg. do rio S. Francisco era cruelmente assolada pela molestia denominada *Carneiradas*, que tornou impossivel a permanencia dos vigarios e visita dos corregedores alli, levou certo vigario a fazer em Flores sua residencia, do que proveio bastante desenvolvimento á localidade e, consequentemente, a creação posterior da freg., por Alvará de 11 de Setembro de 1783,—e da villa, pelo Alvará de 15 de Janeiro de 1810, sendo capitão-general e governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, e inaugurando-a, em 1811, o ouvidor José Marques da Costa. A denominação de Flores, diz a tradicção, é originada do facto de haverem sido os primeiros moradores do referido arraial, umas moças muito distinctas por seus sentimentos de piedade, as quaes, talvez por similhante attributo, eram conhecidas pelas — *moças flores* — ou simplesmente pelas — *flores*. A resolução da Presidencia, em conselho de 20 de maio de 1833, creando varias coms. na ex-Provincia, considerou-a uma dellas, sob o nome de *Comarca do Sertão de Pernambuco*, que, installada em 1834, foi sua séde transferida para a pov. da Serra Talhada (Villa Bella hoje), pela Lei Prov. n. 280, de 6 de maio de 1858, cuja installação aconteceu em 21 de setembro de 1859, e tambem foi classificada com. de 1ª entrancia pelos decrs. n. 687, de 26 de julho de 1850 e n. 5139 de 13 de novembro de 1872. Em virtude, porém, da Const. Estadoal de 17 de Junho de 1891, que dividiu o Estado em muns. constituiu-se autonomo em 1893 de accordo com a Lei Org. municipal, n. 52, de 3 de agosto de 1892, sendo a primeira eleição do governo administrativo de sua circumscripção, em 30 de setembro de 1892. O mun. de Flores tem tido filhos de mereci-

mento, entre os quaes podemos notar: os coroneis Manoel Pereira da Silva e Francisco Barbosa Nogueira da Paz, chefes de duas familias preponderantes nos destinos da localidade exercendo cada um, em seu tempo, influencia benefica ao logar; o padre Antonio Gonçalves Lima, sacerdote respeitavel por suas virtudes, e que muito concorreu para o adiantamento moral e material de sua terra, principalmente fazendo formar em direito alguns parentes, entre os quaes se distinguiram os Drs. Joaquim Gonçalves de Lima, que falleceu em 1885 como juiz de direito da Capital, e Estevam Benedicto Franco. Foi tambem a terra natal do monsenhor Joaquim Pinto de Campos, nascido em 4 de abril de 1819 e fallecido, em Lisboa, aos 5 de dezembro de 1887, cidadão que occupou salientissimo papel nos destinos da politica da então provincia e do Paiz, sendo escriptor publico, entre outros trabalhos, publicando a *Jerusalém*, obra bastante elogiada, e *Impressões de Viagem á Italia e ao Sul da França*. Na historia de Pernambuco, Flores offerece um periodo de effervescencia politica entre os partidos, na época de 1848, quando na capital exacerbaram-se os animos produzindo a *Revolução Praieira* — o que merece ser notado principalmente, pela coincidencia de que, quando no Recife se declarava a revolução, alli tambem autoridades *liberaes* demittidas, pela mudança da situação, oppunham-se á substituição que se lhes succedia pelos *conservadores*, seguindo-se lucta entre os dous grupos representantes das respectivas idéas, de modo que a villa de Flores teve de ser theatro de um tiroteio, que durou mais de dois dias. A lucta acabou então de um modo inglorio para ambos os partidos combatentes, ficando, por isso mesmo, cada um delles em campo, exercendo represalias, que se traduziam na continuação de encontros, mais ou menos importantes, entre as forças que representavam aquella resistencia e as do governo que as substituia. Esse pelejar durou mais de dous annos e cessou pelo cansaço do lado que reagia, obrigando, entretanto, o governo d'esse tempo a enormes sacrificios. O Dr. Jeronymo M. Figueira de Mello em seu livro, *Chronica da Rebellião Praieira*, em 1848 e 1849, dá, referindo-se ao combate de Pajehú de Flores, em Novembro de 1848, a seguinte nota: — Da parte da legalidade, — 1 official ferido, mortos 4 praças de pret e 27 feridas, e da parte da revolta, 5 mortos e 15 feridos.

Posição astronomica — Está a 7° 47' e 15" de lat. Austr. e 4° 58' e 42" de long. Orient. do Rio de Janeiro.

Dimensão do territorio — Contém o mun. uma área de 108 kilms. de L á O e 72 de N a S, em sua maior extensão.

Aspecto da Natureza — O terreno é em geral plano, embora circulado de serras, que dividem o mun. dos outros vizinhos. A natureza do sólo offerece um mixto de areia e cascalho, que o torna sêcco, e livre inteiramente de humidades, sendo essencialmente sadio. O clima, nos mezes de Outubro a Fevereiro, comquanto refrescado por correntes successivas de uma viração fagueira, que o torna bastante supportavel, é, como o de todo nosso sertão, propriamente dito, quente durante os dias; nos demais mezes do anno são de temperatura agradavel e pelas noites sente-se muito frio; em todo o caso é uma localidade das mais salubres, e sobre tal assumpto o litterato pernambucano Padre Francisco Ferreira Barrêtto, conhecido por *Doutorzinho*, que alli residiu por algum tempo, affectado de molestia pulmonar, descreveu o clima em versos inspirados pela gratidão de todo o beneficio que alli colhera sobre tão terrivel mal. Acerca da natureza do sólo de Flores, diz o engenheiro francez Dombre: — «Ao N da villa se acha uma vasta camada de calcareo, de uma extensão approximada de 2 kilms. de largo e de comprimento

de mais de 15. A direcção da camada é de O a E. O calcareo, alvo como a neve, parece com o assucar branco crystallisado que ha na França. A existencia d'esse branco calcareo prova muitas cousas. Em primeiro logar que sua formação é posterior ao levantamento granitico de O á E, porque enche uniformemente um valle no meio de duas elevações parallelas; depois têm logar muitas elevações, muitos abaixamentos e transformações que alteram a direcção das montanhas e fazem desapparecer a camada sedimentar. O gráo de metamorphismo mostra claramente sua antiguidade, mas eu não posso assegurar um facto assim com tanta certeza, da edade relativa dos terrenos sedimentarios encontrados.»

Limites — Confina: ao N com a freg. de Princeza, do Estado da Parahyba, pela immensa cordilheira, ramificação da Borburema, que separa aquelle Estado do de Pernambuco; a L com a freg. e mun. de Afogados de Ingazeira, e com a freg. e mun. de Alagôa de Baixo pelas serras do Prateado, Lettras, Torre, Sitio e Brejinho; ao S com a freg. de Floresta pelas aguas que dão nascença ao riacho do Navio (todo pertencente a Floresta) até á Malhada dos Bois e ao O com as fregs. de Villa Bella e Triumpho, — pela fazenda Bom Successo, exclusive, em rumo direito ao Taboleiro Alto, e deste em direcção ao S ao Boqueirão da Penha, cabeceiras do riacho S. Domingos, até fazer barra no rio Pajehú, e pela estrada que margina a serra da Baixa Verde.

Divisão — O mun. contém uma só freg., a de N. S. da Conceição do Pajehú de Flores e 2 districtos municipaes.

População — A população total do mun. é de 12.000 almas, approximadamente.

Topographia — A villa de Flores séde do mun., está situada á marg. dir. do rio Pajehú, em terreno desegual e pedregoso, a 478m. de altitude. Consta de uma rua principal com algumas casas regulares, e de mais duas outras secundarias, e mesmo sem importancia, onde se podem comprehender, ao todo, 150 fogos e uma população provavel de 800 habs. Possue: a egreja matriz, elegante e bem decorado templo, que faz honra á piedade dos fieis da localidade, o qual foi reconstruido, em 1861, pelo missionario capuchinho Fr. Seraphim de Catania; a cadeia, que é um excellente edificio (actualmente a melhor do Estado, depois da da capital), de uma perspectiva vistosa, architectura moderna, limpo, arejado, sadio, e de um só andar, funccionando tambem no pavimento superior a Municipalidade e o Tribunal do Jury; presta-se perfeitamente aos fins a que foi destinado, comporta mais de 60 presos e, tendo sido contratada a construcção em 1872, por........ 47:916$000, foi aberta ao serviço em Setembro de 1883; o cemiterio; escolas, etc.

Povoados — *S. Seraphim*, outr'ora *Calumby*, mudado para aquelle nome como lembrança do missionario Fr. Seraphim de Catania, que ahi erguera, em 1866, a capella de N. S. da Conceição; fica á marg. do rio Pajehú, a 42 kilms. ao O, possue umas 30 casas e uns 100 habs. — *Carnahyba*, tambem á marg do mesmo rio e da estrada grande que se dirige para a capital; tem umas 40 casas de edificação irregular, uma casa de oração, dedicada a S. Antonio, e contém uma população de 200 pessoas, pouco mais ou menos. — *Almas*, logarejo 12 kilms. ao S, cap. de Sant'Anna. — *Cacimbas*, cap. de S. Sebastião, 18 kilms. ao NE.

Orographia — Entre as serras que mais reparo merecem, podemos indicar: ao N — as do Sipó, Vermelha, da Colonia, e da Piedade, que são denominações dadas á parte da cordilheira que separa o mun., do Estado da

Parahyba; a L — as do Brejinho, Prateado, Torres, Sitio e Lettras; ao S — a do Tinguy, com grandes lagedos; e ainda muitas outras serras, como — a do Bom Jesus, da Cacimba, do Sacco dos Caldeirões, etc.

HYDROGRAPHIA — O sólo do mun. é regado pelo rio Pajehú, que vem do mun. de S. José do Egypto, e corta o de Flores, na direcção O, em sua maior extensão, sendo o manancial mais seguro desses logares, embora em todo seu leito não fiquem senão poços sem importancia, logo depois do fim do inverno; em qualquer parte, porém, de seu leito arreda-se a areia e obtém-se agua de boa qualidade, cumprindo notar que no logarejo denominado S. Rosa, ha um pôço assim chamado, que é uma maravilha no genero, para a localidade. Os riachos mais notaveis, pois que todos alli seccam á proporção que escassêa o inverno, são: o da Velha, vindo da Serra da Baixa Verde, com um curso de 24 kilms., até desaguar no Pajehú, perto da villa; o Riachão, que procede do logar Sitio, e vai despejar no Pajehú no logar Estreito, depois de 36 kilms. de curso; o do Prateado, do Antonico, originarios da Serra da Colonia, e affls. tambem do Pajehú, depois de 24 kilms.; e ainda os de S. João, do Ramalho, que nascem na serra do Brejinho, Fagundes, Sitio Nunes, Angico Torto, Salgado, Queimadas, Sacco dos Bois, Bom Successo, Oitis, Mombaça e Sacco dos Caldeirões e outros. — *Lagoas* — Ha as conhecidas pelos nomes de Tinguy, Jatobá, Grande, Arouca e Caroá.

REINOS DA NATUREZA— No reino animal a Natureza é abundante dos gados vaccum, cabrum, ovelhum e cavallar; de variada especie de caças, aves, como o papagaio, o periquito, o tetéo, a ema, a seriema, etc.; de animaes ferozes e bravios, como a onça, a rapoza, o gato do matto, o veado, a anta, a giritacaca (ou maritacaca, como tambem lhe chamam), e muitos outros que constituem esse reino. No vegetal ha pobreza de madeiras para construcções civis e obras de carpintaria e marcenaria, possuindo, entretanto, muitas plantas medicinaes, podendo-se, ligeiramente e de passagem, citar: a *catingueira de porco*, empregada nos incommodos do estomago e nas tonteiras, servindo o entrecasco e as folhas; o *velame*, usado como depurativo; o *marmeleiro*, como anti-asthmatico; a *aroeira* (schinus), util nos males da garganta e como adstringente; a *emburana*, como peitoral excellente; o *joazeiro*, grande remedio para as digestões difficeis e nas inflammações do figado; o *mulungú*, cujo entrecasco é usado como calmante do systema nervoso, e as sementes, semelhantes a um feijão encarnado, são terrivel veneno lethal, quebradas e pulverisadas, para destruir certos animaes damninhos; e outras muitas plantas. — No reino mineral: na serra do Bom Jesus—o giz de varias côres é abundantissimo; na dos Caldeirões encontra-se uma jazida de salitre; na fazenda Sitio do Nunes —argilla branca que se presta para diversas obras de ceramica e de caiação; nas serras do Bom Jesus, — Cacimba e Sacco dos Caldeirões acham-se minerios de pedra calcarea, de cantaria, de giz de varias côres e de ferro não explorado; no logar Araras, ao SE da villa de Flores, existem crystaes de variadas cores e belleza, segundo affirma o Dr. Francisco Ignacio Ferreira em seu *Dicc. Geog. de Minas do Brasil*; e, finalmente, ainda neste mun. existe uma fonte de agua mineral, á qual se refere em seu *Dicc. de Medicina Popular* o Dr. P. L. N. Chernoviz.

PRODUCÇÕES, CULTURA E INDUSTRIA — Planta-se o algodão, milho, feijão, mandioca, arroz, fumo, canna e café, e em geral tudo quanto póde constituir o consumo da vida local. A criação do gado vaccum, cavallar, cabrum e suino é o principal genero de producção, com-

mercio e industria do mun., havendo, entretanto, a pequena industria da fiação do algodão, em grande numero de teares, a da preparação do fumo, e a do fabrico de rapaduras, em dez engenhocas, tudo, porém, em proporções inferiores aos recursos do mun., pelas difficuldades e carestia dos meios de transporte.

COMMERCIO E AGRICULTURA — O commercio do mun. é de pouca importancia e a agricultura pouco significa.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — A principal communicação com a Capital é pela estação da E. F. C. na estação de Pesqueira, donde fica a 263 kilms.; depois é a estrada ferrea do Limoeiro, de que está a 570 kilms., indo-se até alli pelo caminho que se bifurca logo depois de Ingazeira, de modo que, ou se faz a viagem na direcção da villa de Alagôa do Monteiro (Parahyba), Jatobá (Pernambuco), Santa Cruz de Taquaretinga, ou se desce pela pov. de Ingazeira, atravessando o Cariry-Velho (sempre em territorio da Parahyba), até sahir em Gravatá de Jaburú e Vertentes de Taquaretinga. Existe ainda a estrada que vai até á cidade de Garanhuns (299 kilms.,) pouco trilhada, por ser a mais longa e dispendiosa. Ha outras estradas procurando o alto sertão e com destino ao Ceará, Piauhy e Bahia, que se dirigem para Matta Grande (de Alagôas), para os sertões da Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará. Fica de 12 a 72 kilms. dos pontos mais proximos do Estado da Parahyba, por caminhos máos, a 342 kilms. do porto fluvial de Piranhas, a 243 de Tacaratú, 55 de Villa Bella, 30 de Triumpho, 135 de Floresta, 60 de Afogados de Ingazeira e 180 de Buique.

INSTRUCÇÃO E ADIANTAMENTO MORAL — A instrucção do mun. é nenhuma, tem sómente uma cadeira de primeiras lettras para o sexo masculino, na villa; e o adiantamento moral tambem nullo, está na mesma razão.

ESTAÇÃO TELEGRAPHICA — Possue uma da linha nacional, aberta em 2 de outubro de 1894.

Flores — Engenhoca na freg. de Bello Jardim, ao norte da séde parochial.

Flores — *Serra* — Ao N da villa do Bello Jardim, pertence á freg. desse nome, mun. do Brejo da Madre de Deus.

Florescente — Eng. situado no mun. de Agua Preta.

Floresta — *Villa* — Séde do mun. do mesmo nome e da parochia do Senhor Bom Jesus dos Afflictos da Fazenda Grande.

HISTORIA — Seu primitivo nome era *Fazenda Grande*, porque na realidade foi uma fazenda de gado pertencente ao capitão José Pereira Maciel, o que déra logar á fundação da actual povoação. Em 1777 o dono da fazenda nella erigiu um oratorio, sob a invocação do Senhor Bom Jesus dos Afflictos, transformando-o em 1792 numa capella. O espirito de religiosidade, desde logo, trouxe diversos habitantes de outras paragens para perto daquella igrejinha, onde o proprietario tinha um capellão, pago á sua custa, para a celebração de missas e outros actos sagrados. Assim, em pouco se constituiu um povoado, onde, em 1801, o Bispo D. José Joaquim da Cunha Azerêdo Coutinho, desmembrando o territorio de Tacaratú, creou uma freg., cujo acto de creação confirmou o Alvará de 11 de Setembro de 1802, sendo a installação canonica da parochia em 10 de Janeiro de 1803. A Lei Prov. n. 153, de 31 de Março de 1846 elevou á villa, com a denominação de *Floresta*, a pov. da Fazenda Grande, constituindo um mun. com as fregs. desse nome e de Tacaratú. Foi a séde de seu termo transferida para Tacaratú pela Lei Prov. n. 248, de 16 de junho de 1849. Foi restaurada a villa na pov. da Fazenda Grande e com. de Tacaratú, pela Lei Prov. n. 579, de 30 de abril de 1864, installando-se a Camara Municipal em

13 de janeiro de 1865. Tornou-se a séde do termo e com. de Tacaratú pela Lei Prov. n. 120, de 9 de maio de 1865. Foi creada com. pela Lei Prov. n. 1260, de 26 de maio de 1777, classificada de 1ª entrancia pelo Decr. n. 7080, de 9 de novembro de 1878, sendo installada em 10 de março de 1879, pelo juiz de direito Genuino Correia Lima. Em virtude da Lei Organica dos Municipios, n. 52, de 3 de agosto de 1892, constituiu-se autonomo em 23 de janeiro de 1893, elegendo seu 1º Prefeito o cidadão tenente-coronel Fausto Seraphim de Souza Ferraz, 1º Sub-prefeito Antonio David Gomes Novaes, e 1º Conselho Municipal — capitães Joaquim Francisco de Sá e Francisco Seraphim de Souza Ferraz, Francisco Lopes de Carvalho Barros, João de Souza Leal e José Cypriano de Sá. Nesta freg. foi vigario em 1842 o padre João Evangelista Leal Periquito, natural da cidade do Recife, e sacerdote notavel por seu merito litterario e sentimentos caritativos.

Posição astronomica — Está a 8° 35, e 40" de Lat. S., e a 4° e 34" de long. Orient.

Extensão do territorio — De N a S o mun. tem 84 kilms. e de L a O 180.

Aspecto e natureza do sólo — Na parte N o sólo é mais alto e possue algumas serras, sendo nas outras direcções geralmente plano.

Clima e salubridade — O clima do mun. é no geral frio e secco, sendo boa a salubridade local. Nas notas das — *Viagens ao Interior de Pernambuco* — pelo eng. Dombre, em 30 de Setembro de 1875, encontra-se as seguintes observações por elle feitas na villa de Floresta: « A's 3 h. da tarde o barometro marcava a pressão atmospherica de 0m,741 e o thermometro centigrado de Réaumur—27°,50; pela manhã a pressão atmospherica era de 0m,741 e a temperatura de 23°,50. »

Limites— O mun. de Floresta confina: — ao N com os muns. de Belmonte pelas fazendas Sitio do Brejo e Entre-serra,—de Villa Bella pelas serras de Uman e Negra, e ainda pela fazenda Alagôa do Martinho, exclusive,— e de Flores, pelas cabeceiras do riacho do Navio até á Malhada dos Bois, e d'ahi, por esse riacho acima, uma e outra marg.; ao L com o mun. de Tacaratú em toda a linha que corre do Pôço da Cruz, no Moxotó, e pelo riacho dos Mandantes até sua barra no rio S. Francisco; ao S com o Estado da Bahia, donde se separa por esse rio; e ao O com o mun. de Cabrobó — desde o logar Carapuça, seguindo, até Tucuruba.

Divisão — O mun. está dividido em 3 distrs.—1°, o da Villa; 2°, o da Penha; e 3° o do Riacho dos Navios. Contém uma só freg. — a do Senhor Bom Jesus dos Afflictos.

População — O mun. de Floresta possue uma população provavel de 16.000 habs., sendo de 1.500 a comprehendida na séde.

Topographia— A villa de Floresta está situada á marg. esq. do rio Pajehú, sobre uma extensa planicie, a 272 m. de altura sobre o nivel do mar. Consta, por assim dizer, de uma só rua larga, extensa e quasi recta, ficando no centro a praça do commercio, com uma extensão de 220 m. sobre 50 em sua menor largura. Possue umas 150 casas, das quaes algumas de sobrado, a igreja matriz, além de outra não acabada e erigida pelo padre Dr. José Antonio Ibiapina; o cemiterio, a cadeia, que é máo edificio, o mercado, duas escolas publicas, e em 1906 tinha 21 estabelecimentos commerciaes, contada nesse numero uma pharmacia.

Povoados — *Caiçara dos Orphãos*, *Barra do Pajehú*, *Penha* e outros logarejos menos importantes, como *Tacaraba*, *Varzea Comprida*, etc.

Orographia — As serras principaes do mun. são: as de *Uman*, *Negra* a 80 kilms. ao N; a do *Aripuá do Ambrosio*, do *Periquito*, da *Carnahuba*, e os serrotes da *Pedra* e do *Jatinan*.

Hydrographia — O principal rio do mun. é o *S. Francisco*, que recebe ahi varios affls., notando-se entre elles—o *Pajehú*. Regam tambem o mun. os riachos—*S. Pedro*, *Navios*, *Capim Grosso*, *Ambrosio*, *Mandantes*, *Feijão*, *S. Gonçalo*, *Varzea do Tiro*, *Poço Negro*, *Tucuruba*, *Pedra da Chica*, *Canudos*, *Defuntos*, *Jatinan*, *Preces*, *Boqueirão*, *Sacco Grande* e muitos outros ainda. *Lagôas*—Ha: a dos *Pombos*, da *Jatinan* e das *Barrocas*.

Producções—O sólo do mun. dá com facilidade os cereaes, como o milho, feijão, gerimuns, batatas, etc., sendo principalmente a criação a producção mais abundante, preferida e de mais cultura. Planta-se a canna de assucar e existem algumas engenhocas de rapadura nos terrenos brejosos, entre elles os da serra do Aripuá; o cultivo do algodão é tambem utilisado no mun.

Curiosidades naturaes—Ha na serra Negra uma curiosa gruta na qual se tem encontrado ossadas, já petrificadas, de animaes desconhecidos e de grande tamanho.

Reinos da Natureza — O reino animal é abundante de caças, e possue as mesmas especies encontradas nos muns. circumvizinhos. O mesmo acontece com o reino vegetal, que se constitue semelhantemente. A respeito do reino mineral diz — o *Dicc. Geog. de Minas Brasileiro*, obra do Dr. F. S. Ferreira, — que em Floresta existe uma mina de ferro, facto verificado por um engenheiro que andou em explorações do rio S. Francisco. Refere o eng. Dombre que no leito do rio Pajehú encontram-se granitos côr de violeta, outros arroxeados, e de escuro carregado, muito bem crystallisados. Ao poente e ao oriente de Floresta existem pedreiras de calcareo, em certos logares, misturado de argilla, apresentando uma massa de colorido cinzento-escuro.

Industria, Commercio e Agricultura — A principal industria é a pastoril; o commercio de pequeno valor, constituido por uma feira semanalmente, contava em 1906, uns 21 estabelecimentos dentro da villa de Floresta; e a agricultura é quasi nulla, embora existam no mun. logares que se prestam regularmente a varios generos de plantações, como a serra Negra e a do Aripuá.

Vias de communicação—A villa de Floresta fica a 595 kilms. ao SO da capital do Estado e a 110 kilms. da estação de Jatobá de Tacaratú, da E. F. de Paulo Affonso, que parte de Piranhas no vizinho Estado das Alagôas. O projecto da E. F. do S. Francisco assignala a passagem do referido caminho de ferro, por este mun. Dista ainda de Villa Bella 80 kilms.; 130 de Belmonte; 60 de Flôres; 106 de Cabrobó; 336 de Garanhuns; 277 de Pesqueira e 559 de Limoeiro.

Instrucção publica e adiantamento moral—Em 1906 o mun. possuia na Villa de Floresta duas escolas, para cada sexo uma. Seu adiantamento é nenhum, a população em geral tem pouco cultivo intellectual.

Floresta—*Eng.* situado no mun. da Escada a 18 kilms. distante da séde.

Floresta — *Logarejo* á marg. da estrada de rodagem de Nazareth, entre as povs. Chã de Carpina e Tracunhãem, pertence áquelle municipio.

Floresta — *Engs.* que existem assim chamados nos muns. de Itambé e Rio Formoso.

Floresta — *Morro* — Na ilha de Fernando de Noronha. No alto desse morro acha-se o cemiterio, inaugurado em 1643, e uma pequena capella votada a N. S. da Conceição, erguida pelos sentenciados do presidio.

Floresta — *Riacho* — Tem suas vertentes no mun. de Amaragy e, depois de um curso de 7 kilms., desagua no rio Amaragy, pela margem direita.

Floresta dos Leões — E' o nome dado á estação do Carpina pela «Great Western Railway», e officialmente pelas municipalidades de Nazareth e Pau d'Alho á povoação de Chã

do Carpina, para attender ao pedido que lhes foi feito pelo Dr. Francisco Chateaubriand Bandeira de Mello. (Vide CARPINA.)

Florestal — *Estação* da E. F. S. de Pernambuco no desvio do kilm. 43^m,125, donde parte um ramal á Usina *Phenix*, da Companhia Florestal Agricola, entre as estações da Colonia e Barra. Foi aberta ao trafego em Dezembro de 1894.

Focinho do Boi — *Pontal* — Entre os logares Venda Grande e Piedade e, a igual distancia de ambos, menos de milha. Existe ahi isolada uma grande casa coberta de telhas, a qual serve, do mar, para assignalar o logar.

Fogo — *Ilha* — Fica na Passagem do Joazeiro, em frente a Petrolina e ás povoações do Massagano e Fazenda Nova, á margem esquerda do rio, e na opposta, em territorio bahiano, a cidade de Joazeiro.

O canal que se estende pelo lado septentrional da ilha é navegavel, si bem que demande cuidados pelas grandes pedras que existem no seu leito.

A sua flora, em que vegetam as plantas peculiares á zona sertaneja, é prodigiosa na producção da carnaúbeira e mandacarús, especialmente, que formam bastas e emmaranhadas florestas.

O extremo occidental da ilha é eriçado de pedras, sobre as quaes se ergue um grande penedo de rocha granitica, de uma bella côr vermelho-afogueada, despido de vegetação, pedras que, feridas pelos raios do sol poente — parecem despedir rubros lampejos, — originando-se desse bello phenomeno a denominação de *Ilha do Fôgo*, que lhe foi imposta. O penedo pelo lado oriental é de facil ascensão, por um suave declive que chega á sua extremidade, de consideravel elevação, e onde se vê um poste que liga o fio telegraphico da linha terrestre; mas pelo lado posterior é inaccessivel, por ser quasi que cortado a prumo desde a extremidade do pico até a sua base.

ILHA DO FOGO

A Ilha do Fogo é de um bello aspecto.

Eis a descripção, que da mesma ilha do Fogo faz o Dr. Manoel Xavier Paes Barreto, em 1905.

« Gigantesca saliencia de granito, destacando-se, na imponente magestade de sua solidão, do fundo azul sereno dos céos, em desafio ás correntes atmosphericas que varrem-n'a continuamente, de

permeio entre as cidades de Joazeiro e Petrolina, congraçando-as em fraternal amplexo, bella e gazil,—emerge—do seio das placidas ondinas do grandioso S. Francisco, como phantastica náo alli para sempre ancorada — a graciosa *Ilha do Fogo,* cujo pedregoso morro, de coloração roseo-afogueada, parece despedir rubros lampejos aos fulvos raios do sol poente.

De seu cimo, qual inabalavel mastro, estadeia-se, hastil, elevado poste telegraphico ligando, com o fio do progresso e da civilisação, os dous Estados irmãos, Bahia e Pernambuco, e a elles todos os outros Estados do Brasil e do Continente Sul-Americano.

Do alto desse alcantilado pico, aspira-se, sob um mixto de pavor e de intrepidez, não sei que extasis de grandeza soberana, sente-se como que a ancia louca, indefinida de subir, de voar para as regiões altissimas de além, numa impulsão irresistivel de ascensão e de enlevo produzida pela deliciosa vertigem das alturas.

Na sua emmaranhada floresta de carnaúbeiras, mandacurús, etc., respira-se a paz infinita das cousas puras. Ao sul, Joazeiro (cidade bahiana), ás vezes velado por denso nevoeiro de pó que embaça sua linda casaria ribeirinha, ao norte, na margem opposta, Petrolina, em sua singela nudez de nympha sorprehendida no banho, a léste e oéste, circumtornando-a com caricias de ennamorado galã, o caudaloso gigante das aguas, destendendo em derredor o soluçante tapete turvo-ceruleo de suas mansas aguas em murmurio vago e dolente.

E o S. Francisco, feliz por tel-a em seu seio, affaga-a, com suas ondinas fagueiras, em alvorotada expansão de alegria e de movimento,—singrado por numerosos barcos de velas muito brancas, quaes alvas gaivotas cruzando o espaço com suas azas pandas...»

Fôgo—Logar do mun. de Itambé, na direcção e caminho do eng. Meirim, onde existe uma grande excavação, produzida pelas aguas, tendo uns 30 metros de comprido sobre largura variavel entre 15 a 30 metros. Ahi nasce o riacho Ronca-Aguas, e, além disso, verdadeira curiosidade, se vêem na profundidade da caverna diversas arvores.

Fojos—*Serra*—A 6 kilms. distante de Garanhuns e encravada neste mun., dividindo as aguas dos rios Mandahú e Parahyba do Sul, busca para um lado a direcção do Buique, e para o outro a do Bom Conselho, numa extensão de uns 50 kilms., approximadamente, sob varios nomes que as suas quebradas ou passagens, em cordilheira, tomam, entre elles—Fojos, Bastiões, Catimbáo, Jussara, etc. Nessa serra encontra-se gneiss e outras rochas metamorphicas. E' sedimentario seu terreno, segundo a observação do eng. Dr. S. Coutinho, e, d'alli por diante, naquella zona, as aguas dos rios, riachos, corregos, etc., já não são perennes.

Folha Branca— *Serra* — Situada no mun. de Tacaratú.

Folha Larga—*Riacho*—Corre no mun. de Bom Conselho, indo derramar no rio Balsamo, affl. do Parahyba.

Fonseca—*Logar* do mun. de Bom Jardim, com uma cap. de N. S. da Conceição, reconstruida em 1881 pelo vigario J. F. Borges, sendo inaugurada em 8 de dezembro do mesmo anno. Fica ao sul da séde e a pequena distancia.

Fonseca—*Lagôa*— Fica situada no mun. do Brejo da Madre de Deus, proxima ás margens do rio Ipojuca.

Fontainhas—*Log.* no mun. de Goyanna.

Fontes—*Logar* do mun. da Victoria.

Fóra de Portas — Assim se chama na freg. de S. Fr. Pedro Gonçalves toda a parte ao norte do edificio da Capitania do Porto, porque como as cidades antigas, o Recife teve portas, ficando uma dellas onde hoje está o Correio.

Força do Destino — *Eng.* situado no mun. de S. Lourenço da Matta.

Formiga — *Riacho* — Tem pequeno curso no mun. de Salgueiro, indo desaguar no rio deste nome.

Formigueiro — *Eng.* no mun. de Palmares ao N e a 7 kiloms. da séde. Fica entre os kiloms. 115 e 120 da linha ferrea ingleza e á marg. da mesma.

Formigueiro — *Riacho* — Atravessa a linha ferrea, perto do eng. de seu nome e corre para o rio Preto, affl. do Una.

Formoso — *Rio* — Nasce no logar denominado Vermelho, freguezia de Una, e, atravessando a cidade do Rio Formoso, vae lançar-se no Oceano, a 4 kilms. ao N da fortaleza de Tamandaré, e pouco ao S da ponta de Gamella correndo encostado á do Manguinho. Em sua foz, que tem 550 ms. de larg., pouco mais ou menos, tem um aspecto que realmente merece o nome que lhe deram — de *formoso*, conservando-o ainda numa extensão de 3 kilms.; depois estreita-se, consideravelmente, tornando-se muito secco, de sorte que, quando passa pela cidade do Rio Formoso, 9 kilms. acima da foz, difficilmente é navegado por canôas e barcaças. Na marg. meridional e na distancia de milha do pontal do Manguinho ha uma extensa cambôa denominada *Ariquindá*, e mais de 2 kilms. na marg. opposta está a grande cambôa do *Passo*. Dentro do rio ha muitos seccos e corôas, mas o canal conserva-se sempre de 22 a 18 p., e em frente ás cambôas se pruma, em 36 e 40 palmos; para cima sécca bastante e no porto da cidade ha apenas 2 palmos d'agua.

Forno — *Logarejo* do mun. de Ipojuca.

Forno da Cal — *Povoação*—Na ilha de Itamaracá, comprehende o rio do Ambar, dista da séde do mun. (Iguarassú) 15 kilms. e está situada bem perto do cómoro da praia, possuindo uma capellinha sob a protecção de S. José do Bom Jesus.

Forno da Cal — *Logar* no mun. de Olinda a O e 4 kilms. distante d'esta cidade, onde Jeronymo d'Albuquerque, cunhado do 1.° donatario, fundou a 1.ª fabrica de assucar que se levantou em Pernambuco. Teve primitivamente a denominação de engenho de N. S. da Ajuda ou *Engenho Velho*. Fallecendo o fundador, em Dezembro de 1584, foi sepultado na cap. de seu engenho, sob a inv. da Sacra Familia, conforme disposição testamentaria. N'essa capella ainda, a 1.° de Março de 1610, baptisou-se Domingos Fernandes Calabar, natural de Porto Calvo, sendo seus padrinhos Pedro Affonso Duro e sua filha D. Ignez Barroza. Em Forno da Cal—diz a commissão geologica de Pernambuco, em 16 de Setembro de 1875 : — « encontra-se um calcareo branco e compacto que occupa uma posição estratigraficamente inferior ás camadas de Olinda. Os Drs. Freitas e Fred. Hart. collecionaram alguns fosseis, principalmente gasteropodos e dentes de tubarão.»

Forno da Cal — *Log.* em Fernando de Noronha, onde ha uma vertente.

Fortaleza — *Engs.* situados nos muns. de Ipojuca e Páo d'Alho. O eng. Fortaleza de Ipojuca fica a O e a 20 kilms. de N. S. do O'.

Fortinho — *Pontal* — Um pouco mais de milha ao S do extremo do morro do Funil está o pontal do *Fortinho* ou extremo N da ilha de Itamaracá, na lat. 7° 39' S e 8°18'30" long. Orient., formando uma pequena bacia, que é o ancoradouro de Catuama em frente á barra do mesmo nome, onde desaguam : os rios Massaranduba e Tejucupapo, no fim da bacia pelo N ; o canal que separa a ilha do continente pelo S ; e, da ilha, o rio Jaguaribe.

Fosseiro — *Riacho* — Tem pequeno curso e, regando o mun. de Bom Conselho, onde nasce, vai derramar no rio Balsamo, que é affl. do rio Parahyba.

Fragatas — *Ilha* — Junto á de Fernando de Noronha, pertencente a a este Estado.

Fragoso — *Usina* do mun. de Olinda, freg. de Maranguape, tem uma cap. da inv. de S. Anna. O projecto da E. F. do Recife a Itambé consigna ahi uma estação no kilm. 12m,130 do Recife, entre as de Olinda e Paulista.

Fragôso—*Logar* situado na freg. da Graça, mun. do Recife.

Francez — *Ponta* — Na ilha de Fernando, entre a enseada das Esponjas e a Pedra Alta. Assim, na mesma ilha tambem se denomina um morro.

Francisco de Britto—Antigo eng. do mun. do Recife nos tempos coloniaes. Chamou-se depois eng. S. Antonio e Campina de S. Antonio, e era situado na freg. da Varzea.

Francisco Glicerio — Nome com que pretendeu em 1891 um engenheiro chefe da E. F. Central de Pernambuco denominar a povoação de *S. João dos Pombos*, no mun. da Victoria, á margem da mesma linha ferrea, quando semelhante attribuição pertenceu, entre nós, ás antigas assembléas provinciaes, e hoje é da competencia dos Conselhos Municipaes. Mas aconteceu, como muitas vezes tem succedido com alterações taes, quando o espirito popular repelle : a despeito de tudo, a mudança só se effectuou na legenda, collocada na parede da estação e nas tabellas dos preços de transporte e nas dos horarios para as viagens. A estação Francisco Glycerio, aberta ao serviço, em 8 de maio de 1886, com a denominação de *Pombos*, está a 190m,900 de altitude, e a 64,100m, da Central na cidade do Recife. Fica a povoação de *S. João dos Pombos* ao lado S da linha e a uns cinco minutos de viagem da estação ; entretanto, devido a uns morros, que embaraçam a vista, sómente já á entrada do pov. se depara com o logar. Compõe-se de uma rua, situada em terreno inclinado, na parte mais alta da qual, e ao O, está a capella de N. S. dos Impossiveis, Padroeira da pov., fundada em 1876 pelo padre Galdino José Soares Pimentel, datando tambem daquella epocha a formação do povoado, dando-lhe ainda incremento uma feira que aos domingos alli se reune (*Vide* S. JOÃO DOS POMBOS).

Francisco Pereira — *Riacho* —Banha o mun. de Quipapá e corre para o rio Pirangy, affl. do Una.

Frei Caneca — *Colonia* no mun. de Palmares, assim denominada pelo decreto de 16 de julho de 1894. Foi primitivamente um aldeiamento, depois foi a colonia militar de Pimenteiras, mais tarde denominada Isabel e por fim chama-se Frei Caneca. O Collegio dos Orphãos ou S. Joaquim foi para ahi transferido em 1904. (Vide COLONIA ISABEL).

Freire — *Serra* — No mun. de S. José do Egypto, na fralda da qual fica situada a villa deste nome, é um ramo da cordilheira da Borburema.

Freitas—*Logarejo* que se compõe de pequeno numero de casas esparsas, pertence ao mun. de Bom Jardim, e fica a SO da séde.

Freitas--*Riacho*—Nasce na freg. de Surubim, mun. de Bom Jardim e vai derramar no rio Capibaribe, pela marg. esquerda.

Frexeiras — *Logarejo* — No mun. Cimbres ao S e na fralda da serra Ororubá, com uma feira que se reune no dia de terça-feira.

Frexeiras — *Logarejo* do mun. de Goyanna.

Frexeiras — *Povoação* — Fica situada á marg. oriental da via-ferrea do Recife á S. Francisco, tem a alt. 124m,87, possue uma feira uma vez por semana, é florescente o logar, pertence ao mun. da Escada e deve seu nome ao eng. de egual denominação, em sólo do qual está situada. Dista da séde do mun. (a cidade da Escada) 13 kilms. Possue uma estação do ca-

minho de ferro no kilm. 70,147m da de Cinco Pontas da cidade do Recife, aberta ao serviço publico em 25 de Março de 1860, entre as de Limoeiro e Aripibú.

Frexeiras — *Povoação* — A 6 kilms. a L da cidade de Garanhuns e pertencente a este mun., possue uma capellinha, de que é Orago Santa Quiteria, edificada pelos habitantes do local. Annualmente e no dia 8. de Setembro, ha alli uma festa tradicional a que afflue muito povo e romeiros. E' pequena a povoação.

Frexeiras — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres, da serra de Ororubá, e, depois de receber o Buxodó, vai despejar no rio Ypanema.

Frexeiras — *Riacho* — No mun. de Palmares, corre cortando a estrada de rodagem que vai dessa cidade á extincta Colonia Soccorro.

Frexeiras — *Riacho* — No mun. de Bom Conselho, nasce na serra *Lagoinha*, do logar chamado *Gruta do Rocha* e d'ahi correndo vai fazer Barra no rio Parahyba, no sitio denominado Poço do Veado, recebendo os affls. : — Baixa Grande, Cafundó de Daniel, Cafundó do Pinangé, Fundo do Surrão, Grota do Olho d'Agua, Morcêgo, Olho d'Agua, Páo Grande e Quandú.

Frexeiras — *Usina* — A' margem da linha ferrea do Recife a Palmares e proxima á estação do mesmo nome.

Frio—*Povoação* do mun. d'Agua Prêta. (Vide CAMPOS FRIOS.)

Frio — *Serra* — No mun. de Bom Conselho ; consta haver nella minas de ferro e cobre.

Fundão — *Logar* no mun. de Olinda a 5 kilms. d'esta cidade, á marg. da linha ferrea denominada do Recife a Olinda e Beberibe (na secção d'este nome), tem no kilm. 5,982m uma estação entre as do Porto da Madeira e Agua Fria. (Vide BENTO MAGALHÃES.)

Fundão—*Log.* no mun. da Conceição da Pedra.

Fundão — *Eng.* no 3º distr. de Palmares (Catende).

Fundão—*Riacho*—Nasce no mun. de Cimbres e corre para o rio Ipojuca, desaguando pela marg. direita.

Fundo — *Riacho* — Nasce no logar denominado Amontado, mun. do Limoeiro, e, correndo para o rio Capibaribe, vai n'elle desaguar pela marg. dir., junto ao arraial Ribeiro Fundo, depois de uns 8 kilms. de curso.

Fundo — *Riacho* — Nasce nas Balengas, na serra do Araripe, mun. de Ouricury e correndo para o mun. de Leopoldina ahi faz barra.

Fundo da Matta — *Riacho* — Nasce na serra dos Coquinhos, limites das fregs. de Bom Jardim e S. Vicente, banha a freg. de S. Vicente, do mun. de Timbaúba, e, depois de um curso de 4 kilms., approximadamente, desagua no rio Capibaribe-meirim, junto á pov. de S. Vicente.

Fundo do Surrão — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Frecheiras, affl. do rio Parahyba.

Funil—*Pontal*—A 3 milhas para o S da Ponta de Pedras, na lat. S 7° 37' e 50", e long. E 8° 19' e 12" do Rio de Janeiro, fica situado esse pontal. Existe ahi um outeiro que vai rampado até ao mar, cuja fórma é quasi conica no centro. Da extrema d'este môrro, a pouco mais de milha ao S, está o pontal do *Fortinho*.

Furada—*Cachoeira*—No rio Serinhãem e em territorio do mun. do Bonito.

Furado — *Serra* — No mun. de Tacaratú ao SE de Jatobá fórma uma cordilheira com a direcção S encadeiando-se com as do Porteirão, Tacaratusinho, Bruno, Cabembe, Juliana ou Breginho, Tacaicó, até o logar Cruz, onde o rio Moxotó interrompe para continuar a serrania pelo mun. de Paulo Affonso, no Estado das Alagôas.

Furnas — *Log.* no districto de Carrapatós, mun. de Caruarú.

G

Gabiê — *Riacho* — Nasce, corre e desagua, no rioTracunhãem em territorio do mun. de Bom Jardim.

Gabinête — *Eng.* á m. do rio Jacuhype, e 20 kilms. ao sul d'Agua Preta, a cujo mun. pertence.

Gado — *Lagôa* — Com este nome existe uma no mun. de Bom Conselho.

Gado Bravo — *Logar* no mun. de Bom Jardim.

Gado Bravo — *Serrota* — Situada a léste e a 9 kilms. da cidade de S. Bento, a cujo mun. pertence, junto á fazenda da mesma denominação. Tem a fórma conica.

Gaêta — *Ancoradouro* proximo ao Cabo de Santo Agostinho.

Gaibú — *Povoação* — Situada no mun. do Cabo, ao sul da séde, no littoral, e a 15 kilometros. Possue varias casas cobertas de telhas e outras de tecto de palha. Em sua maioria é habitada por pescadores. A enseada ahi formada pela ponta das *Pedras Pretas* e pelo cabo de Santo Agostinho, é conhecida sob a denominação de ancoradouro de Gaibú. Está a 8°, 18', 28" de lat. S e a 8°, 10', 12" de long. oriental do Rio de Janeiro. E' defendida a enseada no extremo do sul, já em terras do Cabo de Santo Agostinho, por um pequeno forte da invocação de S. Francisco Xavier, collocado na saliencia de um rochedo. Essa fortificação começou por uma estacada, que o governador Luiz Diogo Lobo da Silva mandara fazer, de 1755 a 1763; mas, como não fosse bastante, para a garantia do porto, no governo de D. Thomaz José de Mello, este determinou a construcção de um reducto, que teve começo em 1797, com o auxilio das tropas e dos moradores da localidade e foi terminada em 1799.

Gaipió — *Eng.* do mun. de Ipojuca a 12 kiloms. ao poente (em linha directa) da villa de N. S. do O'; possue uma capellinha votada ao Patriarcha S. José. A 31 de dezembro de 1848 deu-se nesse eng., na chamada *Rebellião Praieira*, um ataque, em que foram as forças liberaes desalojadas de suas posições. Ahi existe um pequeno povoado conhecido pelo nome de S. José de Gaipió. (Vide S. José de Gaipió).

Galiléa — *Eng.* que pertence ao mun. do Bonito.

Galiléa — *Eng.* comprehendido no territorio do mun. da Victoria, freg. de Santo Antão.

Gallinhas — *Porto* — De pouca importancia, no mun. de Ipojuca, e a 9 milhas ao sul do Cabo de Santo Agostinho. E' uma barreta formada por pequena interrupção do recife que guarnece esta parte da costa. Diz o *Roteiro da Costa do Brazil*, de Vital de Oliveira: — « Este pequeno ancoradouro é muito desabrigado por ficar em frente á barreta, mas as embarcações de pequena cabotagem vão fundear defronte do povoado, onde logo em meia vasante é muito manso. Outr'ora foi este ancoradouro muito procurado pelos contrabandistas; actualmente sómente é frequentado pelos pescadores e embarcações de pequena cabotagem; mas, como no caso de necessidade póde servir de abrigo a navios pequenos para reparar qualquer

avaria, mostraremos a maneira de demandal-o. Fica o ancoradouro perto de 9 milhas ao sul do Cabo de Santo Agostinho; assim, reconhecido este, facil é procurar avistar-se o coqueiral e povoado do *Porto de Gallinhas*, navegando proximo da costa, na distancia de 4 milhas; tendo sempre o cuidado de não confundir esse coqueiral com o do *Cúpe*, pois que este é muito menor e logo o primeiro ao sul do *Cabo*. Depois procurar-se-ha reconhecer dous outeiros redondos por detraz da povoação e navega-se a fazer com que elles se destaquem dos coqueiros do pontal da mesma povoação, fazendo os do pontal sul corresponder á egreja de *N. S. do Outeiro* (no alto do monte); assim collocado se navega então a NO 4 N. Com este rumo se vai passar a meio da barrêta, montada a qual se deve ancorar. As embarcações de pequena cabotagem no tempo dos ventos do NE tambem demandam o ancoradouro, vindo passar pelo norte, entrando por terra do recife alagado ou da baixa. Esses recifes florêam sempre e, portanto, facil é evital-os.» Ahi na lat. S 8°, 28', 36" e long. oriental 8°, 7' 36" do Rio de Janeiro, fica o pontal do Porto de Gallinhas.

Gama —*Riacho*— Nasce na serra do Imbé, e correndo pelo mun. de S. Bento, depois de 70 kilms. de curso vai desaguar no rio Una, no logar Cachoeirinha.

Gambá.—*Eng.* situado no mun. de Nazareth.

Gambôa — *Pontal* — Nada o faz notavel senão fechar a bacia formada pelas terras que se recolhem do Cabo de Santo Agostinho, onde desaguam, proximo deste, os rios Suape, Tatuoca, e depois o Ipojuca, o Merepes e o Giquí.

Gamella –*Povoação* – Vide BARRA DE GAMELLA.

Gamella — *Pontal* — Cerca de 3 kilms. distante do pontal do Manguinho e a 8° 38' 47" de lat. sul, e a 8° 3' 44" de long. oriental do Rio de Janeiro. Fica comprehendido no mun. do Serinhãem.

Gamella — *Barra* — « Esta barra, diz Vital de Oliveira, que dista cerca de 3 milhas por 42° SO do extremo sul de Santo Aleixo, é a entrada principal da foz do rio Formoso, que fica milha e meia mais ao sul. Esta parte da costa é bordada por tres recifes. Tem de largura, entre os picões do recife de 90 a 100 metros com 36 palmos de fundo de lama e depois o fundo vai egualmente diminuindo até 29 palmos perto da praia, sendo, porém, o ancoradouro muito acanhado, porquanto é o recife proximo da costa. O picão do norte da barra é mergulhado, mas o do sul é sempre descoberto no baixamar. A barra de Gamella facilmente se reconhece pela proximidade em que está a ilha de Santo Aleixo. Sendo demandada, vindo do norte, logo que se tiver montado a ilha e a restinga que d'ella se prolonga para o sul e que sempre florêa, se puchará ao rumo do SSO em direcção de uma grande gamelleira (*) isolada que existe na ponta de Gamella. Com essa navegação se notará quando a egreja de N. S. de Guadalupe enfia os coqueiros da ponta da Gamella, para seguir ao SO, e assim se vae passar entre os dous picões da barra, livrando egualmente o extremo norte do recife alagado do meio.

Passada a barra de onde se resguarda a pedra do recife que espraia, ancorar-se-ha em frente á povoação em 27 palmos d'agua, fundo de lodo.

Vindo do Sul, ver-se-ha primeiramente a grande fortaleza de Tamandaré, e como existe o recife de fóra que borda a costa até á ponta de Gamella, na distancia de duas milhas, cujo extremo norte está 73° NE — SO com esta ponta, é mais conveniente dirigir a navegação em referencia á ilha de Santo Aleixo para demandar a barra. As sahi-

(*) Hoje já não existe essa gamelleira

das deste ancoradouro só podem ter logar com terral ou vento feito.»

Gamelleira — *Cidade* — E' séde do mun. da mesma denominação e da freg. de N. S. da Penha de Gamelleira.

HISTORICO — O seu povoamento iniciou-se-se em 1860, pelo facto da construcção da E. F. do Recife ao São Francisco, e estabelecimento nesse ponto de uma estação. Sendo a 3ª secção da construcção da linha, emquanto se trabalhava na 4ª e ultima, ahi foi, durante algum tempo, um nucleo de movimento, já pela creação de uma feira, já por ser centro de algumas estradas. Crescido numero de engenhos das fregs. de Serinhãem (a que então pertencia), do Bonito, do Rio Formoso de Ipojuca, de Barreiros, nos pontos que ficavam mais distantes do mar, fizeram d'esse logar a estação preferida para a remessa dos assucares destinados á praça do Recife. Armazens d'aquelle genero ahi desde logo foram edificados, casas de residencia e outras construcções, e dentro em pouco um simples engenho onde sómente havia uma estação de caminho de ferro, transformava se numa povoação. Teve o nome de *Gamelleira*, porque este foi o do engenho, donde já o havia tomado tambem a estação. Já não existe esse engenho. A Lei Provincial n. 763, de 11 de Julho de 1867, deu-lhe a categoria de freg., fazendo matriz a capella que em 1862 seus habitantes haviam levantado. A 22 de Dezembro de 1868 o Diocesano fez o provimento canonico com a nomeação de seu 1º Vigario, a qual recahiu no Rev. Augusto Franklin Moreira da Silva, que realizou a installação em 31 do mesmo mez e anno. Foi elevada a villa pela Lei n. 1057, de 7 de Junho de 1872, e installada em 13 de Dezembro de 1873. Incorporou-a á comarca da Escada a Lei n. 1.093, de 24 de Maio de 1873. Creada comarca por Acto do Governo provisorio, no Estado, de 8 de Julho de 1890, foi classificada de 1ª entrancia pelo Decr. n. 53, de 10 do mesmo mez e anno, sendo installada em 11 de Agosto, pelo seu 1º juiz de direito, Dr. Lindolpho Hisbello Corrêa de Araujo. De accordo com a Constituição de 17 de Junho de 1891 e a Lei Organica dos municipios, n. 52, de 3 de Agosto de 1892, organisou-se como municipio autonomo, em 10 de Março de 1893, sendo eleito o primeiro governo administrativo: Prefeito, coronel Ernesto Gonçalves Pereira Lima; sub-prefeito, capitão Antonio José Pires; Conselho Municipal, membros—João de Carvalho Soares Brandão, Bellarmino Dorothêo Rodrigues da Silva, Cincinato Americo dos Santos, Lauriano Germano d'Aguiar Montarroyos e Silvestre Pereira da Silva Guimarães. Foi elevada a cidade pela lei n. 434 de Junho de 1904.

POSIÇÃO ASTRONOMICA— Está situada a cidade de Gamelleira a 8º 34' de lat. S e a 7º 51' de long. orient do Rio de Janeiro.

EXTENSÃO DO TERRITORIO—O mun. tem de N a S 22 kilometros de extensão, e de L a O 36.

ASPECTO DO SÓLO—E' no geral ondulado de collinas todo o terreno do mun. de Gamelleira, havendo, entretanto, em alguns logares, ligeiras planicies.

LIMITES —O mun. limita-se : ao norte, com o da Escada pelas terras dos engs. —Vicente Campello, Leão, Conselho e parte de Aripibú, e com o de Amaragy nos engs. Aripibú, Primorôso, Caheté Bamburral, Paiz e Diôgo; ao oeste com o mun. do Bonito pelos engs. Ilha das Flores e Rio Branco; ao sul com Agua Prêta, pelos engs. Pereirinha, Pereira Grande, Dona, Riacho das Pedras, Pedra de Fogo, Alto Capoeiras, Aguas Claras e Aguas Finas; e a léste com o de Serinhãem, pela barra do riacho Quibebe, riacho Araquara até encontrar o Dromedario, parte do eng. Vicente Campello, Engenho Novo, S. Francisco, Cucahú e Burarema. A divisão ecclesiastica não é a mesma, e fica da séde parochial nas seguintes distancias : dos limites com a freg. da Escada a 12 kiloms.; de Seri-

nhãem, 18 kiloms.; de Agua Preta—3 kiloms., e do Bonito—15 kiloms.

CLIMA E SALUBRIDADE—O clima é temperado, sendo na estação invernosa carregado de humidade; é geralmente saudavel toda a região do municipio, não se conhecendo molestia alguma endemica.

DIVISÃO—O mun. de Gamelleira comprehende tres districtos judiciaes: 1º o da cidade, 2º o de Ribeirão e 3º o de S. José da Extrema.

POPULAÇÃO—A população total do mun. se avalia em 12.000 habitantes calculada assim: 5.000 habs. no 1º distr., 4.000 no 2º e 3.000 no terceiro.

TOPOGRAPHIA — A cidade de Gamelleira, situada ao lado oriental da E. de F. do Recife a Palmares, é banhada pelo rio Serinhãem, em cuja margem esquerda assenta, fica a 90m,50 de altura sobre o nivel do mar e se estende sobre terreno ligeiramente desigual. Possue boa edificação, regular commercio, feiras semanaes bem animadas, onde se vendem productos locaes e outros importados; tem uma boa egreja, dedicada a N. S. da Penha, que é a matriz, á qual estão annexos dous patrimonios, um da Padroeira, com 50 braças quadradas de terras, e outro, de N. S. da Conceição, com 25 braças quadradas de terras. Ha na cidade um Gabinete de Leitura, fundado em 8 de Setembro de 1877, o qual mantém desde sua creação uma regular bibliotheca que franquêa ao publico. Casa de Mercado, agencia do correio, estabelecimentos de molhados e fazendas, hoteis, barbearias, officina de funileiros, de ourives, de caldeireiros, de ferreiro, fabricas de sapatos, de fogos do ar, etc., tudo isso se encontra dentro de seus muros, onde existem 400 fogos e uma população de 3.200 habs. Na cidade entre o verão e o inverno nota-se como temperatura minima 19º, média 25º e maxima 30º.

POVOAÇÕES E CAPELLAS — *Ribeirão*, importante povoação de umas 200 casas e 1.000 habs. a 9 kiloms. a léste da séde, com uma capella da inv. de Sant'Anna do eng. Ribeirão, possue duas feiras semanaes, algum movimento commercial, fica junto á linha ferrea do Recife a Palmares e é ponto de partida da Estrada de Ferro (em construcção) do Bonito. *S. José da Extrema*, povoado, capella da mesma inv. a 20 kiloms. ao norte. E as capellas de *N. S. da Piedade* do eng. Duas Barras; de *S. Antonio* do eng. Lobo; a de *N. S. do Bom Successo* do eng. da mesma invocação; a de *N. S. das Angustias* do eng. Dous Braços, e a de *Sant'Anna* do eng. Antas.

OROGRAPHIA — Não ha no mun. de Gamelleira serras e montanhas propriamente ditas, sómente collinas e elevação de terras, que não merecem especial menção.

HYDROGRAPHIA — O rio *Serinhãem* é o principal do municipio, regando-o de N a S; depois seguem-se riachos de menos importancia, como o *Pimenta*, *Ribeirão*, *Araquará*, *Amaragy* e outros.

PRODUCÇÕES — A principal producção do mun. é a canna de assucar, que é utilisada nos seus engenhos e usinas. Apenas para o consumo local se cultivam os diversos cereaes, sendo entretanto uberrimas todas as terras de sua circumscripção.

CURIOSIDADES NATURAES — Na freg. e mun. de Gamelleira ignora-se se existe alli alguma curiosidade natural.

REINOS DA NATUREZA — O Dr. Francisco Ignacio Ferreira em seu *Diccionario de Minas* assevera que, não longe da estação de Gamelleira e da linha ferrea, 12 kilms., mais ou menos, encontrou-se um mineral semelhante ao carvão de pedra, em terras de propriedade que pertenceu outr'ora ao cidadão Antonio Ferreira Neves, constando isto tambem de uma informação da Camara Municipal do Rio Formoso (a que então pertencia o actual territorio de Gamelleira) ao Governo Geral do Paiz. Os reinos animal e vegetal nenhuma particularidade offerecem.

Instrucção e adiantamento moral— E' insufficientemente distribuida a instrucção, e consequentemente ha bastante atrazo moral no geral da população. Na cidade de Gamelleira, como já ficou indicado, ha o *Gabinete de Leitura Recreiativo Gamelleirense*, que existe desde alguns annos e se vae mantendo regularmente.

Commercio, Industria e Agricultura — O commercio é animado, existindo estabelecimentos commerciaes de todo genero, officinas de sapateiro, funileiro, alfaiate, ferreiro, etc., e ainda os seguintes engenhos: Antas, Anhumas, Aurora, Assumpção, Amaragy d'Agua, Amaragy a Vapor, Alegre, Agua Clara, Araquara, Bom Successo, Brejo, Boa Ventura, Bastiões, Bom Nome, Bom Destino, Bom Despacho, Barra Nova, Bujary, Curuzú, Castor, Cachoeira, Cachoeira Bella, Cachoeira Lisa (usina), Coculo, Conservador, Concordia, Caxias, Caxangá, Campanha, Dous Braços, Duas Barras, Ditoso, Flor do Dia, Ganganelli, Lobo, Lages, Linda Flor, Monte Alegre, Moças, Minas Novas, Macaco, Normandia, Oriental, Poços, Pontable, Pacas, Páo Branco, Prado, Páo Sangue, Progresso, Rainha dos Anjos, Ribeirão, S. João, Santo Antonio, S. Matheus, Santa Luzia, S. Gregorio, Simão, Segredo, Serrinha, Taquara, Tapoama, Tigre, Uberrimo, Umary, Usinas Pinto e Estreliana, Viração e Varzea Grande.

Distancias e vias de communicação— As vias de communicação principaes são a E. de F. de S. Francisco, a de Ribeirão a Bonito, e as das suas usinas. Dista do Recife 96 kilms., da Escada 39, de Palmares 29, de Barreiros 50, do Rio Formoso 40 e de Serinhãem 45.

Gamelleira — *Eng.* no mun. da Victoria.

Gamelleira — *Eng.* no mun. de Timbaúba.

Gamelleira — *Eng.* no mun. do Rio Formoso.

Gamelleira — *Eng.* no mun. de Palmares.

Gamelleira — *Log.* do mun. de Bom Conselho.

Gamelleira — *Eng.* no mun. de Itambé.

Gamelleira — *Eng.* no mun. de Ipojuca, a 7 kilms ao sul da villa de N. S. do O'.

Gamelleira — *Eng.* da freg. de Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth; existe outro de igual nome em Taquaretinga.

Gamelleira — *Eng.* da freg. de Tracunhaem, mun. de Nazareth.

Gamelleira — *Estação* na cidade do mesmo nome e no kilom. 95,788^{m}, E. de F. S. Francisco, foi aberta ao serviço em 30 de março de 1862.

Gamelleira — *Povoação* — A 30 kiloms. da villa do Altinho, ao poente, tem uma capella cujo Orago é N. S. da Conceição. Açude de agua potavel e bons terrenos para a cultura do algodoeiro e criação de gado.

Gamelleira — *Povoação* — Ao sudoeste da villa do Buique, a cujo mun. pertence, dista d'alli kilms. Possue uma capella da inv. de N. S. da Conceição, e semanalmente uma feira, varios estabelecimentos commerciaes, e nas proximidades duas fazendas de criação· Existe ahi uma agencia de correio e é séde de um districto municipal.

Gamelleira — *Riacho* — Banha o mun. de Gravatá, indo depois de pequeno curso lançar-se no rio Ipojuca pela marg. direita.

— *Riacho* — Banha o mun. do Bom Conselho e com pequeno curso vai derramar no Parahyba.

Gamelleira — *Serra* — Fica ao norte da villa de Ouricury.

— *Serra*, no mun. da Pedra, faz parte da cordilheira que ao norte atravessa o territorio, na direcção do mun. de Cimbres, sob os nomes de Cruz, Jardim, Paxinanan, Macaco, Lages, Guerra, Buginho e Mocó.

— *Serra*, no mun. de Tacaratú e ao sul da povoação desse nome.

Gamelleiras — *Eng.* no mun. de Nazareth.

Gamelleirinha — *Eng.* no mun. de Nazareth. Existe outro de igual nome, no mun. de Taquaretinga.

Ganganelli — *Eng.* no mun. de Gamelleira, proximo do povoado Ribeirão e ao norte, a 10 kilms.

Gangorra — *Log.* do mun. de Gravatá ao norte e nas divisas com o de Limoeiro.

Gangorra — *Riacho* — Nasce no mun. de Gravatá e correndo de sul para norte vai derramar no rio Capibaribe, pela marg. dir., no mun. de Limoeiro.

—*Riacho*—Nasce no logar Sitio Velho na serra do Acahy, mun, de Cimbres, corre de N. a S. até o povoado do Poção e d'ahi tomando a direcção de NO a SE recebe pequenos affluentes e desagua no rio Ipojuca, no sitio denominado Batedor com um curso de 20 kiloms.

Ganso — *Riacho* — Corre no mun. de Quipapá para o rio Pirangy em que desagua pela marg. esq. depois de pequeno curso.

Garanhuns — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de Santo Antonio de Garanhuns.

Historia —O povoamento da cidade de Garanhuns data do seculo XVII, e foi primitivamente aldeia de indios. Em 1756 uma senhora religiosa, por nome Simôa Gomes d'Azevedo, fez doação do terreno em que hoje se acha a cidade, de sua propriedade, ás Almas; mas, em 1855 o juiz de Direito Dr. José Bandeira, já morta a doadora, e sem herdeiros, não reconheceu válida a doação e sequestrando o dito terreno o encorporou como bem nacional. De curato que era Garanhuns, por acto da Meza de Consciencia e Ordens de 1786, foi creada freg., sendo seu 1° vigario o Pe. Fabiano da Costa Pereira. Foi erigida em villa por Alvará de 10 de Março de 1811, por solicitação do governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, sendo inaugurada em Dezembro de 1813 pelo ouvidor Desembargador Antonio José Pereira Barroso de Mendonça. Antes de ser elevada á categoria de villa, foi um julgado que se creou pelos annos de 1767 a 1768, pois que em virtude da carta regia de 22 de julho de 1766 foram os governadores e capitães generaes autorisados a crear villas, e talvez por insufficiencia de logar se limitassem a crear julgados. Depois de proclamada a independencia do Brasil a lei provincial n. 22, de 6 de junho de 1836 creou a comarca, desannexando seu territorio do do Brejo da Madre de Deus, e sendo seu primeiro juiz de direito, em 1837, o Dr. João Pereira de Carvalho. Teve a categoria de cidade pela lei n. 1.309, de 1879. No governo da Republica, constituiu-se mun. autonomo, de accordo com a Lei Organica dos municipios, em 7 de janeiro de 1893, sendo o 1° governo administrativo — Prefeito — Major Antonio da Silva Souto, Sub-prefeito—Capitão Napoleão Marques Galvão, e o Conselho Municipal, composto dos seguintes cidadãos : Victorino Alves Monteiro, Pascoal Lopes Vieira de Almeida, Augusto Cezario de Araujo, José Alves da Silva Tororó, Antonio Paes da Silva Souto e Agostinho José de Góes.

Posição astronomica — Está a 8°, 53' e 1" de lat. S. e 6° 46' de long. orient. do Rio de Janeiro e 36° 24' 37" de long. occ. do meridiano de Greenwich.

Aspecto e natureza do solo — Como constituição geologica o terreno de Garanhuns é composto de argilla e areia, e raro é achar-se ahi essas duas materias combinadas de modo a formar um só producto, uma rocha mais ou menos dura. São ellas no geral separadas. Como rochas encontra-se nos carcareos unicamente algum veio isolado de quartz ; o granito é resistente.

Clima e salubridade — Em Garanhuns, na altitude 864, a temperatura maxima é de 24°,5 e a minima 20°,5 no

mez de janeiro ; em junho a maxima é de 20°,9 e a minima 17°,8 ; a media annual é, pois, de 20°,7, sendo no verão 22°,7 e no inverno de 19°,35. A diferença entre o dia e a noite não vai além de 4°,15 no verão e 3°,0 no inverno, sendo a média das duas estações de 3°,62.

CIDADE DE GARANHUNS

De todos os logares em que a temperatura média oscilla entre 20 e 21°, não ha um só, que eu saiba, onde a maxima desça e a minima se eleve tanto como em Garanhuns. Nesses logares a maxima é sempre de 28°,0 a 30°,3 e a minima de 11°,0 a 11°,7, sendo portanto a differença de 19°,0.

O mesmo acontece nos pontos em que a temperatura média regula de 19° a 20°. Sobre este ponto de vista, o logar que mais se approxima de Garanhuns é o Cabo da Boa Esperança, em que a differença entre o inverno e o verão é apenas de 9°,8, sendo a maxima de 24°,1, e a minima de 14°,3. Todos elles, porém, acham-se afastados do equador de 29° a 37°.

Em altitude e latitude pouco differentes de Garanhuns, só conhecemos dous logares, que são Candy e Caracas, em que é tão uniforme a temperatura; sendo entretanto em ambos mais elevada a média annual de 2° proximamente.

Em Quito e Bogotá, que se acham em latitudes mais altas do que Garanhuns, a differença entre o verão e o inverno é apenas de 2°, sendo a média annual de 15°; ambos, porém, teem a seu favor a altura em que se acham sobre o nivel do mar, que é proximamente o triplo da de Garanhuns, isto é, 2.914 metros o primeiro, e 2.631 metros o segundo.

No Rio de Janeiro a média annual é de 22°,50, ou 2°,0 mais elevada, que a de Garanhuns.

Em S. Paulo e sul de Minas, a média é de 20°,0 proximamente, achando-se pois Garanhuns nas mesmas circumstancias destes logares, relativamente ao clima e producções.

Pouco elevada e uniforme, a temperatura em Garanhuns é um poderoso elemento de salubridade, que *á priori* poder-se-hia determinar á vista das indicações do thermometro, se não o attestasse a experiencia de longos annos.

As molestias do tubo respiratorio desapparecem alli como por encanto. Bem desenvolvidos e fortes, os habitantes do planalto contrastam com os que vêm do littoral, dominados geralmente pela cachexia paludosa. São raras as molestias do figado, tão communs em nosso paiz; a mortalidade, emfim, regula a 0,8 %.

O planalto de Garanhuns, notavel pelo seu clima uniforme, fresco e salubre, torna-se ainda mais interessante collocado em meio dos sertões quentes do norte, podendo produzir muitos generos dos climas temperados que recebemos do estrangeiro, sendo por esta razão o mais apropriado para o estabelecimento de emigrantes europeus, que encontrarão alli os mesmos recursos que em S. Paulo e Minas.

Em vasta escala se poderá desenvolver a criação de carneiros, e consequentemente a producção da lã, de que tanto proveito têm auferido os nossos vizinhos do Prata.

Geralmente sente-se frio á noite em qualquer estação, sendo bem sensivel de Agosto a Janeiro, em que a atmosphera se conserva limpa de nuvens.

Por via de regra apparecem nevoeiros das seis ás oito da tarde, impellidos pelos ventos do quadrante do SE, que são os mais frequentes na localidade.

Como na zona da matta, começam as chuvas em Janeiro, precedidas de grandes trovoadas, sendo, porém, mais fortes de Abril a Junho, terminando em Julho a estação das aguas, denominada inverno. (Dr. J. M. Silva Coutinho).

O engenheiro Dombre em suas *Viagens ao Interior de Pernambuco*, durante 24 horas seguidas tomou as variações atmosphericas que observou em 23 e 24 de Dezembro de 1874, e são as seguintes:

23 e 24 de Dezembro:

11 h.	noite	20°,50
12 »	»	20°,40
1 »	manhã	20°,30
2 »	»	20°, 0
3 »	»	20°, 0
4 »	»	19°,80
5 »	»	19°,00

6 h.	manhã	19°,00
7 »	»	19°,50
8 »	»	20°,00
9 »	»	21°,00
10 »	»	22°,00
11 »	»	23°,50
12 »	»	24°,50
1 »	tarde	25°,00
2 »	»	26°,00
3 »	»	26°,00
4 »	»	25°.80
5 »	»	25°,20
6 »	»	24°,03
7 »	noite	23°,00
8 »	»	22°,50
9 »	»	22°,00
10 »	»	22°,00
11 »	»	21°,00

O estado do céo—sem nuvens e brisa ligeira. O barometro marcava a pressão atmospherica mantendo-se.

Limites — O mun. de Garanhuns confina ao N. com o mun. de S. Bento, no sitio denominado Canhôto; ao S. com o mun. de Correntes, no logar Bom-Será; a L. com o mun. de Canhotinho, pelo riacho Angelim; a O. com o mun. da Conceição da Pedra, pela serra do Mijo da Onça e suas aguas e como de Bom Conselho, no logar Riacho Secco.

Dimensões do territorio — O mun. de Garanhuns de N a S tem 30 kilms. de extensão, e de L a O 80.

Divisão — O mun. consta de uma só freg. e de dous districtos administrativos, 1° o de Garanhuns e 2° o de Brejão.

Topographia — A cidade de Garanhuns está situada a 866 metros de altitude no centro de um grande planalto, perto das vertentes do rio Mandahú, tem um commercio prospero, edificação desenvolvida e regular, 3.000 habitantes, umas 500 casas que formam dez ruas, quatro praças e algumas travessas, egreja matriz da invocação de Santo Antonio, casa do Conselho e Prefeitura Municipal, cadeia, escolas publicas, estação da via-ferrea, hoteis, etc.

Povoados — *Brejão*, cap. de Santa Cruz, na estrada de Bom Concelho; e *Frexeiras*, cap. Santa Quiteria, a 6 kiloms. a léste, *S. João*, *Angelim* e *Riacho Secco*.

Orographia—As serras principaes do mun., que é todo ondulado, são: a dos *Garanhuns*, dos *Bois*, *Fojos*, da *Bôa Vista*, *Maganos* e outras. (Vide cada uma.)

Hydrographia — O principal rio do mun. é o *Mandahú*, que tem suas nascentes de numerosos olhos d'agua que brotam do planalto, no logar Brejo das Flores. Na cidade, propriamente, não ha rios, e bebe-se agua daquellas mesmas fontes da escarpa do planalto, as quaes são perennes, abundantes e as mais puras que se encontram em Pernambuco, sendo entre todas a mais afamada a que chamam dos Cajueiros.

Producções — Nos diversos valles cultiva-se em grande escala os legumes e a canna, sendo tambem o terreno apropriado ao café, como demonstra o desenvolvimento das plantações que lá existem, sendo o fructo muito similhante ao do Ceará. Ha ensaios de trigo, batata ingleza, com magnificos resultados, e cultiva-se abundantemente o algodão e o fumo, que é um dos melhores do paiz. A criação de carneiros, em clima tão ameno como esse, diz o Dr. Coutinho, deve constituir um grande ramo de industria pela producção da lã, apparecendo assim um novo genero de exportação. O fabrico do queijo em Garanhuns póde adquirir vastas proporções, sendo por isso mais um recurso para a população indigena e para os immigrantes que alli forem se estabelecer. Cria-se gado vaccum do mesmo modo que em outros pontos do sertão.

Curiosidades — A partir da escarpa occidental do planalto de Garanhuns descobriram-se fosseis em diversos pontos, ordinariamente no fundo de antigos lagos, onde actualmente se conserva agua durante a estação das chuvas. Esses fosseis acham-se collocados entre o terreno sedimentario e o granito que lhe serve de base. A mór parte delles pertence aos grandes mammiferos que

caracterizam o terreno terciario; outros, porém, pela sua fórma particular parece que se devem referir a alguns dos reptis dessa mesma época. (Dr. J. M. da Silva Coutinho».

REINOS DA NATUREZA — No reino animal nota-se : bois, cavallos, carneiros, cabras, cotias, coelhos, veados, raposas, tatús, guaribas, kágados, cobras diversas, papagaios, periquitos, jandaias, emas, siriemas, abelhas diversas, entre as quaes o aripuá, urucú, gitahy e tubiba, etc. No reino vegetal encontra-se: a mangabeira, o angico, a aroeira, o páo ferro, que ahi tambem chamam *jucá* (não é o mesmo da zona da costa) e utilisam com grande successo na cura radical do *diabetis* ; a catingueira, que sempre se conserva verde durante o anno, sendo mais bella nos mezes de calor, é muito utilisada na cura das molestias de estomago. Esta leguminosa cresce até 7 m., e de seus fructos verdes alimenta-se com prazer o gado vaccum ; seccos, porém, e tendo o pericarpo adquirido a consistencia lenhosa, dão logar muitas vezes á morte do animal rasgando-lhe o estomago. A zona em que ha abundancia dessa planta é ordinariamente chamada *catinga* pelos naturaes. Em quantidade existe ainda a baraúna, que tem uma madeira fortissima, a emburana, bonome, carahybeira, o cedro, o jacarandá, e outros menos importantes. A zona principal em que fica o mun. de Garanhuns é chamada pelos naturaes de *agreste*, havendo pequenos pedaços de *catinga*. A respeito do reino mineral extractamos do relatorio das obras publicas o que segue :

Gneiss e Granito — Nos arredores de Garanhuns o sólo é coberto por uma camada de areia e argilla muita espessa que não permitte julgar qual a natureza da rocha. Mas, si se prolongar as explorações até os logarejos do Mocó e do Brejão, encontra-se aqui ou acolá alguns afloramentos de granito gneissico e de gneiss, que não deixam nenhuma duvida sobre a composição do planalto formado dessas rochas. Sendo os afloramentos de pequena extensão, é difficil observar qual é a orientação da rocha, porém nota-se uma certa direcção EO dos elementos.

A parte mais superficial do sólo é exclusivamente arenosa, logo abaixo encontra-se a argilla, que torna-se visivel nos valles, esta é utilisada em varios logares para fazer tijolos e telhas, em geral de boa qualidade. Muitas dessas argillas prestar-se-hiam ao fabrico mechanico, por meio de machinas apropriadas, da telha franceza e dos tijolos em grande escala. N'um dos valles da serra dos Fójos encontrei uma argilla branca, mas não se póde dizer ao certo, sem fazer ensaios chimicos, se é kaolin ou simplesmente uma agglomeração menos importante de steolite. Porém, essa argilla contém, misturada com a massa, uma quantidade consideravel de grãos finos de quartzo, que a inutilisam industrialmente sendo mesmo kaolin.

Na mesma serra dos Fójos indicaram-me tambem a presença de um minerio de prata. O aspecto exterior do terreno não me forneceu nenhum elemento para suppôr á primeira vista que nesse logar existisse esse mineral. Apanhei e guardei das mesmas areias, cuja analyse dizem ter revelado a prata e só poderei emittir alguma opinião a respeito depois de ter feito eu mesmo a analyse dessas areias.

De Garanhuns até a serra de S. José encontra-se sempre o mesmo terreno arenoso, mostrando de distancia em distancia afloramentos de gneiss e de granito gneissico. A rocha é muito visivel na descida da serra de S. José, onde se póde observar á vontade a estratificação peculiar do gneiss. A orientação da rocha é ahi de — S — 85° — E com um levantamento de 20 para N—E.

Diz ainda o engenheiro Coutinho : Na serra dos Bois, que demora perto da linha, encontra-se em uma superficie de 9 kiloms. quadrados o protoxido e sequi-

oxido de ferro na superficie e a pequena profundidade. Esta região é limitada ao norte pelos corregos Cinza e Luiz Ignacio, tributarios do Pirangy; ao sul pelas cabeceiras do riacho do Ouro; a léste pelos corregos do Cafundó, Cavas e Francisco Pereira, que deitam para o Pirangy; a oéste pelos ribeirões de Joa-

FEIRA DE GARANHUNS

quim Pedro e Januario, que pertence ao valle do Canhoto.

Industria, Commercio e Agricultura — Além da lavoura e criação não existe no mun. outra industria permanente que influa nas transacções. As obras de sola que se preparam em Garanhuns e outros logares do sertão recommendam-se pela perfeição do trabalho; mas, não têm consumo além da região. Os chapéos de couro, de uso quasi geral no sertão, são fabricados na região pastoril. Curte-se o couro com summa perfeição e é digna de nota e admiração a costura dos chapéos e da vestidura dos vaqueiros. O commercio do mun. realiza-se por intermedio das estradas de Bom Conselho, Correntes, Aguas Bellas, Buique e São Bento, e da E. de F. Sul de Pernambuco, permutando-se os generos nas praças do Recife e Maceió. O commercio local consiste na troca dos generos das regiões agricola e pastoril por meio de feiras semanaes, onde concorrem compradores e vendedores de pontos distantes. Das regiões agricolas vão os legumes, cereaes, rapadura, aguardente, assucar em pequena escala e taboados; dos diversos pontos do sertão chegam os couros curtidos, a carne de sol, o gado, queijos, chapéos e vestimentas de couro, cabeçadas, sellins, mantas, esteiras e outros generos de menor importancia. O algodão e o fumo veem de ambas as regiões. Os negociantes de uma especie expõem as mercadorias importadas da praça do Recife e os outros o producto das pequenas industrias, como sejam: rêdes, rendas, crivos, objectos de barro, cordas de caroá e aves domesticas.

Vias de communicação — A principal é a E. de Ferro que liga a cidade de Garanhuns á Capital, a Maceió e aos diversos pontos da mesma via-ferrea. Para os outros logares circumvizinhos possue ruins caminhos.

Adiantamento moral e instrucção — A população da cidade de Garanhuns, no geral, sabe ler e escrever; no resto do municipio, porém, é grande o analphabetismo. Existem varias escolas municipaes no mun., sendo que o Estado mantém uma para cada sexo na séde.

Distancias — Garanhuns dista do Recife 271 kilms., de Canhotinho 43, de Quipapá 74, de Palmares 146 e de Pesqueira 50.

Garanhuns — *Serra* — Cordilheira de serras que sob os nomes de Cavaco, Palmeira, Buraco, Maganos, Garanhuns e outros, se estende desde o municipio da Pedra até o de seu nome. Dizem que antigamente uma tribu de indios chamados Garanhuns habitou a região que comprehende as mesmas serras, donde vem o nome á cordilheira e foi transmittido depois á cidade desta denominação. A palavra Garanhuns é indigena e significa sitio de guarás e anuns—formado de *guará* — guará, especie de cão selvagem, e *anuns* — ave conhecida, tida como agoureira. O Dr. Theodoro Sampaio diz: correspondente de *guirá* — *nhu* — significando — os passaros pretos.

Garanhunsinho — *Riacho* — Nasce no logar Pedra Pintada, entre a encosta da serra do Gigante e, atravessando os municipios do Bom Conselho e Aguas Bellas, depois de ter recebido as aguas dos riachos Quixaba, Lages, Riachão e Batinga vae despejar, depois de 10 leguas de curso no Ipanema, no Estado de Alagôas.

Garapioca — *Logar* no mun. de Olinda, ao poente desta cidade, e onde o riacho das Piabas desagua no rio Paratibe.

Garapú — *Eng.* — No mun. do Cabo, entre Pitimbú, Boa Vista e Caxito. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Felippe Paes Barretto. Confiscado e vendido em 1637, voltou novamente á posse do mesmo Paes Barretto.

Garça — *Rio* — Nasce no logar Sitios Novos, mun. de Ouricury, e correndo para o sul, vae despejar no São Francisco, no logar Carahybas, depois

de 180 kilms. de curso. São seus affluentes os riachos Agua Preta, Piranhas, Queimadas e Caipora.

Garcia — *Lagôa* — Ao norte do povoado de Cimbres, que foi primitiva séde do mun.

Gargantão — *Outeiro* — Na freguezia da Varzea.

Garra — *Eng.* — No mun. da Escada.

Garra—*Eng.*—Mun de. Amaragy.

Garra — *Riacho* — Tem suas vertentes no mun. de Amaragy e com um curso de uns oito kilms., vae pela margem esquerda despejar no rio Amaragy.

Garrincha— *Riacho* — Affluente do Balsamo, que o é do Parahyba, corre no mun. do Bom Conselho.

Gatos — *Lagôa* — Situada ao pé do povoado Lagôa dos Gatos.

Gatos—*Riacho*—Tem suas nascentes e curso no mun. de Panellas e desagua no rio deste nome, affluente do Pirangy.

Gavia — *Serra* — Corre de norte para sul no territorio dos muns. de Limoeiro e Bom Jardim.

Gavião — *Logar* — No mun. de Bezerros.

Gavião — *Riacho* — Affluente do Tracunhãem.

Gavião — *Serra* — Situada no mun. de Cimbres, ao norte de Alagoinhas, em cujo districto fica encravada.

Gavieira — *Serra* — Mun. de Gravatá.

Genipapo — *Eng.* — No mun. da Victoria, freg. de Santo Antão.

Genipapo — *Eng.* — Mun. de Ipojuca, a 10 kilms. ao sul da séde, em linha directa; possue uma capella da invocação de N. S. da Conceição.

Genipapo — *Eng.* — No mun. de Olinda. Nas mattas de Catucá as forças do Governo, em 10 de dezembro de 1848, bateram as dos rebeldes liberaes.

Genipapo — *Fazenda* de criar a leste de Bello Jardim, mun. do Brejo.

Genipapo — *Fazenda* de criar no mun. de Aguas Bellas.

Genipapo — *Lagôa* — No mun. de Bom Conselho.

Genipapo — *Logar* — No mun. de Bom Jardim.

Genipapo — *Logar* — No mun. de Garanhuns, districto do Brejão.

Genipapo — *Logarejo* — A 30 kilms. ao leste de Pesqueira, fundado no seculo passado pelo portuguez Antonio dos Santos Coelho. Ahi existe uma capella da invocação de Santo Antonio e uma feira que se reune aos domingos. Pertence ao mun. de Cimbres. No logar Patos, que fica junto dahi e a 10 kiloms. de Pesqueira, a leste, nasceu o conselheiro Francisco Xavier Paes Barreto.

Genipapo — Pequeno povoado do mun. de Granito, ao nordeste desta villa, á margem do riacho do seu nome, possue uma capellinha.

Genipapo — *Riacho* — Nasce ao norte do mun. de Granito e vae despejar no riacho dos Páos, logar denominado Sitio, derramando o segundo no da Brigida, logar Páo d'Arco, um kilom. distante da villa de Granito.

Genipapo — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e vae desaguar no Riachão.

Genipapo — *Riacho* — Corre no mun. do Bonito.

Genipapo — *Serra* — A 6 kiloms. ao noroeste da cidade do Limoeiro.

Gequiá — *Eng.* — No mun. da Escada.

Gerente — *Eng.* — No mun. da Escada, uma legua da séde.

Gerimongo — *Serra* — Ao norte da villa de Bom Conselho, começa entre S. João e Catimbáo, segue a direcção S, tomando as denominações de S. Pedro, Serra Grande, Atravessada, Leão, Mocós, etc. Nella fica o Morro Grande de S. Pedro.

Gerimú — *Barreta* — Distante de Ponta de Pedras duas milhas, com mais de 100 braças de largura, 40 p. de fundo, areia grossa.

Gerimú — *Lagoa* — No mun. de Bom Conselho.

Gerimú — *Morro* — Situado na freg. de S. Lourenço de Tejucupapo.

Gerimum — *Riacho* — Corre no mun. de Canhotinho para o rio Canhoto.

Geritacó — *Pov.* — No mun. de Alagôa de Baixo.

Getandy ou **Gotandy** — *Lagoa* — No mun. de Bom Conselho, ao pé do Taboleiro.

Getandy — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e vae derramar no riacho Papacacinha, affluente do Parahyba. Alguns o denominam *Gotandy*.

Giboia — *Riacho* — Corre entre os limites de Pernambuco e Alagôas, separando o mun. de Quipapá do de União, sendo affluente do rio Canhoto.

Gigante — *Pov.*— Situado na chapada da serra do seu nome, pertence ao mun. de Bom Conselho e tem uma cap. da inv. do Senhor do Bom Fim. (Vide SERRA DO GIGANTE.

Gigante — *Riacho* — Nasce de seu nome, e correndo no mun. de Bom Conselho, despeja no rio das Lages, affl. do Garanhunsinho.

Gigante — *Serra* — No mun. de Bom Conselho, tem a altitude de 821 ms. e é uma ramificação da do Prata e está ao norte da cidade do Bom Conselho e ao sudoeste de Garanhuns.

Gindahy — *Eng.* — No mun. de Barreiros.

Gindahy — *Eng.* — No mun. de Serinhãem.

Giodahy — *Riacho* — Corre no mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem, é affl. do rio deste nome.

Ginêta — *Serra* — Na Ilha Fernando de Noronha.

Giqui — ou **Merepe** — Vid. o segundo.

Giquiá — *Pov.* — Na freg. de Afogados, mun. do Recife, e á margem da estrada de rodagem que se dirige para Jaboatão, a 2 kiloms. da séde. Foi o antigo *Engenho do Giquiá*. Já estava fundado em fins do seculo XVI, e como data averiguada da sua existencia nessa época, encontra-se o anno de 1598, em que teve logar a demarcação judicial das *Terras do Giquiá*, procedida em 12 de outubro, pelo ouvidor Jorge Camello. O engenho teve primitivamente a invocação ou denominação de São Timotheo, e depois a de Santo Antonio, e foi um dos seus primeiros proprietarios, e talvez seu fundador, o fidalgo madeirense Francisco Berenguer de Andrade, que depois o vendeu a Antonio Fernandes Pessoa, natural de Pernambuco, filho do abastado colono Pedro Affonso Duro. A's terras do engenho annexou Fernandes Pessoa uns partidos de cannas que herdara de seu pae, e outras terras mais que comprara a Jeronymo Paes, senhor do engenho Casa Forte e a João Gonçalves Carpinteiro.

Com a invasão hollandeza, em 1630, ficou o engenho abandonado, porquanto Fernandes Pessoa retirou-se com sua familia para o engenho Sibiró, em Ipojuca, que havia arrendado, e no qual falleceu pelos annos de 1633; mas D. Maria de Aguiar, sua viuva, voltou depois para o engenho do Giquiá, onde falleceu em 1647. Pertencia então a propriedade á sua filha D. Anna de Lyra Pessoa, casada com Luiz da Silva, que a receberam por dotação nupcial; porém, enviuvando ella, e passando depois a segundas nupcias com Francisco Faria Uchôa, venderam o engenho ao capitão Antonio Borges Uchôa por escriptura lavrada em 3 de março de 1657. Em 1705 pertencia o engenho aos irmãos Alvaro e Antonio Barbalho Uchôa, como consta de uma vistoria judicial procedida em suas terras naquelle anno, e posteriormente foi seu proprietario o capitão-mór da villa do Recife Roque Antunes Corrêa, que falleceu em 1757. O engenho Santo Antono do Giquiá moía com animaes, pertencia á freguezia da Varzea, termo de Olinda, e safrejou regularmente até fins do seculo XVIII. De ha muito, porém, já não existe, não resta o menor vestigio, e nem mesmo é

conhecido o local em que esteve levantado, pelo desapparecimento da casa de vivenda, capella e edificios da fabrica.

Com a terminação da guerra hollandeza, e restauração do engenho, levantou-se um *passo*, ou trapiche de embarque de assucar, madeira e outros generos de commercio que entravam para a praça do Recife, ou para recepção e deposito dos que se destinavam aos diversos engenhos e povoados das suas immediações, escolhendo-se para esse fim um local apropriado, á margem direita do rio Giquiá, e junto á sua foz, até onde livremente chegavam as embarcações de transporte de taes mercadorias. O estabelecimento tinha a denominação de *Passo de Santa Cruz do Giquiá,* talvez da invocação de uma capella que havia nas suas immediações, tendo em frente um grande cruzeiro de marmore, o qual se ergue hoje no pateo da igreja de Afogados, para onde foi transportado em 1869. Havia ainda um sobrado de vivenda dos proprietarios do passo, e varias casas de moradores, constituindo tudo isso uma grande e importante propriedade, com terras proprias e completamente distinctas das do engenho. *(P. da Costa.)*

Giquiá — *Riacho* — Nasce na freg. de Afogados e depois de receber o ribeiro Vermelho, despeja no rio Tigipió.

Gira-Sol — *Eng.* — No Mun. de Amaragy.

Girento — *Eng.* — No mun. da Escada.

Girimunha — *Barreta* — No mun. do Cabo, ou Ipojuca, defronte da ponta da Pedra ; nella podem entrar embarcações cujo calado não exceda de 10 pés.

Giritacó — *Pov.* — Situada ao poente da villa de Alagôa de Baixo ; pertence-lhe civil e ecclesiasticamente. Tem uma bôa capella dedicada a Santa Rita, e dista 180 kiloms. de Pesqueira e 70 de Alagoa de Baixo. É banhada pelo rio Moxotó. Ahi despeja o riacho do Mel.

Gitahy — *Pov.* — Mun. de Ipojuca, a 9 kilms. distante da villa de N. S. do O', ao nordeste, a 1 kilom. da pov. de S. Miguel de Ipojuca. Fica entre os engenhos Daranguna, Montevidéo e Macaco.

Gitó — *Eng.* — No mun. de Goyanna.

Gitó — *Logar* — No mun. de Bom Conselho, a 30 kiloms. ao sul da villa ; possue uma capella.

Gitó — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e vai despejar no Balsamo, affl. do Parahyba.

Giz — *Morro* — Situado na freg. de S. Lourenço de Tejucupapo, mun. de Goyanna.

Glicerio — *Estação* da estrada Sul de Pernambuco, aberta em 1885 e collocada no povoado *Paquevira,* no 89k,733 de Palmares e com altitude de 528m,454. Ahi começa o ramal da via-ferrea que liga Pernambuco a Alagôas, o qual vai encontrar a estrada de ferro da União no kil. 47, tendo sido aberta ao trafego em 13 de maio de 1894. Este nome de *Glicerio* foi-lhe dado por um dos engenheiros chefes da dita estrada que, desejando exprimir sua gratidão para com o ministro da Viação, desse tempo, porque concedera-lhe augmento de vencimentos e a todos os empregados da estrada de ferro, julgou ser esse um dos meios mais expressivos de seu sentir, apezar de haver já outra estação na linha central denominada Francisco Glicerio (!)

Gloria — *Eng.* — No mun. de Itambé.

Gloria de Goitá — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. da Gloria.

HISTORIA — O povoamento da Gloria de Goitá começou por insignificante

arraial de casas esparsas de familias de lavradores. Entre esses havia um por nome David Pereira do Rosario que, dotado de sentimentos religiosos, em 1760, resolveu edificar, como de facto fez, uma capella dedicada a N. S. da Gloria. Foi isso um motivo de approximação de muitas pessoas de pontos distantes e em breve constituiu-se alli um nucleo de população e de casas arruadas. Assim fez-se á povoação da Gloria de Goiatá, que a lei provincial n. 38, de 6 de maio de 1837, creou freg., desmembrando o territorio da da Luz, sendo installada em 15 de setembro do mesmo anno; seu primeiro collado foi o padre Joaquim Ignacio Gonçalves da Luz, fallecido em 1869; 2° Padre Manoel Pereira da Rocha até 1879; 3° Padre Vicente de Felippes; e 4° o actual, Padre João da Costa Bezerra de Carvalho. Por lei prov. n. 1297, de 9 de Junho de 1877 foi elevada á categoria de villa e termo, inaugurando-se em 10 de Janeiro de 1878; e o foro civil foi creado por acto do Governo da Provincia de 5 de Junho, sendo feita a installação em 31 de Julho, tudo do mesmo anno. A lei provincial n. 1805 de 23 de Junho de 1885, deu-lhe os fóros de comarca, separando-a de Páo d'Alho, mas sómente no governo da Republica, foi installada em 7 de Janeiro de 1890 pelo seu 1° juiz de Direito Dr. João Augusto d'Albuquerque Maranhão. De accordo com a lei n. 52 de 3 de Agosto de 1892, que autorisou a organisação autonoma dos municipios, constituiu-se em 25 de Janeiro de 1893, sendo seu 1° Governo: Prefeito, capitão Antonio Eustachio d'Albuquerque Pinto, Sub-prefeito, tenente Joaquim Antonio de Lemos Vasconcellos, e membros do Conselho Municipal: Capitão Joaquim Alves Barbosa, tenente Luiz de França Andrade Lima, Alferes Antonio Borges Alves, tenente João de Lemos Vasconcellos, Antonio Francisco de Andrade Cavalcante, Antonio Vicente Pereira de Carvalho, Antonio de Moura Carvalho, Paulo Theophilo dos Reis Carvalho e Joaquim José de Arruda. Ahi nasceu o Dr. Lima Monte Raso magistrado e jurisconsulto fallecido em Minas Geraes.

Posição astronomica — Está a 8°. 1' 10" de lat. S. e a 7°. 48' 20" long. orient. do Rio de Janeiro.

Extensão — O mun. da Gloria de Goitá tem de N. a S. 25 kiloms. de extensão e de L. a O. 40.

Divisão — A divisão ecclesiastica sómente comprehende uma freg., e a civil é em 2 districtos.

Aspecto e natureza do sólo — O terreno do mun. e freg. é accidentado e formado quasi que exclusivamente de barro vermelho e alguns baixos de terra arenosa.

Clima e salubridade — O clima é muito salubre, ameno, e sobretudo muito ameno logo depois da estação das chuvas. Na intensidade do verão são quentes os dias, mas em compensação as noites bastante frescas.

População — A população total do mun. é estimada em 25.000 almas.

Limites — Confina o mun. ao N com o de Páo d'Alho pelos logares Quatís, Ilheta e Lameiros; a L com a freg. da Luz pelas aguas dos riachos Aratangy e Goitá; ao S com o mun. da Victoria pelo logar Poço, riacho Salgado, Ladeira Grande e engenho Redomoinho; a O com o mun. de Limoeiro pelo povoado de Bengalas e Alagoa do Veado. A cidade da Gloria dista das divisas com o mun. da Victoria 8 kiloms. nos pontos mais proximos e nos mais remotos 23; as divisas com a freg. da Luz ficam a 10 kiloms. nos pontos mais proximos e nos mais afastados 15 kiloms; as com o mun. de Páo d'Alho 10 kiloms. nos pontos mais proximos e nos mais remotos 23; e com o mun. do Limoeiro 20 kiloms. igualmente nos diversos pontos.

Topographia — A cidade da Gloria de Goitá assenta sobre um terreno ligeiramente desigual. Contém em seu ambito umas 2.000 almas e umas 300 habitações, no geral de boa edificação, comprehendendo alguns sobrados. Igreja matriz reedificada em 1868, onde existe a irmandade de N. S. da Gloria, cujo compromisso foi approvado pelo Bispo D. João P. M. Perdigão em 14 de Abril de 1853; o Cemiterio, sob a inv. de S. Urbano, construido em 1859 pelo Frei Caetano de Messina, tendo a extensão de 2.000 palmos quadrados; mercado, escolas, cadeia, etc.

Povoados e Capellas — *Duarte Dias*, cap. S. Antonio, *Chã d'Alegria* com uma cap. de N. S. do Rosario. *Alagôa Grande*, tem uma cap. da inv. tambem de N. S. do Rosario, *Remedios*, cap. do mesmo patrocinio; *Palmeiras*, cap. sob a protecção do Santo Christo e *Cannavieira*, sob a egide de N. S. da Guia. No eng. Bom Jesus existe uma capella sob a protecção do Senhor Bom Jesus.

Orographia — As serras mais importantes do mun. são: *Palmeira, Olhos d'Agua, Ladeira Vermelha e Laços*, que formam uma cordilheira que separa o mun. do da Victoria que lhe fica ao sul.

Hydographia — Os rios e riachos que banham o mun. da Gloria são o *Goitá*, que nasce na serra das Russas e corre ao N o *Cotunguba*, o *Massaranduba, o Fantazia, o Pilão, o Arantangy e o Cajueiro* todos affluentes do *Capibaribe*, e o riacho *Salgado* que nasce na propriedade Cannavieira e banha a cidade, despejando no Goitá no logar Timbó. Todos esses rios e riachos seccam no verão e então a população se abastece d'agua de fontes e de açudes.

Agua mineral — No logar *Mofundo* existe uma fonte perenne d'agua mineral, cuja analyse não nos consta ter sido feita até hoje.

Producções — O terreno do mun. produz com admiravel abundancia mandioca, milho, feijão, arroz, algodão, semente de mamona, sendo que a canna de assucar é cultivada em pequena escala em relação a outros muns.

Reinos da natureza — O reino animal nada tem de especial e é o mesmo dos muns. de Limoeiro, Victoria e Páo d'Alho; e igualmente se assemelha o reino vegetal. No reino mineral encontra-se a pedra calcarea, e granito.

Industria, Commercio e Agricultura — Existem no mun. muitas machinas a vapor de descaroçar algodão, além de bolandeiras movidas por animaes; trabalha-se em diversos tecidos de algodão, como sejam: rêdes, panno, etc.; prepara-se sellins e arreios de cavallos, executa-se trabalhos de ferreiro, carpina, sapateiro, etc. O commercio, que já foi muito mais activo, com a creação de feiras em outros pontos do mun. tornou-se na cidade da Gloria mais fraco; é constituido pela venda dos productos locaes e dos importados. A agricultura, além dos cereaes, tem para a producção do assucar os seguintes engenhos: Antas, Bôa Esperança, Bom Jesus, Bôa Fé, Brazil, Cannavieira, Goitá, Goitasinho, Lagoinha, Palhêta, Palmeira, Ribeirão, Serrinha, Souto Maior, Taboquinha, Thomé, União, Viração e Vermelho.

Vias de communicação — Tem estradas directas para a cidade de Páo d'Alho, para a da Victoria, Limoeiro e Luz, fazendo-se a viagem para o Recife por meio das estações de Páo d'Alho, Victoria ou Tapéra, das estradas ferreas de Limoeiro e Central de Pernambuco.

Distancias — A cidade da Gloria demora da capital 55 kilms., de Páo d'Alho 20, de Victoria 20, de Limoeiro 40 e da Luz 20.

Goiabas ou **Mary** — *Riacho*— Nasce no logar Cumarú e despeja pela margem direita do Capibaribe junto á povoação de Malhadinha, do mun. do Limoeiro.

Goiabeira — *Riacho* — Corre no mun. de Garanhuns e derrama no rio Inhumas.

Goiabeira — *Logar* — No mun. de Palmares.

Goiabeira — *Eng.* — No mun. de Jaboatão, ao norte 10 kilms. da séde.

Goicana — *Eng.* — No mun. de Serinhãem, onde existe uma capella com a inv. de N. S. do Pilar.

Goicana—*Eng.*—No mun. do rio Formoso.

Goicana — *Riacho* — Nasce entre os engenhos Carrapato e Jassirú, no mun. de Serinhãem.

Goitá —*Eng.*—No mun. da Gloria do Goitá.

Goitá — *Eng.* — Na freg. de Tracunhãem, onde existe uma capella sob a inv. de N. S. dos Prazeres. Foi fundada em 1739 pelo capitão-mór Christovão de Hollanda Cavalcanti, descendente de Arnau de Hollanda, fidalgo de Utreck, que veio ao Brazil antes da invasão hollandeza.

Goitá — *Riacho* — Nasce no logar Serra Grande e, correndo de oeste para nordeste, passa á pequena distancia da cidade da Gloria, indo desaguar no Capibaribe pela margem esq., proximo á ponte de S. João e esta na estrada de rodagem. São seus affls. os riachos Salgado, Pilão, Aratangy, Bebado, Corte e Tapesserica.

Goitasinho — *Eng.* — No mun. da Gloria do Goitá.

Gonçalves Ferreira — Estação da E. F. C. de Pernambuco, inaugurada com este nome, em 4 de dezembro de 1895, no logar denominado Emburanas, entre as de Bezerros e Caruarú, no kilom. 127. O local tem a altitude de 509 metros. Esse nome foi dado á estação do logar Emburanas em homenagem ao então ministro do interior o conselheiro Dr. Antonio G. Ferreira, natural de Pernambuco.

Gongaçary — *Eng.* — Fica á margem do riacho Desterro, affl. do Timbó, a sudoeste da cidade de Iguarassú e a uns 12 kilometros.

Gongo — *Riacho* — No mun. de Quipapá.

Gonso — *Eng.* — No mun. de Itambé.

Gotandy — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e vai despejar no Papacacinha, affl. do Parahyba.

Goyanna — *Cidade* — E' a sede do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. do Rosario de Goyanna.

Historico — A fundação de Goyanna data de época anterior a 1570, e era, primitivamente, habitada por indios cahetés e potyguares. Isto se verifica de duas cartas de sesmarias, concedidas a Diogo Dias e Boa Ventura Dias, documentos publicados em 1871, em o n. 1 da *Revista do Instituto Historico* de Goyanna, e, mais tarde, reproduzidas por José de Vasconcellos, na segunda edição de seu trabalho *Datas celebres*. Foi elevada á categoria de freg. em 1568, por occasião da visita a Pernambuco, do então bispo do Brazil, D. Frei Antonio Barreiros. Foi das fregs. creadas no districto da capitania de Itamaracá a que mais floresceu, tanto que, algumas vezes, foi a cabeça da mesma capitania. Devido ao incremento que tomou, em virtude da provisão régia de 15 de janeiro de 1685, a Camara e Justiças da capitania se estabeleceram em Goyanna, tendo então a preeminencia de villa. Em vista da ordem régia de 20 de novembro de 1709 voltaram aquellas vantagens para Itamaracá, e Goyanna perdeu o titulo de villa. Semelhante perda de prerogativas desgostou immensamente os habitantes de Goyanna, que, sem demora, solicitaram, em requerimento ao bispo, e tambem então governador interino de Pernambuco, D. Manoel Alvares da Costa, para que fosse dada execução á permissão, que El-Rei concedera ao marquez de Cas-

caes, para crear uma villa, que aliás estava por crear. O bispo, acquiescendo em 7 de janeiro de 1711, mandou effectuar a installação pelo ouvidor geral Diogo de Paiva Baracho, constituindo-se nesse dia a Camara, e passando a ser então a séde da capitania de Itamaracá. Assim, esteve, até 5 de dezembro de 1713, quando o ouvidor pela lei, João Guedes Alcoforado, destruindo o estabelecimento de villa, deu ás justiças de Itamaracá a jurisdicção de toda a capitania; o ouvidor triennal, porém, o Dr. Feliciano Pinto de Vasconcellos, *conhecendo a difficuldade assás grande que as partes sentiam em demandar justiça nesta ilha (de Itamaracá), resolveu em 1714 fazer algumas audiencias em Goyanna e o mais que se offerecesse*, exemplo esse que foi seguido pelos juizes ordinarios e vereadores (F. da Gama, *Mem. Hist.*) Tal attitude dos goyannenses alarmou o animo dos moradores de Itamaracá, que em 1719, representaram contra esse facto ao governador e capitão general, Manoel de Souza Tavares, approvando este o acto do ouvidor e o dos vereadores, sendo mais tarde ainda a deliberação confirmada pela carta régia de 6 de outubro de 1742. Relativamente á Goyanna, a chronica historica menciona o seguinte: — Em 22 de julho de 1633 uma partida de 400 hollandezes, guiados por Calabar, assola o districto de Goyanna, onde havia alguns engenhos; queimaram quatro, sendo um de tres que tinha Jeronymo Cavalcante, e outro de João da Costa Brandão, saqueando primeiro o que acharam e poderam levar, sem que ninguem os impedisse, e fazendo prisioneiros os moradores que não tinham podido escapar-se. Avaliou-se o prejuizo em quantia muito consideravel. Em 12 de janeiro de 1635 chega á Goyanna a expedição hollandeza commandada pelo coronel Artichofshy e conselheiro politico Stachoawer, que havia dous dias partira da Parahyba. Os moradores da povoação e vizinhanças, vendo-se sem protecção e sem meios de resistir, vão a seu encontro e lhe fazem bom acolhimento, levados sem duvida pelo medo de serem hostilisados, e franqueam-lhe a entrada no povoado, reconhecendo-se como vassallos dos Estados Geraes e da Companhia das Indias Occidentaes. Os chefes hollandezes correspondem com a mesma cortezia ao bom recebimento e emprazam a todos para no dia seguinte acharem-se na povoação, afim de fazerem as pazes e prestarem juramento de fidelidade, indo com sua gente acampar na aldeía de *Capivary*, meia hora de Goyanna, junto ao ribeiro do mesmo nome, logar até onde subiam as lanchas e barcaças que não podiam passar adiante. Logo que o general Mathias de Albuquerque foi avisado da chegada delles enviou o maior numero de gente, que poude retirar do quartel do cabo de Santo Agostinho, sob o commando dos capitães Francisco Rabello, Estevam Alvares e Martins Soares, para obstar-lhes a marcha, com ordem para quando não podessem pelejar, frente á frente, não perderem as occasiões que se lhes offerecessem favoraveis, afim de que o inimigo nada aproveitasse, e recommendou, particularmente, que fossem retirados todos os indios das aldeias para que não se bandeiassem, a exemplo dos da Parahyba e Rio Grande do Norte. Tudo isso foi por aquelles executado quanto possivel. Queimaram muitos cannaviaes, retiraram das aldeias os indios, porque os de Goyanna já tinham encontrado o inimigo, com quem se bateram em Mussurepe, perdendo os contrarios não pouca gente, o que não lhes embaraçou a marcha, visto como era numerosa a força delles. Em tal combate ficou ferido o capitão Rabello. Entre Goyanna e Itamaracá, em 12 de Janeiro de 1640 a esquadra hispano-portugueza, do Conde da Torre, que havia

sahido da Bahia em 19 de Novembro, encontra-se com a hollandeza, e travam combate, cabendo a victoria a esta, que teve poucas perdas. F. Post commemorou esta victoria e as de 13, 14 e 17, em 4 gravuras, e na Hollanda cunhou-se uma medalha com a inscripção: « Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de janeiro.» Em 3 de julho de 1711 os goyannenses pronunciam-se a favor dos *mascates*. Em 23 do mesmo mez deu-se em Goyanna luta terrivel entre os nobres e os mascates. Estes, muito mais numerosos que aquelles, tinham todas as probabilidades da victoria; mas, graças aos esforços dos tenentes Gil Ribeiro, Felippe Bandeira e capitão Antonio Ribeiro, os nobres triumpharam quando já estavam desanimados da victoria. Commandavam as forças dos mascates Luiz Soares, Jeronymo Paes, que recebeu nove tiros e muitas cutiladas, e Antonio Coelho, que foi degolado quando procurava fugir. A 29 de Agosto de 1821 os patriotas reuniram-se em Goyanna e elegeram um governo provisorio composto dos nove seguintes membros: presidente, Francisco de Paula Gomes dos Santos, abastado agricultor e rendeiro do engenho *Frexeiras*; secretario, o portuguez Felippe Menna Callado da Fonseca; membros — o capitão-mór de Goyanna e senhor do engenho *Canguú*, Joaquim Martins da Cunha Souto-Maior; o padre Manoel Silvestre de Araujo, agricultor e proprietario; Manoel dos Reis Curado, professor de latim em Goyanna; o senhor do engenho *Terra Nova*, Antonio Maximo de Souza, José Victorino Delgado de Borba Cavalcanti de Albuquerque, proprietario do engenho *Palhêta*, e o portuguez Bernardo Pereira do Carmo, vereador da Camara. A 7 de setembro o governador de Pernambuco publicou uma proclamação recommendando aos goyannenses que se unissem ao governo legal. Em 11 de Fevereiro de 1849 é Goyanna tomada pelos liberaes, ao mando de Pedro Ivo, sendo sua perda de dous mortos e quatro feridos; e a dos governistas de seis mortos, oito feridos e quarenta prisioneiros, feitos, no dia seguinte, no convento do Carmo, onde os liberaes apoderaram-se de 200 carabinas e de 20.000 cartuxos. Em 12 de dezembro de 1848 os rebeldes occupam Goyanna. Foi Goyanna o primeiro mun. de Pernambuco onde foi declarado extincto o elemento servil antes da lei de 13 de Maio de 1888. O nome Goyanna é vocabulo indigena e significa, segundo Varnhagem, *gente estimada*,— corruptéla de *guaya* — gente, e *na* — estimada. Em virtude da resolução do Conselho Geral do governo da provincia, de 20 de Maio de 1833, a qual dividiu Pernambuco em nove comarcas, Goyanna foi uma dellas, e em 1834 teve como seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Joaquim Nunes Machado. Pela lei provincial n. 86 de 5 de Maio de 1840, foi elevada á cathegoria de cidade. Foi classificada de primeira entrancia pelo decreto n. 687 de 26 de Julho de 1850, e pelo de n. 5139 de 13 de Novembro de 1872, de segunda entrancia. De accôrdo com a Lei Organica dos municipios, n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se em municipio autonomo, em 1 de Março de 1893, sendo seu primeiro prefeito eleito o Dr. Bellarmino Correia de Oliveira, — e composto o primeiro Conselho Municipal dos seguintes cidadãos — tenente Julião Nogueira de Carvalho, capitão Francisco Nunes Monteiro, Dr. Ludovico Correia de Oliveira, tenente-coronel Luiz Gomes Correia de Oliveira, João Joaquim de Mello, Francisco da Cunha Rabello, Manoel Pessôa de Mello, Manoel Ignacio Pessôa de Mello, Dr. João Gonçalves de Azevedo e o capitão João da Costa Ribeiro Canto. E', sem nenhuma duvida, Goyanna, dentre as diversas localidades pernambucanas, uma daquellas que produziu muitos filhos illustres, que certamente ennobrecem a terra que lhes foi berço, figurando salientemente: o desembargador Joaquim Nunes

Machado, nascido a 15 de Agosto de 1809 e cuja vida acabou em consequencia de uma bala que recebeu na cabeça, no combate da Soledade, em 2 de Fevereiro de 1849, tendo sido grandemente chorada sua perda pelo povo e pelo paiz inteiro, porque era elle o prototypo genuino do homem de bem, generoso d'alma, cheio de abnegação, e lealdade até o extremo, intrepido a toda a prova, sendo além disso mais um orador eloquente, primoroso e inspirado, um tribuno sympathico, arrojado e ardente, que em seu verbo igneo arrastava a onda popular, e sendo tambem um magistrado impolluto, litterato e cultor das musas. E desde então, aquelle vulto resvalando no leito derradeiro, tornou-se um redivivo, porque a immortalidade se fez

JOAQUIM NUNES MACHADO

para seu nome! O Visconde de Azurara, Dr. João Antonio Salter de Mendonça, nascido em 1746 e fallecido em 1825, notavel magistrado e distincto brazileiro por seu talento e virtudes que o tornaram illustre. O Desembargador Anselmo Francisco Peretti, nascido em 1812 e finado a 9 de Outubro de 1887, o qual foi um modelo como magistrado e jurisconsulto, pois que, absorvendo e attrahindo nesse sacerdocio, como disse um de seus biographos, « *todas as glorias do multiplo merecimento* e de suas peregrinas qualidades pessoaes, foi em toda sua vida de magistrado o amparo e protector da liberdade individual, teve a satisfação de erguer o fôro á mais subida moralidade; foi um venerador da lei, e finalmente *nunca recusou ao opprimido a justiça, qualquer que fosse o poder ou influencia do oppressor*. Taes attributos o tornaram tão saliente, entre seus collegas, que ainda hoje seu nome é pronunciado com respeito, citado como exemplo, notado com admiração. O Deão Dr. Joaquim Francisco de Farias, superior illustração, formado em direito, o qual foi varias vezes deputado geral por sua provincia, vice-reitor do Seminario de Olinda, reitor do Gymnasio Pernambucano, vigario capitular, profundo theologo, nascendo em 1807, falleceu na cidade de Olinda em 1894. O padre Manoel da Costa Palmeira, que nascido em 1765, foi reitor do Seminario de Olinda, conego da Cathedral, delegado do Chrisma e das dispensas, visitador Pastoral em 1806, em commissão do bispo Fr. Antonio José Bastos, delegado dos breves pontificios, provisor, juiz de habilitações, governador do bispado, vigario capitular na vaga de D. Thomaz de Noronha, procurador de D. João da P. M. Perdigão na posse deste bispo, e falleceu em 1850, sendo sepultado na Cathedral de Olinda. O padre Dr. Antonio Alves de Castro, formado em theologia, que depois de ter sido vigario de Goyanna e reedificado a matriz em 1706, dahi foi occupar a cadeira de conego da Sé de Olinda, a dignidade de arcediago em 1725, a de thesoureiro-mór e a de juiz de casa-

mentos. O Revm. Dr. Manoel Thomaz de Oliveira, que, formado em direito, lente de theologia do Seminario episcopal de Olinda, conego da Sé, desempenhou com distincção todas as funcções que lhe foram confiadas. O Revm. Domingos Alvares Vieira, nascido em 1795, que, tendo sido lente distincto de philosophia do Lyceu da Parahyba, de latim na terra do berço, eleito deputado geral, terminou seus dias como vigario collado de sua freguezia natal. O padre João Barbosa Cordeiro, que, nascendo em 1792, como litterato, poeta, dramaturgo, publicista, professor de philosophia e rhetorica, sacerdote respeitavel e deputado geral de 1834 a 1837, foi uma gloria nacional, fallecendo em avançada idade. O padre José Gomes da Costa Guedelha, nascido em 1743, que, além de ter sido um sacerdote de eminentes virtudes, foi um excellente poeta, acerca do qual escreveu o commendador Antonio Joaquim de Mello a biographia, terminando a existencia no oceano, em viagem de Angola para o Brazil, por occasião de um temporal. O Dr. Manoel Freire de Andrade, sacerdote illustre, que occupou varios cargos eminentes entre as diversas dignidades ecclesiasticas. E ainda André Cavalcanti, Diôgo Carvalho Maciel, Francisco Cavalcante de Albuquerque, Francisco de Paula de Albuquerque Maranhão, José Camello Pessôa de Mello, João Ribeiro Pessôa, notavel desenhista, os quaes todos foram martyres da revolução de 1817. Entretanto, si, não mencionámos o nome do Dr. Manoel de Arruda Camara, geralmente conhecido como filho de Goyanna, foi porque nem pernambucano era elle siquer; pois nasceu em 1752 na cidade do Pombal da Parahyba, morrendo em Goyanna em 1810, tendo passado a existencia quasi toda em Pernambuco, onde o grande naturalista exerceu as funcções medicas e foi carmelita no convento de Goyanna desligando-se da ordem em 13 de Julho de 1805.

Posição astronomica —Está a cidade de Goyanna situada a 7° 33' e 45" de lat. Sul e a 8° 9' 45" de long. Orient. do Merid. do Observatorio do Rio de Janeiro.

Dimensões do territorio — Tem o, municipio 30 kilometros de Norte a Sul, e 36 de Leste a Oeste.

Aspecto e natureza do solo — E' no geral, o terreno do municipio, plano, notando-se apenas ligeiras elevações em alguns logares; é arenoso nas immediações da costa e, afastando-se desta, de massapê em uns pontos e saibrosa em outros; comtudo é excellente para a cultura de coqueiros, de abacaxis, de cannas e de cereaes.

Clima e salubridade — Na séde do municipio o clima é humido e frio no inverno, e quente e pesado no verão; bastante insalubre em ambas as estações, são faceis e repetidos os casos de tuberculose pulmonar, sendo alli endemicas as febres palustres, a hypoemia intertropical, os rheumatismos articular e muscular, e emfim, o impaludismo em todas as suas manifestações. Entretanto, o resto do municipio é salubre, a temperatura pouco variavel, e ameno e aprazivel o clima.

Limites — O municipio de Goyanna confina ao N pela freguezia de Tejucupapo, com o Estado da Parahyba na freguezia de Taquara, municipio de Alhandra desse mesmo Estado, desde a barra do rio Pitanga, no Goyanna, até a deste rio no Oceano, entre as pontas dos Coqueiros e de Pedras; a L com o Oceano, desde esse ponto até a barra de Catuama ao S com o municipio de Iguarassú pela barra de Catuama, que se separa da ilha de Itamaracá pelo rio da Nova Cruz, formado pelo rio Timbó e outros, até sua foz junto á barra de Itamaracá, e pelo rio Ubú; a O com o municipio de Nazareth pela propriedade Arêas, pelo rumo de Joaquim Gomes ao rio Tracunhãem, até o engenho Matary,

riacho Matarisinho ás suas nascenças e destas, em linha recta, á Chã do Camará na estrada, que vem de Goyanna cruzando esta, estrada da Taboca do rio Serigy, até o engenho do mesmo nome, com o municipio de Timbaúba pelas terras do engenho Poço; ao N ainda com o de Itambé pelo engenho Dois Rios procurando o rumo O até encontrar o engenho Folguêdo, segue entre os limites do engenho Novo e Pedregulho até o Capibaribe Meirim a O e S ao povoado da Lapa, no ponto em que começa a estrada que passa por Ferreiros.

DIVISÃO — Comprehende a divisão civil do municipio 5 districtos: 1°, o de Goyanna; 2°, o de Nossa Senhora do O'; 3°, o de Arêas; 4°, o de Tejucupapo; e 5°, o de Ponta de Pedras. A divisão ecclesiastica contém as freguezias de Nossa Senhora do Rosario de Goyanna, a de S. Lourenço de Tejucupapo e de Nossa Senhora do O'.

POPULAÇÃO — O municipio de Goyanna contém 40.000 habitantes, pouco mais ou menos, distribuidos assim: 20.000 na freguezia do Rosario ou da cidade, 12.000 na de Tejucupapo e 8.000 na de Nossa Senhora do O'.

TOPOGRAPHIA — Está situada a cidade de Goyanna, séde do municipio, ao N da capital, n'um fertil valle, entre os rios Tracunhãem e Capibaribe-meirim, a 14 metros acima do nivel do mar. A sua edificação, em parte de bôa casaria terrea e diversos sobrados, está distribuida por umas 70 ruas e muitas travessas, comprehendendo umas 2.000 casas e uns 16.000 habitantes. Possue nove templos, que são: a matriz, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, que foi reconstruida em 1705 pelo vigario João Baptista Pereira, tendo iniciado o serviço o anterior vigario Estevão Ribeiro da Silveira, repousando nesse templo os restos mortaes do general André Vidal de Negreiros, fallecido em 3 de fevereiro de 1680, no engenho Novo, onde foi sepultado em sua capella, e em 1870 trasladado para alli; a da Soledade, á qual é annexo um recolhimento de não professas, e em 1850 Frei Caetano de Messina reconstruiu-a, adornando-a com um elegante frontespicio e erguendo em frente della um importante cruzeiro de pedra; a da Misericordia, que possue um hospital, acerca do qual a Camara de Goyanna, em officio de 20 de agosto de 1735, representou ao rei de Portugal pedindo um auxilio para concluil-a, tendo sido dado por provisão de 21 de janeiro de 1744; a do Carmo com um convento, actualmente muito arruinado, cuja fundação data de 1666; as do Amparo, Conceição, Rosario dos pretos, Santa Thereza e Martyrios. Possue mais — a cadeia publica, bom edificio e de sufficiente capacidade, onde no pavimento inferior existem as prisões, e no superior as salas em que funccionam a Municipalidade e o Jury, a qual, entretanto, tem má situação; o elegante mercado *Corrêa de Britto;* o Cemiterio publico, sob a direcção municipal, assás espaçoso e bem localisado; o mercado, uma agencia do Correio e uma estação do Telegrapho Nacional, aberta ao serviço desde 12 de dezembro de 1876. Conta em seu seio diversas sociedades, como sejam: a *Associação Commercial e Agricola*, *Fraternidade e Progresso*, loja maçonica *Lealdade e Beneficencia*, *Sociedade dos Artistas* e *Recreativa Terpsichore*, sendo que a terceira destas mantém, á disposição do publico, um gabinete de leitura denominado *Bibliotheca 24 de Dezembro de 1876*. Existe tambem um pequeno theatro particular.

POVOADOS E CAPELLAS. — Pertencem á freguezia de N. S. do Rosario: as povoações do *Pilar* com capella da invocação de N. S. do Pilar, e fica ao SO de Goyanna; e *Cajueiro* ao S e á margem da estrada de rodagem, não possuindo capella alguma. A' freguezia de Tejucupapo as povoações: *S. Lourenço*, que é a séde da parochia, situada num planalto aprazivel, a 26 kilometros a L de Goyanna, perto da costa, e a 10 kilometros ao S da foz do rio

Goyanna, que possue a igreja matriz; *Tejucupapo* a L com uma capella de N. S. do Terço, reparada em 1883, por um missionario da Penha, fica da séde do municipio distante 26 kilometros; *Carne de Vacca* a L e na costa com capella de Sant'Anna, a qual tem um patrimonio de um sitio de coqueiros; *Tabatinga* entre Ponta de Pedras e Carne de Vacca, na costa e a 30 kilometros a L; *Ponta de Pedras* a 24 kilometros a L, possue uma capella votada a N. S. da Expectação, reerguida em 1857 por Frei Seraphim de Catanea, a qual tem um patrimonio de 50 braças de terra, em quadro; *Catuama de Dentro*, com capella de Santo Antonio, e *Catuama de Fóra*, com outra capella dedicada a N. S. da Penha, concluida em 1887, ambas ao S e a 24 kilometros. Comprehendem-se na freguezia do N. S. do O': A povoação de *Nossa Senhora do O'* que é a séde da parochia, a 30 kilometros a O da cidade de Goyanna, com duas igrejas — a matriz e a capella de N. S. do Rosario; *Lapa*, a 24 kilometros ao NO com uma capella da invocação de N. S. da Lapa; *Areias* a O tem uma capella do Martyr S. Sebastião; e *Goyanninha* a 18 kilometros a O de Goyanna, na estrada que vai desta cidade para a estação de Barauna, do ramal de Timbaúba, na linha ferrea do Limoeiro, tem duas capellas, uma do patrocinio de N. S. das Dores e outra da Conceição. No municipio ainda existem mais as capellas filiaes ás respectivas matrizes: — a de Santo Antonio no engenho Novo, a de Sant'Anna no engenho Miranda, a de Santa Luzia no engenho Bujary, a de Santa Rita no engenho Bonito, a da Conceição no engenho Diamante, a do Rosario no engenho Mussumbú, a de SS. Cosme e Damião no engenho Catú, a da Conceição no engenho Matary, a de N. S. do Desterro no engenho Megahó de Baixo, a de N. S. do Soccorro no engenho Megahó de Cima, a de Santo Antonio no engenho Macaco, a de Santa Cruz no engenho do mesmo nome, e a da Conceição no engenho Mereré.

OROGRAPHIA. — No municipio de Goyanna nenhuma serra existe que mereça tal nome e seja digna de menção; ligeiras elevações do terreno sómente alli se observam; nota-se, comtudo, entre taes saliencias os morros do *Funil*, do *Selleiro* e do *Carrapicho*, ao Sul, perto da costa e para o lado de Catuama; o *Almecéga*, e por detraz de Ponta de Pedras; e o de *Itapessoca* mais para o sul desse logar.

HYDROGRAPHIA. — O oceano banha o municipio pelo lado L, desde a foz do rio Goyanna até a barra de Catuama. Os principaes rios que regam o territorio de Goyanna são: o rio *Goyanna*, formado pela juncção do *Tracunhãem* e do *Capibaribe-Meirim*, o qual tem sua foz entre as pontas dos Coqueiros e de Pedras, limitando este Estado do da Parahyba, mais proximo da primeira, e encostado ao pontal de Guagirú. O *Ubú*, que nasce de uma vertente no logar Tres Ladeiras e, formando seu curso por corregos, corta a estrada geral que vai do Recife para Goyanna, no local Ubú, donde toma o nome, e segue até o denominado Aratáca em que encontra o rio Itapirema com o qual vai desaguar no sitio Gravatá, aos lados de Itamaracá. O *Itapirema*, que nasce no logar Urucú, 24 kilometros abaixo de Iguarassú, entra pelos engenhos Itapirema do Meio, de Cima e de Baixo, corta a estrada geral de Goyanna e encontra o rio Ubú com o qual depois toma a mesma direcção. E ainda os riachos *Matary*, *Caraú*, *Camorim*, *Gutiuba* (affluentes do Tracunhãem), *Tiuma*, *Cruangy*, *Serigy*, *Limeira*, *Merepe*, e *Uruahé* (affluentes do Capibaribe-Meirim).

PORTOS E ENSEADAS — Possue os ancoradouros, na barra do rio Goyanna, denominados *Lamas* e *Laminhas* de Goyanna, o 1°, que tem quatro braças de fundo, na baixa-mar, e o 2° tres; o fundo de ambos é de areia e lama, e abriga sumacas e pequenas embarca-

ções. Entre essas lamas ha uma restinga de pedras que tem duas braças de preamar, nas aguas vivas, na parte denominada Carne de Vacca, que serve para sumacas até 14 p. E ainda tem a barra de Catuama, formada pela embocadura do rio Massaranduba, aos 7° e 32' de lat. S, com 14 p. em baixa-mar, e 20 na preamar; o fundo é de areia e lama, o porto é abrigado e póde conter muitas embarcações.

PRODUCÇÕES — O municipio produz abundantemente fructas, como o abacaxi e côcos, de que faz soffrivel commercio, mangas, cajús, melancias, mangabas, pinhas, fructas de conde, laranjas, bananas, etc., cereaes e legumes.

CURIOSIDADES NATURAES — Ao que nos conste, nenhuma existe sabida.

REINOS DA NATUREZA — O reino animal não offerece differença do dos municipios circumvizinhos, e bem assim o mesmo se dá a respeito do reino vegetal. Sobre a existencia de mineraes, com excepção do giz e da pedra calcarea, encontrados em alguns logares do municipio, nada mais se sabe.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA — Sua principal industria é o fabrico de assucar, nos seguintes engenhos: Acahú, Acahú Novo, Assumpção, Barril, Batatão, Belleza, Bôa Vista, Bonito, Bujary, Caheté, Cabugy, Camarasinho, Camorim, Canna Brava, Capibaribe, Catú, Conceição, Condado, Cumbeba, Carijó, Diamante, Dois Rios, Folguedo, Fortaleza, Gitó, Goy, Goyanna Grande, Guarany, Gutiúba, Humaitá, Itapessirica, Itapirema de Baixo, Itapirema de Cima, Itapirema do Meio, Jacarapina, Jangadeira, Japomim, Jardim, Jassé, Jucá, Lagamar, Limeira, Macaco, Macóta, Mariuna, Massaranduba, Matary, Mata-limpa, Megahó de Cima, Megahó de Baixo, Mereré, Mineiro, Miranda, Monte Alegre, Mouco, Mussumbú, Natal, Nitheroy, Novo, Palha, Palmeira, Paraguassú, Paraná, Passagem, Páo Amarello, Páo Sangue, Pedregulho, Pedreiras, Pendencia, Pitaguaré, Pitú, Pôço, Pôço Redondo, Rebelde, Retiro, Republicano, Sant'Anna, S. Bento, Santa Cruz, S. Luiz, Serigy, Tabatinga, Tabayré, Tabyra, Taipú, Tracunhãem, Ubú, União, Uruahé, Varzea Grande e Viração; e ainda as fabricas — Uzina Goyanna e duas distillarias e restillarias a vapor. O commercio de exportação consiste em assucar bruto, algodão em rama, aguardente, melaço, couros salgados, sementes de carrapato, cereaes e abacaxis; o de importação em generos de consumo, nacionaes e extrangeiros, exercido por innumeros estabelecimentos de retalho, bem sortidos e em prosperidade Nas safras regulares essa importação tem attingido, em relação aos dous primeiros productos, á cifra de 400.000 saccos de assucar, com o peso médio de 30.000.000 de kilos, e 80.000 fardos de algodão, com a média de 1.500.000 kilos. A agricultura no municipio de Goyanna consiste, principalmente, no plantio da canna de assucar, seguindo-se-lhe depois a cultura dos diversos productos agricolas que são tambem objecto de seu commercio.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — O commercio da cidade é feito directamente com a cidade do Recife, por meio de automoveis e pela via fluvial, melhorada pelo *Canal de Goyanna*, que, tendo a extensão de 4 kilometros, liga o porto da cidade, que é em frente de uma das principaes ruas, ao rio Japomim (continuação do Tracunhãem), pouco acima da confluencia deste com o Capibaribe-mirim, os quaes juntos formam o Goyanna, que se lança no Atlantico. Apenas barcaças e pequenos hiates de capacidade, no maximo, de 100 toneladas, teem accesso no canal, chegando os vapores da Companhia Pernambucana sómente á sua foz no porto Japomim. A cidade de Goyanna dista 94 kilometros ao NO da capital e 26 do lit toral. Da capital para ella faz-se a viagem em caminho de ferro até Olinda (6 kilometros) e depois, até lá, por excellente, larga e quasi plana estrada de

rodagem, que é bastante frequentada, a carro ou em diligencias, cavallos, etc. Tambem a conducção por mar, constante e facil, offerece outro meio de transporte. Dista ainda 38 kilometros de Itambé, 48 de Nazareth e 63 de Iguarassú.

Adiantamento moral — Entre os diversos municipios do Estado póde-se considerar o de Goyanna no numero dos mais adiantados.

Goyanna — *Engenho* — No mun. do mesmo nome.

Goyanna — *Rio* — Ao norte do Estado, formado pela reunião do Tracunhãem e do Capibaribe-Mirim quasi ás abas da cidade de Goyanna, no logar Jacamim, onde, depois de um curso de 42 kiloms, seguramente, de muitas e grandes voltas (pois a não ser isto seria apenas uns 24 kiloms. até a praia) vai despejar no Oceano, entre Ponta de Pedras, em Pernambuco, e Ponta dos Coqueiros, da Parahyba, limitando estes dous Estados na latit. S. 7° 28' 16" e long E. 8° 20' 4" do Merid. do Rio de Janeiro. Tem na foz mais de 320 metros de largura, com fundo de 18 a 22 palmos, areia fina. Em seu curso para o occidente toma a direcção NNO e depois segue quasi todos os rumos.

Tem sido melhorada a navegação neste rio, por uma empreza denominada Canal de Goyanna, tendo este canal uma extensão de 4 kiloms. e ligando o porto da cidade de Goyanna ao rio Japomim, continuação do Tracunhãem, pouco acima da confluencia deste com o Capibaribe-Mirim. Apenas barcaças e pequenos hiates de capacidade no maximo de 100 toneladas, têm accesso ao canal, chegando os vapores da Companhia Pernambucana sómente á sua foz no porto Japomim.

Goyanna — *Usina* — Situada no mun. do mesmo nome.

Goyanna Grande — *Engenho* — No mun. de Goyanna. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Gaspar Pacheco. Confiscado, foi vendido em 1637 pelos invasores a Hans Wilem Louisen. O engenho era da invoc. de S. Felippe Nery Santiago. Fica a 13 kiloms. ao poente.

Goyanninha — *Povoação* — Situada na freguezia de N. S. do O', ao leste da séde, pertence ao mun. de Goyanna e fica ao sul da cidade deste nome. Possue as capellas de N. S. da Conceição e das Dores. Fica á pequena distancia da estação de Barauna da via-ferrea do Limoeiro — ramal de Timbauba.

Goyaz. — *Logarejo.* — No mun. da Boa Vista.

Graça — *Freguezia* do mun. e cidade do Recife, entre as da Boa Vista, Afogados, Poço, confinando ainda com o mun. de Olinda.

Historia — Começou a povoar-se no correr do seculo XVIII, sendo vulgarmente conhecida por Capunga a parte do 1° districto, e por Belém ou Encruzilhada a do 2°. Graça é a inv. da sua matriz, donde proveio a denominação de todo o seu territorio. Foi creada freg. pela lei provincial n. 939, de 22 de junho de 1870, desmembrada da da Boa Vista, sendo canonicamente installada em 8 de setembro do mesmo anno pelo seu 1° vigario padre Augusto Franklin Moreira da Silva, fallecido em 1906, como vigario daquella outra.

Limites — Ao norte o mun. de Olinda pela camboa do Salgadinho, atravessando o pantano em busca do riacho Agua Fria; e com a freg. do Poço pelo riachinho que derrama na ponte da Agua Fria e vem da Tamarineira, e ainda pela estrada da Cruz das Moças e da Cruz das Almas, até o rio Capibaribe; ao oeste com Afogados pelo rio Capibaribe, desde a Jaqueira até a ponte da Magdalena; e ao sul e leste com a freg. da Boa Vista, pela rua Bemfica, desde a ponte da Magdalena, Chora Menino á entrada da Estancia, rua da Estancia, do Caminho Novo até encontrar o becco do Padre Inglez, deste ao do Olho do Boi,

indo encontrar a estrada João de Barros e seguindo á bomba da mesma e dahi pelo riacho salgado denominado Madeira até a cambôa da Tacaruna, pertencendo-lhe todos os logares dos lados septentrional e occidental.

Extensão—A freg. da Graça tem de N a S 3 kiloms., e de L a O igual extensão.

População — Comprehende uma população de uns 35.000 habits., sendo 15.000 no 1° distr. (Capunga) e 20.000 no 2° (Belém).

Topographia — A freg. da Graça, situada em terreno todo plano, é banhada no lado occidental pelo rio Capibaribe, e é formada em sua maior parte por uma bella e espaçosa edificação que lhe dá um aspecto todo distincto dos demais bairros da cidade. Chacaras ou sitios cheios de mangueiras, palmeiras e outras arvores vistosas, habitações com jardins, chalets, palacetes e casas mais modestas de architectura e gosto moderno, derramadas em toda área de sua circumscripção, o afastamento do mar e das marés, e, portanto, do ar salitroso dos mangues, dão-lhe uma mais suave atmosphera, quasi odorifera, feita pelas innumeras flores de suas abundantissimas arvores, que como filtram a quente bafagem marinha. E' cortada pela E. de Ferro da Varzea a Dous Irmãos, que ahi tem as estações — Manguinho, Entroncamento, Quatro Cantos, Porto Laserre (linha da Varzea), S. José do Manguinho, Torre, Ponte de Uchôa, Jaqueira (linha principal), Espinheiro, Afflictos, Rosarinho e Tamarineira (linha do Arraial); pela linha de bonds Fernandes Vieira, passando-lhe na extrema oriental a E. de F. de Olinda e Beberibe. E' illuminada a gaz e abastecida de agua. E' saudavel e sobretudo os logares Espinheiro, Afflictos, Mattinha e Sertãosinho.

Entre seus edificios póde mencionar-se:

Hospicio de Alienados — A' margem da Estrada do Arraial, entre a da Cruz das Almas e a do Rosarinho no logar denominado Tamarineira, em ameno sitio que reune excellentes condições hygienicas, acha-se situado o Hospicio de Alienados, a cargo da Santa Casa de Misericordia. Creado primitivamente em 1864 na Misericordia de Olinda foi no governo do presidente de então o desembargador Henrique Pereira de Lucena (hoje Barão de Lucena) e, por iniciativa sua, projectada a construcção de um edificio onde os loucos encontrassem outro conforto, que no antigo e insalubre hospital lhes faltava. Aquelle presidente, a quem Pernambuco muito deve, como ao Conde da Boa Vista, verdadeiros e bons serviços para realizar a idéa que teve em mente, desde logo, com bastante interesse, procurou conseguir importantes donativos e o local em que se devia fundar a piedosa obra. De facto, o sitio denominado *Matinha*, em frente a E. F. do Recife a Varzea, em seu ramal dos Afflictos ou do Arraial, e onde tem a estação Tamarineira, foi o escolhido para, em 8 de setembro de 1874, lançar-se a pedra fundamental do vistoso edificio que naquella paragem campeia. Todo o edificio está dividido em dous pavimentos, superior e inferior, e assenta a construcção sobre uma sapata aterrada, de $1^m,20$, sobre o nivel da estrada. Os dous pavilhões destinados aos alienados têm exteriormente, em cada pavimento, nove janellas nas fachadas principaes, e quinze nas lateraes; e o da cozinha, que só contém um pavimento, tem em cada uma de suas duas fachadas principaes seis janellas e uma porta. A entrada para cada um dos pavilhões faz-se por uma porta no centro e do lado que dá para o pateo, sendo o accesso para essa porta por uma escadaria de marmore de Lisboa. Os dous pavilhões de habitação dos alienados são subdivididos em grandes salas, em espaçosos dormitorios, em salões de refeitorio e em quartos de segurança para accommodações dos enfermos segundo o gráo do soffrimento de cada um, sendo

todos os compartimentos suppridos de sufficiente ar e luz. O que, imperfeitamente, fica descripto, é a parte construida do actual *Hospicio de Alienados*. O plano geral do edificio, porém, exige mais tres pavilhões, sendo dous para enfermos, eguaes e continuados dos actuaes, e o terceiro, no fundo, para uma capella. A direcção do estabelecimento está confiada a Irmãs de Caridade que, com o maior zelo, dedicação, proveito, desempenham a santa tarefa que em tão boa hora lhes foi confiada. A 1 de janeiro de 1833, inaugurou-se, sendo transferidos para o novo edificio da *Tamarineira*, os loucos que existiam no velho hospicio de Olinda, tendo sido a construcção desde o inicio até o termino, dirigida pela Santa Casa de Misericordia do Recife, — essa bellissima instituição de caridade e protecção que incontestavelmente, entre nós, exerce sua nobilissima missão com os maiores louvores da população pernambucana. O edificio está collocado dentro de vasto sitio arborisado, cercado de muro, e lhe dá accesso largo portão de ferro, a que segue uma estrada, orlada de garbosas palmeiras. Consta o edificio de quatro pavilhões, sendo um destinado á direcção do estabelecimento, dous para habitação dos loucos, e o quarto para cozinha e suas dependencias. A extensão da parte reservada aos alienados tem 30m,50 de frente sobre 50 metros de fundo. A frente principal fica no alinhamento da fachada posterior da casa da administração, lateralmente collocada em distancia de 6m,20, sendo os intervallos fechados por portão e gradil de ferro, assentado sobre pequeno muro. A área occupada pela cozinha tem a mesma dimensão da que comprehende a secção destinada á administração do *Hospicio*. E' rectangular a fórma de todos os pavimentos, e a posição de cada um estabelece um grande pateo.

HOSPICIO DE ALIENADOS

Mercado da Estancia — No sitio que outr'ora occupara a extincta sociedade hippica — Derby-Club — acha-se collocado o bellissimo *Mercado da Estancia* ou *Coelho-Cintra*, mais conhecido da população do Recife com o nome de Mercado do Derby. Em 1898, sendo Prefeito do Municipio o Dr José Cupertino Coelho Cintra, firmou este com o cidadão Delmiro da Cruz Gouvêa um contracto para a realização de tão util melhoramento, mediante o privilegio, com a isenção de impostos municipaes, do cessionario exploral-o durante 25 annos, findos os quaes passaria ao Municipio. Nesse mesmo anno foi iniciada a construcção, inaugurando-se a 1ª secção do mercado em 13 de Maio de 1899, e todo elle entregue ao serviço em 7 de Setembro do mesmo anno. A inauguração official, porém, sómente deu-se em 5 de Fevereiro de 1900. E' um elegante edificio e, actualmente, no genero, o paiz não possue outro melhor nem egual. A sua área de extensão mede 129 metros de fachada por 28 de largura. E' composto de dous corpos principaes com pavilhões nas extremidades, possuindo todo o edificio 18 portões e 112 janellas de venezianas. No centro do mercado ainda ergue-se outro pavilhão superior em que funcciona a direcção e do qual se observa todo o movimento. As cobertas lateraes dos dous corpos principaes do edificio são suspensas por 4 linhas a 16 columnas de ferro, e a coberta central, elevada e suspensa sobre tesouras, é circulada por ventiladores que renovam o ar e dão luz á parte interna. O mercado, dividido em muitas secções destinadas aos diversos fins da sua natureza, contém 264 compartimentos com balcões de pedra marmore, dispostos em forma de tres ruas parallelas. Chafarizes e torneiras d'agua, profusamente distribuidos por todo o edificio, com um perfeito systema de esgoto, entretêm alli o maior asseio possivel. Em frente á fachada principal ha uma área ajardinada, e todo o pateo, que fica na parte léste do exterior do estabelecimento, é aproveitado por um velodromo, cuja extensão de área é de 400 metros. Nas proxim-

MERCADO DA ESTANCIA

dades tambem tornam-se dignos de nota uma luxuosa hospedaria e um vasto edificio destinado a varios jogos, café e divertimentos. O mercado e dependencias conservam-se abertos á noute e são illuminados á luz electrica. Uma linha de bond com a indicação do estabelecimento faz ahi seu ponto de parada. No presente este mercado é propriedade de diversos bancos da praça do Recife.

E a *Escola Padre João Ribeiro*, situada no largo da Encruzilhada de Belém, mandada construir pelo Governador Dr. Alexandre José Barboza Lima e que foi inaugurada em 1897.

IGREJAS — Possue a freg. os seguintes templos :

— A *Matriz*, fundada em 3 de Março de 1858. A igreja de *S. José do Manguinho*, edificada em 1741 e reconstruida em 1845, tendo servido de matriz até 1878. A de *Nossa Senhora dos Afflictos*, construida nos fins do seculo XVIII. A de *Nossa Senhora da Conceição* da Ponte d'Uchôa, erigida em 1818 pelo coronel Bento José da Costa. A de *S. Vicente de Paula,* edificada pelas irmãs de caridade do collegio, foi inaugurada em 19 de Julho de 1894. A de *Nossa Senhora da Assumpção das Fronteiras,* da Estancia, foi edificada de taipa pelo bravo Henrique Dias, em acção de graças pela victoria de 15 de Agosto de 1648 ; arruinada essa igreja, o seu successor Domingos Rodrigues Carneiro e mais officiaes e soldados de seu terço, reedificaram-n'a com esmolas e ainda com o auxilio da Fazenda Real, sendo concluida posteriormente por outros. A capella da *Sacra Familia,* na estrada denominada *Chora-Menino,* fundada em 1755 por Anna Maria dos Anjos, reconstruida em 1884 por José Antonio Marques e inaugurada ou reaberta em 1888. Sobre a porta principal encontra-se uma pedra com a seguinte inscripção :

TEMPLO DA SAGRADA FAMILIA

FEITO EM 1705

RECONSTRUIDO EM 1884

POR

JOSÉ ANTONIO MARQUES

A de *Nossa Senhora da Conceição*, da Estrada de João de Barros, fundada em 1678 por João de Barros Corrêa. A de *Nossa Senhora da Conceição* de Belém erguida em 1764 por João Ignacio Ribeiro de Mello. Existiu até ha pouco tempo, na estrada do Rosarinho, e foi demolida, por estar em ruinas, a capella da invocação de Nossa Senhora do Rosario, encontrando-se então em seus alicerces uma pedra de cantaria de Lisboa com a inscripção da data de 1706, talvez a da fundação da mesma capella.

Graça — *Riacho* — No mun. da Boa Vista.

Gracioso — *Eng.* — No mun. de Itambé.

Gramame — *Rio* — No mun. de Itambé.

Grande — *Lagôa* — Ao sul de Cimbres, povoação em que esteve primeiramente a séde do mun. da mesma denominação.

Grande — *Lagôa* — Situada no territorio do mun. de Flores.

Grande — *Riacho* — No mun. de Itambé, nasce no logar Quebumba e com seis kiloms. de curso despeja no Agua Torta no logar Poço do Sipó, terreno do eng. Gamelleira.

Grande — *Riacho* — Nasce 15 kiloms. acima da villa de Alagôa de Baixo e derrama no rio Moxotó 10 kiloms. abaixo.

Grande — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho, sendo affl. do Parahyba.

Grande — *Ribeiro* — Nasce no logar Tres Lagôas, mun. do Limoeiro e derrama no riacho Cotunguba, affl. do Capibaribe.

Grande — *Serra* — Acha-se collocada no mun. de Bom Conselho.

Grande — *Serra* — Fica entre os muns. de Victoria e Gloria.

Grande — *Serra* — Fica situada no mun. de Quipapá ao poente do povoado Barra de Jangada.

Grandeza — *Serra* — Ao norte da Villa de Panellas e a uns 6 kiloms., fica comprehendida no territorio desse mun. E' habitada e cultivada.

Grandeza — *Serra* — Ao norte de Villa-Bella.

Granito — *Villa* — Séde da freg. de N. S. do Bom Conselho de Granito.

Historia — Na antiga fazenda do Poço d'Anta da freg. do Exú, a 70 kiloms. desta localidade, fundando, de 1858 para 1859, o então vigario padre José Modesto Correia de Britto, uma capella do patrocinio de N. S. do Bom Conselho, esse facto deu logar á formação de um povoado que chegou a merecer a categoria de freg. pela lei n. 1.042 de 23 de maio de 1872 por segregação do curato amovivel do Exú. Foi installada em 1875 com o provimento canonico. Anteriormente já outra lei lhe dera as honras de villa, a de n. 548 de 9 de abril de 1863, transferindo a séde do termo Exú, para ahi. Pelo fundador da capella, em 28 de janeiro de 1866 foi doada á mesma, como patrimonio, toda a área occupada pela povoação. Creada comarca no governo da Republica, foi installada em 1 de março de 1890 pelo Juiz de Direito Dr. Alfredo Affonso Ferreira. A denominação provém de que seu sólo é formado de granito. Constituiu-se mun. autonomo em 5 de Junho de 1893.

Extensão — De N a S tem 45 kiloms., e de L a O 100.

Posição astronomica — A 7° 44' 25' lat. S e 3° 19' 50" de long. or. do Rio.

Divisão — Comprehende a freg. dous districtos policiaes.

População — A da villa de Granito póde avaliar-se em 800 habs.

Limites — Ao N. com o Exú, das divisas do qual fica 20 kiloms. A L com Salgueiro distando 40 kiloms. da linha confinante. Ao S com Leopoldina, donde fica o limite 25 kiloms. E a O com Ouricory a 60 kiloms. de suas fronteiras.

Topographia — Está situada em uma planicie, á marg. esq. do riacho da Brigida. Possue 5 pequenas ruas, igreja matriz do patrocinio de N. S. do Bom Conselho, edificio do Conselho Municipal, cadeia, cemiterio, um mercado; clima saudavel, agua potavel de má qualidade, etc.

Povoados — *Baixio, Caiçara, Sitio, S. Antonio, Mata-Boi, Manary, Mundo Novo, Belém, Caririsinho, Genipapo e João Bento,* os quaes todos são insignificantes, havendo nos tres ultimos uma capellinha.

Orographia — Uma parte da serra do *Araripe* atravessa a freg. de Granito. Existem ainda as serras das *Araras* e do *Luizinho,* da cordilheira *Badabuana,* e os serrotes do *Periquito,* do *Guandú* e do *Cavallo.*

Hydrographia — Seus rios e riachos principaes são: O *Brigida,* que nasce no territorio do Exú e vai derramar no rio S. Francisco, tendo como affluentes: os riachos *Caririsinho* e *Genipapo,* que se reunem no logar Sitio, desaguando no das *Pás-grandes,* o qual por sua vez é affl. do *Páo d'Arco,* 1 kilom. da villa de Granito; o *Mundo Novo,* que desagua no logar Areal, o *Quixaba,* no Mata-Boi, o *S. Joaquim* na fazenda Barriguda, o *Ingazeira* em Baraunas, o *Mororó* em Manary, o *Periquito* em Sussuarana e o *Cova de Pedra* em Caracará, regulando cada um destes de 20 a 40 kiloms. de curso. Existem as lagôas: *Baraunas, Varzea, Cruz, Umary, Comprida, Surubim, Estoque, Tombo, Bonina, Nova, Páo d'Arco, Matto Grosso, Barraca, Pintadinha, Pedras, Quixaba, Veado, Cupim e Tigre.*

Reinos da natureza — Os animaes são: bois, cavallos, carneiros, cabras, vea-

cos, rapozas, preguiças, onças, gatos do matto, papagaios, periquitos, jandayas, tetéos, anuns, emas, siriemas, rôlas, etc. Os mineraes são o granito, o sal gemma, indicios de ferro em varios pontos, o crystal de rocha, carvão de pedra, etc. O reino vegetal comprehende— oiticica, ouricury, carnahuba, baraúna, aroeira, catingueira de porco, marmeleiro, jurema, jatobá, joazeiro, favella, caroá, gravatás, etc.

Industria e Commercio — Artefactos de couro, cordas de fibras, queijos de manteiga e coalho, rapaduras, carne de sol, aguardente e farinhas de mandioca e milho. Produz cereaes, algodão e fumo, e seu commercio, que consiste na importação de fazendas, miudezas e generos de estiva e na exportação dos seus productos, é, entretanto, fraco e insignificante.

Instrucção e adiantamento moral — Ha falta de escolas e conseguintemente de distribuição de ensino, o que importa dizer que é enorme a ignorancia da população.

Distancia — Granito demora 805 kiloms. do Recife, 270 da E. de F. de Paulo Affonso e o transporte unico é á costa de animaes.

Gravatá — *Cidade* — Séde do mun. de Gravatá e da freg. de Santa Anna.

Historico — Em 1808 era uma fazenda de gado denominada *Caroatá*, ou *Gravatá*, conforme melhor preferiu o povo, derivando o nome da planta alli muito abundante, e assim chamada, da familia das bremilias, espinhosa e parecida com o pé do ananaz, e da qual se tiram fibras tanto ou mais fortes que as do linho e se fazem suadouros de sella, cordas de rêdes, cabrestos de cavallos, etc. Vocabulo indigena, que, segundo Martius, vem da corruptela da palavra *Caranheatá* em Gravatá, e significa — herva que arranha, ou espinhosa. A fazenda pertencia a José Justino Carreiro de Miranda, e este, que era homem de sentimentos religiosos e extremamente devoto de Sant'Anna, erigiu em sua fazenda uma capella dedicada a Sant'Anna, a qual o mesmo não podendo concluir, em 1822 foi terminada por seu filho João Felix Justiniano Carreiro de Miranda. Desse tempo, approximadamente, data a fundação do povoado que, gradualmente crescendo, chegou a que a lei provincial n. 422, de 25 de maio de 1857, lhe désse a categoria de freg., a qual, sendo provida, teve como primeiro vigario o Pe. Tito de Barros Corrêa. Foi elevada a villa pela lei n. 1560 de 30 de maio de 1881, installando-se em 9 de janeiro de 1883, e a cidade e comarca pela lei n. 1805, de 13 de junho de 1884, tendo sido installada pelo seu primeiro juiz de direito Dr. Joaquim Guennes da Silva e Mello. No governo republicano constituiu-se municipio autonomo de accordo com a respectiva lei organica, em 15 de março de 1893, sendo eleitos para o primeiro governo administrativo municipal — Prefeito, coronel Antonio Avelino do Rego Barros; Sub-Prefeito, cidadão Joaquim Porfirio d'Almeida; e Conselho Municipal, os cidadãos Antonio Nilo de Medeiros, Felippe Corrêa de S. Thiago, João Joaquim de Souza Peixoto, Manoel Honorato Floro Rios, Francisco Bezerra de Carvalho e José Barboza da Silva.

Posição astronomica — Está a 8° 1' de latitude merid. e a 7° 33' de long. oriental do Rio de Janeiro.

Dimensões do territorio — O mun. de Gravatá tem a extensão de 55 kiloms de N a S e 40 de L a O.

Limites — O mun. de Gravatá limita-se ao N com o de Limoeiro pelos logares Cacimbinha, Gurgeia, Serra Grande, Pedras Miudas até o Esquerdo; ao O com o de Bezerros pelo logar Buraco, até Caipora; ao S com o do Bonito, da Serra dos Côcos a Urucú-Mirim, e com o de Amaragy pela serra da Resina; a L com o da Victoria, principiando da primeira passagem do riacho Tapecerica ao pé da Serra das Russas e procurando o norte até

encontrar o ponto em que começou a linha.

DIVISÃO — Comprehende a divisão civil dous districtos, o da cidade e o de Uruçú-mirim; e a divisão ecclesiastica uma só freguesia de Sant'Anna de Gravatá.

CLIMA E SALUBRIDADE — E' bastante aprazivel o clima e saudavel, sendo muitissimo util aos tuberculosos.

POPULAÇÃO — A população total do mun. é de 11.000 habs. e a da cidade de Gravatá é de 3.000 habs.

TOPOGRAPHIA — A cidade de Gravatá está situada a 465m,0 acima do nivel do mar, em excellente posição topographica, toda plana, correndo pelo lado do nascente e nordeste uma viração amena e saudavel, como soem ser as auras sertanejas; banhada pelo rio Ipojuca, que atravessa-a semi-circularmente dividindo-a em duas partes. Está comprehendida numa área de 400m,0 de extensão, pouco mais ou menos, começando da rua Nova até a da Victoria, conhecida tambem, primitivamente, por *Paiz* de Guariba; sua rua principal tem mais de 60m,0 de largura; existem varias outras, entre as quaes rua Nova das Flores, tambem chamada *Gruta das Flores*, da Alegria, da Victoria, predios em construcção, etc. Possue umas 400 casas, algumas das quaes bem edificadas e de aspecto agradavel, uma matriz regular, o edificio do Conselho e Prefeitura Municipal, cadeia, cemiterio, agencia do Correio, escolas publicas, illuminação, etc.

POVOAÇÕES — *Russinha*, com estação de estrada de ferro, a 18 kiloms. a léste da cidade; *Uruçú-Mirim* a 15 kiloms. com uma cap. da inv. do Espirito Santo, e um cemiterio com cap. sob a mesma protecção, construido em 1883, com 33m,0 de comp. sobre egual extensão de fundo; *Cotunguba*, cap. de S. Anna, 15 kiloms. a L; *Chã-Grande* a 18 kiloms. cap. S. José situada ao S; e os logarejos *Gangorra, Jacú, Volta do Rio, Catinga Vermelha* e *Pedras Miudas*.

OROGRAPHIA — Em seu territorio notam-se algumas serras, entre ellas a que mais se destaca pela sua grande extensão é a que toma o nome de *Russas*, a léste, grande e alta; depois seguem-se outras: do *Buraco*, que divide Bezerros de Gravatá; da *Rezina* ao Sul; da *Jabuticaba* ao Norte; da *Grota Funda*, da *Guarita*, do *Gulôso*, do *Lampeão*, dos *Porcos*.

HYDROGRAPHIA — Regam o mun.: o rio *Ipojuca*, que banha a cidade de Gravatá e o povoado Chã-Grande, procedente do mun. de Cimbres pelos do Brejo, Caruarú, Bezerros, Gravatá e seguindo pelo da Escada, Ipojuca até sua foz no mar; e os riachos, *Vertentes, Aguas Claras, Espirito Santo, Mel, Gamelleira*, affluentes do Ipojuca e *Cotunguba* e *Gangorra*, affluentes do Capibaribe. A agua potavel na cidade de Gravatá no inverno é excellente, emquanto que no verão não é bôa devido á porção de salitre que existe no leito e margens do Ipojuca quando secca, havendo entretanto bôa agua mandando-se buscar mais distante nas fontes — *Aguas Claras* e *Vertentes*.

CURIOSIDADES — No logar *Estreito da Serra* ha uma bella obra da natureza no ponto em que o espinhaço da Serra das Russas divide as aguas dos rios Ipojuca e Capibaribe em dous valles. Ahi vê-se um apertado paredão que se eleva a mais de 130 metros, acabando no alto com uma largura de 40 metros. Ainda quasi proximo ás encostas dessa serra existe uma grande pedra lapidada onde vê-se uma inscripção em estado inintelligivel, talvez por sua antiguidade, percebendo-se apenas alguma lettra e algarismo disperso.

REINOS DA NATUREZA — Sua fauna e flora são identicas á do mun. de Bezerros, e o reino mineral possue na propriedade Cotunguba, actualmente do major Manuel Clementino Corrêa de Mello, uma grande jazida de marmore branco e da melhor qualidade, que infelizmente estão utilisando para fazer cal, quando lhe podiam dar outro melhor

destino. Na serra das Russas, além de grandes pedreiras de granito, ha abundancia de pedra calcarea e encontra-se o ferro. No trabalho—*Viagens ao Interior de Pernambuco,* pelo engenheiro Emilio Dombre, encontra-se informações sobre a constituição dessa Serra.

PRODUCÇÕES — As suas culturas principaes são: fumo, milho, algodão, canna, mandioca e outros cereaes e legumes; criação de gados, etc., engenhocas de fazer assucar e rapadura, etc. E' fertil o terreno, apezar de pedregoso, sobretudo nos brejos.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA —A ceramica faz parte de sua industria, a fiação de algodão, fabricando-se pannos, rêdes, tarrafas, pererés, etc. O commercio consiste na venda dos productos locaes e na dos importados, em feiras semanaes e em estabelecimentos de molhados, fazendas, ferragens e miudezas. A agricultura principal consiste no plantio do algodão, canna e cereaes.

INSTRUCÇÃO E ADIANTAMENTO MORAL— A instrucção publica no mun. é insignificantemente dada; grande, portanto, é o numero de analphabetos e não menos o atrazo moral, o que é correlato.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO E DISTANCIAS — O principal meio de communicação é a estrada de ferro para a Capital e todos os logares que se ligam pela E. F. Central. Para os demais pontos é a cavalgadura o meio de viajar, e algumas vezes a liteira, por accidentados e estreitos caminhos. Gravatá fica distante do Recife 90 kilms., 23 de Bezerros, 39 da Victoria, 50 de Caruarú, 50 de Limoeiro, 60 da Escada e 70 do Bonito.

Gravatá — *Engenho* — No mun. de Agua Preta ao norte da séde e a 6 kiloms. Confina com as terras dos engs. Venus, Bom Gosto, Pumaty e Santa Fé. No mun. do Brejo, districto de Mandaia, existe uma engenhoca desse nome.

Gravatá — *Engenho* — No mun. do Cabo e tres engenhocas no mun. de Canhotinho.

Gravatá — *Estação* da via-ferrea Central de Pernambuco, inaugurada em 5 de Janeiro de 1873, no kilom. 89.210 do Recife.

Gravatá — *Ponta* — Junto á enseada onde o rio Una se lança no mar; fica proximo á ponta das Ilhêtas e na lat. S 8° 50′ 47″ e long. E 7° 58′ 48″.

Gravatá—*Povoação* — No mun. de Taquaretinga, onde existe uma cap. sob a invocação de N. S. da Conceição. E' conhecida tambem a mesma povoação por *Gravatá de Jaburú.* Em terreno elevado, possue uma casa de caridade fundada por J. A. Ibiapina. Está a 15 kiloms. de Vertentes e a 10 da cidade de Taquaretinga. Data sua fundação de 1840 e seu nome origina-se da abundancia dos Graúatás (fam. das bromelias) que na localidade existia na epocha do seu povoamento.

Gravatá — *Povoado* — No mun. de Barreiros, á beira-mar, o qual consta de algumas casas edificadas sem ordem. Tornam-se notaveis ahi duas grandes pedras na praia, uma quasi no meio da grande enseada, que nesse logar se fórma, conhecida por *Pedra do Conde,* e outra — entre o pontal do Gravatá e o das Ilhêtas, que fica a 6 milhas distante — denominada *Pedra do Porto.* O aspecto do littoral ahi é de terras altas e de collinas.

Gravatá — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho para o Riachão.

Gravatá — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres, corre e despeja na marg. direita do rio Ipojuca.

Gravatá ou **Crautá** — *Riacho* —Nasce no Brejo de Santo Antonio, no mun. de Ouricury, e é affl. do da Brigida depois de um curso de 180 kiloms.

Gravatá — *Riacho* — Corre no mun. de S. Bento e despeja no rio Una.

Gravatá-Assú— *Povoado* — No mun. de Panellas, situado em terreno baixo a 18 kiloms. da séde; é pequeno, mas prospero e não tem capella.

Gravatá de Jaburú — Vide Gravatá, pov. de Taquaretinga.

Gravatásinho — *Log.* — No mun. de Taquaretinga.

Gravatásinho—*Riacho*— Nasce na serra de Communaty, em Aguas Bellas, e despeja no Ipanema no logar Riachão.

Gravatásinho— *Riacho*— Nasce, corre e desagua na freguezia de Taquaretinga ; despeja no Topada, affl. da marg. esquerda do Capibaribe.

Gregorio— *Eng.*— No mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem.

Grillo — *Outeiro*—Na Ilha de Itamaracá por detraz da povoação do Pilar.

Grongonzo — *Morro* — Situado no mun. de S. Bento, ao sudoeste da cidade deste nome com a fórma redonda. A imaginação popular, sempre fertil de lendas, considera como phantastico o cimo de similhante morro, pois que accrescentam os credulos, alli se encontra ás vezes um grande lago, que desapparece depois, não sendo possivel a mesma pessoa vel-o duas vezes na vida. Além disso, creem que nesse grande lago ha não só riquezas colossaes, como grandes thesouros occultos.

Grossos—*Riacho*—Corre na freg. de S. José do Egypto e derrama no rio Pajehú.

Grota—*Riacho*— Corre no mun. de Triumpho, affl. do Brocotó.

Grota Funda — *Corrego* — Regando o mun. de Bom Conselho vai despejar no rio Parahyba.

Grota Funda — *Riacho* — Corre no mun. de Limoeiro e lança-se no rio Capibaribe pela marg. esquerda.

Grota Funda—*Serra*— Situada no mun. de Gravatá.

Grota Nova—*Eng.*— No mun. de Canhotinho.

Grota do Olho d'Agua—*Riacho*—Rega o mun. de Bom Conselho, indo lançar-se no Frexeiras, que é affl. do Parahyba.

Grotão—*Riacho*—Corre no mun. de Bom Conselho para o Riachão.

Grotão—*Serra*—Situada entre os limites dos muns. de Bom Conselho e Aguas Bellas.

Grude—*Log.*—No mun. de Garanhuns no distr. de Brejão.

Gruta Funda—*Eng.*—No mun. do Bonito.

Gruta dos Mortos — Na distancia de 4 kiloms. ao S da cidade de Serinhãem, em terras do eng. Tinoco, no cimo do monte — Gruta dos Mortos — appareceu a raiz de uma arvore que deita pequenas gottas d'agua potavel, de 5 em 5 minutos. E' avultado o numero de pessoas que vão alli diariamente visitar aquelle logar, onde todos estudam a causa e decidem pelos effeitos, prorompendo em altas vozes — é um milagre — Espectador ou romeiro, ao approximar-se, detem os passos pela multidão de objectos esparsos que lhe attrahem a vista e chamam a attenção. Aquelles objectos (mulêtas, pannos, etc.) pertenceram a doentes que se restabeleceram pelo uso daquella agua na parte affectada Commovem e encantam ao observador aquellas columnas de novos levitas, umas succedendo ás outras, todas silenciosas com a fronte curva e de instante a instante ouvindo-se o nome do glorioso — S. Amaro —, que é proferido com a fé do verdadeiro christão. (Inf. loc.)

Guabiraba — *Eng.* — No mun. de Bonito, a 17 kilòms. ao norte da séde e á marg. da projectada estr. de ferro de Ribeirão a Bonito Ahi faz barra o riacho Bonito Grande no rio Serinhãem.

Guabiraba — *Eng.* — Situado no mun. de Itambé.

Guabiraba — *Eng.* — Situado no mun. do Limoeiro, 12 kiloms. ao norte da cidade. Tem uma capella da invoc. de S. Anna e foi fundada pelo Coronel Manoel Guedes de Araujo Pereira.

Guabiraba — *Eng.* — No mun. de Palmares.

Guabiraba — *Eng.* — No mun. de S. Lourenço da Matta, freg. da Luz.

Guabiraba — *Serra* — Proxima ao eng. de seu nome, mun. do Limoeiro.

Guadalupe — *Povoação* — Situada á marg. do rio Formoso e na barra deste mesmo rio. Tem uma capellinha da invocação de N. S. de Guadalupe. Defronta com a Praia dos Carneiros e é habitada por pescadores.

Guagirú — *Povoado* — Situado junto ao pontal de seu nome, na foz do rio Goyanna, na lat. S 7° 28' 16" e long. E 8° 20' 4" nas divisas do Estado com o da Parahyba Existe ahi um grande coqueiral que embellece grandemente o littoral.

Guaiamum — *Povoação* — Situada no mun. de Serinhãem, tem pouca importancia e é insignificante.

Guapéba — *Log.* — Situado no mun. da Gloria de Goitá.

Guaraciabas — *Log.* — Situado no mun. de Bom Jardim.

Guarany — *Eng.* — No mun. da Escada.

Guarany — *Eng.* — No mun. de Serinhãem.

Guarany — *Engs.* — Localisados nos muns. de Goyanna, Itambé, Jaboatão, Agua Preta, Amaragy e Nazareth.

Guarany — *Riacho* — Tem sua origem no mun. de Amaragy, 8 kiloms. distante de sua foz no rio Amaragy, pela margem. esquerda.

Guararapes — *Eng.* — Situado na freg. de Muribeca, fundado antes da invasão dos hollandezes, que o confiscaram e venderam a Vicente Rodrigues de Villa Real. Nesse tempo foi edificada nelle uma capella sob a invocação de São Simão.

Guararapes — *Montes* — Situados na freg. de Muribeca cerca de 15 kiloms. ao sul da cidade do Recife, no meio de duas planicies, prolongando-se do Este para o Oeste. São tres separados por grutas e mattas chamados: o do lado do Norte *Telegrapho*, por ter em 1817 Luiz do Rego mandado collocar signaes para transmissão de noticias entre o Recife e o Cabo; o do lado occidental *Oitizeiro* em virtude das arvores desses fructos que nelle existiam, e deita suas encostas para as varzeas do eng. Guararapes; e o do lado oriental em cuja eminencia ergue-se a igreja de N. S. dos Prazeres mandada construir por Francisco Barretto de Menezes, o monte conhecido com o nome da igreja. *Guararapes* é vocabulo indigena, significa *som* produzido por quéda ou pancada; querendo aqui exprimir o bramir das torrentes cahindo nos concavos e cavernas d'aquelles montes. Naquellas paragens deram-se combates terriveis, fortes batalhas e foram conquistados louros assignalados. Os hollandezes depois da derrota do monte Tabocas em 1645 tentaram atacar o exercito libertador, que para ahi levara o General Francisco Barretto de Menezes, na certeza de que seria atacado pelos inimigos. De feito, em 19 de Abril de 1648, na vespera do dia em que a egreja commemorava a festividade de N. S. dos Prazeres deu-se o assalto. Eis como José de Vasconcellos, em suas datas celebres, descreve a batalha: « Os exercitos de Schkoppe e Barreto encontram-se nos montes Guararapes e travam batalha; uma das mais importantes naquellas éras no Brasil e que muito influio nos destinos de Pernambuco, pois Portugal já estava quasi resolvido a entregar a capitania á Hollanda á vista dos conselhos de Gaspar Dias Ferreira e Padre Antonio Vieira.

Nas duas primeiras horas de combate os hollandezes, não só porque combatiam dois contra um, como por estarem mais bem armados, tiveram vantagem. Conheceu Barreto que devia atacar o inimigo com a maior impetuosidade e assim o fez entregando o commando de uma divisão a D. Felippe Camarão, de outra a Henrique Dias e de outra a

Fernandes Vieira, os quaes levaram a desordem ao centro das fileiras batavas. Porém, com tal impeto atacaram, que as suas proprias tropas tambem desordenaram-se e tiveram de recuar, o que, aproveitando o inimigo, avança, ficando, porém, mettido nos pantanos. Então Barreto organisa uma outra divisão, cujo commando entrega a Vidal de Negreiros que,em menos de duas horas,destroçou-os. Perderam os hollandezes: 515 homens mortos, 523 feridos, incluindo-se neste numero o general Schkoppe, 1 peça, 33 bandeiras e muita munição. Todos os officiaes superiores, exceptuando o coronel Van den Brande, foram feridos ou mortos, achando-se no numero destes o coronel Hendrich Hous. A nossa perda foi de 80 mortos e 400 feridos.»

Em 19 de fevereiro de 1649 teve logar a segunda batalha, que assim descreve o Visconde de Porto Seguro:

« Meros espectadores um do outro, se conservaram os dous pequenos exercitos até ao meio dia. Os hollandezes, confiados em suas posições, se limitaram a provocar-nos mandando avançar um pelotão, que se retirou com um ferido, porém sem ser perseguido; levando entretanto a certeza de que, da parte das armas contrarias, eram arcabuzes e de maior alcance que as suas. Contra alguns dos nossos que se mostravam, disparavam alguns tiros que pouco mal nos causavam.

Afinal Brink, cansado de esperar ao sol, e numa paragem falta d'agua, ao passo que os nossos permaneciam abrigados á sombra e protegidos pelos pantanos e o matto, e sem dar signaes de impaciencia, resolveu convocar o conselho de officiaes superiores para decidirem o partido que se deveria tomar. Todos foram de voto que não se ficasse alli por mais tempo do modo que estavam; preferindo antes marchar quer para o Cabo de Santo Agostinho, quer para a Varzea, cortando aos nossos a retirada. Nenhum destes dous arbitrios foi porém adoptado por Brink, nem pelo conselheiro adjuncto van Goch, que resolveram ordenar a retirada outra vez para a Barretta, e esperar ahi umas ordens; e não effectuar essa retirada de noite, o que poderia mostrar medo; mas immediatamente e em presença do exercito contrario. O commissario van Goch se incumbio de ir ao Recife dar a respeito dessa resolução as explicações convenientes aos seus companheiros e pedir novas ordens. Pela volta das tres horas da tarde começaram os que occupavam as alturas a desamparal-as em retirada, descendo ao boqueirão para irem, fraldejando os serros, buscar a estrada no passo ou desfiladeiro entre elles e a costa. Marchou primeiro um regimento e depois a artilharia, flanqueada por duas companhias. Seguiram-se dous outros regimentos, mandados um pelo coronel Hautyn e outro pelo transfuga Claes (já com a patente de tenente-coronel), quando Barreto, vendo que o inimigo havia abandonado as fortes posições que occupava e porventura imaginando que elle projectava, sem combater, evadir para as bandas do sul, se resolveu atacal-o, mandando avançar. Apresentando-lhe primeiro resistencia cinco companhias do inimigo que formavam a sua retaguarda ao mando do capitão Tembergen, emquanto se organisavam para entrar em combate duas columnas ao mando dos dous mencionados chefes Hautyn e Claes; logo avançou aquelle carregando pela direita; mas foi repellido pela cavallaria da nossa parte, que ferio ao mesmo Hautyn, obrigando-o a retirar-se.

Apezar de ferido, reuniu o mesmo Hautyn aos seus e juntando-se á força que commanda Claes, atacaram ambos os nossos, já senhores da estrada; mas, viram-se obrigados a retirar-se para as bandas dos serros «por causa da grande força dos contrarios, que atacaram então com tanto impeto, que as tropas hollandezas começaram a fugir, sendo em breve tal a confusão, que nem por pala-

vras nem por força, poderam ser contidos os que fugiam... e esta confusão foi consideravelmente augmentada pelos corpos dos coroneis van den Brande e van Elst, que, baixando dos montes, para acudir, lançaram-se de envolta com os regimentos mencionados... e introduziram a mais completa desordem». O inimigo ficou de todo destroçado; e a victoria foi para os nossos ainda mais completa que a do anno antecedente. Além do chefe Brink perderam os contrarios cento e setenta e tres officiaes e officiaes inferiores; a saber: quatro tenentes-coroneis, quatro majores, trinta e cinco capitães, trinta e dous tenentes, vinte e seis alferes e quarenta e nove sargentos, e mais oitocentos e cincoenta e cinco mortos, noventa prisioneiros, o que tudo prefaz um total de mil e quarenta e cinco homens. Ficaram além disso, no campo, cinco peças de campanha e cinco bandeiras.

O inimigo reconheceu a sua derrota e a confessou officialmente, attribuindo-a á covardia dos proprios soldados. A perda dos nossos foi avaliada em quarenta e cinco mortos e duzentos feridos, entrando neste numero o bravo Henrique Dias, que, pela ultima vez, derramava nesta campanhao seu sangue pela patria.

Em acção de graças por essa victoria e pela anterior alcançada proximamente no mesmo local, mandou Barreto, depois de acabada a guerra, edificar á sua custa uma capella confiando-a aos benedictinos de Pernambuco, os quaes mais tarde (1782) a converteram na magnifica igreja que hoje campeia no cimo do monte.

Ainda entrando nella o viajante póde ler em uma grande louza preta de onze palmos de comprimento e quatro de altura, linha por linha e lettra por lettra, a seguinte inscripção:

1656

O mestre de campo general dos Estados do Brazil, Francisco Bar
reto, mandov em acção de graças, edificar asva cvsta esta
Capela a Virgem Senhora nossa dos Prazeres, com cvio fav
or alcançov neste lvgar as dvas memoraveis victorias
contra o inemigo holandes, aprimeira em 18 de abril de 1648, em
domingo da Paschoella vespora da ditta Senhora a segv
nda em 18 de fevereiro de 1649 em hva sexta-feira e vltimame
nte em 27 de ianeiro de 1654 ganhov o reciffe e todas as mais
p rassas qve o inemigo pesuhio 24 annos.

Em 1781 manda o governador José Cesar de Menezes pintar a batalha de Guararapes no forro do côro da igreja da Conceição dos Militares, no Recife. —«O pincel não é de Raphael de Urbino, nem de Corregio, diz Muniz Tavares; foi, porém, de um artista pernambucano patrioticamente inspirado: elle pintou com fidelidade o que em seu peito e cerebro encerrava, — deixou-nos uma memoria, para que jámais esquecessemos o dia em que o batavo destroçado desappareceu d'entre nós.»

Ainda na igreja dos Prazeres, que a piedade christã dos nossos antepassados levantou sobre as memoraveis collinas de Guararapes, se notam dous grandes quadros a oleo sobre madeira representando os dous bellissimos feitos d'armas que tiveram por scenario o proprio logar em que campeia a capella. No primeiro painel collocado ao lado esquerdo ao entrar da capella, se lê esta legenda:

« Pequena representação da ventura, que hoje logram no Brazil seus naturaes, por especial favor da Virgem Maria Mãi de Deus, cheia de prazer, com que seu divino empenho moveu aos animos dos antepassados nossos, que segundo a disciplina do Governador Geral Francisco Barreto de Menezes, á astuciosa intelligencia do Mestre de Campo João Fernandes Vieira, e ao valor do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, se viram nestes Montes dos Guararapes copiosos rios de sangue, com que o barbaro hollandez pretendia destruir o pequeno numero, que havia, porém se viram em poucas horas com 3.000 homens mortos, e da nossa parte com 40, e assim foram destruidos, e nós triumphantes aos prazeres de Maria, tudo lhe devemos, e á vós ó Virgem Santissima, nos restaurastes, e cheios de jubilo vos damos mil louvores. Os heróes portuguezes foram: 1. o General Francisco Barretto de Menezes; 2. o Mestre de Campo João Fernandes Vieira; 3. André Vidal de Negreiros; 4. Governador dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão; 5. Governador dos Pretos, Henrique Dias. E dos Hollandezes: 6. o General Segismundo; 7. o Coronel Brinck; 8. Coronel Vaneles; 9. Coronel Hevert; 10. Coronel Guilherme Austin; 11. Henrique Hus. »

« Feitos no anno de 1801, sendo o Sr. D. Abbade o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Provincial Frei Luiz da Assumpção, e Administrador desta Capella o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Definidor e terceiro provincial. »

O segundo painel, collocado no lado opposto, tem esta inscripção:

« Aos 18 de fevereiro de 1649 se viram estes montes matisados de uma risonha primavera, com que se adornaram seus espaçosos vales, pois na pompa com que o trajou o Hollandez este dia, prodigios foram de sua ruina, e annuncio de sua desditosa sorte. »

« Quando esperavam vencer cheios de alegria se achavam no tumulo de maior sentimento: os grandes favores da Mãi de Deus com que sua protecção nos mostrou, que marchando o barbaro hollandez com o numero de 12.500 homens, a da nossa parte entre brancos, indios e pretos, enchiam o numero de 2.600. Fortuna que só maginava os nossos corações, a nossa santissima fé, e com ella dirigindo os louvores a nossa Mãi Santissima; sahimos triumphantes e não vencidos: numero 1°, General Francisco Barreto de Menezes; 2°, Mestre de Campo João Fernandes Vieira; 3°, Mestre de Campo André Vidal de Negreiros; 4°, Governador dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão; 5°, Governador dos Pretos, Henrique Dias; 6°, Governador hollandez Segismundo; 7°, Coronel Vandebrand e 8°, Coronel Olaz. »

« Estes são os heróes que a fama nos apresenta, aquelles libertadores da Patria, estes perseguidores dos Templos. A quem se não Vós, ó Divina Maria, devemos esta victoria. »

Guarassiabas — *Eng.* — No mun, de Bom Jardim.

Guarda — *Lagôa* — Ao sul da pov. de Cimbres, antiga séde do mun.

Guarda — *Log.* — No mun. da Pedra, onde se encontra abundantemente a pedra de mó e a calcarea.

Guarda Varas — *Eng.* — No mun. de Nazareth.

Guardez—Nome que teve outr'ora a actual Ponte de Uchôa; era então uma propriedade de D. Ignez Guardez.

Guaribas — *Eng.* — Na freg. de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Guaribas — *Log.* — No mun. do Cabo.

Guaribas — *Log.* — No mun. de Bom Conselho.

Guaribas — *Log.* — No mun. de Bom Jardim.

Guaribas — *Log.* — No mun. do Brejo, districto Serra do Vento, existem tres fazendas.

Guaribas — *Morro* — No mun. de Bezerros.

Guaribas — *Riacho* — No mun de Bom Conselho, affl. do Riacho Secco e este do Parahyba.

Guaribas — *Serra* — No mun. de Limoeiro.

Guaribas — *Sitio* — No mun. da Pedra, onde se encontra abundantemente a pedra de mó e a calcarea.

Guarita — *Log.* — No mun. de Altinho.

Guarita — *Serra* — No mun. de Gravatá.

Guarita de João d'Albuquerque — Assim se chamava no periodo hollandez um reducto no termo de Olinda, entre esta cidade e a fortaleza do Buraco, mais proxima, porém, daquella.

Guerra — *Eng.* — No mun. do Cabo, á marg. esq. do riacho Gurjaú, foi fundado antes da inv. hollandeza por João Paes Barreto, e confiscado em 1638, foi vendido a Ridder. Os riachos Inhaman e Cavuvo derramam no Gurjaú.

Guerra — *Eng.* — No mun. da Escada.

Guerra — *Eng.* — No mun. de Ipojuca. No periodo do dominio hollandez pertenceu a Manoel Camello de Sá com D. Luiza Lins da Rocha, os quaes foram uns dos primeiros senhores dessa propriedade, conforme se verifica da nobiliarchia Pernambucana. Fica ao norte da séde 6 kiloms., e proximo do rio Ipojuca.

Guerra — *Serra* — Ao norte do mun. da Pedra, faz parte da cordilheira que vem do de Cimbres com os nomes de Gamelleira, Breginho, Mocó e Jardim.

Guia — *Log.* — No mun. de Jaboatão. Outro de igual nome no mun. de Limoeiro, limites da freg. de [illegible]cunhaem.

Guia — *Serra* — [illegible] situad. no mun. de Salgueiro, ligad. com a serra do Negreiro.

Guilherme — *Serra* — No mun. da Gloria do Goitá.

Gulandy — *Eng.* situado no mun. do Bonito.

Gulosso — *Eng.* — Ao norte do mun. de Amaraji.

Gulosso — *Serra* — No mun. de Gravatá.

Gurgeia — *Riacho* — Aff. do Capibaribe.

Gurjaú — *Eng.* — No mun. de Bonito.

Gurjaú — *Eng.* — No mun. de Pau Ferro.

Gurjaú — *Rio* — Nasce na serra da Pedreira, mun. de Jaboatão em terras do eng. Brejo, precipitando-se de grande altura em magnificas cascatas. Corta os engs. Brejo, Camaragi, onde recebe o riacho Contra-Açude, e o eng. Gurjaú de Cima. Nesse ultimo recebe os riachos Juquinha e Javunda. Atravessa o eng. Gurjaú de Baixo e ahi recebe o riacho Caraúna; o eng. Jacobina é o primeiro que o Gurjaú banha no mun. do Cabo e ahi recebe os riachos Cavuvo e Camanna. O curso do rio Gurjaú é de cerca de 58 kiloms. e é aff. do Pirapama. Gurjaú, vocab. indigena, é corruptela de Curu-jaú, composto de Curu, batata, e [illegible], como.

Gurjaú de Baixo — *Eng.* — No mun. de Jaboatão.

Gurjaú de Cima — *Eng.* — No mun. de Jaboatão. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Antonio Soares.

Gurjauzinho — *Eng.* — No mun do Bonito.

Gutiuba — *Eng.* — No mun. de Goyanna, a 13 kiloms. a SE de N. S. do O' e a 17 kiloms. ao SO de Goyanna.

Gutiuba — *Riacho* — Nasce no eng. Penedo, e correndo pela freguezia de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

depois de banhar os engs. Mamulengo, Pasta e Gutiubinha, vai despejar no riacho Caraú, em terras do eng. Gutiubinha.

Gutiubinha — *Eng.* — No mun. do Iguarassú.

Guvim — *Riacho* — Nasce na lagôa do mesmo nome, em terras do eng. Guabiraba, no mun. de Itambé, e despeja depois de um kilom. de extensão no riacho Itambé.

Guy — *Eng.* — No. mun. de Itambé.

H

Harmonia — *Eng.* No mun. da Escada, a 9 kiloms. da séde.

Harmonia - *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, a 15 kiloms. ao sul da séde.

Henrique Dias — *Estancia* — — Comprehendia todos os terrenos occupados, actualmente, pelo logar Estancia, cujo nome é uma reminiscencia historica, e pelo Mercado da Graça, chegando até o sitio do Mondego, onde era o ponto de observação daquelle heróe da restauração, no local precisamente em que hoje se vê o Collegio Salesiano. Mais tarde ahi habitou o governador Luiz do Rego Barretto. (Vide Estancia).

Herval — *Eng.* — No mun. de Barreiros.

Herval — *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, fica a 8 kiloms. ao sul da séde.

Hindereon — *Forte* — Existiu no tempo dos hollandezes, na estrada de Sant'Anna.

Hollanda — *Serra* — No mun. de S. Lourenço da Matta.

Horisonte — *Eng.* — No mun. do Rio Formoso.

Horisonte — *Eng.* — No mun. do Bom Jardim.

Horta — *Eng.* — No mun. de Itambé.

Humary — *Log.* — No mun. de Leopoldina, o qual se compõe de uma fazenda de criar e de algumas casas espalhadas nas circumvizinhanças.

Humaytá — *Eng.* — No mun. do Bonito.

Humaytá — *Engs.* — Nos muns. de Goyanna e Bom Jardim.

Humaytá — *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, a 15 kiloms. a sudoeste da séde.

I

Ibiapaba — *Serra* — Faz parte da cordilheira do Borburema, limitando Pernambuco com o Estado do Ceará, na cordilheira do Araripe.

Ibitury — *Eng.* de assucar, distr. de Bello Jardim, no mun. do Brejo.

Ibó — *Log.* — No mun. de Cabrobó, á marg. do rio S. Francisco.

ra — *Log.* — Na freg. de Afo- mun. da Capital.

— *Riacho* — Corre no mun. ·esta e derrama no S. Fran- ntre os rios Pajehú e riacho ·rosio. Nome indigena, significa : ou rio da roça — de *ip* — *co* — roça.

acio — *Serra* — No mun. de y nas divisas com o Piauhy tinuação da de Dous Irmãos.

apo — *Eng.* — No mun. de h.

arassú — *Cidade* — Séde do o seu nome e da freg. dos SS. e Damião.

)RIA — Diz a tradição historica i Iguarassú o primeiro logar povoou no Estado de Pernam- Seu primeiro templo attribuem á ganha, em 27 de Setembro), sobre os Potigoarás e fran- ue ahi se achavam e se allia- uelles, por Duarte Coelho Pe- ie de volta de Malaca na Asia, o em Iguarassú e desembar- bateu-os completamente com rosos companheiros que vinham lado. E como aquelle dia era ido pela Igreja aos SS. Cosme io, como voto de graça o ven- esolveu perpetual-a em um tem- sagrado aos mesmos SS. Mar- Seguindo para Europa e sciente). João III do facto, por occasião são do Brazil em capitanias, na recompensa daquelle serviço utros prestados na India, fez, ta regia de 10 de Março de doação das terras de Pernam- endo o foral lavrado em 24 de o do mesmo anno. Em 9 de de 1535 fundeou a armada no e Itamaracá e Duarte Coelho om sua familia e gente no sitio cos, á margem do rio Iguarassú, de suas terras com as de Ita- Ha muito, porém, quem attri- ver engano nessa data de 1530, querendo que a victoria sobre os Potigoarás e francezes tivesse sido em 1535; ou a conservar a data, o vencedor fosse Pero Lopes de Souza, Martim Affonso de Souza ou Christovão Jacques, porque do estudo das diversas épocas da vida de Duarte Coelho não tem sido facil encontral-o em Pernambuco no alludido anno. E' preciso, pois, mais luz sobre esse assumpto que, até agora, os documentos conhecidos não têm adiantado. Em 1 de Maio de 1632 o general Werdenbourg, que ás 11 horas da noite do dia anterior havia sahido do Recife guiado por Calabar, com 1500 homens ataca a villa de Iguarassú na occasião da missa. A villa foi saqueada. Alguns historiadores dizem que o inimigo commetteu grandes atrocidades, sobretudo Fr. Manoel Calado e Fr. Manoel de Jesus; outros, porém, nem siquer falam nisso, e é notavel que Duarte de Albuquerque (Marquez de Basto) tambem não consignasse em suas — *Memorias Diarias.* — A 28 de Novembro de 1848 o coronel commandante das forças legaes acampadas em Iguarassú José Vicente de Amorim Bezerra dirigiu uma proclamação aos seus habitantes aconselhando-os a deixarem as fileiras dos revoltosos, que nesse dia haviam sido derrotados em Nazareth. Não ha documentos para se affirmar a época em que Iguarassú teve a categoria de freg.; ha, porém, presumpções de tel-o sido em 1550. El-Rei D. João III no seculo XVI lhe conferiu o titulo de villa, denominando-a de — *Muito nobre, sempre leal e mais antiga villa da Santa Cruz de SS. Cosme e Damião.* Pela lei n. 44 de 12 de Junho de 1837 combinada com a de n. 83 de 5 de Maio de 1840, limita-se ao norte com a freguezia de Goyanna pela barra do rio Iguarassú, com a de Tejucupapo pela Mangabeira e pelas aguas que entram ao norte e sul do rio Ubá, com a de Itamaracá pela barra da mesma Ilha e rio Iguarassú, e com a de Tracunhaem

pelas aguas que correm para o Araripe, e d'ahi para o sul com a de Maranguape pela barra de Maria Farinha; a leste com a costa do mar; e ao oeste com a freguezia de S. Lourenço pela matta de Mirueira, com a de Tracunhãem pelos engenhos Papicú, Aldeia e Lages, e com a de Nazareth. Pela lei n. 550 de 20 de Abril de 1863 todo territorio da freguezia de Goyanna, que antes da lei n. 226 fazia parte do municipio de Iguarassú, passou a pertencer-lhe, bem como os engenhos Agua, Mussape, Tapiroé, Pindobinha, Aguiar, Improviso, Mussapinho e Caiape e a propriedade Arregalado, pela lei n. 603 de 13 de Maio de 1864; e igualmente a parte do engenho Chã Grande, que pertencia á Goyanna, pela lei n. 816 de 11 de Maio de 1868. De accordo com a lei organica dos municipios, n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo em 28 de Fevereiro de 1893, tendo sido seu primeiro governo administrativo: Prefeito, coronel João Francisco do Amaral; Sub-prefeito, coronel Napoleão Cezar Duarte; e Conselho Municipal: Dr. José Joaquim Coelho Leite, tenente Francisco C. Teixeira d'Araujo e Silva, tenente-coronel José Francisco Jayme Galvão, capitão Francisco Joaquim Cavalcante Galvão e capitão Jeronymo Leitão da Costa Machado. Pela lei n. 130 de 3 de Julho de 1895 teve a categoria de cidade. Iguarassú tem sido o berço de muitos filhos distinctos, podendo-se mencionar entre outros os seguintes: O Pe. Miguel Roiz. Sepulveda, nascido em 1690 e fallecido em 1768. Foi o fundador do Recolhimento de donzellas, de Iguarassú, ao qual doou todos os seus bens, comprehendendo uma grande propriedade na hoje cidade, uma fazenda de gado no sertão, tendo iniciado a obra o Pe. Malagrida e em 1742 fazendo entrada no recolhimento as primeiras virgens. A elle tambem foi devido a capella do recolhimento, que foi acabada em 1758. — Dr. Fr. Feliciano de Mello, nascido em 1679, grande illustração sacerdotal, orador notabilissimo em seu tempo. — Dr. Fr. Ruperto de Jesus, nascido em 1644, benedictino, eloquentissimo prégador e varão notavel por suas virtudes — Joaquim Domingues de Souza Bandeira, José Carneiro Carvalho da Cunha Beringuel, João Gonçalves Bezerra e Pe. Antonio Jacome Bezerra, victimas na revolução republicana de 1817. Na ilha de Itamaracá nasceram: Antonio Fernandes Padilha, militar distincto e veterano da Independencia Nacional, em que prestou assignalados serviços á patria; Pe. Antonio Gomes Pacheco, sacerdote illustrado, poeta e litterato; Bento Corrêa Lima, martyr de 1710; Antonio Barboza e José Francisco do Desterro, patriotas de 1817. A estação telegraphica de Iguarassú foi aberta ao serviço em Agosto de 1876.

SITUAÇÃO GEOGRAPHICA—Fica situada a 7° 50' de lat. Sul e 8° 15' 7" de long. oriental do Rio de Janeiro.

ORIGEM DA DENOMINAÇÃO — A palavra Iguarassú é voc. ind. e significa—Canôa grande — porque assim os indios chamaram admirados as embarcações em que lhes appareceram os primeiros portuguezes que viram. *Igara,* canôa—*assú,* grande.

LIMITES—Confina ao S. com o mun. de Olinda, pelo rio Timbó; a O. com Pau d'Alho pelas extremas occidentaes das propriedades Timbó, Desterro, Cabeté, Monjope, Utinga, Regado, Páo Picado, Aguiar, Machado, Carahú e a pov. Chã do Estevão; ao N. com Goyanna pelo rio Ubú; e a L. com Olinda pelo rio de Nova Cruz, que é formado pelo Timbó e outros, até a sua foz na barra de Itamaracá, e pelo oceano até a foz do rio Catuama.

DIMENSÕES DO TERRITORIO — O mun. de Iguarassú tem 30 kiloms. de N. a S. contados desde o rio Jaguaribe até o Ubú, e 40 de L. a O. desde a barra do Catuama até o eng. Aldeia.

Divisão—Compõe-se o mun. de duas fregs. a de SS. Cosme e Damião, e a de N. S. da Conceição de Itamaracá, e está dividido em dous districtos municipaes, tendo cada um seu respectivo juiz.

Aspecto e natureza do solo — Os terrenos do mun. de Iguarassú são no geral baixos e planos, raras são as collinas que nelle se encontram, pois que os terrenos mais altos não passam de pequenas ladeiras ou ligeiras ondulações.

Clima e salubridade — O clima de Iguarassú é no inverno carregado de humidade, notando-se nessa epocha alguns casos de febres benignas e ataques de rheumatismo; mas na estação secca o clima torna-se ameno e salubre.

Topographia — A cidade de Iguarassú, a 80m de altitude, está situada a 12 kiloms. do littoral e ao NO. do Recife, sobre terreno desigual e consta de duas partes distinctas divididas pelo rio Iguarassú, a que uns chamam *S. Domingos,* porque foi no dia desse patrono que entraram pela primeira vez navegantes portuguezes na barra de Itamaracá; outros *S. Cruz*, porque esta é a inv. da fortaleza que defende a entrada da mesma barra; e ainda outros *Monjope,* porque nas terras d'esse engenho está a nascente desse rio. Possue duas pontes que ligam os dous bairros da cidade, contém cerca de 300 casas, algumas das quaes de boa edificação, e são dignos de menção os seguintes edificios: a igreja matriz de SS. Cosme e Damião, a igreja de S. Sebastião, collocada na parte septentrional da cidade, em um pateo, construida em 1735; a de N. S. do Rosario na extremidade sul, em logar elevado, e que foi reconstruida ha poucos annos; a capella do Recolhimento do S. Coração de Jesus, que é um hospicio de orphãos fundado em 1743 pelos Padres Malagrida e Sepulveda, instituição digna da maior protecção pelos beneficios a que se destina; e o convento de S. Francisco, que foi o terceiro que se fundou na custodia do Brazil, e o primeiro sob a inv. de S. Antonio. O Padre custodio, Fr. Melchior, no anno de 1588, com alguns religiosos, escolhendo o sitio, deu principio á obra. O primeiro prelado, com as vezes de guardião, foi o irmão Fr. Antonio de Campo Maior. Está no fundo da rua principal da cidade em uma meia quebrada logo abaixo da matriz. A cidade é calçada, tem escolas para ambos os sexos, illuminação, agencia de correio, estação telegraphica, bom cemiterio, etc. Em 1710 foi construida a grande igreja da Misericordia, junto da qual havia bem provido hospital, mas cahiu pelas ruinas e abandono em que estava; e igual sorte teve a capella de N. S. dos Prazeres, que por algum tempo serviu provisoriamente de matriz. Em 1729 na igreja matriz de Iguarassú foram collocados quatro grandes quadros a oleo cujos assumptos constam de suas respectivas inscripções: São ellas: 1º painel—« A primeira terra que em Pernambuco tiveram os Portuguezes, foi esta de Iguaraçú, nome que lhe trouxe a admiração dos naturaes, vendo a grandeza de nossas embarcações, sendo o mesmo na sua lingua, Iguaraçú que he Náo Grande, chegando a ella no anno de 1530, em 27 de Setembro, dia de SS. Cosme e Damião, com cujo patrocinio venceram no mesmo dia uma grande multidão de indios, e expulsando-os fóra, attribuiram aos santos a victoria.—Ita Fr. Raphael de Jesus in Castriot, Lusit. liv. I n. 15.—E para maior triumfo do esquecimento, se fez este de parte das esmolas que deu para esta igreja o Illustrissimo Senhor D. José Fialho de feliz mem. Bispo de Pernambuco, no anno de 1729, e fez a festa á sua custa. » Inscripção do segundo painel: — « Vencidos os indios pelos Portuguezes em o dia dos Santos Cosme, e Damião em reconhecimento de tão grande beneficio, no mesmo lugar da

« Pequena representação da ventura, que hoje logram no Brazil seus naturaes, por especial favor da Virgem Maria Mãi de Deus, cheia de prazer, com que seu divino empenho moveu aos animos dos antepassados nossos, que segundo a disciplina do Governador Geral Francisco Barreto de Menezes, á astuciosa intelligencia do Mestre de Campo João Fernandes Vieira, e ao valor do Mestre de Campo André Vidal de Negreiros, se viram nestes Montes dos Guararapes copiosos rios de sangue, com que o barbaro hollandez pretendia destruir o pequeno numero, que havia, porém se viram em poucas horas com 3.000 homens mortos, e da nossa parte com 40, e assim foram destruidos, e nós triumphantes aos prazeres de Maria, tudo lhe devemos, e á vós ó Virgem Santissima, nos restaurastes, e cheios de jubilo vos damos mil louvores. Os heróes portuguezes foram : 1. o General Francisco Barretto de Menezes ; 2. o Mestre de Campo João Fernandes Vieira ; 3. André Vidal de Negreiros ; 4. Governador dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão ; 5. Governador dos Pretos, Henrique Dias. E dos Hollandezes : 6. o General Segismundo ; 7. o Coronel Brinck ; 8. Coronel Vaneles ; 9. Coronel Hevert ; 10. Coronel Guilherme Austin ; 11. Henrique Hus. »

« Feitos no anno de 1801, sendo o Sr. D. Abbade o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Provincial Frei Luiz da Assumpção, e Administrador desta Capella o Muito Reverendo Padre Mestre ex-Definidor e terceiro provincial. »

O segundo painel, collocado no lado opposto, tem esta inscripção :

« Aos 18 de fevereiro de 1649 se viram estes montes matisados de uma risonha primavera, com que se adornaram seus espaçosos vales, pois na pompa com que o trajou o Hollandez este dia, prodigios foram de sua ruina, e annuncio de sua desditosa sorte. »

« Quando esperavam vencer cheios de alegria se achavam no tumulo de maior sentimento : os grandes favores da Mãi de Deus com que sua protecção nos mostrou, que marchando o barbaro hollandez com o numero de 12.500 homens, a da nossa parte entre brancos, indios e pretos, enchiam o numero de 2.600. Fortuna que só maginava os nossos corações, a nossa santissima fé, e com el'a dirigindo os louvores a nossa Mãi Santissima ; sahimos triumphantes e não vencidos: numero 1°, General Francisco Barreto de Menezes ; 2°, Mestre de Campo João Fernandes Vieira ; 3°, Mestre de Campo André Vidal de Negreiros ; 4°, Governador dos Indios, D. Antonio Felippe Camarão; 5°, Governador dos Pretos, Henrique Dias ; 6°, Governador hollandez Segismundo ; 7°, Coronel Vandebrand e 8°, Coronel Olaz. »

« Estes são os heróes que a fama nos apresenta, aquelles libertadores da Patria, estes perseguidores dos Templos. A quem se não Vós, ó Divina Maria, devemos esta victoria. »

Guarassiabas — *Eng.* — No mun, de Bom Jardim.

Guarda — *Lagôa* — Ao sul da pov. de Cimbres, antiga séde do mun.

Guarda — *Log.* — No mun. da Pedra, onde se encontra abundantemente a pedra de mó e a calcarea.

Guarda Varas — *Eng.* — No mun. de Nazareth.

Guardez—Nome que teve outr'ora a actual Ponte de Uchôa ; era então uma propriedade de D. Ignez Guardez.

Guaribas — *Eng.* — Na freg. de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Guaribas — *Log.* — No mun. do Cabo.

Guaribas — *Log.* — No mun. de Bom Conselho.

Guaribas — *Log.* — No mun. de Bom Jardim.

Guaribas — *Log.* — No mun. do Brejo, districto Serra do Vento, existem tres fazendas.

Guaribas — *Morro* — No mun. de Bezerros.

Guaribas — *Riacho* — No mun. de Bom Conselho, affl. do Riacho Secco e este do Parahyba.

Guaribas — *Serra* — No mun. de Limoeiro.

Guaribas — *Sitio* — No mun. da Pedra, onde se encontra abundantemente a pedra de mó e a calcarea.

Guarita — *Log.* — No mun. de Altinho.

Guarita — *Serra* — No mun. de Gravatá.

Guarita de João d'Albuquerque — Assim se chamava no periodo hollandez um reducto no termo de Olinda, entre esta cidade e a fortaleza do Buraco, mais proximo, porém, daquella.

Guerra — *Eng.* — No mun. do Cabo, á marg. esq. do riacho Gurjaú, foi fundado antes da inv. hollandeza por João Paes Barretto, e confiscado em 1638, foi vendido a Riddeu. Os riachos Inhaman e Caxuxo derramam no Gurjaú.

Guerra — *Eng.* — No mun. da Escada.

Guerra — *Eng.* — No mun. de Ipojuca. No periodo do dominio hollandez pertenceu a Manoel Camello de Sá com D. Luiza Lins da Rocha, os quaes foram uns dos primeiros senhores dessa propriedade, conforme se verifica da nobiliarchia Pernambucana. Fica ao norte da séde 6 kiloms., e proximo do rio Ipojuca.

Guerra — *Serra* —Ao norte do mun. da Pedra, faz parte da cordilheira que vem do de Cimbres com os nomes de Gamelleira, Breginho, Mocó e Jardim.

Guia — *Log.* — No mun. de Jaboatão. Outro de igual nome no mun. de Limoeiro, limites da freg. de Tracunhãem.

Guia — *Serra* — Fica situada no mun. de Salgueiro, ligada com a serra do Negreiro.

Guilherme — *Serra* — No mun. da Gloria de Goitá.

Gulandy — *Eng.* situado no mun. do Bonito.

Guloso — *Eng.* — Ao norte do mun. de Amaragy.

Guloso — *Serra* — No mun. de Gravatá.

Gurgeia — *Riacho* — Affl. do Capibaribe.

Gurjaú — *Eng.* — No mun. do Bonito.

Gurjaú — *Eng.* — No mun. do Rio Formoso.

Gurjaú — *Rio* — Nasce na serra da Pellada, mun. de Jaboatão, em terras do eng. Brejo, precipitando-se de grande altura em magnificas cascatas. Corta os engs. Brejo, Cumarú, onde recebe o riacho Contra-Açude, e o eng. Gurjaú de Cima. Neste ultimo recebe os riachos Jyquitibá e Javunda. Atravessa o eng. Gurjaú de Baixo e ahi recebe o riacho Caraúna; o eng. Jacobina, o primeiro que o Gurjaú banha no mun. do Cabo e ahi recebe os riachos Canéco Canzanza. O curso do rio Gurjaú é de cerca de 68 kiloms. e é affl. do Pirapama. *Gurjau* vocab. indigena, é corruptela de *Carajehu* composto de *Cará*, batata, e *Xe un*, eu como.

Gurjaú de Baixo — *Eng.* — No mun. de Jaboatão.

Gurjaú de Cima — *Eng.* — No mun. de Jaboatão. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Antonio Soares.

Gurjauzinho—*Eng.*—No mun. do Bonito.

Gutiuba — *Eng.* — No mun. de Goyanna, a 13 kiloms. a SE de N. S. do O' e a 17 kiloms. ao SO de Goyanna.

Gutiuba — *Riacho* — Nasce no eng. Penedo, e correndo pela freguezia de Lagôa Secca, mun. de Nazareth,

depois de banhar os engs. Mamulengo, Pasta e Gutiubinha, vai despejar no riacho Caraú, em terras do eng. Gutiubinha.

Gutiubinha — *Eng.* — No mun. do Iguarassú.

Guvim — *Riacho*—Nasce na lagôa do mesmo nome, em terras do eng. Guabiraba, no mun. de Itambé, e despeja depois de um kilom. de extensão no riacho Itambé.

Guy—*Eng.*—No. mun. de Itambé.

H

Harmonia — *Eng.* No mun. da Escada, a 9 kiloms. da séde.

Harmonia - *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, a 15 kiloms. ao sul da séde.

Henrique Dias — *Estancia* — — Comprehendia todos os terrenos occupados, actualmente, pelo logar Estancia, cujo nome é uma reminiscencia historica, e pelo Mercado da Graça, chegando até o sitio do Mondego, onde era o ponto de observação daquelle heróe da restauração, no local precisamente em que hoje se vê o Collegio Salesiano. Mais tarde ahi habitou o governador Luiz do Rego Barretto. (Vide Estancia).

Herval — *Eng.* — No mun. de Barreiros.

Herval — *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, fica a 8 kiloms. ao sul da séde.

Hinderson — *Forte* — Existiu no tempo dos hollandezes, na estrada de Sant'Anna.

Hollanda — *Serra* — No mun. de S. Lourenço da Matta.

Horisonte — *Eng.* — No mun. do Rio Formoso.

Horisonte — *Eng.* — No mun. do Bom Jardim.

Horta—*Eng.*—No mun. de Itambé.

Humary — *Log.* — No mun. de Leopoldina, o qual se compõe de uma fazenda de criar e de algumas casas espalhadas nas circumvizinhanças.

Humaytá — *Eng.* — No mun. do Bonito.

Humaytá — *Engs.* — Nos muns. de Goyanna e Bom Jardim.

Humaytá — *Eng.* — No 1° distr. do mun. de Palmares, a 15 kiloms. a sudoeste da séde.

I

Ibiapaba — *Serra* — Faz parte da cordilheira do Borburema, limitando Pernambuco com o Estado do Ceará, na cordilheira do Araripe.

Ibitury — *Eng.* de assucar, distr. de Bello Jardim, no mun. do Brejo.

Ibó — *Log.* — No mun. de Cabrobó, á marg. do rio S. Francisco.

Ibura — *Log.* — Na freg. de Afogados, mun. da Capital.

Icó — *Riacho* — Corre no mun. de Floresta e derrama no S. Francisco, entre os rios Pajehú e riacho do Ambrosio. Nome indigena, significa — agua ou rio da roça — de *ip* — agua e *co* — roça.

Ignacio — *Serra* — No mun. de Ouricury nas divisas com o Piauhy em continuação da de Dous Irmãos.

Iguape — *Eng.* — No mun. de Nazareth.

Iguarassú — *Cidade* — Séde do mun. do seu nome e da freg. dos SS. Cosme e Damião.

HISTORIA — Diz a tradição historica que foi Iguarassú o primeiro logar que se povoou no Estado de Pernambuco. Seu primeiro templo attribuem á victoria ganha, em 27 de Setembro de 1530, sobre os Potigoarás e francezes que ahi se achavam e se alliaram áquelles, por Duarte Coelho Pereira que de volta de Malaca na Asia, passando em Iguarassú e desembarcando, bateu-os completamente com os valorosos companheiros que vinham ao seu lado. E como aquelle dia era consagrado pela Igreja aos SS. Cosme e Damião, como voto de graça o vencedor resolveu perpetual-a em um templo consagrado aos mesmos SS. Martyres. Seguindo para Europa e sciente El-rei D. João III do facto, por occasião da divisão do Brazil em capitanias, como uma recompensa daquelle serviço e de outros prestados na India, fez, por carta regia de 10 de Março de 1534, a doação das terras de Pernambuco, sendo o foral lavrado em 24 de Setembro do mesmo anno. Em 9 de Março de 1535 fundeou a armada no porto de Itamaracá e Duarte Coelho saltou com sua familia e gente no sitio dos Marcos, á margem do rio Iguarassú, limite de suas terras com as de Itamaracá. Ha muito, porém, quem attribua haver engano nessa data de 1530, querendo que a victoria sobre os Potigoarás e francezes tivesse sido em 1535; ou a conservar a data, o vencedor fosse Pero Lopes de Souza, Martim Affonso de Souza ou Christovão Jacques, porque do estudo das diversas épocas da vida de Duarte Coelho não tem sido facil encontral-o em Pernambuco no alludido anno. E' preciso, pois, mais luz sobre esse assumpto que, até agora, os documentos conhecidos não têm adiantado. Em 1 de Maio de 1632 o general Werdenbourg, que ás 11 horas da noite do dia anterior havia sahido do Recife guiado por Calabar, com 1500 homens ataca a villa de Iguarassú na occasião da missa. A villa foi saqueada. Alguns historiadores dizem que o inimigo commetteu grandes atrocidades, sobretudo Fr. Manoel Calado e Fr. Manoel de Jesus; outros, porém, nem siquer falam nisso, e é notavel que Duarte de Albuquerque (Marquez de Basto) tambem não consignasse em suas — *Memorias Diarias.* — A 28 de Novembro de 1848 o coronel commandante das forças legaes acampadas em Iguarassú José Vicente de Amorim Bezerra dirigiu uma proclamação aos seus habitantes aconselhando-os a deixarem as fileiras dos revoltosos, que nesse dia haviam sido derrotados em Nazareth. Não ha documentos para se affirmar a época em que Iguarassú teve a categoria de freg.; ha, porém, presumpções de tel-o sido em 1550. El-Rei D. João III no seculo XVI lhe conferiu o titulo de villa, denominando-a de — *Muito nobre, sempre leal e mais antiga villa da Santa Cruz de SS. Cosme e Damião.* Pela lei n. 44 de 12 de Junho de 1837 combinada com a de n. 83 de 5 de Maio de 1840, limita-se ao norte com a freguezia de Goyanna pela barra do rio Iguarassú, com a de Tejucupapo pela Mangabeira e pelas aguas que entram ao norte e sul do rio Ubá, com a de Itamaracá pela barra da mesma Ilha e rio Iguarassú, e com a de Tracunhãem

pelas aguas que correm para o Araripe, e d'ahi para o sul com a de Maranguape pela barra de Maria Farinha; a leste com a costa do mar; e ao oeste com a freguezia de S. Lourenço pela matta de Mirueira, com a de Tracunhãem pelos engenhos Papicú, Aldeia e Lages, e com a de Nazareth. Pela lei n. 550 de 20 de Abril de 1863 todo territorio da freguezia de Goyanna, que antes da lei n. 226 fazia parte do municipio de Iguarassú, passou a pertencer-lhe, bem como os engenhos Agua, Mussape, Tapiroé, Pindobinha, Aguiar, Improviso, Mussapinho e Caiape e a propriedade Arregalado, pela lei n. 603 de 13 de Maio de 1864; e igualmente a parte do engenho Chã Grande, que pertencia á Goyanna, pela lei n. 816 de 11 de Maio de 1868. De accordo com a lei organica dos municipios, n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo em 28 de Fevereiro de 1893, tendo sido seu primeiro governo administrativo: Prefeito, coronel João Francisco do Amaral; Sub-prefeito, coronel Napoleão Cezar Duarte; e Conselho Municipal: Dr. José Joaquim Coelho Leite, tenente Francisco C. Teixeira d'Araujo e Silva, tenente-coronel José Francisco Jayme Galvão, capitão Francisco Joaquim Cavalcante Galvão e capitão Jeronymo Leitão da Costa Machado. Pela lei n. 130 de 3 de Julho de 1895 teve a categoria de cidade. Iguarassú tem sido o berço de muitos filhos distinctos, podendo-se mencionar entre outros os seguintes: O Pº. Miguel Roiz. Sepulveda, nascido em 1690 e fallecido em 1768. Foi o fundador do Recolhimento de donzellas, de Iguarassú, ao qual doou todos os seus bens, comprehendendo uma grande propriedade na hoje cidade, uma fazenda de gado no sertão, tendo iniciado a obra o Pe. Malagrida e em 1742 fazendo entrada no recolhimento as primeiras virgens. A elle tambem foi devido a capella do recolhimento, que foi acabada em 1758. — Dr. Fr. Feliciano de Mello, nascido em 1679, grande illustração sacerdotal, orador notabilissimo em seu tempo. — Dr. Fr. Ruperto de Jesus, nascido em 1644, benedictino, eloquentissimo prégador e varão notavel por suas virtudes — Joaquim Domingues de Souza Bandeira, José Carneiro Carvalho da Cunha Beringuel, João Gonçalves Bezerra e Pe. Antonio Jacome Bezerra, victimas na revolução republicana de 1817. Na ilha de Itamaracá nasceram: Antonio Fernandes Padilha, militar distincto e veterano da Independencia Nacional, em que prestou assignalados serviços á patria; Pe. Antonio Gomes Pacheco, sacerdote illustrado, poeta e litterato; Bento Corrêa Lima, martyr de 1710; Antonio Barboza e José Francisco do Desterro, patriotas de 1817. A estação telegraphica de Iguarassú foi aberta ao serviço em Agosto de 1876.

Situação geographica—Fica situada a 7° 50' de lat. Sul e 8° 15' 7" de long. oriental do Rio de Janeiro.

Origem da denominação — A palavra Iguarassú é voc. ind. e significa—Canôa grande — porque assim os indios chamaram admirados as embarcações em que lhes appareceram os primeiros portuguezes que viram. *Igara*, canôa—*assú*, grande.

Limites—Confina ao S. com o mun. de Olinda, pelo rio Timbó; a O. com Pau d'Alho pelas extremas occidentaes das propriedades Timbó, Desterro, Cahetė, Monjope, Utinga, Regado, Páo Picado, Aguiar, Machado, Carahú e a pov. Chã do Estevão; ao N. com Goyanna pelo rio Ubú; e a L. com Olinda pelo rio de Nova Cruz, que é formado pelo Timbó e outros, até a sua foz na barra de Itamaracá, e pelo oceano até a foz do rio Catuama.

Dimensões do territorio — O mun. de Iguarassú tem 30 kiloms. de N. a S. contados desde o rio Jaguaribe até o Ubú, e 40 de L. a O. desde a barra de Catuama até o eng. Aldeia.

DIVISÃO—Compõe-se o mun. de duas fregs. a de SS. Cosme e Damião, e a de N. S. da Conceição de Itamaracá, e está dividido em dous districtos municipaes, tendo cada um seu respectivo juiz.

ASPECTO E NATUREZA DO SOLO — Os terrenos do mun. de Iguarassú são no geral baixos e planos, raras são as collinas que nelle se encontram, pois que os terrenos mais altos não passam de pequenas ladeiras ou ligeiras ondulações.

CLIMA E SALUBRIDADE — O clima de Iguarassú é no inverno carregado de humidade, notando-se nessa epocha alguns casos de febres benignas e ataques de rheumatismo; mas na estação secca o clima torna-se ameno e salubre.

TOPOGRAPHIA — A cidade de Iguarassú, a 80m de altitude, está situada a 12 kiloms. do littoral e ao NO. do Recife, sobre terreno desigual e consta de duas partes distinctas divididas pelo rio Iguarassú, a que uns chamam *S. Domingos,* porque foi no dia desse patrono que entraram pela primeira vez navegantes portuguezes na barra de Itamaracá; outros *S. Cruz*, porque esta é a inv. da fortaleza que defende a entrada da mesma barra; e ainda outros *Monjope,* porque nas terras d'esse engenho está a nascente desse rio. Possue duas pontes que ligam os dous bairros da cidade, contém cerca de 300 casas, algumas das quaes de boa edificação, e são dignos de menção os seguintes edificios: a igreja matriz de SS. Cosme e Damião, a igreja de S. Sebastião, collocada na parte septentrional da cidade, em um pateo, construida em 1735; a de N. S. do Rosario na extremidade sul, em logar elevado, e que foi reconstruida ha poucos annos; a capella do Recolhimento do S. Coração de Jesus, que é um hospicio de orphãos fundado em 1743 pelos padres Malagrida e Sepulveda, instituição digna da maior protecção pelos beneficios a que se destina; e o convento de S. Francisco, que foi o terceiro que se fundou na custodia do Brazil, e o primeiro sob a inv. de S. Antonio. O Padre custodio, Fr. Melchior, no anno de 1588, com alguns religiosos, escolhendo o sitio, deu principio á obra. O primeiro prelado, com as vezes de guardião, foi o irmão Fr. Antonio de Campo Maior. Está no fundo da rua principal da cidade em uma meia quebrada logo abaixo da matriz. A cidade é calçada, tem escolas para ambos os sexos, illuminação, agencia de correio, estação telegraphica, bom cemiterio, etc. Em 1710 foi construida a grande igreja da Misericordia, junto da qual havia bem provido hospital, mas cahiu pelas ruinas e abandono em que estava; e igual sorte teve a capella de N. S. dos Prazeres, que por algum tempo serviu provisoriamente de matriz. Em 1729 na igreja matriz de Iguarassú foram collocados quatro grandes quadros a oleo cujos assumptos constam de suas respectivas inscripções: São ellas: 1º painel—« A primeira terra que em Pernambuco tiveram os Portuguezes, foi esta de Iguaraçú, nome que lhe trouxe a admiração dos naturaes, vendo a grandeza de nossas embarcações, sendo o mesmo na sua lingua, Iguaraçú que he Náo Grande, chegando a ella no anno de 1530, em 27 de Setembro, dia de SS. Cosme e Damião, com cujo patrocinio venceram no mesmo dia uma grande multidão de indios, e expulsando-os fóra, attribuiram aos santos a victoria.—Ita Fr. Raphael de Jesus in Castriot, Lusit. liv. I n. 15.—E para maior triumfo do esquecimento, se fez este de parte das esmolas que deu para esta igreja o Illustrissimo Senhor D. José Fialho de feliz mem. Bispo de Pernambuco, no anno de 1729, e fez a festa á sua custa. » Inscripção do segundo painel: — « Vencidos os indios pelos Portuguezes em o dia dos Santos Cosme, e Damião em reconhecimento de tão grande beneficio, no mesmo lugar da

victoria, que he este de Iguaraçú, fundarão logo este templo, o primeiro que houve em Pernambuco, e o consagrarão aos gloriosos Santos, donde foram sempre continuas suas victorias, e maravilhas, e debaixo da protecção dos mesmos Santos fundaram esta villa, que tambem foy a primeira, que houve. — Ita Castriot. Lusit. liv. I n. 15.— E para maior memoria se mandou pôr este quadro, no anno de 1729, e o deo de esmola o R. P. Felix Machado. Coadjuctor do Recife.» Inscripção do terceiro painel:— « Depois de terem os Hollandezes saqueado esta villa de Iguarassú no anno de 1632 em primeiro de mayo tornando á ella, no tempo em que estavam povoando a Ilha de Itamaracá, a buscar a telha de algumas casas, e Igrejas para fabricar as que faziam, indo destelhar tambem esta Igreja Matriz dos Santos Cosme, e Damião, o não poderão conseguir, porque dos que subirão a cima, huns ficaram cegos, e outros mortos.—Ita Com. Tradict. — E para memoria se pôs este quadro no anno de 1729, que o deo de esmola o R. P. Manoel de Barros Valle. » Inscripção do quarto painel : — « Hum dos especiaes favores, que tem recebido esta freguezia de Iguaraçú dos seus Padroeiros Santos Cosme e Damião, foy defenderem-n'a da peste, a que chamaram males, e infestaram a todo Pernambuco, começando no fim do anno de 1685, continuaram pelo seguinte, e ainda que passaram a Goyanna e outras freguezias adiante, deixaram intacta a toda esta de Iguaraçú ; porque ainda que duas ou tres pessoas o trouxeram do Recife, nellas findaram sem se communicarem a outra alguma. O que tudo é notorio ; e para memoria se pôz este quadro no anno de 1729, e o deo de esmola Manoel Ferreira de Carvalho, morador do Recife.»

Povoações — *Tabatinga,* a 2 1/2 kiloms. da séde do mun., uns 400 habs., é insalubre, devido á sua situação entre mangues, florestas e alagados. O sitio dos Marcos lhe fica perto. *Maria Farinha* que, pela lei provincial n. 901, de 25 de junho de 1889, passou a denominar-se *Nova Cruz,* a 12 kiloms., cap. N. S. das Dores, fica á marg. esq. do rio Maria Farinha e em terreno elevado. *Ramalho,* a 11 kiloms., 350 habs., cap. N. S. da Conceição, á marg. esq. do rio Maria Farinha, é formada por sitios de coqueiros e fica ao poente. *Camboa,* á marg. do rio Iguarassú, 150 habs., cap. de S. Anna. *Maricota,* á marg. esq. do rio Timbó, a 12 kiloms., 600 habs., fica situada na estrada de rodagem do norte. *Itapissuma,* á margem do canal que separa o continente da ilha de Itamaracá, cap. S. Gonçalo, 1.200 habs. e a 13 kiloms. distante. *Pasmado,* séde da ext. freg. de seu nome, á marg. dir. do rio Araripe, é atravessada pela estrada publica do norte, situada em terreno plano, 400 habs., grande numero de tendas de ferreiros, cap. de N. S. da Boa Viagem, e dista 13 kiloms. da séde. *Tres Ladeiras* dista 30 kiloms., está situada sobre o dorso de uma grande collina que em seu prolongamento contém tres elevações de que lhe veio a denominação ; tem 600 habs., boa feira e uma cap. sob a inv. de N. S. das Dores da Santa Cruz. *Chã do Estevão,* a 32 kiloms., situada em terreno elevado e quasi na linha divisoria de Iguarassú e Nazareth, 250 habs., cap. de N. S. do Monte, escolas, etc. Na ilha de Itamaracá existem as povoações : *Pilar,* que é a séde da freg. desde 1867, está situada á beira-mar, tem uma cap. da inv. de N. S. do Pilar. *Villa Velha,* 12 kiloms. da séde do mun., sobre uma collina elevada, duas igrejas, uma da inv. de N. S. do Rosario e outra da Conceição, que foi a matriz até 1866, e tem como patrimonio uma grande propriedade com extenso coqueiral, ricas salinas, boas caieiras e abundantes pesqueiras. *S. Paulo,* 13 kiloms. distante, 300 habs., cap. de S. Paulo. *Forno da Cal,* que comprehende a pov. do Rio

do Ambar, compõe-se de sitios de coqueiros, successivos, população de 300 habs., cap. de S. José do Bom Jesus. *Jaguaribe* a 25 kiloms. da séde e á pequena distancia da costa, compõe-se de sitios contiguos, tem 400 habs., cap. da inv. do Senhor dos Passos e á marg. do riacho Maceió.

Orographia — Serras dignas de menção não ha no mun. e apenas ligeiras ondulações e collinas que não têm nome especial.

Hydrographia — O municipio é banhado na parte leste pelo oceano e seus principaes rios são: *Iguarassú, Maria Farinha, Araripe, Jaguaribe, Tapiruassú, Inhamã, Taipé, Timbó, Ubú, Monjope* e outros menos importantes. Ha ainda o açude do *Perú*, tres kiloms. ao O. da pov. de Itapissuma, muito extenso e profundo e que se attribue ter sido feito pelos hollandezes, com o duplo fim de canalisar agua para a referida pov. e fazer moer um eng. de fabricar assucar.

Producções — Suas densas florestas são abundantes de boa caça e de excellentes madeiras; a canna de assucar tem grande cultivo, a macaxeira ou aipim, a mandioca, batatas e legumes, fructas, sal, etc.

Curiosidades naturaes — Digna de mencionar-se nenhuma existe.

Reinos da Natureza — O reino vegetal e o animal em Iguarassú não differem em nada do dos mun. limitrophes, Olinda, Páo d'Alho, Goyanna e Nazareth. No reino mineral póde-se notar grandes jazidas de pedra calcarea de que se faz grande uso fabricando a cal e exportando-a. Taes jazidas residem em Maria Farinha ou Nova Cruz, no Eng. Novo, na ilha de Itamaracá.

No logar Ramalho existe abundancia de ferro e em outros pontos o carvão de pedra e salitre. Em Itamaracá ha a calcarea e argilla de varias côres, o ferro oxidado ou hematite, ferro de alluvião, depositos de lenite, o que faz presumir a existencia de alguns bancos de combustivel mineral.

Vias de communicação e distancias — Os meios de communicar com o Recife são por meio de barcaças, cavallo, carro e automovel. Ha magnifica estrada de rodagem que communica com Olinda e Recife e com Goyanna e Itambé. Iguarassú dista de Olinda 23 kiloms., de S. Lourenço da Matta 30, de Nazareth 44, de Páo d'Alho 42, e de Goyanna 43.

Iguarassú — *Rio* — Nasce no mun. de seu nome, dos corregos do eng. Utinga, segue por terras do eng. Monjope, atravessa a villa de Iguarassú, e depois de um curso approximadamente de 50 kiloms. de extensão, vai desaguar no canal que separa a ilha de Itamaracá do continente, 3 kiloms. distante da fortaleza da barra a noroeste e sudoeste com a Villa Velha de Itamaracá. Sua foz acha-se muito obstruida por corôas, e não tem largura bastante, abrindo-se mais o mesmo rio pouco depois. Nelle ha pequenas ilhas de mangue. São seus affluentes: os riachos Utinga, Pitanga, Agua Preta, Agua Branca e Taipé.

Ilha — *Cambôa* — Na ilha de Itamaracá entre a villa e a fortaleza de S. Cruz.

Ilha — *Eng.* — No mun. do Cabo, proximo da estação deste nome e ao lado occidental da via-ferrea.

Ilha — *Estação* — da E. de Ferro do Recife a S. Francisco, entre as de Prazeres e Cabo, e no kilom. 24.225 da inicial, das Cinco Pontas, no Recife; foi aberta ao serviço publico em 9 de Fevereiro de 1858. Pertence ao mun. do Cabo.

Ilha do Alvaro — *Eng.* — No mun. de Ipojuca ao sul de N. S. do O' (séde) e a 7 1/2 kiloms. de distancia.

Ilha da Assumpção — Vide Assumpção.

Ilha da Roça — *Log.* no mun. de Ouricury, distr. de Ortigas.

Ilha das Cobras — *Eng.* — No mun. do Cabo.

Ilha das Flores — *Eng.* — No mun. de Amaragy, freg. do Bonito.

Ilha das Flores — *Log.* — No mun. de Garanhuns, perto da cidade, onde na escarpa occidental da serra de Garanhuns existe uma fonte d'agua crystallina que é a nascente do rio Mundahú. Este logar é muito commumente chamado *Brejo das Flores*.

Ilha das Flores — *Povoado* — No mun. de Amaragy e freg. do Bonito, a 20 kiloms. a oeste de Gamelleira. Ahi passa a estrada de ferro do Ribeirão a Bonito, a qual neste ponto tem uma estação. Deve seu nome ao engenho do mesmo nome, em cujas terras se acha assentado o povoado.

Ilha do Jardim — *Log.* — Na cidade de Barreiros.

Ilha do Martins — *Eng.* — Situado no mun. do Cabo.

Ilha Formosa — *Eng.* localisado no 1° distr. do mun. de Palmares, a 14 kiloms. de distancia ao sul da séde.

Ilha Grande — *Eng.* situado no mun. de Agua Preta.

Ilhetas — *Eng.* da freg. de Una, mun. de Rio Formoso, fundado antes do dominio hollandez, sob a invoc. de N. S. de Guadalupe, por Estevam Paes Barreto, e ausente seu dono, em 1638, foi confiscado pelos mesmos hollandezes. Fica á margem direita do riacho de seu nome. Tem um oratorio de N. S. da Conceição.

Ilhetas — *Log.* situado no mun. de Limoeiro, limites com o de Nazareth.

Ilhetas — *Pontal* — Fica no mun. do Rio Formoso, a pouco mais de 3 milhas ao SO da ponta de Tamandaré. Diz Honorato chamar-se tambem *Mamucabinha.*

Ilhetas — *Riacho* — Nasce, corre e desagua no mun. de Bonito.

Ilhetas — *Riacho* — Nasce e corre no mun. do Rio Formoso.

Ilhota — *Porto* no rio Tejucupapo, onde se junta este rio ao Itapessoca.

Imbé — *Log.* na freguezia de Bom Jardim e mun. de Limoeiro.

Imbé — *Riacho* — Corre no mun. de Cimbres e derrama no Ipojuca pela marg. direita.

Imbé — *Riacho* — Banha o mun. de S. Bento e derrama no rio Una.

Imbé — *Serra* — situada no mun. de Cimbres.

Imbiribeira — *Log.* na freg. de Afogados, mun. da Capital, entre aquella povoação e a de Bôa Viagem. Ahi acha-se um paiol de polvora, edificio dependente do commando do 2° districto militar. Esse logar até 1894 nenhuma importancia tinha mais do que as indicadas acima ; de então por diante o viandante que alli passa tem uma sombria recordação, e indica ao companheiro, ou recorda entre si, que, naquelle sitio e no citado anno, pelas horas caladas da noite de 14 de janeiro, foram fuzilados, friamente, por ordem do commandante de districto de então, general de brigada João Vicente Leite de Castro, sem processo nem outra formalidade senão a conducção das victimas escoltadas, para alli serem passadas pelas armas, as quaes foram : Silvino de Macedo, Manuel Pacheco, João Baptista d'Oliveira, Eusebio Athanasio, Americo Virgilio e Ignacio Antonio Quaty, marinheiros que acompanharam o almirante Custodio de Mello na revolta da Armada Nacional na bahia de Guanabara, em 6 de Setembro de 1894. (Vide *Silvino Macedo,* opusc. do Dr. Vicente Ferrer B. W. Araujo, e artigo Afogados deste *Diccionario.*)

Imbu — *Eng.* no mun. de Nazareth.

Imburanas ou **Emburanas** — *Povoadinho* — A' marg. da estrada que vai á cidade de Caruarú, a leste desta cidade, a cujo mun. pertence.

Imburanas — *Serra* — Situada no mun. de Caruarú.

Imprensa — *Eng.* situado no mun. de Palmares, a 8 kiloms. ao sul da séde.

Improviso — *Eng.* situado no mun. de Iguarassú.

Independencia — *Engs.* localisados nos muns. de Bom Jardim e Nazareth.

Ingá — *Fazenda* — No mun. do Brejo da Madre de Deus, freg. de Bello Jardim, ao noroeste desta villa e situada á marg. esquerda do rio Ipojuca.

Ingá — *Riacho* — Corre no mun. de Quipapá, é affl. do Periperi.

Ingazeira — *Municipio* que tem por séde a villa de Afogados (Vide Afogados).

Origem da denominação e historia— A lei n. 23, de 9 de junho de 1836, creou freg. a povoação de S. José de Ingazeira e a lei n. 295 de 5 de maio de 1852 elevou o povoado de Ingazeira á categoria de villa; e creando a comarca do mesmo titulo a lei n. 1260, de 26 de maio de 1877, fez séde da jurisdicção a povoação de igual nome. Mas a lei n. 1403, de 12 de maio de 1879, transferiu a séde da comarca e freguezia para a povoação de Afogados, que foi elevada a villa; a lei n. 1761, de 5 de julho de 1883, porém, transferiu novamente a alludida séde para Ingazeira, revogando este acto a lei n. 1827, de 28 de junho de 1884, que fez voltar ainda para Afogados.

Limites — Ao norte confina com o mun. de Alagôa do Monteiro (Estado da Parahyba) no logar denominado Serra Branca; ao sul com Alagôa de Baixo, no logar denominado Queimadas; a leste com S. José do Egypto, no logar denominado Bom Jesus; a oeste com o mun. de Flores, no logar denominado Carnahyba.

Divisão — Contém quatro districtos administrativos, tendo cada um juiz; 1° comprehende Afogados, 2° Ingazeira, 3° Espirito Santo, 4° Varas. A divisão ecclesiastica comprehende sómente uma freguezia.

População — A população total do mun. é de 8.000 habitantes, sendo que a villa de Afogados poderá conter 800 habs.

Povoações— *Afogados*, actual séde do mun. e da freg., possue igreja matriz, cadeia, cemiterio, açude, fabricas de descaroçar algodão, etc. (Vide Afogados). *Ingazeira*, a 30 kiloms. a leste, antiga séde, fundada por Agostinho Nogueira de Carvalho, á marg. esq. do rio Pajehú, consta de uma pequena praça com 40 casas, uma igreja de S. José com um bello cruzeiro erigido em 1862, cemiterio, agencia do correio, escola, etc. (Vide Ingazeira—*povoação*) *Espirito Santo*, a 30 kiloms. ao norte, fundada em 1884 por Gonçalo Gomes dos Santos, que ahi construiu uma capellinha. Consta de umas 30 casas, algumas de boa construcção, uma fabrica de descaroçar algodão. Seu solo é plano e o conjuncto da povoação offerece uma bonita perspectiva. *Varas*, foi fundada em 1833 pelo capitão Francisco Barboza da Silva, que ahi fez erigir uma capella da inv. de N. S. da Conceição, a qual sómente foi concluida em 1837 por sua viuva D. Leonor Francisca de Carvalho, auxiliada pelo padre Francisco José Corrêa. Fica á marg. do riacho que lhe dá o nome e a 48 kiloms. a leste. Conta umas 30 casas, umas 300 almas, cemiterio, fazendas de criar, etc.

Orographia — Ao N. um ramal da cordilheira da Borborema com a denominação de *Serra da Conceição*; ao S. um ramal da de Jabitacá, conhecido sob o nome de *Carapuça*.

Hydrographia — O rio principal do mun. é o *Pajehú*, que nasce no mun. de S. José do Egypto na serra das Balanças e são seus principaes affluentes no territorio de Ingazeira os riachos— *Tigre, Arara, Varas, Conceição, Espirito Santo, Dous Riachos, Gangorra, Borja* e outros de menor importancia.

PRODUCÇÕES — Algodão, algum assucar, cereaes, couros, fibras de caroás, gados vaccum, cavallar, cabrum e lanigero, etc.

REINOS DA NATUREZA — No reino animal produz os diversos gados, tatús, mocós, veados, onças, cobras diversas, papagaios, periquitos, jassanans, jandaias, gallinhas, perús, tetéos, emas e seriemas, gaviões, abelhas diversas, entre as quaes a tubiba, aripuá e urussú, etc. No reino vegetal—mandioca, feijão, milho, arroz, canna, algodão, imbús, gravatás, baraunas, aroeira, jucá ou páo-ferro, catingueira, marmeleiro, sambambaia, angico, joazeiro, etc. E no reino mineral:—Nos diversos riachos do mun. encontra-se o sal de cozinha; é abundantissimo o granito, encontram-se em varios logares o crystal de rocha, a pedra calcarea, indicios da existencia do ferro, jazidas de salitre, argilla branca, que se presta para diversas obras da ceramica; o talco de varias côres, etc.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA — A industria consiste no fabrico de cordas, de queijos, no preparo da carne do sertão, da louça de barro, no cortume de couros, no fabrico de chocalhos e varios trabalhos de ferreiro, objectos de couro, etc. O commercio consiste na venda dos productos importados e na dos locaes, sobretudo em feiras semanaes, sendo que o gado é exportado para fóra do municipio. E a agricultura no plantio dos principaes cereaes nos brejos e varzeas dos riachos, no da canna de assucar para o preparo das rapaduras, e no do algodão, que exporta em grande porção para a praça do Recife e para a da cidade do Limoeiro.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO—As estradas do municipio são no geral más e na direcção de Alagôa de Baixo, Pesqueira, Villa Bella, Flores, Floresta e Tacaratú.

Ingazeira—*Povoação* — Situada no mun. de Afogados de Ingazeira. Foi a primitiva séde do mun. e freg. e teve como fundador Agostinho Nogueira de Carvalho, que lançou os alicerces de uma capella dedicada a S. José pelos annos 1820 a 1821, pouco mais ou menos. Em 1824 foi continuada por um filho de Agostinho, seu homonymo, que chegou a deixar construida a capella-mór e sachristia. No correr dos annos de 1849 e 1850 o Governo da Provincia auxiliou a fabrica da capella com a quantia de 3:000$, que com o concurso de esmolas de particulares ficou em parte concluida. Seu nome attribue-se a uma arvore de ingazeira que alli ha. Acha-se em completo estado de decadencia, desde que perdeu os fóros de séde do mun. e freg. Fica a 30 kiloms. a leste de Afogados, á margem esquerda do Pajehú, tem umas 40 casas em fórma de praça, cemiterio conservado, um bello cruzeiro, etc. Tem uma agencia do correio e uma fabrica de descaroçar algodão. Dista 360 kiloms. da estação de Garanhuns e 400 da de Limoeiro.

Ingazeira — *Riacho* — Affl. da marg. occidental do Brigida, desagua no logar Baraúnas, mun. de Granito.

Inguaço — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho, desagua no Lages, affl. do Garanhunzinho.

Inhaman — *Eng.* — No mun. de Iguarassú, a 10 kiloms. ao sul da séde e á marg. do riacho de seu nome.

Inhaman — *Riacho* — Nasce das mattas do eng. do mesmo nome e tem pequeno curso; desagua no Desterro, affl. do Timbó.

Inhamans — *Riacho* — Nasce no mun. de Jaboatão e correndo para o da Escada neste desagua no rio Ipojuca.

Inhuma — *Engenhoca* — Situada no mun. de Canhotinho.

Inhuma — *Fazenda* de criar no distr. de Bello Jardim, mun. do Brejo.

Inhumas — *Fazenda* — na freg. de Bello Jardim a léste da séde.

Inhumas — *Lagoa*—No mun. do Brejo, e freg. de Bello Jardim, donde dista 3 kiloms.

Inhumas— *Riacho*—Nasce acima do povoado Palmeiras, no mun. de

Canhotinho e corre na direcção sul para o rio Canhoto.

Inhumas — *Riacho* — Nasce no mun. de Correntes e seguindo pelo de Canhotinho, passa no Povoado Palmeiras e d'ahi segue para o Estado das Alagôas, derramando no da Giboia, pouco depois dos limites dos dous Estados.

Inhumas — *Rio*—Corre no mun. de Garanhuns, de norte para sul.

Inhumas — *Serra* — Situada no mun. do Brejo, freg. de Bello Jardim, ao nordeste desta villa.

Intaman — *Riacho* — Corre no mun. do Cabo e desagua no Gurjaú no eng. Guerra.

Intans — *Lagoa* — Ao occidente do pov. Cimbres, mun. deste nome.

Inveja — *Eng.* situado no mun. de Bom Jardim.

Ipanema — Vid. Ypanema.

Ipiranga — Vid. Ypiranga.

Ipojuca — *Municipio e freguezia* deste nome, tendo por séde civil a villa de N. S. do O' e como séde ecclesiastica a povoação de S. Miguel de Ipojuca.

Historia — Em 1881 o vigario da freg. Firmino d'Araujo Figueiredo informou ao bispo D. José da Silva Barros que fôra creada em 1596, mas não diz em virtude de que acto, sendo certo que em 1608 era vigario o padre Sebastião Rodrigues. Foi creada villa e termo pela lei n. 499 de 29 de maio de 1861, e comarca, no regimen republicano, por decreto do Governador do Estado, de 10 de agosto de 1890, sendo seu 1° juiz de Direito o Dr. Eduardo Correia da Silva, que a installou em 9 de agosto do mesmo anno. Constituiu-se mun. autonomo de accordo com a lei n. 52 de 3 de agosto de 1852, em 28 de março de 1890, sendo seu primeiro governo eleito — Prefeito, tenente-coronel Antonio Luiz de Mello Marques, Sub-Prefeito José Gervasio da Costa, e Conselho Municipal composto dos cidadãos, capitão Manuel Olympio de Barros Costa, Manuel Francisco do Rego, capitão Filippe de Sá e Albuquerque e Victorino Verissimo da Costa. O mun. de Ipojuca tem filhos illustres, cujos nomes são dignos de serem rememorados, figurando entre elles os seguintes: Pedro Corrêa Barreto, Antonio Bezerra, Fernão Bezerra Monteiro, martyres da revolução nativista e republicana de 1710; José Jeronymo Pindoba, martyr da revolução que proclamou a ephemera republica de 6 de março de 1817; padre Dr. Ignacio Rebello Marinho, insigne orador sagrado e que morreu elevado á dignidade de protonotario apostolico; Dr. Antonio Witruvio Pinto Bandeira Accioly e Vasconcellos, que nascido em 1827 falleceu na cidade do Recife, em 1905, havendo publicado alguns trabalhos, tendo sido um dos cinco socios que deliberaram em 1862 a fundação do Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, e tendo sido ainda um dos mais brilhantes jornalistas do seu tempo;

FRANCISCO CISMONTANO

Francisco do Brazil Pinto Bandeira Accioly e Vasconcellos, irmão do precedente, distincto litterato pernambucano e sobretudo poeta (conhecido pelo pseu-

donymo Francisco Cismontano), que falleceu na cidade do Recife em 29 de março de 1882; e, finalmente, o Dr. José Paulino da Camara, o intemerato patriota que, sendo promotor no Recife, aos reclamos da patria, por occasião da guerra do Paraguay, fez-se soldado, alistando-se nas phalanges dos voluntarios que para o campo da luta seguiram, partindo do Recife em 27 de abril de 1865 com o 1º corpo dos mesmos voluntarios, mas fallecendo num hospital de Buenos-Aires em 10 de julho de 1869, quando, já semi-morto, voltava com a existencia envenenada pelos terriveis miasmas dos inhospitos climas do Paraguay.

Posição astronomica — Está situada a villa de N. S. do O' a 8° 2' 4" de lat. S. e 8° 10' de long. oriental do Rio de Janeiro.

Extensão — O mun. de Ipojuca tem de N. a S. 12 kiloms. no menor comprimento contado da barra de Suape á estrada do Porto de Gallinhas e na maior 20 do engenho Pará ao Tres Braços; de L. a O. tem 25, pouco mais ou menos, contados do Porto de Gallinhas ao engenho Tres Braços.

Divisão — O mun. está dividido em 2 districtos administrativos, tendo cada um um juiz. A divisão ecclesiastica sómente comprehende uma freguezia.

Clima e salubridade — O clima é brando e, no geral, salubre; salvo na zona da costa e ás margens do rio Ipojuca e outros quando se approximam de sua foz, de onde por diante são cobertas de mangues, apparecendo febres intermittentes e varias manifestações de impaludismo.

Limites — Confina ao N. com o mun. do Cabo pelo rio Tabatinga e barra de Suape; a L. com o oceano; ao S. com o mun. de Serinhãem, pela estrada que parte do Porto de Gallinhas, segue pelo Serrado, engenho Cahetè á ponte do engenho Sibiró de Santa Cruz, que fica em frente deste ultimo engenho, e dahi por um riacho acima até o eng. Tres Braços, pertencente á freg. da Escada; a O. com o mun. da Escada pelos engs. Rua Nova, Prazeres, Amizade, Gerente, Tres Braços, Cachoeira e California. Esses são os limites do municipio. A freguezia limita-se assim: A leste, com o oceano, ao oeste com a Escada pelos engs. Ilha da Liberdade, Giqui, Terras dos Indios e Tres Braços; ao sul com Serinhãem pelo eng. Camêlla e pela estrada do Porto de Gallinhas; ao norte com o Cabo pelo rio Tabatinga e Barra do Suape. « Pela lei n. 102, de 9 de maio de 1842, limitava-se pela estrada que parte do Porto de Gallinhas, passa pelos engenhos Cerrado e Cahetè e vai á ponte do engenho Sibiró de Santa Cruz, no riacho do mesmo nome; e dahi seguia a divisão pelo mesmo riacho até encontrar com os limites da Escada, tendo a leste o oceano, ao oeste a Escada, pela mesma linha recta de norte a sul pelos engenhos Pará, Gaipió, Capobre, Serra d'Agua até Tres Braços, ao norte o Cabo pelo rio Tabatinga e barra de Suape, e ao sul Serinhãem pela estrada do Porto de Gallinhas. Pelas leis ns. 152, de 30 de março de 1846, e 198, de 8 de maio de 1847, passou a pertencer-lhe a fracção chamada de Ipojuca, que limitada pelo riacho Pindobinha, fazia parte de Serinhãem pela lei n. 359, de 14 de maio de 1840. Igualmente passou a pertencer-lhe pela lei n. 1241, de 1 de junho de 1876, o engenho Atalaia, com os seus terrenos, limitando por este lado a freguezia de Ipojuca com a de Serinhãem pelo engenho Camella, que, desligado daquella, foi annexado a esta pela lei n. 1425, de 27 de maio de 1879; bem como foi-lhe reunido o engenho Jatobá em todos os seus terrenos pela lei n. 1589, de 21 de junho de 1881, sendo-lhe porém desligado pela lei n. 524 de 28 de maio de 1862 o engenho Tabatinga, comprehendido entre o riacho deste nome e o de Papa-onça, e pela lei n. 1220, de 21 de junho de 1875, os engenhos

Aratangil, Sibiró do Cavalcanti, e Alegrete.»

População — A população do mun. de Ipojuca é de 25.000 habitantes.

Topographia — A villa de *N. S. do O'*, séde do mun., está a 55 m. de alt. e a 5 kiloms. do littoral; tem 250 casas, mais ou menos, 1.500 habits., ruas regularmente traçadas, igreja de N. S. do O', construida pelo padre Manuel do O', cemiterio bem construido, que tem capella, praça municipal, mercado publico, diversos estabelecimentos industriaes e commerciaes, feira semanal, escola, agencia do correio, etc.

Povoados — *Ipojuca*, povoação, séde da freguezia e outr'ora do municipio (Vide Ipojuca, povoação, artigo seguinte) — *Camello* — Cap. de N. S. da Conceição a 27 kiloms. da séde do mun.; *Gaipió* a 33 kiloms.; *Porto de Gallinhas* a 9; *Gitahy* a 1; e *Cúpe*.

Capellas — Além das capellas que já foram mencionadas, existem na freg. de Ipojuca ainda as seguintes: *Senhor do Bom Fim*, no eng. Salgado; *N. S. das Mercês*, no engenho do mesmo nome; *N. S. da Penha*, no eng. Maranhão; *N. S. da Conceição*, no eng. Genipapo; *S. Thomé*, no eng. Pindoba; *N. S. da Conceição* nos engs. Caheté, Utinga de Baixo, Sibiró de Santa Cruz e do Cavalcante e Fernandes; e *SS. Cosme* e *Damião* no eng. Tapéra; — *Santo Antonio* no engenho Caheté; *Jesus, Maria e José*, no engenho Sacco; *N. S. da Conceição*, nos engenhos Agua Fria, Penderama e Cachoeira; *Piedade*, no eng. Bom Fim; *N. S. do Desterro*, no eng. Mattas do Ipojuca; *N. S. do Rosario*, no eng. do Meio; *N. S. da Ajuda*, no eng. Utinga; de *Sant'Anna* nos engs. Arendepe e Arimbu; *N. S. da Guia*, no eng. Boassica; *N. S. da Estrella*, no eng. Ilha do Alvaro; a do *Senhor Bom Jesus* no Cemiterio da villa, construida pela Irmandade da igreja de N. S. e munificencia particular; a de *S. José*, do pequeno povoado de Gaipió; a de *Sant'Anna* de Serramby, a de *N. S. de Maracahype*, e a de *N. S. do Outeiro* do Porto de Gallinhas.

Orographia — O terreno do mun. é montuoso e muito desigual: mesmo assim não tem serras dignas de menção senão a *Serra Sellada* em terras do eng. Sibiró da Serra, a qual, por sua elevação, serve de rumo aos navegantes e dista do littoral 33 kiloms.

Hydrographia — E' regado o mun. por diversos rios, sendo o principal o rio *Ipojuca*, que tem como affluentes o *Penderama*, que nasce no mun. do Cabo, *Taquary*, *Canengue* e *Mercês*, que são de pequeno curso. O *Tatuoca*, que nasce no eng. Mercês e derrama no mar, fazendo confluencia na foz do riacho *Tiriry*, depois de um curso de 35 kiloms. O *Merepe*, que tem um curso de 33 kiloms. e faz confluencia na foz do rio Ipojuca; é seu unico affluente o riacho *Maria Fula*. Finalmente, o *Sibiró*, que nasce no eng. Sibiró Grande (Escada) e correndo o mun. de O. para E. faz uma curva na direcção S. e vae derramar no rio Serinhãem.

Vias de communicação — A principal é a E. de F. de S. Francisco; seguindo depois a via maritima por meio de barcaças e a cavalgadura por estradas e caminhos mais ou menos regulares.

Distancias — Dista Ipojuca do Recife 45 kiloms. e N. S. do O' 50, ficando esta villa a 25 kiloms. da Escada, a 20 do Cabo, a 36 de Serinhãem e 12 da estação de Ipojuca.

Reinos da Natureza—Nos reinos animal e vegetal Ipojuca não tem differença dos muns. vizinhos de — Escada e Cabo. Do reino mineral, porém, pouco se sabe: assim, conhece-se da existencia do giz ou talco, na ilha de Tatuoca, pedras denomina-

das caracas e cabeça de carneiro, com que fabricam cal, além da existencia abundante do granito em diversos pontos.

Curiosidade natural — A unica que se póde mencionar é a cachoeira sobre o rio Ipojuca, desde o eng. Maranhão até Crauassú, na distancia de 6 kiloms.

Industria, Commercio e Agricultura — A principal industria do mun. é a assucareira, bem como o plantio da canna é o mais importante genero de agricultura; ha o fabrico da louça ordinaria de barro, como sejam: potes, bilhas, jarros, telhas, tijolos; trabalhos de couros e tecidos de algodão, como as rêdes, cordões, tarrafas e gererés de pescaria, e ainda na agricultura se comprehende o plantio de cereaes em pequena escala e unicamente para o consumo local. O commercio na villa e povoação consiste na venda dos artigos de estiva, fazendas, ferragens, etc., importados, na dos generos locaes expostos em feiras semanaes e na exportação do assucar.

Ipojuca — *Povoação* — Séde da freguezia de S. Miguel do Ipojuca, mas não é a cabeça do mun., que é a villa de Nossa Senhora do O', d'onde aquella dista 6 kilometros, e 11 do littoral.

Historia — Povoação muito antiga; diz a tradição que foi fundada no fim do seculo XVI pelas familias Cavalcanti, Rolim, Lacerda, Accioly, Moura e outras. Certo, porém, é que no principio do seculo XVII já estava erecta freguezia, porque, já povoada, tinha merecimento para tal classificação. E' notavel esta povoação pela derrota que experimentaram os partidarios de Domingos José Martins, em 1817.

Topographia — Está plantada na base e encosta de uma collina; consta de 150 fogos, pouco mais ou menos; edificação irregular, apresentando vestigios da antiguidade local. Na extremidade oriental da collina, onde finda a rua central, vê-se a antiga matriz de Ipojuca incendiada em 1814 e reconstruida em 1857, mas não acabada, por Fr. Sebastião de Messina; em um dos angulos da rua SO está o convento de S. Francisco, edificado em 1606 no alto do monte e em boa parte conservado, do qual foi o 1° guardião Fr. Boaventura de São Thomaz, com um grande templo, onde, ao lado direito, ha uma capellinha em que se vê a imagem do Senhor Santo Christo, tradicionalmente alli venerado pelos romeiros de diversos pontos; ao lado esquerdo da rua e a NO, está a igreja de N. S. do Livramento que, ha muitos annos, provisoriamente, tem servido de matriz; e, finalmente, no centro e do mesmo lado, vê-se a igreja de N. S. do Rosario, desmoronada ha muitos annos. Existe ahi um cemiterio com 40^m de frente e 50^m de fundo, construido em 1869. Possue uma população de 700 almas, pouco mais ou menos.

Ipojuca — *Povoação* — Está situada no mun. de Cimbres, em terreno plano, ao noroeste de Pesqueira, entre o rio Ipojuca e o riacho do Miguel, que faz barra no mesmo Ipojuca, logo abaixo do povoado. A sua fundação data de uns 40 annos, pouco mais ou menos; e em razão da secca de 1877 tinha estacionado. Compõe-se de umas 25 casas e de uns 100 habitantes. Tem uma feirinha que se reune aos sabbados; pequeno commercio e fraco, embora no tempo da safra do algodão venda muito este producto em caroço. O povoado é atravessado por uma estrada bastante transitada, já pelas boiadas e cavallarias, já de cargas de lã e de couros com destino a Pesqueira, á Capital, ou a outros pontos.

Ipojuca — *Usina* — Situada no mun. de seu nome, pertence á Companhia Agricola e Mercantil.

Ipojuca — *Estação* da via-ferrea do Recife a S. Francisco, junto ao eng. Utinga de Baixo e á marg. da

estrada que se dirige para a séde do mun. entre as estações do Cabo e Olinda. Fica no kilom. 38,367m. da estação inicial, tendo sido inaugurada em 3 de dezembro de 1860. Tem 53m,50 de altitude.

Ipojuca—*Rio*—Nasce no mun. de Cimbres, ao nordeste, a 42 kilometros da cidade de Pesqueira e a 36 da povoação de Cimbres (antiga séde), na lagôa de João Crispim, serra do Páo d'Arco e d'ahi, tomando o rumo sudéste, banha o povoado de seu nome, e correndo pela encosta septentrional da serra de Ororubá, banha tambem os povoados de Pão de Assucar, Sanharó e Agua Fria, recebendo n'esse municipio pela margem esquerda os seguintes affluentes: Maniçoba, Periquito, Bom-Nome, Açude, Mulungú, Imbé, Tiogo, Duas Serras e Coxingo; e pela margem direita os riachos Manoel Gomes, Gangorra, Perdição, Serrote, Redondo, do Miguel, de Sant'Anna, Bezerro, Queimada, Gravatá, Saquinho, Fundão, Curral dos Bois, Mimoso, Liberal e Cahype. D'ahi segue entre os territorios dos municipios de Cimbres e São Bento, depois entre o deste e o do Brejo da Madre de Deus e entre o do ultimo e o de Caruarú, continuando a direcção leste até a altura de Bello Jardim, recebe n'essa trajectoria, vindo de S. Bento, margem direita, o riacho Liberalinho e o da Onça, do mun. do Brejo, na freguezia de Bello Jardim, o riacho Burity e o Bethury e do de Caruarú na freg. de S. Caetano, o de Tacaité junto do povoado deste nome. Inclinando o curso um pouco para o sul, passa na povoação de S. Caetano e nos logares Taquara, Moura e Sitio, que ficam á margem direita, na cidade de Caruarú e nos logares Cedro, Jacaré e Emburana, que ficam á esquerda, todos do mun de Caruarú, onde recebe os riachos Mocós, Salgado, Azevem, Taquara, Pororoca e Páo Santo, este ao extremar com o mun. do Bonito. Entra no mun. de Bezerros, rega, pelo lado norte, o logar Poção, pelo lado meridional, o povoado Mimoso e a cidade de Bezerros, e o logar Varginha á marg. esquerda, recebendo os affluentes Poção, Angelim e Agua Comprida. Na mesma direcção chega ao mun. de Gravatá banhando o logar Gamelleira á marg. direita, e a cidade de Gravatá do mesmo lado e, mudando sensivelmente a carreira de norte para sul, atravessa ligeiramente a parte sul do mun. da Victoria, recebendo os affls. Prata do Jacintho, Prata da Rêde, Maria Coelho, do Padre e Mutuns; vai ao povoado Chan Grande, que lhe fica á esquerda, avolumando-lhe mais as aguas, até esse ponto, os riachos Vertentes, Aguas Claras, Espirito Santo, Mundo Novo, do Mel, da Gamelleira, Cortume que banha o logar de seu nome, Itapesserica e Poço do Pinto. Corre então em seguida para o mun. de Amaragy e neste, banhando os povoados Pedra Branca e Primavera á margem esquerda, desaguam os riachos Cabeça de Negro, Amora, Pilões (que vêm do mun. da Victoria), Raiz Nova, Rua Nova, Caracituba e Vergueiro. Prosegue pelo territorio do mun. da Escada, cuja cidade lhe assenta á marg. esquerda, e engrossa sua corrente com as aguas dos affls. Amanca, Barra de Pedra, Jundiá de Caetateira, Sapucagy, Mapiruma, Calafate, Chiqueiro, Cotigy, Mussú, e Inhamans que vem do lado de Jaboatão. E, finalmente, internando-se no mun. de seu nome, banha a povoação de S. Miguel de Ipojuca, pela margem esquerda, recebe os riachos Pindoba, Penderama, Taquary, Canengue, Mercês e Tabatinga, e depois de um curso provavel de 450 kiloms. entra no oceano ao sul do Cabo de Santo Agostinho proximo do engenho Trapiche, formando com os rios Merepe, Tatuóca e Suape a barra deste ultimo nome. E' devido á grande concurrencia de riachos, bastantes cachoeiras e á muita inclinação de seu leito, que o Ipojuca tem tanta correnteza. Sobre este

rio 4,5 milhas da foz está a ponte do Salgado, tendo ahi apenas 22 metros de largura. Ao SE, desta ponte, na distancia de duas milhas está a povoação de N. S. do O', ficando 6 kiloms. mais acima a de S. Miguel de Ipojuca. Suas margens só no principio são frouxas e cobertas de mangues, mas com pequena distancia já são rijas e possuem grandes arvoredos. Suas aguas até o povoado Chan Grande são perennes, puras e claras. As embarcações de pequena cabotagem chegam sómente á ponte do Salgado; até a cidade da Escada é pouco vadeavel e deixa ainda de ser navegado em consequencia de pequenas cachoeiras. Tem em sua foz perto de 440 metros de largura que vai em seguida diminuindo successivamente para dentro. Com 4 kiloms. da foz já se encontra agua doce; no verão as marés represam pouco antes da ponte do Salgado; no inverno, porém, nenhuma influencia produzem na correnteza do rio. De Gravatá para as vertentes elle, inclusive nessa parte, secca em todo curso, durante o verão, ficando apenas poços pequenos; nesses logares a agua não é boa e em alguns até salgada; suas margens são despidas de arvores pelo pessimo systema de nossos homens do campo que assentam em devastal-as dos marginaes dos rios. Attribue-se a esse facto, e com justa razão, juntando a isso a rapidez com que correm suas aguas, o não conserval-as nessa zona, durante o verão. Neste rio ha alguns açudes, como o da cidade de Bezerros, o de Caruarú e o da povoação de S. Caetano. Existem tambem nelle as pontes da pov. de S. Caetano da Raposa, da cidade de Gravatá, na viaferrea Central, a da cidade da Escada na E. F. do Recife a S. Francisco com 2 vãos de 24^{m},38 e 15^{m},24, e a do povoado Primavera no mun. de Amaragy.

Ipueira—*Logarejo*—No mun. de Leopoldina, formado de fazendas de gado.

Ipueira—*Logarejo*—Situado ao norte da Cidade de Buique.

Ipueira — *Serra* — Situada no mun. de Ouricury.

Iputinga — *Povoação* — Fica á margem da Estrada Nova de Caxangá e da via-ferrea, havendo uma estação no kilom. 8,100^{m} da inicial da Praça da Republica, na cidade do Recife. Ahi existe um edificio escolar municipal, inaugurado em 5 de Novembro de 1897, uma capella dedicada á Virgem Santissima, inaugurada em 1897, e outra da mesma invocação, cuja pedra inicial foi assentada em dezembro de 1904 e está ainda em construcção. Iputinga chamou-se primeiro Ipueira, segundo se verifica de antigos documentos, sendo um vocabulo indigena empregado relativamente aos logares do campo que se enchem d'agua no inverno, conservando-a por algum tempo; vem de —*I*—agua, e —*Puéra*—que foi; depois, passou a chamar-se *Iputinga*, vocabulo tupy, composto, segundo Baptista Caetano, de— *ipohu* (dando-se a contracção para — *ipu*), — alagadiço, pantano ou sumidouro d'agua, e — *tinga* — branco, significando ainda, conforme Pompêo, terreno de varzea por onde passam ou correm aguas, formado de barro branco, e especie de massapê.

Ipyranga —*Eng.*— No mun. do Cabo.

Irapuá—*Serra*—No mun. de Salgueiro.

Irmandade—*Eng.*—Situado no mun. da Escada, á 9 kiloms. da séde.

Isabel—*Colonia*, hoje denominada Frei Caneca, por acto do Governo do Estado, de 16 de Julho de 1894. (Vide COLONIA ISABEL.)

Isabel Dias—*Riacho*—Nasce no sitio S. Catharina na serra de Ororubá, a 7 kiloms. da cidade de Pesqueira, corre em direcção ao sul até a fazenda Caroatá e depois seguindo de nascente a poente vae fazer barra com o rio Genipapinho em Sororoca, a 6 kiloms. da

mesma cidade; estes dous, reunidos despejam no Ipanema, na fazenda Barra.

Isthmo de Olinda — A lingua de areia que se estende entre Olinda e a cidade do Recife tinha, na sua parte septentrional, quasi a mesma configuração que hoje, sendo entretanto approximadamente de um kilometro ao sul de Olinda, onde a sua largura era um pouco maior, devido ao delta que alli se formara sob a acção commum do Tacaruna e de um braço do Beberibe. Era frequentemente designada pelo nome de recife de areia, em opposição ao recife de pedra situado em face. Nieuhof (p. 15) avalia a sua largura média em cerca de 200 passos. Podia ser percorrida em todo o tempo, qualquer que fosse o estado do mar. No logar em que hoje existe a Cruz do Patrão se elevava o reducto chamado de Madame de Bruyn, construido pelos hollandezes. Alli a largura do isthmo correspondia sensivelmente á sua largura actual. Um pouco mais adiante encontrava-se a fortaleza de Bruyn começada pelos portuguezes (Laet, p. 193) e acabada pelos hollandezes, e que ainda existe com o nome de fortaleza do Brum. Os desenhos do primitivo projecto desta fortificação conservados nos Archivos de Haya, indicam que neste ponto a largura do isthmo era de 34^{m},50 no momento da préamar, e que a baixa-mar descobria uma praia de 23 metros inclinada segundo um pendor de cerca de 0^{m},08 por metro. A partir da fortaleza do Bruyn e em direcção ao sul, o isthmo occupava uma superficie bem inferior á actual. Assim o forte de S. Jorge, construido pelos portuguezes no sitio onde se acha actualmente a igreja do Pilar, era banhado pelas aguas do Beberibe; e além, entre este forte e a entrada da cidade do Recife (actualmente largo dos Voluntarios da Patria), o isthmo comprehendia apenas a estreita zona limitada pela rua dos Guararapes e a parte oriental da rua do Pharol. A cidade do Recife, tal qual ella se desenvolveu pouco tempo depois do abandono e incendio de Olinda, terminava na igreja da Madre de Deus, e as defezas, estabelecidas logo á margem da praia, para protegel-a contra as surprezas do inimigo, estavam aquem das ruas da Restauração, de D. Maria Cesar, da praça do Apollo e da rua do Amorim. Vê-se como a cidade actual se expandio á custa do porto e do rio: ao sul apoderou-se dos bancos de areia que existiam no local da rua Tuyuti, da praça do forte do Mattos, da igreja da Madre de Deus, da Alfandega; a oéste ella invadio o leito do Beberibe em mais de 150^{m}.

Itaborahy *Engenho*—Situado no mun. de Páo d'Alho.

Itacaimbó— *Serra*— Situada na freg. de Bello Jardim do mun. do Brejo.

Itacotiara— *Cachoeira* — No rio S. Francisco, abaixo do riacho dos Campinhos, no mun. de Cabrobó. Neste logar, dizem que do cabeço de uma serra, cahiu ha muito tempo uma grande lasca de pedra que ficou incrustada na fenda ou talhada da mesma serra, em cuja face se vê um lettreiro parecendo gravado a cinzel ou picão. (*Rev. do Inst. Historico e Geog.* — pag. 273— Tomo I).

Itaenga — *Eng.* — Situado no mun. de Páo d'Alho, com uma capella sob a invoc. de N. S. do Bom Successo, fundada em 1752.

Itaenga — *Riacho* — Affl. do Capibaribe, corre no mun. de Páo d'Alho.

Itamaracá — *Ilha* — Situada proximo á costa, de que a separa um estreito canal de fundo variavel; é séde da freguezia de N. S. da Conceição de Itamaracá e pertence ao mun. de Iguarassú.

HISTORIA — Itamaracá na lingua tupy significa *maracá de pedra*. Ao seu ancoradouro chamavam os portuguezes *Porto de Pernambuco* e ahi entrou Christovão Jacques, quando veio fundar a sua feitoria, tendo aliás outros

pontos, que poderia preferir, como as barras do Recife, de Santo Agostinho e outras. E tanto Itamaracá era conhecido entre os portuguezes por essa denominação, que «*Pernambuco*» chamavam elles tambem o rio que cerca esta ilha, como se conclue do Diario de navegação de Pero Lopes de Souza, que o dá como o da situação daquella feitoria. Nesse porto fundeou a esquadra de Martim Affonso de Souza, em fevereiro de 1531. Depois de aprisionar tres embarcações francezas, uma defronte da ponta de Olinda e duas ao sul do cabo de Santo Agostinho, veio Martim Affonso, que se separara de seu irmão, reunir-se-lhe nesse ancoradouro a 19 daquelle mez. Fazendo recolher os doentes que trazia á casa da feitoria, fundada por Christovão Jacques, despachou de Itamaracá para o rio do Maranhão duas caravelas sob o mando de Diogo Leite, e enviou a Portugal João de Souza, afim de participar ao seu soberano o aprisionamento das embarcações; e, após uma demora de dez dias, fizeram-se ambos de vela do porto da ilha para o sul. No anno seguinte á partida de Martim Affonso uma náo franceza, procedente de Marselha e denominada *La Pelerine*, veio ter a Itamaracá, e o seu commandante, Jean Duperet, agradando-se da posição desta ilha, levantou ahi uma fortaleza, que deixou guarnecida com 30 homens, regressando para a Europa com um carregamento de páo-brazil e outras producções do paiz, sendo que esta náo foi tomada na costa da Andaluzia pelas caravelas portuguezas que andavam no estreito de Gibraltar. O Visconde de Porto Seguro, na sua *Historia Geral do Brazil*, diz ser supposição sua que essa fortaleza, que elle chama Gallo-Pernambucana, fôra erguida em um dos morros de Olinda. Não me parece, porém, razoavel essa conjectura do illustre historiador, que aliás não se funda em documento algum. Além de que são accordes os escriptores em dizer que o ponto em que os francezes se estabeleceram naquella época foi Itamaracá, accresce que a carta de D. João III, de 28 de setembro de 1532, escripta a Martim Affonso, em resposta á que este lhe dirigira, por João de Souza, esclarece qualquer duvida a esse respeito. Nessa carta diz elle não sómente que uma náo franceza viera de Marselha a *Pernambuco*, e só a Itamaracá era dado nesse tempo o nome de Pernambuco, senão tambem que a gente que saltara desfizera uma *feitoria*, e, como é sabido, só proximo dessa paragem, no littoral de Iguarassú, é que se achava a unica feitoria aqui existente. Si é certo que não foi em Olinda, mas em Itamaracá que os francezes se estabeleceram, tambem é fóra de duvida que quem dahi os expulsou não foi Duarte Coelho, como entende a maior parte dos escriptores. E' verdade que Duarte Coelho, que a esse tempo se achava estacionado com uma esquadrilha na costa de Málagueta, teve ordem do Rei de Portugal para desalojar os intrusos, como consta de uma carta régia dirigida ao Conde de Castanheira, em data de 25 de janeiro de 1533. Chegando, porém, Pero Lopes com a noticia de havel-os derrotado, foi-lhe ordenado que ficasse cruzando na altura dos Açores. Com effeito, explorado o Rio da Prata e fundadas as colonias de S. Vicente e Piratininga, despachou Martim Affonso a seu irmão, o qual se fez de véla para a Europa a 12 de Maio de 1532. Tocando, nesse trajecto, em Itamaracá, ahi encontrou os francezes e, tratando de dar-lhes combate, o fez com tanto valor e galhardia que, após dezoito dias consecutivos, conseguiu render a fortaleza que elles haviam levantado e, depois de guarnecel-a com gente sua, ás ordens de Paulo Nunes e de assentar de novo a feitoria, que elles destruiram, seguiu para Portugal, levando duas náos, alguns indios e trinta e tantos prisioneiros. Embora esse facto não seja por elle mencionado no seu minucioso Diario de navegação, que nesta parte

foi interrompido, continuando do dia em que elle sahiu de Pernambuco em demanda da Europa, o que dá a entender que tencionava, mais de espaço, se occupar de semelhante assumpto; comtudo, que foi Pedro Lopes que expulsou os francezes prova-o não só o processo instaurado contra elle pelo barão de S. Blanchard, á custa de quem fôra armada a náo *La Pelerine*, como uma carta de el-rei ao conde de Castanheira, de 21 de janeiro de 1533, em que elle diz que chegara a Pernambuco, onde achou os francezes que tinham feito fortaleza e «lh'a tomou a elles e ficou pacificamente em poder dos portuguezes». E a doação que lhe foi feita em 1535 de mais trinta leguas de terra, quando anteriormente, em carta de 28 de setembro de 1532, o rei de Portugal manifestava desejos de conceder-lhe sómente cincoenta, indica que posteriormente a esta data prestou elle no Brasil algum serviço relevante, e que este o foi em Itamaracá, mostra-o de alguma sorte o facto da menção dessa ilha, como comprehendida na respectiva carta de doação. Tudo é obscuro entre os escriptores, não só relativamente á epocha da fundação, como sobre quem lançou os primeiros fundamentos de Iguarassú. Parece-me, porém, fóra de duvida que esse lugar começou a ser povoado com o primeiro estabelecimento portuguez, que ahi se levantou: a feitoria de Christovão Jacques. A maior parte dos chronistas e historiadores antigos, tratando dessa feitoria, dizem que ella fôra estabelecida primitivamente em Itamaracá e entre os modernos, que assim opinam, destaca-se o erudito Candido Mendes de Almeida, nas suas *Notas para a historia Patria*, memoria lida no *Instituto Historico Brasileiro*, em sessão de 4 de agosto de 1876 e publicada na *Revista* n. 40, 2ª parte, de 1877. Concordando com o illustre historiador em que o littoral de Pernambuco fôra por certo, ou com toda a probabilidade, o primeiro em que se lançaram os fundamentos desse estabelecimento de commercio ou resgate, de escala, refresco ou abrigo para os navios portuguezes que seguiam para a India oriental e para os que percorriam o littoral do Brasil, em demanda principalmente de páo-brasil e de escravos, aparto-me da sua opinião quando diz que, como era natural, fôra elle fundado, cercado e fortificado, para maior segurança, na ilha de Itamaracá, quasi em frente á foz de Iguarassú. E as razões, que tenho para assim pensar, são firmadas na carta de doação da Capitania de Duarte Coelho, comparada com a topographia actual do terreno. Com effeito, desse documento, datado de 10 de março de 1534, se vê que D. João III, marcando o limite septentrional daquella capitania, mandou que *a cincoenta passos da primeira casa* de sua feitoria, fundada por Christovão Jacques, se puzesse um padrão com as armas reaes. Ora, para que este padrão estivesse a cincoenta passos de uma feitoria estabelecida na ilha de Itamaracá, quasi em frente á foz do rio Iguarassú, como quer o douto litterato, era mister que fosse plantado no littoral daquella ilha. Mas, como é sabido, elle foi collocado na praia de Iguarassú, no lugar ainda hoje denominado *Os Marcos* e deste sitio á paragem da ilha, em que suppõe Candido Mendes fôra erguida a primeira feitoria portugueza, ha mais ou menos a distancia de meia legua, como se verifica do *Roteiro da Costa do Brazil* por Vital de Oliveira. A isso accresce que D. João III determinou que esse numero de passos fosse contado pela margem do rio de Santa Cruz a dentro e ao longo da praia. E, si a feitoria, de que se trata, tivesse sido fundada em Itamaracá, a sua situação, com relação ao sitio do marco que se deveria chantar, e que effectivamente se chantou, não seria, como o dispoz a carta de doação, pelo rio a dentro, mas cortando-o transversalmente em sua largura, nem ao

longo da costa, mas na direcção da margem occidental da ilha para o littoral de Iguarassú. Occupando-se dessa feitoria, na sua *Historia Geral do Brazil*, o visconde de Porto Seguro, ao passo que a dá como levantada por Christovão Jacques, diz tel-a elle fundado em 1526. Mas, para contestal-o nesse ponto, nada mais é preciso do que recorrer ao mesmo escriptor, em outra parte da obra a que me refiro. Ahi, á pag. 98 (2.ª edição), diz elle que os companheiros de João Dias de Solis, depois de morto este pelos Indios no Rio da Prata, deliberaram logo regressar para a Europa, fazendo escala pelo Cabo de Santo Agostinho, afim de levarem á Hespanha alguma carga de páo-brazil; — que chegando a Pernambuco e encontrando ahi uma *feitoria* com onze portuguezes, prenderam-n'os a todos e os levaram comsigo. Desse trecho se deprehende claramente que, si a feitoria aqui estabelecida já existia na época da mallograda expedição de Solis, em 1516, só poderia ter sido fundada por occasião da primeira ou segunda viagem de Christovão Jacques ao Brazil e muito anteriormente ao anno de 1526. E não sómente esse trecho, uma carta de Luiz Ramirez, escripta do Rio da Prata em 10 de Julho de 1528 e publicada numa das *Revistas do Instituto Historico* pelo proprio autor da *Historia Geral*, vem derramar muita luz a respeito do ponto em questão. Nesse documento, que elle considera fecundissimo de informações, conta Ramirez que, na sua passagem para o sul, chegou ao Cabo de Santo Agostinho em julho de 1526; que ahi se demorou dois dias, findos os quaes tornou a fazer-se de véla; que pensando, no dia seguinte, ter adiantado a sua viagem, havia retrogradado mais de *doze leguas*, indo ter á paragem de Pernambuco; que o commandante da armada, em que elle vinha, estando proximo da costa e luctando com o vento contrario, resolveu aproveitar-se desse facto para se prover d'agua necessaria e, quando pretendia mandar ao porto uma caravela e com ella o piloto da capitanea em batel, chegou á náo uma canôa de indios, na qual vinha um christão, sendo então informado de que aquella terra se chamava Pernambuco e que alli tinha o rei de Portugal uma feitoria, para commercio de páo-brazil, em que havia treze christãos portuguezes, os quaes os proveram de tudo que era indispensavel para a armada. Si, pois, em junho de 1526, muito antes da chegada de Christovão Jacques a Pernambuco, que foi quasi em fins desse anno, encontrou Ramirez, em sua passagem, uma feitoria a mais de doze leguas do Cabo de Santo Agostinho e, por conseguinte, na altura de Iguarassú; si, como não ha contestar, o unico estabelecimento desse genero, que existia naquella paragem, foi levantado pelo mesmo Jacques, é visto que só poderia este navegante havel-o fundado muito anteriormente a 1526, e ainda no reinado de Dom Manoel, ao contrario do que entendem Porto Seguro e os que posteriormente se têm occupado da feitoria de Iguarassú. Sobre qual fosse, porém, o anno dessa fundação é o que estudarei no capitulo seguinte, apreciando o que a respeito escreveram Capistrano de Abreu e o Dr. Zeferino Candido, em contestação ao profundo historiographo brazileiro.» (Dr. João Baptista Regueira Costa).Em 1 de fevereiro de 1640 entra no porto do Recife a esquadra hollandeza que sahira ao encontro da do Conde da Torre. Este almirante travou quatro batalhas, no dia 12 entre Itamaracá e Goyanna, no dia 13, no Cabo Branco, e no dia 14, na costa da Parahyba, e, finalmente, a do Rio Grande no dia 17, sendo victoriosa a esquadra hollandeza, tendo muito poucas perdas, ao passo que as nossas tiveram perdas consideraveis. Essas victorias foram muito fes-

tejadas pelos hollandezes. F. Post commemorou-as em quatro gravuras e na Hollanda cunhou-se uma medalha com a seguinte inscripção: «Deus abateu o orgulho do inimigo aos 12, 13, 14 e 17 de janeiro de 1640» Em 20 de Julho do mesmo anno, uma partida de hollandezes, sahida do forte *Orange*, ataca durante a noite uma trincheira construida pelos nossos, fronteira áquelle forte, e é repellida.—Presume-se ter sido Itamaracá elevada a freguezia em 1550, sendo verdade que na dominação hollandeza já o era. Em 1665 era vigario d'alli o P.e Gonçalo Cabral, em 1689 o P.e Luiz de Figueiredo Miranda, em 1698 o P.e Antonio Borges de Lima, em 1703 o P.e Francisco Borges de Lima, em 1717 o P.e Antonio Borges de Lima, e em 1817 o P.e Pedro de Souza Tenorio, um dos ardentes patriotas da revolução republicana de 1817, e uma das victimas que expiaram no patibulo o grande crime de sonhar uma patria livre.—« Esta ilha foi cabeça de uma capitania independente de Pernambuco, doada por D. João III a Pedro Lopes de Souza, irmão de Martim Affonso de Souza, por carta d'Evora, de 21 de Janeiro de 1535, a qual comprehendia trinta leguas de costa, desde esta ilha até a Bahia da Traição, isto é, todo o territorio que forma hoje a provincia da Parahyba, e parte da do Rio Grande do Norte. Desde a sua fundação teve logo o titulo honroso de villa. Por fallecimento do seu donatario e do seu legitimo successor, foi confirmada a doação ao conde de Monsanto D. Luiz de Castro, em 1617; mas em 1633 os hollandezes apoderaram-se della. Depois da expulsão destes, foi ella entregue a D. Luiz de Castro Athayde e Souza, por ordem da Corôa, em 1693. Em 1763 D. João V comprou-a a José de Góes e Moraes pela importancía de 40.000 cruzados, desde quando passou ella a pertencer a Pernambuco, dependendo comtudo da Parahyba na administração da justiça, até que por alvará de 30 de Maio de 1815 foi unida á comarca de Olinda, creada pelo mesmo alvará. Em virtude da execução do Codigo do Processo, em 1833, foi elevada a termo, comprehendendo a ilha, parte da freguezia de Tejucupapo, até o riacho Aratáca, cujas aguas vão ao mar, ao sul de Carne-de-Vacca, a parte da freguezia de Pasmado (hoje supprimida), ao norte do riacho Tabatinga, e a parte da de Iguarassú, comprehendida nos povoados Cambôa e Ramalho, até os primeiros oiteiros. Esta divisão nunca se effectuou. A lei provincial n. 86, de 5 de Maio de 1840, supprimio a villa, municipio e termo, e unio o seo terreno ao norte do rio Ubú á freguezia de Goyanna, e ao sul do mesmo rio á villa de Iguarassú, apagando com isto todo o seo antigo explendor e extinguindo as recordações historicas! A lei n. 138, de 8 de Abril de 1845, restaurou a dita villa e freguezia, supprimida pela lei supra, deo todo o territorio da ilha, e por séde da villa a povoação do Pilar. Mas a lei n. 149, de 28 de Maio de 1846, extinguio-a, e hoje faz parte do municipio de Iguarassú.» De importante trabalho publicado no *Diario de Pernambuco*, pelo Dr. Pereira da Costa, extractamos a relação que segue relativa aos donatarios e loco-tenentes da ilha:

I—*Pedro Lopes de Souza.*— Era filho de Lopo de Souza, senhor do Prado e alcaide-mór de Bragança, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Ignora-se a data do seu nascimento. Começou a servir nas armadas de guarda-costa do reino contra os corsarios, acompanhou em 1530 a seu irmão Martim Affonso de Souza na armada que veio ao Brazil, e de cuja viagem escreveu Pedro Lopes um apreciado *Diario*, que foi impresso por Varnhagen em 1847. Regressando para Portugal em 4 de novembro de 1532, recebeu depois, em 1 de setembro de 1534, em remuneração dos seus serviços, a carta de doação regia das capitanias de Itamaracá e Santo Amaro.

Nomeado capitão-mór de uma esquadra de seis náos que partiu para a India em março de 1539, chegou a Gôa em setembro, e regressando para Portugal em fins do mesmo anno, perdeu-se o navio do seu commando e pereceu no desastre, na paragem da ilha de S. Lourenço, hoje de Madagascar. De Pedro Lopes de Souza diz o seguinte o nosso chronista Gabriel Soares no seu *Roteiro*: « Foi um fidalgo muito honrado, o qual, sendo mancebo, andou pelas costas do Brazil com armada á sua custa, e em pessôa foi povoar a sua capitania com moradores que para isso trouxe de Lisbôa, de onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados com muitos trabalhos e perigos em que se viu assim no mar pelejando com os francezes, como em terra em pelejas que com elles teve de mistura com os Pitiguaras, de quem foi por vezes cercado e offendido, até que os fez afastar da ilha e visinhanças. » Era de genio altivo, diz Varnhagen, caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desattencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio, talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos que o seu valor passou á temeridade, que pagou com a vida.

II—*Pedro Lopes de Souza*—Filho do precedente, e de sua mulher d. Isabel de Gambôa. Morreu em 1545, ainda em menoridade e sua mãe ficou governando a capitania desde o fallecimento de seu pae em fins de 1539. D. Isabel de Gambôa era uma herdeira rica, segundo Varnhagen, filha de Thomé Lopes de Andrade, feitor em Flandres, e da Casa da India.

III — *Martim Affonso de Souza*—Segundo filho de Pedro Lopes de Souza, primeiro donatario, e de sua mulher D. Isabel Gambôa, succedeu a seu irmão em 1545, e governou até 1558, quando foi morto em Banharem com d. Alvaro da Silveira, ainda muito moço, e sem successão. Sendo menor quando herdou os direitos de capitania, continuou sua mãe, na direcção de seu governo, na qualidade de tutora, até que attingisse elle á maioridade.

IV—*D. Jeronyma de Albuquerque e Souza.*—Filha de Pedro Lopes de Souza e de sua mulher d. Isabel de Gambôa, e casada com d. Antonio de Lima de Miranda, succedeu a seu irmão Martim Affonso de Souza em 1558. Não consta quando falleceu; entretanto, ainda vivia em 1577, como consta de uma carta de sesmaria passada naquelle anno por Lopo Delgado, capitão-mór governador de Itamaracá, em seu nome.

V—*D. Isabel de Lima e Souza.*—Filha de d. Antonio de Lima de Miranda e d. Jeronyma de Albuquerque e Souza, herdou os direitos senhoriaes da capitania por successão materna, e casou duas vezes: a primeira com seu primo d. Francisco Barreto de Lima, e a segunda com André de Albuquerque, com quem já o era em 1585.

Pedro Lopes de Souza.—Ao que parece, teve o cargo de feitor ou administrador da feitoria de Itamaracá anteriormente á conferencia regia da sua donataria, porquanto, segundo refere o historiador, frei Vicente do Salvador, «*deixou elle em seu logar a Francisco de Braga*, ao partir para S. Vicente em 1532, e ao regressar para a Europa, em fins do mesmo, «*o tornou a deixar com todos os seus poderes*».

Francisco de Braga—Ficou administrando a feitoria, como vimos, por delegação de Pedro Lopes de Souza, em 1532. Francisco de Braga, como diz o mencionado historiador, era grande *lingua* do Brazil e, por isto, se tornou muito conhecido e estimado dos indios, que não faziam senão o que elle queria e lhes mandava, e assim se ia a terra povoando com muita facilidade. Passando a feitoria á capitania particular, em virtude da doação que d. João III fizera de suas terras a Pedro Lopes de Souza, em 1534, continuou Francisco de Braga no governo da nova

capitania, no caracter de capitão-mór governador, em nome do donatario, até que se viu forçado a abandonar o seu posto, em virtude de *algumas differenças* que tivera com o donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, que o mandou desfeitear, dando-lhe uma cutilada no rosto. Na impossibilidade de vingar-se do donatario, embarcou Francisco de Braga para as Indias de Castella, levando tudo o que poude; pelo que, refere frei Vicente, ficou a capitania desbaratada e perdida como corpo sem cabeça, e muito mais por chegarem neste tempo novas de que era morto Pedro Lopes de Souza, vindo da India, acontecimento este que teve logar em fins de 1539.

João Gonçalves. — Não podemos com precisão fixar a época do seu governo, apezar de sabermos que foi entre os annos de 1534 a 1539. A esse respeito escreve Varnhagen, referindo-se ao donatario Pedro Lopes, pelos annos de 1534: « Para a capitania de Itamaracá, chamada de Santa Cruz, mandou Pedro Lopes, por seu loco-tenente o João Gonçalves, ao depois nomeado almoxarife e feitor regio, o qual contractara a fabrica de um engenho de assucar, que não sabemos se levou a cabo. Fundou João Gonçalves a villa capital, que denominou *da Conceição*, na propria ilha que deu o nome á capitania.

Pedro Vogado.—Sabida em Portugal a noticia do abandono da capitania em 1539, e morto o seu donatario, mandou logo d. Isabel Gambôa, sua viuva, aprestar um patacho, e despachou o capitão João Gonçalves, que já havia estado com seu marido em Itamaracá, para tomar conta do governo da colonia. Mas indo ter o patacho, em que partiu João Gonçalves, ás Antilhas, succedeu que tres navios que posteriormente partiram de Portugal com gente e mantimentos para a colonia, chegassem primeiro e que o capitão-mór dos mesmos, Pedro Vogado, encontrando-a sem governo, tomasse conta do mesmo, de cujo procedimento deu aviso a d. Isabel de Gambôa pelos mesmos navios, que despachou carregados de páo-brazil. Na carta de brazão de armas de Manoel Vogado, natural da ilha da Madeira, passada por d. João III, em 21 de fevereiro de 1538, se declara que era filho de Pedro Vogado, cavalleiro da casa real e neto de João Vogado, que foi fidalgo muito honrado e do tronco desta geração, que suppomos ser o personagem em questão. A referida carta concede a Manoel Vogado o seguinte brazão de seus antecessores: « E sendo de campo vermelho com um leão de prata entre quatro vieiras de prata, e por differença uma flor de liz de ouro, e por timbre um meio leão de prata com uma vieira vermelha na espadua; com todas as honras e privilegios de fidalgo, por descender da nobre linhagem dos Vogados. »

Miguel Alvares de Paiva. — Recebendo d. Isabel Gambôa as communicações que lhe fizera Pedro Vogado, de haver assumido o governo da colonia na ausencia do capitão João Gonçalves, em vez de o mandar continuar,— «porque o fazia mui honradamente»,—nomeou outro capitão, *que mais era para governar uma barca*, como diz fr. Vicente,—e assim se embarcou e se foi por essas capitanias abaixo, como fez o Braga, deixando esta em termos de se acabar de despovoar, senão fora um morador honrado chamado Miguel Alvares de Paiva, o qual levantaram por capitão. Ignora-se o tempo do seu governo, porém sabe-se que governava pelos annos de 1547, quando teve logar o assedio de Iguarassú pelos indios, em cuja emergencia prestou elle grandes serviços aos assediados, enviando-lhes barcos de mantimentos e soccorros de gente e armas. Miguel Alvares de Paiva era natural da Villa Verde, em Portugal, homem nobre e rico, e veio para Itamaracá logo nos primeiros annos da sua colonisação, em companhia de sua mulher d. Beatriz Mendes; era elle moço da camara real, com tença de dinheiro

e *cevada para o seu cavallo*, e foi senhor de grande fortuna, e dos engenhos Mariana, Bujary e Japomim, que fundara. Paiva deixou grande descendencia, e um de seus filhos, Diogo de Paiva, cavalleiro fidalgo e rico proprietario, foi ouvidor e capitão-mór de Itamaracá, em época, porém, ignorada, mas anteriormente a 1625.

Salvador Pinheiro — Governava em 1629 na qualidade de capitão-mór e ouvidor do donatario o conde Monsanto e marquez de Cascaes, data essa verificada, porquanto, na *Arte pratica de navegar,* de Luiz Serrão Pimentel, publicada em 1681, se encontra na parte relativa ao Brasil, um —*Roteiro das barras, e ilhas de Itamaracá, que mandou fazer Salvador Pinheiro, servindo nella de capitão-mór no anno de 1629*. Salvador Pinheiro governou a capitania até o anno de 1633, quando capitulou no dia 22 de maio, entregando a praça aos hollandezes, em cujo governo se coservaram até 1654, quando teve logar a restauração. De Salvador Pinheiro existe um escripto que se acha publicado na *Revista do Instituto Historico Brasileiro*, sob o titulo: — *Preparativos para a restauração do Brasil do poder hollandez*, — em que revela muito senso pratico e perfeito conhecimento de toda a zona do littoral da capitania e seus recursos materiaes, bem como menciona alguns serviços que prestou durante o seu governo, nomeadamente, levantando fortificação e mandando demarcar e sondar os portos e barras de Itamaracá,—que os hollandezes pretendiam fazer della uma segunda Rochella, — como a elle proprio disseram quando cahiu prisioneiro em suas mãos com a rendição da praça.

Arnáo de Vasconcellos Albuquerque — Governou a capitania por algumas vezes no impedimento do capitão-mór, como se vê do seguinte trecho do Alvará de 3 de junho de 1647, enumerando os seus serviços, o qual vem na patente de capitão de infanteria conferida a seu filho, Felippe Cavalcanti de Vasconcellos, pelo governador geral Antonio Telles da Silva, em 8 de dezembro do mesmo anno: « E tendo tambem respeito aos serviços de Arnáo de Vasconcellos Albuquerque, continuados nas mesmas partes do Brasil por decurso de alguns annos em praça de capitão de infantaria na ilha de Itamaracá, achando-se na resistencia que em o anno de 1625 se fez da Parahyba e da Bahia da Traição á armada hollandeza que nella estava surta, ajudando a matar-lhe muita gente e assistir alguns dias com criados e cavallos á sua custa no Arraial de Pernambuco, depois que os hollandezes occuparam aquella capitania, sendo dos primeiros portuguezes que acudiam aos rebates, achando-se em alguns assaltos e emboscadas que se fizeram aos inimigos, em particular nas baterias da povoação do Recife e commettimentos da ilha de Itamaracá, na qual ficou por vezes substituindo ao capitão-mór della em seus impedimentos, soccorrendo a Parahyba com alguma despeza da sua fazenda, nos aprestos e sustentos dos soldados; e ultimamente havendo perdido quanto tinha de seu por o inimigo se apossar de toda a campanha, se retirar para a Bahia de Todos os Santos com sua mulher, nove filhas donzellas e quatro varões, padecendo trabalhos e miserias por muitas legoas de caminhos incultos e por penetrar até então... » Arnáo de Vasconcellos era natural de Pernambuco, pertencia a uma das suas mais importantes familias, e falleceu na Bahia em época anterior a 1647.

Manoel de Azevedo da Silva — Foi nomeado pelo general Francisco Barreto de Menezes em 1654, para tomar conta do governo da capitania e desalojar os hollandezes, cujo dominio havia terminado com o facto da restauração de Pernambuco. Não consta até quando governou. Manoel de Azevedo militou na guerra da restauração, e con-

tinuando depois a servir em Pernambuco, foi nomeado em 1681 ajudante de tenente do mestre de campo da praça do Recife. De 1654 até 1693 ficou a capitania de Itamaracá encorporada á corôa, sendo, portanto, os seus capitães-móres nomeados pelos governadores geraes do Brasil, ou por patente régia.

Roque Ferreira — Foi nomeado por patente do governador geral, Francisco Barreto de Menezes, de 14 de julho de 1657, e ainda exercia o cargo em 1661, como consta de uma portaria do mesmo governador geral de 27 de janeiro daquelle anno. Roque Ferreira militou em Africa e na guerra da restauração de Pernambuco, e foi depois do seu governo provedor e contador da fazenda real, juiz da alfandega, e direitos reaes, e causas dos homens do mar de toda a capitania de Itamaracá e fidalgo da casa real. Roque Ferreira morreu paupérrimo na villa da Conceição de Itamaracá, em 12 de maio de 1683.

Pedro Lobão — Exercia o cargo em 1664, como se vê de uma carta do vice-rei do Brasil, D. Vasco de Mascarenhas, de 20 de outubro do mesmo anno, em resposta a uma outra de *Pedro Lobão capitão-mór de Itamaracá, acerca de continuar o governador de Pernambuco na porfia de querer que elle lhe obedecesse*. Ainda se conservava no governo em 1665 como consta de uma carta do governador geral, Alexandre de Souza Freire.

Jeronymo da Veiga Cabral — Não consta quando foi nomeado. Entretanto já exercia o cargo em 1669, como se vê de uma carta do governador geral Affonso Furtado de Castro do Rio de Mendonça, visconde de Barbacena, datada de 19 de dezembro daquelle anno. Conjecturamos, comtudo, que a sua nomeação vem do anno anterior, porquanto no de 1668 encontramol-o servindo na guarnição da Parahyba, no posto de capitão de infanteria. Em 1672 foi Veiga Cabral preso e privado do seu posto pelo governador de Pernambuco, Fernão de Souza Coutinho, mas recorrendo ao referido governador geral ordenou elle á camara do senado da capitania de Itamaracá, por carta de 16 de fevereiro, que ficasse governando emquanto se conservasse preso o capitão-mór; na mesma data se dirigiu ao auditor da capitania para mandar soltar não só ao capitão-mór, como tambem as outras pessoas que se achavam presas; e tambem ao ouvidor para tirar informações do caso das prisões. Por carta de 17 se dirigiu tambem ao governador de Pernambuco ordenando-lhe que mandasse soltar o capitão-mór, declarando-lhe que a capitania de Itamaracá era isenta do seu governo, por ser immediatamente sujeita ao governo geral do estado do Brazil. Em 28 de maio do mesmo anno de 1672 dirigiu-se de novo o governador geral a Fernão de Souza Coutinho, sobre a jurisdicção da capitania de Itamaracá, e em 30 escreveu ao capitão-mór Veiga Cabral, sobre se conservar a capitania isenta da jurisdicção do governo de Pernambuco. Veiga Cabral ainda vivia em 1691, e morava em Itamaracá.

Agostinho Cezar de Andrade — Foi nomeado por patente regia de 1 de agosto de 1673, pelo tempo de tres annos, tomou posse no mesmo anno, e se achava em exercicio ainda em 1675, como consta de uma carta do governador geral, de 19 de novembro do mesmo anno. Agostinho Cezar de Andrade era natural da ilha da Madeira, fidalgo da casa real, e condecorado com o habito da ordem de Christo. Militou com distincção na guerra hollandeza, e foi tambem governador da Parahyba e do Rio Grande do Norte. Falleceu em Itamaracá a 16 de setembro de 1708, com 85 annos de idade.

Jeronymo da Veiga Cabral. — E' de novo nomeado capitão-mór governador da capitania em 6 de maio de 1679, pelo governador geral do estado do Brazil, Roque da Costa Barreto. Jeronymo da Veiga governou a capitania pelo tempo de tres annos, e foi substituido em 1682

por um fulano *Botelho,* como se vê do seguinte despacho exarado em um requerimento do capitão Roque Ferreira, dirigido ao capitão-mór governador da capitania : «Visto a informação do provedor da fazenda real desta capitania, e razões que o supplicante allega em sua petição, por não haver hospital nesta capitania, onde se possa curar, e ser justo, o provedor da fazenda lhe mande dar de ajuda de custo oito mil réis para se poder curar.— Villa da Conceição, 3 de novembro de 1682.—*Botelho.*»

Carlos de Sepulveda.— Governava em 1687, como consta de uma carta do governador geral do Brazil, Mathias da Cunha, de 29 de dezembro do mesmo anno, a elle dirigida, e ainda se conservava no governo em fins de 1690, como se vê de uma carta de 2 de novembro desse anno, que lhe dirigira o governador geral, Antonio Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, em que lhe remettia um regimento para os capitães-móres se dirigirem em seu governo, mandando ao mesmo tempo que se observasse daquella data por diante. Findo o seu governo, foi Carlos de Sepulveda servir na guarnição da Bahia, e ainda vivia em 1715, commandando a fortaleza do morro, daquella praça.

Antonio Gomes Pacheco.— Não consta quando governou. Encontrámos noticia do seu governo na carta de brazão d'armas do seu neto, o padre Francisco Xavier da Costa Gadelha, vigario de Iguarassú, passada em 12 de abril de 1797, na qual se declara que seu avô, Antonio Gomes Pacheco, fôra capitão-mór vitalicio da ilha de Itamaracá, professo na ordem de Christo, e que tivera carta de brazão de armas em 20 de novembro de 1696. Parece que governou anteriormente a esse anno. Antonio Gomes Pacheco era natural de Pernambuco, filho do coronel Antonio Gomes Ferraz e sua mulher d. Thereza de Faria.

Manoel de Mesquita da Silva.— Foi nomeado por tres annos, por carta patente régia de 16 de março de 1690, e entrou em exercicio nos primeiros dias de junho, uma vez que a referida patente teve o *cumpra-se,* do governador de Pernambuco, em 31 de maio do mesmo anno. Como consta do referido documento, Manoel de Mesquita da Silva militou com distincção na guerra da restauração hollandeza e reformou-se no posto de alferes, sendo depois nomeado capitão de infanteria da ordenança da villa de Serinhãem pelo governador Ayres de Souza Costa. Havendo, porém, na guarnição de Itamaracá duas companhias de infanteria de linha e, receiando o governo que os seus capitães o não obedecessem, e no intuito de evitar desintelligencias e conflictos, proveu a Manoel de Mesquita no posto de capitão de infanteria *ad honorem*, por patente régia de 19 de janeiro de 1690.

Manoel Rodrigues Pereira.— Exercia o cargo de ouvidor geral da capitania e, como um dos procuradores do marquez de Cascaes, donatario da mesma capitania, dirigiu por alguns mezes o seu governo, em 1693.

Manoel Bernardes Cardoso.— Sendo um dos tres nomes indicados á escolha régia pelo donatario marquez de Cascaes, foi nomeado por patente de 6 de abril de 1693, que teve o *cumpra-se* do governador de Pernambuco em 30 de setembro do mesmo anno. Bernardes Cardoso era militar, teve praça em 1675, serviu por algum tempo em Portugal e depois em Pernambuco e tomou parte na campanha dos Palmares. Era capitão de infanteria e foi nomeado por tres annos; mas, adoecendo, poucos mezes depois, seguiu para Portugal com licença régia.

Manoel Cardoso Fialho.— Foi nomeado por portaria de 5 de fevereiro de 1694 a qual teve o *cumpra-se* do governador de Pernambuco em 8 de junho do mesmo anno. Militar, com praça no exercito desde 1661, servia na guarnição de Itamaracá, como capitão comman-

dante de uma das duas companhias de infanteria, que então guarneciam a praça, e nomeado capitão-mór governador da capitania, exercia já interinamente o cargo em novembro de 1693, na qualidade de procurador do donatario, o marquez de Cascaes, como consta de um parecer do Conselho Ultramarino, de 24 de janeiro de 1699. Manoel Cardoso Fialho, como consta da *Nobiliarchia pernambucana,* foi tambem capitão-mór de Sergipe d'el-Rei; e era proprietario do officio de meirinho geral da capitania de Pernambuco, onde foi casado e deixou numerosa descendencia. Os seus serviços militares constam minuciosamente da carta de sua nomeação de capitão-mór de Itamaracá.

Jeronymo Cavalcanti de Albuquerque Lacerda.— Foi nomeado por patente régia de 15 de novembro de 1696 e tomou posse em fins de abril do anno seguinte. Era natural de Pernambuco, coronel de cavallaria de ordenanças da capitania de Itamaracá, fidalgo da casa real e cavalleiro professo da ordem de Christo; e em 3 de setembro de 1697 teve a patente de capitão de infanteria *ad honorem.* Jeronymo Cavalcanti começou o seu governo em fins de abril de 1697, e nomeado por tres annos, foi, sem duvida, reconduzido, uma vez que se encontra seu nome em documentos de 1701 e 1704, figurando como capitão-mór governador de Itamaracá.

Manoel Clemente.—Foi nomeado por patente régia em 1704 e começou o seu governo depois de 3 de janeiro de 1705, porquanto neste dia foi que o governador de Pernambuco, Francisco de Castro Moraes, poz o *cumpra-se* na sua carta de nomeação. Do seu governo nada consta, e da sua pessoa sabe-se apenas que era militar e servia na guarnição de Pernambuco, quando foi nomeado.

Henrique Henriques de Miranda.— Foi nomeado por patente régia de 3 de junho de 1716, como um dos apresentados para o cargo pelo marquez de Cascaes, donatario da capitania, e depois do *cumpra-se* no seu diploma, lançado pelo governador de Pernambuco em 1 de junho de 1717, entrou no exercicio do seu cargo. Henriques de Miranda era militar, de serviços relevantes, como consta da carta de sua nomeação, mas, como capitão de infanteria que era, e sendo a fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá commandada por um sargento-mór, ou major, como diriamos hoje, conferiu-lhe el-rei a patente *ad honorem* desse posto, em 9 de setembro de 1716, com o fim de evitar-se conflictos e desintelligencias entre ambos.

Simão Moreira de Souza.—Governava em 1722, e ainda se mantinha na administração da capitania em 1724, como se vê de uma provisão dirigida ao governador de Pernambuco em 9 de dezembro do mesmo anno, mandando que fosse pago pela camara de Goyanna o aluguel da casa que servia de quartel a um destacamento de praças de Itamaracá, naquella villa, e indeferindo o pedido do capitão-mór da capitania, Simão Moreira de Souza, de mandar-se construir uma casa para morada dos capitães-móres, pois com o soldo de 96$000 que tinham, sem mais emolumentos, não podiam fazer esta despeza; allegando el-rei como razão da excusa, serem elles providos pelos donatarios da capitania, a quem cabia dar morada para os seus capitães-móres.

José Fernandes da Silva. — Governava em 1729, como consta de documentos authenticos.

Pedro de Albuquerque Mello.—Não consta quando governou. Sabe-se apenas que foi governador da capitania por muitos annos, e anteriormente a 1751, quando foi despachado capitão-mór do Rio Grande do Norte. Era natural de Pernambuco, filho do capitão João Gomes de Mello e Albuquerque, foi senhor do engenho Bujary, coronel do regimento de cavallaria de Goyanna,

serviu de vereador, juiz ordinario e ouvidor da mesma villa de Goyanna e foi por duas vezes eleito procurador da respectiva camara, — « *por acharem-no idoneo e capaz de requerer tudo que fosse a bem do povo e da capital, como fez* — ». Diz Borges da Fonseca, que Pedro de Albuquerque fez-se muito distincto pela sua grande capacidade e prestimo no real serviço.

Manoel da Cruz de Mello.—Governava em 1752. Foi talvez o ultimo capitão-mór governador que teve a capitania, porquanto em 1756, com a morte do seu ultimo donatario, o governador de Pernambuco tomou posse della em nome da corôa. Manoel da Cruz de Mello nasceu em Itamaracá, era filho do capitão Francisco Monteiro de Sá e d. Joanna de Oliveira Maciel, e ainda vivia em 1757.

Posição astronomica — Está na lat. S. 7° 47'. 12" e na longitude oriental do meridiano do Rio de Janeiro,..... 8° 19' 4". Dista 30 kiloms. da cidade de Olinda e 36 da do Recife.

Aspecto — A ilha, vista de longe, na distancia de quatro a seis milhas, offerece uma bella perspectiva, com sua abundancia de arvoredos sempre viçosos, e com o immenso coqueiral que comprehende a maior extensão da ilha, e confunde-se completamente com a costa, de que parece uma continuação. Destaca-se, porém, quando mais proximo, a grande fortaleza de Santa Cruz, outr'ora forte d'Orange, e bem assim a villa do Pilar na parte mais saliente da ilha.

Extensão — Tem quasi quatro milhas de largura e nove de extensão N a S, desde a barra de Santa Cruz até á de Catuama.

Limites — Confina ao N com a freguezia de S. Lourenço de Tejucupapo, pela barra de Catuama e foz do rio Ubú; ao S, com a de Iguarassú pela barra da ilha de Itamaracá e foz do rio Iguarassú; a L, com o oceano; e a O, com a mesma freg. de Iguarassú pelo logar Itapissuma e rio Salgado, que serve de linha divisoria.

Povoados e capellas—As povoações da ilha são: *Pilar*, na parte mais saliente, com um denso coqueiral, entre o qual surge grande numero de casas e, á borda da praia, uma igreja sob a inv. do Senhor Bom Jesus. — *Villa Velha*, do lado do sul, está decadente. Do Pilar, seguindo a direcção sul até perto da fortaleza, a praia é toda povoada, e conhecida sob varios nomes — de *Bom Jesus, S. Paulo, Rio do Ambre* ou *Ambar* e *Santa Cruz*. Possue a igreja *matriz* sob a inv. de N. S. da Conceição, e as capellas de *N. S. do Pilar*, do *Bom Jesus, de S. Paulo*, de *N. S. dos Prazeres*, no eng. Macaxeira, de *S. João Baptista*, no eng. deste nome. e do *Amparo*, no eng. assim chamado.

Outeiros—Existe o outeiro do *Grillo*, por detraz da povoação do Pilar.

Engenhos — Existem na ilha os seguintes engenhos: Amparo, Cumaty, Macaxeira, Paraizo, Queimadas e São João.

Agricultura — A ilha é de uma fertilidade sem igual, cultivando-se na mesma as uvas, que produzem quatro cargas por anno, e são tão boas como as melhores de qualquer outra parte; a manga, que ahi é das mais bellas e delicadas que se conhecem no Brazil; o abacaxi, o melão, o côco, a laranja, etc. As mangas mais estimadas são as chamadas *Primavera*, semente da extincta e celebre mangueira conhecida pelo nome de *Jasmim*, a respeito da qual existe a lenda dos *amores do padre Ayres*, que reproduz, em seu *Mosaico Pernambucano*, o Dr. Pereira Costa, e, anteriormente, o Dr. José Soares de Azevedo narrou-a nos conhecidos versos, que eram uma modinha popular e começavam:

Dona Sancha, Dona Sancha
O que vês além no mar? etc.

Eis a lenda do mencionado *Mosaico Pernambucano:* Pelos annos de 1631, vivia, na capitania da Parahyba, Antonio Homem de Saldanha e Albuquerque, natural dessa mesma capitania, o qual, ennamorado da belleza e dotes de D. Sancha Coutinho, donzella de 15 annos, filha do abastado agricultor João Paulo Vaz Coutinho, senhor do engenho Andirobeira, situado a uma legua de distancia da costa, morria de amores por aquella joven, e aspirava a honra de a receber por consorte. Dirigindo-se a seus paes, e solicitando a sua mão em casamento, elles a isso tenazmente se oppuzeram. Saldanha e Albuquerque, assim desenganado e desesperado por essa recusa, que apagava todos os seus sonhos de felicidade e de amor, sem mais esperanças e ambições, alista-se no exercito e marcha para o campo da guerra, quando as tropas hollandezas invadiam as plagas de sua terra natal. Saldanha e Albuquerque foi um dos heróes do celebre ataque do forte de Cabedello. Depois, passou-se para Pernambuco, e, em 1633, na gloriosa defesa do Arraial do Bom Jesus, cahiu, como morto, ferido por bala. Em 1646, annos depois de suas desventuras, apparece Saldanha e Albuquerque nesta provincia, mas trajando o habito de sacerdote, sob o nome de Ayres Ivo Corrêa.

São treze annos passados,
E de Jesus ao mosteiro
Chega a Olinda, em pobres trages,
Um sacerdote estrangeiro.

Traz o rosto macerado,
Que a dor o esprito lhe rende;
Nos olhos se lhe apagam
As paixões que o mundo accende.

Em anneis de ouro os cabellos
Pelos hombros se declinam;
Palavras que esse anjo solta
Só perdão e amor ensinam.

Dias depois de sua chegada, partiu o padre Ayres para a ilha de Itamaracá. Por esse tempo já não existiam os paes de D. Sancha Coutinho; e esta, triste, abatida, ralada de saudades, ahi vivia então, em casa de seu irmão Nuno Coutinho, quando appareceu o padre em sua casa; mas ella reconhecendo naquelle humilde sacerdote o seu desventurado amante, morreu subitamente!

Quiz ser ella a derradeira
Em ver o santo varão,
Mal põe-lhe os olhos no rosto,
« Ai meu Deus! » e cae no chão.

Sobre o sepulchro de D. Sancha Coutinho plantou o padre Ayres Corrêa uma mangueira, de cujos fructos provinham as conhecidissimas e tão celebradas mangas pelo seu aroma e delicado sabor.

E no logar do sepulchro
Uma mangueira plantou,
Onde o halito de Sancha
Até morrer aspirou.

Visões que ella lhe offr'ecia
Não são de humano juiso;
A sombra que ella lhe dava
Era a sombra do paraiso.

Inda em torno da mangueira
Se vê um lindo jardim;
E as mangas do Padre Ayres
São as mangas de jasmim.

Mineraes — Segundo o *Diccionario Geographico das Minas do Brazil* do Dr. Francisco Ignacio Ferreira, e ainda declarações do professor Hart, — existe alli deposito de lenite, o que faz presumir a existencia de alguns bancos de combustivel mineral, bem como ferro oxidado ou hematite, ferro de alluvião, calcareo e argilla de varias cores.

Barra de Itamaracá—Tem uma formada pelo rio Iguarassú. Seu fundo é de areia e lama, e ella é abrigada. Dentro tem quatro a cinco braças de fundo, e ahi podem estar muitas embarcações.

Fortaleza — Está situada na parte austral da peninsula de S. Paulo na ilha de Itamaracá, a 42 kilometros ao norte da cidade do Recife, a 8.° 47' 12"

de latitude S. e 8° 19' 4" de longitude E. do meridiano do Rio de Janeiro. Esta excellente e bem construida fortaleza está desarmada, em adiantado estado de ruinas, e completamente abandonada. Tem a fórma de um quadrilatero duplo, tendo nos lados anteriores angulos agudos, cujos vertices servem de guarita. A entrada é curvilinea, e conduz a uma grande praça, quadrilatera, em cujo centro existe um poço bastante profundo. A capella, quarteis, armazens e calabouços ainda existem, se bem que arruinados. Sobre o portão, se nota um escudo das armas portuguezas, bastante estragado, tendo no meio uma cruz, e em baixo uma pedra rectangular, que indica ter contido alguma inscripção. Da sua artilharia desmontada restam 21 canhões, sendo 16 de ferro, portuguezes, e 5 de bronze, hollandezes, com as suas competentes armas e emblemas, em relevo, sobre a culatra. Destes, notam-se 2 lindissimos pela sua ornamentação, tendo um delles esta inscripção : — *Anno Domini 1622 Joannes. Sithof. Me. Fecit... Bruxellis.* A fortaleza de Itamaracá foi construida pelos hollandezes, em 1631, quando se apossaram da ilha, levantando a principio uma fortificação de madeira para defeza da barra, que substituiram depois por um forte de pedra, bem construido, a que deram o nome Orange. Segundo um escripto hollandez, de 1637, era o forte de Orange situado sobre um baixo de areia separado da terra firme por uma angra, vadeavel na baixa mar, dominando a entrada do porto, visto como os navios que o demandavam tinham de passar por baixo de suas baterias, na distancia de um tiro de arcabuz. E' quadrado, diz o alludido escripto, com quatro bastiões, mas não tem fossos, estacada ou palissada, o que é necessario se faça, bem como convém aprofundar o fosso, e cercar o lado exterior de uma contra-escarpa. Diante deste forte, do lado do norte, por onde o inimigo se póde approximar, ha um harnaveque. Em 1654 foi evacuado pelos hollandezes, e occupado por um corpo de tropa sob o commando do mestre de campo Francisco de Figueirôa.

Em 1696 foi mandado reconstruir pela C. R. de 13 de agosto, expedida para semelhante fim; mas arruinando-se pelo tempo adiante, teve nova reconstrucção, em 1777, por ordem do governador José Cesar de Menezes, sendo incumbido desse trabalho o ajudante do corpo de artilharia da praça do Recife, Bernardo Rabello da Silva Pereira. Em 1745 montava 29 peças, sendo 26 de ferro, de calibre 5 a 28, e 3 de bronze de calibre 12 e 20, e era bem provida de petrechos bellicos. Era commandada por um sargento-mór, que tinha o soldo de 16$ mensaes, e tinha mais um tenente, um sargento, um condestavel e um capellão. A sua guarnição constava de duas companhias de infanteria dos terços da praça do Recife, com os seus respectivos officiaes, e mais seis soldados artilheiros. Tomada e occupada em 1817 pelos revoltosos republicanos, capitaneados pelo vigario de Itamaracá o padre Pedro de Souza Tenorio, foi reparada e melhor guarnecida. Sobre a importancia estrategica desta fortificação, diz Figueira de Mello, em 1847, o seguinte: — «Ella está muito arruinada, e parece ter sido construida para defender a entrada entre a ilha e a terra firme, porém como a existencia desta fortaleza na ilha póde comprometter a segurança desta parte da costa, e sendo tomada pelo inimigo dar-lhe mais vantagens do que della se póde tirar, talvez fosse conveniente que a ilha de Itamaracá ou fosse occupada por uma fortaleza, pelo menos de segunda ordem, conservada sempre em estado de se poder abandonar ás suas proprias forças, ou que não fosse fortificada, substituindo-se a fortaleza por dous pontos fortificados sobre o canal, e da parte da terra fime.» A fortaleza de Santa Cruz de Itamaracá, ou o forte de Orange dos hollandezes, tem na historia das nossas luctas no periodo da domi-

nação batava, as mais gloriosas paginas em que tanto resplendeu o valor e heroismo dos pernambucanos.

Itambé -- *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome, e da freg. de N. S. do Desterro de Itambé.

Historia — Tendo o capitão general André Vidal de Negreiros, um dos restauradores de Pernambuco do dominio hollandez, instituido uma Capella da inv. de N. S. do Desterro, no territorio que hoje se comprehende nesse mun., doando para patrimonio da mesma todo o terreno da actual freg. e vinculando ainda á referida Capella o Engenho Novo de Goyanna, o da Palha, além de varias fazendas de gado, com extensão superior a 20 leguas, confirmou tal doação um alvará de Janeiro de 1681 e permittiu-lhe a graça de padroeiro, para nomear por si e pelos administradores que succedessem, o parocho da freg., como consta da carta de apresentação passada em Lisboa em 2 de Outubro de 1746, pela Meza de Consciencia e Ordens. Esta graça, porém, veio recahir na casa de Misericordia de Lisboa, a quem ficou pertencendo a eleição simples do parocho, com a dependencia da approvação regia. Por provisão do 1º bispo da diocese, D. Estevão Brioso de Figueiredo, de 2 de Janeiro de 1789, foi elevada a igreja parochial curada, desmembrando-se da freg. de Goyanna, a que pertencia, sendo esta creação approvada pela Carta regia de 6 de Janeiro de 1789. Extincto o vinculo, em 1842, passou a freguezia á capella curada de Itambé. Da primitiva capella, fundada por André Vidal, hoje apenas existem os vestigios; e a segunda, que funccionou muito tempo como matriz, e foi ainda substituida por uma outra, acha-se completamente abandonada. O antigo povoado *Desterro*, cerca de 5 kilometros da séde actual da freg., outr'ora cheia de vida, acha-se hoje quasi desapparecido, contando apenas tres casinhas de taipa e algumas choupanas. Pela lei provincial n. 1.055 de 6 de Junho de 1872 foi transferida da povoação de N. S. do Desterro a séde da freg. para Itambé, ficando como matriz a igreja de S. Antonio. Desde o desapparecimento das igrejas, e depois da mudança da séde da freg., começou a decadencia da povoação, o que foi progressivo até o abandono e quasi extincção em que se acha. Pela proximidade da feira de *Pedras* de *Fogo*, logar do Estado da Parahyba, começou a nascer Itambé, primeiro em habitações de palha, depois transformadas em casas alinhadas e de pedra e cal, cobertas de telhas. Crescendo o numero de habitações e formando um grande centro de população pela lei provincial n. 720 de 20 de Maio de 1867 foi elevada á categoria de villa e cabeça da comarca de seu nome, tendo sido mais tarde pela lei n. 1.318 de 4 de Fevereiro de 1879 classificada como cidade. No regimen da Republica, de accordo com a lei n. 52 de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se mun. autonomo, em 8 de Fevereiro de 1893, tendo sido seu primeiro governo administrativo: Prefeito Pe. Dr. Manuel Gonçalves Soares d'Amorim, Sub-prefeito, Luiz da Veiga Pessoa Cezar; e o Conselho Municipal composto dos cidadãos — Tenente Coronel Bellarmino Gonçalves Noronha Faria, Tenente Coronel — Joaquim Francisco Cavalcante Lins, Capitão Joaquim Candido Pereira de Lyra, Tenentes José Pedro Bandeira de Mello e José Cezar Marinho Falcão, Christovão Vieira Leitão de Mello, Joaquim José da Rocha, Francisco d'Arruda Cunha Gouvêa e Manuel Clemente da Cunha Rego. Entre seus filhos illustres é nomeado o finado bispo d'Olinda, Dom Fr. Vital Maria Gonçalves d'Oliveira, tão notavel na questão religiosa de 1873, em que elle figurou ao lado do insigne D. Antonio de Macedo Costa, bispo do Pará e depois arcebispo da Bahia; mas a verdade é que seu nascimento deu-se em territorio hoje do vizinho Estado da Parahyba, no engenho Aurora, freg. de N. S. Rainha dos Anjos de S. Miguel de Traipú. Da residencia, provavelmente,

de seus pais, em Itambé, quer antes quer depois do nascimento de D. Vital, que se deu em 1844, quando aquelle logar era territorio pernambucano, pois então a linha divisoria era no rio Abiahy, proveio o facto de o terem considerado pernambucano, dando-se ainda o facto de que o mesmo, como frade capuchinho que foi, assignava seu nome — Frei Vital Maria de Pernambuco. Em 28 de Novembro de 1874 os Quebra-kilos invadiram a cidade de Itambé.

ETYMOLOGIA DA DENOMINAÇÃO — O nome *Itambé* é vocabulo indigena e significa, conforme Baptista Caetano, — *pedra afiada, pedra de amolar, pedra aspera,* designação que o povo, na parte do povoado que pertence á Parahyba, traduziu como *Pedra de Fogo.*

SITUAÇÃO ASTRONOMICA — Está a 7° 24' 20" de lat. S. e a 8° 3' 15" de long. oriental do Rio de Janeiro.

ALTITUDE — Está a 153 metros acima do nivel do mar.

EXTENSÃO — Tem 24 kiloms. de N. a S. e 48 de L. a O.

ASPECTO DO SOLO — O terreno é accidentado e arenoso.

CLIMA E SALUBRIDADE — E' muito agradavel o clima de Itambé, sendo a temperatura geralmente muito branda e fresca; sem nenhuma duvida, dos logares que mais perto ficam da costa e da Capital, é o mais salubre de Pernambuco, sendo sobretudo excellente nas tuberculoses, soffrimentos do figado, estomago e febres.

LIMITES — Confina: Ao N O com o Estado da Parahyba, no mun. de Itabayana, na povoação Serrinha, pela estrada que vem de Itabayana passando por Serrinha, Chã do Ingá, Ladeira do Pacóva até o Oratorio, na estrada que segue para o Pilar pela lagôa dos Gatos. Ao N. com o mun. de Pedras de Fogo (Parahyba) desde a entrada do Pilar na estrada de Itabayana até Feira Velha passando pelo logar Marcação; de Feira Velha segue para o eng. Dous Rios, cujos terrenos do outro lado pertencem á Goyanna; de Dous Rios procura o rumo de L. até encontrar o eng. Folguêdo; segue por entre os limites do Engenho Novo e Pedregulho até o rio Capibaribe-mirim. A L. e S. o mesmo rio Capibaribe até o povoado da Lapa (N. S. do O'), no ponto em que começa a estrada que passa por Ferreiros, Encruzilhada e Camutanga até a serra do Balanço (Parahyba) com direcção á pov. de Serrinha. Os limites da freg. não são os mesmos do mun., que se estende mais, para o lado do oeste, pela estrada de Limoeirinho, limites d'este Estado com o de Parahyba, e descendo por essa estrada até o logar Queimadas toma a que vai para o Salgado, seguindo até Mocósinho, donde continúa pela estrada que se dirige ao eng. Poço até o rio Capibaribe-meirim.

DIVISÃO — Comprehende o mun. de seu nome, dividido em 5 districtos administrativos, cada um tendo um juiz districtal. Na parte ecclesiastica sómente contém uma freguezia, cuja séde actual é a cidade de Itambé, tendo sido o primeiro vigario Collado o Revmo. Manuel Timotheo d'Azevedo Campos.

POPULAÇÃO — A população total do mun. póde ser estimada em 20.000 habitantes.

TOPOGRAPHIA — Está situada a cidade de Itambé sobre um bello planalto e possue uns 5,000 habitantes, treze ruas, mais de 400 casas, uma bella matriz da inv. de N. S. do Desterro, é illuminada, Asylo de S. Vicente de Paulo para doentes pobres, tendo capella da mesma invoc., edificio do Conselho Municipal e Prefeitura, Cadeia, bom cemiterio, uma banda de musica, grande feira (ás 2[as] feiras) de viveres e animaes, escolas, etc. No centro da praça S. Vicente de Paulo acha-se situado o monumento que commemora a passagem do seculo XIX, o qual consta de uma columna solida, de ordem toscana, com 63 palmos de altura, descansando sobre o capitel um grande globo terraqueo, tendo pendente de um dos lados um grande livro a — Biblia, — estando de pé

sobre o globo uma bellissima estatua de Christo Redemptor, de frente, apontando para a cidade. E, situado á praça da Conceição em frente á rua da Cobra, entrada sul da cidade e estrada de Goyanna, ergue-se o monumento commemorativo

MONUMENTO AO SECULO XX

do 50° anniversario da Conceição da Virgem Maria, o qual foi bento em 22 de Dezembro de 1905, pelo bispo de Olinda, D. Luiz Raymundo da Silva Brito. Existe na cidade uma estação telegraphica.

Povoados —*Caricé* — a 20 kiloms. ao S. na estrada que segue para Goyanna, 150 casas, capella de N. S. do Rosario, feira aos domingos. Agua potavel de fontes. *Ferreiros* (antigo Carrapateiras), a 15 kiloms. ao O, 30 casas, cap. de N. S. da Conceição, atravessado pela estrada que vai para a pov. da Lapa, e banhado pelo riacho Ferreiros. *Serrinha*—a O. e sobre uma pequena elevação que lhe dá o nome, está situada na estrada que divide

Pernambuco da Parahyba, umas 50 casas, agua de açude, etc. Uma parte d'essa povoação pertence ao mun. de Itabayanna, freg. do Pilar, Estado da Parahyba. *Camutanga*, á marg. do riacho de seu nome, a NO. e a 15 kiloms., feira aos sabbados. Parte da pov. é da freg. de Timbaúba, e na divisão civil é toda de Itambé. *Oratorio*, — pequeno povoado ao N. e a 3 kiloms. é atravessado pela estrada do Estado da Parahyba; cap. de Sta. Anna. E ainda os logarejos *Encruzilhada, Quatis, Preá* e *Feira-Velha*.

MONUMENTO DA CONCEIÇÃO

OROGRAPHIA — As serras e montes que existem no mun. não têm nomes especiaes, á excepção da serra *Vunda* no eng. do mesmo nome.

HYDROGRAPHIA — *Capibaribe-meirim* — que serve de limites com Timbaúba: os riachos: *Itambé*, que nasce no logar Quatis e derrama em Gamelleira; *Agua Torta*, que é affl. do Capibaribe-meirim; *Mucambo*, nasce no logar Laços e despeja no Agua Torta; *Tijuco*, nasce no eng. Páo Amarello e despeja no Mucambo, em terras do refe-

rido engenho; *Ronca-Agua* nasce no eng. Meirim sendo affl. do Cajueiro Vermelho; *Cajueiro Vermelho* nasce dos corregos do eng. Meirim e derrama nos Dous Rios; *Capissurá* ou *Lages* nasce no eng. deste nome, logar denominado Sirigo e despeja no logar Capissurá; *Figueiredo* nasce d'uma fonte num sitio proximo á cidade de Itambé e despeja no riacho Itambé; *Camutanga* nasce no logar Sete Cabeços e despeja no eng. Perory; *Agua Torta* nasce no açude Cutia e como o Itambé derrama no Capibaribe-meirim, em terras do eng. Gamelleira; do *Pobre* nasce no eng. Camará e despeja no Itambé; *Mucumba* nasce no eng. Sipó Branco e desagua no Itambé; *Guvim* nasce no açude de seu nome eng. Guabiraba e despeja no Itambé; *Riacho Grande* nasce no eng. Quimbumba e despeja no Agua Forte, logar Poço do Sipó; *Preiá* nasce no logar do mesmo nome e despeja no Capibaribe-meirim no eng. Caramurú.

PRODUCÇÕES — As principaes são: a canna de assucar, milho, feijão, arroz, abacaxis, laranjas, etc.

CURIOSIDADES NATURAES — No caminho do eng. Meirim encontra-se, no logar Fojo, uma grande escavação devida ás aguas. Pode ter uns 30 metros de comprimento sobre uma largura variavel de 15 a 30. Começa no Fojo o riacho Ronca-Agua, assim chamado por causa das pedras que obstruem parte de seu curso e determinam o murmurio das aguas. Dentro da escavação veem-se muitas arvores que, pela altura, parecem ser arbustos, pois, a profundidade mede uns 40 metros. — A' margem da estrada que passa no logar Marcação (limites com a Parahyba) antes desse logar divisa-se uma enorme gruta que se assemelha a uma immensa bacia. — Nas mattas do eng. Olho d'Agua ha pedras gigantescas de formas caprichosas.

REINOS DA NATUREZA — No mun. de Itambé encontram-se todos os animaes domesticos, conhecidos no Estado, e ainda cobras, varios insectos, rapozas, preiás, veados, pacas, etc. No reino vegetal diversas madeiras de construcção, plantas hortenses, hervas odoriferas, medicinaes, etc. No reino mineral — grandes pedras calcareas, quantidade de silex, o que determinou o nome da cidade parahybana — *Pedras de Fogo*. Asseveram os naturaes existir carvão de pedra, enxofre, ferro, etc., mas o certo é que não houve exploração ainda para se verificar o que ha de verdade sobre o assumpto.

AGRICULTURA, INDUSTRIA, ETC. — Cultiva-se o milho, o feijão e todos os cereaes e ainda a canna, havendo os seguintes engenhos para o fabrico do assucar: Boa Vista, Bello Monte, Bebedor, Barro, Cachoeira, Camutanga, Caricé, Canna Brava, Caramurú, Camello, Gamelleira, Gracioso, Guy, Gloria, Guabiraba, Horta, Jardim, Jurema, Laços, Lages, Limão, Meirim, Merepes, Monte Carmello, Modelo, Muzumbo, Monge, Morenos, Nova Cruz, Olho d'Agua, Panguá, Paraizo, Preiá, Pau Amarello, Parary, Santa Rita, S. Sebastião, S. João, Salgado, Sete Cabeças, Sipó Branco, Teixeira, Teixeirinha, Victoria, Vundinha e Zumby. Existem algumas fazendas de criar.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Estrada de rodagem para o Recife passando por Goyanna, Iguarassú e Olinda, fazendo-se a viagem a carro, diligencias, automovel ou cavallo. Tambem se viaja por estrada de ferro, sendo as estações mais proximas a de Pureza 25 kiloms., de Itabayana (Parahyba), preferindo-se a primeira por ser mais barata a passagem e gastar menos tempo em trem. Ha caminhos mais ou menos regulares para as localidades circumvizinhas.

INSTRUCÇÃO PUBLICA E ADIANTAMENTO MORAL — Existem escolas para ambos os sexos na séde do mun. e nos povoados, sendo que a instituição *Con-*

ferencia de S. Vicente de Paula, mantem uma aula nocturna.

DISTANCIAS — Itambé dista do Recife 132 kiloms., de Goyanna 38, de Iguarassú 101, 55 do littoral, da estação de Pureza 25 e de Itabayana 20.

Itambé — *Engenho* — Situado no mun. do mesmo nome.

Itambé — *Riacho* — Nasce no logar Quati, 6 kiloms. distante da cidade de seu nome (vocab. indig. que significa *pedra de amolar)* e passando pelos engs. Itambé e Gamelleira, desagua no Agua Torta e ambos no Capibaribe Meirim, depois de 18 kiloms. de curso, abaixo e perto do ultimo desses engenhos.

Itanhenguinha — *Engenho* — No mun. de Paú d'Alho.

Itans que tambem chamam **Intans** — *Serrota* — No mun. de Cimbres. — Segundo o Dr. Couto de Magalhães significa *pedra polida;* e conforme Baptista Caetano — *Sino*.

Itaparica—*Cachoeira* — Em distancia de 2 kiloms. de Jatobá fica esta cachoeira do Rio S. Francisco digna de ser contemplada. E' de bastante curiosidade para o observador, como soe acontecer sempre com as obras grandiosas da natureza. Nesta parte do rio nada póde descer nem subir. Junto da cachoeira ha um morro de bastante elevação a respeito do qual contam o seguinte facto: «Um padre, que habitava no Alto S. Francisco, raptou uma moça. Fugindo numa canôa, rio abaixo com ella e uma criança, ficaram alli encalhados pela cachoeira. Então elle occultou-se, com a moça e a criança, numa ruina do morro, obtendo consentimento, que lhe custou dinheiro, para alli demorar até poder seguir, dos moradores do logar Brejinho. Perseguiam-no os parentes da moça que indagando em cada ponto de sua passagem por noticias dos fugitivos, ahi souberam, depois de bastantes pesquizas e não poupando dinheiro, que uma pessoa desconhecida comprava generos e viveres e que esta habitava para o lado do morro. Então procurando o desconhecido com instancia, acharam os fugitivos, aos quaes assassinaram com a maior barbaridade, indo embora logo após.

Itaparica — *Riacho* — Corre no mun. de Tacaratú e despeja no rio S. Francisco.

Itapecerica — *Engenho* — Na freg. de N. S. do O' a 10 kiloms. ao SO, e á margem do rio Tracunhãem. Voc. ind. Define A. Carvalho — *itapib-ci-rica* significando — a pedra ou lage dos syris.

Itapecirica — *Riacho* — Nasce na serra das Russas. Corre no mun. da Victoria, atravessa a estrada de rodagem na parte comprehendida entre o povoado de S. João dos Pombos e o pé da Serra das Russas, e seguindo a direcção de norte para sul, vai despejar no Ipojuca.

Itapessoca — *Ilha* — Na freg. de S. Lourenço de Tejucupapo, mun. de Goyanna.

Itapessoca — *Morro* — Situado na freg. de Tejucupapo, mun. de Goyanna e proximo á costa.

Itapessoca — *Pequeno rio* — Corre no mun. de Goyanna, entre os outeiros do Funil e Selleiros, com uma foz de 120 braças; é navegavel em quasi toda sua extensão, por barcaças, até o encontro do riacho Massaranduba. Seu curso é de mais de 6 kilometros.

Itapicurú — *Riacho* — Nasce na serra de seu nome e desagua no riacho do Mel, mun. de Alagôa de Baixo.

Itapicurú ou **Tapicurú** — *Serra* — Situada nos limites orientaes do mun. de Cimbres com o de Alagoa de Baixo.

Itapiçaca — *Engenho* — Situado na freg. de Tejucupapo, mun. de Goyanna.

Itapirema — *Engenho* — Situado no mun. de Goyanna.

Itapirema — *Rio* — Nasce no eng. Veneza, mun. de Goyanna, lo-

gar chamado *Balanço*, atravessa terrenos deste eng., móe o eng. Itapirema de Cima onde recebe o riacho Ribeiro e continuando banha os engs. Pitú-assú, Itapirema do Meio, Itapirema de Baixo e o Bú, e desagua no Bú ou Ubú. Este vocab. é tupy e significa segundo Alf. Carvalho, cabeça alta de mau cheiro.

Itapirema de Baixo, de Cima e do Meio — *Engenhos* — do mun. de Goyanna.

Itapiribú — *Riacho* — Corre no mun. de Barreiros.

Itapirussú — *Morro* — deste nome situado no mun. de Olinda, freg. de Maranguape, perto da povoação de Páo Amarello.

Itapirussú — *Riacho* — Corre no municipio de Serinhãem e desagua no rio deste nome.

Itapissuma — *Povoação* — No mun. de Iguarassú a uns 7 kiloms. da foz do riacho Congo e á marg. do canal da Ilha de Itamaracá, na lat. 7° 45' 28" aust. e Long. 8° 9' 44" oriental do meridiano do Rio, fica situada a povoação d'aquelle nome onde existe uma igreja dedicada a S. Gonçalo. A povoação está entre duas cambôas ou alagados que se denominam: o do norte — *Bacorinho*, e o do sul — *Suruaja*. Devido á grande exportação de assucar que provém de diversos pontos do mun. e logares circumvizinhos, cujo transporte para a capital é feito pela pequena navegação de cabotagem de seu porto, tem tido algum incremento. Os hollandezes quizeram neste logar construir uma ponte que ligasse o continente á ilha de Itamaracá, e ainda hoje alli se encontram os alicerces dessa obra. O canal ou braço de mar que separa a Ilha de Itamaracá do continente denominam os naturaes — rio de Itapissuma; é largo e navegavel para embarcações de pequena cabotagem, e a não ser o banco que existe no logar, em que se reunem as aguas dentro delle, seria frequentado por navios maiores.

Itapissuma — Braço do mar entre a Ilha de Itamaracá e o continente a que os naturaes chamam rio de Itapissuma, porque banha a povoação do mesmo nome do lado opposto da ilha.

Itapissurú — *Logarejo* — Do municipio de Serinhãem.

J

Jabitacá — *Serra* — Atravessa os muns. e fregs. de Alagôa de Baixo e de Aiogados de Ingazeira, limitando-as e buscando do lado do norte a direcção do Estado da Parahyba. Ahi existem gravados e pintados com tintas indeleveis, caracteres cuneiformes, cuja origem é desconhecida. Nasce nesta serra o rio Moxotó, fronteiro ao Parahyba do Norte que nasce do lado do Estado a que dá o nome.

Jaboatão — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de S. Amaro de Jaboatão.

Historia—Em 1593, Bento Luiz de Figueirôa, natural do Porto, e sua mulher D. Maria Feijó, natural de Olinda, eram os terceiros proprietarios do engenho S. João Baptista, mais tarde e actualmente Bulhões, de seu seguinte proprietario o fidalgo Antonio Bulhões, que adquirio por compra feita a Pedro Dias da Fonseca, em escriptura publica passada em 4 de maio de 1593. E, como por esse tempo, começassem a affluir para as terras do seu engenho varias pessoas com o intuito de ahi estabelecerem residencia, na parte com-

prehendida entre os rios Una e Jaboatão e na confluencia deste com aquelle, Bento Luiz e sua mulher concederam os terrenos precisos para semelhantes construcções, a titulo de aforamento perpetuo. Dentro em pouco estava formada uma povoação e, Bento Luiz, doando o terreno necessario para a fundação da igreja de S. Amaro, actual matriz, concorreu ainda para isso com avultados donativos. Diz o vigario de Jaboatão, Padre Manuel Esperidião Muniz, em informação prestada ao diocesano D. José Pereira da Silva Barros, em 10 de Janeiro de 1882, que a freguezia de Jaboatão fôra creada em 1598, pelo bispo do Brazil D. Antonio Barreiros. Em 1609 estava provida e neste anno sepultou-se na capella-mór da igreja-matriz, D. Maria Feijó; viuva do doador, fallecido em seu engenho em 12 de Novembro do mesmo anno. Em 1691 foi reconstruida em outro sitio, sendo então vigario o padre Adriano de Almeida. Pela lei provincial n. 1.093, de 24 de Maio de 1873, foi creada comarca especial, desmembrando-se do mun. do Recife a que pertencia, sendo seu 1° juiz de direito o dezembargador honorario Dr. Henrique Pereira de Lucena (hoje Barão do ultimo nome).

No regimen republicano constituio-se municipio autonomo, de accordo com a lei organica n. 52, de 3 de Agosto de 1892, em 23 de Fevereiro de 1893.

Jaboatão tem sido o berço de filhos bem distinctos que muito enobrecem o torrão em que viram a luz, podendo citar-se entre outros os seguintes : fr. Antonio de S. Maria Jaboatão, historiador notavel e orador de merecimento, tendo sido autor da *Chronica dos Frades Menores do Orbe Seraphico,* publicada em 1761, obra preciosa onde, além de tratar da fundação da ordem seraphica no Brazil, refere-se minuciosamente á descoberta do Brazil, guerra hollandeza e ás differentes tribus de gentios que habitavam as costas do paiz, dando ainda uma idéa topographica das cidades, villas e povoações, e outros factos importantes, até a época em que floresceu o escriptor que nasceu em 1695 e falleceu em 1793. Bernardo Vieira de Mello, o glorioso vencedor dos Palmares e o intemerato patriota que teve a audacia de, na tumultuosa sessão do Senado da Camara de Olinda, em 10 de Novembro de 1710, propor que se *declarasse a Capitania uma Republica ad instar dos Venezianos,* lembrando como meio de resistencia no caso da desgraça de difficuldades, ou se acolherem aos Palmares, como anteriormente fizera o *quilombolo,* que tanto dera que fazer aos governos, ou, concluiu elle, se entregarem aos polidos e aguerridos francezes, do que servir aos grosseiros, malcreados e ingratissimos mascates. Nasceu em Muribeca na segunda metade do seculo 17 e falleceu em Lisboa, na prisão do Limoeiro em 1713. José da Natividade Saldanha, poeta insigne e um dos vultos mais salientes da revolução de 24 de Julho de 1824 ou Confederação do Equador; nasceu em 8 de Setembro de 1796 e falleceu, expatriado, em Venezuela no anno de 1830. E Antonio Pedro de Sá Barreto, um dos patriotas do movimento emancipador de 1817 e um dos pernambucanos que oppuzeram forte barreira em 1821, ás tyranias do governador Luiz do Rego, fazendo propaganda das liberdades e independencia patrias, pelo que soffreu prisão e desterro. Nasceu em 1801 e falleceu aos 80 annos, em 3 de Abril de 1881.

Origem da denominação — O nome Jaboatão, dado á localidade, provém de sua situação á margem do rio do mesmo nome. Jaboatão é vocabulo indigena que significa andar como kagado, isto é, vagaroso, formado de *Yaboti,* kagado, tartaruga, *atam,* andar. Semelhante etymologia confirmou o illustrado bispo de Olinda, D. Luiz de Britto, que, nesse assumpto, não é um experimentador de conjecturas e hypotheses, pois, em con

tacto constante com indios, quando vigario em freg. do interior do Maranhão, e mesmo ainda na freguezia de S. Bento de Perizes onde nasceu, falla o tupy e varios dialectos, exprimindo-se facilmente nelle sobre qualquer assumpto.

SITUAÇÃO ASTRONOMICA — Está a 8°10' de lat. S e a 8° 8' de long. oriental do Rio de Janeiro. A differença de hora para o Rio de Janeiro, é de 33 minutos e 10 segundos.

EXTENSÃO — O mun. tem de N. a S. 47 kiloms. e de L. a O. 55, estando incluida a freg. de Muribeca.

DIVISÃO — A divisão civil comprehende tres districtos: 1° Jaboatão, 2° Tegipió, 3° Muribeca; e a ecclesiastica duas fregs. a de S. Amaro de Jaboatão e a de N. S. do Rosario de Muribeca.

ASPECTO E NATUREZA DO SÓLO—O solo no geral é ondulado de colinas, muito fertil, abundante de crystalinas aguas que jorram de innumeras fontes que brotam nos diversos pontos do mun. A vegetação é luxuriante e bella em todas as estações. Uma argilla vermelha e poucas vezes de côr differente, constitue a massa que fórma o terreno de Jaboatão. Na parte, porém, da freg. de Muribeca que fica perto da costa, é todo baixo e arenoso, coberto de cajueiros e extensos coqueiraes.

CLIMA E SALUBRIDADE — O clima é um tanto saturado d'agua e portanto humido no inverno devido sobretudo a abundancia de vegetação, dous rios perennes e bastantes riachos correntes que cortam o solo em todas as direcções; no verão, entretanto, desapparece similhante humidade e torna-se bastante suave e agradabilissimo, sobretudo ás noites. A salubridade no verão é bôa, nenhuma molestia se caracterisa nessa estação; é Jaboatão um clima delicioso mesmo; no inverno, porém, ha muitas manifestações de rheumatismo agudo, e casos de febres intermittentes, sobretudo atacando os imprudentes que se banham, sem precauções, nas aguas do rio, ou se expõem facilmente á acção do tempo cuja atmosphera contém muita humidade.

LIMITES — Os do mun. são: ao N. com o mun. de S. Lourenço da Matta freg. da Luz pelas aguas que correm para o rio Jaboatão, servindo de pontos de divisão as terras dos engenhos Santa Rosa, Xixáo, inclusive, e dos engs. Una, Pocinho, Camassari e Mussahyba; a L. com o mun. do Recife com as aguas que vão ao mar ao norte do rio Jaboatão, exclusivamente, e conseguintemente pelo rio Tegipió; ao S. com o mun. do Recife (freg. de Muribeca) pelos rios Jordão e Gamelleira, com o oceano e com o mun. do Cabo pela barra das Jangadas inclusive ponte dos Carvalhos e rio Quiongue, e ainda (na freg. de Jaboatão) pelas terras do eng. Contra-açude, Cajabussinho, Gurjahú de Cima e Gurjahú de Baixo; e a O. com o mun. da Victoria, desde o logar denominado Cruz das Almas, entre os engs. Tapera e Queimadas e ao Sul da estrada desse ultimo logar, até o engenho Coqueiros, exclusivamente, pois a parte do Norte pertence á Victoria e do eng. Coqueiros ao Sul até se apartar do sitio que foi da fallecida D. Joanna (?) Os da freg. de S. Amaro de Jaboatão os seguintes: confina ao N. com a freg. da Luz pelas aguas que vão ao mar, pelos engs. S. Rosa, Xixáo, inclusive, e dos engs. Una, Pocinho, Camassary e Mussahyba; ao S. com a freg. de S. Antonio do Cabo pelas terras dos engs. Contra-açude, Cajabussinho, Gurjahu de Cima, e Gurjahu de Baixo, e com a de Muribeca pelos engs. Macugé, Palmeira, Suassuna e Sant'Anna, inclusivamente; a L. com a dos Afogados e Varzea pelas aguas que vão ao mar e conseguintemente pelo rio Tegipió; a O. com a freg. de Santo Antão da Victoria, desde o logar Cruz das Almas, entre os engs. Tapera e Queimadas até o eng. Coqueiros.

POPULAÇÃO — O mun. contém uma população de 30.000 habitantes, sendo 22.000 na freg. de S. Amaro de Jaboatão, e 8.000 na de Muribeca.

Topographia — A cidade de Jaboatão, séde do municipio, está situada a 18 kiloms. ao oeste da cidade do Recife; é dividida em duas partes: cidade alta, a parte antiga, e cidade baixa, a moderna, em terreno plano. E' cortada de léste a oéste pela estrada geral do centro do Estado que povoada de ambos os lados de magnifica edificação, fórma a rua principal da cidade, ramificando-se nella as diversas outras de que se compõe. E' banhada pelos rios Jaboatão ao sul e que margina toda a rua principal, e pelo rio Una a léste, que faz confluencia com aquelle á entrada da cidade. Tem umas 800 casas, estabelecimentos commerciaes, um bom mercado diario, abundantissimo de cereaes, fructas, hortaliças, cereaes, artefactos, queijos, objectos de ceramica, redes, esteiras, cordas, rendas delicadissimas, objectos de marcenaria, de folhas de Flandres, de palha, arreios de cavallos, sellins, fazendas, miudezas, molhados e emfim, uma variadissima feira de todos os generos, sendo as mais concorridas aos domingos e quarta-feiras. O mercado publico foi começado em 1892, e inaugurado em 30 de Outubro na administração do prefeito Dr. Joaquim Carneiro Nobre de Lacerda, apresentando a fórma de um rectangulo, completamente isolado dos outros predios da praça em que está situado e tendo 24 janellas que o circulam por todos os lados, fechadas por persianas, e dando entrada ao edificio quatro grandes portões de ferro collocados em cada uma das faces respectivas. Possue tres templos, todos situados na antiga povoação ou cidade alta,—a matriz, com duas torres, grande igreja reedificada em 1852, da invocação de S. Amaro; o do Livramento, reconstruido ha poucos annos; e o do Rosario em reconstrucção; bom cemiterio, bibliotheca, escolas publicas, agencia do Correio, etc. A população da cidade de Jaboatão póde ser calculada em 7.000 almas.

MERCADO MUNICIPAL DE JABOATÃO

Povoações e capellas — A povoação de *Muribeca*, séde da freg. do mesmo nome, situada a pequena distancia do rio Jaboatão, decadente e sem importancia a 20 kiloms. ao SE. do Recife, 15 de Afogados, 5 dos montes Guararapes, 20 do littoral, e a 12 da cidade de Jaboatão. *Tegipió*, grande e florescente povoado á marg. da estrada geral do centro, a 8 kiloms. a léste da séde, tem uma capella da inv. de N. S. do Rosario, boa edificação e é residencia de grande numero de pessoas que tem em-

pregos na cidade do Recife; illuminada, a gaz, logar salubre e muito aprazivel, tendo crescida população. *Sicupira Torta,* em continuação de Tegipió e em terras do eng. do mesmo nome. *Soccorro,* arraial de boa casaria, a 2 kiloms. de Jaboatão. *Duas Unas,* outro arraial na estrada da povoação da Luz e a pequena distancia de Jaboatão. Existem mais as capellas seguintes, filiaes á matriz: *S. Anna,* do eng. do mesmo nome; *N. S. do Rosario,* do eng. Camassary; *N. S. d'Apresentação,* do eng. Morenos; *N. S. da Conceição,* do eng. Catende; *N. S. Carmo,* do eng. Macujé; *S. Miguel,* do eng. Gurjahu; *São Vicente,* do eng. Pocinho.

COLONIAS — Existe a de S. Sebastião, formada por padres salesianos e onde em 22 de Janeiro de 1905, o Bispo D. Luiz Raymundo da Silva Brito, sagrou a cap. da mesma inv. E' destinada á educação de orphãos. Existe tambem o extincto nucleo Barão de Lucena, tambem denominado Suassuna que actualmente, está dividido em mais de cem lotes. E' povoado por muitos habitantes, mas a edificação é em fórma de arraial ou casas dispersas e não arruadas.

OROGRAPHIA. — As serras principaes são: *Macambira,* entre a freg. de Jaboatão e a de Muribeca; e a dos *Guararapes* na freg. de Muribeca, celebre nas luctas hollandezas pelas duas memoraveis batalhas alli feridas, em 1648 e 1649. (Vide GUARARAPES.)

HYDROGRAPHIA. — Os principaes rios são: o *Jaboatão* que vem do mun. da Victoria e banha no de seu nome os logares Morenos, Catende, Bulhões, a cidade de Jaboatão e o logar Soccorro, seguindo para o mun. de Muribeca e d'ahi para sua foz na Barra das Jangadas; o *Una* ou *Duas Unas* que nasce em Itapiruna, vae ao eng. Camassary e depois de 15 kiloms. de curso, na direcção L. a O. derrama no Jaboatão na cidade deste nome, perto das officinas da E. F. Central e da ponte que atravessa a estrada geral do centro do Estado. O Jaboatão recebe os riachos *Muribequinha,* do *Pico,* o *Carauna,* o *Suassuna,* o *Manassú,* o *Mussahyba* e outros. Na area comprehendida pela extincta colonia Barão de Lucena encontram-se os seguintes riachos: *Palmeira, Mangoré, Piedade, Pico, Pelonia, Manteiga, Pau Ferro, Lauriaco, Lucas e Sardinha.*

CURIOSIDADES NATURAES—A cachoeira do riacho Manassú, a do Vasconcellos no rio Jaboatão e ao oeste da cidade. Em terras do eng. Macujé ha muitas pedras elevadas que se tornam notaveis por poderem recolher em si familias inteiras e entre ellas uma que pode alojar 50 homens e na qual póde entrar um cavalleiro desembaraçadamente.

REINOS DA NATUREZA—O reino animal é abundante das melhores caças como veados, pacas, preás, tatús, mocós, rolas, etc., passaros diversos, borboletas de mil côres, abundancia de cobras, de raposas, de animaes de criação, como — bois, cavallos, carneiros, cabras, aves domesticas — e dos demais communs á zona em que é situado o mun. A flora é igualmente riquissima, podendo-se mencionar entre outros o jaborandy, o cambará e muitas plantas medicinaes e madeiras empregadas na marcenaria, tinturaria, artes, etc. O reino mineral contém muito giz e grandes pedreiras de granito.

PRODUCÇÕES—A maior producção do mun. é a canna d'assucar, entretanto, tal é a fertilidade de seu solo que produz tudo o que se cultiva, como seja milho, feijão, batatas, macaxeira, mandioca, fructas, etc.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA —A industria principal é a assucareira, havendo outras menos importantes como o fabrico de carvão, trabalhos de tear, rendas, objectos de couros, folhas de Flandres, etc. O commercio é da venda de seus productos locaes e dos importados nos estabelecimentos commerciaes

do mun. e nas feiras locaes. E' essencialmente agricola o mun. e contém os seguintes engenhos: Brejo, Bom Dia, Bulhões, Camassary, Caxito, Catende, Camará, Carauna, Carnijo, Contra-açude, Canzanza, Camarão, Capim-assú, Cananduba, Cova da Onça, Cumbe, Comportas, Capellinha, Conceição, Camarco, Duas Unas, Engenho Nóvo, Entre Rios, Fortaleza, Furna, Floresta, Gurjahú de Cima, Gurjahú de Baixo, Guarany, Goiabeira, Guararapes, Javunda, Jussara, Jaboatão, Jardim, Laranjeira, Morenos, Manassú, Macujé, Matto Grosso, Mussahyba de Cima, Muasahyba de Baixo, Muribequinha, Novo, Pedra Lavrada, Paraiso, Penamduba, Palmeira, Pocinhos, Pitimbú, Pintos, Pereiras, Rico, Recreio, Quiahombo, S. Amarinho, Serraria, Santa Anna, S. Estevam, S. Joaquim, S. Bartholomeu, S. José, Salgadinho, Sicupeninha, S. Salvador, Timbó, Tapera, Una, Usina Suassuma, Varzea do Una e Xixahim.

Instrucção e adiantamento moral — E' insufficientemente distribuida a instrucção no mun.; e pela proximidade da capital e communicação facil com esta os habitantes em sua maior parte comparados com os de outros logares têm certa superioridade de costumes, quer na cidade de Jaboatão, quer no povoado de Tegipió.

Vias de communicação — A estrada de ferro é a principal via de communicação com o Recife e outros logares. Ha oito trens por dia de ida e oito de volta, entre o Recife e Jaboatão. Dista 17 kiloms. do Recife, 33 da Victoria, 8 de Tegipió e possue ainda uma boa estrada de rodagem que vae do Recife até o pé da serra das Russas.

Jaboatão — *Engenho* — Situado no mun. do mesmo nome, na parte SO.

Jaboatão — *Rio* — Tem sua nascente em uma grande rocha em terras do eng. Pacas, mun. da Victoria, 6 kiloms. ao sul; corre dahi em direcção ao eng. Pedreiras onde recebe diversos ribeiros; seguindo banha o eng. S. Francisco e recebe os riachos Cará e Santa Luzia e vae banhar os engs. Genipapo e Jaboatãosinho; formando zig-zagues na direcção SE recebe a contribuição de muitos ribeiros; passa no eng. Taquary e recebe o riacho Limeira, desse eng. corre para o eng. Una e tomando a direcção do mun. do Cabo, em seguida a do Jaboatão, recebe as aguas dos riachos Campo-Alegre, Ribeirão e Bôa-Sorte; continuando na mesma direcção rega os engs. Jussara, Contra-açude, Jaboatão, Pintos, Morenos, Catende, Caxito, Bulhões, banha a cidade de Jaboatão, recebe os riachos Duas Unas, Manassú, Suassuna, Mussahyba, e, mudando de direcção no logar Soccorro segue N. a S. pela freg. de Muribeca, passa perto dessa povoação, e, fazendo ainda grandes voltas, atravessa a linha ferrea do S. Francisco, entre as estações Prazeres e Ilha, indo desaguar no oceano no logar Barra de Jangadas, tendo foz commum com o rio Pirapama.

Jaboatãosinho — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria, ao sul da séde.

Jaboticaba — *Riacho* — Affl. do Ipojuca e no mun. de Bezerros.

Jaboticaba — *Serra* — Situada no mun. de Bezerros, perto das do Veado Magro, Jurubeba, Maravilha, Mondé e Sapato.

Jaboticaba — *Serrota* — Situada no mun. do Altinho.

Jaburú — *Pov.* na freg. de St. Amaro de Taquaretinga, ao oeste da séde.

Jacarapina — *Eng.*, situado no mun. de Goyanna.

Jacarará — *Povoação* — Situada sobre a serra de seu nome, pertence á freg. de S. Amaro de Taquaretinga e, na parte civil, ao mun. do Brejo. Tem uma cap. dedicada a S. Antonio. Pela Lei Prov. n. 1364, de 8 de Abril

de 1879, foi elevada á categoria de freg., mas nunca foi installada nem provida até hoje. Fica a 96 kiloms. da séde. A cap. tem patrimonio. E' pequena e má a edificação. Esteril a serra.

Jacarará — *Serra*, situada no mun. do Brejo da Madre de Deus, no districto de Jatobá.

Jacaré—*Eng.*, situado no mun. de Canhotinho.

Jacaré—*Eng.* na freg. de Cruangy, mun. de Timbaùba.

Jacaré—*Eng.* do mun. de Goyanna. Diz o Santuario Marianno que ahi houve uma cap. em 1772 de Nossa Senhóra e que o nome Jacaré veio do appellido do primeiro possuidor. A *Rev. do Inst.* n. 34 diz que foi esse eng. de João Paes Barreto e que era da inv. de S. Cruz. Confiscado, foi vendido em 1637 a Hans Willen Louisen.

Jacaré — *Engenho*, situado no mun. de Nazareth, na freg. de Tracunhãem.

Jacaré — *Log.* no mun. de Caruarú á marg. do rio Ipojuca.

Jacaré—*Log.* da freg. da Graça, mun. do Recife.

Jacaré — *Riacho*, affl. do rio Ipojuca no mun. de Caruarú, na altura da estação Gonçalves Ferreira.

Jacaré — *Riacho*, corre na freg. do Poço da Panella, mun. do Recife, é affl. do Agua Fria.

Jacaré—*Rio*, nasce no mun. de Ouricury, nas fronteiras do Piauhy com Pernambuco, perto do logar Queimadas e depois de receber o riacho São Pedro no mun. de Leopoldina, despeja no da Brigido, com um curso de 150 kilometros.

Jacaré—*Serra*, situada, no mun. de Caruarù.

Jacé—*Engenho*, situado no mun. de Goyanna.

Jacintha — *Serra*, situada no mun. do Brejo, freg. de Bello Jardim, fica ao nordeste da séde parochial.

Jacirú — *Eng.* no mun. de Serinhãem, fundado sob a inv. de S. Jeronymo, antes da invasão hollandeza por Pero de Albuquerque, casado com D. Catharina Camela. Foi confiscado pelos hollandezes em 1637. Jacirú ou Jassirú, traduz o Dr. Alf. Carvalho, voc. tupy significando atoladiço.

Jacobina — *Engenho*, situado no mun. do Cabo.

Jacobina — *Porto*, no rio Capibaribe, freg. de N. S. da Graça, mun. do Recife. — Deve o nome ao facto de ahi, junto a um sitio seu, fazer desembarque de materiaes de construcção, Eustaquio Ferreira Jacobina.

Jacú — *Lagôa*, no mun. de Bom Conselho.

Jacú — *Log.* no mun. de Nazareth, freg. de Vicencia. (Vide BUENOS AIRES).

Jacú — *Log.* no mun. de Quipapá.

Jacú — *Povoação*, situada sobre a serra de seu nome, ao norte do mun. do Brejo, tem uma cap. sob a inv. de Santo Antonio.

Jacú — *Povoação*, situada na freg. de Taquaretinga. Ahi existe uma cap. sob a inv. de Santo Antonio.

Jacú —*Serrota*, ao norte da pov. de Cimbres, mun. deste nome.

Jacuhype — *Eng.* no dist. de Bello Jardim, mun. do Brejo.

Jacuhype — *Rio*. Nasce no Estado das Alagôas na serra do Balão e, tomando a direcção deste Estado, limita-o com aquelle nos muns. de Quipapá, Palmares e Agua Preta; e d'ahi seguindo interna-se por este, e depois, entre os limites dos muns. de Agua Preta e Barreiros e vae desaguar no rio Una, em terras do eng. Limeira. Tem como affls. os riachos: Taquara, Pirajá, Jacuhype Meirim, Piragybe, Timbó e João Mulato, fazendo sua foz no rio Una, no eng Presidio. Banha em Pernambuco os seguintes logares: Sertãosinho, o eng. Cavaco, Porto Rico, Pirajú, Pirajá, Campos Frios, engs. Villa Rica, Gabinete, Pasto Grande, Pastinho, Campina Grande, Cruz de

Malta, Bom Successo e Presidio. E' digno de menção, na rebellião denominada *Cabanada* ou de *Panellas de Miranda*, porque, passando em terrenos cheios de mattos, actualmente do mun. de Quipapá, mas então do distr. de Panellas, alli organisou-se e foi feita uma longa resistencia, com aquelle titulo e sob o pretexto da reposição no throno do primeiro monarcha do imperio brazileiro — D. Pedro I, tendo grandemente concorrido para a terminação da lucta a benefica influencia do bispo de Olinda, João da Purificação Marques Perdigão. Jacuhype voc. indig. — significa logar ou paradeiro de aves. *Jacú*, ave e *ip*, logar ou paragem.

Jacuhype-Meirim — *Riacho* —Corre no mun. de Agua Preta e Palmares e depois de um curso de uns 20 kiloms. approximadamente, desagua no Jacuhype, 5 kiloms. abaixo do eng. Villa Rica. Existe sobre o mesmo, na estrada da Colonia Soccorro uma ponte de madeira.

Jagrussú — *Log.* do mun. de Bom Jardim.

Jaguameirim—*Eng.* da freg. de Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth.

Jaguara — *Riacho* — Corre no mun. da Escada para o rio Ipojuca. Este voc. que é indigena em lingua tupy, diz B. Rocha, se dá indistinctamente á onça e ao cão, extendendo-se muitas vezes até a mamiferos de outros generos.

Jaguaraba—*Engenho*— Situado no mun. de Bareiros.

Jaguarana—*Eng.* do mun. de Amaragy.

Jaguarana—*Engenho*—Situado no mun. da Escada.

Jaguarão — *Engenho* — Situado no mun. de Serinhãem.

Jaguarão — *Riacho* — Corre no mun. de Serinhãem.

Jaguaré—*Engenho*—Situado no mun. de Serinhãem.

Jaguaribe—*Eng.*—no distr. de Bello Jardim, mun. do Brejo.

Jaguaribe—*Engenho* — Situado no mun. da Escada.

Jaguaribe — *Eng.* a marg. do rio Timbó, a 15 kiloms. ao sul de Iguarassú, a cujo mun. pertence.

Jaguaribe—*Povoação*— Situada na freg. de Itamaracá ao norte da sede e a 25 kiloms. da cidade de Iguarassú, perto do littoral, possue uma cap. dedicada ao Senhor dos Passos. O nome Jaguaribe é voc. indig. e significa—*cão maior*, outros traduzem, *rio do Jaguar*.

Jaguaribe—*Rio*—Nasce em um outeiro proximo do extremo norte da ilha de Itamaracá e depois de um curso de perto, de 12 kiloms. vae desaguar pelo lado sul da barra de Catuama e no extremo da ilha, offerecendo suas margens magnificas salinas Em sua carreira nenhuma corrente tem e é alimentado mais pelo fluxo e influxo das marés, pelo que suas aguas são salgadas. Seu fundo varia de 9 a 18 palmos, mas ha poços em que se encontra 36 a 45 palmos. Sua foz é secca por grandes coroas de areia. E' elle muito concorrido por seu crystallino sal, superior ao do Assú, e procurado de preferencia para a salga de couros por pequenas barcaças e canôas.

Jaguaribe-Meirim—*Eng.* no mun. da Escada.

Jaguary — *Eng.* — no mun. de Serinhãem, tem uma cap. sob a inv. de N. S. da Conceição.

Jagurussú — *Riacho* — Affl. do Capibaribe.

Jandiroba—*Riacho*— Corre no mun. de Bom Conselho para o Parahyba.

Janga — *Povoação* — Situada na freg. de Maranguape, mun. de Olinda. Fica á borda do mar, é habitada em sua maioria por pescadores e dá-lhe do alto mar um tom todo pittoresco a abundancia de coqueiros, em meio dos quaes figura a mesma povoação.

Janga—Denomina-se assim uma ponta fina de areia, saliente, rasa e coberta de coqueiros, a qual fórma a pequena enseada de Pau Amarello. E' baixa areiada e bastante povoada todo o local desta parte do littoral. Não muito distante da ponta do Leitão, situado na praia e perto de 800 metros ao norte da ponta do Janga, fica o fortesinho de N. S. dos Prazeres, de Pau Amarello. Os dous povoados de N. S. do O' e de Pau Amarello são quasi ligados. Com pouco mais de 6 milhas ao SO da ponta do Janga está a de Olinda. Logo depois da ponta do Janga, continuando o littoral do povoado se encontra a igreja de N. S. da Conceição do Medico e, uma milha distante, a ponta da Quadra.

Jangadas— Vide BARRA DE JANGADAS.

Jangadeira—*Eng.* no mun. de Goyanna, na freg. de N. S. do O' a 7 kiloms. ao SE da villa deste nome e a 17 ao SO da cidade de Goyanna.

Jangadinha—*Eng.* no mun. de Jaboatão, a 15 minutos ao norte da Estação de Tegipió.

Jangadinha — *Riacho* — Atravessado pela E. F. de Caruarú, banha o eng. de seu nome e derrama no rio Tegipió.

Januario—*Corrego*—Situado no valle do rio Canhoto, banha o mun. de Canhotinho.

Japaranduba—*Eng.* situado no 1° distr. de Palmares, 3 kiloms. ao sul, cujas terras são banhadas pelo rio Una. Limita-se com os engs. Bom-Destino, Montes e Venus.

Japaranduba— *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Japaranduba—*Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Japaranduba—*Log.* no mun. de Bom Jardim.

Japaranduba —*Riacho*— Corre no mun. de Palmares e derrama no rio Una.

Japaranduba—*Riacho*—Banha o mun. de S. Lourenço da Matta e despeja no rio Capibaribe.

Japaranduba—*Serra*—Situada ao sul da villa do Altinho.

Japaranduba—*Serra*—Situada no mun. de Panellas, fica ao norte da séde a uns 6 kiloms. de distancia.

Japarandubinha —*Engenho*— Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Japecanga — *Log.* no mun. de Bom Conselho.

Japecanga — *Riacho* — Rega o mun. de Bom Conselho e corre para o rio Parahyba.

Japecanga — *Serra* — Situada entre os muns. do Bonito e do Brejo.

Japomim—*Eng.* Situado no mun. de Goyanna. Do Dr. F. A Pereira da Costa transcrevo o seguinte : Ao mesmo tempo que a acção civilisadora dos donatarios de Pernambuco se ia desenvolvendo com as suas frequentes concessões de terras para o levantamento de engenhos de assucar, germens de povoações esparsas, e depois florescentes cidades, igual iniciativa desenvolviam tambem os donatarios de Itamaracá, então capitania independente, e nesse intuito alongam-se as suas concessões de terras até as extensas varzeas do Capibaribe-meirim, no valle de Goyanna, cuja circumscripção territorial pertencia então áquella extincta donataria, que reunida á de Pernambuco, posteriormente, por titulos de reversão á corôa, ficaram ambas constituindo uma só capitania, independente já de senhorio particular. E' assim que, existindo já em 1570 uma data cultivada no Capibaribe-meirim, concedida ao colono João Dourado pelos donatarios de Itamaracá, obteve então o colono Diogo Dias, morador em Pernambuco, por carta de sesmaria passada em 1 de Janeiro pelo capitão João Gonçalves, loco-tenente da donataria D. Jeronyma de Albuquerque e Souza, uma extensa data de terras na mesma situação,—

nas ilhargas de João Dourado,—com um perimetro de 5.000 braças em quadro para o levantamento de um engenho, com o onus de pagar á dita senhora da terra—*dois por cento de todo o assucar em pó que se fizesse no engenho ou engenhos de agua que se levantasse, além do dizimo a Deus, dos fructos que houvesse*. De posse das suas terras, e convenientemente preparadas para a fundação do engenho, que ficou situado á margem septentrional do Capibaribe-meirim, onde mais ou menos está por defronte a actual cidade de Goyanna, dentro de pouco tempo — vicejavam soberbos cannaviaes nos mesmos logares em que pouco antes selvas impenetraveis escondiam os mais ricos thesouros do solo; a pouca distancia do rio alvejava a casa de vivenda de Diogo Dias, aos lados as de suas filhas e filhos casados, e no fundo do quadro impunham-se á vista os alentados e grosseiros edificios do engenho e casa de purgar, seguindo-se enfileiradas algumas choupanas de trabalhadores e escravos. De par com todos os serviços de montagem do engenho e do que era mais necessario á marcha regular dos trabalhos agricolas e de fabricação do assucar, não se esqueceu Diogo Dias que era cercado de terriveis inimigos, os valentes Potyguaras, e convenientemente preveniu-se de homens aos quaes pagava soldo, e defendeu o estabelecimento com extensos valados e fortins construidos nos aterros interiores, artilhados e presidiados, e de onde se combatia com vantagem, repellindo os assaltos dos indios. A fazenda de Diogo Dias constava de um pessoal de mais de seiscentos homens, que levara da capitania de Pernambuco, onde morava elle. Entretanto, apezar de todas essas prevenções, e depois de repetidos ataques, chega emfim a hora tremenda dos revezes da fortuna; e sublevando-se os indios, atacam inopinadamente a fazenda em começo de 1574, perecendo na prolongada refrega, além de consideravel numero de gente livre e escrava, o proprio Diogo Dias, um filho e cunhados, um genro e tres netos, um irmão e duas filhas, levando ainda os selvagens o seu furor sobre os proprios animaes da fazenda, a todos matando, e destruindo todas as construcções. Dessa horrivel catastrophe apenas escaparam, da familia do infeliz Diogo Dias, dois filhos seus, Boaventura Dias, por se achar casualmente em Olinda, e um seu irmão menor por nome Pedro, que estava em Portugal. Boaventura Dias tentou ainda reparar os revezes, associando-se ao colono pernambucano Miguel Barros, porém, infeliz ainda, vendo de novo a fazenda destruida e aquelle colono e toda a sua familia cahirem victimas dos indios, desanimou e abriu mão das suas terras, vendendo-as a João Cavalcanti, senhor do engenho Araripe por escriptura de 18 de Junho de 1577. E' nas terras da sesmaria de Diogo Dias, que está situado o engenho Japomim.

Japomim —*Rio*— Corre no mun. de Goyanna.

Jaqueira— *Eng*. —Situado no 1° distr. de Palmares, 15 kiloms., ao sul.

Jaqueira —*Log*. — Na freg. da Graça, mun., do Recife onde a via-ferrea de Caxangá no ramal de Apipucos tem uma estação entre as de Ponte do Uchôa e Parnameirim.

Jaqueira —*Povoado*— Situado á marg. esquerda do rio Pirangy em solo um pouco elevado, possue umas 20 casas sendo tres assobradadas, não havendo nenhuma cap. na localidade. A via-ferrea— Sul de Pernambuco tem ahi uma estação no kilom. 31,010 de Palmares, a cujo mun. pertence o povoado, e a 185ms de altura sobre o nivel do mar, aberta ao serviço publico em 28 de Setembro de 1883.

Jaqueira — Uma das estações do prolongamento da Estrada de Ferro de S. Francisco (E. F. Sul de Pernambuco).

Jararaca —*Log*.—Nas extremas das freguezias de S. Vicente de Tim-

baúba com a da Barra de Nazareth (na Parahyba).

Jararaca — *Log.* — Na freg. de N. S. do O', mun. de Goyanna.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Jardim — *Eng.* — No mun. do Cabo, onde existe uma cap. da inv. de N. S. dos Prazeres.

Jardim—*Eng.*—Situado no mun. de Goyanna, na freg. de N. S. do O'.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. de Iguarassú.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. de Itambé.

Jardim —*Engenho* — Situado no mun. de Jaboatão.

Jardim—*Eng.*— Situado no mun. de Olinda.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. de Páo d'Alho.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. de Palmares.

Jardim — *Engenho* — Situado no mun. de Serinhãem.

Jardim — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Jardim — *Engenhoca* no mun. de Bezerros.

Jardim—*Povoação*—No mun. de Bom Jardim, freg. de Surubim, 18 kiloms. ao noroeste da matriz, cap. de N. S. do Livramento.

Jardim — *Serra* — No mun. do Brejo da Madre de Deus.

Jardim — *Serra* — Situada no mun. da Pedra. Faz parte da cordilheira que vem de Cimbres com varias denominações, como sejam—Cruz, Gameleira, Lages e Paxinana.

Jaricotá — *Distr.* de Alagôa de Baixo, tendo por divisas os riachos Xilili e Cupety.

Jassí—*Eng.* no mun. de Goyanna.

Jassirú—*Riacho*—Corre no mun. de Serinhãem e despeja pela marg. do norte, no rio Serinhãem.

Jatinan — *Serra* — No mun. de Floresta.

Jatobá — *Engenho* — No mun. de Agua-Preta, á marg. do rio Una e a 20 kiloms. ao sudoéste da séde.

Jatobá — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Jatobá — *Engenho* — Situado no mun. de Goyanna.

Jatobá — *Engenho* — Situado no mun. de Serinhãem.

Jatobá — *Lagôa* — No mun. de Flores.

Jatobá —*Log.*—No mun. de Buique ao norte da séde.

Jatobá — *Log.* — No mun. de Triumpho.

Jatobá — *Povoação* — No mun. do Brejo, ao NE., á marg. do riacho Madre de Deus, em terreno elevado e secco. E' uma povoação florescente, cujo inicio data de 1869. Possue uma cap. cujo orago é S. Antonio. Dista 38 kiloms. da cidade do Brejo. Tem uma feira.

Jatobá— *Pov.*—No mun. de Boa Vista.

Jatobá — *Riacho* — Banha o mun. do Brejo e desagua no rio Capibaribe.

Jatobá — *Riacho* — Nasce na serra do Mondé, e correndo no mun. de Limoeiro, perto da pov. Pedra Tapada, vai derramar no Capibaribe, marg. direita, no logar de seu nome.

Jatobá — *Riacho* — Affl. do rio Una.

Jatobá — *Villa* — Séde do mun. de Tacaratú.

Topographia — Situada á margem do rio S. Francisco é uma povoação florescente, bem edificada, contendo umas 400 casas e uns 3.000 habitantes. E' o ponto final da E. de F. Paulo Affonso. E' porto de canôas e barcas vindas do Alto S. Francisco, da Januaria, do Joazeiro e outros pontos da Bahia e Minas. Além da excellente estação da via-ferrea, ahi são as officinas com fundição de metaes, serrarias, etc., occupando muitos artistas e operarios. Escolas, diversas

casas de negocio, boa feira, agua abundante, cadeia, casa da Municipalidade, igreja, etc. Perto de Jatobá, a 2 kiloms. de distancia fica a bella *Cachoeira de Itaparica*. (Vide TACARATU).

Javunda — *Engenho* — Situado no mun. de Jaboatão.

Javunda — *Riacho* — Corre no mun. do Cabo para o rio Gurjaú que o recebe no eng. Gurjaú de Cima.

Jequi — *Riacho* — Corre entre os muns. de Boa Vista e Cabrobó, separando-os, indo despejar no rio São Francisco.

Jequitibá — *Riacho* — Corre no mun. do Cabo e desagua no riacho Gurjaú no eng. Gurjaú de Cima.

Jerimongo — *Serra* — Situada no mun. de Bom Conselho.

Jeronymo — *Riacho* — Vide São JERONYMO.

Jerusalém — *Engenho* — Situado no mun. de Serinhãem.

Jerusalém — *Log.* — no mun. de Villa Bella.

Joá — *Eng.*, no mun. de Nazareth, freguezia de Lagôa Sêcca.

Joá — *Eng.* — no mun. de Cabrobó, distr. de Orobó.

Joá — *Fazenda* de criar, no mun. do Brejo.

Joá — *Log.*, na freguezia do Exú.

Joá — *Logarejo*, situado no mun. de Leopoldina, formado por 12 fazendas de criar, fica n'um baixio onde fazem plantações de arroz.

Joá — *Pov.*, no mun. de Limoeiro á marg. direita do Capibaribe, á 1 kilom. de distancia da séde. Contém umas 40 casas e não possúe capella. No lado opposto fica a cidade do Limoeiro.

Joá — *Serra* — Ao sul da villa de Alagôa de Baixo.

Joanna Bezerra — *Ilha* — Situada entre as freguezias da Capital, S. José, Boa Vista e Afogados, pertence a esta ultima. Erradamente se tem chamado Anna Bezerra. Joanna Bezerra, viuva de Belchior Alves, foi sua proprietaria.

João — *Riacho* — Corre no mun. de Flores e desagua no rio Pajehú.

João — *Serra* — Situada no mun. de Correntes.

João Affonso — *Riacho* — Affl. do rio Goitá.

João Alves — *Logarejo* na freguezia e mun. de Quipapá.

João Bento — *Povoado* — Situado no mun. de Granito, tem uma capella.

João de Barros — Estação da via-ferrea de Olinda, no kilom. 1,916,mo da estação inicial, rua da Aurora. Fórma uma povoação composta de sitios e boas vivendas e deve seu nome não só á cap. que em 1678 João de Barros Correia edificou, como tambem á estrada que nesses terrenos abriu, então de sua propriedade.

João Carlos — *Lagôa* — Situada na freg. e mun. de Taquaretinga.

João Congo — *Serra* — Situada no mun. de Bom Jardim a 22 kiloms. ao E. da séde. E' de uma subida longa 246,mo de altitude.

João Crispim — *Lagôa* — Fica no mun. de Cimbres onde nasce o rio Ipojuca e onde se encontram varios fosseis. Esta lagôa é curiosa por uma escavação nella feita, onde encontraram-se ossos de varias especies e esquisitos, sendo que acharam-se queixáes com peso muito superior a 1 kilog., os quaes se avalia serem de animaes anti-diluvianos, como o mastodonte.

João Cunde — *Riacho* — Nasce no eng. Baixa Verde, mun. de Timbaúba, e com 12 kiloms. de curso, despeja no riacho Agua-Torta, no eng. Morenos, freg. de Itambé.

João Gomes — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

João Mulato — *Riacho* — Corre no mun. de Barreiros.

João Pinto — *Serra* — Situada proxima a cidade do Limoeiro na parte septentrional, é um prolongamento das do Urubú, Raposa e Barrica.

Joaquim Pedro — *Riacho* — Nasce ao norte do mun. de Canhotinho e corre para o rio Canhoto.

Joaseiro — *Arraial* — Situado no mun. de Villa Bella.

Joasinho — *Riacho* — Corre e despeja no rio Capibaribe ao lado norte.

Jordão — *Riacho* — Nasce no logar Zumby. Ganha o sopé dos Montes Guararapes, a Bôa Viagem, freg. de Afogados, e lança-se no Capibaribe por dous braços abaixo da ponte de Mocotolombó, na povoação de Afogados.

Jordão — *Serra* situada no mun. do Brejo, freg. de Bello Jardim, ao nordeste da séde parochial.

José Bento — *Riacho* — Corre no mun. de S. Bento, nascendo na Fazenda do Meio, tem pequeno curso e derrama no rio Una.

José da Costa — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

Juá — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Jucá — *Eng.* Situado no mun. de Bom Jardim.

Jucá — *Eng.* no mun. de Goyanna, na freg. de N. S. do O'.

Jucá — *Engenho* — Situado na freg. Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Jucá — *Log.* no mun. de Limoeiro, pertencente na parte ecclesiastica ao mun. de Bom Jardim, fica-lhe a sudoeste a 24 kiloms. da séde.

Jucá — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Juliana — *Serra* — Situada ao sul de Jatobá, proximo ao rio S. Francisco, seguindo-a como cordilheira as do Furado e do Porteirão, depois Tacaratusinho, Tacaicó, Bruno e Cambembe, onde no logar Cruz o rio Moxotó interrompe para seguir a cordilheira pelo Estado de Alagôas.

Junco — *Eng.* da freg. de Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth, tem uma cap. sob a invoc. de N. S. da Conceição.

Junco — *Lagôa* — Situada no mun. de Cimbres, a 12 kiloms. ao sul da cidade Santa Agueda de Pesqueira.

Junco — *Lagôa* — Fica ao leste de Taquaretinga e comprehendida em territorio deste mun.

Junco — *Lagoa* — Situada no mun. de Bom Conselho.

Jundiá — *Eng.* no mun. da Escada, a 12 kiloms. da séde.

Jundiá — *Engenho* — Situado no mun. de Nazareth.

Jundiá — *Eng.* na freg. de Una do Rio Formoso, a 12 kiloms. a sudoeste da séde e a seis da pov. de Una ao nordeste, á margem do rio. Tem uma cap. da invoc. de N. S. da Piedade.

Jundiá — *Fazenda de criar* — em Jatobá, mun. do Brejo.

Jundiá — *Serra* — Situada no mun. de Nazareth, junto ao eng. do mesmo nome, na qual se torna notavel uma pedra colossal que parece desabar sobre os que d'alli se aproximam e donde em sua eminencia a vista encanta-se em observar como que um novo mundo que lhe fica em roda.

Jundiá Assú — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria.

Jundiá Meirim — *Rio* — Corre no mun. da Escada, a 12 kiloms. da séde.

Jundiá de Baixo — *Engenho* — Situado na freg. do Una do Rio Formoso.

Jundiá de Catateira — *Riacho* — Tem pequena extensão em seu curso, banha o solo do mun. da Escada, indo reunir suas aguas ás do rio Ipojuca.

Jundiá de Cima — *Engenho* — Situado no mun. do Rio Formoso.

Jundiá do Goloso — *Engenho* — Situado no mun. da Escada.

Jundiahy — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Junqueira — *Riacho* — Affl. do rio Piraama.

Junquinho — Denominação de um pequeno braço do rio Maracahype.

Jupy — *Fazenda* de criar, situada no mun. pe Canhotinho. Tem uma cap. da inv. de N. S. do Rosario.

Foi fundada por Antonio Vieira de Mello e nella está situada a povoação.

Jupy — *Povoação* — Pertence ao mun. de Canhotinho, situada ao norte da séde e distante 10 kiloms. da de Lagedo, foi fundada pelo coronel Francisco Ignacio de Paiva, e tem uma cap. dedicada a N. S. do Rosario. Em 1904 possuia tres estabelecimentos commerciaes. Deve seu nome á serra que lhe corre junto, de igual denominação. Pertence no ecclesiastico a S. Bento. Dista desta cidade 30 kiloms. e da de Canhotinho 60 kiloms. Mais de uma vez foi este logar atacado pelos negros dos quilombos dos Palmares. Voc. ind. composto de *yu*—espinho; *pi*—agudo: espinho agudo (A. Carvalho).

Jupy — *Serra* — Situada no mun. de Canhotinho, junto ao povoado do mesmo nome, na direcção de leste a oeste, com a extensão de uns dois kilometros. Tem uma elevação aproximada de 400 ms. e termina no logar conhecido com o nome de Genipapo.

Jurema — *Engenho* — Situado no mun. de Itambé.

Jurema—*Lagôa*—Situada entre o riacho do Peixe e o do Matheus, á marg. do rio S. Francisco.

Jurema — *Log.* ao norte do mun. de Buique.

Jurema — *Povoação* — Situada ao norte de Quipapá, a cujo mun. pertence, fica na encosta de uma serra; tem um aspecto alegre; 200 habitantes aproximadamente, umas 50 casas e uma cap. dedicada á Virgem da Conceição, erigida em 1840. Existe ahi um açude que raramente sécca, e uma feira aos sabbados.

Jurema — *Povoado* — Pertence ao mun. do Brejo da Madre de Deus.

Jurissaca — *Eng.* do mun. do Cabo, tem uma cap. sob a inv. de São João Baptista, instituida primitivamente em 1626. João Paes Barreto e sua mulher instituiram o morgado Madre de Deus em favor de seu filho primogenito de igual nome, e seus successores, e na falta destes, os seus immediatos, segundo a ordem de successão estabelecida em direito. A instituição do morgado teve confirmação regia por Alvará de 25 de Julho de 1603. João Paes Barreto instituiu tambem o *Morgado de Jurissaca*, em 1614, em favor de sua filha D. Catharina Barreto, quando casou-se com D. Luiz de Souza. Homem de prestigio e influencia na colonia, sabendo bem dispôr e gozar da sua avultada fortuna, principalmente constante das suas propriedades territoriaes e engenhos de assucar situados no cabo de Santo Agostinho, mereceram a particular attenção do velho fidalgo João Paes Barreto as instituições de obras pias, e principalmente a Santa Casa de Misericordia de Olinda, da qual foi provedor por muitos annos, dispensando-lhe todos os beneficios inspirados pela sua generosidade, e em cujo hospital se recolheu, por vontade propria, quando sentiu approximar-se o termo de sua existencia, por grave enfermidade, e onde falleceu no dia 21 de Maio de 1617. Sepultado na igreja da Misericordia daquella Santa Casa, em um jazigo proprio, na capella mór, do qual ainda se conserva a parte superior da lage de marmore que o sellava, ostentando-se fragmentadamente o brazão das suas armas, João Paes Barreto deixou um nome venerando e respeitavel, e foi o tronco de numerosa familia, cujos descendentes ainda hoje honram a sua memoria mantendo os seus appellidos. O Morgado de N. S. da Madre de Deus do Cabo vinculado no Engenho Velho, que ainda hoje campeia, á margem do caminho de ferro que passa fronteiro a esse velho e tradicional engenho, depois de atravessar uma existencia de mais de dois seculos e meio, foi extincto em virtude da lei de 6 de Outubro de 1835, e durante esse longo periodo de tempo teve sete administradores ou morgados, que foram: João Paes Barreto, o moço; Estevão Paes Barreto, seu irmão, casado com D. Catharina de Crasto; João Paes

de Crasto, casado com D. Anna do Couto, fallecido em 25 de Fevereiro de 1672; Estevão Paes Barreto, seu irmão; João Paes Barreto, filho do antecedente; Estevão Paes Barreto; e Francisco Paes Barreto, Marquez do Recife, fallecido em 26 de Setembro de 1848. (Dr. P. da Costa).

Jurubeba — *Serra* — Situada no mun. de Bezerros, proxima das do Boqueirão, Maravilha, Mondé e Sapato.

Jussara — *Eng.* do mun. de Barreiros.

Jussara — *Eng.* do mun. do Cabo.

Jussara — *Eng.* do mun. de Ipojuca ao poente da séde. Fica entre os engs. Bemfica ao N.; Fernandes ao O.; Castello ao Sul; e Monte-Douro ao Nascente.

Jussara — *Engenho* — Situado no mun. de Jaboatão.

Jussara— *Engenho* — Situado no mun. de Timbauba.

Jussara — *Engenhoca* do mun. do Canhotinho.

Jussara—*Povoação*—Fica ao O e na distancia de 25 kiloms. do mun. do Cabo, possuia, em 1897, sete estabelecimentos commerciaes.

Jussara — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Riachão.

Jussara — *Serra* — Atravessa de léste a oéste os muns. de Bom Conselho, Aguas Bellas e Garanhuns na extensão de 48 kiloms. mais ou menos. E' um ramal da serra do Prata, o qual varia na trajectoria sob este nome e os de Catimbáo, Bastiões e Tojos. Na face oriental desta serra a vegetação é bem desenvolvida e se prolonga pela serra do Prata e além de Bom Conselho.

Jussara — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Jussaral — *Engenho* — Situado no mun. de Serinhãem.

Jussarinha — *Engenho* — Situado no mun. de Timbauba.

K

Kagados — *Riacho* — Nasce da serra de seu nome, freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba e desagua no Capibaribe meirim.

Kagados — *Serra* — Situada no mun. de Timbaúba, ao sopé da qual está o pov. de S. Vicente.

L

Laços — *Engenho* — Situado no mun. de Itambé.

Laços—*Log.* no mun. de Gamelleira.

Laços—*Serra*—Situada no mun. de Altinho, districto de Bebedouro.

Laços—*Serra*—Situada ao sul da freg. da Gloria de Goitá, formando um cordão de serras com as da Palmeira, dos Olhos d'Agua e Ladeira Vermelha.

Ladeira Cavada — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho onde desagua no Baixa Grande, affl. do Freixeiras.

Ladeira dos Mudos — *Log.* no Arrayal, freg. do Poço da Panella,

mun. do Recife. E' cortado pela E. de F. do Caxangá.

Ladeira do Tanha— *Log.* nos limites de S. Vicente do mun. de Timbaúba com a freg. da Barra de Natuba.

Ladeira Vermelha— *Log.* no mun de Bom Conselho.

Ladeira Vermelha—*Serra*— Situada no mun. da Gloria de Goitá, ao sul da freg.; com as serras dos Laços, da Palmeira e dos Olhos d'Agua forma uma cordilheira dividindo esta freg. da de S. Antão da Victoria.

Ladino — *Fazenda* de criar, no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Lagamar — *Eng.* no mun. de Goyanna, na freg. de N. S. do O'.

Lagartixa—*Riacho* — Nasce no logar Quebra Jejum, mun. de Limoeiro, numa varzea e correndo de norte para o sul derrama no Capibaribe pela marg. esquerda.

Lage—*Lagoa*—Situada na freg. de Bebedouro, mun. do Altinho.

Lage—*Log.* no mun. de Bom Conselho.

Lage—*Riacho*—Nasce na serra de S. José e, correndo no mun. de Conceição da Pedra, despeja no cordeiro, affl. do Ipanema.

Lage—*Riacho*—Nasce e corre na freg. de Surubim e depois de 12 kiloms. de curso, despeja no Cáe-ahi, no logar Motta.

Lage—*Riacho*—Nasce na freg. de Triumpho e depois de receber o riacho Olho d'Agua, despeja no Pajehu, mun. de Villa Bella.

Lage Bonita — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Lage Formosa—*Engenho*— Situado no mun. de Palmares.

Lage Grande—*Povoação*— Situada no mun. do Bonito, tem uma cap. da inv. de S. Vicente. Encontra-se nas proximidades da pov. a pedra calcarea.

Lage de Una—*Eng.* no mun. de Agua Preta.

Lagedo — *Eng.* no 1° distr. do mun. de Palmares, 12 kiloms. ao sul da séde.

Lagedo - *Povoação* — Situada no mun. de Canhotinho, e fica situada á marg. da estrada que se dirige de São Bento á Canhotinho, distando 48 kiloms. da séde do mun. e 35 kiloms. de São Bento. Deve seu nome a um lagedo que existe na localidade. Collocada em plano agreste, offerece um clima benefico, é circumdada por plantações de cereaes, e mais longe por fazendas de gado. Tem uma cap. dedicada a S. Antonio e pertence a pov. ecclesiasticamente á freg. de S. Bento.

Lagedo—*Povoado*—No mun. de Panellas, fica num alto, distando 18 kiloms. da séde, trazendo a denominação de um grande lagedo ao pé do qual foi edificado. Não tem cap. é pequeno e bastante atrazado.

Lage do Jaoú — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Lageiro — *Log.* no mun. de Agua Preta.

Lageiro — *Povoado* — Situado no mun. de Canhotinho ao norte da séde, possue uma cap. dedicada a Santo Antonio.

Lageiro do Cedro — *Riacho* — Corre no mun. de Bezerros.

Lageiro do Vigario—*Riacho* — Corre no mun. de Limoeiro a 84 kiloms. de distancia da séde do municipio.

Lagem — *Fortaleza* — Construida no porto do Recife em 1614 pelo engenheiro Francisco de Frias, hoje conhecida pelo nome de Picão.

Lagem—*Lagôa* — Situada ao lado da estrada que no mun. de Taquaretinga vae passar no Olho d'Agua da Onça, 5 kiloms. distante do pov. de Vertentes.

Lage Nova—*Engenho*—Situado no mun. de Serinhãem.

Lage Nova—*Engenho*—Situado no mun. de Palmares.

Lages — *Engenho* — Situado no mun. de Bom Jardim.

Lages — *Eng.* situado no mun. de Gamelleira, a 18 kiloms. da séde.

Lages — *Engenho* — Situado no mun. de Itambé.

Lages — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Lages — *Engenho* — Situado no mun. de Timbauba.

Lages — *Riacho* — Nasce na parte occidental da freg. de Papacaça do mun. de Bom Conselho e por alli correndo, vae derramar depois de pequeno curso, no Garanhunsinho.

Lages — *Riacho* — Corre no mun. de Victoria e derrama no Tapacurá, affl. do Capibaribe.

Lages—*Serra*—Situada no mun. de Pedra e faz parte da cordilheira que vem de Cimbres, com varios nomes, como sejam: Jardim, Cruz e Gamelleira.

Lagôa Comprida — *Log.* no mun. de Limoeiro.

Lagôa Funda — *Log.* no mun. de Bom Jardim.

Lagôa Grande—*Log.* no mun. de Bom Conselho.

Lagôa Grande — *Povoação* — Situada a leste da cidade da Gloria de Goitá, a cujo mun. pertence. Tem uma cap. dedicada a N. S. dos Prazeres, fundada em 1711 e reconstruida depois por um missionario italiano.

Lagôa Nova — *Riacho* — Corre no mun. de Barreiros.

Lagôa Secca—*Povoação*—Séde da freguezia de N. S. do Bom Despacho da Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Historico — Sua existencia é, mais ou menos, do anno de 1850. A denominação de *Lagôa Secca* vem da lagôa que ahi existe e cujas aguas seccam completamente pelo verão. Foi elevada á cathegoria de parochia pela lei provincial n. 1880, de 5 de Julho de 1883, sendo canonicamente provida em 5 de Agosto de 1887 pelo bispo D. José P. da Silva Barros, conde de Santo Agostinho, inaugurando-a o seu 1º vigario, Padre Antonio Januario da Silva, em 21 do referido mez.

Extensão — De N. a S. uns 20 kilometros e de L. a O. 25.

Limites — Confina ao N. com a freguezia de N. S. do O' de Goyanna pelo riacho Matarysinho; ao S. com a de Tracunhãem pela estrada que vae do engenho Penedo ao do Junco; a L. com as de N. S. do O' pelo riacho Matarysinho, e de Iguarassú pelo riacho Gutiuba; a O., com as da Conceição de Nazareth pelo riacho Pagy e pela estrada do Gado, e Sant'Anna da Vicencia e N. S. do Rosario de Cruangy pela mesma estrada, e pela linha ferrea na parte leste. O limite civil tem differenças e é o seguinte: ao N. com o mun. de Goyanna (na freg. de N. S. do O'), ao S. com o mun. de Nazareth na freg. de Tracunhãem, pela linha descripta no limite ecclesiastico; a L. com o mun. de Goyanna (na freg. de N. S. do O') e com o mun. de Iguarassú; a O. com o mun. de Nazareth (na freg. da Conceição de Nazareth e na de Vicencia); e com o mun. de Timbauba (na freg. de Cruangy).

Clima e salubridade — O clima é um tanto humido nos mezes de junho e julho, e, fóra desse tempo, secco o ar, branda e agradavel a atmosphera. A salubridade é excellente, pois na freg. não existem molestias endemicas.

Topographia—A povoação de Lagôa Secca se acha situada no cimo de um monte, ou antes, de uma collina, que é interrompida ao norte pela lagôa que dá-lhe o nome e ao sul por uma varzea onde está collocado o eng. Lagôa Secca de Baixo e a leste e oeste por diversos corregos. Possue a igreja matriz, bem conservada, cemiterio, escolas, agencia do Correio e alguns estabelecimentos commerciaes e uns 800 habs. na séde parochial. A povoação é assentada em patrimonio da matriz que comprehende 50 braças sobre 30.

Povoações e Capellas — A freg. comprehende a povoação de *Alliança*, no sopé de um monte, a 15 kiloms. distante e onde existem duas capellas votadas uma a N. S. das Dores e outra a N. S. do Rozario. Existem mais as capellas do eng. Cangahú, sob o patrocinio da *Virgem dos Remedios*; do eng. Camaleões, dedicada a *Santo Antonio*; do eng. Junco, a *N. S. da Conceição;* do eng. Lagôa Secca de Baixo, ao patriarcha *S. José*; do eng. Montes, a *S. Gonçalo*; do eng. Pasta, a *N. S. do Rosario*; e do eng. Sipoal dedicada a *N. S. da Piedade*. Todas são bem conservadas. No engenho Joá ha um oratorio privado em que são celebradas missas.

Serras—O terreno da freguezia contém diversas ondulações mas nenhuma serra digna de menção.

Hydrographia — Os principaes rios são: O *Tracunhãem*, que nascendo no mun. de Bom Jardim banha, na freg. de Lagôa Secca os engs. Bôa Sorte, Pasta, Páo d'Arco, Marotos, Terra Preta, Camarão (marg. dir.), Junco, Salgado, Velludo, Sipoal, Urubú, Camaleão e Caricé (marg. esq.), cortando-a na direcção S a L e d'ahi ao NS e O na direcção do mun. de Goyanna. O *Sirigi*, que vem da freg. de Vicencia e banha na freg. a povoação d'Alliança, os engenhos Cangahú, Cangahusinho, Brejo, Agua Branca e Pirauá e toma a direcção da de N. S. do O', indo derramar no Capibaribe-meirim. O *Matarysinho*, que nasce na Chã do Camará e banha os engenhos Pendencia, Rebelde, Matarisynho, Republicano e Matary, vindo derramar no Tracunhãem. O *Gutiuba*, nasce no eng. Penedo e banha os engs. Mamulengo, Pasta, Gutiubinha, indo desaguar no riacho Carahú, no eng. do ultimo nome. O *Tapinassú*, nasce na freg. de Tracunhãem, banha os engs. Açude Grande, Limeirinha, Manibú, Bom Recreio, Pasta e derrama no rio Tracunhãem, em terras do eng. Sipoal. O *Ribeiro Grande*, nasce no eng. Ajudante, passa pelos de Jaguameirim, Guarany, atravessa a via-ferrea, Lagôa Secca de Baixo e vae despejar no rio Tracunhãem, no engenho Caricé. E ainda o *Massangana, Páo Amarello, Brejo* e outros menos importantes.

Engenhos — Pertence-lhe os seguintes: Agua Branca, Albuquerque, Brejo Barauna, Bôa Sorte, Baixa Verde, Camarão, Caricé, Cajá, Cameleões, Curupaity, Cangahú, Cangahusinho, Escorvadinho, Falcão, Guarany, Guariba, Gamelleira, Gamelleirinha, Joá, Jaguameirim, Junco, Lauriano, Lagôa Secca de Baixo, Matarysinho, Macacos, Marotos, Matto Limpo, Maré, Paysandú. Pindoba, Pasta, Páo d'Arco, Progresso, Pirauâ, Retiro, S. Antonio, Sipó Branco, Sipoal, Salgado, Ferro Preto, Urubú, Vertente e Velludo.

Distancia — A povoação de Lagoa Secca dista da cidade de Nazareth 12 kilometros; da estação da Estrada de Ferro, 3; e do Recife, 86.

Lagôa Secca— *Estação* da *Great Western Railway*, secção de Timbauba, no kilom. 84.144^m e na altitude 56^m,0. Foi aberta ao trafego em 1887.

Lagôa Secca de Baixo — *Eng.* situado na freg. de Lagôa Secca.

Lagôa Verde — *Log.* no distr. do mun. de Gamelleira, tem uma cap. da inv. de S. José.

Lagôa Vermelha — *Log.* no mun. de Limoeiro.

Lagôa' d'Agua — (Vide Bello Jardim.)

Lagôa da Besta — *Log.* nas extremas da freg. de S. Vicente de Timbauba com a da Barra de Natuba, entre os dous Estados de Pernambuco e Parahyba.

Lagôa da Raposa —*Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Lagôa da Vacca —*Povoado*— Fica a 38 kiloms. de Bom Jardim, tem uma capella particular da inv. de São José.

Lagôa de Souza—*Povoado*—Situado no mun. de Panellas, assim cha-

mado por ter sido edificado proximo de uma lagôa com esta denominação. Tem uma cap. com a inv. de N. S. das Dores, é situado em terreno baixo e fica a 9 kiloms. distante da villa de Panellas.

Lagôa do Carro — *Estação* da Est. de Ferro do Limoeiro no kilom. 66m,885. Está a 133m,0 de alt. Foi aberta em 20 de Fevereiro de 1882.

Lagôa do Carro — *Povoação* — Fica no mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem ao sudoeste e a 14 kiloms. de distancia desta povoação, situada em terreno quasi plano, possuindo uma edificação soffrivel, attingindo a umas 150—o numero de suas casas. E' logar quasi sem vida e tem uma feira aos sabbados. Ha na localidade uma cap. dedicada a N. S. da Soledade e proximo um cemiterio construido em 1870, com uma capellinha dedicada a S. Sebastião. A população deste logar pode avaliar-se em 1.000 almas.

Lagôa do Cavalleiro—*Logarejo* do mun. de Correntes.

Lagôa do Couro — *Logarejo* no mun. do Limoeiro a 6 kiloms. ao norte da cidade.

Lagôa do Curral — *Logarejo* no mun. de Buique, onde ha um oratorio particular.

Lagôa do Domingo — *Arraial* situado no mun. de Bom Conselho, onde ha uma escola municipal; contém muitas casas.

Lagôa do Emygdio—*Povoado* — Situado no mun. de Correntes, a 30 kiloms. de distancia da séde, tem uma cap. da inv. de N. S. Mãe dos Homens.

Lagôa dos Gatos — *Villa* — Séde do mun. de Panellas, é bastante florescente, fica em terreno baixo e perto da lagôa que lhe empresta o nome. Possue uma bella igreja sob a inv. de N. S. da Conceição, cuja construcção começou em 1871 e terminou em 1874. Dista 18 kiloms. ao nordeste da villa de Panellas, antiga séde do mun., e ainda da freguezia. (Vide Panellas.)

Lagôa dos Meninos—*Log.* no mun. de Pesqueira.

Lagôa Nova — *Riacho* — Corre na freg. de Bezerros.

Lagoinha — *Corrego* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Riachão, affl. do Traipú.

Lagoinha — *Engenho* — Situado no mun. da Gloria do Goitá.

Lagoinha — Pequena lagôa situada no mun. de Bom Conselho.

Lama—*Riacho*—Nasce na serra do Urubú a um kilom. abaixo da cidade do Limoeiro e com pequeno curso vae derramar no Capibaribe. Hoje sobre elle passa a linha ferrea do Limoeiro, pouco abaixo da estação.

Lama — *Riacho* — Banha o mun. de Agua Preta e desagua no rio Una.

Lamarão ou **Lameirão** — Um dos quatro ancoradouros da cidade do Recife. (Vide Recife — *Porto*).

Lameiros — *Logar* nos limites dos muns. da Gloria de Goitá e Páu d'Alho.

Lamenha — *Ilha* — Situada no mun. de Serinhãem.

La-me-vou — *Logar* no mun. de Serinhãem.

Laminhas — Um dos quatro ancoradouros do porto do Recife, entre o Banco do Inglez e o pharol do Picão. Tem fundo de 9m,0, lama e areia.

Lampeão — *Serra* — Fica situada no mun. de Gravatá.

Lapa — *Povoação* — Pertence ao mun. de Goyanna, de onde dista 36 kiloms. ao norte, comprehende se na freg. de N. S. do O', fica tambem ao norte da povoação deste nome. Possue uma cap. dedicada á Virgem Santissima.

Larangeira — *Eng.* no mun. de Agua Preta.

Larangeira — *Engenho* — Situado no mun. de Jaboatão.

Larangeira — *Engenho* — Situado no mun. de Nazareth á marg. do rio Sirigi e a 18 kiloms. ao NO.

Larangeira — *Engenho* — Situado na freg. do Una do Rio Formoso.

Larangeira — *Engenhoca* no mun. de Canhotinho. No mesmo mun. existe outra de egual nome.

Larangeira — *Log.* no mun. de Quipapá.

Larangeira — *Log.* no mun. da Victoria.

Larangeira — *Povoação* — Fica situada no mun. de Nazareth, e na freguezia de Tracunhãem, foi a primeira séde da freguezia de Nazareth, creada pela resolução de consulta de 17 de Dezembro de 1821 e sendo seu primeiro vigario o padre Martinho Caetano Pegado. Tem uma cap. da inv. de S. Joaquim, construida pelo proprietario José Francisco Belém.

Larangeira — *Riacho* — Corre no mun. do Brejo da Madre de Deus para o rio Capibaribe. Nesse riacho, perto da cidade do Brejo, ha uma cachoeira digna de menção, denominada *Escorrego*. As aguas do mesmo riacho depois de correrem num leito apertado de pedras, com uma perspectiva agradavel e bella, se lançam numa bacia natural, alguns metros abaixo da quéda das aguas.

Larangeira — *Riacho* — Affl. do rio Serinhãem.

Lasca do Pau — *Riacho* — Nasce no mun. de Palmares, distr. de Mutuns, no eng. Pendereca, correndo pelos terrenos dos engs. Sympathia e Barra do Dia, onde despeja no rio Ribeirão, depois de 6 kilometros de curso.

Laserre — (*Porto do*) — No rio Capibaribe, entre as fregs. da Graça e Afogados no bairro da Magdalena, deve a denominação a ter sido ahi porto de barcaças pertencentes ao francez Bernardo Laserre.

Lastro — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria.

Lauriano — *Eng.* na freg. da Lagôa Sècca, mun. de Nazareth, a 14 kiloms. ao N., perto de Alliança e á marg. do rio Sirigi.

Lavagem — *Engenho* — Situado no mun. de Páo d'Alho.

Lavagem — *Log.* do mun. de Bom Conselho.

Lava-pés — *Riacho* — Fica proximo á cidade de Bom Conselho e derrama no Papacacinha, affl. do Parahyba.

Lava-Tripas — *Riacho* — Nasce nas mattas do eng. Sapucaia, mun. de Olinda, e por elle correndo vae derramar no rio Beberibe, proximo da pov. Porto da Madeira.

Lavra de Cima — *Serra* — Situada ao nordeste do mun. de Bello Jardim, ao qual pertence.

Leão — *Eng.* a 3 kiloms. do mun. da Escada, ao qual pertence.

Leão — *Riacho* — Nasce da serra de seu nome e desagua no rio Traipú.

Leão — *Serra* — Situada no mun. do Bom Conselho, ao sul da séde.

Leitão — *Pontal* — Fica a tres milhas, a sueste do pov. de Maria Farinha, na lat. 7° 51' 50" e long. oriental 8' 17' 42". Chamam tambem a esta parte da costa enseada de S. José, a qual é povoada e cheia de coqueiros.

Lelé — *Povoação* — Pertence ao mun. de Goyanna.

Leopoldina — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de Sant'Anna de Leopoldina.

Historia — Primitivamente chamou-se Sacco do Martinho e era uma fazenda de gado de propriedade do tenente-coronel Martinho da Costa, fazendo parte do territorio de Cabrobó. Cidadão abastado e religioso Martinho da Costa, por instancias de sua esposa e com licença do Diocesano D. João da Purificação Marques Perdigão, resolveu edificar em sua propriedade, em 1847, uma capella sob a protecção de Sant'Anna e com pequenos intervallos contractava um sacerdote para celebrar missas alli. Este facto fez com que pessoas de logares mais distantes se approximassem, e

congregando-se nesse ponto varias familias transformaram em pouco tempo a fazenda em povoado. Em 1852 os habitantes contractaram um padre para capellão do logar e a povoação foi crescendo com esse influxo, sendo conseguido pelos habitantes que, em lei provincial sob n. 733, de 6 de Junho de 1867, fosse elevada á categoria de freg., com a denominação de Sant'Anna do Sacco, mudada depois pela lei n. 924, de 25 de Maio de 1870, para Leopoldina, em honra da princeza imperial D. Leopoldina, duqueza de Saxe e filha do finado Imperador D. Pedro II. Foi provida e installada canonicamente em Janeiro de 1868 com a nomeação e posse do 1° vigario Pe. Manoel Simplicio do Sacramento. Foi elevada á categoria de villa pela lei n. 1464, de 16 Junho de 1879, que incorporou-a á Comarca de Salgueiro, sendo installada em 19 de Abril de 1880. Foi creada cabeça de comarca por acto do Governador do Estado, de 10 de Julho de 1890, e installando-a, em 25 de Agosto do mesmo anno, seu 1° Juiz de Direito, Dr. Bernardino Maranhão. Constituiu-se, de accordo com a lei organica dos Municipios, n. 52, de 3 de Agosto de 1892, em municipio autonomo em 16 de Junho de 1893.

Extensão — De N a S comprehende 150 kiloms. e de L a O 120.

Limites — Confina ao N com o mun. de Granito, desde a barra do riacho Arara, em linha recta, á fazenda Alagôa Grande, inclusive, e d'ahi á fazenda Ipueira, junto ao riacho Espirito Santo; a L. com o mun. de Salgueiro nas fazendas Riachinho, Sanguesuga, Serrote, até Cacimba Nova, Romão, Macambira, João Gomes, Pinguela e outros logares que se incluem nesta direcção, ficando dentro dos limites as fazendas Espirito Santo, S. Bento, Terra Nova e Umans, e d'ahi desde S. Antonio, Emburanas, Bom Jardim e Boa Vista, subindo pelo riacho da Brigida, do Fumo até a Onça, inclusive; ao S com o mun. de Cabrobó, desde as fazendas Boa Esperança até Terra Nova e Umans; e, finalmente, a O com o mun. do Ouricury, desde a fazenda Varzea Grande, pelo riacho da Volta acima, até a fazenda Caldeirão, pertencendo-lhe as fazendas Umans, Terra Nova, Alagôa dos Cavallos, Sitio, Cacimbas, Emburanas e Bom Jardim e todo terreno comprehendido desse logar até o riacho Pau Furado pela marg. esquerda acima.

Divisão — Consta de uma só freg. e dous districtos municipaes e 4 policiaes.

População — O mun. contém umas 5.000 almas, sendo a comprehendida na area da villa de uns 600 habitantes.

Aspecto e natureza do sólo — O terreno é mais elevado na parte norte e mais baixo na do sul; e é no geral mais plano do que ondulado. E' de natureza calcarea, argillosa e granitica, sobretudo.

Clima e salubridade — O clima é secco e quente, apezar de serem as noites de temperatura suave e deliciosa. A salubridade é excellente, quer na séde do mun., quer nos demais logares, não havendo nenhuma molestia endemica, mas um clima magnifico para a tuberculose.

Topographia—A villa de Leopoldina, a uns 800 metros de altitude está situada nas faldas de uns outeiros que demoram á esquerda do riacho da Brigida, cujo valle formoso se extende pelas encostas. Está collocada na posição L a O passando-lhe no centro a estrada que se dirige para Salgueiro. Possue tres ruas de casas soffriveis e em numero que se poderá avaliar em 100; igreja matriz; cemiterio com capella, construido em 1878 por Fr. Venancio Maria de Ferrara, feira pequena uma vez por semana, pouco commercio, agua potavel regular e abundante.

Povoados — *Páo Ferro*, pequeno povoado; *S. Domingos*, com umas 15 casas e *Sanguesuga*, com umas oito habitações.

SERRAS—As principaes são: a dos *Macacos*, das *Vassouras*, na fazenda Bôa Esperança, da *Favella*, das *Balanças*; a de *Sant'Anna* (bastante grande) e outras menos importantes.

RIOS E RIACHOS —Regam o mun. de Leopoldina os seguintes: *Brigida*, *Cacimbas Novas*, *S. Joaquim*, dos *Cavallos*, na extrema com Salgueiro,(nascente para o sul), *Cacary*, *Bodocó* (nos limites com Ouricury), *Páo Furado* (nas extremas de Ouricury e Cabrobó), do *Bom Jardim*, do *Macaco*, do *Poço*, do *Fumo*, *Terra Nova*, affl. do S.Francisco, e outros de menor valor.

REINOS DA NATUREZA — No reino animal, entre outros: papagaios, aza branca, jurity, codorniz, rabaçan, rolas, marrecas, araras, canarios, cabeça-vermelha, casaca de couro, anuns, seriemas, nambús, mocós, preás, tamanduás, raposas, onças, gatos silvestres, furões, papa-mel, gados vaccum, cavallar, cabrum e ovelhum e animaes domesticos. No reino vegetal nota-se: angico, aroeira, baraunas, quixabeiras, joazeiros, pereiros, icós, xique-xique, caroá, macambira, favella, mandacarú, violeta, pau d'arco, etc. No reino mineral vêem-se: granitos, calcareos, sal gemma e indicios de ferro em varios logares.

PRODUCÇÕES —Produz gados diversos, milho, feijão, mandioca e outros legumes, canna de assucar, em pequena porção, e algodão.

COMMERCIO E INDUSTRIA — O commercio é insignificante e consiste, sobretudo, na exportação dos productos da industria local que são queijos, rendas, objectos de couros, couros curtidos e sómente espichados e gados de suas fazendas que são muitas, rapaduras, carnes seccas, etc.

VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Estradas, no geral, más, feitas pelo unico trilhar constante do caminheiro, e com direcção para Granito, Salgueiro, Ouricury, Boa Vista e Cabrobó, por um dos quaes logares tem de ser orientado o viajante que buscar qualquer outro ponto diverso.

DISTANCIAS —Demora do Recife 670 kiloms.; 290, de Petrolina; 40, de Granito; 90, de Salgueiro; 150, de Boa Vista; 70, de Ouricory; e 100, de Cabrobó.

Lettras — *Serra* — Situada no mun. de Flores, é um ramo da Borburema.

Lettreiro — *Serra* — Fica no mun. de Cimbres, é um dos pontos de divisa do Estado da Parahyba com o de Pernambuco no mun. de Cimbres.

Levas — *Eng.* situado no 1º distr. de Palmares, a 15 kiloms. ao oeste.

Levas — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Liberal — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

Liberal — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Liberal — *Riacho* — Nasce na serra do Bocú, mun. de Cimbres, distr. de Alagoinhas, e correndo pelo do Salobro, de poente a nascente, vae fazer barra no Ipojuca, pela marg. direita, com o Papagaio, na fazenda Cacimbas.

Liberalzinho — *Riacho* — Corre no mun. de S. Bento e derrama no rio Ipojuca, pela marg. direita.

Liberdade — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Liberdade — *Eng.* do mun. da Escada.

Liberdade — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Liberdade — *Log.* do mun. de Bom Jardim.

Lidador — *Engenho* — Situado no mun. de Agua Preta.

Limão — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Limão — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

Limão — *Engenho* — Situado no mun. de Itambé.

Limão — *Eng.* do mun. da Escada.

Limão — *Engenho* — Situado no mun. do Rio Formoso.

Limão — *Engenhoca* do mun. de Canhotinho.

Limão — *Riacho* — Corre no mun. da Victoria e desagua no Tapacurá.

Limão — *Riacho* — Corre no mun. de Quipapá.

Limeira — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Limeira — *Eng.* do mun. de Palmares, situado no 1° distr., a 15 kiloms. sudoeste.

Limeira — *Engenho* — Situado na freg. de Una do Rio Formoso.

Limeira — *Eng.* do mun. de Agua Preta, á marg. direita do Rio Una, a 15 kiloms. sudoeste.

Limeira — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria.

Limeira — *Eng.* do mun. de Goyanna, na freg. de N. S. do O'.

Limeira — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Limeira — *Eng.* do mun. da Escada, a 15 kiloms. distante da séde.

Limeira — *Engenhoca* do mun. de Bezerros.

Limeira — *Riacho* — Corre para o Capibaribe Meirim.

Limeiral — *Eng.* do mun. do Bom Jardim.

Limeira Nova — *Engenho* — Situado no mun. de Palmares.

Limeirinha — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Limoeirinho — *Eng.* ao NE. do mun. de Timbaúba, á pequena distancia da estação Rosa e Silva, da *Great Western Brazilian Company.*

Limoeirinho — *Eng.* do mun. da Escada, a 6 kiloms. da séde.

Limoeiro — *Cidade* — Séde do municipio do mesmo nome e da freguezia de Nossa Senhora da Apresentação de Limoeiro.

NOTICIA HISTORICA. — A historia da fundação da cidade do Limoeiro, e a origem de sua denominação estão ligadas ao seguinte facto de tradição local: O territorio que actualmente é occupado pela cidade, abundantissimo então de limoeiros, comprehendia uma sesmaria, onde existiu, fundado no principio do seculo XVII, um aldeiamento de indios. Pelos annos de 1730 a 1740, pouco mais ou menos, o Padre Ponciano Coelho, era o missionario encarregado da catechese desses indios, e a actual cidade não tinha outras habitações além das destinadas aos indios e empregados do aldeiamento. A 15 kilometros, porém, ao oeste da cidade, no logar denominado *Poço do Pau,* havia um portuguez de nome Alexandre de Moura, extremamente religioso, e que tinha grande devoção por Nossa Senhora da Apresentação, o qual fez erguer proximo á sua residencia, uma casa de oração onde, em um nicho, possuia a imagem da Virgem Senhora. Alli, uma vez por outra, o proprietario da vivenda mandava celebrar missas e realisava festividades, sendo sempre officiante de taes actos o Revm. Ponciano Coelho. Os moradores de diversos pontos, mais ou menos distantes, concorriam aos mesmos actos; e tambem aquelle *templosinho*, alli situado, começou, desde logo, a attrahir para o local varias pessoas, que vieram nelle morar a fim de ficarem mais perto das *missas.* Por esse tempo o missionario pensava e se esforçava muito em povoar a região occupada pelo aldeiamento, e assim começou a ver no desenvolvimento do nucleo que se formava no Poço do Pau, um embaraço aos seus desejos. Conhecendo, pois o espirito de credulidade daquella gente resolveu pôr em pratica um meio que julgou de seguro claro effeito, para povoar o aldeiamento attrahindo para ahi não só todos os habitantes da mencionada paragem, como tambem esperando conseguir de outros sitios, povoadores para iniciarem a povoação intentada. Contam que fez o seguinte, revestindo o expediente de toda a aparencia do milagre: — Por meio engenhoso o missionario Ponciano fez com que a imagem da casa de oração de Poço do Pau desapparecesse dalli para ser en-

contrada em um limoeiro, que no aldeiamento existia, justamente no mesmo logar onde está a capella mór da actual matriz. Que de desgosto, immenso alarme foi o de toda aquella gente, quando soube que, ao abrir-se a casa de oração, tinha desapparecido a imagem de Nossa Senhora da Apresentação! Tocado o rebate do acontecimento, cada qual, recriminando o proceder nefando e sacrilego do ousado roubador, com dobrado esforço e por toda parte, procurou descobrir a imagem da Virgem. Não se fez esperar a nova de que ella estava num limoeiro do aldeiamento. Foi trazida para seu nicho com a solemnidade possivel, e debaixo da mais significativa alegria daquelles, que viam-n'a volver. Breve gozo! Quando de novo foram abrir a casa de oração, a imagem tinha outra vez desapparecido, e tudo estava em ser, isto é, nenhuma violencia para a penetração de quem quer que fosse alli, se notava. Foram-n'a achar ainda no mesmo limoeiro; e novamente voltando para o Poço do Pau reproduziu-se o facto com a mesma similhança. Então o padre Ponciano, em predica solemne disse — « que era bem significativo o que acontecia e que se visse naquillo uma revelação da Virgem Nossa Senhora, em querer que alli lhe fosse erigida uma igreja, onde fosse collocada sua imagem; e que, por isso mesmo, a ningeum era dado se oppor a sua vontade: que, sem demora, o templo fosse erguido, e a todos que o quizessem auxiliar elle convidava, esperando ser attendido. » E iniciou-se, desde logo, no local do limoeiro uma igreja sob o concurso de todos. Tambem a noticia do *milagre*, voando rapida, além de outras circumstancias, trouxe dentro em pouco para a região da actual cidade, varias pessoas que ahi começaram a residir. E assim fundou-se uma povoação, a qual, aquelles que a demandavam, ou de qualquer modo a ella se referiam, chamavam — o *Limoeiro de Nossa Senhora* — alludindo ao facto acontecido. Mais tarde, porém, o nome *Limoeiro* era unicamente o indicador da denominação da povoação. Continuando esta a desnvolver-se e fazendo parte seu territorio da freguezia de Santo Antonio de Tracunhãem, mereceu ser elevada a categoria de freguezia, em virtude de provisão do diocesano D. Thomaz da Encarnação da Costa Lima, de 16 de Junho de 1779, sendo seu primeiro Vigario o Padre Bartholomeu Monteiro da Rocha. Entre os diversos directores que teve o aldeiamento podemos mencionar os seguintes: em 1779, Domingos Dias Moreira; em 1780, José Mauricio Cavalcanti; em 1782, Francisco Cavalcanti d'Albuquerque; em 1783, Antonio Martins Falcão; e nos de 1794 a 1796, José de Barros Lima, conhecido por Leão Coroado e uma das victimas da tyrannia de 1817. Foi creada pela provisão de 15 de Fevereiro e alvará de 25 de Julho de 1811, ficando separada da comarca do Recife a que pertencia; foi erecta em 23 de Maio de 1812, pelo desembargador da Casa de Supplicação do Brazil, e ouvidor geral da comarca de Olinda, Clemente Ferreira França. O seu primeiro Juiz de Orphãos foi o capitão Ignacio de Mello e Silva; juizes ordinarios, Antonio Barbosa da Silva e Franciso Xavier Camello Pessôa. Compunha-se de tres vereadores sendo eleitos, Antonio José de Moura, Joaquim José de Sant'Anna e Domingos Mendes. Foi seu primeiro procurador, Domingos Gomes Caldeira. O seu primeiro capitão-mór foi Paulo Cavalcante d'Albuquerque, escolhido em Camara aos 25 de Maio de 1812; seu primeiro sargento-mór foi João Soares d'Albuquerque, eleito em camara em 22 de Agosto de 1812; e seus primeiros almotacéis — José Lins Alves Coelho e Luiz Domingos Carneiro, eleitos no mesmo dia. Das folhas 114 a 123 do livro I das actas das sessões da Camara, constava o voto de adhesão dos povos dessa localidade á gloriosa e malograda revolução de *Seis de Março de 1817*, contendo a assignatura de todos aquelles

que adheriram á ella, mas essas folhas foram cortadas, conforme se evidencia da certidão do theor seguinte, á fl. 111, e da acta da Camara, documento historico valioso, que logo em seguida, aqui trancrevo: « Certifico que sendo chamado á casa da Camara desta villa do Limoeiro, da comarca de Olinda, em falta do escrivão da mesma para o effeito de se cortarem as folhas que adiante se seguem que constavam de 11, ao que eu puz duvida em razão da rubrica, sem embargo disso, por mandado do juiz presidente e mais camaristas e o procurador, e a nobreza do povo me foi determinado o fizesse, sem embargo do referido, do que para constar passei a presente, no mesmo dia e hora e passei a lavrar o termo de vereação o qual se segue á fl. 126. Villa do Limoeiro 21 de Maio de 1817. O escrivão do geral, *José Clemente de Souza Correia*». A acta mencionada é esta: «Acta da sessão da Camara Municipal da villa do Limoeiro, aos 21 de Maio de 1817. Aos vinte e um de Maio de mil oitocentos e dezesete, nesta villa de Limoeiro, na casa da Camara della onde se achava o juiz presidente, capitão José Francisco de Arruda e o primeiro vereador João Francisco de Arruda, e o terceiro José da Costa Gomes Junior, em falta do segundo Domingos Mendes de Azevedo, em falta do procurador, Antonio Paulo Vianna, achando-se na mesma Clero, Nobreza e Povo, para se tratar do serviço de Deus e de sua magestade Fidelissima e bem commum dos povos, accordaram ser de bom grado que fossem demolidas e queimadas dez folhas constantes deste livro em que se achava inscriptas as insolentes proclamações e ordens do infame governo provisorio dirigidas a esta Camara e povos desta mesma villa, para que dellas não houvesse memoria no presente e em futuro tempo, afim de que não se leiam jámais tão escandaloso procedimento e —SACRILEGA IMPIEDADE— quaes villissimos insultores contra os sagrados direitos da monarchia do nosso Augustissimo Soberano o Senhor Dom João VI, que Deus guarde. E porque assim concordaram unanimemente fiz este termo em que assigno: Eu José Clemente de Souza Correia o escrevi, por ausencia do actual escrivão Castro. — *José Francisco d'Arruda,* juiz ordinario, *João Francisco d'Arruda, José da Costa Gomes Junior, Domingos Mendes d'Azevedo, Antonio Paulo Vianna,* convencido em votos; *Francisco de Salles,* vigario do Limoeiro; *Francisco Antonio de Oliveira Roselis,* vigario de Taquaretinga; *Antonio Barbosa da Silva,* juiz de orphãos; Padre *Manoel Tavares da Silva Camello,* vigario de Bom Jardim; *João Soares d'Albuquerque, João Ferreira de Moura, Antonio José d'Oliveira Varejão, José Lino Alves de Medeiros, Francisco José da Silva Braga,* convencido em votos; *Manoel Bezerra de Menezes, Domingos Lopes de Figueiredo Castro, Estevão José Torres.*» Não escaparam á terrivel reacção do governo portuguez, como victimas, por terem abraçado as idéas da revolução republicana de 6 de Março, os seguintes cidadãos que foram remettidos para a Bahia, donde voltaram em virtude do decreto de 16 de Julho de 1820:—Carlos Leitão Cavalcanti d'Albuquerque, Joaquim José d'Aragão, José Francisco d'Arruda, João Francisco d'Araujo, Manuel Athanazio da Silva Cuxarra, Manuel Amancio da Silva, João da Silva Monteiro, Luiz Carlos Coelho da Silva e Padre Francisco de Salles Coelho da Silva. A 8 de Novembro de 1822, foi prestado o juramento á independencia do Brazil, na igreja matriz, presentes, o pro-parocho, José Joaquim Lobo d'Albertim, officiando em Camara o Revm. Henrique Luiz de Souza e lavrando o termo de juramento o escrivão da Camara, José Joaquim de Figueiredo. Sobre a revolução do Equador não consta cousa alguma de terem os seus habitantes tomado parte nella. Ahi passou em 1824, Frei Joaquim do Amor Divino Caneca e elle o

refere em seu *Itinerario*, e foi o Limoeiro um centro de operações das forças belligerantes. Em 1840, foi a mesma villa igualmente o ponto escolhido pelo governo para centralisar a tropa que devia bater os insurgentes de Taquaretinga, tendo á frente della o general José Joaquim Coelho (depois Barão da Victoria). Durante a *Rebellião Praieira* de 1848 a 1849, apezar de não haverem os rebeldes entrado na villa, nem ter havido nenhum combate ou ataque em outro ponto do municipio, foi a villa occupada pelas forças legaes, e dahi marcharam tropas commandadas pelo tenente-coronel José Maria Ildefonso Jacome da Veiga Pessoa e Mello. Salientaram-se, tomando parte muito activa no movimento, contra o governo, varios cidadãos de importancia social, e que occuparam postos militares entre os revoltosos, destacando-se entre os mesmos os seguintes: coronel Henrique Pereira de Lucena, majores Joaquim Barbosa da Silva e Camillo Henrique da Silveira Tavora, capitães Antonio Innocencio de Pinho, Herculano Ferreira da Silva, José Tavares de Mello Candurú e José Barbosa da Silva. Com a sublevação do povo pela publicação da lei do censo, em 1851, o governo fez marchar para esse logar um batalhão de linha, até a pacificação dos amotinados, visto que até então essa localidade centralisava elementos de varios pontos do Estado, muitos dos quaes deixou de possuir com a construcção das estradas de ferro do Estado, posteriormente feitas, que os deslocou. Durante a guerra do Paraguay o municipio do Limoeiro contribuiu com 307 praças entre recrutas *voluntarios* e forçados, além de muitos outros que se alistaram no batalhão organizado pelo tenente-coronel Pedro Campos de Pajeú de Flores, ao passar pela villa. Tambem durante a secca de 1877 a 1878 teve em seu seio 18.000 a 20.000 e foi constituido o celleiro dos mantimentos a distribuir por todo o centro da então provincia. Foi creada comarca, pela Resolução de 20 de Maio de 1833 do Conselho do Governo da Provincia, em observancia do art. 3° do Codigo do Processo Criminal, tendo sido installada em 1834 pelo seu primeiro juiz de direito Dr. Firmino Pereira Monteiro; depois deste tem servido como juizes: em 1839, Custodio Manuel da Silva Guimarães; em 1841, Dr. João Mauricio Cavalcanti da Rocha Wanderley; em 1842, Dr. Caetano José da Silva Santiago; em 1844, Dr. João Mauricio Cavalcante da Rocha Wanderley; em 1845, Dr. Lourenço José da Silva Santiago; em 1846, Dr. Custodio Manuel da Silva Guimarães; em 1847, Dr. Lourenço Caetano Pinto cuja posse foi em 8 de junho; em 1848, Dr. Alvaro Barbalho Uchôa Cavalcante; em 1850, Dr. José Nicolau Regueira Costa; em 1851, Dr. Manuel Teixeira Peixoto, que tomou posse em 19 de Maio; em 1852, Dr. Francisco Xavier Paes Barreto; em 1855, Dr. Antonio Manuel d'Aragão e Mello; em 1858, Dr. Lourenço d'Almeida Catanho, que assumiu a direcção da comarca, em 28 de Outubro; em 26 de Novembro de 1861, Dr. José Quintino de Castro Leão; em 17 de Fevereiro de 1866, Dr. Adelino Antonio de Luna Freire; em 20 de Junho do mesmo anno, Dr. Antonio Joaquim Buarque de Nazareth; em 10 de Outubro ainda de 1866, novamente, o Dr. Adelino Antonio de Luna Freire; em 1872, Dr. Francisco Teixeira de Sá; em 1874, Dr. Francisco Bernardo de Carvalho; em 1877, Dr. José Antonio Correia da Silva; em 1884, Dr. Antonio Gomes de Souza Pitanga; em 1888, Dr. Francisco Castello Branco; em 1890, Dr. José Novaes de Souza Carvalho; em 1892, Dr. Antonio Pedro da Silva Marques; em 1893, Dr. Carlos A. Vaz d'Oliveira; e finalmente, desde 1894 até hoje, o Dr. Jeronymo Materno Pereira de Carvalho. Foi classificada comarca de primeira entrancia, pelo Decreto n. 687, de 26 de Julho de 1850, e de segunda entrancia pelo Decreto

n. 5139, de 13 de Novembro de 1872. A lei provincial n. 1560, de 30 de Maio de 1881 elevou-a á cathegoria de cidade. De accordo com a Constituição do Estado e a Lei Organica dos Municipios, n. 52, de Agosto de 1892, constituiu-se autonomo em 6 de Abril de 1893, tendo sido eleitos para seu primeiro governo administrativo: Prefeito, coronel Antonio José Pestana, Sub-

Moraes, e tenente Manuel de Aquino e Albuquerque. O municipio do Limoeiro, do mesmo modo que outros do Estado, tem sido tambem berço de alguns pernambucanos que muito honram a terra de seu nascimento. Alli, em 2 de Dezembro de 1797, nasceu o Dr. Manuel Mendes da Cunha Azevedo, que se distinguiu como magistrado, professor da Faculdade de Direito, publicista,

Capitão J. Q. Villarim

prefeito, major Virginio de Medeiros e Silva; Conselho Municipal os membros: coronel Simplicio Gonçalves dos Santos, major Firmino José da Silva, capitães João Gomes de Moura, Joaquim Francisco Pimentel e João Baptista do Sacramento, tenente José Manuel de Castilho Cabral, Manuel Pedro Gomes, major Francisco de Paula Pereira de

parlamentar, jurisconsulto e litterato, fallecendo em 13 de Junho de 1858. O Dr. Urbano Sabino Pessoa de Mello, nascido em 1811, publicou a obra *Revolução Praieira*, salientou-se como talento superior, magistrado integro, parlamentar de merito, advogado, politico e jornalista, fallecendo no Rio de Janeiro em 7 de Dezembro de 1870. O capitão

Austriclino Villarim, o estudante do 1° anno de Direito que, quando declarou-se a guerra do Brazil com a Republica do Paraguay, não teve duvida em alistar-se na phalange dos voluntarios da Patria, e mais tarde ao lado de Deodoro da Fonseca em 15 de Novembro de 1889 foi um dos que tambem, no mesmo campo, proclamaram a República Brazileira; poeta e jornalista, nasceu em 1840 e falleceu no Rio de Janeiro, em 1 de Novembro de 1891, reformado por encommodos de saúde, e occupando o cargo de official maior da Intendencia da Guerra. O capitão Joaquim Quirino Villarim, irmão do precedente, um brioso militar de quem a patria muito tinha a esperar, nascido em 1854 e que findou seus dias a 4 de Março de 1897 na celebre lucta dos fanaticos de Canudos. O professor Joaquim Theodoro de Vasconcellos Aragão, um verdadeiro genio que dobrou a fronte para o tumulo em 10 de Março de 1874, completamente desconhecido de outro ambito além daquelle em que viveu, e, sobretudo, porque do esplendor de seu talento não deixou vestigios para tornar immorredouro seu nome. E o Padre Antonio Domingos de Vasconcellos Aragão, um sacerdote de raras virtudes, fallecido em Janeiro deste anno, em avançada idade.

Posição astronomica. — Está a 7° 52' e 19" de lat. merid., e á 7° 43' de long. oriental do Rio de Janeiro.

Aspecto physico. — O terreno do municipio é muito accidentado do lado do norte, ligeiramente ondulado na parte occidental e na do sul, sendo quasi no geral plano a léste.

Clima e salubridade. — O clima é secco, agradavel, sobretudo nos mezes de Abril a Outubro, sendo, porém, muito quentes os dias dos mezes de Novembro a Março, embora frescas as noites. Todos os pontos do municipio, inclusive a séde, são notadamente sadios; e desde longos annos, da capital, muitos doentes, especialmente affectados de molestias pulmonares, vão buscar alli remedio e allivio para seus males. Entretanto, reinam na cidade, e e mal endemico do local, bem como d outras povoações da margem do Capiberibe, as *conjunctivites*, entre os mezes de Abril e Maio, atacando preferentemente as crianças, mas assim mesmo sem perigo de fataes consequencias.

Extensão do territorio—O municipio do Limoeiro tem cerca de 90 kilometros de L. a O., e 50 kilometros de N. a S.

Divisões—Contém uma só freguezia e se divide em tres districtos administrativos.

População — O municipio comprehende uma população de umas 25.000 almas das quaes 8.000 occupam a cidade de Limoeiro.

Limites—Ao norte confina com Bom Jardim, a léste com Pau d'Alho e Nazareth; ao sul com a Gloria de Goitá, Gravatá e Bezerros, e ao oeste com os municipios de Caruarú e Brejo. A linha divisoria se estabelece do seguinte modo:—Principiam (limites no municipio de Pau d'Alho) da foz do riacho Cotunguba, no Capibaribe, seguem por aquelle riacho acima até o engenho que foi de João Pereira do Rego tomando dahi a direcção do riacho Tapera, a encontrar os logares Manteiga, Lagoa do Veado (limites com o municipio da Gloria) Cacimbinha, Gangorra, Serra Grande Pedras Miudas até o Esquerdo (divisão com o municipio de Gravatá); continuam pelos logares Poços, Lagoa da Extrema, Varzea Escondida ou Cumarú até a raiz da Serra dos Cocos (limites do municipio de Bezerros), sendo o limite com Caruarú pela fazenda Lageiro do Vigario, e descendo pelo riacho das Eguas até sua foz no logar Bateria (limites com o municipio do Brejo); continuam (divisão com Bom Jardim) pelo rio Capibaribe abaixo, até a povoação de S. Vicente de Pedra Tapada (margem esquerda do rio), buscando dahi a estrada que passa pelos logares Imbé, Genipapo, Lagôa Torta,

Parary, a sahir em Passassuga, e proseguindo desse ponto pela propriedade desse engenho, Carro da Telha até a estrada que vae para Bizarra e desta indo á Lagoa Vermelha, terminando os limites de Bom Jardim em Tamataupinho; segue a linha divisoria com o municipio de Nazareth (freguezias de Tracunhãem e Vicencia), pelas terras do engenho S. João Baptista, Açude de Sant'Anna a sahir no sitio do Coqueiro no logar Guia, e descendo de estrada abaixo até o logar Valentim e dahi pelo caminho da Cruz até sahir na antiga officina de José Corrêa, a margem esquerda do rio Capibaribe e defronte da foz do Cotunguba, onde começou a linha de divisão com o municipio de Pau d'Alho Os limites da freguezia não são os mesmos:—A partir do logar Bataria, foz do riacho das Eguas, descem pelo Capibaribe até o riacho Ribeiro do Mel, ficando todos os logares da margem esquerda para a freguezia de Bom Jardim e da direita para a de Limoeiro; dalli proseguem até o logar Genipapo, donde seguindo pela estrada que passa em Lagôa Torta, sae em Passassunga, continuando pelo Carro da Telha, Paccas, a chegar na estrada que segue para a Bizarra; continuam por Lagôa Vermelha, Tamataupe, terras dos engenhos Parnaso e Cumbe, passando em Ladeira Cavada pelo engenho S. João Baptista, pelo Cedro, e d'ahi estrada abaixo até o logar Guia, estrada desse nome, chega ao Gamelleiro ao encontro do Capibaribe, e descendo pela margem desse rio terminam na foz do Cotunguba.

Topographia—Está a cidade situada na margem esquerda do rio Capibaribe, a 148 metros de altitude, sobre uma linda e vasta planicie da qual participa todo seu povoado; é estreitada ao norte entre as serras da Raposa, Barrica e Urubú e o Capibaribe que a banha pelo sul. As ruas são quasi todas rectas e largas; a edificação regular, que se melhora dia a dia, sendo as casas em sua generalidade terreas, havendo alguns sobrados de bonita apparencia. A cidade em seu perimetro, até 30 de junho de 1900, possuia 971 casas que tomando por base 8 habitantes por fogo dá-lhe uma população de 7.768 almas. Os edificios principaes são: a cadeia, vasto e bello edificio de solida construcção, onde, no andar superior, em uma das salas, funcciona o tribunal do jury, e na outra têm séde a Prefeitura e o Conselho Municipal, sendo as prisões no andar terreo. E', sem duvida alguma, depois da Detenção da capital e da cadeia central da villa de Flores, a melhor, maior, mais segura e mais elegante de todas as outras do Estado; foi construida em 1870 e custou então 37:000$, sendo posteriormente muito melhorada e valendo ao presente uns 100:000$. O palacete das escolas publicas, iniciado em 1895 e inaugurado em 1898; custou a construcção 66:000$. O mercado publico, construido pela Municipalidade, começou a edificação em 1884 e sómente em 1896 foi concluida; é pequeno, sem gosto sua architectura, e mal localisado. O açougue publico é grande e vistoso edificio. A igreja matriz, sob o patrocinio de Nossa Senhora da Apresentação, foi erigida em 1852, por Frei Caetano de Messina, que a concluiu em 1855, gastando sómente do valor de 2:000$ em quanto foram orçadas as obras, a importancia de 600$; em 1881 foi reparada. E, finalmente, o cemiterio publico, com uma capellinha votada a Nossa Senhora das Dôres, cujos muros são da mais solida duração, mas a situação do mesmo, dentro da cidade e cercado de habitações, é a peior possivel para causar grandes damnos á salubridade publica local: cumprindo, pois, urgentemente seu encerramento, e a fundação de outro cemiterio em sitio conveniente para o qual sejam removidos os enterramentos. Acha se iniciada a construcção de uma capella dedicada a Santo Antonio. A municipalidade do Limoeiro, pela provisão do governo, de 15 de Novembro de 1811, recebeu para

patrimonio seu 1 1/2 leguas quadradas de sesmaria.

Povoações. — *Pedra Tapada* a 20 kilometros a O. á margem direita do Capibaribe, em terreno plano possue umas 100 casas, e uma capellinha da invocação de S. José da Esperança, erigida em 1871 pelo padre Dr. José Antonio Ibiapina. *S. Vicente* (fronteira áquella povoação e na margem opposta do rio) possue umas 40 casas e capella da invocação do santo que serve de nome ao povoado, pertencendo na parte ecclesiastica á freguezia de Bom Jardim. *Bengalas* á margem do riacho Cotunguba a 20 kilometros ao SO da séde, possue umas 80 casas, e uma capellinha consagrada a Sant'Anna. *Malhadinha,* á margem direita do Capibaribe, a 35 kilometros a O da séde, é pequena, decadente e possue uma capellinha cuja padroeira é Nossa Senhora dos Remedios. *Cedro,* a 15 kilometros a NE e proximo do rio Tracunhãem. *Bizara* a 20 kilometros a NE. e que pertence a Limoeiro na divisão ecclesiastica. E os arraiaes *Ribeiro Fundo,* a 3 kilometros ao SE; *Duas Pedras,* á margem esquerda do Capibaribe e a 5 kilometros ao O; *Joá* a um kilometro a SE e á margem direita do mesmo rio.

Orographia. Suas principaes serras são: a da *Raposa*, alta, extensa, corre junto á cidade, ligando-se ás da *Barrica* e *Urubú;* a das *Duas Pedras* ao N; a do *Consólo* a SO e a 3 kilometros; a de *Bom Successo* a 5 kilometros a NO; a do *Genipapo,* a da *Figueira,* do *Apique*, do *Mondé*, do *Bione*, do *Cocó* dos *Côcos, Grande* e a da *Passira* a 10 kilometros ao SO, notavel entre todas pela sua forma ponteaguda e por sua altura que a faz conhecida muitas leguas distante. E' curiosa pelos estrondos que dá de tempos a tempos, de modo a produzir estremecimentos do sólo nas immediações O *Diccionario Geographico de Minas* do Dr. Francisco Ferreira, na pag. 125 diz: «Nessa serra existe uma importante mina de ferro, tão bom como o de Ypanena em S. Paulo; segundo a opinião do engenheiro João Blaem, manifestada ao Governo em 1840.» Escreve o engenheiro das Obras Publicas, Emile Dombre: «Eu terminarei mencionando perto de Limoeiro a serra da Passira em que parece ouvir-se constantemente o ruido de um vulcão subterraneo, e em que presentem-se fortes abalos e onde se encontram largas pedras de caracteres até aqui indecifrados.» (*Viagens ao Interior de Pernambuco*, pag. 4).

Hydrographia. — Muitos rios regam-lhe o sólo; é o mais notavel o *Capibaribe* que banha no municipio: a povoação de Malhadinha, o arraial de Muruabeba, os povoados de Pedra Tapada (á direita) e S. Vicente (á esquerda), o logarejo Poço do Pau (á direita), os arraiaes Espinho Preto, Picada, Duas Pedras, a cidade do Limoeiro, Gameleiro (á esquerda), Joá e Ribeiro Fundo (á direita); o rio *Tracunhãem* que, vindo do municipio de Bom Jardim, atravessa ao NE., passando a um kilometro de distancia do povoado Cedro, e busca o municipio de Nazareth; o *Orobó* (affluente do Tracunhãem) corre de N. a NE. e desaguando no municipio; o *Cotunguba* que vindo da serra das Russas, lado de Gravatá, banha Bengalas, o logar Tres Lagôas, e vae derramar no Capibaribe, nas Ilhetas, 15 kilometros abaixo da cidade do Limoeiro, nos limites com Pau d'Alho; e ainda os riachos das *Eguas, Mary, Muruabeba, Figueira, Carrapixo, Cassatuba, Batatan, Mandioca, Ribeiro Fundo* (margem direita), *Amparo, Escuro, Picada, Mel, Duas Pedras, Pirauhyba, Quebra Bunda, da Lama, da Besta ou Correinha, Boi, Secco, Perúa Choca* (margem esquerda), *Lagartixa, Jatobá, Magro, Poço da Vacca, Salobro,* etc., affluentes do Capibaribe. Todos seccam na estação calmosa. Existem ainda as seguintes lagôas: do *Coro*, dos *Pintos*, a *Vermelha*, a *Torta*, as *Tres Lagôas*, a do *Escuro*, a de *Passassunga*, etc. A agua

que se bebe na cidade no inverno é boa, no verãos, porém, não é; é extrahida de açudes, de cisternas e outros reservatorios, chegando quasi a ser difficil nos verões prolongados. Entretanto, similhante mal é remediavel e para sanal-o depende somente que a Municipalidade tenha bons desejos e se esforce um pouco em favor dos melhoramentos locaes.

Commercio, Industria e Agricultura — Consiste nas duas feiras semanaes, ás quartas-feiras e sabbados, na de gado ás quintas-feiras; nas diversas lojas e armazens de fazendas, miudezas, ferragens, de sal, de compras de algodão e assucar, e nas trocas das producções locaes pelas de outros logares e sobretudo no commercio que entretem com os sertanejos, que ahi vêm fazer suas munições e vender seus productos. Consiste sua agricultura na plantação do milho, feijão, mandioca, algodão, canna de assucar, para cujo fabrico existem 20 engenhos; na plantação da carrapateira, que alli é consumida por tres fabricas de oleos, na do abacaxi, hoje abundantemente cultivado, e ainda no cultivo de diversos legumes e cereaes proprios de seu sólo. Este é uberrimo, e quando são os annos regulares de chuvas, tornam-se abundantes as suas safras. A industria consiste no fabrico de oleos vegetaes, de rêdes e outros tecidos de algodão, na preparação de couros e pelles de animaes, no fabrico de queijos, de louças de barro, tijollos, telhas, chapéos de palha de carnaúba, urupemas, cestos, artefactos de couros, cordas de caroá, etc.

Instrucção publica — E' diffundida por insignificante numero de escolas municipaes e duas do Estado, que muito longe estão de satisfazer a necessidade do territorio do municipio.

Reinos da Natureza — O reino animal é abundante de caças nas capoeiras. A flora contém os mesmos vegetaes da região circumvizinha. Os mineraes conhecidos são: o carvão de pedra, o ferro, e o chrystal de rocha que se encontram nas serras da Raposa e Passira, sobretudo na segunda.

Curiosidades naturaes — Além do facto curioso dos abalos e rumores internos, notados na serra do Passira, em outra parte já referidos, no logar Figueira, ao O. de Pedra Tapada, e a seis kilometros distante da cidade do Limoeiro, ha uma grande lage sobre a qual se veem gravados, em relevo, caracteres romanos dispostos em linha. E' uma verdadeira curiosidade, pois se trata unicamente de uma obra da Natureza; assim, muitas vezes, pessôas que tem entendido conhecer a profundidade ou modo por que estão alli collocadas taes lettras, com instrumentos bastante rijos, tem tirado lascas da pedra, e as lettras continuam reproduzidas no interior da lage.

Viação — Communica-se com o interior pela estrada da ribeira do Capibaribe; e por caminhos soffriveis e directos, com Bom Jardim, Gloria de Goitá, Victoria, Gravatá, Caruarú e Brejo; com a capital, pela estrada de rodagem, a 20 kilometros distante, e pela via-ferrea, diariamente, desde 20 de Fevereiro de 1882.

Telegrapho — Possue duas linhas telegraphicas: a da Companhia da Estrada de Ferro, inaugurada em 28 de Julho de 1881, e a do Telegrapho Nacional, aberta ao serviço em Janeiro de 1895.

Distancias — A cidade do Limoeiro fica a 79 kilometros da Capital, a 34 de Pau d'Alho, a 35 de Nazareth, a 33 de Bom Jardim, a 150 do Brejo, a 90 de Taquaretinga, a 60 de Gravatá, a 90 de Caruarú, a 45 da Victoria e a 35 da Gloria de Goitá.

Limoeiro — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

Limoeiro — *Eng.* do mun. da Escada, tem uma cap. da inv. de S. Francisco de Assis, e fica junto á estação a que deu o nome.

Limoeiro — *Estação* da via-ferrea de S. Francisco, a 63.910 kilometros da

estação inicial de Cinco Pontas, inaugurada em 25 de Março de 1862. Está a 99^{m},60 de altitude.

Linda-Flor — *Eng.* do mun. de Barreiros, a dous kilometros da séde, tem uma cap. dedicada a N. S. da Conceição.

Linda-Flor — *Eng.* do mun. de Gamelleira, a 24 kilometros da séde.

Linda-Flor — *Estação* da E. de F. de Ribeirão ao Bonito, situada á marg. do rio Serinhãem.

Livramento — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria.

Lobo — *Eng.* do mun. de Gamelleira, a 15 kilometros da séde, tem uma cap. da inv. de S. Antonio.

Logrador — *Log.* do mun. de S. Bento.

Logradouro — *Fazenda* de criar, situada no mun. do Brejo, no logar Mandasaia.

Longal — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Lontra — *Log.* no mun. de Correntes.

Lopes — *Eng.* do mun. de Agua Preta, a 30 kilometros a sudoeste; tem uma capellinha.

Loreto — *Povoado* — Pequeno logar, tem uma cap. sob a inv. de N. S. de Loreto, na freg. de Muribeca, ao sul do Recife, e a 18 kiloms. A 12 kiloms. do logar Venda Grande, em 1670 o padre Manoel da Cunha instituiu na cap. uma irmandade, dando-lhe patrimonio sufficiente, constando de sitios e terras foreiras.

Lucal — *Engenho* — Situado no mun. de Páo d'Alho.

Lucas — *Log.* situado na Magdalena, freg. de Afogados, do mun. do Recife.

Luiz Ignacio — *Corrego* — Derrama no rio Pirangy, affl. do Una.

Lusitano — *Eng.* no mun. de Agua Preta.

Luz — *Povoação* — Séde da freg. de N. S. da Luz, pertence ao mun. de S. Lourenço.

HISTORIA — Do livro do Tombo, da matriz da Luz fl. 17, verifica-se que em 1540 existia a igreja de N. S. da Luz, porque por um auto de demarcação de 9 de Janeiro daquelle anno Pedro Fernandes Vogado declarava que por sua morte as mesmas terras seriam para o hospital de Misericordia de Olinda. Chamou-se primitivamente povoação de Muribara. Em 1629 já era capella curada porque na escriptura de venda de 400 braças de terra, em quadro, feita por D. Maria dos Reis, viuva de Jeronymo Gonçalves Gaio a Domingos Barboza, e lavrada em Olinda, no mesmo anno, pelo tabellião Gaspar Pereira Tavares, refere-se á freg. de *Muribara* de N. S. da Luz. Foi primitivamente creada freg. por acto de 6 de Dezembro de 1689, do diocesano D. Mathias de Figueiredo Mello, quando ahi em visita pastoral, tendo sido seu 1° vigario collado o Padre Feliciano Gomes. Em 5 de Dezembro de 1691 o capitão Diogo Falcão de Sá e sua mulher D. Ursula Beringer doaram o outeiro em que se acha a igreja da Luz para que se edificasse outra igreja maior, e em virtude disso, todas as casas que se edificaram no outeiro passaram a constituir patrimonio da igreja, que foi de facto augmentada, encontrando-se os vestigios patentes da differença da architectura de duas épocas differentes, sabendo-se mesmo que a reedificação foi em 1706. Em 1837 a lei provincial n. 38, de 6 de Maio a supprimiu, creando a de N. S. da Gloria de Goitá, sendo seu territorio distribuido pelo das fregs. de Jaboatão, S. Lourenço e Gloria de Goitá. A lei n. 336, de 12 de Maio de 1854 restaurou-a sendo então o seu novo 1° parocho o Rev. Ignacio Alves da Cunha Souto Maior, que a installou em 26 de Novembro do citado anno. Nasceram em seu seio os seguintes illustres filhos, Mathias Coelho Barboza, Francisco Nunes de Freitas, martyres da liberdade, em 1710; Padre Manuel Felix, sacerdote notavel por suas virtudes,

grandemente caridoso e a quem é devido a fundação do templo de Nossa Senhora da Soledade na freg. da Bôa Vista da cidade do Recife, e o hospital de Lazaros da mesma cidade.

Limites — Ao N. com a freg. de São Lourenço da Matta pelas terras dos engs. S. João, Muribara, Constantino, Pixau, e com a de Pau d'Alho pelo rio Goitá até encontrar os limites da Gloria de Goitá; ao O. com a da Gloria pelo riacho Aratangil; ao S. com a de Santo Amaro de Jaboatão e terras dos engenhos Pixau, Santa Rosa e Una; e a L. com a da Varzea, mun. do Recife, pelos logares Poço Preto, Mamucaia, Serra d'Agua e Mussahyba.

População — A freg. da Luz tem uma população de 8.000 habitantes.

Topographia — A povoação da Luz fica situada em terreno elevado, mal edificada, e contem umas 100 casas habitadas por umas 600 pessoas. Possue a igreja matriz em mau estado de conservação.

Capellas—Possue as dos engenhos—Tabocas dedicada a *N. S. da Luz*; Mamucaia, a *N. S. do Livravento*; Covas, a *S. Gonçalo*; Pixau, a *N. S. do Amparo*; Desterro, a *N. S. da Luz*; e Una, a *N. S. dos Prazeres*.

Orographia — O solo é todo accidentado mas não possue senão ligeiros outeiros e colinas que não merecem menção.

Hydrographia — O principal rio é o *Tapacurá* que banha os engs. Araujo, Poço d'Antas, S. Bento, Poço, California, Bella Rosa, Tapacurá e S. José, e derrama no Capibaribe; e ainda os riachos *Aratangil, Mamucaia, Mussahyba* e outros insignificantes.

Engenhos — Possue os seguintes engenhos: Araujo, Aratangil, Barra, Bella Rosa, Cajueiro Escuro, Caluanda, Covas, Collegio, Concordia, Cuépe, Curupaity, Guabiraba, Martinica, Mamucaia, Novo do Goitá, Outeiro de Pedra, Pixau, Poço, Poço d'Antas, Poço Sagrado, Santa Cruz, Santa Rosa, S. Bento, S. Antonio, S. José, Sitio, Tapacurá, Tabocas, Una, Uninha, Velho do Goitá e Veneza.

Distancias — A povoação da Luz dista 10 kiloms. de S. Lourenço da Matta; 15, de Jaboatão; 30, de Pau d'Alho; e 30, do Recife.

Luzeiro de N. Senhora — *Log.* no mun. de Aguas Bellas.

Luzia Grande — *Fazenda* de criar, situada no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

M

Mabangas — *Riacho* — Affl. do rio Ipojuca.

Macacheira — *Logar* no mun. do Recife, freg. do Poço, á margem da linha ferrea do Limoeiro. Existe ahi uma fabrica de tecidos.

Macaco — *Cordilheira* — Atravessa os muns. da Pedra, Cimbres e do Buique, sua alt. é de 500,0ms. Nella se vêm esculpidos nas pedras muitos caracteres desconhecidos e desenhados, sobretudo com tinta encarnada varia.

Macaco — *Eng.* — Situado no mun. de Gamelleira.

Macaco — *Eng.* — Situado no mun. de Ipojuca, á marg. direita do rio deste nome e seis kiloms. ao oéste da séde.

Macaco — *Eng.* — Situado no mun. de Nazareth, na freg. de Tracunhãem.

Macaco — *Eng.* — Situado no mun. de Páo d'Alho.

Macaco — *Engenhoca* do mun. de Agua Preta.

Macaco — *Engenhoca* do mun. de Canhotinho.

Macaco — *Engenhoca* do mun. de Goyanna.

Macaco — *Engenhoca* do mun. de Nazareth.

Macaco — *Log.* situado no mun. de Cimbres e na Serra de Araroba, onde conforme diz a *Rev. do Inst. H. Bras.* existe uma cidade petrificada. Provavelmente refere-se á cordilheira que com esse nome atravessa os municipios da Pedra, Buique e Cimbres. Nada naquelle sentido podemos averiguar.

Macaco — *Riacho* — Tem sua nascente na serra de seu nome.

Macaco — *Serra* — Situada no mun. do Bonito.

Macaco — *Serra* — Situada no mun. de Flores.

Macaco — *Serra* — Fica situada no mun. de Leopoldina.

Macacos — *Estação* da E. F. do Recife ao Limoeiro, na alt. 55 ms. e no kilom. 13.750 da Central do Recife, entre as de Camaragibe e Arraial. E' um ponto bastante saudavel.

Macacos — *Povoado* — Situado no mun. do Recife, freg. do Poço da Panella, muito recommendado pelo seu clima saudavel e pela optima agua emanada de perennes fontes.

Macahyba — *Eng.* — Situado no mun. de Nazareth.

Macambira — *Corrego* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Arabary Novo, affl. do Balsamo que o é do Parahyba.

Macambira — *Eng.* — Na freg. de S. Vicente, mun. de Timbauba, a 12 kiloms. ao sul da séde parochial.

Macambira — *Eng.* — No mun. de Timbauba, a 24 kiloms. á leste da séde.

Macambira — *Log.* — No mun. de Afogados de Ingazeira.

Macambira — *Riacho* — Corre no mun. de S. Bento e despeja no rio Una.

Macambira — *Serra* — Situada no mun. de Jaboatão.

Macambira — *Serra* — Fica entre as fregs. de Bom Jardim e São Vicente.

Macambira de Baixo — *Eng.* — Situado no mun. de Timbaúba.

Macapá — *Eng.* — No mun. de Timbaúba, freg. de S. Vicente, a oito kiloms. a leste da séde.

Macapá — *Povoação* — Situada na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, tem umas 60 casas em tres pequenas ruas, e uma cap. dedicada a N. S. do Amparo. Aos sabbados reune-se ahi pequena feira onde concorrem diversos mercadores ambulantes. Dista 36 kiloms. da cidade de Timbaúba e seis da freg. de S. Vicente.

Macapá — *Riacho* — Nasce na serra das Flores, mun. do Brejo, e correndo ao norte pela freg. de Bello Jardim, vae derramar no riacho Tabocas, affl. do Capibaribe.

Macapásinho — *Eng.* — Situado na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, á 12 kiloms. ao norte da séde parochial.

Maçaranduba — *Eng.* — Situado no mun. de Palmares.

Macario — *Log.* na freg. de São Lourenço de Tejucupapo.

Maçauassú — *Eng.* — Situado no mun. da Escada.

Macaxeira — *Eng.* — Na freg. de Itamaracá, tem uma cap. sob a invoc. de N. S. dos Prazeres.

Macaxeira — *Logar* — Vide MACACHEIRA.

Macena — *Riacho* — Nasce, corre e despeja na freg. de Taquaretinga no riacho Topada, affl. da marg. septentrional do Capibaribe.

Machado — *Engenho* — Situado no mun. de Iguarassú.

Machado — *Eng.* no mun. de Palmares, a leste da séde e a 24 kiloms. Suas terras confinam com as dos engs. Serra, Aguas Finas e Saudade.

Machado — *Engenho* — Situado no mun. do Rio Formoso.

Machado — *Povoado* — Pertence ao mun. de Bom Jardim e fica a 24 kiloms. da séde.

Machado — *Riacho* — Corre no mun. de Olinda, atravessa a estrada de Beberibe no logar Fundão e sobre elle existe uma bomba.

Machito — *Serra* — Situada no mun. de Altinho.

Macota — *Eng.* no mun. de Goyanna.

Macota — *Gamboa* — Fica ao norte do rio Goyanna, com 3 kiloms. de extensão.

Macuca — *Eng.* no mun. de Correntes.

Macuca — *Riacho* — Banha o mun. de Bom Conselho, onde derrama no Baixa Grande, affl. do Frecheiras que é do Parahyba.

Macuco — *Riacho* — Affl. do Mundahú.

Macujé — *Eng.* no mun. de Jaboatão, onde existe uma grande furna formada por pedras accumuladas, tornando-se notavel porque tem capacidade para alojar 50 homens e poder entrar um cavalleiro montado desembaraçadamente.

Madeira — *Riacho* — Nasce no mun. de Exú, tem pequeno curso e é affl. do Brigida.

Madre de Deus — *Eng.* no mun. do Cabo, denominado depois — *Velho.* Foi fundado por João Paes Barreto, casado, com D. Ignez Guardez, que veio para Pernambuco em 1557 e nelle instituiu sob a inv. acima o morgado do Cabo em 28 de Outubro de 1580, confirmado pela carta regia de 28 de Julho de 1603, para seu filho primogenito João Paes Barreto. Falleceu o instituidor em 21 de Maio de 1627 e desse matrimonio provém o tronco — Paes Barreto, de Pernambuco.

Madre de Deus — *Povoado* — Situado no mun. do Brejo, á marg. do riacho de seu nome, é pequeno e sem importancia.

Madre de Deus — *Riacho* — Affl. do Capibaribe, no mun. do Brejo.

Maduro — *Logar* na freg. da Graça e nos limites da de Bôa Vista, (mun. do Recife), de que se separa por um riacho salgado que ahi passa e onde, quer na estrada de transito popular, quer na do caminho de ferro do Limoeiro, vê-se em cada uma uma ponte.

Mãe Luzia — *Corrego* — Banha o mun. de Bom Conselho e desagua no Peripery ou S. Romão, um dos formadores do Papacacinha, tributario do rio Parahyba.

Mãe Luzia — *Log.* no mun. de Bom Conselho, com uma cap. dedicada a Santa Cruz.

Maença — Garganta atravessada pela E. de F. de S. Francisco.

Magano — *Serra* — Situada proximo á cidade de Garanhuns, na parte meridional.

Magdalena — *Arrabalde* — do mun. do Recife, 2º distr. da freg. de Afogados. Constituido por grande povoação, de chacaras ou sitios e casaria de variada especie, chama-se Magdalena toda a parte proxima á ponte deste nome, povoação dos Remedios, Largo de João Alfredo e a Estrada Real que vae para a Torre. Acha-se ligado á freg. da Bôa Vista pela ponte do seu nome, construida de ferro e aberta em 27 de Maio de 1872 ; á da Graça pela ponte do Laserre, construida em 1884. Para ahi dirige-se uma linha de bond que liga a pov. da Torre ao centro da cidade. A E. de F. Recife á Varzea e Dous Irmãos tem uma estação no kilom. 3,900ᵐ. Deve seu nome ao facto do eng. que ahi houve, fundado por Pedro Affonso Duro, fidalgo, ser casado com Magdalena Gonçalves, filha de Diogo Martins Pessôa (Nob. Pernambucana de A. V. B. F.), nascida em Olinda em 1563, a qual já não existia em 1649, nascendo desse casal os filhos Maria Barroso, que casou com João

Marques, Ignez Barroso, que casou em 23 de Abril de 1606 com Gaspar Vicente, e Antonio Fernandes Pessôa. Em 1643, Magdalena Gonçalves existia ainda, mas viuva, residindo em uma casa proxima á matriz de S. Pedro Martyr de Olinda, conforme consta da escriptura de compra de umas terras na freg. da Varzea, feita por seu filho Antonio Fernandes Pessoa á João Gonçalves (conhecido pelo carpinteiro) passada no eng. Garapú. Aquellas terras mais tarde foram annexadas ao eng. Giquiá, sob o nome de S. Thimoteo, posteriormente mudado para S. Antonio, quando propriedade já do referido Antonio Fernandes Pessoa, sendo depois disso dos herdeiros do capitão Roque Antonio Correia. Pedro Affonso Duro, em honra do nome de sua mulher, denominou o eng. de *Magdalena*, dando ainda á cap. que houve no mesmo a inv. de S. Magdalena. No periodo da guerra hollandeza foi conhecido por differentes nomes, ficando por fim o primitivo. A Lei Provincial n. 1532, de 28 de Abril de 1881, creou no territorio de seu distr. uma freg. desmembrada da de Afogados, tendo por matriz a cap. de N. S. do Rosario da Torre, e com os limites marcados na mesma lei. Esses limites eram: da passagem do Cordeiro, no Capibaribe, riacho Cavouco acima até a bomba grande da estrada de rodagem; e subindo por esse riacho até o caminho que vem de Ipotinga e por esse na direcção leste, passando no Bongy a encontrar a estrada do Luca; cortando-a chega á dos Remedios e dahi ao rio Capibaribe e por esse rio abaixo ao ponto de encontro da partida desta linha. Não foi até agora provida canonicamente e continúa fazendo parte da parochia de Afogados. O Dr. Pereira da Costa, a respeito do eng. Magdalena, publicou o seguinte, em 1905:

« *Engenho da Magdalena.*— As terras da Magdalena, originariamente, pertenceram a Jeronymo de Albuquerque, por se acharem encravadas na doação *de uma legua de terra em Capibaribe, no rio Cedros*, que lhe fizera seu cunhado, o primeiro donatario Duarte Coelho, logo em começos da povoação de Pernambuco; e com ellas terminava a data doada, que ia extremar com as terras do engenho de Marcos André, depois de Torre, por um lado, e por outro com a Ilha de Joanna Bezerra. Passando as referidas terras aos filhos de Jeronymo de Albuquerque, em fins do seculo XVI, cada um foi vendendo a parte que lhe tocou, de sorte, que o trecho do rio Cedros para cima, que é exactamente a *Passagem da Magdalena*, foi vendido a Pedro Affonso Duro, casado com Dona Magdalena Gonçalves, onde levantaram um engenho de assucar movido por animaes, em época anterior a 1630, porquanto, já então existia a fabrica, como consta das *Memorias Diarias* do donatario Marquez de Basto, denominada, ora por Engenho da Magdalena, ora do Mendonça, do nome de seu proprietario João de Mendonça. Dava caminho ao engenho, uma *Passagem no rio*, situada, talvez, no local em que hoje se acha construida a ponte grande; e esta circumstancia, e o nome da sua primitiva proprietaria D. Magdalena Gonçalves, deram origem ao de *Passagem da Magdalena*, com que ficou conhecida a localidade. O engenho campeava no largo denominado hoje *Praça João Alfredo*, e exactamente no local em que se ergue a estação da Companhia Ferro Carril; e os vestigios das suas obras de assentamento se encontraram bem patentes por occasião da construcção da referida estação. A casa da vivenda ficava proximamente situada, e ainda existe, si bem que, sem mais os vestigios da sua antiga architectura: é precisamente o bello e espaçoso predio conhecido por *Sobrado Grande*. O engenho muito soffreu no periodo da guerra hollandeza, ficou abandonado; mas, depois da restauração foi convenientemente reparado, e começou a trabalhar. As suas

terras partiam dos limites da Bôa-Vista, e chegavam ás extremas do engenho da Torre. Passando successivamente a varios possuidores, pertencia em fins do seculo XVIII ao Dr. João Rodrigues Collaço, que foi juiz de Fóra de Pernambuco e depois ouvidor da Parahyba, de quem passou por herança a José Marcellino Rodrigues Collaço, seu sobrinho e afilhado. Vindo, em fim, a propriedade a pertencer ao Dr. Fellipe Neri Collaço, e a seus irmãos, por herança de seu pae José Marcellino Rodrigues Collaço, foram as suas terras divididas em lotes, e por elles vendidos a diversos, em época em que não existia mais o engenho, limitando-se a área então vendida ao extenso tracto que vae da ponte da Magdalena aos limites da povoação da Torre, pela Estrada Nova. Assim dividida a propriedade começou a povoar-se o local, e a formar-se essa povoação que constitue hoje o bello e aprazivel arrabalde da Passagem da Magdalena.»

Magdalena Furtado — *Barra* — com 4 braças de fundo na baixamar, sendo o leito de areia. A barra tem dous picões e um lagamar em que podem ancorar quatro navios em dezeseis pés, mas só podem sahir com terral ou á espia. (F. de Mello)

Magé — *Riacho* — Corre ao nascente e no distr. de Alagoinhas, mun. de Cimbres e depois de um curso de 60 kiloms. despeja no Ipanema.

Magé — *Serra* — Situada no distr. de Alagoinhas, mun. de Cimbres, fica situada ao Norte.

Magestoso — *Eng.* do mun. de Agua Preta.

Magico — *Engenho* — Situado no mun. do Bonito.

Magro — *Riacho* — Corre no mun. de Limoeiro, tendo sua nascente no logar Imbú e despeja pela marg. esquerda no Capibaribe, no sitio Aparo.

Malakof — *Engenho* — Situado no mun. do Cabo.

Malassombrado — (*Serrota* do) — Situada ao poente do mun. da Victoria e donde procede o rio Pirapama no logar Ronda.

Malembá — *Engenho* — Situado no mun. do Páo d'Alho.

Malhada — *Logar* do mun. de Limoeiro.

Malhada da Pedra — *Log.* no mun. de Caruarú.

Malhada da Pedra — *Serra* — Situada no mun. de Caruarú, no logar de seu nome, fórma uma cadeia na direcção Leste a Oeste.

Malhada da Vacca — *Log.* entre os limites das fregs. de Panellas e Caruarú.

Malhada dos Bois — *Log.* no mun. do Flores.

Malhadinha — *Povoação* — Situada á marg. occidental do Capibaribe, em terreno plano, pertence ao mun. de Limoeiro. E' de apparencia agradavel, pequena e sem vida e por isso mesmo, existindo ha muito tempo, não tem tido incremento. Poderá subir sua edificação a umas 60 casas — Seu clima é bom, frio e saudavel. Na povoação existe uma capellinha sob a invoc. de N. S. dos Remedios, muito estragada. O riacho Mary, despeja no Capibaribe, no logar Goiabas, nas proximidades desse pov. Dista da séde 35 kiloms.

Malunguinho — *Log.* no mun. do Recife e freg. de Afogados.

Mamão — *Lagôa* — Situada ao norte do pov. de Cimbres, antiga séde do municipio.

Mambucabinha ou **Mambucaba** — *Riacho* — Nasce e corre no mun. do Rio Formoso e derrama no oceano ao norte da ponta das Ilhêtas. Tem na barra cerca de 80 metros de larg. com 6 a 8 palmos de fundo. Banha o eng. Brejo. (Vide MAMUCABINHA.)

Mameluco — *Engenho* — Situado no mun. da Escada.

Mamoeiro — *Log.* no mun. do Buique.

Mamoeiro — *Riacho* — Affl. do Pitombeira, corre no mun. de Salgueiro.

Mamucaba — *Eng.* da freg. de Una, mun. do Rio Formoso, tem cap. e fica a 18 kilms. da séde.

Mamucabinha—*Riacho*—Corre no mun. do Rio Formoso e despeja em Tamandaré, depois de 9 kiloms. de curso, ao norte da ponta das Ilhêtas.

Mamucaia — *Eng.* da freg. de N. S. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, nas divisas com o mun. do Recife.

Mamulunga — *Engenho* — Situado no mun. de Iguarassú.

Manary — *Logarejo* no mun. de Buique, possue algumas casas inclusive uma de oração.

Manary — *Riacho* — Corre no mun. do Buique e despeja no rio Moxotó, no logar Caroá.

Manassú — *Engenho* — Situado no mun. de Jaboatão.

Manassú - *Riacho* — Corre no mun. de Jaboatão e derrama no rio desse nome junto a essa cidade.

Mandacarú -- *Lagôa* — Situada no mun. de Aguas Bellas.

Mandacarú — *Riacho* — Affl. do riacho Jacaré que derrama no Rio S. Francisco. Recebe o rio Sêcco.

Mandacarú — *Riacho* — Affl. do Capibaribe.

Mandahú — *Rio* — Nasce no mun. de Garanhuns, ao lado occidental, junto da cidade e da fonte denominada Brejo das Flores e, correndo para o sul, banha o Poço Comprido e a villa de Correntes, onde recebe o rio deste nome, seguindo dahi para o Estado de Alagôas, banhando pela esquerda a villa de Muricy e desaguando na lagôa ao norte da villa de Santa Luzia, do mesmo Estado. Recebe em Pernambuco, nos muns. de Garanhuns e Correntes, os riachos: Macuco, Pau Amarello, Paquevira, S. José, Conceição e Palha. (Vide MUNDAHU.)

Mandante — *Riacho* — Nasce na Serra Negra e, correndo de norte para sudoeste, faz o limite das fregs. de Tacaratú e Floresta, indo desaguar no rio S. Francisco, neste ultimo municipio.

Mandary — *Povoação* — Pertence á parochia de Taquaretinga e fica situada a 30 kiloms. de Vertentes e ao norte da estrada fronteira ao Algodão Manso. Tem pequena povoação e seus terrenos prestam-se á cultura do algodão.

Mandasaia — *Fazenda* de criar, situada nas proximidades da povoação de seu nome.

Mandasaia— *Povoação*—Situada no mun. do Brejo da Madre de Deus, a 30 kiloms. da cidade deste nome. Tem uma cap. da inv. de S. Antonio, erecta em 1857.

Mandasaia — *Riacho* — Affl. do rio Capibaribe.

Mandassú — *Riacho* — Affl. do rio Capibaribe.

Mandioca — *Riacho* — Nasce no logar Passira, desagua no Capibaribe pela marg. direita, defronte da cidade de Limoeiro.

Mandioca — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres, da Serra do Ororoba e despeja no riacho Genipapinho, affl. do Ipanema.

Mandury — *Log.* no mun. de Bom Jardim, freg. de Surubim.

Mangabeira — *Arrabalde* da freg. do Poço da Panella, mun. de Recife, ligado á Capital pela via-ferrea do Caxangá — ramal dos Afflictos — e demorando apenas uns 30 minutos de viagem. Optimamente saudavel, os medicos o recommendam muitas vezes como meio de curativo de certas molestias. E' tambem conhecido com o nome de Arrayal.

Mangabeira — *Engenho* — Situado no municipio de Iguarassú.

Mangabeira — *Log.* sem importancia entre as fregs. de Iguarassú e Tejucupapo.

Mangabeira de Baixo— Estação da via-ferrea do Caxangá, ramal do Arrayal, fica entre as de Tamarineira e Mangabeira de Cima.

Mangabeira de Cima — *Estação* da via-ferrea do Caxangá, fica entre as de Casa Amarella e Mangabeira de Baixo.

Mangueira — *Eng.* no mun. de Agua Preta.

Mangueira — *Eng.* no mun. da Escada, á marg. do rio Ipojuca e junto á linha ferrea do Recife a Palmares; fica á pequena distancia da estação da Escada e entre os engs. Novo e o Central Firmeza.

Manguinho—*Arrabalde*, na freg. da Graça, servido pela linha ferro-carril e pela via-ferrea do Caxangá; demora da Capital uns 20 minutos.

Manguinho—*Engenho*—Situado no mun. de Barreiros.

Manguinho — *Estação* da via-ferrea de Caxangá, situada na freg. da Graça, mun. do Recife.

Manguinho—*Pontal*—Extremo meridional da foz do rio Formoso, fazendo uma ligeira saliencia, formando suas primeiras pontas a enseada das Campas.

Maniçoba — *Riacho* — Corre no mun. de Exú, affl. do Brigida.

Maniçoba — *Riacho* — Corre no mun. de Alagôa de Baixo, affl. do Moxotó.

Maniçoba — *Riacho* — Corre no mun. de Pesqueira, affl. do Ipojuca, tendo sua nascente na Serra da Balança, a 30 kiloms. da cidade de Pesqueira.

Manimbú — *Engenho* — Situado na freg. de Tracunhãem, mun. de Nazareth.

Manoel Aguiar —*(Estancia de)* —Assim se chamava o local em que, no mun. do Recife, se vê actualmente o pov. dos Remedios, e tambem de *Nuno de Mello*, no periodo hollandez. Freguezia de Afogados.

Manoel Alves — *Povoação* — Situada ao norte da pov. Pau Ferro, mun. de Aguas Bellas; acha-se bastante decadente e possue uma cap. em ruinas, tendo mesmo quasi se reduzido a uma fazenda de criar.

Manoel de Mattos ou **Balanço** — Nome dado a uma parte da cordilheira que separa, entre os muns. de Timbaúba e Itabayanna, os Estados de Pernambuco e Parahyba. A estação Rosa e Silva, da *Great Western*, fica á pequena distancia da garganta dessa cordilheira, onde passa a estrada de ferro.

Manoel Gomes — *Riacho* — Corre no mun. de Cimbres e desagua no rio Ipojuca, pela marg. direita.

Manoel Pereira — *Lagôa* — Situada no mun. de Bom Conselho.

Manso — *Log.* — do mun. de Bom Jardim, situado ao poente e a 30 kiloms. da cidade, na estrada de Vertentes de Taquaretinga.

Manso — *Riacho* — Nasce no logar Olho d'Agua da Onça, freg. de Surubim, e com 30 kiloms. de curso se lança no Capibaribe, pela marg. esquerda, pouco abaixo da povoação de Couro d'Anta.

Manso do Algodão — *Povoado* — Situado no mun. de Taquaretinga.

Manso do Carrapato — *Log.* do mun. de Taquaretinga.

Manteiga — *Log.* do mun. de Limoeiro e nos limites da Gloria de Goitá.

Mapiruma — *Logar* ao norte de Catende, mun. de Palmares.

Mapiruma — *Riacho* — Corre no mun. da Escada para o rio Ipojuca.

Mar —*(Forte do)*— E' o mesmo que Lagem e Picão, situado na entrada da barra e sobre os recifes.

Maracahype — *Pontal* — Fica a pouco mais de 3 kiloms. de distancia da ponta de Serrambi, na lat. 8° 32' 17" S.

Maracahype — *Povoação* — Situada na costa, proxima á fóz do rio do mesmo nome e á marg. septentrional delle, a 8° 32' e 20" de lat. s. e 8° 7' 12" de long. E', junto á ponta do mesmo nome, baixa, coberta de arvoredos e de coqueiros; de longe parece alagada, fica a mais de 6 milhas ao sudoeste do

Cúpe. E' pequena povoação e nella existe uma igreja dedicada a N. S. da Conceição. A ponta de Maracahype é guarnecida de um lanço de recife na distancia de meia milha da praia.

Maracahype — *Ribeiro* — Proximo da costa é a nascente desse rio que vai desaguar no mar, junto da ponta do mesmo nome. Sua foz que é guarnecida de seccos e corôas tem unicamente 50^ms de largura que, augmentando pouco mais para dentro até a distancia de 5 kiloms., ahi estreita de modo a não poder permittir nenhuma navegação. Depois da barra encontra-se o fundo de 12 a 15 palmos, mas o rio acima varia de 6 a 10 palmos. São suas margens de lado guarnecidas de mangues e sómente depois de 5 kiloms. é que elas se tornam pedregosas.

Maranguape — *Povoação* — Séde da freg. de N. S. dos Prazeres de Maranguape, mun. de Olinda.

HISTORIA — A freg. de Maranguape foi desmembrada em 1691, da freg. da Sé de Olinda, a requerimento dos povos por causa do impedimento da barra do rio Doce, e em virtude da sentença do bispo D. Mathias de Figueiredo que lhe assignalou seus primeiros limites. Foi, entretanto, conservada em Curato até 1719, em que foi elevada á categoria de vigararia collativa, por alvará de João V e a requerimento dos mesmos povos; foi seu 1° vigario o P^e. Dr. Manoel Rodrigues Netto, formado em theologia. Nasceram ahi os seguintes illustres pernambucanos: Francisco Beranger d'Andrade, patriota que no levante dos Mascates, em 1711, tomando o partido dos seus compatriotas foi um dos sitiantes do Recife. Na destribuição das guarnições coube-lhe Olinda e nella a posição na Guarita, diante do mosteiro de S. Bento. Valoroso e cheio de fama conservou-se em seu posto até 8 de Outubro de 1711. José Cezar de Mello e Manoel Geraldo Monteiro outros dous patriotas desse movimento nativista que começou em 1 de Novembro de 1710. E Hermillo Peregrino David Moreira, patriota exaltado e voluntario da guerra com o Paraguay, fallecido em 8 de Outubro de 1868 no posto de capitão do 11° batalhão de voluntarios.

EXTENSÃO — A freg. tem de comprimento na direcção N. a S. 15 kiloms. pela costa; de L. a O. 23, a saber: 3 kiloms. do logar em que está a matriz para L. a terminar no areial da costa, e 20 para O, até a matta da Mirueira.

LIMITES — Confina ao N. com a freg. de Iguarassú pelos rios Mirueira, Jaguaribe e barra de Maria Farinha; ao S. com a da Sé de Olinda pelas aguas que correm para o rio Doce; a L. com o oceano; e a O. com a de S. Lourenço da Matta pela matta que fica 10 kiloms. além da estrada que segue do rio Mirueira até o Jacuhype.

TOPOGRAPHIA — Situada no littoral sobre uma colina e ao norte de Olinda, é uma pequena povoação sem vida, nem elementos de prosperidades, tem a velha igreja matriz de N. S. dos Prazeres, com patrimonio, bem construida e bastante estragada, e uma população de 800 habitantes.

POVOAÇÕES E CAPELLAS — *Pau Amarello,* com uma capella dedicada a N. S. do O', tem um patrimonio de dous sitios de terras. *Conceição dos Milagres* ou *Janga,* com uma capella daquella invocação. *Fragoso,* possue uma capella sob a protecção de Sant'Anna. *Paulista,* prospero povoado com uma fabrica de tecidos e uma capella da invocação de S. Paulo, em terras do eng de seu nome. *Paratibe,* á margem do rio de que tira a denominação, tem uma capella de Santo Antonio e outra de N. S. da Guia. *Rio Doce,* cap. de Sant' Anna. No eng. Timbó existe uma capella cujo orago é *S. Gonçalo.*

OROGRAPHIA — Não possue serras; mas, simples outeiros e colinas.

HYDROGRAPHIA — Correm na freg. os seguintes rios e riachos: o *Paratibe, Mirueira, Doce, Jaguaribe e Salgado.*

Ponte — Em Paulista existe uma na estrada de rodagem e sobre o rio Paratibe que ahi denominam rio Paulista.

Etymologia do nome — Maranguape é vocab. indigena e significa, segundo Baptista Caetano, caminho do desordeiro — de *maranguá* desordeiro e *pé* caminho.

Maranhão — *Eng.* do mun. de Ipojuca, possúe uma cap. da inv. de N. S. da Penha. Foi fundado antes da invasão hollandeza por João Tenorio de Molina. Fica ao poente da séde a 12 kiloms. della em linha directa.

Marapicú — *Log.* no mun. da Victoria.

Maravilha — *Eng.* do mun. de Amaragy.

Maravilha — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Maravilha — *Log.* no mun. de Bom Jardim.

Maravilha — *Serra* — Situada no mun. de Bezerros, perto das de Jurubeba, Mondé e Veado Magro.

Marayal — *Povoação* — Situada no mun. de Palmares, ao sul da séde está collocada á marg. direita do rio Pirangy, n'uma baixa cercada de serras, possuindo approximadamente umas 100 casas e uma capellinha. Aos sabbados nesse logar ha uma feira regular. Em 1904 existiam 7 estabelecimentos de fazendas e miudezas, 12 de molhados, 1 padaria e refinação e 3 açougues. Está a $215^{m}500$ acima do nivel do mar e a via ferrea Sul de Pernambuco tem ahi uma estação, situada ao lado direito da linha aberta ao trafego em 7 de Agosto de 1884, no kilom. 39,083 da estação de Palmares. Esta povoação foi fundada no anno de 1877, pelos barraqueiros, fornecedores de generos alimenticios aos trabalhadores da linha ferrea, então em construcção. Sua denominação provém do riacho Marayal, que faz barra ali, no rio Pirangy, alguns metros acima do mesmo povoado ao lado norte. O nome Marayal tem origem de uma palmeira que se encontra nas mattas da nascente do referido riacho. O povoado fica situado dentro de um quadro entre o rio Pirangy e os riachos Marayal e da Cobra, sendo Pirangy ao lado norte e os riachos citados do lado sul, atravessando a linha ferrea por dous pontilhões. Conta umas 150 casas o povoado, está collocado no centro da sesmaria do mesmo nome, que contem 6 kiloms. quadrados e forma um distr. policial com o nome de Marayal, pertencendo ao mun. de Palmares. Divide pelo lado do oriente e ao norte com o distr. da Colonia Frei Caneca; pelo lado do poente com o distr. de Barra de Jangada do mun. de Quipapá; e pelo sul com o distr. de Sertãosinho do mun. de Agua Preta. O distr. de Marayal é atravessado pelos riachos Marayal, Marayalzinho, Fortuna, Cobra e Urucú, os quaes despejam no rio Pirangy. A sua população é de 2.500 pessoas.

Marayal — *Riacho* — Corre no mun. de Palmares, perto do povoado acima e despeja no rio Pirangy, affl. do Una, tendo sua nascente nas mattas do eng. Goiabeira.

Marayalzinho — *Riacho* — Nasce nas mattas da propriedade Consulta, distr. de Barra de Jangada, mun. de Quipapá e derrama no Pirangy.

Maré — *Eng.* — da freg. de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Maroação — *Povoado* — Fica situado no mun. de Itambé; á marg. da estrada que passa naquelle logar da Parahyba, limitrophe deste Estado, ha uma grande gruta que parece uma enorme bacia e é uma curiosidade natural.

Marçaes — *Eng.* — do mun. de Ipojuca, ao sudoeste e a 9 1/2 kiloms. da séde.

Marcella — *Riacho* — Nasce no mun. de Bom Jardim e correndo para o sul, derrama acima do povoado Salgadinho, pela marg. esquerda do Capibaribe.

Marcos — *Log.* — no mun. de Iguarassú a uns 2 1/2 kiloms. de Itapissuma. Por sitio dos Marcos, assim é

denominada uma propriedade em terras de Iguarassú, em frente ao engenho Salgado, em virtude de ahi existir um marco com as armas reaes de Portugal. Não sabemos se este marco foi plantado ahi por Duarte Coelho, donatario desta capitania, para marcar o seu limite com Itamaracá, que então constituia outra capitania, ou, se, por Christovão Jacques em 1503, quando foi incumbido de explorar a costa do novo paiz por acaso descoberto, de sondar os baixos e rios, e de collocar padrões das armas reaes por onde fosse tocando, como attestado da posse e senhorio de Portugal. No entretanto, é de presumir que o marco fosse ahi plantado em 1503, por Christovão Jacques, pois a corôa que existe sobre o escudo das armas portuguezas, é a que usava El-Rei D. Manoel, ao passo que, se fosse collocado, por divisão das duas capitanias, em 1535 por Duarte Coelho, deveria ter sobre o escudo a corôa de D. João III, que então reinava, a qual muito differe da de D. Manoel. Seja, porém, este ou aquelle, é este marco ou padrão um objecto raro e de muita curiosidade, pela sua historia e antiguidade. E' de marmore branco, finissimo, mas enegrecido pelo tempo; tem a forma circular, e ao lado que olha para Leste, desenha-se um escudo das armas reaes de Portugal, em alto relevo, sobre o qual firma-se a corôa de El-Rei D. Manoel.

Marcos André — Um dos primitivos nomes da ilha de S. Antonio que, ao presente, comprehende as fregs. de S. Antonio e S. José. Marcos André foi o senhor do eng. Torre e um dos proprietarios daquella ilha. Com similhante nome tambem se denominou o eng. Torre; depois perdeu o de seu proprietario para tomar o de Torre, devido a torre que tinha a Capella do eng., facto aliás que não era commum naquelle tempo nas igrejas de taes propriedades.

Maria das Mercês — *Usina* do mun. do Cabo, junto á estação de Ipojuca, fundada pelo Dr. Affonso Arthur Cysneiro de Albuquerque. Por Decreto do Governo do Estado de 16 de Julho de 1891 e contracto, lavrado no Thesouro em 21 do mesmo mez e anno, foi concedido ao coronel José da Silva Cysneiro Guimarães, ao tenente-coronel Manoel Cisneiro da Costa Reis, a José Cisneiro de Albuquerque Mello e ao Dr. Affonso Arthur Cisneiro de Albuquerque, associados, consenhores e rendeiros dos engenhos Utinga de Cima, Castello e Olinda (situados no municipio do Cabo), e Bom-Fim (situado parte no mesmo Municipio e parte no de Ipojuca) o auxilio de 250:000$000 em apolices de juros de 7 % ao anno para fundação de uma Usina que se denominou *Maria das Mercês* e foi construida no primeiro dos referidos engenhos. Em 26 de Janeiro de 1893, por termo lavrado no Thesouro, os concessionarios acima, sob a razão social de Costa Reis, Cisneiro & C., se obrigaram a satisfazer, no prazo de tres mezes, as exigencias indicadas pela commissão incumbida do exame dos contractos das Usinas, neste Estado, e constantes de seu relatorio apresentado em 15 de Outubro de 1892. Por Decreto do Governo do Estado de 18 de Outubro de 1895 e contracto celebrado na 1ª Directoria da Secretaria da Industria, em 21 do mesmo mez e anno, foi concedido á Usina de que se trata o augmento de 250:000$000, para seu desenvolvimento, em apolices do mesmo typo das do emprestimo primitivo, o qual ficou assim elevado a 500:000$000, tendo sido todo entregue aos concessionarios. A Usina tem cerca de 18.000 k. de linhas ferreas de 0m.60 de bitola, servidas por duas locomotivas. Estas linhas partem da Usina em direcção aos partidos de cannas e além dellas ha ainda um pequeno trecho de 1m,60 de bitola ligando a fabrica á estrada de ferro de S. Francisco, na estação de Ipojuca.

Maria Farinha — *Povoação* — Situada no mun. de Iguarassú, a 16

kiloms. da cidade de Olinda, lat. 7° 48' — Fica sobre pequena elevação, logo na foz do rio do mesmo nome, á margem occidental e seguindo rio acima, havendo igualmente do lado oriental algumas casas; a povoação contém a igreja de S. José no alto de um outeiro, perto do littoral, a de S. Bento no alto de um morro, cerca de duas milhas para o interior e a da Conceição, na praia que é bastante povoada e cheia de coqueiros. O abaixamento que o recife faz ahi é o que chamam a barra de Maria Farinha, precisamente no logar onde é mais estreita e tem pequena extensão. Só pequenos barcos podem transpor essa barra. Depois da barreta de Maria Farinha, o recife inclina um pouco para a costa e demorando o pontal do mesmo nome finalisa formando o picão do norte da barra de S. José, apparecendo, porém, com pequeno espaço pouco mais ao mar, indo passar na ponta do Leitão, na distancia de duas milhas. Ao sul da barra da Ilha de Itamaracá, na lat. S. 7°, 48' 45" e long. or. 8°, 17' 18" fica o pontal de Maria Farinha, saliente, d'areia, alcantilado de baixa verdura e onde destacam-se bastantes coqueiros. Desde 1869, quando por lei prov. foi mudado o nome de Maria Farinha para Nova Cruz a parte florescente commercial e prospera desse logar é conhecida pelo ultimo dos nomes e nella existe uma igreja da inv. de N. S. das Dores. (Vide Nova Cruz.) Possue excellentes pedreiras calcareas compactas.

Maria Farinha — *Rio* — Tem suas nascentes no mun. de Iguarassú onde corre, seguindo por algum espaço o rumo sul e depois para o sudoeste, faz seu curso até a distancia de 6 kiloms.

Maria Fula — *Riacho* — Nasce no mun. de Ipojuca, tem pequeno curso e desagua no Merepe.

Maria Izabel — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá.

Maria Luzia — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho, é affl. do Perypery.

Marianna — *Arraial* — no mun. de Buique.

Marianna — *Povoação* — Assentada sobre a serra do Exú do mun. de Aguas Bellas. Seus habitantes são hospitaleiros. Existe ahi uma capella.

Marianna — *Riacho* — Corre no mun. do Bom Conselho. Em suas margens dizem existir uma mina de cobre.

Maria Simplicia — *Log.*—adiante do mun. de Olinda, na estrada de Iguarassú.

Maricota — *Povoação* — Situada no mun. de Iguarassú, á margem do rio Timbó, tem uma cap. em construcção, e dista 12 kiloms. da séde do mun. Ahi, em 10 de Novembro de 1848, o coronel José Vicente de Amorim Bezerra bateu uma guerrilha dos liberaes rebeldes.

Marim — nome primitivo da legendaria cidade de Olinda, ao tempo de sua fundação.

Maripicú — *Log.* — no mun. da Victoria.

Mariquipú — *Rio* — Affl. do Capibaribe, no mun. do Limoeiro.

Mariquita — *Eng.* — do mun. de Amaragy.

Mariuna—*Eng.* do mun. de Goyanna, fundado antes do dominio hollandez por Francisco Homem d'Almeida. Ausente seu proprietario, os inimigos batavos em 1637 confiscaram o mesmo engenho.

Marmajudo—*Riacho*—Nasce na Chã do Gizeiro e desagua no rio Beberibe no logar Coelhos, depois de um curso de 600 metros de extensão.

Marmota—*Riacho*—Affl. do rio Pirangy e este do Una.

Maroim—*Ilhota*—Situada no bairro de Santo Amaro, mun. do Recife.

Marojó—*Eng.* na freg. de Vicencia, mun. de Nazareth, a 11 kiloms. LS E da séde parochial.

Marôtos—*Eng.* no mun. de Nazareth a 11 kiloms. a leste da séde.

Marôtos—*Povoação*—Situada na freg. de N. S. do Bóm Despacho da Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth da Matta. Possue uma cap. da inv. de S. Gonçalo.

Marôtos — *Serra* — Situada no mun. de Gravatá

Marques—*Pontal* — Pertence ao mun. de Barreiros, proximo á pov. de S. José da Corôa Grande.

Marrôá—*Serra*—Situada no mun. de Cabrobó entre as do Bondó e Algodão.

Mary — *Lagôa*—Situada á marg. do rio S. Francisco e no mun. de Cabrobó, pouco acima da lagôa da Catinga e da pov. do Ibó.

Mary — *Riacho* — Nasce entre os logares Sitio e Côcos, mun. de Limoeiro, e, correndo do sul para o norte, despeja depois de um curso de 48 kiloms. no rio Capibaribe, junto á povoação de Malhadinha no logar Goiabas.

Mascarenhas—*Serra*—Situada ao sul do mun. de Timbaúba, entre este e o mun. de Nazareth. Forma, com outras serras, uma grande ramificação com diversos nomes, chegando esta cordilheira ainda á linha divisoria de Nazareth e Bom Jardim. Nesta serra ha uma enorme pedra com uns 22m,0 de altura, donde, a vista, se dilatando pelo largo e deslumbrante horizonte, que apresenta, o panorama é deslumbrante, e descobre por entre a gaze azulada da distancia, as cidades de Timbaúba, de Nazareth, de Goyanna e a povoação de Tracunhãem.

Mascate—*Eng.* no mun. do Rio Formoso, á marg. do riacho Ilhêtas e a 8 kiloms. ao sul da cidade, séde do mun.

Massagano — *Riacho* — Forma, com o Algodoaes, o Suape.

Massangana—*Eng.* do mun. do Cabo, tem uma cap. da inv. de S. Matheus

Massaranduba—*Eng.* do mun. de Palmares, a 20 kiloms. a leste da séde. Confinam suas terras com os engs. Poço, Pitoresco, Saudade e Machado.

Massaranduba—*Eng.* do mun. de Goyanna, freg. de Tejucupapo, construido antes do dominio hollandez por Diogo Lopes Lobo e Domingos Pinto da Fonseca.

Massaranduba—*Eng.* na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba a 45 kiloms. ao norte da séde.

Massaranduba — *Povoação* — Pertence ao mun. de Goyanna, tem uma cap. da inv. de N. S. da Boa Viagem, á marg. do rio do mesmo nome.

Massaranduba—*Riacho*—Corre no mun. da Gloria de Goitá, seccando pelo verão, passa distante da cidade deste nome a um kilom. mais ou menos.

Massaranduba — *Rio* — Nasce no mun. de Goyanna, d'uns outeiros, perto da costa, e, seguindo a principio a direcção ENE e depois norte, vae desaguar no lado boreal da barra de Catuama, tendo na foz e ainda por espaço de uns 2 kiloms. o nome de *Itapessoca*. Sua foz é muito estreita, bordada de algumas pedras, mas bastante funda : uns 250 metros para dentro observa-se, na marg. oriental, um areial onde está situado o povoado *Catuama de Dentro*. E' navegavel pelas embarcações de pequena cabotagem, offerecendo um fundo de 24 a 27 palmos, areia fina e lama. O nome deste rio tem como origem a abundancia da madeira assim chamada, que existe no espaço atravessado pelo seu curso.

Massaranduba—*Serra*—Situada no mun. de Cimbres, a 22 kiloms. ao sul do mun. de Pesqueira

Massaranduba—*Serra*—Situada no mun. do Limoeiro.

Massauassú—*Usina*—Por decreto do Governo do Estado de 28 de Junho de 1895 e contracto de 4 de Julho seguinte, lavrado na 1ª Directoria da Secretaria da Industria, foi concedido a D. Carolina da Silveira Lins, proprietaria do Engenho Massauassú, situado no Municipio da Escada, o auxilio de 375:000$ em apolices de juros de 7 %

ao anno, para desenvolvimento da Usina alli já fundada. Por decreto de 18 de Março de 1896 do Governo do Estado e contracto de 23 do mesmo mez e anno, lavrado na referida 1ª Directoria da Secretaria da Industria, foi concedido á firma social Silveira Lins & Filhos então organizada para exploração da mesma Usina, o augmento de 225:000$ em apolices do mesmo typo das do emprestimo primitivo, o qual ficou assim elevado para 600:000$ tendo sido todo entregue aos concessionarios. A Usina dista da estação da Escada, na estrada de ferro de S. Francisco, cerca de 9 kilometros em quanto, mais ou menos, é avaliada a extensão da via-ferrea, de $0^m,75$ de bitola, que, partindo de um alpendre, construido a alguns metros de distancia da estação, vae terminar por traz do edificio da fabrica, d'ahi se bifurcando em diversos ramaes para os partidos de cannas num percurso ainda de cerca de 3 k. 500 de extensão.

Massiape — *Eng.* do mun. de S. Lourenço da Matta, fundado por Francisco do Rego Barros, antes da invasão hollandeza. Parte de Massiape para o Recife, o coronel Schkoppe, os majores Picard e Hyk com suas tropas e o conselho politico Schoth. Tem uma cap. da inv. Chagas de Christo.

Massiape — *Riacho* — Nasce das mattas do eng. de seu nome e correndo no mun. de S. Lourenço da Matta vae derramar no rio Capibaribe, pela margem esquerda.

Massiapinho —*Riacho*— Nasce, corre e desagua pela marg. esquerda do Capibaribe, no mun. de S. Lourenço da Matta.

Mata-Boi — *Pequeno povoado* — Pertence ao mun. de Granito.

Mata-Cabra — *Riacho.* — Affl. do rio S. Francisco, desagua em frente á Ilha Grande e á foz dos riachos Barra e Cibita.

Matapagype — *Eng.* do mun. do Cabo, tem uma capella da inv. de N. S. da Boa Esperança. Foi fundado antes da invasão hollandeza, tendo como padroeiro S. Marcos, por Gaspar de Mecœdre, e em sua ausencia, durante o dominio batavo, em 1637 foi confiscado e vendido a Miguel van Merenbergk e Martinus de Courte. Fica ao poente da séde e proximo ao rio Pirapama.

Matapiruma — *Eng.* do mun. da Escada, a léste, tem uma cap da inv. de N. S. da Conceição, benta em 1881 pelo vigario Simão de Azevedo Campos.

Matapiruma— *Riacho* — Banha o mun. da Escada em terras do eng. de seu nome e corre para o rio Pirapama.

Matary — *Eng.* do mun. de Goyanna.

Matary — *Riacho* — Affl. do rio Tracunhãem. Corre nos muns. de Nazareth e Goyanna, banhando o eng. de seu nome.

Matarysinho — *Eng.* situado ao norte de Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth.

Matarysinho — *Riacho* — Nasce no logar Chã de Camará, e correndo pela freg. de Lagôa Sêcca, mun. de Nazareth, banha os engs. Pendencia, Rebelde, Matarysinho, Republicano e Matary e vae deitar suas aguas no rio Tracunhãem.

Materia — *Riacho* — Vide AGUA DA MATERIA.

Matheos — *Riacho* —Affl. do rio Serinhãem, corre no mun. de Gameleira.

Matheos — *Riacho.* — Derrama no rio S. Francisco, entre o riacho do Estreito e a lagôa da Jurema, mun. de Bôa-Vista.

Mathias Coelho — *Serra.*— E' um dos ramos da grande serra das Russas que atravessa o mun. de Gravatá com similhante nome.

Mathias d'Albuquerque — *Arraial* — Estabelecido por este general o forte do Bom Jesus, cuja situação foi justamente no local em que se vê, ao presente, a estação da Mangabeira de Cima, sitio que é propriedade do Dr. Ma-

noel da Trindade Peretti. Rendeu-se o forte, em 6 de Junho de 1630: depois de um cerco de tres mezes e tres dias, mortos de fome e já levados á extrema miseria de comerem cavallos, cães, couros, gatos e ratos, os heroicos defensores entregaram-se, porque era humanamente impossivel resistirem mais

Matinada — *Serra* — No mun. de Bom Jardim, ao norte, e nos limites com o Estado da Parahyba e entre as do Orondongos e Verde.

Matta Escura — *Serra* — Situada no mun. de Buique.

Matta Grossa — *Lagôa* — Situada no mun. de Granito.

Matta Limpa — *Eng.* do mun. de Goyanna.

Matta Limpa — *Eng.* da freg de Lagôa Secca, mun. de Nazareth.

Matta Virgem — *Povoado* — Situado no mun. de Bom Jardim, freg. de Surubim, nos limites de Pernambuco com a Parahyba, a 35 kiloms. da cidade de Bom Jardim. Tem uma cap. dedicada a N. S. da Conceição. Metade da povoação é do Estado da Parahyba. Dista de Surubim 15 kiloms. ao noroeste. A separação das aguas é que estabelece a divisão dos dous Estados de Pernambuco e Parahyba, nesse ponto.

Matta Virgem — *Serra* — Situada na freg. de Surubim, a 18 kiloms. ao norte da matriz, divide os Estados de Pernambuco e Parahyba. E' bastante fresco e fertil o seu terreno

Matta do Xavier — *Log.* ao norte do mun. da Victoria, a 18 kiloms. da séde do municipio.

Mattinha — *Log.* na freg. da Graça, mun. do Recife, entre as linhas ferreas do Recife a Olinda e o ramal do Arraial da do Caxangá e Varzea. Fica entre os logares Espinheiro, Rosarinho e Sertãosinho.

Matto Grosso — *Eng.* do mun. do Cabo.

Matumbo — *Log.* no distr. de Beberibe, mun. de Olinda, a pequena distancia da povoação de Beberibe.

Matury — *Log.* no mun. de Bom Jardim.

Maués — *Povoação* — Fica á margem da estrada de rodagem do mun. da Victoria, 1 kilom. ao poente da cidade.

Mauricea — *Eng.* do mun. de Agua Preta, banhado pelo riacho de seu nome e proximo do rio Una. Fica a 15 kiloms. a sudoeste da séde.

Mauricea ou **Mauricia** — Assim se denominou a freg. de Santo Antonio, mun. do Recife, no dominio hollandez e no governo do Conde Mauricio de Nassau, até a restauração.

Mauricea — *Riacho* — Banha as terras do eng. do seu nome e vae desaguar no rio Una.

Maurity — *Eng.* do mun. de Agua Preta

Maxicunaba — *Eng.* do mun. de Bom Jarnim.

Maxito — *Serra* — Situada no mun. de Altinho.

Mazagão — *Eng.* do mun. de Nazareth, freg. de Tracunhãem, situado á marg. do riacho Carahú. Ahi nasceu em 1768 o general José Ignacio de Abreu e Lima, notavel publicista e historiographo, fallecido no Recife em 1869, tendo a seu cadaver se negado, por motivo de, na questão religiosa, haver o general se mostrado contrario ao catholicismo, sepultura no cemiterio catholico, indo sepultar-se no protestante dos inglezes.

Mazena — *Riacho* — Corre no mun. de Taquaretinga, para o riacho Topada, affl do rio Capibaribe.

Medéa — *Riacho* — Nasce na serra da Baixa Verde e correndo no mun. de Triumpho vae desaguar no Aboboras.

Megahipe — *Eng.* situado na freg. de Muribeca, mun de Jaboatão, pertenceu a Luiz Marveim e foi fundado antes da invasão hollandeza, sendo confiscado em 1637. Tem uma cap. instituida pelo fundador, sob a inv. de S. S. Felippe e Santiago.

Megahó — Dous engs. do mun. de Goyanna (de Cima e de Baixo). Fundados por Fernão de Sá, natural da Aldeia Gallega, tronco em Pernambuco, da familia Carvalho, segundo a Nobiliarchia.

Megahó — *Riacho* — Nasce na lagôa de Tejucupapo, no Catucá de Goyanna e tem sómente 18 kiloms. de curso, indo desembocar no oceano, pouco mais de milha ao sul de Goyanna, e na enseada da barra do mesmo nome. Em sua foz tem 140 a 150 metros de largura, com 36 palmos de fundo que vae gradualmente diminuindo de modo que com uns 9 kiloms. de curso fica com 4 palmos, e o rio muito estreito.

Meio — *Eng.* do mun. de Ipojuca ao nordeste da séde e a 10 kiloms. da mesma.

Meio — *Eng.* na freg da Varzea, mun. de Recife, e pouco distante da estação de Iputinga Em terras deste eng. em 1646 foi levantado o Arraial Novo do Bom Jesus, salvando pela primeira vez a fortaleza do Arraial Novo, em 1 de Janeiro do referido anno.

Meio — *Ilha* — Situada no Archipelago de Fernando de Noronha entre as ilhas Rata e Rasa.

Meio — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e desagua no Parahyba.

Meio — *Riacho* — Corre no mun. de Flores e desagua no Pajehú.

Meio — *Riacho* — Affl. do Camaragibe, corre no mun. de S. Lourenço da Matta.

Meio — *Serra* — Situada no mun. de Tacaratú. Entre ella e a do Parafuso acham-se muitas accumulações de bloks de grés, formando pyramides.

Meirim — *Eng.* do mun. de Barreiros, tem uma cap. da inv. de N. S. da Conceição, fica a 9 kiloms. da séde.

Meirim—*Riacho* — Nasce na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, e depois de pequeno curso vae despejar no Capibaribe Meirim.

Meirim — *Serra*—Situada no mun. de Timbauba, freg. de S. Vicente, nos limites de Bom Jardim, fica ao sul da pov. desse nome.

Mel —*Riacho* — Banha o mun. de Gravatá e despeja no rio Ipojuca

Mel — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e desagua no Parahyba.

Mel — *Riacho* — Nasce na serra do Macaco, no mun. do Buique, e corre para o rio Ipanema.

Mel — *Riacho* — Nasce ao poente do mun. de Cimbres, no logar Olho d'Aguasinha, banha a pov. de Olho d'Agua dos Brêdos, e vae derramar no rio Moxotó.

Mel — *Riacho*—Nasce pouco acima da povoação do Olho d'Agua dos Brêdos, entre as fazendas das Varas e Mimoso e entra no Moxotó abaixo da povoação Geritacó.

Mel — *Ribeiro* — Tributario do rio Capibaribe, pela marg. esquerda no mun. de Limoeiro. Sobre elle existe na estrada que vae para o sertão e quasi em sua foz uma pontesinha de madeira. Nasce no logar Imbé do mun. de Bom Jardim, no sopé de um pequeno monte, e correndo para o mun. do Limoeiro com 15 kiloms. de curso, vae derramar no Capibaribe, no Arraial de seu nome.

Mel — *Serra*— Situada no mun. do Bonito ao oeste da villa do mesmo nome.

Melancia — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Melancias — *Riacho* — Nasce na Serra da Aldeia Velha, mun. de Cimbres a 12 kiloms. do povoado Olho d'Agua dos Brêdos, desemboca no riacho do Mel, na fazenda Malhada.

Melodença — *Riacho* — Nasce e corre no mun. de Taquaretinga e depois de pequeno curso despeja no Topada, affl. do Capibaribe, marg. norte.

Meltrada — *Log.* do mun. de Garanhuns.

Mendes — *Log.* do mun. de Correntes.

Mendes — *Log.* do mun. de Limoeiro.

Mendes — *Riacho* — Affl. do rio Una, no dist. de Bebedouro, mun. do Altinho.

Mendes — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho; é affl. do rio Parahyba.

Mendes — *Serra* — Situada no dist. de Bebedouro, mun. do Altinho, e nas divisas deste com o mun. de Bezerros.

Mendonça — *(Estancia do)* — No tempo da lucta hollandeza assim se chamava a Madaglena. Foi tomada pelos hollandezes em 18 de Março de 1633.

Mendury — *Povoadinho* — Situado entre os povoados Gamelleira e Chata no mun. de Altinho, possue uma cap. e um cemiterio.

Meninos — *Serra* — Situada ao sul do mun. de Aguas Bellas, tem uma extensão de 42 kiloms. e altura de 700 metros.

Mentirosos — *Riacho*—Nasce na serra Vermelha, banha o mun. de Altinho, ficando em sua marg. esquerda o povoado Bebedouro, e despeja no rio Una.

Mentirosos — *Serra* — Situada no mun. de Altinho.

Mercês — *Eng.* do mun. de Ipojuca, tem uma cap. da inv. de N. S. das Mercês. Fica ao norte e a cinco kiloms. de N. S. do O'

Mercês—*Riacho*—Nasce no mun. de Ipojuca, no eng. de seu nome, e depois de quatro kiloms. de curso despeja no rio Ipojuca. Sobre este rio está a ponte do Salgado; e as embarcações de pequena cabotagem chegam até ahi, pelo que o denominam de porto do Salgado.

Merepes — *Riacho* — Nasce no mun. de Ipojuca, e depois de um curso de 33 kiloms. pelo mesmo mun., vae despejar na barra do Suape, junto do Ipojuca, passa perto uns dous kiloms. da villa de N. S. do O' e communica-se depois com o Maracahype; pouca ou nenhuma correnteza tem. E' seu affl. o riacho Maria Fula.

Merepes — *Riacho* — Affl. do Capibaribe Meirim, no mun. de Timbauba.

Mereré — *Eng.* do mun. de Goyanna.

Meringabas—*Log.* — do mun. da Victoria.

Meringabas — *Riacho* — Corre no mun. da Victoria, desagua no riacho Natuba, affl. do Tapacurá.

Miguel — *Riacho* — Nasce no mun. de Cimbres e depois de pequeno curso, vae fazer barra no Ipojuca, ao nordeste de Pesqueira.

Mijadura — *Serra* — Situada no mun. de Garanhuns.

Mijo da Onça—*Serra*—Situada no mun. da Pedra do Buique, distr. do Tará e nas divisas com o mun. de Garanhuns e com S. Bento.

Milagres — *Arraial*—Situado no mun. de Salgueiro.

Milagres — *Estação* da via-ferrea de Olinda, dentro da cidade, entre as do Varadouro e Carmo, e junto á praia de seu nom., donde vê-se a igreja dessa invocação.

Milão—*Eng.* do mun. de Agua Preta.

Mimoso — *Log.* do mun. de Garanhuns.

Mimoso — *Povoado* — Situado á marg. esquerda do Ipojuca, pertence ao mun. de Bezerros e fica a oeste desta cidade.

Mimoso — *Riacho* — Nasce na serra de S. José, mun. de Buique e de S. a N. vae lançar-se no riacho do Mel.

Mimoso—*Riacho*—Nasce no mun. de Cimbres, corre e despeja, pela marg. direita, no rio Ipojuca.

Mimoso da Bulha— *Log.* onde tem sua nascente o riacho Madre de Deus, mun. do Brejo.

Mina Grande — *Serra* situada no mun. do Buique, a 793 ms de altitude.

Minas —(*Lagôa das*)— Fica situada a leste da povoação de Cimbres, antiga séde do municipio.

Minas Novas — *Eng.* do mun. de Gamelleira, a 15 kiloms. ao norte; fica á marg. esquerda da linha ferrea do Recife ao S. Francisco, entre os engs. Rainha dos Anjos e Ribeirão, no kilom. 83.

Mineiro —*Eng.* do mun. de Goyanna.

Mingáo — Assim se chamou o engenho Giquiá, freg. d'Afogados, quando propriedade de Antonio Fernandes Pessôa, filho de Pedro Affonso Duro e D. Magdalena Gonçalves. Hoje não existe e o local é um povoado á margem da estrada de rodagem.

Mingáo de Baixo — *Eng.* no mun. de Goyanna, freg. de Tejucupapo.

Mingáo de Cima — *Eng.* no mun. de Goyanna, freg. de Tejucupapo.

Minhocas — *Eng.* do mun. da Victoria, tem uma cap. da inv. de Jesus Maria e José.

Mirador — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Mirador —*Eng.* do mun. de Ipojuca, a 8 1/2 kiloms. ao NO da Villa de N. S. do O'.

Miranda—*Eng.* do mun. de Goyanna.

Mirim — *Log.* do mun. de Ipojuca, entre os engs. Amazonas, Bomfim, Sapitango, Bertioga e Conceição Velha.

Miritiba — *Morro* — Situado no mun. de Pau d'Alho, é bastante elevado e de seu cimo, com oculo de alcance se vêem as embarcações surtas no porto da cidade do Recife.

Mirueira — *Rio*—Corre no mun. de Olinda, freguezia de Maranguape, servindo de limite ás freguezias de Iguarassú, S. Lourenço e Maranguape.

Mirueira—*Sitio*—Pertenceu á extincta congregação dos padres de S. Felippe Nery. Em 10 de Fevereiro de 1881 o Ministro da Fazenda autorizou ao presidente da então provincia a arrendar esse sitio, não devendo o prazo ser maior de 12 annos, nos termos da Lei de 12 de Outubro de 1831, visto como na forma da Lei de 9 de Dezembro de 1830 era considerado proprio nacional. Este sitio está á disposição da S. Casa da Misericordia do Recife, que não póde aforal-o.

Missão — *Ilha* — Situada no rio S. Francisco, tendo 9 kiloms. de comp. e 2 kiloms. de largo.

Mocambo — *Log.* do mun. de Aguas Bellas.

Moças — *Eng.* do mun. de Gamelleira a 21 kiloms. ao oeste da séde.

Moças — *Riacho* — Nasce na serra do Canivete, mun. de Canhotinho, corre de O. a L. e atravessando o ramal da União no kilom. 6, vae desaguar no rio Canhoto.

Moças—*Serra* — Situada no mun. de Cimbres, distante da cidade de Santa Agueda de Pesqueira 25 kiloms., separa este Estado do da Parahyba, confinando com o termo de Alagôa do Monteiro.

Mochito — *Serra* — Situada no mun. de Altinho, proxima da Serra do Urucú.

Mochotó — *Rio* — Vide MOXOTÓ.

Mocó —*Log.* do mun. de Garanhuns, a 18 kiloms. desta cidade, tem a alt. de 84 metros.

Mocó—*Serra* — Situada no mun. do Bonito.

Mocó — *Serra* — Situada no mun. da Pedra, faz parte da Cordilheira que vem do mun. de Cimbres com a denominação de Guerra, Jardim, Brejinho e Gamelleira.

Mocós —*Riacho* — Corre no mun. de Caruarú, é affl. do rio Ipojuca.

Mocós—*Serra*—Pertence ao mun. de Gravatá, onde fica situada.

Mocós — *Serra* — Situada no mun. de Timbaúba, junto ao povoado de Mocós Velhos ou simplesmente Mocós. Fica a SO da cidade de Timbaúba, e tem uma elevação de uns 400 metros.

Mocós de Baixo — *Serra* — Situada entre os muns. de Bezerros e o do Bonito.

Mocósinho —*Povoado* — Situado no mun. de Timbaúba, junto á cidade, da qual póde-se dizer é um prolongamento.

Mocós Velhos — *Povoação* —Situada junto á Serra dos Mocós, em terreno plano, é um povoado decadente do mun de Timbaúba, de cuja séde dista 2 kiloms.; possue umas 30 casas, e uma população correspondente a 150 habitantes, mais ou menos. Ha nesse logar uma cap. dedicada a N S. da Conceição. A actual e florescente cidade de Timbaúba teve seu inicio nesse povoado.

Mocotó — *Eng.* —do mun. de S. Lourenço, á margem da estrada de rodagem junto á via ferrea do Limoeiro.

Mocotó—*Log.*— do mun. de Cimbres.

Mocotó – *Riacho* — Corre no mun. da Victoria, e é affl. do Tapacurá.

Mocustú — *Serra* — Situada no mun. de Flores, com 6 kiloms. de extensão e 3 de largura.

Modixote — Uma propriedade desta denominação situada no mun. do Cabo, que pertenceu a Antonio Vieira de Mello, cavalleiro fidalgo portuguez, chegado ao Brazil antes de 1630, o qual foi o tronco da familia Vieira de Mello em Pernambuco, como refere a Nob. Pernambucana.

Molina — *Rio* — Assim se chama no rio Goyanna a immensa volta que elle faz da cidade de Goyanna até sua foz entre Ponta de Pedras e Ponta dos Coqueiros.

Mofundo — *Log.* — do mun. da Gloria de Goitá, onde existe uma fonte de agua mineral, cujas propriedades não foram estudadas ainda.

Moleque — *Fazenda* de criar situada no mun. do Brejo, dista de Mandasaia 15 kilometros.

Moleque — *Serra* — Situada no mun. de Garanhuns, tem a extensão de 6 kiloms. de N. a S. e nella nasce o riacho Carrilho, affluente do Una.

Mombaça — *Riacho* — Banha o mun. de Flores e derrama no Pajehú.

Mondé — *Riacho*—E' um dos affls. do rio Serinhãem.

Mondé—*Serra*—Situada no mun. de Bezerros, perto das da Maravilha, Jaboticaba e Veado Magro.

Mondé —*Serra* —Situada no mun. do Limoeiro, proxima á povoação da Pedra Tapada que fica a 24 kiloms. a oeste da cidade do Limoeiro.

Mondêgo — *Local* da freg. da Boa Vista, mun do Recife, hoje comprehendido na parte extrema da actual rua Visconde de Goyanna, e que primitivamente fôra um sitio, ao qual lhe dera o nome seu proprietario, que era portuguez. Neste local e no mesmo sitio, onde actualmente está o collegio Salesiano, morou, durante sua administração, o governador Luiz do Rego Barreto; e durante a lucta hollandeza, Henrique Dias, fazia ahi seu ponto de observação, o qual se comprehendia em sua estancia.

Mondubim— *Riacho* — Corre no mun. da Boa Vista e desagua no São Francisco, proximo á Ilha do Pontal.

Monguba — *Log.* do mun. de Limoeiro.

Monjope — *Eng.* do mun. de Iguarassú, a sudoeste da séde ; é regado pelos riachos Pitanga e Monjope; nelle faz confluencia o riacho Utinga com o Pitanga para formarem o rio Iguarassú. Limita-se com os engs. Inhamam, Utinga, Pitanga e Tabatinga.

Montado—*Log.* no mun. de Bom Jardim.

Monte — *Eng.* do mun. do Cabo, tem uma cap. da inv. de Santo Antonio.

Monte — *Eng.* do mun. de Goyanna.

Monte — *Povoação* — Situada no mun. de Itambé, tem uma cap. da inv. de N. S. do Monte.

Monte — *Serra* — Com esta denominação existe uma na freg. de Bello Jardim, ao norte da séde parochial.

Monte Alegre — *Eng.* do mun. de Gamelleira, ao norte, e a 3 kiloms., da séde.

Monte Alegre — *Eng.* da freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, a 13 kiloms., ao norte da séde parochial.

Monte Aleg e — *Log.* do mun. de Bom Jardim.

Monte Alegre — Antigo nome da povoação do mun. de Cimbres (Vide Cimbres).

Monte Alegre — *Povoação* — E' pequena e situada na freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, sendo oriundo seu nome do eng. de igual denominação, o qual lhe fica proximo. Possue uma cap. consagrada a Sant' Anna. Seus terrenos circumvizinhos são agricolas e provadamente uberrimos. Fica a 14 kiloms. da séde parochial.

Monte Alegre — *Serra* — Situada ao sudoeste do mun. de Timbaúba, na parochia de S. Vicente e proxima do povoado de igual nome.

Monte Alegre Novo — *Eng.* da freg. de S. Vicente, mun. de Timbaúba, a 12 kiloms. ao norte da séde.

Monte d'Ouro — *Eng.* do mun. de Ipojuca a 10 kiloms., ao sudoeste da séde.

Monte Serra — *Engenhoca* do mun. do Brejo.

Monteiro — *Povoação* — Arrabalde do mun. do Recife, ligado pela linha ferrea urbana, que vae até *Dous Irmãos*, tendo communicação de meia em meia hora, sendo a viagem de uns 40 minutos e a distancia de 9 kiloms.

Topographia — Situado á marg. direita do Capibaribe em terreno plano, tem um crescido numero de casas arruadas, e muitas dellas de bôa apparencia, bem confortaveis, é illuminado á gaz carbonico e logar bastante saudavel. Habitado por grande numero de pessôas, cuja occupação é no Recife. Pertence á parochia do Poço da Panella de que actualmente é a séde, dista uns 15 minutos da antiga povoação do Poço. Nesse logar ha uma lagôa que é muito conhecida pelo nome de Açude do Monteiro. De curioso trabalho do Dr. Pereira da Costa extractamos as notas seguintes: *Engenho do Monteiro* — Tinha o nome de S. Pantaleão, do orago da sua capella, foi um dos primeiros levantados em Pernambuco em meiados do seculo XVI, e em 1577 pertencia a Manoel Vaz e sua mulher D. Izabel Rodrigues, que venderam-no a Jorge Camello e sua mulher D. Izabel Cardoso, com todas as suas terras, mattas, lavouras, utencilios, casas, escravos e bois, e mais uma data de terras situada na Varzea do Capibaribe mediante o pagamento de vinte mil arrobas de assucar branco, em dez annos a razão de duas mil arrobas annuaes, a contar de 1578 por diante, como tudo consta da competente escriptura publica lavrada em Olinda, a 5 de Dezembro do referido anno de 1577. Com relação aos escravos declara a escriptura, que — são quarenta peças de escravos machos e femeas, sendo 15 de Guiné e 25 da terra, em que entram meia duzia de officiaes de engenho. As terras da propriedade eram vastas e uberrimas, e limitavam-se com as dos engenhos de Apipucos, Beberibe e Casa Forte, e ao sul com o rio Capibaribe; mas em 1707 augmentaram-se ainda com a acquisição que fez o seu proprietario de então, o capitão José Camello Pessôa, das terras do extincto engenho de Ambrosio Machado de Carvalho, que ficava entre os da Magdalena e do Cordeiro, posteriormente levantado, entrando na compra, não sómente as suas terras, que então constituiam um partido de plantação de cannas, como ainda mais duas datas, que em outro

tempo pertenceram a João Nunes Victoria e a D. Izabel Cardoso, como tudo particularmente consta do competente termo de posse lavrado em 16 de Novembro do referido anno. Em 1593 pertencia o engenho a Fernão Martins Pessôa casado com D. Maria Gonçalves Raposo, e em 1606 a Francisco Monteiro Bezerra e sua mulher D. Maria Pessôa, filha do referido Fernão Martins. E' do nome deste ultimo proprietario, que vem a denominação do arrabalde do Monteiro, porquanto, entrando elle na posse do engenho, que a titulo de dóte coubera a sua mulher, começou-se a chamal-o *Engenho do Monteiro,* cuja denominação perdurou, e extincta a fabrica passou á localidade. A capella, sob a invocação de S. Pantaleão, foi levantada posteriormente á construcção do engenho, uma vez que a escriptura de 1577 não a menciona. Consta, porém, que foi construida por Fernão Martins Pessôa, em época ignorada. Entretanto, já existia em 1606, porquanto, como se lê na *Nobiliarchia Pernambucana,* teve logar no dia 2 de Fevereiro, *na capella do Engenho Monteiro,* o casamento de Francisco Monteiro Bezerra com D. Maria Pessôa, novos proprietarios do engenho, que depois passou á posse de sua filha D. Brazia Monteiro, casada com Pantaleão Monteiro. Muito soffreu o engenho com a invasão hollandeza, e em 3 de Maio de 1635 foi occupado pelo inimigo para fechar o assedio do forte real do Bom Jesus, no Arraial, prejuizos esses que ainda mais se accentuaram no periodo da guerra da restauração pelo forçado abandono dos seus proprietarios. Perpetuando-se a propriedade do engenho nos descendentes de Francisco Monteiro, que, com seus filhos, multo se distinguira na guerra da invasão hollandeza, a elles pertenceu até a extincção da fabrica e divisão das suas terras. A casa de vivenda ficava no pateo, nas immediações da capella, e a da fabrica junto á ponte, onde recebia, para mover os seus apparelhos, as aguas do Açude de Apipucos, que derivadas por uma extensa levada, se despenham naquelle ponto com grande força e volume. Em meiados do seculo XVII pertencia o engenho ao capitão João Pessôa Bezerra, filho de Francisco Monteiro Bezerra; e depois de terminadas as lutas da restauração de Pernambuco, na qual militara elle com muita distincção, vinculou a propriedade, estabelecendo uma pensão annual de 60 arrobas de assucar branco em favor da capella de N. S. das Angustias da igreja do collegio dos Jesuitas da cidade de Olinda, o que lhe foi concedido por especial graça regia em recompensa dos seus bons serviços de campanha; e fallecendo em 1679, foi sepultado naquella igreja, em cuja campa ainda se lê o seu epitaphio sobre a lagem de marmore que a cobre, e no qual se mencionam os seus titulos de fidalgo da casa real e de cavalleiro professo da ordem de Christo. Substituiu ao capitão João Pessôa Bezerra na posse do engenho, sua irmã mais velha D. Thomazia Bezerra Pessôa. No instrumento de instituição do vinculo foi determinado, que a renda do engenho seria dividida em tres partes, a saber: uma para conservação e reparos da propriedade e da fabrica, outra para cumprimento do legado pio, e a terceira para uso e gozo do administrador. Passando os bens dos Jesuitas, com a extincção da sua ordem, ao patrimonio regio, deixaram os proprietarios do engenho, dessa época por diante de cumprir o encargo pio, até que em 1831 foi o seu administrador, que então era João do Rego Barros e Mello, compellido pela fazenda nacional a pagar a quantia de 4:320$ proveniente da pensão de 72 annos em atrazo, a contar de 1759, a razão de 60$ annuaes. Por esse tempo os terrenos foreiros á propriedade asseguravam uma renda annual de 800$. De meiados do seculo XVIII por diante foram os proprietarios do engenho abandonando o fabrico do assucar, de sorte

que, em começos do seculo immediato não safrejava mais; e divididas as suas terras em sitios diversos, formavam já as situações encravadas em torno dos edificios do engenho um povoado bastante desenvolvido. A pequena ponte de pedra lançada sobre a levada que vem do açude de Apipucos, cujas aguas faziam trabalhar os apparelhos de moagem do engenho, foi construida em 1788 e alargada em 1840, como constava de uma inscripção em pedra, que existia em uma das pilastras da entrada da mesma ponte. Com a extincção do engenho cahiu a capella no dominio publico, em virtude de doação dos seus ultimos proprietarios, que confiaram a sua administração ao prelado diocesano, e presentemente serve de igreja matriz da parochia de N. S. da Saúde do Poço da Panella, em virtude da Provisão de 6 de Abril de 1883 expedida pelo bispo D. José Pereira da Silva Barros, depois conde de Santo Agostinho.

Montepio — *Eng.* do mun. de Amaragy.

Montepio — *Eng.* do mun. de Agua-Preta.

Montes — *Eng.* junto á cidade de Palmares em cujas terras foi assentada a actual cidade que, primitivamente, se chamou povoação dos Montes. Limita-se com as terras dos engs.: Bom Destino, Japaranduba, Venus, Chicapão e Catuama.

Montevidéo — *Eng.* do mun. de Ipojuca, á 8 kiloms. da séde.

Moraes — *Serra* — Collocada ao occidente do mun. de Ouricury, perto de S. Gonçalo.

Morcego — *Cachoeira* — No rio Ypanema e no mun. de Aguas Bellas.

Moreira — *Engenhoca* no mun. de Canhotinho.

Morenos — *Eng.* do mun. de Jaboatão, tem uma cap. da inv. de N. S. da Apresentação. Foi fundado antes da invasão hollandeza por Balthasar Gonçalves Moreno, de quem lhe veio a denominação.

Morenos — *Estação* da E. F. Central, entre as de Jaboatão e Tapera. Fica no kilom. 27.353 da do Recife e tem a altitude de 85 metros. Foi aberta ao serviço em 15 de Agosto de 1885.

Morgados de Pernambuco — Entre outros existem: o do Cabo, ou Madre Deus, o de Jurissaca instituidos por João Paes Barreto, o de Santo Amaro, por Francisco do Rego Barros, o de São Sebastião, instituido por Lopo Curado, Garro e Caiará, instituido por Christovam do Rego Barros. Foram extinctos em 1831 por lei nacional.

Morno — *Riacho* — Affl. do Beberibe, nasce do riacho Pimenteiras, detraz do povoado Macacos, e depois de seis kiloms. derrama naquelle rio, na povoação de Beberibe, detraz da igreja. Tambem é conhecido com o nome de Riacho Quente.

Morojó — *Eng.* da freg. de Vicencia, mun. de Nazareth, de cuja séde parochial está a 11 kiloms. E' chamado pelo povo, preferentemente, *Marojó*. (Vide Marojó.)

Morojó — *Serra* — Collocada no mun. de Nazareth.

Mororó — *Riacho* — Affl. da marg. esquerda do Brigida no logar Umary, mun. de Granito.

Mororó — *Riacho* — Corre nos muns. de Buique e da Pedra, indo derramar no rio Ypanema.

Mosqueiro — Um dos quatro ancoradouros do porto do Recife. (Vide Recife, *porto*.)

Mossoró — *Riacho* — Nasce acima da villa da Conceição da Pedra na parte N. do mun. da Pedra, formado pelas aguas da Cordilheira que vem de Cimbres, corre para o S. e vae desaguar no rio Ypanema, pela marg. direita, um pouco acima do povoado Amaro.

Mouro — *Eng.* do mun. de Goyanna.

Moxotó — Assim chamavam a povoação de Alagôa de Baixo.

Moxotó — *Rio* — Nasce na fralda oriental da serra de Jabitacá, nos li-

mites da freg. de Alagôa de Baixo com o Estado da Parahyba, corre em direcção ao sul, banhando a villa de Alagôa de Baixo; na distancia de 18 a 20 kiloms. da mesma, banha a pov. de Geritacó, segue seu curso, atravessando os muns. de Buique e Tacaratú, passa comprimido entre duas muralhas na extensão de 100 metros, pela marg. esquerda a serra do Parafuso e pela direita a de Tacaratú, banhando neste mun. os povoados de Oity, do Espirito Santo e da Volta, entrando no São Francisco no logar denominado Barra do Moxotó, 12 kiloms. acima da Cachoeira de Paulo Affonso e 45 abaixo da de Itaparica, depois de um curso de 420 kiloms. de extensão. De um lado e outro se distinguem perfeitamente as camadas horizontaes de grés corado pelo oxydo de ferro e no leito do rio e suas proximidades encontra-se granito avermelhado em que assenta a rocha sedimentaria, conforme assevera o engenheiro francez geologo Emile Dombre. Nas margens do rio Moxotó ha muitas fazendas de gado; as enchentes desse rio são grandes pelo inverno, mas pelo verão o mesmo secca a tal ponto que os habitantes da ribeira são forçados a abrirem cacimbas, na areia do leito, para extrahirem agua afim do gado beber. Em alguns logares o rio é cheio de pedras em outros sómente arenoso, deixando aqui e alli poços. Os principaes affluentes são os riachos Recanto, Jurema, do Mel, o Grande, do Sipó, da Pinta, do Custodio, Barrigudo, Secco, e Oitys. *Moxotó* é vocabulo indigena e significa, segundo o Dr. Martins, *cauda de boi*.

Mucambo — *Log.* — do mun. de Cabrobó.

Mucambo — *Povoado* — Situado no mun. de Villa-Bella, a 60 kiloms. da séde, possue uma cap. da inv. de S. Paulo.

Mucambo — *Riacho* — Corre no mun. de Itambé e despeja nó Agua Torta.

Mucuim — *Lagôa* — Situada nº mun. de Goyanna, a seis kiloms. distante do Pontal do Guagirú.

Mucuim — *Riacho* — Affl. do Capibaribe, no mun. de S. Lourenço da Matta.

Mufumbo — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Muganga — *Povoação* — Situada a nordeste, pertence ao mun. de Bom Jardim, distando desta cidade 16 kiloms. Tem uma feira aos domingos. Existe uma cap. da inv. de N. S. da Conceição.

Muitas-Cabras—*Eng.* do mun. de Barreiros, tem uma cap. da inv. de de S. João, 24 kiloms. da séde.

Mulatinha—*Serra* — Situada ao sueste do mun. do Bonito, na distancia de 66 kiloms. da séde, occupa uma área de 2.400 metros, e tem sobre o nivel do mar a alt. de 780 metros.

Mulinote — *Eng.* do mun. do Cabo.

Mulungú — *Fazenda* no distr. de Jatobá, mun. do Brejo.

Mulungú — *Log.* do mun. do Bom Conselho.

Mulungú — *Log.* do mun. do Limoeiro.

Mulungú — *Povoação* — Situada no mun. do Exú.

Mulungú — *Riacho* — Corre no mun. de Bom Conselho e despeja no rio Parahyba do Sul.

Mulungú — *Riacho* — Nasce, corre e desagua no mun. de Cimbres, é affluente do rio Ipojuca.

Mulungú — *Sitio* — Fica na serra do Badrecy, do mun. e freg. de Ouricury, compõe-se de algumas casas não arruadas.

Mumbaça — *Riacho* — Nasce na serra da Baixa Verde, mun. de Triumpho e desagua no riacho da Velha, mun. de Flores.

Mumbeca — *Log.* nos limites de Olinda, á marg. do rio Paraúbe.

Mumbeca Velha — *Riacho* — Nasce no logar Ferraz e depois de tres

kiloms. de curso vae desaguar no Paratibe no logar Mumbeca.

Mundahú (Vide Mandahu) — Este rio chamam em Pernambuco Mandahú e no Estado de Alagôas, por onde continua seu curso e vae desaguar, — Mundahú. *Mundahú* é vocabulo indigena e significa rio da cilada ou mundé; de — *mundé* cilada, armadilha, mundé e *hu*, — rio.

Mundahu-Meirim — *Log.* do mun. de Goyanna, perto da ilha de Itamaracá, tem uma cap. da inv. de de N. S. da Conceição.

Mundahu-Novo — *Logarejo* na serra do Araripe, entre este Estado e o do Ceará, no mun. do Exú.

Mundo Novo — *Eng.* do mun. de Bom Jardim.

Mundo Novo — *Eng.* do mun. do Cabo.

Mundo Novo — *Log.* do mun. de Bom Conselho.

Mundo Novo — *Log.* do mun. de Nazareth.

Mundo Novo — *Povoadinho* — Situado na freg. e mun. de Granito.

Mundo Novo — *Povoado* — Pertence ao mun. de Buique.

Mundo Novo — *Riacho* — Corre entre os muns. da Escada e Amaragy e despeja no rio Ipojuca.

Mundo Novo — *Riacho* — Passa no pov. de seu nome e desagua no logar Areial, no riacho da Brigida, pela marg. occidental.

Mundo Novo — *Riacho* — Banha o mun. de Gravatá e despeja no rio Ipojuca.

Mundo Novo — *Serra* — Situada no mun. de Buique.

Munganga — *Povoadinho* — Situado no mun. de Bom Jardim, a leste da séde, tem umas 50 casas formando um quadro, onde uma vez por semana se reune uma feira. Existe ahi uma cap. em construcção.

Munguba — *Riacho* — Nasce no eng. Sipó Branco, tem 9 kiloms. de curso e despeja no Agua Torta, mun. de Itambé.

Mupam — *Eng.* do mun. do Cabo.

Muquem — *Corrego* — Rega o mun. de Bom Conselho e vae despejar no Parahyba.

Muquem — *Lagôa* — Situada na freg. de Tejucupapo, mun. de Goyanna.

Muquem — *Riachó* — Nasce e corre na freg. e mun. de Bom Jardim.

Muriahé — *Logar* no mun. de Goyanna. (Vide Uriahé.)

Muriba — *Eng.* da freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta.

Muribara — *Eng.* da freg. da Luz, mun. de S. Lourenço da Matta, fundado por Gabriel de Pina, antes da invasão hollandeza. Foi confiscado e vendido a André Soares. Tem uma cap. da inv. de N. S. das Dores.

Muribara — *Riacho* — Affl. do Capibaribe, á marg. direita, corre no mun. de S. Lourenço da Matta, ao sul da séde.

Muribeca — *Povoação* — Séde da freg. do mesmo nome.

Etymologia da denominação — Muribeca é vocabulo tupy e significa, segundo o Dr. Martius *(Glossarium linguarum)* — gente farta. Conforme Baptista Caetano, parece vir de *miri*, minusculo, pequeno, e *becha*, ovelha, carneiro; logo, *Miribecha*, transformado por insignificante corruptela em Muribeca, quer dizer — carneiro pequeno.

Historia — Em 15 de Fevereiro de 1635 occupam a povoação de Muribeca as forças hollandezas do coronel Segismundo Van Schckoppe, interceptando as communicações entre as nossas forças do Arraial e as do cabo de Santo Agostinho. Em 13 de Abril de 1633 saqueiam os hollandezes a povoação de Muribeca, não encontrando resistencia alguma da parte de seus inermes habitantes. Muribeca é freg. antiquissima e, segundo o respectivo vigario, em 1882, Padre João Vasco de Castro Aguiar, informando ao

bispo D. José da Silva Barros (conde de Santo Agostinho), foi creada em 1598, pelo bispo do Brazil D. Antonio Barreiros. Entre seus filhos illustres figuram: Bernardo Vieira de Mello, o heróe de 10 de Novembro de 1710, e que no Senado da Camara de Olinda na sessão tumultuosa desse dia em que se tratava da successão do governador Sebastião de Castro e Caldas, que fugira aterrado com a revolução, propoz que *se declarasse a Capitania uma republica ad instar dos Venezianos.* E ainda Antonio Ribeiro de Lacerda, Alvaro Marreiros e Antonio Vieira de Mello, martyres da liberdade, em 1710.

LIMITES — Confina ao N. com a freg. de Afogados pelos rios Jordão e Gamelleira; ao sul com a de Santo Antonio do Cabo, pela Barra das Jangadas, inclusive Ponte dos Carvalhos, e rio Quiongue; a L com o oceano desde o rio Jordão á Barra das Jangadas; a oeste com a freg. de Jaboatão pela estrada de Santo Antão da Victoria e a cachoeira do Costa inclusive.

EXTENSÃO — Seu maior comprimento de N. a S. é de 20 kiloms., desde o rio Jordão ao Quiongue, e o menor de 15, desde o mesmo rio Jordão até a ponte dos Carvalhos, ou mesmo desde Gamelleira, onde principia a freg., na costa, até á Barra das Jangadas. De L. a O. a extensão é de 25 kiloms. desde a ponta da Venda Grande até a Estrada Nova e Cachoeira do Costa.

TOPOGRAPHIA — Situada não longe do rio Jaboatão que lhe fica a 1 kilom. mais ou menos de distancia; é uma povoação pequena e decadente, tem uma igreja matriz da inv. de N. S. do Rosario, onde em 1825 foi approvado o compromisso da irmandade do S.S. Sacramento.

POVOAÇÕES E CAPELLAS. — *Prazeres*, sobre os montes Guararapes passando-lhe em baixo e a pequena distancia a E. F. do S. Francisco; tem uma bella igreja de duas torres, erigida pelo capitão general Francisco Barreto de Menezes, em acção de graças pela victoria das duas batalhas de 1648 e 1649. *Venda Grande,* insignificante povoação á beira mar onde ha um convento de carmelitas com uma igreja de N. S. da Piedade. *Loreto,* logarejo com uma cap dedicada a N. S. de Loreto. *Candeias,* logarejo com capella da Virgem da Purificação ou Candeias, e cuja festa se realisa em 2 de Fevereiro; e *Barra das Jangadas,* com uma capella de S. Antonio, tambem insignificante logarejo.

SERRAS. — Os historicos montes Guararapes que são formados de tres elevações distinctas. (Vide GUARARAPES).

RIOS. — Os principaes são: *Jaboatão, Gamelleira, Jordão e Quiongue.*

DISTANCIAS. — A 29 kiloms. ao SO do Recife, a 12 ao S de Jaboatão e a 10 do littoral.

MINERIO. — O *Dicc. Geog. das Minas do Brazil,* do Dr. Francisco Ignacio Ferreira, diz que o professor Hartt em sua memoria sobre os recifes de coral em Pernambuco affirma que o terreno é composto de gneiss, e que alli existe cobre, sendo que o metal apparece em fórma de botões, mais ou menos, impressos e inclusos em barro vitroso, contendo o terreno tambem fragmentos de carvão.

Muruabeba — *Log.* — á margem do rio Capibaribe e pertencente ao mun. de Limoeiro, de cuja cidade dista 42 kiloms. ao poente. Consta de diversas casas esparsas em sitios.

Murzella — *Riacho* — Corre no mun. de Floresta para o rio Pajehú.

Mussahyba — *Eng.* — do mun. de S. Lourenço, freg. da Luz. Em suas mattas nasce o rio Tegipió que corre para o mun. do Recife.

Mussahyba — *Riacho* — Nasce nas mattas do eng. de seu nome e corre de L para o sul, indo derramar no rio Jaboatão.

Mussú — *Eng.* — do mun. da Escada, ao oéste da séde, fica á marg. oriental da linha ferrea do Recife a Pal-

mares, no kilom. 67 e entre as estações de Limoeiro e Escada.

Mussú — *Riacho* — Corre no mun. da Escada e afflue para o rio Ipojuca.

Mussuasinho — *Eng.* — do mun. do Cabo.

Mussumbi — *Eng.* — do mun. de Goyanna.

Mussumbú — *Eng.* — do mun. de Goyanna, a 6 kiloms. a sudoeste da séde; tambem se denominava *Tracunhãem de Cima.* Foi fundado por Jeronymo Cavalcanti, antes do dominio hollandez. Foi confiscado e vendido em 1637 a Servaes Carpentier.

Mussupe — *Eng.* — do mun. de Iguarassú, fundado antes da invasão hollandeza por João Lourenço Francos.

Mussupinho — *Eng.* — do mun. de Iguarassù. Em 14 de Novembro de 1848 deu-se nesse eng. por occasião da Rebellião Praieira um combate entre as forças liberaes e as do governo. A perda liberal, além dos feridos, foi de 56 prisioneiros e 43 mortos, entre estes o capitão Luiz Alves. O governo teve apenas 23 mortos.

Mussurepe — *Eng.* — do mun. de S. Lourenço da Matta, fundado pela ordem de S. Bento, antes de 1630.

Mussurepe — *Riacho* — Nasce de umas serrotas, a 15 kiloms. ao norte do eng. do mesmo nome, e passando por esse engenho derrama no Capibaribe, pela margem esquerda, nos limites das fregs. de Pau d'Alho e S. Lourenço.

Mutuoa — *Logarejo* no mun. da Victoria.

Mutuns — *Povoação* — situada no mun. de Palmares, possue uma cap. da inv. de N. S. da Conceição. Compõe-se a sua população de 400 pessoas, mais ou menos, e a do distr. é calculada em 3.000 habitantes. Limita-se com a comarca do Bonito pelo eng. Camivou, passando pelos engs. Camivousinho, Liberdade, Nettos e Gamelleira.

Mutuns — *Riacho* — tem sua nascente parallela ao riacho Cortume, no mun. de Gravatá, e seguindo para as bandas do Campo dos Macacos faz barra no Ipojuca.

N

Nabuco — *Engenho* situado no municipio de Amaragy.

Não pensei — *Engenho* situado no municipio de Amaragy.

Nariz furado — *Serra* do municipio de Tacaratú, perto das do Brejo, da Juliana ou Brejinho e do Capim.

Natal — *Engenho* — Situado no mun. de Goyanna, a 2 kiloms. a O da povoação de N. S. do O'.

Natuba — *Riacho* — Nasce no engenho Mocotó, municipio da Victoria e despeja no rio Tapacurá, affluente do Capibaribe. São tributarios do Natuba os riachos Meringabas, Cunha, Mocotó e Braço. Diz o Dr. Theodoro Sampaio, no Dicc. *O Tupy na Geographia Nacional,* Natuba significar, ananazes em abundancia, ananazal, corr. de *nha-tyba,* cocal.

Navalha — *Serra* — Situada no municipio do Brejo da Madre Deus.

Navio — *Ilha* — Antes da invasão hollandeza e da fundação do convento de S. Antonio em 1606, era um dos nomes da ilha que hoje comprehende as freguezias de S. Antonio e S. José, porque ahi se faziam os concertos de

embarcações. Então sómente existiam algumas casas de pescadores. Do estabelecimento do convento por diante passou a ser chamada ilha de S. Antonio.

Navio — *Riacho*—Nasce das aguas das serras que descem da cordilheira que separa Pernambuco da Parahyba, e, correndo a SE de Ingazeira com a direcção geral norte a sul, vae derramar no rio Pajehú no municipio de Floresta, recebendo como affluentes os riachos: Sacco Grande, Varas, Cupity, Fazendinha e outros. No logar Caldeirão, que dista deste riacho 6 kiloms., vê-se um letreiro em uma pedra lisa e redonda, sem se explicar a origem.

Nazareth — *Cidade* — Séde do mun. do mesmo nome e da freg. de N. S. da Conceição de Nazareth.

HISTORIA—O povoamento da actual cidade de Nazareth data do fim do seculo 18. Era uma propriedade cujo dono a tradição já não lembra, e onde pelo mesmo foi edificada uma capellinha votada á Virgem da Conceição. No principio do seculo 19 era uma povoação e com certeza se póde assignalar o anno de 1808. A resolução de consulta de 17 de Dezembro de 1821 creou em seu actual territorio e sob o nome de Larangeiras, uma freg. que teve como matriz a capella de S. Joaquim da povoação de Larangeiras toda encravada e foreira da propriedade de José Francisco Belem, sendo hoje simples engenho e tendo se extinguido a povoação. Installou a freg. em 1824 o 1º vigario Martinho Caetano Pegado, que parece ter funccionado até 1829. Foi creada villa e comarca em 1833, quando se teve de executar as disposições do Codigo do Processo Criminal daquella data, sendo installada a Camara Municipal em 9 de Outubro desse anno e passando a ser a séde da freguezia em virtude da lei provincial n. 75, de 30 de Abril de 1839, a qual transferiu de S. Joaquim de Larangeiras para ahi. A lei n. 258, de 18 de Junho de 1850 deu-lhe a categoria de cidade —Em 12 de Novembro de 1848 os rebeldes liberaes apoderaram-se de Nazareth e aprisionaram o destacamento policial commandado pelo capitão Antonio d'Albuquerque Maranhão; mas em 28 são ahi derrotados pelas forças governistas. No governo da Republica, de accôrdo com a lei organica dos Municipios, n. 52, de 3 de Agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo em 14 de Março de 1893, sendo sua primeira representação a seguinte: Dr. Herculano Bandeira de Mello, prefeito; major Domingos José da Costa Braga, sub-prefeito; e o Conselho Municipal composto dos cidadãos —Dr. Antonio Cavalcanti Pina, Manuel de Macêdo, Fernando Barata da Silva, Antonio Tavares d'Araujo, João Gonçalves da Silva Brazil, Lourenço Bezerra Cavalcanti, Antonio da Silva Cabral, Antero da Cunha Moraes Pinheiro e Antonio Falcão de Moraes Cavalcanti. Conta Nazareth entre seus filhos mais illustres: o padre João Ribeiro Pessoa de Mello Montenegro, nascido em Tracunhãem, pernambucano illustrado, patriota abnegado, e uma das figuras mais salientes da malograda revolução de 1817, o qual suicidando-se terminou seus dias no engenho Paulista (Olinda), quando viu totalmente perdida a causa da liberdade, que, com ardor, abraçara; Leão Falcão d'Eça, outra victima na mesma revolução de 1817 e tambem nascido na povoação de Tracunhãem; Desembargador Antonio Buarque de Nazareth, magistrado; Dr. Symphronio Coutinho, notavel medico pernambucano que muito se distinguio como chimico no Rio de Janeiro, onde falleceu em 1890, tendo sido o propagador na Europa do jaborandy e suas propriedades, ao ponto de ficar conhecido pelo nome de *remedio do Dr. Coutinho;* o Dr. Erminio Cezar Coutinho, outro clinico de molestias nervosas, irmão do precedente, o qual alem de sua capacidade profissional, tinha um attributo maior—era um apóstolo da caridade: nas-

ceu em 1836 e falleceu em viagem, na capital da Parahyba, em 6 de Abril de 1904, vindo seu cadaver em trem especial para o Recife onde, no dia 7, sepultou-se no Cemiterio Publico.

Posição astronomica — Está a 7°-41'-59" de lat. S e a 7°-57'-50" de long. oriental do Rio de Janeiro, sendo a differença de hora, 31 minutos e 50 segundos.

Extensão — O mun. tem de N. a S. 48 kilometros e de L. a O. 80.

Aspecto geral—E' mais ou menos montanhoso o seu terreno, cheio de corregos, de algumas mattas, de grandes capoeiras, de muitos engenhos e propriedades ruraes, arraiaes e povoações. Na parte septentrional e sobretudo do NO. é bastante accidentada e pedregosa a região, sendo mais baixa do lado leste e sul, com excepção da parte que se dirige para o planalto chamado Chã do Carpina, para a qual se sóbe.

Clima e salubridade—O clima é no geral ameno, embora um tanto humido nos mezes de Junho, Julho e Agosto. A salubridade é bôa em todo o mun., havendo entretanto na epoca das chuvas, e nos logares mais baixos, casos de febres intermittentes ou sezões que as vezes mesmo tem tomado a forma perniciosa.

Divisão — O mun. comprehende quatro parochias que são: 1ª N. S. da Conceição de Nazareth, 2ª S. Antonio de Tracunhãem, 3ª S. Anna de Vicencia, e 4ª N. S. do Bom Despacho de Lagôa Secca.

Limites — Confina ao N. com Timbauba pelo espinhaço das Serras do Jundiá, Onça, Agua Azul e Mascarenhas e com Goyanna pelo riacho Matarysinho; a L. com Goyanna ainda pelo mesmo riacho e com Iguarassú pelo riacho Gutiuba; ao S. com o mun. de Pau d'Alho principiando de L. para O. pela estrada que passa pelos engs. Pindobal, Crusahi, Jardim, Pindoba, estrada de rodagem, povoação de Lagoa do Carro até o logar denominado Guia; e a O. com o mun. de Limoeiro, desde o logar Guia, sitio do Coqueiro, Açude ou Lagôa de S. Anna, estrada acima do eng. S. João Baptista, propriedade do Cedro até a da Luiza, e com o mun. de Bom Jardim, desse ponto, engenho Espadas em direcção á serra do Mascarenhas passando em Tamboatá, Mulata, Tabatinga e ribeira do rio Sirigy.

População — O mun. de Nazareth comprehende uma população de 45.000 habitantes.

Topographia—A cidade de Nazareth está situada á marg. direita do rio Tracunhãem, em terreno elevado e desigual; suas ruas são em geral mal traçadas, edificação regular que tem melhorado desde o estabelecimento da estrada de ferro; contém quatro praças que se denominam da Republica, do Visconde do Rio Branco, da Intendencia e de José Jeronymo; são no geral terreas as casas havendo algumas de sobrado Alem da igreja matriz, bom templo, e das igrejas do Senhor Bom Jesus, e de S. Sebastião, contém a casa do Conselho e Prefeitura Municipal, escolas, theatro, agencia do Correio, estação telegraphica, mercado, cadeia, cemiterio, etc., estabelecimentos commerciaes e industriaes de todo genero e uma ponte de ferro lançada sobre o rio Tracunhãem.

Povoados — *Tracunhãem,* séde da freg. deste nome, a 30 kiloms. da capital e 10 da cidade de Nazareth, situada á margem do Tracunhãem, possue duas igrejas—a matriz da inv. de S. Antonio e a capella de N. S. do Rosario, cemiterio com capella de São Sebastião, agencia do Correio; fica a uns 2 kiloms. da estação da via ferrea e pertencem-lhe os povoados de *Carpina,* cap. da inv. de S. José, de *Lagôa do Carro,* capella de N. S. da Soledade, havendo cemiterio com capella de São Sebastião. — *Vicencia,* séde da freg. do mesmo nome e sob a invocação da Sant'Anna, á margem do rio Sirigy, e 20.kiloms. a oeste de Nazareth, tendo

os povoados *Angelica*, cap. N. S. do Rosario, e *Trigueiro*, cap. de N. S. das Dores. — *Lagôa Secca*, séde da freg. do mesmo nome, sob a invoc de N. S. do Bom Despacho, possue o povoado de *Alliança* a 15 kiloms. distante e onde existem duas capellas dedicadas uma a N. S. das Dôres e outra a N. S. do Rosario. Na freg. da Conceição de Nazareth não ha outro povoado além do da séde, possuindo entretanto varios logarejos de menos importancia: *Terra Nova*, cap. S. Thomé; *Barra*, cap. S. Luzia; *Alagôa d'Anta*, cap. S. Raphael. (Vide LAGÔA SECCA, VICENCIA E TRACUNHÃEM).

OROGRAPHIA — A serra mais importante do mun. é a do *Mascarenhas*, que faz a linha divisoria com o mun. de Timbauba, e fórma antes uma cordilheira em que se veem outras serras conhecidas sob os nomes de *Coités*, *Jundiá*, *Sipó*, *Tabatinga*, e de menos importancia como as de *Morojó*, *Conceição* e *Tirapoá*.

HYDROGRAPHIA — Correm no mun. de Nazareth os seguintes rios e riachos: — O *Tracunhãem*, que banha a povoação de seu nome e a cidade de Nazareth; o *Sirigy* banha as povoações de Vicencia e Alliança e toma a direcção de N. S. do O' de Goyanna; os riachos *Tapinassú*, *Pagy*, *Tamataupe*, *Teitanduba* e *Ribeiro Grande* (Vide LAGÔA SECCA, VICENCIA E TRACUNHÃEM).

PRODUCÇÕES — As producções principaes são a canna de assucar, o milho, o feijão, a mandioca, o abacaxi, a batata, a banana, laranja, limas e outros fructos e os cereaes, diversos, produzindo tambem algum café, fumo, madeiras diversas, productos fabris como o assucar, a farinha, o fubá, rêdes, tecidos de malha e de algodão, azeite de mamona, aguardente, esteiras, trabalhos de couros etc.

CURIOSIDADES NATURAES — Entre os muns. de Nazareth e Timbaúba, na serra do Mascarenhas são curiosas tres enormes pedras que alli existem, debaixo das quaes se podem abrigar grande numero de pessoas e do alto das mesmas tem-se de um só golpe de vista e num esplendido panorama toda a região e um extenso horisonte do municipio com suas varzeas, rios, cannaviaes, engenhos, colinas, casas esparsas, povoações, etc. e ainda grande parte do mun. de Goyanna onde o terreno é mais baixo.

REINOS DA NATUREZA — O reino animal é constituido sobretudo pelos seguintes animaes: caitetús, veados, coelhos, preás, capivaras, raposas, gatos do matto, maracajás, pacas, tatús, cotias, tamanduás, quandus, quatís, saguis, jurity, parary, araquan, jacú, macuco, sabiá, nambú, rola, canarios, patativa, beija-flôr, gallo de campina, conclis, chechéo, caboclinho, papa-arroz, encontro, gurinhatan, bigóde, bacurão; as abelhas urucú, jatís, manda-saia, aripuá; formigas, entre as quaes a sauva; e os peixes dos rios — jundiá, trahyra, acará, curimatan, tamboata, acary, mussú, camorim, pitú, etc. O reino vegetal consta: do vinhatico, sicopira, páo d'oleo, sapucaia, páo-brazil, tatajuba, araroba, angico, pitiá ou piquiá, quiritongo, cedro cheiroso e cedro cajacatinga, louro, aroeira, jucá, marmeleiro, barabú, pitiá-marfim, imbiriba, oiticica, pau-ferro (no sertão pau-ferro e jucá são a mesma cousa) frei jorge, pau d'arco, quiry, urucuba, pau carga, marmajudo, suruagy, parahyba, gitahy, balsamo, jurema e amarello, e as arvores de fructos, goiabeira, cajueiro, laranjeira, araticum, guabiraba, araçá, pitomba, genipapo, jaboticaba, sapucaia, maracujá, oitiseiro, ubaia, ameixeira, massaranduba. O reino mineral possue abundancia de granito, crystaes de rocha, malacacheta e na serra do Mascarenhas, pedras imans.

INDUSTRIA, COMMERCIO E AGRICULTURA — A industria principal é a fabril e comprehende o fabrico do assucar, da aguardente, preparo do algodão, do fumo, da farinha, do fubá, de doces de goiaba, banana, araçá e obras de ceramica, trabalhos de olaria como tijolos, telhas,

etc. O commercio consiste na venda dos productos locaes, que são vendidos nas feiras uns e exportados outros, e revenda dos importados nos diversos estabelecimentos que existem no territorio do mun. A agricultura, que é sua fonte principal de riqueza, tem como maior cultivo a plantação da canna para o fabrico do assucar nos engenhos dos seguintes nomes: Alcaparra, Alcaparrinha, Açude do Meio, Açude Grande, Abrêos, Alliados, Arêa Branca, Angustia, Ajudante, Abrigo, Araticuns, Albuquerque, Aguas Bellas, Acerto, Almirante, Agua Doce, Agua Nova, Agua Branca, Araujo, Alagôa d'Anta, Bom Recreio, Brilhante, Bringas, Bôa Sorte, Bomba, Babylonia, Baixa Verde, Brejinho, Bonito, Brejo, Bôa-Fé, Barra, Bom Viver, Barauna, Bello Monte, Bôa Vista, Buenos Aires, Buraré, Barra Nova, Bôa Vista (2°), Barra Grande, Camarão, Cepo, Caramurú, Cordeiro, Cancella, Cotunguba, Cayanna, Campina, Caciculé, Camaliões, Caricé, Cumbe, Cachoeira, Camarasal, Cajueirinho, Conceição, Coqueiro, Criméa, Cajá, Curupaity, Cannavieira, Cavalcante, Cajueiro, Cangahu, Cangahusinho, Campina Verde, Canto Alegre, Concordia, Capricho, Dependencia, Diamante, Escalvadinho, Esperança, Firmativo, Floresta, Felicidade, Facão, Firmeza, Gamelleira, Guaribas, Gamelleirinha, Gambá, Guarany, Gamelleiras, Gregorio, Guarda Varas, Iguape, Independencia, Junço, Joá, Jardim, Jagua-meirim, Japaranduba, Japarandubinha, Jucá, Jundiá, Jacaré, Jacú, Jatobá, Lages, Lagôa Secca, Limeirinhas, Limeira, Lagôa do Ramos, Lagôa Ramos de Cima, Lungal, Laranjeira, Lombo-Verde, Lagôa, Liberdade, Linda-Flor, Lauriana, Macacos, Manimbú, Marotos, Mundo Novo, Maré, Marojó, Montezuma, Macahyba, Maltez, Matta Limpa, Mulatas, Matary, Nova Vida, Neves, Olho d'Agua, Oratorio, Onça, Pitanga, Pedregulho, Pasta, Papicú, Primavera, Prado, Pirapora, Pagy, Pindoba, Pedra Furada, Pau d'Arco, Pendente, Penedo, Progresso, Parócs, Poço Comprido, Pirauá, Pirylampo, Pombal, Paraizo, Recreio, Rebingudo, Recanto, Rosario, Retiro, Ribeiro Grande, Ribeira, Ribeirão, Santa Cruz, Salgado, S Sebastião, S. Antonio, Santa Luzia, Santa Maria, S. Francisco, Santos Mendes, S. José, Sipoal, Saguim, Serraria, Sipó Branco, Suruagy, Sambaquim, Solão, Sitio Novo, Socego, Tocos, Terra Preta, Teimoso, Tamataupe, Terra Nova, Tirapoa, Tupá, Tamataupe de Flores, Trigueiro, Tabatinga, Teitanduba, Titara, Tejo, Turyassú, Umbú, Varzão, Varzea Grande, Ventura, Velludo, Vida Nova, Vamos Ver, Viração, Violento, Vertente Grande, Vertente, Vasante, Vicencia, Vasconcellos.

Vias de communicação — O principal meio de communicação é a estrada de ferro que dá facil e directa ligação com a capital, com as cidades de Timbaúba, Pau d'Alho, Limoeiro, povoados de Carpina ou Floresta dos Leões, Lagôa do Carro, Tracunhãem, Lagôa Secca, Alliança, etc., além de outros pontos da Parahyba e do Rio Grande do Norte, em que, ha estações do caminho de ferro. Existe tambem uma estrada de rodagem que, passando em Tracunhãem, Carpina, Pau d'Alho, S. Lourenço e Caxangá, chega ao Recife. Para outras localidades o meio de transporte é a cavalgadura por maus caminhos, sobretudo na estação das chuvas.

Instrucção publica e adiantamento moral — E' insignificantemente destribuida a instrucção no municipio; na séde municipal e na povoação de Carpina os recursos de educação são mais faceis; em outros pontos, são difficillimos. Em qualquer caso, porém, embora Nazareth tenha superioridade moral sobre outras localidades pernambucanas, está ainda muito distante do que se chama adiantamento, pois a porcentagem de analphetos é crescida.

Distancias — Demora da cidade do Recife 73 kiloms.; de Timbauba, 46; de

Limoeiro, 37; de Pau d'Alho, 25; de Goyanna, 40; de Carpina, 14; de Lagoa do Carro, 20; de Itabayana (Parahyba), 72; da capital da Parahyba, 143; e da do Rio Grande do Norte, 350.

Nazareth — *Engenho* no municipio de Iguarassú. Foi fundado antes da invasão hollandeza, sob a denominação de Pirajuhi e sob o patrocinio de N. S. de Nazareth, por Domingos Velho Freire. *(Rev. do Inst. Arch. Geog. Pern.* n. 34.)

Nazareth —*Estação*— da Estrada de ferro do Limoeiro, ramal da Parahyba e Rio Grande do Norte no kilom. 72.944. Foi aberta ao serviço em 15 de Setembro de 1882 e está a 66 metros acima do nivel do mar.

Nazareth — *Fortaleza* — A respeito dessa fortificação, copiamos do Dr. F. A. Pereira da Costa o seguinte por elle publicado:

« Anteriormente á que actualmente existe houve uma fortificação regular levantada em principios da guerra da invasão hollandeza, por ordem do general Mathias de Albuquerque, para a defesa do porto e povoação de Nazareth do cabo de Santo Agostinho. Era um forte, flanqueado por dous reductos guarnecidos com quatro canhões de ferro, e a sua guarnição não excedia de 200 homens. Depois do ataque de 1632, foi o general conde de Bagnuolo guarnecer o ponto com o seu terço de napolitanos, o qual era então de grande importancia por ser o unico por onde vinham os soccorros e munições para a guerra, e julgando necessario melhor fortifical-o, levantou um forte de quatro baluartes, ficando dentro de suas muralhas a pequena ermida de N. S. de Nazareth, por cujo motivo assim ficou denominado. No dia 2 de Julho de 1635, depois de um assedio de quatro mezes, quando já não haviam viveres nem munições, e a fortificação se achava bastante arruinada pelos bombardeios que soffreu, rendeu-se a sua heroica e destemida guarnição, quando já não tinha meios de defesa, nem forças para pelejar, mortos á fome. A fortaleza montava 19 canhões de bronze e 9 de ferro, que se achavam desmontados sobre as suas ruinas. Posteriormente foi o forte arrazado pelos hollandezes, por imprestavel, porquanto situado no alto de uma montanha afastada por demais da barra não a defendia, nem tão pouco a povoação. Além da fortaleza de Nazareth, houve mais um reducto e uma trincheira que o general Mathias de Albuquerque mandou levantar no littoral, para garantir o caminho para a fortaleza. Para a defeza do porto e barra de Nazareth, resolveram depois os hollandezes levantar uma fortificação regular, em situação precisa, o que levaram a effeito, construindo um forte sobre o Pontal, no proprio local em que existe hoje a fortaleza de Nazareth, e outras fortificações secundarias em differentes pontos para maior garantia do porto. A fortaleza de Nazareth está situada na parte mais saliente do cabo de Santo Agostinho, tendo a frente na direcção N. E. a S. O., pouco mais ou menos, a qual é tambem a da ponta do rochedo em que se levanta a fortificação. Fica a 42 kilometros ao sul da cidade do Recife. Tem a fórma de um quadrilatero perfeito, sendo um dos lados quartel, paiol, armazem e prisão. Tanto as obras de fortificação como o quartel, que é grande e separado, estão em completa ruina. Diz Figueira de Mello que o forte de Nazareth, além de incapaz por suas ruinas, é agora tão desnecessario quanto em outro tempo foi preciso, porque o porto que defendia, e que outr'ora seria de importancia, tem chegado a tal estado de obstrucção, que apenas pode servir para jangadas, e com muito custo e perigo. O forte de Nazareth foi originariamente fundado pelos hollandezes, para defeza do porto e da barra, e de uma planta do cabo de Santo Agostinho, levantada em 1636, que existe no Instituto Archeologico, se vê que então já estava construido o — *Forte do*

Pontal de Nazareth. Era rectangular, com quatro baluartes, tendo um pouco adiante, ao norte, um reducto quadrado. Em 1634 haviam elles construido uma fortificação no Pontal, em frente á barra do Suape, que foi destruida pelo mar, e como era necessario ter o porto defendido, construiram depois o forte de Nazareth, em local mais afastado, não exposto ao mar. Em 1645 era o forte de Nazareth commandado pelo major Hoogstracten, que miseravelmente bandeou-se, entregando-o mediante a paga de 18.000 florins, e o commando de um regimento entre os nossos. O forte de Nazareth foi reconstruido em 1778, mas segundo uma descripção que temos sob as vistas, demonstra ser de duas construcções distinctas,— «pois parece a principio ter sido um reducto, á cuja face esquerda (S. E.) reuniu-se posteriormente outra obra, de modo que ficou formando como que uma cauda de andorinha, cujo ramal da direita levantado a 3/4 de altura do esquerdo não foi terminado, faltando tambem concluir o terrapleno deste. Contém seis canhoneiras, que com as partes á barbeta, constam de uma linha de fogo de 384 palmos, incluindo a parte não concluida de 170 palmos de extensão. Existe uma casa em ruinas na gola, junto ao ramal esquerdo da fortaleza, e uma outra em um morro a poucas braças, que serviu de casa do commando e quartel». Em 1745 montava 7 peças de bronze de calibre 5 a 12, e 2 pelouros, tambem de bronze, de calibre 12. Era commandada por um tenente, e a sua guarnição constava de 10 soldados fuzileiros, com um sargento e um condestavel. Sob o commando deste forte, achavam-se dous reductos antigos, *um defronte da fortaleza, e outro chamado o Rapé, como se lê na «Discripção de Pernambuco»*, escripta naquelle anno. Existiam então nestes reductos 5 canhões de ferro, de calibre 1 e 2. Houve ainda um outro forte em Nazareth, construido pelos hollandezes em 1634, fronteiro ao do Pontal, ao sul, na ponta de uma ilha chamada do Borges, pelos nossos, e Walcheren, pelo inimigo. O forte recebeu o nome de Gyselingh, em honra ao governo Gyselingh, director delegado da Companhia das Indias no Brasil. Apezar de solidamente construido sobre fortes sapatas, foi de tal modo minado pelo mar, que cahiram a bateria e toda a frente; e como depois da conquista de todo o cabo, não tinham os hollandezes mais necessidade deste forte, como consta de um escripto de 1637, e sómente servia para ser inutilmente guarnecido e trazer a gente ociosa, foi resolvido esbulhal-o de tudo, e deixar que o mar o consumisse á sua vontade. Desta fortificação não existe o menor vestigio. O forte de Nazareth está desarmado e em ruinas, mas ainda resta alguma da sua antiga artilheria.

Nazareth— *Povoação* — Situada a 15 kilometros ao sul da cidade de S Agostinho do Cabo, pertence a este municipio.

HISTORIA — E' um povoado dos mais antigos do Estado. Seus habitantes são na maior parte pescadores. Foi uma praça de guerra da qual existe ainda um forte. O forte foi inutilmente investido em 1632 pelo almirante Van-Scop que, repellido corajosamente por Bento Maciel, commandante então do baluarte, portou-se nessa occasião como um verdadeiro defensor, tornando-se, entretanto, mais tarde, indigno. Não obstante a resistencia que ahi os hollandezes encontraram, conseguiram depois se apossar do forte e da povoação, em 1635, bem como se apoderaram de outros logares e praças importantes da capitania. Donos os hollandezes do logar, incendiaram-no, e os moradores de diversas situações procuraram pelo interior um asylo, e sómente foram encontrar na Bahia. Na longa peregrinação muitos pereceram de fome. Por fim, em 28 de Setembro de 1645, os pernambucanos obrigaram o commandante a capitular

com a entrega do mesmo forte. (Vide NAZARETH — *Fortaleza.)*

TOPOGRAPHIA — A povoação de Nazareth está situada pittorescamente no cabeço do cabo de S. Agostinho, outr'ora florescente, está hoje em decadencia. Ha ahi uma igreja dedicada a N. S. de Nazareth, e um hospicio votado a N. S. da Guia, dos Religiosos Carmelitas, em profunda ruina. O clima d'alli é preconisado pela salubridade, a ponto de garantirem os mais velhos habitantes do logar nunca epidemia alguma lá ter chegado. Possue fontes d'aguas thermaes e ferruginosas. No povoado ha um cemiterio com cêrca de 30 metros de frente e 40 de fundo, construido em 1871.

Negra — *Lagôa* — Na freguezia de Surubim entre os limites desta com a de Bom Jardim.

Negra — *Serra* — Ao norte e a 6 kilometros de Bezerros, municipio em que está situada, fica esta serra, donde brotam varios regatos que della fazem um oasis na catinga. No cimo da mesma se descortina bellissimo panorama. Tem a altitude de 900 metros. Nesta serra diz o engenheiro Dombre existe um veio contendo ferro.

Negra — *Serra* — Situada no municipio de Floresta, fica a 96 kilometros á leste da villa deste nome.

Negreiro — *Serra* — Situada no municipio de Salgueiro, liga-se ao serrote da Guia e outros, formando uma cadeia.

Neves — *Logarejo*. Fica no municipio de S. Bento.

Nictheroy — *Engenho* no municipio de Goyanna. Vocab. indigena e, segundo *O Tupy na Geographia Nacional* do Dr. Theodoro Sampaio, corresponde a—*nhe—tero —y* — agua em seio abrigada, bahia segura. O Conego Januario da Cunha Barboza diz (vol. 4°. *Rev. Inst. Hist. Bras.)* significar — mar escondido.

Nogueira — *Ilha* — Chamou-se anteriormente do Cheira Dinheiro porque tinha semelhante appellido seu proprietario. (?). Mais tarde passou a se denominar, do principio do seculo 18° por diante,—do Nogueira—por pertencer ao alferes Antonio Nogueira de Figueiredo. Fica situada na freg. de Afogados, junto á ilha do Pina, e é bella, vista do mar, pelo seu extenso coqueiral.

Normandia — *Engenho* do municipio de Goyanna.

Noruega — *Engenho,* no municipio de Gamelleira, onde existe uma capella, erecta em 1843, por Frei Placido, capuchinho da Penha.

Nossa Senhora do O' — *Villa* — séde do municipio de Ipojuca. (Vide IPOJUCA.) Fica situada a 5 kilometros do littoral e 60 ao sul do Recife. Possue umas 250 casas e, calculadamente, umas 1500 almas em seus muros. Suas casas são bem construidas e, em geral, as ruas espaçosas e rectas, havendo na localidade a igreja de N. S. do O', um cemiterio construido e inaugurado em 1879, com 80 ms. de frente e 50 de fundo, tendo capella, mercado municipal, diversos estabelecimentos industriaes e commerciaes, feira semanal, escolas publicas e agencia do Correio. O rio Merepe, a 1 kilometro de distancia, corre de sul a norte indo desaguar no Ipojuca que atravessa o municipio e passa junto á villa.

Nossa Senhora do O' — *Povoação* — Séde da freguezia do mesmo nome no municipio de Goyanna.

HISTORIA — Deve seu nome á invocação da igreja matriz da localidade. Foi creada freguezia pela lei provincial n. 461, de 2 de Maio de 1859, que desmembrou-a da de N. S. do Rosario de Goyanna. A lei provincial n. 1907, de 15 de Outubro de 1888 elevou-a á categoria de villa, mas não chegou a ser installada.

LIMITES — Ao N. Itambé e Timbaúba; ao O. Nazareth; ao S. Iguarassú; a L. Tejucupapo.

TOPOGRAPHIA — Está assentada na chapada de um monte em cuja base, pelo lado meridional corre o rio Sirigi que conflue no Capibaribe tres kiloms. distante da povoação. Consta de uma extensa rua, larga, com edificação regular, tendo alguns predios de construcção elegante e moderna. Possue tambem varios estabelecimentos commerciaes bem providos, uma feira que se reune na praça do Commercio, bastante activa e concorrida. Pertencem á freguezia os povoados: *Areias*, ao Oeste; *Goyanninha*, a Leste; e *Lapa* ao Norte.

CAPELLAS—Tem as seguintes capellas filiaes, além da igreja matriz: *Rosario, S. Sebastião de Areias, Dôres e Conceição* de Goyanninha, *N. S. da Lapa, Santa Cruz*, do engenho do mesmo nome, e a capella do engenho Sirigi.

HYDROGRAPHIA — Os principaes rios que lhe regam o solo são: o *Sirigi*, o *Capibaribe-meirim* e o riacho *Caraltusinho*.

AGRICULTURA E COMMERCIO—Cultiva-se na freguezia o café e o algodão, mas a principal cultura é a da canna de assucar. Tambem, e sufficientemente para o abastecimento e consumo da freguezia, cultiva-se a mandioca, milho, feijão, arroz e outros generos.

DISTANCIAS — Fica a 30 kiloms. ao O. da cidade de Goyanna e a 35 do littoral.

Nova — *Lagôa* – Com este nome ha uma no municipio de Granito.

Nova Aurora— *Engenho*— Fica situado no municipio de Barreiros.

Nova Baixa — *Logarejo* que pertence ao municipio de S. Bento.

Nova Cruz — *Engenho* — Com este nome ha um situado no municipio de Bom Jardim.

Nova Cruz — *Engenho* que pertence ao municipio de Itambé.

Nova Cruz—*Povoação* — Situada no municipio de Iguarassú, á margem esquerda do rio de seu nome. Dista 12 kiloms. a oeste da séde do municipio, e possue uma capellinha dedicada a N. S. das Dores. E' bem crescida, bastante florescente, commercial, e tem seguramente 150 casas. Até 1869 denominou-se Maria Farinha quando, por lei provincial, lhe foi mudada a denominação; entretanto, o nome de Maria Farinha ainda não desappareceu da voz popular, que sómente conhece o povoado com tal nome.

Nova Cruz — *Rio* – Corre no municipio de Iguarassú e nasce no municipio de S. Lourenço, de uns morros que alli existem, tendo um curso de 18 kiloms. Póde-se dizer antes que é uma continuação do rio Timbó.

Nova Descoberta — *Logarejo* da freguezia de Exú.

Nova Esperança — *Engenho* situado no municipio de Agua Preta.

Nova Limeira — *Log*. no municipio da Victoria.

Nova Lusitania—Antigo nome da Capitania de Pernambuco, dado pelo seu donatario Duarte Coelho, depois de fundar as villas de Iguarassú e Olinda.

Novilho — *Lagôa* — No municipio de Taquaretinga e na direcção da estrada que se dirige ao povoado Topada.

Novo — *Engenhos* dos municipios do Cabo, Goyanna, Iguarassú, Páo d'Alho, Serinhaem e engenhoca de Correntes. O engenho Novo do Cabo tem capella da invocação de Jesus, Maria e José. Foi fundado antes da invasão hollandeza, sob a invocação de S. Miguel cuja capella actual mantem-na, por Christovão Paes Barreto. Em 1637 foi confiscado e vendido pelos hollandezes a Duarte Saraiva.

Novo do Bom Jesus—*Arraial* — Fortificação feita pelos pernambucanos, proxima ao rio Capibaribe, em terreno que hoje pertence á freguezia da Varzea, no municipio do Recife. Construida pelos independentes a fortaleza do *Arraial Novo do Bom Jesus*, salvou pela primeira vez, em 1 de Janeiro de 1646, tendo sido artilhada com oito peças tomadas ao inimigo no forte de Porto Calvo, e as diversas estancias que foram creadas tiveram a seguinte distribuição: A D. An-

tonio Felippe Camarão, com seus indios, se entregou á casa de Sebastião de Carvalho (Remedios), fronteira á fortaleza *Principe Guilherme* nos Afogados, e um dos pontos mais arriscados; á Henrique Dias coube as casas de Gil van Ufel, situadas em terrenos de João Velho Barreto, nas quaes havia uma especie de torre ou mirante elevado, do alto do qual se desvendavam todos os arredores, e cujo sitio, depois da guerra, o general Francisco Barreto de Menezes lhe fez doação; á Antonio Borges Uchôa, e a Manoel de Aguiar. A 20 de Abril de 1648 chega, de volta, ao *Arraial Novo*, o nosso exercito triumphante na primeira batalha dos Guararapes, e conduzindo grande numero de despojos que havia tomado ao inimigo, em meio das acclamações de seus 300 companheiros, que haviam ficado de guarnição, e dos moradores que se abrigaram na circumvizinhança. Dez mezes depois, a 20 de Fevereiro do anno seguinte, volve novamente victorioso ao acampamento do mesmo arraial, ao som das salvas da artilheria e de repetidas saudações do povo e da tropa, o exercito pernambucano que batera e derrotara na vespera nos montes Guararapes, pela segunda vez, o exercito hollandez, que em destroços se recolhia tambem ao Recife, consternado e em desalento extremo. O conselheiro Beaumont e os coroneis Van den Brande e Hautyn pedem suas demissões e partem para a Europa. (Vide BOM JESUS E RECIFE — *Historia.)*

Nuno de Mello — *(Estancia de)* — Durante a lucta hollandeza assim se chamava a estrada dos *Remedios* até certa parte, e *Sitio de Sebastião de Carvalho,* outra, porque ahi o ultimo era proprietario de uma vivenda. Foi tomada pelos hollandezes em 18 de Março de 1633.

O

O' — Vide *N. S. do O'* dos municipios de Goyanna e de Ipojuca.

Obú ou Ubú. — Vide Bu.

Officinas — *Estação* da E. F. do Recife á Caxangá, Varzea e Dous Irmãos, na freg. da Boa Vista da cidade do Recife, entre as da rua Formosa e Soledade, a 810 m. da inicial da Praça da Republica.

Oiteiro — *Eng.* de Bom Jardim, a 10 kiloms. da séde e ao sul.

Oiteiro Alto — *Eng.* no mun. de Barreiros.

Oiteiro do Amparo — *Povoação* — No mun. de Goyanna.

Oiticica — *Serra* — Situada a 18 kiloms. ao oéste da villa de Salgueiro, a qual, com as do Olho d'Agua, Onça e Salgueiro, formam uma cadeia.

Oiticica — *Riacho* — Formado pela juncção do rio da Pitombeira e do riacho Salgueiro, tem um curso de 30 kiloms. no mun. de Salgueiro, indo despejar no Terra Nova, affluente do S. Francisco, no mun. de Cabrobó.

Oitis — *Riacho* — Nasce na fazenda de seu nome no mun. de Flores, e desagua no rio Pajehú na de S. Ignez, 18 kiloms abaixo.

Oito Porcos — *Eng.* no mun. de Timbaúba, freg. de S. Vicente, a tres kiloms. a léste da séde parochial.

Oity — *Riacho* — Banha o mun. do Limoeiro e desagua no Capibaribe. (Póde tambem escrever-se *Oití.)*

Oitys — *Lagôa* — A' margem do rio Ipojuca, no mun. de Brejo da Madre de Deus.

Oitys—*Serra*—No mun. de Flores d'ella procede o riacho do mesmo nome affluente do rio Pajehu.

Olho d'Agua — *Engenho* — Na freguesia de Itambé, onde existem umas pedras grandes, é verdadeira curiosidade da natureza, pela forma caprichosa que ella ostenta.

Olho d'Agua — *Lagôa* — Situada no municipio de Cimbres.

Olho d'Agua —*Logarejo* — No municipio de Exú, á 6. kiloms. distante da séde e no caminho que vae para o Brejo de S. Antonio, ahi existe, segundo affirmam, uma pedra de curiosa inscripção.

Olho d'Agua — *Logarejo*— Situado no municipio de Pedra.

Olho d'Agua — *Riachinho* — Corre junto á cidade do Espirito Santo de Páo d'Alho indo derramar no rio Capibaribe.

Olho d'Agua — *Riacho* — Nasce no municipio de Triumpho e despeja no da Lage, affluente do Pajehú, no municipio de Villa Bella.

Olho d'Agua — *Serra* — Na freg. de Bello Jardim, ao nordeste.

Olho d'Agua — *Serra* — Situada ao S. da freguezia de Gloria de Goitá forma uma cordilheira com as da Palmeira, da Ladeira Vermelha e dos Laços, separando a freguezia da Victoria ou S. Antão da de Gloria de Goitá.

Olho d'Agua — *Serra* — No municipio de Salgueiro, formando uma cordilheira, com as da Onça e Salgueiro.

Olho d'Agua Cercado — *Logarejo* — No districto Colonia da freguezia e muñ. de Flores.

Olho d'Agua da Anta — Pequeno riacho que rega o municipio do Bom Conselho e vae desaguar no rio Parahyba.

Olho d'Agua da Cotia — *Logarejo* — No districto de Malhadinha, do municipio de Limoeiro.

Olho d'Agua da Matta — *Logarejo* — Situado no municipio de Bom Conselho.

Olho d'Agua da Onça — *Povoação* — Pertence á freguezia e municipio de Taquaretinga de cuja séde está a 15 kiloms. e a 10 da povoação de Vertentes. Seu nome origina-se de uma fonte ahi existente donde, de uma pedra e por uma fenda, sae agua crystallina, perenne e abundante, mas de sabor acre e intoleravel, da qual muito conveniente seria o estudo de suas propriedades. O terreno onde isto acontece é secco, infecundo, de *carrasco,* como chamam os da localidade ao terreno esteril, e em taes condições, e a agua, pela applicação de um cano para que ella saia com mais força, o que de facto acontece, salta como se fosse impellida por pressão. O nome de *Onça,* que lhe juntam, vem de um logarejo proximo, assim chamado. Foi antiga fazenda de criação, hoje povoada forma uma rua com uma pequena capella particular.

Olho d'Agua da Onça — *Riacho* — Tem pequeno curso, corre a 5 kiloms. da cidade de Garanhuns e a E. F. Sul de Pernambuco atravessa-o.

Olho d'Agua de Luiz João —*Logarejo*— Pertence ao municipio de S. Bento.

Olho d'Agua de Pedras — *Logarejo* — Está situado no municipio de Bom Jardim.

Olho d'Agua do Cachorro — *Riacho* — Tem pequeno curso, é affluente do Brejão, que o é do Riachão.

Olho d'Agua do Felix — *Riacho* de pequeno curso, que vae derramar no Brejão, que é affluente do Riachão.

Olho d'Agua do Góes — *Povoação*—No municipio de Correntes, situada em terreno alto, a 18 kiloms. da villa séde, tem uma capellinha com a invocação de S. Sebastião. O seu nome origina-se de ser o local minado de fontes d'agua, e de ser a familia proprietaria do terreno conhecida por Góes.

Olho d'Agua do Ignacio — *Pequeno riacho* que corre no municipio de Bom Conselho.

Olho d'Agua do Mingú — *Logar* no mun. do Altinho onde nasce o riacho Gravatá, affluente do Una.

Olho d'Agua do Rancho — *Riacho*—Tem pouco curso no municipio de Bom Conselho, indo desaguar no Taquary, affluente do Arabary e este do Balsamo, que despeja no Parahyba.

Olho d'Agua dos Brêdos — *Povoação*— Situada no municipio de Cimbres ao poente da cidade de Pesqueira e desta distante 55 kiloms, fica encravada entre a serra da Aldeia Velha e um serrote de pedras, um tanto alto; está em terreno plano e arenoso a mesma povoação, junto da qual pelo lado do sul corre o riacho do Mel, sempre secco durante o verão, e onde, nessa época, abrem cacimbas para o consumo da população. E' potavel a agua em algumas cacimbas. Consta o povoado de umas 40 casas, dispostas em duas ruas, contando cerca de 300 habitantes, e possue uma boa capella, fundada por Leonardo Pacheco do Couto, sob a invocação de N. S. do Livramento. Dahi á villa da Pedra medem 30 kiloms. Por essa povoação é a melhor estrada que ha no municipio para o interior do Estado, visto como não se tem de subir a serra de Ororubá. Na época propria é admiravel o movimento de boiadas e cavallarias, que por ahi fazem o transito. Ao norte, a 10 kiloms., fica a fazenda Arára, onde existe um grande lagêdo com 3 caldeirões, sendo que tres lagôas existem tambem no mesmo lagêdo e neste, do lado occidental, ha uma inscripção desconhecida. A 10 kiloms. ao sul fica a fazenda Pingadeira, sitio fertil e com agua permanente. Está a 640 metros de altitude.

Olho d'Agua Duro—*Engenho* —Situado no municipio de Timbauba a 6 kiloms. ao N. da séde parochial.

Olho d'Agua Velho — *Riacho* — Corre no municipio de Bom Conselho no logar da mesma denominação, e, tendo pequeno curso de extensão, vae despejar no Traipú.

Olho de Vidro — *Riacho* — Na freg. do Poço da Panella mun. do Recife.

Olinda—*Cidade*— Capital da Diocese Olindense, antiga capital da ex-capitania de Pernambuco, e séde do mun. a que empresta o nome.

HISTORICO — Foi fundada pelo 1º donatario de Pernambuco, Duarte Coelho Pereira, que á sua Capitania, doada no anno anterior, por D. João III, aportou em 9 de março de 1535, acompanhado de sua mulher D. Brittes d'Albuquerque, de seu cunhado Jeronymo d'Albuquerque, e outros membros da familia, e de varios fidalgos seus parentes e amigos, dando então principio á povoação. Nesse anno mesmo, a feroz tribu dos Cahetés atacou aos povoadores, procurando aniquilal-os; e teriam succumbido, certamente, si o donatario, além de habil general na defesa, não tivesse sob suas ordens valentes e adestrados officiaes, e tambem porque o interesse commum fez com que os esforços de todos se congregassem. Em tamanha luta Duarte Coelho foi ferido, mas, graças á sua constancia e valor e ao poderoso auxilio que lhe deu outra tribu, a dos Tabayaras, sua alliada, venceu. E similhante soccorro serviu de muito mais aos novos povoadores, —não só habilitou-os a se defenderem, como a poderem atacar o inimigo no proprio campo, e emfim a afastal-o para longe.

Foram os Tabayaras os primeiros que entraram em lutas com os portuguezes, ficando em um dos combates Jeronymo d'Albuquerque prisioneiro de guerra. Levado ao chefe da aldeia, um indio chamado Tabyra, a filha deste ennamora-se de Jeronymo d'Albuquerque, e, intercedendo em seu favor, salva-lhe a vida. Elle, como recompensa, a recebeu como esposa, havendo a india se baptisado e tomado o nome de Maria do Espirito Santo Arco

Verde. Foi esse enlace que occasionou a alliança dos Tabayaras com os portuguezes. Tabyra era um indio de valor pouco commum, dotado de um talento especial para a guerra, e por isso era o terror dos Cahetés. Ia espreital-os nas suas molocas, armava emboscadas, perseguia-os noite e dia; emfim, não dava tregoas aos adversarios. Além disso, ao seu lado, contava na propria tribu,entre outros valorosos guerreiros,os intrepidos Hagissé (braço de ferro), e Piragybe (espinha de peixe), que igualmente se distinguiam e prestavam aos colonos assignalados serviços. O ultimo até chegou a merecer a recompensa régia do habito de Christo e tambem a de uma pensão.

A respeito da denominação *Olinda* diz o autor dos *Desaggravos do Brazil* e *Glorias de Pernambuco* (*), D. Diogo de Loreto Couto, o que se segue: « Nos primeiros tempos chamou se *Marim*, sendo mudado depois para Olinda. Escrevem alguns autores que Duarte Coelho, chegando ao sitio em que está a cidade exclamara para os seus: *Oh! linda situação para se fundar uma villa!* E desde logo traduziu sua impressão em verdade, chamando a *Olinda*. Essa affirmativa está em desaccordo com os factos, pois que, *Marim* foi denominação que teve desde o principio, permanecendo muitos annos depois. Algumas velhas memorias procuram dar a explicação do que seja a palavra *Marim*. Querem uns que Duarte Coelho tendo sido ferido em uma perna em um dos varios combates que sustentou contra os indios, e por isso se tornado *Coxo*, isto é, *Barim* — vocabulo indigena que justamente quer dizer coxo, d'ahi resultou chamar-se villa *Barim* ou villa do Côxo, transformando-se facilmente, além de tudo o B para M e fazendo a palavra *Marim*. Outros, porém, dizem que provém do nome indigena *Mirim*, que significa — pequeno, pequena, — alludindo-se ao limitado ambito da primitiva povoação, que se circumscrevia a pouco mais de um pequeno castello de pedra e cal, o qual, posteriormente, e por muitos annos permaneceu em ruinas. *Villa Mirim*, realmente, se encontra escripto em algumas escripturas dos primeiros tempos da fundação; depois mudado o *i* em *a*, vê-se — *Villa Marim*, nome que conservou emquanto não admittiu o de *Olinda*, para melhor indicação da amenidade do sitio. »

O Visconde de Porto Seguro pensa que a denominação de Olinda proviesse de alguma quinta, casa ou burgo de que o donatario quizesse perpetuar ou recordar o nome no Brazil, e accrescenta: « Comprova-nos essa conjectura o modo como Duarte Coelho datava ordinariamente — Desta de Pernambuco, ou desta Olinda da Nova Lusitania, etc., etc.

Em 1537, por alvará de el-Rei D. João III foi elevada á categoria de villa e freguezia, e a 12 de Março do mesmo anno firmava o donatario o foral da Camara de Olinda concedendo-lhe o respectivo patrimonio. E Olinda prosperava rapidamente a ponto de, segundo Fr. Raphael de Jesus, em breve tempo contar-se na villa com 700 vizinhos. Da época da fundação da villa é a primitiva igreja da inv. de S. Salvador, depois chamada Sé e cathedral do bispado; e tambem a de N.S. do Monte que até vem mencionada no foral alludido. A respeito da igreja de S. Salvador da Sé, existe a seguinte lenda, collecionada já pelo Dr. Francisco Augusto Pereira da Costa em seu curioso *Mosaico Pernambucano*: — « Conta-se que achando-se a nascente colonia de Pernambuco em grandes apuros, bloqueada pelos francezes e sitiada pelos gentios, Vasco Fernandes de Lucena, movido por sobrenatural impulso, sahira um dia

(*) O original d'esta obra existe na Torre do Tombo em Lisboa, e o Instituto Arch. G. P. possue uma cópia, formato in-folium. A Bibl. Nacional do Rio de Janeiro, publicou-a em seus *Annaes*, vols. XXIV, XXV, 1902 a 1903.

da fortaleza e viera ao campo dos indios, e como entendesse e fallasse com perfeição a lingua dos mesmos, fez-lhes uma pratica dizendo-lhes que os advertia que andavam errados ; que fossem amigos dos portuguezes que o eram seus : e não se illudissem com os francezes que os levariam á perdição, pois que era gente que só tratava da propria conveniencia. E no mais caloroso da pratica lançou mão de uma vara, fez na terra um grande risco e lhes fallou imperiosamente : — *Dai aviso uns aos outros que todo aquelle que intente passar esta risca para a nossa fortaleza, fique advertido que, ao mesmo tempo que o fizer, ha de morrer.* Celebraram os indios o dito com grande zombaria, e arremessando-se uns oito sobre Vasco de Lucena para o matar, cahiram todos mortos ao transpôr a risca. O facto causou tamanha impressão no animo dos indios que immediatamente levantaram o cerco e se embrenharam pelo interior do paiz. E para memoria determinou o donatario, Duarte Coelho, que nesse mesmo logar se erguesse a igreja de sua colonia, em honra do Salvador do Mundo, a qual, com a creação do bispado de Olinda, foi destinada para sua igreja cathedral. Foi esse o primeiro templo que se levantou em Pernambuco; e por isso, ainda hoje, se diz quando se quer determinar a antiguidade de qualquer cousa: — *velho como a sé de Olinda.*» — Depois de incansavelmente ter trabalhado para colonisar sua capitania, conseguindo immigração constante das melhores familias portuguezas ; de ter regulado o serviço de colonisação creando um livro de tombo onde eram registradas as concessões de sesmarias que fazia ; de estabelecer além disso o registro dos colonos da capitania ; de haver desenvolvido a cultura do assucar, erguendo então seu cunhado Jeronymo d'Albuquerque, no logar *Forno da Cal* o primeiro engenho, sob a inv. de N. S. da Ajuda, mais tarde chamado Engenho Velho, a cultura do algodão e cereaes ; e de ter, emfim, promovido, para desenvolver mais facilmente o povoamento, muitos casamentos de indias com os colonos, que successivamente conseguiu vir de Portugal, da Galliza e das ilhas Canarias, aos quaes todos concedia datas de terras e dava os meios de prosperar, falleceu em Lisbôa, segundo o Dr. Mello Moraes, a 7 de Abril de 1554, victima de desgostos de que foi causa o rei D. João III, a quem tão lealmente serviu. Durante sua ausencia o governo da capitania foi dirigido por sua consorte D. Brites d'Albuquerque, com o auxilio de Jeronymo d'Albuquerque, irmão della. Em carta régia de 10 de Maio do mesmo anno de 1554, o monarcha confirmou a doação da capitania, na pessoa do filho primogenito do donatario, Duarte Coelho d'Albuquerque, nascido em Olinda em 1537. Sua mãe, que se achava no governo da capitania, desde que partira o marido para Portugal, continuou a dirigil-a em nome do filho durante a menoridade, e depois em sua ausencia, pois estava o successor em Lisbôa, para onde partira criança com seu pai. Debeis, porém, eram as forças de uma mulher, e graves as perturbações que se deram posteriormente. Os indios, mortificados bastante pelos máos tratos dos portuguezes durante a administração da regente, sublevaram-se e appareceram novamente como terriveis inimigos. Tão cruenta foi a guerra dos mesmos, que Olinda correu por vezes imminente perigo de ser aniquilada. Foi necessario pedir-se soccorro á metropole. Então a rainha D. Catharina, attendendo sem demora, manda tomar conta da capitania por Duarte Coelho, que em 1560 chega a Olinda acompanhado de seu irmão Jorge d'Albuquerque, e trazendo algumas forças e munições de guerra. Nessa administração, incumbiu Duarte Coelho a seu irmão Jorge do governo militar da capitania, para que dirigisse a guerra e conquista dos indios. E de facto em breve tempo estava a paz restabelecida, e

Olinda capitania prosperava. Continha esta, conforme um escripto d'aquelle tempo, 700 familias, não incluidas as habitações esparsas, nem os engenhos que possuia cada um, 20 a 30 moradores. Um collegio de padres jesuitas ahi se fundara e começava a dar os bons fructos de educação á mocidade olindense, então comprehendida na instrucção primaria, no latim e na leitura sobre casuistica. Em 1572 deixa Duarte Coelho a capitania, entregando as redeas da direcção á sua mãe D. Brites d'Albuquerque, e segue, acudindo ao decreto d'el-rei D. Sebastião, para os campos de Alcacer-kibir, onde o bravo soldado cahiu morto, em 1578, ao lado de seu irmão Jorge d'Albuquerque, que para o theatro da guerra seguira em 1576. Em 1575 fallece em Olinda D. Brites, e Jorge d'Albuquerque que nascera em Olinda em 1539, e que com seu irmão fora educado em Portugal, succedeu-o na posse da capitania. Tendo sido prisioneiro de guerra, depois de praticar muitos feitos heroicos, sómente entrou na posse de sua capitania em 1580, quando então recobrou a liberdade. Por instancias d'elle, e em seu tempo, fundaram-se em Olinda os conventos de S. Francisco, para o qual fez grandes doações, o do Carmo e o de S. Bento, dando o terreno necessario e varios bens. Foi elle quem em Olinda, em 1595, inaugurou o theatro em Pernambuco, fazendo representar o drama — *O rico avarento e o Lazaro pobre*. Falleceu ao terminar quasi do seculo XVI, entre 1596 a 1597, pois naquelle anno constituiu seu logar-tenente para governar a capitania, na ausencia de D. Felippe de Moura, a Manoel Mascarenhas Homem, o qual em 1597 recebeu ordens do Governador Geral do Brazil, para entregar o governo da Capitania ao bispo do Brazil D. Antonio Barreiros, que se achava então em Olinda, e ao vereador mais velho do Senado da Camara da villa, afim de seguir para a conquista do Rio Grande do Norte, em expedição d'el-rei D. Felippe II, que da mesma o encarregara nomeando commandante. A' seu pai, Jorge d'Albuquerque, succede nos direitos de donatario da Capitania Duarte d'Albuquerque Coelho, marquez de Basto e autor das *Memorias diarias da guerra do Brazil*. Pouco tempo, porém, esteve na direcção de sua capitania, isso mesmo na parte civil, pois que o governo militar entregou, em 1620, a seu irmão Mathias de Albuquerque e, depois, em 1626, quando este foi chamado á Metropole, ao general de Rosas y Borja.

Em Madrid accidentalmente se achava elle quando chegou a noticia de que na Hollanda se preparava uma grande armada contra Pernambuco. E, como por occasião da invasão da Bahia, substituindo no governo, a Diogo de Mendonça Furtado, revelara grande valor e competencia, e mesmo porque se tratava de uma capitania que era de seu irmão mais velho, Duarte de Albuquerque Coelho, marquez de Bastos e senhor na mesma de grande fortuna, lhe foi ordenado que para a mesma regressasse como — Superintendente na guerra, visitador e fortificador das capitanias do norte, — sem dependencia alguma do governador geral na Bahia, devendo passar por Lisbôa, e ahi receber os recursos que se haviam mandado aprestar. Mathias d'Albuquerque partiu e, apenas como meio de agir contra a esperada invasão, lhe foram dados 27 soldados e algumas munições. A 18 de outubro de 1629 já se achava em seu posto dando providencias e fazendo quanto estava a seu alcance, até o momento do perigo e sacrificio. Em face do abandono de recursos em que se viu por parte da Metropole, ao ponto de só poder contar com os proprios, insufficientes e que se annullavam ante o poder da força inimiga, corajoso e esforçado, entretanto, cuidou da defesa do porto, do armamento da tropa, ordenando que todos os homens do interior da capitania e das vizinhas, assim como os indios estivessem preparados para acudirem no momento dado. Para defender a praça,

apenas, havia uma guarnição de 130 homens e pouca artilharia, que estava quasi inutilisada, faltando carrêtas e artilheiros; e para outras armas que existiam não havia pessoas déstras no seu manejo. Apezar de tão fracos recursos buscou augmental-os no concurso publico; debalde, porém, appellou para tal auxilio. « O espirito da população, dizem os chronistas, achava-se enervado pela licenciosidade e inercia que assim matava e tolhia toda acção, e além disso os habitantes de Olinda, em grande parte, não acreditavam na invasão. O fausto, a lascivia, a intemperança, a vaidade, a usura, a ambição, as vinganças, os odios e as aleivosias eram o exercicio commum de todos, que podiam fartar liberalmente a sêde de ouro dos governantes. Não se fazia mais justiça e a lei era a vontade de cada um, e o unico direito era o do mais forte. O escandalo chegou a tal ponto, que Gaspar de Mendonça, senhor do engenho Apipucos, exasperado das injustiças soffridas de alguns juizes, um dia, em momento de desespero e como desabafo à suas magoas, vociferou na praça publica gritando: *Onde estão os irmãos da Santa Casa da Misericordia, que vendo a justiça ser já morta de todo em Pernambuco, sem haver quem a enterre, não acodem elles a dar-lhe sepultura*? E tal demonstração lhe custaria prisão e castigo, si prudentemente, após a mesma, não se occultasse. »

Era nesse tempo Olinda muito crescida em população e continha 82 ruas principaes. Possuia habitações e edificios particulares tão sumptuosos que até as fechaduras das portas eram de prata. Em todo Brazil não havia então nenhum centro populoso mais rico; mas, do mesmo modo que crescera em opulencia, augmentara bastantemente em desorganização social. Estava dividida em duas freguezias, possuia um collegio de Jesuitas, um convento de Carmelitas, um de Benedictinos, um de Franciscanos, um mosteiro de freiras, um hospital de misericordia com igreja, os dous templos parochiaes, S. Salvador e S. Pedro Martyr, e mais cinco capellas filiaes. Em seu seio havia 130 padres e frades, um alentado commercio, sendo que as fortunas de taes negociantes se elevavam a vinte, trinta e até mesmo a mais de cincoenta mil cruzados.

A 9 de fevereiro de 1630 chega um aviso do governador das ilhas do Cabo Verde, vindo por uma pinaça por elle enviada, de que a armada hollandeza já por alli havia passado. Este aviso, si aos olindenses mais sensatos dava sérias inquietações pelo proximo perigo, não tirou os demais da incredulidade em que estavam. Elles diziam, de modo aliás direito, que se a armada demandava Pernambuco necessariamente chegaria antes do aviso partido depois della; e assim continuaram as festas que celebravam pelo nascimento de um infante real. Era debalde quanto do pulpito prégavam os sacerdotes exhortando cada um ao cumprimento de seus deveres, apontando os vicios e as faltas principaes da população, e recordando-lhes ainda a imminente desgraça de poderem cahir sob o jugo hollandez. Muitos então dos mais poderosos sentiam-se offendidos e encolerisados insultavam aos prégadores, ameaçando-os. E, facto notavel, com palavras quasi propheticas, um desses, Fr. Antonio Rosado, como um vidente, annunciou dous annos antes o incendio de Olinda, proferindo o seguinte: « *Sem mais differença do que a de uma só lettra, esta Olinda está chamando por * Olanda; e por Olanda ha de ser abraçada Olinda, que onde falta tanto a justiça da terra, não tardará muito a do Céo* ».

Inquieto Mathias d'Albuquerque com a noticia recebida, convoca um conselho das pessoas que mais interessadas deviam ser na defesa. Opinam uns que nenhuma familia deixasse a villa, nem della fosse retirada cousa alguma pertencente

* A ortographia de Hollanda era nos escriptores da época. *Olanda*.

aos seus haveres, pois o interesse commum trazia da parte de todos a defeza conjuncta; outros discordando diziam que o mais acertado era ser posto á guarda tudo que fosse mais precioso e mais estimado da familia, para que no momento difficil se cuidasse só da commum defesa do territorio cubiçado. Foi vencedóra a primeira opinião, e Mathias, em nome do rei, publicou uma ordem impedindo a ausencia dos habitantes, e ao mesmo tempo de nada retirarem das casas. Mais poderosa que aquella determinação sua foi a desconfiança, e assim foram levadas secretamente para o interior a melhor parte das riquezas, o que mais tarde se provou ter sido uma desobediencia feliz, visto como assim deixaram as mesmas de cahir em poder dos invasores. Sem demora tambem o general Mathias d'Albuquerque dispoz o pouco recurso com que contava, como se a armada já estivesse á vista. «Cinco dias após á chegada da noticia, em 14 de fevereiro, narra o Visconde de Porto Seguro, apresenta-se a esquadra hollandeza com 56 navios. Era della o veterano na milicia do mar Henrique Cornelis Loncq. De accordo com o commandante das forças de terra, Theodoro Weerdemburgh, foi resolvido effectuar-se o desembarque por duas partes, encarregando-se Loncq de dirigil-a pelo porto, emquanto Weerdemburgh iria com outras tropas ás praias do norte de Olinda. Não conseguiu Loncq o intento. Um dos seus navios que mais se adiantára, encalhou na barra. As lanchas que iam com gente encontrando o porto fechado, e bem defendido pelos fortes tiveram de retroceder. Foi, porém, mais feliz Weerdemburgh; foi levando comsigo uns tres mil homens, poude facilmente desembarcar além de Olinda, nas praias chamadas de Pau-Amarello. Saltaram as tropas em terra na tarde do dia 15, sem que a isso se oppuzesse o ex-capitão-mór Dias da França, a quem fôra incumbida a guarda desse ponto, tendo ás suas ordens sufficiente gente armada, incluindo cem de cavallo. Em vez de empregal-a em cargas repetidas contra os que desembarcavam, regressou Dias da França á villa, com os de cavallo, deixando o inimigo dormir tranquillamente essa noite na praia. Na manhã de 16 seguiu o mesmo inimigo pela costa, caminho de Olinda, em tres columnas fazendo-se acompanhar ao longo da mesma costa por barcaças armadas, e tendo por guia Antonio Dias Papa-robalos, judeu que estivera annos antes commerciando em Pernambuco e passara para a Hollanda. O governador, confiando a defesa do Recife ao sargento-mór Pedro Corrêa da Gama, dirigiu-se pessoalmente para o lado atacado, e pretendeu apresentar resistencia na margem do rio Doce, onde a maré cheia detivera o inimigo. Tinha comsigo 850 homens, e os collocou em ordem de batalha. Ao baixar a maré lançou-se o inimigo á passagem do rio, protegido pela artilharia de suas lanchas ou barcaças. Aguentaram os nossos o primeiro impeto; mas logo começaram a retirar-se, de modo que Albuquerque vendo-se apenas com uns cem combatentes, teve que recolher-se a Olinda, tomando posição na plataforma do convento de S. Francisco, que dominava o caminho da praia. Chegando ahi o inimigo preferiu ir occupar a parte alta da villa, apoderando-se do collegio dos jesuitas, onde se haviam recolhido muitos moradores. O capitão Salvador de Azevedo que, com 22 soldados apenas, defendia o collegio dos jesuitas, bateu-se corajosamente, cedendo o campo sómente quando os seus estavam mortos e feridos, e nenhuma resistencia mais podiam oppôr. Assim ficou o inimigo senhor da villa, havendo os nossos tido 45 mortos e 65 feridos, custando aos invasores cerca de 60 mortos. Livre inteiramente, entregou-se a soldadesca flamenga a toda a sorte de loucuras e desenfreamento, commettendo os maiores desacatos, vestindo as capas das irmandades, paramentos sacerdo-

taes que acharam nas igrejas, saqueando estas e as casas. O capitão de linha André Pereira Themudo, presenciando indignado a profanação que um grande trôço delles estava fazendo na igreja da Misericordia, acommette os de espada em punho, e mata grande numero, até que por sua vez cahiu morto. Perdida a villa, todos os moradores e suas familias fugiram de Olinda para os mattos. A 17, o general e o almirante hollandezes fazem sua entrada triumphal em Olinda. Ahi teve assento tambem em 3 de Maio o Conselho Politico, tribunal no qual estava o governo supremo hollandez, apezar de ter o commandante das tropas o titulo de governador. Mas, a 25 de novembro do seguinte anno de 1631, os hollandezes, inquietados com a chegada do conde Bagnolo, que desembarcara a 19, acompanhado do donatario Duarte de Albuquerque, cujos recursos trazidos se exagerava; e urgindo a situação pela solução do que mais conveniente fosse, visto o temor que tinham de um ataque por parte dos pernambucanos, que sempre manifestaram o firme proposito de resistencia, e então, pensavam, sobretudo mais se tornariam corajosos para enfrental-a em face do auxilio: deliberou o Conselho Politico arrazar as fortificações, incendiar a villa e concentrar todas as forças no Recife, que ao mesmo tempo deveria ser fortificado. Tal resolução sobretudo foi tomada contra o parecer do governador Weerdenburgh e por instancias do capitão Artchofsky, que apresentou ao conselho uma memoria detalhada, procurando provar a adopção da medida. Arrazadas as fortificações, preparado tudo para o incendio, deixaram as tropas Olinda ao cahir da tarde, e nessa occasião, de todos os angulos se ateavam as chammas, que consumiram-na durante a noite, escapando apenas daquelle mar de fogo uma casa terrea.

Depois da derrota dos montes Guararapes os hollandezes novamente occupam Olinda, expulsando de lá uma pequena guarnição que pelos pernambucanos ahi fôra estacionada. Estes, porém, decidindo retomar o posto, entregaram a missão do restabelecimento do mesmo ao capitão Braz de Barros, que para tal fim fôra do Arraial Novo do Bom Jesus, na Varzea.

Pela madrugada de 23 de abril de 1648 mandou o mesmo capitão dous soldados conhecedores do logar explorar quanto havia; e, ao entrarem na rua de S. Pedro, encontraram-se frente a frente com as sentinellas inimigas, que, disparando-lhes as armas, e em seguida fugindo, recolhem-se no reducto, á entrada do caminho do isthmo ao qual denominavam Guarita de João de Albuquerque. Tocado rebate, que foi ouvido pelo capitão Braz de Barros, este immediatamente chega e avança tão rapidamente que collocando-se debaixo das muralhas da fortificação de um assalto e com espantosa coragem a toma, sem que della pudesse ser disparada uma peça. Assim os nossos novamente ficaram senhores do posto.

Chega janeiro de 1654 e a restauração é feita. Volta a paz a todos os lares, vem novamente o desenvolvimento, que havia cessado, para dar logar á destruição. Olinda se reedifica aos poucos e goza outra vez dos fôros de Capital. Ahi residiam os governadores e todas as autoridades. Seus edificios são reerguidos, seus templos e conventos são reparados e reconstruidos. Mas o progresso é mais tardo, mais vagaroso, porque o Recife, que se tinha povoado e desenvolvido no tempo dos invasores, continuava a crescer; a sua proximidade da velha capital e seu porto já eram um estorvo ao facil progresso della. Além disso alguns governadores portuguezes, entre os quaes salientemente figuram Jeronymo de Mendonça Furtado, conhecido por *Xumberga*, Bernardo de Miranda Henriques, D. Pedro de Almeida, João da Cunha Souto Maior, D. Fernando Martins Mascarenhas de Lencastre e Sebastião de Castro e Caldas, tinham manifesta má von-

tade aos pernambucanos e sobretudo aos olindenses. A origem disso foi porque o rei D. João IV, grato aos heróes da restauração, que tinham com os proprios esforços reivindicado para Portugal todo o territorio conquistado pelos hollandezes, concedeu áquelles quantos privilegios pediram e desejaram. E se entregando nos braços da nobreza, que era a descendencia dos povoadores da capitania, desde logo foi a mesma senhora da administração, gozando por isso a capitania de Pernambuco de prerogativas e immunidades que nenhuma outra do Brasil tinha. Os primeiros governadores mesmo que se seguiram á restauração foram escolhidos de preferencia dos que haviam servido na guerra hollandeza, notando-se entre elles André Vidal de Negreiros, duas vezes, D. João de Souza, e o historiador Britto Freire, sendo que os substitutos vinham sempre de accordo com o Senado da Camara, representação directa da nobreza pernambucana, cuja séde principal de residencia era Olinda. Ainda outra caracteristica de similhante deferencia real — foi o caso da prisão, na tarde de 31 de julho de 1666, quando em passeio, e acompanhado de suas ordenanças, passava pela rua de S. Bento, do governador Jeronymo de Mendonça Furtado. Arbitrario, violento, despotico, deshonesto e cheio de desattenções para com os pernambucanos, estes, offendidos em seus brios, resolveram prendel-o em satisfação dos aggravos recebidos. E de facto, levaram a effeito por accordo de todos e execução de André de Barros Rego, recolhendo-o ao forte do mar, com guarda á vista até o embarque para Lisboa, seguido do summario de seus crimes. Nomeou então o Senado da Camara, para substituir ao governador deposto, uma junta de tres membros, e depois como governador interino a André Vidal de Negreiros, approvando el-rei todos esses actos e sem nenhuma advertencia ao Senado, siquer, mas até confirmando a nomeação de Negreiros. Nesse tempo os habitantes do Recife, povoação já bastante crescida e habitada pelos portuguezes mercadores e mascates, dirigiram duas representações a el-rei, no sentido de ser a mesma erigida em villa, sendo ambas indeferidas, porque o Senado da Camara informara contra.

No reinado de D. Pedro II, egualmente devotado aos pernambucanos, renovam-se as petições no mesmo sentido, e, apezar das favoraveis informações dos governadores, mallogravam-se as tentativas, sendo que por fim aquelle rei indefere uma dellas, com a declaração de que *nunca mais tão absurda pretenção se renovasse.*

D. Pedro II, em 1676, tendo creado o Bispado e nomeado seu 1° bispo, concede á villa de Olinda as honras de cidade. A carta régia de 4 de Junho de 1678 determinou que a residencia dos governadores e ouvidores fosse naquella cidade, talvez devido á reclamação do Senado da Camara. A influencia da nobreza, que fazia desapparecer a preponderancia do dinheiro dos mascates, longe de fazel-os arrefecer em sua empreza, mais os levava a procurar a realisação de seus interesses. E assim iam corrompendo quanto podiam os governadores gananciosos que se esqueciam de seus deveres, e sem escrupulos e arbitrarios tudo faziam para se enriquecer, como foram João da Cunha Souto Maior e D. Francisco Mascarenhas Lencastro. Apezar de tão poderosos auxiliares nada conseguiram do reinado de D. Pedro II.

Morto, porém, esse monarcha, e occupado o throno portuguez por D. João V, sendo Sebastião de Castro e Caldas o governador de Pernambuco, de cujo cargo tomara posse, em 9 de junho de 1707, tudo ia mudar para a nobreza olindense.

Avaro, escandaloso e sem escrupulos, elle cuidava unicamente em enriquecer, e desde logo, entregando-se a toda sorte de especulações, alliou-se ao partido

dos mascates, que o attrahiram. Desde então não perdeu ensejo de servil-os e de contrariar, até á violencia, aos do partido opposto. O Senado da Camara era-lhe um obice immenso, em tudo quanto podia impedil-o de praticar irregularidades. Pois bem, não trepidou em invadir as attribuições daquella corporação e as de outras autoridades da Capitania, não ligando importancia ás leis e provisões régias existentes; e toda a sorte de absurdos, excessos e despotismos commetteu. Logo ao iniciar de sua administração o mesmo Senado da Camara representou a el-rei contra os criminosos actos do governador, e o monarcha, pela carta régia de 7 de outubro de 1709, mandou, em expressões bastante asperas, extranhar-lhe o procedimento. E assim, francamente aberta a lucta entre os pernambucanos e o governador, renovou-se nos mascates a idéa da creação da villa do Recife, tantas vezes abortada. Elles, pois, endereçam ainda nova petição a el-rei, que, enviada por intermedio do governador Caldas, e por este favoravelmente informada, tem deferimento. Assim, pela carta régia de 19 de novembro de 1709, é o Recife elevado á categoria de villa, autorisando a mesma carta régia ao governador fazer erigir o pelourinho e de assignalar á nova villa os limites, de accordo com o ouvidor, dando o juiz de fóra audiencia, alternativamente, em Olinda e no Recife. Na divisão do termo o governador e o ouvidor José Ignacio Aroucha discordaram inteiramente: este queria que o termo da nova villa comprehendesse sómente o que então demarcava a freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves (hoje esse territorio corresponde ás do Recife, Santo Antonio, S. José e Afogados), sufficiente para manter a mesma villa; aquelle, porém, era de opinião que o termo reunisse as freguezias do Cabo, Ipojuca e Muribeca. Os recifenses ou *mascates* como chamavam os de Olinda, por serem mercadores, festejavam a opinião do governador; mas os olindenses applaudiam o ouvidor, e até affirmavam que o governador estava vendido aos mesmos *mascates*. Então, estando os factos nesse ponto, o governador intimou ao ouvidor Arouche, ou consignar o termo á villa, de accordo com a sua vontade, ou a desistencia do cargo que occupava; resolvendo o intimado pela ultima hypothese, e sendo substituido pelo juiz de fóra Dr. Luiz de Valensuela Ortiz, passando aquelle a exercer o officio de tombador, cuja provisão régia já possuia. Dividido o termo ao desejo do governador, este, certo do grande e manifesto desagrado dos nobres de Pernambuco, julgou prudente mandar lavrar em segredo as pedras para o pelourinho, que foi erguido durante a noite de 3 de Março de 1710, de modo que ao romper do dia estava a povoação feita villa, com a invocação de Santo Antonio do Recife. Este facto causou ao senado de Olinda tanto resentimento e indignação que seus membros se dirigiram ao palacio do governador a protestar contra, chegando um vereador a dizer-lhe n'um arrebatamento de colera que «se havia o mesmo governador podido erguer o pelourinho, podiam elles derribal-o». Levado de paixão o governador prendeu-o, e começou a mandar lançar em rigorosas prisões alguns individuos das principaes familias, como Leonardo Bezerra Cavalcanti, seu irmão Manuel Cavalcanti Bezerra, Luiz Barbalho de Vasconcellos, seu primo Manuel Barbalho Feio, Affonso d'Albuquerque Mello e outros, indispondo cada vez mais os animos contra elle. E, a lucta travada, o plano concertado pelos descontentes foi verem-se livres do despota governador. Na tarde de 17 de outubro, quando elle, tendo sahido da igreja da Penha passava, acompanhado de 25 individuos, pela rua das Aguas Verdes (Lomas Valentinas, hoje), é ferido por um tiro partido de uma daquellas casas. Furioso, prohibiu na

capitania o uso de armas, e mandou prender a todos aquelles que considerava hostis (1), e, nomeadamente, a André Dias de Figueiredo, Pedro Ribeiro da Silva e Lourenço Cavalcanti Uchôa. O signal de alarma estava dado, a lucta aberta, feita a revolução. O capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva começou por atacar e aprisionar ao capitão João da Motta, encarregado de prendel-o, sublevando-se suas tropas e fraternisando com ellas outro reforço do resto das da capitania, enviadas pelo governador. O mesmo aconteceu com as tropas dirigidas por Placido d'Azevedo. Os revoltosos então, a 7 de novembro, em numero de 2.000, depois de terem, á noite, feito alto em Apipucos, chegam á Bôa Vista na manhã de 8. Bernardo Vieira de Mello e outros se reunindo ao capitão-mór Pedro Ribeiro da Silva, no domingo 9, triumphantes, penetram na villa, lançam por terra o pelourinho, e esbordoam os *mascates* do senado, fazendo fugir espavorido para a Bahia, n'esse mesmo dia, o governador Caldas.

Acephala e sublevada a capitania, tratou-se pois de se lhe dar o chefe; e, na segunda-feira, 10 de novembro, em Olinda, reunidos o senado e a nobreza, convocados para resolver a questão, entram os revoltosos que alli são recebidos. Tomando parte n'essa sessão o capitão-mór Bernardo Vieira de Mello propõe: —«para que se declare a capitania em republica *ad instar de Veneza*, e mostrando que a capitania tinha recursos para sua independencia, lembra ainda, como prova, — *os Palmares*, concluindo que, si por desgraça não tomassem tal deliberação, se entregassem aos polidos e guerreiros francezes.» Depois de longa discussão em que foi considerado audacioso e temerario o projecto, foi deliberado ser chamado ao governo o bispo D. Manuel Alvares da Costa, que estava na Parahyba, visto ser a quem competia a substituição, em segundo logar, porquanto era fallecido o primeiro individuo indicado na ordem régia. O bispo, apenas avisado, não se fez demorar, e a 15 de novembro tomou posse da capitania, sendo um de seus primeiros actos, em nome de seu soberano, conceder o perdão a todos que de qualquer modo estivessem comprometidos no movimento, confirmado esse perdão pela carta régia de 2 de junho de 1711.

Quasi 9 mezes decorreram sem que nenhum successo viesse perturbar seu governo, e aguardava elle a calma completa dos animos para se occupar da erecção do novo municipio do Recife, quando, a 18 de julho de 1711, os mascates consumaram no Recife, achando-se ahi o bispo no collegio dos Jesuitas, uma revolta de parte da tropa, pretextando queixas de que o sargento mór Bernardo Vieira de Mello queria proclamar-se governador. Este foi surprehendido em sua casa pelos revoltosos que, em altos brados, pediam sua morte; sendo-lhe disparados dous tiros, no momento em que chegava á janella para observar aquelle tumulto, não o attingindo felizmente; e seria morto, com certeza, si não tivesse vindo em seu soccorro o tombador Dr. José Ignacio Arouche, que se responsabilisou pelo mesmo Vieira, conduzindo-o á prisão. Passaram como chefes principaes dessa insurreição, diz o Visconde de Porto Seguro, um Dom Francisco de Souza e varios recolectos da Madre de Deus, que a isso se prestaram; porém os verdadeiros autores foram commerciantes, tendeiros e caixeiros, filhos de Portugal e estabelecidos no Recife, que, entre si, se fintaram, no valor de uns setenta mil cruzados, para as despezas da revolta. Uma exposição da Camara de Olinda ao soberano indicou a distribuição de varias parcellas desta somma, e revelou escandalos, sem calar nomes. Pelos mascates foi o bispo forçado a assignar, em 19 de dezembro, uma circular di-

(1) V. de Porto Seguro, vol. II, pag. 824.

rigida aos habitantes da capitania, desculpando a insurreição, dando Bernardo Vieira, que ficava preso, como a *causa d'ella*, recommendando a paz, promettendo o esquecimento do passado, e ordenando que não impedissem a vinda de mantimentos para a praça. Expedida a circular, os de Olinda, desde logo, resistiram não acceitando-a, e o bispo, que entre os mascates, sob o pretexto de decoro á sua pessoa, estava guardado por 150 soldados, na primeira occasião facil que teve (e foi esta a 21), passou para os pernambucanos, embarcando com o Dr. Arouche n'um escaler e reassumindo em Olinda as funcções de governador. Immediatamente intimou-os á obediencia que lhe era devida, e os do Recife, resistindo-a quatro vezes consecutivas, proclamaram seu *mandante* ou governador intruso o capitão João da Motta, que se dispoz a combater qualquer ataque. Tambem em officio o mesmo bispo fez sciente ás camaras de toda a capitania do modo como elle coacto assignara a circular que lhe apresentaram os mascates. Mas, chegando os acontecimentos ao ponto de ser preciso o emprego das armas, o bispo, não só em vista de seu sacro officio, que não permittia envolver-se em operações bellicas, como tambem, talvez, por segurança pessoal, ou porque mesmo não tivesse julgado que os factos se aggravassem a tal ponto, desobrigou-se das responsabilidades ulteriores, renunciando o governo civil da capitania, que ficou entregue ás pessoas do ouvidor Dr. Luiz de Valensuela Ortiz, do mestre de campo Christovão de Mendonça Arraes, e ao Senado da Camara de Olinda, composto do coronel Domingos Bezerra Monteiro, do capitão Antonio Bezerra Monteiro e do procurador Estevão Soares d'Aragão. Esse governo, desenvolvendo a maxima actividade, immediatamente chamou a postos todos os capitães móres da capitania com os terços de suas ordenanças, e mandou sitiar o Recife. As forças do assedio foram divididas em arraiaes ou estancias, cabendo como chefe das forças armadas o arraial dos Afogados, que comprehendia a Barreta, ao capitão mór João de Barros Rego ; o da Boa Vista e logares annexos, ao capitão Carlos Ferreira ; o de Santo Amarinho ao capitão Mathias Coelho e os presidios da Tacaruna e Carreira de Mazombos, ao tenente José Tavares de Hollanda e ao sargento mór Domingos Gonçalves Freire. Convindo aos do Recife, de preferencia a qualquer outro ponto, ter desimpedida a Boa Vista, com o maior empenho, a 27 junho, deram a esse posto um assalto e, surprehendendo seis homens que estavam descuidados, os prenderam e conduziram. A 19 de julho uma força dos mascates, de 300 homens, investe contra o presidio de Santo Amarinho guarnecido por 40 homens, morrendo então em sua defesa seu valoroso commandante, Manuel Nunes, e mais cinco defensores, sendo o prejuizo do lado contrario de 9 mortos e de 17 feridos. Tres dias depois accommettem, com maior força, e em lanchas canhoneiras, á Barreta, se retirando com a perda de 11 mortos, além de tres dos do forte, segundo diz Porto Seguro, incluindo nesse numero o sargento-mór Fernão Bezerra Monteiro. Com as continuas victorias obtidas mostram-se os mascates cada vez mais audazes e arrojados, e assim a 7 de setembro elles tentam romper o assedio com uma força de 400 homens, que distribuem 200 para o arraial dos Afogados, e outro tanto indo occupar a ilha de Joanna Bezerra. Deixam o campo fazendo fogo em retirada até se recolherem ao abrigo de sua artilheria, perdendo nesse assalto os pernambucanos, além do alferes Antonio Bezerra, dous homens, tendo 4 feridos ; e da parte dos mascates morreram 7, sendo aprisionado um crioulo dos Henriques, ferido por bala em um dos braços.

Nessa perturbação incessante, de continuas correrias e investidas, ia o Re-

cife, com um sitio que durava já tres mezes, quando, a 6 de outubro, appareceu á vista de terra a frota que trazia a seu bordo, para Pernambuco, o novo governador, Felix José Machado de Mendonça. Immediatamente mandou o bispo, por um jangadeiro, expor-lhe, por carta, as condições da capitania, desculpando-se de não ser o enviado pessoa respeitavel, por falta de conducção, visto que os do Recife estavam na posse de todas as embarcações. Mas João da Motta foi mesmo em pessoa á bordo; e, fazendo seus protestos de sinceridade, accrescentava que a sua presença alli, ás mãos e sob a justiça do governador, era a prova mais verdadeira do que asseverava. Entretanto, Machado em vista da missiva do prelado, ordenou a João da Motta que, no mesmo instante, lhe entregasse as fortalezas e toda a administração, pois que de direito a elle cabia, e de cujas mãos unicamente receberia o governo. Apezar de descontentes com similhante ordem, os mascates a cumpriram. No dia 8, o bispo no governo, desde logo mandou soltar a Bernardo Vieira de Mello, ao mestre de campo e aos mais que tinham sido presos por Sebastião Pinheiro Camarão, oppondo-se ao levantamento do sitio do Recife, a nobreza, infantaria e moradores, até que os mascates fossem presos ou castigados, cedendo por fim, pela intervenção e instancias de D. Manuel Alvares. Nesse mesmo dia o novo governador entrou no Recife, e tomou posse, sem opposição alguma, restabelecendo-se a paz. De lado a lado seguiram-se festas e a todas o governador esteve presente, não obstando isso que depois se deixasse seduzir pelos seus patricios, por quem se mostrava dia a dia mais inclinado. Apezar das objecções, em um manifesto offerecido pelo Senado da Camara de Olinda, o novo ouvidor, João Marques Bacalhau, que viera com o governador, em 18 de novembro de 1711, mandou erigir o pelourinho, fazendo pelouros no dia seguinte e se abrindo a 21. Então já francamente devotados aos mascates o novo governador e seus ministros, dentro em pouco o mesmo ouvidor começou a perseguir o partido aristocratico, tratou de tirar devassa contra os dous levantes, apezar de perdoado o primeiro pela confirmação do rei de Portugal, e o segundo pelo governador geral na Bahia, D. Lourenço d'Almada. Desde logo, como delinquentes, e por segurança, antes de conhecida a devassa, que concluida arrolou 19 culpados, em 17 de fevereiro de 1712, foram presos o coronel Leonardo Bezerra Cavalcante e o alferes André Vieira de Mello, e no dia seguinte os filhos do primeiro, Cosme Bezerra Cavalcante e Manoel Bezerra Cavalcante, sendo todos algemados e mettidos numa das fortalezas da villa.

A 19 entrou preso, e tambem algemado, no forte de Mattos, o capitão João de Barros Corrêa. Em 27 publicou o governador Machado um bando mencionando como pronunciados por inconfidentes, o capitão André Dias, e sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, os capitães-móres João de Barros Rego e Mathias Coelho Barboza, o capitão Cosme Bezerra Cavalcante (irmão do coronel Leonardo), Mathias Vidal de Negreiros, commissario geral Manuel de Barros Rego, José Tavares de Hollanda e o sargento-mór Sebastião de Carvalho e Andrade, offerecendo naquelle bando um premio a quem os descobrisse, e ameaçando de castigar aos que os acobertassem. A 27 de março chegou preso á villa, pelo capitão-mór José de Barros Pimentel, o sargento-mór Bernardo Vieira de Mello, sendo recolhido á fortaleza do Brum, onde, além de algemado, foi mettido a ferros. E por fim, esse governador, para completar sua obra da mais infrene perseguição aos pernambucanos, chama ao Recife os ouvidores da Parahyba, Jeronymo Corrêa do Amaral, e de Alagôas, José Soares da Cunha, para que, juntos com o ouvidor

João Marques Bacalhau e o Juiz de Fóra Paulo de Carvalho, constituidos um tribunal de relação, condemnassem á morte os presos; chegando a infamia do procedimento e empenho, ao ponto de ser offerecido ao ouvidor das Alagôas 3.000 cruzados, por seu voto, conforme depois elle certificou com juramento, nada sendo conseguido pelos interessados, porque aquelles dous ministros retiraram-se para seus districtos, sustentando terem incompetencia, inclusive o proprio governador em chamal-os. Então, a 28 de julho do sobredito anno de 1712, o mesmo governador fez partir para Lisboa, n'uma frota, todos os presos. A 18 de junho do seguinte anno, em vista de intimação, para se afastar cem leguas da cathedral, deixa o bispo o Recife, e segue para a villa de Penedo,á margem do S. Francisco; e em 30 de junho de 1714, tambem obrigado, embarcou para Lisbôa, o tombador José Ignacio Arouche, terminando, inteiramente em 1715, com a chegada, em 29 de maio, do outro governador Dom Lourenço d'Almeida, esses actos de canibalismo e selvageria, de uma época, sem duvida, para Pernambuco, conforme se expressa Porto Seguro, peior que a mais despotica do dominio hollandez.

Apezar da carta regia de 4 de junho de 1678, que determinava a residencia dos governadores e ouvidores na cidade de Olinda, a partir da guerra dos mascates e da administração de Felix José Machado por diante, todos os governadores ficaram residindo no Recife, onde anteriormente iam e se demoravam sómente emquanto despachavam os navios que voltavam para Portugal. Dahi começou o Recife a ser a capital de *facto*, emquanto que Olinda era a de *direito*, e tornava-se decadente. Quem estudar, mesmo ligeiramente, a vida das duas localidades, daquella data por diante, encontrará Olinda em tudo, crescentemente absorvida pelo Recife. O erario publico, a força militar e todos os elementos de governo e da administração tinham sua séde nessa villa, cuja creação custara uma luta tremenda de sacrificios de vida e de fortunas. Nas duas revoluções, por exemplo, de 1817 e 1824, o Recife foi o principal theatro de tudo, entretanto que em Olinda-capital, quasi que sómente accidentalmente se falla.

Em 19 de janeiro de1805 a Camara de Olinda solicitara do rei a creação de um Tribunal da Relação na capitania, e, attendida, muito tempo depois, a 13 de agosto de 1821, o Tribunal se installou na então villa do Recife, e não na capital. Contra isso o Senado da Camara dalli, em 18 de setembro do alludido anno, reclamou do governador Luiz do Rego Barreto, allegando suas prerogativas de capital, e pedindo a trasladação do mesmo, do Recife para lá. Não attendida pelo governador, faz outra representação ás côrtes constituintes de Lisbôa. Tomando conta da administração da provincia a Junta do Governo provisorio, a Camara de Olinda representa-lhe ainda em igual sentido, nada adiantando a resposta que lhe deu a mesma Junta. Então, em 29 de dezembro de 1825, o presidente José Carlos Mayrink da Silva Ferrão baixou uma portaria considerando temporariamente a cidade do Recife a capital de Pernambuco. Olinda, reclamando outra vez contra esse acto da presidencia, que de todo a despoja das suas honras, dirige-se ao imperador Pedro I, em data de 20 de dezembro de 1826, implorando-lhe a manutenção de sua prerogativa de capital da provincia. O monarcha decide, então, autorisando ao Conselho Geral da Provincia a resolver a questão. Este a termina, em sessão de 15 de fevereiro de 1827, confirmando o acto temporario da Presidencia, datado de 29 de dezembro de 1825.

Por muitos annos foi Olinda ennobrecida por uma Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes, a qual deu ao Brazil muitos homens eminentes e distinctos, e

sendo inaugurada em 15 de maio de 1828 foi em 30 de maio de 1853 transferida para a cidade do Recife. Eis os nomes dos primeiros baehareis formados em Olinda em 1832: — Affonso Cordeiro de Negreiros Lobato, Antonio Baptista Getirana, Antonio Felippe Nery, Antonio Gomes Villaça, Antonio Gonçalves Martins, Antonio Henriques de Miranda, Antonio Joaquim de Albuquerque Mello, Antonio Joaquim Monteiro Sampaio, Antonio Luiz Dantas de Barros Leite, Antonio Manoel Fernandes Junior, Antonio Thomaz de Luna Freire, Bento Joaquim de Miranda Henriques, Bernardo Rabello da Silva Pereira, Caetano José da Silva Santiago, Eusebio de Queiroz Coitinho Mattoso da Camara, Firmino Pereira Monteiro, padre Francisco Antonio de Oliveira Rosellis, Francisco Borges de Figueiredo, padre Francisco Joaquim das Chagas, Francisco Joaquim Gomes Ribeiro, Francisco de Souza Martins, Henrique Felix de Dacia, Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, João Antonio de Vasconcellos, João José Ferreira de Aguiar, João José Ferreira da Costa, João Querino Rodrigues da Silva, Joaquim Franco de Sá, Joaquim José Ribeiro Fróes, Joaquim Nunes Machado, Joaquim Ribeiro Fróes, Joaquim Ridrigues de Souza, José Antonio Pereira Ibiapina, José Telles de Menezes, José Ferreira Souto, José Joaquim Geminiano de Moraes Navarro. Lourenço Trigo de Loureiro, Luiz Soares Queiroz de Azevedo, Manoel Augusto de Faria Rocha, Manoel Joaquim de Sá Mattos e Manoel Teixeira Peixoto. Desses quarenta e um bachareis formados em 1832, dezoito eram de Pernambuco, onze da Bahia, dois de Alagôas, dois do Ceará, um de Minas Geraes, um do Rio Grande do Sul, um do Rio de Janeiro, um do Piauhy, um da Parahyba, um do Maranhão, um do Rio Grande do Norte, um de Portugal e um de Angola, o conselheiro Euzebio de Queiroz.

O alvará de 30 de maio de 1815 creou Olinda comarca, dando-lhe como termo as villas de Goyanna, Iguarassú, Limoeiro e Pau d'Alho, desmembradas do Recife. Em virtude da execução do Codigo do Processo e da Resolução do Conselho do Governo da Provincia de 29 de maio de 1833, que dividiu o territorio de Pernambuco em comarcas, Olinda foi considerada termo annexo á comarca do Recife. A lei provincial n. 520 de 13 de maio de 1862 restabeleceu a comarca de Olinda, unindo-lhe o termo de Iguarassú, que foi desmembrado do Recife. De accôrdo com a Lei organica dos Municipios, de 3 de agosto de 1892, no regimen da Republica constituiu-se autonomo em 10 de janeiro de 1893, sendo eleito como seu primeiro governo administrativo: — Prefeito, José Candido da Silva Pessoa, Sub-prefeito — Dr. Manoel do Nascimento Ferreira Castro; Conselho Municipal — Capitão Francisco Columbiano da Silva Guimarães, coronel José Joaquim Antunes, João da Matta Rego Leite, capitão João Augusto de Mello, capitão João Henrique de Albuquerque Mello, João Baptista das Chagas, Dr. Cicero de Vasconcellos Cezar, Dr. Ernesto de Aquino Fonseca, capitão Francisco Velloso de Albuquerque Lima.

Olinda tem sido o berço de grande numero de filhos distinctos e illustres nas armas, lettras, sciencias, virtudes, etc., e entre outros, citamos os seguintes: Nos tempos coloniaes, segundo Loreto Couto:

— *Bento Teixeira Pinto*, poeta e prosador, autor da *Prosopopéa, e das Grandezas do Brasil*.

— O Dr. *João Velho Barreto*, sacerdote de acrisoladas virtudes e de grande merecimento litterario em sua época.

— Fr. *Manoel de Santa Catharina*, carmelita, de profunda illustração, tinha um brilhante talento, compoz e imprimiu alguns trabalhos oratorios e de philosophia.

— *Simão de Mello e Albuquerque*, *Felippe Bandeira de Mello*, *Agostinho Barbalho Bezerra*, *Nicolau Aranha Pacheco*, *Christovão de Barros Rego*, *João Soares de Albuquerque*, *Affonso de Albuquerque*, *Jeronymo de Albuquerque*, *filho da india Arco-Verde*, *Antonio de Albuquerque Maranhão*, *Nuno de Mello*, *Alvaro Fragoso de Albuquerque e Manoel de Mello Castro*, que se notabilisaram nas armas.

— Os padres *João Maria*, *José Coelho*, *Jeronymo de Albuquerque*, *Fr. Manoel de Macedo*. *Bernardino de S. Maria*, *Raphael de S. Bôa Ventura*, *D. Manoel de Moura*, franciscanos, e o padre *Gaspar Dias*, que foram varões dignificados por alta virtude e piedade, na missão que acceitaram.

— *D. Rita Joanna de Souza*, nascida em 12 de maio de 1795, filha do Dr. João Mendo Teixeira, a qual, de espirito bastante cultivado pelos estudos de philosophia e historia, e dotada de penetrante intelligencia e admiravel memoria, foi litterata de merecimento, sendo tambem na arte da pintura de um talento prodigioso, merecendo do pintor distincto e profissional, Antonio Sepulveda, seu coevo, calorosos elogios e a escolha para ensinar suas filhas. Falleceu em abril de 1718, aos 23 annos de idade. (L. Couto).

— *D. Anna Francisca Xavier*, filha do mestre de campo Manoel Alvares de Moraes Navarro, casada com o Dr. João Luiz da Serra. Tendo deixado varios trabalhos litterarios, fallava com summa facilidade latim, hespanhol e francez, tendo algumas producções em correctissimo latim (Loreto Couto).

—*D. Maria de Lacerda*, filha de Leão Falcão de Eça, foi uma intelligencia genial, porque, apenas tendo a instrucção rudimentar, com verbosidade facil e espantosa, discutia com elegancia, judiciosamente e espirito de rigorosa logica, todas as questões que se lhe apresentavam, como se tivesse a intuição clara e viva de tudo. (Loreto Couto).

— *D. Isabel de Barros*, filha de Antonio Fernandes Caminha de Medina, foi outro genio quasi inculto e de uma profundeza surprehendente, sobretudo em materia scientifica, em que sua intelligencia mais brilhava (Loreto Couto).

— *D. Antonia Cosma dos Santos*, casada com o capitão Francisco Lopes Orosco, dada aos estudos de philosophia e historia, tinha ainda grande talento poetico; deixou algumas obras (Loreto Couto).

— *D. Laura Soares Gondim*, dotada de assombrosa memoria, que registrava tudo quanto ouvia sem omittir circumstancia alguma, era versadissima em historia, sobretudo sagrada e de Portugal (Loreto Couto).

—*Antonio d'Albuquerque Maranhão*, distincto pernambucano, tendo por padrão de suas glorias a conquista do Maranhão do poder dos francezes e a guerra da invasão hollandeza na Parahyba e em Pernambuco.

-- *Fr. Antonio dos Anjos*, varão de eminentes virtudes e que na invasão hollandeza em 1630 tem um nome heroico pelo seu patriotismo e civismo, pelo que a historia registra, memora-o nas suas mais bellas paginas.

— *Antonio Muniz Barreiros*, o intrepido chefe da insurreição regeneradora do Maranhão, nascido nos fins do seculo 16 e fallecido em 16 de janeiro de 1643.

— *Duarte Coelho de Albuquerque*, filho do primeiro donatario de Pernambuco, foi o primeiro pernambucano que pelas armas honrou o nome da patria, na celebre batalha de Alcacer-kibir, na qual tambem com o destroçado exercito portuguez morreu el-rei D. Sebastião.

— *Jeronymo de Albuquerque Maranhão*, fundador da cidade do Natal no Rio Grande do Norte e de S. Luiz no Maranhão, o qual fez a heroica conquista das terras desse ultimo Estado, que estavam em poder dos francezes. Nasceu em 1548 e falleceu em 11 de fevereiro de 1618.

— *Jorge de Albuquerque Coelho*, que, nascendo em 1539, foi um guerreiro illustre, litterato conceituado por sua erudição e talento, fallecendo general reformado do exercito portuguez em 1596.

— *Luiz Barbalho Pezerra*, bravo pernambucano das luctas hollandezas.

— *Mathias d'Albuquerque Coelho* que foi um heróe glorioso e de feitos gigantescos na historia pernambucana.

— *Mathias d'Albuquerque Maranhão*, um dos voluntarios da expedição do Maranhão e que conquistou um nome que a historia honrosamente menciona.

— Fr. *Manoel da Piedade*, nascido em 1572 e fallecido como um heróe em 18 de dezembro de 1631, no combate da conquista da Parahyba pelos hollandezes. Patriota, era tambem uma illustração profunda, alliada a uma robusta intelligencia.

— Fr. *Manoel de Santa Catharina* falleceu em 1737 e foi grande orador sagrado e insigne theologo.

— Padre Dr. *Manoel de Freitas Barros*, nascido em 1689, era formado em Canones e possuia notavel illustração, havendo occupado varias dignidades ecclesiasticas.

— Padre Dr. *Manoel de Rodrigues Corrêa de Lacerda*, formado em canones, foi secretario do bispo de Leiria, possuia bastante credito litterario, dedicando-se com amor ás sciencias positivas e tendo sido uma das glorias do clero pernambucano.

— Fr. *Paulo de Santa Catharina*, anteriormente chamado D. Paulo de Moura, nascido em 1574, foi um religioso franciscano cheio de virtudes, famoso prégador e uma das glorias de Pernambuco e do claustro seraphico. Falleceu em 1620.

— P^e^. Dr. *João Carlos de Mello Araujo*, formado em canones, prégador eloquente e distincto, era dotado de grande virtude e humildade.

P^e^. *Bernardo Raymundo de Souza Bandeira*, nascido em 1820, foi conego magistral da cathedral de Olinda, passou á dignidade de arcediago, tendo sido lente de rethorica e geographia no Seminario Diocesano. Era extremamente simples e caridoso, cheio de virtudes e tambem uma illustração. — Tambem foram olindenses os patriotas: *Domingos Gonçalves Freire, Felippe Bandeira de Mello, Manuel Garcia de Moura, Manuel Rodrigues Netto* e *José Tavares de Hollanda*, martyres da lucta nativista de 1710, e *Cosme José Guedes, José Xavier de Mendonça* e *Mathias José da Silva*, victimas ainda *da revolução republicana de 1817*.

Depois do Brazil constituido em nação, ainda podemos lembrar os nomes distinctos de:

— *Pedro Yvo Velloso da Silveira*, valente e brioso militar, patriota illustre e benemerito, e uma das figuras salientes da *Rebellião Praieira* de 1848 a 1849. Nasceu em 1811 e falleceu no mar, em 1851, em viagem para a Europa, evadindo-se da fortaleza da Lage, onde estava preso (Vide *Dicc. Pern. Celeb.* de Pereira da Costa).

— *Thomaz da Cunha Lima Cantuaria*, nascido em 29 de dezembro de 1800 e fallecido em 4 de setembro de 1878. Além de ter sido um patriota das revoluções republicanas de 1817 e 1824, foi uma grande notabilidade musical, verdadeiro maestro, compositor de renome e um artista glorioso e de muito merecimento.

— Conselheiro Dr. *Joaquim Saldanha Marinho*, nascido em 1816, falleceu no Rio de Janeiro em 28 de março de 1895. Foi notavel como advogado, publicista, polemista e politico, tendo sido um dos mais ardorosos propagandistas da Republica no Brazil.

— Dr. *Ezequiel Franco de Sá*, nasceu em 1 de setembro de 1835 e falleceu no Recife, em 17 de fevereiro de 1905. Dotado de pasmosa memoria, era sem nenhuma duvida, em seu paiz, o mais proficiente conhecedor e mais competente dos professores de geographia e historia, sendo extraordinaria a promptidão com que, sem auxilio de livro ou

meio de qualquer natureza, respondia ás perguntas que lhe eram feitas sobre estatistica, historia geral ou local, geographia, topographia, nomenclaturas, informações de qualquer natureza. Era tambem uma illustração superior, latinista eximio, provecto em mathematica, sciencias naturaes e physicas, e, não póde soffrer contestação que, em seu tempo, foi o espirito de maior somma de conhecimentos que viveu em Pernambuco. Sempre que se fazia necessario a collaboração sua em trabalhos de competencia, elle a deu com vantagem. Este homem, porém, que deveria ser conhecido por seu merito e capacidade, nenhum livro entretanto imprimiu, prova alguma de seu alto valor deixou, e seu nome, que poderia ultrapassar a capital do Estado que lhe foi berço, perde-se dentro d'ella mesma. E quando já não existirem seus contemporaneos que de perto souberam o grande e inestimavel cabedal de conhecimentos que possuiu, será até ahi mesmo desconhecido! Nem um só livro, quem teve tanta força para produzir muitos e uteis! Descuido imperdoavel, falta que se não justifica!

— Desembargador *Francisco de Assis Oliveira Maciel*, nascido em 1826 e fallecido no Recife em 29 de março de 1888, foi presidente da provincia, provedor da Santa Casa de Misericordia do Recife muitos annos, prestando a essa Instituição assignalados serviços, e tambem notavel magistrado pela inteireza de suas decisões.

— *Affonso Olindense Ribeiro de Souza*, nascido em 8 de Outubro de 1853, falleceu no Recife em 17 de Outubro de 1889. Foi um bello talento, sendo escriptor fertilissimo, correcto e aprimorado e ainda poeta inspirado, de musa lyrica e condoreira.

— Conselheiro *João Capistrano Bandeira de Mello*, nascido em 1835, era doutor em direito, lente jubilado da Faculdade do Recife e, passando a residir no Rio de Janeiro, onde foi distincto advogado, foi tambem lente da Faculdade livre de Sciencias Juridicas e Sociaes. Presidiu no tempo do imperio as provincias do Pará, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia e S. Catharina; era filho do Conselheiro João Capistrano Bandeira, litterato cearense de merito. Falleceu no Rio de Janeiro em 18 de dezembro de 1905.

E, além destes, muitos outros, cujos nomes torna-se impossivel lembral-os todos e, por conseguinte, aqui registrar.

HISTORIA ECCLESIASTICA — Foi Pernambuco durante os primeiros tempos governado ecclesiasticamente pelos bispos do Brazil: 1.º D. Pedro Fernandes Sardinha; 2.º D. Pedro Leitão; 3.º D. Frei Antonio Barreiros; 4.º D. Constantino Barradas. No tempo deste prelado, por breve do Papa Paulo V, de 15 de julho de 1614, foi creada no territorio de Pernambuco uma prelasia, sendo provido, em data de 19 de fevereiro de 1616, como prelado administrador, o padre Antonio Teixeira Cabral, seguindo-se a este outros, até o reinado de D. Pedro II, de Portugal, que para melhor governo espiritual, separando da jurisdicção da Bahia, creou o Bispado, fazendo cabeça do mesmo a cidade de Olinda. Foi erecto e confirmado pelo Papa Innocencio XI em bulla — *Romani Pontificis pastoralis solicitudo*, — expedida em Roma a 16 de novembro de 1676. Foi um dos maiores bispados, comprehendendo desde o Ceará, ao norte (onde dividia com o do Maranhão), até o rio S. Francisco, no sul, confinando com o arcebispado da Bahia, e pelo interior dividia ainda com as dioceses do Rio de Janeiro e Minas. Toda a capitania do Piauhy, desde sua creação, foi sujeita no espiritual ao bispado de Olinda. No reinado de D. Pedro II, Imperador do Brazil, por lei geral de 10 de agosto de 1853, e confirmado o acto pelo Papa Pio IX, o territorio do Ceará foi desmembrado da diocese de Olinda e erecto em bispado. Por Bullas especiaes do Pontifice Leão XIII, em 1894, foi creado o bispado da Parahyba

que se constituiu unido ao territorio do Rio Grande do Norte; e em 1901, separou-se tambem da diocese de Olinda, e constituiu-se em bispado, o territorio do Estado de Alagôas. Presentemente, a Igreja Olindense comprehende a mesma área do Estado de Pernambuco, cogitando-se de crear o bispado de Triumpho, e a elevação d'aquelle á arcebispado, conforme propoz á Pio X, o synodo reunido no Recife em Junho de 1908.

—

°1 *D. Estevão Briôso de Figueiredo*, clerigo do habito de S. Pedro, filho de Manuel Martins e de Catharina de Figueiredo, natural da cidade de Evora, onde havia sido vigario geral do Arcebispado de Lisbôa. Foi eleito no anno de 1676, sagrado no de 1677, e fez entrada na cidade de Olinda em 11 de Abril de 1678, com demonstrações de reverencia. Concedeu-lhe El-Rei de Portugal a faculdade de nomear as dignidades e conegos com a ajuda de custo de um conto de réis, em attenção a ser bispado novo; assim como se lhe marcou, por provisão de 3 de agosto do mesmo anno de 1677, a congrua de oitocentos mil réis, mais oitenta para esmolas, e cento e vinte para salario dos seus officiaes, isto é, provisor e vigario geral. Mandou-se-lhe dar tambem, ou aos seus visitadores, por provisão de 11 de janeiro de 1678, embarcações e mantimentos, para quando visitassem a diocese; porque naquelle tempo não podiam os bispos, ou os visitadores em Pernambuco, perceber uma cousa que se chamava — *procurações e jantares* — isto é, uma indemnização pelas despezas da viagem. Nada disto está mais hoje em uso no Brazil; os bispos carregam com as despezas da visita, tendo apenas em seu favor o prazer com que os parochos os recebem e hospedam. Marcada a congrua para o bispo, marcou-se tambem a dos membros do cabido: assim ao Deão, cem mil réis; para as dignidades, oitenta; para os conegos, sessenta, e para os capellães, vinte e cinco! O bispo D. Estevão Brioso visitou as igrejas da cidade, villas e povoações vizinhas, e reformou o auditorio ecclesiastico, que então se regia pela constituição do arcebispado da Bahia. Em seu tempo foram creadas as freguezias de N. S. do Desterro de Itambé e S. Pedro Martyr de Olinda. Tendo conseguido sua transferencia para o bispado do Funchal, em 17 de abril de 1685, tomou posse daquella Igreja e, residindo nella poucos annos, cegou, fallecendo a 20 de Março de 1689, em Lisbôa, e jaz no collegio de S. Patricio.

—

2.° *D. João Duarte do Sacramento*, natural de Lisbôa, padre da Congregação do Oratorio. Foi eleito bispo de Pernambuco no anno de 1685, pelo Rei D. Pedro II de Portugal, no pontificado de Innocencio XI. Não chegou a tomar posse de sua diocese, porque no dia em que vieram as bullas de de sua confirmação, estava-se-lhe cantando o officio de corpo presente, na Igreja da Madre de Deos, no Recife, em cuja congregação morreu no dia 10 de janeiro de 1686. Governou o bispado na ausencia de D. Estevão Brioso e durante seu tempo foram erigidas a capella do aldeiamento do Limoeiro e a matriz de Cabrobó.

—

3.° *D. Mathias de Figueiredo e Mello*, clerigo do habito de S. Pedro, nasceu na villa de Arganil do bispado de Coimbra, e teve como pais André Quaresma e sua mulher D. Isabel de Figueiredo e Mello. Aprendidos os primeiros rudimentos passou a estudar na universidade de Coimbra. D. Pedro II o nomeou bispo de Pernambuco em 12 de maio de 1686 e foi sagrado pelo cardeal D. Verissimo de Lencastro, na igreja da Congregação do Oratorio, em Lisbôa, sendo Preposto o padre Bartholomeu do Quental. Chegou á diocese aos 28 de maio de 1688, e tomou posse aos 14 de junho do mes-

mo anno. Fallecendo nesse mesmo anno o governador Fernão Cabral, em 9 de setembro, assumiu o bispo o cargo de governador civil, a convite da camara de Olinda, em falta de legitima substituição, e exerceu até 25 de maio do anno seguinte (1689), quando o entregou ao novo governador. Prohibiu em provimentos de visita que fosse permittido aos governadores sentarem-se em cadeira de braço, ou sitial, estando exposto o Santissimo Sacramento. Desta prohibição, tomou conhecimento o juizo da corôa, que resolveu contra o bispo. Este, porém, não obedeceu, e contra elle nenhum procedimento teve o procurador da corôa; não lhe impoz as temporalidades, nem propoz libello de desnaturalisação. Sagrou a igreja dos Jesuitas da cidade do Recife, e mandou a Roma o chantre de sua cathedral, doutor Balthazar de Farias fazer uma visita ás portas dos Santos Apostolos, concorrendo com todas as despezas da viagem. Apparecendo grande escassez de farinha de mandioca, o bispo por muitas vezes mandou compral-a em barcos ao rio de S. Francisco para repartil-a com os pobres da igreja de S. Sebastião de Olinda, sem reservar cousa alguma para sua casa, de sorte que elle e sua familia passavam dias seguidos comendo côco; porque toda a farinha que havia em sua despensa sahia para alimento dos necessitados. Fez mais ainda : vendeu as proprias cadeiras e moveis do seu uso, para com o producto delles soccorrer aos pobres, visto como não eram sufficientes para isso os seus diminutos rendimentos. Sabendo El-Rei de tudo isto, mandou-lhe dar um conto de réis, a titulo de ajuda de custo. Ao mesmo tempo, que este prelado apresentava uma caridade tão heroica, não deixava de commetter alguns excessos, como o de fulminar, com censuras de monitorios, ao provedor da Parahyba, pela demora no pagamento da congrua. Mariz, referindo este facto, deixa bastante confusão, porque não diz que congrua é essa, e refere tambem que el-rei mandou estranhar ao provedor de Pernambuco ter sido elle a causa do procedimento injusto do bispo, sem dar a razão por que o mesmo provedor tornou-se cumplice na falta que enchergou o bispo em tal procedimento. Teve tambem este prelado varias desavenças com o governador Marquez de Monte Bello, mas não se dá a causa dessas discordias, e nem como acabaram. Depois de um governo de seis annos, a morte arrebatou o venerando prelado, aos 17 de julho de 1694. Dom Mathias de Figueiredo e Mello morreu tão pobre que apenas se encontraram quatro camisas de linho de seu proprio uso. Na cathedral de Olinda repousam os seus restos mortaes em sepultura humilde. O seu jazigo acha-se ao lado do Evangelho, na capella-mór da Cathedral ; e na parte superior da pedra que o cobre, veem-se insculpidas as suas armas episcopaes, circumdando ás dos Figueiredo Mello, e abaixo o epitaphio em latim, cuja traducção é a seguinte :

Jaz nesta sepultura o varão que
por todos os titulos mereceu a immortalidade,
ou porque bem vivesse,
ou porque morreu
santamente D. Mathias de Figueiredo e
Mello, bispo de Olinda; o qual se
olhares para a saudade do
seu rebanho, viveu pouco; se para as
suas acções praticadas em seis
annos, viveu bastante: se para a calamidade
dos tempos viveu mais que muito:
se para a memoria das
suas obras, sempre ha de viver.
Morreu aos 40 annos de
idade, no de Christo de 1694.

Em seu tempo creou as freguezias de N. S. da Luz, em 1689 ; Tracunhãem, em 1690; e N. S. das Montanhas de Cimbres em 1692.

—

4.º *D. Frei Francisco de Lima*, filho de João de Lima e Maria das Neves, nasceu em Lisboa, e no convento carmelitano d'essa cidade recebeu o habito a 19 de setembro de 1649, e fez a profissão solemne a 25 do dito mez, no

anno seguinte. Admittido no collegio de Coimbra em 31 de outubro de 1652 estudou sciencias. Foi eleito reformador e visitador do convento da Villa da Horta, na ilha do Fayal. Foi nomeado Vigario Geral do Brasil, exerceu o logar de prior do convento de Lisboa no anno de 1686, e foi insigne pregador de seu tempo. Attendendo D. Pedro II, de Portugal, aos seus merecimentos, o nomeou Bispo dos Estados do Maranhão e Pará a 9 de outubro de 1691, sendo sagrado em 20 de abril do anno seguinte no convento do Carmo. Antes que partisse para o Maranhão foi provido no Bispado de Pernambuco, no anno de 1694, e chegou á Olinda no anno de 1696, e na breve duração do seu governo se empenhou em fazer muito em pouco tempo. Do que rendia o Bispado despendia a maior parte em soccorro dos pobres, e amparo dos necessitados. Era verdadeiramente sabio e profundamente humilde. Foi varão de altissima piedade. Acommettido de gravissima enfermidade expirou placidamente em 29 de abril de 1704. Foi sobremaneira caridoso para com as suas ovelhas, achando-se-lhe depois de seu passamento 40 rs. em dinheiro! Foi sepultado no Convento do Carmo de Olinda. Occupou a cadeira episcopal de Pernambuco 8 annos, 2 mezes e 4 dias. Em seu tempo foi erigida a capella do eng. Araripe do Meio, da inv. do Senhor Bom Jesus. Em 28 de outubro de 1867, o Inst. Arch. e Geog. Pernambucano fez exhumar os restos mortaes desse Bispo com a intenção de, no Convento do Carmo do Recife, erigir-lhe um mausoléo. Entregue a urna funeraria a Frei Alberto de Santa Candida Cabral, então provincial, mais tarde procurados os mesmos restos pelo Instituto para definitivamente realizar o intento, não foram mais encontrados, e assim perderam-se completamente. Guarda ainda o Instituto o annel pastoral e uma cruz de latão, que encontrou entre as reliquias da vestimenta.

—

5.° *D. Manoel Alvares da Costa*, clerigo secular natural de Lisbôa, doutor em canones pela universidade de Coimbra. Eleito bispo pelo Rei D. João V, foi confirmado pelo Pontifice Clemente XI, em 7 de junho de 1760. Tomou conta do bispado a 6 de fevereiro de 1710, e fez sua entrada episcopal no dia 8 do mesmo mez e anno. Havendo surgido nesse anno em Olinda a sublevação dos Mascates contra a nobreza do paiz, e se posto em fuga o governador de Pernambuco, Sebastião de Castro Caldas, o Bispo D. Manoel Alvares tomou conta do governo civil em 15 de novembro do referido anno. Começa o seu governo dando em nome de El-Rei um perdão aos delinquentes, o qual foi confirmado pelo mesmo monarcha, em alvará de 8 de junho de 1711. Mas esta prova de amabilidade e compaixão foi infructifera, porque elle arrostou depois grandes perigos, e superou maiores afflicções. A rebellião, porém, tomou grande terreno; os Mascates desrespeitosamente negaram obediencia a todos os actos do seu governo temporal, e até mesmo espiritual, vendo-se então obrigado a infligir penas de excommunhão! No dia 12 de outubro de 1711 deixou o governo civil, dando posse ao nomeado, Felix José Machado. Esperou ser victima dos Mascates, que contra elle injustamente haviam conspirado, e effectivamente foi incluido na devassa do ouvidor Bacalhau, e reputado em Lisboa cabeça de revolta; por isto, durante a syndicancia a que se procedeu, esteve ausente 100 leguas de seu bispado por ordem superior! Partiu para a villa de Penedo, em cuja viagem recebeu dos chefes dos Mascates muitos ultrajes e vilipendios. Sendo então chamado a Lisboa, deixou no governo da diocese o carmelita Fr. Manoel de Santa Catharina, que depois foi escolhido para Bispo d'Angola; e seguiu no dia 12 de agosto de 1715. (Vide *Historia dos Martyres Pernambucanos*, fl. 153.) Foi trasladado para o bispado d'Angra, nos Aço-

res, em 19 de janeiro de 1721 e n'esse bispado morreu. Governou a diocese de Pernambuco 5 annos e 6 mezes. Durante sua administração foi creada a freguezia de N. S. dos Prazeres de Maranguape, a de Santo Antão da Victoria, e construida e benta a igreja do Exú.

—

6.° *D. Frei José Fialho*, nasceu em Villa Nova de Cerveira, na provincia de Entre Douro, e Minho. Foram seus pais o capitão João de Seixas e D. Antonia de Andrade. Entrou para o Mosteiro de Santa Maria do Douro, na provincia do Minho, aos 23 de janeiro de 1696. Foi laureado com as insignias doutoraes em dezembro de 1710. Estudou Theologia no collegio de S. Bernardo, um curso de Artes no Real Mosteiro de S Pedro das Aguias, e no anno de 1712, em novembro, fez opposição a uma cadeira da Universidade em concurso dos mais eminentes theologos. Sendo informado El-Rei D. João V do seu grande talento e virtudes, o nomeou Bispo de Olinda, no anno de 1722, e no de 1725 foi confirmado pelo Pontifice Benedicto XIII. Recebidas as bullas, o sagrou na capella real o Patriarcha de Lisboa, aos 13 de maio do mesmo anno. Chegou ao porto do Recife em 17 de novembro do mesmo anno. Foi recebido com demonstrações de jubilo e reverencia, e fez entrada publica em Olinda, em 21 do dito mez. A missão e visita que fez, penetrando pelo Sertão extensas leguas, empresa difficil pela distancia, e fragosidade dos caminhos, demonstra o zêlo deste prelado por suas ovelhas. Em 2 de fevereiro de 1739 foi elevado á Arcebispo da Bahia; sendo d'ahi transferido para Bispo da Guarda no mesmo anno de 1739. Antes de chegar á cidade da Guarda adoeceu gravemente em Lisboa, e falleceu a 18 de março de 1741. Durante o tempo de seu governo foi construida a igreja do Rosario da cidade da Victoria, em 1738.

—

7.° *Frei Luiz de Santa Thereza*, natural de Lisboa, filho de Antonio Salgado, Governador de Chaves, sargento-mór de Batalhas, e de D. Archanja de Chaves. Carmelita descalço, doutor em leis pela universidade de Coimbra, corregedor da mesma cidade, etc. Nada consta do dia de sua nomeação, e sómente que fôra confirmado em 7 de setembro de 1738 no pontificado de Clemene XII, e reinado de Dom João V; chegou á diocese aos 4 de junho de 1739, tomou posse aos 29 de julho do mesmo anno. A' sua custa mandou construir o palacio da Soledade; prégou em quasi todas as igrejas do Recife; sahiu a missionar pelo seu bispado, desde o Rio Grande do Norte até Porto Calvo, sendo constante no confissionario dias e noites. Muito cooperou para a fundação do hospital de Olinda, dos Recolhimentos da mesma cidade, do de Iguarassú e Parahyba. Principiou o Recolhimento da Soledade, na Boa-Vista; fundou um seminario na cidade da Parahyba, o qual foi depois extincto, gastando em todas essas obras o producto de suas rendas. Por ordem régia retirou-se para Lisboa, no dia 18 de junho de 1754, deixando no governo do bispado o Deão da Sé, Dr. Antonio Pereira de Castro, e alli morreu a 17 de novembro de 1757. Occupou a cadeira episcopal de Pernambuco quasi 15 annos. Em seu governo foram creadas as freguezias de Tacaratú e Bom Jardim. Em 1742 autorisou a collocação do SS. na matriz de Tracunhãem, e foram construidas as capellas—do engenho Macaxeira na freg. de Itamaracá, sob a inv. de N. S. dos Prazeres,—e em 1755 na cidade da Victoria (então simples povoação) a de N. S. do Livramento.

—

8.° *Dom Francisco Xavier Aranha*, clerigo secular do habito de S. Pedro, natural de Arronches, Dr. em canones pela universidade de Coimbra. Foi eleito Bispo de Pernambuco a 28 de

janeiro de 1753, pelo rei D. José I, e confirmado pelo SS. Padre Benedicto XIV, em 13 de fevereiro do mesmo anno. Foi sagrado em Lisboa a 21 de julho de 1754, com o titulo de Bispo de Tremopoli *partibus infidelium*, com toda a jurisdicção ordinaria. Chegou á diocese no dia 29 de setembro de 1754. Como se havia retirado para Lisboa o bispo proprietario, elle começou logo a governar a diocese, e pela morte do mesmo mandou tomar posse do bispado por seu procurador o Deão Dr. Antonio Pereira de Castro, a 24 de novembro de 1758, fazendo sua entrada publica, como bispo e legitimo prelado, no dia 2 de dezembro de 1759. Visitou uma parte de sua diocese até a Parahyba, e foi muito zeloso dos deveres do seu sagrado ministerio. Effectuou a mudança das Recolhidas, do sitio dos Afogados, para o de Nossa Senhora da Gloria, da Boa-Vista, cedido pelo Padre Antonio da Cunha Pereira, como se collige do alvará de transmutação, firmado em 12 de maio de 1758. Concluiu no anno de 1764 o palacio episcopal da Soledade, começado pelo seu antecessor; fez muitas obras na cathedral, e edificou o Aljube de Olinda, e defronte delle uma pequena capella ou oratorio, para os presos ouvirem missa. Morreu a 5 de outubro de 1771, e jaz sepultado na Sé de Olinda, tendo governado o bispado quatro annos, na qualidade de coadjuctor, e 13 como legitimo diocesano. Foram em seu tempo creadas as freguezias d'Aguas Bellas e Santa Maria de Boa Vista, e erguida a igreja matriz do Buique.

—

9.º *D. Fr. Francisco de Assumpção Brito*, natural de Minas. Foi eleito Bispo de Pernambuco pelo rei D. José I e confirmado pelo pontifice Clemente XIV, por bullas datadas a 15 de março de 1772. Tomou posse do bispado, por seu procurador, a 5 de dezembro do mesmo anno. Sendo porém, pouco depois, nomeado arcebispo de Gôa, e tomando posse do mesmo no dia 30 de janeiro de 1774, nunca veio a Pernambuco.

—

10.º *D. Thomaz da Encarnação Costa e Lima*, conego regrante de Santo Agostinho, nasceu na cidade de S. Salvador da Bahia, e foi confirmado no bispado olindense por Clemente XIV, em 18 de abril de 1774; tendo sempre governado com bastante circumspeção, desde 30 de agosto do mesmo anno, em que chegou com o governador José Cesar de Menezes. Falleceu em Olinda a 14 de janeiro de 1784. Publicou, em Coimbra, em 1759, a obra em 4 volumes — *Historia Ecclesiastica Lusitana*. Em seu tempo foram creadas as freguezias de N. S. da Apresentação do Limoeiro (1774), a de N.S. da Apresentação da Escada, e a de S. José de Barreiros. Elle governou o Bispado 10 annos.

—

11. *D. Diogo de Jesus Jardim*, da ordem de S. Jeronymo, natural de Sabará, em Minas Geraes, foi eleito a 11 de maio de 1784, foi confirmado por Pio VI a 14 d e fevereiro do anno seguinte; tomou posse da Diocese a 22 de agosto de 1786, por seu procurador o Deão Manoel de Araujo Carvalho, e chegando a 1º de dezembro do mesmo anno, administrou-a até regressar a Lisbôa, em 16 de maio de 1793. Tres dias após sua chegada alli foi eleito successor, da mitra de Elvas. Falleceu a 30 de maio de 1796. Governou a diocese por espaço de oito annos, e no tempo de seu governo foram creadas as freguezias de Garanhuns, Buique, SS. de S. Antonio da cidade do Recife, e construida a igreja de Panellas.

—

12. *D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho*, nascido a 8 de setembro de 1743 na villa de S. Salvador dos Campos de Goytacazes, clerigo secular e licenciado em canones, tendo occupado a dignidade arcediagal da Sé, cathedral do bispado do Rio de Janeiro e

res, em 19 de janeiro de 1721 e n'esse bispado morreu. Governou a diocese de Pernambuco 5 annos e 6 mezes. Durante sua administração foi creada a freguezia de N. S. dos Prazeres de Maranguape, a de Santo Antão da Victoria, e construida e benta a igreja do Exú.

—

6.° *D. Frei José Fialho*, nasceu em Villa Nova de Cerveira, na provincia de Entre Douro, e Minho. Foram seus pais o capitão João de Seixas e D. Anton[illegible] de Andrade. Entrou para o Mosteir[illegible] Santa Maria do Douro, na provin[illegible] Minho, aos 23 de janeiro de 16[illegible] laureado com as insignias dou[illegible] dezembro de 1710. Estudo[illegible] no collegio de S. Bernardo[illegible] Artes no Real Mosteir[illegible] das Aguias [illegible] novembro, [illegible] da Universi[illegible] eminentes t[illegible] El-Rei D. J[illegible] e virtudes, [illegible] no anno [illegible] confirm[illegible] XIII. [illegible] na c[illegible] ao [illegible]

[illegible] DE AZERÊDO COUTINHO. D. José Joaquim [...] Bispo de Olinda

ficou a posse que havia por seu procurador tomado. Esse bispo conseguiu do principe regente D. João VI uma representação ao Papa pedindo a faculdade das dispensas dos impedimentos de segundo grão, e deste o attingente ao primeiro, para os casamentos; e sendo benignamente acceita, foi expedida pela curia romana a impetrada faculdade, por 25 annos, aos bispos da America. Obteve do mesmo Principe Regente, em 22 de março de 1796, a doação da igreja e collegio dos jesuitas de Olinda, e nelle inaugurou no dia 16 de fevereiro de 1800 um seminario episcopal para instrucção do clero, sendo a mais completa e perfeita escola de educação secundaria, que houve até então no Brazil, sob a inspecção daquelle prelado. Confeccionou os esta-

7.° *Frei Luiz de* [illegible] [illegible], e bem tural de Lisbôa, fi[illegible] Nossa Se- do, Governador [illegible] Boa Vista, de Batalhas, e [illegible] de Olinda, o Carmelita [illegible] de Carvalho la univer[illegible] adre Francisco dor da [illegible] aseguiu, á bene- do d[illegible] a diocese, o au- fôr[illegible] dessa corporação. 1[illegible] [illegible]ita da diocese, en- [illegible]overno civil como [illegible]stituição ao capitão- [illegible]az José de Mello; [illegible]erceu as importantes [illegible]ector geral dos estudos, [illegible]ente da junta da fazenda. [illegible]es obras publicas encetou em [illegible] do engrandecimento material da capitania; reorganizou a instrucção primaria, tornando-a mais uniforme e methodica, sujeita á disciplina e direcção superior. Creou um regimento de artilheria, para defesa de Pernambuco, e melhorou as finanças da capitania, reduzindo as despezas publicas e fiscalisando a receita. São muitas as memorias deixadas pelo bispo D. José Joaquim. Escreveu um excellente trabalho, que comprehende os mais perfeitos esclarecimentos do estado politico, commercial, financeiro e litterario da capitania de Pernambuco sob o titulo:— *Informação dada ao ministro de Estado dos Negocios da Fazeada, D. Rodrigo de Souza Coutinho; e regulamento de instrucção primaria*. E mais diversas e eloquentes Pastoraes para o bom regimen de sua diocese.— Quatro foram, em verdade, as producções importantes, que lhe deram grande nomeada e lhe grangearam subida estima:— a 1ª, uma memoria relativa ao fabrico, commercio e preço do assucar;—a 2ª, um discurso recitado na Academia Real de Sciencias de Lisbôa, pintando o estado das minas do Brazil; —a 3ª, uma memoria ácerca da abolição da escravatura, onde elle discriminou perfeitamente a questão religiosa e moral, da questão politica, denominada: *Analyse sobre a justiça do commercio,*

os escravos da costa d'Africa ... ndo duas edições, foi tra... uas ingleza e franceza; ... *saio economico sobre* ... *ortugal e suas colo*... não só uma tra... o tambem que ... principaes jor... s. Esta obra ... rova o raro ... D. José ... a e re... bons ... sbôa. ... pre... quem ... oso No ... cadeira epis... eu-se a trasladação ... ento da igreja Matriz de ... tonio para a do collegio, que ... sido dos jesuitas, cuja deliberação não progrediu; sendo que por este acontecimento lhe quizeram empanar seus creditos, e donde lhe provieram crueis dissabores. Por carta régia de 19 de março de 1802 foi nomeado bispo e futuro successor da diocese de Bragança e Miranda. Sahiu do bispado de Olinda a 5 de julho do mesmo anno, deixando como governador do mesmo o Deão da Sé, Dr. Manoel Xavier Carneiro da Cunha, e ainda no governo civil da capitania. Não se verificando sua resignação, foi depois trasladado para o bispado de Elvas e confirmado pelo Pontifice Pio VII, em Consistorio de 6 de outubro de 1806. Vagando a diocese de Beja, uma das mais pingues e rendosas de Portugal, o Rei D. João VI, apreciando as virtudes, illustração e serviços relevantes do bispo D. José Joaquim, o nomeou, por carta de 22 de janeiro de 1818, para occupar aquella cadeira episcopal; mas elle não quiz abandonar a diocese de Elvas, que lhe era cara, nem o povo que lhe merecia estima. O mesmo monarcha D. João VI o nomeou em 15 de Maio do referido anno para os cargos de inquisidor geral do Reino e presidente da Junta do Estado e melhoramento temporal das ordens religiosas. Foi membro da Academia Real de Sciencias de Lisbôa, deputado pelo Rio de Janeiro á Assembléa Constituinte de Portugal, e muitos outros empregos honrosos occupou. Depois que tomou assento nesse Congresso, a morte repentinamente lhe roubou a vida em 12 de setembro de 1821, sendo inhumado no logar do capitulo dos padres de S. Domingos de Lisbôa. Occupou a cadeira episcopal de Olinda 4 annos e 6 mezes. Em seu tempo foram creadas as freguezias do Espirito Santo de Pau d'Alho (1799), de S. José de Bezerros (1805), de Santo Amaro de Taquaretinga (1801), de S. José do Brejo da Madre de Deus (1799) e do Senhor Bom Jesus da Fazenda Grande, hoje Floresta (1801).

—

13. *D. Frei José de Santa Escolastica*, natural do Porto, monge benedictino e oppositor ás cadeiras da Universidade, foi eleito a 19 de março de 1802, não chegando a dirigir a diocese, porque em 23 de outubro de 1803 foi eleito arcebispo da Bahia. Falleceu em 3 de janeiro de 1814.

—

14. *D. Fr. José Maria de Araujo*, nascido em Lisbôa, professo da ordem de S. Jeronymo, de que foi abbade. Teve a eleição de bispo desta diocese a 13 de abril de 1804; e, recebendo a sagração em 8 de março de 1807, tomou posse do bispado por seu procurador, Fr. José Joaquim de Sant'Anna, da mesma ordem, e commetteu a administração da diocese ao conego Manoel Vieira de Lemos Sampaio, até sua chegada, em 21 de dezembro do alludido anno. Falleceu em 21 de Setembro de 1808, e seus restos foram inhumados na igreja da Sé de Olinda Governou o bispado sómente 9 mezes. A freg. d'Agua Preta foi creada em seu governo, e bem assim foram terminados os trabalhos da construcção da Ordem Terceira de

S. Francisco. Existe no Seminario de Olinda o retrato d'este prelado.

—

15.° *D. Frei Antonio de S. José Bastos*, natural do Rio de Janeiro, doutor, theologo e monge benedictino. Foi eleito a 25 de abril de 1810, e confirmado pela Bulla do Papa Pio VII, de 5 de março de 1815. No anno seguinte de sua eleição, á instancias do nuncio apostolico, Arcebispo de Nisibi, veio administrar a diocese de Olinda na qualidade de vigario capitular, dando excellentes provas de bom Prelado, caridoso e protector zelôso da casa dos Expostos. Partindo no anno de 1815 para o Rio de Janeiro, recebeu a devida sagração na capella real a 28 de outubro de 1816. Demorando-se por interesses particulares na mesma cidade, repentinamente falleceu em 19 de julho de 1819. Em seu tempo foram creadas a freguezia de N.S. da Saude do Pôço da Panella (1818) e a da Conceição de Nazareth; e foram erigidas as igrejas de S. Benedicto (freg. de Quipapá), em 1819, e de Barra de Jangada, em 1815.

—

16.° *D. Frei Gregorio José Viegas*, religioso da Ordem 3ª da Penitencia, confessor dos Infantes. Sendo eleito bispo de Olinda por D. João VI a 4 de abril de 1820, não chegou a tomar conta da Diocese, nem recebeu a sagração, por não lhe terem chegado as respectivas bullas, retirando-se para Lisboa com a familia real em 1820. Não é contado na ordem de successão do episcopado.

—

17.° *D. Thomaz de Noronha*, natural de Portugal e religioso da Ordem dos Pregadores. Sendo inquisidor e vigario geral de sua ordem, foi eleito bispo de Cochim, a 6 de dezembro de 1816, e sagrado a 7 de março de 1819. Trasladado por carta imperial de 14 de maio de 1823 para o bispado de Olinda, tomou delle posse por seu procurador, o Deão da Sé, Dr. Bernardo Luiz Ferreira Portugal, em janeiro de 1824, e chegou á sua diocese no anno de 1825, sem ter a devida confirmação, que só se verificou em maio de 1828, no pontificado do S. Padre Pio VIII. Depois de algum tempo occupar a cadeira episcopal, resignou o bispado em agosto de 1829, deixando de governal-o no dia 8 de setembro do mesmo anno, dia em que tomou conta o respectivo Cabido. Retirou-se para Portugal, sem licença, nos fins desse mesmo anno, mas dalli voltou a Pernambuco, tocando novamente em suas plagas no dia 22 de janeiro de 1839. Recebido com veneração na diocese que governara, nella fez então sua residencia. A assembléa provincial concedeu-lhe a pensão annual de 1:200$ para sua subsistencia, por lei de 26 de maio de 1840. Pelo Governo Imperial foi depois nomeado director do curso juridico de Olinda, hoje faculdade de direito do Recife. Exerceu por algum tempo aquelle logar, mais tarde renunciou. Deu a lume a obra—*Exposição da Doutrina Christã,* a qual contém a historia da Religião, a explicação de suas maximas, dogmas e mysterios; a de suas festividades, ceremonias dos Evangelhos de todos os domingos do anno, e discursos sobre cada um delles. Morreu no dia 9 de junho de 1847, e jaz sepultado ao lado da capella-mór da matriz do Santissimo Sacramento da Boa Vista, como havia pedido. Fez, por disposição testamentaria, doações ao Seminario Episcopal de Olinda, á matriz da Boa-Vista, e deixou esmolas para a indigencia soffredora; havendo tambem feito doação, quando sahiu do bispado, de varias apolices da divida publica á cathedral de Olinda, as quaes chegavam em 1857 á quantia de quasi 12:000$000. No governo de D. Thomaz de Noronha foi erguida a igreja da então povoação de Correntes e hoje villa (1827). Em 1825 este prelado visitou a maior parte das freguezias de sua diocese.

—

18.° *D. João da Purificação Marques Perdigão*, natural da cidade de Vianna do reino de Portugal, e conego regrante de Santo Agostinho. Sendo Monsenhor da capella imperial, foi eleito Bispo de Olinda, pelo imperador D. Pedro I, por carta de 18 de outubro de 1829, e confirmada por bullas do S. Padre Leão XII, datadas de 28 de fevereiro de 1831. No dia 4 de agosto de 1830 chegou a Pernambuco, e governou o bispado na qualidade de Vigario Capitular, até que partiu para o Rio de Janeiro, afim de receber a sagração, que teve logar no dia 26 de maio de 1833. Voltou para sua diocese, e nella chegou a 14 de setembro do mesmo anno, e tomou posse como legitimo Prelado no dia 29 do referido mez e anno. Fez a visita de todo seu bispado. Muito cooperou com suas pastoraes para a terminação da guerra civil chamada dos *cabanos* em Panellas de Miranda. Chegou seu zelo pastoral ao ponto de, arrostando incommodos e superando difficuldades, dirigir-se pessoalmente, em novembro de 1835, áquelle logar de lucta sanguinolenta, podendo felizmente com seus conselhos e com o auxilio da Religião chamar ao gremio da Igreja e da sociedade os insurgentes; fez desarraigar os odios e fraternizar os espiritos revoltosos, vendo afinal realizada a paz desejada. Foi ao Rio de Janeiro em 1841 assistir ao pomposo acto da sagração de S. M. o Imperador Dom Pedro II. Sagrou no dia 15 de outubro de 1837 a igreja da Ordem Terceira do Carmo da cidade do Recife. Por occasião de tornar-se effectiva a divisão da freguezia de Santo Antonio do Recife, e crear-se a de S. José, o venerando Bispo D. João, conhecendo a necessidade de instituir-se uma egreja para ser a matriz, comprou um terreno no logar Cinco-Pontas, e fez delle doação para fundar-se alli a respectiva egreja. Benzeu a primeira pedra e fez a solemne inauguração no dia 8 de setembro de 1845. Muito coadjuvou para que se concluissem as necessarias obras daquella egreja, não só tirando dos fieis esmolas avultadas, já solicitando da assembléa quotas para o mesmo fim, e ainda, em summa, prodigalizando de seus rendimentos grandes quantias para o andamento d'aquelle templo. A virtude de uma immensa caridade elle a empenhou em subido gráo. Sommas consideraveis foram por elle distribuidas, para servirem de lenitivo aos queixumes de suas ovelhas, e outrotanto applicou a obras pias, a monumentos sagrados, taes como aos Recolhi-

D. João da Purificação M. Perdigão

mentos da Conceição de Olinda, de Iguarassú, de Goyanna, ao Seminario Episcopal, e á egreja do cemiterio publico. Alma de candida bondade e amor extremo de seu proximo, elle o demonstrou em tudo. Coube-lhe a gloria de fazer no dia 8 de setembro de 1855 a solemne reconciliação do Templo do Col-

legio dos antigos jesuitas, o qual se achava polluto havia 37 annos. Restaurou o Seminario Episcopal de Olinda, e obteve do governo geral quotas para sua reedificação. Reparou completamente, á sua custa, e deu nova fórma ao palacio da Soledade, em que residiu, e aos seus successores servira sómente de recreio. E depois de 85 annos, 1 mez e 26 dias de idade, e 31 annos de episcopado, não contado o tempo que regeu o bispado como vigario capitular, falleceu em seu palacio da Soledade, ás 8 horas da noite de 30 de abril do anno de 1864. O corpo foi embalsamado e exposto por cinco dias á visita dos fieis, que não cessaram de encommendar sua alma ao Todo Poderoso. Durante esse tempo a fortaleza do Brum não deixou de salvar de quarto em quarto de hora, e os sinos de toda a cidade lembravam a cada instante o fatal acontecimento. No dia 5, pelas 5 1/2 horas da tarde, seguiu o corpo para Olinda, sendo conduzido constantemente pelo povo, que quiz dar ao seu prelado uma ultima prova solemne de admiração e gratidão. Ahi recebeu todas as honras civis e ecclesiasticas, em presença de um concurso extraordinario de pessoas, importantissimo, não só pelo numero, como pelas dignidades, que então se achavam. Desceu ao tumulo coberto das bençãos dos seus diocesanos, porque se fizera merecedor de todas ellas. Seu cadaver acha-se sepultado na Cathedral. No decurso do tempo do episcopado de D. João Perdigão foram creadas em Pernambuco as seguintes freguezias:—N.S. da Paz de Afogados (1837), N.S. da Gloria de Goitá (1837), N.S. do O' de Goyanna (1859), S. José do Rio Formoso (1840), S. Vicente de Timbauba (1864), Gravatá (1857), Altinho (1837), Bonito (1839), S. Bento (1860), Quipapá (1857), S. Caetano, Caruarú (1848), Bom Conselho (1837), Alagôa de Baixo (1842), Afogados de Ingazeira (1836), Salgueiro (1846), Villa Bella (1838), Ouricory (1844), Petrolina (1862), e S. José da cidade do Recife (1844). Ainda na administração desse prelado construiram-se as egrejas e capellas: — matriz de S. José, Conceição do logar Arrombados em Olinda, S. Miguel de Afogados, matrizes de N. S. da Graça, da Gloria de Goitá, de Salgueiro, de Ouricory, de Afogados de Ingazeira, do Altinho, S. Maria da Boa Vista (1833), de Petrolina (1841), do Rio Formoso, de Barreiros (1839), Sant'Anna de Vicencia (1859), as igrejas de Jurema (de Quipapá), de Lagôa do Carro e S. José de Vertentes (1850). Foram reconstruidas a matriz de Limoeiro em 1855; a igreja de Santa Thereza, no Recife, em 1837; a da Conceição de Beberibe em 1850; e as matrizes de Ouricory e Afogados de Ingazeira (1852). Foram creadas as seguintes irmandades: a de N. S. da Gloria de Goitá em 14 de abril de 1853; a de N. S. do Rosario da capella de Alagôa Grande (freg. da Gloria de Goitá), em 25 de abril de 1859; a de Santo Antonio, na cap. da mesma invoc., a do povoado de Bebedouro (Altinho); a de N. S. do O' da matriz do Altinho, em 1850; e a do S. S. da matriz de Muribeca, em 1835.

—

19.° *D. Manoel do Rego Medeiros*, nasceu na cidade do Aracaty, antiga provincia do Ceará, a 21 de setembro de 1830. Era filho legitimo do fallecido negociante portuguez do mesmo nome, e de sua mulher D. Marianna do Rego da Luz, natural do Ceará. Depois de estudar as primeiras lettras e o latim na cidade natal, continuou no Recife o curso de preparatorios geraes e exigido para o sacerdocio, leccionando ao mesmo tempo os preparatorios, que já sabia. A docilidade de seu genio, a sua applicação aos estudos, e a sua não vulgar intelligencia fizeram-no sempre acatado por seus condiscipulos e considerado pelos seus mestres. Recebendo em junho de 1853 ordens sacras do bispo D. João da Purificação, foi por elle instado para que alli

ficasse como lente de algumas materias ensinadas no seminario respectivo, convite a que o novo levita não accedeu, regressando para o Ceará. A 28 de agosto desse mesmo anno, cantou elle sua primeira missa na capella do Senhor do Bomfim de sua terra. Tendo depois servido por algum tempo como capellão do corpo ecclesiastico do exercito, passou, em principios de 1854, com sua mãi e mais familia para a cidade da Fortaleza, onde continuou a leccionar humanidades e foi um dos creadores do Collegio dos Orphãos, alli mantido pela pro-

D. Manoel de Medeiros

vincia, e de que foi o professor de doutrina christã. Por esse tempo percorreu a provincia e della traçou uma carta geographica. Desenhava bem e sabia musica bastante. Seu ministerio exerceu sempre gratuitamente e raras vezes acceitou offertas pecuniarias. Era tão austero cumpridor de seus deveres sacerdotaes que até em casa andava de batina. Era grave, mas de caracter expansivo e alegre; eminentemente esmoler, tudo quanto obtinha por seu trabalho repartia com os pobres. Tinha, como o Divino Mestre, particular predilecção pelas creanças. Depois de haver servido como secretario do então Bispo do Pará, mais tarde arcebispo da Bahia, D. Antonio de Macedo Costa, seguiu para a França e alli esteve algum tempo estudando no seminario de S. Sulpicio. Percorreu depois toda a Europa, a Asia e parte da Africa. Voltando de uma peregrinação a Jerusalem, fixou sua residencia em Roma, onde recebeu em tempo competente da academia de Sapiencia o gráo de doutor em ambos os direitos. Jornaes francezes publicaram suas impressões de viagem aos logares santos. Como fallava muitas linguas e era affavel e bondoso por natureza, obteve a estima e correspondencia de quasi todo o episcopado de França e da Italia. O fallecido papa Pio IX, assim como todo o Sacro Collegio, o tinham em grande consideração, que era compartilhada por quantos brasileiros residiam na Cidade Eterna. Dispunha-se, depois de doutorado, a ir missionar no Japão, quando o surprehendeu o decreto de 5 de abril de 1855 que o apresentava á Santa Sé para preencher a vaga deixada pelo bispo de Olinda, que o ordenara sacerdote. Não quiz acceitar a honra e o encargo, mas Pio IX o obrigou a isso. A 12 de novembro foi sagrado alli, recebendo nesse dia um jantar, que lhe offerecera o cardeal Carolli, e a que assistiram todos os cardeaes existentes então em Roma, o corpo diplomatico brasileiro e estrangeiro, e seu dedicado irmão Dr. Antonio Manoel de Medeiros. O collegio Pio Americano deu-lhe por essa occasião um livro ricamente encadernado, preciosissimo pela materia que continha: eram discursos e poesias compostas em differentes linguas por estudantes e pessoas de alta importancia que haviam assistido á festa de homens de lettras, denominada *Academia.* O papa poz-lhe ao pescoço uma cruz episcopal de brilhantes e rubins, prova de

alto apreço nunca concedida antes a nenhum outro bispo. Essa cruz tinham-na trazido por muitos annos Pio IX e seu antecessor. Por disposição testamentaria de D. Manoel de Medeiros voltou a mesma, por sua morte, para Roma. A 12 de Dezembro desse mesmo anno de 1865 deixou o prelado as terras do velho mundo, e a 12 de janeiro do anno seguinte pisava as de sua diocese, onde foi perfeitamente recebido. Pouco depois foi ao Pará officiar na sagração do bispo eleito de Goyaz, D. Joaquim Gonçalves de Azevedo, mais tarde metropolita do Brazil. Aportou então de volta ao Ceará, para beijar a mão de sua velha mãe e, como que para se despedir della, já impellido pela fatalidade para o silencio do tumulo. De regresso do Pará dirigiu-se para a côrte a agradecer ao Imperador sua nomeação; dahi voltou em setembro para sua diocese e, chegando a Maceió, adoeceu e a 16 desse mesmo mez exhalava o derradeiro alento, na idade de 36 annos, e dispondo de tão aproveitaveis elementos para ser um dos primeiros bispos do Brazil. Durante seu curto governo, em que apenas regeu a diocese oito mezes, encetou a reforma do clero e do seminario. Foi fugaz sua passagem na terra, mas sua lembrança perdurará viva na memoria dos homens puros de coração e consciencia e nas paginas eternas da historia. *(Dr. A. J. Teixeira de Mello).* As freguezias de Panellas, da Conceição, da Pedra, de Leopoldina e Granito foram creadas ao tempo de seu governo, bem como foi benta e inaugurada a capella da povoação de Couro d'Anta, freguezia do Brejo da Madre de Deus.

—

20 *D. Francisco Cardoso Ayres.* Nasceu na freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves da cidade do Recife aos 18 de dezembro de 1821, e recebeu as aguas do baptismo na igreja matriz da mesma freguezia a 16 de Janeiro seguinte; era filho legitimo do capitão João Cardoso Ayres, natural de Abrantes, em Portugal, e D. Maria Cardoso Ayres, natural de Pernambuco, senhora de illustre origem. Destinado por seus paes á vida commercial, apenas sahiu da escola primaria regida pelo professor Manoel Joaquim do Paraizo, foi ajudar a seu pae em sua loja de livros, situada á antiga rua da Cadeia do Recife, hoje do Marquez de Olinda, em cujo predio nascera. Em 1831, emprehendendo seu pae uma viagem a Portugal, mandou-o depois buscar, e para ahi seguindo, a 11 de maio desse mesmo anno, desembarcou na cidade de Lisbôa. Ahi, frequentou o joven Cardoso Ayres não só o commercio, como tambem algumas aulas de instrucção scientifica e artistica, e pela sua applicação e intelligencia, muito aproveitou, merecendo de seus mestres estima e consideração, um dos quaes graciosamente o chamava — *o esperançoso brazileiro.* Voltando seu pae para Pernambuco em 1837, Cardoso Ayres o acompanhou, e deixando Lisbôa a 22 de outubro, desembarcaram no porto do Recife a 24 de novembro do mesmo anno. Aqui, por algum tempo ainda, continuou Cardoso Ayres a occupar-se no commercio, até que resolvendo proseguir nos seus estudos, matriculou-se no Lyceu Pernambucano, onde estudou a lingua latina, cujos conhecimentos chegou a possuir em grão elevadissimo, com o profundo latinista Padre Joaquim Raphael da Silva, geographia e historia com D. Francisco do Coração de Jesus Cardoso Castro; e com o Dr. José Soares de Azevedo estudou philosophia. Sob a direcção de taes mestres, Cardoso Ayres, enriqueceu o seu espirito, illustrou-se, e fez rebentar a paixão dos estudos superiores; nessa quadra, no viço da mocidade, Cardoso Ayres cultivou a litteratura, ensaiou algumas composições dramaticas, e foi poeta. De suas composições poeticas, publicou algumas no periodico *O Phileidemon*, onde figuram ás paginas 31 e 151 da collecção de 1846, e uma epistola dirigida a João Lustosa da

Cunha Paranaguá, depois senador do imperio, e marquez, a qual foi impressa em Pernambuco em 1844. Concluido o curso das disciplinas secundarias, Cardoso Ayres prestou exame na Academia Juridica de Olinda, e merecendo plena approvação em todas as materias, delíberou fazer os seus estudos superiores na Europa. Então, já havia abandonado a vida commercial, e já aos vinte e cinco annos ia dedicar-se a uma outra, á vida ecclesiastica, e partiu a alistar-se nas phalanges da milicia divina, onde procurando a humildade, pobreza e obscuridade, encontrou as honras, a dignidade e a grandeza de principe da egreja, a mitra e o baculo pastoral. A 19 de abril de 1846, a bordo do navio genovez *Bifronte*, partiu para Europa, e a 17 de julho, depois de uma pequena demora em Genova, saudou Cardoso Ayres a Roma pagã dos Cezares, a Roma christã dos Summos Pontifices. Matriculando-se na Universidade da Sapiencia, na faculdade de *Utroque jure*, apenas por dous annos frequentou as suas aulas, em virtude da revolução que rebentou a 23 de novembro de 1848, que motivou não só fechar-se a universidade, como a partida do Santo Padre para Napoles. Achava-se então em Roma por esse tempo, D. Antonio Rosmine Serbati, fundador do Instituto da Caridade, e com elle travando relações, sentiu-se inclinado a abraçar a vida de religioso naquelle Instituto. Assim determinado, partiu para a cidade de Strezza no Lago Maior, então reino do Piemonte, onde fazia-se o noviciado, sendo recommendado ao reitor desse estabelecimento, D. Francisco Puecher Passavalli, em cuja carta, com expressões enthusiasticas lhe encarecia as virtudes e dotes do seu recommendado, dizendo, finalmente, que lhe enviava um anjo. O reitor respondeu, que de bom grado recebeu o seu recommendado, *mas elle achava exagerados os louvores que lhe liberalisava*. Não passaram-se, porém, cinco semanas, quando monsenhor Passavalli recebe nova carta de seu irmão, na qual dizia : *não hesitava em escrever que tinha achado, de facto, inferiores á verdade os encomios que ao Cardoso tributara*. Ahi, diz D. Lourenço Gastaldi, bispo de Saluzo, entrou elle no caminho de abnegação e de sacrificios com tamanho zelo, que bem depressa veio a constituir-se a admiração, não só de todos os seus companheiros, que nelle julgavam ter um Luiz de Gonzaga, como aos demais sacerdotes e irmãos da casa, de sorte que era para todos commum o dizer que o irmão Francisco já não era um noviço, mas sim um homem ha muito consummado na virtude... E por isso, em seu regresso da Inglaterra, onde era superior provincial das diversas casas do Instituto, aquelle distincto mestre e escriptor ascetico, que foi o padre Pagani, nas vistas de tirar alguns irmãos da Italia e leval-os a trabalhos naquelle campo, que a Providencia tornava cada vez mais amplo, e apreciando as raras virtudes de Cardoso Ayres, esforçou-se por tel-o comsigo ; e afinal conseguindo, não sem grande difficuldade da parte do abbade Rosmine, que como fundador era o superior geral, a autorização de leval-o, teve o santo joven de partir para a Grã-Bretanha em 1850, por entre as lagrimas dos irmãos e padres, que não sabiam quando Deus os edificaria com um semelhante exemplo tão perfeito de virtudes religiosas. Cardoso Ayres acompanhando o padre Pagani, foi residir na casa central da ordem em Inglaterra, que era então no collegio de Ratcliffe, no condado de Nottingham, e ahi concluindo o seu noviciado e o curso theologico, recebeu ordens de diacono das mãos do bispo diocesano. Passando-se depois para a casa de Rugby, em principios de 1852, leccionou uma das cadeiras do seu collegio, e ahi recebeu ordens de presbytero aos 5 de junho desse anno, das mãos do bispo de Birmingham, D. Bernardo Ullatorne, e cinco dias depois,

cantou a sua primeira missa. Cardoso Ayres havia assim tocado ao fim de sua humilde aspiração: era religioso da ordem de S. Estanisláo Scott. Regressando ao Piemonte, ahi demorou-se algum tempo; mas, em 26 de junho de 1859, voltou de novo á Inglaterra com outros companheiros, e mereceu logo de seus superiores a nomeação de sub-reitor da casa de Santa Maria de Upton, no condado de Cork na Irlanda, para onde seguiu. Cardoso Ayres na sua missão de religioso, modesto, humilde, virtuoso e retrahido, em vão occultava os thesouros de sabedoria que possuia. Longe da patria, separado della por mares immensos, por leguas sem conta, seu nome, seus talentos e as suas virtudes chegaram á patria; e esta lembrou-se desse homem, de quem fallando monsenhor Mac-Cabe, disse não haver encontrado um outro tão notavel por sua evangelica simplicidade e prudencia, e em 1860 offereceu-lhe a mitra de uma de suas dioceses; porém o sentimento de profunda humildade que o digno sacerdote tinha no coração, diz monsenhor Passavalli, repugnava a tudo que tem côr de honra e dignidade aos olhos do mundo. Cardoso Ayres recusa acceitar tão honrosa quão espinhosa missão, e supplica ao Santo Padre para que a isso não o obrigasse, e o deixasse no seu retiro; mas, em 1867, o Decreto de 6 de abril apresentando-o para bispo da diocese de Olinda, vae de novo sorprehender o virtuoso religioso na humildade e pobreza de sua cella. Ao receber esta noticia, Cardoso Ayres parte para o reino do Piemonte, e implora do geral de sua ordem que lhe dispense da acceitação de tão elevado cargo, mas o Geral responde que isso só o podia fazer o Summo Pontifice. Elle toma então o caminho de Roma, e chega ahi a 26 de junho; mas a Cidade Eterna estava coberta de galas, celebrava-se o centenario do martyrio do Principe dos Apostolos, e só a 11 de julho lhe foi possivel obter uma audiencia de S. Santidade. Pio IX o ouviu, e declarou-lhe que brevemente daria a resposta de sua resolução, e effectivamente a deu oito dias depois, por intermedio do monsenhor Franchi, secretario dos negocios ecclesiasticos, com a terminante ordem de que deveria acceitar a mitra; e neste mesmo dia, em virtude da palavra decisiva de S. Santidade, Cardoso Ayres officiou ao Ministro do Brazil junto á Santa Sé, participando que acceitava a nomeação. «O alegre semblante, diz elle proprio em sua primeira carta pastoral, saudando os seus diocesanos, o alegre semblante, desde então assumiu um aspecto grave, ao fallar entorpeceu as vezes a lingua, os olhos não poucas lagrimas verteram. E quando foi mister dar finalmente um passo, commoveram-se em nós os varios sentimentos d'alma; e o coração, meditando, veio a resolução de evitar, quanto em nós coubesse, aquelle voto magnanimo, como que trazia comsigo uma responsabilidade sobre os passos. Conseguintemente viemos de proposito a Roma para apresentar encarecidos rogos prostrando-nos aos pés do Santo Padre Pio IX, o Vigario de Jesus Christo, afim de que houvesse por bem tirar esta alma da sua afflicção. Ao mesmo tempo não nos dispensámos de conservar dia e noite um coração humilhado em supplicas a Deus; nem deixámos de tomar a Immaculada Virgem Maria, que nos dera por mãi, qual nossa advogada em circumstancia tão importante. Mas invocámos tambem como intercessores os santos doutores Thomaz de Aquino, e Bernardo, assim como S. Bernardino de Senna e S. Felippe Nery, para que nos soccorressem na difficuldade, da qual outr'ora elles mesmos tão felizmente se eximiram. D'outra parte alguns sacerdotes das nossas plagas, e por esse tempo de estada ou passagem em Roma, vindo a saber do nosso intento, não cessa-

vam de incitar-nos a ceder á vontade de S. M. o Imperador; entre os quaes contavam-se alguns dos dignissimos prelados da egreja nossa, então chegados para visitar o tumulo dos Apostolos, recorrendo á festa centenaria do martyrio dos mesmos Santos Apostolos. Pois bem, estes, um ornamento do episcopado brazileiro, abraçaram-nos com bondade, e prorompendo como apostolos em doces expressões, procuraram persuadir-nos, que esta nossa era uma indubitavel vocação para um tão importante serviço de Deus. Uma tal opinião mantinham além delles outras pessoas bem acceitas, assim da ordem ecclesiastica, como da sociedade civil. Emfim deixou-se ouvir a voz do Pastor Supremo.» A nomeação de D. Francisco Cardoso Ayres, para bispo da diocese de Olinda, foi recebida com unanime applauso e enthusiasmo. Havia quasi dous seculos, que então contava de existencia o bispado de Olinda, depois de haver occupado o seu solio dezenove prelados, e era esta a primeira vez que um pernambucano ia empunhar o baculo de pastor da mesma igreja pernambucana, depois de tantas nomeações, depois de tanto tempo; e o nomeado era digno de tal nomeação, pois possuia as qualidades, raras vezes reunidas, do talento, illustração e virtudes. Um jornal que então publicava-se na capital de Pernambuco, *A Opinião Nacional*, disse, noticiando a sua eleição: «Nomeações como esta, honram a quem as faz, e põe, se é possivel, mais em relêvo o merecimento daquelles que dellas se constituem dignos na sociedade.» Aos 12 de setembro de 1867 baixou pela secretaria dos negocios do Imperio a carta de sua apresentação ao Summo Pontifice, e a 20 de dezembro, reunindo-se o Sacro-collegio, foi D. Francisco Cardoso Ayres preconisado pelo Santo Padre Pio IX bispo da diocese de Olinda, e a 15 de março de 1868, na Igreja Nova, onde começara a sua vida religiosa como irmão externo do Oratorio, recebeu a sagração episcopal das mãos do cardeal principe de Hohenlohe, tendo por assistentes monsenhor Passavalli, arcebispo de Iconio, e monsenhor Franchi, arcebispo de Thessalonica. E foi esse um dia de singular alegria para muitos ecclesiasticos e seculares que o conheciam, diz o bispo de Saluzzo; alegria que se prolongou na visita que depois fez a varias casas do Instituto na Italia, em França e na Inglaterra, onde seus antigos condiscipulos de noviciado exultaram de vel-o ornado da mitra episcopal, parecendo-lhes ver nella como que uma aureola bem merecida por tão eximias virtudes. No dia da sua sagração, datou D. Francisco Cardoso Ayres, fóra da Porta Flaminia, a sua primeira carta pastoral saudando seus diocesanos, escrevendo-as nas linguas latina e portugueza, em cada uma das quaes, e em edições differentes, publicou-a na mesma cidade de Roma, em 1868. Nesta carta, a par da modestia e da humildade, brilha e manifesta-se sua illustração; ahi, a gratidão, o amor, o respeito e o reconhecimento dão-se as mãos, e as confissões ingenuas de sua timidez, de sua incapacidade para tão alta dignidade, tudo eleva e sobresahe; finalmente, com um eloquente *Salve*, ao clero, á nobreza e ao povo de sua diocese, termina a sua carta de saudação. Mas elle subdividiu estas tres grandes classes, fallou-lhes directamente particularisando-as, de nenhuma esqueceu, e até esses proscriptos da sociedade que se chamavam — escravos —, tiveram o seu logar. «E se, por inevitavel condição, alguns ha que estejam sotopostos ao senhorio, diz o illustre prelado, dirigindo-se aos homens em geral, não julguem-se elles indignos de um Deus. Pois que o filho de Deus, movido do amor de todos nós, de nenhum outro modo exinaniu-se, que tomando a fórma de servo, Elle, que é o mesmo poder de Deus, o rei dos reis, o senhor dos senhores. Visto o que, igual-

mente a vós, hoje embora escravo dos homens, mas pela eternal vocação filhos de Deus, como a filhos nossos carissimos, de bom grado mandamos esta mesma saudação. «Aos 14 de abril de 1868 partiu D. Francisco Cardoso Ayres, de Roma em demanda do Brazil; mas sua viagem prolongou-se, porque, de passagem, visitou os mais notaveis monumentos religiosos da Italia, França, Inglaterra e Portugal, e, embarcando em Lisboa a 13 de junho, atravessou o Atlantico, com destino ao Rio de Janeiro, a 28 tocou em Pernambuco e chegando á corte, comprimentou a S. M. o Imperador, e d'ahi partindo, chegou á diocese, aos 27 de julho, e foi recebido com as mais vivas demonstrações de jubilo por toda a população do Recife. Saltou na rampa do cáes *22 de novembro,* e recebendo as devidas honras militares, seguiu a pé entre ondas de povo á igreja do Espirito Santo, afim de assistir ao solemnissimo *Te-Deum*, cantado em acção de graças pela sua feliz chegada ás plagas nataes, e no domingo, 2 de agosto de 1868, fazia a sua entrada solemne na cidade episcopal de Olinda; e em seguida deu-se o acto da posse, na sala do Cabido, precedida pela leitura das bullas de confirmação e do beneplacito imperial. A solemnidade do acto de entrada na cidade episcopal, a posse, e o *Te-Deum* na Cathedral, tudo isto constituiu uma festa esplendida e pomposa. As ruas da velha capital de Pernambuco, repletas de povo, estavam vistosamente embandeiradas, e as varandas dos predios cobertas de colchas; e quando ao desfilar do prestito, composto das irmandades e confrarias, seminaristas, clero e Cabido, passava o illustre prelado revestido das vestes pontificaes, debaixo do pallio, cujas varas conduziam a Camara Municipal, as primeiras autoridades e pessoas gradas, nuvens de flores cahiram sobre elle, girandolas de foguetes subiram aos ares, e os sinos de todas igrejas repicavam festivos. Tres dias depois, a 5 de agosto, era de novo D. Francisco Cardoso Ayres o alvo de novas manifestações de sympathia, de respeito e de enthusiasmo. Os parochianos da freguezia de S. Frei Pedro Gonçalves celebravam um *Te-Deum* em acção de graças pela sua elevação ao solio episcopal de Olinda, em sua igreja matriz do Corpo Santo, em cuja freguezia nascera, sob cujas abobadas recebeu as aguas do Baptismo. Foi um acto solemne e pomposo, pelo ceremonial, pela concurrencia e apparato, pela riqueza e primor das ornamentações do bello e magnifico templo. «D. Francisco Cardoso Ayres, diz um illustre prelado, começou sob os mais felizes auspicios os trabalhos administrativos de sua vasta diocese, fazendo-se tudo a todos para ganhar todos a Jesus Christo. Animado de sentimentos verdadeiramente paternaes, a todos acolhia e dava audiencia com a maior affabilidade e paciencia, a qualquer hora do dia, amando e fazendo o bem que podia a cada um sem distincção de partidos.» Um dos seus primeiros cuidados, foi a reforma do Seminario Episcopal de Olinda, dando-lhe novo regulamento, ampliando o curso dos estudos, e reformando o corpo docente. No curto governo de pouco mais de um anno do seu episcopado, alguns factos deram-se que fizeram-no tragar a largos sorvos o calice da amargura. A denegação da sepultura no cemiterio publico ao cadaver de uma das maiores glorias de Pernambuco,—o general José Ignacio de Abreu e Lima,— e o retiro espiritual imposto ao clero, no convento de S. Francisco do Recife, com a leitura de cathecismo todos os dias, feita por padres estrangeiros, e a subsequente prohibição ao publico de assistir a esses actos, fizeram amortecer aquelles animos que tanto se manifestaram com amor e enthusiasmo, á sua nomeação e á sua chegada á Pernambuco. Extremaram-se os partidos, a imprensa manifes-

tou a sua opinião pró e contra, e os exaltados foram injustos para com o illustre prelado, e até com as côres politicas se tentou revestir seus actos. « Estamos promptos a todo o sacrificio que requerer o bem-estar do nosso paiz, escreveu elle proprio em sua Pastoral de 28 de abril de 1869; mas alimentar partidos, não. Nós vol-o declaramos francamente na consciencia de nos sentirmos immune de ter jámais praticado acto algum em o nosso episcopal ministerio, tendente a servir a um partido, e na firme resolução estamos de perseverar em nossos principios para o futuro, emquanto estiver em nós e nos auxiliar a Graça Divina.» Mas a obra executada pelo seu antecessor D. Manoel de Medeiros, e seguida por elle, ia ser interrompida pela morte. Ao chamado do Summo Pontifice Pio IX para assistir ao concilio ecumenico do Vaticano, que se tinha de celebrar a 8 de Dezembro de 1869, partiu D. Francisco Cardoso Ayres para Roma, aos 29 de setembro desse anno; e a 14 do mesmo mez, deu uma carta pastoral de despedida aos seus diocesanos, e foi esta a ultima vez que aos mesmos se dirigiu. Em Roma, hospedou-se D. Francisco na casa dos Philipinos. O pouco tempo de vida que lhe restava, não permittiu-lhe chegar á época em que se tratou das mais importantes questões no concilio; mas, nesse mesmo pouco tempo, elle revelou-se o homem que devia assumir uma posição brilhante nesse congresso ecclesiastico; e sobre essa ultima phase de sua vida, assim expressa se o bispo de Ardasch, n'uma carta dirigida ao bispo do Pará, D. Antonio de Macedo Costa: « Coube-me o prazer de estar junto delle na sala conciliar até que aprouve a Deus chamal-o á eterna felicidade. Portanto, desde o dia 8 de dezembro de 1869, até os primeiros dias de maio de 1870, tive amiudadas occasiões de conhecer o bispo de Pernambuco. Affirmo, sem hesitação, que a opinião que delle formara quando era ainda elle simples sacerdote, confirmou se quando o conheci bispo. A caridade, lhaneza e humildade que o distinguiam quando padre, nelle brilhavam com maior explendor, uma vez por Deus elevado á dignidade episcopal. Cada dia elle assistia ás reuniões, apezar de frequentes incommodos que padecia, escutava com a maior attenção tudo quanto se dizia; tomava notas com extremo cuidado, comprehendia o alcance de cada questão, e pesava todos os argumentos com extraordinaria perspicacia. Faziam-me impressão suas virtudes em todas as occurrencias, e admirava sua profunda erudição e recto juizo. Sua humildade, porém, encobria estes raros dotes a todos os que não o conheciam tão intimamente como eu, antes e durante o concilio. Eu admirava-o como um bispo santo, sabio e extremamente prudente; amava-o como um irmão que sempre foi bom, sempre meigo em suas maneiras, sempre prompto a servir a todos os que pediam sua assistencia. Ora venero sua memoria como a de um santo prelado, e choro como um amigo querido que deixou-me.» Na manhã de 9 de maio de 1870 foi D. Francisco accommettido de uma enfermidade que a principio não apresentava caracter assustador; mas, desenvolvendo-se rapidamente, foram inuteis todos os meios empregados a salval-o; e poucos dias depois era cadaver. D. Francisco Cardoso Ayres falleceu aos 14 de maio de 1870, tendo completos 48 annos de idade, dos quaes 27 de vida religiosa, 18 de sacerdocio e dous de episcopado. Grande concurso de prelados de todas as nações, entre os quaes se distinguiam os arcebispos de Buenos-Aires, de S. Francisco da California, de Iconio, de Valencia, varios bispos da America, França, Inglaterra, Irlanda, Oceania e Africa, e os do Brazil, tendo á sua frente o arcebispo metropolitano, o Ministro plenipotenciario do Brazil junto á Santa Sé, e um crescido numero de outros ecclesiasticos e seculares, enchiam as naves da Igreja Nova dos Phi-

lippinos, onde foram rendidas as ultimas honras ao cadaver do illustre prelado de Olinda, no dia 16 de maio. «Coube-me a mim, diz o bispo do Pará, no impedimento do nosso digno metropolitano, o piedoso dever de cantar a missa pontifical; o que fiz com profunda emoção, sendo o esplendor do acto realçado pelos tocantes accentos da musica da Capella Pontifical que enchia a alma de solemne e religiosa tristeza. Depois de ter assistido ao santo sacrificio, fez as aspersões da lithurgia, e deu a ultima benção ao feretro o Cardeal Corci, arcebispo e primaz de Piza, revestido dos habitos e insignias pontificaes, com o que terminou a funebre ceremonia. No mesmo dia á noite foi o venerando corpo trasladado á capella dos Padres da Caridade, na rua Alexandrina, e no dia seguinte, pela manhã, encerrado no tumulo subterraneo que fica por traz do altar.» (Pereira da Costa). O actual prelado olindense, D. Luiz R. da Silva Britto, mandou buscar em Roma os preciosos restos mortaes, e, em 13 de abril de 1904, collocou-os na Cathedral, assignalando o local com inscripção n'uma lapide. Na administração de D. Francisco Cardoso Ayres foram creadas as freguezias de N. S. dos Montes de Palmares (1869), de N. S. da Graça do Recife (1870), e de N. S. da Penha de Gamelleira (1870), sendo construida a igreja de N. S. da Conceição de Gravatá, freg. de Taquaretinga, e a actual matriz de Timbauba, e foi reconstruida a de Taquaretinga.

---

21 *D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira* — Filho legitimo do capitão Antonio Gonçalves de Oliveira e Dona Antonia Albina de Albuquerque, nasceu em Pedras de Fogo, no engenho Aurora, aos 27 de novembro de 1844. Antonio Gonçalves de Oliveira Junior no lar paterno e na primeira phase de sua vida,—Frei Vital Maria de Pernambuco no claustro, e D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira no solio episcopal de Olinda,—bem joven ainda veio para a cidade do Recife, fez o curso preparatorio no collegio Bemfica, e depois matriculou-se no Seminario de Olinda, onde cursou o primeiro anno de theologia, sendo-lhe conferidas as ordens de prima tonsura a 16 de dezembro de 1860. Em 1 de outubro de 1862 seguiu para a Europa, entrou no Seminario de Issy, perto de Pariz, e um anno depois recolheu-se ao convento dos capuchinhos em Versailles; tomou o habito a 16 de agosto de

D. FR. VITAL M. GONÇALVES D'OLIVEIRA

1863 e professou no anno seguinte, adoptando o nome religioso de Frei Vital Maria de Pernambuco; e concluindo o seu noviciado, foi completar os seus estudos no convento de Tolosa, onde recebeu ordens menores a 8 de julho de 1866, das mãos do arcebispo D. Juliano Desprez, de subdiacono a 8 de dezembro de 1867, de

diacono a 6 de junho de 1868, e de presbytero a 2 de agosto seguinte, pelo mesmo arcebispo, celebrando a sua primeira missa no dia immediato. Em outubro de 1868 regressou para o Brazil com destino á provincia de São Paulo, em cujo seminario exerceu as funcções de professor de theologia, e depois as de capellão e director espiritual do collegio do Patrocinio, em Itú. Foi nomeado bispo da diocese de Olinda por Decreto de 21 de maio de 1871, confirmado em consistorio de 22 de dezembro do mesmo anno, com dispensa de 3 annos da idade legal, e foi sagrado na cathedral de S. Paulo, a 17 de março de 1872, pelo bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda. D. Vital mandou tomar posse do bispado por procuração passada ao conego João Chrysostomo de Paiva Torres, o que teve logar a 2 de abril; mas chegando a Pernambuco a 22 de Maio, no dia 24 do mesmo mez fez a sua entrada solemne na cidade episcopal de Olinda, e ratificou a posse que havia tomado por procuração. Um dos primeiros cuidados do joven prelado, que tão pomposa e enthusiasticamente fôra recebido em sua diocese, foi a fundação de um pequeno seminario para os estudos preparatorios do curso canonico, e começava a regularisar o serviço disciplinar do seu elevado ministerio e a tratar de algumas reformas e outros assumptos tendentes aos negocios da igreja, quando surgiu a questão religiosa, em que por assim dizer, fez extremar dous partidos, em lucta renhida e porfiada. Apparecendo na arena da imprensa, em 1872, o periodico livre-pensador *A Familia Universal*, e depois seguido pela *Verdade*, orgão da maçonaria pernambucana, quer um quer outro publicaram alguns escriptos que iam de encontro ás crenças e idéas religiosas, e dahi a iniciativa de D. Frei Vital em rebater taes proposições, zelando e esforçando-se heroica e dedicadamente pela firmeza e sustentação dos dogmas e principios do catholicismo. Seguiu-se então agitada e calorosa discussão. D. Frei Vital lançou mão das leis ecclesiasticas que condemnam a maçonaria, lançou a pena de interdicção ás irmandades que não obedeceram ao mandato episcopal de expulsar do seu gremio a todos aquelles que pertencessem á maçonaria, e que não abjurassem da sua ordem. Assim condemnadas as irmandades, uma dellas a do SS. S. de Santo Antonio, depois de solicitar em termos convenientes e respeituosos de D. Frei Vital, que, reconsiderando a sentença, houvesse por bem levantar o interdicto, resolveu interpôr da sentença, recurso para o Conselho de Estado, do qual obteve provimento, negando-se comtudo Dom Frei Vital a levantar o interdicto, fundamentando a sua recusa não só na peça official que dirigiu ao Governo, como n'um opusculo que escreveu : *O bispo de Olinda e os seus accusadores no tribunal do bom senso*. Começou então a instauração do processo contra D. Frei Vital pela desobediencia ás ordens do governo. Foi denunciado perante o Supremo Tribunal de Justiça; a cópia da denuncia vem ás suas mãos para responder á denunciação, mas elle recusa-se, allegando não conhecer a competencia do tribunal civil em materia religiosa. E assim foi o processo correndo todo o seu turno, sendo pronunciado como incurso na disposição do art. 96 do Codigo Criminal, e logo expedido o respectivo mandado de prisão, por ser o crime inafiançavel. Preso e recolhido ao Arsenal de marinha, em 2 de janeiro de 1874, seguiu depois para o Rio de Janeiro, comparecendo perante o tribunal, e sendo condemnado a 4 annos de prisão com trabalhos e custas do processo; mas commutada a pena em 4 annos de prisão simples, recolheu-se á fortaleza de S. João, onde permaneceu pelo tempo de anno e meio, até que foi

amnistiado por Decreto de 17 de Setembro de 1875. D. Frei Vital emprehendeu então sua viagem *ad limina apostolorum*, e a 4 de outubro partiu para a Europa, desembarcou em Bordeaux, seguiu depois para Londres, visitou Tolosa e Marseille, e dahi seguiu para a Italia. Admittido á presença do Santo Padre foi bem recebido e nas diversas occasiões que teve de fallar com sua Santidade recebeu sempre as mais elevadas manifestações do apreço em que era tido, assim como dous riquissimos presentes, um cochim de seda bordado a ouro, dado por Pio IX no dia de seu anniversario natalicio, e um missal romano ricamente encadernado. D. Frei Vital partiu depois para Pariz por Turim e Lyon, regressou de novo a Roma e,depois de alguma demora, dirigiu-se a Marseille por Genova, e d'ahi para Tolosa. Visitou Londres, Cauterets, Pariz e outros logares da França, seguiu para Belgica, demorou-se em Mons, Tournay, Bois d'Haine, Bruxellas e Antuerpia, voltou de novo a Pariz, visitou Angers e le Mans, tomando emfim o caminho de Bordeaux com destino a Pernambuco. D. Frei Vital, voltando á diccese, aportou ao Recife a 6 de outubro de 1876, sendo recebido entre as mais significativas e estrondosas demonstrações. Seis dias depois embarcou para o Rio de Janeiro, e após curta demora tomou o caminho de sua diocese, e aqui chegou a 9 de novembro. No anno seguinte D. Frei Vital foi novamente ao Rio de Janeiro, de onde partiu para a Europa, saltou em Bordeaux e depois de alguma demora seguiu para Pariz. D. Frei Vital dirigiu-se então para *Mont-Doré*, afim de usar de aguas sulphurosas; passou-se a Tolosa, foi a Marseille, Genova, Florença, Bolonha, Lorêto, Napoles e emfim Roma, onde chegou a 27 de setembro de 1877. Foi nesta cidade que D. Frei Vital sentiu-se accommettido do mal que o levou á sepultura, após tão curta existencia. Partindo para França, por prescripção medica, e como já se sentisse muito fraco, foi demorando em alguns logares, até que chegou a Pariz, e se recolheu ao convento dos Capuchinhos, onde falleceu a 4 de julho de 1878.

Longe da patria, da familia e dos amigos mereceu sempre D. Vital as maiores provas de consideração de quanto de mais selecto ha na hyerarchia religiosa, e de todos em geral. Passando os ultimos dias de sua curta existencia em um convento, pobre e sem recursos, nada lhe faltou, e teve funeraes solemnes e pomposos, sem que nada deixasse para isso.

O seu cadaver foi embalsamado, e sobre o seu ataúde ostentavam-se lindas corôas de flores naturaes, algumas de delicado trabalho, que de todos os lados foram enviadas; e, collocado o feretro sobre um modesto mas elegante mausoléo, na igreja do convento, ahi tiveram logar as suas exequias, a que assistiram o cardeal arcebispo de Pariz, o nuncio apostolico, e os bispos de Vannes e de Galvestown (Estados Unidos), officiando o bispo de Riobamba, do Equador, e sendo orador da solemnidade o celebre escriptor Monsenhor de Ségur, e transportado depois para a casa de Versailles, foi levado processionalmente para o cemiterio, onde o enterraram em uma sepultura subterranea dos padres capuchinhos. D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira conquistou pela sua sabedoria, pelo seu heroismo e pela firmeza de suas crenças, um nome immortal nas paginas da historia ecclesiastica e politica do seu paiz. Uma penna auctorisada, a do Dr. Antonio Manoel dos Reis, escrevendo o seu primoroso livro *O bispo de Olinda perante a historia*, consagrou á sua memoria um digno e perduravel monumento, monumento, « este que recordará aos vindouros a crença inabalavel, o caracter illibado, a energia mascula, a abnegação sublime, e o heroismo até o sacrificio dessa honra da patria e gloria da

igreja, que mereceu ser cognominado o Athanasio Brazileiro ... E' um livro que narra, quė discute, que demonstra, que prova, que convence, que interroga, que julga, que condemna, e afinal perdôa ... Elle espelha o grande vulto e reflecte a grande alma do heróe; e quem o escreveu pagina por pagina, recorda o zelo do apostolo, a sciencia do doutor, a uncção do pontifice, a energia do confessor e a aureola do martyr! » (Dr. Pereira da Costa). — Em 1883, o bispo seu successor, D. José Pereira da Silva Barros, mandando vir de Pariz o cadaver de D. Vital, que d'alli chegara embalsamado, entregou-o aos frades capuchinhos da Penha, os quaes, em jazida especial, ao lado direito da epistola, junto do altar de N. S. das Dôres, cuidadosamente encerraram os despojos mortaes de tão notavel prelado brasileiro. No tempo de seu governo foram creadas as fregs. de Belmonte (1875), de N. S. das Dôres do Triumpho e N. S. das Dôres de Timbauba. E ainda construiram-se a capella de N. S. dos Impossiveis da povoação S. João dos Pombos (freg. da Victoria, 1876); a matriz de Cruangy (em 1877); a igreja de Serra Verde (freg. de Bom Jardim), a capella de N. S. do Rosario, em Camutanga (freg. de Itambé); a capella de N. S. das Dôres do cemiterio da cidade do Limoeiro (1877); a capella do cemiterio de Timbauba (1877); a igreja de N. S. da Conceição de Lagôa de Gatos (1872); a matriz de Palmares (1872); a capella de S. Antonio do Lageiro (em 1878); a capella de S. Antonio do Tará (em 1878); a capella de S. Miguel em Triumpho (1876); a matriz de Triumpho e a capella do povoado Poção (1870). Foram reconstruidas a matriz de Bom Jardim (1875); a da Victoria (1875); a capella de S. José da povoação Paiva, freg. do Cabo (em 1877); a de Nazareth do Cabo (1876), as matrizes da Escada, de Buique (1877), da Pedra (1876), e a matriz de Panellas.

—

22. *D. José Pereira da Silva Barros*, do habito de S. Pedro, natural da cidade de Taubaté (da antiga provincia de São Paulo), e alli vigario collado, nasceu a 24 de novembro de 1836. Apresentado bispo da diocese, por decreto de 7 de janeiro de 1881, foi preconisado em Roma no consistorio de 13 de maio e sagrado em 28 de agosto do mesmo anno, na matriz de Taubaté, pelos bispos—de S. Paulo, D. Lino Deodato Rodrigues de Carvalho,—do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda,—e de Marianna, D. Antonio Maria Correia de Sá e Benevides. Chegou á sua diocese em 7 de outubro do mesmo anno á bordo do paquete brazileiro *Pará*, saudando-o o Pe Dr. Jeronymo Thomé de Silva (actual arcebispo da Bahia), e no primeiro domingo que se seguiu (9), fez a sua entrada na cathedral, tomando posse do governo da diocese. Visitou as diversas freguezias de seu bispado, desde o Rio Grande do Norte até Alagoas. Em 1884 tentou transferir a cathedral de Olinda para a igreja do Carmo do Recife, não o conseguindo em vista de representação dos olindenses ao Imperador D. Pedro II, que attendeu aos reclamantes. Desde então pouco se demorava na diocese, ausentando-se frequentemente para S. Paulo ou Rio de Janeiro. Em 1888 foi agraciado com o titulo de Conde de Santo Agostinho e depois, em 1891, com a morte do bispo do Rio de Janeiro D. Pedro de Lacerda, foi removido para aquelle bispado. Creado o Arcebispado do Rio de Janeiro, não tendo sido aproveitado neste, com o titulo honorario de Arcebispo de Darnis, retirou-se para Taubaté, sua terra natal, e ahi falleceu em 16 de fevereiro de 1898. No tempo em que foi bispo de Pernambuco foram providas as seguintes freguezias: Cruangy, Vicencia, Correntes e (em 1882) Bello Jardim. Em 1882 creou-se a irmandade de N. S. do Lorêto, no povoado Venda Grande, freg. de Muribeca. No povoado Ta-

boleiro, freg. de Panellas, construiu-se em 1887 a igreja da invoc. de N. S. da Conceição. Foram reconstruidas as seguintes igrejas e capellas: a matriz de Bonito, em 1881, e a de Panellas, em 1882; a capella de N. S. do Pilar no eng. Pitimbú, freg. do Cabo, em 1881; e no mesmo anno ainda a cap. do cemiterio da cidade de Nazareth.

—

D. João Esberard — Natural de Barcelona, onde viu a luz do dia a 10 de outubro de 1843, veio muito creança para o Brazil, aqui foi educado, formou seu espirito e desenvolveu sua intelligencia. No Collegio das Irmãs de Caridade, no Rio de Janeiro, aprendeu

D. João Fernando Thiago Esberard

os primeiros rudimentos das lettras, alcançando a matricula no Seminario Episcopal de S. José, em 1864. Em 23 de agosto de 1869 foi ordenado sacerdote, celebrando sua primeira missa em 8 de Setembro do mesmo anno, na Igreja de S. Sebastião do Castello. Professor no Seminario, Capelão do Recolhimento de Santa Thereza, bispo titular de Gerra, Coadjuctor do bispo D. Pedro Maria de Lacerda, foi, afinal, em 30 de julho de 1890, investido dessas funcções, realizando-se a solemnidade no Seminario Episcopal do Rio Comprido. Nesse mesmo anno negou-se a acceitar o honroso encargo de Arcebispo da Bahia, por descobrir no venerando prelado D. Antonio de Macedo Costa qualidades especiaes e superiores ás suas, como elle proprio o dizia. Finalmente, em 18 de janeiro de 1892 foi nomeado Bispo de Pernambuco. Esplendida recepção a que no Recife teve o novo Bispo! Houve uma verdadeira romaria, parecendo que surgira um novo astro. Tornou-se em breve «muito querido de seu rebanho e por isso, quando foi divulgada a noticia de sua nomeação para Arcebispo de S. Sebastião do Rio de Janeiro grande foi a tristeza da Diocese. Supplicas foram enviadas ao Summo Pontifice Leão XIII, mas não foram attendidas. D. João Esberard deixou as plagas pernambucanas no dia 18 de Agosto de 1894, tendo sido seu embarque tão grandiosamente imponente, como nossos annaes não registram igual. Milhares de pessoas acclamavam o amado Arcebispo, que ia a pé com a onda do povo, até o cáes do embarque. Todas as classes sociaes acompanharam saudosas ao luzeiro do Episcopado Brazileiro que partia, deixando na terra pernambucana uma infinda saudade. Ao aportar no dia 23 ás plagas do Rio de Janeiro foi recebido em triumpho pelo povo carioca em massa. D. João Esberard, além de ser um orador primoroso, foi um homem de imprensa e escriptor. No *Apostolo* e no *Brazil* deixou signaes indeleveis de sua passagem. Entre suas obras podem citar-se: *Santa Thereza de Jesus perante o seculo XIX*; *A questão do Ite Missa Est*; *A Rosa de Ouro*; *Da Igreja e da sua divina missão* (carta pastoral); *Do Sacratissimo Rosario e da sua divina efficacia* (carta pastoral); *Christovão Colombo* (carta pastoral); *Do Chefe da Igreja e da sua acção social* (carta pastoral). «Na crise verdadeiramente momentosa e difficil que atravessa a Igreja Catholica, diz um seu biographo, homens como D. João Esberard eram necessarios, eram elementos de acção que pelas luzes da intelligencia,

pela sua solida illustração e procedimento exemplar, concorrem para que cada vez mais se firmem no coração popular os principios ensinados pela religião catholica.» Falleceu no palacio da Conceição no Rio de Janeiro, como seu 1º arcebispo, em 22 de janeiro de 1890. Em sua administração reconstruiu-se a matriz de Canhotinho (1893), Feito o curso respectivo do Seminario Archiepiscopal recebeu as ordens de presbytero em 1853, e desde então dedicou-se todo á religião. Foi visitador do Arcebispado em 1856, e depois professor de latim do Seminario, Conego, primeiramente honorario, depois prebendado, examinador synodal, vigario geral, desembargador da relação

D. Manoel dos Santos Pereira

e foi sagrada a capella do Asylo de Mendicidade da cidade do Recife.

—

24. *D. Manoel dos Santos Pereira* — Nasceu na cidade de São Salvador da Bahia a 12 de março de 1827 e foram seus paes Manoel dos Santos Pereira e D. Maria Luiza dos Santos Pereira. ecclesiastica, prelado domestico do Pontifice Pio IX, arcediago e mais tarde chantre da cathedral de seu Estado, e de 1879 a 1891, occupou por mais de uma vez o cargo de vigario capitular. Preconisado bispo de Eucarpia na Phrygia e auxiliar do Arcebispo D. Antonio de Macedo Costa, pelo Papa

Leão XIII, em 1890, foi no mesmo anno sagrado, e em 1893 preconisado bispo de Olinda, recebendo as bullas de confirmação e tomando posse por procuração a 29 de dezembro do mesmo anno. Foi prelado assistente do solio pontificio e conde romano. Sentindo-se doente em sua diocese, partiu para a Bahia, onde na ilha de Itaparica falleceu, de lesão cardiaca, à 25 de abril de 1900. Na cathedral da Bahia repousam seus despojos mortaes. Durante seu governo foi suspensa, devido a irregularidades commettidas, a irmandade de S. Cecilia, e nomeada uma commissão, da qual foi o presidente o vigario da Boa Vista Monsenhor Augusto Franklin Moreira da Silva, para dirigir a mesma irmandade e continuar a construcção das obras da igreja da Conceição dos Coqueiros, de propriedade da mencionada instituição.

—

25. *D. Luiz Raymundo da Silva Britto*, filho de Raymundo da Silva Britto e D. Amelia da Silva Britto, nasceu na antiga provincia, hoje Estado do Maranhão, na villa de S. Bento de Perizes, a 24 de agosto de 1840. Feitos os estudos escolares na terra de seu berço, partiu para a cidade de S. Luiz, onde, matriculando-se no seminario episcopal, ordenou-se aos 24 annos, rezando a primeira missa a 24 de julho de 1864, na matriz de sua parochia natal. Desde então seu merito successivamente deu-lhe accesso a todas as dignidades na carreira que abraçara. Foi vigario da villa do Rosario e na cidade de Caxias capellão cantor e mestre de ceremonias da Cathedral do Maranhão, reitor e lente de Direito Canonico do seminario; depois, seguindo para o Rio de Janeiro, exerceu os cargos de vigario de Nitheroy, de professor de religião, na Escola Normal, professor do Collegio Militar, e vice-reitor do Collegio Pedro II, quando lhe foram dadas as honras de Monsenhor. Era vigario geral do Arcebispado do Rio de Janeiro, quando, a 18 de abril de 1900, foi preconisado bispo de Olinda, na vaga aberta pelo fallecimento de D. Manoel dos Santos Pereira. A 30 de maio de 1901 chegou ao Recife, onde anciosamente, em massa compacta, o povo pernambucano o esperava, entre ruidosa alegria, para admirar-lhe o esplendido talento, sentir-lhe o coração grandemente bondoso, humilde e meigo, e ouvir o orador, cuja reputação notavel vinha já de longe, e que na tribuna sagrada brazileira, depois de Mont'Alverne e de D. João Esberard, o inesquecivel bispo olindense, não tinha quem lhe levasse vantagem. A 2 de junho fez a entrada solemne na Cathedral e tomou posse do Bispado. Desde então Pernambuco tem visto sempre o seu bispo, cheio de zelo, de amor e de dedicação incessante pela sua amada igreja. Em pouco tempo de seu governo tem visitado crescidissimo numero de freguezias, e templos em ruinas, abandonados quasi, teem se reparado, reconstruido e terminado suas obras, ha muito paradas. Muito tem feito o incansavel diocesano e muito fará ainda. Deus lhe prolongue extensamente a existencia e o conserve á frente deste povo, que justamente o adora. Em sua activissima e proveitosa administração em prol da religião, entrou em reconstrucção a abandonada capella de N. S. das Necessidades da Casa Forte (1902). Fez installar a freg. de Amaragy, creada desde 1884. Sagrou a Capella de S. Sebastião, na colonia deste nome, mun. de Jaboatão (1905). Em 8 de dezembro de 1904 inaugurou no antigo monte *Bagnuolo*, hoje da Conceição, o monumento commemorativo do 50º anniversario da proclamação do dogma da Immaculada Conceição de Maria (vide CONCEIÇÃO), comprehendendo um formoso nicho e uma magestosa, em grande vulto, imagem da Virgem. Sagrou a capella de N. S. da Piedade, em S. Amaro das Salinas; benzeu a pedra fundamental do Convento de Pesqueira; e sagrou em 1907

respectiva egreja. Levantou a idéa de um monumento commemorativo da *Batalha das Tabocas,* e em 3 de agosto de 1905 teve a felicidade de vel-o feito e inaugurado na cidade da Victoria, em cujo mun. está situado o historico monte Tabocas. Em março de 1905 benzeu a

D. Luiz Raymundo da Silva Britto

pedra fundamental da capella do Coração Eucharistico, freg. da Bôa Vista (quasi fronteira ao palacio episcopal), sagrando-a em 1906. Ainda em seu episcopado foi terminada a igreja de S. José do Carpina e por elle sagrada. Ao incansavel prelado tambem é devida a trasladação de Roma para Olinda, dos restos mortaes do bispo pernambucano, D. Francisco Cardoso Ayres. E, finalmente, os diversos monumentos commemorativos da entrada do seculo XX, que existem em muitas cidades de Pernambuco, como as do Bonito, Limoeiro, Victoria, Itambé, etc., e os dedicados á celebração da proclamação do dogma da Immaculada Conceição da Virgem Santissima, existentes em varias fregs., tudo é devido á sua iniciativa e lembrança.

—

Situação geographica — A cidade de Olinda está situada a 8° 0' 50" de latitude sul e a 8° 16' 48" de longitude oriental do Meridiano do Rio de Janeiro, e 37° 10' e 53" de long. occid. de Paris.

Aspecto da cidade e natureza do solo do municipio — Situada á beira do mar, sobre os montes que formam a ponta do mesmo nome, Olinda é banhada ao sul e sudoeste pelo rio Beberibe, e apresenta agradavel aspecto, vista em distancia, sobretudo para os que a observam do mar, ou se approximam do porto do Recife. O territorio do municipio, porém, junto á costa, no geral é sempre baixo e plano, e no interior ligeiramente ondulado de collinas. Segundo Vital de Oliveira, eis do mar o que vê o observador nos meandros da costa do mun. de Olinda:

«Mais de seis milhas por 12°. SE da ponta do *Leitão* vê-se uma ponta fina de areia, saliente, raza e coberta de coqueiros que denominam ponta do *Janga*, a qual forma a pequena enseada do Pau Amarello. Toda essa parte da costa é baixa e areiada, muito povoada, notando-se egualmente varios coqueiraes. Bem proximo da igreja do *Leitão* vê-se do largo a igreja de N. S. do O' (lat. 7°. 52' 25" e long. 6°. 18' 56" leste), situada na praia. Perto de 800 metros ao norte da ponta do *Janga* está o pequeno povoado de N. S. dos Prazeres de *Pau Amarello.* A terra alta e de collinas fica um pouco mais pelo interior, e no littoral estão as duas povoações *N. S. do O'* e *Pau Amarello.* quasi ligadas.— Com pouco mais de 6 milhas por 14°. SO da ponta do *Janga* está a de Olinda na lat. 8°. o' 50" e long. 8° 10' 48" leste. Começa esta parte da costa a ser de collinas pouco mais elevadas e mais proximas á praia, collinas e outeiros que vão unir-se ás terras altas de Olinda e que se entranham pelo interior. Entre essas duas pontas notam-se os seguintes logares : logo depois da ponta do Janga, continuando a costa povoada e cheia de altos coqueiros, vê-se a egreja de N. S. da Conceição do Medico e mais adiante (1 milha) a ponta da *Quadra*. Com mais 3 milhas da *Quadra* está o pequeno pontal do *Rio Doce,* e deste mais duas milhas está a ponta de Olinda, ficando á igual distancia destas o rio *Tapado*. E' a costa sempre povoada e sómente pelo norte da fóz do *Rio Doce*, e da ponta do Sul do mesmo até as proximidades de Olinda, é que deixam de apparecer menos casas. Finalisa na ponta de Olinda a terra mais elevada que vem do norte tornando-se a que se segue para o sul muito mais baixa. Olinda, do mar, póde ser vista e reconhecida na distancia de 5 a 7 milhas. Collocada a cidade no mais alto do outeiro sobranceiro á praia, o panorama que offerece esse ponto da costa é, por certo, lindo e encantador. A verdura que tapiza o outeiro, o branquejar das casas, a elevação de muitas igrejas que se avistam, tudo apresenta um aspecto interessante e agradavel. Facilmente se reconhece a cidade de Olinda vindo do largo : correndo-se para terra, sob seu parallelo, com a terra da cidade ainda alagada, avista-se a igreja de N. S. do Monte, que lhe fica pouco ao norte, na eminencia de um terreno que assemelha-se ao panno superior de um navio a grande distancia. Avizinhando mais a terra que ella se veja descoberta, mas ainda alagada a costa para o sul, vê-se um monte redondo de altura regular, que é justamente terras de Olinda; deste para o norte sete outeiros mais pequenos, divididos por quebradas conicas ; e mais ao norte delles se une por um declive doce com a terra, de elevação igual á que lhe fica para o norte. Mais proximo se distinguem claramente os edificios da cidade e muitas igrejas, e então se descobre a terra do sul, porém enfumaçada ainda, o que demonstra quanto ella é baixa e mais occidental.»

Dimensões do territorio — Tem o municipio de N. a S. 34 kiloms. desde a Cruz do Patrão até a ponte do rio de Maria Farinha, sendo esta sua maior extensão, e desde a estrada do Arraial até a de Maricota, onde atravessa o mesmo rio Maria Farinha, 24 kilometros, que é a menor extensão. De L. a O. a maior extensão é de 24 kiloms. a

27, desde a ponta de Olinda até a estrada do Macaco.

LIMITES — O mun. de Olinda se limita: — a leste com o oceano Atlantico; — ao norte com o mun. de Iguarassú pela freguezia de Maranguape; ao oeste com S. Lourenço da Matta e Recife; e ao Sul com o Recife. A linha de confinação se estabelece pelo seguinte modo: A partir da Cruz do Patrão (no isthmo, limites com a freg. de S. Frei Pedro Gonçalves do Recife) segue a encontrar a Cambôa da Tacaruna e em seguida a do Salgadinho; atravessa d'ahi o pantano a encontrar o riacho Agua Fria (limites com a freg. da Graça), e continuando por este acima chega até ao riacho Bomba e deste á estrada do Bartholomeu; d'ahi vai ao encontro da estrada do Arraial; desta prosegue pela que se dirige, sempre direita ao Brejo; atravessa o riacho Brejo ou Môrno e segue a linha pela estrada do Gizeiro e desse ponto a chegar ao logar Passagem das Môças, á marg. dir. do rio Beberibe; segue a divisão subindo pela margem desse rio, até o riacho Roncador (tambem conhecido por Beringué), por este á Estrada da Linha, desta ao corrego Chan d'Anna, e, atravessando o rio das Piabas e passando em Pedrinhas, chega ao rio Paratibe, cuja margem se sobe até o riacho Cova da Onça (ahi terminam os limites com o mun. do Recife pelo Sudoeste e começam com São Lourenço da Matta); desse logar toma a oeste pela matta que fica 10 kilometros além da estrada que segue do rio Mirueira até o de Jacuipe (fim dos limites com S. Lourenço); continuam então na direcção norte (limites com Iguarassú) pelos rios Mirueira, Jaguaribe, indo terminar na barra de Maria Farinha ou do rio Doce, no oceano.

DIVISÃO — O municipio de Olinda comprehende na divisão judiciaria — um districto criminal com um juiz de direito, um promotor e um juiz municipal. E ainda se divide em tres circumscripções com juiz districtal, em cada uma, e contém mais tres districtos policiaes com uma delegacia, e tres subdelegacias. Na divisão eleitoral faz parte do 1° districto. Além dessa divisão ha a ecclesiastica, ou de parochias, que contém o territorio do municipio e a divisão da diocese olindense:

A 1ª comprehende a freguezia da Sé, creada em 1537, no tempo do 1° donatario, Duarte Coelho, e a de Maranguape, erecta em 1712.

A 2ª divisão comprehende, além das duas mencionadas, as seguintes parochias: *Agua Preta,* creada em virtude da resolução de consulta de 10 de novembro de 1809; *Afogados do Recife,* pela lei provincial n. 38, de 6 de maio de 1837; *Afogados de Ingazeira,* pela lei n. 23, de junho de 1836; Aguas Bellas, em 1766; *Altinho,* pela lei provincial n. 45, de 12 de junho de 1837; *Alagôa de Baixo,* pela lei n. 93, de 4 de maio de 1842; *Barreiros,* em 1786; *Bello Jardim,* pela lei provincial, n. 1830, de 28 de junho de 1884; *Belmonte,* pela lei n. 1085, de 24 de abril de 1873; *Bezerros,* creado curato amovivel em 1768, passou á natureza collativa em virtude do Acto da Mesa de Consciencia e Ordens, de 22 de novembro de 1805; *Boa Vista,* da cidade do Recife, creada em janeiro de 1805; *Boa-Vista,* de Santa Maria, erecta em 1762; *Bom Jardim,* em 1757; *Bonito,* pela lei provincial n. 65, de 12 de abril de 1839; *Brejo* em virtude de provisão do Diocesano, de 3 de agosto de 1799; *Buique,* creada pela provisão do Bispado, de 1792; *Caruarú,* pela lei provincial n. 212, de 16 de agosto de 1848; *Cabo,* creada pelo Bispo do Brazil D. Marcos Teixeira em provisão de 9 de setembro de 1622; *Cabrobó,* creada em virtude de provisão do bispado, no anno de 1762; *Cimbres,* em 1692; *Correntes,* pela lei n. 1423, de 27 de maio de 1879; *Canhotinho,* pela lei n. 1706, de 1 de julho de 1882; *Cruangy,* pela lei n. 156, de 6 de abril de 1846; *Escada,* creada em 1776; *Exú,* desmembrada da de Cabrobó, por provisão de 14 de outubro de 1779, do prelado diocesano D. Thomaz da Encarnação.

Costa e Lima; *Flores*, em 1783; *Floresta*, por provisão de 1801, do bispo D. José Joaquim da Cunha Azeredo Coutinho, que desmembrou-a de Tacaratú; *Gloria de Goitá*, creada pela lei n. 38, de maio de 1837; *Garanhuns*, creada primitivamente em Curato, em 1743; *Gamelleira* creada pela lei n. 763, de 11 de julho de 1867; *Goyanna*, creada pelo bispo do Brazil D. Antonio Barreiros em 1596; *Granito*, creada pela lei n. 1042, de 15 de maio de 1872; *Graça* creada em 1870; *Gravatá*, pela lei n. 422, de 23 de maio de 1857; *Iguarassú*, creada pelo 1º donatario de Pernambuco, Duarte Coelho, e approvação regia; *Itamaracá*, creada no seculo 16; *Itambé* foi creada por provisão do bispo D. Estevão Brioso de Figueiredo, de 2 de janeiro de 1679, approvada pela provisão regia de 6 de janeiro de 1681; *Ipojuca* e *Jaboatão*, creadas em 1621; *Leopoldina*, creada pela lei prov. 753, de 6 de junho de 1867; *Limoeiro*, creada em 1776; *Luz*, primitivamente creada em 1687, foi supprimida pela lei prov. n. 38, de 6 de maio de 1837, sendo restaurada pela n. 336, de 12 de maio de 1854; *Maranguape*, elevada a freguezia em 1719, por alvará regio; *Muribeca*, creada em 1608; *Nazareth*, em virtude da resolução de consulta de 17 de dezembro de 1821, sob o nome de freg. de Laranjeiras; *N. S. do O' de Goyanna*, pela lei prov. n. 461, de 2 de maio de 1859; *S. Salvador da Sé de Olinda*, creada em 1537 pelo donatario Duarte Coelho e approvação regia; *Ouricury*, creada pela lei prov. n. 125, de 30 de abril de 1844; *Panellas*, pela leí n. 701, de 2 de junho de 1866; *Pau d'Alho* foi creada sob proposta do visitador José Joaquim Saldanha Marinho, pelo bispo D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, em data de 31 de agosto de 1799; *Papacaça ou Bom Conselho*, lei n. 45, de 14 de junho de 1837; *Palmares*, inv. de N. S. dos Montes, pela lei n. 844, de 28 de maio de 1868; *Pedra*, pela lei n. 561, de 6 de maio de 1863; *Pesqueira ou de Santa Agueda*, lei n. 906, de 25 de julho de 1870; *Petrolina*, pela lei n. 530, de 7 de junho de 1863; *Poço*, N. S. da Saude, em 1818; *Quipapá*, creada pela lei n. 432, de 23 de junho de 1857; *Rio Formoso*, lei n. 85, de 4 de maio de 1840; *S. Antão ou Victoria*, creada em 1712 por provisão do bispo D. Manoel Alvares da Costa; *Salgueiro*, pela lei n. 114, de 8 de maio de 1843; *Serinhãem*, creada em 1621; *Surubim*, pela lei n. 1565, de 6 de junho de 1881; *S. José do Egypto*, pela lei n. 1028, de 21 de março de 1881; *S. Vicente de Timbauba*, pela lei n. 581, de 30 de abril de 1864; *S. Antonio do Recife*, creada por Alvará Regio de 25 de Agosto de 1799, approvando a provisão diocesana de 6 de Março de 1790; *S. Caetano da Raposa*, creada pela lei n. 133, de 2 de maio de 1844, mas sendo supprimida, foi restaurada pela lei n. 402, de 2 de maio de 1859; *S. Bento*, creada pela lei n. 309, de maio de 1853; *S. Lourenço da Matta*, creada em 1621; *S. José do Recife*, creada pela lei n. 133 de 2 de Maio de 1844; *Tacaratú*, creada pelo bispo D. Francisco Xavier Aranha, por provisão de 8 de setembro de 1761; *Taquaretinga*, desmembrada da de Bom Jardim e creada em setembro de 1801, pelo bispo D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho; *Tejucupapo*, creada em 1555; *Timbauba* pela lei n. 1103, de 28 de maio de 1873; *Tracunhãem*, creada em 1690 pelo bispo D. Mathias de Figueiredo e Mello; *Triumpho ou Baixa Verde*, pela lei n. 930, de 2 de junho de 1870; Una, creada em 1627 por desmembramento da de *Serinhãem*; *Villa Bella*, pela lei prov. n. 32, de 18 de abril de 1838; *Vicencia*, pela lei n. 1448, de 5 de junho de 1879; *Varzea*, primitivamente, em 1618, foi supprimida, em 1838, e restaurada pela lei n. 173, de 20 de novembro de 1846; e *S. Frei Pedro Gonçalves*, creada em 1555.

Da obra *Descripção de Pernambuco, de 1746*, mandada organisar pelo governador D. Marcos de Noronha, cujo

original manuscripto existe na Torre do Tombo, em Lisboa, extractamos da cópia authentica, mandada em 1845 tirar pela Presidencia da então provincia, e a qual nos foi mostrada pelo Dr. F. A. Pereira da Costa, sendo que tambem actualmente a «*Revista do Inst. Arch. e Geog. Pernambucano*» (do n. 60 por diante está publicando), — as informações seguintes, que offerecem interesse bastante:

« RELAÇÃO DE TODAS AS FREGUEZIAS, CAPELLAS, E CLERIGOS QUE TEM O BISPADO DE PERNAMBUCO.— *Freguezia de Santo Antonio do Recife.* A Igreja Matriz de S. Fr. P.º Gonçalves do Corpo Santo, de que é Vigario o Dr. Manoel Freire d'And.ª. . . . 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia . . . 7
Clerigos. 166
Tem esta freguezia da parte do Recife, fogos. 653
Pessoas de Comunhão 4757
Da parte de Santo Antonio, fogos. . . 1368
Pessoas de Comunhão 7776

Freguezia da Sé do Salvador da Cid.ᵉ de Olinda.— E' Curato de que é cura o Reverendo Licenciado José Camelo Pessoa. 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 22
Clerigos. 55
Tem a Sé fogos. 612
A Boa Vista tem fogos. 739
Pessoas 2877
Na Boa Vista 3890

Freguezia de S. P.º da Cid.ᵉ de Olinda.— A Igreja Matriz de S P.º de que é Vigario o Reverendo Francisco Bezerra de Vasconc.ᵉˡ. 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia. 1
Clerigos 16
Tem esta freguezia fogos 246
Pessoas 1123

Freguezia de S. Lourenço da Matta.— A Igreja Matriz de S. Lourenço da Matta, de que é Vigario o Reverendo Dr. João de Medeiros Furtado 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 18
Clerigos 19
Tem esta freguezia fogos. 752
Pessoas. 3631

Freguezia de N. S. da Luz da Matta. — A Igreja Matriz de N. S. da Luz, de que é Vigario Manoel Machado Freire. 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 16
Clerigos 12
Tem esta freguezia fogos . . . . . .
Pessoas . . . .

Freguezia de Santo Ant.º da Tr.ᵉᵐ.— A Igreja Matriz de Santo Antonio, de que é Vigario o Reverendo José Correia da Cunha 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 14
Clerigos 7
Tem esta freguezia fogos. . . . . .
Pessoas. . . . .

Freguezia da V.ª de Goiana.— A Igreja Matriz de N. S. do Rozario, de que é Vigario o Reverendo Ant.º Glz. Lima 1
Cappelas que tem esta freguezia . . . 26
Clerigos. 29
Fogos 1456
Pessoas 7613

Curato de N. S. do Desterro.— A Igreja Matriz de N. S. do Desterro, de que é Cura o Reverendo Felippe de S. Thiago 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 1
Clerigos. 3
Fogos. . . . .
Pessoas . . . .

Freguezia de S. Lourenço de Tijucupapo.— A Igreja Matriz de S. Lourenço, de que é Vigario o Reverendo Padre João da Costa e Souza . . . 1
Cappelas que ha no districto desta freguezia. 7
Clerigos. 6
Fogos 450
Pessoas. 1920

Freguezia de Tacoara.— A Igreja Matriz de N. S. da Penha de França, de que é Vigario o Reverendo padre Sebastião Pereira de Sá 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 3
Clerigos. 6
Fogos. 365
Pessoas 1546

Freguezia da V.ª de Itamaracá.— A Igreja Matriz de N. S. da Conceição, de que é vigario o Reverendo Padre Francisco Luiz Nogueira . . 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 14
Clerigos. 14
Fogos 540
Pessoas. 2633

Freguezia da V.ª de Iguarassú.— A Igreja Matriz de S. Cosme e São Damião, de que é Vigario o Reverendo Dr. Antonio Soares Barbosa . 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 16
Clerigos. 24
Fogos. . . . .
Pessoas. . . . .

Freguezia de Maranguape.— A Igreja Matriz de N. S. dos Prazeres, de que é Vigario o Reverendo Padre João Freire 1
Cappelas que ha dentro desta freguezia 6

Freguezia da Varge. — A Igreja Matriz de N. S. do Rozario, de de que é Vigario o Reverendo Dr. Lino Gomes Correia. 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 18
Clerigos. 12
Fogos 482
Pessoas. 2986

Freguezia de Jaboatão — A Igreja Matriz de S. Amaro, de que é Vigario o Reverendo Licenciado Francisco Alves da Silva 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 12
Clerigos. 11
Fogos 667
Pessoas. 7344

Freguezia de Moribeca — A Igreja Matriz de N. Sra. do Rozario, de que é vigario o Reverendo Licenciado João de Barros Rego. . . . .
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 17
Clerigos. 17
Fogos 812
Pessoas. 3885

Freguezia de S. Antão da Matta.— A Igreja Matriz de S. Antão, de que é vigario o Reverendo Padre Luiz Ignacio de Moraes. 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 6
Clerigos. 4
Fogos 439
Pessoas. 1985

Freguezia do Cabo.— A Igreja Matriz de S. Antonio, de que é Vigario o Reverendo Licenciado José Mendes da Silva. . . . .
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 27
Clerigos. 37
Fogos. 1000
Pessoas. 4871

Freguezia de Ipojuca.— A Igreja Matriz de S. Miguel, de que é Vigario o Reverendo Licenciado Ignacio Rebello. 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 32
Clerigos 26
Fogos 961
Pessoas. 5488

Freguezia da Villa de Serinhãem.— A Igreja Matriz de N. Sra. da Conceição, de que é Vigario o Reverendo Licenciado João de MIranda Barboza. 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 20
Clerigos 19
Fogos 804
Pessoas 4147

Unna.— A Igreja Matriz de S. Gonçalo de Unna, de que é Vigario o Reverendo Licenciado João de Manoel Barboza. 1
Cappelas que ha nesta freguezia . . . 8
Clerigos. 9
Fogos 945
Pessoas 3400

Freguezia de Cabrobó — A Igreja *Matriz* de N. Sra. da Conceição, de que é vigario o Reverendo Padre Francisco Pereira. 1
Cappelas que ha nesta freguezia. . . . 8
Clerigos 3

Freguezia de Ararobá.— A Igreja Matriz de S. Antonio, de que é Cura o Reverendo Padre Martinho Calado Bitancurt 1
Cappelas que ha nesta freguezia. . . 3
Clerigos 20
Fogos 169
Pessoas 904

POPULAÇÃO — O mun. de Olinda contém uma população de uns 36.000 habs., assim distribuida : freg. de S. Salvador da Sé 25.000 habs. e 11.000 na freg. de Maranguape.

TOPOGRAPHIA — A cidade, situada em terreno montanhoso, é banhada ao sul pelo rio Beberibe e a léste pelo oceano. Tem um aspecto melancolico, que dimana sobretudo de seus templos e conventos annosos, e ainda do grande numero de casas antigas. E', não ha duvida, uma cidade de recordações historicas ; aqui, alli e acolá passam por diante de nossa imaginação os phantasmas do passado que o nosso espirito ou vapores que lhe passam ao largo. Ao sul, e não longe, gracioso e surgindo das aguas, ostenta-se o Recife,—com sua muralha de pedra em cuja extremidade apparece o pharol da barra ; — com seu porto cheio de navios, com sua casaria alvissima, com suas bellas pontes e com todo seu encantador aspecto. E ao poente e ao norte, finalmente, os campos, as varzeas ferteis, embellecidas de coqueiraes, e serpeadas, aqui pelo Beberibe, alli pelo Paratibe, e além por varios arroios, vendo-se; de permeio, na extensão, os casaes esparsamente derramados. Muitos poetas brazileiros têm saudado em inspirados versos a legen-

VISTA DE OLINDA

insensivelmente faz evocar. Entretanto de todos os sitios elevados da cidade o observador tem em frente de seus olhos um quadro incomparavel de uma belleza sem par, um panorama cuja perspectiva sómente com infidelidade se descreve. A léste, o oceano beijando-lhe os pés, ora verde, ora azul, como uma esmeralda ou saphyra liquida, conforme a tonalidade das côres reflectidas pelo céo, e a vista vai perder-se naquella infinita vastidão equórea, encantada ainda mais pelo alvejar das velas das jangadas dos pescadores, das barcaças que bordejam á praia e do fumo dos paquetes daria Olinda, e dentre elles transcrevemos os do vate sergipano, Pedro de Calasans, por occasião da visita do Imperador D. Pedro II, a Pernambuco, em 1859:

No silencio da noite amena e grata
Ella a sós, pensativa no seu leito,
Dorme o somno da paz, emquanto a lua
Vem surgindo das aguas inquietas
A beijar-lhe subtil a face fria.

Eis Olinda gentil ! cidade illustre,
Como nympha deitada nas montanhas !
Nos seus altos mosteiros venerandos,
Pensativo, isolado, o humilde monge

No socego da paz relê as folhas
de seu livro sagrado ! Além o sino,
Dá signal para a prece matutina,
Convidando os fieis ao templo augusto !

Mas quão triste e mudada estás agora !

Onde dormem de outr'ora teus guerreiros,
Tua gloria que a ferrea mão do tempo
Não poude destruir ? Onde teu nome
Que recorda teus feitos gloriosos,
A' poderosa Hollanda ? Acaso vives
Esquecida no mundo, e muda sempre
Te conservas no pó do esquecimento ?
Eia ! Accorda ! não durmas reclinada
Em teu verde tapête de verdura,
Onde o sangue correu dos inimigos,
Misturado tambem com o dos teus filhos !

Eia, accorda ! e, gentil soergue o rosto
E contempla na linha do horizonte
O oceano que ufana-se por certo
De beijar os teus pés, cidade illustre !

Eis Olinda gentil ! cidade illustre,
Como nympha deitada nas montanhas,
Recordando dos tempos já passados
Sua gloria immortal ! Guerreira sempre,
Ella surge de novo como a Phenix
De suas cinzas mortas ! No oceano
Ella mira seu rosto feiticeiro,
E contempla na extrema do horisonte,
Entre nuvens de fogo, o Sol micante
Que no espaço do céo espalha os raios!

Tu recordas na historia brasileira
O valor de teus filhos que morreram
Para a patria salvar ! Emquanto dormes,
Sonha o somno da paz com os louros
Que cingiram-te a fronte, e a Hollanda chore
Seu esforço baldado ! Dorme, dorme,
Oh cidade, o teu somno socegado,
E ninguem te desperte !

Dorme, dorme,
Envolvida na luz da gloria tua !

E tambem uma parte da poesia «Olinda», do poeta pernambucano Dr. Marciano G. da Rocha, publicada em 1865:

Dorme ! descança, oh infeliz madona,
Filha de um seculo que passou sorrindo!
Dorme que o povo que te deu renome
Foi para a historia com fulgor infindo !

Dorme ; o oceano a teus pés debulhe
Prantos de espuma no febril anceio !
Ainda a lua pelas suas noites,
De luz de prata vem banhar-te o seio.

Dorme, cercada de gentis palmeiras,
Verdes collinas que te dão encanto ;
Dorme embalada das amenas brisas
Que pelas noites vem beber-te o pranto.

Dorme ! que o somno que succede aos feitos
Accorde a gloria que te faz viver...
Sorrindo um sec'lo te legou cantando
Hymnos famosos que não sóem morrer

. . . .

Irmã de Roma, tu sonhaste um dia
Virentes louros á geração futura !...
Mas hoje tu recordas no passado,
De um povo a historia de immortal bravura !...

. . . .

Filha das verdes montanhas,
Entre palmeiras crescida,
De tantas c'rôas cingida
Qual te deixou seu azar?..
Uma lauda de historia
Enlanguecida memoria
Dos grandes feitos de gloria
Que soubeste conquistar.

Eis o que. ainda em novembro de 1887, escreveu o notavel brasileiro pernambucano, actual Embaixador nos Estados Unidos da America do Norte, brilhantissimo orador e distincto homem de lettras, Dr. Joaquim Nabuco, referindo a visita ao Estado, do litterato portuguez Ramalho Ortigão, feita em sua companhia : «No dia em que Ramalho Ortigão passou por Pernambuco, o mar estava calmo; era um dia de sol, não preciso quasi dizer, e a brisa constante que faz desta cidade, mesmo no verão mais rigoroso, um paraizo, ao lado da tacha em que cóze a cidade do Rio, era sobre o fundo do ardor tropical uma sensação agradavel de banho. Ramalho Ortigão tinha-me dito no Rio: «Só quero que você me mostre alguma igreja antiga», e eu achei melhor em materia de igreja e antiguidade leval-o logo á Olinda, á cidade deserta do primeiro passado pernambucano, e que, si o Recife por suas aguas lembra Veneza, ella tambem lembra Piza pela sua desolação e abandono ! Visitámos muito ás pressas o convento de S. Francisco, a Sé, a Mi-

sericordia, e Ramalho Ortigão encontrou mais da antiga civilização portugueza no pouco que viu em Olinda, do que em tudo que tinha visto no Brasil. A visita tinha que ser, por falta de tempo, incompleta e rapida, e o que eu, sobretudo, queria era que elle tivesse a vista do Recife, como se a tem do terraço da Sé. Esse quadro, estou certo, elle o ha de reproduzir em uma admiravel pintura. Não ha nada mais bello. Não é um panorama em amplidão, como o do Corcovado, no qual a vista salta de montanha em montanha, até o fundo do horisonte, e desenrola-se pela massa sombria de vegetação que escala o vastissimo amphitheatro. Não é uma dessas vistas de altura, das quaes o mar fica tão baixo aos pés do espectador, que perde o movimento e a vida, parecendo uma tela diaphana estendida sobre o fundo vasio do ar, vistas em profundidade, que dão vertigem e nas quaes a perspectiva é tão longinqua como si a vissemos por um oculo virado. A vista de Olinda é outra : é uma vista em comprimento, em que os planos succedem-se uns aos outros como o desenvolvimento da mesma sensação visual, em que desde Olinda até ao Recife, e mais longe, até ao cabo de Santo Agostinho, o olhar não precisa moverse para apanhar a totalidade do scenario que se prolonga á beira-mar, salpicado das velas brancas das jangadas, pennas destacadas das grandes azas da coragem, do sacrificio e tambem da necessidade humana. O que faz a grande belleza deste nosso torrão pernambucano é, em primeiro logar, o seu céo, que muda a cada instante, leve, puro, suave, onde as nuvens parecem ter azas, e que não é o mesmo um minuto ; e depois, o nosso mar, verde, vibratil e luminoso, as nossas areias tépidas e cobertas de relva, os nossos coqueiros, que se erguem desde o sócco até ao espanador de um brilho metallico e dourado, com que parecem ao longe sacudir as nuvens brancas, as jaqueiras e mangueiras, cuja sombra rendada é um oásis de frescura e abundancia.»

A cidade tem sómente calçadas as ruas da parte elevada, e as ladeiras. Antiga architectura predomina na maior porção da edificação da parte alta, onde em geral são tortuosas e estreitas as ruas. O bairro novo da cidade ou da beira-mar, de construcções dos ultimos 20 annos, possue uma nova feição ; os edificios são modernos, ha jardins em muitas habitações, tem um aspecto completamente diverso : elle é, entretanto, pequeno. E' illuminada, abastecida d'agua por chafarizes publicos que se acham a cargo de uma Companhia. Na cidade de Olinda notam-se :

O Convento de São Bento — Um dos primeiros frades que vieram a Pernambuco foi o religioso menor de São Francisco, que edificou em Olinda a ermida de São Roque, e nella instituiu a irmandade dos Terceiros da Penitencia, transferida em 1585 ou 1586 para o convento da mesma ordem na velha capital. Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro donatario, obteve em 1592 licença do padre Gonçalo de Moraes, geral da ordem de São Bento em Portugal, para fundar mosteiros em sua capitania, dando-lhes, para esse fim, o patrimonio necessario, não tendo, porém, sido realizada essa promessa, senão em 1595, quando foi estabelecida a ordem benedictina em Olinda, com uma ordinaria ou congrua de noventa mil réis, que percebia do real erario. Chegando os padres fundadores nesse anno, estiveram a principio hospedados na egreja de São João, que pertencia á irmandade dos militares. Da egreja de S. João mudaram-se os monges para a do Monte, que lhes foi doada, no anno de 1597, pelo Bispo do Brazil D. Frei Antonio Barreiros, que se achava em visita pastoral em Olinda, e havia assumido o governo da capitania, por ter partido o loco-tenente Manoel Masca-

renhas Homem para a conquista do Rio Grande do Norte. Ahi estiveram até quando, por falta de accommodações no Monte, compraram, em 27 de Outubro do mesmo anno de 1597, á Gaspar Filgueira e sua mulher Maria Pinto, o sitio Olaria, onde fôra construida a ermida de São Roque, já então abandonada e inteiramente arruinada, e nesse sitio levantaram o mosteiro que existe actualmente. A venda a que nos referimos consta do livro de tombo dos benedictinos á folha dezenove. Seu patrimonio, que no começo consistia em duas moradas de casas no Recife, doadas em 1655 pelo general Francisco Barreto de Menezes, das quatrocentas e sessenta e quatro, que lhe entregaram os hollandezes depois da restauração em 1654, e em quatro fazendas de gado, foi augmentado de modo que o mosteiro ficou possuidor, além desses predios do Recife, de diversos engenhos de fabricar assucar em Pau d'Alho, Luz e Gloria do Goitá. No inventario dos predios que os hollandezes edificaram ou repararam até aquelle anno de 1654, publicado em 1839, encontram-se os lançamentos relativos á doação a que nos referimos, nos seguintes termos:—«255—Um armazem na mesma travessa (da rua que vae para o mar), fabricado por flamengos, alugado á Manoel Lopes Farto em setenta mil réis por anno que começa a correr de 27 de maio de 654.—*Misquita.*» Este armazem mandou dar o mestre de campo geral, deste Estado, Francisco Barreto ao convento do patriarcha. São Bento, em nome de sua magestade, como consta do alvará de data, que delle lhe fez, que está registrado no terceiro livro de registro, folhas duas.— *Misquita*. 256 — « Mais um armazem junto atraz do mesmo modo e tamanho, fabricado pelo flamengo; alugado a Belchior Leite, em cincoenta mil réis por anno que começou a correr de 27 de maio de 654. — *Misquita.*» Este armazem mandou dar o mestre de campo geral deste estado Francisco Barreto ao convento do patriarcha São Bento, como consta de alvará de data, que delle lhe fez, que está registrado no terceiro livro de registro a folhas duas. —*Misquita.*»— Todos esses bens constituiam vinculos, denominados *capellas*, sómente prohibidos quasi dois seculos depois, pela lei de 3 de outubro de 1835. Esse patrimonio, porém, depois da decadencia da ordem, foi se desbaratando por tal fórma que os religiosos que occupam o convento, encontraram suas rendas tão compromettidas que até as decimas e impostos de mão morta deixaram de ser pagos, na importancia de trinta e sete contos trinta e sete mil oitocentos e cincoenta réis, vendo-se obrigados a pedir ao congresso do Estado, — no anno de 1896, moratoria ou dispensa do que deviam, si elles conseguissem, no prazo de tres annos, installar um instituto orphanologico de agricultura e aulas praticas.

Para perpetuar a memoria dos triumphos alcançados pelos pernambucanos, contra os hollandezes nas celebres batalhas de 19 de abril de 1648 e 19 de fevereiro de 1649, mandou o general Francisco Barreto de Menezes erigir uma capella dedicada á Senhora dos Prazeres; mas ao retirar-se para Portugal, da mesma com todas suas alfaias e patrimonio,—então consistente em terras doadas pelo capitão Alexandre de Moura, — das casas de vivenda contiguas á capella para residencia dos religiosos, de cincoenta e nove cabeças de gado no valor de quinhentos mil réis, e de dois armazens de recolher assucar no Recife, —sob diversas condições proprias da instituição, por escriptura de 8 de novembro de 1656, fez doação á ordem benedictina de Olinda, em attenção aos grandes serviços prestados durante a guerra por frei João da Resurreição. Esse patrimonio foi consideravelmente augmentado, pela doação de cinco excellentes propriedades, por Domingos Ferreira, que, simplesmente por devoção, fez-se em 1676 ermitão dos

Prazeres, por espaço de trinta e tres annos, isto é, até seu fallecimento. A pequena ermida foi substituida á custa dos monges de Olinda pela igreja que existe sobre um dos montes Guararapes, sendo suas obras concluidas em 1782. As batalhas que alli se deram, acham-se representadas em dois grandes quadros pintados, em 1801, e ainda conservados no corpo da igreja. — Não temos á mão documentos que demonstrem exactamente quando começaram as obras do actual mosteiro de São Bento, nem quando terminaram e deu-se a mudança dos monges para o novo edificio; vemos apenas que na fachada da igreja está escripta a data de sua reconstrucção em 1761, mais de seculo e meio depois da chegada dos fundadores da ordem. Vemos tambem de um documento publico que se deu principio á nova reconstrucção antes de 1857, e que sobre a porta principal do convento existe a seguinte inscripção : « *Este mosteiro foi todo reedificado no anno de 1860, sendo abbade o M. R. P. P. Frei Felippe de São Luiz Paim*. Ao mosteiro de São Bento de Olinda coube a gloria de abrir suas portas ao estudo da sciencia do direito, o qual sómente os filhos de familias abastadas podiam ir procurar na universidade de Coimbra. Em São Bento esteve a academia até 1852, quando passou a funccionar no antigo edificio que serviu de palacio aos governadores de Pernambuco, e está hoje occupado pelo collegio do Monsenhor Fabricio d'Araujo.

Prohibida a entrada de noviços nas ordens religiosas, por uma simples circular do ministro da justiça, que era então o conselheiro José Thomaz Nabuco de Araujo, datada de 19 de maio de 1855, foi a ordem benedictina no Brasil, como todas as outras, cahindo em rapida decadencia. Debalde, representou em 1857 o capitulo geral contra essa deliberação que feria de morte a instituição, allegando entre outros serviços, os prestados por occasião da invasão dos hollandezes, e pela dos francezes, assim como os beneficios feitos á instrucção, com o ensino gratuito de preparatorios nos mosteiros da Bahia e do Rio de Janeiro. O venerando arcebispo da Bahia, dom Romualdo, que havia presidido o capitulo geral, do qual acabamos de fazer menção, levando esta representação ao conhecimento do governo imperial, accrescentava que a ordem benedictina era a mais celebre do occidente, e que seu passado fôra tão glorioso para a religião e para as lettras, que o sceptico Gibbon não duvidou affirmar que um só convento de benedictinos prestara mais serviços ás sciencias do que as duas universidades de Oxford e Cambridge. Não sendo despachada aquella representação, o abbade de São Bento do Rio de Janeiro, frei Luiz da Conceição Saraiva, depois bispo do Maranhão, dirigiu-se de novo ao governo imperial, instando por uma solução que « evitasse o abandono daquellas casas levantadas com o trabalho dos religiosos antepassados, e que em breve seriam destinadas a fins muito alheios a seus santos intuitos. » Terminava o respeitavel prelado por este modo: « ficarão em breve desertadas as moradas veneradas dos filhos do Senhor, e, sob as abobadas, onde retumbavam então os hymnos suaves da religião, se ouvirá o ciciar do reptil no desamparo das ruinas. » O procurador da corôa não se oppôz ao pedido da ordem, por não lhe constar que acto algum legislativo houvesse prohibido o ingresso de noviços, e caber ao executivo attender ao capitulo. A secção de justiça do conselho de estado opinou pela admissão solicitada, lembrando apenas algumas providencias relativas á idade dos que requeressem a clausura. Não consta da collecção de leis que tivesse a supplica do capitulo geral sido attendida pelo ministro da justiça, que era então o conselheiro Francisco Diogo Pereira de Vasconcellos. Eis as informações que a

respeito de sua ordem deu o abbade dom Geraldo van Coloen: «A ordem benedictina estando quasi extincta no Brasil, em consequencia do decreto imperial de 19 de maio de 1855, que prohibiu a admissão de noviços, resolveu, depois da separação da Igreja do Estado reconstituir-se neste paiz. Os monges nacionaes, reunidos em capitulo geral na Bahia, em maio de 1890, fizerão uma petição á sua Santidade Leão XIII, para obter alguns monges europeus habilitados para ajudal-os na reconstituição da ordem. Essa petição foi renovada pelo capitulo geral em 1893, e acolhida pelo Papa que, no anno de 1895, mandou alguns monges benedictinos da congregação de Benron, para serem encorporados á congregação brasileira, e abrir noviciado em um dos mosteiros deste paiz. O de São Bento de Olinda foi-lhes entregue no dia 17 de agosto de 1895, pelo reverendo abbade geral do Brasil, dom Domingos da Transfiguração Machado, e, no dia 6 de outubro seguinte, o prior presidente dom Geraldo van Coloen tomou posse da administração, que se achava entregue ao abbade frei José de Santa Julia Botelho. No capitulo geral desse anno, na Bahia, foi o mesmo dom Geraldo eleito abbade do mosteiro de Olinda, e seus dous companheiros, dom Follião Lhemitte, e dom Ulrico Sountag, definidores. Ao mosteiro de Olinda coube a honrosa missão de repovoar os outros mosteiros do Brasil.» O *dom* que antecede ao nome dos benedictinos europeus, em vez do humilde e caridoso tratamento de *frei*, usado pelos nossos religiosos de todas as ordens, foi adoptado no velho mundo como um signal de nobreza, porquanto, segundo o calculo de Fesster, por Dantier, professor de historia em Pariz, citado em um dos artigos do importantissimo — Diccionario de biographia e historia — de Dezobry e Bachelet, nem uma ordem religiosa deu á igreja e ao mundo maior numero de homens celebres: — vinte e quatro papas, duzentos cardeaes, mil e seiscentos arcebispos, quatro mil bispos, mil e quinhentos santos canonisados, e cinco mil bemaventurados; quarenta e tres imperadores, quarenta e quatro reis e quatorze mil e setecentos escriptores!!... (Dez^or^. A. A. Luna Freire).

O Convento de S. Francisco.— O primeiro frade franciscano que veiu á Pernambuco e viveu durante muitos annos em Olinda, foi um religioso menor, cujo nome e naturalidade ficaram no esquecimento, sabendo-se apenas que foi o instituidor de uma capella de S. Roque, no logar em que existe hoje o mosteiro de São Bento, e o creador da primeira ordem terceira de São Francisco que houve no Brasil. Veiu em companhia de Duarte Coelho, ou poucos annos depois da chegada deste, e voltou ao reino deixando a administração da capellinha ao vigario da freguezia de São Pedro, a cujo districto pertencia. Em 1577 chegou a Olinda frei Alonso da Purificação, a quem os moradores do logar se offereceram para levantar uma casa propria para convento da ordem, deixando elle de acceitar a proposta, por não ter a necessaria autorisação. Entre as pessoas mais enpenhadas neste proposito distinguia-se a viuva Maria Rosa, que em terras suas já havia construido uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Neves, no intuito de edificar junto um recolhimento para si e outras devotas, si, porventura, não podesse realisar o seu mais ardente desejo, que era o de dar a capella e o recolhimento aos religiosos franciscanos. Em 12 de abril de 1585, chegaram a Olinda os padres fundadores, tendo por seu custodio frei Melchior de Santa Catharina; foram recebidos pelo donatario Jorge de Albuquerque Coelho, que promovêra a sua vinda, e hospedados por Felippe Cavalcanti, casado com dona Catharina de Albuquerque, nascida da india Maria do Espirito Santo, filha de Arco Verde, chefe da tribu dos tabajaras, com Jeronymo de Albuquerque

irmão de dona Brites, mulher do primeiro donatario. Em casa de Felippe Cavalcanti estiveram os religiosos franciscanos, emquanto lhes preparavam habitação mais commoda junto á Santa Casa da Misericordia, a cujo hospital prestaram elles serviços relevantes, como teremos occasião de dizer. Tomando posse da capella de Nossa Senhora das Neves e terrenos adjacentes, que, por escriptura de 27 de setembro de 1585, lhes foram doados por Maria da Rosa, começaram as obras precisas para sua residencia, tendo logar a installação no dia 4 de outubro do mesmo anno, no qual foi celebrada a festa de São Francisco. Depois do incendio, sómente em 1715 começou sua reconstrucção, com as proporções que tem actualmente, ficando os trabalhos interrompidos até 1753, quando principiaram de novo e terminaram em 1755. Por occasião dos trabalhos iniciados em 1715, ficou obstruida a grande obra da cisterna feita para serventia do convento e dos vizinhos, na administração do custodio frei Antonio de Braga que esteve em Olinda em 1624; e sem serventia esteve a mesma cisterna até 1748, quando foi reparada e consideravelmente melhorada. As ruinas de suas dependencias, como tanques, lavatorios, etc., ainda alli se admiram; existem fóra do claustro, em logar proximo ao mar. Ahi foi sepultado, em 28 de junho de 1618, D. Felippe de Moura, em um carneiro de marmore, ao lado dos Santos Evangelhos. Elle tinha sido governador da Capitania na qualidade de loco-tenente, e foi um dos descendentes do celebre marquez do Pombal.

O Convento do Carmo — Logo depois da fundação da capitania de Pernambuco, foi erigida na eminencia que existe entre as que estão hoje occupadas pelo convento de S. Francisco e o mosteiro de S. Bento, uma capella dedicada a Santo Antonio e S. Gonçalo. Em 1588 vieram de Lisboa para Olinda os religiosos do Carmo, calçados da observancia, sob a direcção do padre provincial frei Pedro Vianna, mandados pelo rei D. Felippe II, por observar que eram poucos os missionarios encarregados da

RUINAS DO CONVENTO DO CARMO

propagação do catholicismo em territorio tão vasto. Esses religiosos fundaram seu convento nessa capella de Santo Antonio e S. Gonçalo, que lhes foi doada pelos seus proprietarios, cujos nomes não foram conservados, com a condição imposta de ser collocada no altar-mór a imagem do primeiro daquelles santos, e de ser o convento denominado de Santo Antonio do Carmo. Não se póde precisar o tempo em que o convento dos frades do Carmo de Olinda começou a arruinar-se; em fins de 1846 já se encontrava quasi tão arruinado como se acha hoje. Diziam que os priores vindos da Bahia, a cuja provincia pertencia o convento, eram os primeiros destrüidores do edificio e de seu patrimonio. — Por occasião das excavações feitas no convento do Carmo de Olinda, em 1867, para descobrir-se a sepultura do bispo D. fr. Francisco de Lima, fallecido em 1704, como havia resolvido o Instituto Archeologico, declarou o prior, que ainda era frei João do Amor Divino, que já havia em 1846 tentado, sem resultado, essa investigação. Já naquelle anno tinha desabado a coberta do capitulo, em que se achava a sepultura. Entretanto, o trabalho da commissão do Instituto foi coroado de melhor exito. Foram encontrados os ossos do virtuoso prelado, terceiro de Pernambuco na ordem chronologica, e com elles seu annel pastoral e a cruz profissional, além de outros objectos comprobatorios de authenticidade. A igreja ainda se presta á celebração dos officios divinos, porque uma associação de matronas piedosas encarregou-se de seu culto. Na igreja do Carmo de Olinda encontra-se a seguinte inscripção sepulchral:

S^aDEDIOGODEVER
GOÇAEDESVAMOLER
QVDEOSG.AMARIA
DACONCEIÇAOQVE
FALECEOA29DEMAIO
DE1624EDESEVSHERD^ros

Na base do cruzeiro da igreja vê-se esta outra:

HÆCMISERISNAS
CVRRITANTIQVO
SEPVLCHRA
MORETENETILLOS
QVI BONA VITTA
TENENT

Convento de Santa Thereza — A igreja de Nossa Senhora do Desterro foi fundada por João Fernandes Vieira, depois da restauração de Pernambuco, como o tinha sido pelo general Francisco Barreto de Menezes a dos Prazeres, nos montes Guararapes, a de Itambé por André Vidal de Negreiros, a da Estancia por Henrique Dias, a do Paraizo por dom João de Souza, e a do Pilar por João do Rego Barros. Na igreja de Santa Thereza foi fundado em 1687 o convento dos carmelitas descalços, cujas graças e favores concedidos pelo rei dom Pedro II foram confirmados em alvará de 23 de outubro de 1694. Os religiosos thereseos existiram em Pernambuco por muito mais de um seculo, prestando obediencia aos seus superiores em Portugal, até que por occasião da independencia do Brazil, tornando-se suspeitos aos patriotas, foram lançados fóra da provincia em 1823, ficando a igreja e o convento entregues a uma administração. Frei Caneca occupa-se especialmente da expulsão dos frades thereseos mariannos, em uma de suas cartas a Damão. No dia 29 de setembro muitas pessoas do Recife e de Olinda, conhecedoras do perigo que corria a causa de nossa emancipação, pela união dos portuguezes expulsos do interior da Bahia e de outras provincias, com os desta provincia e os frades de Santa Thereza adherentes do partido portuguez, perigo contra o qual não havia tomado a menor providencia a junta governativa, foram naquelle dia ao convento, que elles occupavam em arrabalde de Olinda, os obrigaram a retirar-se para o convento de São Francisco, e na mesma noite partiram para o convento de

São Francisco do Recife, de onde o governo os fez embarcar para o reino, levando comsigo o dinheiro que conseguiram subtrahir na occasião em que a justiça procedia ao inventario dos bens por elles deixados. Sendo a instituição prohibida por lei provincial de 25 de agosto de 1831, foi o convento destinado para collegio dos orphãos, desde 1835 até 1863, quando foi transferido para a rua da Aurora, e em 1866 para a rua da Gloria; em 1874 foi o collegio mudado e convertido na colonia orphanologica Isabel, sob a direcção dos padres da Penha. No tempo da administração do governador Barbosa Lima, foi a colonia transformada na Escola Industrial Frei Caneca, decahindo immediatamente de sua prosperidade, que era objecto da admiração de quantos a visitavam. — Desde 1864 passou para Santa Thereza o collegio das orphãs, creado pela lei provincial de 10 de junho de 1835, e se installara em 1847 no predio da rua da Aurora.

O Seminario — Para Pernambuco, os primeiros jesuitas que vieram foram mandados pelo padre Nobrega, em 1551, a pedido do donatario Duarte Coelho e instancias dos principaes moradores de Olinda. Foi a igreja construida em 1576, sob a invocação da Senhora da Graça, no reinado de dom Sebastião que, para patrimonio do collegio, lhe deu uma renda de quatrocentos mil réis, confirmada pelo cardeal rei dom Henrique, e transmutada em assucar, dez mil réis para vinho e hostias, algum gado e lavouras de mandioca em terras proprias. Em 1568 o provincial Luiz de Grã, que para o Brasil viera em 1553 com José de Anchieta, estabeleceu as primeiras classes do ensino, e sómente oito annos depois, em 1576, foi creado o collegio. Com o governador geral do Brasil Manoel Telles Barreto, o primeiro nomeado por Felippe II, depois da sujeição em 1581 de Portugal e suas colonias ao dominio hespanhol, vieram para o Brasil, em 11 de junho de 1583, o jesuita Christovam de Gouvêa, visitador da ordem e diversos padres e entre estes Fernando Cardim, sacerdote illustrado que no relatorio da visita em que percorreu as capitanias da Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Pernambuco, Espirito Santo, Rio de Janeiro, e São Vicente, referindo-se ao estado de adiantamento em que já se achava Pernambuco em 1584, á riqueza de Olinda, que era então a capital, e ao collegio de que era reitor o padre Luiz de Grã com vinte companheiros, declarou que o edificio era velho e mal accommodado, e a igreja pequena. Foi reconstruido depois com tão amplas proporções, que os historiadores o consideraram magnifico, quando em 1630 se deu a invasão dos hollandezes que o queimaram em 1631, e bem assim a toda a cidade. Ignora-se em que anno teve começo a reedificação do collegio dos jesuitas, quando depois da restauração em 1654 principiou a cidade a renascer de suas cinzas. Foi da casa de Olinda que em 1607 sahiram os padres Francisco Pinto e Luiz Figueira.

No collegio da velha capital ensinou rhetorica o padre Antonio Vieira, tendo apenas dezoito annos de idade. Em razão da tentativa contra a vida do rei dom José, na noite de 3 de setembro de 1758, cuja coparticipação foi attribuida aos jesuitas, foram estes, por cartas regias de 19 de janeiro e 3 de setembro de 1759, banidos e proscriptos de Portugal e suas possessões, declarados rebeldes e traidores. Luiz Diogo Lobo da Silva, que era o governador de Pernambuco, foi o encarregado de cumprir as determinações relativas á expulsão dos jesuitas, e confiscação de seus bens. No dia 1º de maio de 1760 foram elles remettidos para Lisboa. Não possuimos a relação dos bens pertencentes ao seminario de Olinda; mas na *Revista*, do Inst. Arch. Geo. P. n. 43, lê-se o inventario dos objectos de ouro e prata encontrados no collegio do Recife, quando executou-se a carta regia de 22 de outubro de 1761, dirigida ao

mesmo governador. Já em 1594 haviam os jesuitas sido expulsos da França em razão do assassinato de Henrique IV; da Inglaterra em 1581 e 1601, e da Russia em 1719, até que foi a ordem abolida em 1773 pelo papa Clemente XIV. E' sabido que entre os bens confiscados aos jesuitas do Brasil avultaram as trinta e tres fazendas de gado do Piauhy, que ao collegio da Bahia Domingos Mafrense havia doado em seu testamento, e ainda hoje pertencem á Nação. Ficou o collegio de Olinda em abandono até o anno de 1796, em que o principe regente dom João o mandou entregar ao bispo dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, com o terreno annexo, pratas e alfaias deixadas pelos jesuitas, para a fundação de um seminario que ainda não existia, apezar de se terem passado 20 annos depois da creação do bispado de Pernambuco, vindo o mesmo prestar, por ser então o estabelecimento de instrucção secundaria mais completo do Brasil, os melhores serviços, não só aos que se destinavam ao sacerdocio, como aos jovens que não podiam educar-se em Portugal. No seminario, aberto no dia 10 de junho de 1800, foram concentradas as cadeiras que existiam em outros estabelecimentos; para seu patrimonio foi reservado o subsidio litterario e mais um imposto de vinte réis por cabeça, sendo avultada a importancia da subscripção promovida entre as pessoas mais abastadas.

O bispo dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho nomeou os seguintes professores, quasi todos religiosos descriptos pelo autor das *Revoluções do Brasil*, pelo seguinte modo: *Theologia dogmatica*, Frei José Laboreiro, monge de São Jeronymo; *Historia Ecclesiastica*, Padre Miguel Reinaux, ex-congregado do Oratorio; *Theologia moral*, Frei Bento da Trindade; *Philosophia universal*, Frei José da Costa, *Mathematica*, Frei Miguel Joaquim Pegado; *Rhetorica e poetica*, Padre Miguel Joaquim de Almeida, ex-carmelita, *Lingua grega*, José Joaquim de Castro, secular; *Grammatica latina*, Padre Luiz Florentino; *Cantochão*, Padre Antonio de Sant'Anna, ex-capucho; *Primeiras lettras* Padre Miguel de Miranda, ex-aggregado do Oratorio; *Desenho*, Padre João Ribeiro Pessoa de Mello.

Como se vê, entre os nomes dos poucos professores da terra, está o padre João Ribeiro Pessoa de Mello, um dos martyres da revolução de 1817, educado pelo doutor Manoel de Arruda Camara.

O seminario de Olinda já teve sua época de gloria; decahiu, porém, por modo lamentavel; por muitos annos estiveram cerradas suas portas. Actualmente procura tiral-o desse triste abatimento o venerando antistite que se acha á frente da igreja pernambucana, D. Luiz Raymundo da Silva Britto. Neste estabelecimento se vêm os retratos dos seguintes bispos que foram da diocese: D. José Joaquim de Azeredo Coutinho, D. Fr. José Maria d'Araujo, D. João da Purificação Marques Perdigão, D. Manoel de Medeiros, D. Francisco Cardoso Ayres, D. Vital de Oliveira, D. José P. da Silva Barros (Conde de S. Agostinho), D. João Esberard e D. Manoel dos Santos Pereira.

Na mesma instituição foram professores o actual arcebispo do Rio de Janeiro e 1º Cardeal Brazileiro, D. Joaquim Arco-Verde; o arcebispo da Bahia, D. Jeronymo Thomé da Silva; o bispo de Alagôas, D. Antonio Brandão; o bispo da Parahyba, D. Adauto Aurelio de Miranda Henriques e o ultimo bispo do Pará, hoje arcebispo honorario, Dr. D. Francisco do Rego Maia.

Na egreja de N. S. da Graça foi sepultada D. Brittes de Albuquerque, mulher do 1º donatorio Duarte Coelho.

Igreja de N. S. do Monte — Foi fundada logo á chegada do 1º donatario Duarte Coelho, pois o foral dado á Olinda pelo mesmo faz referencia áquella igreja. Como já se disse atraz, quando os fundadores da Ordem Be-

nedictina chegaram em 1595, convidados por Jeronymo d'Albuquerque, depois de terem estado hospedados na igreja de S. João, passaram-se para a igreja do Monte em 1597, doada pelo Bispo do Brazil D. Frei Antonio Barreiros, que então se achava de visita pastoral em Olinda, e havia assumido o governo da capitania, na ausencia do loco-tenente Manoel Mascarenhas Homem, que partira para a conquista do Rio Grande do Norte. Não tendo a igreja do Monte, collocada longe da cidade, abundancia d'agua, nem accommodações necessarias, compraram os monges, em 27 de outubro daquelle anno, a Gaspar Filgueira e sua mulher Maria Pinto o sitio Olaria, onde ainda existiam as ruinas da ermida de S. Roque, construida pelo primeiro religioso que viera a Pernambuco.

Igreja matriz do Salvador do Mundo, ou Sé — E' a cathedral da diocese olindense. Vasco Fernandes de Lucena em 1535, no mesmo local em que havia uma fortaleza fez erigir a igreja do Senhor Salvador. Pela Bulla de 15 de julho de 1614 esse templo tornou-se a séde de uma prelazia creada pelo Papa Paulo V, a instancias de Filippe III de Hespanha e Portugal. Em 1 de junho de 1656 D. João IV dirigiu á Camara de Olinda uma carta exigindo informações acerca do estado da matriz do Senhor Salvador, em vista da representação do respectivo vigario pedindo-lhe o concerto, por se achar muito arruinada. Em 1669 o Senado da Camara, para reedificação da igreja fez pagar ao mestre pedreiro Thomaz Fernandes 750$, e ao mestre carpinteiro, José de Castro 540$. Em 1670 os juizes ordinarios João Ribeiro Pessôa, senhor do engenho Monteiro, capitão Christovão Beranger d'Andrade, e os vereadores João Velho Barretto, Antonio Duarte de Carvalho, Luiz Marreiro, e o procurador, Capitão Nuno Camello mandaram dar ao referido mestre pedreiro 40,00 cruzados, e 1:600$ para a continuação da obra. Em 17 de fevereiro de 1674 a Camara de Olinda deu mais 1:600$ para a mesma obra. — Nesta cathedral acham-se sepultados os seguintes bispos: D. Mathias de Figueiredo e Mello, fallecido em 17 de julho de 1694; D. Francisco Xavier Aranha, fallecido em 5 de outubro de 1771; Dom Thomaz da Encarnação da Costa Lima, fallecido em 14 de janeiro de 1784; Dom Frei José Maria d'Araujo, fallecido em 21 de setembro de 1808; D. João da Purificação Marques Perdigão, fallecido em 30 de abril de 1864; e D. Francisco Cardoso Ayres, fallecido em Roma em 14 de maio de 1870, cujos restos, trasladados pelo actual prelado diocesano D. Luiz Raymundo da Silva Britto, foram ahi collocados em 13 de abril de 1904.

S. Pedro Martyr — antiga matriz da extincta freguezia da mesma invocação, edificada em época anterior a 1645. Ahi foi sepultada D. Maria Cezar, viuva de João Fernandes Vieira, fallecida em 4 de agosto de 1689.

Guadalupe — Foi fundada, em 1627, por Manuel de Carvalho, e na igreja encontra-se a seguinte inscripção:

AQUI JAZ
MANOEL DE CARVALHO
FUNDADOR DESTA EGREJA E IRMANDADE
DA QUAL FOI JUIZ OS TREZ PRIMEIROS ANNOS
E NO ULTIMO
FALLECEU A 30 DE ABRIL DE 1629

Amparo — Foi reedificada em 1644, ignorando-se, porém, o tempo de sua construcção primitiva e quem seus fundadores.

Bom Fim — Foi benta pelo conego da Sé Dr. Manuel Garcia Velho do Amaral, quando governador do bispado, na ausencia de D. Thomaz da Encarnação, que tinha ido á Lisbôa. Foi reedificada em 1701, segundo se vê de uma inscripção, sobre uma lapide, collocada no frontespicio. Aos 22 de maio de 1758, pelo capitão Manoel Pinheiro de Fontoura, e sua mulher

D. Florencia Feliciana de Andrade Bezerra, foi feita a doação de um sitio de coqueiros, mangueiras, e outras arvores de fructas, com duas casas terreas de pedra e cal, á rua outr'ora Alvaro Lima ou Guennes, e hoje rua do Bom Fim, por titulo de compra, que delles fez a D. Francisca Xavier de Santa Rosa, Terceira do habito descoberto de S. Francisco, como consta de uma escriptura passada pelo tabellião Antonio Rodrigues da Costa, substituido por Antonio de Barros Branco, aos 19 de janeiro de 1757, e mais 80 palmos de terra, sitas no caminho das Bertiogas, ao noroeste e ao oeste, e a leste limitando com os quintaes da ladeira da Sé. Os doadores houveram estas terras por morte do padre Antonio Correia de Moraes Navarro, « para servirem de patrimonio á erecção de uma capella sob a invocação do Bom Jesus do Bom Fim, morando numa casinha de taipa pegada ás duas casas ditas D. Antonia Luiza de Andrade, irmã. »

Rosario —Foi fundada em 1715 pelo mestre-escola João Marques d'Oliveira, fallecido a 4 de dezembro de 1715, e tendo sido seu cadaver alli sepultado ao lado direito da porta principal da entrada do templo, onde se lê este epitaphio:

S^a^ DO R^do^ M. ES
COLA JOAO MAX
IMO D OLIVEIRA FA
LESCEU EM 4 DE D
EZEMBRO DE 1715
BEMFEITOR E ADMI
NISTRADOR DESTA
IGREJA

Mizericordia — Este templo foi erecto em 1599. Tem em seu frontespicio as armas de D. Sebastião, rei de Portugal.

Bôa Hora — Foi edificada em 1807, tendo depois d'isso passado por diversos reparos.

Bom Successo — Foi reconstruida em 1874.

Conceição dos Milagres—Em 1772 erigiu-a o monsenhor Antonio José Coelho.

S. Sebastião — Foi erecta em 1773, sendo reedificada em 1822.

S. João — Já existia em 1595 e pertencia á irmandade dos militares. Em 1614 ahi foi sepultado Felippe Cavalcante, capitão governador loco-tenente do donatario Jorge de Albuquerque Coelho.

S. Pedro Apostolo Sua fundação é posterior ao seculo XVII.

S. José dos Pescadores (á rua do Sol) — Capella fundada por uma devota desse patriarcha, foi primitivamente erecta no seculo 18°, sendo reconstruida em 1901.

Capellinha de N. S. em frente ao antigo Aljube. Foi construida em 1760.

N. S. das Necessidades — Em Duarte Coelho ou Arrombados foi reconstruida em 1842.

Na ponte do Varadouro encontra-se a seguinte inscripção:

ESTA OBRA SE FES P DIREÇÃO DO D^or^ IVIS
D FORA JOAO D SOUZA D MENEZES LOBO N^al^
DU a DUIANAE ÃO PREZ OUVIDOR GLDS
MINAS DO SABARA PRINCIPIOV ESTA O
BRA EM 7 D JANR D 1745 SENDO GLHEN
RIQ LVIS P^ra^ FREIRE VEREADORES M^el^ AL
VARES D MORAES CAETANO CAMELO PES
SOA PEDRO D BARROS REGO PROC^or^ MEL
MOREIRA E A FINDOU SENDO GL D MAR
COS D NORONHA VEREADORAN^to^ BZRA BEN
TO BARBOZA AN^to^ DALME^d^ MEL BEZRA 20 D FEV^r^ 1749.

E terminamos a enumeração das antiguidades olindenses com o antigo palacio dos bispos, servindo-nos do artigo que a este respeito publicou o Dr. Pereira da Costa, nas suas *Reminiscencias pernambucanas*.

Palacio Episcopal de Olinda — «Chegando a Pernambuco o seu primeiro bispo diocesano, D. Estevão Brioso de Figueredo e não havendo casa propria para hospedal-o, a Camara do Senado de Olinda, que funccionava em um edificio situado nas proximidades da igreja matriz de S. Salvador, então elevada á categoria de cathedral, apressou-se em offerecer ao novo prelado aquelle edificio, que construira para séde de suas funcções, occupando assim D. Estevão

os Paços do Concelho durante os cinco annos de sua residencia em Pernambuco, de 1678 a 1683. Retirando-se esse bispo para Portugal, passou a Camara a occupar outra vez sua casa, até que, com a vinda do novo bispo D. Mathias de Figuerêdo Mello, e após accordo, foi-lhe entregue o mesmo edificio. Desta maneira ficaram tendo os bispos casa propria para sua residencia, incorporada ao patrimonio da mitra, deixando as de aluguel em que residiam, *muito mal accommodados e indecentes*, como diz a camara na alludida carta. Para a conveniente decoração e arranjos da casa, já havia o governo providenciado a respeito, ordenando que as congruas dos bispos, em séde vacante, se dividissem em tres partes, applicando-se a primeira — ás bullas de confirmação e ajuda de custo dos bispos, a segunda — ás obras da igreja cathedral, e a terceira — reservada ao futuro bispo *para comprar a sua casa*. Em 1725 mandou o governo fazer por conta da real fazenda os reparos que o palacio necessitava; mas, pelo tempo adiante foi o edificio se arruinando de tal maneira que foi ordenada a sua reconstrucção, pelo que se viram os bispos forçados a abandonar aquella residencia. Por muitos annos se conservou o edificio em estado de não poder prestar-se á habitação, pelo que teve o bispo D. Francisco Xavier Aranha, logo que chegou em 1754, de acceitar o offerecimento da casa que, para a sua residencia, construira o Dr. Provisor do bispado Fr. Francisco de S. João Marcos, nas immediações do mesmo palacio. Concluida por esse tempo a residencia episcopal da Soledade, no Recife, e occupada pelos prelados, ficou em completo abandono o velho paço de Olinda; mas, ao que parece, já devia estar reparado no tempo da vinda do bispo D. Fr. Diogo de Jesus Jardim (1785–1794) que o habitou, como se vê das suas armas pintadas no forro de uma das salas do palacio. Em 1821 construiu-se a parte do edificio que comprehende o terraço, em cujas extremidades se erguiam dous torreões, que hoje já não existem, tendo de permeio um arco romano, — no andar superior, com varanda, o que consta da inscripção daquella data aberta sobre o mesmo arco. O terraço, segundo o uso portuguez da época, é revestido de uma barra de soberbo azulejo, talvez de fabricação veneziana, ou, mais acertadamente, hollandeza, donde tambem nos vinham, além dos mais vulgares fabricados em Portugal, cuja distincção facilmente se conhece pelo estylo, genero dos paineis, ornamentação e cor azul carregada dos azulejos portuguezes, o que é de facil confronto pelos que existem em todos os templos antigos, e até mesmo em algumas casas particulares. Dissemos que nos parecia antes serem esses azulejos de industria flamenga, com algum fundamento; porque, examinando-os o Dr. Elias von Rickevorsel, engenheiro hollandez que veiu commissionado pelo seu governo em 1881 para estudar as correntes magneticas do Brasil, empenhadamente procurou fazer acquisição dos mesmos azulejos, propondo vantajosa substituição, ou mesmo indemnização pecuniaria, o que, aliás, não conseguiu, apezar de recorrer a intermediarios de elevada importancia social. Fixando o bispo D. Thomaz de Noronha a sua residencia em Olinda, reconstruiu completamente o paço episcopal, no periodo de seu governo, que se estende de 1825 a 1829, dando-lhe mais elegante perspectiva, e augmentando as suas dimensões. Substituiu por sacadas com varandas de ferro as antigas janellas da fachada principal; collocou na mesma o escudo de suas armas esculpido em pedra, que ainda se conserva, e pela perspectiva que apresenta o edificio no estado em que ficou, é de presumir que seria augmentado com mais uma ala, de fórma a constar de tres corpos distinctos, um central e dous lateraes, ficando como se acha, sem harmonia e symetria alguma. De-

pois daquella época, cahiu de novo em abandono o antigo paço de Olinda, e chegou mesmo a adiantado estado de ruina, pela preferencia que deram os bispos diocesanos á residencia do Recife, sem ao menos cuidarem da conservação daquelle palacio, apezar das prescripções canonicas que ordenam a residencia na cidade em que estiver situada a igreja cathedral. Occupando uma situação magnifica, sobre a chapada da mais elevada collina da cidade, e contiguo á igreja cathedral, o velho paço episcopal é ainda hoje um edificio regular, espaçoso, de solida construcção e se acha em bom estado de conservação, graças aos reparos que se fizeram em 1896, com os quaes, aliás, desappareceram os dous torreões, que existiam e davam uma feição particular á fachada do edificio, afim de se economizar a obra de reposição das respectivas cupolas, uma que desabou, e outra que foi demolida, pelo seu estado de ruina, e tambem para prevenir-se igual desabamento. Em 1860 foi o palacio occupado pelo astronomo francez Emmanuel Liais, que estabeleceu o seu observatorio no terraço, sob a arcada ladeada pelos dous torreões, em cujo local se vê escripto, em tinta preta, o seguinte lettreiro, sobre a verga da porta que deita para a varanda: — *O cometa Liais foi descob. daqui... em fevereiro 1860*. Esteve tambem, por vezes, o palacio occupado por particulares, e até mesmo, por algum tempo, serviu de casa de educação, por concessão que obteve o Dr. José Lourenço Meira de Vasconcellos, para o estabelecimento de um internato de instrucção secundaria. O palacio, com a extensão que apresenta a sua fachada principal, com as ruinas de varias dependencias ao fundo, e o grande terreno que constitue o seu quintal, cuja frente é muito superior á do edificio, não póde ser de fórma alguma, — levando-se mesmo em conta as transformações por que tem passado, — unicamente originario de velha casa da camara de Olinda; porquanto esse edificio, como o que depois se construiu na mesma cidade, bem como o do Recife e outros logares, harmonicos nas suas dimensões e typo architectonico, não podia ter as que se notam no paço episcopal. Fez-se, portanto, acquisição de alguma propriedade contigua á velha casa da camara para darse mais vastas dimensões ao palacio episcopal e obter-se o terreno necessario para o seu quintal; e dahi o alargamento do edificio, as construcções das suas dependencias, e o bem soffrivel sitio que possue, do que aliás não tinha necessidade alguma o antigo paço municipal. Actualmente o nosso Bispo D. Luiz cedeu o Palacio Episcopal de Olinda ao Collegio de Meninas, dirigidas pelas Irmãs Vicentinas, como anteriormente já o tinha feito com as Damas de Instrucção christã.»

Povoados — *Beberibe*, a 6 kiloms. ao oeste, á margem do rio Beberibe, tem uma cap. de N. S. da Conceição e está ligado ao Recife e Olinda por estrada de ferro, sendo um logar muito pittoresco. — *Porto da Madeira*, perto daquelle povoado está dividido em duas partes — do Alto, á marg. da via-ferrea, e de Baixo, á margem do rio Beberibe — possue uma cap. de S. Benedicto. — *Pau Amarello*, á borda do mar e ao norte, tem uma igreja de N. S. do O'. — *Maranguape*, no littoral, a 12 kiloms. ao norte. — *N. S. do O*, tambem na costa e ao norte. — *Paratibe, Janga*, e outros menos importantes.

Orographia — Em Olinda não ha serras propriamente ditas, sim collinas e montes de pequena elevação. E com excepção do terreno em que está situada a cidade, raras ondulações se notam em seu solo.

Hydrographia — E' banhado o mun. á leste pelo oceano. Diversos rios, de pequeno curso regam-lhe o territorio entre os quaes figuram: O *Beberibe*, que vem do mun. de S. Lourenço da Matta, corta o mun. do Recife

e Olinda e vae, em confluencia com o Capibaribe, derramar no oceano. O *Paratibe*, que tem as vertentes nos montes denominados Cabeça de Cavallo (donde tambem procede o Beberibe), passa no eng. Jardim, na povoação do seu nome, na Usina Paulista e em Maranguape, e lança-se no mar depois de receber o rio *Doce*, o *Timbó*, que toma a direcção norte, indo derramar no oceano depois de receber o *Zumby*. E outros de menor curso e volume d'agua.

PHAROL — Está situado onde foi o antigo forte Montenegro na lat. 8° 1' 20" S. e long. or. de 8° 19' 30" do Rio de Janeiro. O apparelho de luz é dioptrico de 4ª ordem; exhibe luz fixa e alternada por lampejos brancos, de 2 em 2 minutos. O plano focal eleva-se acima do prêamar 19 metros em uma torre octogonal de ferro forçado. Sua luz é visivel na distancia de 10 a 12 milhas em tempo claro.

ESTRADA DE FERRO E OUTRAS VIAS DE COMMUNICAÇÃO — Está ligada ao Recife pela E. F. denominada *Trilhos Urbanos*, que tambem possue um ramal para o povoado de Beberibe, aberta ao serviço em 1870. Existe uma boa estrada de rodagem entre o Recife e Olinda e desta até a cidade de Goyanna, passando por Paulista e Iguarassú.

COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA — O mun. de Olinda é de pouca importancia por seu commercio e industria. A agricultura, além da plantação de cereaes, taes como mandioca, milho, feijão, etc., comprehende o plantio da canna, havendo alguns engs. e a Usina Paulista, e ainda o cultivo abundante do coqueiro. No littoral ha algum serviço de pesca e quasi nada mais que mereça menção.

INSTRUCÇÃO PUBLICA — Na cidade de Olinda encontra-se um excellente collegio particular, com internato e externato, onde se ensina o curso primario das escolas, e o curso secundario preparatorio, de admissão á matricula nas escolas superiores do Paiz. O Estado possue escolas primarias e a Municipalidade, a quem sobretudo incumbe a diffusão da instrucção, a distribue insufficientemente.

A IMPRENSA EM OLINDA—Não obstante ser Olinda a mais antiga cidade pernambucana, e de ter sido longos annos a capital da capitania e tambem a da provincia, a imprensa tardou muito em assentar arraiaes, e ainda assim provisorios, nos seus dominios. O Recife viu-a pela primeira vez, como diabolico e condemnavel artificio, apezar de só imprimir devotas orações, no mesquinho prélo mandado sequestar pela Ordem Regia de 8 de julho de 1706.

Em 1817, ao influxo das idéas liberrimas dos patriotas republicanos, conheceu-a como prodigioso instrumento de propaganda democratica, na *Officina Typographica da Republica de Pernambuco 2ª vez restaurada*, de que sahiram o famoso *Preciso* de José Luiz de Mendonça e numerosas proclamações e manifestos. E, em 1821, rejubilou-se com possuil-a, emfim, definitivamente como arma efficacissima na luta pela liberdade.

Sómente em meados de 1831, mais de um triennio após a installação do Curso Juridico, estabeleceu a firma *Pinheiro Faria & Comp.*, á rua do Amparo n. 22, uma officina typographica que trabalhou por espaço de dous annos, dando á luz varios livros, folhetos e periodicos, todos notaveis pelo seu aspecto artistico, belleza de composição, esméro de revisão e cuidadosa impressão, e todos hoje de extrema raridade. O primeiro daquelles, já em 1831, foi a obra de Ramon Sales, o famoso doutor Salamanca, intitulado — *Liçoens de Direito Publico Constitucional*, traduzida por D. G. L D'Andrade (8°, XXIV + 152 pp., 2 fls.).

O anno de 1832 foi muito mais fertil, sahindo durante elle da typographia de Olinda as seguintes obras; —*Elementos de Economia Politica*, de Stuart Mill, traducção do francez confontada com o original inglez, pelo

Dr. Pedro Autran da Matta e Albuquerque e os então academicos Alvaro Teixeira de Macedo e seu irmão Sergio Teixeira de Macedo;— o *Elogio da Loucura* por Erasmo, traducção do mesmo Dr. Pedro Autran ; — as *Cartas de Echo a Narciso*, por Antonio Feliciano de Castilho, em nova edição, offerecida á mocidade academica de Olinda e seguida de diffierentes peças relativas ao mesmo objecto (in-12°, 168 pp.); — a *Tactica das Assembéas Legislativas*, obra extrahida dos manuscriptos de Jeremias Bentham por Mr. Et. Doumont, de Genebra, traduzida do francez por *** e revista e depúrada por *** (in-8°, 247 pp.); — uma traducção do *Micromegas* de Voltaire ; a traducção do inglez da novella de Anna Ratcliffe intitulada a *A Caverna da Morte* ; — um compendio de *Grammatica Portugueza*, e um folheto contendo a *Defeza* de Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, accusado do crime de abuso da liberdade de imprensa. Emfim, em 1833, antes de se transferir para o Recife, a imprensa olindense ainda deu á luz um *Codigo do Processo Criminal*, derradeiro livro que alli foi então impresso.

Em 6 de agosto de 1731 começou a publicar-se o *Eco de Olinda*, jornal politico e litterario, sob a redacção de José Thomaz Nabuco d'Araujo, João Vieira Cansanção de Sinimbú, Angelo Muniz da Silva Ferraz e outros academicos, perdurando a publicação até meiados do seguinte anno.

Sahio a 12 de novembro do mesmo anno, e a publicação proseguiu até fins do anno seguínte. *O Mercurio*, jornal do commercio, industria e agricultura, sendo o formato *in folium*. Não indicava quem eram seus redactores e era impresso na Typ. de Pinheiro Faria & Comp. rua do Amparo n. 22. Delle damos em seguida o *fac-simile*, que encontrámos na (*) Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano.

(*) Vide citada *Revista* n. 58; o *Annaes da Imprensa Periodica Pernambucana* do Dr. A. Carvalho, donde foram extrahidas as informações.

O MERCURIO.

JORNAL DO COMMERCIO, INDUSTRIA E AGRICULTURA.

INTERIOR.

RIO DE JANEIRO.

Ao tempo do apparecimento do *Mercurio* tambem foi publicado em 2 de novembro de 1831 *A Voz do Povo*, pe-

ANNO 1831. NUMERO 4.

VOZ DO POVO.

PERIODICO POLITICO, E MORAL.

riodico redigido pelo estudante pernambucano Henrique Felix de Dacia

tendo o formato de 4° e havendo sahido sómente 24 numeros até 12 de outubro de 1832.

Em 2 de maio de 1831 começou a publicar-se — *O Olindense* — outro jornal politico e litterario, redigido pelos

N. 98.

ANNO XI DA INDEPENDENCIA ... DE ABRIL 1832

OLINDENSE.

JORNAL POLITICO E LITERARIO.

INTERIOR

PERNAMBUCO.

estudantes Alvaro Teixeira de Macedo, Sergio Teixeira de Macedo e Bernardo de Souza Franco.

Com a mesma natureza surgiu a 26 de novembro de 1831 *O Conciliador Pernambucano,* redigido pelo academico parahybano Nicolau Rodrigues dos Santos França Leite, durando até o meio do seguinte anno.

Em 4 de janeiro de 1832 iniciou sua publicação *O Caheté*, jornal redigido pelo estudante de preparatorios Joaquim Baptista de Mello, suspendendo a publicação logo no segundo numero.

O

Conciliador Pernambucano.

SEGUNDA FEIRA 2 DE ABRIL DE 1832.

INTERIOR.

QUARTA CARTA.

Depois dos jornaes que ficam mencionados, apenas consta a existencia dos que seguem:

O CAHETÉ.

A Vida, cujo 1° numero publicou-se em 25 de dezembro de 1890, tendo como

redactores os academicos Britto Inglez, Mello Rezende e Picanço Diniz. Tambem na mesma época se publicou o *Sino da Sé*, jornalzinho pilherico e satyrico que deu seu 1º numero em 28 de dezembro de 1890 e que era redigido por um grupo de rapazes espirituosos e satyricos.

Em 4 de janeiro de 1891 appareceu *O Correio de Olinda*, que foi de vida ephemera.

Havendo, de 1888 a 1889, o Monsenhor Marcolino Pacheco do Amaral comprado uma typographia, para o fim de imprimir seu *Compendio de Theologia Moral*, obra em 3 vols. e contendo 1.832 pags., estabeleceu a mesma em Olinda, denominando-a *Imprensa Economica*. Alli em 18 de janeiro de 1891 tambem publicou-se *O Artista Brasileiro*, que viveu até maio de 1892, tendo sido os redactores Evaristo Wanderley e Antonio Correia d'Oliveira.

Segue-se á aquelle jornal *O Municipio*, semanario qu appareceu em 12 de maio de 1892 e viveu sómente até 1893, tendo como gerente Evaristo Wanderley.

Em outubro do mesmo anno é publicado o *Dom Quixote*, jornalzinho critico e noticioso, redigido por João C. Montarroyos e Antonio S. de Santa Clara.

Posteriormente os monges benedictinos adquiriram e mantiveram, em seu mosteiro de Olinda, a typographia d'*O Municipio*; entretanto, *O Estandarte Catholico*, publicação de propaganda religiosa por elles promovida e dirigida, devido á iniciativa do Rvm. Abbade Dom Geraldo van Colen, desde o seu apparecimento, em 4 de novembro de 1899, até passar a surgir na capital da Bahia, foi sempre impresso no Recife, na typographia d'*A Provincia*. O mesmo succedeu com o excellente hebdomadario politico e noticioso *Gazeta Olindense*, redigido pelos estudantes academicos de direito Nilo Dornellas Camara, Olivio Dornellas Camara, e Luiz Candido Pontual de Oliveira, e os Srs. Antonio Luiz de Drummond Miranda e Maturino Monclar Cavalcanti de Albuquerque. Foi impresso na Typographia Boulitreau, de Lins Vieira & Comp., á rua 15 de Novembro, n. 46, Recife, no periodo de 20 de junho a 24 de outubro de 1903, tempo de sua existencia, publicando 19 numeros, e fazendo uma tiragem média de 1.000 exemplares (*A. C. Rev. Inst. Arch.*).

ENGENHOS — São os seguintes os engs. do mun. de Olinda: — *Fragoso*, cap. de S. Amaro, *Sapucaia*, *Genipapo Jardim*, *Paulista*, hoje convertido em Usina, tem cap. de N. S. da Conceição, e *Timbó* com uma cap. da inv. de S. Gonçalo.

DISTANCIAS — A cidade de Olinda dista 6 kilom. do Recife, 6 do pov. Beberibe, 50 de Pau d'Alho 23 de Iguarassú, 25 de S. Lourenço da Matta, 60 de Goyanna e 88 de Itambé.

Olinda — *Eng.* no municipio do Cabo a 42 kiloms. e ao S. da séde do municipio.

Olinda — *Estação* da E. F. do Recife a Palmares no kilom. 45,035, e entre as de Timboassú e Ipojuca, aberto ao serviço publico em 3 de dezembro de 1860. Está a 95,50 de altitude. Deve o nome ao engenho, de que demora uns 2 kiloms.

Olinda — *Pequena povoação* — A' margem da via-ferrea do Recife a São Francisco, e proximo á estação do mesmo nome. Pertence ao municipio do Cabo.

Onça — *Engenho* — Situado na freguezia de Una, mun. do Rio Formoso.

Onça — *Serra* — Collocada a 15 kilms. ao SE. da cidade de Taquaretinga, tem elevação de uns 400 metros sobre o nivel do sólo.

Onça — *Serra* — Está situada no municipio de Caruarù, freguezia de São Caetano da Raposa.

Onça — *Serra* — Situada no municipio de Salgueiro, ao oeste e a 3 kilms. da cidade extende-se n'um cordão, ligando-se ás do *Olho de Agua*, *Oiticica* e *Salgueiro*.

Onça — *Serra* — Ao sul do municipio de Timbauba e nas confinações deste com o de Nazareth.

Onça — *Lagôa* — Existe uma com esse nome no mun. de Bom Jardim.

Onça — *Riacho* — Nasce em terras do engenho *Varzea Alegre*, e corre no municipio de Bonito, indo desaguar no *Serinhãem* pela margem direita. Tem uns 12 kilms. de curso.

Onça — *Riacho* — Nasce no municipio de S. Bento e despeja na margem direita do rio Ipojuca, na freguezia de S. Caetano da Raposa.

Onça — *Riacho* — Nasce na serra de Jacararà e derrama no rio Capibaribe, no mun. do Brejo.

Onça Branca — *Engenho* — Pertence á freg. de Una, mun. do Rio Formoso.

Oncinha — *Engenho* — Situado na freg. e mun. do Rio Formoso.

Ondeval — *Engenho* — Pertence ao municipio de Serinhãem.

Opinioso — Eng. situado no municipio de Amaragy.

Orá — *Engenho* — Está em territorio do mun. de Pau d'Alho.

Oratorio — *Povoação* — Ao norte da cidade de Itambé, della distante tres kilms. atravessada pela estrada que divide Pernambuco da Parahyba, contém 27 casas e uma capella dedicada a Santa Anna. Pertence á freguezia de Itambé.

Oratorio — *Povoação* — E' pequena e fica situada em terreno plano ao norte da cidade de Bom Jardim, nos limites desse municipio com o Estado da Parahyba, pertencendo ao mesmo municipio parte, e outra áquelle Estado; fica 30 kilms. ao NO. e a 13 kilms. ao norte da freguezia. Existe uma capellinha sob a invocação de N. S. da Conceição erigida em 1820 por Valentim de Souza Barboza.

Orgão — *Serra* — No municipio de Buique, tem a apparencia, de longe, do instrumento musical daquella denominação. Ahi é curioso, na pedra chamada da Pingadeira a agua finissima, de gosto agradavel e filtrada, que cahe em gottas ou pingos, e successivamente durante o inverno e verão sahindo da mesma pedra sem orificio, e passando unicamente atravez da porosidade de semelhante pedra.

Oriental — Engenho encravado no territorio do municipio de Gamelleira.

Orobó — *Riacho* — Nasce no logar denominado Fortaleza do municipio de Bom Jardim, e depois de uns 36 kiloms. de curso despeja no Tracunhãem entre o engenho Guabiraba e o povoado Cedro do municipio de Limoeiro.

Orobó — *Logarejo* — Situado no municipio de Bom Jardim.

Orobó — *Logarejo* — Está collocado no municipio de Cabrobó.

Orondongos (segundo outros *Dorondongos*) — *Serra* — Situada ao N. da cidade de Bom Jardim, na linha divisoria deste Estado com o da Parahyba, sobre seu cimo está o povoado de Imbuseiro, commum aos dous Estados, conforme a separação das aguas. Na aba meridional desta serra nasce o rio Tracunhãem.

Ororobá — *Serra* — No municipio de Cimbres, com 1020 metros de altitude no ponto mais culminante. Daquella serra descem os riachos *Mandioca*, o *Cachoeira*, e mais outro que, correndo pelo sopé da mesma serra recebe o *Mandioca* cujas aguas despejam no Cachoeira, formando a reunião dos tres, o riacho Genipapinho, e este com mais outros produzem, no logar Cruz, o rio Ypanema, affl. do S. Francisco. Dessa serra tambem dimana o riacho Isabel Dias, do sitio Santa Catharina. Na aba meridional da serra de Ororobá fica sentada a cidade de Pesqueira; e numa explanada da mesma na altitude 940 m., e um pouco para o lado occidental, vê-se tambem situada a povoação de Cimbres, antiga séde do municipio a que deu o nome.

Ortiga — *Riacho* — Banha o municipio de Bom Conselho e se reunindo

com o *Perypery* e *Secco* fórma o *Papacacinha*.

Ortigas — Povoação. — No municipio de Ouricory, ao N. da séde.

Ory — *Serra* — Fica situada no municipio de *Exú*, não sendo mais que um ramo da do Araripe, que toma essa denominação.

Ouco Grande — *Engenho* — Situado no municipio de Agua Preta.

Ouricory — *Cidade* — Séde do municipio do mesmo nome e tambem da freg. de S. Sebastião do Ouricory.

Historia — Foi primitivamente o nome da povoação — *Aricory*, o qual tambem era o da *taba* ou aldeia de indios, que ahi existiu. *Aricoy* é vocabulo indigena e os indios catechisados que ainda alli ha, traduzem-no por *duas serras proximas* ou *juntas*, isto é, era a aldeia das duas serras juntas. De facto o sitio em que se acha o povoado que constitue hoje a cidade de Ouricory possue duas serras juntas. Mas a Assembléa provincial assim não entendeu quando creou a freg., e corrigiu para Ouricory, interpretando que a denominação proviesse da palmeira Ouricory, aliás abundante naquella região e sobretudo na parte occidental das fronteiras pernambucanas com o Estado do Piauhy. Eis o que diz a traidição local acerca da fundação e povoamento de Ouricory:—Em 1839, pertencendo o actual territorio do Municipio, que fazia parte da freg. de Exú, á comarca da Boa Vista, cuja séde era na villa do ultimo nome, situada á marg. do rio S. Francisco, o respectivo juiz de Direito Dr. Alexandre Bernardino dos Reis e Silva, devido á epidemia de febres perniciosas, pelo povo chamada *carneirada*, que então grassava com intensidade nas localidades da margem do rio, impetrou do governo imperial licença temporaria para residir em qualquer parte da comarca em que não reinassem as mesmas febres, e o governo concedeu. Mas elle seguindo para a fazenda Boa Vista, propriedade do padre Francisco Antonio da Cunha Pereira, a uns 5 kilometros do local da cidade actual, lá esteve, dando-se muito bem. Convencido da amenidade do clima, resolveu comprar um sitio proximo ao local da actual cidade, onde todos os annos passava na época em que se manifestavam as terriveis febres Em 1841, já havendo no local, edificada por aquelle padre, uma capella da invoc. de S. Sebastião, tambem nas immediações da mesma se via uma crescida povoação, pelo que o Dr. Reis e Silva conseguindo, por intermedio do referido padre Cunha Pereira, que o diocesano se deliberasse, que Ouricory fosse desmembrado do territorio do Exú. E a lei provincial n. 125 de 30 de abril de 1844 creou a freg. de Ouricory, sob a invoc. de S. Sebastião, e, canonicamente provida, teve como 1° vigario collado o padre Francisco Pedro da Silva que, octogenario, falleceu em 1904 ainda vigario. A lei n. 249 de 18 de junho de 1849 transferiu para esta povoação a séde do termo do Exú. A de n. 200 de 10 de junho de 1850 tambem transferiu para ahi a séde da Comarca da Boa Vista, que passou de novo a gozar das prerogativas de séde pela Lei n. 611 de 13 de maio de 1864. Pela Lei provincial n. 1.057 de 7 de junho de 1872 foi então creada a comarca de Ouricory, que foi installada em 1873 pelo Dr. Manoel Caldas Barreto De accordo com a lei organica dos municipios, n. 52, de 3 de agosto de 1892, constituiu-se municipio autonomo, em 1 de julho de 1893, sendo sua primeira administração communal dirigida pelos seguintes cidadãos: Prefeito Tenente-coronel Elias Gomes de Souza, Sub-Prefeito Antonio Marinho Falcão, e Conselho Municipal—os cidadãos Tenente-coronel Thomaz Pedro de Aquino, Antonio José Modesto, Antonio Miguel Feitosa, Theotonio José de Souza e Joaquim Gonçalves Torres de Azevedo. Pela Lei Estadoal n. 606 de 14 de maio de 1903 foi elevada á categoria de cidade. Durante a guerra que o Brazil sustentou com a republica do Paraguay mais de trezentos de seus

filhos para alli seguiram em defesa da patria

Posição astronomica. Está situada a 7° 45' 29" de lat. S. e a 2° 43' de long. occ. do Rio de Janeiro.

Extensão. Tem o mun. de Ouricory 150 kiloms. de N. a S. e 80 de L. a O.

Divisão — Contém seis districtos municipaes e sómente, no ecclesiastico, comprehende uma freguezia.

Aspecto e natureza do sólo — O sólo é em alguns logares arenôso, principalmente nas immediações da cordilheira que separa o Piauhy de Pernambuco, bem como nas proximidades da serra do Araripe; e em outros pontos é de massapé, de calcareo, e de granitos, contendo ainda differentes especies de rochas. Na parte oriental e meridional o terreno é geralmente plano tendo apenas ligeiras ondulações sem importancia; de N. a O. é montanhoso, elevado e possue varias serras. Na parte plana o sólo é bastante secco, e parece mais proprio para a criação do gado; e na zona montanhosa, especialmente na fralda da serra do Araripe e terrenos de brejos, é muito fertil e aproveitado nas lavouras. Dos brejos os mais importantes são: a *serra Branca* e a de *Santo Antonio,* onde se colhe abundantemente os cereaes.

Clima e salubridade — O clima é muito secco, nenhuma humidade ha no ar. Dorme-se á noite ao sereno, e aquella atmosphera tão fria, não tem quantidade alguma d'agua, nem uma gotta de orvalho, pois o que dorme ao relento nem siquer resfria. E' de admiravel valôr para os que soffrem de molestias das vias respiratorias. Assim favorecida por tão delicioso clima a salubridade de todo o municipio de Ouricory é magnifica.

Limites — Confina ao N. com o Estado do Ceará pela serra do Araripe; a L. com o mun. de Granito e Exú, por uma ramificação da serra do Araripe, e com o de Leopoldina pelo riacho Gravatá; ao S. com o mun. da Boa Vista e Petrolina, dos quaes está separado pelo riacho do Jacaré; e ao S. pelas serras do Ignacio e Dous Irmãos.

População — A população do mun. de Ouricory póde ser calculada em 15.000 habitantes.

Topographia — A cidade de Ouricory está sentada sobre uma pittoresca planicie; possue cerca de 200 casas e uma população de 1.500 habitantes; tem uma feira semanalmente, que se reune no largo denominado *Praça do Commercio;* ha uma egreja matriz com duas torres, de bello aspecto, construida em 1865 pelo vigario Francisco Pedro da Silva, tendo a extensão de 30 m. de comp. e 16 m. de larg., com um vistoso cruzeiro; o paço do Conselho Municipal e Prefeitura, edificio de dous pavimentos, funccionando no terreo a cadeia; escolas, agencia do correio, cemiterio, com uma capella, etc.

Povoações—*Serra Branca*— Possue umas 50 casas, está a 50 kiloms. ao norte da séde, capella com patrimonio, dedicada a S. Francisco das Chagas; tem feira. — *S. Gonçalo,* capella da mesma invocação, 40 casas, tem uma a 85 kiloms. a noroeste da séde, tem feira aos domingos.—*S. Pedro*, situada ao sul, á marg. direita do riacho de seu nome a 35 kiloms. da séde, feira aos domingos, com uma capella, cemiterio e possue umas 30 casas.—*Queimadas,* situada a 120 kilms. ao SO. da séde, com uma capella de N. S. da Conceição, e nos limites com o Piauhy, possue feira, cemiterio, etc.—*Campinas,* a O. na fronteira com o Piauhy. E—*Ortigas*, ao norte e pequena.

Orographia — A serra principal do mun. é a serra do Araripe, cujas ramificações formam os pontos mais culminantes do municipio, e ella separa este Estado do do Ceará. As ramificações são: as serras de *S. Gonçalo,* que divide este Estado do do Piauhy; do *Moraes*, e do *Ignacio*; a do *Cabôclo* e a da *Ipueira,* que ficam para o lado do mun. de Boa Vista; a *Branca* e a de *Santo*

Antonio para o lado do N. Em frente do povoado *Serra Branca* vê-se ainda o monte denominado *Torre* curioso por sua forma de que toma o nome.

Hydrographia — O mun. é cortado por peqnenos cursos d'agua dos quaes os principaes são: — o riacho *Jacaré* que nasce nas fronteiras do Piauhy, perto de Queimadas, e recebendo o *S. Pedro* conflue no da *Brigida*, em territorio de Leopoldina; o *S. Pedro* que nasce na serra de S. Gonçalo; o riacho da *Garça* que nasce das cabeceiras de *Sitios Novos* e vae despejar no São Francisco no logar Carahybas, depois de um curso de 150 kiloms. recebendo os affluentes *Agua Preta* que vem das fronteiras do Piauhy, o de *Queimadas* que vem da mesma procedencia, o *Piranhas* que nasce perto das Queimadas, o de *Caipora* que tem identicas vertentes, e todos um curso de 50 a 80 leguas de extensão; e finalmente o riacho *Gravatá* que nasce do Brejo de Santo Antonio e desagua no da *Brigida* depois de uns 150 kiloms.

Curiosidades naturaes — No mun. encontra-se grandes lages abertas que formam excellente abrigo; na cordilheira, limitrophe do Piauhy com Pernambuco, serra dos *Dous Irmãos*, ha uma gruta immensa onde se veem ossadas humanas e armas de guerreiros indigenas (Vide Dous Irmãos) E em frentre ao povoado *Serra Branca* existe o monte conhecido pelo nome da *Torre* cujo aspecto lembra o Pão de Assucar da bahia do Rio de Janeiro.

Reinos da natureza — No reino animal pode-se notar sobretudo — as onças pintadas, tigres e sussuaranas, veados, caitetús, raposas, tatús. maritacacas, tamanduás, papagaios, jandaias, tetéos, periquitos, garças, emas e siriemas, e outros communs aos diversos municipios sertanejos. No reino vegetal pode-se entre outros enumerar principalmente: baraunas, aroeira, oiticica, emburana, embuzeiro, catingueira de porco, jurema, carahybeira, ouricory, catolé, carnahyba, marmeleiro, pau-ferro, joazeiro, favella, mancambira, cardeiro, corôa de frade e outros mais. No reino mineral, ao que se conhece, sómente pode-se mencionar a pedra calcarea, o granito e o crystal de rocha.

Industria, commercio e agricultura — A industria é qusi nulla e consiste no fabrico de rapaduras, queijos, objectos de palha e na creação de gado vaccum, cavallar e cabrum; o commercio é insignificante, e a agricultura consiste no plantio do algodão e de cereaes para o consumo local.

Instrucção e adiantamento moral — A população é, no geral, analphabeta e de costumes rudes.

Vias de communicação — E' caminho para a Capital, a estrada que se dirige á Leopoldina e desta segue para Villa Bella, até a estação da cidade de Pesqueira onde se toma o caminho de ferro, podendo-se tambem ir tomar a estrada de ferro na cidade de Garanhuns, sendo proferivel aquella outra estação que é mais perto. Communica-se com a estrada de ferro de Paulo Affonso, indo á Cabrobó, d'ahi a Jatobá, caminhando-se 308 kiloms. á cavallo. Ainda é caminho para o Recife, e mais preferido, —o de Petrolina a 250 kiloms. tomando-se a Estrada de ferro de Joazeiro á Bahia, e nessa capital seguindo-se em paquetes á vapor até á cidade do Recife. Além dessas estradas, existe a que passa por Ouricory, vai ao Cariry, Estado do Ceará, a qual tem até ás nossas fronteiras 100 kiloms. Essa estrada ramifica-se passando por Granito, seguindo a ladeira da S. Antonio até á Barbalha e Crato, (Ceará), etc. e a outra encaminha-se pela ladeira do Carirysinho até a cidade do Jardim. Possue tambem a estrada que passa pelos povoados Campinas e S. Gonçalo, em direção á Jaicós, Estado do Piauhy, a 200 kilometros distante.

Distancias — A cidade de Ouricory fica a 845 kiloms. da cidade do Recife; a

250 de Petrolina; a 170 da Bôa Vista; a 70 de Leopoldina; a 545 de Pesqueíra.

Ouro — *Riacho* — Deita no rio Pirangy no municipio de Quipapá, onde tambem tem suas cabeceiras.

Ousadia —*Engenho* — Situado no mun. de Palmares.

Outeiro — *Engenho* — Situado no mun. da Victoria.

Outeiro — *Engenho* — No mun. de Bom Jardim fica a 16 kilms. a sudoeste.

Outeiro Alto — *Engenho* — No mun. de Barreiros.

Outeiro de Pedra—*Engenho*— Situado na freguezia da Luz, mun. de S. Lourenço.

Outeiro do Monteiro. — Logarejo da freguezia do Poço da Panella proximo á povoação do Monteiro, municipio do Recife.

Outeiro Redondo — *Monte* — Situado no municipio da Victoria.

Outeiros — Logarejo no municipio Ipojuca a 8 kilms. ao sul da séde (Villa de N. S. do O')

Ouvidor—*Serra*—Situada na freguezia de Bello Jardim, municipio do Brejo da Madre de Deus ao sul e nos limites com o municipio de S. Bento.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

ERRATA

Entre os muitos erros que se deram no correr da impressão d'este volume, corrijam-se os seguintes:

ERROS	EMENDAS	PAGINA	COLUMNA	LINHA
que tem como affluentes:	tendo o Moxotó como affluentes:	16	2ª	7
do Barrigudo	da Barriguda	16	2ª	40
do norite	da noite	20	1ª	45
povoação	villa	35	1ª	6
Ariquında	Ariquindá	36	1ª	16
Alagoa de Gatos	Lagôa de Gatos	45	2ª	17
gratos habitantes	gratos os habitantes	63	2ª	8
Tiguara	Taquara	116	2ª	4
Garansinho	Garanhunsinho	123	2ª	14
Garanhus	Garanhuns	129	1ª	49
Soape	Suape	145	1ª	35
Apuiá	Apuá	155	2ª	22
Maxignez	Mavignier	174	1ª	23
Lei	Carta regia	184	1ª	33
do Ministro Marquez de Pombal	e seu ministro o Marquez de Pombal	184	1ª	35
villa	cidade	201	2ª	45
Croopotos	Coropótós	203	2ª	18
30,000	20,000	204	2ª	28
Tabujares	Tabayarés	220	2ª	50
noverão	no verão	221	2ª	15
Araquará	Araquara	267	2ª	25
primeiro collado	1° vigario collado	279	2ª	17
ameno	agradavel	279	2ª	23
rio Formoso	Rio Formoso	281	1ª	12
Malinha	Mattinha	290	2ª	22
Madeira	Maduro	290	1ª	4
do Luizinho	da Luizinha	294	2ª	25
Badabuana	Badabuam	294	2ª	25
bremillas	bromelias	295	2ª	39
ip-agua	Y-agua	305	1ª	22
Potigoarás	Potyguaras	305	1ª	14
Camello	Camella	315	1ª	20
Tiogo	Tiogó	317	1ª	20
Vergueiro	Visgueiro	317	2ª	28

ERROS	EMENDAS	PAGINA	COLUMNA	LINHA
Dona Samha, dona Sancha	Dona Sancha, Dona Sancha	330	1ª	infine
O que vês além no mar, etc.	O que vês além no mar ? Dez galés de cintas brancas La se vão a pelejar !...			
Mucamba	Mucambo	337	1ª	17
da desgraça de difficuldades	de desgraça ou difficuldades	340	2ª	14
e hypothes, pois	e hypotheses; pois elle	340	2ª	50
Xixáo	Pixáo	341	2ª	8
Xixaim	Pixaim	344	1ª	25
Carnijo	Carnijó	344	1ª	5
Jaricota	Jeritacó ou Geritacó	349	1ª	42
Tojos	Fojos	353	2ª	16
plano agreste	pleno agreste	354	2ª	10
Lagôa do Domingo	Lagôa da Domingas	357	1ª	32
Pendereca	Penderaca	358	1ª	34
claro effeito	e claro effeito	361	2ª	39
deste anno	1899	366	1ª	31
d	de	366	2ª	3
Capiberibe	Capibaribe	366	2ª	4
Paccas	Pacas	367	1ª	29
Construida em 1870	Construida em 1840	367	2ª	17
do coco	do Cocó	368	1ª	40
Bizara	Bizarra	368		25
Imbú	Imbé	375	1ª	45
1º de Novembro	10 de Novembro	378	1ª	50
Hermillo P. David Moreira etc. — elimine-se da 1ª a 5ª linha e veja-se pag. 9 linha 31				
Parte de Massiape.	Accrescente :— em 15 de Junho de 1645 etc.			
Nobiliarchia.	*Nobiliarch Pernamb*	385	1ª	6
Modixote	Molinote	368	1ª	36
existem	existiram	391	2º	6
riacho	logar	391	2ª	16
do Custodio	da Custodia	392	1ª	38

N. B. A poesia que se encontra á pag. 453, artigo *Olinda*, é do Dr. Marciano Gonçalves da Rocha e se acha bastante alterada, em alguns versos, da que se vê em seu volume de versos *Cantos d'Alvorada*, publicado em 1865.

5575 — Rio de Janeiro — Imprensa Nacional — 1907-8